R.N. Champlin, Ph.D.

ENCICLOPÉDIA *de* BÍBLIA, TEOLOGIA & FILOSOFIA

VOLUME 1 | A/C

hagnos

R.N. Champlin, Ph.D.

ENCICLOPÉDIA *de* BÍBLIA, TEOLOGIA & FILOSOFIA

VOLUME 1 | A/C

1ª Edição, 1991 • 2000 exemplares
2ª Edição, 1993 • 2000 exemplares
3ª Edição, 1995 • 4500 exemplares
4ª Edição, 1997 • 5000 exemplares
5ª Edição, 2001 • 3000 exemplares
6ª Edição, 2002 • 3000 exemplares
7ª Edição, 2004 • 3000 exemplares
8ª Edição, 2006 • 2000 exemplares
9ª Edição, 2008 • 3000 exemplares
10ª Edição, 2011 • 3000 exemplares
11ª Edição, 2013 • 3000 exemplares

Direitos Reservados

hagnos

Av. Jacinto Júlio, 27 • São Paulo, SP
Cep 04815-160 • Tel: (11) 5668-5668
www.hagnos.com.br | editorial@hagnos.com.br

DEDICAÇÃO

Dedico esta *Enciclopédia* às quatro pessoas que mais me ajudaram na minha carreira de escritor:

••• •••

Vera Lúcia de Oliveira
Que persistia no trabalho de tal maneira que se tornou o próprio modelo de dedicação.

Irene Champlin
Que desde a produção das minhas teses de pós-graduação esteve sempre pronta e entusiasmada para começar – mais um projeto.

João Marques Bentes
O maior tradutor de literatura bíblica portuguesa de todos os tempos.

In Memoriam
Mrs. Margaret Hutzel
Que contribuiu com grandes somas de dinheiro para a publicação dos meus projetos – e sempre me encorajou a continuar lutando.
"...as suas obras a sigam". (Apo. 14:13)

HOMENAGENS

••• •••

ao *Professor Leonidas Hegenberg*, o maior filósofo brasileiro de todos os tempos.

ao *missionário Bill Barkley*, um homem de dedicação e convicção que ele combina com tolerância e generosidade.

(Ver as homenagens mais completas: ao Prof. Leonidas, ao fim do artigo sobre *Filosofia*; ao Rev. Barkley, ao fim do artigo sobre *Comentários sobre a Bíblia*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à

Zondervan Publishing House cuja obra, The *Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, muito nos ajudou em compilar os artigos bíblicos da presente Enciclopédia. Talvez 5 % da presente obra tenha sido emprestada diretamente daquela enciclopédia, com pouca modificação.

Marlene Gomes de Oliveira que dedicou diligentemente muitas horas tediosas na correção gráfica do texto.

Maria de Jesus Ferreira Aires, perita em língua portuguesa, que zelosamente revisou esta Enciclopédia, de capa a capa, garantindo uma expressão decente.

Darrell Steven Champlin, meu filho, pela compilação do *Índice* desta Enciclopédia, e pela contribuição de um número considerável de trabalhos artísticos que embelezam a obra.

Autor da Enciclopédia



Russell Norman Champlin

Russell Norman Champlin nasceu no dia 22 de Dezembro de 1933 em Salt Lake City, Utah, EUA. Fez o grau B.A. em Literatura Bíblica no Immanuel College; os graus M.A. e Ph.D. em Línguas Clássicas na University of Utah; escreveu suas teses na área dos manuscritos gregos antigos do Novo Testamento; fez estudos de especialização (no nível de pós-graduação) no Novo Testamento na University of Chicago. Na sua carreira como professor universitário e escritor, publicou mais de 45.000 páginas de literatura. Sua *magnum opus* foi *O Novo Testamento Interpretado*. Publicou mais sete livros e colaborou na publicação de diversos outros; escreveu um número significante de artigos sobre a filosofia que foram publicados em revistas especializadas no Brasil. A estas realizações, acrescenta, agora, a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia* e Filosofia que contém 13.000 artigos.

••• •••

AOS LEITORES

Ler para considerar não para condenar.

•••

É útil lembrar que a busca da verdade continua e que a verdade não morre com a morte de alguém. Também, é impossível estagná-la dentro de um sistema qualquer que tolamente acha ter toda a verdade e ter resolvido todos os problemas. *Erasmo* certamente tinha razão quando insistia em que a linguagem humana não pode aprisionar o *infinito*. Ele certamente tinha razão quando defendeu, com vigor, a *liberdade da investigação.*

Da covardia que teme novas verdades,
Da preguiça que aceita meias-verdades,
Da arrogância que pensa saber toda a verdade,
Ó Senhor, livra-nos. (Arthur Ford)

A grande maioria dos artigos desta *Enciclopédia* são simplesmente informativos e serão proveitosos para pessoas de todos os credos e denominações. *Alguns* dos artigos incluídos são *controvertidos* e criarão discussões animadas. Debates não devem ser conduzidos no *Ódio Teológico.* (Ver o artigo sob esse título). O debate expande o escopo do nosso conhecimento e aprimora a investigação, portanto, não deve ser receado nem evitado. Mas o amor é a própria essência e a *prova* da espiritualidade (I João 4:7,8,12,16) e deve governar todas as nossas atividades . O conhecimento e o amor são as duas grandes colunas da espiritualidade, mas «se eu conhecesse todos os mistérios e toda a ciência... e não tivesse amor, nada seria». (I Cor 13:2)

Combinamos nesta *Enciclopédia* as três áreas, Bíblia, Teologia e Filosofia, as três sendo intrinsecamente inter-relacionadas. A Teologia é a irmã da Bíblia e a Filosofia nos ajuda tanto a entender como a expressar nossa teologia.

••• •••

É nossa esperança que esta *Enciclopédia* seja útil para aumentar os conhecimentos dos leitores sobre os três campos tratados. Emprestamos liberalmente dos trabalhos dos outros (como a *Bibliografia* mostra) porque ninguém escreve uma enciclopédia deste volume só de conta própria. Informações estão sendo acumuladas ao longo dos séculos, e nós transmitimos estes dados aos leitores, essencialmente, através de compilação. Esperamos, todavia, ter acrescentado algumas coisas novas — a nossa pequena contribuição pessoal.

••• •••

A Editora Hagnos publicou a *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* por ela ser um grande tesouro de informações sobre as três áreas tratadas. Porém, não concordamos com a inclusão de alguns artigos nem com todas as crenças do autor. Russel Normal Champlin, e não nos responsabilizamos pelas mesmas.

••• ••• •••

VITÓRIA ESPIRITUAL

Conquista de Terreno Espiritual

Estágios da Inquirição

1. *Materialismo*
   A alma é imersa no bem-estar físico; dominada pelo egoísmo; afligida pelo agnosticismo e ateísmo.
2. *Superstição*
   As evidências de poderes super-humanos são suficientes para convencer a alguns de que a abordagem materialista não pode explicar todos os fenômenos. Mas bem pouco é reconhecido acerca de tais forças.
3. *Fundamentalismo Rígido, Farisaico*
   Livros Sagrados tornam-se objetos de adoração. Credos rígidos dominam o pensamento. Porções dos Livros Sagrados são distorcidas ou omitidas na tentativa de criar um credo sem conflitos ou problemas.
4. *A Mente Inquiridora, Iluminada*
   Os homens começam a pensar; as convicções espirituais são mantidas, mas há menos dependência ao mero dogma. O intelecto é posto por detrás da inquirição espiritual.
5. *Perseguição e Perseverança*
   A alma do indivíduo é afligida por profundos anelos espirituais. Há tensão interior, ou mesmo angústia espiritual. O amor de Deus passa a ser enfatizado acima de tudo.
6. *A Vereda Mística*
   A alma esforça-se por desvencilhar-se dos muitos dogmas e sistemas parciais. A alma procura a Presença de Deus. A iluminação é procurada com todo o coração.
7. *Estágio Final*
   Transformação à imagem do *Logos* na Visão Beatífica.

Artigos para Consultar

Vitória Espiritual
Transformação Segundo a Imagem de Cristo
Desenvolvimento Espiritual, Meios de
Visão Beatífica

•••

O oposto de injustiça não é justiça — é *amor.*

BIBLIOGRAFIA

••• ••• •••

Ver uma lista alfabética completa dos autores e editores incorporados nesta lista de abreviações, ao fim da mesma.

A

A *Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, Arndt, William F. e Gingrich, F.Wilbur, 1963.

AAA *Annals of Archaeology and Anthropology.*

AASOR *Annual of the American School of Anthropology.*

AB Abetti, Giorgio, *The History of Astronomy*, 1952.

ABB *A Bibliography of Bible Study*, Princeton, 1960.

ABE Abernathy, George L. e Thomas, A. Langford, *Philosophy of Religions*, 1962.

ABR Abrahamson, I., *Studies in Pharisaism and the Gospels*, 1917.

ACM McGiffert, A.C., *Protestant Thought Before Kant*, 1911.

AD Adolph, R, *Missions Health Manual*, 1964.

ADA Adams, A.M.C., *The Evolution of Urban Society*, 1966.

ADM Adams, J.M., *Biblical Backgrounds*, 1965.

AG *A Guide to Christian Reading.*

AH Aharoni, Y., *The Land and The Bible*, 1967; «The Problem of Canaanite Arad», in *Israel Exploration Journal*, 1964; *The Land of the Bible, a Historical Geography*, 1967; *The Archaeological Survey of Massada*, (1956); *The Stratification of Israelite Megiddo* (1982).

AJ Nichols, James, *The Works of Jacobus Arminius*, 1875.

AJA *American Journal of Archaeology.*

AJP *American Journal of Philology.*

AJSL *American Journal of Semitic Languages and Literature.*

AJT *American Journal of Theology.*

AL Alford, Henry, *The Greek Testament*, 1871.

ALA Aland, K. *The Problem of the New Testament Canon*, 1962.

ALB Albright, W.F., *Archaeology and the Religion of Israel*, 1956.
(1935) «Egypt and the Early History of the Negeb», JPOS, XV, 1935.
(1936) «The Song of Deborah in the Light of Archaeology», BASOR, 62, 1936.
(1957) «The High Place in Ancient Palestine», 1957.
The Bible and the Ancient Near East, «The Roll of the Canaanites in the History of Civilization», 1961.

ALL Allen, A.B., *The Romance of the Alphabet*, 1937.

ALLE Allegro, John M., *The Dead Sea Scrolls*, 1964.

ALS Alston, William, *Religious Belief and Philosophical Thought*, 1963.

ALT Altizer, T.J.J., *The Gospel and Christian Atheism*, 1967.

AM *Encyclopedia Americana*, 1970.

AMI Amiran, R., *Ancient Pottery of the Holy Land*, 1970.

AN Anderson, Alan R., *Minds and Machines*, 1964.

AND Anderson, B.W., *The Old Testament and Christian Faith*, 1964.

AND(2) Anderson, G.H., *The Theology of the Christian Mission*, 1961.

ANEA *Ancient Near Eastern Archaeology.*

ANEP Pritchard: *Ancient Near East in Pictures*, 1954.

ANET Pritchard: *Ancient Near Eastern Texts*, 1956.

ANF Roberts and Donalson: *The Ante-Nicene Fathers.*

ANS Anson, P.F., *The Call of the Cloister*, 1964.

ANT James, M.R., *The Apocryphal New Testament*, 1924.

AO Allis, O.T., *God Spoke by Moses*, 1951.

AOTS Thomas, D.R., *Archaeology and Old Testament Study*, 1982.

AP Thomas, D.R., *A Primer of Old Testament Textual Criticism*, 1965.

APEF *Annual of the Palestine Exploration Fund.*

APOT Charles, R.H., *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, 1914.

AR Richardson, Alan, *Religion in Contemporary Debate*, 1966.

ARAB Luckenbill: *Ancient Records of Assyria and Babylonia.*

ARB Arbesmann, Rudolph, *Fasting and Prophecy in Pagan and Christian Antiquity*, 1949.

ARC Archer, G., *A Survey of Old Testament Introduction*, 1964.

ARE Breasted, J.H., *Ancient Records of Egypt*, 1975.

ARN Arnason, H.H., *The History of the Chalice of Antioch*, 1941.

ARNO Arnold, P., *Birds of the Bible*, 1962.

AS Abbott-Smith, *Manual Greek Lexicon of the Testament*, 1978.

ASH Ashby, Robert H., *The Guidebook for the Study of Psychical Research*, 1972.

AT Altizer, Thomas, e Hamilton, Wm., *Radical Theology and the Death of God*, 1966.

ATHR *Anglican Theological Review.*

ATT Attwater, D., *A Dictionary of Mary*, 1956.

AU *Novo Dicionário Aurélio*, 1980.

AUG Augustine, *Confessions of St. Augustine*, Warner, Rex (ed.), 1963.

AUL Aulon, G., *The Faith of the Christian Church*, 1961.

AV Ave Jonah, Michael, *Jerusalem*, 1962.

AY Ayer, A.J., *Language, Truth and Logic*, 1936

B

B *Baker's Dictionary of Christian Theology*, Harrison, E.F. (ed.), 1960.

BA Altaner, B., *Patrology*, 1960.

BA (revista) *Biblical Archaeology.*

BAD Badawy, A., *Architecture in Ancient Egypt and the Near East*, 1966.

BAG Baggot, J., *A New Approach to Colossians*, 1961.

BAI Bailey, A., *Daily Life in Bible Times*, 1943.

BAIL Bailey, D.D., *The Mystery of Love and Marriage*, 1955.

BIBLIOGRAFIA

BAL Baly, D., *The Geography of the Bible*, 1967.
BALL Ballow, R.O., *The Bible of the World*, 1939.
BAR Barton, G.A., *Archaeology and the Bible*, 1937.
BARC Barclay, W., *The Mind of Jesus*, 1960.
BARK Barkley, W.P., *Twelve Who Were Chosen*, 1959.
BART Barth, Karl, *Church Dogmatics*, 1936-1962; *The Epistle to the Romans*, 1933; *The Knowledge of God and the Service of God*, 1938.
BARTS Bartsch, W., *Jesus Christ and Mythology*, 1960.
BASOR *Bulletin of the Evangelical Theological Society*.
BAU Baur, Ferdinand Christian, *The Christ Party in the Christian Church*, 1831; *Paul, the Apostle of Jesus Christ*, 1845; *Compendium of Christian Doctrine*, 1847; *Christianity and the Christian Church of the First Three Centuries*, 1853; *History of the Christian Church*, 1863.
BAY Bayless, Raymond, *Apparitions and Survival of Death*, 1973.
BDB Brown, Driver e Beges, *Hebrew-English Lexicon of the Old Testament*, 1980.
BE Bentley, John C., *Philosophy, An Outline History*, 1962.
BEA Bea, Augustine, *The Unity of Christians*, 1963.
BEC Beccaria, G., *Crime and Punishment*, 1964.
BEL Bell, Sir Charles Alfred, *The Religions of Tibet*, 1931.
BEN Bentzen, A., *An Introduction to the Old Testament*, 1952.
BENS Benson, Clarence H., *A Popular History of Christian Education*, 1946.
BES Besnier, M., *Les Catacombes de Rome*, 1900.
BEV Bevan, E.R., *The House of Seleucus*, 1902; (1927), *A History of Egypt Under the Ptolemaic Dynasty*.
BI Bickerman, E., *Chronology of the Ancient World*, 1968.
BIR Birley, E., *Roman Britain and the Roman Army*, 1953.
BJ Burnet, J., *Early Greek Philosophy*, 1930.
BJR Roberts, B.J., *The Old Testament Manuscripts, Text and Versions*, 1969.
BK Blackman, E., *The Epistle of James*, 1957.
BL Blair, E.P., «Soundings of Anata», *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, 62, 1936.
BLA Blackwood, A.W., *Leading in Public Prayer*, 1958.
BLAC Black, Matthew, *An Aramaic Approach to the Four Gospels and Acts*, 1953.
BLAS *A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 1961. Blass, F. e Debrunner, A., 1961.
BLAU Blau, C., Bath Kol, *JE*, II, 1909.
BLM Blackman, G.E., *The New Testament in the Apostolic Fathers*, 1905.
BLR Blackmore, Susan J., *Experiências Fora do Corpo*, 1990.
BM Beasley, Murray, R., *Baptism Today and Tomorrow*, 1966.
BMU Burn-Murdoch, *The Development of the Papacy*, 1954.
BN Bowman, R.A., «Arameans, Aramaic and the Bible», *Journal of Near Eastern Studies*, 1948.
BO Box, H.S., *The Assumption of the Blessed Virgin Mary*, 1963.
BOD Bodheimer, F.S., *Animals and Man in Bible Lands*, 1960.
BOE Boettner, E., *Immortality*, 1956.
BOH Bohl, F.M., *King Hammurabi of Babylon in the Setting of his Time*, 1946.
BOK Bert, J. e Priscilla, F., *The Milky Way*, 1957.
BON Bonhoeffer, Dietrich, *Ethics*, 1955.
BOR Borger, R., *Die Inscripten Asarhaddons Konigs von Assyrian*, 1956.
BOT Botsford, G.W..e Robinson, C.A., *Hellenic History*, 1956.
BOU Bouyer, K.E., *The Meaning of the Monastic Life*, 1955.
BOW Bowman, G.W., *The Dynamics of Confession*, 1969.
BOX Box, C.H., *The Ascension of Isaiah*, 1919.
BOY Boyle, Isaac, *Ecclesiastical History*, 1966.
BR *Encyclopedia Britannica*, 1982.
BRA Brav, S.R., *Marriage and the Jewish Tradition*, 1951.
BRE Breasted, J.H., *The History of Egypt*, sem data.
BRI Bright, J., *A History of Israel*, 1959.
BRIG Bright, J., *The Kingdom of God in Bible and Church*, 1955; *Jeremiah*, 1966.
BRIG(2) Brightman, E.S., *A Philosophy of Religion*, 1942.
BRIN Brinker, R., *The Influence of Sanctuaries in Early Israel*, 1946.
BRO Bromiley, G.W., *The Baptism of Infants*, 1955.
BROA Broad, C.D., *The Mind and Its Place in Nature*, 1925.
BROC Brockington, L.H., *A Critical Introduction to the Apocrypha*, 1961.
BRON Bronstein, Daniel J., e Schulweis, Harold M., *Approaches to the Philosophy of Religion*, 1954.
BRU Bruce, F.F., *The Book of Acts;* 1954; «Israel and the Nations», ANET, 176-281.
BRUN Brunner, E., *The Christian Doctrine of God*, 1949; *Eternal Hope*, 1954.
BS Biblioteca Sacra.
BU Burr, Harold S., *Blueprint for Immortality; The Electrical Patterns of Life*, 1972.
BUB Buber, Martin, *I and Thou*, 1958.
BUC Buchan, J., «Augustus Caesar», *Cambridge Ancient History*, X, 1930.
BUD Budge, A.W., *A History of Ethiopia, Nubia and Abyssinea*, 1928.
BUH Buhl, F., «Muhammed», *Encyclopedia of Islam*, 1892-95.
BULL *Bulletin of the Theological Students' Fellowship*, 1970.
BULT Bultman, R., *Die Geschichte der Synoptischen Tradition*, 1931; *Form Criticism*, 1932; *Theology of the New Testament*, 1955; *Jesus Christ and Mythology*, 1960.
BUR Burkitt, F.C., *Jewish and Christian Apocalypses*, 1914.
BUS Bush, F.O., *The Five Herods*, 1958.
BW Brownlee, William H., *The Meaning of the Qumran Scrolls for the Bible*, 1964.

C

C *A Dictionary of Christian Theology*, Richardson, Alan (ed.), 1969.

CA De Camp, L.S., *The Ancient Engineers*, 1963.

CAD Cadbury, Henry J., *The Making of Luke-Acts*, 1927; *The Book of Acts in History*, 1955.

CAL Callaway, J.E., *Burials in Ancient Palestine*, BA, XXVI, 1963.

CALM *Calmet's Dictionary*, 1732.

CALV Calvin, John, *Calvin's Commentaries*, 1949.

CAM Cook, A.S., *Cambridge History of English Literature*, 1909-1961.

CAR Carey, K.M. (ed.), *The Historic Episcopate*, 1954.

CARN Carnell, John E., *The Philosophy of the Christian Religion*, 1952.

CARR Carrington, P., *The Primitive Christian Catechism*, 1946.

CAS Cassell's, *Latin-English, English-Latin Dictionary*, 1957.

CB Enslin, Morton Scott, *Christian Beginnings*, 1956.

CBQ *Catholic Biblical Quarterly*.

CC Curran, Charles (ed.), «Absolute Norms in Moral Theology», *Norm and Concept in Christian Ethics*, 1968.

CD *Catholic Dictionary of Theology*, Davis, Mon. H. (ed.), 1962.

CDC *Cairo Genezan Document of the Damascus Covenanters*.

CE *Catholic Encyclopedia*, Hebermann, Charles G. (ed.), 1954.

CEM Montefiore, C.G., *Lectures on the Origin and Growth of Religion*, 1892.

CEN *Collier's Encyclopedia*, 1964.

CER Cerny, B.J., *Ancient Egyptian Religion*, 1952

CG Gordon, C., *Recent Discoveries and the Patriarchal Age*, 1940.

CGG Cameron, George Glen, *History of Early Iran*, 1936.

CGT *Cambridge Greek Testament*.

CH Charles, R.H., *Apocrypha and Pseudepigrapha of the Old Testament*, 1913, *The Ascension of Isaiah*, 1900.

CHA Chafer, Lewis S., *Systematic Theology*, 1947.

CHAV Chavasse, C., *The Bride of Christ*, 1939.

CHE Chetwynd, Tom, *How to Interpret Your Own Dreams*, 1980.

CHI Chainey, George, *Jerusalem, The Holy City*, 1933.

CHI(2) Chisholm, Roderick, M., *Theory of Knowledge*, 1966.

CIL *Corpus Inscriptionum Lationorum*.

CKB Barrett, C.K., *The Fourth Gospel in Recent Criticism and Interpretation*, 1955.

CL Clay, A., *The Empire of the Amorites*, 1919.

CLA Clark, Gordon H., *Hellenistic Philosophy*, 1940; *A Christian Vision of Man and Things*, 1952.

CLAP Clapp, F.G., «The Site of Sodom and Gomorrah», AJA, 1936.

CLAR Clarke, Adam, *Clarke's Commentary*, sd.

CM Cary, Max, *A History of the Greek World, 1963.*

CN Cameron, G.C., *History of Early Iran*, 1936; *Persepolis Treasury Tablets*, 1948.

CO Copleston, Frederick, *A History of Philosophy*, 1962.

COB Cobb, J.B., *A Christian Natural Theology*, 1968.

COB(2) Cobern, C., *The New Archaeological Discoveries*, 1917.

COH Cohen, H., «Day of Atonement», I, *Judaism*, 1968 (summer); e II, III, *Judaism*, 1969 (winter, spring).

COH(2) Cohen, S.S., *What We Jews Believe*, 1931.

COM *Comprehensive Commentary on the Holy Bible*, 1887.

COP Cope, G., *Ecclesiology Then and Now*, 1964.

COPL Ver CO.

COR Corbishley, Thomas, *Roman Catholicism*, 1950.

COT Cottrell, L., *The Last Pharoahs*, 1950; *Life Under the Pharoahs*, 1960.

COW Cowley, A., *Aramaic Papyri of the 5th Century*, 1923.

CR Carr, Harvey, *The Interpretation of Animal Mind in Psychological Research*, 1917.

CRI Cripps, R.S., *Critical and Exegetical Commentary on Prophecy in Amos*, 1958.

CRIP Crippa, Adolpho, (ed.), *As Idéias Filosóficas no Brasil*, 1978.

CS Chiera, E.; Speiser, E.A., «A New Factor in the History of the Ancient Near East», AASOR, VI, 1926.

CSEG *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Graecorum*.

CSEL *Corpus Scriptorum Ecclesiasticorum Latinorum*.

CUM Cumont, F., *Oriental Religions in Roman Paganism*, 1911.

CW Williams, Colin, *John Wesley's Theology Today*, 1960.

CY Richardson, Cyril Charles, *Library of Christian Classics*, «Early Church Fathers», 1933.

D

D Denzinger, H., *Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, 1957.

DA Connolly, R.H., *Didascalia Apostolorum*, 1929.

DAL Dalman, G., *Sacred Sites and Ways*, 1935.

DALB Dalby, J., *Christian Mysticism and the Natural World*, 1950.

DAN Dancy, J.C., *A Commentary on I Maccabees*, 1954.

DANA Dana, E.S., *A Textbook on Minerology*, 1954.

DANR Daniel-Ropes, H., *Daily Life in Palestine at the Time of Christ*, 1962.

DAR Darling, James, *Encyclopedia Bibliographica* 1854-1859.

DAV Davies, J.G., *Introduction to Pharisaism*, 1954; *Members One of Another; Aspects of Koinonia*, 1958.

DAVI Davidson, A.B., *The Theology of the New Testament*, 1925.

DB Baille, D.M., *God was in Christ*, 1948.

DBF Japiassu, Hilton, e Marcondes, Danilo, *Dicionário Básico de Filosofia*, 1990.

DCJ Ducasse, C.J., *Belief in Life After Death*, 1948.

DD Davbe, D., *Studies in Biblical Law*, 1947.

DE *Dicionário-Enciclopédia*, Den Born (ed.), 1969.

DEIS Deismann, A., *Light From the Ancient East*, 1927; Paul, *A Study in Social and Religious History*, 1926.

DEL Delitzsch, F., *Biblical Commentary on the Prophecies of Isaiah*, 1866.

DEN Dennis, James Shepherd, *Christian Missions and Social Progress*, 1906.

DF *Dicionário de Filosofia*, Brugger, Walter, 1962.

DH Dhorme, M., *A Commentary on the Book of Job*, 1926.

DI Dixon, Jeane, *My Life and Prophecies*, 1969.

DIR Diringer, David, *The Alphabet a Key to the History of Mankind*, 1948; *The Story of the Alpha-Beth*, 1960; *Writing*, 1962.

DK Diels, H., Franz, W., *Die Fragments der Vorsokratiker*, 1951.

DL *Enciclopédia Delta Larouse*, 1980.

DLI *Diretório Litúrgico da Igreja no Brasil*, 1986.

DM Driver, G.R., e Miles, J., *The Babylonian Laws*, 1952.

DO Doresse, J., *The Secret Book of the Egyptian Gnostics*, 1960.

DOD Dodd, C.H., *The Parables of the Kingdom*, 1935; *The Bible and the Greeks*, 1960.

DOL Dolan, John P., *History of the Reformation*, 1965.

DOT Dothan, T., *The Philistines and Their Natural Culture*, 1967.

DOTT Drumm: *Documents from Old Testament Times*.

DOU Dougherty, R.P., *Nabonidus and Belshazzar*, 1929.

DOW Downey, E., *A History of Antioch in Syria from Seleucus to the Arab Conquest*, 1961.

DP Rouse, W.H.D. (tradutor), *Great Dialogues of Plato*, 1956.

DR(1) Daniel-Ropes, H., *Daily Life in Palestine at the Time of Christ*, 1962

DR(2) Ross, Sir David e Smith, J.A., *The Basic Works of Aristotle*, 1956.

DRE Champlin, Russell N., *Como Descobrir o Significado de seus Sonhos*, 1983.

DRI(1) Driver, G.R., *Birds in the Old Testament*, 1955.

DRI(2) Driver, S.R., *Notes on the Hebrew Texts of the Book of Samuel*, 1913.

DRIV Driver, G.R., *Aramaic Documents of the 5th Century*, 1954.

DRO Drower, M.S., *Water Supply, Irrigation and Agriculture; A History of Technology*, 1954.

DS Denzinger, H., e Schonmetzer, A., *Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*, 1965.

DT Doughty, C.M., *Travels in Arabia Deserta*, 1953.

DU Ducasse, C.W. (ed.), *The Interpretation of the Bible*, 1964.

DUB Dubberstein, W.H., «The Chronology of Cyrus and Cambyses», em AJSL, 416-419, 1938.

DUC Duchesne, L., *Christian Worship, Its Origin and Evolution*, 1923.

DUN Dunlap, Jane, *Explosive Inner Space*, 1961.

DV(1) Davidson, A.B., *An Introductory Hebrew Grammar*, 1962.

DV(2) Dvornik, Francis, *The Ecumenical Councils*, 1961.

E

E *Encyclopedia of Religion*, Ferm, Vergilius (ed.), 1964.

EA Eaton, J.H., *Obadiah, Nahum, Habbukkuk and Zephaniah*, 1961.

EAU Bourke, Vernon, *The Essential Augustine*, 1964.

EB Brunner, E., *Revelation and Reason*, 1947.

EBI *Encyclopedia Biblica*.

EC Champlin, Russell N., *Evidências Científicas Demonstram que Você Vive Depois da Morte* 1981.

ED Edersheim, Alfred, The Temple, Its Ministry and Services, 1874; *Life and Times of Jesus the Messiah*, 1883; *Sketches of Jewish Social Life*, 1927; *Bible History*, 1956.

EDD Eddy, R., *History of Universalism*, 1955.

EDE Ver ED.

EDER Ver ED.

EDI Edidin, B.M., *Jewish Holidays and Festivals*, 1940, in K.

EDM Edmunds, C. Gordon, *Medical Ethics*, 1966.

EF *Enciclopedia Filosófica*, Firenze: G.C. Sansoni, 1967.

EGT *Expositor's Greek Testament*, Nicoll, W. Robertson (ed.), 1956.

EI Eisen, G.A., *The Great Chalice of Antioch*, 1953.

EIS Eissfeldt, *The Old Testament, An Introduction*, 1965.

EL Eliot, H.W., *Excavations in Mesopotamia and Western Iran*, 1950.

ELE Elert, W., *The Structure of Lutheranism*, 1962.

ELL Ellison, H.L., Ezekiel, *The Man and His Message*, 1951.

ELLI Ellicott, Charles John, *Ellicott's Commentary on the Whole Bible*, 1954.

EN Enslin, Morton Scott, *Literature of the Christian Movement*, 1956.

ENI *Encyclopedia of Islam*, 1965.

EP *Encyclopedia of Philosophy*, Edwards, Paul (ed.), 1967.

ERR *Encyclopedia of Religion and Religions*, Pike, Royston E. (ed.), 1959.

ES Rader, Melvin (ed.), *A Modern Book of Esthetics*, 1967.

ET Melden, A., I. (ed.), *Ethical Theories*, 1955.

EU Eusebius, *Historia Ecceles*.

EUG Eugene, Maly, *The World of David and Solomon*, 1961.

EW *The Concise Encyclopedia of Western Philosophy and Philosophers*, Urmson, J.O. (ed.), 1960.

EW(2) Ewing, W., *Bethsaida*, in ISBE, I., 1929; *ibid*, *Galilee*, 1929.

EX *Expositor's Bible*, Nicoll, Robertson, (ed.), 1956.

EXPT *The Expository Times*.

EXT Spanos, William V., *A Casebook on Existentialism*, 1966.

F

F *Dictionary of Philosophy*, Flew, Antony, 1968.

FA(1) *Bible Encyclopedia and Dictionary*, Fausset, A.R., *sd*.

FA(2) Fairbairn, M., *The Place of Christ in Modern Theology*, 1898.

FAI Fairbridge, R.W., *The Encyclopedia of Geomorphology*, 1968.

FAL Falkner, E., *Games, Ancient and Oriental*, 1892.

FAR Farrar, F.W., *The Message of the Book*, *sd*.

FARQ Farquhar, John, *A Primer of Hinduism*, 1912.

FE Shaffer, Jerome A., *Filosofia do Espírito*, 1968.

FI Filson, F.V., *Origins of the Gospels*, 1939; *Jesus Christ, The Risen Lord*, 1956.

FIN Finegan, J., *Light From the Ancient Past*, 1946, *Handbook of Biblical Chronology*, 1964.

FK Kenyon, Frederick, *The Bible and Archaeology*, 1940.

FL Flemington, W.F., *The New Testament Doctrine of Baptism*, 1948.

FO *Classical Greek Dictionary*, Foilett, 1960.

FOE Foerster, W., *From the Exile to Christ*, 1964.

FOR Forbes, R.J., *Studies in Ancient Technology*, 1981.

FP Bornheim, Gerd A., *Os Filósofos Pré-Socráticos*, 1977.

FR Frazer, J.G., *Adonis, Attis and Osiris; Studies in the History of Oriental Religion*, 1906.

FRA Frankfort, H.H., *The Art and Architecture of the Ancient Orient*, 1954.

FRAN Frankfort, H., *Kingship and the Gods*, 1948.

FRE Free, J.P., *Archaeology and Bible History*, 1956; (1953-1960): Artigos diversos sobre descobertas arqueológicas: American Schools of Oriental Research, and BASOR.

FREE Freeman, H.E., *An Introduction to the Old Testament Prophets*, 1963.

FREE(2) Freeman, David Hugh, *A Philosophical Study of Religion*, 1976.

FREU Freud, Sigmund, *The Interpretation of Dreams*, 1900; *Wit and Its Relationship to The Unconscious*, 1916.

FRI Friedrich, J., *Strabo*, XII; *Monumenta Asiae Minores Antiqua; Anatolean Studies*, REK, XX, pp. 781-891.

FRO Frost, H.W., *The Great Commission*, 1934.

FW Farmer, W.R., *Maccabeus, Zealots and Josephus*, 1956.

G

G *Dr. Gill's Commentary on the Whole Bible, sd.*

GA Gaebelein, Frank E., *Christian Education in a Democracy*, 1951.

GAD Gadd, Cyril John, *The Assyrian Sculptures*, 1934; *The Stones of Assyria*, 1936.

GAS Gaster, M., *Jewish Magic*, HA, VIII, 3000-3005.

GB *Great Books of the Western World*, Hutchins, R. (ed.), 1952.

GC Clark, Gordon, *Hellenistic Philosophy*, 1940.

GCH Gordon, G.H., «Biblical Customs and the Nuzi Tablets», BA iii (1940), 1—12.

GD Goodspeed, E.J., *The Formation of the New Testament*, 1926; *Strange New Gospels*, 1931; *The Meaning of Ephesians*, 1933; *The Story of the Apocrypha, 1939; Early Christian Literature*, 1942; «Modern Apocrypha», *The Princeton Seminary BULLETIN*, 1957.

GE Gilson, Étienne, *History of Christian Philosophy in the Middle Ages*, 1955; *God and Philosophy*, 1961.

GEI Geikie, C., *Old Testament Characters*, 1888.

GEO(1) Geoffrey, Parmiter, *King David*, 1961.

GEO(2) George, P.R., *Communion with God in the New Testament*, 1953.

GES Gesenius, W., *Hebrew Grammar*, 1910.

GEY Geyser, A.S., *The Youth of John the Baptist: New Testament*, 1956.

GG Blass, F. e Debrunner, A., *Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 1961.

GH Ghirshman, R., *Iran*, 1954.

GI Ginzberg, H.L., *The Apocalypse of Abraham*, 1906.

GL Glueck, N., *The Other Side of Jordan*, 1940; *Some Ancient Towns in the Plains of Moab*, 1943; *The River Jordan*, 1946; *Rivers in the Desert*, 1960.

GLO Glover, R.H., *The Biblical Basis of Missions*, 1946.

GLU Ver GL (1943).

GN Green, W.H., *Higher Criticism and the Pentateuch*, 1895.

GO Ver GD (1933 e 1942).

GOL Goldschmidt, Victor, *A Religião de Platão*, 1963.

GOOD Goodman, Jeffrey, *We Are the Earthquake Generation*, 1981.

GOR Gordon, C.H., «The Story of Jacob and Laban in the Light of the Nuzi Tablets», BASOR, 66, 1937; «Biblical Customs and the Nuzi Tablets», BA, 3, 1940; *Old Testament Times*, 1953; *Ugaritic Textbook*, 1965.

GORD Ver GOR (1953).

GOT Gottwald, N.K., *Studies in the Book of Lamentations*, 1954; *A Light to the Nations*, 1959.

GP Grimal, Pierre, *Hellenism and the Rise of Rome*, 1968.

GR Grant, R.M., *The Apostalic Fathers*, 1964.

GRA Grant, E., «Beth Shemash», 1928, AASOR, IX, 1-15.

GRAD Gradenwitz, P., *The Music of Israel*, 1949.

GRAN Grant, F.C., *Form Criticism*, 1939.

GRE Greenberg, M., «The Biblical Concept of Asylum», *Journal of Biblical Literature*, 78.

GREE Greenslade, S.L. (ed.), *The Cambridge History of the Bible from the Reformation to the Present*, 1963.

GRI Griffith, G.T., *Alexander the Great: The Main Problems*, 1956.

GREN Grenfell, B.P., e Hunt, A.S., *The Oxyrhynchus Papyri*, 1888-1889.

GRO Groves, C.P., *The Planting of Christianity in Africa*, 1948.

GROL Grollenberg, L.H., *Atlas of the Bible*, 1957.

GS Ver GD (1939).

GSM Smith, G. (ed.), *The Teaching of the Catholic Church*, 1948.

GT *The Greek New Testament*, United Bible Societies, 1975.

GU Guthrie, D., *New Testament Introduction*, 1965.

GUI Guillamont, A., *La Designation des Couleurs en Hebreu et en Araméan, en Meyerson*, ed., *Problems de la Couluer*, 1957.

GUN Gunday, R.H., *A Survey of the New Testament*, 1970.

GY Gray, J., *The Canaanites*, 1964.

H

H *Baker's Dictionary of Christian Ethics*, Henry, Carl F.H. (ed.), 1978.

HA *Encyclopedia of Religion and Ethics*, Hastings, James (ed.), 1940.

HAZ Barnes, Hazel E., *An Existentialist Ethics*, 1967.
HDB *Harper's Bible Dictionary*, 1978.
HEA Healy, Edwin, F., *Medical Ethics*, 1956.
HEI Heidel, Alexander, *The Gilgamesh Epic and the Old Testament Parallels*, 1949.
HEN Hennecke, Edgar, *The New Testament Apocrypha*, 1963.
HER(1) Herodotus, *History*.
HER(2) Herford, R.Y., *Sayings of the Fathers*, 1962.
HF *História da Filosofia*, Hirschberger, Johannes, 1969.
HI Hick, John, *Philosophy of Religion*, 1963.
HIC Ver HI.
HIE Hiers, R.H., *The Kingdom of God in the Synoptic Tradition*, 1970.
HIR Hirsch, F.E., «Punishment», ISBE, IV, 1955.
HIT Hitti, P.K., *The History of the Arabs*, 1970.
HJ Jonas, H., *The Gnostic Religions*, 1963.
HO(1) Hodge, C., *Systematic Theology*, 1874.
HO(2) Howard, Clingbell, *Understanding and Counselling the Alcoholic*, 1968.
HOD(1) Hodgson, Leonard, *The Ecumenical Movement*, 1951.
HOD(2) Hodgson, P.C., *The Formation of Historical Theology, a Study of Ferdenand Christian Bauer*, 1966.
HOR Horowitz, E., *How the Hebrew Alphabet Grew*, 1961.
HOS Hoskins, H., *The Religion of Ancient Israel*, 1967.
HOU Houston, M.G., «Ancient Egyptian and Persian Costume and Decoration», ANEP, 1954.
HOW Howlet, D., *The Essenes and Christianity*, 1957.
HP Clark, Gordon H., *Hellenistic Philosophy*, 1940.
HR Harrison, A.W., *Arminianism*, 1937.
HAD Hadas, M., *Aristeas to Philocrates*, 1951.
HAH Hahn, H.F., *The Old Testament and Modern Research*, 1954.
HAL Holmgard and Hall, *History of Technology*, 1954.
HALD Haldar, A., *Studies in the Book of Nahum*, 1947.
HALL Halley, Henry, H., *Pocket Bible Handbook*, 1948.
HAN Hanson, R.P.C., *Allegory and Event*, 1959.
HANS Hanson, S., *The Unity of the Church in the New Testament*, 1946.
HAR Harding, G.L., *The Antiquities of Jordan*, 1959.
HARN Harnack, Adolf von, *The Acts of the Apostles*, 1909, *The History of Dogma*, 1958.
HARR Harrison, R.K., *The Dead Sea Scrolls*, 1961; *Archaeology of the New Testament*, 1964, *Introduction to the Old Testament*, 1969.
HART Hartfelder, Karl, *Melanchthon als Praetor Sermaniae*, 1889.
HAT Hatch, Edwin, *The Influence of Greek Ideas on Christianity*, 1957.
HAU Haupart, Raymond, «Lachish, Frontier Fortress of Judah», BA, 1938.
HAY Hayes, W.C., *The Scepter of Egypt*, 1959.
HRL Harris, H.L., *Inspiration and Canonicity of the Bible*, 1957.
HRM Hare, R.M., *The Language of Morals*, 1952.
HRR Harrison, P.N., «Onesimus and Philemon», *Anglican Theological Review*, xxxii, 1950.
HS Schoeps, Hans, *The Jewish Christian Argument*, 1963.
HTR *Harvard Theological Review*.
HU Hughes, Philip, *A History of the Church*, 1947.
HUCA *Hebrew Union College Annual*.
HUN Hunt, I., *The World of the Patriarchs*, 1966.
HUS Smith, Huston, *The Religions of Man*, 1958.
HY Hughes, T. Hawel, *The Philosophical Basis of Mysticism*, 1937.

I

I *International Critical Commentary*, Driver, Samuel R., Plummer. Alfred e Briggs, Charles, A. (eds.), 1961.
IB *Interpreter's Bible*, Buttrick, George, (ed.), 1946.
ID *Interpreter's Dictionary of the Bible*, 1962.
IOT Young, E.J., *Introduction to the Old Testament*, 1941.
IR Iranaeus, *Against Heresies*.
IRA Ira, Progoff, *Jung's Psychology and its Social Meaning*, 1953.
ISBE *International Standard Bible Encyclopedia*, 1975.

J

J Charlesworth, James H., *The Old Testament Pseudepigrapha, Apocalyptic Literature and Testaments*, 1983.
JA *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, Jackson, Samuel (ed.), 1950.
JAL Jalland, Tig, *The Church and the Papacy*, 1944.
JAM James, M.R., *The Apocryphal New Testament*, 1924.
JAME James, E.D., *Creation and Cosmology*, 1969.
JAOS *Journal of American Oriental Society*.
JAR Jarrett, James L. e McMurrin, Sterling M., *Contemporary Philosophy*, 1954.
JAS Jastrow, M., «Did the Babylonian Temples Have Libraries?» JAOS, 27:147-182, 1906.
JB Baille, J., *Our Knowledge of God*, 1939.
JBL *Journal of Biblical Literature*.
JD Daniélou, J., *Shadows to Reality*, 1960.
JE *The Universal Jewish Encyclopedia*, 1943.
JEL Jellicoe, S., *The Septuagint in Modern Study*, 1969.
JF Fabricus, J.F., *Codex Apocryphus Novi Testamenti, sd.*
JFB *Critical and Experimental Commentary*, Jamison, Fausset e Brown, 1948.
JG Goodman, Jeffrey, *We Are the Earthquake Generation*, 1974; *Psychic Archaeology; Time Machine to the Past*, 1979.
JL Lewis, John, «Marxism and Ethics», *Marxism and the Open Mind*, 1957.
JM Montgomery, J., *Kings*, 1951.
JNES *Journal of Near Eastern Studies*.
JO Josephus, *Antiquities and Wars*.
JOH Johler, K., *Jewish Theology*, 1918.
JOHN Johnson, A.R., *Sacral Kingship in Ancient Israel*, 1955.
JON Jones, A.H.M., *The Cities of the Roman Provinces*, 1937.
JP Pederson, J., *Israel*, 1959.
JPOS *Journal of the Palestine Oriental Society*.
JQ Quaston, J., *Patrology*, 1950.
JR *Journal of Religion and Psychic Research*.
JSS *Journal of Semitic Studies*.

JTS *Journal of Theological Studies.*

JU Jung, Carl, *Modern Man in Search of a Soul*, 1933; *The Psychology of Religion*, 1938; *Memories, Dreams and Reflexions*, 1963.

JUD Judge, E.A., *The Social Patterns of the Christian Groups of the First Century*, 1960.

JUN June, Leo, *The Jewish Library*, 1934.

K

K *Theological Dictionary of the New Testament*, Kittle, Gerhard (ed.), 1964.

KA Kassis, H., «Gath and the Structure of Philistine Society», BL, 84, 1965.

KAH Kahler, Martin, *The So-Called Historical Jesus and the Historical Biblical Christ*, 1964.

KAP Kapelrud, Arvid S., *Joel's Prophecies*, 1948.

KD *Commentary on the Old Testament*, Keil e Delitzsch.

KE Kenyon, Sir Fredric, *Our Bible and the Ancient Manuscripts*, 1962; *Archaeology in the Holy Land*, 1970.

KEI Keil, C.F., *Books of Ezra, Nehemiah and Esther*, 1950; *Jeremiah*, 1960; *Chronicles*, 1966.

KEL Kelson, J., com Albright, W., *Excavations of Bethel*, AASOR, vol. 39, 1968.

KELL Kelly, J.N.D., *The Pastoral Epistles*, 1963.

KELS Kelso, J.L., «Excavations at Jericho», AASOR, vols. 29-30, 1955; «Excavations at Jerusalem», BA, XXVII, 1964.

KEN Kent, R.G., *Old Persia*, 1950.

KENN Kennedy, R., «Crimes and Punishment», HA, 1963.

KENY Kenyon, K., *Digging up Jericho; Excavations at Jericho*, 1960.

KI Kidner, D., *Proverbs*, 1964.

KIN Kinsey, Alfred C., *Sexual Behavior in the Human Male*, 1948; *Sexual Behavior in the Human Female*, 1953.

KK Kitchen, K.A., *Ancient Orient and the Old Testament*, 1966.

KL Lake, Kirsopp, *The Apostolic Fathers*, 1913.

KLA Klausner, J., *The Messianic Ideal in Israel*, 1956.

KLI Kline, M.G., *Structure of Biblical Authority*, 1972.

KLIN Klink, A., *Home Life in Biblical Times*, 1959.

KM Hiltner, Seward e Menninger, Karl, *The Constructive Aspects of Anxiety*, 1967.

KN Knight, G.A.F., *A Christian Theology of the Old Testament*, 1959.

KNE Kneller, George, *Introdução à Filosofia da Educação*, 1964.

KO Kopp, C., *The Holy Places in the Gospels*, 1963.

KOH Gordis, Robert, *Koheleth, The Man and His World*, 1951.

KR(1) Kraeling, C.H., *John the Baptist*, 1951.

KR(2) Kraft, C.F., *Judges, Book of.*

KR(3) Kraft, R.A., *Barnabas and the Didache*, 1961.

KRA Kramer, S.N., *History Begins at Sumer*, 1956.

KRAU Kraus, H.J., *Worship in Israel*, 1966.

KU Kurtz, Prof., *Church History, sd.*

KY Kyle, M.G., *Moses and the Monuments*, 1920, «The Story of Ancient Sodom in the Light of Modern Science», BS, LXXI, July, 1924.

L

L *Twentieth Century Encyclopedia of Religious Knowledge*, Letcher, Letterts, A (ed.), 1955.

LA Lampe, G.W.N., e Woolcombe, K., *The Doctrine of Justification by Faith*, 1954.

LA(2) Lang, C.H.. *Pictures and Parables*, 1955.

LAB Labby, Daniel H., *Life or Death; Ethics and Option*, 1968.

LAE Laetsch, A., *Jonah, The Minor Prophets*, 1956.

LAK Foakes, Jackson e Lake, K., *The Beginnings of Christianity*, 1920-33.

LAM Lamon, R.S., *Megiddo*, 1931.

LAN *Lange's Commentary*, Lange, P., *sd.*

LANG Langton, E., *Essentials of Demonology*, 1949.

LAS La Sor, W., «The Messianic Idea in Qumran», *Studies and Essays in Honor of Abraham Neuman*, 1962.

LAT Latourette, K.S., *A History of the Expansion of Christianity*, 1945.

LE Leuick, B., *Roman Colonies in Southern Asia Minor*, 1967.

LEA Lea, H.C., *History of Sacred Celibacy in the Christian Church*, 1956.

LEO Leon-Dufour, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, 1984.

LEU Leupolo, H.C., *Exposition of Genesis*, 1942; (1967) *Christian Reflections.*

LEW Lewis, C.S., *Miracles*, 1947.

LEX *Analytical Greek Lexicon*, Bagster S., 1958.

LI Little, F.H., *The Anabaptist Doctrine of the Church*, 1952.

LIG Lightfoot, J.B., *Clement of Rome*, 1890; *Apostolic Fathers*, 1890; *Dissertation on the Apostalic Age*, 1892.

LIL Lillie, W., *Studies in New Testament Ethics*, 1961.

LIN Linstrom, Harold, *Wesley and Santification*, 1946.

LINN Linnemann, E., *Parables of Jesus*, 1966.

LL Lloyd, R., *The Chruch of England in the 20th Century*, 1960.

LLO Lloyd, S., *The Art of the Ancient Near East*, 1961.

LO *Loeb Classical Library*, Lake, K., 1912.

LOT Lotz, Johannes Baptist, *How the Reformation Came*, 1965.

LOU Loud, G., *The Megiddo Ivories*, 1939.

LOW Lowther, Clarke (ed.), *Liturgy and Worship*, 1943.

LU *Luther's Works*, Philadelphia, Fortress (ed.), *sd.*

LUT Lutz, H.F., *Textiles and Costumes Among the Peoples of the Near East*, 1923.

LUTH Luther, Martin, *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians*, 1535.

LY Lyttleton, Raymond A., *The Modern Universe*, 1957.

LW Lambert, W.G., *Babylonian Wisdom Literature*, 1960.

M

M Mansel, H.L., *The Limits of Religious Thought, 1957.*

MA Macgregor, C.H.C., «The Concept of the Wrath of God in the New Testament», *N.T. Studies*, 1961.

MAC Macintosh, H.R., *Types of Modern Theology*, 1963.

BIBLIOGRAFIA

MACA Macalister, R.A.S., *The Excavations of Gezer*, 1912; *The Philistines, Their History and Civilization*, 1913.

MAG Maggs, J.T.L., *The Spiritual Experience of Paul*, 1901.

MAL Mallowan, M.E.L., *Twenty-Five Years of Mesopotamian Discoveries, and Nimrod and its Remains*, 1962.

MAN Manley, *The Book of the Law*, 1957.

MAR Marmor, Judd, (ed.), *Sexual Inversion; The Multiple Roots of Homosexuality*, 1965.

MARI Marias, Julian, *Introdução à Filosofia*, 1966.

MAY May, H.C., *Material Remains of the Megiddo Cult*, 1935.

MC *Dicionário Bíblico*, McKenzie, John L., (ed.), 1978.

MCC McCown, C.C., «Hebrew High Places and Cult Remains», JBL LXIX, 1950.

MCG McGiffert, A.C., *A History of Christianity in the Apostalic Age*, 1920.

MCN McNeill, J.T., *The History and Character of Calvinism*, 1954.

ME Metzger, Bruce, *An Introduction to the Apocrypha*, 1957; *The Text of the New Testament*, 1964.

MEL Melden, A.I., (ed.), *Human Rights*, 1970.

MER Mercer, S.A.B., *The Religion of Ancient Egypt*, 1949.

MET Taylor, Richard, *Metaphysics*, 1965.

MEY Meyer, M.A., *History of the City of Gaza*, 1907.

MEYE Meyer, Heinrich August Wilhelm, *Meyer's Commentary on the New Testament*, 1884.

MG Goguel, M. *The Primitive Church*, 1964.

MH Mornschuh, M., *Studien Zur Epistula Apostolorum*, 1965.

MI *Encyclopedia Mirador Internacional*, 1976.

MIC Micklem, N., «Leviticus» em IB, 1953.

MICH Michols, R., *The New Testament Speaks*, 1969.

MIL Miller, J.L., *Encyclopedia of Bible Life*, 1949

MILL Millard, A.R., *Archaeology and the Life of Jacob*, 1963.

MIT Mitton, C., *The Epistle of James*, 1966.

MK McKnight, W.J., *The Apocalypse of Jesus Christ; John to the Seven Churches*, 1927.

MM McMurrin, S., e Fuller, B.A.G., *History of Philosophy*, 1955.

MO Moffatt, J., *The Historical New Testament*, 1901; *Moffatt New Testament Commentary*, 1938.

MOF Ver MO.

MOO Moody, Raymond, A., *Life After Life*, 1977; *Reflections on Life after Life*, 1978.

MON Montgomery, J.A., *Arabia and the Bible*, 1934.

MONT Montgomery, J.A., «Aesthetics in Hebrew Religion», JBL, LVI, 1937.

MONTE Montefiore, *The Epistle to the Hebrews*, 1964.

MOR Moore, G.F., *Judaism*, 1927.

MORN Morgan, G. Campbell, *Commentary on the Four Gospels*, 1977.

MOU Moule, C.F.D., *An Idiom Book of the New Testament*, 1960.

MOUR Mourant, John A., *Readings in the Philosophy of Religion*, 1954.

MR Moore, G.E., *Principia Ethica*, 1903.

MST *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, Moulton and Milligan, 1975.

MU Murray, H.J.C., *A History of Board Games other than Chess*, 1952.

MUR Murray, Gilbert, *Five Stages of Greek Religion*, 1951.

MW Weber, M., *Ancient Judaism*, 1952.

MY Myers, F.W.H., *Human Personality and its Survival of Bodily Death*, 1903.

N

N Nelson, Leonard, *Systems of Ethics*, 1956.

NA Navarra, Fernand, *The Forbidden Mountain*, 1958.

NAI Nairne, A., *The Faith of the New Testament*, 1920.

NAP Napier, B.P., *Exodus*, 1963.

NAS Nash, Arnold S., (ed.), *Protestant Thought in the Twentieth Century*, 1951.

NB Newberry, Thomas, *The Newberry Study Bible*, 1959.

NBC *New Bible Commentary*, Davidson, F., (ed.), 1953 (português).

NCE *The New Catholic Encyclopedia*.

ND *Novo Dicionário da Bíblia*, 1968.

NE(1) Newell, William R., *Hebrews Vs. by Vs.*, 1947; *Romans Vs. by Vs.*, 1952.

NE(2) Neve, Juergen, L., *History of Christian Thought*, 1946.

NI Nida, Eugene, *Customs and Cultures*, 1970.

NIC *New International Commentary*.

NIE Niebuhr, H., Richard, *Christ and Culture*, 1952.

NIL Nilson, P., *Primitive Time Reckoning*, 1920.

NTI Champlin, Russell Norman, *O Novo Testamento Interpretado*, 1979.

NO Noth, M., *The Old Testament World*, 1966.

NOK Nock, A.D., Festugiere, A.J., *Corpus Hermeticum* (4 vols), 1960.

NOT Noth, M., *Geshichte und Altes Testament*, «Mare und Israel», 1953, pp. 127-152; *Exodus*, 1962.

O

O Piper, O., *The Biblical View of Sex*, 1960.

OA Oates, W.J., *The Basic Works of St. Augustine*, 1948.

OC O'Callaghan, R.T., *Aram Naharaim*, 1948.

OD Odeberg, Hugo, *III Enoch or the Hebrew Book of Enoch*, 1928.

OE(1) Oesterley, W.O.E., *The Sacred Dance*, 1923; (1937) *Fresh Approach to the Psalms*, 1937.

OE(2) Oehler, G.F., *Theology of the Old Testament*, 1882.

OES Oesthorn, *Torah in the Old Testament*, 1945; *Yahweh and Baal: Studies in the Book of Hosea*, 1956.

OG(1) Ogden, Schubert M., *The Reality of God*, 1962.

OG(2) Ogg, G., *The Chronology of the Public Ministry of Jesus*, 1940.

OIC *Oriental Institute Communications*.

OLM Olmstead, A.T., *History of the Persian Empire*, 1948; *History of Assyria*, 1960.

OLMS Ver OLM. 1960.

OP Oppenheim, A.L., *Ancient Mesopotamia*, 1964; *Letters from Mesopotamia*, 1967.

OR Orni, E., e Efrat, E., *Geography of Israel*, 1966.

ORE Orr, J., *Revelation and Inspiration*, 1910.

ORR Orr, James, *The Problem of the Old Testament*, 1966.

OS Seyffert, Oskar, *Dictionary of Classical Antiquities*, 1964.

OSI Osis, K., *Deathbed Observations by Physicians and Nurses*, 1961.

OX *Oxford Dictionary of the Christian Church*, Cross, F.L., 1957.

P

P *Dictionary of Philosophy and Religion*, Reese, W.L., 1983.

PA Patterson, S., *The Concept of God in the Philosophy of Aquinas*, 1933.

PAD Padovani, Humberto e Castagnola, Luis, *História da Filosofia*, 1964.

PAL Pallis, E.H., *Mandean Studies*, 1926.

PAR Parrot, A., *Ninevah and the Old Testament*, 1955; *The Flood and Noah's Ark*; 1956, *Babylon and the Old Testament*, 1958.

PAS Pastor, Ludwig von, Baron, *History of the Popes*, (trans. Kerr, R.F.,), 1925.

PAT Paterson, J., *The Wisdom of Job; Job and Proverbs*, 1961.

PAU Pauck, Wilhelm, *Nature of Protestantism*, 1937; *The Heritage of the Reformation*, 1950.

PAY(1) Payne, J.B., *The Theology of the Older Testament*, 1962.

PAY(2) Payne, Barton, *An Outline of Hebrew History*, 1954.

PE Peeters, Evangeles, *Apocryphes*, II, 1914.

PEA Peak, A.S., *The Bible, Its Origin, Its Significance and Its Abiding Worth*, 1913; *Elijah and Jezebel*, 1927.

PEAK Ver PEA.

PED Pederson, J., *Israel, Its Life and Culture*, 1926.

PEL Pelikan, J., *From Luther to Kierkegaard, A Study of the History of Theology*, 1963.

PEQ *Palestine Exploration Quarterly*.

PER Perowne, S., *Life and Times of Herod the Great*, 1958; *The Later Herods*, 1958.

PET Petrie, F., «Ancient Gaza», I-IV, *The Egyptian Research Account, and the British School of Archaeology in Egypt*, LVI-LVIII, 1931-34.

PETA Petavel, E., *The Struggle for Eternal Life*, 1875.

PETR Petrie, W.F., *Tools and Weapons*, 1917.

PF Pfeiffer, Robert H., *The Books of the Old Testament*, 1962.

PFE Pfeiffer, C.F., *The Patriarchal Age*, 1961.

PH Price, H.A., «Appearing and Appearances», *American Philosophical Quarterly*, 1932.

PHI Philo, *Legattio and Gaium*.

PHIL Philipson, D., *The Reform Movement in Judaism*, 1931.

PM Montet, P., *Everyday Life in Egypt*, 1958.

PO Pommerenke, C.H., «Artificial Insemination, Genetic and Legal Implications», *Obstetrics and Gynecology*, 9:189, 1957.

POE Poebel, Arno, «The Assyrian King List From Khorsalead», JNES, Vols. 1,2; 1942-43.

PPH Freeman, Kathleen, *Ancilla to the Pre-Socratic Philosophers*, 1956.

POR Porter, Frank E., *The Mind of Christ in Paul*, 1939.

PR Prat, F., *Jesus Christ, His Life, His Teaching and His Work*, 1960.

PRI Pritchard, J.B., *Ancient Near Eastern Tests*, 1955; *Studies in Ancient Technology*, 1956; *Gibeon Where the Sun Stood Still*, 1962.

PRIT Ver PRI

PS Smith, T.V., (ed.), *Philosophers Speak for Themselves*, 1956.

PSBA *Proceedings of the Society of Biblical Archaeology*.

PT Peters, P.W., *The Hebrew Attitude to Education in the Hellenistic Era*, 1967.

PTR *Princeton Theological Review*.

PU Pusey, E.B., *The Minor Prophets*, 1957.

Q

QDAP *Quarterly of the Department of Antiquities of Palestine*.

QS Quell, Gottfried; Schrenk, G. (trans. Coats, J.R.), *Righteousness*, 1951.

R

R *Encyclopedia of Theology*, Rahner, Karl (ed.), 1975.

RA Von Rad, Gerhard, *Old Testament Theology*, 1962.

RAM Ramsay, M., *A Historical Commentary on St. Paul's Epistle to the Galations*, 1900; *Letters to the Seven Churches*, 1904; *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*, 1909; *The Cities of St. Paul*, 1949.

RAMM Ramm, B., *The Christian View of Science and Scripture*, 1954.

RAN Randall, John L., *Parapsychology and the Nature of Life*, 1977.

RAND Randall, John Herman e Buchler, Justus, *Philosophy, An Introduction*, 1942.

RE Reed, W.L., *The Asherah of the Old Testament*, 1949.

REA Read, H.H., *Rutley's Elements of Mineorology*, 1970.

REG Regush, Nicholas M., Frontiers of Healing, 1977.

REI Reider, J., *An Index to Aquila*, 1966.

REIF Reifenberg, A., *Ancient Hebrew Arts*, 1950.

REIN *Reincarnation, An East-West Anthology*, Head, Joseph, e Cranston, S.L., 1981.

REIS Reis, J.K.S., *The Biblical Doctrine of the Ministry*, 1955.

REN Rentz, G., *The Encyclopedia of Islam*, 1960.

REU Reu, M., *Catechetics and Theory and Practice of Religious Education*, 1927.

RG Grant, R.M., *Reader in Gnosticism*, 1961.

RH Rhine, J.B., *The Reach of the Mind*, 1947.

RI Richardson, A., *Historical Theology and Biblical Theology*, 1955.

RIC Richardson, E.C., *Biblical Libraries*, 1915.

RID Ridderbos, H., *Paul and Jesus*, 1958.

RIN Ring, Kenneth, *Life at Death: A Scientific Investigation of the Near Death Experience*, 1983.

RO Robertson, A.T., *John the Loyal*, 1912; *Word Pictures in the New Testament*, 1930; *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research*, 1931; *The Body*, 1952.

ROB Robertson, H.W., *The Christian Doctrine of Man*, 1926.

ROB(2) Robinson, T., *The Poetry of the Old Testament*, 1947.

ROBIN Robinson, S., *Biblical Researches*, 1841.

ROBINS Robinson, J., *A New Quest of the Historical Jesus*, 1959.

ROS Rose, Herbert J., *A Handbook of Greek Literature*, 1951; *A Handbook of Latin Literature*, 1960.

ROT Roth, C., *Jewish Art*, 1961.

ROU Rouse, Ruth, *A History of the Ecumenical Movement*, 1948.

ROUT Routley, Eric, *Hymns, Today and Tomorrow*, 1964.

ROW Rowley, H.H., *From Joseph to Joshua*, 1950; *The Old Testament and Modern Study*, 1951; *Men of God*, 1963.

ROWE Rowe, L.A., *Topography and the History of Beth-Shan*, 1930.

RP Sahakian, William e Lewis, Mabel, *Realms of Philosophy*, 1965.

RU Russell, D.S., *The Jews from Alexander to Herod*, vols. 5 e 6, *The New Carendom Bible*, 1967; *The Method and Message of Jewish Apocaliptic Literature*, 1964.

RUN Runes, Dagobert D., *Twentieth Century Philosophy*, 1943.

RUS Russell, Bertrand, Principia Mathematica, 1912.

RV Devaux, R., *Ancient Israel*, 1962.

RW Wilson, R. Mcl. *Gnostic Problems*, 1958; *Gnosis and the New Testament*, 1968.

RY Rynne, Xavier, *Vatican II*, 1967.

RYR Ryrie, C., *Biblical Theology and the New Testament*, 1959.

S

S *Bible Encyclopedia and Scriptural Dictionary*, Howard-Severance (ed.), 1904.

SA Sabom, Michael, *Recollections of Death*, 1982.

SAC Sachs, *A History of Musical Instruments*, 1940.

SAG Saggs, H.W.F., *The Greatness That Was Babylon*, 1962.

SAL Salmond, S.D.F., *The Christian Doctrine of Immortality*, 1901.

SAM Samuel, H.E., *Ptolemaic Chronology*, 1962.

SAU Sauer, E., *From Eternity to Eternity*, 1954.

SB Muller, A., *The Sacred Books of the East*, 1910.

SC Scurti, S.J., *Short History of Philosophy*, 1950.

SCH Schaff, Philip, *History of the Christian Church*, 1892.

SCHO Schonfield, Hugh J., *Reader's A to Z Bible Companion*, 1967.

SCHW Schweitzer, Albert, *The Quest of the Historical Jesus*, 1910.

SCO Scofield, C.I., *The Scofield Reference Bible*.

SE Seiss, Joseph, *Letters to the Seven Churches*, 1956.

SEG Segal, J.B., *The Hebrew Passover*, 1963.

SET Seters, J. Van, *The Hyksos, a New Investigation*, 1966.

SH Schurer, E., *A History of the Jewish People*, 1891.

SHE Sherman, Harold, *Know the Powers of Your Own Mind*, 1960.

SHER *The New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*.

SHO Short, Rendel, *The Bible and Modern Medicine*, 1953.

SHS Singer, Charles, *A Short History of Scientific Ideas*, 1959.

SHU(1) Shultz, S.J., *The Prophets Speak*, 1968.

SHU(2) Shut, R.J.H., *Studies in Josephus*, 1961.

SI Simons, J., *The Geographical and Topographical Text of the Old Testament*, 1959.

SIM Simpson, E.K., *The Pastoral Epistles*, 1954.

SIN Singer, C., (ed.), *A History of Technology*, 1958.

SK Kierkegaard, Soren, *The Concept of Dread*, 1946.

SKE Skeat, T.C., *The Reign of the Ptolemies*, 1954.

SL Ostrander, Sheila e Shroeder, Lynn, *A Handbook of Psychic Discoveries*, 1968.

SM Smith, J.B., *Greek-English Concordance*, 1955.

SMI Smith, J.A., *The Historical Geography of the Holy Land*, 1896.

SMID Smid, T., *Protevangelium Jacobi, a Commentary*, 1965.

SMIT Smith, W.R., *The Religion of the Semites*, 1927.

SN Snaith, H.H., *Mercy and Sacrifice*, 1953.

SO Souter, A., *The Text and Canon of the New Testament*, 1954.

SOC Mondolfo, R., *Sócrates*, 1967.

SP Spitzer, Walter, e Saylork, Carlyle, I., (eds.), *Birth Control and the Christian; A Protestant Symposium on the Control of Human Reproduction*, 1961.

ST Strong, Augustus, *Systematic Theology*, 1907.

STA Stanley, Arthur Penrhyn, *The Jewish Church*, 1886.

STAI Stainer, J., *The Music of the Bible*, 1914.

STAN Stanley, David, M., *The Apostolic Church in the New Testament*, 1965.

STE Stendall, K., (ed.), *Immortality and Resurrection*, 1964.

STI Stibbs, A.M., *The Meaning of the Word Blood in Scripture*, 1947; *God's Church*, 1959.

STO Stokes, W.L., *Essentials of Earth History; An Introduction to Historical Geography*, 1963.

STOI Hadas, Moses (ed.), *Essential Works of Stoicism*, 1961.

STON Stonehouse, Paul, *Before the Aeropagus*, 1956.

STONE Stonehouse, N.B., *Origins of the Synoptic Gospels*, 1964.

STOR Storr, C., *Ancient Ships*, 1895.

STR Striwe, Otto, *The Universe*, 1962.

STRA Strawson, W., *Jesus and the Future Life*, 1959.

STRAC Strack, H.L., *Introduction of the Talmud and Midrash*, 1931.

STRE Streeter, B.H., *The Four Gospels*, 1930.

STRO Strong, James, *Exhaustive Concordance of the Bible*, 1951.

SU Suetonius, *Gaius Caligula Dio*.

SW Swete, H.B., *Essays on the Early History of the Church and the Ministry*, 1921.

T

T *Baker's Dictionary of Practical Theology*, Turnball, Ralph (ed.), 1982.

TA Taylor, V., *The Gospels*, 1960.

TAR Tarn, William W., e Griffith, Guy T., *Hellenistic Civilization*, 1961.

TAY Taylor, C., *Sayings of the Jewish Fathers*, 1900.

TC Tcherikover, V., *Hellenistic Civilization and the Jews*, 1959.

TCE *The Twentieth Century Encyclopedia of Religious Knowledge*, Loetscher, 1979.

TCH Chan, Thomas, *The Adam and Eve Story*, 1963.

TE Tenny, M.C., *The New Testament, A Historic and Analytical Survey*, 1953; *Galatians: The Charter of Christian Liberty*, 1954.

TEC Techenie, *Euprat und Tigris*, 1934.

TEN Ver TE.

TH Thomas, D., Winston, *Archaeology and Old Testament Study*, 1967.

THA Thackeray, H., *Josephus the Man and the Histories*, 1929.

THI Thiel, A., *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, 1965.

THO Thomas, D.W., *Documents from Old Testament Times*, 1958.

THOM Thompson, R.C., *The Epic of Gilgameh*, 1930.

THU Thomas, C., e Hutchinson, R.W., *A Century of Exploration of Nineveh*, 1929.

TI Titus, Eric Lane, *Essentials of New Testament Study*, 1958.

TIL Tillich, Paul, *The Dynamics of Faith*, 1957.

TIS Tischendorf, Constantinus, *Novum Testamentum Graece*, 1869.

TJ Jallard, Trevor, *Church and Papacy*, 1944.

TL Thorndike, Lynn, *A History of Magic and Experimental Science*, 1938.

TO Torbet, R.G., *A History of the Baptists*, 1950.

TON Tonybee, J., *The Shrine of St. Peter and the Vatican Excavation*, 1956; *The History of Civilization*, 1959.

TOR Torrey, C.C., *Ezra Studies*, 1910; *Pseudo-Ezekiel and the Original Prophecy*, 1930.

TOR(2) Torrey, R.A., (ed.), *The Topical Textbook*, *sd*.

TR Tristan, H.B., *Eastern Customs in Bible Lands*, 1984.

TRA Trawick, Buckner B., *The New Testament as Literature*, 1964.

TT *The New Topical Textbook*, Fleming and Revel, *sd*.

TVS Smith, T.V., *Philosophers Speak for Themselves*, 1956.

TYN *Tyndale New Testament Commentary*, 1958.

U

U Uhlhorn, G., *Christian Character in the Ancient Church*, 1883.

UL Ullendorff, E., «The Moabite Stone», *Documents from OT Times*, 1958; *Ethiopia and the Bible*, 1968.

UL(2) Ver UL (1958).

UN Unger, Merrill F., *Unger's Bible Dictionary*, 1966. Ver tambem UNA.

UN(1952) Unger, Merrill, F., *Biblical Demonology*, 1952.

UN(1957) Unger, Merrill, F., *Israel and the Aramaeans of Damascus*, 1957.

UNA Unger, Merrill, *Archaeology and the New Testament*, 1960; *Archaeology and the Old Testament*, 1962.

UNN Van Unnick, W.C., *Newly Discovered Gnostic Writings*, 1960.

UT *Ugaritic Textbook*.

V

V Vriezen, S., *An Outline of Old Testament Theology*, 1962.

VA Vaux, R., *Ancient Israel*, 1961.

VAS Vasilieve, *History of the Byzantine Empire*, 1929.

VE Velikovsky, R.B.Y., *Worlds in Collision*, 1950.

VI Vincent, A., *La Religion des Judeo-Arameens D'Eléphantine*, 1957.

VIN Vincent, Marvin R., *Word Studies in the New Testament*, 1946.

VO Vos, E., *The Teaching of the Epistle to the Hebrews*, 1956.

VR Vriezen, Th.C., *An Outline of Old Testament Theology*, 1963.

VT *Vocabulário de Teologia Bíblica*, Xavier-Leon-Dufour, SJ (ed.), 1984.

W

W Richardson, Alan, *A Theological Word Book*, 1962.

WA *Funk and Wagnalls Standard Dictionary*, 1968.

WA(2) Wallace, R.S., *Many Things in Parables*, 1955.

WAL Walker, W., *All the Plants of the Bible*, 1958

WALK Walker, G.P., *Mammals of the World*, 1964.

WALL Wallace, R.S., *Elijah and Elisha*, 1957.

WAT Watson, Thomas, *The Ten Commandments*, 1965.

WAX Waxman, Meyer, *The History of Jewish Literature*, 1960.

WBC *Wycliffe Bible Commentary*, 1962.

WC Westerman, C., *Essays of Old Testament Interpretation*, 1958.

WE Eichrodt, W., *Theology of the Old Testament*, 1961.

WEA Weatherhead, L.D., *Psychology, Religion and Healing*, 1951.

WEB Webre, A.L., e Liss, P.H., *The Age of Cataclysm*, 1974.

WEH Howard, F.H., *Christianity According to St. John*, 1946.

WEI Weiser, A., *The Psalms*, 1905.

WEI(2) Weigall, A., *The Life and Times of Cleopatra*, 1925.

WES *Westminster Commentaries*.

WEST Westermach, E., *A Short History of Marriage*.

WG Wright, George E., *The Book of Isaiah*, 1964; *The Old Testament and Theology*, 1969.

WH Whale, J.S., *Christian Doctrine*, 1941.

WHB Brownlee, H.H., *The Text of Habakkuk in the Ancient Commentary from Qumran*, 1959.

WHE Whesluright, Philip, *A Critical Introduction to Ethics*, 1959.

WHG Green, W.H., «Primeval Chronology», *Bibliotheca Sacra*, 1890.

WHI White, H.G.I., *The Sayings of Jesus from Oxyrhnchus*, 1920.

WHI(2) White, John, *Pole Shift*, 1982.

WHIS Whiston, W., *The Life and Works of Josephus*, 1906.
WHIT Whitcomb, J.C. Jr., *Darius the Mede: A Study in Historical Identification*, 1963.
WI Wilson, R., *The Gnostic Problem*, 1958.
WI(2) Wright, F., Ver WRIG.
WIE Wiegard, T., *Baalbek*, 1921-25.
WIK Wilkenhauser, A., *New Testament Introduction*, 1958; *Pauline Mysticism*, 1960.
WIL Eastman e Wilson, *Drama in the Church*, 1942.
WILS Wilson, J.A., *The Culture of Ancient Egypt*, 1956.
WIR Wirgman, A.T., *The Blessed Virgin and All the Company of Heaven*, 1905.
WIS Wiseman, J., *Chronicles of Chaldean Kings in the British Museum*, 1956.
WOD Wood, J.A., *Bible Animals*, 1869.
WOO Wooley, C.L., *Charchemish*, I-III, 1914-52, 1962.
WOR Worrell, W., «Israel and the Dance», D.D. Runes (ed.), *The Hebrew Impact on Western Civilization*, 1951.
WORD Wordsworth, Charles, *The Greek Testament*, 1875.
WOU Woudstra, M.H., *The Ark of the Covenant from Conquest to Kingship*, 1965.
WRI Wright, G., *Biblical Archaeology*, 1957.
WRIG Wright, F., *Manners and Customs of Bible Lands*, 1954.
WT Whitehead, A.N., *Process and Reality*, 1929.
WTJ *Westminster Theological Journal*.
WW(1) Comay, Joan E Brownrigg, Robert, *Who's Who in the Bible*, 1980.
WW(2) Walker, Willinston, *History of the Christian Church*, 1959.
WY Wycherley, Richard C., *How the Greeks Built Cities*, 1962.

X

XJ Jacques, X., *Orientalia*, 1969.

Y

Y Young, E.J., *The Prophecy of Daniel*, 1949.
YA Yahudu, A.S., *The Accuracy of the Bible*, 1934.
YAD Yadin, Y., *The Art of Warfare in Biblical Lands*, 1963; *The Ben-Sira Scroll from Mosada*, 1965; *Masada, Herod's Fortress and the Zealots Last Stand*, 1966.
YAT Yates, Kyle, *Studies in the Psalms*, 1953.
YE Yeivin, S., «The Palestino-Sinaitic Inscriptions», PEQ, 1937.
YO Young, E.J., *Studies in Isaiah*, 1954; Introduction to the Old Testament, 1958; *History of the Literary Criticism of the Pentateuch*, 1970.

Z

Z *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, Tenney, Merril C., (ed.), 1977.
ZAE Zaehner, R.C., *The Dawn and Twilight of Zorastrianism*, 1961.
ZE Zeitlin, S., *A Historical Study on the Canonization of the Old Testament*, 1950.
ZEL Zeller, Eduard, *Outlines of the History of Greek Philosophy*, 1950.
ZEU Zeuner, F.E., *A History of Domesticated Animals*, 1963.
ZY Zyl, A.H., Van, *The Moabites*, 1960.

••• ••• •••

AUTORES E EDITORES EM ORDEM ALFABÉTICA

Abbott-Smith, Ver AS.
Abernathy, George L., Ver ABE.
Abetti, Giorgio, Ver AB.
Abrahamson, I., Ver ABR.
Adams, A.M.C., Ver ADA.
Adams, J.M., Ver ADM.
Adolph, R., Ver AD.
Aharoni, Y., Ver AH.
Aland, K., Ver ALA.
Albright, W.F., Ver ALB e KEL.
Alford, Henry, Ver AL.
Allegro, John M., Ver ALLE.
Allen, A.B., Ver ALL.
Allis, O.T., Ver AO.
Alston, William, Ver ALS.
Altaner, B., Ver BA.
Altizer, T.J.J., Ver ALT.
Amiran, R., Ver AMI.
Anderson, Alan R., Ver AN.
Anderson, B.W., Ver AND.
Anderson, G.H., Ver AND(2).
Anson, P.F., Ver ANS.
Arbesmann, Rudolph, Ver ARB.
Archer, G., Ver ARC.
Arnason, H.H., Ver ARN.
Arndt, William F., Ver A.
Arnold, P., ARNO.
Ashby, Robert H., Ver ASH.
Attwater, D., Ver ATT.
Augustine, Ver AUG.
Aulon, G., Ver AUL.
Ave Jonah, Michael, Ver AV.
Ayer, A.J., Ver AY.
Badawy, A., Ver BAD.
Baggot, J., Ver BAG.
Bagster, S., Ver LEX.
Bailey, A., Ver BAI.
Bailey, D.D., Ver BAIL.
Baille, D.M., Ver DB.
Baille, J., Ver JB.
Baly, D., Ver BAL.
Ballow, R.O., Ver BALL.
Barclay, W., Ver BARC.
Barkley, W.P., Ver BARK.
Barnes, Hazel E., Ver HAZ.
Barrett, C.K., Ver CKB.
Barth, Karl, Ver BART.
Barton, G.A., Ver BAR.
Bartsch, W., Ver BARTS.
Baur, Ferdinand Christian, Ver BAU.
Bayless, Raymond, Ver BAY.
Bea, Augustine, Ver BEA.
Beasley, Murray R., Ver BM.
Beccaria, G., Ver BEC.
Bell, Sir Charles Alfred, Ver BEL.
Benson, Clarence H., Ver BENS.
Bentley, John C., Ver BE.
Bentzen, A., Ver BEN.
Bert, J., Ver BOK.
Besnier, M., Ver BES.
Bevan, E.R., Ver BEV.
Bickerman, E., Ver BI.
Birley, E., Ver BIR.
Black, Matthew, Ver BLAC.
Blackman, E., Ver BK.
Blackman, G.E., Ver BLM.
Blackmore, Susan J., Ver BLR.
Blackwood, A.W., Ver BLA.
Blair, E.P., Ver BL.
Blass, F., Ver BLAS.
Blau, C., Ver BLAU.
Bodheimer, F.S., Ver BOD.
Boettner, E., Ver BOE.
Bohl, F.M., Ver BOH.
Bonhoeffer, Dietrich, Ver BON.
Borger, R., Ver BOR.
Bornheim, Gerd A., Ver FP.

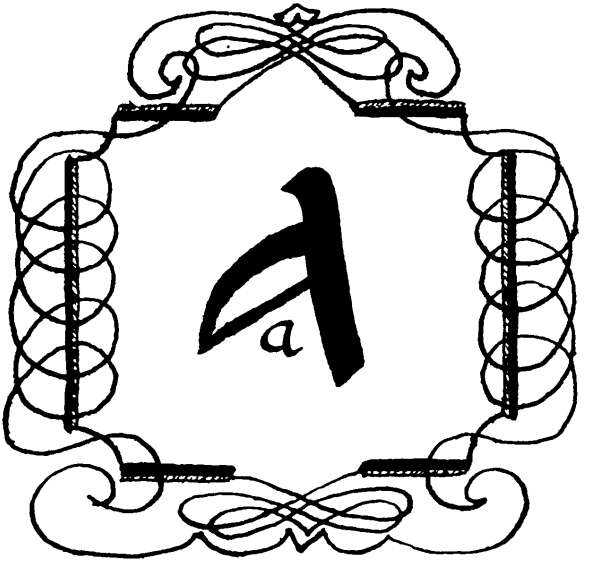
Botsford, G.W., Ver BOT.
Bourke, Vernon, Ver EAU.
Bouyer, K.E., Ver BOU.
Bowman, G.W., Ver BOW.
Bowman, R.A., Ver BN.
Box, C.H., Ver BOX.
Box H.S., Ver BO.
Boyle, Isaac, Ver BOY.
Brav, S.R., Ver BRA.
Breasted, J.H., Ver ARE e BRE.
Briggs, Charles A., Ver I.
Bright, J., Ver BRI e BRIG.
Brightman, E.S., Ver BRIG(2).
Brinker, R., Ver BRIN.
Broad, C.D., Ver BROA.
Brockington, L.H., Ver BROC.
Bromiley, G.W., Ver BRO.
Bronstein, Daniel J., Ver BRON.
Brown, David, Ver JFB.
Brown, Driver e Beges, Ver BDB.
Brownlee, H.H., Ver WHB.
Brownlee, William H., Ver BW.
Brownrigg, Robert, Ver WW(1).
Bruce, F.F., Ver BRU.
Brugger, Walter, Ver DF.
Brunner, E., Ver BRUN e EB.
Buber, Martin, Ver BUB.
Buchan, J., Ver BUC.
Buchler, Justus, Ver RAND.
Budge, A.W., Ver BUD.
Buhl, F., Ver BUH.
Bultman, R., Ver BULT.
Burkitt, F.C., Ver BUR.
Burnet, J., Ver BJ.
Burr, Harold S., Ver BU.
Bush, F.O., Ver BUS.
Buttrick, George Arthur, Ver IB.
Cadbury, Henry, J., Ver CAD.
Callaway, J.E., Ver CAL.
Calvin, John, Ver CALV.
Cameron, G.C., Ver CN.
Cameron, George Glen, Ver CGG.
Carey, K.M., Ver CAR.
Carnell, John E., Ver CARN.
Carr, Harvey, Ver CR. CR.
Carrington, P., Ver CARR.
Cary, Max, Ver CM.
Cassell, Ver CAS.
Castagnola, Luis, Ver PAD.
Cerny, B.J., Ver CER.
Chafer, Lewis S., Ver CHA.
Chainey, George, Ver CHI.
Champlin, Russell N. Ver DRE, EC e NTI.
Chan, Thomas, Ver TCH.
Charles, R.H., Ver APOT e CH.
Charlesworth, James H., Ver J.
Chavasse, C., Ver CHAV.
Chetwynd, Tom, Ver CHE.
Chiera, E., Ver CS.
Chisholm, Roderick M., Ver CHI(2).
Clapp, F.G., Ver CLAP.
Clark, Gordon H., Ver CLA, GE e HP.
Clarke, Adam, Ver CLAR.
Clay, A., Ver CL.
Cobb, J.B., Ver COB.
Cobern, C., Ver COB(2).
Cohen, H., Ver COH.
Cohen, S.S., Ver COG(2).
Comay, Joan, Ver WW(1).
Connolly, R.H., Ver DA.
Cope, G., Ver COP.
Copleston, Frederich, Ver CO.
Cook, A.S., Ver CAM.
Corbishley, Thomas, Ver COR.
Cottrell, L., Ver COT.
Cowley, A., Ver COW.
Cranston, S.L., Ver REIN.
Crippa, Adolpho, Ver CRIP.
Cripps, R.S., Ver CRI.
Cross, F.L., Ver OX.
Cumont, F., Ver CUM.
Curran, Charles, Ver CC.
Dalby, J.C., Ver DALB.
Dalman, J.C., Ver DAL.
Dana, E.S., Ver DANA.
Dancy, J.C., Ver DAN.
Daniélou, J., Ver JD.
Daniel-Ropes, H., Ver DANR.
Darling, James, Ver DAR.
Davbe, D., Ver DD.
Davidson, A.B., Ver DAVI e DV(2)
Davidson, F., Ver NBC.
Davies, J.G., Ver DAV.
Davis, Mon. H., Ver CD.
Debrunner, A., Ver BLAS.
De Camp, L.S., Ver CA.
Deismann, A., Ver DEIS.
Delitzsch, F., Ver DEL e KD.
Den Born, Ver DE.
Dennis, James Shepherd, Ver DEN.
Denzinger, H., Ver D e DS.
Devaux, R., Ver RV.
Dhorme, M., Ver DH.
Diels, H., Ver DK.
Diringer, David, Ver DIR.
Dixon, Jeane, Ver DI.
Dodd, C.H.. Ver DOD.
Dolah, John, P., Ver DOL.
Doresse, J., Ver DO.
Dothan, T., Ver DOT.
Dougherty, R.P., Ver DOU.
Doughty, C.M., Ver DT.
Downey, E., Ver DOW.
Driver, G.R., Ver DM, DRI(1) e DRIV.
Driver, S.R., Ver DRI(2) e I.
Drower, M.S., Ver DRO.
Dubberstein, W.H., Ver DUB.
Ducasse, C.J., Ver DCJ.
Ducasse, C.W., Ver DU.
Duchesne, L., Ver DUC.
Dunlap, Jane, Ver DUN.
Dvornik, Francis, Ver DV(2).
Eastman e Wilson, Ver WIL.
Eaton, J.H., Ver EA.
Eddy, R., Ver EDD.
Edersheim, Alfred, Ver ED, EDE e EDER.
Edidin, B.M., Ver EDI.
Edmunds, C. Gordon, Ver EDM.
Edwards, Paul, Ver EP.
Eichrodt, W., Ver WE.
Eisen, G.A., Ver EI.
Elert, W., Ver ELE.
Eliot, W., Ver EL.
Ellicott, Charles John, Ver ELLI.
Ellison, H.L., Ver ELL.
Enslin, Morton Scott, Ver CB e EN.
Eugene, Maly, Ver EUG.
Eusebius, Ver EU.
Ewing, W., Ver EW(2).
Fabricus, J.F., Ver JK.
Fairbairn, M., Ver FA(2).
Fairbridge, R.W., Ver FAI.
Falkner, E., Ver FAL.
Farmer, W.R., Ver FW.
Farquhar, John, Ver FARQ.
Farrar, F.W., Ver FAR.
Fausset, A.R., Ver FA(1) e JFB.
Ferm, Vergilius, Ver E.
Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda, Ver AU.
Filson, F.V., Ver FI.
Finegan, J., Ver FIN.
Firenze, Ver EF.
Flemington, W.F., Ver FL.
Flew, Antony, Ver F.
Foakes, Jackson, Ver LAK.
Foerster, W., Ver FOE.
Foilett, Ver FO.
Forbes, R.J., Ver FOR.
Frankfort, H., Ver FRAN.
Frankfort, H.H., Ver FRA.
Franz, W., Ver DK.
Frazer, J.G., Ver FR.
Free, J.P., Ver FRE.
Freeman, David Hugh, Ver FREE(2).
Freeman, H.E., Ver FREE.
Freeman, Kathleen, Ver PPH.
Freud, Sigmund, Ver FREU.
Friedrich, J., Ver FRI.
Frost, H.W., Ver FRO.
Gadd, Cyril John, Ver GAD.
Gaebelein, Frank E., Ver GA.
Gaster, M., Ver GAS.
Geikie, C., Ver GEI.
Geoffrey, Parmiter, Ver GEO(1).
George, P.R., Ver GEO(2).
Gesenius, W., Ver GES.
Geyser, A. S., Ver GEY.
Ghirshman, R., Ver GH.
Gill, John, Ver G.
Gilson, Étienne, Ver GE.
Gingrich, F. Wilbur, Ver A.
Ginzberg, H.L., Ver GI.
Glover, R.H., Ver GLO.
Glueck, N., Ver GL.
Goguel, M., Ver MG.
Goldschmidt, Victor, Ver GOL.
Goodman, Jeffrey, Ver GOOD e JG.
Goodspeed, E.J., Ver GD.
Gordis, Robert, Ver KOH.
Gordon, C.H., Ver CG, GCH e GOR.
Gottwald, N.K., Ver GOT.
Gradenwitz, P., Ver GRAD.
Grant, E., Ver GRA.
Grant, F.C., Ver GRAN.
Grant, R.M., Ver GR. e RG.
Gray, J. Ver GY.
Green, W.H., Ver GN e WHG.
Greenberg, M., Ver GRE.
Greenslade, S.L., Ver GREE.
Grenfell, B.P., Ver GREN.
Griffith, Guy, Ver TAR.
Griffith, G.T., Ver GRI.
Grimel, Pierre, Ver GP.
Grollenberg, L.H., Ver GROL.
Groves, C.P., Ver GRO.
Guillamont, A., Ver GUI.
Gunday, R.H., Ver GUN.
Guthrie, D., Ver GU.
Hadas, M., Ver HAD e STOI.
Hahn, H.F., Ver HAH.
Haldar, A., Ver HALD.
Hall, (e Holmgard), Ver HAL.
Halley, Henry, H., Ver HALL.
Hanson, R.P.C., Ver HAN.

Hanson, S., Ver HANS.
Harding, G.L., Ver HAR.
Hare, R.M., Ver HRM.
Harnack, Adolf von, Ver HARN.
Harnack, G.L., Ver HAR.
Harris, H.L., Ver HRL.
Harrison, A.W., Ver HR.
Harrison, E.F., Ver B.
Harrison, P.N., Ver HRR.
Harrison, R.K., Ver HARR.
Hartfelder, Karl, Ver HART.
Hastings, James, Ver HA.
Hatch, Edwin, Ver HAT.
Haupart, Raymond, Ver HAU.
Hayes, W.C., Ver HAY.
Head, Joseph, Ver REIN.
Healy, Edwin, Ver HEA.
Heberman, Charles E., Ver CE.
Heidel, Alexander, Ver HEI.
Hennecke, Edgar, Ver HEN.
Henry, Carl F.H., Ver H.
Henry, Matthew, Ver COM.
Herford, R.Y., Ver HER(2).
Herodotus, Ver HER(1).
Hick, John, Ver HI.
Hiers, R.H., Ver HIE.
Hiltner, Seward, Ver KM.
Hirsch, F.E., Ver HIR.
Hirschberger, Johannes, Ver HF.
Hitti, P.K., Ver HIT.
Hodge, C., Ver HO(1).
Hodgson, Leonard, Ver HOD(1).
Hodgson, P.C., Ver HOD(2).
Holmgard e Hall, Ver HAL.
Horowitz, E., Ver HOR.
Hoskins, H., Ver HOS.
Houston, M.G., Ver HOU.
Howard, Clingbell, Ver HO(2).
Howard, F.H., Ver WEH.
Howard-Severance, Ver S.
Howlet, D., Ver HOW.
Hughes, Philip, Ver HU.
Hughes, T. Hawel, Ver HY.
Hunt, I., Ver HUN.
Hutchins, B., Ver GB.
Ira, Progoff, Ver IRA.
Iranaeus, Ver IR.
Jackson, Samuel, Ver JA.
Jacques, X., Ver XJ.
Jalland, Tig, Ver JAL.
Jallard, Trevor, Ver TJ.
James, E.D., Ver JAME.
James, M.R., Ver ANT e JAM.
Jamieson, Robert, Ver JFB.
Japiassu, Hilton, Ver DBF.
Jarrett, James L., Ver JAR.
Jastrow, M., Ver JAS.
Jellicoe, S., Ver JEL.
Johler, K., Ver JOH.
Johnson, A.R., Ver JOHN.
Jonas, H., Ver HJ.
Jones, A.H.M., Ver JON.
Josephus, Ver JO.
Judge, E.A., Ver JUD.
June, Leo, Ver JUN.
Jung, Carl, Ver JU.
Kahler, Martin, Ver KAH.
Kapelrud, Arvid S., Ver KAP.
Kassis, H., Ver KA.
Keil, C.F., Ver KD e KEI.
Kelly, J.N.D., Ver KELL.
Kelso, J.L., Ver KELS.
Kelsen, J., Ver KEL.
Kennedy, K., Ver KENY.
Kent, R.G., Ver KEN.
Kenyon, Frederick, Ver FK. e KE.
Kenyon, K., Ver KENY.
Kidner, D., Ver KI.
Kierkegaard, Soren, Ver SK.
Kinsey, Alfred C., Ver KIN.
Kitchen, K.A., Ver KK.
Kittle, Gerhard, Ver K.
Klausner, J., Ver KLA.
Kline, M.G., Ver KLI.
Klink, A., Ver KLIN.
Kneller, George, Ver KNE.
Knight, G.A.F., Ver KN.
Kopp, C., Ver KO.
Kraeling, C.H., Ver KR(1).
Kraft, C.F., Ver KR(2).
Kraft, R.A., Ver KR(3).
Kramer, S.N., Ver KRA.
Kraus, H.J., Ver KRAU.
Kurtz, Prof., Ver KU.
Kyle, M.G., Ver KY.
Labby, Daniel H., Ver LAB.
Laetsch, A., Ver LAE.
Lake, Kirsopp, Ver KL e LAK e LO.
Lambert, W.G., Ver LW.
Lamon, R.S., Ver LAM.
Lampe, G.W.N., Ver LA.
Lang, C.H., Ver LA(2).
Lange, P., Ver LAN.
Langford, A., Ver ABE.
Langton, E., Ver LANG.
La Sor, W., Ver LAS
Latourette, K.S., Ver LAT.
Lea, H.C., Ver LEA.
Letcher, Lefferts A., Ver L.
Leon-Dufour, Ver LEO.
Leuick, B., Ver LE.
Leupolo, H.C., Ver LEU.
Lewis, C.S., Ver LEW.
Lewis, John, Ver JL.
Lewis, Mabel, Ver RP.
Lightfoot, J.B., Ver LIG.
Lillie, W., Ver LIL.
Linnemann, E., Ver LINN.
Linstrom, Harold, Ver LIN.
Liss, P.H., Ver WEB.
Little, F.H., Ver LI.
Lloyd, R., Ver LL.
Lloyd, S., Ver LLO.
Loetscher, Ver TCE.
Lotz, Johannes Baptist, Ver LOT.
Loud, G., Ver LOU.
Lowther, Clarke, Ver LOW.
Luckenbill, Ver ARAB.
Luther, Martin, Ver LU e LUTH.
Lutz, H.F., Ver LUT.
Lyttleton, Raymond A., Ver LY.
Macalister, R.A.S., Ver MACA.
Macgregor, C.H.C., Ver MA.
Macintosh, H.R., Ver MAC.
Maggs, T.J.L., Ver MAG.
Mallowan, M.E.L., Ver MAL.
Manley, Ver MAN.
Mansel, H.L., Ver M.
Marcondes, Danilo, Ver DBF.
Marias, Julian, Ver MARI.
Marmor, Judd, Ver MAR.
May, H.C., Ver MAY.
McCown, C.C., Ver MCC.
McGiffert, A.C., Ver ACM e MCG.
McKenzie, John L., Ver MC.
McKnight, W.J., Ver MK.
McMurrin, Sterling M., Ver JAR e MM.
McNeile, A.H., Ver I.
McNeill, J.T., Ver MCN.
Melden, A.I., Ver ET e MEL.
Menninger, Karl, Ver KM.
Mercer, S.A.B., Ver MER.
Metzger, Bruce, Ver ME.
Meyer, Heinrich August Wilhelm, Ver MEYE.
Meyer, M.A., Ver MEY.
Michols, R., Ver MICH.
Micklem, N., Ver MIC.
Millard, A.R., Ver MILL.
Miller, J.L., Ver MIL.
Mitton, C., Ver MIT.
Moffatt, J., Ver MO.
Mondolfo, R., Ver SOC.
Montefiore, C.G., Ver CEM.
Montefiore, Ver MONTE.
Montet, P., Ver PM.
Montgomery, J., Ver JM.
Montgomery, J.A., Ver MON e MONT.
Moody, Raymond, A., Ver MOO.
Moore, G.E., Ver MR.
Moore, G.F., Ver MOR.
Morgan, G., Campbell, Ver MORN.
Mornschuh, M., Ver MH.
Moule, C.F.D., Ver MOU.
Moulton e Milligan, Ver MST.
Mourant, John A., Ver MOUR.
Muller, R., Ver SB.
Murray, Gilbert, MUR.
Murray, H.J.C., Ver MU.
Myers, F.W.H., Ver MY.
Nairne, A., Ver NAI.
Napier, B.P., Ver NAP.
Nash, Arnoid S., Ver NAS.
Navarra, Fernand, Ver NA.
Nelson, Leonard, Ver N.
Neve, Juergen L., Ver NE(2).
Newberry, Thomas, Ver NB.
Newell, William R., Ver NE(1).
Nichols, James, Ver AJ.
Nicoll, W. Robertson, Ver EGT e EX.
Nida, Eugene, Ver NI.
Niebuhr, H. Richard, Ver NIE.
Nilson, P., Ver NIL.
Nock, A.D., NOK.
Noth, M., NO.
Oates, W.J., Ver OA.
O'Callaghan, R.T., Ver OC.
Odeberg, Hugo, Ver OD.
Oehler, G.F., OE(2).
Oestborn, Ver OES.
Oesterley, W.O.E., Ver OE(1).
Ogden, Schubert M., Ver OG(1).
Ogg, G., OG(2).
Olmstead, A.T., Ver OLM e OLMS.
Oppenheim, A.L., Ver OP.
Orni, E., Ver OR.
Orr, J., Ver ORE.
Orr, James, Ver ORR.
Osis, K., Ver OSI.
Ostrander, Sheila, Ver SL.
Padovani, Humberto, Ver PAD.
Pallis, E.H., Ver PAL.
Parrot, A., Ver PAR.
Pastor, Ludwig von, Baron, Ver PAS.
Paterson, J., Ver PAT.
Pauck, Wilhelm, Ver PAU.

BIBLIOGRAFIA

Payne, Barton, Ver PAY(2).
Payne, J.B., Ver PAY(1).
Pederson, J., Ver JP e PED.
Peak, A.S., Ver PEA.
Peeters, Evangeles, Ver PE.
Pelikan, J., Ver PEL.
Perowne, S., Ver PER.
Petavel, E., Ver PETA.
Peters, P.W., Ver PT.
Petrie, F., Ver PET.
Petrie, W.F., Ver PETR.
Pfeiffer, C.F., Ver PFE.
Pfeiffer, Robert H., Ver PF.
Pike, Royston, Ver ERR.
Piper, O., Ver O.
Philipson, D., Ver PHIL.
Philo, Ver PHI.
Plummer, Alfred, Ver I.
Poebl, Arno, Ver POE.
Pommerenke, C.H., Ver PO.
Porter, Frank E., Ver POR.
Prat, F., Ver PR.
Pritchard, J.B., Ver ANEP, ANET e PRI.
Pusey, E.F., Ver PU.
Quaston, J., Ver JQ.
Quell, Gottfried, Ver QS.
Rader, Melvin, Ver ES.
Rahner, Karl, Ver R.
Ramsay, M., Ver RAM.
Ramm, B., Ver RAMM.
Randall, John Herman, Ver RAND.
Randall, John L., Ver RAN.
Read, H.H., Ver REA.
Reed, W.L., Ver RE.
Reese, W.L., Ver P.
Regush, Nicholas M., Ver REG.
Reider, J., Ver REI.
Reifenberg, A., Ver REIF.
Reis, J.K.S., Ver REIS.
Rentz, G., Ver REN.
Reu, M., Ver REU.
Rhine, J.B., Ver RH.
Richardson, Alan, Ver AR, C, RI e W.
Richardson, Cyril Charles, Ver CY.
Richardson, E.C., Ver RIC.
Ridderbos, H., Ver RID.
Ring, Kenneth, Ver RIN.
Roberts, B.J., Ver BJR.
Roberts, Donalson, Ver ANF.
Robertson, A.T., Ver RO.
Robertson, H.W., Ver ROB.
Robinson, C.A., Ver BOT.
Robinson, J., Ver ROBINS.
Robinson, S., Ver ROBIN.
Robinson, T., Ver ROB(2).
Rose, Herbert, J., Ver ROS.
Ross, Sr. David, Ver DR(2).
Roth, C., Ver ROT.
Rouse, Ruth, Ver ROU.
Rouse, W.H.D., Ver DP.
Routley, Eric, Ver ROUT.
Rowe, L.A., Ver ROWE.
Rowley, H.H., Ver ROW.
Runes, Dagobert, D., Ver RUN.
Russell, Bertrand, Ver RUS.
Russell, D.S., Ver RU.
Rynne, Xavier, Ver RY.
Ryrie, C., Ver RYR.
Sabom, Michael, SA.
Sachs, K., Ver SAC.
Saggs, H.W.F., Ver SAG.
Sahakian, William, Ver RP.
Salmond, S.D.F., Ver SAL.
Samuel, H.E., Ver SAM.
Sansoni, G.C., Ver GC.
Sauer, E., Ver SAU.
Saylork, Carlyle, Ver SP.
Schaff, Philip, Ver SCH.
Schoepes, Hans, Ver HS.
Schonfield, Hugh, Ver SCHO.
Schonmetzer, A., Ver DS.
Schulweis, Harold M., Ver BRON.
Schurer, E., Ver SH.
Schweitzer, Albert, Ver SCHW.
Scofield, C.I., Ver SCO.
Scurti, S.J., Ver SC.
Segal, J.B., Ver SEG.
Seiss, Joseph, Ver SE.
Seters, J., Ver SET.
Seyffert, Oskar, Ver OS.
Shaffer, Jerome A., Ver FE.
Sherman, Harold, Ver SHE.
Short, Rendel, Ver SHO.
Shrenk, G., Ver QS.
Shroeder, Lynn, Ver SL.
Shultz, S.J., Ver SHU(1).
Shut, R.J.H., Ver SHU(2).
Simons, J., Ver SI.
Simpson, E.K., Ver SIM.
Singer, C., Ver SIN.
Singer, Charles, Ver SHS.
Skeat, T.C., Ver SKE.
Smid, T., Ver SMID.
Smith, G., Ver GSM.
Smith, Huston, Ver HUS.
Smith, J.A., Ver DR(2) e SMI.
Smith, J.B., Ver SM.
Smith, T.V., Ver PS e TVS.
Smith, W.R., Ver SMIT.
Snaith, H.H., Ver SN.
Souter, A., Ver SO.
Speiser, G.A., Ver CS.
Spitzer, Walter, Ver SP.
Spanos, William V., Ver EXT.
Stainer, J., Ver STAI.
Stanley, Arthur Penrhyn, Ver STA.
Stanley, David M., Ver STAN.
Stendall, K., Ver STE.
Stibbs, A.M., Ver STI.
Stokes, W.L., Ver STO.
Stonehouse, N.B., Ver STONE.
Stonehouse, Paul, Ver STON.
Storr, C., Ver STOR.
Strack, H.L., Ver STRAC.
Strawson, W., Ver STRA.
Streeter, B.H., Ver STRE.
Striwe, Otto, Ver STR.
Strong, Augustus, Ver ST.
Strong, James, Ver STRO.
Suetonius, Ver SU.
Swete, H.B., Ver SW.
Tarn, William W., Ver TAR.
Taylor, C., Ver TAY.
Taylor, Richard, Ver MET.
Taylor, V., Ver TA.
Tcherikover, V., Ver TC.
Techenie, Ver TEC.
Tenny, M.C., Ver TE e Z.
Thackeray, H., Ver THA.
Thiel, A., Ver THI.
Thomas, C., Ver THU.
Thomas, D.R., Ver AOTS e AP.
Thomas, D.W., Ver THO.
Thompson, R.C., Ver THOM.
Thorndike, Lynn, Ver TL.
Tillich, Paul, Ver TIL.
Tischendorf, Constantinus, Ver TIS.
Titus, Eric Lane, Ver TI.
Tonybee, J., Ver TON.
Torbet, R.G., Ver TO.
Torrey, C.C., Ver TOR.
Torrey, R.A., Ver TOR(2).
Trawick, Buckner B., Ver TRA.
Tristan, H.B., Ver TR.
Turnball, Ralph G., Ver T.
Uhlhorn, G., Ver U.
Ullendorff, E., Ver UL.
Unger, Ver UN, UN(1952), UN(1957) e UNA.
Urmsoh, J.O., Ver EW.
Van Unnick, W.C., Ver UNN.
Vasilieve, Ver VAS.
Vaux, R., Ver VA.
Velikovsky, R.B.Y., Ver VE.
Vincent, A., Ver VI.
Vincent, Marvin R., Ver VIN.
Von Rad, Gerhard, Ver RA.
Vos, E., Ver VO.
Vriezen, S., Ver V.
Vriezen, Th.C., Ver VR.
Walker, G.P., Ver WALK.
Walker, W., Ver WAL.
Walker, Willinston, Ver WW(2).
Wallace, R.S., Ver WA(2) e WALL.
Warner, Rex, Ver AUG.
Watson, Thomas, Ver WAT.
Waxman, Meyer, WAX.
Weatherhead, L.D., Ver WEA.
Weber, M., Ver MW.
Webre, A.L., Ver WEB.
Weigall, A., Ver WEI(2).
Weiser, A., Ver WEI.
Westermach, E., Ver WEST.
Westerman, C., Ver WC.
Whale, J.S., Ver WH.
Whesluright, Philip, Ver WHE.
Whiston, W., Ver WHIS.
Whitcomb, J.C., Ver WHIT.
White, H.G.I., Ver WHI.
White, John, Ver WHI(2).
Whitehead, A.N., Ver WT.
Wiegard T., Ver WIE.
Wilkenhauser, A., Ver WIK.
Wilson, Colin, Ver CW.
Wilson, J.A., Ver WILS.
Wilson, R., Ver WI.
Wilson, R. Mcl., Ver RW.
Wirgman, A.T., Ver WIR.
Wiseman, J., Ver WIS.
Wood, J.A., Ver WOD.
Woolcombe, K., Ver LA.
Wooley, C.L., Ver WOO.
Wordsworth, Charles, Ver WORD.
Worrell, W., Ver WOR.
Woudstra, M.H., Ver WOU.
Wright, F., Ver WRIG.
Wright, G., Ver WRI.
Wright, George E., Ver WG.
Wycherley, Richard C., Ver WY.
Xavier-Leon-Dufour, Ver VT.
Yadin, Y., Ver YAD.
Yahudu, A.D., Ver YA.
Yates, Kyle, Ver YAT.
Yeivin, S., Ver YE.
Young, E.J., Ver IOT, Y e YO.
Zaehner, R.C., Ver ZAE.
Zeitlin, S., Ver ZE.
Zeller, Eduard, Ver ZEL.
Zeuner, F.E., Ver ZEU.
Zyl, A.H., Van, Ver ZY.

••• ••• •••



1. Formas Antigas

fenício (semítico), 1000 A.C. grego ocidental, 800 A.C. latino, 50 D.C.



2. Nos Manuscritos Gregos do Novo Testamento



3. Formas Modernas

A A a a **A A a a** *A a* A *A* a *a*

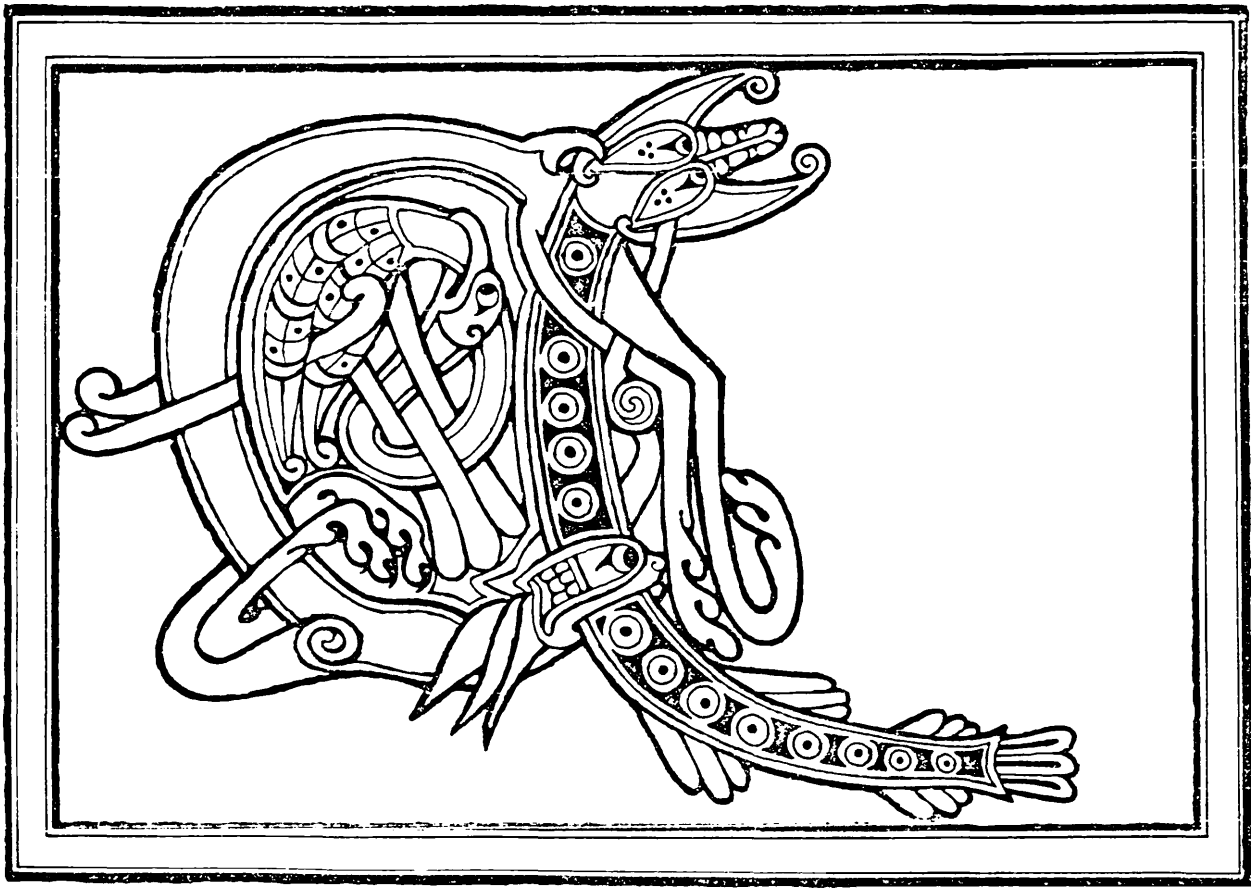
4. História

A é a primeira letra do alfabeto português. Originalmente, essa letra era consoante, nos alfabetos semíticos. No hebraico o seu nome era *'aleph*, «boi». V representava o boi, com os chifres apontando para cima. Mas, finalmente, a letra passou a ser desenhada com as pontas para baixo, o que explica a aparência do «A» moderno. Os eruditos pensam que essa letra foi tomada por empréstimo dos hieróglifos egípcios, do símbolo que representava o boi. O idioma grego não tinha uso para um *A* consonantal, tendo transformado essa letra em uma vogal. Como é óbvio, não havia similaridade de som entre o *'aleph* semítico e o *alpha* grego, o nome que os gregos deram a essa letra. Do alfabeto grego, o emblema passou para o latim, e daí para o português.

5. Usos e Símbolos

A é o nome da sexta nota musical, também chamada *lá*, na escala de Dó. Representa também o primeiro de uma série; algo de primeira qualidade. Pode indicar o começo de qualquer coisa. Nos sistemas de gradação, representa *excelente*. Cristo é o alfa e o ômega, o começo e o fim, o originador e o alvo final. Ver o artigo *Alfa e Ômega*. No português, apenas duas palavras consistem em um simples «a», a saber: o artigo definido feminino, *a*; e a preposição simples, *a* (também temos a preposição craseada, *à*, cuja forma masculina é ao). *A* é usado como símbolo do *Codex Alexandrinus*, que é descrito em um artigo separado sob *A*.

Caligrafia de Darrell Steven Champlin



Letra A decorativa, Evangelho de Lucas,
Livro de Kells

A

A

A primeira letra de quase todos os alfabetos. No hebraico chama-se *Alef* que significa *boi*. Essa letra é usada para designar o antiqüíssimo manuscrito *Codex Sinaiticus*. Ver o artigo sobre os *Manuscritos* da Bíblia. No antigo alfabeto fenício, essa letra era desenhada mais ou menos como a cabeça de um boi, daí o seu nome. (Plutarco, *Quest. Sympos.* ix:2; Genessi *Thesaur.* Heb. p. 1).

No alfabeto grego, a letra é chamada *Alfa*. Tem sido usada simbolicamente para indicar o Senhor, como o *Primeiro*, em combinação com *Ômega*, a última letra do alfabeto grego, para aludir à sua eternidade e divindade, Apoc. 1:11, 21:6, 22:13. Is. 44:6 usa-a para indicar a eternidade de Deus. Ver o artigo sobre o *Alfa e o Ômega*.

A letra *A* é usada para designar o antigo manuscrito *Codex Alexandrinus*. (A AL I ME)

AALAR

Em I Esdras 5:36, um lugar de onde vieram alguns judeus que se diziam sacerdotes, embora não pudessem provar sua linhagem, em razão do que também não podiam oficiar. Alguns têm identificado esse lugar com a Imer de Esd. 2:59 e Nee. 7:61.

AARÁ

No hebraico, *após o irmão*. Um filho de Benjamim (ver I Crô. 8:1). Em outros trechos bíblicos é chamado Eí (Gên. 46:21), Airã (Núm. 26:38) e Aer (I Crô. 7:12). (UN Z)

AARÃO

1. *Significado do nome*. Não há certeza quanto ao que esse nome quer dizer. Pelo menos desde os dias de Jerônimo, pensava-se que vem de um vocábulo hebraico que significa *monte de força*. Outros, porém, têm conjecturado *montanhista* ou *iluminador*. Visto que a própria Bíblia não nos dá explicação sobre o sentido desse nome, nenhum sentido especial tem sido vinculado ao mesmo. Somente Aarão, irmão de Moisés, tem esse nome na Bíblia inteira.

2. *Família*. Aarão foi o filho mais velho do levita Anrão e de Joquebede (Êxo. 6:20; Núm. 26:59). Era irmão de Moisés e Miriã, sendo três anos mais velho do que o legislador (Êxo. 7:7). Conjecturas situam seu nascimento em torno do ano 1725 A.C., que foi o ano anterior ao decreto de Faraó acerca da eliminação dos meninos hebreus. Os trechos de Êxo. 6:16-20 e I Crôn. 6:1-3 indicam que Aarão estava na terceira geração depois de Levi, pelo que teríamos Levi, Coate, Anrão, Aarão, embora as genealogias com freqüência fossem apenas representativas, e não completas. Seja como for, Aarão era levita por parte de seu pai e de sua mãe (Núm. 26:29). A esposa de Aarão foi Eliseba, irmã de Naassom, aparentemente o príncipe de Judá, que foi ancestral de Davi (Êxo. 6:23; Rute 4:20; I Crô. 2:10; Mat. 1:4). Aarão e Eliseba tiveram quatro filhos: Nadabe, Abiú, Eleazar e Itamar. Os dois mais velhos foram mortos pelo fogo caído do céu, por motivo de um ato de sacrilégio (Lev. 10:1 ss.). A classe dos sumos sacerdotes deriva-se dos outros dois filhos, em Israel (I Crô. 24:1 ss).

3. *Nomeação divina*. Moisés foi nomeado por Deus para tirar o povo de Israel do Egito. Deus também nomeou Aarão para ser assistente e porta-voz de Moisés, por ser mais eloqüente do que este (Êxo. 4:14-16; 7:1). O hebraico aqui é pitoresco. De Moisés é dito que ele era «pesado de boca e pesado de língua». E sobre Aarão declara-se: «Certamente ele pode falar».

Moisés foi instruído a deixar Midiã (onde estivera durante quarenta anos, aproximadamente de 1688 a 1648 A.C., preparando-se no deserto para a sua missão), a fim de retornar ao Egito. Encontrou-se com Aarão no monte Horebe, que para ali fora mandado por divina orientação (Êxo. 4:29-31). No dia seguinte, apresentaram-se a Faraó, e o grande drama teve início.

4. *Resistência de Faraó*. Faraó não deu crédito à mensagem, nem se deixou assustar por Moisés e Aarão, como embaixadores divinos. A princípio, expulsou-os de sua presença com opróbrio; intensificou os labores dos israelitas, para não serem infectados pelo desejo de liberdade. Então os dois irmãos enfrentaram a oposição do próprio povo de Israel, porquanto aumentara muito o peso das cargas e da opressão contra eles. Porém, os dois irmãos mantiveram-se firmes, reiterando o propósito divino, encorajando o povo a suportar a servidão e a buscar a liberdade (Êxo. 5).

Novos encontros com Faraó tiveram lugar, envolvendo espantosos milagres. Em todas essas entrevistas, Aarão usou sua eloqüência em favor dos escravizados hebreus (Êxo. 6-9). Mas Faraó, pensando no trabalho escravo sobre o qual se alicerçava a economia egípcia, não tinha intenção de dar atenção à mensagem dos «fanáticos» irmãos.

Ouvimos em seguida sobre Aarão quando o êxodo já era um sucesso. A narrativa de Êxo. 17:8 ss descreve o ataque dos amalequitas contra Israel. Ele e Hur seguraram as mãos de Moisés, a fim de que Israel prevalecesse em batalha.

Aarão, seus filhos sobreviventes e os setenta anciãos tiveram permissão de ver a glória do Senhor de longe, enquanto só Moisés pôde contemplá-la de perto (Êxo. 24:1,9,10). Isso, naturalmente, juntamente com o incidente do bezerro de ouro, demonstra a inferioridade da espiritualidade e da missão de Aarão, em contraste com Moisés.

5. *O sacerdócio*. Moisés recebeu as tábuas da lei no monte Sinai. Foi nessa ocasião que Aarão e os anciãos de Israel viram de longe a glória do Senhor (Êxo. 24:1-11). Foi então que o sacerdócio foi estabelecido. Aarão e seus filhos receberam esse ofício, e, subseqüentemente, a tribo inteira à qual pertencia Aarão, a tribo de Levi, tornou-se a casta sacerdotal e erudita (Lev. 8). O trecho de Sal. 133:2 traz o nome de Aarão como o primeiro sacerdote a ser designado.

6. *A impaciência produziu um lapso*. Moisés demorou-se por quarenta dias no monte. O povo se impacientou e exigiu que Aarão fabricasse deuses para eles adorarem, porque haviam desistido de Moisés (Êxo. 33:1 ss). Foram dissolvidos todos os tipos de objetos de ouro. Usando o material, Aarão fabricou um infame bezerro de ouro. O bezerro provavelmente representava o deus-boi, Ápis, de Mênfis, cuja adoração era comum no Egito inteiro. Tão pusilânime quanto o povo, Aarão proclamou o absurdo que aquele era o deus que tirara Israel do Egito. O incidente inteiro exibe a natureza primitiva da fé hebréia nesse estágio da história. Moisés foi informado acerca do lapso do povo (Êxo. 32:7). Imediatamente Moisés desceu o monte, trazendo consigo as tábuas da lei. Ao aproximar-se do acampamento, ele jogou as tábuas no solo, quebrando-as. Moisés exigiu arrependimento, e foi atendido.

7. *Arrependimento e consagração*. A princípio,

Aarão buscou justificar-se de seu lapso, mas então reconheceu a necessidade de arrependimento. Como sempre, Deus usou homens imperfeitos, pecaminosos, mas perdoados, a fim de ajudarem na realização de Sua obra. O tabernáculo foi erigido e as instituições foram estabelecidas. Aarão e seus filhos foram consagrados com óleo santo, e foram investidos com as vestes sagradas (Êxo. 40; Lev. 8). Porém, nem bem as cerimônias foram instituídas quando os dois filhos mais velhos de Aarão ousaram queimar incenso no tabernáculo com fogo estranho (Lev. 10:1-11). Por causa do sacrilégio, foram mortos pelo fogo divino. Assim Aarão perdeu seus dois filhos mais velhos. Mas sofreu a perda com magnanimidade.

8. *Longa fidelidade.* Aarão aplicou-se aos seus deveres por quase quarenta anos. Sim, teve problemas de ciúmes com Moisés, seu superior. Ele e sua irmã, Miriã, apoiando-se no fato de que Moisés casara-se em segundas núpcias com uma mulher cuxita, puseram em dúvida a autoridade do legislador. O provável problema de Miriã é que ela temia a perda de seu lugar de honra, agora que outra mulher fora trazida para o acampamento, que provavelmente estaria mais próxima de Moisés do que ela. Miriã foi castigada com lepra temporária, o que devolveu o bom senso a Aarão. Ele buscou e obteve o perdão para ambos (Núm. 12).

9. *Moisés e Aarão sob ataque.* O trecho de Núm. 16 mostra como Moisés e Aarão foram os alvos da rebelião encabeçada por Coré, Datã e Abirão. A praga enviada por Deus demonstrou o desprazer divino ante o incidente. A revolta envolvia a autoridade sacerdotal exercida por Aarão e seus filhos, e também a autoridade civil investida em Moisés. Coré, da tribo de Levi, e Datã e Abirão, da tribo de Rúben, queriam modificações radicais que resultariam na exaltação deles, quando poderiam exercer autoridade. A resultante luta pelo poder terminou mediante a praga, que Aarão (por ordens de Moisés) fez cessar, quando encheu um incensário com fogo tirado do altar, correu e «pôs-se em pé entre os mortos e os vivos» (Núm. 16:48). O incidente inteiro demonstrou ao povo que a autoridade constituída permaneceria. Foi dado um sinal adicional. Entre as varas dos diferentes filhos de Israel, somente a de Aarão floresceu (Núm. 17:8). Essa vara foi guardada na arca como testemunho contra qualquer rebelião futura. (Núm. 17:10).

10. *Fracasso.* Aarão não recebeu permissão para entrar na Terra Prometida em face de sua incredulidade (compartilhada por Moisés), manifestada quando a rocha foi ferida, em Meribá (Núm. 20:8-13).

11. *Morte.* Pouco depois desse fracasso, Aarão morreu, com 123 anos (Núm. 33:32). Por ordem de Deus, Aarão, seu filho Eleazar e Moisés subiram ao topo do monte Hor, à vista de todo o povo. Ali as vestes pontificiais foram transferidas para Eleazar, e, pouco depois, Aarão morreu (Núm. 20:23-29). Seu filho e seu irmão sepultaram-no em uma caverna da montanha. (Ver as notas sobre *Hor, Monte*). Houve lamentação por trinta dias por Aarão. Até hoje, no monte Abe, os judeus organizam uma cerimônia, comemorando a morte de Aarão. Os árabes apontam para o local tradicional de seu sepulcro, que seria em Petra. Naturalmente, a localização exata é desconhecida.

12. *Descendentes.* O trecho de Jos. 21:4,10,13 chama-os de «os filhos de Aarão». Eles formavam o sacerdócio em geral. Seus descendentes diretos foram os sumos sacerdotes, ofício limitado ao primogênito na sucessão. Nos dias de Davi, seus descendentes formavam um grupo muito numeroso (I Crô. 12:27).

13. *Caráter e lições espirituais de Aarão.* Ele foi um homem eloqüente, espiritualmente forte a longo prazo, mas com alguns lapsos sérios. Sua devoção era séria, embora ocasionalmente fosse vitimado por alguma súbita tentação.

14. *Símbolo.* Seu sumo sacerdócio foi designado para ser «sombra das realidades celestes», para conduzir a comunidade religiosa para coisas «melhores», quando um outro Sacerdote, da ordem de Melquisedeque, houvesse de aparecer, suplantando todos os sacerdócios anteriores. Esse Sacerdote foi Jesus Cristo (Heb. 6:20 e 7).

Como tipo de Cristo. 1. Como sumo sacerdote, oferecendo holocaustos, Heb. 8:1 ss. 2. Como o sacerdote que oferecia expiação ao entrar no Santo dos Santos, Heb. cap. 9; Jo. 17:3. 3. Ao ser ungido, passou a atuar como intercessor. Sua unção prefigurou o poder do Espírito Santo na vida de Cristo, e subseqüentemente, na vida de Seus irmãos, Rom. 8:14. 4. Ele transportava todos os nomes das tribos de Israel em seu peito e em seus ombros, assim representando a todos eles. Cristo é o Salvador universal (Efé. 1:10,23; João 3:16; 12:32). 5. Ele foi o mediador das mensagens divinas, utilizando-se dos místicos Urim e Tumim. Cristo é o nosso Mediador (Heb. 8:6 ss ; 9:15; I Tim. 2:5). (FA S Z)

AARÃO, A VARA DE

A vara de Aarão floresceu para vindicar a autoridade que recebera de Deus para ser o sumo sacerdote (Núm. 17:8). Um dos eventos mais importantes dos quarenta anos de peregrinação de Israel pelo deserto (Núm. 15:19), foi quando Coré e seus companheiros desafiaram a autoridade civil de Moisés e a posição sumo sacerdotal de Aarão (Núm. 16 e 17). Moisés requereu que as varas dos príncipes das tribos fossem postas «perante o Senhor na tenda do testemunho» (Núm. 17:7). No dia seguinte, a vara de Aarão havia florescido, mas as demais varas continuavam comuns. Esse era todo o testemunho necessário quanto à autoridade de Aarão. Então a vara foi posta diante da arca, no Santo dos Santos, para servir de contínua afirmação da instituição ordenada por Deus, em contradistinção às pretensões espirituais espúrias. Nos dias de Salomão, esse costume continuava sendo observado. Somente as tábuas da lei estavam dentro da arca (I Reis 8:9). É possível que posteriormente a própria vara tenha sido posta dentro da arca, conforme Heb. 9:4 talvez indique.

É provável que a vara em discussão fosse uma vara de pastor, que Moisés tivera, por ocasião de sua comissão (Êxo. 4:2), que se transformou em serpente. Isso serviu de sinal da autoridade de Moisés ao próprio Moisés, a Aarão, ao povo de Israel e a Faraó.

Referências e Idéias:

a. A vara era *de Deus* (Exo. 4:20; 17:9). b. A vara era de Moisés (Êxo. 4:17). c. A vara era de Aarão (Êxo. 7:14-20). d. A vara era usada, sendo estendida (Êxo. 8:5; 9:22,23). e. Tornou-se vara de provocação quando Moisés, que meramente deveria «falar à rocha» (Núm. 20:8), a fim de obter água, feriu a rocha por duas vezes (Núm. 20:11). Esse ato de presunção, que envolveu Moisés e Aarão, foi severamente punido, sendo essa uma das razões por que nenhum deles teve a permissão de entrar na Terra Prometida (Núm. 20:12). f. Com o nome de «vara de Deus», representava a autoridade divina investida em homens. Todo verdadeiro homem de Deus possui sua própria vara especial de ação. Algo é investido nele que pode transmitir o poder do Senhor aos homens,

para benefício deles. (FA S UN Z)

AAREL

No hebraico significa *irmão de Raquel*. A LXX diz «irmão de Recabe». Era filho de Harum, da tribo de Judá (ver I Crô. 4:8). (S)

AARONITAS

Eram os levitas da família de Aarão; os sacerdotes que serviam no santuário (Núm. 4:5 ss). Em Israel, o sacerdócio estava limitado aos filhos de Aarão (Êxo. 28:1; Lev. 1:3). Os dois filhos mais velhos de Aarão foram eliminados por pecado de sacrilégio (Lev. 10), pelo que todos os sacerdotes legítimos descendiam dos dois irmãos mais novos, Eleazar e Itamar. Nos dias de Davi, a tribo era muito numerosa, e ele a dividiu em vinte e quatro turnos (I Crô. 24:1-6), dezesseis da linhagem de Eleazar e oito da linhagem de Itamar. Após o exílio babilônico, cerca de quatro mil sacerdotes retornaram em companhia de Zorobabel, cerca de um décimo do total original. As reivindicações de outros ao sacerdócio foram repelidas (Esd. 2:62 ss), demonstrando que deviam conservar cuidadosos registros genealógicos, para garantir a pureza. Um sacerdote não podia ter qualquer defeito físico, pelo que nem todos os descendentes de Aarão estavam qualificados para ocupar o ofício sacerdotal. (ND S Z)

AASBAI

No hebraico, *florescência*, embora outros interpretem como *refugiei-me em Yahweh*. Era um maacatita, pai de Elifelete, um dos homens poderosos de Davi (ver II Sam. 23 e 24). Em I Crô. 11:35,36, em vez de Aasbai, lemos «Ur, Héfer». Parece ter havido uma corrupção textual em um desses dois lugares. (S)

AAVA

No hebraico, *água*, nome de um rio ou canal onde os exilados judeus reuniram sua segunda caravana, sob a liderança de Esdras, quando voltavam a Jerusalém. (Ver Esd. 8:21,31). Com base em Esd. 8:15, parece que recebeu o nome devido a uma cidade com o mesmo apelativo: «Ajuntei-os perto do rio que corre para Aava...» Porém, nenhuma cidade desse nome tem sido encontrada pelos arqueólogos. Os eruditos têm conjeturado que o rio Aava, ou Pelegue-Ava, é o Palacopas, um ribeiro que corre para o sul da Babilônia. Outros identificam-no com o rio Is de Herd. i:179, um rio que atravessava ao meio de uma aldeia do mesmo nome, atualmente chamada Hit. Porém, nada se sabe sobre essas questões com qualquer grau de certeza. (S Z)

AB

Vem de uma forma hebraica *Tisha b'Ab*. Um dia festivo dos judeus em comemoração à queda de Jerusalém e à destruição do templo pelos romanos em 70 D.C. Além do jejum, havia a abstenção de todas as atividades recreacionais e as observâncias religiosas nas sinagogas assumiam um aspecto austero, com a remoção de todos os ornamentos. Eram lidas as Lamentações. Ver o artigo sobre as *Festas* dos judeus. (E)

AB

Significa «pai». Usado em nomes hebraicos compostos, como Abner, «pai da luz», Abiézer, «pai da ajuda». Algumas vezes era usado em nomes femininos, como Abigail, «pai da alegria» (I Sam. 25:14). Nesse caso, a idéia de «pai» tem o sentido de autor, causa ou fonte originária. (E Z)

ABA

Essa palavra aparece por três vezes no N.T.: 1. Marcos 14:36, na oração de Jesus no Getsêmani; 2. Romanos 8:15, o nome de Deus no coração do crente; e 3. similarmente, em Gálatas 4:6. Sempre aparece na tradução grega, *ho pater*, «o pai». O termo em questão vem do aramaico, *abba*, e alguns eruditos pensam que tem a força de «meu pai». Parece que o vocábulo começou a ser usado em fórmulas litúrgicas desde bem cedo. A doutrina de que Deus é «pai» figura entre os mais elevados conceitos da fé religiosa. Dá a entender a eventual participação na natureza divina, por parte dos filhos de Deus, conforme se lê em II Ped. 1:4, e isso mediante a ligação com o Filho e a transformação em Sua imagem. Quanto a notas detalhadas sobre esses conceitos, ver «Aba, Pai», em Rom. 8:15, no NTI. Ver as notas sobre a salvação como filiação, em Rom. 8:29; 2 Cor. 3:18, no NTI (B NTI).

Forma Enfática e Definitiva

Forma aramaica da palavra hebraica que significa «papai». Tal palavra não ocorre no Antigo Testamento. Encontra-se no Novo Testamento no texto de três orações: Mar. 14:36; Rom. 8:15 e Gál. 4:6, sempre acompanhada por seu equivalente grego, «*pater*». Os dialetos aramaicos não têm o artigo definido na forma que se encontra no hebraico. Compensam isso adicionando uma sílaba ao fim do substantivo comum, asssim produzindo uma forma distintiva, chamada pelos gramáticos de *enfática* ou *definitiva*. Essa forma também podia ser usada como um vocativo, o que se dá com todas as ocorrências de «aba» no Novo Testamento. Em algumas das igrejas orientais (siríaca, cóptica e etíope), «aba» tornou-se o título dos bispos. O vocábulo era usado na antiguidade pelos filhos para se dirigirem a seus pais naturais, mas o título não podia ser usado por escravos ou servos da casa, quando se dirigiam àqueles homens. Ver Isa. 8:4: «Porque antes que o menino saiba dizer meu pai ou minha mãe...» No original, «pai» e «mãe» são traduções de *Abi* e *Immi*.

Usos neotestamentários: 1. Em Marcos, Jesus usou a palavra para dirigir-se ao Pai, em Sua agonia no Getsêmani. Embora a palavra não apareça em outros trechos dos evangelhos, é possível que ela esteja por detrás de «pater», em Mat. 11:26; 26:39,42. 2. O uso que Paulo faz da palavra, nas duas outras referências, provavelmente reflete um uso litúrgico da Igreja primitiva. No sentido supremo, Deus é o «aba». Esse termo veio a expressar a consciência dos homens sobre esse relacionamento especial. Filiação é óbvio, é um sinônimo virtual de «salvação», pois nosso destino é sermos transformados segundo a imagem do *Filho* (Rom. 8:29), tornando-nos assim filhos que estão sendo conduzidos «à glória» (Heb. 2:10). O silêncio quase total do Antigo Testamento acerca de Deus como *pai* tem feito os intérpretes perceberem um avanço na teologia do Novo Testamento, sobre esse particular, dentro do significado da salvação. (FA IB MTI S)

ABÃ

No hebraico quer dizer *irmão de um inteligente*.

Era filho de Abisur, da tribo de Judá (I Crô. 2:29). Foi o primeiro dos dois filhos de Abisur e Abiail a ser chamado por nome. O outro era Molide. Viveu em cerca de 1471 A.C. Nada mais se sabe acerca dele. (S)

ABADESSA

Superiora de um convento de doze freiras ou mais. Embora não goze da jurisdição própria dos abades, ela usa o crucifixo como símbolo de sua posição e um anel. O título aparece entre as beneditinas, as clarissas, e outras.

ABADIA

Um mosteiro independente e canonicamente erigido, que abriga pelo menos doze membros. O complexo de edifícios inclui um templo, um claustro, uma hospedaria, uma enfermaria, um refeitório, etc. Quando ocupada por monges, é dirigida por um abade, termo que vem do aramaico *abba*, pai. Aparentemente o primeiro a usar o termo nesse contexto foi Benedito, que aplicou o nome ao superior de um mosteiro. O ofício é eletivo, através de voto secreto dos membros da abadia. A autoridade da abadia geralmente se estende aos seus próprios membros, mas exerce influência sobre o clero e os leigos que vivem no território em redor da abadia. Após sua eleição, o abade recebe do bispo a bênção, a mitra, o crucifixo, o anel, a cruz peitoral e outros emblemas de ofício. (E)

ABADON

Nome dado a um anjo satânico em Apo. 9:11. Ele aparece como o rei de uma horda de gafanhotos-monstros sobrenaturais, enviados como uma praga contra a humanidade. O grego traduz o termo hebraico como *o destruidor*. A palavra hebraica aparece no A.T. indicando o sheol ou hades, e literalmente significa «destruição». Ver Sal. 88:12; Pro. 15:11; 27:20; Jó 26:6; 31:12. Ver nota no *Novo Testamento Interpretado*, de Russell N. Champlin, em Apo. 9:11, quanto a maiores detalhes. As interpretações variam desde a tentativa de identificar algum anjo específico até postular alguma significação simbólica. Alguns dizem simplesmente que Satanás está em pauta, mas a maioria dos intérpretes vê aqui um elevado poder diabólico que agirá sob o controle de Satanás. Mas outros vêem nessa passagem o anticristo ou algum outro vulto da história, como algum notável herege cristão, ou alguma poderosa força anticristã. (B NTI)

ABAGTA

Um dos sete eunucos da corte persa de Assuero (Est. 1:10), acerca de quem nada se sabe além do que está implícito nesse versículo. (UN)

ABANA

Nome de um dos rios aludidos por Naamã (II Reis 5:12), no qual poderia ter sido imerso em seu próprio país, e não em Israel, a fim de ficar curado de sua lepra. Uma variante no texto hebraico diz *Amana*. Esse é o nome da serra de onde desce o rio, e pode ter sido o nome original do rio, ou pode ser uma variante do nome, visto que o «b» e o «m» com freqüência são intercambiáveis nos idiomas orientais. A Septuaginta diz «Abana».

Há várias conjeturas sobre a identidade do atual rio que na antiguidade era chamado *Abana*. A mais comum é o *Barada*. Nasce nos montes de Antilíbano, e cruza a moderna cidade de Damasco. Oitenta quilômetros abaixo de Damasco, o rio desemboca em um lago raso. Podemos justificar Naamã por sua preferência, devido ao fato de que o Barado é constante e abundante em seu fluxo (a palavra Amana significa «perene»), ajudando a tornar as cercanias de Damasco uma das mais belas do mundo. Em comparação, os rios de Israel são pequenos, —e muitas vezes secam. Os gregos chamavam aquele rio de «correnteza dourada», porquanto transformava em verdadeiro oásis uma Damasco que de outro modo seria árida. (F A UM Z)

ABANDONO

1. Uma das idéias mais básicas do existencialismo ateu (segundo expresso por Sartre) é que, visto que Deus não existe, não pode haver objetividade alguma na vida, e nem valores finais que envolvam o homem ou a humanidade. Visto inexistirem tais valores, o homem se acha «abandonado». Portanto, ele deve tomar suas próprias decisões, aprendendo a distinguir entre o certo e o errado de um ponto de vista prático e experimental. O homem não dispõe de qualquer mão orientadora da qual possa depender, e deve assumir pessoalmente toda a responsabilidade. Ver *Existencialismo*. Contrastar com o conteúdo dos artigos sobre a *Redenção*, a *Imortalidade* e *Deus*.

2. No campo da ética, o termo tem sido usado para aludir à prática do infanticídio, mediante abandono e exposição às intempéries, ou à negligência quanto aos aleijados e à expulsão dos idosos e enfermos da vida comunitária.

3. O termo também pode referir-se ao próprio senso de abandono, derivado da ausência de fé, do temor da morte e do senso de impotência, em um Universo que aparentemente está fora de controle e é fútil. Esse conceito é o que mais se aproxima da primeira significação.

4. Positivamente, a palavra pode referir-se à abnegação ou *sacrifício* pelo próximo. O supremo exemplo é a dedicação de Cristo à Sua missão, sob a vontade do Pai. Ver as notas no NTI em Fil. 2:5-8, que expandem em muito esse tema. (H NTI)

ABARIM

Forma plural do termo hebraico que significa «do outro lado» ou «além». Refere-se à cadeia montanhosa a suleste do mar Morto. Pisga, o pico mais alto do monte Nebo, faz parte dessa cadeia (Deu. 3:27; 32:49). Houve tempo em que Israel acampou no local (Núm. 33:47,48). A cadeia do Abraim dá frente para o Mar Morto, mil e duzentos metros abaixo. Foi do monte Pisga que Moisés contemplou a Terra Prometida, imediatamente antes de sua morte. Nos tempos antigos, a cadeia se localizava no que se chamava Moabe, defronte de Jericó. Comparar Núm. 27:12; 33:47,48; Deut. 3:27. (ID UN Z)

ABATER

Verbo que no hebraico significa «fugir», «diminuir». Usado em Deu. 34:7 acerca das energias físicas de Moisés, as quais, apesar de seus 120 anos de idade, não se tinham «abatido». O mesmo termo é usado em relação ao rebaixamento das águas do dilúvio (Gên. 8:8), e em relação à ira dos efraimitas contra Gideão (Juí. 8:3).

ABATTACHIM

Termo hebraico que figura apenas em Núm. 11:5, onde os israelitas murmuradores disseram: «Lembramo-nos dos peixes que no Egito comíamos de graça; dos pepinos, dos melões...» Essa última palavra é que no hebraico é *abattachim*. No árabe, a palavra que significa «melão» é similar ao termo hebraico. Portanto, parece quase certo que a tradução tradicional dessa palavra é correta. (IB S)

ABDA

Vem de um termo hebraico que significa «servo», «escravo» ou «adorador» de Deus.

1. Pai de Adonirão, que foi um oficial que recolhia tributos, sob Salomão, I Reis 4:6.

2. Filho de Samua (Nee. 11:17), chamado Obadias em I Crô. 9:16 (444 A.C.).

A palavra pode ser uma forma abreviada de Obadias, a fim de eliminar a pronunciação do nome divino *Yah*. (FA UN)

ABDEEL

No hebraico, *disciplinado por Deus* ou *anelante por Deus*. Vem do árabe, *milagre de Deus* (?), mencionado nas genealogias de Abraão (ver Gên. 25:13; I Crô. 1:29) como o terceiro dos doze filhos de Ismael, neto de Abraão e Hagar, a egípcia. Nos registros assírios de Tiglate-Pileser, os descendentes de Abdeel são chamados Idibi ilu, uma tribo de beduínos arameus. (S Z)

ABDI

Vem de uma palavra hebraica que significa *meu servo*, como nome de três pessoas no Antigo Testamento:

1. Um levita ou merarita que viveu nos dias de Davi, ancestral de Etã, o cantor (I Cor. 6:44).

2. Pai de Quis, um merarita, durante o reinado de Ezequias (II Crô. 29:12).

3. Um dos filhos de Elão, que divorciou-se de sua esposa estrangeira, após o retorno do exílio babilônico (Esd. 10:26), em 459 A.C.

ABDIAS

Forma latina de Obadias, em algumas versões, em II Esd. 1:39.

ABDIAS, HISTÓRIA APOSTÓLICA DE

Coletânea de lendas latinas acerca dos doze apóstolos, incluindo Paulo. As fontes dessa obra são o Novo Testamento, a literatura pseudoclementina e um antigo Atos apócrifo. Parece datar do fim do século VI D.C. O prefácio afirma que Abdias, bispo da Babilônia, companheiro dos apóstolos Simão e Judas, escreveu a obra, e que ele mesmo fora testemunha ocular de Jesus e de suas realizações. Tudo isso não passa de fabricação, conforme é o mais provável. A obra está dividida em dez livros, cada um dos quais teria sido escrito por algum apóstolo. A obra tem valor por citar obras antigas, algumas das quais pereceram. Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos do Novo Testamento*, que ilustra e descreve esse tipo de atividade literária. (JF HEN Z)

ABDIEL

Vem de um vocábulo hebraico que significa servo de Deus (El). Era filho de Gemi e pai de Aí, um dos principais residentes gaditas em Gileade (I Crô. 5:15), entre 1093-782 A.C. Seu filho, Selemias, foi um dos nomeados para deterem Jeremias e Baruque, o escriba (Jer. 36:26), antes de 606 A.C. (FA S UN)

ABDON

Vem de uma palavra hebraica que significa «servo». Vários indivíduos e um lugar são assim designados.

1. Um filho de Hilel, da tribo de Efraim, o décimo segundo juiz de Israel. Sucedeu a Elom e governou Israel por oito anos (1233-1225 A.C.). Sua administração foi pacífica. Tudo quanto sabemos sobre ele é que tinha catorze filhos e trinta sobrinhos, montados em jumentinhos, um sinal da importância deles (Juí. 12:13-15). Morreu em 1225 A.C. Provavelmente é o Bedam de I Sam. 12:11, mas que em nossa versão portuguesa diz-se «Baraque».

Josefo escreveu sobre ele: «Está registrado que ele foi feliz com seus filhos; pois os negócios públicos eram tão seguros e pacíficos, que ele não teve oportunidade de realizar atos gloriosos» (*Ant.* v. 7,15). Pratim, onde ele vivia, tem sido identificada com a moderna Ferata, a dez quilômetros a oeste de Siquém de Nablus.

2. Primogênito de Jeiel e Maaca, da tribo de Benjamim, residente de Jerusalém (II Crô. 8:30 e 9:36), onde temos a genealogia de Saul.

3. Filho de Mica, contemporâneo de Josias (II Crô. 34:20), 628 A.C. Em II Reis 22:12 ele é chamado Acbor.

4. Filho de Sasaque e chefe benjamita de Jerusalém (I Crô. 8:23), 624 A.C.

5. Uma importante cidade da tribo de Aser, dada aos levitas da família de Gérson (Jos. 21:30; I Crô. 6:74). Em alguns manuscritos, o mesmo lugar é mencionado em Jos. 19:29, talvez idêntico a Hebrom. Talvez ocupasse o sítio da moderna Khirbet Abdah, a vinte e quatro quilômetros ao sul de Tiro. (FA S).

ABDUÇÃO

Vem do latim *ab* (para longe) e *ducere* (levar).

1. Para Aristóteles, abdução é um silogismo no qual a premissa maior é veraz, mas a premissa menor é apenas provável.

2. Para C.S. Peirce, o termo é usado para indicar a formulação criativa de novas hipóteses estatísticas que explicam um dado conjunto de fatos.

3. Como termo legal, a palavra é usada para indicar o ato de levar ilegalmente uma pessoa, geralmente à força ou por fraude. Na ética, o termo significa a violação do direito de autodeterminação e de liberdade pessoal que Deus deu a outrem. O exemplo mais óbvio desse fato é a escravidão - a qual pode assumir muitas formas, como a prática de muitos empregadores que forçam seus empregados a trabalharem por um baixo salário. Também são culpados desse erro, pelo menos em algum grau, aqueles que não são generosos ou que se mostram desonestos em seus negócios.

ABE

Esse era o nome do quinto mês eclesiástico e do décimo primeiro mês civil do povo hebreu. A própria palavra não aparece nas Escrituras, sendo substituída pelo termo «quinto» mês (Núm. 33:38). O termo é de origem caldaica, tendo sido introduzida no vocabulá-

rio hebreu após o cativeiro babilônico. Começava com a lua nova e corresponde mais ou menos aos nossos meses de julho e agosto. Quanto a detalhes, ver *Calendário*. (E S)

ABECEDARIANOS

Uma seita extrema da Reforma que rejeitava todo estudo e erudição, negando-se mesmo a aprender a ler e a escrever. Diziam que o Espírito Santo é tudo que se faz necessário. Seu nome vem do abecedário que rejeitavam. (B)

ABEDE-NEGO

Vem de um nome caldaico que provavelmente significa «servo de Nego (Nebo)», com quem alguns eruditos identificam Mercúrio, intérprete ou mensageiro dos deuses. Outros sugerem que o nome vem de Arad-Ishtar, que significa «servo de Istar» (segundo diz o ISBE). Esse foi o nome dado por um oficial do rei da Babilônia a Azarias, um dos três companheiros de Daniel. Juntamente com seus dois amigos, Sadraque e Mesaque, foi miraculosamente livrado da fornalha, onde foram lançados por terem se recusado a adorar a estátua de ouro que Nabucodonosor mandara erigir na planície de Dura (Dan. 3). A identificação desse homem com Esdras é improvável, visto que este último era sacerdote da tribo de Levi (Esd. 7:5), ao passo que Azarias era de sangue real, e portanto, da tribo de Judá (Dan. 1:3-6). Viveu em cerca de 600 A.C. Antes de sua grande provação, foi oficial de uma província babilônica. Foi deposto por haver-se recusado a participar da idolatria, e depois passou por seu grande teste. (S UN Z)

ABEGARO (ABAGARO)

Abegaro e as Epístolas de Cristo datam de algum tempo antes de 260 D.C. Rei de Edessa e do distrito de Osroene; o décimo sétimo dos vinte monarcas desse nome e contemporâneo de Cristo. O nome não ocorre na Bíblia, embora seja celebrado na história eclesiástica por causa da suposta correspondência trocada entre ele e Cristo. A lenda diz que Abegaro escreveu a Jesus, solicitando dEle que viesse curá-lo da lepra. Jesus teria respondido que Ele mesmo não poderia fazer a viagem, mas que enviaria um de Seus apóstolos. E teria enviado Tadeu, ainda segundo a mesma fonte. O relato envolve duas cartas, que ocupam lugar dentro da literatura apócrifa do Novo Testamento. Eusébio, *Hist.* I.13 (onde estão contidas essas cartas), afirma tê-las traduzido de documentos sórios, localizados nos arquivos de Edessa. Eusébio (segundo Quasten) igualmente teria conhecimento dos Atos de Tadeu, em grego (Lipsius, *Acta apos apocry*. I.273 ss), mas a verdade da questão parece ser que ele somente escreveu a narrativa.

A lenda espalhou-se sob várias formas e em diversos idiomas. Encontra-se no *Doctrine Addaei* siríaco, em Agostinho (*Contra Faustum* 28:4) e em Jerônimo (em Ezech. 44:29). Abegaro V de Edessa foi um personagem histórico contemporâneo de Jesus, mas a lenda era desconhecida antes da época de Eusébio, sendo uma evidente fabricação. (JQ)

ABEL

Vem de um termo hebraico que significa *respiração*. Mas a etimologia é incerta, e outros sentidos têm sido sugeridos, como «vapor», «fragilidade» e «filho». É possível que esse nome esteja associado ao termo acadiano *aplu*, «filho», ou ao sumeriano *ibila*, «filho».

1. *História da família*. Era o segundo filho de Adão e Eva, talvez gêmeo de Caim (Gên. 4:1,2). Foi instruído na adoração ao Criador e trabalhava como pastor. Seu irmão, Caim, era agricultor. Devido a essas circunstâncias, Abel ofereceu em sacrifício um animal, ao passo que Caim trouxe os frutos da terra (Gên. 4:3-5). O trecho de Heb. 11:4 mostra que Deus agradou-se do sacrifício de Abel, mas não do de Caim. Despertou-se-lhe a inveja, e segundo diz o texto samaritano, ele *convidou* Abel para o campo, onde o matou. O texto hebraico disponível silencia sobre o convite, embora registre o homicídio. Seja como for, é certo que o ato foi premeditado.

2. *Tradição judaica*. Segundo esta, Abel foi morto na planície de Damasco, e seu túmulo é ali mostrado aos turistas, perto da vila de Sinie ou Sineiah, acerca de dezenove quilômetros a noroeste de Damasco, na estrada para Baalbeque, embora tudo isso não passe de fantasia.

3. Interpretações simbólicas baseadas no nome «Abel». a. Se seu sentido é «filho», então o nome simplesmente assinala o fato de seu nascimento. Visto que Caim significa «possessão», esse foi o nome do primogênito, porque ele foi uma possessão significativa para seus pais. b. Se seu sentido é «fraqueza», «vaidade» ou «lamentação», seu nome predizia seu fim súbito e triste, tendo nele o primeiro quadro de um justo sob perseguição, fisicamente impotente perante um poder físico superior.

4. *Um nome de fé*. O trecho de Heb. 11:4 elogia Abel por sua fé, do que resultou um sacrifício superior. Seu nome figura no início da grande lista dos fiéis, tendo sido ele elogiado pelo próprio Senhor Jesus (Mat. 23:35). Presume-se que ele obedeceu a alguma ordem específica, acerca do sacrifício, que Caim ignorou, embora isso não seja declarado no Antigo Testamento.

5. *Simbolismo*. Abel tornou-se um tipo de Cristo porquanto ofereceu um sacrifício cruento, superior (Heb. 9:26; 10:12). Ele tipifica Cristo como o Messias e Servo sofredor, o Cordeiro de Deus (João 1:29; Isa. 53:7). Ele testifica sobre a necessidade de um sacrifício de sangue (Heb. 9:22; 11:4).

6. *Nos escritos dos pais da Igreja*. Crisóstomo chamou-o de tipo do Cordeiro de Deus, gravemente injustiçado, em vista de sua inocência (*Ad Stagir* ii.5). Agostinho chamou-o de «peregrino», porquanto foi morto antes de poder residir em qualquer cidade terrena, pelo que aguardava uma cidade celeste, onde pudesse habitar em justiça (*De Civitate Dei*, xv.1). Caim, por sua vez, fundou uma cidade terrena e ali habitou em meio à iniqüidade. Irineu observou sobre como Abel mostrou que os justos sofrem nas mãos dos ímpios, e como as virtudes dos justos são assim magnificadas. (*Contra Haeres*. iii.23)

7. Jesus referiu-se a Abel como o primeiro mártir (Mat. 23:35), conceito esse que teve prosseguimento na Igreja primitiva. Evidentemente, Jesus o considerava um personagem histórico. O sangue de Abel é contrastado com o sangue de Cristo, em Heb. 12:24 (IB ND S Z)

ABEL

Vem de um termo hebraico que significa *prado* ou *lugar de relva*. É usado como prefixo nos nomes de vários lugares,. por exemplo Abel-Sitim (prado das acácias), em Núm. 23:49; e o trecho de I Sm. 6:18 tem «o grande prado» (que em nossa versão portuguesa se traduz por «a grande pedra», seguindo a Septuaginta). Esse prado ou essa pedra estava localizada perto

de Bete-Semes, onde os filisteus puseram a arca, quando a devolveram a Israel. (S Z)

ABELARDO DE BATH

Escritor inglês do século XII sobre assuntos filosóficos, que transmitiu a erudição científica dos árabes ao ocidente. Sua obra principal foi *De Eoden et Diverso* (Sobre a Identidade e a Diferença). Ele argumentava que espécie e gênero não são afetados pelas características individualizantes. Um objeto do entendimento pode ser considerado como um individual ou como um universal, segundo sua doutrina da «indiferença». Não obstante, ele supunha que a perspectiva platônica era superior. Outros livros seus foram: *Sobre as Coisas da Natureza* e *Sobre as Questões da Natureza*. (AM F P)

ABELARDO, PEDRO

Teólogo e filósofo francês (1079-1142), conhecido na literatura romântica por causa de seu romance com Heloísa. Foi um dos maiores intelectuais da Idade Média. Ele nasceu em Palais ou Le Pallet, na Bretanha. Estudou com Roscelin e Guilherme de Champeaux, e sob famosos mestres da Escola de Chartres. Abriu várias escolas de filosofia e teologia, sobretudo em Paris, onde começou, em 1113, seu célebre mas infeliz relacionamento com Heloísa. Abelardo anelava assumir uma abordagem mais racionalista dos problemas teológicos. Sua primeira obra, sobre a *Divina Unidade e Trindade*, foi condenada como herética em Soissons, e foi queimada. Foi abade de São Gildas, em 1125, e conferenciou em Santa Genoveva, em Paris, de 1136 a 1139. Bernardo acusou-o de herege e ele foi condenado pelo concílio de Sens, em 1141. Finalmente, o papa Inocente II proibiu-o de continuar ensinando. Retirou-se para Cluny, onde permaneceu até à morte. Porém, sua paixão pela aplicação da razão à teologia atraiu muita atenção e ajudou a dar forma a um novo clima intelectual.

Idéias:

Abelardo desempenhou importante papel na controvérsia sobre os *universais* (ver o artigo). Assumiu posição anti-realista, especialmente censurando o realismo radical que supunha que só há dez objetos, a saber, as dez categorias aristotélicas (ver o artigo). Segundo essa posição, qualquer diferença, como entre uma rocha e um cavalo, por exemplo, seria apenas variações dentro de um único objeto. Abelardo salientou o absurdo da idéia asseverando que, nesse caso, *a mesma coisa* tinha, simultaneamente, qualidades contrárias. Também opunha-se à teoria da coleção, do realismo, segundo a qual o universal seria o conjunto de todos os objetos em questão. Assim, o homem universal é simplesmente *todos os homens*. Também combatia o *nominalismo* radical (ver o artigo). Roscelin cria que o universal é mero vocábulo, ou *flatus vocis*. A posição de Abelardo era o *conceitualismo* (ver o artigo): os universais são reais apenas como *conceitos* da mente humana.

Seu livro, *Sic et Non* (Sim e Não), foi uma coletânea de opiniões contraditórias dos padres, sob as principais questões da teologia e da filosofia, onde são abordadas cento e cinqüenta questões. Seu propósito era demonstrar que o indivíduo tem o direito de fazer suas próprias investigações e de meditar. Ele parecia promover o primado da razão sobre a fé, nesse seu método investigativo.

Em seu *Scito Te Ipsum* (Conhece-te a Ti Mesmo), procurou mostrar que o pecado implica tanto em conhecimento como em intuito de fazer o mal, pelo que reside na vontade. Sua abordagem forçou ajustes na doutrina do pecado original.

ABEL-BETE-MAACÁ

Vem do hebraico e significa «prado da casa da opressão» (ver II Sam. 20:14,15; I Reis 15:20; II Reis 15:29). Era uma localidade ao norte da Palestina, que modernamente se identifica com Abi-el-Qamh. Nos tempos antigos deve ter sido um lugar importante, próspero e fortificado, porquanto foi chamado de «uma mãe em Israel» (II Sam. 20:19). Foi assediado por Joabe, Ben-Hadade e Tiglate-Pileser (II Sam. 20:14; I Reis 15:20; II Reis 15:29). Seba estabeleceu-se ali, quando se revoltou contra Davi. Oitenta anos mais tarde, Ben-Hadade invadiu o lugar, e após duzentos anos, Tiglate-Pileser o conquistou, e enviou seus habitantes como cativos para a Assíria. (II Reis 15:29).

Descobertas arqueológicas têm aumentado nossos conhecimentos sobre o local. Uma coleção de textos de maldições, chamados Textos de Execração, pertencente ao século IX A.C., compostos no Egito, incluem uma alusão a esse lugar, juntamente com Ijom, Lais e Hazor. Figura na lista composta por Tutmés III sobre cento e dezenove aldeias cananéias, como a de número 92, soletrada *i-b-r*. Um texto fragmentar no tablete de Ninrode (deixado por Tiglate-Pileser) dá um relato sobre sua invasão nesse lugar, paralelo à narrativa de II Reis 15:29. Tal destruição foi apenas uma dentre uma longa série de conquistas. *Abi* foi declarada como cidade da fronteira entre Bete-Omri (Israel) e Bete-Hazel (Aram, Damasco). (Ver evidências das inscrições na obra do Dr. J. Wiseman, Iraq, xvii, 1956, 117 ss). (N D S Z)

ABEL-MEOLÁ

Vem do hebraico e tem o sentido de «prado da dança», supostamente uma aldeia próxima do rio Jordão, —cerca de dezesseis quilômetros (no dizer de Eusébio) ao sul de Bete-Seã ou Citópolis (I Reis 4:12). Alguns conjecturam que provavelmente não distava muito de onde desemboca o Wady el-Maleh, no vale do Jordão ou Aulon, onde está localizado o moderno Tell Abu Sifri, a oeste do Jordão, a meio-caminho entre o mar da Galiléia e o mar Morto. Um outro sítio possível é o Tell el-Mazlub, no Wadi el-Jabis (no dizer de AASOR xxv-xxviii, 1951, pág. 216). — É melhor conhecida devido à sua conexão com a vitória de Gideão sobre os midianitas (Juí. 7:22), e também como o local onde nasceu Eliseu (I Reis 19:16). Durante o reinado de Salomão, Abel-Meolá é mencionada como pertencente à área de Baaná (I Reis 4:12), um dos doze oficiais administradores dos distritos governamentais de Salomão.

ABEL-MIZRAIM

No hebraico significa «prado do Egito». Localização desconhecida. Esse era o nome da eira onde parou o cortejo de Jacó a caminho de Hebrom. Ali foram levados a efeito sete dias de lamentação (Gên. 50:10,11). A palavra hebraica «ebel» significa «luto», pelo que o nome poderia ser chamado de «prado do luto». O texto de Gênesis, acima mencionado, nos leva a entender que assim deveríamos interpretar o nome, embora haja um óbvio jogo de palavras aqui devido à similaridade dos vocábulos «abel» (prado) e

«ebel» (luto). O sentido real era «prado», mas o jogo de palavras faz o sentido ser «luto», devido às circunstâncias históricas envolvidas. O local era chamado de eira de Atade, antes dos cananeus darem-lhe o nome acima discutido. Ficava «além do Jordão», o que podia significar «na região de». Portanto, podia ficar no lado oriental ou ocidental do rio Jordão (S Z)

ABEL-NAIM

Nome alternativo de Abel-Bete-Maacá, encontrado em II Crô. 16:4, em relação às conquistas militares de Bene-Hadade. (FA)

ABEL-QUERAMIM

Vem de uma expressão hebraica que significa «prados» ou «vinhedos». Alguns eruditos pensam que seria uma aldeia amonita, cerca de dez quilômetros de Filadélfia ou Rabvate Amom, de acordo com Eusébio. Na época, o lugar ainda tinha vinhedos. Ver *Onomasticon* 32:15,16. Jefté perseguiu os amonitas até essa aldeia. Portanto, foi uma das vinte cidades amonitas que Jefté conquistou. Não se sabe o seu local exato. Ver Juí. 11:33.

ABEL-SITIM

No hebraico temos as palavras que significam «prado» e «acácias». Era o nome de uma aldeia nas planícies de Moabe, no lado oriental do Jordão onde entre essa e Bete-Jesimote houve o último acampamento dos israelitas naquela margem do rio Jordão (Núm. 33:49), antes de terem-no cruzado para entrar em Canaã. Os espias foram enviados daquele lugar (Jos. 2:1). Mais comumente era denominada apenas Sitim (Núm. 25:1; Jos. 2:11; Miq. 6:5). Eusébio afirma que ficava próxima ao monte Peor. No tempo de Josefo era conhecida como Abila, a sessenta estádios do Jordão (*Ant.* iv.81; v.1,1). O local é lembrado como o sítio onde Israel foi severamente punido, por ter sido seduzido a adorar Baal-Peor, quando se associaram aos moabitas e amonitas. Provavelmente é o moderno Tell Kefrein, a leste de Jericó, doze a catorze quilômetros a leste do rio Jordão (Buhl, *Geography*, pág. 116, 265). Até hoje as acácias ladeiam os terraços verdes do Jordão. Também têm sido aventadas outras localizações possíveis, como Tell el-Hammam e Wadi es-Sant (J.A. Bewer, *Joel*, ICC, 1912, pág. 142).

O trecho de Joel 3:18 fala sobre as águas vivificadoras que a região receberá no dia do Senhor. Essa é uma predição sobre as bênçãos e a prosperidade da era do reino, após a grande restauração de Israel. (FA ND S)

ABELHA

A palavra hebraica para abelha significa *ordeira*, podendo ser achada em Deu. 1:44; Juí. 14:8; Sal. 118:12 e Isa. 7:18. De acordo com a lei, era um inseto imundo (ver Lev. 11:23). O nome científico da família é *apidae*, e a abelha melífera é a *apis mellifica*. Todas as espécies são aladas, alimentando-se quase exclusivamente de néctar e de pólen das flores, em cuja atividade elas transportam o pólen fertilizador. A maioria das espécies compõe-se de indivíduos solitários, mas a abelha melífera forma uma sociedade altamente organizada. A abelha era a origem do elemento açucarador até o século XVIII, continuando a sê-lo até hoje, em muitos lugares. As passagens bíblicas sobre as abelhas sugerem o seguinte: 1. Em Juízes 14:8, se lê que as abelhas ocuparam a carcaça de um leão que Sansão havia matado, o que deu origem à idéia equivocada de que as abelhas eram geradas dos corpos mortos dos animais. Porém, tudo quanto está envolvido no episódio é o fato de que as abelhas usaram parte da estrutura óssea do leão morto, como o crânio, como lugar para construírem uma colméia. 2. Usualmente, porém, as abelhas buscam localizações naturais, como fendas nas rochas ou cavidades nos troncos das árvores. (Ver Deu. 32:13; Sal. 81:16). 3. As abelhas abundam no deserto da Judéia (ver Mat. 3:4). 4. Elas representam grande fúria, como se fosse o ataque de um numeroso inimigo (ver Deu. 1:44 e Sal. 118:12). 5. O mel de abelhas era muito procurado como alimento (ver Pro. 24:13; 25:16,17). 6. A vida das abelhas, e o mel por elas produzido, provêem várias lições morais: a. A mensagem espiritual pode ser doce, mas também pode tornar-se amarga, quando rejeitada (ver Eze. 3:1-3). b. As leis do Senhor são grandemente desejáveis, tão doces quanto o mel. c. As palavras agradáveis são como um favo de mel, uma doçura para a alma, e para a saúde da mesma (ver Pro. 16:24). d. Assoviando, o Senhor convoca as abelhas para julgar, um símbolo de inimigos invasores (ver Isa. 7:18). É corrente que alguns habitantes da Palestina podiam chamar as abelhas pelo assobio e é provável que isso esteja por detrás dessa idéia do versículo. e. As abelhas simbolizam a indústria e a frutificação, o que explica o nome feminino *Débora*, que significa abelha, quando as mulheres tinham tais qualidades (ver Gên. 35:8; Juí. 4). (FA HA UN Z)

ABENÇOAR

Vem do termo grego *eulogeo*, cujo sentido básico é de prosperidade e bondade, envolvendo a adoração a Deus como um ser bom, recebendo dEle favores e benfeitorias; salienta as idéias de *falar bem*, de *louvar*, de *exaltar*, em face dos benefícios recebidos.

1. Quando o homem bendiz: a. Ele louva ou exalta a Deus (ver Sal. 104:1); b. agradece pelas misericórdias recebidas (ver Sal. 16:7); c. deseja e invoca a felicidade para outras pessoas (ver Gên. 49); d. ora para que a bondade de Deus seja conferida a outras pessoas (ver Núm. 6:23,24); e. dá valor aos benefícios espirituais recebidos (ver Isa. 65:16; Jer. 4:2); f. expressa isso em uma saudação, desejando a outras pessoas paz e prosperidade (ver Sal. 129:8); g. ora em favor e fala favoravelmente acerca de outras pessoas (ver Luc. 6:28); h. mas tudo isso pode ser pervertido, pois um homem pode imaginar-se espiritualmente abençoado ao prosperar materialmente, ainda que possa ser espiritualmente pobre e materialmente rico (ver Deu. 29:19).

2. Quando Deus abençoa: a. Os que são abençoados recebem o favor divino (ver Gên. 24:48); b. Deus anuncia Seu favor e o confere (ver Gên. 27-29), através de líderes religiosos, como o chefe de uma família, ou os líderes do povo (ver Núm. 6:22-27), ou através de um rei (ver II Sam. 6:18), ou através de pactos firmados (ver Deu. 28:3-6).

3. Esse conceito era expresso através do vocábulo grego *makarios*. Esse indicava a *felicidade* dos deuses, dentro da literatura pagã, bem como a felicidade daqueles que haviam sido beneficiados mediante dons e avanços espirituais. Ver o artigo sobre as *bem-aventuranças*, quanto a maiores detalhes.

4. Responsabilidade de quem é abençoado. As bem-aventuranças, no Novo Testamento, antecedem a

chamada à obediência, a qual é desenvolvida nas muitas injunções do Sermão do Monte (Mat. 5 e 6). Paulo iniciava suas epístolas com uma bênção, a qual armava o palco para instruções sobre as responsabilidades espirituais e morais. (Ver Efé. 1:3-14).

ABES

No hebraico é um metal, «estanho», que alternativamente pode ser soletrado *ebez*. O nome designava uma aldeia de Issacar, supostamente perto da fronteira mencionada entre Quisiom e Remete (Jos. 19:20). O território de Issacar ocupava a maior parte da fértil planície de Esdrelom. Desconhece-se a localização exata de Ebes. (S)

ABGAR (ABGARUS) *e as Epístolas de Cristo.*

Ver o artigo sobre *Doctrina Addaei*.

ABHIDHARMAKOSA

Ver a Terminologia Budista.

ABHINIVESHA

Termo sânscrito que indica o amor à vida e o temor da morte, uma das cinco espécies de ilusões com as quais os homens se envolvem.

ABI

No hebraico, «pai de», que forma a primeira parte de diversos nomes próprios hebreus. O termo é usado exclusivamente para denotar o pai natural de alguém. Pode funcionar como sujeito, com alguma indicação explanatória, como «pai da abundância» (Abiatar), ou «Jah é pai» (Abias).

Abi era a mãe do rei Ezequias (II Reis 18:2), mas ela também é chamada de Abia (II Crô. 19:1). O nome do pai dela era Zacarias, talvez aquele que Isaías tomou como testemunha (Isa. 8:2). (S Z)

ABIAIL

No hebraico, «pai da luz» ou «esplendor». Há aqui uma variante que envolve uma letra, fazendo a palavra significar «pai da força». A diferença é entre Abiail e Abicail. Talvez Abiail envolva um erro pré-massorético, visto que uma nota naquele texto confirma a variante.

1. Mãe de Maalate, esposa de Reoboão, rei de Judá. Ela é chamada filha de Jerimote, filho de Davi (II Crô. 11:18), 972 A.C. Porém, visto que Davi já reinava há mais de oitenta anos antes do casamento dela, sem dúvida devemos entender que ela era apenas *descendente* de Eliabe. Uma ambigüidade no texto de II Crô. 11:18 tem levado alguns eruditos a verem essa mulher como a segunda esposa de Reoboão. O vs. 19, entretanto, parece indicar que ele só teve uma esposa.

2. Abiail, filho de Huri, um dos chefes de família da tribo de Gade, que se estabeleceu em Basã (I Crô. 5:14), entre 1093-782 A.C.

3. Pai de Zuriel, que foi o pai da tribo levítica de Merari (Núm. 3:25).

4. Pai da rainha Ester e irmão de Mordecai (Est. 2:15), 538 A.C.

5. Esposa de Abisur e mãe de Abã e Molide (I Crô. 2:29), consideravelmente antes de 1612 A.C.

ABI-ALBOM

No hebraico quer dizer «valente», «pai da força». Um dos heróis de Davi (II Sam. 23:31). Em uma passagem paralela ele é chamado Abiel (I Crô. 11:32). Provavelmente era natural de Bete-Arabá, uma aldeia fronteiriça entre Judá e Benjamim (Jos. 15:6,61; 18:22). (FA S)

ABIAS

No hebraico significa «de quem Deus é pai». Há versões que registram diversas variantes de seu nome, embora nossa versão portuguesa sempre registre o nome nessa forma. Essas variantes são: Abijam, I Reis 15:1 e Nee. 10:7. Abiah, em I Sam. 8:2. Abia em I Crô. 3:10; Mat. 1:7; Luc. 1:5.

1. Filho de Bequer, um dos filhos de Benjamim (I Crô. 7:8), após 1856 A.C.

2. Filha de Maquir e esposa de Hezrom (I Crô. 7:8), cerca de 1612 A.C.

3. Segundo filho de Samuel (I Sam. 8:2; I Crô. 6:28), cerca de 1093 A.C.

4. Filho de Jeroboão, primeiro rei de Israel. Foi afetado por perigosa enfermidade. Sua mãe disfarçou-se e visitou o profeta Aías, para saber se ele se recuperaria ou não. Aías disse que ele morreria, e que seria a única pessoa da família que teria um sepultamento honroso, sendo lamentado em Israel (I Reis 14:1-18). A razão do disfarce é que Deus havia rejeitado abertamente a Jeroboão. Seja como for, o disfarce foi inútil, porque o profeta soube da visita antes que a mesma ocorresse, por advertência divina. Em toda a casa de Jeroboão, somente Abias tinha alguma coisa que o Senhor Deus de Israel aprovou (I Reis 14:13). Cerca de 930 A.C.

5. Descendente de Eleazar, filho de Aarão. Foi cabeça do oitavo turno dos vinte e quatro turnos sacerdotais (I Crô. 24:10; Luc. 1:5). Cerca de 1014 A.C.

6. Em nossa versão portuguesa, esse personagem é chamado de «Abião», em I Reis 14:31, mas «Abias» em I Reis 15:1. A primeira dessas formas significa «pai do mar» ou «pai do ocidente», ou ainda «marinheiro». Era filho de Reoboão e neto de Salomão, e foi o segundo rei de Judá (I Crô. 3:10). Sucedeu a seu pai antes de 918 A.C. e reinou apenas por três anos de acordo com alguns eruditos entre 913 e 911 A.C. Lemos que ele andou em todos os pecados de seu pai (I Reis 15:3), e que fez guerra contra Jeroboão, rei de Israel. Porém, em II Crô. 13, ele é apresentado como alguém que zelava pela honra de Deus e pelo sacerdócio levítico. Os dois relatos parecem contraditórios. Talvez isso se deva às observações e opiniões de diferentes autores. Ou então o seu reinado foi marcado, de modo geral, por várias formas de iniqüidade, embora também assinalado por alguns breves períodos de piedade. Seu melhor momento foi quando da derrota de Jeroboão. Ele condenou o norte por sua apostasia e declarou que o próprio Deus defendera a causa de Judá, como seu grande «Capitão». A despeito da vantagem de dois para um, favorável ao norte, Abias saiu-se vitorioso e capturou Betel, Jesana e Efrom (II Crô. 13:19). Ele considerava a separação entre o norte e o sul como um ato de rebelião, e o seu conflito com o norte teve o propósito de reunificar os dois reinos.

Dificuldade vinculada à maternidade. Há uma dificuldade relativa à mãe de Abias. Em I Reis 15:2, lemos «sua mãe Maacá, filha de Abisalão». Mas em II Crô. 13:2, lemos: «Era o nome de sua mãe Micaías, filha de Uriel de Gibeá». Maacá e Micaías eram variações do mesmo nome; e Abisalão provavelmente é o mesmo Absalão, filho de Davi. A palavra hebraica

ban, traduzida por «filha», é aplicada na Bíblia não somente à filha de um homem, mas também a uma sobrinha, neta ou bisneta. Portanto, é provável que Uriel de Gibeá tenha se casado com Tamar, a linda filha de Absalão (II Sam. 14:27), da qual teve como filha Maacá, que era assim filha de Uriel e neta de Absalão.

Abias acumulou um total de catorze esposas, que lhe deram um total de vinte e dois filhos e dezesseis filhas (II Crô. 13:21).

7. Filha de Zacarias, esposa de Acaz e mãe de Ezequias, rei de Judá (II Crô. 29:1). Também era chamada Abi (sobre quem ver as notas), segundo lemos em II Reis 18:2.

8. Um dos sacerdotes que provavelmente assinou o pacto feito com Neemias (Nee. 10:7), em 410 A.C. Provavelmente retornou com Zorobabel da Babilônia, embora na época já fosse muito idoso (Nee. 12:4), em 536 A.C. Tinha um filho chamado Zicri (Nee. 12:17).

9. Alguns eruditos propõem um outro Abias, diferente do anterior, e que retornou da Babilônia com Zorobabel (Nee. 12:4). Na lista cronológica dos sacerdotes, que aparece em Nee. 12:10-21, Zicri é alistado como o descendente seguinte a governar a casa de Abias (12:17).

ABIASATE

No hebraico significa «pai da colheita», o mais jovem dos três filhos do levita Coré (Êxo. 6:24), após 1740 A.C. O termo pode aplicar-se a uma divisão dos levitas, descendentes de Coré. Em I Crônicas, Abiasafe é alistado entre os porteiros, embora seja incerta a identificação dos dois. Entre os descendentes notáveis figurava o profeta Samuel, filho de Elcana (I Sam. 1:1), e o cantor Haman. (ND Z)

ABIATAR

No hebraico, «pai da abundância». O homem desse nome foi o décimo terceiro sumo sacerdote dos judeus, e o quarto descendente de Eli. Quando o sumo sacerdote Abimeleque, pai de Abiatar, foi morto com os sacerdotes, em Nobe, por suspeita de parcialidade para com o fugitivo Davi, Abiatar escapou ao massacre, levando consigo a porção mais essencial das vestes sacerdotais.

1. *Como sumo sacerdote*. Davi o acolheu bem e o nomeou sacerdote de seu grupo, durante o seu período de exílio. Com freqüência era o mediador das mensagens divinas a Davi. Ao tornar-se rei de Judá, Davi nomeou Abiatar sumo sacerdote. Saul havia nomeado Zadoque como sumo sacerdote. A nomeação de Abiatar foi feita em harmonia com a divina sentença de deposição, decretada através de Samuel, sobre a casa de Eli (I Sam. 2:30-36). Quando Davi tornou-se rei de todo o povo de Israel, ele não tinha base para desmerecer a Zadoque. Por essa razão, permitiu que ambos, Abiatar e Zadoque, funcionassem como sumo sacerdotes (I Reis 4:4). Não somos informados como os deveres sumo sacerdotais foram divididos entre os dois.

2. *Deposição*. Abiatar tentou impedir Salomão de ficar com o trono de Davi, preferindo apoiar Adonias. Se não fossem os favores prestados a Davi, Abiatar poderia ter sido executado. Salomão meramente removeu-o do ofício sumo sacerdotal, banindo-o para Anatote (I Reis 2:26,27). Assim, a sucessão sumo sacerdotal foi confinada a Zadoque, da linhagem do filho mais velho de Aarão. Desse modo chegou ao fim o domínio da casa de Eli, sendo assim cumprida a profecia de I Sam. 2:31-35.

3. *Aparente discrepância*. Em Marcos 2:26 são descritas circunstâncias que teriam ocorrido nos dias de Abiatar, sumo sacerdote, mas que com base em I Sam. 21:1, teriam realmente ocorrido quando seu pai, Abimeleque, era o sumo sacerdote. Numerosas soluções têm sido oferecidas para essa dificuldade. Alguns sugerem: «...nos dias de Abiatar, que *depois* foi o sumo sacerdote». Mas isso abre uma outra dificuldade, originada da precisa referência oposta (II Sam. 8:17; I Crô. 18:16; 24:3,6,31): «...Abimeleque, *filho* de Abiatar...», como a pessoa que era sumo sacerdote, juntamente com Zadoque, e que foi deposta por Salomão; ao passo que a história descreve essa personagem como Abiatar, filho de Abimeleque. Uma sugestão que poderia remover *todas* essas dificuldades — embora dificilmente possa ser considerada plenamente satisfatória — é que tanto o pai quanto o filho tinham os dois nomes, Abimeleque e Abiatar, podendo ser chamados por um ou por outro desses nomes. Embora não fosse incomum que os judeus tivessem dois nomes, também *não* era incomum que um pai e seu filho tivessem um mesmo nome. Frente a tais dificuldades, alguns intérpretes têm pensado ser melhor deixar de lado a passagem de Mar. 2:26, conforme foi explicado acima, concluindo que as outras discrepâncias surgiram devido a alguma fácil e óbvia transposição de palavras, por parte dos copistas, perpetrada posteriormente. Os intérpretes que supõem que nenhum equívoco de cópia desse tipo poderia ter ocorrido, tentam promover a harmonia a qualquer preço, embora sacrificando a verdade da questão. A espiritualidade e a fé não são promovidas por esquemas dessa ordem. (ND S Z)

ABIDA

No hebraico, «pai do julgamento», ou «juiz». Era filho de Gideoni, príncipe de Benjamim (Núm. 1:11; 2:22; 10:25), 1210 A.C. Por ocasião da ereção do templo, sua contribuição caiu no nono dia (Núm. 7:60-65). Representou sua tribo como recenseador.

ABIDE

No hebraico significa «espiga». Esse era o mês da colheita do grão, ou o mês quando o cereal amadurecia. Correspondia mais ou menos aos nossos meses de março e abril, durante o tempo em que se observava a páscoa. Aparentemente, a palavra vem do termo cananeu mais antigo para o mês de nisã (Êxo. 13:4; 23:15; Deu. 16:1). Era costumeiro dar nomes aos meses do ano, através da observação das funções da natureza. Vários nomes cananeus aparecem entre as inscrições fenícias, embora o nome *abibe* até agora não tenha sido encontrado. Ver o artigo sobre o *calendário* (FA ND)

ABIEL

No hebraico significa «pai da força» ou «aquele cujo pai é Deus».

1. Pai de Quis, cujo filho Saul foi o primeiro rei de Israel, e de Ner (I Crô. 8:33; 9:39), cujo filho, Abner, foi capitão do exército de seu primo, Saul (I Sam. 9:1; 14:51), 1093 A.C. Alguns supõem que Jeiel, em I Crô. 8:29; 9:35, pai de Ner, seja o mesmo Abiel. Nesse caso, Abiel foi avô de Quis, e bisavô de Saul. Um elo na genealogia pode estar faltando, o que era ocorrência comum.

2. Abiel, um arbatita, um dos trinta mais distintos elementos da guarda pessoal de Davi (I Crô. 11:32), cerca de 1000 A.C. Também era chamado Abi Albom (II Sam. 23:31), nome que tem o mesmo sentido. (S Z)

ABIÉZER

No hebraico significa «pai da ajuda», *ajudador.*

1. O segundo dos três filhos de Hamolequete, irmão de Gileade, neto de Manassés (Núm. 26:30; I Crô. 7:18), 1170 A.C. Tornou-se o fundador do clã ao qual pertencia Gideão, que era conhecido por seu nome, os abiezritas (Juí . 6:34; 8:2; Jos. 17:2). Nos dias de Gideão, o clã tinha por sede, Ofra, a oeste do rio Jordão (Juí. 6:11,24). O nome Jezer (Núm. 26:30) é uma contração. Foi em Ofra que o anjo do Senhor apareceu a Gideão, e desse distrito ele convocou seus primeiros soldados, a fim de combater contra os midianitas (Juí. 6:34). Esse ato provocou a inveja de Efraim. Gideão, porém, abrandou-os, proferindo um provérbio: «Não são porventura os rabiscos de Efraim melhores do que a vindima de Abiézer?» (Juí. 8:2). O clã de Gideão aparentemente era um dos mais pobres de Manassés (Juí. 6:15).

2. Um nativo de Anatote, um dos trinta principais heróis de Davi (II Sam. 23:27; I Crô. 11:28). Anatote ficava a três quilômetros e pouco, ao norte de Jerusalém. Abiézer comandava o exército de Davi no nono mês (I Crô. 27:12). Certo número de comandantes se intercambiavam na liderança, em base mensal. (MD S)

ABIEZRITAS

No hebraico significa «pai dos ezritas», uma designação antiga dos descendentes de Abiézer (Juí. 6:2,4; 8:32). (S)

ABIGAIL

No hebraico quer dizer «pai da alegria» ou «exultação».

1. Esposa de um próspero criador de ovelhas, Nabal, que habitava em Maom, no distrito de Carmelo, a oeste do mar Morto (I Sam. 25:3; 27:3), 1000 A.C. Era conhecida por sua beleza física. Mostrou-se pronta e discreta nas medidas que tomou para afastar a indignação de Davi, violentamente excitado pelo tratamento insultante que seus mensageiros receberam da parte de Nabal, quando buscavam provisões. Apressadamente ela preparou um suprimento liberal de provisões, de que as tropas de Davi muito necessitavam, e saiu ao encontro dele com uns poucos servos à sua frente. Davi estava a caminho para exterminar Nabal e tudo quanto ele tinha. A ação de Abigail abrandou a ira de Davi, ao ponto dele ver que estava exagerando, e que poderia ter cometido grande injustiça. A beleza e a prudência de Abigail impressionaram de tal modo a Davi que, não muito tempo depois, quando Nabal falecera, ele mandou buscá-la para ser sua esposa (I Sam. 25:14-42). Dali por diante ela tornou-se sua companheira inseparável em todas as coisas, boas e más (I Sam. 27:3; 30:5; II Sam. 2:2). Acredita-se que eles tiveram dois filhos, Quileabe e Daniel, mas alguns estudiosos crêem que o Quileabe de II Sam. 3:2 é o mesmo Daniel de I Crô. 3:1.

2. Filha de Naás (Jessé) (filha de Naás, II Sam. 17:25, ou de Jessé, I Crô. 2:13-16), irmã de Davi, esposa de Jeter ou Itra, um ismaelita, e mãe de Amasa, 1008 A.C. Provavelmente era meia-irmã de Davi. Se Naás não é o mesmo Jessé, é possível que Jessé tenha se casado com a viúva de Naás. A maioria dos críticos modernos acredita que «Naás» é um erro escribal em lugar de Jessé. Pelo menos é certo que essa Abigail e Davi tiveram a mesma mãe (se não o mesmo pai). O filho de Abigail, Amasa, por algum tempo foi o comandante do exército de Davi (II Sam. 20:4). (UM Z)

ABI-JONAS

Em Eclesiástico 12:5, ele figura como personagem cujo nome significa «desejo». Ou então é alusão à «abionote», pequena fruta silvestre, da família do morango. Presumivelmente consumida como condimento e estimulante, ou seja, como afrodisíaco.

ABILA

Capital da Abilene de Lisânias (Luc. 3:1), e que deve ser distinguida de outros lugares com o mesmo nome, como Abila de Lisânias e Abila do Líbano. O sentido básico do apelativo parece ser «lugar de relva», ou «prado», derivado do hebraico *abel.* Também não é o mesmo local que Abel-Bete-Maacá, pois esta era cidade de Naftali, ao passo que Abila não o era.

1. *Tradição.* Uma antiga tradição faz de Abila o lugar onde Caim matou Abel, concordando com a suposição que Damasco fica no local do antigo jardim do Éden. Mui provavelmente, a tradição surgiu devido à similaridade dos nomes Abila e Abel. Um monumento, no cume de uma elevada colina, perto do manancial do rio Barrada, presumivelmente assinala o túmulo de Abel. Mas tudo não passa de fantasia. A lenda é tão fantástica que se diz que o comprimento do túmulo é de trinta metros, e que essa teria sido a altura de Abel.

2. *Localização.* Acha-se na estrada de Heliópolis (Baalbeque) a Damasco, entre as quais cidades -trinta e duas milhas romanas da primeira e dezoito da segunda — fica situada Abila, no itinerário de Antônio. Suas ruínas ainda são visíveis ao redor da aldeia de Es-Suk, a trinta e dois quilômetros de Damasco.

3. *Provas arqueológicas.* Mais ou menos à mesma distância a noroeste de Damasco, fica localizada Souk Wady Barrada, onde há inscrições que identificam o local com a Abila de Lisânias. Há algumas moedas desse lugar. Uma delas, no verso, estampa um grande cacho de uvas, sugerindo a abundância de vinhedos na região. Uma outra traz uma meia-figura do rio Barrada, com a inscrição: «Chrysoroas Claudiaion». No reverso há o nome «Leucadion», nome grego da cidade. Visto que Abila adicionou o nome de Cláudio aos seus outros apelativos (o que parece ser óbvio na moeda), podemos supor que a cidade revestia-se de alguma importância e magnitude. (FA S Z)

ABILENE

Ver Luc. 3:1. Era um pequeno distrito do território que derivava seu nome da cidade principal, Abila, acima descrita. Não se sabe quais os seus limites exatos, embora saiba-se que, para o norte, devia ultrapassar o Barrada Superior, a fim de incluir Abila, sendo possível que sua fronteira sul chegasse ao sopé do monte Hermom. Parece ter incluído as vertentes orientais do Antilíbano. Seja como for, era conhecida como linda e fértil região, bem arborizada e regada, com excelentes e amplas pastagens. Portanto, fazia contraste com as estéreis vertentes ocidentais das montanhas do Antilíbano.

Embora pequena, a região de Abilene obviamente tinha certa importância, o que é indicado na nota acima, sobre sua capital, Abila. Uma inscrição ali existente menciona a dedicação do templo ao «Senhor dos Senhores», provavelmente título aplicado a Tibério, 14-37 D.C. A dedicação foi feita por

«Lisânia, o tetrarca». Josefo alude a ele como tetrarca de Abilene, ao registrar que o imperador Gaio (Calígula), ao subir ao trono, em 37 D.C., concedeu a tetrarquia de Lisânia a Agripa (Josefo, *Ant.* xix,v.1; xx.vii.1). Esses detalhes mostram que Abilene tinha alguma importância para Roma.

Sua menção no Novo Testamento (Luc. 3:1), deve-se ao desejo de Lucas em «datar» o começo do ministério de João Batista, aludindo a certo número de governantes da época.

Aparente discrepância. Lucas atribui o governo de Abilene a Lisânias, na mesma época em que Josefo o dá a Filipe. Tem sido demonstrado que o território fora dividido e que, na realidade, tanto Lisânias quanto Filipe governaram Abilene, cada qual em sua porção. (S UN Z)

ABIMAEL

No hebraico quer dizer «o pai é Deus», ou então «pai de Mael». Foi um dos filhos de Joctã, na Arábia (Gên. 10:28; I Crô. 1:22), algum tempo depois de 2414 A.C. Foi o nono descendente de Joctã, descendente de Sem, ao qual se atribui a fundação de uma tribo árabe. (S Z)

ABIMELEQUE

No hebraico, «pai do rei», ou, talvez, «pai real» (Maleque é pai). Nome usado para indicar várias pessoas na Bíblia.

1. Nome do rei filisteu de Gerar, nos dias de Abraão (cerca de 2200 A.C.), referido em Gên. 21:1 ss. Porém, talvez se tratasse de um título distintivo para os governantes filisteus, como Faraó, no Egito, e não um nome pessoal. Esse homem, apaixonando-se pela esposa de Abraão (pois este dissera que Sara era sua irmã), resolveu tomá-la como esposa. Essa circunstância mostra-nos o grande poder dos antigos reis, que podiam fazer o que quisessem e com quem quisessem, incluindo as mulheres locais e as mulheres que porventura passassem pelo seu território. Ver esse costume implicado nos trechos de Gên. 12:15 e Est. 2:3. Mas Deus advertiu Abimeleque, e fez o que Abraão deveria ter feito, mostrando que, algumas vezes, a proteção divina é dada quando não a merecemos. Por qual motivo Sara não disse alguma coisa? A resposta é «por temor». O rei local podia fazer o que lhe agradasse com as mulheres de seu reino, mesmo que alguma mulher estivesse ali como estrangeira, casada ou solteira. Provavelmente Abraão apelou para uma mentira a fim de preservar a própria vida, dispondo-se a permitir que Sara fosse tomada pelo rei, se isso fosse necessário. Deus, revelando que Abraão era um Seu profeta, exigiu respeito da parte de Abimeleque; e este, além de devolvê-la ao marido, enviou-lhe presentes. Contudo, aproveitou o ensejo para repreender a Abraão com observações sarcásticas (Gên. 20:14,16). Por duas vezes Sara escapou de fazer parte de haréns reais. Alguns anos depois, os servos dos dois homens discordaram por causa de alguns poços, tendo sido firmado um pacto à beira do poço chamado Beerseba (fonte de sete ou do juramento), a fim de pôr fim ao conflito. (Ver Gên. 21:22-24).

2. Incidente similar ocorreu cerca de um século mais tarde, entre Isaque e um outro Abimeleque, de Gerar (Gên. 26:1-11). Isaque disse que Rebeca era sua irmã, e a história se repetiu, incluindo até mesmo a intervenção divina. Novamente houve uma disputa por causa de poços, cujo resultado foi um acordo (ver Gên. 26:17-32). Nesse relato, bem como naquele relativo a Abraão, aparece o nome Picol (Gên. 21:22 e 26:26). Por causa dessas similaridades, alguns eruditos têm pensado que as duas narrativas na realidade são duas versões do mesmo incidente, aplicadas a dois personagens diferentes. Não há uma maneira *clara* de resolver o problema. Abimeleque, apesar de ser inimigo natural de Isaque, procurou cultivar a sua amizade, por ver como Deus o fazia prosperar. (Ver Gên. 26:8-31).

3. Rei de Siquém, filho de Gideão por meio de uma concubina (ver Juí. 8:31). Isso envolveu um casamento matrilinear, segundo o qual a esposa vive na casa de seus pais, e os filhos ficam pertencendo ao clã materno. Após o falecimento de Gideão, esse homem procurou tornar-se rei, primeiro através dos chefes de seu clã, e mais tarde por aclamação popular. A fim de consolidar a sua autoridade, matou os setenta filhos de seu pai. Jotão, único sobrevivente do massacre, postou-se no monte Gerizim, com seus seguidores armados, e pronunciou sua famosa fábula de *rei-espinheiro*, que não tinha capacidade para governar. A fábula também predizia a destruição mútua de Abimeleque e de seus súbitos. (Ver Juí. 9:7-11).

Após três anos, houve uma revolta contra o cruel Abimeleque, tendo sido preparada uma emboscada para matá-lo, quando retornasse a Siquém. Mas o rei descobriu o conluio, e foi capaz de frustrar os sequemitas, destruindo a cidade de Siquém.

Em um ataque contra Tebes, cidade que distava cerca de vinte e um quilômetros de Siquém, para o nordeste, uma mulher, do alto da torre, deixou cair a pedra superior de um moinho em sua cabeça, deixando-o moribundo. A fim de que sua morte não fosse atribuída a uma mulher, ele rogou a seu armeiro que o matasse à espada, o que foi feito. (Ver Juí. 9:54).

4. Um sumo sacerdote dos dias de Davi (I Crô. 18:16), embora tenhamos ali um erro escribal em lugar de Aimeleque, filho de Abiatar, conforme se vê em II Sam. 8:17; I Crô. 24:6, a Septuaginta e doze manuscritos de I Crô. 18.16 (ND UN VT Z).

ABINADABE

No hebraico, «pai da generosidade», nome dado a diversas figuras bíblicas.

1. Um dos oito filhos de Jessé, e um dos três que seguiram a Saul, na guerra contra os filisteus (I Sam. 17:13). O incidente do desafio de Golias contra as tropas de Israel envolve o seu nome.

2. Um dos filhos de Saul que foi morto quando da batalha de Gilboa (I Sam. 31:2), em 1001 A.C. (Ver também I Sam. 31:2; I Crô. 8:33; 9:39; 10:2).

3. Um levita de Quiriate-Jearim, em cuja casa, localizada em uma colina, foi depositada a arca da aliança, depois que os filisteus a devolveram. Foi entregue aos cuidados de seu filho, Eleazar, tendo ficado ali por setenta anos, até que foi removida por Davi, em cerca de 1030 A.C. (I Sam. 7:1,2; II Sam. 6:3,4; I Crô. 13:7).

4. Pai de um dos doze oficiais nomeados por Salomão para proverem mantimentos, alternadamente, para o rei e sua corte (I Reis 5:1,2), em cerca de 1170 A.C. (DE S)

ABINOÃO

No hebraico, «pai da agradabilidade» ou «pai da graça», genitor de Baraque, o juiz (Juí. 4:6, 12; 5:1,

12), após 1170 A.C. Ele é mencionado na narrativa referente à vitória de Baraque sobre os cananeus, sob Jabim e Sísera, bem como no cântico de Débora e Baraque. (S Z)

ABIQUEILA Ver *Queila (Abiqueila)*

ABIRÃO

No hebraico, «pai da altura», ou «exaltado». Dois homens recebem esse nome, nas páginas da Bíblia:

1. Um dos chefes de família da tribo de Rúbem, o qual, juntamente com Natã e Om, pertencentes à mesma tribo, uniram-se a Coré, da tribo de Levi, em conspiração contra Aarão e Moisés (Núm. 16:1-7; 26:9; Deu. 11:6; Sal. 106:17), em cerca de 1620 A.C. A terra os engoliu vivos.

2. Filho mais velho de Hiel, de Betel (I Reis 16:34). Hiel reconstruiu Jericó durante o reinado de Acabe. A obra incluiu o lançamento dos alicerces, o que, em vários lugares da Palestina, era realizado em meio ao holocausto de crianças, embora não haja evidências absolutas do que sucedeu no caso relacionado a Hiel e Abirão. O trecho de I Reis 16:34 atribui a morte dos filhos de Hiel ao cumprimento da maldição de Josué, embora alguns interpretem que, na ocasião, Hiel sacrificou Abirão. O ponto continua em disputa.

ABISAGUE

Uma bela e jovem mulher sunamita, da tribo de Issacar, que foi escolhida pelos assessores de Davi para fazer parte do harém real a fim de ministrar pessoalmente a ele, em sua idade avançada. Parece que poderia ser encontrada outra solução de manter o idoso monarca aquecido, em vez de submeter a jovem àquela absurda situação. Mas, na época, as mulheres não tinham direitos reconhecidos, e coisas assim ridículas continuamente aconteciam com elas. (I Reis. 1:3,15). Após a morte de Davi, Adonias, filho mais velho dele, tentou obter permissão para casar-se com a mulher, mas Salomão mandou-o executar, supondo que a tentativa fazia parte de um plano para Adonias apossar-se do trono (ver I Reis 1:1-4; 2:13-25). Além disso, havia a questão da propriedade do possível casamento, porquanto a mulher fora esposa de seu pai, embora o matrimônio nunca se tivesse consumado. (DE FA S UN Z)

ABISAi

No hebraico quer dizer «pai dos presentes» ou, como alguns preferem, «pai de Jessé», embora o sentido do nome seja incerto. Era o filho mais velho de Zeruia, irmã de Davi, e irmão de Joabe e Asael (I Crô. 2:16). Foi um daqueles que se devotaram fielmente a Davi, durante sua peregrinação, quando era perseguido por Saul, antes de tornar-se rei. Abisai apresentou-se voluntariamente para ir com Davi ao centro do exército de Saul, que dormia. Poderia ter matado a Saul, se não tivesse sido restringido por Davi. Foi uma das duas pessoas que se atreveu a tanto (ver I Sam. 26:5-9). Quando Davi fugia de Absalão, para o outro lado do Jordão, novamente Abisai acompanhou o rei, tendo-lhe sido confiado o comando de uma das três divisões do exército que esmagou com êxito os rebeldes (ver I Sam. 18:2). Posteriormente, foi enviado pelo rei contra Seba, filho de Bicri (II Sam. 20:6-10), em cerca de 1049 A.C.

Quando Davi envelheceu, Abisai o salvou de morrer na batalha contra os filisteus, ao enfrentar o gigante Isbi-Benobe, que foi morto por Abisai. Ficou célebre devido a outros feitos de heroísmo, como quando enfrentou trezentos homens e os matou com sua lança. Sua história envolve violência e matança, e os homens louvam aos homens por causa desses feitos.

Sua posição exata, entre os heróis de Davi, não é clara. Aparentemente, ele não fazia parte dos três maiores (ver II Sam. 23:8,9,11), mas parece ter sido um dos mais proeminentes entre os demais heróis de Davi. As variantes textuais em II Sam. 23:18,19 e I Crô. 11:20,21 obscurecem o problema, o qual, para começar, não se reveste de grande importância. Também são desconhecidas as circunstâncias de sua morte, antes da luta entre Adonias e Salomão, visto que ele não é mencionado como partidário de um ou de outro. (FA S UN Z)

ABISALÃO

Avô de Maacá, esposa de Reoboão. A palavra «filha», em I Reis 15:2, provavelmente significa «neta», e a palavra «mãe» (ali e em I Reis 15:10), significa «avó». (Z)

ABISMO

No grego, *ábussos*, «sem fundo». Termo que figura por nove vezes: Luc. 8:31; Rom. 10:7; Apo. 9:1,2,11; 11:7; 17:8; 20:1,3. Segundo os antigos imaginavam, o abismo era uma fenda existente no interior do mundo, como parte do submundo ou hades (que vide), cujo fundo não podia ser sondado. Na LXX, o vocábulo grego aparece como tradução da palavra hebraica *tehom*, «abismo» (ver Sal. 135:6).

O termo grego assim traduzido é *abyssos*. Também traduzido por «abismo sem fundo». No grego clássico, a palavra é um adjetivo que significa «sem fundo» ou «sem limites». Na Septuaginta, a palavra é usada por cerca de trinta e cinco vezes, referindo-se ao fundo do mar, ou à habitação dos mortos (Eze. 31:15). No N.T., a palavra é usada para indicar a habitação dos demônios (Luc. 8:31), bem como o lugar de tormento (Apoc. 9:1), aparentemente como sinônimo de *hades*. Romanos 10:7 inclui o termo para indicar a habitação dos mortos. No Apocalipse, esse lugar tem um rei chamado «Destruidor». Em Apoc. 17:8, o anticristo surge de dentro do abismo, confirmando a antiga idéia judaica que o hades não é um lugar de residência permanente, de onde alguém pode sair. É interessante observarmos que o autor pensa que é possível alguém sair do hades, reencarnar-se e efetuar outra missão maligna. Ver os comentários em Apoc. 17:8, 10,11, no NTI, relativos a completas descrições sobre essas questões. Ver o artigo sobre *Hades*.

Antigas idéias cosmológicas. Alguns dos antigos, como os hebreus, os gregos, os romanos e vários povos orientais, supunham que a Terra flutuasse sobre águas sem fundo, estando sobre *o abismo*. A Terra estaria alicerçada sobre um abismo (Sal. 24:2; 136:6). Sob essas águas, ou no abismo propriamente dito, os espíritos maus dos mortos teriam sua residência final. Essa idéia foi modificada de tal modo que o *abismo* passou a ser concebido como se estivesse no interior do próprio globo terrestre, em uma espécie de caverna subterrânea, a grande cúpula do hades. Por essa razão fala-se no «submundo» como lugar dos espíritos perdidos, humanos ou demoníacos. Alguns cristãos até hoje concebem isso de forma bem literal. Mas, por certo o hades é um mundo espiritual, e os mundos espirituais, os lugares de habitação dos demônios, nada têm a ver com a geologia. O hades é uma dimensão espiritual, e não um local geológico.

De acordo com a cosmogonia semítica, a terra

flutuaria sobre um vasto lençol de água, que seria o manancial de todas as fontes e rios (Gên. 1:2; Sal. 24:2; 136:6). Esse oceano subterrâneo algumas vezes é descrito como «águas debaixo da terra» (Êxo. 20:4). Segundo o trecho de Jó. 41:32, o *tehom* é o habitat do leviatã. Interessante é observar que a LXX nunca usa o termo grego *ábussos* para traduzir *sheol*, o qual equivale ao *hades* do Novo Testamento (ver os artigos sobre o *sheol* e o *hades*). E isso quer dizer que o *tehom* nunca indica o «lugar dos mortos», que é o sentido ordinário de *sheol*. Portanto, não se deve confundir o abismo com o hades. O salmista usa a palavra *tehom* de maneira figurada, em Sal. 71:20, para indicar as dificuldades por ele experimentadas (cf. Jon. 2:5).

Quando chegamos ao Novo Testamento, a palavra grega *ábussos* indica o «lugar dos demônios». Segundo alguns estudiosos, pelo menos em Rom. 10:7, a palavra equivale ao *hades*. Todavia, Rom. 10:7 é citação de Deu. 30:13; e, nesta passagem, figura a palavra *yam*, «mar», e não a palavra *tehom*. Por conseguinte, permanece de pé a contenção que *tehom* não equivale ao *hades*.

O Novo Testamento distingue entre o *hades* e a *geena* (ver Apo. 20:14, onde se lê: «Então a morte e o *inferno* foram lançados para dentro do lago do fogo...», onde «inferno» corresponde ao original grego, «hades»), o que também nos permite concluir que o abismo não é a mesma coisa que *geena* ou lago do fogo. Antes, o abismo parece corresponder ao «Tártaro», referido em II Ped. 2:4, e que a nossa versão portuguesa, com muita dose de razão, traduz por «abismos de trevas». Em confirmação disso, vemos que os demônios, expulsos do endemoninhado geraseno, não queriam ir para o «abismo», seu lugar de castigo, segundo se lê em Lucas 8:31. Sumariando: *tehom* = abismo ou Tártaro; *sheol* = *hades*. A *geena*, um conceito tipicamente neotestamentário, corresponde a grosso modo ao «inferno», embora não exatamente, pois o inferno pertence às idéias latinas, e não hebréias ou gregas.

A cosmogonia bíblica é difícil de ser acompanhada, sobretudo em face do caráter evolutivo da revelação, que vai acrescentando, — à medida que avançamos na Bíblia. E o quadro complica-se mais ainda quando lemos as Escrituras sob a forma de traduções, que não são homogêneas e precisas. Ver os artigos sobre *Inferno*, *Hades*, *Geena* e *Lago do Fogo*.(B NTI S Z)

ABISSÍNIA

Ver Etiópia.

ABISUA

No hebraico, significa «pai da segurança», nome de dois personagens bíblicos:

1. Filho de Finéias e quarto sumo sacerdote dos judeus (I Crô. 6:4,5,50). Não se sabe exatamente quando ele começou a oficiar, mas isso evidentemente incluiu o período de servidão a Eglom, de Moabe. Alguns sugerem 1352-1302 A.C. como suas datas, mas outros falam em 1513-1463 A.C. Foi bisneto de Aarão. Foi chamado Abiézer por Josefo, *Ant.* v.12,5.

2. Um dos filhos de Bela, primogênito de Benjamim (I Crô. 8:4), após 1856 A.C. Alguns o identificam com Jeremote, em I Crô. 7:7. (DE FA S UN)

ABISUM

No livro apócrifo de I Esdras 1:2, figura como forma variante de Abisua, filho de Finces e pai de Bocas. (S Z)

ABISUR

No hebraico, «meu pai é um muro», um dos dois filhos de Samai, na lista genealógica de Jeremeel, da tribo de Judá. Sua esposa era Abiail. I Crô. 2:28,29. (FA S Z)

ABITAL

No hebraico, significa «pai do orvalho», isto é, *frescor*. Foi a quinta esposa de Davi (ver II Sam. 3:4; I Crô. 3:3), 1052 A.C. Era a mãe de Sefatias.

ABITUBE

No hebraico, «pai da bondade». Foi um benjamita, um dos dois filhos de Saaraim, de sua primeira esposa, Husim, uma moabita. Ele é incluído na genealogia de Benjamim (I Crô. 8:11).

ABIÚ

No hebraico, «de quem Deus é pai». Foi o segundo dos filhos de Aarão e Eliseba (Êxo. 6:23; Núm. 3:2; 26:60; I Crô. 6:3; 24:1). Juntamente com seus irmãos Nadabe, Eleazar e Itamar, Abiú foi separado e consagrado para o sacerdócio (Êxo. 28:1).

1. *Estabelecimento da adoração cerimonial.* Quando do estabelecimento da adoração cerimonial, as vítimas colocadas sobre o grande altar de bronze eram consumidas por fogo descido do céu. Foram dadas ordens para que esse fogo fosse mantido aceso, e que o incenso diariamente oferecido fosse queimado em incensários cheios de brasas tiradas do grande altar.

2. *Negligência fatal.* Certo dia, Nadabe e Abiú olvidaram dessa regra e ofereceram incenso em incensários cheios de fogo «estranho», isto é, fogo comum, e não daquele que fora mantido no fogo divino. Por causa disso foram instantaneamente mortos pelo fogo (relâmpago?) e assim foram violentamente tirados do ofício sacerdotal. Então foram retirados e sepultados com as vestes que traziam no momento, fora do acampamento (Lev. 10:1-11). Ver também Núm. 3:4; 26:61; I Crô. 24:2. Sem dúvida, esse foi um aviso severo para mostrar que a adoração instituída deveria ser cumprida exatamente conforme as instruções baixadas, incluindo os menores detalhes.

3. *O vinho proibido.* Pouco depois do incidente acima descrito, houve a proibição do uso de vinho pelos sacerdotes que tivessem de entrar no tabernáculo. Com base nessa circunstância, podemos depreender que Nadabe e Abiú estavam embriagados quando ofereceram o fogo «estranho». Não estavam impelidos pela presença do Espírito, mas pela força do vinho. Um dos símbolos do Espírito é o vinho.

4. *A linhagem sacerdotal continua através dos outros irmãos.* Nem Nadabe e nem Abiú tinham filhos (Núm. 3:4; I Crô. 24:2), pelo que a sucessão sacerdotal continuou através de seus irmãos mais novos.

5. *Simbolismo envolvido.* O ofício e o sacrifício único é indispensável a Cristo (cf. Heb. 7:22 ss ; 8:6; 9:28). (ID ND S)

ABIÚDE

No hebraico, «pai de renome» ou «pai da majestade».

1. Um dos dois filhos de Bela, filho de Benjamim (I Crô. 8:3), talvez também conhecido como Aiúde (I Crô. 8:7), depois de 1856 A.C.

2. Trineto de Zorobabel e pai de Eliaquim, na linhagem paterna de Jesus, em Mat. 1:13. Provavelmente deve ser identificado com Jodá, filho de Joanã e pai de José, na linhagem materna de Jesus (Luc. 3:26, se é que podemos fazer distinção entre a linhagem paterna e a linha materna de Jesus). Ele também pode ser identificado com Obadias, filho de Arnã e pai de Secanias mencionados em I Crô. 3:21, antes de 410 A.C. (ND S Z)

ABLUÇÃO

Na religião judaica havia quatro tipos de lavagem cerimonial. 1. A lavagem das mãos, não explicitamente requerida no A.T., embora inferida com base em Lev. 15:11. Nos dias do N.T., a prática torna-se generalizada e séria (Mar. 7:3; Mat. 15:2). A lavagem dos pés era uma prática similar. Há notas completas no NTI, sobre a lavagem das mãos em Mat. 15:2 e sobre a lavagem dos pés em João 13:5. 2. A segunda era a lavagem dos pés e das mãos, em preparação para o serviço sacerdotal (Êxo. 30:19; 40:31). O tabernáculo e o templo tinham uma bacia para esse fim. 3. A terceira é a imersão do corpo inteiro, que simboliza a purificação do homem inteiro, a fim de poder participar plenamente da adoração ao Senhor. Notemos os casos do sumo sacerdote, no dia da expiação (Lev. 16:24), de Aarão e seus filhos (Lev. 8:6) e dos leprosos ou daqueles que se tivessem maculado por causa de contatos proibidos (Lev. 14:8: 15:5-10; Núm. 19:19). Os prosélitos tinham que passar por essa ablução. Provavelmente, ela participa do pano de fundo do batismo cristão. 4. Também havia a lavagem de vasos, casas, vestes e outros itens usados para propósitos religiosos. Ver notas completas em Mar. 7:4, no NTI. Ver Lev. 14:52; 15:6-8; Êxo. 19:14.

Simbolismo. A preocupação com a pureza apropriada (santidade), de modo a estar isento de poluções do mundo, e assim poder aproximar-se do Deus Santo. No cristianismo, tudo isso é substituído por um coração limpo. Sem a santificação, ninguém verá a Deus. (Heb. 12:14). Como é óbvio, abusava-se das abluções na prática antiga, — quando os homens substituíam a substância da fé religiosa por alguma forma de sinal ou ato externo. Alguns queixavam-se que muitos rabinos tinham trocado o santuário pela cozinha, tão intenso era o espírito de lavagens e tantas eram as coisas que precisavam ser lavadas. (B IB NTI)

ABNER

No hebraico, «pai da luz» ou «iluminador». Filho de Ner, irmão de Quis, pai de Saul, e portanto, primo deste último. Tornou-se o comandante-em-chefe do exército de Saul (I Sam. 17:55; 20:25; I Crô. 26:28), em cerca de 1030 A.C.

1. *Associação com Saul.* Foi o comandante militar durante o reinado deste. Após a morte de Saul, defendeu a causa periclitante da casa de Saul. Tirou vantagem dos sentimentos contra Judá e contra Davi como rei, para promover seu próprio nome.

2. Não se candidatou ao trono, mas tomou Isbosete, filho sobrevivente de Saul, de pouca capacidade mental, para sentá-lo ao trono. Todas as tribos (excetuando apenas Judá) reconheceram-no como rei. Essa circunstância prosseguiu por algum tempo. Abner encontrou-se e lutou contra Joabe, general de Davi, em Gibeão, em uma das diversas batalhas em que os partidos contendores se mediram.

3. Em Gibeão, Abner foi derrotado e fugiu. Mas foi perseguido por Asael, irmão de Joabe; e foi morto por Abner (II Sam. 2:8-32). Isso deixou Abner como o único membro da casa de Saul que tinha capacidade de liderança. Uma discussão com Isbosete deixou-o indignado, e ele se dispôs a bandear-se para a causa de Davi.

4. Davi recebeu-o respeitosamente, e resolveu torná-lo chefe de seu exército. Mas Joabe, indignado diante da ameaça ao seu poder, vingou a morte de seu irmão, Asael. Então convidou Abner a um encontro amigável, mas matou-o à espada. Davi ordenou grande lamentação por Abner, o qual recebeu honras fúnebres (II Sam. 4:12). Todavia, Joabe, o vingador do sangue, escapou à punição (II Sam. 3:6-39).

5. O lamento de Davi, registrado em II Sam. 3:33, é significativo:

> Teria de morrer Abner como se fora um perverso?
> As tuas mãos não estavam atadas,
> Nem os teus pés carregados de grilhões;
> Caíste como os que caem diante dos filhos da maldade.

Abner foi sepultado em Hebrom, com a reputação de um herói e homem de caráter, tendo sido lamentado pelos poderosos. Os matadores são os heróis dos homens. (UN S Z)

ABÓBADA CELESTE

No hebraico temos uma palavra que significa faixa ou cúpula, mas que também pode indicar as algemas dos prisioneiros (ver Isa. 58:6), um bando de homens (II Sam. 2:25) ou a cúpula dos céus. Em Amós 9:6 indica os aposentos celestes — em português, «suas (de Deus) câmaras no céu».

ABOBOREIRA

Ver o artigo geral sobre o *reino vegetal.* No hebraico, a palavra em foco é *qiqayon* (ver Jon. 4:6-10), uma planta de crescimento muito rápido. Na Septuaginta é usada a *abóbora*, curcubita pepo, que faz parte da família dos colocíntidas. A planta era nativa da área do mar Cáspio. Foi introduzida na Assíria em alguma data desconhecida, mas antes da época de Jonas. Alguns pensam que a espécie vegetal em foco, no caso de Jonas seria a greco-egípcia *kiki*, nome hebraico similar ao daquele que é usado em Jonas. Essa seria a mamona, chamada também de palma christi. Seu nome científico é *Ricinus communis*. Essa também é uma planta de desenvolvimento rápido, capaz de atingir a altura de três metros. No relato de Jonas, porém, nenhuma explicação natural pode explicar a rapidez do crescimento daquela planta, pelo que preferimos pensar em um sinal divino.

As colocíntidas, no hebraico, *paqquah* («que abre-se pelo meio») (ver II Reis 4:39), foi a planta ingerida pelos filhos dos profetas. Essa planta produz um fruto que se assemelha à laranja, quanto ao tamanho e ao formato, embora tenha casca dura e uma polpa amarela, com manchas verdes e brancas. Assemelha-se um tanto ao melão, e pertence à mesma família. Tal planta era comum na Palestina. Também produzia uma substância usada como medicamento e catártico. Trata-se de uma erva ereta, com caule e ramos quebradiços.

Lição espiritual da planta de Jonas. Sua presença alegrou Jonas, devido à sombra projetada pela

mesma. Mas seu desaparecimento deixou-o irritado, visto que sua preciosa sombra lhe fora tirada. O contexto também sugere que Jonas teve dó da planta, por causa de sua breve vida e súbita morte. Seja como for, a planta era muito importante para ele, embora fosse apenas uma planta. No entanto, entristeceu-se porque Deus poupara Nínive e sua multidão de habitantes, dos quais *Deus* se condoera. Essa é uma excelente lição. Deus tem mais misericórdia dos homens do que os homens têm dos seus semelhantes. Podemos esperar mais da misericórdia de Deus do que a maioria dos homens espera. Essa é uma porção que nunca se ausenta da mensagem do evangelho, posto que é quase totalmente ignorada. Ver o artigo sobre a *restauração*. (ID ND S)

ABOMINAÇÃO

Quatro vocábulos hebraicos são assim traduzidos, e no N.T. grego, *bdelugma* é o veículo desse conceito.

Usos populares, não-religiosos. Os israelitas tinham aversão a certas pessoas e as excluíam de sua comunidade. Por sua vez, os egípcios tinham os israelitas como abomináveis. (Deu. 23:7). Uma pessoa podia ser rejeitada por causa de alguma enfermidade (Sal. 88:8) ou aflição (Jó 19:19). Certos animais ou alimentos em potencial eram evitados (Eze. 8:10; Isa. 66:17). Acima de tudo, era repelida a idolatria pagã. Assim, os termos hebraicos envolvidos refletiam tais usos, como *shegez* (carnes de animais proibidos); *shigguz* (ódio à idolatria); *piggul* (repugnância à carne sacrificial estragada). A mais comum dessas palavras, *to'ebah*, era usada para indicar qualquer tipo de abominação.

A abominação da idolatria. A idolatria repele a ordem própria das coisas e perverte a idéia da divindade, substituindo-a por uma variedade qualquer das simulações humanas, deixando de lado a adoração ao Deus único. Ver Deu. 17:4-5; II Reis 23:13; Dan. 9:27; 11:31; 12:11. A idolatria não apenas perverte a idéia de divindade, mas também é uma irresponsabilidade moral, porque, através dela, o homem é iludido acerca de quem ele tem responsabilidade. Outrossim, a prática da idolatria tem produzido muitas práticas desumanas, violentas e corruptas. A queixa de Jeremias (7:1-15) leva em conta as implicações morais da idolatria. Ezequiel lamentou a corrupção da vida nacional por causa das práticas idólatras, (7:3 ss ; 20:4 ss). As coisas especificamente mencionadas, nessa conexão, são o homossexualismo, o orgulho, a mentira, a violência contra os inocentes, o testemunho falso, a discórdia, etc., coisas essas que só deviam ser esperadas da parte dos pagãos, mas que também apareciam nas vidas dos chamados justos. (Ver Lev. 18:23). Os trechos de Deuteronômio 12:31 condena o sacrifício de crianças; 3:28-32, a desonestidade nos negócios; 6:16-19, a altivez, a mentira, o falso testemunho, a perturbação da ordem; 15:26, os pensamentos malignos; 17:15, a inversão da justiça. Em suma, todas as práticas estranhas à boa ética são abomináveis. (B WZ)

ABOMINÁVEL DA DESOLAÇÃO

Essa expressão se acha em Mat. 24:15 e Mar. 13:14. Sua origem está em Dan. 11:31 e 12:11. Poderia ser traduzida por «abominação que desola». Essas palavras foram aplicadas a Antíoco Epifânio, que erigiu um altar a Zeus, no altar de Yahweh. O relato encontra-se em I Mac. 1:54-64, e também em *Antiguidades* xii 5:4, de Josefo. Em cerca de 170 A.C., esse monarca selêucida perpetrou o que se considerou atrocidades contra os judeus e sua religião, mediante a poluição do templo de Jerusalém. Porém ele serviu apenas de tipo simbólico do grande anticristo que virá e que é um dos temas do N.T. (II Tess. 2:3. Ver a nota detalhada sobre o anticristo). O futuro anticristo aparecerá e assumirá o controle do templo, proclamar-se-á Deus, realizará muitas maravilhas falsas, controlará o mundo inteiro, afinal, por breve período. Ele será tão intensamente iníquo que só se poderá comparar ao próprio Satanás. Alguns acreditam que houve personagens de menor envergadura e que serviram de material para o conceito da *abominação da desolação*. Alguns acreditam que Marcos liga isso às circunstâncias da guerra dos judeus contra Roma. É verdade que ao tempo da destruição de Jerusalém, os romanos ofereceram sacrifícios às suas insígnias, postas diante da porta oriental do templo. Mas isso serviu de mero símbolo da blasfêmia maior que ainda jaz no futuro. Israel, afinal, lhe fará oposição e muito sofrerá por causa disso. Entretanto, o anticristo assumirá o controle do templo e obrigará o povo a adorá-lo ali, como se fosse Deus. Essa ação é justamente o «abominável da desolação». Fala de grande apostasia, a idolatria máxima.

Satanás será adorado em um homem, porque o anticristo será o filho do diabo, fazendo parte da trindade maligna (Satanás, o anticristo e o falso profeta). Essa será a idolatria máxima que Deus abominará. A tradição profética assegura-nos que chegará tempo quando o mal predominará violentamente sobre o mundo, quando o Espírito Santo se ausentará, exceto dos corações de um pequeno remanescente. O anticristo encabeçará essa revolta. Ver o artigo «Tradição Profética e a Nossa Época». (AI B NTI RO Z)

ABORDAGEM CIENTÍFICA À CRENÇA NA ALMA E EM SUA SOBREVIVÊNCIA ANTE A MORTE FÍSICA

Ver o artigo com este título entre os artigos apresentados sobre a *Imortalidade da Alma*.

ABORTO

O assunto é complexo e não admite qualquer solução simples, no terreno médico, social ou ético-religioso. Quanto a essa questão, os argumentos são numerosos e complexos, tanto favoráveis quanto contrários. Porém, apesar de não haver qualquer solução fácil, a teologia ética por certo pode sugerir-nos algumas diretrizes.

1. *A vida é dom de Deus*, e um *feto tem vida*. Os teólogos não têm podido chegar a um acordo sobre quando o espírito vem fazer-se presente em um feto. Alguns dizem que isso se sucede no momento da concepção. Se isso é verdade, então o aborto desfaz uma verdadeira personalidade humana, e, com a única exceção da necessidade de se salvar a vida da mãe, é uma forma de homicídio. Porém, outros insistem que a porção imaterial do homem não entra no corpo senão por ocasião do nascimento, ou pouco antes ou depois do nascimento. Com freqüência, essas idéias estão ligadas ao conceito da pré-existência da alma. Quanto a notas completas sobre a alma, sua natureza, origem e destino, ver o artigo sobre a alma. Se a alma ainda não está presente por ocasião do aborto, então o ato não destrói uma personalidade humana. Nesse caso, dificilmente poderíamos falar em assassinato de uma vida humana, através do aborto.

2. *Questão do sofrimento*. Mesmo que o aborto não envolva homicídio, envolve o sofrimento físico, pois estamos informados de que o feto pode sentir, e muito deve sofrer ante os métodos de aborto que são utilizados. Não há como duvidar que é errado provocar sofrimento, mesmo que isso não redunde em homicídio. Os indivíduos e as civilizações mais avançadas interessam-se pelo bem-estar não apenas das pessoas, mas também dos animais, e declaram-se contrários à provocação de sofrimento desnecessário.

3. *A santidade da vida*. O feto, mesmo que não seja humano enquanto a alma não lhe é dada, é uma forma de vida, e merece o nosso respeito, já que é o futuro veículo da alma humana. Certamente deveria ser respeitado, pelo menos tanto quanto uma vida animal, que as pessoas boas e espirituais honram, procurando poupar dos sofrimentos.

4. *Considerações bíblicas e teológicas*. a. Trechos como Êxodo 21:22-24 e Jeremias 1:5 indicam que a vida no ventre materno deve ser respeitada como uma vida humana. Lucas 1:41 diz que o bebê saltou no ventre de Isabel por motivo de alegria, o que indica algo mais que uma vida animal. b. Apesar do corpo não ser a pessoa essencial, deve ser respeitado como um maravilhoso instrumento, produto de desígnio, e, conseqüentemente, algo que não deve ser destruído caprichosamente. c. Dificilmente se pode justificar uma mulher que mata o filho de suas entranhas por querer evitar o escândalo ou a carga financeira extra. Sua culpa, todavia, variaria dependendo da presença da alma ou não, a partir do momento da concepção. d. O mandamento bíblico que diz «Não matarás», e que proíbe especificamente o homicídio, mas que envolve o ódio e a malícia, usualmente de forma preconcebida (ver Mat. 5:21-22), apesar de não haver sido baixado tendo em mira o aborto, *até certo ponto* pode ter aplicação ao caso, mesmo que a alma não se faça presente senão por ocasião do nascimento.

5. *Exceções*. Os argumentos favoráveis ao aborto, nos casos de incesto ou estupro, ou quando a mãe do feto corre perigo de vida, parecem dar licença ao aborto, mesmo que a alma se faça presente no feto desde o instante da concepção. Resolver provocar um aborto, com base em uma dessas razões, envolve um grande problema pessoal, que cada mulher deve resolver individualmente. Penso que não podemos ter certeza sobre o que é correto em tais casos, e que devemos ser moderados no julgamento.

6. *Perdão dos pecados*. Todos os pecados podem ser perdoados. O arrependimento e a fé são suficientes para tanto. Mas há castigo (a colheita) para os erros praticados, inteiramente à parte do perdão. Isso é algo que o indivíduo deve estar disposto a enfrentar, ao mesmo tempo que prossegue em sua mudança de atitude, assim evitando futuros atos pecaminosos. Não somente é possível, mas também é nosso dever prosseguir para uma maior espiritualidade, após praticarmos algum ato maligno. Todas as pessoas envolvidas em casos de aborto, a mulher e algum homem que a tenha encorajado a isso, deveriam buscar uma mais elevada realização espiritual, a fim de contrabalançar o passado, além de evitarem a conduta similar no futuro.

7. *Estados psicológicos*. Somos informados de que o aborto origina sérias tensões psicológicas, nesmo em mulheres que não antecipavam qualquer reação negativa. Sem importar a razão, isso deveria servir de aviso de que o aborto, tal como muitos outros pecados, envolve pelo menos parte de sua própria punição.

ABORTO OCULTO

No hebraico temos uma palavra que vem do verbo «cair», e que significa «aborto»; no grego temos uma palavra, *éktroma*, «aborto».

A palavra hebraica ocorre por três vezes, em Jó 3:16; em Sal. 58:8 e em Ecl. 6:3, referindo-se ao feto que sai sem vida do útero materno. O mesmo pensamento reaparece em Núm. 12:12, onde o hebraico tem outro termo, embora a nossa versão portuguesa também a traduza por «aborto», e onde a LXX também a traduz por *éktroma*. O apelo de Aarão em favor de sua irmã Miriã, era que ela não ficasse com a aparência de um aborto, por causa da lepra, isto é, como se ela tivesse saído do ventre de sua mãe com parte de suas carnes consumidas.

A referência figurada a um aborto, com a qual Paulo diminuiu a sua própria importância como apóstolo, aparece em I Coríntios 15:8, como o último dos apóstolos a quem o Senhor ressurrecto aparecera; aponta para o atraso com que ele foi chamado ao apostolado, de modo súbito e inesperado. Era como se seu apostolado se devesse a um «nascimento monstruoso». Outros estudiosos preferem esquecer o atraso de sua chamada, em relação aos outros apóstolos, salientando mais o fato de que Paulo assim se considerava devido à sua indignidade ao ofício, em face de ter perseguido à Igreja de Deus. Paulo sentia que o elevadíssimo privilégio de ver o Cristo ressurrecto tornava-o mais indigno ainda. E assim, tudo quanto ele era e realizava, foi por ele atribuído não a si mesmo, mas à graça divina (ver I Cor. 15:10).

ABRAÃO

No hebraico significa «pai de uma multidão», o fundador da nação hebréia. Até Gên. 17:4,5, ele é chamado de Abrão, «pai da elevação», ou «pai exaltado», embora o sentido desse nome seja incerto. O nome mais longo evidentemente foi adotado por causa da promessa de sua numerosa posteridade.

1. *Fontes informativas*. A narrativa veterotestamentária, em Gên. 11:26-25:18, é primária e importantíssima. Mas muitas descobertas arqueológicas têm aumentado nosso conhecimento sobre a época e o mundo de Abraão.

2. *História primitiva*. Era nativo da Caldéia. Por meio de Eber, estava na nona geração depois de Sem, filho de Noé. Seu pai foi Terá que teve dois outros filhos, Naor e Harã. Harã morreu cedo, deixando seu filho Ló, que se apegou a seu tio Abraão. Harã também deixou duas filhas, uma das quais, Sara, tornou-se esposa de Abraão. Lemos, em Gên. 20:12, que Abraão chamou Sara de «irmã», filha de seu pai, mas não de sua mãe. Mas alguns eruditos compreendem que o hebraico diz que Harã era meio-irmão de Abraão e, nesse caso, Sara era sobrinha de Abraão. De acordo com um hebraico elementar, isso poderia ser indicado chamando-a «irmã» de Abraão. Mas o ponto é disputado.

Abrão nasceu em cerca de 2333, em Ur dos caldeus (Gên. 11:28), mas todas essas datas antigas são questionáveis e incertas. Nada sabemos sobre a sua vida senão quando ele já tinha setenta anos de idade. Há tradições que procuram preencher os claros, mas mui provavelmente sem base nos fatos. Terá é apresentado como um idólatra e fabricante de ídolos.

3. *Ur dos caldeus* (ver o artigo a respeito). A arqueologia moderna usualmente identifica essa cidade com a atual Tell el-Muquyyar, a 15 quilômetros a oeste de Nasireyeh, à beira do Eufrates, no sul do Iraque. Terá viajou por cerca de mil quilômetros de Ur até Harã, localizada à beira do rio Balique,

tributário do Eufrates, onde se estabeleceu (Gên. 11:26-32). Há lendas que dizem que Abraão, desgostoso com a idolatria de seu povo, foi perseguido por Ninrode e foi lançado em uma fornalha acesa, embora tivesse sido livrado da morte por um milagre. Alguns acreditavam que Abraão trouxera a astronomia (astrologia) da Caldéia para o ocidente, tendo ensinado essa ciência aos egípcios (Josefo, *Ant.* i.8), mas nada se sabe quanto à exatidão desses relatos, e o próprio Josefo duvidava da maioria deles.

4. *Chamada de Abraão.* Abraão tinha sessenta anos de idade quando sua família deixou Ur e foi para Harã. Não sabemos dizer o motivo da imigração, embora Josefo (*Ant.* i.6,5) tenha dito que a razão foi a tristeza de Terá ante a morte de seu filho Harã. Mas o trecho de Judite 5:6-8 afirma que o motivo foi a revolta contra a idolatria. Outros supõem que a mudança de lugar teve razões econômicas, a fim de buscar algum lugar mais próspero.

Com a idade de setenta e cinco anos, Abraão, sua esposa Sara e seu sobrinho Ló, com suas possessões, em resposta à chamada divina, partiram para a terra de Canaã, cerca de seiscentos e cinqüenta quilômetros de Harã. Durante a jornada, pernoitaram em Siquém e Betel. (Ver Gên. 12:1 quanto à chamada de Abraão por parte do Senhor). A princípio ele se estabeleceu no Neguebe, mas, devido a um período de escassez, continuou viagem até o Egito. Devido à sua beleza física, Sara atraiu a atenção do Faraó. Mas a providência divina interveio mediante pragas, impedindo qualquer consternação. Após a crise, Abraão retornou a Neguebe (ver Gên. 12:1-20). Posteriormente, mudaram-se para as vizinhanças de Betel. E a prosperidade ditou que Abraão e Ló deveriam dividir suas possessões, tornando-se independentes um do outro. Abraão permitiu que Ló escolhesse seu território, e este escolheu o vale do Jordão e a cidade de Sodoma. Abraão estabeleceu-se na área de Hebrom. Invasores vindos do norte arrebataram cativos a Ló e aos reis do vale do Jordão. Abraão combateu-os, havendo grande matança; e dos despojos, deu dízimos a Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo e rei de Salém (Gên. 14:1-24).

5. *O herdeiro.* Não tendo filhos, Abraão nomeou Eliézer, de Damasco, como seu herdeiro. Mas Deus lhe prometeu, mediante pacto, um filho e a posse da terra (Gên. 15:1-21). Passaram-se dez anos, sem o nascimento de um filho. Então Sara deu Hagar como concubina a Abraão. E assim nasceu Ismael. Porém, com o tempo, mãe e filho foram rejeitados e enviados ao deserto. Abrão tornou-se Abraão (pai das multidões), como sinal da certeza do nascimento de um filho e herdeiro. A circuncisão foi instituída como sinal do pacto (ver Gên. 17:10-14). Entrementes, Ló caiu em dificuldades e em pecado, e o anjo advertiu-o de que Sodoma e Gomorra seriam destruídas, o que não demorou a cumprir-se. Na fuga, a mulher de Ló foi castigada por sua teimosia, e foi transformada em estátua de sal. Mediante incesto com seu pai (inconsciente este do que estava sucedendo), suas filhas engravidaram. E nasceram Moabe e Amom, cujos descendentes tornaram-se os moabitas e os amonitas. (Ver Gên. 19:24-38).

Várias vicissitudes, incluindo o incidente em que Abimeleque quisera tomar Sara como sua mulher (ver Gên. 20:1 ss.), não puderam impedir o cumprimento da promessa. E assim, através da intervenção divina, Isaque nasceu, quando Sara estava com cem anos de idade (Gên. 20:1-18). Nesse ínterim, divinamente preservado, Ismael migrou-se para o deserto de Parã, onde haveria de tornar-se pai de uma grande nação, de acordo com uma promessa divina.

O incidente que envolveu a tentativa de Abimeleque tomar Sara como sua esposa é muito revelador quanto aos costumes da época. Um rei local tinha autoridade para dispor das vidas a seu talante, incluindo as mulheres casadas ou solteiras, e até mesmo aquelas que meramente passassem pelos seus domínios. Provavelmente, Abraão disse que Sara era sua irmã, por ter temido que poderia ser morto se o rei soubesse que ela era sua mulher, e quisesse tê-la. Portanto, Abraão arriscou-se a deixar Sara terminar no harém do rei, a fim de continuar vivo. A intervenção divina deu solução à crise. Algumas vezes, é disso que precisamos.

6. *A prova da fé.* Deus (segundo Abraão tinha a certeza) requereu a imolação de Isaque quando este estava com cerca de vinte anos de idade. Sem dúvida, ainda havia sacrifícios humanos na época, ou Abraão não teria dado ouvidos ao *impulso interior para* realizar tal sacrifício. O fato de que Isaque era herdeiro único tornou extremamente difícil a decisão. A fé de Abraão mostrou ser profunda (ver Heb. 11:17-19), confiando denodadamente na provisão divina (ver Gên. 22:7,8). Isaque foi poupado da morte por intervenção divina. Os eruditos e críticos da Bíblia têm discutido desde há muito sobre essa narrativa. Orígenes e outros dos primeiros pais da Igreja viam no relato sentidos místicos e alegóricos importantes, embora defendendo a idéia de que Deus jamais ordenaria, realmente, um sacrifício humano, embora se tratasse apenas de uma prova da fé. Sem dúvida, eles estavam com razão em sua contenção. O patriarca agiu de boa-fé, crendo que o sacrifício humano estava sendo requerido da parte dele. Porém, cumpre-nos supor que ele deve ter chegado a algum mal-entendido sobre a questão. Seu pano de fundo cultural e religioso deve ter confundido sua mente de algum modo. Nosso conceito de Deus avançou além do de Abraão, por essa altura de sua vida.

7. Sara faleceu em Quiriate-Arba, com 126 anos de idade, e foi sepultada na caverna do campo de Macpela (ver Gên. 23:1 ss). O local, na área de Hebrom, tornou-se o local de sepultamento da família.

8. Com quarenta anos de idade, Isaque obteve noiva em Mesopotâmia, por intermédio do servo Eliézer, que conseguiu Rebeca, filha de Naor, para ser esposa do filho de Abraão.

9. Abraão faleceu com a idade de 175 anos, tendo sido sepultado por seus filhos Isaque e Ismael, na caverna de Macpela (ver Gên. 24:1 - 25:18).

10. *Caráter de Abraão.* A despeito de suas falhas e de alguns deslizes notáveis, Abraão tem sido reconhecido como um dos maiores líderes espirituais da humanidade, como homem de fé inabalável, por muitas religiões subseqüentes, como a judaica, a cristã e a islâmica. Ele desfrutava de íntima comunhão mística com Deus (Gên. 18:33; 24:40), sendo esse um dos segredos de sua grandeza. Sua fé era exemplificada na sua decidida obediência a Deus. Para onde quer que Deus o chamasse, ele ia: a. O incidente de Ur (Gên. 11:31; 15:7). b. A partida de Harã (Gên. 12:1,4). c. Aceitou uma vida seminomádica mesmo na terra de Canaã (Gên. 13:15; 15:18). d. Sacrifício de Isaque e confiança na sua ressurreição (Gên. 22:12,18; Heb. 11:9). Os cuidados de Abraão por sua família eram notáveis (Gên. 17:19). E ele era generoso e hospitaleiro (Gên. 18:2-8; 21:8; 13:8; 14:23).

11. *Abraão como tipo.* a. Tornou-se pai da raça espiritual, representando um aspecto da missão de Cristo como Cabeça da raça e Restaurador de todas as coisas (ver Efé. 1:10). b. Sua vida de peregrinações



O Sacrifício de Isaque



Araão e Ló fazem um pacto (Gên. 13:10)

simboliza o tipo de vida que a inquirição espiritual requer de nossa parte. c. Sua incontável posteridade simboliza as famílias que pertencem a Cristo. d. O incidente com Isaque é retrato da ressurreição, da vida dentre a morte. e. A expulsão de Hagar representa a rejeição divina dos não-herdeiros, aqueles que estão *sob a lei* e não entram no estado da *graça*, por meio de Cristo (Gál. 4:24,25). f. Seu pacto é tipo do pacto entre Deus e os homens, por intermédio de Cristo. g. Ele representa os *verdadeiros* crentes, que abandonam a idolatria e seguem a Deus, quando *chamados*.

12. *A arqueologia e Abraão*. As descobertas arqueológicas têm mostrado que a vida e os tempos de Abraão, segundo o registro do livro de Gênesis, concordam com o conhecimento recentemente adquirido sobre o segundo milênio A.C., principalmente o século XIX A.C. Têm sido encontrados muitos nomes de pessoas e de coisas que correspondem ao registro do livro de Gênesis. As informações de que dispomos sobre as leis e os costumes de então confirmam e nos fazem entender melhor os relatos de Gênesis. Essas descobertas desencorajam o ponto de vista de que Abraão personifica alguma tribo ou antiga deidade tribal, ou é apenas uma personagem mística de alguma antiga saga tribal.

Descobertas arqueológicas específicas:

a. Escavações feitas em Nuzu, à margem do rio Tigre, revelaram informações sobre leis de herança e outros costumes da época de Abraão, justificando assim a preocupação de Abraão com a questão. Um homem podia adotar um servo ou escravo, ou qualquer outra pessoa, para ser seu herdeiro, cumprindo assim todos os deveres relativos à família e à tribo. E isso explica o caso de Eliézer (Gên. 15:2-4).

b. Um herdeiro podia ser obtido através de uma concubina ou esposa-escrava, o que explica o caso de Hagar e Ismael (Gên. 16).

c. A *circuncisão* (ver o artigo) era uma prática comum da época, e Abraão tornou-a como sinal do pacto, provavelmente devido à sua associação com a *geração*.

d. A concubina não podia tomar o lugar da esposa na casa; mas a esposa também não podia expulsá-la. Isso explica a relutância de Abraão em expulsar Hagar. Só uma ordem divina foi capaz de demovê-la (ver Gên. 21:12-21).

e. O código legal hitita (descoberto na antiga capital hitita de Bogascoi, na Ásia Menor) lança luz sobre a compra do campo para sepultamento, feita por Abraão. Segundo essas leis, certas obrigações feudais estavam incluídas quando era vendido um terreno inteiro, o que não sucedia quando somente uma parte do terreno trocava de dono. Embora Abraão quisesse comprar somente a caverna, as estipulações de Efrom foram a venda da propriedade inteira, e assim, é provável que ele tivesse transferido para Abraão certas responsabilidades feudais. As árvores da propriedade eram indicadas no documento de venda, conforme usualmente se fazia nos documentos hititas. (Ver Gên. 23:17 ss).

f. *Canaã*. Após a morte de Terá, Abraão partiu de Harã e foi para a terra de Canaã (ver Gên. 12:4,5). A região montanhosa era pouco ocupada por uma população rarefeita, na Idade Média do Bronze (2000-1500 A.C.), pelo que as descrições de Gênesis, que fazem os patriarcas percorrerem as colinas da Palestina central e as terras secas do sul (havendo muito espaço e pouca gente para opor-se a eles), são corretas. As cidades que são mencionadas como lugares habitados nos tempos dos patriarcas, como Mispa, Gibeá, Siquém, Betel, Dotã, Gerar, Jerusalém (Salém), Beerseba, etc., foram todas encontradas mediante as escavações, e suas antigas histórias têm sido confirmadas.

g. O local de Nuzu, perto da moderna Quircuque, foi escavado entre 1925 e 1941. Data do século XV A.C. Milhares de tabletes têm sido desenterrados, ilustrando leis do matrimônio (ver Gên. 16:1-16), da primogenitura (ver Gên. 25:27-34), dos terafins (ver Gên. 31:34), e muitas outras práticas, costumes e leis. Descobertas similares têm sido feitas em Mari, um local próximo da moderna Abou Kemal, no médio Eufrates. Foi encontrado o nome *Abraão*, embora não especificamente relacionado ao personagem da Bíblia.

13. *Abraão e o Antigo Testamento*. Além das narrativas de Gênesis, há alusões a Abraão em vários trechos do resto do Antigo Testamento: No pacto mencionado por Moisés (Deu. 1:8; 6:10; 9:5), Canaã era a terra dada a Israel dentro do pacto firmado com Abraão (Deu. 34:4); o povo de Israel, — descendia de Abraão, o amigo de Deus (II Crô. 20:7); o Deus de Israel era o Deus de Abraão (I Reis 18:36); a proteção e a misericórdia divinas derivavam-se do pacto com Abraão (II Reis 13:23); os salmos mencionam Abraão em várias conexões (Sal. 47:9; 105:6,9,42); Abraão também é mencionado em trechos como Isaías 29:22; 41:8; 51:2; 63:16. Abraão é mencionado como pai da nação de Israel em Jer. 33:26; Eze. 33:24; Miq. 7:20.

Os livros apócrifos do Antigo Testamento (ver o artigo a respeito) dão prosseguimento a esse uso, enfatizando o fato de que Abraão foi grande profeta e também o homem do pacto com Deus. Ver Eclesiástico 44:19-21. Outro tanto diz a literatura rabínica, como Bereshith Rabba, Pirque Aboth 5:4, e também Josefo, em *Ant.* 1:7-8. Várias lendas figuram no livro de Judite e nas obras de Josefo, apresentando-o como astrônomo de primeira grandeza (um astrólogo?), que teria compartilhado de sua sabedoria com reis do Oriente e do Ocidente.

14. *Abraão e o Novo Testamento*. Jesus aparece como filho de Abraão, em Mat. 1:1; e ser alguém descendente de Abraão é reconhecido como fator significativo, embora isso não envolva direitos religiosos automáticos, sem a correspondente espiritualidade (Mat. 1:2,17; 3:9; 8:11; 22:32; Mar. 12:26; João 8:33-58). Abraão figura com proeminência na pregação dos apóstolos (Atos 3:13,25; 7:2-32; 13:26). Nos escritos de Paulo, Abraão ilustra o modo da justificação (Rom. 4:1-16). Na epístola aos Gálatas, a descendência espiritual de Abraão é a Igreja. Na epístola aos Hebreus, Abraão é o grande herói da fé (11:8 ss), bem como o ancestral do sacerdócio levítico (7:5). (AM CG KK UN S Z)

ABRAÃO, APOCALIPSE DE

Uma obra extracanônica, existente em uma versão no eslavônico antigo, baseada em uma tradução grega de um original hebraico ou aramaico. Os nomes semitas existentes na obra parecem mostrar uma origem semítica.

Oito capítulos introduzem a obra, falando sobre a juventude de Abraão. Essa parte provavelmente foi escrita antes do ano 50 D.C. O Apocalipse propriamente dito ocupa o restante do livro. Essa seção parece ser posterior, talvez do ano 100 D.C. ou mais tarde.

A narrativa é essencialmente um tipo de comentário de Gênesis 15, narrando como o anjo Jaoel escoltou Abraão ao sétimo céu, onde foi testemunha de eventos

passados, como a queda de Adão e Eva (ali atribuída a um pecado sexual, ocasionado pela sedução de Azazel, ou Satanás). As revelações incluídas falam sobre profecias, o advento do Messias, a destruição do templo, a restauração de Israel e o julgamento dos ímpios.

São discutidos alguns problemas teológicos, como o problema do mal - incluindo por que Azazel (Satanás) é tolerado. A resposta é a comum, que o livre-arbítrio é necessário, resultando disso, naturalmente, o mal.

Azazel é ali idêntico ao Belial do Testamento dos Doze Patriarcas. É identificado com a serpente de Gênesis 3.

Essa obra usa a elaborada angelologia da religião hebréia posterior, ilustrada no anjo Jaoel, que se afirma possuidor dos poderes do nome inefável. Em outras obras apócrifas, isso é atribuído a outros anjos, como Miguel e Metraton (Sanh. 38b). Ver os artigos sobre os livros apócrifos e pseudepígrafos do Antigo e do Novo Testamentos. (J NTI Z)

ABRAÃO BEN SAMUEL ABULIAFA

Cabalista judeu. Ver o artigo sobre a *Cabala*.

ABRAÃO, SEIO DE

Essa figura de linguagem aparece na discussão de Jesus sobre Lázaro e o rico, em Lucas 16:22-23. Três expressões eram comumente usadas entre os judeus, para expressar o futuro estado da bem-aventurança: 1. O jardim do Éden, ou paraíso; 2. o trono da glória; e 3. o seio de Abraão. É justamente esta que figura na história de Jesus, em Lucas 16. De conformidade com a teologia judaica, esse paraíso ou seio de Abraão fazia parte do hades, que abrigava os bem-aventurados ou justos. A idéia do seio de Abraão tem por detrás o pensamento de comunhão e filiação. O homem justo, com toda a razão, era considerado filho de Abraão. Na passagem de João 18:23, vemos que jazer no seio era o lugar dos convivas mais favorecidos. Essa referência, naturalmente, não deve ser entendida literalmente, mas sim, da posição mais próxima ao mestre, no arranjo dos móveis. Na qualidade de hóspede favorecido no céu, ou paraíso, Lázaro descansava no seio de Abraão, pai da família espiritual. Sua alma sobrevivia à morte teológica, e isso sem interrupção alguma da própria consciência. Ver o artigo sobre a «imortalidade».

O seio de Abraão é usado para fazer forte contraste com a outra porção do hades, onde impera o castigo. Na história de Lucas, um grande abismo foi fixado, não podendo haver comunicação entre os lados bom e mau do hades. Isso sugere destinos fixos. Mas a narrativa da descida de Cristo ao hades, em I Pedro 3:18 - 4:6, mostra-nos que a missão de Cristo anulou qualquer estagnação nos destinos, pelo menos até o juízo final, após o milênio. Quanto a notas completas sobre esse conceito, ver o artigo sobre a descida de Cristo ao hades. (B G IB NTI Z) Ver o artigo sobre *O Julgamento*.

ABRAÃO, TESTAMENTO DE

Essa obra é um antigo livro apócrifo judaico, onde há um relato lendário sobre as experiências de Abraão por ocasião da morte, com sua subseqüente ascensão ao céu. Provavelmente foi escrito no século II D.C., por um judeu, ou, talvez, por um judeu cristão. Mais provavelmente ainda, é obra judaica com posteriores interpolações cristãs.

Abraão viveu até idade avançada. Miguel revela-lhe sua morte para breve. Abraão reluta, não querendo entregar seu corpo, pelo que o anjo o arrebata, em uma carruagem. Chegando ao firmamento, Abraão olha para baixo e vê a grande iniqüidade dos homens, e invoca contra eles o juízo. Então Abraão contempla a estrada larga que leva à perdição, e a estrada estreita, que conduz à vida. Ele vê a pesagem das almas, no juízo. Contudo, ainda não quer dar seu espírito; mas a morte o arrebata e o conduz honrosamente ao paraíso.

Essa obra é similar ao Testamento de Jó e ao Apocalipse de Abraão, extraindo subsídios de muitos dos mesmos conceitos da sociedade judaica. Miguel aparece como o anjo supremo que conduz na jornada, como é comum nos escritos judaicos. Há também o anjo da morte, igualmente um elemento comum das obras apócrifas e pseudepígrafas.

Essa obra expõe três julgamentos: 1. Um juízo dirigido por Abel; 2. um juízo das doze tribos de Israel; 3. o juízo divino, no último dia. O Messias não participa de qualquer desses juízos, no Testamento de Abraão. (E J Z) Ver os artigos sobre os livros apócrifos e pseudepígrafos dos judeus.

ABRÃO

No hebraico significa «pai das alturas», ou «pai elevado», o nome original de Abraão (ver Gên. 17:5).

ABRON

Rio mencionado no livro apócrifo de Judite, — o qual alguns identificam com o Habor de II Reis 17:6 e 18:11, ou com o Abdom de Jos. 21:30 e I Crô. 6:74. Porém, a palavra pode ser uma corruptela para a palavra hebraica que significa «além do rio», lida como se fora um nome próprio.

ABSALÃO

No hebraico quer dizer «o pai é da paz», terceiro filho de Davi e seu único filho com Maacá, filha de Talmai, rei de Gesur (II Sam. 3:3), nascido em 1000 A.C. Era admirado por sua beleza sem defeito, distinguido por sua longa e vasta cabeleira. O peso inconveniente da mesma compelia-o a cortá-la a cada ano, orçando em cerca de 2 kg. Os registros a respeito variam. A Septuaginta fala em cerca de 1,1 kg.

A poligamia produziu seus frutos fatais, engendrando o ciúme entre as famílias das várias esposas, cada qual com seu próprio lar (II Sam. 13:8; 14:24). A lassidão sexual fomentou a paixão de Davi, que terminou em adultério e homicídio, além de muitos vexames sofridos. Absalão foi apenas uma dimensão dessa história.

1. *A narrativa de Tamar*. Com Maacá, Davi teve uma filha, Tamar, que se tornou uma bela mulher. Foi estuprada pelo filho mais velho de Davi, Amom (II Sam. 13:1,20), em cerca de 1050 A.C. Absalão, seu irmão, conservou-a reclusa em sua casa e planejou vingar-se. Esperou por dois anos inteiros, e então convidou todos os filhos de Davi para a festa da tosquia das ovelhas, em Baal-Hazor, perto de Efraim. Davi também foi convidado, mas não aceitou o convite, embora os demais convidados tivessem atendido. Houve comidas e bebidas, e os servos de Absalão, segundo orientações prévias, no momento em que menos se esperava, assassinaram Amom. Os restantes fugiram para Jerusalém e contaram o ocorrido a Davi, para sua grande consternação. Então Absalão foi para

Gesur e ali, permaneceu por três anos com seu avô, o rei Talmai (Ver II Sam. 13:30-38).

2. *A volta a Jerusalém*. Absalão continuava muito amado por seu pai, e desejava poder voltar. Através da mediação de Joabe, Davi o chamou de volta. Porém, durante mais dois anos, não foi admitido à presença do rei. Finalmente, a reconciliação foi completa (ver II Sam. 14:21-33), em 1036 A.C.

3. *Ambições de Absalão*. Ele começou a traçar planos mais ousados. Amom, o irmão mais velho, estava morto. Restava ainda Quileabe; mas somente Absalão era de nobre nascimento, por meio de sua mãe, filha de um rei. Parece que seu irmão mais velho morreu cedo, pois após II Sam. 3:3 não há mais menção a seu respeito. Portanto, ali estava Absalão, o filho restante mais velho, e o pai ficando cada vez mais idoso. Todavia, se assim quisesse fazê-lo, o rei poderia rejeitar Absalão e escolher um dos filhos mais jovens. Tal direito foi eventualmente exercido por Davi, e Salomão veio a tornar-se rei, embora não fosse ele o herdeiro presuntivo, por questão de idade. O trecho de II Sam. 7:12 havia predito que o rei seria sucedido por um filho que na época da profecia, ainda não havia nascido. Muitos sabiam disso, talvez incluindo o próprio Absalão. Ele agiu astutamente, furtando a lealdade de muitos para a sua causa (ver II Sam. 15:6), insinuando que dispensaria a justiça melhor do que o seu pai estava fazendo (ver II Sam. 15:2-4).

4. *A revolta*. A campanha de Absalão foi ganhando vulto. Quatro anos depois de seu retorno de Gesur a Jerusalém, ele estava preparado para dar seu golpe. Retirou-se para uma antiga capital de Davi, Hebrom, e ali declarou-se rei. Contava com maciço apoio popular, pelo que Davi deixou Jerusalém e foi para Maanaim, do outro lado do Jordão (II Sam. 15:7-18), para proteger-se e para planejar a resistência.

5. *Triunfo de Davi em Jerusalém*. Absalão, ouvindo que Davi abandonara Jerusalém, para ali se dirigiu e apossou-se do poder sem qualquer oposição. Aitofel, ex-conselheiro de Davi, ajudava Absalão. A sabedoria desse homem era tão grande que suas opiniões eram tidas como oráculos, em Jerusalém (ver II Sam. 15:30,31). Isso fortaleceu ainda mais a causa de Absalão. Davi enviou Husai, para tentar fazer virar a maré. Aitofel aconselhou Absalão a perseguir imediatamente a Davi, antes que este tivesse tempo de recuperar-se do golpe recebido (ver II Sam. 17:1,2); mas Husai, procurando ganhar tempo, persuadiu Absalão a não arriscar uma possível derrota, mas a reunir forças de todo Israel tão superiores que garantisssem a vitória. Fatalmente para Absalão, ele ouviu esse conselho. Entrementes, Davi reuniu suas forças. Davi conseguiu reunir uma força poderosa, três divisões comandadas por Joabe, Abisai e Itai (ver II Sam. 18:2).

6. *A batalha*. Joabe era o comandante-em-chefe. Sua tática foi de atrair o adversário para os bosques, para então cercá-lo. Isso foi feito, e os homens de Absalão foram destruídos facilmente, — 20.000 deles, enquanto que os demais fugiram. Isso teve lugar na floresta de Efraim (II Sam. 18:3-6).

7. *Morte de Absalão*. Este montou em uma mula ligeira, mas enquanto fugia, os galhos de uma árvore enroscaram-se em seus longos cabelos e ele ficou suspenso no ar. Davi havia ordenado que não o matassem, mas Joabe apressou-se ao lugar e o transpassou com três dardos. Seu corpo foi arriado e lançado em uma cova, com um montão de pedras por cima (II Sam. 18:7-17) em cerca de 967 A.C.

8. *A tristeza de Davi*. O amor do rei por seu filho Absalão não se abatera, e a notícia da morte de Absalão causou amarga tristeza a Davi (II Sam. 18:24-33). Seu lamento era: «Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti. Absalão, meu filho, meu filho!» Essas palavras têm sido aproveitadas na composição de um breve mas lindo hino. Davi parece ter sido um pai amoroso, mas fraco, com seus favoritos, o que talvez tivesse sido um fator no desvio de Absalão. (FA S UN Z)

ABSALÃO, O Embaixador

Um embaixador no exército de Jônatas Macabeu, pai de Matatias e de Jônatas (I Mac. 11:9,70; 13:11; II Mac. 11:17). Alguns não identificam como uma só as duas pessoas desse nome, em I e II Macabeus. (Z)

ABSINTO

No hebraico temos essa palavra, e também no grego. A palavra hebraica é usada por oito vezes (ver Deu. 29:18; Pro. 5:4; Jer. 9:15; 23:15; Lam. 3:15,19; Amós 5:7 e 6:12). E a palavra grega, *ápsinthos* de onde se deriva nossa palavra portuguesa, «não-bebível», é usada por duas vezes, em Apo. 8:11. Apesar do sentido da palavra grega, o absinto tornou-se um dos mais populares aperitivos na França, embora de gosto realmente intragável para os iniciantes! Esse aperitivo é feito com base na planta *Artemesia absinthium* que é uma espécie de vegetal perene, tipo herbáceo. Produz pequenas flores amarelas, em grande quantidade. A bebida alcoólica é atualmente manufaturada na Jordânia.

É provável que essa bebida fosse conhecida desde os dias do Antigo Testamento, pois Jeremias queixou-se: «Fartou-me de amarguras, saciou-me de absinto» (Lam. 3:15). Por outro lado, por mais de uma vez as Escrituras aludem ao gosto amargo e desagradável do absinto: «...mas o fim dela é amargoso como o absinto...» (Prov. 5:4); e também: «...não haja entre vós raiz que produza erva venenosa e amarga» (Deu. 29:18), onde o original hebraico diz «absinto», e nossa versão portuguesa diz «amarga».

Como se vê, o absinto tornou-se símbolo para descrever os sentimentos negativos de tristeza, calamidade e mesmo crueldade.

Na Palestina há duas outras espécies de vegetais similares, a *Artemesia herba-alba*, que tem um odor de cânfora e é extremamente amarga ao paladar, e a *Artemesia judaica*. Esta última espécie era e continua sendo usada, em alguns lugares, para repelir traças e as larvas de moscas de peças feitas de lã. As plantas, uma vez secas, são colocadas entre as peças de lã.

É interessante observar que a LXX traduz a palavra hebraica em foco de várias maneiras, mas nunca por seu equivalente grego. E também que há espécies da planta que são usadas para a manufatura de anti-helmínticos.

No Novo Testamento e na Septuaginta, palavra grega que indica uma planta de gosto proverbialmente amarga, a fim de denotar aflição ou amargura moral (Deu. 29:18; Pro. 4:5; Jer. 9:15). O nome é dado à estrela fatal de Apo. 8:10,11. O nome do gênero vegetal é artemísia, havendo certa variedade da espécie. (S)

ABSOLUTO

Vem do latim, *absolutus*, que significa *perfeito* ou

completo. O termo é usado em oposição ao que é *relativo*, e com freqüência indica a negação do que é relativo. As idéias contidas no termo são independência, completa e sem qualificações. A palavra é usada em aplicação a Deus, à natureza, à verdade, ao tempo, ao espaço e à virtude. Devido à larga gama de usos, não é possível qualquer definição fácil ou completa, pelo que se segue uma descrição:

Descartes. Ele usava o termo para princípios autoevidentes, para proposições demonstradas das quais podemos derivar outros conceitos.

Fichte. Ele aplicava o termo ao *ego*, como o poder originador do conhecimento e da realidade.

Nicolau de Cusa. Usava-o para indicar Deus, que para ele era tanto o absoluto máximo quanto o absoluto mínimo. Muitos teólogos passaram então a aplicar o termo a Deus.

Hegel. Falava sobre o Espírito absoluto com suas dimensões de verdade e beleza absolutas, um tipo de Deus panteísta, impessoal, do qual todas as outras coisas se derivam, e para o qual se movem. A realidade é espiritual, mas não no sentido ordinário, antropomórfico e teísta. Outros idealistas alemães compartilhavam desse ponto de vista.

Soloviev. Esse filósofo russo empregou o termo para indicar a totalidade da realidade, que ele considerava uma espécie de organismo vivo.

Bradley. A totalidade das coisas, dentro do que se reconcilia ou harmoniza tudo quanto é contraditório e incoerente no mundo das meras aparências.

Sir Aurobindo. Teólogo e filósofo hindu, que usava a palavra para indicar Bramá, o Deus absoluto.

Spinoza falava da realidade como uma única substância espiritual, *Deus sive Natura*, Deus ou a Natureza, enquanto que o termo «absoluto» era usado para indicar a totalidade das coisas.

Na filosofia e na teologia, o vocábulo é usado para indicar aquilo que é necessário, em contraste com o contingente, aquilo que é independente, em contraste com o que é derivado, aquilo que é eterno, em contraste com o temporal. (C E F P)

ABSOLUTOS MORAIS

A ética pode ser dividida em três categorias bem gerais: 1. A ética absoluta; 2. a ética relativa; e 3. a ética de valores. Na ética *absoluta*, os valores usualmente são concebidos como externos ao homem, impostos ao homem por uma força superior ou pessoa, como Deus. O homem não é o criador da ética, mas está sob uma lei ética instituída por poderes externos e superiores a ele. A maioria dos sistemas religiosos assume essa posição. Os valores morais são absolutos, isto é, fixos, eternos e perfeitos. O homem aprende no que consistem esses valores, e procura segui-los. Não é ele o inventor dos valores.

Na *ética relativa*, o homem é o criador dos valores. Isso ele faria através da experiência humana. Visto que as experiências variam, variam também os valores, pelo que nenhum valor poderia ser considerado fixo, perfeito ou eterno. Ademais, meus valores não são necessariamente aceitáveis para outrem, e vice-versa.

Na *ética de valores*, os valores morais são considerados *constantes*, mas não fixos. Esse é um conceito intermediário entre os outros dois. Não podemos alterar os valores de um dia para o outro, e nem de uma pessoa para outra, embora os valores realmente se alterem após longos períodos de tempo, pelo menos no caso de muitos deles. Em conseqüência, o homem deriva valores do meio externo e do seu interior. Valores lhe são impostos, mas ele também cria valores.

No cristianismo, Deus é o criador e sustentador dos valores morais, pelo que são sempre obrigatórios, sem importar situações ou pessoas. Os valores são revelados ou são conhecidos pela razão, e não produzidos através das experiências e vicissitudes dos homens. Os livros sagrados são originadores do conhecimento dos juízos morais. Deus tem falado por meio dos profetas. Os profetas registraram seus discernimentos. Os livros sagrados se desenvolveram em torno dos escritos dos profetas. As organizações eclesiásticas existem a fim de proteger a revelação. Conseqüentemente, podemos dizer que a ética é um ramo da revelação. As ciências sociais não aceitam sem protesto esse arranjo, e pregam uma ética dependente das situações.

Argumentos contra a ética absoluta:

1. O sistema inteiro depende da validade da revelação, ou da exatidão inerente à razão. Ambas as coisas são largamente questionadas.

2. Os homens regularmente criam Deus à sua própria imagem, razão pela qual os supostos valores divinos variam de culutra para cultura.

3. É impossível que uma mente finita fale em termos de absolutos, que se tornam inalcançáveis quanto mais são rebuscados.

4. Finalmente, há um conflito de absolutos, ao passarmos de um sistema para outro, ou mesmo dentro de um único sistema, quando se trata de determinar quais supostos absolutos se aplicam a todos os homens. Nossas escolhas morais nem sempre são feitas entre o bem e o mal. Algumas vezes, são feitas entre o mal e o pior, como quando um jovem é convocado para ir à guerra e matar. Deve ele ir, ou não? Ou deve abortar uma mulher que engravidou por ato de estupro?

Respostas a esses argumentos:

1. Os absolutos existem, mas nem sempre são perfeitamente conhecidos por nós. Nossa busca é pela luz, para conhecermos e agirmos melhor.

2. Os conflitos culturais apenas mostram que uma cultura qualquer tem um entendimento imperfeito acerca da vontade de Deus, e não que Deus não tenha uma vontade absoluta.

3. Onde houver conflito - um jovem deve ir à guerra? - essa é uma questão altamente pessoal, que não pode ser respondida por alguma declaração simplista. Novamente, faz-se necessária a iluminação. O mesmo sucede no caso da mulher que é estuprada e engravida, quando então vem à tona a questão do aborto.

4. A existência de valores absolutos não envolve o perfeito conhecimento desses valores. Se assim fosse, não haveria inquirição moral. Mas, se os princípios morais são fixos e certos, então pelo menos dispomos de diretrizes dignas de confiança acerca de muitas questões, e podemos escapar do subjetivismo profundo que assinala a ética relativa.

ABSOLVIÇÃO

Vem do latim **absolvo**, «libero». Na teologia, o termo denota a remissão de pecados mediante o ato remidor de Jesus Cristo. Na teologia católica-romana, envolve o ensino que deu autoridade aos apóstolos e seus sucessores para perdoar pecados, através do sacramento da penitência. A palavra é usada para indicar o perdão real de pecados, efetuado por esse sacramento. O trecho de João 20:23 é usado como

texto de prova bíblica dessa doutrina. Esse versículo é altamente controvertido, e recomendo que o leitor examine minha exposição da questão no NTI, naquela referência. Os trechos de Mat. 16:19 e 18:18, que descrevem o uso das *chaves*, são outros textos do N.T., usados em apoio àquela doutrina. Esses versículos são abundantemente iluminados no NTI, *in loc.*

Os intérpretes protestantes naturalmente contradizem frontalmente a idéia de que esses versículos possam ser interpretados corretamente desse modo, dando o direito de perdoar a Deus e ao Filho de Deus, com exclusividade, e aludindo aos apóstolos e a outros ministros apenas como veículos da mensagem, e não como quem foi autorizado a perdoar diretamente.

Descobrimos na história que o rito da absolvição foi sujeitado a um amplo desenvolvimento, integrando-se no sistema sacramental na época do escolasticismo. Tomás de Aquino (1227-1274) evidentemente foi o primeiro a defender formalmente o tipo de absolvição que se tornou comum na Igreja Católica Romana atual, e que envolve a confissão auricular e a declaração formal de absolvição, por meio das penitências e do ofício mediatório do padre. Como é óbvio, em sua substância, o rito já existia muito antes da defesa formal feita por Tomás de Aquino.

O termo tem continuado a ser usado em algumas comunidades protestantes, embora aplicado à declaração que Deus perdoa gratuitamente o pecado de quem se arrepende, mas por meio de Cristo, de Sua missão e ofício, sem o concurso de qualquer mediador humano. Porém, encoraja-se ali a confissão de pecados, mas «uns aos outros», devido aos seus favoráveis efeitos psicológicos.

Como em todas as controvérsias, é pecado mais grave exibir hostilidade para com outrem do que errar no tocante a dogmas. Além disso, o debate é bom, se não for efetuado em meio ao ódio. O amor é a prova da espiritualidade do indivíduo, e deveria manifestar-se em todos os casos de controvérsia. (B E H P)

ABSTINÊNCIA

Ver também **proibição** e **temperança**. A abstinência é a renúncia voluntária de certos alimentos, bebidas alcoólicas, prazeres carnais, atos egoístas, e atos duvidosos que podem ofender ao próximo.

Israel. Essa nação cultivava a abstinência, cujas leis incluíam várias proibições acerca de alimentos. Ver Levítico 11-15. Com o desenvolvimento do judaísmo, a lista chegou a aproximar-se do ascetismo. Certos grupos, como os essênios, adicionaram mais itens, tornando-se francamente ascéticos.

A vida de Jesus foi um testemunho contra o ascetismo, pois Ele não se retirou do mundo e da vida social, aceitou a hospitalidade oferecida por pecadores e transformou a água em vinho (João 2). E os Seus inimigos chamaram-nO de beberrão e glutão (Mat. 11:19).

O Novo Testamento. Os crentes abstêm-se das concupiscências carnais (I Ped. 2:11), da impureza e imoralidade— (Col. 3:5), da cobiça (Col. 3:5). Para agradar os judeus, mas não com base em algum princípio moral absoluto, os primitivos cristãos se abstinham de animais sufocados, bem como da carne com sangue (Atos 15:2-29). Os princípios morais requerem a abstinência de bebidas alcoólicas (Gál. 5:21), bem como de todas as formas conhecidas de mal (Sal. 119:101). Esse princípio envolve ações duvidosas que possam ofender ao próximo, ainda que não sejam ofensivas à própria pessoa (I Cor. 7:5). O jejum é um bom exercício espiritual, se não for levado ao exagero (Mat. 6:16-18).

O *ascetismo* é condenado (Col. 2:20-23; I Tim. 4:1-3), conforme essas referências o demonstram. O ascetismo, e não apenas o vício, pode originar-se da influência demoníaca. Ver completas explicações sobre esses versículos, no NTI. (H NTI S)

ABSTRAÇÃO

Vem do latim **abstractus**, particípio passado de *abstrahere*, «extrair».

1. Em Aristóteles e Tomás de Aquino, esse é o processo por meio do qual as idéias universais podem ser apropriadas pela mente. Tal processo é possível por causa da natureza *hilomórfica* da substância, isto é, a substância compõe-se de matéria e forma. A mente detecta informes sensoriais, extraindo daí a forma, contanto que ela seja universal.

2. Para Locke, a abstração é o ato de extrair aquilo que é *comum* a um grupo de coisas individuais, mediante comparação de similaridades e diferenças. Todas as classificações devem envolver o processo da abstração, a fim de se chegar ao que é comum. Isso envolve a «eliminação» de elementos não-comuns. Se abstrairmos a cor amarela em um grupo de objetos que tenham essa cor, teremos de deixar de lado outras considerações, a fim de chegarmos a um fator comum.

3. Na lógica e na matemática contemporâneas, a abstração é o nome dado àquela operação sobre uma variável, que produz uma função. (F P)

ABUBO

Pai de Ptolomeu, governador militar de Jericó, que assassinou seu sogro, Simão, o hasmoneano, e seus dois filhos, em Jericó (I Mac. 16:15), em 135 A.C. (Z)

ABU HANIFA

Faleceu em 767. Foi islamita persa, fundador de uma das quatro escolas ortodoxas de jurisprudência; seus seguidores supunham-no intérprete infalível do Alcorão e do Suna (ver os artigos a respeito). Era considerado homem dotado de juízo supremo, que dependia mais do juízo pessoal independente do que das tradições, em casos não tratados pela lei e pelo Alcorão. A fim de garantir a justiça, quando necessário, ele rejeitava até mesmo as claras indicações do Alcorão. (E)

ABUNDÂNCIA

Em Gên. 49:26, «bênçãos»; em I Reis 10:13 e Est. 1:7, «generosidade»; em Sal. 116:12, «benefícios». O salmista louvou a Deus pela generosidade do Senhor, pela abundância das coisas que Ele dá, material e espiritualmente falando (ver Sal. 13:6; 65:11; 116:7,12). A generosidade divina inspira-nos confiança (ver Sal. 142:7), e o salmista orou a respeito disso (ver Sal. 119:17). Lemos em Gên. 49:26: «As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais até o cimo dos montes eternos...» Aos crentes, Deus dará uma abundância maior e eterna.

O Novo Testamento ensina que, no campo espiritual, aqueles que semearem com abundância colherão com abundância (ver II Cor. 9:6). Mas também há a promessa de um abundante suprimento de bens materiais, a fim de podermos labutar espiritualmente, sem o empecilho da pobreza e suas restrições (ver II Cor. 9:8). Oxalá seja essa a nossa

sorte! A abundância é prova do amor que Deus nos tem. E quando compartilhamos de nossa abundância com outras pessoas, estamos apenas cumprindo a lei do amor, prova da espiritualidade (ver I João 4:7).

ABUNDÂNCIA, GENEROSIDADE

A palavra hebraica que mais corresponde à idéia por detrás dessas palavras portuguesas é *shoa*, «magnânimo», que figura somente em Isa. 32:5 e Jó 34:19. Palavras afins são *chesed*, «generosidade» e *tob* ou *tub*, «bondade». *Chesed* figura por noventa e quatro vezes (por exemplo: Êxo. 34:6; Sal. 33:5). *Tob* figura por mais de quinhentas e sessenta vezes (por exemplo: Êxo. 18:9; Sal. 16:2; Jer. 2:7; 33:9; Zac. 9:17, etc.).

Conceitos Básicos. 1. Generosidade, sobretudo da parte de Deus, porquanto toda a abundância começa com o Senhor (Sal. 13:6; 65:11; 116:7,12; 142:7).

2. Os homens deveriam orar para que a abundância divina lhes seja conferida (Sal. 119:17).

3. A abundância de bênçãos é prometida àqueles que se mostram generosos com os pobres (Pro. 22:9).

4. A bênção divina é eterna e abundante, conforme se vê na vida de José, dentro da bênção proferida por Jacó: «As bênçãos de teu pai excederão às bênçãos de meus pais até o cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José, e sobre o alto da cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos» (Gên. 49:26).

5. O rei Salomão, o mais rico de todos os monarcas hebreus, deixou a rainha de Sabá admirada com sua generosidade e abundância (I Reis 10:13), e ele obteve suas riquezas buscando, em primeiro lugar, a sabedoria, para que o primeiro lugar fosse dado às coisas mais importantes. Com isso concorda o princípio exarado em Mat. 6:33: «...buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas cousas vos serão acrescentadas».

6. Paulo levantou uma abundante oferta para os pobres de Jerusalém, enviada pelas igrejas gentílicas, como sinal de fraternidade e comunicação com suas necessidades (II Cor. 9:11).

7. A generosidade é um princípio geral espiritual de que aqueles que semeiam pouco também colhem pouco, e que aqueles que semeiam abundantemente também colhem com abundância (II Cor. 9:6), e isso aplica-se tanto às questões financeiras como a tudo em que pomos a mão. (HA ID NTI Z)

ABUTRE

Essa ave aparece em quinto lugar entre as aves declaradas imundas (ver Deu. 14:13). No entanto, algumas traduções (como nossa versão portuguesa), preferem traduzir o termo hebraico envolvido por «falcão». O pássaro em questão é dotado de grandes asas, capaz de voar bem alto, sendo espécie tanto residente na Palestina como migratória. O falcão é ave com boa variedade de cores, desde escuras até pálidas, passando pela cor de mel. Qualquer ave de rapina, mui naturalmente, era proibida pela lei mosaica como alimento humano. As aves de rapina são transmissoras de enfermidades, devido a seus hábitos alimentares. (ID Z)

ACÃ

No hebraico, «perturbador» (Jos. 7:1). Era filho de Carmi, da tribo de Judá. Recebe o nome de Acar, em I Crô. 2:7, onde é apodado de «o perturbador de Israel».

1. *O pecado de Acã.* Por causa de um único ato impensado, ele obteve uma lamentável notoriedade. Jericó e tudo quanto nela estava, excetuando Raabe e seus familiares, foram destinados à total destruição. Tudo teve de ser queimado, e todo o metal foi dedicado a Deus (ver Deu. 7:16,23-26 e Jos. 6:17-19). Após a queda de Jericó (em cerca de 1400 A.C.), essa maldição foi rigidamente cumprida, excetuando o ato de Acã. Ele preservou para si mesmo uma boa capa babilônica, duzentos siclos de prata e uma barra de ouro do peso de cinqüenta siclos. (Ver Jos. 7:21).

2. *Castigo contra o pecado.* Ai havia sido visitada por espias que disseram que esta poderia ser facilmente conquistada. Mas três mil homens não foram capazes do feito. Josué indagou do Senhor a razão da derrota, e foi-lhe revelado que alguém havia pecado. Foram lançadas sortes para descobrir o ofensor, e Acã foi detectado. Os intérpretes sentem dificuldades em explicar o uso de um aparente jogo de azar, pelo qual Acã foi descoberto. Mas outros têm afirmado que não houve envolvimento de qualquer *chance*, pois o Senhor estava interessado pela questão. Ainda outros salientam o baixo nível de espiritualidade requerido por tal, embora, observem que o primeiro capítulo de Atos também envolve esquema idêntico, se é que isso nos ajuda em alguma coisa. Ver o artigo sobre a *adivinhação*. Seja como for, Acã, seus familiares e suas possessões foram levados ao vale de Acor (tribulação), onde as pessoas foram apedrejadas e queimadas (ver Jos. 7:25). Dessa circunstância surge o outro problema principal, a saber, se tal castigo foi próprio. Alguns intérpretes supõem que a família de Acã tinha consciência de seu pecado e o promoveu, pelo que mereceram o que receberam. Outros apenas frisam que se tratava de uma era brutal, e que aqueles que queimaram e destruíram tudo em Jericó, não hesitaram em matar alguns parentes de Acã, mesmo que eles, como indivíduos, talvez fossem inocentes. Outros afirmam que, de modo geral, a iniqüidade de Canaã estava agora tão cheia que o juízo lhes sobreveio de modo *geral* (ver Gên. 15:16). Ainda outros pensam que é ridículo tentar justificar cada ato de violência, só porque está narrado na Bíblia, lançando a culpa sobre Deus. É inútil apontar para Deu. 24:16, que proíbe que os filhos sejam mortos por causa dos pecados de seus pais, porquanto isso seria considerado um caso de «culpa por convivência», um justo castigo contra o próprio Acã. De qualquer modo, a vida humana era e continua sendo barata. Intérpretes como Orígenes, que encontrava problemas morais com narrativas assim, simplesmente as alegorizava para descobrir sentidos espirituais; e não reputava instrutivo o evento literal, e nem característico das coisas boas que Deus faz. Ver o artigo sobre *Interpretação Alegórica*. (S UN Z)

ACÃ

No hebraico, **torcido**. Um dos filhos de Eser, filho de Seir, descendente de Esaú (ver Gên. 36:27). Em I Crô. 1:42 ele é chamado Jaacã. (S Z)

ACABE

No hebraico, **irmão do pai**. 1. Filho de Onri e sexto rei de Israel. Reinou por vinte e um anos, entre 918 e 897 A.C., aproximadamente. Foi um dos reis mais fracos e corruptos de Israel. Parece ter tido bons sentimentos e disposições, mas facilmente desviava-se para o mal. Sua história aparece principalmente em I Reis 16 - 22. A narrativa mostra que a debilidade, por

parte de alguma alta autoridade, pode produzir tanto o mal quanto a impiedade direta. Foi influenciado por sua associação com os fenícios, e vários erros por ele cometidos podem ser atribuídos a esse fato.

a. *Influência fenícia*. Havia laços comerciais, provenientes do tempo de Davi e Salomão. Tais associações, após a divisão de Israel em dois reinos, tiveram fim em Judá, mas permaneceram fortes no norte, em Israel.

b. Jezabel, sua esposa, era filha de Etball, rei de Tiro. Era mulher enérgica, mas ímpia e pagã, e conseguiu dominar completamente a Acabe. Por meio da influência dela, pois, foi estabelecido o culto aos deuses fenícios, sobretudo o deus-sol, Baal, no reino do norte.

c. Antes disso houvera incidências de idolatria em Israel, mas agora caíram por terra todas as restrições. O rei erigiu um templo em Samaria, levantou uma imagem e consagrou um trecho arborizado a Baal. Muitos sacerdotes de Baal eram mantidos, ao ponto da idolatria tornar-se a religião predominante em Israel. Tão poderoso foi o movimento que parecia que a antiga fé dos judeus se perderia para sempre.

d. *Elias* (ver o artigo) era o homem certo para enfrentar a emergência. Ele se opôs vigorosamente à idolatria e à autoridade real que lhe dava o apoio. Foi autor de predições e milagres que visavam a fazer o povo voltar-se de novo para o Senhor.

e. *O caso de Nabote*. Perto do palácio de Acabe, em Jezreel, havia um cidadão chamado Nabote, cuja vinha Acabe desejava. Acabe tentou convencer Nabote a vendê-la, mas este recusou-se devido a direitos de herança de sua família (por lei divina). Jezabel tomou a questão nas mãos, quando viu o desapontamento de Acabe, pressionando os anciãos da cidade e subornando falsas testemunhas contra Nabote. Foi assassinado por alegadas blasfêmia e traição. Acabe tomou posse da vinha, mas, em sua volta para casa, Elias saiu ao encontro dele e predisse que cães lamberiam o seu sangue no lugar onde havia sido lambido o sangue de Nabote; que Jezabel seria comida por cães, perto das muralhas de Jezreel, e que o resto da família teria seus cadáveres devorados pelos cães da cidade, ou pelas feras e aves. Acabe ficou aterrorizado e arrependeu-se, e a execução plena da profecia foi adiada até depois de sua morte, no reinado de Jeorão, seu filho (ver I Reis 21).

f. *Morte de Acabe*. Ele morreu de ferimentos recebidos em batalha contra os sírios, algo que fora predito por Micaías, embora o rei não tivesse crido na predição. Militarmente, ele fora bem-sucedido, mantendo seu governo e autoridade, o que é indicado pela Pedra Moabita, linhas sétima e oitava, onde somos informados que Onri e seu filho, Acabe, governaram a terra de Medeba (conquistada por Onri), durante quarenta anos. Porém, quando Acabe envolveu-se em guerra contra os sírios, Moabe se rebelou.

g. *Cumprimento da profecia de Elias*. Acabe foi morto por um homem que atirou sua flecha ao acaso. Conseguiu manter-se de pé em seu carro de guerra, e morreu à tardinha, e seu exército dispersou-se. (Ver I Reis 22). Ao ser trazido para ser sepultado em Samaria, os cães lamberam o seu sangue, enquanto um servo lavava o seu carro de guerra.

h. *Acabe e a arqueologia*. O nome dele aparece com preeminência nos monumentos assírios do grande conquistador Salmaneser III (859-824 A.C.). A inscrição Monolítica, atualmente no Museu Britânico, narra o choque entre o exército assírio, em 853 A.C. com uma colisão de reis sírios em Carcar, ao norte de Hamate, uma fortaleza que guardava os acessos para toda a baixa Síria. Essa inscrição mostra que Acabe conseguiu sustar com sucesso o avanço assírio. Acabe lançou dois mil homens nessa batalha, mais que qualquer outro. Ultrapassado somente pelo estado damasceno, ele mostrou ser a força militar mais poderosa na Síria central e inferior, nos meados do século IX A.C.

i. O aspecto mais triste da história de Acabe é o seu fracasso espiritual, tendo-se oposto abertamente a Elias, por influência de sua esposa. O pecado dele afetou negativamente gerações sucessivas, o que foi condenado por Osé. 1:4 e Miq. 6:16.

j. Surpreendentemente, nosso Senhor descendia de Acabe e Jezabel! Ver Mat. 1:8,9. O Uzias ali mencionado é o mesmo Uzias ou Amazias, filho de Joás, neto de Atália e bisneto de Acabe e Jezabel.

2. *Acabe, filho de Colias*. Esse homem foi um falso profeta, autonomeado, que falava em nome de Deus entre os exilados na Babilônia, pouco depois que Jeconias (Jeoiachim) foi levado para o exílio, no fim do reinado de Judá (598/597 A.C.), cerca de onze anos mais tarde. Ele é mencionado em Jer. 29:21-23. Ele e um certo Zedequias foram culpados de grosseira imoralidade. Foi predito que ele seria morto na presença daquele a quem enganara, e que, no futuro, tornar-se-ia um dito popular: «...o Senhor te faça como a Zedequias e como a Acabe, os quais o rei de Babilônia assou no fogo» (Jer. 29:21,22). Tal dito popular tornou-se uma maldição comum. O código de Hamurabi, um antigo monarca babilônio, prescrevia a pena de morte contra o adultério. Portanto, isso foi parte do julgamento decretado contra Acabe. Acabe e Zedequias são identificados como os dois anciãos malignos da narrativa apócrifa de Susana. (ND S UN Z)

ACÁCIA

No hebraico temos uma palavra cujas letras transliteradas para as letras latinas dariam *sitâ*. Da árvore desse nome é que se tirava a madeira de acácia, mencionada por vinte e seis vezes no Antigo Testamento, principalmente no livro de Êxodo. Entretanto, o trecho de Isaías 41:19 menciona a árvore propriamente dita. A forma plural da palavra hebraica daria algo como *sitim*. Foi de uma localidade com esse nome que Josué enviou os espias, pois sem dúvida ali havia uma floresta de acácias (ver Jos. 2:1).

Há duas espécies dessa árvore, a *Acacia seyal* e a *Acacia tortilis*. São as únicas árvores que se desenvolvem bem nas regiões áridas. A *tortilis* é maior e também mais comum do que a outra. Sua madeira de cor marrom tem grão fino, sendo muito usada no fabrico de móveis. Essa madeira foi própria para a fabricação da arca da aliança, do altar e das mesas do tabernáculo. Os egípcios, que foram os primeiros a chamar a espécie de tal nome, usavam a sua madeira no fabrico de navios, móveis e imagens de escultura, pois, apesar de leve, tal madeira é dura e incorruptível. A abundância da espécie no vale do Jordão explica topônimos como Sitim (Jos. 2:1; 3:1, etc.), Bete-Sita (Juí. 7:22) e Abel-Sitim (Núm. 33:49).

Outras Variedades

Um arbusto do qual há certa variedade de espécies. 1. A *acácia nilótica*, que pode ser vista em abundância ao redor do mar Vermelho, onde é chamada de espinheiro. É referida no livro de Êxodo como *sarça*. 2. Nos trechos de Êxo. 25:5,10; 13:23; 26:15; 16:26; Deu. 10:3; Jos. 2:1; 3:1,18; Isa. 41:19 e Miq. 6:5, temos a *acácia torilis*, chamada *sitim*. Trata-se de

uma madeira dura, de cor amarronzada, usada para o fabrico de móveis até os tempos modernos. Nos tempos antigos, tal como hoje, a planta era abundante. 3. A *acácia arábica*, que talvez seja a espécie referida em Êxodo 3, e que produz a goma-arábica. Essa árvore não era nativa no norte da Palestina, e nem é especificamente mencionada na Bíblia. 4. A *acácia catechu*, de onde talvez fosse extraída a *hena*, referida em Cantares de Salomão 1:14 e 4:13. Era misturada à cânfora, formando uma pasta. (ID UN Z)

ACÁCIO DE CESARÉIA

Faleceu em cerca de 366. Foi discípulo, sucessor e biógrafo (340) de Eusébio de Nicomédio, que também (como ele) foi líder do partido ariano. Ver sobre Ário e o arianismo. Foi amargo opositor de Cirilo de Jerusalém. (E)

ACADE

No hebraico significa **fortaleza**, antiqüíssimo centro do poder imperial camita, fundado por Ninrode (Gên. 10:10). Essa cidade deve ser identificada com Agrade, que Sargão I trouxe à fama como capital de seu império semita, e que dominou o mundo mesopotâmico em cerca de 2360 - 2180 A.C. Ficava à beira do rio Eufrates, a pouca distância da moderna Bagdá. A *região* derivou o nome de sua capital, incluindo a planície aluvial sem pedras do sul da Babilônia e do norte da Suméria. A expressão «terra de Sinear», onde se desenvolveu o primeiro poder imperial do mundo, incluía as cidades de Babel, Ereque (Uruque), Acade e Calné. Os habitantes originais da região provavelmente foram sumerianos não-semitas, mas de origem camita (ver Gên. 10:8-10), inventores da escrita cuneiforme, precursores culturais dos posteriores conquistadores semitas da Babilônia. Esse império perdurou por dois séculos, considerado pelos babilônios como um império ideal, representante de uma espécie de idade áurea. O termo Acade veio a ser aplicado a todo o norte da Babilônia, a fim de contrastar com a Suméria, o sul da Babilônia. *Acadiano* é atualmente usado como termo para referir-se à mais antiga língua escrita, utilizada durante o reinado de Sargão de Acade, chamado «acadiano antigo». Essa palavra também designa os idiomas semíticos assírio e babilônio. (ND S UN Z)

ACADEMIA DE PLATÃO

Está em pauta a escola ou universidade de grande duração, fundada por Platão, em Atenas (385 A.C. até 529 D.C.). Recebeu o nome de «academia» devido ao lugar onde estava localizada, um lugar público dedicado ao herói grego Academus. Especializava-se essa escola na matemática, na música, na astronomia, na dialética, e, naturalmente, nos vários ramos da filosofia.

Divisões Históricas:

1. A primeira academia, que refletia influências pitagoreanas e sua preocupação com os números. As principais figuras desse período foram Speusipo, Xenócrates, Hérclides do Ponto, Pólemon, Crates, Crantor e Platão. A epistemologia era um dos grandes interesses da academia.

2. A segunda academia deu continuação a ênfase sobre a epistemologia, mas, já sem contar com Platão, a escola voltou-se para um ceticismo moderado, que não teria agradado ao fundador. Arcésilas (ver o artigo a seu respeito) foi a grande figura desse período.

3. A terceira academia, ainda de tendências céticas mais fortes, desenvolveu interesse pela teoria das probabilidades. As principais figuras desse período foram Carnéades e Clitômaco (ver os artigos a respeito deles).

4. A quarta academia caracterizava-se pelos interesses ecléticos e pelo neoplatonismo. Seus principais membros foram Filo de Larissa, Antico de Ascalom, Gaio, Eudoro de Alexandria, Plutarco de Alexandria, Teom de Esmirna, Albino, Nicóstrato, Ático, Celso, Máximo de Tiro e Severo. Ver artigos separados sobre cada uma dessas personagens. (EP P)

ACADEMIA FLORENTINA

Foi uma tentativa feita em Florença, na Itália, no século XV, para produzir um centro de erudição para a renascença, no espírito da academia de Platão. As igrejas grega e latina trouxeram a Florença o neoplatonista Gemistos Pleton (ver o artigo a respeito), o qual fez conferências acerca de Platão e dos místicos de Alexandria. A sociedade florentina correspondeu com entusiasmo e a idéia se desenvolveu, resultando em uma espécie de reavivamento da academia de Platão. Marsílio Ficino (ver o artigo a respeito) era o nome que encabeçava a lista de interessados, além de vários membros da família dos Médicis e outros mestres famosos, como Ângelo Poliziano, Cristóforo Lantino, e outros, que foram convidados a participar. Obras gregas e alexandrinas foram traduzidas e explicadas. Mediante tais atividades, o neoplatonismo recebeu um novo impulso, tendo exercido poderosa influência sobre a literatura européia do século XVI. (AM P)

AÇAFRÃO

O termo aparece somente em Cantares 4:14, como uma das especiarias ali exaltadas. Talvez fosse o crocus da Índia, de cuja planta se fabricava um pó aromático, usado para dar certo gosto aos alimentos. Esse pó era extraído do Crocus sativus. Eram necessárias mais de quatro mil flores da planta para produzir cerca de um quarto de quilo desse pó.

As flores eram colhidas quando elas começavam a abrir-se, e então os pistilos das mesmas eram cuidadosamente removidos. Então os mesmos eram ressecados em um forno portátil, a fim de que se evaporasse a umidade.

Nos países de clima quente, os estigmas podiam ser ressecados ao sol. E o pó daí resultante era usado para dar sabor a bolos, assados e molhos. Era planta nativa da Palestina, pelo que era conhecida por Salomão, que escreveu o único livro da Bíblia onde ela é mencionada. (ID Z)

ACAIA

Uma região da Grécia que, no sentido restrito, ocupava a porção noroeste de Peloponeso, incluindo Corinto e seu istmo (Estrabão, viii. págs. 438 ss). O uso poético permitia que o termo designasse a Grécia inteira, de tal modo que os acaianos eram os gregos. Sob os romanos, a Grécia foi dividida em duas províncias, Macedônia e Acaia. A primeira incluía a Macedônia propriamente dita e o Ilírico, o Épiro e a Tessália; e a segunda toda a porção ao sul da mesma. É nesse sentido que o termo é empregado no Novo Testamento (Atos 17:12-16; 19:21; Rom. 15:26; I Cor. 16:15; II Cor. 1:1; 9:2; 11:10; I Tess. 1:7,8). A

princípio, a Acaia foi uma província senatorial, governada por procônsules (Dion, Cass. liii. par. 704). Tibério transformou ambas essas regiões em províncias imperiais, sob procuradores (Tácito, *Annal.* 1:76). Mas Cláudio restaurou-as ao senado bem como à forma proconsular de governo. (Suet. *Claud.* 25). Nisso se vê a exata e minuciosa propriedade com que Lucas se expressou, ao dar a Gálio o título de procônsul, o qual foi nomeado para governar a província no tempo de Cláudio. Ver Atos 18:12. (ID ND S)

Era natural da Acaia e se tornou discípulo de Paulo. Juntamente com Estéfanas e Fortunato, Acaico foi portador da primeira epístola aos Coríntios, onde é elogiado por Paulo diante dos coríntios, como merecedor de seu respeito especial (ver I Cor. 16:7). Eles haviam servido bem a Paulo, e agora o apóstolo pedia que lhes fosse dado esse tratamento pelos coríntios. (S Z)

ACAMPAMENTO

Ver o artigo sobre **Exército**. 1. O livro de Números descreve os acampamentos dos israelitas, durante o êxodo. O povo se punha em ordem ao redor do tabernáculo, em seus quatro lados (ver Núm. 2:2). O tabernáculo, pois, ficava cercado pelas doze tribos, que formavam os lados externos de um retângulo. No oriente ficavam Judá, Issacar e Zebulom. Ao sul ficavam Rúben, Simeão e Gade. Ao norte ficavam Dã, Aser e Naftali. No ocidente ficavam Efraim, Manassés e Benjamim. Dentro dessa formação, e ao redor do tabernáculo, ficavam os levitas e os transportadores de bagagens, bem como os currais de animais domésticos. 2. *Uso militar.* Não era seguida pelos militares qualquer formação única. Proteções naturais como colinas, vales e rios podiam ser utilizados como proteções, determinando a formação. Linhas de defesa eram estabelecidas (ver I Sam. 17:20; 26:5). Sentinelas eram estacionados (ver Juí. 7:19). Quando arrebentava alguma batalha, alguns ficavam para trás, para guardar o acampamento. 3. *No Novo Testamento.* Os romanos tinham barracas e quartéis (ver Atos 21:34,37; 22:24; 23:10,16,32). Arraiais específicos eram usados (ver Heb. 11:34. Ver também Heb. 13:11,13 e Apo. 20:9). 4. Espiritualmente falando, há um acampamento espiritual dos soldados espirituais, os quais acampam em um território hostil, e cuja segurança e sucesso depende da estrita obediência ao comandante-em-chefe.

Essa expressão refere-se ao acampamento que Israel tinha na noite antes da destruição do exército egípcio no mar Vermelho, localizado entre Migdol e o mar, de acordo com Êxo. 14:2. Isso sucedeu na vizinhança de Baal-Zefom e Pi-Hairote, ambas as localidades são descritas em artigos separados nesta obra. A localização exata depende da interpretação sobre a rota exata do *êxodo* (ver o artigo a respeito). Se os hebreus seguiram uma rota para o norte, o acampamento então ficava às margens do lago Sirbonis; se seguiram uma rota para o sul, então ficava às margens do atual mar Vermelho; e se seguiram uma rota central, então o acampamento ficava entre esse lago e o mar Vermelho.

ACAR

Variante do nome **Acã**, que lhe é dada em I Crônicas 2:7.

ACAZ

No hebraico significa **possuidor**. É forma abreviada de Jeoacaz, *possuído por Yahweh*. Trata-se do mesmo Acazias, com mera transposição de letras. Sua história aparece em II Reis 16:1-20 e II Crô. 27:9. Ele envolveu-se em desastrosas aventuras religiosas, militares e diplomáticas. Foi o décimo terceiro monarca judeu da linhagem de Davi. Reinou por dezesseis anos (735-719 A.C.).

1. *Família.* Casou-se com Abia, filha de Zacarias, a qual foi mãe de Ezequias, um dos melhores reis de Judá. Seu avô e seu bisavô também foram monarcas dignos.

2. *Reinado.* Acaz tornou-se rei aos vinte anos de idade. Há um problema acerca das datas de seu reinado. Em II Crô. 28:1 e II Reis 16:2, aparentemente ele faleceu com trinta e seis anos. Mas, em II Crô. 29:1, seu filho Ezequias subiu ao trono com vinte e seis anos, quando da morte de Acaz, fazendo com que Acaz tivesse apenas onze anos quando do nascimento de seu filho, Ezequias. Na Septuaginta, a idade de Acaz seria de vinte anos em II Reis 16:2; mas, em II Crô. 29:1, sua idade aparece como vinte e cinco anos. Os manuscritos variam e confundem mais ainda o quadro. É verdade que, nos países orientais, casavam-se adolescentes ainda bem jovens, e geravam filhos. Porém, parece mais provável que alguma corrupção textual tenha entrado na história, e não que Acaz tornara-se pai aos onze anos de idade.

3. *Idolatria.* Acaz entregou-se à mais abominável idolatria. Um de seus filhos foi sacrificado ao ídolo Moloque. Ele mesmo ordenou ativamente sacrifícios e observâncias pagãs em lugares altos, colinas e bosques. Sacrificava aos ídolos da Síria, que ele supunha serem a causa de suas calamidades. Quebrou os vasos sagrados do templo e erigiu ídolos em toda a terra. Foi um dos mais corruptos reis da história de Judá, acerca de ritos pagãos, ao mesmo tempo em que desrespeitava o antigo culto de Israel. Finalmente, fechou o templo de Jerusalém.

4. *Guerras.* Como de costume, houve então muitas guerras. No mundo temos a história do homem, o selvagem, o caçador implacável, o destruidor. Os comentadores procuram desculpar muito dessa selvageria, diminuindo o efeito dos atos bárbaros, ou mesmo lançando toda a culpa sobre Deus, como se Ele fosse o grande Chefe da horta de assassinos. Mas, a mente espiritual sente-se repelida ante a idéia que Deus é o líder de tribos selvagens.

Perto do fim do reinado do pai de Acaz, os sírios, sob Rezim, e os israelitas, sob Peca, começaram a assediar Judá. Pensavam que Acaz era um rei fraco, e resolveram derrubá-lo do trono, fazendo de Tabeel o seu testa-de-ferro em Judá. A invasão veio, o povo ficou aterrorizado, mas o profeta Isaías garantiu a Acaz que Judá reteria sua independência. A invasão foi derrotada, embora as tribulações de Acaz tivessem continuado. Rezim atacou novamente, e Peca matou cento e vinte mil homens do exército de Acaz em um único dia, levando duzentos mil prisioneiros, incluindo seu filho, Maasseias. Mas o profeta Oded interveio, e vários líderes persuadiram as tropas a soltar os prisioneiros. Soltos, estes voltaram a Judá. Mas então os idumeus do sul atacaram o país e levaram a muitos como escravos. No oeste, os filisteus invadiram e tomaram Bete-Semes, Aijalom, Gederote, Socó, Timnate e Ginzo, povoando essas localidades com sua própria gente.

5. *Acaz torna-se um rei vassalo.* Desesperado, Acaz voltou-se para impiedade ainda maior, profanou a adoração tradicional, substituindo-a pela idolatria, e transformou tudo em um verdadeiro caos. Tornou-se vassalo de Tiglate-Pileser, rei da Assíria, ao implorar

o seu socorro contra os seus inimigos. Tiglate-Pileser derrotou os sírios, mas impôs pesado tributo a Acaz, deixando-o desesperado em outro sentido. Foi a Damasco congratular-se com o rei assírio, e ali observou um altar pagão, do qual gostou. Ordenou que fosse feita uma réplica do mesmo, e o pôs no templo, no lugar do altar de bronze. Esse altar pagão, pois, tornou-se o centro da adoração. Esse culto envolvia a adoração às estrelas e aos planetas, o sacrifício infantil e a feitiçaria (ver II Crô. 28:22-25; Isa. 8:19). O nome de Acaz, portanto, ficou ligado à adoração ao sol, e as abominações pagãs prosseguiram até um século mais tarde (ver II Reis 23:11).

6. *Sua morte*. Acaz morreu no décimo sexto ano de seu reinado, e sepultaram-no em Jerusalém, embora não nos túmulos reais (ver I Reis 15:36; 16:2; II Crô. 28 e Isa. 7).

7. *Arqueologia*. O nome de Acaz ocorre em uma inscrição do famoso imperador assírio, Tiglate-Pileser III (744-727 A.C.), chamado *Pul* (Pulu). Acaz é mencionado como quem pagava tributos à Assíria sob a forma de ouro, prata, chumbo, ferro, estanho, peças de lã colorida, linho e toda espécie de objetos valiosos, produtos do mar e da terra, cavalos reais, mulas e tesouros. (DE FA ND S UN Z)

ACAZ

Bisneto de Jônatas, filho do rei Saul, um dos quatro filhos de Mica. Foi pai de Jeoada ou Jaerá (ver I Crô. 8:35,36 e 9:42), acerca de quem nada se sabe. (S)

ACAZIAS

No hebraico, **a quem Yahweh sustenta** (I Reis 22:40,41 tem uma forma mais longa do nome; e II Reis 1:2, uma forma mais breve). Foi filho e sucessor de Acabe, como rei de Israel. Foi o oitavo rei de Israel. Reinou apenas por dois anos (cerca de 853-852 A.C.). Jezabel exerceu sua péssima influência sobre ele, tal como influenciara seu pai, tendo seguido toda espécie de coisas malignas.

1. *Revolta*. Por ocasião da morte de Acabe, os moabitas revoltaram-se e recusaram-se a pagar tributo a Israel, o qual consistia de cem mil ovelhas e de um igual número de carneiros (ver II Reis 1:1 e 3:4,5).

2. *Acazias e Josafé*, rei de Judá. Esses dois monarcas tentaram reavivar o tráfico marítimo por via do mar Vermelho, mas o projeto terminou em nada (ver II Crô. 20:35,37).

3. *Acazias e o oráculo*. Acazias caiu pelas grades de um quarto elevado em seu palácio, e quis saber se teria chances de recuperação. Então enviou alguém para consultar o oráculo de Baal-Zebube, deus de Ecrom. Mas Elias saiu ao encontro do grupo, enviando-os de volta, a fim de informarem ao rei que ele não mais recuperaria a saúde (ver II Reis 1:4). Assim sucedeu, e Acazias foi substituído no trono por seu irmão, Jeorão (ver II Reis 1:17; II Crô. 20:35). (S UN)

ACAZIAS

Foi sobrinho do Acazias anterior. Foi o oitavo rei da linhagem de Davi, tendo reinado em Judá por menos de um ano, em 842 A.C. Em II Crô. 21:17 e 25:23, ele é chamado de Jeoacaz. Continuou refletindo a péssima influência da ímpia Jezabel, voltando-se para todas as formas de mal, no breve período de seu reinado. Era filho de Jeorão e Atália, sendo esta filha de Acabe e Jezabel (ver II Reis 8:24-27). A família inteira era corrupta, e sua mãe influenciou-o a participar da idolatria. «Ele também andou no caminho da casa de Acabe porque sua mãe foi quem o aconselhou a proceder iniquamente» (II Crô. 22:3). Uniu-se a seu tio, Jeorão, de Israel, em uma expedição contra Hazael, rei da Síria, na tentativa de recuperar Ramote-Gileade (ver II Reis 8:27,28). Esse Jeorão era filho de Josafé, rei de Judá (872-849 A.C.). Casou-se com Atália, filha de Acabe e Jezabel. Portanto, houve o envolvimento de dois homens com o nome de Jeorão, pai e tio de Acazias (ver o artigo sobre Jeorão). Foram bem-sucedidos na campanha, mas Jeorão foi mortalmente ferido e retirou-se para Jezreel (cidade ao sul do lago Quinerete, dentro do território israelita), a fim de recuperar-se. Depois disso, Acazias foi visitar Jeorão. Os dois reis saíram em seus carros de guerra ao encontro de Jeú. Jeorão recebeu uma flechada que lhe atravessou o coração, e Acazias, ao tentar escapar, foi alcançado e gravemente ferido. Atingiu Medigo, onde faleceu. Seu corpo foi levado a Jerusalém, para ser sepultado. O Senhor escolheu Jeú para destruir a casa de Acabe. (Ver II Reis 8:26,27). O julgamento divino, pois, estava sendo imposto. Jeú havia sido ungido rei antes disso, pelo que seu ato fez parte da consolidação de seu reino. (DE ND S UN Z)

ACBOR

No hebraico, **rato, roedor**, designado no Antigo Testamento. 1. O pai de Baal-Hanã, rei dos idumeus (Gên. 36:38,39; I Crô. 1:49). 2. Um oficial de Josias (II Reis 22:12,14; Jer. 26:22; chamado Abdom, em II Crô. 34:20 (cerca de 624 A.C.). Era filho de Micaías (II Reis 22:12), e pai de Elnatã (Jer. 26:22). Josias ordenou que ele fosse com outros consultar a profetisa Hulda, acerca do recém-descoberto livro da lei. (S)

ACEITAÇÃO

Termo que significa que uma pessoa ou ato é aprovado ou bem recebido por outrem. A palavra também é usada para indicar a aceitação de um conceito ou verdade por meio da fé. Nesse contexto, a teologia medieval distinguia três facetas na fé: 1. *Notitia*, entendimento; 2. *assensus*, assentimento; e 3. *fiducia*, confiança. As duas primeiras indicam o assentimento da pessoa à verdade revelada, e a terceira indica seu ato final de fé, na qual ela aceita o que a Igreja ensina, por haver crido que o revelador é o próprio Deus. Tal fato significa que há um ato de submissão à autoridade da Igreja, e à plena aceitação da revelação.

No que tange a Cristo, a pessoa aceita-O como Salvador e Senhor com base em seu assentimento, que termina no ato de outorga. Muitos objetam ao ato cego de submissão à Igreja, insistindo que se trata antes de um relacionamento direto com Cristo. Essa era a posição de Lutero. O fundamentalismo com freqüência tem ressaltado a necessidade da «doutrina correta» ao ponto em que o assentimento às proposições doutrinárias corretas, evidenciado por meio de uma confissão pública, com freqüência substitui qualquer outorga real à pessoa de Cristo.

A aceitação de Deus. Sob o antigo pacto, isso era simbolicamente representado na realização das exigências rituais e cerimoniais (Lev. 22:20), bem como nas qualidades morais e éticas, como a guarda da lei (Prov. 21:3), que é salientado nos escritos dos profetas (Isa. 1:12-15; Jer. 6:20; Miq. 5:21-24).



Acéldama — O Campo de Sangue,
Vale de Hinom
Cortesia, Matson Photo Service



O CAMPO DOS PASTORES, COM BELEM A DISTANCIA — Cortesia Matson Photo Service

No Novo Testamento, a aceitação alicerça-se sobre a obra remidora de Cristo (Efé. 1:6; I Ped. 2:5), que se dá segundo a graça de Deus (Efé. 2:8-9), mas também é algo que deve ser operante na vida, ou será em vão (Fil. 2:12-13). A verdadeira aceitação por Deus manifesta-se mediante uma vida dedicada, que envolve renúncia e sacrifício (Rom. 12:1-2). A verdadeira aceitação imita a do Filho pelo Pai (Mat. 3:17). Aquele que é aceito faz coisas aceitáveis, especialmente cumprindo a lei do amor (Fil. 4:18; Heb. 13:15,16; Gál. 5:22). Aquele que é recebido por Deus também aceita a outros, embora estes se mostrem deficientes em sua fé e em sua prática religiosa (Efé. 4:32; 5:2; Rom. 14:1-2; 15:7).

Paul Tillich e os teólogos-filósofos existencialistas usam o termo *aceitação* para indicar «nós» aceitamos, a saber, as idéias essenciais do credo, a liberdade humana, a busca pelo fugidio absoluto, que nunca pode ser apreendido, embora continuamente buscado. Buscamos corajosamente, e essa coragem vence o estado natural do homem, caracterizado por desesperança e dúvida, embora não de forma total. Porém, mesmo na dúvida somos aceitos pela graça de Deus. Mediante a coragem, vencemos a alienação. (B C E Z. Ver o NTI em Efé. 1:6. Ver o artigo sobre o *Existencialismo*).

Na filosofia, a *aceitação* indica que uma pessoa aceitou uma idéia ou teoria. Na filosofia da ciência, essa aceitação é sempre provisória, porque nunca se obtém toda a evidência. Cria-se um conflito com as certezas diárias que se repetem continuamente em nosso mundo, e também com as tecnologias que parecem atingir elevado grau de exatidão. Na filosofia, a aceitação pode ser tida como completa se os meios de conhecimento não são empíricos, por serem intuitivos, racionais ou místicos. Todavia, muitos negam a validade ou a absoluta validade desses meios de conhecimento. Ver os artigos sobre o *Empirismo*, o *Racionalismo*, a *Intuição* e o *Misticismo*. (E F)

ACÉLDAMA

A palavra Acéldama (Atos 1:19), é uma transliteração grega do termo aramaico *akeldamach*. Alguns estudiosos pensam que essa palavra significa «campo de sono» ou «cemitério», mas o sentido, «Campo de Sangue» é preferível e apropriado, por causa do suicídio de Judas, descrito nessa passagem em termos cruentos.

«O campo pertencia originalmente a um oleiro, e provavelmente era um terreno que já havia dado toda a argila possível para servir aos seus propósitos, tendo-se tornado, por conseguinte, inútil. Jerônimo relata que continuava existindo, no lado sul do monte Sião, em cujas circunvizinhanças, até os dias presentes há um leito de argila branca». (Alford, em Atos 1:19). (Ver o trecho de Mat. 27:10 no NTI quanto a outros significados ligados à questão do *oleiro*. Ver também Mat. 27:7).

Esse campo, conforme alguns têm asseverado, foi cercado por quatro muros, à maneira de uma torre, no pináculo da qual havia sete portas distintas, como janelas, por onde os corpos dos mortos eram descidos. Essa muralha cercava um terreno com cerca de vinte e dois metros de comprimento por quinze metros de largura, não ficando longe do vale de Hinon, na vertente sul do monte Sião. Essa construção foi feita por ordem da imperatriz Helena, mãe de Constantino (300 D.C.), a qual procurou assinalar esse e muitos outros locais associados à vida terrena do Senhor Jesus. Jerônimo afirma que em seus tempos («De Locis Hebraicis», fol. 89, C e 95 H; *de nominibus Hebraicis*, fol. 105 H) ainda se podia ver tal construção. Másio fala sobre uma altíssima montanha, próxima de Jerusalém, chamada de Acéldama, que teria obtido seu nome de um campo adjacente, e que se pensava ser o mesmo lugar mencionado em Atos. (Comentário em *Josuam*, par. 283). Atualmente, entretanto, parece não haver qualquer evidência da existência desse antigo campo, exceto que nas cercanias existem várias camadas de argila.

ACEPÇÃO DE PESSOAS

Ver **Respeito (Acepção) de Pessoas.**

ACESSO

O termo grego assim traduzido é **prosagoge**, figurando em três lugares do N.T. (Rom. 5:2; Efé. 2:18 e 3:12). A forma verbal significa «trazer à frente», «aproximar» (prosago), podendo ser encontrada em seis lugares (Mat. 18:24; Luc. 9:41; Atos 12:6; 16:20; 27:27 e I Ped. 3:18). Só Pedro usa o termo (verbalmente) com significado teológico, e o conceito neotestamentário reside no substantivo. A noção geral, na literatura sagrada e profana, onde se encontra esse vocábulo, é que alguém é introduzido à presença de alguma autoridade ou poder superior. Mediante a sua identificação com Cristo, os filhos de Deus têm acesso ao Pai.

Os monarcas orientais ou os altos oficiais contavam com alguém cuja função consistia em trazer pessoas à sua presença, se tinham direitos ou negócios legítimos para obterem tal acesso. Também nos aproximamos da Presença real e obtemos esse direito, por meio da missão de Cristo, e por termos nos tornado filhos, tal como Ele é o Filho. Deus é o rei da criação inteira (Sal. 29:10; 47:7; 96:10), não sendo coisa de somenos ter o direito de acesso a Ele. Não há tal acesso sem a santificação (Heb. 12:14). A própria salvação é o processo e a substância desse acesso. Quanto a notas mais completas, ver *acesso* em Rom. 5:2, no NTI, e ver *salvação*, em Heb. 2:3. Ver também o artigo nesta obra, sobre a *salvação*. O ofício mediatário de Cristo provê acesso diário, enquanto aguardamos sua fruição futura (Rom. 8:26-27). As operações do Espírito preparam a alma humana para aproximar-se de Deus, tanto agora como no futuro (Efé. 2:18). Esse acesso é obtido conforme vamos sendo transformados à imagem do Filho (II Cor. 3:18), sendo esse um processo eterno. Portanto, o acesso não consiste meramente em nos aproximarmos do Senhor, onde Ele se encontra, em alguma bem-aventurança futura, mas consiste em nos transformarmos em filhos, participantes da natureza divina (II Ped. 1:4). Destarte tornamo-nos membros da família divina, pelo que temos acesso ao Pai.

Natureza desse acesso. 1. É um dom de Deus (Sal. 65:11); 2. através de Cristo (João 10:7-8); 3. através do Espírito Santo (Efé. 2:18); 4. condicionado à reconciliação (Col. 1:21-22); 5. garante todas as bênçãos espirituais (Heb. 4:16); 6. tem aspectos presentes e futuros (Heb. 10:17); 7. mediado através da filiação (João 1:12; Rom. 8:15-17); 8. resulta na filiação a Deus (João 6:25-26; II Cor. 3:18; II Ped. 1:4). (B NTI S W Z)

ACIDENTE

Vem do latim, **accidens**, particípio presente de *accidere*, «acontecer». Na filosofia aristotélica e na teologia escolástica, era termo usado para indicar algo que adere ou acompanha uma entidade ou substância, embora sem fazer parte necessária da mesma, como a cor vermelha de uma maçã. Pode haver uma

maçã que não seja vermelha; uma menina pode não ser loura, embora possa ser um acidente próprio de algumas meninas. Um *acidente* não tem existência independente e não é auto-suficiente. É uma qualidade não-essencial. Tal conceito tem certa importância nas tentativas de explicações de alguns teólogos, quando falam sobre a doutrina da transubstanciação (ver o artigo a respeito). O pão e o vinho transmutam-se no corpo e no sangue de Cristo, isto é, a substância deles torna-se a substância do corpo e do sangue de Cristo. Mas os acidentes, como peso, extensão e espaço, qualidades químicas, etc., não se alteram, pois todas as considerações materiais são apenas acidentais. Ver o artigo sobre *substância*.

O termo *acidente* é usado na ética para denotar coisas que sucedem, totalmente sem causa, ou sem qualquer causa conhecida. São as coisas que nos parecem surpreendentes, deixando-nos perplexos, pois nenhuma delas é danificadora, exceto devido a motivos fortuitos. O trecho de Rom. 8:20, ao falar sobre a «vaidade» ou inutilidade a que o mundo foi sujeitado, provavelmente inclui a idéia de acidentes prejudiciais. Notemos, porém, que até mesmo nesse caso, Deus permite catástrofes para ensinar ao homem a atitude de dependência, para que eventualmente apele para Deus como seu refúgio. Naturalmente, estamos tratando com o *problema do mal*, amplamente comentado em Rom. 3:8, no NTI. Ver também sobre esse assunto, na presente obra. (C F H NTI)

ACIFA

Uma forma de **Hacufa**.

ACMETA

Ver **Ecbatana**.

ACO

Uma cidade da costa mediterrânea, a 49 km ao sul de Tiro, e a 16 km do monte Carmelo (Juí. 1:31). Os antigos gregos e romanos conheciam-na pelo nome de Ptolemaida, por causa de Ptolomeu, rei do Egito, que a reconstruiu em 100 A.C. Na Idade Média tornou-se conhecida como Acra, e então Santa Joana d'Acra. Paulo visitou o local (ver Atos 21:7).

O porto ali existente é o melhor de toda a costa marítima da Palestina, circundado por montanhas. Esta cidade era um importante centro populacional dos tempos do Antigo Testamento, por ser o único porto natural em toda a costa sul da Fenícia. Diversas rotas vinculavam-na ao território da Galiléia, ao lago da Galiléia, ao vale do rio Jordão e a outros pontos geográficos mais além. A localidade foi distribuída entre a tribo de Aser, ainda que nunca tenha sido conquistada, tendo permanecido uma localidade fenícia durante todo o período do Antigo Testamento.

O trecho de Juízes 1:31 é a única referência a essa cidade no Antigo Testamento, embora fosse freqüentemente mencionada na literatura extrabíblica e figure nas listas topográficas dos séculos XV a XIII A.C., bem como nos famosos tabletes de Amarna.

Nos dias de *hegemonia assíria*, Senaqueribe, rei da Assíria, mencionou essa cidade como parte integrante do reino de Tiro e Sidom. Passou sucessivamente pelo domínio dos ptolomeus, assírios, babilônios, persas e romanos (Estrabão xvi.2:25). Nos tempos da dominação romana, a cidade foi feita uma colônia e o imperador Cláudio estabeleceu ali uma divisão de seu exército. Ao tempo da revolta e da guerra dos judeus contra os romanos, no ano de 70 D.C., cerca de dois mil judeus foram mortos ali. Após o período romano, seu antigo nome foi restaurado. Já nos tempos das cruzadas, ficou famosa sob o nome Santa Joana d'Arc. Nos tempos modernos, essa cidade perdeu muito de sua antiga proeminência, tendo sido sobrepujada por Haifa, situada diretamente do outro lado da baía. (ND S UN Z)

AÇÕES DE GRAÇA

I. Referências e Idéias

1.Cristo deixou-nos o grande exemplo de ações de graças (ver Mat. 11:25; 26:27; João 6:11 e 11:41). 2. Até mesmo seres celestiais ocupam-se desse ato de devoção (ver Apo. 4:9; 7:11, 12 e 11:16,17). 3. Trata-se de um ato de devoção ordenado por Deus (ver Sal. 50:25; Fil. 4:6 e I Tes. 5:18). 4. Trata-se de coisa boa, sendo benéfica para quem se mostra grato ao Senhor (ver Sal. 92:1). 5. Deve ser expressa a gratidão a Deus (ver Sal. 50:14), a Cristo (ver I Tim. 1:12), em nome de Cristo (ver Efé. 5:20), na adoração pública (ver Sal. 35:18), na adoração individual (ver Dan. 6:10), em tudo (ver I Tes. 5:18), por todas as coisas (ver Efé. 5:20). 6. Devem ser expressas contínuas ações de graças (ver Efé. 1:16; 5:20 e I Tes. 1:2). 7. Devem ser expressas ações de graças pela bondade e pela misericórdia de Deus (ver Sal. 106:1; 107:1; 136:1-3). 8. Devem ser dadas ações de graças ante o sucesso em qualquer empreendimento (ver Nee. 12:31,40). 9. Também pelo suprimento das necessidades físicas, e antes das refeições (ver João 6:11 e Atos 27:35). 10. Por causa do grande dom de Cristo (ver II Cor. 9:15).

II. Em tudo Dai Graças

Assim fala I Tess. 5:18. Efé. 5:20 fala ainda mais forte: *por tudo*.

Na vontade de Deus a nosso respeito muitas coisas estão inclusas. Entre elas figura o nosso senso de gratidão. Essa atitude faz-nos lembrar nossa posição de dependência a ele; faz-nos recordar de sua bondade para conosco, o que leva nossos espíritos a entrarem em harmonia com ele, reconhecendo que ele é o grande Benfeitor da humanidade, aquele a quem devemos toda a vida e o sustento. Nesse reconhecimento, porém, devemos envolver-nos com *vidas agradecidas*, e não meramente com externas «ações de graças». Nossas próprias vidas diárias, pois, deveriam ser uma forma de agradecimento. Em face de toda a bondade e de todos os benefícios divinos, deveríamos dedicar nossas vidas a nosso Pai. «Se eu tivesse mil vidas, todas elas seriam tuas», deveria ser a autêntica expressão dos nossos corações. Com base nisso pode-se ver que um autêntico espírito de gratidão resulta do desenvolvimento espiritual, em razão do que nos tornamos espiritualmente úteis a outros. Somente então encontraremos muitas razões para dar graças ao Senhor. Pois quando cumprimos a vontade de Deus, descobrimos muitos motivos para lhe sermos gratos.

III. Em Cristo

É na pessoa de Cristo que nos são conferidas todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3); pelo que ele mesmo é a razão, a fonte e a inspiração de toda a nossa gratidão. A vontade de Deus opera dentro da esfera de Cristo, isto é, quando estamos associados a ele, mediante a comunhão mística, como servos seus. Então é que a vontade de Deus atua poderosamente em nós, especialmente no que concerne a fazer a vontade de Deus; e isso nos fornece abundantes motivos para sermos gratos a Ele. A vontade de Deus,



Aco, fortificações —
Cortesia, Levant Photo Service



Arte céltica — o boi, símbolo do evangelho de Lucas, Livro de Kells

Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

pois, envolve essa «exigência» divina de sermos gratos.

«A gratidão é possível, porque Deus determinou que assim fosse, no dom do Senhor Jesus. Esses conceitos, como alegria, constância na oração e ação de graças também aparecem nos trechos de Rom. 12:12; Col. 4:2,3 e Efé. 6:18, e pertencem essencialmente à vida cristã, conforme Paulo vivia e ensinava» (Bailey, em I Tess. 5:18).

A conduta cristã, quando está de acordo com a vontade de Deus, segundo ela nos é esclarecida em Cristo, deve incluir as ações de graça como parte de nossa devoção, tal como a oração faz parte da mesma, pois tal devoção não é algo sem fundamento e sem motivos.

Esses mandamentos todos assumem maior significação quando consideramos as pessoas para quem foram dados. Os crentes tessalonicenses estavam sendo perseguidos, e muitos eram afligidos. Reconhecendo a bondade de Deus, e tendo a certeza do triunfo final em Cristo, até mesmo sobre a morte e a sepultura, somos impelidos a dar ações de graças. Deus deseja que cheguemos a esse ponto de devoção e dedicação em nossas vidas espirituais, ou que cheguemos a esse estágio do desenvolvimento espiritual para que seja possível esse tipo de gratidão. Sim, a expressão de ações de graças é um meio de reavivarmos nossa alegria, nossa confiança e nossa esperança; portanto, é uma prática muito útil, além de ser um meio de glorificar a Deus pela sua bondade. Em Cristo Jesus, tudo é nosso (ver I Cor. 3:21); e as ações de graças nos trazem tudo isso à memória. Por causa de seus muitos usos e benefícios, Deus ordena o uso das ações de graças. Posto que estamos associados a Deus, participando de seus muitos benefícios, temos muitas razões para sermos gratos; e a vontade de Deus é que assim façamos, para que possamos reconhecer claramente o que ele tem feito por nós, vivendo em gratidão, esperançosos e na luz de um reconhecimento grato.

IV. Observações

1. As introduções de quase todas as epístolas paulinas trazem uma seção que contém ações de graças. (Ver I Cor. 1:4-9 e Col. 1:13-14).

2. Somente a epístola aos Gálatas não tem de forma alguma essa característica, talvez porque Paulo não se sentia muito grato ao escrever para aqueles crentes, considerando como o legalismo havia invadido a comunidade.

3. Apesar de que todas as igrejas tinham problemas, e que todas as epístolas de Paulo têm o propósito de corrigir tais problemas, ele sempre encontrava algum motivo para sentir-se grato, e algo para louvar a seus leitores.

«É o começo que vale, conforme nos lembra aquele provérbio que diz: 'Uma coisa bem começada já foi feita pela metade'. Invariavelmente Paulo iniciava suas epístolas com uma afirmação forte e confiante de agradecimento. Nisso há mais do que mera idiossincrasia de composição. Pelo contrário, tal atitude se origina da firme convicção do apóstolo dos gentios de que a gratidão, que tem por fruto o louvor, é um dos elementos primários e necessários da atitude cristã. Trata-se de uma psicologia elementar sã; e, quando é transferida para o campo religioso, explica o preponderante papel desempenhado pelas ações de graças no livro de Salmos. Aqueles que têm sido ensinados, por um livramento real, acerca daquilo que Deus tem feito por eles, não podem guardar silêncio». (John Knox, em Rom. 1:8).

«Sete das epístolas de Paulo têm início com tais ações de graças, as quais tanto transmitem os elogios que o amor regozija em dar, sempre que possível, como também atribuem todas as virtudes espirituais diretamente à sua Fonte, o Senhor. E em Rom. 1:8, essas virtudes são atribuídas não somente ao 'Senhor', mas também ao 'meu Deus', uma frase usada, em todo o N.T., exclusivamente pelo apóstolo Paulo, excetuando a exclamação de Cristo moribundo: 'Eli, Eli...'» (Moule, em Rom. 1:8).

«*mediante Jesus Cristo*», Rom. 1:8. O Verbo eterno sempre foi e sempre será o mediador de todos os privilégios e graças do cristianismo, até mesmo no caso das expressões de ação de graças. Jesus é a base de nossa aceitação por parte de Deus Pai. (Ver Efé. 1:5,6). A passagem de Efé. 5:20 recomenda que sejamos gratos por tudo, em nome do Senhor Jesus Cristo. Ele é o mediador de todos quantos se achegam a Deus, conforme lemos em Efé. 2:18.
(FA I LAN NTI)

AÇOITE

O objeto e a ação de açoitar envolvem três termos hebraicos e cinco termos gregos. Açoitar era uma forma comum de castigo entre os povos antigos, embora quase todas as menções ao ato de açoitar, no Antigo Testamento, sejam metafóricas. Assim, a figura é usada acerca da língua (Jó 5:21) que ataca subitamente (ver Jó 9:23, onde nossa versão portuguesa diz «flagelo»), acerca do juízo divino (Isa. 28:15,18). Lê-se em Isaías 10:26 que nosso Deus tem um açoite, e também que as nações cananéias poderiam tornar-se um flagelo nas ilhargas de Israel (Jos. 23:13).

As únicas referências ao açoite como um instrumento de castigo são I Reis 12:11,14 e II Crônicas 10:11,14, trecho quase idêntico ao outro. Mas não é claro se a palavra «escorpiões», que ocorre nessas passagens como um sinônimo de «açoite», é apenas um símbolo vívido do mesmo objeto, ou um açoite munido com pontas de metal, correspondente ao *scorpio* dos romanos. A lei mosaica permitia que, em tribunal, uma pessoa considerada culpada fosse castigada com açoites. A sentença era executada na presença do juiz, com a pessoa prostrada. O número de golpes sem dúvida era proporcional à gravidade da ofensa, embora não pudesse exceder a quarenta (ver Deu. 25:1-3). Posteriormente, os judeus passaram a usar um açoite com três línguas, mas nunca ultrapassaram o limite, sempre cessando em trinta e nove, para compensar qualquer erro possível na contagem (2 Cor. 11:24). As autoridades locais das sinagogas e os membros do Sinédrio administravam o castigo de açoites por motivo de ofensas contra a lei (ver Mat. 10:17). Parece que, com base em Deuteronômio 22:18 e Josefo (ver *Anti.* IV.viii.23), a difamação era uma das ofensas castigadas dessa forma, mas não há registro de outros crimes pelos quais uma pessoa pudesse ser assim punida. A *Mishnah Mokkah* 11:12 descreve o método empregado. Após ter averiguado que o réu estava em boas condições físicas, suas mãos eram atadas a um poste, enquanto que suas costas e seu peito eram desnudados. Treze golpes eram aplicados no peito, e treze sobre cada ombro. Se a vítima morresse, nenhuma acusação era feita aos que tinham aplicado o castigo. A lei romana porciana proibia o castigo de açoites contra qualquer cidadão romano (ver Atos 22:25), mas os escravos e os que não eram cidadãos romanos podiam ser interrogados com o uso desse método de castigo (ver Atos 22:24).

Os romanos habitualmente usavam um tipo de açoite munido de pedacinhos de metal ou de osso nas

pontas; mas a palavra grega *rabdizein* (ver Atos 16:22 e II Cor. 11:25) indica que as varas dos lictores foram usadas nas ocasiões mencionadas. Usualmente, os crucificados eram então castigados com açoites, de acordo com o que diz Lívio 33,36, mas aparentemente tal castigo foi aplicado a Jesus de modo inverso, isto é, antes de ser Ele crucificado. Isso assim sucedeu porque Pilatos julgava que o castigo de açoites satisfaria aos judeus, e que Jesus não teria de ser crucificado (ver Luc. 23:16,22; João 19:1).

Resta ser dito que alguns estudiosos pensam que entre os judeus não havia o castigo com açoites, mas tão-somente com varas, sobretudo com base no que se lê em Provérbios 10:13, e que os romanos foram os introdutores do castigo com açoites, pelo menos nas páginas sagradas. (ND UN)

ACOMODAÇÃO

1. Descrição de Deus e das entidades espirituais São usados termos antropomórficos, mas isso exige interpretação. Deus não é semelhante ao homem, mas certas características humanas podem dizer-nos algo sobre a pessoa de Deus. Quanto mais primitiva for a teologia, mais antropomórfica ela será. Acomodamos nossa linguagem para descrever Deus.

2. Descrições da natureza. Dizemos que o sol se levanta e se põe, embora saibamos que os movimentos do globo terrestre é que dão essa impressão. Acomodamos nossa linguagem às aparências.

3. Usamos acomodação de linguagem quando não sentimos estar justificada a interpretação literal da Bíblia ou de outros livros, como se dá com os símbolos apocalípticos. Também podemos falar sobre o grande exemplo deixado pelo sacrifício de Abraão, quando ele ofereceu Isaque, sem aprovar o sacrifício de crianças. Podemos negar que Deus ordenaria tal coisa, acomodando a verdade à narrativa, negando que a mesma deva ser literalmente compreendida. Alegorias e parábolas são meios de acomodar a linguagem literal a fim de explicar alguma verdade.

4. Significações duplas. Se trechos proféticos têm um duplo significado, então o texto é acomodado (alterado) para ensinar tal coisa.

5. A Bíblia usa termos e idéias pagãs dando-lhes um colorido judaico ou cristão, como na doutrina do Logos (João 1:1) e as antigas cosmologias (Gên. 1, quanto à história da criação). Pelo menos em parte, a angelologia é uma acomodação às religiões orientais, que exerceram influência sobre o pensamento hebreu. Aquilo que é acomodado não é necessariamente falso, e então recebe foros de verdade mediante a acomodação. A idéia tomada por empréstimo talvez já contenha a sua verdade, embora obscura e parcial. A acomodação, pois, pode aclarar a verdade.

6. O uso de textos do A.T. e do N.T. com freqüência exibe acomodação, por que os versículos podem ser usados com sentidos diferentes ou modificados, não inerentes aos trechos citados do A.T. Alguns vêem acomodação em Mat. 2:17-18, citando Jer. 31:15-17.

7. Em sentido geral, a revelação por si mesma é uma acomodação, porque o grande Deus transmite Suas mensagens ao minúsculo homem. Ninguém pode entender Deus e os Seus mistérios (Rom. 11:33 ss). Em conseqüência, o conhecimento transmitido ao homem deve vir mediante veículos e símbolos apropriados ao seu estágio intelectual e ao seu estado espiritual. Isso não quer dizer que não possuímos a verdade, mas significa que vemos a verdade através de um espelho fosco, que distorce e obscurece, conforme Paulo assevera em I Cor. 13:12. Isso visa a eliminar o orgulho humano no tocante ao conhecimento e à verdade. Todos estamos nos estágios iniciais da inquirição pela verdade, sem importar onde nos encontramos em relação uns aos outros.

8. Na filosofia. Aprendemos que toda a verdade é emblemática, porque nada conhecemos de modo completo e preciso. Os meios de conhecimento das coisas, como o empirismo, o racionalismo, a intuição e o misticismo são todos meios parabólicos de busca pela verdade. Em outras palavras, fornecem-nos uma visão simbólica da verdade, e jamais algo como descrições completas.

9. Para ilustrar o sexto ponto, textos neotestamentários usam referências ao Antigo Testamento, com acomodações. Compare estes textos (apenas alguns, dentre muitos outros possíveis):

Gên. 15:5, em Rom. 4:18; Gên. 15:6, em Rom. 4:3; Gál. 3:6 e Tia. 2:23; Gên. 18:10, em Rom. 9:9; Êxo. 9:16, em Rom. 9:17; Lev. 11:45, em I Ped. 1:16; Jos. 1:5, em Heb. 13:5; I Sam. 21:6, em Mat. 12:3,4; Mar. 2:25,26 e Luc. 7:3,4; I Reis 14:14,18, em Rom. 11:3,4; Sal. 19:4, em Rom. 10:18; Sal. 34:12-16, em I Ped. 3:10-12; Sal. 78:3, em Mat. 13:35; Pro. 10:12, em I Ped. 4:8; Isa. 52:7 e Naum 1:15, em Rom. 10:15; Isa. 52:11,12, em II Cor. 6:17; Jer. 31:15, em Mat. 2:17,18; Hab. 2:4, em Rom. 1:17; Joel 2:32, em Rom. 10:13; Mal. 1:2,3, em Rom. 9:13

Naturalmente, alguns intérpretes procuram eliminar a teoria da acomodação, no tocante a muitas dessas referências, especialmente quando estão envolvidos elementos proféticos. (B S Z)

ACONSELHAMENTO PASTORAL

Ver o artigo sobre **Conselheiro (Aconselhamento)**.

ACONTECIMENTO PIVOTAL

Dentro da filosofia de Whitehead (ver o artigo a respeito), essa expressão indica o limite ideal de um acontecimento, com suas dimensões uniformemente restringidas.

ACOR

No hebraico significa tribulação. Era um vale entre Jericó e Ai, que recebeu esse nome por causa da derrota dos israelitas ante o pecado de Acã (ver Jos. 7:24). Ver sobre *Acã*. O local é atualmente identificado com o Wadi Daber e com o Wadi Mulelik. O nome do vale tornou-se proverbial (ver Osé. 2:15), e Oséias acrescenta «E lhe darei... o vale de Açor por porta de esperança» (Osé. 2:15, indicando que a disciplina e o juízo podem resultar em esperança. (S UN Z)

AÇOR

Ver Deu. 14:13; Isa. 34:15 e Lev. 11:14. A ave em foco é um gavião ou um falcão. Duas espécies de falcão existem na Palestina, o vermelho e o negro, o qual é levemente menor que o primeiro. O falcão pode ser distinguido de outras aves de rapina por sua longa cauda em tesoura. Alimentam-se os falcões de grande variedade de animais, desde insetos, peixes, ratos, pequenas aves, ou carniça. Há gravuras desse pássaro na escrita hieroglífica.

A ave em questão provavelmente pertence à classe dos falcões (ver Lev. 11:14). Em nossa versão portuguesa, essa ave não aparece na lista de Levítico 11, mas figura na lista de Deuteronômio 14 (ver vs. 13). Nessa última referência talvez haja, no hebraico,

um erro textual, em lugar de «ave de rapina». A raiz da palavra hebraica significa «voar rapidamente» ou «dardejar no ar». O açor era uma ave imunda, ou seja, não era própria para consumo humano. (ID S)

ACOSMISMO

Vem do grego **a** (não) e **kosmos** (mundo), palavra cunhada por Hegel a fim de referir-se à idéia de que o mundo físico, na realidade, é ilusório e irreal, visto que, em um sentido verdadeiro, só Deus existe. A idéia é comum nas religiões orientais. Shankara e F.H. Bradley diziam que coisa alguma é real, exceto o inefável e o supercósmico Um. Tudo quanto existe no espaço, no tempo, e todas as coisas finitas, são apenas *maya*, isto é, mera «aparência». O termo cabe dentro do conceito idealista da realidade, onde, em um sentido verdadeiro, somente o que é espiritual é real, ao passo que o que é material é apenas um epifenômeno do espírito. Ver o artigo sobre *Idealismo*. (E P)

ACRA

No grego, **cidadela**, termo usado para indicar o lugar elevado ao norte do templo, onde foi construída uma cidadela por Antíoco Epifânio, para dominar o lugar santo. Tornou-se a acrópole de Jerusalém. Josefo descreveu o lugar como semicircular, dizendo que quando Simão Macabeu conseguiu expulsar dali a guarnição síria, não somente demoliu a cidadela, mas nivelou até mesmo a colina, para que nenhum local dali por diante fosse mais alto ou tão alto quanto o local onde estava o templo. O povo havia sofrido tanto por causa daquela guarnição que voluntariamente trabalhou, dia e noite, durante três anos, nessa grande obra de remoção (ver Josefo, *Ant.* xiii:6,6; *Bel. Jud.* v.4,1). Posteriormente, o palácio de Helene foi construído no local, que reteve seu antigo nome.

ACRABATENA

1. Um distrito da toparquia da Judéia, que ia desde Siquém (não Nablua) a Jericó, inclinando-se para o leste. Tinha cerca de dezenove quilômetros de comprimento. Não é mencionado no Antigo Testamento, mas ocorre em Josefo (*Bell. Jud.* ii.12,4; iii.3-5). Distava nove milhas romanas a leste de Neápolis, na estrada para Jericó.

2. Um distrito da Judéia que jazia próximo à extremidade sul do mar Morto, ocupado pelos idumeus durante o cativeiro, e mais tarde conhecido como Iduméia. É mencionado em I Mac. 5:3; Josefo, *Ant.* xii.8.1. Supõe-se que seu nome derivava do Maalh Akrabbim ou *Barranco dos Escorpiões*, mencionado em Núm. 34:4 e Jos. 15:3, como extremidade sul do território de Judá. (S)

ACRABATENE

Ver **Acrabim**.

ACRABIM

No hebraico, **escorpiões** (Jos. 15:3; 34:4). Um passo entre as montanhas no lado sul do mar Morto (Núm. 34:4; Jos. 15:3 e Juí. 1:36), identificado com o moderno Nqb es-Safa, embora outros o identifiquem com Umm el-'Aqarab, no lado ocidental do mesmo. Nesse lugar, Judas Macabeu derrotou os idumeus (ver I Mac. 5:3). O lugar ficava na fronteira entre a Judéia e a Iduméia. Josefo parece referir-se ao lugar, situando-o a suleste de Siquém (ver Guerras, II.xii.4; IV.ix.9). Mas talvez ele tenha aludido a um lugar diferente. A cadeia montanhosa veio a ser conhecida como montanhas de Edom. (S Z)

ACRE

No hebraico, **jugo**, a área de terra que uma junta de bois podia arar em um dia, pelo que é uma medida de superfície dos hebreus (ver I Sam. 14:14; Isa. 5:10). Ver *pesos e medidas*. (UN)

ACRISOLAR, REFINAR

No hebraico há duas palavras com inflexão como verbos finitos e particípios. E há muitas palavras gregas diferentes na LXX, com o sentido de testar, refinar, acrisolar, purificar, etc. No N.T. temos o verbo *puróo*, usado apenas em Apo. 1:15 e 3:18. Indica o processo de eliminação de impurezas, especialmente no caso de metais.

Normalmente, uma dessas palavras hebraicas é usada em alusão a metais, mas em Jó 36:27, ela é usada em alusão à chuva («destilar», em nossa Bíblia portuguesa), e, em Isa. 25:6, é usada em alusão ao vinho («clarificar», em nossa Bíblia portuguesa). Visto que o sentido básico desse verbo é destilar, compreende-se seu uso em relação a líquidos. A outra palavra hebraica é usada exclusivamente acerca de metais, exceto quando usada em sentido figurado.

O processo de refinação era bastante simples. Aquecia-se o minério ao ponto de dissolver-se, e então extraía-se o metal. Este era refinado ou por aquecimento *até* o estado líquido, quando então era retirada a impureza da superfície, ou mediante assopro. Naturalmente, o ouro ou a prata refinados eram mais preciosos e caros. O altar do incenso era feito de ouro refinado (I Crô. 28:18), e a igreja de Laodicéia foi aconselhada a comprar desse tipo de ouro (Apo. 3:18). A Bíblia nos dá algumas indicações sobre o processo. Sal. 12:6 menciona a fornalha de refino. Isa. 1:25 refere-se à potassa química, e Jer. 6:29 fala sobre o fole, usado no processo.

O processo de refinação ilustra a maneira de Deus tratar Seu povo. Ele é o refinador, e eles são o metal. Isaías disse, figuradamente: «Eis que te acrisolei, mas disso não resultou prata; provei-te na fornalha da aflição» (48:10; cf. 1:25). Malaquias usa ambas as palavras hebraicas: «Assentar-se-á como *derretedor* e purificador de prata; purificará os filhos de Levi, e os *refinará* como ouro e como prata...» O salmista orou para que nele fosse efetuado esse processo, quando disse: «...sonda-me o coração e os pensamentos» (Sal. 26:2).

ACRÓPOLE

No grego, um **lugar elevado** em uma cidade, usualmente colinas fortificadas de onde se avistavam cidades greco-romanas. A acrópole de Atenas elevava-se a quase 154 m de altura. Era adornada por templos esplêndidos quando Paulo visitou a cidade (ver o artigo sobre *Atenas*). O escultor Fídias (falecido em 432 A.C.) fez uma gigantesca estátua de Atena, posta na acrópole. O magnificente Partenom foi ali edificado para abrigar uma grande estátua de ouro e marfim de Atena, feita por Fídias. Mais tarde, completou-se a majestosa entrada, a Propiléia, tendo sido construídos o templo do Erecteu e o santuário de Atena Nique, deusa da vitória. As ruínas hoje existentes são belíssimas. A cultura antiga culminou em Atenas, cidade famosa e exaltada em sua acrópole. Em sua segunda viagem missionária, Paulo

visitou outras cidades com acrópoles fortificadas, como Filipos e Corinto, mas em Atenas foi onde seu espírito mais se agitou, diante da exibição de idolatria pagã, culminando na acrópole da cidade. Ver Atos 17:16. (UN)

ACRÓSTICO

Vem do grego **akron**, «extremidade» e **stixos**, «verso», uma composição escrita, geralmente versificada, em que a primeira e a última das letras das linhas, em suas estâncias, uma em cada linha, formam um nome ou sentença. Por exemplo, no Salmo 119, as linhas ou versos começam com as letras do alfabeto hebraico. Cada estrofe tem oito linhas, cada uma delas começando com a mesma letra, as primeiras oito linhas começando com alefe, as próximas oito linhas com bete, etc. As Lamentações de Jeremias compõem-se quase inteiramente de acrósticos, e o último capítulo de Provérbios no hebraico tem as letras iniciais de seus últimos vinte e dois versos, em ordem alfabética. Ao todo, o Antigo Testamento contém catorze poemas acrósticos, onde as vinte e duas letras do alfabeto hebraico aparecem, com leves variações, como em: a. cada linha (Lamentações 3); b. cada linha ou cada metade de versos de duas linhas (Sal. 111 e 112); c. cada verso, cada segunda linha de versos de duas linhas (Sal. 25, 35; 119, 145; Pro. 31:10-31; Lam. 4); d. cada segunda linha ou cada metade de versos de quatro linhas (Naum 1:2-10); e. cada verso, cada terceira linha de versos de três linhas (Lam. 1 e 2); f. cada quarta linha, ou cada dois versos de versos de duas linhas (Sal. 9, 10 e 37). Outros arranjos podem ser vistos em outros lugares.

Além de servir de decoração poética, os acrósticos ajudavam na memorização. Algumas reconstruções textuais têm sido possíveis por causa da presença desses artifícios literários.

O Novo Testamento não tem acrósticos. Mas, como uma espécie de código, os antigos cristãos usavam a palavra *peixe* (em grego), para indicar as suas crenças principais.

IXTHYS — I (Ihsous — Jesus); X (Xristós — Cristo); TH (Theou — de Deus); Y (Yios — Filho); S(Sothr — Salvador). Portanto: Jesus Cristo, (o) Filho de Deus, Salvador.

ACSA

No hebraico, **amuleto**, filha de Calebe, oferecida em casamento a qualquer um que liderasse o ataque à cidade de Debir e a tomasse. O prêmio foi ganho por seu sobrinho, Otniel. Quando a noiva era conduzida com as cerimônias usuais ao seu futuro lar, ela desmontou do jumento e implorou a seu pai doar-lhe fontes de água nas terras que seriam suas. Um pedido, naquele instante seria difícil de repelir, e ela obteve o que queria. Recebeu várias fontes situadas perto de Debir (ver Jos. 15:16-19; Juí. 1:9-15). (S UN Z)

ACSAFE

No hebraico, **feitiçaria** ou **encantamento**. Cidade real dos cananeus (ver Jos. 11:1) a qual muitos supõem ser a mesma Aczibe, ambas no território da tribo de Aser. Porém, a consideração cuidadosa de Jos. 19:25 e 29 parece indicar que eram lugares diferentes. A arqueologia a tem identificado com Tell Kisan, cerca de dez quilômetros a suleste de Aco. É mencionada nos Textos de Execração do Egito, dos séculos XIX e XVIII A.C., na lista de lugares conquistados por Tutmés III (1490 - 1436 A.C.), em Karnak, bem como nas cartas de Tell el-Amarna, do século XIV A.C., e em uma carta egípcia do século XIII A.C., o papiro Anastasi. (FA S UN Z)

ACTUS PURUS

Expressão latina que significa «ato puro» ou «realidade pura». Nome comum para Deus na filosofia escolástica. Sendo puramente real, Deus é a única coisa destituída de potencialidade, sendo assim o Ser mais elevado e o Único verdadeiramente completo. (P)

ACUA

Forma alternativa de **Acube**.

ACUBE

Forma variante de **Babuebuque**, em manuscritos gregos.

ACUBE

No hebraico, **insidioso**. Uma forma abreviada de Jacó.

1. Filho de Elioenai, da família de Davi (I Crô. 3:24).

2. Um porteiro do templo de Salomão (I Crô. 9:17).

3. Uma família de servos que servia no templo (Esd. 2:45; I Esd. 5:28).

4. Um sacerdote empregado por Esdras para ajudar o povo a compreender a lei (Mee. 8:7). (ND S)

AÇUDE DE HASSELÁ Ver Poço do Aqueduto.

ACZIBE

Devemos considerar uma palavra hebraica grafada de várias maneiras, que tem o sentido de «enganador», «desapontador».

a. Uma aldeia de Aser, na costa do mar Mediterrâneo, a 32 km de Acre. Nos dias do Novo Testamento chamava-se Ecdipa. Modernamente chama-se ez-Zib. (Ver Jos. 19:29 e Juí. 1:31).

b. Uma aldeia nas terras baixas de Judá, a sudoeste de Adulão, identificada com a moderna Tell el-Beida. Em Gên. 39:5, nossa versão grafa Quezibe; em Jos. 15:44 e Miq. 1:14, Aczibe. As traduções variam na forma da palavra.

c. Homens de Cozeba, que pertenciam aos descendentes de Selá, filho de Judá (ver I Crô. 4:22).

d. Em I Esdras 5:31, Caseba, uma família de serviçais do templo, que retornaram da Babilônia após o exílio. (Z)

ADA

No hebraico, **adorno** ou **beleza**. Há duas delas no Antigo Testamento: 1. A primeira esposa de Lameque, mãe de Jabel e Jubal (ver Gên. 4:19-21), diante de quem Lameque recitou seu poema de auto-exaltação. 2. Uma das esposas de Esaú, filha de Elom, o heteu (ver Gên. 36:4), chamada Basemate, em Gên. 26:34. Ela é a primeira esposa de Esaú mencionada por nome, embora fosse sua terceira esposa. Mas alguns supõem que havia duas esposas com o mesmo nome, talvez ambas filhas de Elom. Porém, isso é apenas conjectura. Nenhuma solução da aparente discrepância tem sido encontrada, e nem a questão é importante. O casamento de Esaú e Ada

introduziu sangue cananeu, e chegou a influenciar a vida dos israelitas. Essa mulher foi antepassada de seis tribos iduméias (ver Gên. 36:2-4,15,16). (FA S UN Z)

ADADA

Seu sentido no hebraico é incerto, talvez **festividade** ou *fronteira*, uma cidade de Judá na fronteira suleste, perto de Edom (ver Jos. 15:22). A localização é desconhecida, embora tenha sido sugerida Khirbet 'Ar 'arah, cerca de dezesseis quilômetros a suleste de Berseba. Outros identificam-na com Aroer, em Judá. A ordem das palavras, no livro de Josué, sugere que esse lugar ficaria na região de Arade e Aroer. (Z)

ADAGA

Essa palavra indica qualquer instrumento agudo, mas, especialmente, uma arma de guerra (ver Juí. 3:16,21,22). Ver o artigo geral sobre *Armas, Armadura*.

ADAÍAS

No hebraico, **Yahweh adornou** ou **agradável a** *Yahweh*, nome de várias pessoas no Antigo Testamento:

1. Avô materno do rei Josias (ver II Reis 22:1).

2. Um levita da família de Gérson, talvez o mesmo que Ido, que nasceu em cerca de 632 A.C. (ver I Crô. 6:20,21,41).

3. Filho de Bani, um israelita que se divorciou de sua esposa gentia, depois do cativeiro (ver Esd. 10:29).

4. Outro descendente de Bani, culpado da mesma ofensa (ver Esd. 10:39).

5. Um dos benjamitas, residente em Jerusalém antes do cativeiro (ver I Crô. 8:21), em cerca de 586 A.C.

6. Pai de Maaséias, um dos capitães de cem, que apoiou Jeoiada (ver II Crô. 23:1).

7. Filho de Joiaribe, pai de Hazaías, da tribo de Judá (ver Nee. 11:5), de cuja posteridade alguns vieram a residir em Jerusalém, após o cativeiro (cerca de 445 A.C.).

8. Um sacerdote, filho de Jeroão, o qual, após o retorno da Babilônia, foi empregado na obra do santuário (ver I Crô. 9:12 e Nee. 11:12). (FA S UN)

ADÁLIA

Termo hebraico, mas de origem persa, de sentido desconhecido, um dos dez filhos de Hamã, o inimigo dos judeus. Foi executado pelos judeus sob o edito real em Susã (ver Est. 9:8), em cerca de 447 A.C. (S)

ADAM

Variante de **Adom**.

ADAMÁ

No hebraico, **terra**, cidade fortificada de Naftali (ver Jos. 19:36). Era uma das dezenove cidades fortificadas. Não se conhece com certeza a sua localização, mas parece que ficava ao norte do mar da Galiléia. Não são muito prováveis as identificações com Adami-Neguebe, e com o local onde se encontram os rios Jaboque e Jordão. (S UN Z)

ADAMATA

No hebraico, **terreno(?), escuro**, um dos sete príncipes da Pérsia e da Média, «que se avistavam pessoalmente com o rei, e se assentavam como principais no reino» (Est. 1:14). A rainha Vasti foi banida por Assuero, devido ao conselho que ele deu, em cerca de 519 A.C. (S Z)

ADAMI-NEGUEBE

No hebraico, **terras vermelhas do passo**, ou *fortaleza do passo*, ou mesmo *terreno do passo* (ver Jos. 19:33). Era um lugar perto da fronteira de Naftali, provavelmente identificável com Khirbet Damiyeh, uma localidade da Idade do Bronze, a oito quilômetros a sudoeste de Tiberíades, no lado ocidental do mar da Galiléia. Ficava na rota de caravanas da área leste da Galiléia para a planície de Aco. (UN Z)

ADÃO

Biblicamente falando, é o primeiro homem e pai da raça humana. O termo deriva-se do hebraico *adamah*, «terra», a substância da qual foi formado o corpo físico de Adão. Adão representa, na teologia judaica, a fonte primária de toda a vida humana. Simbolicamente, ele é tratado nessa teologia como a unidade básica e a igualdade de toda a humanidade. Ele representa a propensão humana para a fraqueza e o pecado, embora originalmente o homem tivesse sido dotado de virtude. Ver os artigos sobre a *queda do homem* e o *pecado original*. O termo «adão» aparece por 560 vezes no A.T., para indicar homem ou humanidade; mas no começo do livro de Gênesis indica o primeiro homem, e é um nome próprio.

Várias interpretações acerca de Adão:

1. *Bíblico-literal.* Adão foi um homem real, de fato, o primeiro homem, não somente da atual raça humana, mas em sentido absoluto. Ele veio à existência por um ato especial da criação, e não mediante algum processo evolutivo. A mulher foi literalmente formada de uma costela extraída do homem. A queda no pecado sucedeu tal como é historiado, mediante a tentação de uma serpente capaz de falar, acerca de um fruto proibido. Em suma, tudo quanto é dito no começo do livro de Gênesis deve ser compreendido literalmente, e não como parabólico ou simbólico em qualquer sentido. Mediante cálculos derivados de Gênesis, por meio das genealogias, a Terra deve ser vista como tendo menos de 7000 anos de idade, e todas as descobertas geológicas, embora pareçam antiqüíssimas, de alguma maneira devem ser encaixadas dentro desse espaço de tempo. Embora não seja um livro científico, a Bíblia não incorre em erros científicos.

O Novo Testamento obviamente aceita que Adão foi uma personagem histórica, não devendo ser entendido como um símbolo da humanidade. Ver Luc. 3:38, onde a genealogia de Jesus retrocede até Adão. Falando sobre a queda, o trecho de I Tim. 2:13-14 não mostra indícios de que se tencionava uma alegoria. Judas 14 faz Enoque ser o sétimo depois de Adão, sem qualquer tentativa de afirmar qualquer coisa que não seja evidente fato histórico. Paulo estabelece o contraste entre o primeiro e o último Adão (Rom. 5:12-21; I Cor. 15:22-45, vinculando a origem do pecado ao primeiro Adão, e da redenção, ao último Adão). O último Adão é uma pessoa histórica indiscutível, ficando implícito que isso se dá também com o primeiro.

2. *Bíblico-literário modificado.* Adão foi um

personagem histórico, literal, mas as genealogias dos hebreus com freqüência são incompletas, tornando-se símbolos de descendência, e não de declarações exatas. Biblicamente, não há como reconstituir a cronologia. Outrossim, tendo sido Adão o primeiro homem da presente raça (homo sapiens), pode ter havido raças pré-adâmicas de criaturas similares ao homem. As descobertas científicas podem estar desenterrando tais raças, e longas eras podem ter-se escoado antes da criação, conforme as conhecemos atualmente. Ademais, há um grande hiato de tempo entre Gên. 1:1 e Gên. 1:2. Houve uma criação original que entrou em caos. E então houve uma recriação, quando apareceu a atual raça humana. Essa linhagem humana começou com a figura literal de Adão, pelo que ele é o primeiro homem da narrativa bíblica; mas pode ter havido numerosas outras eras e raças sobre as quais nada sabemos, por não serem espiritualmente importantes para nós. O hiato entre Gên. 1:1 e Gên. 1:2 abre espaço para todas as descobertas geológicas e paleontológicas que não possam ser racionalmente encaixadas dentro de menos de sete mil anos.

3. *Líbero-radical.* As narrativas bíblicas sobre Adão, a criação, a queda, etc., não têm qualquer valor histórico, sendo frontalmente contraditas por tudo quanto a ciência tem sido capaz de produzir. Essas narrativas são meros mitos, e bastante crus. Para começar, o homem foi apenas uma estátua de argila, e a mulher foi formada de uma costela, mostrando quão destituído de imaginação foi o autor do livro de Gênesis, que expôs descrições das origens realmente cruas. Outrossim, temos em Gên. 1 a teoria astronômica da *cúpula invertida*. Segundo a teologia hebraica, o «firmamento» era uma tampa firme, sólida e semi-esférica, que tampava a Terra em seu interior. Em outras palavras, era uma espécie de cúpula que encobria a Terra. As estrelas não seriam corpos luminosos separados, mas apenas perfurações que permitiam que a luz celeste chegasse à Terra. Quem investigar a cosmologia dos hebreus descobrirá que eles não formavam idéias aceitáveis para a astronomia moderna. A serpente que andava e falava é outro elemento cru e sem imaginação da narrativa do autor. Precisamos lembrar que a teologia hebréia original não representava essa serpente como Satanás. Isso foi uma associação posterior. Além disso, é um toque estranho, dentro dessa narrativa, fazer com que algo tão crítico como a queda e o destino humano dependam do ato de comer certo fruto no jardim do Éden. Por certo, o caos da degradação humana deve ter tido uma origem bem diferente disso, que não passa de uma invenção simplista e sem sofisticação.

Finalmente, devemos lembrar que as declarações de que a Bíblia não contém erro alicerçam-se sobre o dogma humano e levaram séculos para se desenvolver. A própria Bíblia não reivindica isso para si mesma. Em conseqüência, ao negarmos elementos fantásticos da Bíblia, estamos meramente repelindo os dogmas humanos, e não o que a Bíblia diz por si mesma. O livro de Gênesis, pelo menos em suas porções iniciais, onde encontramos questões sobre origens remotas, foi composto para responder indagações que intrigavam mentes primitivas, e vários mitos foram compilados para dar essas respostas. O homem primitivo perguntava: «Por que o homem é tão pecaminoso? Por que ele sofre? Por que a mulher sofre dores durante o parto? Por que crescem as ervas daninhas? De onde vem tanto caos?» O primeiro capítulo de Gênesis sonda esses mistérios, embora de forma bastante primitiva e mal-informada.

4. *Abordagem líbero-neo-ortodoxa.* Se não podemos afirmar que Gên. 1 seja um verdadeiro registro histórico dos primórdios humanos, podemos afirmar que é importante a teologia contida em seus *símbolos*. Não precisamos da história para formarmos teologia. A ciência demole as narrativas antigas do ponto de vista histórico. Apesar de que algumas coisas na história são importantes para o cristianismo, como a vida de Jesus, a Sua morte e ressurreição (coisas que podem ser aceitas como históricas e literais), outras coisas, como as que dizem respeito a origens absolutas, não são expostas em termos históricos literais nos documentos sagrados. De fato, simplesmente desconhecemos como as coisas começaram e como o homem caiu, ou como a mulher veio à existência, se seu começo diferiu do começo do homem. E nem é moral e espiritualmente importante que saibamos dessas coisas. Cremos que tudo teve origem em Deus, e que Ele efetuou um ato especial de criação para trazer o homem à existência; mas poderia ter instituído um processo evolutivo que envolvesse esse propósito. O que sabemos é que o homem está aqui, e é um ser decaído. Mediante a narrativa de Gênesis, podemos obter discernimentos quanto à condição espiritual do homem.

Os trechos neotestamentários que dão apoio ao Adão histórico fazem-no porque era nisso que os autores sagrados acreditavam. Mas, supor que eles tivessem de estar certos em tudo não passaria de dogmas humanos que precisavam de séculos para se desenvolver. Os próprios autores não reivindicaram inerrância; e mesmo que o tivessem feito, não poderiam comprová-la. Aquele que precisa apelar para o mito da inerrância é um infante espiritual que precisa de mamadeira adredemente preparada. A espiritualidade não se parece com isso. De fato, a espiritualidade (em seu aspecto de conhecimento) é uma aventura, uma inquirição. Existem grandes verdades subjacentes como Deus, a existência e a sobrevivência da alma, e muitos detalhes dotados de base histórica. Porém, é vão tentar encaixar historicamente e sem erros tudo quanto encontramos na Bíblia.

Consideremos também este pequeno exemplar da teologia hebréia. O autor de Gên. 1 e 2 não tencionava descrever o começo da alma humana. O «sopro divino» no barro, que animou o homem, de acordo com o pensamento hebreu, não tinha a intenção de colocá-lo em um elemento imaterial e eterno. Embora o Pentateuco fale sobre Deus e os anjos, ali não há qualquer explicação sobre a alma humana. Assim, a narrativa de Gênesis não pretende dizer-nos de onde veio a *alma*; e a alma é o homem real, e o seu corpo é apenas um veículo temporário. Portanto, desse ângulo, não temos qualquer relato sobre como começou *o homem real*. Somente no tempo dos Salmos e dos Profetas é que a teologia hebréia incluiu a alma. Ela já fazia parte de outras antigas religiões e filosofias, por longo tempo, antes de entrar no pensamento dos hebreus. Em razão disso, devemos ser cautelosos quanto aos relatos antigos, porque, espiritualmente falando, há muita coisa a ser dita sobre o homem que não foi incluído ali, sem importar se consideramos essas narrativas historicamente verazes ou não.

Não obstante, a teologia é um negócio sério, e a representação simbólica em Gênesis faz parte disso.

Acima das controvérsias: — Ignorando por ora as controvérsias que cercam a história de Adão, devemos observar importantes ensinos contidos nessa narrativa:

1. Originalmente o homem era um ser elevado, de



Adão e Eva e a Rebelião

REBELIÃO CONTRA DEUS

●●● ●●●

Proibida (Núm. 14:9; Jos. 22:19)
Provoca a Deus (Núm. 16:30; Nee. 9:26)
Provoca a Cristo (comp. Êxo. 23:20 com I Cor. 10:9)
Vexa ao Espírito Santo (Isa. 63:10)

Exibida:
Na incredulidade (Deu. 9:23)
Na rejeição do governo divino (I Sam. 8:7)
Na revolta contra Deus (Isa. 1:5)
No desprezo de sua lei (Nee. 9:36)
No desprezo aos seus conselhos (Sal. 107:11)
Na desconfiança quanto ao seu poder (Eze. 17:15)
Na murmuração contra Deus (Núm. 20:3,10)
Na recusa de dar-lhe ouvidos (Deu. 9:23)
No afastar-se de Deus (Isa. 59:13)

A Culpa devido à Rebeldia:
É agravada pelos cuidados paternais de Deus (Isa. 1:2)
É agravada pelos incessantes convites de Deus, para que o rebelde retorne a ele (Isa. 65:2)
Deve ser lamentada (Jos. 22:29)
Deve ser confessada (Lam. 1:18,20)

Perdão:
Só Deus pode perdoá-la (Nee. 9:17)
É perdoada em face do arrependimento (Nee. 9:26,27)

Os Ministros:
São advertidos contra ela (Eze. 2:8)
São enviados aos rebeldes (Mar. 12:4-8)
Devem advertir contra a mesma (Núm. 14:9)
Devem testificar contra a mesma (Isa. 30:8,9)
Devem relembrar o passado a seus líderes (Deu. 9:7; 31:27)

●●● ●●●

grande inteligência e de notáveis qualidades espirituais. A origem do homem, o verdadeiro homem, o espírito, não se encontra no reino animal. Ele traz a «imagem de Deus». Inferiores são outros pontos de vista do homem, como o humanismo e o marxismo. O homem não é um produto natural, e nem apenas economicamente formado. Em sua origem há o toque divino.

2. Por ter a imagem de Deus, o homem, finalmente, através da redenção, terá a semelhança divina, a Sua natureza essencial, embora em escala finita (II Ped. 1:4).

3. Isso resulta da missão do *último Adão* (ver o artigo seguinte), que se identifica com toda a humanidade. (Rom. 5:12 ss ; I Cor. 15:45-47).

4. O que é físico serviu de veículo, mas o homem realmente não pertence ao terreno físico. Os pais alexandrinos, seguindo idéias platônicas, supunham que o verdadeiro homem pertencia a uma criação espiritual anterior e antiqüíssima, e que a sua união eventual com o corpo físico, e sua história subseqüente representam estágios da história humana, mas não a sua substância. Com ou sem esses ensinos, precisamos reconhecer que o homem é um ser espiritual cujo destino não está (finalmente) relacionado à esfera terrestre. Sua porção espiritual é transcendental. Quanto à origem da alma, ver o artigo sobre *a alma*.

5. A intervenção divina na história humana, ou *teísmo*, em contraste com o *deísmo*. O teísmo (ver o artigo) ensina que Deus se interessa pelo homem e intervém em sua história, recompensando ou punindo, guiando e cuidando. Neste mundo operam propósito e desígnio. O deísmo (ver o artigo) apesar de admitir alguma força criadora, pessoal ou impessoal, acredita que a mesma esteja divorciada da criação, deixando que as leis naturais a governassem. Portanto, essa força não faria qualquer intervenção, nem se importaria e nem castigaria ou puniria o homem. A narrativa bíblica põe-se inteiramente ao lado do teísmo.

6. Contra um Universo mecânico e materialista. Deus e o espírito estavam presentes desde o começo. Ver o artigo sobre *o materialismo*.

7. O conhecimento espiritual é oferecido ao homem, conforme é simbolicamente representado pela árvore do conhecimento. Deus transmite, e o homem pode aprender. Ver o artigo sobre *o misticismo*.

8. Pecaminosidade. O homem e a mulher viram que estavam nus, quando pecaram. Na humanidade há delito e desgraça, e isso requer redenção. Ver o artigo sobre esse assunto e sobre *a salvação*.

9. Há a vida eterna. Isso é representado pela árvore da vida. Ver o artigo sobre *a vida eterna*.

10. A confusão causada pelo pecado. Quanto caos foi provocado pelo pecado! Ver o artigo sobre *o pecado*.

11. O princípio maligno. O mal também é pessoal, e não apenas circunstancial. Existem seres malignos que impedem e destroem. Ver os artigos sobre *Satanás* e *os demônios*. A serpente (ver o artigo) representa essas forças negativas.

12. A penalidade. Adão e Eva foram expulsos por causa do pecado. Ver o artigo sobre *o julgamento*. (B EB JB NTI S V W WH Z)

ADÃO, CIDADE DE

Cidade a alguma distância a leste do rio Jordão, diante ou abaixo da qual cessou o fluxo das águas daquele rio, permitindo a passagem dos israelitas por seu canal. Ficava localizada onde deságua no Jordão o segundo maior rio da Transjordânia, o Jaboque. Ver Jos. 3:9-17. Esse nome também se encontra na inscrição de Faraó Sisaque, onde ele descreve suas invasões na Palestina, no quinto ano de Reoboão, filho de Salomão. Essa inscrição foi preservada no templo de Amom, em Carnaque. O nome moderno do lugar é Tell ed-Damiyeh. O nome dessa antiga cidade, Adão (vermelho), provavelmente derivava-se da cor da argila da região. (S Z)

ADÃO, LIVROS DE

Esse é um título geral que alude a várias obras não-canônicas e que abordam diversos eventos fantasiosos nas vidas da primeira família. Há uma versão em grego, no *Apocalipse de Moisés*. Há uma outra versão na obra latina *Vida de Adão e Eva*. A primeira dessas obras parece ser a mais antiga, embora ambas possam ter uma origem comum. Devido à ausência de quaisquer elementos cristãos, o original (em hebraico ou aramaico) provavelmente foi escrito por um judeu (de Alexandria?) algum tempo após 60 D.C., mas talvez até ao século IV D.C.

Versões menores existem em outras línguas, como o armênio, e eslavônico, o etíope, o siríaco e o árabe. A versão armênia é a que mais se aproxima do manuscrito do *Apocalipse de Moisés*, e a versão eslavônica é a mais parecida com a versão grega em geral.

A estória. Expulsão do jardim do Éden; Eva prevê o assassinato de Abel em um sonho; Adão sofre enfermidade e dor, em resultado da queda; Sete e Eva procuram obter azeite da árvore da vida, para curar Adão, mas uma fera os ataca para impedir isso. Miguel, o arcanjo, declara que a doença de Adão é incurável. Adão morre e vai para o terceiro céu. Anjos sepultam o corpo de Adão. Eva ordena que sejam registrados em pedra alguns relatos. Eva morre uma semana depois de Adão. Miguel restringe o período de lamentação a seis dias.

A versão latina acrescenta os elementos seguintes: Após a expulsão, Eva pede que Adão a mate, por causa de seu pecado e da calamidade resultante. Adão sugere um período de arrependimento. Ele fica no Jordão por quarenta dias, e ela no Tigre, por trinta e sete dias. Ali ela sofre uma segunda tentação por parte de Satanás, no décimo oitavo dia. Adão diz a Eva que deixe o rio, por haver sido perdoada. Adão desmascara o engodo. Satanás explica que ele agiu por motivo de inveja, porque a todos os anjos de Deus fora ordenado que adorassem a Adão (Sal. 8:2). (CH GI J S Z)

ADÃO, O ÚLTIMO (SEGUNDO)

Um título aplicado por Paulo a Cristo, tendo o apóstolo desenvolvido o paralelismo e o contraste entre Adão e Cristo. Cristo é o último Adão (I Cor. 15:45), e também o segundo Adão (I Cor. 15:47). Em Rom. 5:14, Adão é apresentado como o tipo contrastante de Cristo. Paulo enfatiza a solidariedade da raça humana inteira, primeiramente com Adão, quanto à origem física, e então com Cristo, por ser Ele a fonte da vida espiritual. O primeiro trouxe a morte por meio do pecado, e o segundo trouxe a vida, mediante Sua missão salvatícia (Rom. 5:12). O pecado de Adão é visto como algo que afetou a humanidade inteira, talvez por meio da hereditariedade, ou então mediante a afinidade espiritual. Talvez o autor sagrado visse todos os homens

biologicamente presentes em Adão, pelo que fariam parte de sua personalidade. Em conseqüência, todos participam daquilo que ele foi. O «velho homem» está em todos nós, pois participamos da queda de Adão (Rom. 6:6; Efé. 4:22; Col. 3:9). A experiência parece comprovar que os homens não se tornam pecadores meramente devido ao fator ambiental. Até crianças conforme Freud demonstrou, têm todas as formas de horrendos répteis ocultos na mente. Portanto, não é que meramente morremos; merecemos morrer. Porém, nossa salvação é assegurada mediante a identidade com o Cabeça da raça espiritual, a saber, Jesus Cristo, o último Adão, que faz reverter o caos criado pelo primeiro Adão.

Somos incorporados na *nova humanidade* que é uma raça espiritual, e cujo alvo é a participação na natureza divina (II Ped. 1:4). Tal como Cristo participou de nossa natureza humana, assim também, finalmente, participaremos da natureza divina, compartilhando da imagem de Cristo (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Uma *nova criação* está sendo trazida à existência (II Cor. 5:17). A imagem desfigurada do Criador está sendo renovada no homem.

Provisão universal. Por meio do pecado de Adão, o juízo sobreveio a *todos os homens*. Mas, mediante a retidão do último Adão, o dom gratuito da salvação e da vida eterna é oferecido a *todos os homens* (Rom. 5:18). Diversas interpretações têm surgido no tocante a isso, conforme damos abaixo:

1. Cristo anulou o pecado original, com o resultado que agora os seres humanos nascem sem pecado e tornam-se pecadores devido à influência do meio ambiente e por escolha pessoal, com base no livre-arbítrio. A experiência não parece apoiar tal idéia. Ninguém precisa ensinar as crianças como se peca. Pecar faz parte da substância de seus seres.

2. A provisão de Cristo é absolutamente universal e foi franqueada a todos os que quiseram. Em outras palavras, todos podem ser salvos. Isso concorda com trechos bíblicos como I Tim. 2:4. Ver as notas no NTI sobre o *livre-arbítrio*, bem como o artigo nesta obra, sobre o mesmo assunto. As Escrituras também ensinam o *determinismo*. Ver o NTI em Efé. 1:4, bem como o artigo nesta obra.

3. Os universalistas vêm nesse texto uma prova de sua doutrina, de que todos os homens, eventualmente serão salvos, embora talvez isso ocupe muito tempo. Quanto a notas sobre a plena extensão da missão de Cristo, ver o NTI, em Efé. 1:10. Ver o artigo sobre *a restauração*. É impossível que viesse a falhar a missão de Cristo, não atingindo a todos os homens, de todos os lugares, afinal de contas. Mas, como ela alcança aos mesmos pode ser diversificadamente definido, e as notas aludidas abordam a questão. Ver o artigo sobre *o universalismo*. (EB NTI V W Z)

ADAR

No acadiano, **escuro** ou **nebuloso**, um nome posterior do décimo segundo mês do ano judaico, tomado por empréstimo dos judeus, quando exilados na Babilônia. Esse mês ia da lua nova de fevereiro à lua nova de março. Quando necessário, por causa do ano lunar, era usado um segundo mês de Adar, intercalado. (Ver Eze. 6:15; 3:7,13; 8:12; 9:1,15-21). As importantes comemorações desse mês eram as seguintes: a. A morte de Moisés, no sétimo dia, que era relembrada com um jejum (ver Deu. 34:5,6), embora as autoridades discordem quanto a essa data. Josefo, *Ant.*, diz-se que essa comemoração ocorria no primeiro dia desse mês. As referências talmúdicas dão apoio ao sétimo dia. b. Hilel e Shammai, uma comemoração no nono dia, relembrava a separação dessas duas escolas teológicas dos judeus, o que ocorreu poucos anos antes do nascimento de Cristo. c. O jejum de Ester, no décimo terceiro dia, por três dias (ver Est. 4:16), e que incluía a preparação para a festividade seguinte, a festa de Purim. d. Uma festividade em memória da derrota e morte de Nicanor (ver II Mac. 15:36). e. A festa de *Purim* (ver o artigo a respeito), nos dias 14 e 15 desse mês. Ver sobre *Calendário*.

ADAR

No hebraico, **eira, lugar espaçoso**. 1. Filho de Bela e neto de Benjamim (ver I Crô. 8:3). Também foi chamado Arde em Gên. 46:21 e Núm. 26:40. 2. Cidade fortificada na fronteira sul de Judá, perto de Cades-Barnéia, que talvez possa ser identificada com Khirbet el-qudeirat, a oito quilômetros a noroeste de Cades-Barnéia. (FA Z)

ADASA

Cidade que não é mencionada no Antigo Testamento, embora aludida em I Mac. 7:40,45 e em Josefo, *Ant.* xii.10:5, localizada entre Bete-Horom e Jerusalém, provavelmente a moderna Khirbet 'Addaseh, a onze quilômetros de Bete-Horom. Ali, Judas Macabeu, com três mil homens, derrotou o exército sírio comandado por Nicanor, o que é comemorado no décimo terceiro dia do mês de Adar (ver I Mac. 7:49).

ADEGA Ver Depósito.

AD HOC

Latim, **para isto**. Na lógica, uma hipótese **ad hoc** é formada a fim de explicar um dado fenômeno, embora diferindo de hipóteses poderosas, por não derivar-se de outros fenômenos ou por não resultar em outras conseqüências comprováveis. O valor dessas hipóteses, que se aplica somente a certos fenômenos específicos, é que lança dúvida não estribada em evidências comprobatórias. Geralmente, o termo significa apenas «no tocante a esta coisa particular».

ADI

No grego, **ornamento** (ver Luc. 3:28). Era filho de Cosã e pai de Melqui, o terceiro acima de Salatiel, na genealogia de Jesus Cristo. O termo pode ser uma forma variante de Adna (ver o artigo a respeito). (S Z)

ADIABENE

Nome grego da principal das seis províncias em que foi dividida a Assíria. Plínio (*Hist. Nat.* v:12) e Amiano (xxiii:6, sec. 20), referiam-se à Assíria inteira por esse termo. A região não é mencionada na Bíblia. Mas Josefo (*Ant.* x:2,4; *Bel. Jud.* ii:16,19; v:4,6,11) diz que a rainha Helena e seu filho Izates, de Adiabene, tornaram-se israelitas.

ADIÁFORA

Essa é uma palavra grega que significa «coisas indiferentes», referindo-se a questões que não são consideradas essenciais à fé, que podem ser toleradas em si mesmas, mas que com freqüência devem ser evitadas, a fim de que outras pessoas não nos critiquem.

Exemplos bíblicos. Jesus e Paulo, apesar de denunciarem o alcoolismo (Luc. 21:23; I Cor. 5:11), não condenaram a ingestão moderada de bebidas

alcoólicas (João 2:1-12; Mat. 11:19; I Tim. 5:23). Era questão indiferente para eles. Mas a ciência tem demonstrado que o álcool no sangue mata células cerebrais, pelo que a ingestão de bebidas alcoólicas em qualquer dose não pode ser correta, segundo o princípio declarado em I Cor. 6:19-20. Para Paulo, a circuncisão e a ingestão de certos alimentos eram questões livres para o crente (I Tim. 4:3-5; Gál. 2:3; 5:6). Ele acreditava que existiam muitas coisas dessa natureza. «Todas as cousas me são lícitas, mas nem todas me convêm» (I Cor. 6:12). Esse vocábulo, «todas», é aqui limitado pelo contexto, indicando aquelas coisas sem conteúdo moral, isto é, que não são realmente nem certas e nem erradas. Uma pessoa pode comer todo tipo de carne (I Cor. 6:13; I Tim. 4:4) porque, ingerir carne, em si mesmo, não é ato pecaminoso. Porém, uma vez que se aprenda pela ciência que certas carnes contêm muito colesterol, por motivos de saúde, devemos ingerir menos dessas carnes e procurar ter uma dieta equilibrada, de acordo com as pesquisas modernas. Não há como negar que o avanço da ciência pode aprimorar-nos na moralidade, acima dos antigos preceitos, que eram puramente teológicos.

Na história eclesiástica. Além das coisas que a Bíblia considera moralmente indiferentes, aparecem outras na história da Igreja, como o celibato. Algumas seitas dos primeiros séculos cristãos insistiam que o celibato era necessário à santidade, como os gnósticos ascéticos. A Igreja assumiu posição moderada e deixou que o celibato dependesse da escolha pessoal (Crisóstomo, Hom. 15:2, em Heb., comentário sobre Gál. 2:11 ss.).

Uma vez formadas as denominações protestantes, vários grupos passaram a discutir se seria certo ou errado reter certas práticas católicas. Melancton declarou que a confirmação, a veneração aos santos, a confissão auricular, a extrema-unção, os ritos, o cerimonial, os dias santos, etc., podiam ser praticados, por serem espiritualmente indiferentes. Mas muitos luteranos negavam o acerto de tais práticas, por serem uma transigência sincretista. Eles também insistiam que as coisas indiferentes (res mediae), quando *impostas* pelas autoridades, tornavam-se erradas por violarem a liberdade cristã. Alguns (incluindo os puritanos posteriores) tomaram a posição extrema de dizer que coisas *não explicitamente permitidas* nas Escrituras são condenáveis. Mas isso reflete ascetismo e legalismo. Os anglicanos têm considerado como adiáforas muitas coisas permitidas, mas não obrigatórias, como são certas práticas religiosas tradicionais, embora não apoiadas por textos bíblicos de prova.

As diversões, por toda a história da Igreja, têm sido motivo de debates, se seriam ou não adiáforas; ou quais delas são permissíveis e quais não a são. Essa é uma questão complexa, porque uma diversão, embora inofensiva em si mesma, pode tornar-se prejudicial se conduzida em um lugar moralmente degradante. Essas são questões debatíveis, devendo ser esclarecidas, para que os crentes ajam segundo a consciência individual ou coletiva. A liberalidade quase sempre desliza para o pecado, mas o ascetismo estrangula, pelo que é difícil encontrar o ponto de equilíbrio. Em tempos modernos, a música própria de clubes noturnos foi introduzida nas igrejas a fim de entreter e de atrair ouvintes. Visto que a música exerce uma influência moral, tal música na igreja dificilmente pode ser tida como questão indiferente. Deve ser rejeitada a qualquer custo. (H NTI)

ADIÇÕES A ESTER

Ver **Ester, Adições a.**

ADIDA

Forma grega que na Vulgata é Addus. Uma cidade fortificada da tribo de Judá. Em I Mac. 12:38 ficamos sabendo que Simão Macabeu fortificou o lugar. Eusébio diz que o nome que se dava nesse tempo ao território aberto perto de Eleuterópolis era Sefelá. Adida, em Sefelá, provavelmente é o mesmo local mencionado em I Mac. 13:13. A cidade estava situada em uma colina, acima das planícies da Judéia, em uma estrada que levava a Jerusalém. Talvez seja a Hadida do Antigo Testamento. Simão Macabeu usou o local em sua luta contra Tripom (ver I Mac. 13:13), e foi ali que Aretas, rei da Arábia, derrotou Alexandre Janeu em batalha (ver Josefo, *Ant.* xiii.15,2). (S)

ADIEL

No hebraico significa **ornamento de Deus.** 1. Um dos chefes da tribo de Simeão, que aparentemente conquistou a terra de Gedor (ver I Crô. 4:36). 2. Um sacerdote, filho de Jazera e pai de Maasai. Seu filho ajudou na reconstrução do templo, após o cativeiro (ver I Crô. 9:12), em cerca de 536 A.C. 3. Pai de Azmavete, tesoureiro de Davi (ver I Crô. 27:25). (UN S)

ADIM

No hebraico, **efeminado.** 1. Cabeça de uma das famílias israelitas, cujos descendentes retornaram com Zorobabel da Babilônia a Jerusalém, em cerca de 536 A.C. O número deles era de 454, de acordo com Esd. 2:15, mas Nee. 7:20 fala em 655 descendentes. Ocorreu aqui algum erro de transcrição. A diferença de 54 e 55 pode ser explicada pelo próprio autor, no segundo caso. 2. Um homem que assinou o pacto feito por Neemias com o povo, após terem retornado a Jerusalém (ver Nee. 10:16), em cerca de 445 A.C. (S)

ADINA

No hebraico, **magro, delicado.** Era filho de Siza, um rubenita, capitão de trinta de seus companheiros de tribo, um dos guerreiros de Davi (ver I Crô. 11:42), cerca de 1000 A.C. (S Z)

ADINU

Forma alternativa de **Adim.**

ADINUS

Forma alternativa de **Jamim.**

ADITAIM

Seu sentido no hebraico é incerto. Uma cidade de Judá (ver Jos. 15:36), de localização desconhecida. Posteriormente, o nome parece haver sido mudado para Hadide (*Cadide*) e para Adida. (S)

ADITUM

No grego vem de **a**, «não», e **dein**, «entrar». Indicava algum santuário secreto, em certos lugares de adoração, na antiguidade. Apontava para algum lugar inacessível ou impenetrável, como era o caso do

Santo dos Santos do templo de Jerusalém. Metaforicamente, a palavra tem sido usada para indicar o coração ou a consciência do ser humano, ou, algumas vezes, o significado profundo e espiritual da Palavra de Deus. (S)

ADIVINHAÇÃO

I. A Prática Da Adivinhação Nas Escrituras

O A.T. condena todas essas práticas entre os povos pagãos (Lev. 19:26; Deu. 18:9-14; II Reis, 17:17 e 21:6). Porém, é fato fácil de ser demonstrado que o próprio povo de Israel muito se envolveu com tais práticas, e que freqüentemente o fez sem qualquer censura.

Abaixo oferecemos um sumário sobre a questão, mostrando os oito métodos geralmente empregados nas páginas das Escrituras ou na cultura judaica:

1. *Rabdomancia* (ver Eze. 21:21). Varetas ou flexas eram atiradas para o ar, e os presságios eram deduzidos das posições em que esses objetos caíam. Talvez a passagem de Osé. 4:12 seja uma referência a isso.

2. *Hepatoscopia* (ver Eze. 21:21). Esse método de adivinhação consistia no exame do fígado ou outras entranhas dos animais sacrificados. Sentidos prováveis eram atribuídos aos diversos sinais desses órgãos, mais ou menos semelhantes ao que fazem as quiromantes, ao examinarem as marcas das palmas das mãos de seus fregueses.

3. *Terafins*. Eram imagens de antepassados mortos. (Ver I Sam. 15:23; Eze. 21:21 e Zac. 10:2). Alguns estudiosos acreditam que esse método representava alguma forma remota de espiritismo.

4. *Necromancia*. Era a consulta aos mortos, isto é, aos espíritos desencarnados de tais indivíduos. (Ver Deut. 18:11; I Sam. 28:7; II Reis 21:6; Isa. 8:19,20). Essa prática era estritamente condenada pela lei mosaica. (Ver Lev. 18:31 e 20:6). Supunha-se que o chamado *médium* ou intermediário possuía um espírito familiar, ou, usando termos modernos, um *controle*. O vocábulo «necromante» é utilizado em Deut. 18:11, e significa, literalmente, «aquele que interroga os mortos». Não há razão alguma em supormos que o A.T. queria dar a entender que essa prática é impossível; e as pesquisas modernas parecem indicar que, pelo menos em alguns casos, se obtêm contatos genuínos, e que mensagens genuínas são transmitidas assim. Porém, de mistura com essa prática sem dúvida alguma surgem formas freqüentes de demonismo, quando espíritos malignos fingem ser seres humanos já falecidos. Outrossim, a maioria dos espíritos de mortos que podem entrar em contato com os vivos são os de natureza *maligna e inferior*.

Regressam Os Espíritos dos Mortos?

a. A doutrina judaica condenava o contato com os espíritos dos mortos, mas não considerava isso algo impossível.

b. A doutrina judaica comumente associava os demônios aos espíritos humanos desencarnados depravados e aviltados. Essa idéia foi seguida por muitos dos primeiros pais da igreja. O mais provável é que entre os demônios havia tanto anjos decaídos como espíritos humanos desencarnados aviltados, além de outros tipos de seres espirituais, sobre os quais não temos nenhum conhecimento maior.

c. Não há razão para dúvidas de que, em tempos modernos, os chamados «médiuns» sejam capazes de entrar em contato com certa variedade de espíritos, incluindo espíritos humanos que se acham no mundo intermediário, a saber, o mundo espiritual onde os destinos ainda não estão bem definidos. (Ver notas em I Ped. 4:6 no NTI sobre como os «destinos eternos» não serão determinados enquanto não houver a segunda vinda de Cristo). Apesar de poder haver tais contatos — em meio a muita fraude — isso não é desejável, a menos que Deus, por alguma razão específica, envie um desses espíritos em missão, para dar alguma mensagem. Consideramos que esses casos são raríssimos, e que não devem ser buscados abertamente pelos vivos.

d. Ver no NTI as notas completas sobre os «demônios», em Mar. 5:2; sobre a «possessão demoníaca», em Mat. 8:28; sobre «Satanás», em Luc. 10:18.

5. *Astrologia*. Tal prática tira as suas conclusões mediante as posições dos astros celestes, como o sol, a lua, os planetas e as constelações em relação ao zodíaco (que é o cinturão imaginário, no firmamento que se estende por oito graus, de ambos os lados da vereda aparentemente seguida pelo sol incluindo tanto a lua como os principais planetas; tal campo está dividido em doze partes iguais, também chamadas *signos*, cada uma das quais recebeu o nome de alguma constelação) e em relação uns aos outros desses corpos celestes. A Bíblia, a despeito de não condenar abertamente tais especulações, despreza-as entretanto, conforme vemos em Isa. 47:13 e Jer. 10:2.

A história sobre os *magos* ou *astrólogos* que vieram do Oriente, a fim de apresentarem os seus presentes ao menino Jesus, era geralmente interpretada pelos pais da igreja como uma admissão de que havia tais estudos em tempos antigos e que Cristo foi a perfeita revelação de Deus que eliminou tais ciências, porquanto tais homens prostraram-se ante a face de Cristo. (Ver Mat. 2:1-12 quanto a essa narrativa e sua devida interpretação).

Três Variedades De Astrologia

a. Há quem pense que os planetas e as estrelas, ao emanarem energia, produzem efeitos, negativos ou positivos, sobre os homens, os quais, afinal de contas, são campos de energia eletromagnética. Naturalmente, o sol e a lua produzem tais efeitos, mas é difícil crer que a débil energia dos planetas também os produzam.

b. Outros crêem numa forma de astrologia que operaria segundo o princípio da «coincidência cheia de significado». Isso daria a entender que Deus, em um desígnio total fantástico, teria equiparado as experiências de cada ser humano com os movimentos dos planetas, da lua e do sol. Essa teoria nega, essencialmente, que os corpos celestes realmente influenciem os homens por meio de emanações de energia. Contudo, pensa-se que as posições e os movimentos de tais corpos coincidem com os eventos das vidas humanas, e isso por um desígnio divino. A vida de um ser humano, por conseguinte, poderia ser lida nas estrelas, pois ali ela seria lida por aqueles que possuem o conhecimento apropriado.

c. Também existe uma astrologia cristã. Alguns têm afirmado serem capazes de encontrar, em vários aspectos do zodíaco, várias afirmações e ilustrações acerca da glória de Cristo. Em outras palavras, cada sinal desvendaria algo distinto a respeito dele. As vidas dos homens envolvidas nele como estão, naturalmente também seriam exibidas através daqueles signos.

6. *Hidromancia*. Esse método de adivinhação pode assumir diversas formas. Uma delas consiste em encher uma taça ou copo com água, procurando produzir com tal objeto um transe passageiro. Nesse estado mental podem-se obter informações, ou da

parte de algum ser superior, que então poderia penetrar na mente e influenciá-la, ou da parte da porção subconsciente da mente do próprio adivinho, naqueles casos em que as pessoas possuem poderes telepáticos e de clarividência que ordinariamente não dispõem os homens, embora o conhecimento assim obtido possa ser transmitido a um indivíduo em estado de sonho. Trata-se, realmente, de uma forma de adivinhação com *bola de cristal*, que é apenas a sua forma moderna, embora alguns desses adivinhos prefiram usar a água. Alguns indivíduos podem até mesmo produzir tais efeitos contemplando alguma superfície plana e polida, como a superfície de uma mesa ou de outro objeto polido. A única referência bíblica insofismável a respeito desse método aparece no trecho de Gên. 44:5, onde se lê que José afirmou que usava o seu cálice de prata com tal propósito. Os intérpretes têm feito muitas contorções para negar que José realmente usava tal método de adivinhações; mas tal esforço é desnecessário, pois os servos de José, meramente repetiram o que ele ordenou que se dissesse. No entanto, isso é tentar fazer as culturas antigas e suas práticas se adaptarem *ao ideal cristão*, conforme esse ideal é contemplado pela igreja cristã moderna. Sabemos que José era possuidor de dons psíquicos, conforme os seus sonhos, interpretações de sonhos e predições indicam claramente; e não há razão real alguma para duvidarmos que ele usasse um ou mais de outros métodos antigos para provocar seu discernimento sobre tais questões. Além disso, o mal consiste na *fonte informativa* espiritual com a qual ele entraria em contato, e não no próprio método usado. Se porventura ele entrava em contato meramente com o nível subconsciente de sua própria mente, dificilmente poder-se-ia dizer que ele entrava em contato com alguma fonte maligna; porém, se ele se deixava arrastar por transes profundos (o que não é usual no método da «bola de cristal»), então sua mente subconsciente poderia ficar aberta ante os poderes malignos; e isso é que seria perigoso.

Por essa mesma razão, não é sábio que indivíduo algum, exceto sob a observação e as recomendações médicas mais estritas possíveis, submeta-se *ao hipnotismo*, porquanto isso franqueia a mente subconsciente para alguém de fora, sendo exercidas possíveis influências malignas, além de ficar debilitado o poder da vontade do indivíduo. Essa prática também cria a dependência psicológica, por parte do hipnotizado, ao hipnotizador; o que é um grande mal. Casos de possessão demoníaca se têm verificado em resultado direto do hipnotismo, porquanto a mente do indivíduo hipnotizado é enfraquecida pela influência externa.

Deveríamos ainda *advertir* neste ponto, que muito daquilo que passa por manifestações espirituais, no seio da igreja evangélica, como o falar em línguas, os pronunciamentos proféticos, as visões, etc., podem nada ser além do produto da mente subconsciente de alguns indivíduos, da influência telepática exercida por terceiros ou por alguma entidade espiritual, quer um espírito humano terreno, quer um espírito humano desencarnado, quer da parte de algum *outro ser* espiritual qualquer. E tudo isso mediante a entrada do indivíduo em uma forma de transe hipnótico, superficial ou profundo. Tais manifestações podem ser induzidas pelo próprio indivíduo ou por outros, os quais, sincera mas ignorantemente, buscam os dons espirituais ou o contato especial com o Espírito Santo. Esse contato espiritual, necessário é que se diga, pode ser real, mas não com o Espírito Santo. Esses são os casos de mistificação. Isso não significa, entretanto, que não existam manifestações genuínas do Espírito Santo.

No que diz respeito à adivinhação por bola de cristal, alguns estudiosos acreditam que *Balaão* pode ter-se utilizado de suas capacidades de clarividência através desse método. (Ver Núm. 24:1).

7. *Sonhos*. Muitas são as instâncias de sonhos reveladores, tanto no Antigo como no Novo Testamentos, que foram dados por Deus como meios para guiar os homens. O caso de José é uma ilustração que nos vem dos tempos anteriores à lei mosaica; o caso de Daniel é um exemplo do tempo dos profetas. (Ver Gên. 35:40,41 e Dan. 2:4,7). No N.T. diversos exemplos de sonhos místicos são historiados. (Ver Mat. 1:20; 2:12,13,19,22 e Atos 2:17, onde os sonhos são definidamente declarados como meios de comunicação entre Deus e os homens, como cumprimento de parte de uma profecia que aparece em Joel 2:28). O trecho de Zac. 10:2 mostra-nos que os falsos profetas geralmente dependem muito de sonhos falsos e mentirosos.

Os estudos modernos sobre o fenômeno dos sonhos têm mostrado que os sonhos comuns geralmente *combinam* o passado, o presente e o futuro dos indivíduos, essencialmente com o propósito de *resolver problemas*. É óbvio, pois, que a mente subconsciente tem a capacidade de atuar como um computador, recolhendo dados das experiências passadas e presentes, e até mesmo dos acontecimentos futuros, que se sabem fazer parte da experiência necessária do indivíduo, fazendo juízos com base em tais informes; e então, mediante um sonho, fornece orientação à pessoa. Através desses estudos se tem verificado positivamente que todas as mentes humanas têm consciência, em nível profundo, de acontecimentos futuros, sobretudo no que tange ao próprio indivíduo, sendo uma das funções da *psique* humana.

Não existe experiência psíquica mais comum que a do sonho de conhecimento prévio. Tal sonho é uma função da personalidade humana, que fornece orientação ao indivíduo, ou que tem por finalidade prepará-lo psicologicamente para alguma ocorrência acerca da qual a mente subconsciente foi adredemente avisada. A maioria dos sonhos não é lembrada, após o despertar, e somente os mais vívidos é que são relembrados. Alguns estudos têm indicado que *todos* os principais acontecimentos, e talvez até mesmo todos os acontecimentos, são primeiramente sonhados. Dessa forma, pois, parece que a função inteira dos sonhos é de servir de dom de Deus aos homens, ajudando-os em suas existências terrenas de maneira mais ordeira.

Com base em tudo aquilo que já sabemos ou que estamos aprendendo concernente aos sonhos, não nos devemos surpreender que Deus use de tais recursos para comunicar-se com os homens. Afinal de contas, o homem é um ser espiritual, — apesar de temporariamente viver preso a um corpo físico, porém, possui faculdades espirituais inegáveis. Se porventura encontrássemos algum meio de fazer as nossas horas de sono se voltarem para Deus, como também nossas horas despertas, sem dúvida muito proveito espiritual tiraríamos disso.

8. *Sortes*. (Quanto a informações sobre esse método de adivinhação, ver as notas expositivas sob ponto II).

O único uso que se faz no N.T. do termo *adivinhação*, aparece no trecho de Atos 16:16, onde é contada a história de uma jovem que era possuída por um espírito adivinhador. Tal caso possivelmente pode ser classificado sob o ponto número (4), que aparece acima. O famoso délfico ficava no distrito de Pito (na Grécia central). De Pito é que nos veio o termo

pitonisa, termo esse que indica as mulheres que adivinham as coisas. Tal termo era evidentemente utilizado de forma irrestrita, para indicar qualquer pessoa sobrenaturalmente inspirada, como sucedia às sacerdotisas de Delfos.

II. Como ilustrada em Atos 1:26

Então deitaram sortes a respeito deles e caiu a sorte sobre Matias, e por voto comum foi ele contado com os onze apóstolos.

Esta história nos faz lembrar das práticas do A.T. Por enquanto a igreja primitiva ainda não usava da imposição de mãos, mas uma espécie de cerimônia que provavelmente vinha desde os tempos de Moisés. O método de «lançar sortes» consistia em colocar pedras ou tabuinhas, com nomes escritos, em um vaso, o qual era sacudido até que uma delas caísse. Aquele cujo nome estivesse nessa pedra ou tabuinha, era considerado como a pessoa escolhida por Deus, porquanto pensava-se que de algum modo o Senhor Deus é quem causara aquela ação particular. Não obstante, alguns estudiosos têm pensado que tudo quanto se fazia em tais casos era «tomar um voto», o que seria uma antiga expressão idiomática acerca do lançamento de sortes. No entanto, a maioria dos intérpretes tem-se manifestado contrariamente a essa noção, a qual, mui provavelmente, apareceu como tentativa de «limpar» o texto sagrado, posto que muitos cristãos modernos pensam que esse tipo de ação é muito estranha, posto ser uma forma antiga de adivinhação.

«Interpretada à luz da oração que se fez, Atos 1:24, bem como pela palavra «caiu», que aqui aparece, parece não restar dúvidas de que a passagem fala sobre lançamento de 'sortes', e não sobre 'votos'.» (E.H. Plumptre, *in loc.*).

A literatura antiga revela-nos que essas práticas eram extremamente comuns em outras culturas da época, como, por exemplo, entre os gregos. A bem conhecida história do estratagema de Cresponto, na divisão do território, após a invasão dos dóricos (Sófocles, *Aias*, 1285), é um exemplo disso. A passagem de Pro. 16:33 reflete tanto essa prática como também a confiança que Deus se utilizava desses meios para revelar a sua vontade: «A sorte se lança do vaso, mas do Senhor procede toda a sua disposição». Isso pode refletir um tipo de diferente modo de proceder, em que se punham várias sortes dentro de um vaso; quando estas eram retiradas, as primeiras a saírem eram as favorecidas, sem importar quais decisões estavam sendo tomadas.

No tocante a essa passagem, John Gill diz o seguinte (in loc.): «...lançadas em seu colo, nas vestes de um homem, no seu seio, em seu chapéu, capa, urna ou o que quer que tivesse no colo, de onde eram retiradas. Essa prática era usada na escolha de líderes, tanto civis como eclesiásticos, nas divisões de heranças e na determinação de casos duvidosos; também no estabelecimento de contendas e para pôr fim aos conflitos e desentendimentos, o que, de outro modo, não se poderia conseguir...o juízo que se deveria fazer mediante essa prática, acerca de pessoas ou de coisas...era assim dirigido por Deus, de tal modo que (a sorte) caía sobre a pessoa certa, ou então ficava conhecido aqui o que era o motivo da dúvida...Isso deveríamos atribuir não ao acaso cego ou à sorte, ou à influência das estrelas, ou a qualquer ser criado invisível, anjo ou demônio, e, sim, somente ao próprio Senhor. Pois não existe aquilo que se convencionou chamar de *sorte*, e nem acontecimentos fortuitos; tais ocorrências, ainda aquelas que parecem mais fortuitas ou contingentes, são todas dispostas, ordenadas e governadas pela vontade soberana de Deus». (Isso dizia John Gill referindo-se ao trecho de Pro. 16:31. Ver também o uso dessa prática por parte de Aarão, em Lev. 16:8. Ver também Núm. 34:13; I Crô. 24:6; João 1:17 e Luc. 1:9, referências bíblicas essas que mostram que a ordem particular do serviço prestado pelos sacerdotes, isto é, quando e como haveriam de servir, em suas várias capacidades no templo, era determinada por alguma forma de *sorte*, quando se empregavam diversos sistemas possíveis, conforme fica subentendido nas notas expositivas acima).

Outras alusões antigas a essa prática, fora da cultura hebraica, são as seguintes: *Lívio* xxiii.3; Sófocles, *Aias*, 1285. Josefo menciona igualmente tal prática, no trecho de *Antiq.* vi. 5, havendo referências à mesma nos antiqüíssimos escritos de Homero.

Recair sobre Matias. Sem importar qual método de lançamento de sortes foi usado, o resultado é que Matias foi considerado *apóstolo* por escolha divina, porquanto se aceitou o fato de que Deus havia dirigido o salto da sorte para fora do vaso ou urna; ou que, no caso da mesma haver sido retirada com a mão, de algum recipiente, que Deus orientara a mão para que retirasse o nome escolhido pelo Senhor. Desse modo Matias tomou lugar, junto com os outros onze apóstolos, no ofício apostólico.

Com base nessa circunstância, ficamos sabendo da grande fé dos apóstolos na providência divina, e que eles não criam que as coisas acontecem por acaso.

Ver o artigo separado sobre a *astrologia*. Ver também o artigo sobre os *sonhos*.

III. Comentários, críticas e observações. — 1. O fato de que os sonhos regularmente prevêem o futuro, mostra-nos que o homem comum recebeu de Deus a capacidade de prever o futuro. Portanto, é absurda a idéia de alguns, de que há algo de errado ou mesmo demoníaco nos sonhos. Como no caso de tudo o mais, essa capacidade, ou a tentativa de desenvolvê-la abusivamente, pode tornar-se prejudicial, quando a utilizamos com finalidades erradas.

2. As capacidades psíquicas, por si mesmas, não são boas e nem más. Os estudos feitos em laboratórios têm demonstrado que todas as pessoas são psíquicas. De fato, mui provavelmente é essa capacidade, posta em uso diariamente, que permite a manipulação de nossos corpos. Em outras palavras, o controle da mente sobre a matéria é a essência mesma da interação entre o corpo e o espírito. A força psíquica é usada como um instrumento pelo espírito, a fim de controlar o seu veículo físico, o corpo. Porém, quando as habilidades psíquicas são usadas abusivamente, no interesse próprio, ou para influenciar outras pessoas para o mal, ou para prover meios para algum espírito estranho, ou para forçar sobre nós influências diversas, então tais capacidades tornam-se um instrumento maligno. Mas somente em tais casos.

3. A Bíblia pronuncia-se contrária à adivinhação (ver Deu. 18:10-12), quando esta é abusiva. Pois há provas óbvias de que os hebreus usavam formas de adivinhação, como também o fizeram os apóstolos, em Atos 1:26. Uma questão tão séria como a questão de substituir Judas Iscariotes no apostolado foi resolvida mediante o lançamento de sortes. Pode-se presumir que os pagãos regularmente abusam da adivinhação, pelo que buscar a ajuda psíquica de pessoas incrédulas, devido a essa circunstância, não é apenas uma medida inútil, mas até mesmo pode ser prejudicial. Além disso, os poderes demoníacos, que atuam sobre os incrédulos, são reais, e precisam ser evitados pelo crente.

4. O simples ato de tentar obter discernimento psíquico acerca dos problemas, sem importar se isso envolve ou não conhecimento quanto ao futuro, dificilmente pode ser algo errado, porque isso é o que os nossos sonhos fazem regularmente. Os estudos mostram que quase tudo quanto fazemos, dotado de qualquer importância, além de muitas coisas totalmente triviais, são previstas pelos nossos sonhos. O truque consiste em lembrar os sonhos, pois apesar de podermos ter mais de vinte sonhos a *cada noite*, talvez possamos relembrar apenas quatro ou cinco deles por semana. Não há que duvidar que os sonhos fazem parte de uma herança dada por Deus, para nossa orientação. Os sonhos de cunho moral castigam-nos e nos fornecem instruções espirituais. Os sonhos espirituais revelam-nos mistérios. Os sonhos psicossomáticos advertem-nos de coisas que adoecem o corpo. Os estudos feitos no campo dos sonhos mostram que há um intercâmbio telepático regular entre as pessoas que se tornam íntimas, e muitos sonhos são compartilhados de forma literal ou simbólica. Isso simplesmente faz parte dos sonhos. Portanto, dificilmente pode ser errado enviar e receber impulsos psíquicos ou telepáticos. Isso sucede conosco o tempo todo, se estivermos despertos ou dormindo. Não obstante, a negra mão do mal intromete-se em tudo, até mesmo em nosso comer e beber, quando nos tornamos gulosos ou bebemos coisas prejudiciais à saúde.

5. O crente espiritual, conduzido pelo Espírito, recebe orientação de alguma fonte mais elevada do que aquela que serve à adivinhação comum. Essa fonte mais elevada é a que os crentes deveriam desenvolver. Os demais fenômenos, mesmo quando não forem malignos em si mesmos, serão apenas uma curiosidade para nós, mais do que qualquer coisa. E, quando tais fenômenos forem decididamente perversos, devem ser evitados por nós, para que os espíritos malignos não tenham oportunidade para atacar-nos. Já temos problemas suficientes, em nós mesmos, não havendo necessidade alguma de convidar poderes estranhos para nos afetarem a vida.

6. *Os extremos usualmente são absurdos.* Afirmar que toda e qualquer adivinhação, excetuando aquela praticada por Israel e pela Igreja primitiva, é demoníaca, ou má em si mesma, de forma automática, é uma posição extremada, manifestamente absurda. Dizer que a adivinhação não passa de um jogo, também é um absurdo. Supor que não pode haver a intervenção da malignidade de poderes sinistros nessa prática, é outro absurdo. De fato, a adivinhação pode ser tudo isso: demoníaca, má por si mesma, indiferente (isto é, nem boa e nem má), dotada apenas de discernimento psíquico, ou então boa, ou mesmo apenas um jogo que diverte as pessoas. (IB ID NTI SH)

Ver informações sobre assuntos relacionados no artigo sobre a *Parapsicologia*.

ADLAI

No hebraico, **Yahweh é justo**. Era pai de Safate, e cuidava dos rebanhos reais ao tempo de Davi (ver I Crô. 27:29), depois de 1000 A.C. (UN)

ADMÁ

No hebraico, **terra vermelha**, uma das cidades do vale de Sidim (ver Gên. 10:19), que tinha seu próprio rei, Sinabe (ver Gên. 14:2). A cidade foi destruída juntamente com Sodoma e Gomorra (ver Gên. 19:24; Deu. 29:23; Osé. 11:8). Alguns identificam esse lugar com a Adão, em Josué, 3:16. (UN)

ADMINISTRAR, ADMINISTRAÇÃO

No grego, **diakonia**, «gerenciar», «distribuir» como mordomo (ver II Cor. 8:19). O termo «administração» aponta para o ofício público e para a execução desse ofício (ver I Cor. 12:5). Tem o sentido de «aliviar», «ministrar», em II Cor. 9:12. A raiz da palavra é a idéia de *prestar serviço*, espiritual ou materialmente falando.

ADMIRAÇÃO

Vários vocábulos gregos são usados para expressar essa emoção, a saber: *thambein*, Mar. 1:27; *existanai*, Mar. 2:12; *ekplessesthai*, Mar. 1:22; *thaumazein*, Mar. 1:22; *fobeisthai*, Mar. 5:20. Estão envolvidas idéias como espanto, admiração e temor.

Essas palavras adquirem importância ao serem aplicadas a Jesus. Por duas vezes é dito que Jesus se «admirou», ou ficou muito surpreso (Mat. 8:10; Mar. 6:6). Nesse caso, a palavra é *thaumazein*, enfatizando a reação de Jesus a situações consternadoras. Em Mar. 14:33, a reação de Jesus, no Getsêmani, é descrita com o termo *ekthambeisthai*, que é usado para indicar um grande alarme, aflição ou temor. Na Septuaginta, a palavra enfatiza temor ou medo (ver I Sam. 14:15; II Sam. 22:5). As origens da emoção de Jesus, nesse caso, eram as horrendas implicações da cruz. Aqueles que concebem um Cristo docético, que seria humano apenas na aparência, ficam perplexos quando lêem que Jesus foi capaz de ter temor. Porém, do ponto de vista da humanidade de Cristo, isso não nos deveria surpreender. Ver o artigo sobre *a Humanidade de Jesus Cristo*. Ver o artigo a *Divindade de Cristo*. (A B)

ADMOESTAÇÃO

O termo grego **nouthesia** aparece por três vezes no Novo Testamento, em I Cor. 10:11; Efé. 6:14 e Tito 3:10, denotando a idéia de «meter na mente». O cognato verbal aparece por quatro vezes: Rom. 15:14; Col. 3:16; I Tes. 5:12 e II Tes. 3:15. A transmissão da mensagem divina requer que ela seja injetada nas mentes alheias, por meio do ensino e da exortação.

Idéias. 1. A aplicação de exemplo santo. 2. A transmissão de ensino espiritual, de modo geral. 3. A repreensão aos hereges. 4. O ministério dos líderes que deve ser respeitado. 5. A reprimenda a um irmão em erro. Quanto à questão da repreensão, no âmbito da disciplina eclesiástica, ver as notas no NTI, em Mat. 18:15-17.

ADNA

No hebraico, **prazer**. No Antigo Testamento há quatro homens com esse nome: 1. Um israelita descendente da família de Paate-Moabe, que se divorciou de sua mulher gentia, após o cativeiro (ver Esd. 10:30). 2. Um sumo sacerdote, filho de Harim, contemporâneo de Joiaquim (ver Nee. 12:15), em cerca de 536 A.C. 3. Um dos principais homens da tribo de Manassés, que aliou-se a Davi em Ziclague (ver I Crô. 12:20), antes de 1000 A.C. 4. Um guerreiro da tribo de Judá e capitão sob Josafá (ver I Crô. 17:14), em cerca de 836 A.C. (UN S Z)

ADOÇÃO

Ver o artigo sobre o **adopcionismo**, a alegada doutrina de Cristo como Filho adotivo de Deus. Ver abaixo, neste artigo, sob o quinto ponto, sobre a «adoção» em relação ao Filho, Cristo, onde o trecho de

Rom. 1:4 é cuidadosamente considerado.

Adoção traduz um termo grego que significa «colocar como filho». A palavra portuguesa tem o termo latino *adopter*, «selecionar», como sua base. Trata-se do ato legal mediante o qual uma pessoa faz de outra pessoa, com a qual não tem relação de parentesco, ou, pelo menos, que não é seu filho natural, seu filho aos olhos da lei. O Antigo Testamento não contém qualquer vocábulo equivalente ao termo grego traduzido por «adoção», embora ocorram alguns poucos exemplos da prática. No Novo Testamento, o termo grego *uiothesia*, «filiação», pode ser encontrado em Rom. 8:15,23; 9:4; Gál. 4:5; Efé. 1:5, num total de cinco vezes. O costume da adoção é aludido, embora não haja o relato de qualquer ato de adoção em todo o Novo Testamento.

1. *Origem da prática*. A origem da mesma foi o desejo de ter um descendente do sexo masculino, para que a herança continuasse na família, quando não havia nenhum filho natural do sexo masculino.

2. *No Antigo Testamento*. O caso de Moisés no Egito (ver Êxo. 2:10), provavelmente envolveu um caso de adoção. Outros exemplos são a adoção de Eliezer, por Abraão (ver Gên. 15:2,3), e a de Ester, por Mordecai (ver Est. 2:15). No passado, até mesmo um escravo algumas vezes era adotado como filho. Uma forma de adoção estava envolvida naqueles casos em que uma esposa dava uma serva a seu marido, mediante a qual ela geraria filhos, se o casal não pudesse gerá-los, como o filho que nasceu de Abraão e Hagar. Jacó adotou como seus os dois filhos de José, Efraim e Manassés, com os mesmos direitos de Rúben e Simeão, seus dois filhos mais velhos. (Ver Gên. 48:5). Destarte, Jacó pôde dar a José, seu filho favorito, uma partilha maior da herança. Desse modo, as tribos tornaram-se treze, embora Levi não viesse a receber terras na partilha; ou então Efraim e Manassés foram considerados como metades, compondo uma única tribo. Em 1 Crônicas 2, Maquir deu sua filha a Hezrom de Judá, e ela deu à luz a Segube, pai de Jair. Ele herdou vinte e três cidades de Gileade, por meio de sua avó. Embora pertencente a Judá, por meio de seu avô, em Números 23:41 ele foi contado como pertencente a Manassés, por causa da herança que recebeu por meio de sua avó.

3. *Gregos e romanos*. As alusões existentes no Novo Testamento refletem costumes entre esses dois povos. No Oriente, a prática sempre foi comum, mormente entre os povos semitas. A prática confinava-se a filhos, e a narrativa bíblica não menciona a adoção somente de uma filha (Ester, por parte de Mordecai), se é que ali temos uma verdadeira adoção. Isso se devia, em primeiro lugar, à questão inteira da herança e da perpetuação da família, bem como ao sentimento geral que era melhor ter filhos do que ter filhas. Isso concorda com um provérbio chinês, que diz: «É mais feliz com filhas aquele que só tem filhos» (*Mem. sur les Chinois*, t, x:149). A prática era mais comum entre os romanos do que entre os gregos. Isso provê uma bela ilustração da função do evangelho, pois não é pequena a vantagem de alguém passar da posição de um escravo, pertencente a um senhor, para a posição de um filho, que agora tem um pai. Na adoção, pois, o filho adotado tornava-se legalmente *morto* para todas as anteriores obrigações e ligações, e assumia posição de filho dentro de uma nova família, juntamente com os direitos e obrigações nisso envolvidos. Há uma outra excelente ilustração da realização do evangelho, que faz com que homens que antes pertenciam à pecaminosa família adâmica, agora se tornem membros da família de Deus (ver Rom. 8:15 ss).

Segundo a lei romana de adoção, que requeria um documento legal, o filho adotivo tinha direito ao nome, às possessões e à posição do pai adotivo na sociedade e nas questões religiosas. Era o herdeiro de seu pai adotivo como se fora um filho natural. O pai também tinha direito à propriedade do filho adotivo, tornando-se seu proprietário absoluto. Os judeus não tinham precisamente esses costumes, mas a literatura judaica mostra que eles estavam familiarizados com as determinações das leis romanas.

4. *Idéias neotestamentárias associadas à adoção*. a. Transformar um escravo em filho, segundo foi comentado acima (ver Rom. 8:15 e Gál. 4:5). b. A adoção é efetuada por meio do Irmão mais velho, Jesus Cristo (ver Efé. 1:5). Ali faz-se presente a idéia do *amor* da família divina. c. Em Rom. 8:15 ss. temos uma introdução ao elevado destino dos filhos adotados, a saber, a transformação segundo a imagem do Irmão mais velho, sendo eles os herdeiros de tudo quanto Ele herdar. Assim os homens participarão da natureza divina, por se tornarem membros reais da família divina. (Ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; II Cor. 3:18). d. A adoção inclui a redenção futura do corpo, a participação na glorificação, a mudança de natureza, da humana para a divina, no mesmo sentido em que o Filho participa dessa natureza, embora em grau finito. (Ver Rom. 8:23). e. Todo esse processo é um ato voluntário de Deus, originado em Sua vontade soberana (ver Efé. 1:4-6). f. Mediante a influência do Espírito Santo, os homens recebem a certeza de seu novo relacionamento com Deus, pelo que clamam «Aba, Pai». (Ver Mar. 14:36; Rom. 8:15,16). Isso é o contrário exato da anterior escravidão ao pecado. g. Filiação é sinônimo de salvação, pois tudo quanto está envolvido na *salvação* (ver o artigo a respeito), também está envolvido em nossa posição de filhos (ver Rom. 8:29 ss). h. A criação inteira participa nos resultados da adoção dos filhos, o que é claramente ensinado em Rom. 8:22 ss. Isso significa que haverá um benefício universal, resultante da missão de Cristo, e que a adoção de filhos é uma garantia dessa universalidade, embora só os eleitos participem desse benefício em sentido primário. Os demais receberão benefícios secundários. Ver o artigo sobre a *restauração*. A missão de Cristo não pode falhar no tocante a qualquer coisa viva ou inanimada. i. Isso garante a solução final para o *problema do mal* (ver o artigo a respeito).

5. *Adoção em relação ao Filho, Cristo*. Isso leva em conta o que lemos em Romanos 1:4. Ver também o artigo sobre o *adopcionismo*, quanto a detalhes sobre essa doutrina. «Com poder foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos, Jesus Cristo, nosso Senhor».

6. *Luz da arqueologia* sobre a adoção pré-abraâmica. A descoberta dos arquivos de Nuzi (ver sobre *Nuzi*, no artigo referente à *arqueologia*) nos fornece alguma compreensão sobre a adoção entre os povos semitas. Em Nuzi era costume que um casal sem filhos adotasse um filho, que primeiramente servia os seus pais adotivos, enquanto eles vivessem, e então cuidava do sepultamento deles, de acordo com os costumes vigentes. Em recompensa, ele ficava com a herança. Se, após o ato de adoção, o casal gerasse filhos, os filhos naturais ficavam com a porção maior da herança, mas o filho adotivo ainda assim participava da mesma. Algum modo de proceder como esse provavelmente esteve envolvido na adoção de Eliezer por Abraão (ver Gên. 15:2 ss).

7. *Como um termo ético*. Deus está interessado na solidariedade da família e nos órfãos (ver Tia. 1:27). Portanto, é a qualidade do amor que inspira as

pessoas a adotarem crianças que não lhes pertencem, conferindo às mesmas todos os privilégios de filhos naturais. O amor é a raiz e o solo onde medram todas as virtudes (Gál. 5:22). O amor também é a prova da espiritualidade (ver I João 4:7 ss.). A adoção, pois, expressa, de certa maneira, esse amor. (A DE HA ND S UN Z)

ADOÇÃO EM RELAÇÃO AO FILHO, Considerando Rom. 1:4.

Ver o artigo sobre *Adopcionismo*.

com poder foi declarado Filho de Deus segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dentre os mortos—Jesus Cristo nosso Senhor...

Grande número de diferentes interpretações tem surgido em torno deste vers., no que diz respeito à natureza da filiação de Jesus Cristo. O vocábulo grego aqui traduzido por *demonstrado* pode ter outros significados, e são justamente esses outros sentidos possíveis que modificam a interpretação do versículo. Por exemplo, algumas traduções dizem que Cristo foi «nomeado» Filho de Deus; mas outras preferem dizer que Cristo foi «instalado» como Filho de Deus, sugestão esta que dá a impressão de que Jesus não era realmente o Filho de Deus enquanto não atingiu a ressurreição. As interpretações centrais a esse respeito são as seguintes:

1. A cristologia da adoção pura. — Alguns dos primitivos cristãos acreditavam que, em algum tempo da vida de Jesus, ele «tornou-se» Filho de Deus, e não que eternamente o tivesse sido, ou que tivesse nascido já com esse elevado ofício. Assim sendo, Cristo teria sido «adotado» como Filho porque veio merecer tal adoção, através de sua vida de santidade. A maioria dos que defendiam essa teoria afirmava que no batismo é que Cristo chegara ao ponto, dentro do tempo, de receber sua divindade, quando foi batizado pelo Espírito Santo. Nessa oportunidade é que ele teria recebido sua natureza especial elevada e seus poderes extraordinários. Outros estudiosos, seguindo a suposta indicação dada por este versículo, crêem que a plena adoção não ocorreu enquanto Jesus Cristo não ressuscitou. O termo aqui empregado, «Filho de Deus», pode subentender divindade; mas, de conformidade com essa teoria, Cristo se tornou divino por uma dádiva de Deus, tendo sido elevado a essa categoria, e não porque o fosse eternamente, ainda que, olhando-se para o futuro, ele o seja eternamente.

2. O ponto de vista da teoria da adoção radical. Alguns dos antigos gnósticos ensinavam que o Verbo eterno se apossou do corpo humano de Jesus, quando de seu batismo, mas que não podem ser identificadas essas duas personalidades, por não serem iguais. Isso significaria que o homem Jesus jamais foi divino, mas que o ser divino se apossou de seu corpo quando do batismo no rio Jordão. Ainda de acordo com essa teoria, o Verbo eterno teria abandonado o corpo de Jesus quando de sua morte na cruz. Essa idéia, naturalmente, não se adapta bem dentro da cristologia ordinária do N.T., e nem mesmo a este presente versículo, que faz da ressurreição de Cristo um acontecimento especial. É evidente que para fazer este versículo ensinar tal teoria, seria mister supormos um «retorno» do Verbo eterno para reavivar o corpo morto de Jesus, e novamente produzir a *adoção*. No entanto, esse retorno, incoerentemente, não faz parte da teoria dos «adopcionistas», isto é, daqueles que ensinam essa teoria.

3. Em contraste com a teoria da adoção, acima descrita, encontramos o ensino verdadeiro sobre a **encarnação**, conforme ela é tão enfática e claramente ensinada no primeiro capítulo do evangelho de João. O Verbo eterno não é nenhuma personagem separada do homem Jesus; mas antes, assumiu sobre si mesmo a natureza humana, ao mesmo tempo que jamais deixou de ser divino. Para sermos francos, não sabemos dizer como é que tal coisa pôde suceder; mas, apesar disso, podemos continuar afirmando, com base nas Escrituras, a dualidade da personalidade de Cristo. Assim sendo, Jesus Cristo não foi «adotado» por Deus para ser divino, porquanto já pertencia à divindade, e desde a eternidade, já que a preexistência eterna do Senhor Jesus é também claramente ensinada na Bíblia. Assim sendo, não podemos aceitar traduções que digam que Jesus foi «instalado» como Filho de Deus, ou «feito», ou «nomeado», — todos esses termos podem ser tradução de um termo grego um tanto ambíguo; mas antes, devemos traduzi-lo por *demonstrado*, «designado» ou «declarado» Filho de Deus. A filiação de Jesus Cristo foi declarada, foi demonstrada pela sua ressurreição, não tendo sido criada naquele momento. Jesus sempre foi o Filho de Deus; mas a ressurreição dentre os mortos se tornou a demonstração poderosa dessa filiação divina, uma prova empírica da mesma.

Essa é a interpretação ordinária sobre a passagem em pauta, ainda que alguns intérpretes acreditem que este versículo reflita o ponto de vista da «adoção», e que alguns dos crentes de Roma, ou talvez até mesmo aquela comunidade inteira, defendiam essa teoria, e que o apóstolo Paulo, propositalmente, usou um vocábulo de sentido ambíguo a fim de não ofender aqueles para quem escrevia. Não temos meio algum para julgar as crenças doutrinárias dos crentes de Roma a esse respeito; mas sabemos, com base no segundo capítulo da epístola aos Colossenses, que uma teoria de «adoção» pura e radical é contrária à teologia paulina.

4. Adoção modificada. Uma verdade da teoria da adoção. — Considerado apenas como **homem**, inteiramente à parte de sua identidade com o Logos, por ser o Pioneiro de nossa fé (ver Heb. 2:10), por haver aprendido coisas por meio daquilo que sofreu (ver Heb. 5:8,9), e por ter sido aperfeiçoado através desse sofrimento, Jesus tornou-se divino naquele sentido em que o *homem-Jesus* não era divino. Ele se tornou o primeiro *Deus-homem*.

a. Jesus, nesta capacidade, é o *arquétipo* da redenção humana.

b. Essa forma de filiação divina ele dá a todos quantos nele confiam (ver II Cor. 3:18).

c. Ele compartilha de sua plenitude com os homens (isto é, sua natureza divina e os atributos acompanhantes), e assim os homens, em Cristo, são adotados na filiação divina (ver Col. 2:10).

d. Um novo tipo de ser divino veio à existência quando Jesus saiu imortalizado do túmulo, através de sua ressurreição. (Ver I Cor. 5:20 quanto ao significado da «ressurreição»). A ressurreição de Jesus produziu uma nova forma de vida, da qual os homens podem participar, pois Deus está duplicando o Filho nos filhos.

Não é provável, entretanto, que o apóstolo tenha propositalmente usado uma palavra grega ambígua para agradar aos romanos que não compartilhavam de seus pontos de vista cristológicos. Historicamente, entretanto, sabemos que alguns dos primitivos cristãos aferravam-se à teoria da «adoção». Foi preciso um longo tempo para que as verdades cristológicas

ficassem esclarecidas na igreja cristã, e alguns pontos de vista distintos vieram a ser aceitos de modo geral. Naturalmente durante toda a história eclesiástica têm persistido grandes divergências em torno dessa questão.

Sem importar a interpretação que aceitarmos, é óbvio que a ressurreição é encarada nas Escrituras como um acontecimento literal, revestindo-se de capital importância, tanto para Jesus Cristo, em sua posição cosmológica, como para todos quantos nele confiam. (G I IB NTI RO)

ADOCIANISMO Ver **Adopcianismo**.

ADOM

No hebraico, **poderoso**. Lugar mencionado em Nee. 7:71, de onde vieram certos israelitas da Babilônia, que não puderam provar, pelas genealogias, que eram israelitas e pertenciam à classe sacerdotal. (S)

ADONAI

No hebraico, **Senhor, mestre**. Antiga forma plural do substantivo *adon*, usada como o *pluralis excellentiae* (para dignificar um singular), como nome de Deus. Uma forma similar é usada sobre homens, como no caso de José, em Gên. 42:30,33. Por motivo de respeito, os judeus evitavam pronunciar o nome divino, Yahweh. Assim, misturavam as consoantes desse nome com as vogais de Adonai, produzindo o nome Jeová. Portanto, dizer *Jeová* era evitar a pronunciação do nome de Deus. O nome de Deus era por demais sagrado para ser proferido. Contrastemos isso com certos cristãos modernos que dizem «o Senhor, o Senhor» a cada três linhas, em seus diálogos, atribuindo a Ele tudo quanto crêem, pensam ou fazem. Certamente isso exibe falta de respeito, ainda que tal hábito vise mostrar piedade. A linguagem frívola pode tentar ocultar a superficialidade. (PAY S)

ADONIAS

No hebraico, **Yahweh é meu Senhor**. Nome de várias pessoas no Antigo Testamento.

1. Quarto filho de Davi, por meio de Hagite. Adonias nasceu depois que seu pai se tornara rei, embora ainda estivesse reinando somente sobre Judá (ver II Sam. 3:4). Depois da morte de seus irmãos, Amom e Absalão, ele poderia ter-se tornado rei. Mas foi preterido em favor de Salomão, que nasceu quando Davi era rei de todo o Israel. Não se deixando abalar pelo trágico exemplo de revolta de Absalão, ele resolveu que seria o rei. Assumiu a posição de herdeiro presuntivo, e em vista da avançada idade de Davi, em breve poderia ser o rei. Não se revoltou abertamente contra seu pai, mas esperou até que Davi aparentemente chegasse ao fim. Então convocou vários homens influentes, que lhe apoiavam a causa, e proclamou-se rei. Deram-lhe apoio homens como Joabe, chefe do exército de Davi, e Abiatar, sumo sacerdote, ambos os quais sempre estiveram ao lado de Davi, sem se importar com o que lhe sucedesse. Isso mostra a força do princípio de hereditariedade entre os antigos hebreus. O conluio foi frustrado por Davi, que prontamente proclamou que Salomão fosse o rei, guindando-o ao exercício da autoridade. Quando Adonias percebeu que havia fracassado, buscou abrigo diante do altar, de onde recusou-se a sair, até receber a promessa de perdão por parte do rei Salomão. Esse lhe foi concedido, mas com o aviso de que ele não mais entrasse em conluios.

Então veio o seu segundo grande erro. Procurou obter permissão para casar-se com a virgem e jovem última esposa de Davi, Abisague (ver o artigo acerca dela). Mas isso foi interpretado como outra tentativa para tentar subir ao trono. Salomão ordenou imediatamente a sua execução (ver I Reis 2:23-25), em cerca de 960 A.C. (FA S Z)

2. Um dos levitas enviados por Josafá para ensinar a lei ao povo, nas cidades de Judá (ver II Crô. 17:8).

3. Um daqueles que assinaram o pacto, no tempo de Esdras. (Ver Nee. 10:16). Tem sido identificado com o Adonicão de Esd. 2:13. (FA S Z)

ADONI-BEZEQUE

No hebraico, **senhor de Bezeque**. Bezeque era uma aldeia cananéia. Eusébio situou-a a 27 quilômetros a leste de Neápolis, em Siquém. A pequena extensão dos reinos na Palestina e ao derredor, ao tempo da invasão dos hebreus, é demonstrada pelo fato de que o rei de Bezeque, Adoni-Bezeque, havia subjugado setenta desses reinos, embora ele mesmo tivesse um reino minúsculo. A crueldade das lutas entre as tribos é demonstrada por seu costume de decepar os polegares das mãos e os dedões dos pés de todos os prisioneiros, obrigando-os a viver juntando o alimento sob as mesas de seus captores. Esse costume provavelmente era seguido por outros chefes da época. Essas conquistas faziam de Adoni-Bezeque um peixe grande entre as piabas. Como cabeça dos cananeus e perizeus, ele lutou contra as tribos invasoras de Israel. Seu exército foi derrotado e ele foi aprisionado. Então foram decepados os seus polegares e os dedos grandes dos pés, uma aplicação da *lei de talião*. Portanto, os israelitas não eram menos bárbaros que seus contemporâneos. Basta-nos ler os registros. Adoni-Bezeque foi levado a Jerusalém, onde morreu dos ferimentos recebidos. (Ver Juí. 1:5-7). (FA S)

ADONI-ZEDEQUE

No hebraico, **senhor da justiça, rei de Zedeque** ou *senhor justo*. Foi um rei cananeu de Jerusalém, no tempo em que os israelitas invadiram a Palestina. A similaridade do nome dele ao de Melquisedeque (um rei ainda mais antigo de Jerusalém, sugere que *Zedeque* talvez fosse um antigo nome de Jerusalém), Seja como for, Adoni-Zedeque foi o primeiro dos príncipes nativos a oferecer considerável resistência à invasão israelita, sob as ordens de Josué (ver Jos. 10:1,3). Ao ouvir sobre a queda de Ai e a liga entre os gibeonitas e Israel, ele entrou em colisão com outros quatro reis amorreus, ao sul e a oeste de Jerusalém, com o propósito específico de punir os habitantes de Gibeom. Seus aliados eram os reis de Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom. —Não combateram os israelitas invasores diretamente, mas assediaram os gibeonitas, a fim de desencorajar outros a entrarem em aliança com Israel, mostrando o que sucederia aos tais. Josué ouviu falar sobre a batalha e marchou a noite inteira desde Gilgal, caindo inesperadamente sobre o inimigo e pondo-o imediatamente em fuga.

A perseguição ao inimigo. A caçada foi longa, assinalada pela famosa ordem de Josué para que o sol parasse, e também pela tremenda saraiva que atingiu os fugitivos. Os cinco reis refugiaram-se em uma caverna, em Maquedá, mas foram descobertos. Os chefes hebreus puseram então os pés sobre os pescoços dos reis prostrados, um antigo sinal de triunfo, acerca do que há muita evidência arqueológica. Então os reis foram executados, e seus corpos

foram pendurados em árvores até à noite, pois a lei proibia exposição mais longa dos mortos (ver Deu. 21:23). Seus corpos foram arriados e lançados na caverna, e a boca da caverna foi entulhada com grandes pedras, as quais ali permaneceram por muito tempo (ver Jos. 10:1-27). Aquela era uma guerra de extermínio, e os judeus nem eram melhores e nem piores que as selvagens tribos da época. (DE HA ND UN)

ADONICÃO

No hebraico significa **estabelecido pelo Senhor**, ou então *meu Senhor ergueu-se*. Era nome de uma das famílias que retornaram do exílio (ver Esd. 2:13 e Nee. 7:18). Adonicão tinha 666 descendentes, embora o livro de Neemias fale em 667 descendentes. Nessas duas listas, que envolvem 153 dados numéricos cada, há diferença em vinte e nove desses dados, dos quais treze casos envolvem diferença de um número apenas. Alguns dizem que o próprio Adonicão foi adicionado à lista em Neemias, perfazendo a diferença; mas isso é apenas uma entre as várias conjecturas que explicam discrepâncias, as quais não se revestem de grande importância, mesmo que sejam reais. Mais tarde, três de seus descendentes imediatos, com sessenta seguidores do sexo masculino, vieram com Esdras (ver Esd. 8:13), em cerca de 458 A.C. Parece que ele é o mesmo Adonias de Nee. 10:16. (UN Z)

ADONIRÃO (Hadorão, Adorão)

No hebraico, **senhor da altura** ou **senhor exaltado**. É nome de pelo menos duas personagens da Bíblia. Os comentadores não concordam acerca da questão. O nome é exibido em forma contraída, Adorão, em II Sam. 20:24 e I Reis 12:18, ou Hadorão, em II Crô. 10:18. Se se tratava da mesma pessoa, viveu em cerca de 930 A.C.

1. Adonirão ou Hadorão, filho de Toi, rei de Hamate, que foi enviado por seu pai para congratular-se com Davi por sua vitória sobre o inimigo comum, Hadarezer, rei da Síria (ver I Crô. 18:10). É chamado Jorão, em II Sam. 8:10.

2. Uma pessoa, ou pessoas com esse nome, aparece no departamento de trabalhos forçados de Salomão. A prolongada duração do serviço pode significar que mais de uma pessoa ocupou o ofício, ambas com o mesmo nome. Contudo, o ponto é disputado. Ele é identificado como o oficial que, no final do reinado de Davi e no começo do reinado de Reoboão, ocupava esse ofício, e tinha uma forma contraída desse nome, Adorão (ver II Sam. 20:24 e I Reis 12:18). Ele é chamado filho de Abda e superintendente de trinta mil homens de Israel, servindo em três turnos de dez mil homens cada, que iam ao Líbano atrás de cedro e cipreste (ver I Reis 5:8,13,14). Talvez Davi tivesse estabelecido o sistema como meio de recolher impostos ou dívidas, ou o próprio trabalho forçado fosse uma forma de taxação. O sistema cananeu da época incluía a prática, conforme testificam os textos administrativos ugaríticos (Ras Shamra). É possível que Davi tenha copiado a idéia de seus vizinhos pagãos. Muitos faziam objeção ao sistema, e quando Reoboão recusou-se a descontinuá-lo, as tribos do norte separaram-se de Judá e Benjamim (ver I Reis 12:1-16; II Crô. 10:1-11). Insensatamente, procurando preservar o sistema, Reoboão enviou o grande símbolo do sistema, Adorão, para impor a cobrança de tributo; mas Adorão foi prontamente morto por apedrejamento (ver I Reis 12:18 e II Crô. 10:18). (FA S UN Z)

ADÔNIS

No grego, **senhor**. Uma divindade síria da vegetação, que se ressecava sob os cálidos raios de sol do verão. Em acadiano, ele era chamado *duzu* ou *tamuzu*. Mas, na Síria e na Fenícia, ele era chamado por um nome grego, *adoni*. Seu culto era muito generalizado, envolvendo grande parte do Oriente Próximo, do Egito e da Grécia. Uma festa o celebrava em junho/julho. A lenda dizia que quando a vegetação começava a ressecar-se, ele descia ao mundo inferior. Sua esposa, a deusa Istar, descia a fim de reavivá-lo, para que chegasse a primavera. Ambas essas divindades estavam envolvidas com a questão da fertilidade. O trecho de Eze. 8:14 registra a história de mulheres que choravam em um dos portões do templo, por causa da morte de Tamuz (*tamuzu*). É possível que o trecho de Isa. 17:10, que fala sobre «plantações formosas», indique os jardins dedicados a Adônis, visto que em sua honra eram plantadas ervas. (FO FR WE)

ADOPCIANISMO

Um dos grandes problemas do cristianismo consiste em explicar como, em uma só pessoa, podem residir o humano e o divino. Uma dessas tentativas de explicação é o **adopcianismo**. Essa é a doutrina de que Cristo, que nasceu como um ser humano mortal, *tornou-se* Filho de Deus por adoção. Jesus, embora homem, foi adotado pelo Verbo e incorporado na deidade. O Cristo humano, através do brilhante cumprimento de Sua missão, foi considerado digno de lhe serem conferidos os atributos divinos, com a alteração de Sua natureza, da humana para a divina. Essa doutrina apareceu, sob várias formas, nos primeiros três séculos da era cristã. Historicamente, culminou na controvérsia adopcianista do século VIII, na Espanha, tendo sido condenada por sínodos patrocinados por Carlos Magno, nos anos de 792, 794 e 799.

Exponentes desse ponto de vista. Teodoto de Bizâncio, excomungado pelo papa Vítor (190-198), os ebionitas (185), Paulo de Samosata, bispo de Antioquia (260-272), Teodoro de Mopsuéstia (350-428), colega de estudos de João Crisóstomo e presbítero de Antioquia. Mais tarde, ele tornou-se bispo de Mopsuéstia, na Cilícia. A posição adopcianista era forte na escola de Antioquia. Nos tempos modernos, muitos teólogos protestantes liberais têm adotado esse ponto de vista, vendo nele uma salvaguarda da humanidade de Cristo.

Extremo oposto. Muitos evangélicos modernos, ansiosos por salvaguardar o ensino da divindade de Cristo, têm virtualmente eliminado qualquer doutrina autêntica de Sua humanidade, tendo assim caído no erro do docetismo (ver o artigo). Essa doutrina ensina que a humanidade de Cristo era apenas *aparente*. Enquanto esses evangélicos crêem na realidade do corpo humano de Jesus, outros atribuem à Sua divindade a tudo quanto Ele fez. Assim, Seu conhecimento especial, Seus milagres, Suas elevadas qualidades morais e espirituais são vistos como atributos de Sua divindade. Alguns têm chegado ao extremo de negar que Jesus tinha alma humana, afirmando que Cristo meramente se utilizou de um corpo humano como veículo. Mas, o ensino neotestamentário é que Jesus foi homem em todos os sentidos, embora não tenha caído no pecado. Naturalmente, ali também é ensinada a divindade real de Cristo. Como podem habitar duas naturezas em uma só pessoa é um grande mistério, e nem o

adopcianismo e nem o docetismo o esclarecem. Quanto a notas completas sobre essas idéias, ver os artigos sobre a Humanidade de Cristo; a Divindade de Cristo; e Docetismo.

Forma correta de adopcianismo. Esse termo pode ser usado para descrever uma realidade metafísica acerca de Jesus. O *Verbo* é o princípio do Filho, dentro da trindade (ver artigo). O Verbo é divino e eterno, e em sentido algum foi adotado, embora possa ser chamado de «gerado». Porém, quando esse termo é usado a respeito dEle, Sua eterna geração é ressaltada, isto é, o fato de que Ele sempre foi o Filho. Através do termo «gerado» expressamos a idéia de «Filiação», não dando a entender qualquer começo de tempo. Nesse contexto, trata-se de um termo de relacionamento, nada tendo a ver com alguma ordem cronológica. Mas Jesus, como homem, tornou-se divino. Isto é, Sua *humanidade* foi incorporada ao Verbo, que é *o Filho eterno*. Portanto, há aquela forma de divindade que incorpora a humanidade. O princípio divino-humano, pois, torna-se o alvo de todos os filhos de Deus, que tornar-se-ão divinos, participantes da natureza divina (II Ped. 1:4), embora em sentido secundário, sem participação na trindade. O homem Jesus foi o pioneiro no caminho da salvação (pois a filiação divina é a salvação). Ele conduzirá muitos filhos à glória, para compartilharem de Sua natureza divina, da mesma maneira que Ele, em Sua missão messiânica, compartilhou da natureza humana. Ver Heb. 2:10; Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e Col. 2:9-10, bem como a exposição desses versículos no NTI. Essa afirmação visa indicar que em Jesus veio à existência uma forma de divindade que não existia antes, embora o Verbo-filho sempre tivesse sido Deus. A divindade incorporou a humanidade, transmutando-a em uma forma real de divindade. Portanto, há uma família divina, da qual participam muitos filhos, e não somente o Filho.

Há *uma* só pessoa no Verbo-Filho-Jesus-Homem, porque Jesus, como homem, foi apanhado no drama divino, havendo uma completa fusão de naturezas, resultando em uma única pessoa. Esse é um grande mistério, não havendo explanações adequadas para o mesmo. Porém, a questão inteira serve de alicerce da nossa salvação, porque Jesus é o pioneiro desse caminho, no que tange às aspirações dos outros filhos de Deus. Se meus raciocínios, nos dois parágrafos acima, não têm valor, então cumpre-nos resolver o que fazer com a humanidade de Jesus nos céus. Jesus continua existindo como *homem* imortal nos céus? Em caso contrário, alguma transformação deve ter tido lugar em Sua natureza *humana*. Opino que houve uma imensa transformação em Sua humanidade por ocasião de Sua *glorificação*, e da qual participamos. Conseqüentemente, Ele não levou para o céu qualquer forma de humanidade que nós conhecemos. A humanidade glorificada *tornou-se* parte da natureza divina. Mas o Verbo *sempre foi* o Filho de Deus. (B D DB E NTI)

ADOR (ADORA)

Cidade da Iduméia capturada por Hircano (Josefo, *Ant.* xiii.9,1). Também é mencionada em I Mac. 13:20. (Z)

ADORAÇÃO

Observações

A Palavra

Palavra latina composta, de *ad*, «à» e *os*, *oris*, «boca». Literalmente, pois, adorar é «aplicar a mão à boca», ou seja, «beijar a mão». Ou então é a combinação de *ad* e *orare*, «falar», «adorar», embora a palavra-raiz seja «boca».

1. Envolve a reação religiosa, a oração, o rogo, a adoração, a homenagem prestada a Deus ou a algum ser ou pessoa superior. Em sentido estrito, somente Deus é objeto de nossa adoração. Mas, em sentido secundário, um profundo afeto por outro ser humano pode ser chamado de adoração, sem que isso infrinja contra o nosso amor a Deus. Amar a outrem é amar a Deus, pois todo amor origina-se em Deus.

2. A reação da adoração é uma estrada com direção dupla: é inspirada por Deus, mas o homem corresponde. Alguma coisa existe no próprio homem que busca uma Idéia Suprema que possa exigir seu amor e adoração, porquanto a queda no pecado não obliterou esse algo, embora o tenha debilitado. Quando Deus fala por meio de Cristo, esse sentimento interior é levado à sua plena fruição. Quando os homens buscam a Beleza Suprema, encontram em outras pessoas e objetos algo da beleza de Deus, a ser buscada e cultivada. Devemos buscar ao Senhor enquanto Ele puder ser achado, mas Deus também buscou ao homem por meio de Cristo.

Atos e Objetos

Atos físicos que exibem adoração. Inclinar a cabeça (Êxo. 34:8), ajoelhar-se (I Reis 8:54), prostrar-se (Gên. 17:3; Apo. 1:17). Esses atos mostram o estado da alma, diante do poder de Deus.

Deus é o objeto da adoração. Os Salmos 94, 95-100 ilustram esse princípio com muitas referências. Deus é adorado em vista de Sua majestade, poder, santidade, bondade, retidão e providência em favor dos homens. O termo latino *adorare* contém as idéias de orar, de rogar, de venerar, de homenagear. Esses são os atos envolvidos na adoração. Em sentido amplo, pode-se expressar uma queda de admiração no tocante a algo, incluindo outra pessoa, sendo essa uma forma legítima de veneração, mas que ainda não envolve adoração. Nesse último sentido, alguns sentiram que os santos podiam ser venerados; mas logo envolveu abusos, e os homens passaram a adorar os santos. É muito difícil ver como imagens e relíquias podem ser veneradas em qualquer sentido, sem que ocorra a idolatria. A adoração a objetos materiais é severamente proibida na Bíblia (Êxo. 20:1-6; Isa. 44:12-20).

O Novo Testamento atesta sobre a justiça da adoração a Cristo, em primeiro lugar como o Messias de Deus, e então como o Filho de Deus. Jesus foi adorado quando de Seu nascimento (Mat. 2:11), durante Seu ministério (Mat. 8:2; 9:18), após a Sua ressurreição (Mat. 28:8,17). Homens (João 9:38), anjos (Heb. 1:6) e mesmo demônios (Mar. 5:6) ocuparam-se nessa adoração. Essa atitude emocional é também uma atitude da alma. Os homens correspondem à graça divina, e suas almas são transformadas nessa reação favorável. (B E Z)

Elementos Necessários

Há vários elementos necessários à verdadeira adoração:

1. Um despertamento íntimo, no indivíduo e na coletividade, que crie o desejo de buscar e adorar a Deus.

2. A convicção de que a própria vida requer adoração a Deus, sendo produzida profunda insatisfação pelo tipo de vida que a omite.

3. Associação com outras pessoas de iguais atitudes

mentais, para que possa existir uma comunidade que adora.

4. Confissão e arrependimento de pecados.

5. Reiterada outorga a Deus, para que sejam renovados o espírito e a essência da adoração.

6. A disposição para enfrentar os aspectos negativos do próprio indivíduo e da coletividade, no esforço de tentar obter reformas, visando o bem geral.

7. A tentativa de buscar uma condição ideal, para o indivíduo e para a coletividade, em que cada pessoa procura aprimorar a si mesma e a sua função.

8. Os elementos de oração, louvor, ação de graças, meditação e adoração devem fazer-se todos presentes. Desse modo, o caminho é largamente aberto até a presença de Deus, podendo ser exercido controle sobre cada indivíduo e sobre a comunidade adoradora inteira.

Adorar e Venerar

A Igreja Católica Romana faz muita questão de distinguir entre «adorar» e «venerar», afirmando que os seus adeptos não adoram, mas somente veneram as imagens de escultura. Mas isso é fugir da questão, pois as Escrituras não nos ordenam que veneremos as imagens de escultura. Na realidade, para todos os efeitos práticos, «adorar» e «venerar» são sinônimos perfeitos. Quem adora, venera; e quem venera, adora.

Na linguagem religiosa, o termo é usado para indicar a devoção, o serviço e a honra que prestamos a Deus, em público ou individualmente. Os templos evangélicos são lugares de adoração, e as formas de culto divino, seguidas pelas diversas denominações cristãs, são formas de adoração. O verbo «adorar» pode ser usado tanto transitivamente, «adorar a Deus», como intransitivamente, «participar da adoração».

Visto que a adoração inclui todos os seus elementos constitutivos, por exemplo, louvor, oração e pregação, e visto que também envolve várias questões associadas, como templos, música, hinos, o número de vocábulos hebraicos e gregos envolvidos nesse ato é muito elevado e diversificado. Nosso estudo estará alicerçado sobre o exame de cinco termos gregos básicos, embora devamos mencionar ao menos o sentido de certas palavras hebraicas mais importantes, como «prostrar-se», «fazer um ídolo», «servir», «inclinar-se». No hebraico, a primeira dessas palavras é usada por cerca de cento e setenta e duas vezes nos vários livros do Antigo Testamento. Abaixo damos o esboço do artigo:

ESBOÇO

I. *Termos gregos importantes*
   - A. Gónu
   - B. Proskuneîn
   - C. Latreía
   - D. Leitourgía
   - E. Omologia

II. *Adoração no Antigo Testamento*
   - A. Princípios básicos
   - B. Adoração doméstica
     1. Introdução
     2. Louvor e oração
     3. Sacrifícios
     4. Instrução
   - C. Adoração pública
     1. O tabernáculo
     2. O templo de Jerusalém
     3. A sinagoga
   - D. Adoração individual
   - E. Idolatria
     1. Introdução
     2. Cultos cananeus
     3. Influências estrangeiras
   - F. O testemunho dos profetas
     1. O lugar dos profetas
     2. Idolatria
     3. Formalismo
     4. Adoração verdadeira

III. *Adoração no Novo Testamento*
   - A. Formas de adoração
     1. Nos evangelhos
     2. No livro de Atos e nas epístolas
   - B. Elementos componentes da adoração
     1. Oração
     2. Louvor
     3. Confissão de pecado
     4. Confissão de fé (batismo)
     5. Leitura da Bíblia
     6. Pregação
     7. Ceia do Senhor
     8. Coletas?
     9. Cultos ocasionais?
   - C. A essência da adoração
     1. Cristo
     2. O Espírito Santo

I. Termos Gregos Importantes

A. Gónu e gonupetéo são palavras usadas na Bíblia para denotar o ato de ajoelhar-se. No grego, joelho é *gónu*. Mas também indica o ato de prostrar-se. Essas palavras são importantes porque descrevem um gesto de adoração que também simboliza a atitude interna.

No mundo greco-romano, esses termos poderiam também ter uma referência secular, pois os escravos ajoelhavam-se diante de seus senhores. O culto oficial pagão não incluía o ato de ajoelhar-se, embora tivesse papel na adoração das divindades sujeitas à influência oriental.

A genuflexão era ato comum no Antigo Testamento. Algumas vezes era praticado diante de homens, como, por exemplo, diante de homens de Deus (ver II Reis 1:13), ou diante dos reis (ver I Crô. 29:20). Por outro lado, embora o ato de pôr-se de pé fosse a atitude normal, por ocasião da oração (ver Gên. 18:22; I Sam. 1:26), era costume ajoelhar-se diante de Deus (ver I Reis 8:54; Dan. 6:10). Ajoelhar-se era sinal de humildade, de auto-aviltamento e de homenagem (ver Isa. 45:23). Posteriormente, os rabinos fizeram distinção entre a genuflexão parcial e o prostrar-se inteiramente, com as mãos e os pés estendidos. Os padres da Igreja Católica Romana, no decurso da missa, também reconhecem mais de uma forma de genuflexão.

No Novo Testamento, há alusão quase que exclusiva ao ato de ajoelhar-se. O ato era empregado principalmente em conexão com a oração a Deus (ver Luc. 22:41), com petições feitas ao Senhor (ver Mat. 17:14), com saudações ao mestre (ver Mar. 10:17), e com homenagens prestadas ao rei (cf. Mat. 27:29), a Baal (ver Rom. 11:4), ao Juiz divino (ver Rom. 14:10,11) ou a Jesus, em suas manifestações públicas como Senhor (ver Fil. 2:10). Tal gesto era expressão de humildade, necessidade, respeito, submissão e adoração. Na Igreja primitiva era usado na oração individual e na oração pública.

B. Prokuneîn. Essa palavra está intimamente ligada a **gónu e gonupetéo**, sendo o termo de sentido

mais amplo, e em muitos sentidos é a palavra que mais rresponde à palavra portuguesa «adorar». Toda.ia. são obscuras a etimologia e a história primitiva do vocábulo *proskuneîn*, embora os estudiosos favoreçam a vinculação etimológica com a palavra «beijo». Conjectura-se que na Grécia antiga o ato de beijar o chão era praticado como meio de honrar às divindades terrestres. Por sua vez, isso envolvia um gesto de inclinação ou prostração, que originalmente era estranho aos gregos, em outras atividades. Portanto, esse verbo passou a significar «prostrar-se como sinal de reverência», «prestar homenagem». E visto que desde o princípio a adoração parecia implícita, nesse gesto, foi apenas natural que a palavra também viesse a indicar a atitude interna de adoração.

Visto que o ato de submissão já era um gesto comum na adoração veterotestamentária, não é de surpreender que *proskuneîn* ocorra com freqüência na LXX. Até hoje pode envolver a idéia de beijar (cf. o paralelo em Êxo. 18:7), embora o sentido predominante seja o de inclinar-se (até o solo), em atitude de submissão ou obediência, isto é, de prestar reverência, homenagem, adoração. O ato podia ser prestado a homens, como a um profeta ou a um rei. Também podia ser um gesto próprio da corte (cf. Abraão, em Gên. 23:7,12); mas, em outros casos, só era prestado ao indivíduo que fosse representante de Deus (cf. I Sam. 20:41). Mordecai recusou-se a prestar tal submissão a Hamã (ver Est. 3:2). Os anjos, como mensageiros de Deus, poderiam ser tidos como objetos de adoração. Entretanto, a palavra grega, mesmo na LXX, é reservada para a adoração de alguma divindade, sem importar se fosse um ídolo (ver Êxo. 20:5, para exemplificar) ou o verdadeiro Deus (ver Gên. 22:5, para exemplificar). Isso posto, a palavra grega tem o mesmo sentido que a palavra portuguesa «adorar», mormente no caso de adoração a Deus, ainda que não nos devamos olvidar do sentido secundário. A principal diferença é que a palavra grega, em sua origem, está mais intimamente ligada com o gesto de prostrar-se ou de prestar homenagem.

No Novo Testamento, o uso de *proskuneîn* limita-se quase que exclusivamente aos evangelhos, ao livro de Atos e ao Apocalipse, onde aparece por cinqüenta e quatro vezes. À parte de duas citações do Antigo Testamento, na epístola aos Hebreus, a única instância dessa palavra nas epístolas é em I Coríntios 12:45. E mesmo nesse caso, a palavra é usada acerca de um homem que age como incrédulo. No livro de Atos, o termo nunca é usado para indicar a adoração cristã, exceto aquela ligada à primitiva adoração no templo. Mesmo quando os membros da Igreja primitiva se ajoelhavam em oração, era usada alguma frase juntamente com *gónu*, e não o verbo *proskuneîn*. Parece que *proskuneîn* era deliberadamente evitada como termo para indicar a primitiva adoração cristã, talvez devido à sua reconhecida associação com a adoração visível de alguma divindade do paganismo.

Nos evangelhos sinópticos, esse verbo grego é reservado para indicar a obediência e adoração a Deus e a Jesus. A aparente exceção (ver Mat. 18:26) é controlada pelo fato de que, como é óbvio, Deus está por detrás do senhor que aparece na parábola. Talvez a característica mais interessante em Mateus e Marcos seja a homenagem prestada a Jesus, principalmente em Mateus. Cf. o leproso (8:2), Jairo (9:18), etc. À luz da adoração dos magos (Mat. 2:2,11) e da recusa do Senhor Jesus em adorar ao diabo (Mat. 4:9,10), pouca dúvida pode haver quanto ao fato de que Mateus não usava o termo meramente para denotar um gesto convencional de respeito a Jesus. Consciente ou inconscientemente, aqueles que adoravam e adoram a Jesus estão reconhecendo a Sua deidade. Essa é a ironia por detrás da homenagem zombeteira dos soldados, em Marcos 15:19. Os discípulos de Jesus só começaram a adorá-Lo quando perceberam que Ele era o Filho de Deus (ver Mat. 14:33), ou quando estavam na presença do Senhor ressurrecto (ver Mat. 28:9,17). No livro de Atos, lemos que Pedro não permitiu que Cornélio o adorasse (ver Atos 10:25,26), e o anjo baixou proibição similar (ver Apo. 19:10).

No evangelho de João, há um importante uso de *proskuneîn*, em 4:20-24. Em contraste com a adoração localizada, que aparece na pergunta feita pela mulher, Jesus refere-se ali à adoração em Espírito e em verdade. Deixou então de vigorar o preceito atinente à adoração em um único lugar. Mas o uso de *proskuneîn* mostra que a adoração propriamente dita não era concebida apenas como uma questão externa. A verdadeira adoração, sem dúvida alguma é um ato de espírito. A homenagem externa não é um pré-requisito e nem uma garantia da verdadeira adoração. No entanto, aparece a mesma ambivalência na mensagem profética, pois a adoração interna não é, de modo algum, incompatível com a expressão externa, podendo até mesmo exigir essa expressão. O máximo que podemos dizer, pois, é que Jesus desvinculou a verdadeira adoração de qualquer gesto externo, em qualquer lugar determinado. E o testemunho das epístolas sem dúvida confirma isso, pois ali *proskuneîn* não é mais essencial à adoração. Na prática, a Igreja primitiva aparentemente não sentiu ser possível guardar a idéia da adoração interna paralelamente à palavra que indicava um gesto externo; e, por essa razão, abandonou o uso da palavra.

No livro de Apocalipse, porém, **proskuneîn** volta a ser uma palavra importante. Ali é feita a distinção entre a adoração à besta e a adoração a Deus, no Seu santuário celeste. O ato está obviamente em foco, embora certamente tenha significação simbólica nas grandiosas cenas retratadas nos capítulos quatro e cinco do Apocalipse. O ponto alto é que por detrás de *proskuneîn* jaz o reconhecimento final de reivindicações totais em conflito. No fim, entretanto, as nações do mundo adorarão a Deus (ver Apo. 15:4).

O fato de que o verbo *proskuneîn* é novamente usado quando da homenagem final, por ocasião da *parousia* ou segunda vinda de Cristo, confirma a tese de alguns de que esse verbo, quando usado no Novo Testamento, requer um ato visível ou um gesto concreto de submissão a uma deidade visível. Isso foi possível durante a encarnação e os quarenta dias entre a páscoa e a ascensão do Senhor; daí o seu uso nos evangelhos sinópticos. Isto será possível, novamente, por ocasião da segunda vinda do Senhor, o que justifica o seu uso em Apo. 15:4. No período intermediário, porém, esse verbo grego não era o termo apropriado para indicar a adoração cristã, o que explica por que o mesmo é evitado no livro de Atos (à parte da adoração no templo de Jerusalém) e nas epístolas (excetuando o caso da adoração prestada pelos incrédulos, em I Cor. 14). Não obstante, se não confinar-se a algum lugar ou gesto específicos, a Igreja pode ocupar-se em adoração verdadeira, não apenas espiritualmente, mas no Espírito, por meio de Quem o Cristo se faz continuamente presente ao Seu povo.

C. **Latreia**. Tanto esse substantivo quanto a sua forma verbal, **latreúo**, levam-nos a uma esfera inteiramente diferente daquela visada por *gonupetéo* e *proskuneîn*. O sentido básico desse novo vocábulo

grego é o de salário, ou de um serviço mais geral prestado a alguém, embora sem a idéia conseqüente de recompensa, no entanto, abarcando um conceito muito mais amplo do que o de escravidão. Devemos pensar em algum serviço fisicamente prestado, como, por exemplo, o ofício de um copeiro. Mas essa palavra também pode ser usada para indicar os cuidados pelo corpo físico. Não se tratava de um termo religioso por exclusividade, apesar de podermos encontrar instâncias de uso dessa palavra em conexão com o culto prestado aos ídolos. Parece, então, estar em foco a preparação associada ao culto.

Na tradução da LXX, esse verbo grego ocorre principalmente nos livros de Êxodo, Deuteronômio, Josué e Juízes, onde tem o sentido de serviço religioso, como ocorre por todo o Antigo Testamento, porém, tendo sempre em vista o ato de sacrifício cultual. Também foi palavra livremente usada para indicar o serviço prestado a deuses falsos (ver Êxo. 20:5, para exemplificar), ainda que a todo tempo as Escrituras insistam que Israel deveria servir ao único Deus vivo e verdadeiro. Isso empresta um elemento mais profundo ao ato de culto. Servir ao Senhor por meio de oferendas alicerça-se sobre uma decisão ou dedicação do coração. Isso é bem destacado em Deu. 10:12 ss, que alude ao amor e ao serviço a Deus com todo o seu coração e com toda a sua alma. Esse serviço requer um aspecto ético e um aspecto cúltico, pois o homem que ama e serve a Deus desse modo observa os mandamentos e estatutos de Deus. O convite de Josué para que o povo de Israel escolhesse entre servir ao Senhor ou servir a outros deuses (ver Jos. 24:14 ss, especialmente o vs. 19), tem essa mesma ênfase.

O substantivo *latreía* é muito menos comumente usado do que o verbo. É empregado quase que exclusivamente para apontar à adoração cúltica, de modo geral ou específico, por exemplo, a páscoa, em Êxo. 12:25,26. Uma característica notável, em contraste com o uso geral do termo grego, é que seu uso não-religioso foi quase virtualmente abandonado. Todavia, *latreía* não é um termo muito geral, por um lado (o serviço prestado a Deus), e nem muito específico, por outro lado (o ministério sacerdotal). Simplesmente denota a adoração cúltica a Deus. Conforme se deduz do seu verbo cognato, em última análise repousa sobre uma profunda autodedicação a Deus, com o impulso do amor e do santo temor.

Tal como sucede na LXX, como também no Novo Testamento, o verbo é mais comum do que o substantivo. *Latreúo* ocorre mais freqüentemente em Lucas e Atos, e também na epístola aos Hebreus. Sob influência do Antigo Testamento, esse verbo sempre tem um sentido religioso. E o serviço envolvido é o serviço prestado a Deus (ou aos deuses). Na epístola aos Hebreus, está em pauta o ministério de sacrifícios levíticos (em distinção ao serviço prestado aos deuses falsos). Uma importante diferença, em relação ao uso que se vê no Antigo Testamento, é que em Hebreus 8:5 e 13:10, o autor sagrado parece haver rompido com a rígida distinção, feita pela LXX, entre *latreúo*, para indicar o serviço cúltico, e *leitourgéo*, para indicar o ministério específico dos sacerdotes levitas; cf. também Heb. 9:9. Apesar disso, o impulso geral do Novo Testamento é ampliar, e não estreitar o alcance do sentido religioso. À parte de seu uso, em Mat. 4:10, onde *latreúo* denota a adoração que alguém deve oferecer a Deus, em contraste com a submissão exigida pelo diabo, essa ampliação envolve as três áreas básicas da oração, das obras e da vida diária.

a. O uso dessa palavra, para indicar o ministério da oração, ocorre nos escritos de Lucas. Ver o caso de Ana (Luc. 2:37), onde suas orações e jejuns faziam parte integrante de sua adoração, e não meros adjuntos. E há uma referência similar em Atos 26:7. Isso contrasta com o uso veterotestamentário, onde a oração não fazia parte integrante do culto.

b. Mais significante é o uso de *latreúo* na obra do ministério neotestamentário. Essa é a contribuição específica de Paulo, em Rom. 1:9. Se ele tivesse dito apenas «com meu espírito», poderíamos pensar tratar-se da adoração em espírito e em verdade. Mas a expressão «no evangelho», indica a pregação do evangelho, conforme se vê em II Cor. 8:18. O que Paulo fazia era descrever o ministério da Palavra em termos de culto (cf. o uso que ele faz da palavra «sacrifício»). Tal ministério não é apenas serviço, é culto ou adoração. Isso posto, todo o seu empenho em favor do evangelho é um serviço prestado a Deus, nesse sentido.

c. A vida inteira do crente também pode formar o conteúdo de *latreúo*. Isso pode ser visto até no Benedictus, onde o serviço a Deus deve ser prestado em santidade e retidão (ver Luc. 1:74). Uso similar acha-se em Atos 24:14, onde Paulo insiste que, com seus pais, servia fielmente à lei, embora de maneira que os judeus considerariam herética (cf. vs. 16 e também as palavras «com consciência pura», em II Tim. 1:3). Hebreus 12:28 encerra a mesma linha de pensamento, onde se lê no serviço prestado a Deus com reverência e piedade, e onde a alusão certamente é à conduta diária (cf. cap. 13). E é possível que em Filipenses 3:3 a referência seja ainda mais ampla, onde a verdadeira circuncisão, que é o culto espiritual, é contrastado com a circuncisão física. Naturalmente, é possível que ali a idéia seja de que a adoração espiritual é comparada com a adoração segundo os ritos, embora o contexto favoreça mais o contraste entre duas maneiras de viver totalmente diversas, a saber, o caminho jubiloso do Espírito e o penoso caminho da inculpabilidade legal.

A palavra *latreía* ocorre apenas por cinco vezes em todo o Novo Testamento, e em três instâncias alude ao culto sacrificial do Antigo Testamento (ver Rom. 9:4; Heb. 9:1,6). Em João 16:2 talvez haja um indício do pano de fundo sacrificial também, quando Jesus diz que alguns matariam os discípulos como se estivessem prestando um serviço a Deus. Por igual modo, a *logike latreía* de Rom. 12:1 aparece dentro do contexto da apresentação do corpo como um sacrifício vivo oferecido a Deus. Nesse caso, porém, esse sacrifício consiste na autoconsagração que abarca a renovação e a transformação da vida. Esse serviço também é «*lógico*» no sentido de que é a coisa razoável a ser feita, mas também que segue um padrão lógico, que tem sua base última no Logos. Assim, a *latreía* irrompe os limites do que é cúltico e adquire uma referência total interna e externa. Apesar disso, preserva a associação cúltica, pois o âmago mesmo da *latréia* é o auto-oferecimento a Deus, com base no fato de que Deus ofereceu a Si mesmo a nós. Assim, o verdadeiro serviço cristão só ocorre quando, em sua essência, consiste em uma adoração que se expressa de forma legítima em atos de oração e louvor.

D. **Leitourgía.** Esse substantivo e o verbo **leitourgéo** relacionam-se, etimologicamente, ao serviço prestado em favor de um povo ou nação, isto é, o corpo político. Desde seus mais antigos exemplos, essas palavras têm um certo sentido técnico no mundo grego. Aludem aos serviços específicos que os ricos, de modo voluntário ou compulsório, prestavam à cidade ou comunidade, de seu próprio bolso. No período imperial, essa palavra assumiu um sentido ainda mais amplo, envolvendo todo o serviço oficial compulsório

prestado ao estado ou à comunidade. Posteriormente, o vocábulo adquiriu um sentido muito amplo e frouxo, desaparecendo do mesmo o elemento oficial. Assim, os escravos prestavam serviço (leitourgía) a seus senhores, as mães a seus bebês, os amigos a seus amigos, etc. Nas religiões misteriosas, a palavra adquiriu ainda um novo sentido técnico. E os que serviam nos templos, segundo se dizia, prestavam uma liturgia aos deuses.

O uso cúltico predomina na LXX. Dentre cerca de cem usos desse verbo, na LXX, apenas alguns poucos casos são não-religiosos, o que também se dá com cerca dos quarenta exemplos do substantivo. Ali não restam traços do sentido clássico original da palavra, e mesmo o sentido geral da mesma mais ou menos desapareceu. O objeto da liturgia era Deus ou o Seu tabernáculo. Assim, as funções sacerdotais tornam-se liturgias, quase sempre no sentido literal da palavra. Somente nos livros apócrifos de Eclesiástico e Sabedoria de Salomão vê-se a tendência de espiritualizar o conceito. Incidentalmente, é altamente improvável que os tradutores da LXX tenham usado *leitourgéo* e *leitourgía* porque já eram termos usados nas religiões misteriosas. Fazendo contraste com *latreía* e *diakonía*, a palavra *leitourgía* envolve a dignidade associada ao serviço público, sendo esse, mui provavelmente, o fator decisivo no seu significado.

É interessante observar que as palavras *leitourgéo* e *leitourgía* não se revestem da mesma importância no Novo Testamento que têm na LXX. De fato, no Novo Testamento, o verbo ocorre apenas por três vezes, e o substantivo por seis vezes (ver Atos 13:2; Rom. 15:27; Heb. 10:11; Luc. 1:23; II Cor. 9:12; Fil. 2:17,30; Heb. 8:6; 9:21). Apesar da importância que esse grupo de palavras adquiriu na cristandade medieval e moderna, dificilmente podemos considerá-las palavras de importância capital no Novo Testamento.

Na epístola aos Hebreus, como também em Lucas 1:23 o uso assemelha-se ao do Antigo Testamento. Assim, Zacarias estaria cumprindo os deveres de sua liturgia. Mais interessante ainda é a transferência do termo para o próprio Cristo, o qual ofereceu uma melhor liturgia quando se entregou sobre a cruz (ver Heb. 8:6). A alusão sacrificial do termo justifica seu uso em relação ao ministério sumo sacerdotal de nosso Senhor.

Até este ponto poderia parecer que *leitourgía* seria um termo grego impróprio para indicar a adoração cristã. Suas associações com os sacrifícios certamente nos indicam uma extensão de idéias sacerdotais quanto aos serviços dos cristãos. Entretanto, em Atos 13:2 a liturgia dos profetas e mestres sugere-nos a oração e o jejum, juntamente com a espiritualização desse vocábulo, dentro do período intertestamental (cf. Filo). Paulo vai ainda mais adiante, aplicando a palavra tanto à coleta que organizara para a igreja em Jerusalém (ver II Cor. 9:12), como também à oferta que os filipenses lhe fizeram (ver Fil. 2:30; cf. Rom. 15:27). Seja como for, descobre-se uma certa aproximação do desenvolvimento que já se pôde observar no tocante à palavra *latreía*. Certamente, *leitourgía* não é palavra usada para indicar as funções oficiais efetuadas pelos apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres da Igreja primitiva. Por conseguinte, se tal palavra foi usada em relação à Igreja, deve-se evitar pensar que a mesma tenha implicações sacerdotais como, por exemplo, alguma aplicação especial à Ceia do Senhor.

Leitourgós é termo usado para indicar o próprio Cristo em Hebreus 8:2 «...como **ministro** do santuário e do verdadeiro tabernáculo...» O trecho de Heb. 1:7 (cf. *Leitourgikós*, em Heb. 1:14) denota os anjos como instrumentos da vontade de Deus. Parece ser esse também o sentido em Rom. 13:6, onde os governantes são chamados *leitourgoí* de Deus. Epafrodito aparece como um *leitourgós*, ao trazer a dádiva dos crentes de Filipos (ver Fil. 2:25), pois era o agente que prestava serviço, o executor de uma benfeitoria pública, ou o servo de um ato cúltico (ver Fil. 2:30). Finalmente, em um trecho com tons um tanto mais sacerdotalistas, o próprio Paulo aparece como um *leitourgós* de Jesus Cristo no tocante aos gentios (ver Rom. 15:16). Esse ministério é explicitamente vinculado à pregação do evangelho, e também ao oferecimento da fé dos gentios (cf. Fil. 2:17). Parece, portanto, que Paulo estava novamente usando uma metáfora sacrificial para indicar o ministério do evangelho. Ao assim fazer, estava caracterizando esse ministério como a adoração suprema que, com base na própria liturgia prestada por Cristo, o crente pode oferecer a Deus.

E. **Homologia** e sua forma verbal, **homologeîn**, têm o sentido básico de dizer a mesma coisa, de concordar em uma declaração (*homo* = o que é comum; *logos* = palavra). Isso a levou a um variegado uso dentro do vocabulário das leis e do comércio, como, por exemplo, admitir o que disse, confessar uma acusação, confirmar uma importância recebida, aceitar uma proposta ou promessa, etc. O substantivo *homología* pode dar a entender um acordo em uma discussão, a concordância da prática com a teoria, ou mesmo um acordo ou pacto. O conceito de viver-se harmoniosamente com a natureza era uma idéia importante para o estoicismo. Em sentido religioso, que é um sentido adquirido, e não original, o conceito denota aceitação de votos, ou mais comumente, a confissão de pecados. Sob a influência oriental, essa confissão podia ser feita a um sacerdote, tendo em vista aplacar a ira de alguma divindade, em período de aflição.

Se a confissão de pecados é uma noção básica no Antigo Testamento, parece estar aqui associada a um tipo bem diferente de confissão, a saber, a confissão de louvor a Deus, devido a Seus atos poderosos. Salmos como 22,30, etc., exibem essa conexão. Ao reconhecer o seu pecado, o salmista encontrou a salvação, e seu arrependimento tornou-se louvor e ação de graças. Destarte, a confissão muda de caráter. A admissão de pecado transforma-se em reconhecimento da graça e do poder de Deus. A confissão dos atos errados praticados transmuta-se em confissão a Deus, não tanto no sentido de uma confissão de fé, mas antes, no sentido de uma confissão de louvor, de magnificência a Deus.

Para exprimir essa confissão, tanto de pecado como de louvor, a LXX prefere usar formas compostas, em lugar das simples palavras *homologéo* e *homología*, embora, fora da Bíblia, uma palavra como *eksomologeîsthai* não seja usada no sentido de *enaltecer*. A palavra hebraica por detrás da mesma, que tem a força tanto de louvor quanto de confissão de pecados, controla a tradução da LXX nesse ponto (cf. I Reis 8:33,34 e Nee. 9:3). O que fica pressuposto, tanto no hebraico quanto no grego, é que a confissão e o louvor têm lugar publicamente, diante da congregação. Isso significa que o louvor envolve também um elemento de proclamação. Assim, confessar as obras graciosas de Deus consiste em declará-las (ver Sal. 118:17 ss). E o elemento de oração também não deve ser esquecido, porquanto confessar o nome do Senhor pode ser um ato de oração que corresponde à invocação do nome do

Senhor. Desse modo, a simples palavra «homologuia» ou confissão pode unir, de forma ímpar, os elementos que constituem, fundamentalmente, a verdadeira adoração, a saber, a confissão de pecados, o louvor a Deus, a declaração de atos e a oração a Ele dirigida. Tudo isso pressupõe, naturalmente, a confissão de fé, como é claro.

No Novo Testamento, o primeiro sentido de chamar à atenção é dado a uma declaração solene. Essa declaração pode ter um caráter bem geral (cf. a promessa de Herodes, em Mat. 14:7). Mas também pode envolver o ato bíblico mais específico de confessar pecados. Assim, em Hebreus 11:13, os indivíduos que confessaram-se estrangeiros e peregrinos, não estavam meramente confirmando ou admitindo o fato, mas estavam fazendo uma declaração de fé. Com base nisso, foi fácil galgar-se para o sentido de prestar testemunho, que tem raízes óbvias no uso legal clássico, mas que assume um caráter distintivo nas páginas do Novo Testamento. Assim, testificar é predominantemente testificar acerca de Jesus Cristo. Confessar ou não confessar a Cristo tem significações escatológicas (ver Mat. 10:32), porquanto quando alguém confessa a Cristo, Ele, por sua vez, o confessa como Seu. A própria negação pode assumir a forma de uma confissão de ignorância (ver Mat. 7:23). Confessar a Jesus como o Messias podia envolver a idéia de que o tal seria expulso da sinagoga (ver João 9:22).

Confessar a Jesus também envolvia a confissão de fé (ver Rom. 10:9,10). Paulo vincula a fé ao coração, que Deus ressuscitou a Jesus dentre os mortos, e também a confissão dos lábios, a saber, que Jesus é o Senhor. Essa combinação assegura a certeza de salvação. A doutrina específica da ressurreição é o tema da confissão (ver Atos 23:8; os fariseus). João emprega o termo *homologeîn* para indicar a confissão cristológica, que ele procurava proteger contra os falsos mestres (cf. I João 4:2,3; II João 7). Os verdadeiros mestres cristãos, pois, podem ser distinguidos dos falsos mediante a confissão que fazem.

O próprio Cristo fez sua boa confissão na presença de Pilatos. Ao fazê-lo assim, Jesus deu o bom exemplo para ser seguido por todos os cristãos (ver I Tim. 6:13). O batismo em água provê uma excelente oportunidade para se fazer a confissão básica de fé, a qual pode assumir a forma de uma interrogação (cf. Mat. 16:13 ss ; João 1:19 ss ; Atos 8:37). Se todos os crentes devem confessar, então aqueles chamados à obra ministerial têm uma tarefa específica de confissão. A ênfase recai aqui não tanto sobre o testemunho acerca da fé, mas sobre a proclamação, o testemunho, o evangelismo ou mesmo o ensino pessoal. Confessar é fazer a confissão de Jesus, o que envolve aquilo que Deus tem feito através Dele. Essa confissão apostólica faz pesar sobre os ouvintes a obrigação de confessarem seus pecados, aliando-se na confissão de Jesus como Salvador e Senhor. Visto que o tema da confissão é a reconciliação graciosa que Deus operou por meio de Cristo, a confissão redunda na honra e na glória de Deus, prestando-se admiravelmente ao louvor e à ação de graças.

O substantivo *homología* raramente é usado no Novo Testamento. Reveste-se de certa fluidez de sentido que demonstra quão rico é esse conceito. O autor sagrado denota a fixa confissão de fé, da qual a Igreja não podia desviar-se, confissão essa que talvez tivesse a forma de um hino. A confissão de Timóteo (ver I Tim. 6:12,13) também poderia referir-se a um conjunto fixo de doutrinas, recitadas por ocasião do batismo ou da ordenação ao ministério; mas a ênfase parece recair mais sobre o elemento de compromisso público assumido. Paulo usa de modo bastante livre essa palavra, em II Coríntios 9:13. A coleta evidenciava a reação e a obediência dos crentes de Corinto, o que servia para redundar na glória de Deus. Indícios da declaração do evangelho e da confissão de fé jazem por detrás do vocábulo, nesse exemplo. O fato de que a confissão e a obediência avançam de mãos dadas mostra que não há qualquer discrepância fundamental entre Paulo e Tiago, o qual afirma que meras palavras, sem o acompanhamento de obras, são ocas e destituídas de valor (ver Tia. 2:14 ss.).

No que concerne à forma grega composta, *eksomologeísthai*, esta é a mais importante. Usada como «pecados», no acusativo, denota confissão pública (ver Rom. 14:11; Atos 19:18; Tia. 5:16). Mais comumente, porém, trata-se de um termo que expressa louvor. Paulo empregou o termo nesse sentido, em Rom. 15:7 ss. Cristo é confessado como o Senhor, para glória de Deus Pai (ver Fil. 2:11). Essa confissão final da criação já é antecipada à adoração efetuada pela Igreja Cristã. Os magníficos cânticos existentes no livro de Apocalipse podem ser descritos como homológicos quanto à forma e ao conteúdo, embora a própria palavra grega não apareça.

A palavra «homologia» não é um equivalente direto de adoração. Não obstante, de todos os termos gregos que a Bíblia usa para indicar a adoração a Deus, esse é o mais abrangente e significativo. Isso porque, como nenhum outro termo, esse é capaz de combinar as características mais importantes da genuína adoração cristã. A nova ênfase neotestamentária sobre a declaração e confirmação de Cristo e da obra salvatícia de Deus em Cristo, adiciona substância e profundidade àquilo que aparece no uso da LXX. A confissão de pecados continua ali a desempenhar um papel indispensável na adoração. A confissão ou louvor a Deus, em oração, também retém o seu papel. Todavia, a confissão de fé emerge como o ato central de adoração. E isso tem um duplo conteúdo: é a confissão acerca de Jesus, e também é a confissão dos fatos e doutrinas relacionadas a Ele. Também reveste-se de uma dupla forma: é a pública profissão na congregação e também é a declaração do evangelho no testemunho apostólico e no evangelismo. A pregação, longe de ser uma alternativa da adoração, é um de seus aspectos intrínsecos. A confissão acerca de Jesus Cristo, na congregação ou para o mundo, visa o louvor da glória de Deus. Tal como na «homologia» do Antigo Testamento, é o louvor a Deus que culmina nas antenas celestiais e no reconhecimento de Jesus Cristo, como Senhor, por parte da criação. A compreensão sobre a «homologia» bíblica talvez seja a grande chave para a compreensão da adoração expressa na Bíblia.

II. Adoração No Antigo Testamento

A. Princípios básicos. O estudo das palavras gregas associadas à adoração mostra-nos que, se certos conceitos, como ajoelhar-se ou prestar submissão, envolvem o aspecto humano, as raízes da adoração bíblica devem ser procuradas não nas emoções humanas, mas no relacionamento divinamente estabelecido entre Deus e o homem.

Isso é importante porque significa que a base da adoração é teológica, e não antropológica. A comum indagação que pergunta se a origem da adoração deve-se encontrar em emoções como o temor, o respeito e a veneração aos antepassados, torna-se indagação fora de lugar, do ponto de vista bíblico. Tal indagação pressupõe que a adoração é algo subjetivo,

que se origina do íntimo do próprio indivíduo, que é uma realidade intrínseca para o homem, e que mesmo como uma reação adquire substância no interior da pessoa que reage, não havendo necessidade alguma de qualquer objeto externo que corresponda às emoções internas.

Que emoções e reações humanas estão envolvidas no ato de adoração é algo inegável, naturalmente. Admiração, temor, gratidão e amor podem ser emoções experimentadas na adoração. O que se deve ressaltar, porém, é que esses não são fatores controladores. Não constituem a verdadeira essência da adoração. Na Bíblia, o começo jaz no objeto da adoração, e não no sujeito. E tal objeto também não é indefinido. Não é o mistério por detrás do universo. Nem é o próprio universo. Não é algum fator desconhecido. Não é a potencialidade do próprio ser humano. O objeto da adoração é, ao mesmo tempo, o ponto inicial e o fator controlador, e não uma projeção do ser humano. Esse objeto é Deus.

Deus declara sobre Si mesmo, na Bíblia, como o Deus vivo que existe de eternidade a eternidade, o qual criou o mundo, criou o homem segundo a Sua imagem, e se pôs em posição de relacionamento com o homem. Em todo o relacionamento entre Deus e o homem, a iniciativa fica com Deus. Ele é o sujeito, bem como o objeto. Deus diz ao homem o que ele pode fazer e o que ele não pode. Deus controla o destino do homem. Deus julga as falhas humanas e salva o homem de seus pecados. Esse Deus é o Deus cuja pessoa e cujos atos formam o tema e o princípio formativo da adoração genuína. Se a adoração envolve admiração, essa admiração é a admiração a Deus; se há amor, é o amor a Deus; se há louvor, é o louvor a Deus; se a adoração é a reação humana, trata-se da reação do homem ao Deus vivo, que se fez conhecido do homem, através de Suas obras e de Suas palavras.

A reação da adoração não é uma reação qualquer. A adoração é controlada pelo seu objeto, que também é o sujeito. Portanto, devemos pensar em uma adoração sob formas específicas. Em primeiro lugar, há a forma de louvor confessional a Deus, a declaração de Sua graça e de Seus atos poderosos. Essa confissão combina a recitação do que Deus tem feito e o louvor a Deus por esses Seus atos. Na prática, por um lado, esses elementos podem ser separados na leitura e na proclamação, e, por outro lado, no cântico de salmos e hinos. Não obstante, quando a adoração é genuinamente bíblica, há uma indissolúvel relação entre esses dois elementos. A proclamação genuína consiste em louvor, e o louvor genuíno também consiste em proclamação.

Em segundo lugar, há a forma de serviço, capaz de larga expansão, mas que também tem seu aspecto mais estreito, a saber, a prestação de serviços a Deus, mediante a realização de atos de culto. Quanto a isso a Bíblia preserva um admirável equilíbrio. Os exercícios religiosos não podem servir de substitutos de um serviço total da vida. Por outro lado, o serviço total da vida não deveria excluir os serviços específicos prestados a Deus, expressos sob a forma de exercícios religiosos. Dentro desse serviço a Deus, o ministério sacrificial desempenha um importante papel no Antigo Testamento. E tal ministério também não é eliminado no Novo Testamento; antes é consumado em, e através do ministério sumo sacerdotal de Jesus Cristo. Porém, mesmo no Antigo Testamento, traz à luz um aspecto decisivo da adoração. A relação entre Deus e o homem é tal que o homem degenerou-se mediante a sua revolta e pecado. A expiação torna-se necessária, para que haja a restauração dessa relação. O ministério sacerdotal do Antigo Testamento prefigura o mais elevado de todos os atos libertadores de Deus, a saber, o ato mediante o qual, encarnado em Seu Filho, Ele levou sobre Si, graciosamente, a pena do pecado, e assim proveu para sua remissão e para a restauração do homem à comunhão Consigo mesmo. O ministério sacerdotal não foi algum acidente errático dentro da estrutura total da adoração. Em sua forma cumprida no Novo Testamento, tanto é um tema supremo de adoração como também é aquilo que capacita o homem a oferecer serviço e louvor aceitáveis. Em sua forma veterotestamentária, faz parte do serviço prestado a Deus, um convite ao arrependimento e à dedicação da vida, bem como a prefiguração da obra divina que é o âmago e a substância da confissão do louvor. Sem isso, não haveria adoração autêntica, mas apenas uma idolatria mal-orientada e uma temível expectação de juízo.

Finalmente, há a forma de oração. Em si mesmo, esse é um outro aspecto da adoração a Deus, por dois motivos: inclui a confissão de pecados e é a confissão do nome de Deus, uma confiante invocação do Deus que intervém em favor do homem, inclinando-se graciosamente em favor do solicitador, e tendo em vista à satisfação de suas necessidades. O próprio fato de que Deus toma a iniciativa indica que a oração, tanto quanto o louvor, faz parte da própria essência da adoração, pois a oração também envolve proclamação e louvor. As orações oferecidas a Deus rememoram as grandes coisas realizadas por Deus. Deus é magnificado por causa dessas coisas. Longe de ser um grito desesperado nas trevas, é uma solicitação confiante ao Deus que a Si mesmo se revela, com base naquilo que Ele tem revelado sobre Si mesmo. A própria urgência da crise ou queixa não pode ocultar essa confiança subjacente, a qual é sustentada não pela justiça própria, mas pela verdade e pela fidelidade divinas.

Um ponto adicional é que a adoração bíblica não é deixada sujeita ao capricho humano. A adoração bíblica não é controlada por desejos arbitrários ou por necessidades contingentes. Não indaga que coisas serão mais úteis, ou que melhor expressam o impulso para adorar, do ponto de vista do homem. Aprende como adorar da parte do Deus que é o objeto da adoração. Isso é especialmente claro no Antigo Testamento, onde Deus diz a Moisés, com detalhes minuciosos, como o povo que Ele redimiu do Egito, haveria agora de adorá-Lo e servi-Lo, tanto no deserto, como, mais tarde, na Terra Prometida. Mas o povo de Israel não tinha nem o desejo e nem o instinto de obedecer a muitas daquelas coisas. Eles sentiam-se muito mais simpáticos aos ritos dos deuses estrangeiros. Assim sendo, a lição bíblica certamente é clara. Na adoração, como em tudo o mais, o crente não deve confiar em seus próprios instintos. Ele não sabe o que lhe é mais útil e melhor. Antes, precisa aprender a adorar a Deus. E isso conforme as instruções baixadas pelo próprio Deus. Esse rígido detalhamento, naturalmente, não mais se vê nas páginas do Novo Testamento. Mas o mesmo princípio continua a ter aplicação ali, embora de maneira diferente. Toda ação cristã está sujeita à supervisão do Espírito e às normas determinadas pela Palavra. Se não há mais regulamentos detalhados, o fato é que os elementos constitutivos básicos da adoração fazem-se claramente presentes tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. As formas de adoração usadas pelos cristãos, embora sejam muito variadas quanto aos detalhes, devem ser moldadas de tal modo que expressem e incluam esses elementos essenciais

em sua devida proporção, pureza e poder.

B. Adoração doméstica.

1. Introdução. A mais antiga forma de adoração, no Antigo Testamento, é a adoração doméstica. Antes mesmo de Israel tornar-se uma nação, já existia uma família que adorava, a família de Abraão, Isaque e Jacó. Após o êxodo, quando os filhos de Israel tornaram-se uma nação, e foram estabelecidas formas nacionais de adoração, a família continuou a desempenhar um importante papel na adoração. O surgimento da sinagoga, posteriormente, possibilitou uma forma mais contínua de vida congregacional, oferecendo novas oportunidades de instrução. Mas nem mesmo isso excluiu a família como unidade de adoração.

2. Louvor e oração. Uma das dificuldades existentes na era patriarcal consistia em distinguir entre a oração doméstica e a oração pessoal. Apesar disso, parece que quando Abraão invocou o nome do Senhor em vários lugares (por exemplo, Gên. 12), toda a sua casa participou na adoração. Não é dada a substância dessa invocação, mas pouca dúvida há no sentido de que ali estão contidos os elementos fundamentais da oração e da ação de graças. Isso é expresso na oração do servo de Abraão (ver Gên. 24). Essa oração deixa transparecer claramente a natureza doméstica da adoração, pois o servo, no décimo segundo versículo, invocou o Senhor Deus de Abraão. Nos dias de adoração nacional, o papel central dos holocaustos, no santuário, removeu dos lares uma das grandes ocasiões para oração e louvor, embora não haja razões para supormos que, em conseqüência disso, tenha perecido a oração doméstica. Dar graças por ocasião das refeições torna-se um hábito fixo, no final do período do Antigo Testamento, ou mesmo muito antes disso. Quando e com qual extensão os salmos foram usados no lar é algo difícil de ser determinado. O hino entoado por ocasião da última Ceia serviu de indicação de que, pelo tempo de Jesus, o saltério era usado nos lares. O cântico do Hilel, por ocasião da Páscoa, é confirmado por meio de outras fontes informativas, embora a informação seja escassa quanto ao uso mais amplo do saltério, e embora, sem dúvida alguma, a prática variasse consideravelmente de família para família.

3. Sacrifícios. Os sacrifícios oferecidos pelos patriarcas hebreus tinham natureza doméstica ou pessoal. Assim, Abraão foi erigindo altares nos lugares onde invocava a Deus. Em Betel, Jacó erigiu uma coluna e derramou azeite sobre a mesma, para ungi-la. Incidentalmente, esse uso não significa que os patriarcas copiavam sua religião dos povos em derredor; eles simplesmente usavam formas comuns de adoração ao verdadeiro Deus. A páscoa também era uma instituição doméstica, em que cada família a observava com a doação de um cordeiro. Entretanto, quando a instituição da tenda ou do templo central de Jerusalém pôs fim às oferendas oferecidas pelas famílias, essa regra continuou sendo observada, embora as ofertas tivessem de ser feitas em um lugar central. Porém, a centralização de maneira alguma destruiu esse aspecto doméstico, pois as famílias continuaram jornadeando a Jerusalém, a fim de apresentarem suas oferendas em grupos (tal como a adoração doméstica pôde ser mantida na adoração da congregação, através de cultos domésticos). Tal como o sinal de livramento, o grande sinal do pacto, a circuncisão, também era uma questão familiar. Esse sinal do pacto foi dado a princípio a Abraão, como ordenança de ser observada por toda a sua casa (ver Gên. 17:9 ss). E mesmo quando a adoração de Israel obteve dimensões nacionais, persistiu o caráter doméstico da circuncisão (cf. Luc. 2:21 ss). Em último recurso, como é natural, a nação como um todo fazia as suas ofertas na qualidade de família de Abraão, Isaque e Jacó.

4. Instrução. Um aspecto da vida religiosa que foi claramente entregue aos cuidados das famílias, nos dias do Antigo Testamento, era o aspecto da instrução tanto na fé de Israel como também no tocante à sua adoração. Nos tempos dos patriarcas, isso pode ser pressuposto por nós. Após o êxodo, foi claramente ordenado ao povo que assim se fizesse, nas exortações constantes no livro de Deuteronômio. O«Ouve, ó Israel» devia ser ensinado diligentemente pelos pais aos seus filhos (ver Deu. 6:4 ss). Aos pais também cabia explicar os mandamentos a seus filhos (ver Deu. 6:20 ss). A explicação sobre os mandamentos envolvia a rememorização dos grandiosos atos de Deus (ver Deu. 6:21 ss). O dever dos israelitas de não ocultarem esses fatos a seus filhos e netos sublinha um dos grandes salmos históricos (ver Sal. 78; cf. vs. 3 e 4). Os trechos de Êxodo 12:26 e 13:14 dizem a mesma coisa, onde se aprende que era mister falar, não somente sobre os ritos da páscoa, mas também sobre o grande ato de livramento divino, que a páscoa comemora. Conforme já se pôde observar, grande parte desse dever de instruir posteriormente foi delegada às sinagogas; mas às famílias cabia o direito de assegurar que essa instrução estava sendo dada. Se não fora isso, tal instrução não teria continuado a ser dada quando veio a dispersão dos judeus.

C. Adoração Pública

1. O tabernáculo. Pode-se dizer que a adoração pública de Israel começou por ocasião da observância da páscoa, no Egito. A isso seguiu-se a instituição de um sistema inteiro de adoração, estabelecido pelo próprio Deus, mediante as revelações dadas através de Moisés. Essa adoração girava em torno do tabernáculo ou da tenda da congregação. Durante as marchas pelo deserto, uma tenda era a única estrutura que podia ser usada de maneira prática pelos israelitas, embora talvez esteja envolvido também um importante princípio, a saber, o fato de que o Deus vivo por assim dizer não está limitado a alguma estrutura permanente (cf. Atos 7).

Os detalhes da adoração prescrita para o tabernáculo são tão variegados que é simplesmente impossível falar sobre todos eles neste artigo, podendo-se apenas chamar a atenção para certos pormenores mais significativos, que são quatro:

a. As festividades religiosas. A adoração a Deus, por parte de Israel, concentrava-se quase toda em torno das grandes festas religiosas da páscoa, do pentecoste e dos tabernáculos. Os israelitas tinham o dever de fazer-se presentes a essas festas, em Jerusalém, para fazerem as ofertas apropriadas. Eram ocasiões de rememorização jubilosa e agradecida, pelo que envolviam o aspecto declaratório e confessional da adoração. A páscoa era a festa da liberação, representando simbolicamente a nossa salvação em Cristo; o pentecoste era a festa da constante provisão de Deus, que se cumpre na experiência cristã com o Espírito de Deus; e a festa do tabernáculo era a festa da orientação divina ao povo que peregrinava pelo deserto, representando a colheita final do povo de Deus, por ocasião da segunda vinda de Cristo.

b. Os sacrifícios. Desde o começo os holocaustos faziam parte da adoração bíblica. Quando da revelação dada no Sinai, eles receberam uma forma organizacional de âmbito nacional. As ofertas foram divididas em Levítico em várias categorias, a saber: os

holocaustos ou ofertas queimadas; as ofertas de manjares; as ofertas pelo pecado; e as ofertas pela culpa. Cada uma dessas categorias tinha uma finalidade diferente. (Ver Sacrifícios e Ofertas). O que importa entender é que no âmago do sistema de sacrifícios brilha a verdade de que Deus fazia provisão, através dos sacrifícios, para fazer expiação, sem o que nenhuma adoração verdadeira seria possível. Essa verdade é particularmente expressa no grande ritual anual do dia da expiação, quando o santuário, os sacerdotes e o povo eram todos purificados (ver Lev. 16).

c. A arca da aliança. Esta ocupava posição de proeminência no tabernáculo. Servia de memória dos fatos de que Deus não pode ser representado através de imagens de escultura; de que a base da adoração prestada no tabernáculo era o pacto que Deus estabelecera com o Seu povo; e de que a adoração efetuada no santuário não excluía, não substituia, nem debilitava os requisitos de um serviço mais amplo a Deus, em cumprimento dos imperativos éticos da lei. O estabelecimento da arca da aliança dentro da tenda mostrava que qualquer divisão entre o ministério sacerdotal e o ministério profético só surgiria se a adoração básica de Israel não fosse devidamente compreendida. O culto efetuado no santuário não era uma esfera autônoma. A ausência de alguma representação visível de Deus não se devia a alguma falta de objetividade. Antes, Deus não deve jamais ser identificado com as coisas por Ele criadas.

d. O **sábado.** Uma instituição sui-generis é o sábado. Não era alguma cerimônia, e nem estava centralizada no santuário. Deveria ser classificado sob a adoração doméstica ou individual. No entanto, tinha que ser observado pelo povo inteiro de Israel. Era mais um dia de descanso, do que um dia de adoração, pois caracterizava-se mais pelo que não era feito do que por aquilo que era feito. Por outro lado, o sábado tinha um lado positivo, do ponto de vista da adoração. Era um memorial permanente: a. da criação (ver Êxo. 19:11) e b. do livramento da servidão egípcia (ver Deu. 5:15). Mas a santificação daquele dia também destacava um aspecto fundamental da adoração, a saber, a santificação do nome Deus e de toda a vida e atividade no nome de Deus. Através dos séculos, a observância do sábado tem servido para separar Israel como povo consagrado ao serviço do Deus vivo e verdadeiro; em um estágio posterior da história de Israel, essa observância proveu um dia natural para a adoração nas sinagogas.

2. O templo. Quando os israelitas entraram na Terra Prometida, houve a localização da adoração, a princípio em Silo (talvez mediante uma estrutura semipermanente), e mais tarde em Jerusalém. A adoração no templo de Jerusalém seguia as diretrizes básicas da adoração na tenda, porém, melhor organizada, especialmente no tocante ao sacerdócio. Se o dia da expiação continuava ocupando posição de proeminência, no templo, há trechos nos Salmos que sugerem que a festa do Ano Novo foi adquirindo importância cada vez maior. As novas festividades, incluídas após o exílio, como a festa de Purim, por exemplo, não se revestiam de importância suficiente para serem aqui comentadas. A grande contribuição da adoração no templo foi o desenvolvimento do lado musical e poético, mormente por organização de Davi (ver II Sam. 6:5 e I Crô. 25). O livro de Salmos tornou-se o grande hinário que é o núcleo de todo o louvor bíblico, e boa parte dos salmos é de autoria davídica. (Ver Salmos).

A presença de Deus no templo era simbolizada pelo seu resplendor que encheu a casa quando a arca foi trazida para seu interior (ver I Reis 8:10,11), mas que Ezequiel viu afastando-se do templo, porque o mesmo havia sido contaminado pela idolatria (ver Eze. 10:18; cf. I Sam. 4:22). Deus era adorado no santuário porque ali Ele estabelecera o Seu nome. Contudo, Ele era e continua sendo o Deus que não pode ser contido pelo céu dos céus (ver I Reis 8:27). No céu, principal lugar das manifestações de Deus, Ele ouviria as orações que Lhe fossem dirigidas, tanto do interior quanto do exterior do templo. Isso indica que a adoração de Israel continuava livre de restrições cúlticas, atitude essa que passa diretamente ao culto prestado a Deus no Novo Testamento. Explicou Jesus à samaritana: «Mulher, podes crer-me, que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai... vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores» (João 4:21 e 23).

3. A sinagoga. A destruição do templo de Jerusalém, por ocasião do exílio, criou uma nova situação, o aparecimento das sinagogas. E mesmo quando foi erigido o segundo templo, as sinagogas tiveram prosseguimento em Israel e nas terras da dispersão. Visto que a adoração sob a forma de sacrifícios só podia ter lugar em Jerusalém, foi mister a criação de uma nova forma de adoração, nas sinagogas. Essa palavra, que vem do grego, significa «ajuntamento», «congregação». Na LXX aparece como uma forma alternativa para *ekklesia*, «igreja». A partir do tempo de Esdras, a leitura, a exposição e os ensinamentos da lei ganharam maior importância, os quais iam bem além dos rudimentos ensinos dados nos lares. Isso ajudou os judeus a preservarem a integridade de sua fé, por onde quer que estivessem exilados. Quando o Senhor Jesus esteve neste mundo, encontrou tanto o templo de Jerusalém quanto sinagogas, praticamente em todas as cidades e aldeias de Israel. Paulo também se utilizou das sinagogas para ali anunciar a Cristo (ver Atos 9:20, por exemplo). O culto, nas sinagogas, estilizou-se e distanciou-se mais ainda do primitivo culto de Israel após a queda de Jerusalém, no ano 70 D.C. Nas sinagogas não há sacerdotes, e, sim, rabinos, isto é, «mestres».

D. Adoração individual. Nem a adoração doméstica e nem a adoração pública excluíram a riquíssima prática da religião pessoal em Israel. Os patriarcas foram os primeiros a dar o exemplo disso. Moisés também desfrutou de profunda relação pessoal com Deus. A lei provia muitos atos de piedade individual, até mesmo dentro do contexto da adoração pública. Nos dias dos últimos juízes, Ana serve de notável exemplo de súplica e ação de graças pessoais. Davi, e profetas como Jeremias, também foram grandes figuras dessa forma de piedade, para não falarmos em Neemias e Daniel. Muitos dos salmos foram escritos na primeira pessoa do singular, pois expressam a piedade individual de seus autores, sob a forma de oração, queixa, confissão de pecados, confissão de fé e protestos de esperança e louvor. Além de serem a expressão da piedade de vários grandes santos do Antigo Testamento, proviam inesgotável tesouro de devoção e orientação para a vida diária. A idéia de piedade pessoal é reiterada no Novo Testamento: «Exercita-te pessoalmente na piedade. Pois o exercício físico para pouco é proveitoso, mas a piedade para tudo é proveitosa, porque tem a promessa da vida que agora é e da que há de ser» (I Tim. 4:7,8).

E. Idolatria.

1. Introdução. Idolatria é palavra que vem de

«ídolo» e «latreía», indicando o serviço a ídolos e a deuses falsos. Toda a adoração que não tem por objeto o verdadeiro Deus é idolatria. A idolatria em Israel surgiu não porque a adoração a Yahweh se desenvolveu com base em cultos pagãos, mediante um processo de evolução religiosa, mas porque o povo de Israel resistia ao conhecimento e à adoração de Deus, inclinando-se por aceitar costumes religiosos dos povos ao redor. A idolatria geralmente origina-se do impulso humano de buscar objetos visíveis de adoração. No Sinai, enquanto Moisés recebia os mandamentos, Israel construía um desses objetos de culto idólatra, o bezerro de ouro. — A história subseqüente de Israel pode ser vista como um conflito entre a adoração prescrita, que nunca foi totalmente abandonada, e os cultos idólatras, que constantemente ameaçavam introduzir-se. Isso produziu períodos de declínio espiritual e períodos de reforma religiosa. Juízes, reis e profetas empenharam-se no combate à tendência idólatra. Os reis maus abandonavam a adoração a Yahweh, aceitando algum culto estrangeiro. Israel perdeu essa tendência à idolatria após o exílio babilônico. Os cristãos foram ensinados pelos apóstolos a fugirem da idolatria (ver I João 5:21). Na Igreja Católica Romana não se adoram diretamente deuses do paganismo antigo, mas os «santos» são venerados, como também os anjos, embora as Escrituras ensinem que só o Criador deve ser adorado, e jamais a criatura. E tais «santos» sempre recebem uma representação visível (quer sob a forma de «ídolos», quer sob a forma de «ícones», na Igreja Católica Grega). Essa representatividade sob forma palpável é o âmago da tendência idólatra.

2. Cultos cananeus. Embora a idolatria de Israel tivesse se manifestado ainda no deserto, foi na terra de Canaã que os israelitas receberam o primeiro forte impulso para seguirem essa corrupção. É que os israelitas ocuparam um lugar que já contava com seus santuários, sacerdotes e práticas religiosas idólatras. Fundamentalmente, esses cultos veneravam a Baal, deus da fertilidade (cf. Juí. 10:6), com centros em lugares como Dã, Gilgal, Siquém e Betel. Os israelitas ou apelavam para o sincretismo do culto a Yahweh com o culto a Baal, ou substituíam aquele por este, com práticas morais degradantes como um inevitável acompanhamento. Assim, a imoralidade dos filhos de Eli, na tenda da congregação (ver I Sam. 2:22), parece ter sido um reflexo da prostituição templária. E o valor quase supersticioso dado à arca (ver I Sam. 4:3) sugere mais o fetichismo e a mágica do que a fé genuína em Deus.

Quando começaram a ser esculpidas imagens, no reino do norte (ver I Reis 12:28), isso representou mais um degrau descendente para o paganismo em Israel. Para tanto, até mesmo razões políticas tinham o seu efeito. Essa tendência idólatra no reino do norte começou com Jeroboão, que além de estabelecer um sacerdócio e um santuário rivais de Jerusalém, levantou também dois bezerros de ouro para serem venerados em Dã e Betel. E no reino do sul, os reis piedosos foram considerados tais por terem combatido a prática de oferecerem sacrifícios e ofertas queimadas nos lugares altos, em desafio à adoração verdadeira a Yahweh (ver II Reis 14:4; 15:4,35; 16:4; 17:10, etc.). Sacrifícios humanos enegreceram ainda mais o quadro (ver II Reis 16:4 e 21:6). A introdução de tais abominações na própria Jerusalém mostra-nos que a pura adoração a Yahweh havia sido praticamente abandonada ou corrompida (ver II Reis 21:7). Como castigo e correção, veio o exílio babilônico.

3. Influências estrangeiras. A adoração a Yahweh sofria ataques internos e externos. Os casamentos políticos de Salomão, com princesas estrangeiras, trouxeram em sua esteira formas estranhas de adoração (ver I Reis 11:1-8). O clímax desse processo foi atingido nos dias de Acabe, dominado que era por sua esposa libanesa de Sidom, Jezabel. Acabe começou o seu reinado já errando, edificando a Baal, em Samaria, um templo e um altar (ver I Reis 16:32). Jezabel foi mais além, perseguiu os verdadeiros adoradores de Yahweh, e tirou a vida de muitos profetas de Deus. Ela ensinou a Israel o típico despotismo oriental, e, mediante alianças feitas por casamento, afetou também o reino do sul (ver II Reis 8:18). Acaz fez uma réplica de um altar que tinha visto em Damasco (II Reis 16:10 ss). Manassés adorava a «todo o exército dos céus» (II Reis 21:3). Josias mal conseguiu fazer virar a maré idólatra iniciada por Salomão (ver II Reis 23:13), pois Ezequiel retratou um quadro negro de vis práticas religiosas, até mesmo na parte mais interior do templo (ver Eze. 8:7 ss). E Jeremias informa-nos que aqueles que escaparam para o Egito, voltaram-se para a veneração à rainha do céu, tal como seus pais, reis e príncipes haviam feito nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém (ver Jer. 44).

F. O Testemunho dos Profetas.

1. O lugar dos profetas. Os profetas do Antigo Testamento sempre foram os campeões da verdadeira teologia e da ética pura, e, por conseqüência, da adoração genuína a Yahweh. Ao lutarem em prol de uma verdadeira teologia, opunham-se às idéias pagãs; e ao contenderem por uma ética pura, condenavam as práticas religiosas imorais e o divórcio entre a adoração e a retidão pessoal e coletiva. Uma das grandes tarefas dos profetas era conclamar Israel a retornar da adoração falsa à adoração ao verdadeiro Deus.

2. Idolatria. O protesto principal dos profetas era contra a idolatria. Assim, um homem de Deus veio de Judá a Betel protestar contra o altar de Jeroboão (ver I Reis 13:1 ss). O profeta Aías proferiu juízo contra Jeroboão por haver apelado para divindades estrangeiras e para imagens esculpidas (ver I Reis 14:7 ss). Elias obteve tremenda vitória contra os profetas de Baal (ver I Reis 18). Amós clamou contra o santuário real de Betel (ver Amós 4:4; 5). Oséias anunciou que Efraim seria castigado devido a seus muitos altares idólatras (ver Osé. 8:11). Miquéias mostrou ao povo qual seria o fim das imagens de escultura e dos bosques onde os idólatras costumavam reunir-se em sua adoração espúria (ver Miq. 5:13 ss). E assim, cada profeta contribui sua parte nessa luta incessante contra a tendência à idolatria.

3. Formalismo. Os profetas foram cada vez mais se empenhando contra o externalismo, na adoração que salientava mais a forma externa do que a atitude interna. Esse tema foi claramente enunciado por Samuel, em seu famoso: «Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender melhor do que a gordura de carneiros» (I Sam. 15:22). Outro tanto ensinou Natã a Davi. Esse formalismo andava de mãos dadas com a injustiça no trato com o próximo. Tal injustiça tornava-se abominável aos olhos do Senhor nas grandes ocasiões religiosas nacionais. O que Deus queria era que o povo fosse reto e justo: «...corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene» (Amós 5:24). Esse é um estribilho dos profetas.

4. Adoração verdadeira. Alguns têm concluído erroneamente que os profetas do Antigo Testamento, devido a esses seus ataques contra o formalismo tornaram-se adversários do sistema levítico, como se

houvesse uma espécie de rivalidade entre profetas e sacerdotes, uns representantes da verdadeira fé e outros do culto mediante sacrifícios. Mas tal tese cai por terra quando consideramos que alguns dos maiores profetas, como Jeremias e Ezequiel, também eram sacerdotes levitas. A destruição do templo de Jerusalém foi predita pelos profetas como não sendo uma cirurgia que faria o culto falso dar lugar ao culto verdadeiro. Uma das principais funções dos profetas Ageu e Zacarias foi a de encorajar os judeus a reconstruírem o templo, convocando o povo a participar ativamente dessa forma de adoração prescrita pelo Senhor. Portanto, erram muito os que pensam que em Israel havia um conflito entre os sacerdotes e os profetas.

E quando os profetas desencorajavam sacrifícios, jejuns, assembléias solenes e até mesmo orações, faziam-no porque essas coisas eram oferecidas em meio a práticas idólatras, e não por causa das próprias práticas religiosas, ou porque não refletiam a piedade interna, mas apenas uma religiosidade superficial. O que os profetas almejavam realmente era a purificação da adoração. Eles tomaram os princípios fundamentais da lei e dali extraíram os grandes princípios de uma religião ideal — a autêntica piedade para com Deus e a retidão no trato entre homem e homem. Somente quando essas coisas estão presentes é que torna-se possível uma verdadeira adoração. Já vimos que, por sua própria natureza, a adoração consiste em confissão e serviço. Por outro lado, as formas externas prescritas não substituem e nem são substituídas pela atitude íntima aprovada por Deus, uma atitude de fé e obediência. Em outras palavras, ofertas e festividades não têm qualquer valor sem um coração penitente, fiel e obediente. Isso posto, os profetas foram campeões da adoração genuína, em contraste com simulacros indignos.

III. Adoração No Novo Testamento

A. Formas de Adoração.

1. Nos Evangelhos. Os evangelhos pressupõem as formas de adoração nativas ao judaísmo da Palestina, no começo do século I D.C. Isso significa que o templo continuava ocupando um lugar importante na adoração primitiva do Novo Testamento. Zacarias, pai de João Batista, era sacerdote, e a revelação divina lhe foi dada quando ele estava cumprindo o ritual do ministério no templo (ver Luc. 1:5 ss). José e Maria tiveram o cuidado de observar a lei da circuncisão e a lei da purificação (ver Luc. 2:21 ss). Quando Jesus atingiu a idade apropriada, Ele subiu ao templo para observar a festa da páscoa; e é significativo que Seu ministério proléptico, naquela ocasião, teve lugar entre os mestres de Israel, no templo, tendo então dado a Seus pais a resposta que encerra a sugestão de que o templo, a casa de Deus, era o lugar que Lhe competia (ver Luc. 2:42 ss). Uma característica digna de atenção, no evangelho de Lucas, é que os primórdios do evangelho são assim claramente engastados dentro da vida e das práticas de Israel.

O templo manteve sua importância durante todos os dias do ministério de Jesus, e Ele participou das festas religiosas: a páscoa, a festa dos tabernáculos e a festa da dedicação. E tirou proveito dessas festas para salientar certos aspectos de Seu ministério. Ao ensinar no átrio do templo, por ocasião da festa dos Tabernáculos, Ele ensinou que era a verdadeira água da vida. A páscoa foi aproveitada para estabelecer tanto a instituição da Ceia do Senhor quanto a realização do novo êxodo, mediante Sua auto-oferta na cruz, como o Cordeiro que tira o pecado do mundo. E, mui significativamente, o derramamento do Espírito Santo teve lugar por ocasião da festa de Pentecoste.

Quando Jesus criticava a adoração que se efetuava no templo, fazia-o contra os abusos daqueles que corrompiam e contaminavam essa adoração, e não contra a adoração propriamente dita. Por isso foi que Ele expulsou do templo os cambistas e negociantes (cf. João 2:17), o que despertou a hostilidade somente dos eclesiásticos e aproveitadores. Contudo, Jesus predisse que o templo seria destruído, embora tenha-o feito com a tristeza de um verdadeiro adorador, e não com o zelo enlouquecido de um revolucionário, ainda que muitos O tenham acusado de ser apenas tal coisa.

Os vários templos que foram construídos e que Deus permitiu que fossem destruídos mostram-nos que a verdadeira promessa era a de que Deus edificaria para Si mesmo uma casa, dentre a linhagem de Davi. Essa casa era o próprio Jesus, Aquele por meio de quem Deus armara tenda entre os homens. Por esse motivo, o templo chegara ao fim de sua utilidade e alvo. Jesus era o antítipo do templo, mas não podia e nem queria preservá-lo. Só podia «cumpri-lo» (cf. João 1:14; 2:19 ss.).

Outro tanto aplica-se aos sacrifícios e ao ministério do templo. A vida de Jesus tinha por finalidade oferecer o sacrifício único, que tiraria os pecados para sempre (ver Heb. 10:12), cumprindo assim a páscoa, as ofertas regulares e os ritos especiais do dia da expiação. E quando o templo de Jerusalém foi finalmente destruído, no ano 70 D.C., não houve mais necessidade de restaurá-lo. E, por igual modo, Jesus aceitou o sacerdócio aarônico durante o Seu ministério encarnado. Não obstante, Ele veio para cumprir o ministério do sumo sacerdote eterno, segundo a categoria de Melquisedeque (ver Heb. 7:1 ss). Como já foi dito, o atual sistema judaico das sinagogas não conta com sacerdotes. Sendo Jesus o sumo sacerdote, o altar dos holocaustos, a expiação e todo o sistema levítico foi cessado.

Mas, enquanto o Senhor Jesus não deu por nós a Sua vida, Ele continuou vivendo como um judeu piedoso o faria. Freqüentava a sinagoga nos sábados (ver Luc. 4:16). No primeiro período de Seu ministério Ele percorreu todas as aldeias da Galiléia, pregando em suas sinagogas (ver Mat. 4:23; 9:35). Mas foi também na sinagoga que Ele sofreu violenta oposição (ver Mar. 3:1 ss), tendo avisado a Seus seguidores que eles seriam açoitados nas sinagogas (ver Mat. 10:17). E no período final de Seu ministério, embora as multidões continuassem a segui-Lo (ver Mat. 19:2), Ele já não era mais bem acolhido nas sinagogas, pois até os Seus seguidores eram expulsos das mesmas (ver João 9:22; 12:42). Não obstante, não houve rompimento definitivo com a sinagoga antes da crucificação, e mesmo quando saíram a campo os primeiros missionários cristãos; aparentemente eles continuaram sendo recebidos nas sinagogas da dispersão.

Os evangelhos dão evidência de piedade individual e pública. Ali há alusões a pessoas piedosas como Ana e Simeão. João Batista foi um dedicado profeta do ermo, que levava vida ascética. E o próprio Senhor Jesus, apesar de todo o contraste que Ele mesmo traçou entre Sua pessoa e a de João (ver Mat. 11:16 ss.), jamais se descuidou de dedicar-se à oração. Jesus proibiu Seus seguidores de exibicionismo (ver Mat. 6:1 ss.), mas recomendou que se ocupassem em esmolas secretas, oração e jejum, ensinando-lhes que a oração e o jejum são práticas necessárias para a realização de certas obras (ver Mat. 17:21). Também insistiu que Seus discípulos vivessem em atitude de vigilância (ver Mat. 24:42). É interessante observar-

mos a lição objetiva dada por Cristo a Pedro, Tiago e João (ver Mat. 26:38,41). Tendo começado Seu ministério com um período de quarenta dias de jejum e oração, Jesus preparou-se para a crise final retirando-se para o jardim do Getsêmani, para encontrar forças para obedecer às cruéis dores envolvidas no ato de obediência à vontade do Pai. E as orações e súplicas que Jesus expressou até Seu último instante de vida, na cruz, demonstram a Sua profunda piedade pessoal.

Seguindo a verdadeira tradição profética, Jesus não tolerava a perversão da piedade mediante o formalismo oco. Jesus censurou não somente o exibicionismo na oração, mas também a oração que consiste em repetições sem sentido (ver Mat. 6:7). E também condenou severamente a ênfase exagerada das práticas rituais, como substituição da retidão genuína (ver Mar. 7:6 ss). Apesar disso, Jesus não rejeitava nem as formas externas (cf. a oração do Pai Nosso e o novo ritual da Ceia do Senhor) e nem os ritos como tais (ver Mat. 23:23). Mas ensinou que a substância dessas observâncias encontra-se na conduta motivada por uma autêntica consagração e pela busca pela retidão.

2. No livro de Atos e nas epístolas. O testemunho desses livros do Novo Testamento é similar ao testemunho dos evangelhos. A única diferença importante foi que devido à missão entre os gentios e a crescente separação do templo e das sinagogas, as igrejas locais tiveram de desenvolver suas próprias formas de adoração comum. Os próprios judeus cristãos tiveram de sofrer sob a pressão da hostilidade das autoridades religiosas dos judeus, indignados ante o evangelismo persistente dos cristãos.

O templo continuou desempenhando importante papel na adoração da Igreja infante. Após a ascensão de Jesus, os discípulos não arredavam o pé do templo, louvando e bendizendo a Deus (ver Luc. 24:51-53). Parte da comunhão da igreja de Jerusalém era a freqüência diária ao templo (ver Atos 2:46). Pedro e João curaram o coxo quando estavam entrando no templo (ver Atos 3:1 ss). Tal como Jesus o fizera, os apóstolos também ensinavam o povo no templo (ver Atos 5:25). Alguns anos mais tarde, Paulo muito desejou estar em Jerusalém, para a festa do Pentecoste (ver Atos 20:16). Um de seus primeiros atos ao chegar à cidade foi dirigir-se ao templo para fazer os preparativos para o ritual da purificação (ver Atos 21:23 ss). Mas o testemunho de Estêvão mostra-nos que a Igreja primitiva sabia do caráter transitório do templo terreno (ver Atos 7:47 ss). O problema criado pelos judaizantes surgiu porque muitos judeus convertidos ao cristianismo continuavam dando excessiva importância ao templo, e queriam que os gentios se adaptassem à adoração que ali se processava. Mas Estêvão e Paulo perceberam que isso nem era possível e nem correto. A epístola aos Gálatas é um libelo contra as tendências judaizantes. Mas, enquanto perdurou de pé o templo de Jerusalém, este continuou sendo um centro apropriado para a adoração realizada pelos cristãos, que se verifica em meio à fé, à obediência, à sinceridade e à verdade.

A pregação do evangelho entre os judeus dividiu-os em duas facções, os crentes e os incrédulos diante da mensagem cristã. E isso forçou os crentes a organizarem suas próprias reuniões. Na verdade, nem todas as reuniões dos primeiros discípulos, após a ascensão do Senhor, tiveram lugar no templo (ver Atos 1:14; 4:23; 12:12). Isso mostra que desde o começo os cristãos demonstraram a tendência de se organizarem à parte dos judeus incrédulos. Não obstante, durante muito tempo os cristãos não tiveram lugares especiais de reunião, ou templos. Antes, reuniam-se nas casas, talvez nas mais espaçosas dos irmãos na fé (ver File. 2; Rom. 16:5; I Cor. 16:19, etc.). Os apóstolos tomaram providências com o intuito de melhor organizar essas novas assembléias (ver Atos 14:22). Seguindo até certo ponto o padrão da sinagoga, os dois principais ministros das igrejas locais primitivas eram o ancião (também chamado pastor ou bispo = supervisor) e o diácono, embora também leiamos sobre profetas e evangelistas. Os mestres eram os pastores que se dedicavam ao ensino. (Ver I Tim. 5:17).

Que tipo de adoração era levado a efeito nas assembléias cristãs? O Novo Testamento nos fornece bem pouca informação detalhada a respeito. Pelos primeiros capítulos do livro de Atos depreende-se que as orações, e o partir do pão eram básicos. As únicas outras fontes informativas detalhadas são Atos 20 e I Cor. 11 e 14. O trecho de Atos 20:7 registra uma reunião no primeiro dia da semana, quando os discípulos partiram o pão e Paulo pregou; e tal reunião parece ter-se dado no começo da noite. O trecho de I Coríntios 11 também alude a uma refeição, que certamente era a Ceia do Senhor (vs. 23 ss), embora provavelmente em combinação com uma refeição comum. O trecho de I Coríntios 14 menciona uma reunião na qual os membros contribuíam com salmos, doutrinas, línguas, revelações ou interpretação de línguas, mas na qual a ênfase recai sobre dois pontos, edificação e boa ordem. A ordem baixada em I Cor. 16:2 talvez seja um outro indício de que essas assembléias tinham lugar no primeiro dia da semana. Embora possa-se argumentar que, por essa altura dos acontecimentos a adoração cristã ainda não se cristalizara completamente, pelo menos podemos ver nessa epístola de I Coríntios uma estrutura reconhecida, com oração, louvor, exposição e leitura das Escrituras, a celebração da Ceia do Senhor e o exercício de dons espirituais, sem falarmos em certos toques litúrgicos. O conteúdo das orações (conforme se pode depreender de I Tim. 2:1 ss e Atos 4:24) usava frases litúrgicas extraídas do Antigo Testamento. Visto que a Igreja primitiva herdou tão rica tradição do judaísmo e do Antigo Testamento, seria estranho se as coisas não tivessem sido assim. O poder e o espírito dos cristãos jazia na nova compreensão sobre as antigas formas, com adaptações convenientes das mesmas.

A piedade pessoal foi muito bem exemplificada pelos apóstolos. Para exemplificar o ponto, Paulo praticava (ver I Tes. 3:10) e recomendava (ver I Tes. 5:17) a oração incessante. Ele solicitava aos crentes que orassem em favor do seu ministério (ver Efé. 6:18). As orações que aparecem nas epístolas de Paulo são quase sempre intercessórias (ver Fil. 1:4 ss e Col. 1:9 ss), embora nem sempre (ver Fil. 3:8 ss). O trecho de Efé. 3:14 ss nos permite ver melhor ainda o tipo de oração daquele apóstolo, tendo em vista a concretização da vontade do Senhor nas vidas dos crentes, para cumprimento cabal do plano de Deus neles.

Em adição à oração, Paulo recomendava o estudo diligente das Escrituras, mediante leitura ou memorização (cf. II Tim. 3:15 ss e Efé. 6:17). Ele também exortava a uma vida cristã bem disciplinada, incluindo, em alguns casos, o ideal celibatário, se essa fosse a vontade divina (ver I Cor. 7:1 ss.). O que importava, realmente, era que os crentes mantivessem o corpo sob controle, para que os mesmos prestassem um melhor serviço cristão (ver I Cor. 9:24). O jejum

não é negligenciado por ele (ver II Cor. 11:27). A atitude de ação de graças também deveria ser uma constante na vida dos crentes (ver I Tes. 5:9). Uma conduta grave e sóbria era esperada da parte dos pastores e diáconos (ver I Tim. 3). Timóteo, como homem de Deus que era, foi exortado a seguir a piedade pessoal (ver I Tim. 6:11). Apesar da adoração do crente individual mesclar-se com a adoração coletiva, de mistura com a retidão de vida e conduta, o exercício pessoal da religião cristã não é um aspecto de pequena importância na adoração neotestamentária.

B. Elementos Componentes da Adoração

1. Oração. A oração no sentido mais específico de petição, naturalmente era um dos elementos básicos da adoração cristã primitiva. Entre a ascensão do Senhor e o derramamento do Espírito, a Igreja recebeu ordens para dedicar-se à oração cheia de expectação. As perseguições sofridas também levaram os crentes a caírem de joelhos diante do Senhor. E todas as necessidades que foram surgindo também proveram motivo e material para intercessão. Todavia, não há nenhuma descrição de como essas orações eram feitas. Talvez um líder orasse por todos; talvez indivíduos orassem um por vez. O que é surpreendente é que não há qualquer menção da recitação da oração do Pai Nosso, o que parece indicar que os crentes primitivos usavam orações extemporâneas, e não fórmulas fixas. O «amém», devido ao exemplo dado pelo Senhor Jesus, adquiriu um sentido ainda mais profundo do que tinha no Antigo Testamento (cf. II Cor. 1:20). Frases feitas, como *Maranata*! talvez também fossem usadas de vez em quando (ver I Cor. 16:22; cf. Apo. 22:20 e o Didaqué 10:7). Doutro modo, é difícil entender-se por qual motivo essas frases teriam sido preservadas em aramaico. As «bênçãos» também se fizeram presentes desde o começo, segundo se vê em II Cor. 13:14 e Apo. 22:21. E as epístolas testificam sobre o aparecimento de um distinto vocabulário cristão, usado nas orações. O que é importante não esquecer é que essas orações eram consideradas parte integrante da adoração neotestamentária, o que não sucedia no Antigo Testamento.

2. Louvor. O louvor está intimamente ligado à oração. O louvor é a confissão da natureza e das obras de Deus. De fato, oração na forma de ação de graças também é louvor. Quase todas as orações registradas nas páginas do Novo Testamento contêm um elemento doxológico. Essas orações relembram os atos de Deus, e assim soam uma nota de certeza e triunfo. Inteiramente à parte da oração, porém, o louvor a Deus tem seu próprio papel na adoração neotestamentária. Muitos hinos cristãos e cânticos espirituais louvam a Deus. Paulo alude ao cântico de Salmos, durante a adoração, em uma de suas epístolas aos Coríntios, e a hinos e cânticos espirituais em Efé. 5:19. Os estudiosos têm percebido possíveis fragmentos de primitivos hinos cristãos em trechos como Fil. 2:6 ss e I Tim. 3:16. Os hinos constantes no Apocalipse mostram que tanto na adoração terrestre quanto na adoração celeste são entoados hinos de louvor, embora outros pensem que Apocalipse 4 e 5 podem estar baseados na adoração da congregação. É bem possível que o saltério fosse o hinário da Igreja primitiva, embora haja uma referência na carta de Plínio a Trajano (Epp. x.96) a hinos cristológicos o que dá a entender que novos hinos e mais especificamente cristãos foram compostos.

3. Confissão de pecados. A confissão de pecados acha-se no âmago da adoração, pois, quando a dignidade de Deus é exaltada, a indignidade do homem requer ser reconhecida. As orações e os salmos do Antigo Testamento estão repletos do reconhecimento de culpa, paralelamente aos pedidos de perdão e restauração, bem como a louvores e ações de graças pela misericórdia e perdão divinos. Por sua própria natureza, o evangelho é uma palavra divina dirigida a pecadores. O batismo de João aparece logo no início do evangelho com sua conclamação ao arrependimento e à conversão. Jesus deu prosseguimento à mesma conclamação, o que foi seguido pelos Seus apóstolos, segundo se vê no livro de Atos. Pedro, confrontado por Jesus, confessou-se um homem pecador (ver Luc. 5:8). Segundo certo relato de Jesus, a oração que Deus ouviu no templo foi a oração penitente do publicano, e não a oração autocongratulatória do fariseu (ver Luc. 18:9 ss). O ato de batismo em água é a grande oportunidade que o novo convertido tem para confessar-se pecador, ao renunciar sua antiga vida pecaminosa e ao aceitar a nova vida de fé e obediência a Cristo. Com base em I João 1:8 ss , tem-se a nítida impressão de que a confissão de pecados a Deus, individualmente ou em grupos, continuou desempenhando um importante papel na vida dos crentes primitivos. Em suas epístolas, Paulo refere-se, por diversas vezes, que ele mesmo e todos os crentes primitivos viviam na dependência da misericórdia divina. Portanto, mesmo que não haja grandes evidências de orações específicas de confissão de pecados, na adoração neotestamentária, esse elemento precisa ser pressuposto como base de toda oração e louvor da Igreja primitiva. As orações precisavam ser dirigidas ao Pai em nome de Jesus, visto que nada há em cada crente que constitua base sólida para acesso a Deus ou para recebimento da resposta divina (cf. o papel de Jesus como sumo sacerdote e intercessor, no sétimo capítulo da epístola aos Hebreus).

4. Confissão de fé (batismo). No Antigo Testamento, embora a recitação do «Ouve, ó Israel...» fosse um mandamento, também servia de confissão de fé: o Senhor, nosso Deus, é uma unidade. Por essa razão, o *shema* achou caminho até a adoração nas sinagogas. Todavia, tal recitação não encontrou eco na Igreja primitiva. E a razão disso não é que essa confissão básica tivesse sido abandonada, mas antes, é que agora fora adicionada a confissão distintamente cristã: Jesus é o Senhor, ou seja, é Yahweh. A fé da Igreja primitiva era a fé em Jesus como Salvador e Deus. Pedro fez essa afirmação primária em Mat. 16:16. E isso pode ser visto novamente na confissão de Tomé (ver João 20:28). O evangelho de João foi escrito tendo em vista mostrar exatamente esse fato (ver João 20:31). A obra do Espírito Santo faz com que os crentes afirmem e confessem que Jesus é o Senhor (I Cor. 12:3). Finalmente, essa verdade será reconhecida em todas as línguas (ver Fil. 2:11). Sobre essa crença repousa a plena confissão do Deus triúno (ver Mat. 28:19). Essa crença é especificamente confessada por ocasião do batismo em água, o qual pode ser ministrado em nome de Jesus (ver Atos 2:38). O eunuco professou fé no Senhor (ver Atos 8:37). Cornélio foi batizado em nome de Jesus (ver Atos 10:48). O carcereiro filipense foi batizado quando creu no Senhor e foi salvo (ver Atos 16:30 ss). Alguns escritos dos pais da Igreja (ver Justino, Apologia I,61, etc.) testificam sobre a mesma coisa.

5. Leitura da Bíblia. A leitura do Antigo Testamento, nas reuniões da Igreja primitiva, nunca é declarada diretamente, mas apenas indiretamente. Mas as epístolas de Paulo eram lidas publicamente (ver I Tes. 5:27). Os textos tradicionais referentes à Ceia do Senhor também eram freqüentemente

recitados, (ver I Cor. 11). Mas, se a leitura do Antigo Testamento não é diretamente referida, o extenso uso e citação do Antigo Testamento, no Novo Testamento, o conhecimento que os crentes primitivos demonstravam ter daquelas Escrituras, bem como durante o período pós-apostólico e nos escritos dos pais da Igreja, nos faz crer que o Antigo Testamento era tão lido e estudado quanto o cânon neotestamentário em formação. Os cristãos primitivos pregavam. Nas sinagogas, os sermões consistiam primariamente em exposição. Ora, a pregação dos primeiros cristãos visava, antes de mais nada, mostrar que o Antigo Testamento tinha o seu cumprimento na pessoa e na realização de Jesus Cristo. Além disso, a menção a alguma interpretação parece subentender uma referência no Antigo Testamento. O alto valor conferido pelos primeiros cristãos às Escrituras (ver II Tim. 3:15 ss.), é outro fato que precisa ser considerado. Assim, a leitura do Antigo Testamento, e cada vez mais, do Novo Testamento, certamente era uma porção constitutiva da adoração cristã primitiva.

6. Pregação. Em contraste com a leitura da Bíblia, o ato de pregar é solidamente confirmado no Novo Testamento. Em Corinto, transparece a pregação sob a forma de exortação. Seguindo o exemplo deixado pelo Senhor Jesus; e ante a necessidade de evangelizar, de instruir e de edificar, o ministério da Palavra sem dúvida era incluído em todos os encontros dos cristãos. Os apóstolos foram chamados especificamente para o ministério da Palavra (ver Atos 6). Posteriormente, aprende-se que os pastores deveriam ser aptos para ensinar (ver II Tim. 3:2). Assim, a pregação combinava diversos aspectos da adoração: a declaração das obras de Deus, a confissão de fé, a oração subjacente a todas as atividades dos cristãos, o clímax atingido nos louvores, etc. Embora essa pregação não fosse exclusivamente expositiva, era-o quase totalmente de tal natureza. Entre os crentes gentios, especialmente, muita informação precisava-lhes ser transmitida mediante a pregação. Dos gentios convertidos não era esperado a mesma familiaridade com as Escrituras que tinham os judeus convertidos ou os primeiros «tementes a Deus». Apolo, homem poderoso nas Escrituras, exerceu poderoso ministério nesse campo (ver Atos 18:24 ss). A prédica jamais deixou de ocupar papel saliente nas reuniões dos cristãos evangélicos, através dos séculos. Todo período de reavivamento espiritual é antecedido por intensa e firme prédica.

7. Ceia do Senhor. Não somente o batismo, mas especialmente a Ceia do Senhor, constituíam adendos à adoração nas sinagogas. Tanto os escritos do Novo Testamento como o testemunho patrístico mostram que a Ceia fazia parte integrante da adoração cristã primitiva, semana após semana. Cada reunião dos cristãos incluía não somente oração, louvor, leitura das Escrituras e pregação, mas também uma santa refeição com a celebração da Ceia. A Ceia do Senhor veio substituir não somente a páscoa, mas também as ofertas do templo. Por essa razão é que uma linguagem própria dos sacrifícios veio a ser usada em relação à Ceia (cf. Mal. 1:1). Todavia, não há apenas um elemento de substituição. A Ceia do Senhor tanto rememora o grande e único sacrifício de Cristo pelos pecados, para sempre, como também anuncia a segunda volta de Cristo. (Ver I Cor. 11:26). O fato de que Cristo é o sumo sacerdote para sempre obviou um ministério sacerdotal. E essa é a razão pela qual os ministros da Ceia do Senhor, não importando se apóstolos, profetas, pastores ou diáconos, são todos verdadeiros ministros («servos»), e não sacerdotes. O ponto enfocado na Ceia é a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Essa é a base da comunhão desfrutada pelos crentes com Deus Pai e uns com os outros. Portanto, em última análise, a Ceia do Senhor é cristológica, e não litúrgica, no sentido veterotestamentário mais estreito. Classificá-la como quinta-essência da liturgia é perder de vista o seu verdadeiro significado. A Ceia serve de memorial perene do fato de que a adoração autêntica só é possível com base na expiação no sangue de Cristo.

8. Coletas. A alusão a uma coleta semanal, em I Cor. 16, a significação litúrgica atribuída às esmolas, em Fil. 4:18, e a menção a ofertas nos escritos patrísticos, têm dado margem para o ponto de vista de que as coletas faziam parte da adoração cristã primitiva. A grande dificuldade no caminho dessa interpretação é que todas as alusões às coletas mostram que elas precisavam ser espontâneas. Por outro lado, alguns destacam que a doação de esmolas tinha uma antiqüíssima história no Antigo Testamento, e que os apóstolos não se descuidavam desse aspecto. (Ver Gál. 2:10, para exemplificar). Alguns estudiosos pensam que o ósculo santo (ver I Cor. 16:20) poderia receber idêntica classificação.

9. Cultos ocasionais? Alguns têm comentado que não há cultos de matrimônio ou cultos fúnebres nas páginas do Novo Testamento. Porém, deveríamos lembrar que tais cultos são apenas uma aplicação dos elementos básicos da adoração, a saber, a oração, o louvor, a leitura expositiva das Escrituras e a Ceia do Senhor, e isso em situações específicas. De fato, o Novo Testamento menciona certas ocasiões, como a confirmação efetuada pelos apóstolos, a ordenação de ministros e talvez a unção dos enfermos com azeite, quando eram usados certos sinais bíblicos (a unção e a imposição de mãos) juntamente com outros elementos litúrgicos. Isso significa que pode haver uma rápida adaptação dos elementos fundamentais da adoração a novas necessidades. A consagração de Paulo e Barnabé ao serviço missionário, em Antioquia, nos provê um instrutivo exemplo quanto a isso (ver Atos 13:2 ss.). Ainda que algum tipo de culto particular não encontre antecedentes nas páginas do Novo Testamento, certamente o novo pacto nos oferece material suficiente para nele basearmos formas de culto legítimas; e a injunção de que tudo seja feito no Senhor significa que a introdução de elementos de adoração jamais deve ser considerada uma intrusão.

C. A Essência da Adoração

1. Cristo. Embora, no Novo Testamento, os elementos da adoração sejam os mesmos que aparecem no Antigo Testamento, há dois novos fatores no coração do Novo Testamento, que dão à adoração neotestamentária uma decisiva reorientação. O primeiro é que a adoração cristã, em sua própria essência, consiste na adoração de Deus Pai através de Deus Filho. Os elementos permanecem; mas a orientação cristológica é uma novidade. Nesta breve conclusão, algumas poucas indicações são suficientes. O adorador, no Novo Testamento mantém-se em uma relação pessoal de filiação a Deus, com base em sua adoção em Cristo. O crente ora no nome do Filho (ver João 16:23). As obras de Deus, através do Filho, formam o tema de Seu louvor (ver Efé. 1:3 ss). Seu apelo por perdão é que Cristo deu a Si mesmo como perfeito sacrifício pelo pecado (ver I João 1:7 ss). Sua confissão é a confissão de Jesus como Senhor (ver I Cor. 12:3). Tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos testificam sobre Cristo (ver João 5:39). A pregação consiste na exposição de Cristo, em Sua obra reveladora e reconciliadora (ver II Cor. 5:18). A Ceia do Senhor é a páscoa do atual

e final êxodo, a exibição do único grande sacrifício pelos pecados (ver I Cor. 11:26). A doação de esmolas, por parte dos cristãos, adquire uma nova base, à luz do dom de Deus em Cristo (ver II Cor. 9:15), bem como à luz que todos os dons são dados em Cristo (ver Mat. 25:31 ss). A adoração é aceitável, em vários pontos da vida do crente, porque toda a vida cristã consiste em vida no Senhor (ver Rom. 14:8). O ponto decisivo, pois, não é que novas formas de adoração são instauradas, ou que novos níveis de devoção sejam assegurados, mas que Deus, em Cristo, veio pessoalmente a este mundo, a fim de dar cumprimento à Sua graciosa realização. Destarte, à adoração é conferida uma nova profundidade e conteúdo, que de modo algum podia ter nos dias do Antigo Testamento, de acordo com as expectações judaicas.

2. O Espírito Santo. O segundo dos novos fatores da adoração cristã é que o mesmo consiste em adoração a Deus Pai através do Filho de Deus, bem como em, e através de Deus Espírito Santo. A verdadeira adoração tanto foi em espírito como foi no Espírito; e, conforme Jesus mostrou, Seu próprio ministério resultou em uma vinda específica do Espírito, tornando possível a plenitude da adoração que é em espírito e em verdade. Assim, a oração é feita com a ajuda do Espírito (ver Rom. 8:26 s.). O louvor consiste em regozijo no Espírito (ver Efé. 5:18,19). A confissão do pecado processa-se sob a convicção do Espírito (ver João 16:8). A confissão de fé consiste em confissão ajudada pelo Espírito (ver I Cor. 12:3). As Santas Escrituras, dadas a nós mediante o Espírito, são iluminadas pelo Espírito (ver II Cor. 3:6 ss). A pregação é efetuada em demonstração do Espírito e do poder (ver I Cor. 2:4). A comunhão em torno da Ceia do Senhor é a comunhão do Espírito (cf. Atos 2). A liberalidade cristã flui do amor que é um dos aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22). A vida de oração, louvor e proclamação das boas-novas consiste em andar no Espírito (cf. Rom. 8:1 ss). O que está em foco não é tanto uma adoração espiritual, em distinção a uma adoração litúrgica, mas é o ministério interior do Espírito, com Seu poder regenerador e santificador. O indivíduo que nasceu do Espírito e é dirigido pelo Espírito é o homem que, mesmo em suas expressões externas, oferece a Deus, por meio de Cristo, uma adoração apropriada e aceitável.

ADORAÇÃO AO IMPERADOR (DEIFICAÇÃO)

Pano de fundo. A Bíblia mostra haver um grande e intransponível abismo entre Deus e o homem, para que nenhum homem se sinta tentado a adorar a seu semelhante. Mas o coração humano, que tende à adoração a heróis, tem seus objetos de veneração entre os guerreiros e os artistas. As nações ao redor de Israel tinham certas formas de adoração ao rei. Os mitos gregos, que tão facilmente misturavam seres mortais com imortais, e cujos heróis são semideuses, promoviam a adoração de homens, pelo menos a partir do século V A.C. Naturalmente, Alexandre o Grande foi adorado nas terras orientais por ele conquistadas, e os seus sucessores esperavam receber o mesmo tipo de bajulação. Antíoco IV Epifânio, mostrou-se suficientemente ridículo ao chamar-se de Zeus e de Deus, nas suas moedas. No Egito, era tradicional considerar os monarcas como divindades. E a família dos Ptolomeus, tanto os membros vivos quanto os mortos, recebiam honras absurdas, que os consideravam divinos.

Adoração ao imperador, em Roma. Como estamos vendo, há um amplo pano de fundo que encorajava o desenvolvimento da adoração aos imperadores romanos. A princípio, o culto ao imperador era essencialmente uma medida política, que começou espontaneamente, nas províncias orientais do Império, e que Augusto, Tibério e seus sucessores usaram como uma útil manobra política. Esse culto serviu para consolidar e unificar as forças do império, que lutavam para estabilizar as fronteiras e mesclar os díspares elementos formativos do mesmo. A partir de Júlio César, a deificação tornou-se uma prática cuidadosamente cultivada. A prática era restringida na própria capital do império, mas eram exageradas pelas comunidades ao redor. Augusto promoveu a adoração do *Divus Julius*, embora não tenha promovido com grande empenho o culto à sua própria pessoa. Ele e a maioria dos seus sucessores foram oficialmente deificados após a morte. Em seu leito de morte, Vespasiano teve a ousadia de dizer, em tom jocoso: «Penso que estou me tornando um deus», sabendo que seu período de vida era curto. Governantes romanos psicologicamente desequilibrados, como Calígula, Nero e Domiciano insistiram em receber honras divinas quando ainda vivos, e aparentemente levavam a sério a sua pretensão. Conta-se que um deles, ao ser ferido, espantou-se ao verificar que seu sangue era vermelho, como o de qualquer mortal. Esse culto caiu no ridículo quando parentes, oficiais e amigos especiais dos imperadores tornaram-se uma espécie de família divina, exigindo atenção especial da parte do povo. Era uma idolatria em uma de suas formas mais doentias, embora não muito diferente do louco fanatismo demonstrado pelo povo em relação a atletas, estrelas de cinema e músicos de rock-and-roll. O movimento da deificação dos imperadores atingiu o clímax com Diocleciano e o movimento anticristão dos fins do século III D.C. Constantino, ao tornar-se cristão, pôs fim a essa forma de adoração. Antes disso, porém, vitimou a muitos cristãos, pois se alguém não adorava ao imperador podia ser acusado de traição ao estado, crime esse punido com a morte.

Formas dessa adoração. 1. Os imperadores eram considerados divindades encarnadas. 2. Os imperadores eram tidos como instrumentos de um *gênio*, uma espécie de possessão divina. 3. Os imperadores, segundo se acreditava, tornavam-se deuses, quando morriam. Sem importar a forma envolvida, juramentos de lealdade e submissão eram requeridos de todos os cidadãos e súditos, algo que os cristãos recusavam-se a fazer, e em razão disso foram perseguidos e mortos (ver Plínio a Trajano, *Ep.* 96; *Martírio de Policarpo*). O trecho de Apo. 2:10, 13 refere-se a uma situação assim, na igreja de Pérgamo.

Uma profundíssima verdade bíblica. O evangelho promete aos crentes a participação na imagem do Filho de Deus (ver Rom. 8:29), e portanto, a participação na própria natureza divina (ver II Ped. 1:4). E isso de maneira real, e não meramente poética ou moral. De todas as doutrinas do evangelho, essa é a mais elevada. Haverá uma participação finita na divindade, que não porá em perigo o caráter ímpar da Trindade. Porém, nenhum homem pode conquistar tal privilégio por seus próprios esforços. Isso resultará de uma mui longa transformação espiritual, em que o crente irá passando de um estágio de glória para outro. Por ocasião da morte física (embora não apenas porque o crente morre), essa transformação recebe extraordinário impulso (ver II Cor. 3:18). Ver também Col. 2:9,10 e a exposição a respeito no NTI. Ver o artigo, nesta enciclopédia, sobre *Natureza Divina, Participação Humana na Mesma*. (B Z)

ADORAÇÃO AO SOL

A adoração ao sol é uma antiga prática da humanidade. Evidências desse tipo de adoração podem ser encontradas em muitas culturas, incluindo as da Índia, da Grécia, dos maias e dos incas da América Central e do Sul. Reveste-se de particular importância a prática na Babilônia e no Egito antigos.

Na Babilônia e na Assíria, locais especiais, como Sopara e Larsa, eram dedicados à adoração ao sol. Na Fenícia, o Baal solar chamava-se Baal-Hamom. Além disso, o deus Sames era um deus-do-sol.

No delta do Egito, em On (Heliópolis), estava centralizada a adoração ao sol entre os egípcios. Desde os tempos remotos, — os egípcios adoravam a Rá, nome geral que eles davam ao deus-sol. Mais especificamente, ele era chamado de Atom ou Amom, e os seus sacerdotes controlavam o mundo religioso egípcio. Durante o reinado de Amenotepe IV, foi feita uma tentativa para estabelecer a adoração ao disco solar como o único deus do Egito, com o nome de Aton. Mas tal reforma só perdurou durante o período de vida desse Faraó, o qual chegou ao extremo de edificar a sua própria cidade capital, para servir de centro dessa forma de idolatria.

As Escrituras proíbem claramente tal forma de adoração. A adoração ao sol e a imagens do sol (que até mereceram um vocábulo próprio no hebraico) é proibida pela lei de Deus (ver Deu. 17:3). Deus adverte que Ele destruirá os adoradores e as próprias imagens do sol (ver Deu. 4:19 e Lev. 26:30), e conforme se vê na primeira referência dada neste parágrafo, a pena imposta aos adoradores do sol era a morte por apedrejamento, se para tanto houvesse duas ou três testemunhas.

Nos dias que se seguiram ao reino dividido, essas práticas idólatras foram seguidas por alguns dos reis de Judá e Israel. Manassés, filho de Ezequias, erigiu altares dedicados ao exército do céu e foi culpado dessa forma de idolatria, chegando a instalá-la na própria casa do Senhor (ver II Reis 21:3-5). Alguns dos reis de Judá dedicaram cavalos e carruagens à adoração ao sol, ao qual também queimaram incenso (ver II Reis 23:5,11).

Entre os povos vizinhos a Israel, os árabes do sul e os fenícios consideravam o sol como uma divindade feminina, ao passo que os egípcios, sumérios e acádios como uma divindade masculina. Mas os heteus tanto tinham um deus-sol quanto uma deusa-sol. Para os babilônios o deus-sol, considerado inferior à deusa lunar, Sin, era a luz do mundo, do qual dependiam a vida e a boa ordem do universo. E, como vencedor da noite e da morte, para eles essa divindade era o herói por excelência. E, em face da penetração de sua luz por toda a parte, eles também o consideravam o legislador supremo e o juiz onisciente, o qual aplicaria bênção ou castigo aos homens, conforme suas ações. Na Babilônia, o santuário central do deus-sol ficava em Sipar, onde era adorado juntamente com Aia, a «esposa». Alguns estudiosos pensam que é devido à influência dessas idéias, cultivadas por povos com os quais os israelitas estavam tão ligados, que o autor de Salmos 19 comparou o sol nascente a um esposo que sai de seu aposento e, qual atleta, percorre heroicamente o seu curso (vs. 6 e 7). E nos vs. 8-13 do mesmo Salmo, onde a lei do Senhor é exaltada, o sol é lembrado como símbolo do direito e da lei.

O profeta Jeremias revela-nos que os reis de Judá amavam, serviam e adoravam o sol, (ver Jer. 8:2). Ezequiel nos provê um quadro muito descritivo dos adoradores do sol, na casa do Senhor, de rostos voltados para o oriente, prostrados diante do sol (ver Eze. 8:16).

Como é natural, houve em Israel reações contra essa invasão idólatra. Assim, Asa (ver II Crô. 14:5) e Josias (ver II Crô. 34:4,7) procuraram eliminar tal forma de adoração, derrubando os altares dedicados ao sol nas cidades de todo o Israel. Contudo, por ocasião da queda de Jerusalém, diante dos babilônios, tal prática prosseguia (ver Jer. 19:13; Eze. 6:4,6). (E ID)

ADORAÇÃO AOS ANCESTRAIS

Um fenômeno complexo, existente de uma maneira ou de outra entre muitos povos. Em suas formas rudimentares, nas religiões primitivas, a crença de que os espíritos dos mortos demoram-se em torno dos antigos lugares costumeiros durante a vida física, inspirou os sacrifícios de alimentos e outras oferendas, além das tentativas de comunicação. Essa crença usualmente é acompanhada pela noção de que esses espíritos são ciumentos da atenção que presumivelmente merecem, podendo punir àqueles que os negligenciam mediante o infortúnio, as doenças, etc.

Motivações comuns a essa doutrina. 1. Desejo de servir aos mortos, ou por motivo de medo ou de afeto e respeito. 2. Temor dos danos que as visitas dos fantasmas podem causar, resultando daí o desejo de aplacar. 3. Desejo de ser protegido e abençoado, o que seria conferido por tais espíritos. 4. A idéia de que os mortos avançam para um nível mais alto da existência, e são dignos de respeito, ou mesmo de veneração. Normalmente, é a família que cuida dessa adoração, visto que cada família tem seus próprios espíritos para venerar e aplacar. Algumas vezes, os heróis tribais ou nacionais são venerados em uma comunidade, o que pode levar à deificação. A prática pode tornar-se mais elaborada com ritos e santuários apropriados. Em nosso século, a prática continua comum na China e no Japão. Nesse último país, isso tem sido importante não somente para a vida familiar, mas para a vida nacional, tendo adquirido conseqüências políticas. (AM E)

ADORAÇÃO DA NATUREZA

Envolve a expressão do sentimento de dependência e/ou de gratidão, para com o meio ambiente natural, naquilo em que esse ambiente nos ajuda, ou devido às óbvias provisões que a natureza nos oferece. Além disso, os homens temem as forças naturais. E isso leva-os a tentar aplacar as forças da natureza mediante sacrifícios, orações, etc. A maioria das divindades das culturas antigas de alguma maneira estava vinculada à natureza. Na natureza, os homens descobrem tanto ajuda quanto ameaça, sendo apenas natural que eles tenham imaginado deuses de acordo com as forças naturais. Os homens sentem-se agradecidos ante as frutas, raízes, castanhas, água, ar, etc., que lhes são dadas gratuitamente. Mas ficam aterrorizados diante das tempestades, dos terremotos, dos relâmpagos e trovões, das enchentes, das erupções vulcânicas, etc. As coisas que escapam ao controle humano adquirem certo senso de respeito. E os homens, em suas primitivas formas religiosas, tentam mostrar-se à altura das mesmas. A adoração às forças da natureza terminou por evoluir sob a forma de adoração a espíritos da natureza, do que resultaram divindades inferiores, supostamente associadas a mananciais, cavernas, montanhas, etc. (E)

Toda e qualquer adoração dessa natureza é um desvio provocado pelo pecado, sendo condenado por

Deus. Diz Paulo: «...eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura, em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém» (Rom. 1:25).

ADORADORES DO DIABO

A comunidade religiosa Yezidi, que conta com cerca de vinte mil pessoas, no Curdistão, a leste de Mosul e perto de Alepo, em Diarbekr e em Bitlis, é intitulada de adoradores do diabo. O termo yezidi vem do persa moderno, *ized*, que significa anjo ou divindade, sendo usado especificamente para aludir aos adoradores do diabo. Eles chamam a si mesmos de Dasin ou Dasni, e quase todos falam o curdo. Isolaram-se do resto da humanidade, supondo que somente eles descendem de Adão. A religião deles mistura elementos do paganismo, do zoroastrismo, do maniqueísmo, do judaísmo, do nestorianismo e do islamismo (há artigos sobre cada uma dessas religiões). Eles têm dois livros sagrados: o Livro da Revelação e o Livro Negro. A divindade superior deles é deísta (ver sobre o deísmo), sendo uma divindade passiva no mundo. Sete elevados anjos realizam a obra dele, e o mais importante desses anjos é o Malak Ta'us, o anjo pavão, o qual teria caído, mas posteriormente ter-se-ia arrependido. O inferno foi extinto devido às suas lágrimas de remorso. Esse anjo é adorado por ser bom e ativo. Seu nome real é *Satanás*, embora nenhum dos seguidores da seita ouse pronunciar tal nome. Ele manifesta-se através de Shaikh 'Adi (falecido em 1161), um profeta que tornou-se divino por meio de transmigração da alma, e que no mundo atual vive em espírito.

Outras aplicações. Em nossos dias, o satanismo está desfrutando de grande reavivamento. Igrejas têm sido formadas em alguns lugares, visando à adoração ao diabo. Algumas formas de bruxaria prestam lealdade confessada a Satanás, embora não o vejam como um ser maligno. O movimento de rock-and-roll tem sido infiltrado por elementos que adoram abertamente ao diabo.

Alguns religiosos têm o péssimo costume de chamar de seguidores do diabo a todos aqueles que não fazem parte de sua agremiação religiosa. Os católicos dizem isso sobre os protestantes, os protestantes sobre os católicos; e ambos sobre os espíritas. Muitos dizem que o satanismo também tem influenciado a certos indivíduos, dentro do movimento carismático. Porém, a não ser em casos inequívocos, em que as pessoas prestam lealdade declarada a Satanás, deveríamos ter o cuidado de não chamar este ou aquele indivíduo de seguidor do diabo.

ADORAIM

No hebraico significa **duas colinas** ou **duas** *habitações*. Era uma aldeia no sul de Judá, enumerada juntamente com Hebrom e Maressa, como uma das cidades fortificadas por Reoboão (ver II Crô. 11:5-9). Nos livros apócrifos aparece com o nome de *Adora* (ver I Mac. 13:20), como também em outra literatura (Josefo, *Ant.* 8:10, 1, xiii.6,4,15,4; *Bel. Jud.* 1:2,6,8.4). Josefo usualmente ligava o lugar com Maressa, como cidades iduméias. Foi capturada por Hircano e reconstruída por Gabínio (Jos. *Ant.* xiii.9,1; xiv.5,3). Depois de Josefo, nenhuma outra menção foi feita da cidade, embora tenha sido descoberta pela arqueologia, em tempos modernos. Gabínio transformou-a em um de seus distritos administrativos (Jos. *Bel. Jud.* I.xiii.4,5). No Livro dos Jubileus 38:9 ss, lê-se que Esaú foi morto ali, por forças de Jacó, onde o nome dado é Adurã. Segundo esse livro, Esaú foi sepultado ali. (S UN Z)

ADRAMELEQUE

No hebraico, **esplendor do rei**, isto é, de **Moloque**. 1. Um ídolo mencionado em II Reis 17:31, juntamente com Anameleque, como um dos ídolos cuja adoração os habitantes de Sefarvaim estabeleceram em Samaria, quando para ali foram transferidos pelo rei da Assíria, e ao qual adoravam mediante o sacrifício de seus filhos na fogueira. Isso constitui tudo quanto sabemos com certeza sobre esse ídolo. O nome pode significar Hadade é rei, um nome confirmado pela arqueologia em Tell Halaf. A forma variante, Anameleque, pode estar relacionada ao deus sumério-acadiano Anu, conforme diz Albright em *Archaeology and the Religion of Israel*, págs. 162-164. Por detrás do ídolo uma divindade era adorada, mas não há unanimidade de opinião quanto à divindade assim indiretamente adorada. Alguns têm sugerido algum corpo celeste, misturando a questão com a astrologia. 2. Outros identificam esse ídolo como parte da adoração a Moloque, baseados no fato de que o sacrifício de crianças na fogueira e a significação geral do nome são a mesma coisa em ambos os casos. Porém, outros pensam que Saturno, ou o sol, seriam o «deus» adorado através desse ídolo. O elemento *melek*, do nome Adrameleque, pode aludir ao deus Atar-Vênus. Atar tem sido encontrado pelos arqueólogos em Hará e na Síria. Todas essas muitas conjecturas não solucionam o problema, embora saibamos que estamos tratando com algum tipo de divindade pagã, a qual os assírios transplantaram para Samaria após 722 A.C. 3. Um homem tinha esse nome, filho de Senaqueribe, rei da Assíria. O rei estava habitando em Nínive, após sua desastrosa expedição contra Ezequias. Enquanto adorava no templo de Nisroque, seu deus, Senaqueribe foi assassinado por seus dois filhos, Adremeleque e Sareza, em cerca de 681 A.C. Após o homicídio, os dois irmãos fugiram para a Armênia. (Ver II Reis 19:36,37 e Isa. 37:38). (S Z)

ADRAMITINO

Adramítio era o nome de um antigo porto marítimo na província da Mísia, na Ásia Menor, defronte da ilha de Lesbos e de uma colônia ateniense (Estrabão xiii. par. 606; Herod. viii.42). É mencionado na Bíblia portuguesa somente em Atos. 27:2, sob o substantivo coletivo *adramintino*, devido ao fato de que o navio em que Paulo embarcou em Cesaréia, como prisioneiro a caminho da Itália, pertencia a Adramítio. Alguns identificam esse lugar com a Pédaso de Homero, mas outros supõem que a cidade foi fundada por Adramis, irmão de Croeso, em 6 A.C. Provavelmente existia uma colônia ateniense no local, antes disso. O local original é atualmente conhecido como Karatahs. O navio adramitino levou Paulo e seus companheiros de viagem a Mira, na Lícia, e ali tomaram um navio alexandrino, rumo à Itália.

Nos tempos antigos, a cidade contava com um bom porto, e era importante como um centro comercial, incluindo cunhagem de moedas e preparação de ungüentos (Plínio, HN xiii.2:5). Parece que a cidade era um centro da adoração a *Polux e Castor* (ver o artigo a respeito). (DE S UN Z)

ÁDRIA

O termo alude ao mar Adriático, o moderno golfo

de Veneza, o *Mare Supernum* dos romanos, em distinção ao *Mare Inferum* ou mar Tirreno. Provavelmente o nome deriva-se de Ádria, cidade da Ístria. O trecho marítimo inteiro fica entre a Itália, ao ocidente, e a Dalmácia, a Macedônia e a Acaia, ao oriente, —estendendo-se até o Mediterrâneo central, incluindo as águas entre Creta e Malta, onde o navio de Paulo foi açoitado pelo tufão na viagem para Roma (ver Atos 27:27). Nos tempos mais antigos, o nome era aplicado somente às águas perto da foz do rio Pó, enquanto que mais ao sul a mesma região marítima era conhecida como mar Jônico. Todavia, esses termos tornaram-se intercambiáveis. Estrabão usava o termo Ádria para indicar toda aquela região marítima (Estrabão ii.123, vii.187). Terminou incluindo toda a região marítima da foz do Pó ao Mediterrâneo central, conforme Ptolomeu, cientista e geógrafo do século II A.C. e Josefo (Vida iii.15), usaram o vocábulo. Foi nesse mar que Paulo experimentou seu dramático naufrágio, descrito em Atos 27.

ADRIANO

Décimo quinto imperador de Roma, não mencionado no Novo Testamento. Mas alguns supõem que ele é aludido no trecho de Apo. 8:10,11, onde alguns pensam que há uma predição acerca de Barcocheba, o famoso impostor judeu, embora não haja boas evidências em favor disso. Tendo criado distúrbios durante o reinado de Trajano, os judeus foram enviados a Jerusalém para formarem uma colônia, com o propósito de serem mantidos em ordem. Adriano também mandou construir dentro da cidade, um templo em honra a Júpiter. Os judeus pegaram as armas (134 D.C.) e Barcocheba, fingindo ser o Messias, animou a rebelião. Após várias batalhas, durante quase três anos, os judeus foram derrotados. A maioria dos sobreviventes foi vendida à servidão, — e Jerusalém ficou sem habitantes judeus. Houve a devastação dos judeus e do judaísmo. Depois disso, Adriano reconstruiu Jerusalém, mudando seu nome para Elia (ver o artigo a respeito). Isso deu início a grande dispersão judaica, que só foi revertida em nossos dias, sobretudo a partir de 1948. (AM S)

ADRIANO IV, Papa (1154-1159)

Único papa nascido na Inglaterra. Seu nome era Nicolau Breakspear. Mostrou-se insubordinado como monge, em São Rufo, na França, e perdeu sua posição de abade. Então, em 1152, foi enviado em delicada e importante missão à Escandinávia como legado papal (ver artigo a respeito). Em Trandjem ele encontrou as relíquias de São Olaf e deu início a reformas, aprimorando as instituições civis e religiosas. Ao tornar-se papa, obteve a reputação de fazer oposição ao domínio da Sicília pelos normandos. Também resistiu às pretensões imperiais de Frederico I (1152-1190) na Alemanha. Adriano envolveu-se em várias controvérsias políticas e religiosas que envolveram os poderes relativos à Igreja e ao estado. As questões chegaram a um clímax em amarga controvérsia quando da dieta de Besancon (1157) e na declaração dos juristas bolonheses, quando da convocação em Roncaglia, em 1158, acerca das prerrogativas imperiais.

Adriano mostrou-se inflexível diante da posição e do poder do papado medieval, visto que os imperadores, segundo o costume da época, brandiam o poder através do poder papal, sendo considerados filhos do pai de toda a cristandade, pai esse que seria o próprio papa. Temporalmente, o imperador também era tido como dependente dos papas, visto que a superioridade do imperador sobre todos os demais príncipes cristãos europeus dependia da bênção e aprovação papal. Essas controvérsias continuaram durante o pontificado de Alexandre III (ver o artigo a respeito), sucessor de Adriano.

ADRIEL

No hebraico significa *rebanho de Deus*, ou *Deus é o meu socorro*. Era o nome do filho de Barzilai, que viveu no vale do Jordão, não longe do sul de Belém, a pessoa a quem Saul deu sua filha Merabe em casamento, embora originalmente ela tivesse sido prometida a Davi (ver I Sam. 18:19). Dessa união nasceram cinco filhos. Esses estavam entre os sete descendentes de Saul que Davi entregou aos gibeonitas (ver II Sam. 21:8), para vingarem-se das crueldades perpetradas por Saul contra eles. Em II Sam. 21:8, o nome *Mical* aparece como a mãe dos filhos de Adriel. Mas sabe-se que ela não teve filhos (ver II Sam. 6:23). O artigo sobre Mical inclui uma tentativa de explicação sobre esse erro aparente. (DE ND UN)

ADULÃO

No hebraico significa **refúgio**. Era uma antiga cidade cananéia. (Ver Gên. 38:1,12,20), na região plana da tribo de Judá (ver Jos. 15:35). Era uma das cidades reais dos cananeus (ver Jos. 12:15). Foi uma das aldeias fortificadas por Reoboão (ver II Crô. 11:7; Miq. 1:15), sendo mencionada após o exílio babilônico (ver Nee. 40:30 e II Mac. 12:38). Eusébio e Jerônimo afirmam que ela ficava a leste de Eleuterópolis, mas eles seguiram a Septuaginta, que a confunde com Eglom. Eram lugares diferentes com reis distintos nos dias de Josué (ver Jos. 12:12,15). Adulão era uma das cidades do vale ou da planície entre a região montanhosa de Judá e o mar Mediterrâneo. A julgar pela lista onde seu nome aparece, talvez ficasse próxima da cidade filistéia de Gate. O local é identificado com o moderno Tell esh-esheikh Madhkur, perto de Khirbet 'ele el-Ma, a meio caminho entre Laquis e Jerusalém.

A caverna de Adulão. Saindo da cidade de Gate (ver I Sam. 22:1), Davi retirou-se para uma caverna, quando fugia de Saul. Mas nenhum trecho bíblico liga essa caverna com a cidade, e nem tem sido encontrada qualquer caverna nas proximidades capaz de ocultar quatrocentos homens. É possível que a caverna de Adulão ficasse no ermo montanhoso a oeste de Judá, na direção do mar Morto, onde existem cavernas. O esconderijo de Davi ficava nessa região. Uma caverna nessa região parece mais certa, em face do fato de que Davi chamou para ali os seus pais e eles viviam em Belém. Mas alguns eruditos defendem a área perto da cidade de Adulão. Têm sido encontradas algumas cavernas a meio caminho entre Socó e Queila, a dezesseis quilômetros a noroeste de Hebrom, que poderiam ter servido como refúgio e fortaleza de Davi. Ao que parece, essa caverna não ficava distante do lugar onde Davi entrou em luta com Golias. Mas, acerca de tudo isso, não temos certeza de nada. Ver I Sam. 22:1; II Sam. 23:13-17; I Crô. 11:16-19. (FA S Z)

ADULTÉRIO

No A. Testamento. Contato sexual de uma mulher casada ou comprometida com alguém que não esteja seu marido ou noivo. Ou de um homem casado com

uma mulher que não fosse sua esposa. Todavia, o concubinato era extremamente comum no Antigo Testamento, pelo que um homem casado podia ter muitas mulheres, contanto que não fossem casadas, e se houvesse contratos apropriados, sob forma escrita, estipulando as condições segundo as quais o relacionamento deveria ocorrer. Outrossim, a poligamia era uma prática comum. A poliandria (vários maridos para uma só mulher), todavia, nunca foi reconhecida na lei e nos costumes dos judeus. Os versículos que proíbem o adultério incluem Êxo. 20:14; Lev. 18:20; Mat. 19:3-12; Gál. 5:19-21. O sétimo mandamento proíbe o adultério.

Base original da monogamia. O trecho de Mat. 19:4-8 registra as declarações de Jesus em favor da monogamia e contra o divórcio. Ele alicerçou o Seu ensino na narrativa da criação do homem. Podemos supor, pois, que, apesar da permissividade do Antigo Testamento em relação ao concubinato e à poligamia (para os homens somente, como é natural), a monogamia é o ideal espiritual.

Por que o adultério é proibido? A fim de preservar a santidade do lar (Êxo. 20:14; Deu. 5:18). Também está envolvida a questão da herança da família e a preservação da pureza tribal. Finalmente, o próprio ato era considerado um crime sério, um ato de contaminação (Lev. 18:20). Por esse motivo, era imposta a pena de morte, envolvendo a execução de ambos os culpados (Êxo. 20:14; Lev. 20:1 ss). Injunções similares podem ser achadas no código babilônico de Hamurabi (129), e, opcionalmente, na primitiva lei romana (Dion. Hal. *Antiguidades Romanas*). A pena de morte mostra que as sociedades antigas encaravam o adultério não meramente como um ato privado errado, mas que ameaçava o arcabouço do lar e da sociedade. O fato de que o homem e a mulher tornam-se *uma carne* no matrimônio (Gên. 2:24; Efé. 5:31,32) sugere uma comunicação mística de energias vitais físicas e espirituais, e isso deve acontecer somente entre duas pessoas. Quanto a notas sobre esse conceito, ver NTI na referência de Efésios. No adultério, o indivíduo é furtado de sua identidade, e a união mística de seres é perturbada, talvez assemelhando-se ao homicídio, embora certamente com menores conseqüências morais.

Severidade do Novo Testamento. Jesus transferiu a questão do adultério ao campo dos pensamentos e emoções. O homem que deseja uma mulher já se tornou culpado (Mat. 5:28). Portanto, a moralidade estrita envolve as intenções, as palavras e os pensamentos do indivíduo, e não apenas os seus atos. E assim, todos os homens e mulheres caem sob a condenação, no espírito do sétimo mandamento, e ninguém pode jactar-se de sua santidade quanto a esse preceito.

Uso metafórico. A idolatria e a infidelidade a Deus, sob qualquer forma, é adultério espiritual (Jer. 3). Paulo dá a isso um colorido cristão, pois o homem pode cometer adultério contra Cristo (I Cor. 6:9-20). O Espírito residente no crente faz de seu corpo um templo. Assim, qualquer polução do corpo é uma forma de infidelidade contra o Espírito ali residente, uma execração desse templo. Visto que o Espírito habita no crente, e entre os crentes como uma coletividade, quando um membro peca, todos os demais membros são envolvidos quanto ao resultado disso (I Cor. 5:6; 12:27; Efé. 5:28-31). A união sexual não envolve somente o que o indivíduo faz — afeta a substância daquilo que ele é (I Cor. 6:16). Todos os pecados sexuais são proibidos no Novo Testamento, e não apenas o adultério (I Cor. 6:9; Gál. 5:19).

Em outras sociedades, antigas e modernas. O código babilônico de Hamurabi (128) mostra-nos que pelo menos alguns povos antigos, além dos hebreus, encaravam desaprovadoramente o adultério. Nas sociedades grega e romana o adultério era tratado com severidade, posto que nem sempre de forma coerente. Na sociedade grega, um homem não podia ser divorciado de sua esposa, somente por esse motivo. O sexo antes do casamento era geralmente tolerado, não sendo reputado um erro grave. Nos ritos de fertilidade entre os egípcios, babilônios, gregos e romanos praticamente não havia regras, e parece que se isso fosse feito como parte de crenças e práticas religiosas, muitas coisas que não eram permissíveis na vida diária comum seriam permitidas. Essas práticas, por via de Canaã, penetraram na vida israelita (Amós 2:7 ss ; Miq. 1:7; I Reis 14:24). O homossexualismo com freqüência fazia parte dos cultos antigos.

As religiões de todos os povos consideram que os atos sexuais praticados entre pessoas não casadas são errados, exceto nas sociedades onde a poligamia continua sendo praticada. A maioria dos países europeus, bem como os Estados Unidos da América, permitem o divórcio em razão de adultério. Nesse último país, desde 1955, o adultério não está incluído no código criminal, embora continue sendo motivo comum para o divórcio. Ali ninguém é preso por causa de um romance com uma mulher que não seja sua esposa.

A lei do amor. O adultério pode ser perdoado por meio de arrependimento. Disse Jesus: «Nem eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais» (João 8:11)

Ver os artigos sobre o *divórcio*, a *fornicação*, a *monogamia*, o *matrimônio* e a *inseminação artificial*.

Comentários adicionais, considerando I Cor. 6:18.

Fugi da prostituição. Qualquer outro pecado que o homem comete, é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra o seu próprio corpo.

Não convém que enfrentemos frontalmente esse pecado, oferecendo-lhe resistência através da força da vontade. Nosso plano de batalha, nesse caso, consiste em fugir. E nessa fuga que fujamos para os braços de Cristo, desenvolvendo Nele as virtudes morais positivas (ver Gál. 5:22,23), as quais nos protegerão dessa forma de pecados. A alma remida que permanece em comunhão com Cristo, através de seu Espírito, mediante a meditação, o estudo das Escrituras, a oração, e, idealmente, mediante as experiências místicas reais, perderá seu apetite pelas concupiscências carnais.

Paulo já havia declarado algo similar, com o mesmo sentido básico, na passagem de Rom. 13:14: «*...mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e nada disponhais para a carne, no tocante às suas concupiscências*». Assim sendo, não devemos freqüentar aqueles lugares, ler aquelas coisas, ter contato com aquelas pessoas, que formariam provisões para as ações sensuais. Pelo contrário, «revistamo-nos do Senhor Jesus Cristo». Que seja ele o nosso revestimento espiritual. Que ele nos cubra e proteja com o seu sangue.

Com esses pensamentos podemos comparar o ensinamento de Jesus Cristo sobre o *adultério visual* (ver Mat. 5:28). E também podemos confrontar a admoestação e censura de Simão Pedro, que diz: «...tendo olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado, engodando almas inconstantes...» (II Ped. 2:14). Existem homens que vivem em estado permanente de concupiscência, em razão do que vivem procurando sempre alguém com quem adulte-

rar. Seus olhos percorrem a terra, procurando quem queira pecar com eles, — e a vitalidade de seus seres é desperdiçada nessa pervertida atividade. Conforme a tradução inglesa de Williams (aqui vertida para o português), os olhos dessas pessoas são «insaciáveis pelo pecado». Jamais ficam satisfeitas, sempre precisando de quem queira compartilhar de sua sensualidade. Tornaram-se escravos completos do sexo. Tais indivíduos, em vez de fugirem dessa forma de pecado, buscam situações favoráveis para o pecado, sempre fazendo coisas que provocam o seu apetite. Tais homens não passam de escravos, e somente a ajuda «vinda do alto» poderá salvá-los.

Sófocles, no diálogo de autoria de Platão, intitulado *República* (329), ao ser interrogado sobre como vinha manuseando as questões do «amor», retrucou: «Mui alegremente tenho 'escapado' do mesmo, e sinto como se tivesse escapado de um senhor louco e furioso». Sim, o sexo pervertido pode ser uma entidade assim, e feliz é aquele que consegue escapar do mesmo.

«Pecar 'contra o corpo' é defraudá-lo da parte que o mesmo tem com Cristo, é cortá-lo de seu destino eterno. Esse é o efeito da fornicação em um grau sem-par... Aquilo que o apóstolo Paulo assevera sobre a fornicação, nega a respeito de qualquer outro pecado». (Robertson e Plummer, *in loc.*).

«...*fora*...», nesse caso, é palavra que significa algo como «sem efeito sobre o destino do corpo» (novamente falando apenas em sentido relativo). Por essa razão é que Alford (*in loc.*) comenta a respeito dessa questão como segue: «A assertiva do apóstolo é estritamente veraz. O alcoolismo e a glutonaria são pecados feitos no corpo e através do corpo, sendo praticados mediante o abuso do mesmo, porém, são coisas *introduzidas de fora*, erradas em seu *efeito*, cujo efeito é dever de cada indivíduo prever e evitar. Mas a fornicação é a 'alienação daquele corpo que pertence ao Senhor, fazendo do mesmo, corpo de uma prostituta'; não é um 'efeito' sobre o corpo deles, com base na participação de coisas vindas de fora, mas antes, é uma 'contradição da verdade' do corpo, proveniente 'de dentro' de si mesmo».

É bem provável que Paulo concordaria com essa opinião de Alford. O que é inegável é que Paulo não subscreveria àquela filosofia que afirma que todos os pecados são igualmente maus, não havendo qualquer gradação de pecado. (AL IB LAN NTI RO)

ADUMIM

No hebraico significa **rochas vermelhas**, ou talvez *lugar sangrento*, um passo acerca de dez quilômetros a sudoeste de Jericó, uma rota comercial desde tempos remotos, desde o vale do Jordão, nas vizinhanças de Jericó, até à região montanhosa, incluindo Jerusalém. Fazia parte da fronteira norte de Judá (ver Jos. 15:7), sendo usada como ponto de referência no estabelecimento da localização de Gelilote, na fronteira sul de Benjamim (ver Jos. 18:17). Era um caminho perigoso por causa dos freqüentes assaltos, de cujo fator (conforme Jerônimo e outros conjecturaram) talvez se derivasse o seu nome. — O caminho era, notoriamente, perigoso, fazendo parte da cena da história do bom samaritano, em Lucas 10:30. Jerônimo informa-nos que um fortim ou guarnição era mantido nas vizinhanças, para proteger os viajantes. Atualmente há uma hospedaria, onde antes estivera o fortim, e cujo nome é Hospedaria do Bom Samaritano. O nome árabe do passo é Talat ed-Damm, que significa «subida de sangue». Mas a alusão mais provável é devido às formações de rocha vermelha, e não ao tratamento sangüinário dado aos viajantes, durante muitos séculos, naquele lugar. (FA S Z)

ADUS

Um homem cujos descendentes retornaram com Zorobabel, da Babilônia (ver I Esd. 5:34). Seu nome é omitido nas listas paralelas de Esdras 3 e Neemias 7.

ADVAITA

Esse termo sânscrito significa «não-dualismo». Era usado para referir-se a uma das idéias centrais da filosofia vedanta, de que o «eu» do homem o *atman*, bem como a alma das coisas, *bramá* (ver os artigos), são idênticos. Ver o artigo sobre a *Vedanta*. A tarefa espiritual da vida humana consiste em dissipar nossas crenças equivocadas, por estarmos separados de Bramá, ficando assim rejeitado o dualismo. Os principais representantes dessa escola são Guadapada e Shankara (ver os artigos). (P)

ADVENTISTAS

Estão em foco algumas seitas religiosas que se originaram com o movimento do advento, resultante dos ensinos de William Miller (1782-1849). Os membros desse movimento enfatizavam o segundo advento pré-milenar de Cristo e a renovação da terra como habitação dos remidos, após a ressurreição física dos mortos. Miller (ver o artigo) levava muito a sério as passagens proféticas e apocalípticas da Bíblia; e através da manipulação dos dados que aparecem no livro de Daniel, ele concluiu que o segundo advento ocorreria entre 1843 e 1844. Passou a fazer muitas conferências, começando em Dresden, NY. Anunciou a condenação iminente e um grande número de pessoas converteu-se. Assim, uma nova seita nasceu. O espírito geral de temor provocou excessos. As pessoas venderam as suas propriedades, e muitas abandonaram as atividades normais da vida diária. Periódicos passaram a ser publicados, alertando o mundo, a saber: *Clamor* de *Meia-Noite*, *Sinais dos Tempos* e *Trombeta da Alarma*. Quando as predições de Miller falharam, alguns abandonaram o movimento, mas este agora já estava firmemente estabelecido. E assim nasceu uma nova denominação.

Idéias principais. a. Aniquilamento dos ímpios. b. Sono da alma, desde a morte física ao dia do juízo. c. Criação de novos céus e de nova terra, sendo que este seria o lar dos remidos ressuscitados. d. Um milênio entre a primeira e a segunda ressurreição, onde esta última apenas assinalaria um juízo que resultaria no total aniquilamento dos perdidos. e. Não haveria conversão do mundo ao evangelho. f. Satanás continuaria assediando o trabalho dos remidos até o fim. Em outras doutrinas, são essencialmente evangélicos.

Desistência. Vários grupos adventistas desistiram de acompanhar o movimento original. Jonathan Cummings dizia que a imortalidade é um dom de Cristo dado apenas a alguns poucos, que seriam escolhidos quando da ressurreição. E organizou um movimento chamado Igreja Cristã do Advento, em Worchester, Massachussets, em 1861. Esse grupo continua sendo uma agremiação bastante numerosa, com muitas igrejas. James Bates e James White, em 1844, declararam-se a favor da observância do sétimo dia como sagrado, permitindo que somente a Bíblia fosse usada como regra de fé e prática. Em uma conferência, efetuada em Battle Creek, em Michigan, em 1860, formou-se a denominação: Adventistas do Sétimo Dia. Suas idéias básicas são as seguintes: a. As Escrituras são leis acerca de tudo. b. Adoração e descanso no sétimo dia. c. Expulsão de membros que

usam o tabaco ou qualquer outra forma de intoxicantes. d. Ênfase sobre o segundo advento de Cristo, como um retorno iminente, embora de data desconhecida. Um outro grupo separou-se sob a liderança de Elder Cranmer, em protesto a reivindicação de inspiração divina por parte de um dos membros fundadores da denominação dos Adventistas do Sétimo Dia. Esse grupo, embora menor que o anterior, continua contando com um bom número de igrejas. Seu nome é Igreja de Deus Adventista. Todavia, ainda um outro grupo se formou, chamado União de Vida e Advento, fundado em Nova Iorque, em 1863, sob a liderança de John T. Walsh, que deixou de acreditar na ressurreição dos ímpios, terminado o milênio. Pois se os ímpios serão apenas julgados, para logo serem aniquilados, por que ressuscitariam? Esse grupo tem continuado pequeno até hoje. Finalmente, temos as Igrejas de Deus em Jesus Cristo, que vieram à existência em novembro de 1888. Esse grupo defende todas as doutrinas adventistas originais. Tem sobrevivido até nossos dias com modesto número de igrejas.

ADVENTO

1. O nascimento de Jesus Cristo, a vinda do Filho de Deus a este mundo, em forma humana, na encarnação. Ver os artigos sobre *Jesus* e *Cristo*. Ver a *encarnação* e o *nascimento virginal*.

2. A segunda vinda de Cristo. Quanto a notas completas sobre o assunto ver sob esse título.

3. A observância luterana e católica-romana de quatro domingos anteriores ao Natal, como preparação para a festa da Natividade. Tais celebrações tiveram início em meados do século VI D.C., desde quando o *advento* passou a assinalar o começo do ano eclesiástico.

Essa palavra vem do latim *adventus*, que geralmente corresponde ao termo grego *parousia*, ou «vinda». Justino Mártir, em seu Diálogo contra Trifo, caps. 52 e 121, fala da primeira e da segunda *parousia*, aludindo ao nascimento e à segunda vinda de Cristo. O Novo Testamento também usa o vocábulo *epifaneia* para indicar ambos esses adventos. Quanto ao primeiro, ver II Tim. 1:10; quanto ao segundo, I Tim. 6:14. Ver os artigos sobre a *epifânia* e a *parousia*. (A B E SM Z)

ADVERSÁRIO

De modo geral, um inimigo de qualquer categoria, como em Naum 1:2, que diz: «... o Senhor toma vingança contra os seus adversários...» Especificamente, indica alguém que se opõe injustamente a outrem. Assim, Penina é intitulada adversária de Ana (ver I Sam. 1:6). No Antigo Testamento, algumas vezes, a palavra *adversário* é tradução do vocábulo que basicamente significa «amarrar» ou «esforçar-se». O trecho de Isa. 1:8, traduz a palavra que significa alguém que tem uma *causa judicial* em andamento contra outrem.

•••

Um dos nomes de Satanás (que vide). Ele é o oponente e o *acusador*, o inimigo por excelência daqueles que prestam lealdade a Deus. Ver Jó 1 e Zac. 3. Seu intuito é destruir. Grande é a cooperação que ele recebe daqueles que são destruidores. É como um leão que ruge, querendo devorar (I Ped. 5:8), e nós lhe devemos resistir (vs. 9). O termo grego usado nesse trecho é *antídikos*, usado por cinco vezes no Novo Testamento, para indicar vários tipos de adversários. A própria palavra envolve a idéia de adversário, acusador, inimigo, oponente. O acusador é o contrário do advogado, que é Cristo. Em sentido moral, a história do homem é a história de como ele tem prestado lealdade a Deus ou ao diabo, para seu benefício ou para sua perdição. Essa oposição é variegadamente pintada no Novo Testamento. Satanás primeiramente testou a Jesus (Mat. 4:10). Ele é o líder da oposição ao reino do Senhor (Mat. 12:26), e é o responsável pela queda e pelo pecado (Mat. 16:23; Atos 5:3), podendo causar enfermidades (Luc. 13:16), a fim de assediar àqueles a quem se opõe. E é o responsável pela tentação e pelas possessões demoníacas (Mat. 7:22; 12:24). A personalidade humana está sujeita às suas invasões (Juí. 6:34). A libertação vem através da resistência e da lealdade a Deus (I Ped. 5:9). (A SM W)

ADVOGADO

No grego é **parakletos**, alguém que pleiteia a causa de outrem. O vocábulo também é usado para indicar alguém que exorta, defende ou ora em favor de outrem. O título é conferido ao Espírito Santo (ver João 14:16; 15:26; 16:7) e a Cristo (ver I João 2:1). Ver também Rom. 8:34 e Heb. 7:25.

1. Essa palavra pode significar um advogado legal, que pleiteia o caso de outrem. Em Sua missão, Cristo assume essa função, e nós somos aceitos no Amado (Efé. 1:6), transformados à Sua imagem, de modo a sermos dignos dessa aceitação (Rom. 8:29. Ver o NTI e a nota geral sobre esse assunto, nessa referência). Portanto, a obra de nosso Advogado é eficaz.

2. O vocábulo também pode significar «intercessor». Ver I João 2:1 no tocante a isso e à obra do Espírito, cumprindo a mesma função. (Rom. 8:26).

3. Um ajudador. Com base em Sua morte propiciatória e em Seu poder transformador, Cristo ajuda àqueles que nEle confiam (Rom. 8:35 ss).

Etimologicamente, a palavra empregada significa «chamado para o lado de outrem», como em um tribunal, para defender uma causa, para interceder ou ajudar. Ver João 14:16,26; 15:26; 16:7, quanto a usos da palavra, no tocante ao Espírito. Ver *Paracleto*.

Uso secular. Na sociedade judaica era desconhecida a função do advogado, que defende ou pleiteia pelas causas alheias, pelo menos em sentido formal. Os romanos desenvolveram-na ao mais alto nível, embora a função já existisse entre os gregos. A lei romana regulamentava a prática e o ofício dos advogados. Nos tempos do Novo Testamento podiam ser encontrados advogados em todas as províncias romanas. Também manuseavam com negócios legais, e não apenas com julgamentos em tribunal. Os judeus empregaram um advogado para defender a causa deles contra Paulo, perante Félix, um certo Tertulo (Atos 24:1). Ali é usado o termo grego *retor*, um «orador», mas a idéia de advocacia também se faz presente no termo.

No grego, *nomikós*, «especialista na lei». O termo é usado para designar os homens eruditos na lei mosaica oral e escrita, ou nas leis civis, conforme se vê em Tito 3:3. Um sinônimo grego é *nomodidáskalos*, «mestre da lei», conforme se vê mediante a comparação das passagens de Mat. 22:35; Mar. 12:28; Luc. 5:17,21; 10:25 e 11:44-46. Cada detalhe da vida do povo de Israel era regulamentado por lei, e isso exigia que especialistas interpretassem e pusessem em vigor a lei mosaica.

Deveres dos advogados. Eles deviam estudar,

interpretar, expor e ensinar a lei, na vida privada, nas escolas e nas sinagogas. Também atuavam como juízes. Vários sinédrios ou tribunais foram formados com esse propósito, embora um único indivíduo pudesse ser convocado para atuar como juiz.

Freqüência da palavra. O termo grego aparece por dez vezes, em Mat. 22:35; Luc. 7:30; 10:25; 11:45,46,52,53; 14:3; Tito 3:9,13.

Os advogados e Jesus. Os «intérpretes da lei», conforme eles são chamados em nossa versão portuguesa, participaram ativamente na oposição a Jesus, em liga com os fariseus (ver Luc. 7:30). Jesus denunciou-os por causa dos abusos que cometiam (ver Luc. 11:45-52). Eles se opuseram às curas efetuadas por Jesus em dia de sábado (ver Luc. 14:3). Um deles tentou embaraçar Jesus com perguntas difíceis, durante a semana da paixão (ver Mat. 22:35). A resposta de Jesus exprime um magnífico sumário da doutrina cristã, em nossos deveres relativos a Deus e ao próximo: «Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas» (Mat. 22:40). (ID S UN Z)

AEDIAS

Em I Esdras 9:27, uma forma alternativa para Elias.

AENESIDEMUS

Filósofo grego do primeiro século A.C., nascido em Creta. Ensinou em Alexandria. Reviveu o *pirronismo* (ver o artigo), sistematizando os seus argumentos. Foi um cético extremista, que se opunha ao estoicismo e ao ceticismo moderado. Seus escritos, perdidos exceto em referências, foram *Discursos Pirronianos* e *Esboço do Pirronismo*.

Juntamente com Pirro (ver o artigo), ele suspendia o juízo sobre todas as coisas e promovia a *ataraxia* (tranqüilidade), como o alvo moral ideal. Desenvolveu dez modos ou *tropos*, que explicam porque os juízos devem ser suspensos. Os tropos são: a. a percepção manifesta-se de vários modos; b. diferentes classes de homens manifestam diferenças individuais; c. os informes dos sentidos diferem uns dos outros; d. um organismo tem diferentes percepções em diferentes estados; e. a variedade de posições de um objeto afeta a percepção, como também a distância; f. o meio através do qual a percepção se faz a afeta; g. diferenças nos estados de um objeto percebido afeta a percepção; h. a impossibilidade de eliminar contradições e discriminações entre a multiplicidade de fatores envolvidos no juízo; i. a freqüência ou raridade da ocorrência de qualquer dado faz uma coisa tornar-se corriqueira ou maravilhosa em nosso juízo, distorcendo a avaliação; j. diferenças de julgamento, devido a costumes, crenças e estágios de desenvolvimento das pessoas afetam o juízo. Em adição, ele argumentava contra o conceito de causalidade, afirmando que é impossível determinar o momento exato da causa-efeito, o que obscurece o conceito inteiro de causa. O resultado disso é que não temos conhecimento seguro sobre qualquer coisa, o que equivale ao *ceticismo* (ver o artigo). (AM F P)

AEON

Esse é o termo grego que significa **era**, cujo sentido indica a duração de uma vida humana ou a própria vida (Homero), ou então um período interminável, a perpetuidade do tempo, a eternidade.

Declaração geral. 1. No plural, *as eras*, a idéia é a de divisões de tempo, passados e futuros (ver Efé. 2:7 e 3:9). Por esse motivo, Deus é chamado de «Rei dos séculos» (I Tim. 1:17). 2. Dentro do uso escatológico, a era presente em contraste com a era vindoura, com as idéias enfáticas da natureza temporal do presente e da natureza eterna da era vindoura. O mal impera no mundo atual, mas Deus imperará na era vindoura. (Ver Mar. 10:30). 3. Ou então a palavra pode indicar um período indefinido de tempo, no passado ou no futuro. (Ver Luc. 1:70). A tradução «para sempre», em Lucas 1:33, transmite essa idéia. Somente o contexto pode ajudar-nos a mostrar se essa qualidade está ali em foco.

Fórmulas que expressam a idéia de eternidade, no Novo Testamento:

1. Por todas as gerações, para todo o sempre (Efé. 3:21). A eternidade é encarada como um ciclo interminável de eras, e as eras são compostas de gerações. Os homens pensam em *eras* compostas por anos, mas, neste texto, a eternidade é concebida como composta de eras — eras das eras (*aionon*).

2. *Pelas eras* (*aeon*, de novo), ou *para sempre* (ver Rom. 1:25; 9:5; II Cor. 9:9).

3. *Pelas eras das eras*, usualmente traduzida como *para todo o sempre*. (Ver Gál. 1:5; Fil. 4:10; I Tim. 1:17; II Tim. 4:18; Apo. 1:16; 4:9; 5:13; 7:12 e 10:6, etc.).

4. *Pela era das eras* (em III Esdras 4:38 e Dan. 7:18). (A AL FA NTI UN Z)

AER

No hebraico, **outro**, ou **depois**. Era descendente de Benjamim (I Crô. 7:12). É identificado com Arã (ver I Crô. 8:1) ou Airã (ver Núm. 26:38).

AESORA (ESORA)

Uma aldeia nas fronteiras da Samaria, alistada juntamente com Bete-Horom, Jericó, e outras. Não se conhece a sua localização, mas alguns a identificam com Hazor (ver Jos. 11:1,10; Juí. 4:2,17 e Nee. 11:33). (Z)

AFARSAQUITAS

O vocábulo aparece em Esd. 4:9; 5:6 e 6:6. Trata-se do nome do povo ao qual pertenciam alguns dos colonos que os assírios enviaram para a Samaria. Têm sido identificados com os paratacenes da Média, referidos pelos geógrafos gregos (ver Estrabão 11.522, xv. 732; Plínio xvi.29). A época do estabelecimento deles em Samaria foi entre 669 e 626 A.C. (FA ID S)

AFARSITAS

Aparecem em Esd. 4:9, provavelmente um povo persa, uma tribo transferida para a Samaria pelos assírios, em cerca de 464-424 A.C. (KEI)

AFECA

No hebraico, **fortaleza**. Uma cidade na região montanhosa da Judéia, perto de Bete-Tapua (Jos. 15:53). Tem sido identificada com a moderna Khirbet ed-darrame, ou Khirbet Kanaan, mas que outros estudiosos preferem considerar de localização desconhecida. (ND Z)

••• ••• •••

AFEQUE

No hebraico, **força**. Designa uma cidadela ou cidade fortificada. Quatro cidades do Antigo Testamento são assim chamadas:

1. Uma cidade no território de Aser (ver Jos. 12:18; 13:4; 19:30). Em Juí. 1:31 aparece como uma das cidades cujos habitantes, os membros da tribo de Aser, não conseguiram desapossar, pelo que esses povos habitaram entre os aseritas. Comumente é identificada com Tell Kurdaneh, acerca de dez quilômetros a suleste de Aco, ao norte de Beirute.

2. Um lugar localizado na fronteira norte do território cananeu, com os amorreus (ver Jos. 13:4). Ver o artigo sobre os *amorreus*. As referências bíblicas dizem respeito às terras que não foram ocupadas, ao norte. Com freqüência tem sido identificada com Afqa, antiga Afaca, acerca de 37 km ao norte de Beirute. Nos tempos antigos, foi o centro do culto de Astarte-Adonis.

3. Uma importante cidade, uma das diversas que havia na planície de Sarom. Seu rei foi morto por Josué, durante a conquista de Canaã (ver Jos. 12:18). Foi o lugar de onde partiram as forças filistéias que capturaram a arca e destruíram Silo, em cerca de 1050 A.C. (ver I Sam. 4:1). Foi ali, igualmente, que os filisteus reuniram suas forças, quando estavam em campanha contra Saul, o que resultou na morte dele (ver I Sam. 29:1). O lugar foi capturado na segunda campanha de Amenhotepe II, do Egito, contra as planícies de Sarom e Jezreel (em cerca de 1440 A.C.). Fez parte da província de Samaria durante o reinado de Esar-hadom (681-669 A.C.).

Posteriormente, o local foi ocupado pela cidade de *Antípatris* (ver o artigo a respeito). Tem sido identificada com a moderna Ras el-'Ain, nas cabeceiras do Nahr el-'Auga, acerca de 18 km a nordeste de Jopa.

4. Uma cidade ao norte da Transjordânia, distrito de Basã, na estrada de Damasco a Bete-Sean, atravessando o vale de Jezreel. Ficava localizada cerca de seis quilômetros a leste do mar da Galiléia. Era uma cidade forte de Bete-Sean. Foi perto dali que Ben-Hadade, o rei sírio, foi derrotado por Acabe, de Israel. Ben-Hadade fugiu para a própria cidade e pediu clemência da parte de Acabe (ver I Reis 20:26-34). Joás derrotou Ben-Hadade, filho de Hazarel, da Síria, nesse lugar, conforme predissera o moribundo Eliseu (ver II Reis 13:14-25). Tem sido identificada com Fiq ou Afiq, na cabeceira do Wadi Fiq, a leste do mar da Galiléia.(AH ID ND WRI)

AFEREMA

Um dos três distritos tirados de Samaria e adicionados à Judéia pelo rei da Síria, Demétrio Nicator (ver Josefo, *Anti.* xiii.iv.9; I Macabeus 10:38). Ficava perto de Betel, representando a forma aramaica de um lugar chamado Efraim. Nos tempos modernos, o local é identificado com et-Taiyibeh. (Z)

AFERRA

Chefe de uma família de servos de Salomão que retornou do cativeiro com Zorobabel (ver I Esdras 5:34). O nome não aparece nos paralelos de Esd. 2:57 e Nee. 7:59. (Z)

AFETOS

Tradução do termo grego **splagchnon**, «intestinos, órgãos vitais» (II Cor. 7:15; Col. 3:12), de *froneo* (pensar, mentalizar, II Cor. 7:15), e de *pathos* (sentimento, paixão, Col. 3:5; Rom. 1:26). Esses conceitos podem ter sinônimo em afetos. Os afetos podem ser distinguidos das paixões por serem menos intensos, naturais e espirituais. Nesse sentido, podem resultar da operação da lei do amor na vida, a principal de todas as virtudes (Gál. 5:22). Esses sentimentos fazem parte fundamental da consciência, juntamente com a tomada de consciência. Podem operar à parte da vontade, originando-se do instinto interior daquilo que é certo. São os mananciais da ação e fazem parte essencial da vida espiritual (Mar. 12:30,31). (A B K P SM ST)

Em sua forma nominal, «afeto» é o termo usado na psicologia racional de Spinoza para dar nome a certa variedade de sentimentos, propósitos e impulsos que nos motivam. Visto que os afetos são internos, sua influência sobre nós parece permitir um tipo de autodeterminação. Ver sobre *o livre-arbítrio*.

AFIA

No hebraico, **soprado**, isto é, **refrescado**. Um benjamita que foi um dos antepassados de Saul (ver I Sam. 9:1). (S)

ÁFIA

No grego, o sentido do nome é desconhecido. Era nome de uma mulher (ver Filemom 2), que aparece com os nomes de Arquipo e Filemom, e que provavelmente era esposa deste último (64 D.C.). Nada se sabe acerca dela, exceto aquilo que é dito nesse versículo. Mas a tradição diz que ela foi apedrejada até à morte nos dias de Nero, juntamente com Filemom e Arquipo. O dia 22 de novembro foi consagrado à sua memória, pela Igreja Grega.

O nome era comum na Ásia Menor, sendo bem possível que ela fosse nativa da Frígia, região onde estavam localizadas as cidades de Laodicéia, Hierápolis e Colossos. O evangelho chegara àquelas áreas quando Paulo estava em Éfeso. (ID NTI)

AFINIDADE (relativa ao matrimônio)

Uma afinidade é um relacionamento criado por casamento, e não por *consangüinidade* (que vide).

1. Nos tempos antigos, como no livro de Gênesis, encontramos casamentos de um homem com sua irmã ou meia-irmã, como os casos de Caim e Abel, e Abraão. A prática era comum no Egito, e a literatura antiga nos revela que era generalizada em muitas sociedades antigas.

2. *Graus de afinidade e regulamentação* (ver Lev. 18:7 ss quanto às leis judaicas sobre a questão, em um período posterior). a. Um homem não podia casar-se com a viúva de seu pai (nem com sua madrasta). b. Nem podia casar-se com a filha da esposa de seu pai, por outro marido. c. Nem com a viúva de seu tio paterno. d. Nem com a viúva de seu irmão, se este tivesse tido filhos com ela. Em caso contrário, um homem solteiro deveria casar-se com a viúva de seu irmão, a fim de gerar filhos que continuassem a família. Era a chamada lei do levirato.

3. *Em relação aos casamentos polígamos*. a. Um homem não podia casar-se com uma mulher e com sua filha, ao mesmo tempo. b. Nem podia casar-se com duas irmãs ao mesmo tempo, a fim de evitar a inevitável competição e ciúmes. Porém, o casamento com a irmã de uma esposa falecida era aceitável. (S)

AFIRMAÇÕES DE JESUS DE OXYRYNCHUS

Ver **Oxyrynchus, Afirmações de Jesus de.**

AFIRMATIVAS

Entre os judeus, a fórmula de assentimento ou afirmação era: «Você o disse»; ou então: «Você disse com razão». Tais fórmulas continuam prevalentes em alguns países orientais. Isso explica por que Jesus (ver Mat. 26:25), quando interrogado se era ou não o Cristo, o Filho de Deus, replicou: «Tu o disseste». Isso equivalia a uma afirmação em português: «Eu o sou». Não equivalia a uma negativa, como se Ele tivesse dito: «Você é que está dizendo isso; eu não estou dizendo», conforme alguns têm pensado. No Talmude encontramos muitos exemplos disso. Assim, alguém indagou: «O rabino morreu?» E a resposta foi: «Você o disse» (o que equivalia a um «sim»). (T. *Hieros. Kilaim*, xxxii.2). Essa maneira de afirmar era comum entre os gregos e os romanos, pelo que a resposta de Jesus certamente foi bem entendida. (NTI S)

AFLIÇÃO

Ver sobre **Sofrimento.**

AFO

Epíteto aplicado a Jônatas, quinto filho de Matatias (ver I Macabeus 2:5). O sentido do apelido é desconhecido, embora alguns suponham que signifique *desmantelador*, que poderia ter sido obtido pelo fato que Jônatas enganou a tribo de Jambri, que havia assassinado seu irmão, João (ver I Macabeus 9.37-41). (Z)

A FORTIORI

Expressão latina que significa «do mais forte», com o sentido de «mais ainda» ou «ainda mais certo». É um tipo de argumento em que dois casos são comparados, um menor e um maior. O argumento vai do menor ao maior. Por exemplo: Se um dono de casa dá um pão, e não uma pedra, a um estranho que bate à sua porta, *a fortiori* dará um pão a seu filho. O argumento também é usado do maior para o menor, por alguns. Por exemplo: Todos os homens são mortais, *a fortiori* Sócrates também deve ser mortal.

ÁFRICA

Um dos sete continentes. O nome não aparece na Bíblia, embora esta aluda a certas áreas que pertencem à moderna África.

1. *Antigas designações.* Os gregos chamavam esse continente de *Libya*, mas não sabemos o quanto eles conheciam da verdadeira extensão desse continente. Heródoto, no século V a.C., pensava que o mesmo estava cercado de água (*Hist.* iv.42).

2. *Antigo Testamento.* Israel preocupava-se muito com o Egito, e este fazia parte da África (ver o artigo sobre o *Egito*). Israel passou ali por muitas tribulações, mas permaneceu um terno sentimento pelo Egito, após o êxodo, pois, apesar de todas as desvantagens, o Egito fora a sua pátria. Há profecias que dizem que o Egito compartilhará com Israel do conhecimento e da adoração do Senhor (ver Isa. 19). Diversos outros povos africanos são mencionados no Antigo Testamento, como Lubim, Pute, Cuxe (Etiópia), cujas designações apontam para terras além do Egito. Há ali comentários sobre a pigmentação da pele e o tipo físico daqueles habitantes (ver Jer. 13:23; Isa. 45:14; e talvez Isa. 18:2,7). Esperava-se que os juízos divinos cairiam sobre tais povos, — e que Israel obtivesse eventualmente a supremacia sobre eles (ver Isa. 43:4; Eze. 30:4 ss ; Isa. 45:14). E também foi antecipado que tais povos terminariam recebendo os benefícios de Deus (Ver Sal. 87:4; 68:31). Alguns intérpretes pensam que a maldição de Cão (ver Gên. 9:25) foi o que fez os africanos tornarem-se negros, sujeitos à servidão a outros povos. Mas muitos eruditos modernos objetam a esse tipo de interpretação, que dá sanção bíblica aos preconceitos e aos abusos raciais.

3. *No Novo Testamento.* Jesus foi hospitaleiramente recebido na África (ver Mat. 2:13 ss.). Simão, que ajudou a transportar a cruz, era de Cirenaica, e seus filhos aparentemente eram discípulos cristãos bem conhecidos (Mar. 15:21). Judeus, egípcios e cirênios participaram do Pentecoste (ver Atos. 2:10). O eloqüente Apolo era um judeu alexandrino (ver Atos. 18:24). Alguns dos obreiros no começo da missão entre os gentios eram convertidos cirênios (ver Atos 9:20 ss). A tradição afirma que Marcos foi missionário pioneiro em Alexandria (Eusébio, *HE*, ii.16). O evangelho entrou na África mediante o eunuco (ver Atos 8:26 ss). Algumas das mais fortes igrejas cristãs encontravam-se na África do Norte e no Egito, no fim do século II D.C. (GRO NE Z)

ÁGABA

Variante de **Hagaba** (I Esdras 5:30), uma fortaleza perto de Jerusalém que Galesto, seu governador, devolveu a Aristóbulo, filho de Alexandre Janeu. (Josefo *Ant.* xii.24). (S)

ÁGABO

O termo grego tem sentido incerto, embora possa significar *gafanhoto* ou *amor*. Foi um profeta do Novo Testamento, o qual, segundo uma tradição posterior, era um dos setenta discípulos (ver Luc. 10:1), e veio a ser um dos mártires cristãos. Juntamente com outros, ele veio da Judéia para Antioquia, estando Paulo e Barnabé ali. Ágabo anunciou uma fome que se aproximava, e que ocorreu no ano seguinte (44 D.C.). Tácito *Anais* xii.43; Suetônio *Cláudio* 18, Josefo, *Ant.* XX.ii.5, v.2. Essa predição fez a igreja de Antioquia reunir uma oferta de alívio para a igreja judaica (ver Atos 11:27,28). O «mundo inteiro» da profecia, naturalmente, significa o mundo daquela área, talvez confinada à Judéia. No templo de Cláudio houve quatro severas fomes locais, sendo possível que aquela sob consideração tenha ocorrido no seu quarto ano de governo, espraiando-se pela Palestina. A rainha de Adiabene comprou trigo do Egito, para aliviar a fome (ver Josefo, *Ant.* xx.2,6). Para alívio dos cristãos, foram feitas contribuições pela igreja de Antioquia. Paulo e Barnabé foram os portadores da oferta. Muitos anos depois, esse mesmo Ágabo encontrou Paulo em Cesaréia, e avisou-o sobre os sofrimentos que o esperavam, se ele continuasse viagem a Jerusalém (ver Atos 21:11-14). Isso efetivamente ocorreu, e Paulo começou sua viagem para Roma como prisioneiro. Esse acontecimento marcou o fim da terceira viagem missionária de Paulo.

Conhecimento prévio. Estudos têm demonstrado que todas as pessoas têm essa capacidade, em maior ou menor grau. Os sonhos incluem constantemente previsões sobre o futuro. Não precisa ser um sinal nem do Espírito Santo e nem do diabo, embora possa ser de um ou de outro. Um profeta religioso, entretanto,

essencialmente é um mestre dotado de forte mensagem, que ocasionalmente pode ter uma experiência pré-cognitiva para o bem da comunidade, ou, então, para seu próprio bem, embora não seja tal experiência que faça dele um profeta. Ver os artigos sobre *profeta* e *parapsicologia*. (ND S Z)

AGAGITA

Um termo usado em Ester 3:1 e 9:24 para descrever Hamã. Talvez se tratasse de um termo geral para indicar um inimigo, ou uma figura de linguagem: o que Agague (ver o artigo) fora para Saul, Hamã foi para Mordecai, isto é, um inimigo mortal. Josefo (*Ant.* xi.6,5) explica que era um sinônimo de Amaleque (ver também Esth. iii.1,10; viii.3,5). (S)

AGAGUE

No hebraico significa **chama**, embora outros prefiram o sentido de *alto* ou *guerreiro*. Nome de dois reis dos amalequitas (embora pudesse ser um título, como era o caso dos Faraós do Egito). Ver Núm. 24:7; I Sam. 15:8,9,20,32. Agague viveu em torno de 1020 A.C. 1. A primeira das referências dá a entender que o rei dos amalequitas era um grande monarca, e que o seu povo era mais importante do que comumente se supõe. Ver o artigo sobre os *amalequitas*. 2. As últimas referências dizem respeito ao rei amalequita cuja vida foi poupada por Saulo, contrariamente ao solene voto de total destruição, por causa de sua firme resistência à entrada de Israel na região (ver Êxo. 17:10; Núm. 14:45). Samuel, ouvindo que Agague fora poupado, ordenou que ele fosse trazido e o despedaçou. Isso foi um ato de vingança, porquanto fora dito: «Assim como a tua espada desfilhou mulheres, assim desfilhada ficará tua mãe entre as mulheres» (I Sam. 15:33). Aparentemente Agague adquirira uma notoriedade infame, em seu tratamento aos prisioneiros, incluindo aqueles de Israel. (N D S)

AGAPAO, relação com PHILEO

Ver João 21:15-17.

Sim, Senhor, tu sabes que te amo. É comum, entre os intérpretes, observarem aqui que dois vocábulos diferentes, no original grego, são usados para traduzir a palavra «amar». O Senhor usou o termo grego «agapao», nas duas primeiras indagações, e o vocábulo grego «fileo» na terceira inquirição. Pedro usou sempre o termo grego «fileo», em suas três respostas. Muito se tem explorado sobre essas diferenças verbais, segundo as seguintes citações nos indicam:

«No grego é '*agapas*', amor profundo; usado com respeito ao amor divino (João 14:21), bem como sobre aquele amor exigido pela lei. No grego, o verbo 'fileo' significa 'ter simpatia'. Trata-se de um grau inferior de amor que *agapas*». (C.I. Scofield, Scofield Reference Bible, *in loc.*).

«Ele, 'Jesus' usa...a palavra que indica o amor mais elevado, intelectual, enquanto que Pedro replica com a declaração da afeição pessoal». (Ellicott, *in loc.*)

Essas citações bastam-nos para mostrar que tipos de distinção, entre essas duas palavras gregas — *agapao* e *fileo* — têm feito os intérpretes. Entretanto, e certamente de forma correta, outros intérpretes negam que haja a intenção de entendermos aqui qualquer diferença de sentido, porquanto tais palavras são meros sinônimos. Pois qualquer pessoa que se muna de uma concordância do N.T. grego e acompanhe o uso dos termos *agapao* e *fileo*, logo se convencerá de que são palavras sinônimas, e que as diferenças expostas por alguns intérpretes, são artificiais. Por exemplo, em João 13:23, o amor de Jesus por João (o discípulo a quem o Senhor amava), é expresso pelo termo «agapao». Porém, em expressão quase exata em outro trecho, o amor de Jesus por João é expresso por *fileo* (ver João 20:2). Ver também João 11:3,5,36. Nessas citações, que se referem ao amor de Jesus por Lázaro, Marta e Maria, as duas palavras são usadas alternadamente. Na realidade, na passagem que ora comentamos, essa alternância pode ser também observada, porquanto no versículo décimo sétimo, o Senhor Jesus usou *fileo*, e não *agapao*, como fizera nas duas indagações anteriores. É altamente improvável, pois, que o autor sagrado, ao registrar a presente secção, estivesse pensando em estabelecer qualquer diferença de sentido, ao usar essas duas palavras.

Confirmando a veracidade da interpretação exposta no parágrafo acima, Wilbert F. Howard (*in loc.*), tem o seguinte a dizer: «Não há necessidade alguma em se fazer *distinção* entre as duas palavras que indicam 'amar', nestes versículos, posto que 'agapao' e 'fileo' são usadas alternadamente nesse evangelho, até mesmo em um só contexto...O maneirismo joanino, que alternava sinônimos gregos, em seus escritos, mostra não ser sábio basearmos quaisquer sutilezas exegéticas sobre palavras diferentes usadas para 'apascenta' (boskein) e 'pastoreia' (poimainein), ou mesmo para 'cordeiros' e 'ovelhas'. Por conseguinte, essa regra também se aplica às duas palavras diferentes usadas para indicar 'amar'».

No que diz respeito ao verbo *fileo*, como se este indicasse um amor de qualidade inferior, segundo alguns intérpretes afirmam, fica provado que essa é uma idéia totalmente *falsa* quando se acompanha o seu uso nas páginas de N.T. Por exemplo, neste mesmo evangelho de João (5:20), *fileo* é empregado para indicar o amor do Pai pelo Filho. Diríamos, pois, que Deus Pai «tem simpatia» pelo Filho? Em João 16:27 a palavra é empregada para indicar o amor do Pai pelos discípulos de Jesus, bem como para indicar o amor dos discípulos por Jesus. No trecho de Tito 3:15, o termo é usado para indicar o amor dos santos pelo apóstolo Paulo. Essa palavra — *fileo* — é usada por vinte e cinco vezes no N.T., e não há nessas ocorrências nenhuma evidência em favor da teoria de que ela pode ser distinguida em seu sentido do verbo *agapao*, como se houvesse qualquer inferioridade daquela em relação a esta última.

Agapao é, dentre esses dois vocábulos, o mais usado no N.T., onde figura por nada menos de cento e quarenta e duas vezes em sua forma verbal e por cento e dezesseis vezes, em sua forma substantivada. Seus usos são extremamente diversos, e a própria palavra pode indicar a esfera inteira das afeições humanas, da afeição divina, da afeição dos seres humanos uns pelos outros, da afeição a Deus como ser divino, ou mesmo da afeição por objetos físicos. Em suma, *agapao* era usada no grego *koiné* mais ou menos do modo livre como empregamos modernamente a palavra *amor*, com uma grande multiplicidade de sentidos.

Por conseguinte, o argumento contra as sutilezas exegéticas que pretendem estabelecer distinções na passagem que ora comentamos, por causa de duas palavras diferentes que aqui foram usadas, para indicar *amor*, é conclusivo, podendo ser sumariado como segue:

1. O uso antigo e o desenvolvimento do vocábulo *agapao* (isto é, no grego clássico), não consubstancia a

idéia de que essa palavra seja diferente, em grau ou em categoria, do termo *fileo*; porquanto, no grego clássico, embora *fileo* ocorresse com maior freqüência, não diferia em sentido da outra palavra. Eram meros sinônimos.

2. Esse uso das duas palavras, como sinônimos, passou de modo completo para as páginas do N.T., apesar de que, no grego helenístico, ou, pelo menos no grego *koiné* utilizado no N.T., *agapao* fosse a palavra mais freqüentemente usada.

3. Ambos esses vocábulos podem expressar *todas as formas* de emoção, desde o «ter simpatia» até ao amor mais intenso.

4. O autor do quarto evangelho tendia a usar *livremente* palavras sinônimas, até mesmo numa única passagem, sem que com isso quisesse dar a entender qualquer diferença de sentido.

5. O propósito inteiro dessa seção, — que é o de demonstrar a restauração de Simão Pedro ao ofício apostólico, e, por conseguinte, a sua autoridade autêntica na igreja cristã, labora *contra* a idéia de que este texto apresenta-o como alguém que, por enquanto, tinha ainda apenas *simpatia* por Jesus, isto é, votava-lhe um afeto que, de alguma maneira, era inferior àquele que o Senhor dele esperava. Pois, nesse caso, bem poderíamos supor que Pedro não fora ainda plenamente restaurado pelo Senhor Jesus. No entanto, o autor sagrado procurava demonstrar justamente o oposto.

6. Se realmente houvesse o intuito de estabelecer uma distinção entre esses dois vocábulos, o autor sagrado dificilmente teria dito que Pedro *entristeceu-se* (ver o vs. 17), quando Jesus persistiu em suas perguntas, o que poderia indicar uma dúvida concernente à qualidade de seu amor pelo Senhor, posto ter Pedro usado uma palavra inferior para indicar *amor*, que de algum modo mostrava que esse afeto era menor que aquele que Jesus esperava de sua parte. Nesse caso, dificilmente Pedro poderia ter-se entristecido ante a pergunta insistente de Jesus. A tristeza de Pedro, bem pelo contrário, mostra que, ante a persistência de Jesus, ele usava o termo que expressava o máximo amor que ele conhecia, que envolvia tudo quanto Pedro pensava que Jesus requeria dele.

7. Finalmente, devemos observar que Jesus e Pedro não conversavam em grego (idioma em que na narrativa do episódio, foram usadas as palavras «agapao» e «fileo»), e, sim, em *aramaico*, onde tal distinção não existia. Portanto, não foram usadas palavras diferentes por Pedro e Jesus, no tocante ao «amor». Mas o autor sagrado, ao narrar o caso em grego, por força de *hábito estilístico*, empregou duas palavras sinônimas, não tencionando dar a entender que o Senhor Jesus exigia uma afeição mais elevada que o amor que Pedro lhe oferecia. (A I IB NTI RO)

AGAPE

Vem do grego **agapao**, amar; ou de **agape**, amor.

1. Usado para designar uma «festa de amor», uma refeição comum para promover a fraternidade cristã, associada à antiga prática, à Ceia do Senhor do protestantismo e à eucaristia do catolicismo romano. Comemora o sacrifício de amor realizado por Cristo e a intensa expectação por Seu retorno.

Há decisivas indicações no Novo Testamento de que o «agape» consistia em uma refeição completa, tomada antes do partir do pão e do beber do vinho. (Ver Atos 2:42-47; 20:6-12; I Cor. 11:17-34). Paulo descreve abusos de glutonaria e excesso de vinho, ou de negligência quanto aos pobres, enquanto os membros abastados da igreja se empanturravam. Tais abusos levaram à recomendação de que a refeição fosse evitada, com a passagem do tempo; e também que cada pessoa deveria tomar a sua própria refeição em casa. Essa tornou-se a regra na prática da Igreja posterior. Na maioria das denominações, a participação no pão e no vinho, em pequenas doses, passou a representar o holocausto de Cristo e a expectativa por Seu retorno. Pelos fins do século VII D.C., parece haver cessado, quase universalmente, qualquer refeição separada associada à eucaristia.

História. Alguns procuram achar a origem dessa festa nas guildas pagãs, ou nas refeições comuns dos judeus. Mas outros vêem nela um reflexo do incidente no lago de Tiberíades, onde Jesus compartilhou de Seu quebra-jejum com sete de Seus discípulos (João 21). Essa interpretação é favorecida pelo fato de que algumas pinturas, encontradas nas catacumbas, mostram grupos de sete pessoas participando de uma refeição comum. Porém, parece melhor supormos que a refeição estava ligada à páscoa, pois Jesus e Seus discípulos estavam envolvidos, quando da primeira «Ceia do Senhor». Jesus ordenou que nos amássemos mutuamente (*agape*) por ocasião da Ceia, pelo que é próprio que a idéia de comunhão e companheirismo seja vinculada à Ceia do Senhor.

A refeição original era efetuada à noitinha, tencionando promover a fraternidade e beneficiar os pobres. Pelo segundo século de nossa era, foi distinguida da eucaristia, tendo persistido até hoje como evento separado. Aparentemente Judas 12 reflete essa situação. Posteriormente, no que toca ao pão e ao vinho, cada pessoa recebia o pão abençoado das mãos do oficial residente (chamado então eulogia, e não eucaristia), e cada qual tomava e abençoava o cálice de vinho. Esses elementos foram tomados por empréstimo dos costumes judaicos. Após a oficialização do cristianismo por Roma, em 313 D.C., a festa de amor começou a perder seu caráter religioso em muitos lugares, até ser suspensa pela Igreja.

Inácio, *ad Smyrnaeos* viii.2, refere-se ao *agape*, como também o faz o *Didache* x. 1; xi.9, onde é sugerido que a refeição antecedia à eucaristia. Nos dias de Tertuliano (*Apol.* xxxix; *De Jejuniis* xvii; *De Corona Militis* iii), a festa era celebrada distintamente — da eucaristia —. É possível que Plínio tenha aludido a esse arranjo, em *Epp. x.96. Clemente* de Alexandria (Paedagogus ii.1 e *Stromata* iii.2) e Crisóstomo (*Hom.* xxvii sobre I Cor. 11:17), mencionam os dois aspectos como distintos. Crisóstomo descreve a festa de amor como «lindíssimo e benéfico hábito», porquanto favorecia o amor, era um alívio para os pobres e um disciplinamento de humildade. Festas de amor eram efetuadas nas prisões, em tempos de perseguição, — nas festas de casamento e em outros eventos significativos (Gregório Nazianzeno, *Epçp.* i.14).

Porém, a prática caiu sob abusos durante e após o século IV D.C. Agostinho menciona abusos (Confissões vi.2). Os cânones 26 e 27 do concílio de Laodicéia (363) tentaram corrigir os abusos. O terceiro concílio de Cartago (393) e o segundo concílio de Orleãs (541) proibiram banquete na Igreja. Isso se radicalizou de tal modo que o concílio de Trullan, em 692, ameaçou excomungar aqueles que efetuassem festas de amor. Depois disso, o rito desapareceu quase inteiramente, a única exceção aparecendo na Igreja oriental. Ali, persiste até os nossos dias. Tem reaparecido em algumas denominações, aqui ou acolá, no mundo ocidental. Os «quebra-jejuns paroquianos», após a

participação na eucaristia em algumas igrejas, têm restaurado os elementos essenciais do *agape*.

2. A palavra *Agape* vem de *agapao*. No grego clássico significava acolher, entreter, gostar de, amar, contentar-se com. «Agape» fala de «amor». O termo figura no Novo Testamento grego por 116 vezes, com a idéia de «amor», «caridade», «querido» e «festa de amor». A forma verbal aparece por 142 vezes no Novo Testamento, dando a entender «amar» ou «ser amado».

Fileo é um sinônimo grego. A tentativa de aplicar o *agape* ao amor divino e o *fileo* ao amor humano, fracassa totalmente, quando se acompanha esses vocábulos em uma boa concordância. Por toda parte são usados como sinônimos. Em João 21, onde as duas palavras são usadas, os pregadores têm procurado estabelecer distinção entre elas, por motivos puramente homiléticos, mas a passagem de uma para outra é apenas uma variação estilística da parte do autor sagrado. O amor divino também é descrito por *fileo*.

Eros também significa *amor*, *desejo*; e o amor religioso também pode ser indicado por essa palavra. Contudo, com freqüência está associada ao amor apaixonado. Eros era o deus do amor. Essa palavra nunca aparece no Novo Testamento.

No *eros*, o homem busca satisfação. No *agape*, Deus busca o homem, e vice-versa. O *agape* ama aos que erram, aos que não merecem amor, aos inimigos. O *eros* busca a auto-satisfação. O *agape* é a virtude suprema, pois o amor é a base de todas as virtudes (Gál. 5:22), a prova da espiritualidade (I João 4:7). Essa é a única qualidade moral que é usada como título do próprio Deus (I João 4:8). (A AM B C E FO K S Z) Ver os artigos *eucaristia* e *amor*.

AGAR —Ver **Hagar**

AGARENES

Em Bar. 3:23, uma forma de **Hagar**.

ÁGATA

No hebraico, o sentido é desconhecido. Na Sept. temos *achates*, na Vulgata Latina, *achates* pedra preciosa e ornamental, usada entre outras no peitoral do sumo sacerdote (ver Exo. 28:19; 29:12). Era uma variedade da calcedônia, similar ao jaspe. Sílica muito refinada (dióxido de sílica), com camadas distintas e alternadas principalmente de branco, azul e marrom claro. A maioria das ágatas ocorrem em cavidades nas lavas antigas, podendo ser encontradas em muitos países. As camadas sucessivas são mais ou menos paralelas às paredes da cavidade, resultantes da reação da gelatina de sílica, coagulada com água, levando sílica em solução, e reagindo com a rocha ferrosa adjacente. A formação pode assumir muitas combinações diversas, dando à pedra uma variedade quase infinita, o que explica sua grande beleza. Os trechos bíblicos onde a pedra é mencionada mostram que ela era usada para gravação. Muitas ágatas antigas gravadas podem ser encontradas em museus e coleções. (Ver Êxo. 28:19; Isa. 54:12; Eze. 26:17). As duas últimas referências envolvem um termo hebraico diferente da primeira. Talvez se trate de uma pedra diferente, possivelmente o rubi. (S UN Z)

AGÊ

No hebraico significa **fugitivo**. Era pai de Samá, um dos homens poderosos de Davi (ver II Sam. 23:11). Era hararita. (Z)

AGEU

Declaração introdutória.

O primeiro livro profético de tempos pós-exílicos foi o de Ageu, que registra quatro discursos dirigidos aos judeus que retornaram do exílio a Jerusalém, entre agosto e dezembro de 520 A.C. A comunidade, com dezoito anos de existência, estava desencorajada devido ao fracasso nas colheitas, à seca e à hostilidade das populações vizinhas, ao ponto que já se dispunha a retornar à Babilônia. Ageu repreendeu-os por terem deixado o templo semidestruído. Após terem iniciado uma pequena estrutura, Ageu falou novamente, convocando o povo para construir um edifício ainda mais glorioso que o de Salomão. Ele também queria restaurar a monarquia, tendo Zorobabel como monarca. Ageu foi diferente dos outros profetas reformadores de antes do exílio, por ser mais sacerdotal em caráter, salientando a adoração no templo e os rituais, como a chave a uma maior prosperidade.

Ageu foi um daqueles chamados de doze profetas menores, e o primeiro dentre os três que profetizaram após o retorno dos judeus do cativeiro babilônico (ver o artigo a respeito). Esses profetas são chamados *menores* não por haverem sido menos importantes do que os profetas *maiores*, mas apenas porque os volumes que escreveram são *menos volumosos*.

Esboço do conteúdo

1. Autor
2. Pano de fundo do livro
3. Data
4. Lugar de origem
5. Destino
6. Propósito
7. Canonicidade
8. Texto
9. Unidade
10. Conteúdo
11. Perspectiva teológica

1. Autor

A palavra **Ageu** parece ter-se derivado do termo hebraico que significa *festividade*, provavelmente porque seu nascimento coincidiu com uma das festas judaicas ou festividades (ver o artigo a respeito). Coisa alguma nos é informada sobre seu passado, família, genealogia, etc. Desconhecemos totalmente o lugar de seu nascimento, a época de seu nascimento, e até mesmo os principais acontecimentos de sua vida. Mas sabemos que ele começou a profetizar no segundo ano de Dario Histaspes (ver Ageu 1:1), e, juntamente com o profeta Zacarias, salientou fortemente a reiniciação da construção do templo, tendo obtido a permissão e a assistência do rei (ver Eze. 5:1 e 6:14). O povo judeu, animado por esses líderes, completou a construção no sexto ano do reinado de Dario I (520 A.C.). Podemos inferir pelas circunstâncias que Ageu era homem dotado de elevados propósitos, que exercia grande influência e era dotado de profunda espiritualidade. Presumivelmente, foi um dos exilados que retornaram a Jerusalém, embora isso não seja dito em parte alguma da Bíblia.

2. Pano de fundo do livro

A declaração introdutória fornece essa informação.

3. Data

É possível determinarmos precisamente a data

desse livro, porque as profecias teriam ocorrido durante o reinado de Dario I (522-486 A.C.). A primeira ocorreu no primeiro dia do sexto mês, no começo da atividade profética de Ageu, a saber, em agosto e setembro de 520 A.C. Então, a sua quarta profecia, sucedeu no nono dia do quarto mês, isto é, novembro e dezembro de 520 A.C., imediatamente depois que Zacarias deu início ao seu ministério.

4. Lugar de origem

Os exilados retornaram da Babilônia e estabeleceram-se na área de Jerusalém. As profecias estão associadas ao lugar do templo arruinado. Isso significa que a própria cidade de Jerusalém, ou algum lugar das proximidades, foi o lugar onde o livro foi escrito.

5. Destino

Está em questão uma área muito restrita. Em primeiro lugar, houve o encorajamento para reconstruir o templo (ver 2:1-9). Os sacerdotes foram incluídos no terceiro discurso. O encorajamento dado a Zorobabel, governador civil da Judéia, no quarto oráculo (2:20-23), alude à mesma localização geral. Todas as referências, pois, apresentam a Judéia e, especificamente, Jerusalém, como os lugares para onde as mensagens foram enviadas.

6. Propósito

O alvo era o de encorajar os desanimados repatriados a reconstruírem o templo, restabelecendo a autoridade civil e religiosa da nação, e reconhecendo a vida comunitária, após o padrão do estado judaico original. Israel não tinha por intuito ser apenas um ajuntamento de pessoas em certo lugar, para então surgir um governante que organizasse as coisas. Antes, Israel deveria ser uma teocracia e uma fraternidade, com propósito e serviço espirituais. Não bastava os israelitas serem libertados do cativeiro. A restauração geral de Israel, em todos os seus aspectos, era algo necessário. Deus os escolhera como um povo, e deles era exigido que correspondessem a essa responsabilidade.

7. Canonicidade

Esse livro foi o primeiro dos três livros proféticos pós-exílicos (Ageu, Zacarias e Malaquias). Todos esses livros tratam da questão da restauração de Israel, após o cativeiro babilônico. Desde o começo, Ageu foi um livro aceito, tendo sido contado entre os doze profetas menores. Esdras atestou a validade e a importância da profecia de Ageu (ver Esd. 5:1 e 6:14), o que sem dúvida aumentou o prestígio do livro entre o povo. Na maioria dos antigos catálogos, Ageu não é mencionado por nome, mas sempre houve a referência aos doze profetas menores, que necessariamente incluíam o seu livro. Nos tempos do N.T., temos a citação em Heb. 12:26. (Ver Ageu 2:6-8,22). Josefo chamou Ageu e Zacarias (ver *Anti.* xi.4,5, par. 557) de «os profetas». Ver o artigo geral sobre o «Cânon, Antigo Testamento».

8. Texto

De modo geral, o texto do livro está em boa ordem, como se dá com o texto massorético em geral. Ver o artigo sobre a Massora. Entretanto, há algumas corrupções em Ageu 1:7,9,10,12; 2:6,15,17. Há uma possível deslocação de texto, em Ageu 2:15-18. A Septuaginta tem uma adição em Ageu 2:9, que ajuda a reconstituir o texto hebraico.

9. Unidade

Alguns estudiosos têm dividido o livro em duas partes, escritas por dois autores distintos. Em primeiro lugar, há uma porção narrativa, não-profética; em segundo lugar, há os oráculos. O primeiro escritor poderia ter incorporado as profecias do segundo em seu livro. O fato de que as profecias foram redigidas na terceira pessoa talvez dê apoio a essa teoria. Por que o profeta não usou o «eu», ao entregar suas próprias profecias? O autor diz «o profeta Ageu», ao referir-se às profecias dadas, como se estivesse designando uma pessoa distinta de si mesma. (Ver Ageu 1:1 e 2:1,10). O autor evidentemente estava bem familiarizado com os eventos profetizados, mas isso poderia mostrar apenas que ele era um contemporâneo, e não que ele mesmo foi quem recebera as profecias. Portanto, ele pode ter sido o porta-voz da mensagem, embora não o autor da mesma. Outrossim, as profecias são resumos extremamente reticentes, e não extensas profecias, o que poderia apontar para o trabalho de um redator ou editor. Não há como solucionar a questão com qualquer grau de certeza; mas ela não se reveste de qualquer importância real. Se um autor qualquer incorporou fielmente os oráculos de um profeta em sua obra, o resultado poderia ser corretamente chamado pelo nome do profeta, e seria uma profecia genuína do mesmo.

10. Conteúdo

A. Ageu 1:1-11. Sexto mês, primeiro dia. Primeiro oráculo. É mencionada a negligência do povo. Eles não haviam construído o templo, (ver Esd. 3:4), enquanto concentravam seus esforços em suas próprias residências (ver Ageu 1:4). Os desastres por eles sofridos, a seca e a ausência de colheita eram lembretes de Deus de que eles deveriam pôr em primeiro lugar as coisas principais.

b. Ageu 2:1-9. Sétimo mês, vigésimo primeiro dia. O futuro templo seria maior que o de Salomão. Os próprios gentios contribuiriam para torná-lo assim. A profecia talvez inclua o templo de Herodes, que foi maior que o de Salomão; e espiritualmente falando, poderia referir-se ao novo templo formado por judeus e gentios, encarnado na Igreja, na era do evangelho (ver Efé. 2:17-22). Seja como for, o futuro referente ao templo e ao seu sentido espiritual é grande, e isso deveria encorajar-nos a fazer investimentos nessa realização.

c. Ageu 2:10-19. Nono mês, vigésimo quarto dia. A lei ritual nos fornece uma lição. Se um homem estivesse transportando a carne dos sacrifícios e se suas roupas tocassem em algo, a coisa tocada nem por isso tornar-se-ia santa. Mas as vestes de um homem que estivesse ritualmente impuro, contaminariam tudo aquilo em que elas tocassem. Portanto, a imundícia contamina. As ruínas do templo eram imundas, e contaminavam a nação judaica. Somente se o novo templo substituísse o antigo, mediante reconstrução, a nação poderia ficar isenta da imundícia que lhes servia de obstáculo e atraía contra eles o juízo divino. Finalmente, o reavivamento resultou no lançamento de um novo alicerce (ver Esd. 3:10), em 536 A.C. E isso foi feito segundo a filosofia do profeta.

d. Ageu 2:20-23. Nono mês, vigésimo quarto dia. Aparece uma promessa, feita a Zorobabel, de que ele seria mantido em segurança, a despeito das perturbações que agitavam o império persa.

11. Perspectiva teológica

a. A prosperidade material não serve de sinal seguro de prosperidade espiritual; mas, quando se põem as coisas principais em primeiro lugar (primeiro as coisas espirituais, e só então as materiais), isso resulta em bênçãos de todas as modalidades. Isso se coaduna à mensagem de Jesus em Mateus 6:33 (ver Ageu 1:1-11).

b. Os reveses na vida de um crente podem ser devidos a questões espirituais às quais não atende-

mos. (Ver Ageu 1:6 ss.).

c. O ritual é importante, se dele participarmos com a correta atitude espiritual. Dentro do contexto judaico, essa é uma questão importante, porque ali o ritual continuava sendo um importante indicador do destaque que se dava às questões religiosas (ver Ageu 2:12 ss.).

d. Em seu terceiro oráculo, o profeta salientou quão penetrante é o mal, ainda mais que o bem. Por esse motivo, deve ser evitado (ver Ageu 2:12 ss.).

e. Se um homem recebe de Deus uma missão, o Senhor cuidará para que ele seja protegido, até cumprir a sua missão, o que não é um pequeno consolo (ver Ageu 2:21 ss). (G I IB ID)

AGGIORNAMENTO

Palavra italiana que significa «adiamento» ou «atualização». As obras teológicas modernas, em suas discussões, usam-na com o sentido de «atualização». O Papa João XXIII usou a palavra ao expressar seu desejo de modernizar a Igreja Católica Romana. Não se deve confundir esse termo com «modernismo» (ver artigo a respeito). (C)

AGNI

Palavra sânscrita que significa «fogo». Um dos deuses mais importantes dos Vedas. Agni era deus do fogo do altar, representado pela trindade terrestre do fogo, do relâmpago e do sol. Era um deus-sacerdote, visto que as oferendas eram feitas aos deuses por meio do fogo. Também tinha funções éticas, como perdoador e castigador de pecados. Ver o artigo sobre *Deuses do fogo*. (E P)

AGNOETAE

Termo grego que significa **não-onisciente**. O nome foi aplicado a uma seita do século IV D.C., que negava a onisciência de Deus, dizendo que Ele não se lembrava do passado sem refletir, e que tinha conhecimento incerto quanto ao futuro. O líder deles foi Teofrônio de Capadócia. Uma outra seita, do século VI D.C., intitulada de monofisitas, asseverava o mesmo no tocante ao espírito humano e a Cristo. Também eram chamados temistianos, por causa do diácono Temisto, que adotou essa posição. Alguns, mesmo em tempos modernos, aceitam esse conceito no tocante a Deus, a fim de preservarem a noção do livre-arbítrio humano. Para alguns, a presciência de Deus anula a liberdade humana. Ver os artigos sobre a *presciência*, o *livre-arbítrio* e o *determinismo*. Se Deus prevê que o homem agirá livremente, então o homem assim o fará. Esse contraconceito remove o problema, do ponto de vista filosófico. (E)

AGNOSTICISMO

Vem do grego **a** (não) e **ginosko** (conhecer). O vocábulo foi cunhado por T.H. Huxley (1869), para exprimir a idéia de «crença suspensa», ou seja, o indivíduo nem crê, nem deixa de crer. Huyley usou a palavra para aplicá-la a qualquer proposição para a qual não há provas suficientes para ser crida. Entretanto, o termo é mais freqüentemente aplicado à crença sobre Deus. Nesse contexto, o agnóstico não nega que existam evidências pró ou contra Deus; porém afirma que as evidências, positivas ou negativas, não são suficientes para provar ou negar a existência de Deus. O *ateísmo* diz que existem provas negativas da existência de Deus, pelo que poderíamos ter certeza de que Ele não existe. O agnosticismo diz que há provas, negativas e positivas, embora inconclusivas. O positivismo lógico declara que não há provas negativas ou positivas, porque a questão toda está acima de nosso conhecimento, o qual só pode envolver coisas detectadas pela percepção dos sentidos, e não possuímos órgãos capazes de detectar Deus. Portanto, o ateísmo e o agnosticismo afirmam que tal conhecimento é possível, mas o positivismo lógico nega a possibilidade de tal conhecimento. Por sua vez, o teísmo afirma que o conhecimento de Deus é possível e que as evidências são positivas. Deus existe.

Raízes filosóficas. O agnosticismo tem raízes nos filósofos céticos pré-socráticos, nos sofistas, que eram oponentes de Sócrates e de Platão (450A.C.), e sobretudo nos filósofos Pirro (300-270 A.C.) e Sexto Empírico (século III D.C.). Esses filósofos levantaram questões que os modernos agnósticos têm utilizado e desenvolvido. Quanto a notas completas sobre as idéias acerca de Deus, ver o artigo *Deus, idéias concernentes a*. Ali também oferecemos as provas filosóficas da existência de Deus, sob o título *Deus, provas de Sua existência*.

O agnosticismo opõe-se tanto ao teísmo como ao ateísmo. Alguns agnósticos supõem que é impossível a obtenção de provas da existência de Deus, e que sempre será assim. Outros supõem que algum dia poderão surgir evidências nesse sentido, que até hoje não dispomos. As razões para a suspensão da fé são as seguintes: 1. O intelecto humano é incapaz de manusear problemas dessa dimensão, ou seja, sofre de uma fraqueza inerente. 2. As evidências poderiam produzir tal crença, e o homem poderia ser capaz da mesma. Mas o homem ainda não dispõe dos meios e do acúmulo de provas necessários. Kant desenvolveu o conceito da razão limitada, em sua *Crítica da Razão Pura*. Argumentava ele que o conhecimento é limitado à percepção dos sentidos, e, como é óbvio, Deus está fora do alcance de nossa percepção. Assim, Deus pode existir ou não. Nossos sentidos simplesmente são incapazes de detectá-lO. Os agnósticos do século XIX, como J.S. Mill e Leslie Stephen, aceitaram o raciocínio de Kant como válido, mas também supunham que as investigações científicas mostram a natureza precária da teologia em geral, e das provas da existência de Deus, em particular. Se o único conhecimento que podemos adquirir vem por meio dos laboratórios, então é improvável que cheguemos a afirmar a existência de Deus, a qual não está sujeita às pesquisas de laboratório.

O agnosticismo também tem sido favorecido por processos usados no seio da própria Igreja, onde os ensinos bíblicos são aceitos sem qualquer crítica — método sujeitado a ataques. Kant exerceu grande influência em certos grupos protestantes, e os teólogos começaram a basear conceitos religiosos sobre a fé e não sobre a razão ou sobre provas empíricas. O catolicismo ortodoxo continua a crer que a razão natural e as evidências empíricas na natureza podem consubstanciar evidências da existência de Deus, sem ou com a revelação. De fato, isso faz parte do dogma católico tradicional, visto que Tomás de Aquino expôs argumentos cosmológicos, etiológicos, teleológicos e contingentes em favor de provas racionais e empíricas da existência de Deus. Os documentos cristãos partem do pressuposto que Deus pode ser conhecido através da razão (Rom. 1:20), embora, não tentem qualquer prova formal. Ver Sabedoria 13, quanto a uma antiga declaração, bem como DS 2853, 3004, 3026 e 3475, dentro da teologia católica.

Argumentos contrários:

1. *Filósoficos.* Há muitos argumentos racionais e filosóficos em prol da existência de Deus, não baseados na percepção dos sentidos, válidos inteiramente à parte das investigações científicas. Ver o artigo sobre *Deus, provas de Sua existência*, e as notas em Rom. 1:20, no NTI, quanto ao desenvolvimento dessa tese. Devemos notar que um de nossos melhores argumentos positivos é o argumento moral de Kant, que ele extraiu da razão. Assim, o que Kant derrubou em sua *Crítica da Razão Pura*, restaurou em sua *Crítica da Razão Prática*.

2. *Científicos.* Quanto mais se desenvolve a ciência, mais evidente se torna que há um fantástico desígnio em todos os aspectos da existência. De fato, nada há de mais comum em toda a natureza do que suas evidências de desígnio. Ora, se há desígnio, então há um Planejador. Estamos falando aqui sobre o argumento *teleológico* em prol da existência de Deus, incluído no artigo acima mencionado. Alguns cientistas são teístas, não por motivos religiosos, mas por motivos científicos.

A *parapsicologia* (ver o artigo), uma novel e crescente ciência, serve de impressionante e compelidora evidência da existência da alma. Ora, se alma e espírito existem, não é preciso um grande salto de fé para supormos que há um Criador de espíritos.

A experiência humana da morte, investigada pelos cientistas, tem demonstrado que não há perda de consciência no processo da morte. Essas experiências são chamadas (experiências próximas da morte) EPM, ou «retorno após a morte clínica». Em outras palavras, uma pessoa, segundo todos os testes clinicamente aplicados, está morta; mas, durante esse tempo, antes de seu retorno ao corpo físico, não há perda da consciência, e muitas experiências notáveis têm lugar. Se isso é verdade, e se o homem é um ser espiritual, conforme sempre afirmaram a filosofia e a teologia, então não é necessário nenhum grande salto de fé para postular a existência do Criador das almas.

3. *Místicos.* A base de toda a fé religiosa é o *misticismo* (ver o artigo). Isto é, é possível o contato com um Ser ou seres espirituais, mais elevados do que nós. Qualquer contato dessa ordem, como no ministério do Espírito Santo, os dons do Espírito, as visões, as revelações, os sonhos, etc., são experiências místicas em sua definição mais fundamental. Apesar de haver falsas experiências místicas, como é óbvio, e de que algumas delas são inexatas quanto àquilo que transmitem, ao passo que outras são simples alucinações, há um âmago de experiências místicas sobre o qual se alicerça toda a religião; mediante esse âmago verdadeiro, são continuamente transmitidas certas verdades básicas e universais. Duas dessas comunicações principais são que a alma existe e Deus existe, embora pouco saibamos sobre a natureza de uma ou de outra.

Não se reivindica, em qualquer sentido significativo, que Deus possa ser conhecido em Sua natureza. Quando muito, sabemos coisas acerca de Suas obras. A Bíblia declara que Deus não pode ser conhecido, no tocante à Sua augusta natureza (Rom. 11:33; I Tim. 6:16). Os teólogos católicos romanos, ao defenderem a tese de que Deus pode ser conhecido por meios racionais e empíricos, admitem isso. (D 254, 428, 1782). Porém, podemos saber que Ele existe, e podemos saber algo sobre Ele mesmo, itens extremamente importantes de conhecimento para a vida de qualquer pessoa. Tal conhecimento pode ter várias origens, conforme foi sugerido acima. Ver o artigo sobre o *ceticismo*, posição aparentada do agnosticismo. (AM B C D DS E F MM P R SA)

AGNUS DEI

Significa «Cordeiro de Deus», simbolizando Jesus em Sua missão expiatória (João 1:29). Esse trecho tornou-se parte da invocação litúrgica: «Ó Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, tem misericórdia de nós», usada por ocasião da missa (ver o artigo), ou durante a Santa Comunhão. (E)

AGONIA

O termo grego **agonia** geralmente denotava uma *luta* ou *competição*, como se via nos jogos atléticos, embora também indicasse qualquer tipo de luta, angústia, agonia. No Novo Testamento, é usado somente para indicar a agonia de Jesus no jardim do Getsêmani (ver Luc. 22:44). As passagens paralelas nos fornecem maiores detalhes, embora não usem a palavra específica. (Ver Mat. 26:36-46; Mar. 14:32,42 e Heb. 5:7,8). Os evangelistas, ao usarem o vocábulo, tencionavam mostrar a intensidade da luta de Jesus. O pedido específico de Jesus foi que o *cálice* de sofrimento fosse removido, qualificando com isso o desejo expresso de que fosse feita a vontade do Pai. Esse cálice tem sido variegadamente interpretado como o sofrimento físico, como o sofrimento mental e espiritual, como a situação de Jesus, como portador de nosso pecado, envolvendo agonia espiritual. Talvez devêssemos pensar na situação como um todo, incluindo todas essas particularidades. Ver o NTI em Mat. 26:36-46, quanto a completos detalhes.

Implicações teológicas. Os teólogos têm visto corretamente na questão uma prova da humanidade de Jesus, um instrumento para combater todas as variedades de *docetismo* (ver o artigo a respeito), as negações da verdadeira humanidade de Jesus. Ver o artigo sobre *a humanidade de Cristo*. É curioso que o evangelho de João, que tão fortemente enfatiza a divindade de Cristo, tenha omitido essa cena, pois o autor sagrado sem dúvida sentia que tal pormenor debilitaria o seu propósito. Em contraste, o autor da epístola aos Hebreus mostra que os sofrimentos de Jesus foram parcialmente responsáveis por seu «aperfeiçoamento», de acordo com o que aprendeu na obediência, tornando-se um homem perfeito. O mistério do Cristo divino-humano é precisamente *isso*, um *mistério*. Porém, não solucionaremos a questão ignorando um dos lados da questão. A teologia não visa explicar todas as coisas. Caso contrário, teríamos uma teologia bem fraca, teríamos uma «explicação de crenças humanas», e não um «estudo do Ser divino». Os sistemas que buscam harmonia a qualquer preço reduzem a teologia a uma mera pesquisa do humano. Exigindo harmonia e conforto mental, podemos desferir um golpe mortal na própria teologia. (Ver NTI em Heb. 5,7,8). (A NTI S W)

AGORÁ

No grego significa **mercado, local de reuniões**, ou a própria *assembléia*. Em Atenas, o *agorá* era o centro da vida da cidade, um mercado; mas também um local de reuniões públicas. Tal como em outras cidades gregas, era o centro da vida comercial, judicial e religiosa. Normalmente era adornada com templos, estátuas, edifícios públicos, jardins; e geralmente tinha a forma de um quadrado. Muitas descobertas arqueológicas têm sido feitas no *agorá* de Atenas, efetuadas pela American School of Classical Studies, entre 1930 e 1964. Têm sido encontrados o *Tholos*, onde eram guardados os pesos e as medidas

padrões; o *Metroon*, ou depósito de arquivos; o *Bouleuterion*, ou câmara do conselho; um templo de Apolo; o templo de Hefaísto, deus da metalurgia; urnas micenas do século XIV A.C.; e muita ostraca, vasos e jóias. Paulo conhecia os *agorá* de várias cidades gregas, além daquele de Atenas. No grego era *agorá* e no latim era *forum*. No Novo Testamento, a palavra aparece em Mat. 11:16; 23:7; Mar. 6:56; 7:4; 12:38; Luc. 11:43; 20:46; Atos 16:19 e 17:17. (A FO OS SM UN)

AGORAIOS

No grego, **pertencente ao agorá** (mercado, forum). Em Atos 19:38, é aplicado aos dias onde eram efetuados julgamentos públicos no forum, e em Atos 17:5, denota indivíduos ociosos que perambulavam pelo mercado ou por outros lugares públicos, dotados de vil caráter, que pouco tinham a fazer –além de vaguear sem rumo, procurando algo em que se intrometer.

AGOSTINHO

Era descendente de cartagineses. Sua vida e carreira coincidiram com a desintegração do Império Romano do Ocidente. *Aurélio Agostinho* nasceu a 13 de novembro de 354 D.C., em Tagaste, Norte da África, atualmente Souk-Ahras, na Argélia. Era filho de Patrício, oficial romano, que continuou pagão até pouco antes de sua morte, e de Mônica, uma cristã devota. Tinha um irmão chamado Navígio, e uma irmã, Perpétua, que se tornou freira. Sua educação inicial envolveu gramática e aritmética. Odiava o idioma grego, e nunca adquiriu qualquer conhecimento completo do mesmo. Porém, conhecia profundamente a literatura latina. Sua formação e meio ambiente pagãos influenciaram adversamente a sua formação. Em cerca de 370, a leitura da obra de Cícero, *Hortensius*, causou-lhe profunda impressão e a partir de então voltou-se para a filosofia. Continuou seus estudos em Cartago, onde vivia com uma amante, que lhe deu um filho, Adeodato, em 371. Tornou-se maniqueu (ver o artigo), e foi muito ativo como membro da seita. Em 373-374, ensinou gramática em Tagaste; e então, durante nove anos, dirigiu uma escola de retórica, em Cartago. Mudou-se para Roma, onde estabeleceu uma escola similar. Então abandonou o maniqueísmo e tornou-se um cético. Um ano mais tarde, fundou uma escola em Milão.

Conversão ao cristianismo. A filosofia platônica libertou sua mente do paganismo crasso, dando-lhe razão para ter esperanças em Deus e na alma. Um amigo, Simpliciano, e a sua própria mãe, influenciaram-no profundamente no tocante à fé cristã. Finalmente, recebeu uma experiência mística, na qual lhe foi dito: «Tolle, lege» (Toma, lê), quando ele estava diante de um manuscrito do Novo Testamento, em Rom. 13:13,14. Isso lhe conferiu convicção moral, e a sua conversão foi completa.

Retornando a Tagaste, em 388 ele vendeu seu patrimônio e distribuiu o dinheiro entre os pobres, conservando consigo apenas uma casa, que transformou em uma comunidade monástica. Ele e seus amigos viviam como monges. Entre os primeiros membros do grupo estava Adeodato, seu filho, jovem de brilhante intelecto. Mas o jovem logo faleceu, com dezenove anos. Agostinho não tencionava tornar-se «padre», mas as circunstâncias e a sua própria convicção levaram-no exatamente nessa direção. Assim, em 391, foi ordenado na cidade próxima de Hipona (moderna Anaba, na Argélia). Em 395-396, foi ordenado bispo auxiliar de Hipona, e pouco depois, já era o bispo da diocese. Mostrou ser um hábil administrador, pregador, polemista, correspondente, e acima de tudo, autor, cujos escritos exerceram vasta influência em sua época, como até hoje o fazem.

Os últimos anos de sua vida foram assinalados por desastres e guerras, quando se esboroou o império romano. Em agosto de 420 (serviu como bispo pelo espaço de quarenta anos), os vândalos, que marchavam para o oeste, após terem-se apossado de Cartago, lançaram cerco a Hipona. Em meio ao assalto, a 28 de agosto de 430, morreu Agostinho, na santidade e na pobreza em que vivera por tantos anos. Os vândalos destruíram quase toda a cidade de Hipona, excetuando a catedral e a biblioteca de Agostinho, que foram deixadas intactas. De acordo com uma tradição, seu corpo repousa em Pávia, na Itália. A data de sua morte é celebrada como sua festa. Ver sobre o *Agostinianismo*.

AGOSTINHO DE CANTERBURY

Foi o apóstolo dos anglo-saxões, enviado à Inglaterra por Gregório I (ver o artigo), à testa de uma missão de quarenta monges beneditinos. Chegou em Kent em 597, converteu o rei Ebelterto e fundou a sé de Canterbury. Tornou-se seu primeiro arcebispo. Sua obra assinalou o reavivamento do interesse da Igreja pela obra missionária. Entre os celtas havia um cristianismo que se arrastara por vários séculos. Agostinho procurou entrar em acordo com os bispos celtas, mas eles recusaram-se a cooperar com a missão romana, ou a desistir de seus costumes acerca do batismo e da data da Páscoa. Por ocasião da morte de Agostinho (609), sua obra ainda não se espraiara muito; mas, após sua morte, o esforço conjunto das igrejas romana e celta converteu a Inglaterra inteira ao cristianismo, em menos de cem anos. O dia da festa de Agostinho é 26 de maio. (AM E)

AGOSTINIANISMO

Nome dado aos ensinos gerais filosófico-religiosos de Agostinho. Os escritos onde se acham essas doutrinas são os seguintes: *Sobre o Livre-Arbítrio*; *Concernente ao Mestre; Confissões; Sobre a Doutrina Cristã; Inquirições da Fé, da Esperança e do Amor; Sobre a Trindade; e A Cidade de Deus*. Em seus escritos e ensinos, Agostinho é o elo de ligação entre o pensamento grego e as especulações dos escolásticos. Foi o maior dos pais latinos da Igreja, não tendo rivais na Igreja Cristã, desde o Apóstolo Paulo, na opinião de alguns. Deu à Igreja oriental suas definições cristológicas, e à Igreja ocidental a sua vida. Nele convergem os ideais católicos e as convicções protestantes posteriores. O Santo Império Romano foi fundado sobre os seus conceitos, contidos na obra *A Cidade de Deus*, que por mil anos dominou os desenvolvimentos políticos da Idade Média.

As combinações de Agostinho. Talvez seja por demais simplista asseverar que Agostinho era um teólogo e filósofo cristão-platônico. Não há que duvidar que estava pesadamente endividado a Platão, e boa parte de sua teologia cristã foi expressa através das idéias e das terminologias platônicas. Naturalmente, ele estava fortemente escudado na Bíblia, mas Platão, corretamente manuseado, não é antibíblico.

Sua inspiração. Seu pensamento era controlado por dois pólos: Deus e a alma. Escreveu ele: «Desejo conhecer Deus e a alma. Nada mais? Nada mais!» E



Santo Agostinho — 354-430

Santo Agostinho, o elo que ligou o pensamento grego e a filosofia escolástica; pensador original e pai da igreja *por excelência;* bispo de Hippo por quarenta anos; a maior figura na Igreja desde o Apóstolo Paulo.

Agostinho deu a Igreja Oriental suas definições da cristologia e a Igreja Ocidental a sua própria vida. Nele os ideais católicos se unem com as convicções protestantes.

●●●

Procurando a Vereda Mística
O Toque Místico — A Presença de Deus



Santo Agostinho em êxtase, por B. Gozzoli.

••• •••

também: «Ó Deus, Tu és sempre o mesmo. Oxalá eu conhecesse a mim mesmo e conhecesse a Ti». (*Confissões*)

Elementos do agostinianismo:

1. *A vereda da felicidade e da salvação.* É a senda do autoconhecimento, em que o indivíduo vem a conhecer a alma e suas exigências, divinamente outorgadas, mediante a razão e as Escrituras. Essa vereda caracteriza-se pela formosura, pela verdade e pela bondade. Quando conhecemos a nós mesmos, chegamos a conhecer o criador do nosso «eu» — Deus. Nossos corações não têm descanso enquanto não encontram descanso nEle.

2. *Teísmo.* A única posição intelectualmente válida para o cristão é o *teísmo* (ver o artigo). Usando idéias platônicas, Agostinho definiu como obtemos esse conhecimento. Há uma base racional e filosófica para crermos na existência de entidades imateriais, as *idéias eternas* ou *rationes aeternas*. Essas existem na mente de Deus (ver o artigo sobre o *conceitualismo*). Naturalmente, para tanto, Agostinho também empregava conceitos bíblicos.

3. *Importância da defensibilidade filosófica.* Ele tinha fé, crendo na revelação. — Mas buscava intensa e incansavelmente uma base racional para a fé, tendo-a encontrado em Platão, em contraste com os céticos.

4. *Refutação do ceticismo.* A verdade só floresce onde se acha a fé, e o ceticismo é trevas. O ceticismo é contrário ao autoconhecimento, uma das grandes colunas-mestras de Agostinho. Ele não podia evitar a idéia da verdade. «Se duvido, estou certo da verdade que duvido. Se estou equivocado, então ao menos devo existir, para que possa ter-me equivocado». (*Si fallor, sum*). Isso, naturalmente, antecipou a famosa declaração de Descartes: «Penso. Portanto, existo». Pode ter sido a inspiração da mesma.

5. *Formosura e bondade.* Essas idéias também são inatas ao homem, não podendo ser evitadas, tal como se dá com a verdade, de modo geral. A consciência da verdade, da beleza e da bondade são juízos do homem interior, da alma. Temos consciência natural dessas coisas (ver o artigo sobre a *intuição*). Nos juízos que formamos, estão implícitas certas normas. A tomada de consciência dessas normas nos faz tomar consciência de Deus, pois Deus é o verdadeiro Bem, a verdadeira Beleza, a própria Verdade. Temos aí as *idéias* platônicas, cristianizadas. Ver o artigo sobre *formas*, as idéias platônicas.

6. *A descoberta de Deus.* Há uma vereda interior que conduz a Deus, e os elementos de verdade, beleza e bondade são nossos grandes guias. O décimo capítulo das *Confissões* de Agostinho traça essa vereda, partindo de visões e ruídos, de impressões e percepções, partindo daí para idéias destituídas de imagem. Estão envolvidas a razão e a intuição, mas o Ser que buscamos é «luz inextingüível» e «luz inteligente». Toda outra luz, toda outra inteligência derivam-se dEle. E somente através das experiências místicas, relativas a agora, e absolutas no mundo futuro da luz, realmente chegaremos a conhecer a Deus. A luz do intelecto do indivíduo encontra-se dentro da Luz, não da própria, mas daquela que tem afinidade com a dele. Essa é a vereda que conduz a Deus. Naturalmente, Agostinho também se alicerçava sobre conceitos bíblicos, e essa vereda passa pela missão de Cristo.

7. *Evidências de Deus.* Há «vestígios» de Deus na natureza. Agostinho usava o argumento teleológico sobre a existência de Deus (ver o artigo sobre esse argumento). A existência de desígnio requer a existência de um Planejador.

8. *O mal.* O mal é a privação do bem, e não uma entidade em si mesma, já que não é positivo. Assim, a cegueira é a privação de luz. O mal também se assemelha às sombras escuras de uma pintura, que não são atrativas, mas que, consideradas como um todo, contribuem para a beleza. Portanto, o mal consiste em: 1. privação; 2. falta de percepção. Essa atitude para com o mal, sem dúvida deficiente, surgiu na tentativa de explicar como o mal pode existir em um mundo governado por um Deus todo-bom e todo-poderoso. Ver o artigo sobre *o problema do mal.*

9. *Fé no cristianismo.* Agostinho reconhecia as doutrinas cristãs, aceitando a autoridade do Novo Testamento. Onde não se podia explicar ou descrever a razão, assim ele se contentava com a simples fé no dogma.

10. *A natureza de Deus.* Agostinho declarava sua crença nos atributos tradicionais de Deus (ver o artigo a respeito), como a perfeição, a eternidade, a infinitude, a simplicidade, a unidade. Deus, em Sua essência, desconhece acidentes, tendo criado o mundo do nada, conhecendo tudo, passado e futuro. Com Sua presciência, Deus vê que o homem agirá livremente, sendo isso uma garantia da liberdade humana, longe de ser um fator predestinador. Deus é a causa inabalável de tudo, o sustentador de todas as coisas. O conceito agostiniano de Deus como um ser infinito foi o padrão durante mais de mil anos, após os seus dias.

11. *Sobre as obras de Deus.* Agostinho repelia a posição de Plotino (ver sobre Plotino), de que o Universo é uma emanação de Deus. Embora Deus houvesse planejado sua criação desde a eternidade (um conceito de Sua mente), Ele o criou dentro do tempo, do nada (*ex nihilo*). As coisas materiais pertenceriam ao nível mais baixo da criação. Dentro delas, porém, Deus plantou as Suas *rationes seminales*, ou sementes da razão. Por causa dessa implantação, novas formas de vida podem continuar a surgir, uma espécie de conceito de «lei natural», que governaria a esfera inferior, sem a intervenção direta da parte de Deus.

12. *Sobre o tempo.* Há uma esfera destituída do fator tempo. A esfera eterna pertence a uma outra qualidade. A abordagem agostiniana do tempo antecipou a teoria da relatividade, embora a ideia já estivesse contida nos *particulares* de Platão (objetos deste mundo) e nas *formas* (realidades espirituais que dão origem aos particulares (ver o artigo a respeito). Seu estudo sobre o tempo é considerado a única filosofia original vazada em língua latina, embora os gregos já tivessem dito coisas semelhantes. Ele confessava a sua ignorância sobre a natureza real do tempo, embora frisasse seus aspectos psicológicos, considerando o tempo como uma distensão da alma.

13. *Sobre o conhecimento.* «Credo ut intelligam» (creio, a fim de compreender). Não há conhecimento sem fé. O ceticismo nos faz mergulhar nas trevas. Há percepção, mas esta envolve apenas verdades triviais, mundanas. Há a razão, que ultrapassa aos sentidos; e há a intuição, inerente ao homem, a qual pode definir muitas verdades. Além disso, há o contato direto com a Inteligência, Deus, por meio das experiências místicas, culminando na visão beatífica (ver o artigo a respeito), que é o ponto culminante do conhecimento. O conhecimento não consiste em mero entendimento teórico sobre algum assunto. Mas é o que sucede à alma em sua busca pelo conhecimento de Deus. Agostinho usava a Bíblia para definir artigos de fé; mas não hesitava em alegorizar trechos, quando

pensava que isso era necessário para a obtenção da verdade que ultrapassava a mera letra inadequada. Ver o artigo sobre as *alegorias*. Deus e a alma são os verdadeiros alvos do conhecimento, mas todo conhecimento reflete a mente de Deus, pelo que faz parte da teologia. A ciência conduz a Deus quando corretamente manuseada. Temos nisso a doutrina da *unidade da verdade*, um útil conceito.

14. *Sobre o homem*. O mal moral deve-se ao livre-arbítrio humano. O homem poderia desejar ser feliz, seguindo a vereda necessária para tanto (*eudemonismo*). Mas falta ao homem a visão do mundo eterno, e cada pecado é a rejeição desse mundo. Os problemas morais específicos ventilados por Agostinho foram: veracidade, autopreservação, castidade, paz e guerra. Para que haja uma guerra justa, deve haver: a. uma autoridade legítima; b. uma causa justa; c. uma correta intenção; d. todos os outros meios devem ter sido exauridos. A vontade divina, *por si mesma*, não é oposta à guerra, se essas condições forem satisfeitas. Contudo, a guerra só pode ser justificada após terem falhado todas as tentativas para conservar a paz. Se os bons soldados merecem ser elogiados, muito mais o merecem aqueles que procuram eliminar a guerra.

O homem está tão profundamente inoculado pelo pecado original, transmitido de geração em geração, que não merece ser salvo. Em Sua graça, Deus predestina alguns para a salvação, mas deixa outros receberem o que merecem (artigo sobre a *reprovação passiva*).

A temporalidade humana contrasta com a eternidade divina, e o próprio tempo é aquilatado pela alma do homem; mas Deus está acima do tempo. O homem, união de uma alma eterna com um corpo físico temporal, não tem sentido apenas na esfera terrena, mesmo que a preexistência não lhe possa ser postulada. Ver o artigo sobre a *alma*, que inclui teorias das origens.

A dupla atração. A encruzilhada de todas as questões morais é o amor. O homem tem dois amores: o amor a Deus e o amor ao próprio «eu». Todos os problemas morais têm começo no amor-próprio. Mediante o amor a Deus pode ser atingida a felicidade, porquanto nisso o homem avizinha-se do Deus eterno e chega a participar de Sua natureza, mediante a visão beatífica.

15. *Política*. Em sua obra, *A Cidade de Deus*, Agostinho produziu a primeira e maior filosofia da história. A motivação foi a captura e o saque da cidade de Roma pelos bárbaros, em 410 D.C. Visto que isso poderia provocar acusações contra os cristãos (alguns disseram que o surgimento do cristianismo correspondeu à queda de Roma), a primeira preocupação de Agostinho foi apologética; mas, à medida que escrevia, — ampliava seu tema, transformando-a em uma filosofia da história. Ali ele concebe duas cidades: Jerusalém, a cidade de Deus, que é a Igreja Católica, e Babilônia, a cidade terrena, o estado, aliás, o *estado pagão*. Tal como no homem há dois amores em choque, assim também se dá na sociedade dos homens. As sociedades humanas aproximam-se mais do amor a este mundo, ou do amor a Deus, segundo a vontade das massas. A cidade do homem está sempre sujeita à ruína, estando ali presentes todos os riscos da contingência. Mas a cidade de Deus está acima de tudo, e pode influenciar e aprimorar a cidade do homem. A cidade de Deus é superior à cidade do homem, e deveria exercer autoridade sobre ela. Daí a mescla de Igreja e estado, criando a base filosófica para muitos séculos de conflito. O estado moldado pela cidade de Deus é denominado Roma, e isso apresenta uma terceira alternativa. Visto que a cidade de Deus em seus ideais, é superior à cidade do homem. Conseqüentemente, a voz da Igreja sempre deveria ser ouvida pelas autoridades civis.

Os quatro períodos da história. 1. Paraíso, antes da queda; 2. o mundo após a queda; 3. o período da lei; 4. o período da graça, desde a vinda de Cristo, à época em que vivemos. Algumas vezes, Agostinho preferia uma divisão em sete períodos, para corresponder aos sete dias da semana.

16. *Um filho da Igreja*. O conhecimento e o uso da Bíblia por parte de Agostinho foi crescendo após sua conversão, e ele fez significativas contribuições para a teologia. Foi chamado de «o doutor da graça». Opôs-se à heresia de Pelágio (ver o artigo). A vontade de Deus depende de Deus, e somente por meio da graça divina o homem pode chegar à salvação e à perfeição. Devido ao livre-arbítrio, o homem é responsável por seus atos. Deus oferece Sua graça eficaz, mas o homem pode rejeitá-la. Deus prevê que o homem agira livremente, pelo que a previsão divina não pode determinar as escolhas humanas. Entre outros assuntos, Agostinho abordou o da encarnação, o da redenção, e o da Igreja como corpo místico de Cristo, fazendo-o com profundeza. Escreveu sobre os sacramentos e demorou-se especialmente sobre a doutrina do amor. Muito fez para mostrar a relação entre a fé e a razão, embora sempre salientando o lugar primacial da fé.

Sua influência. Agostinho tem sido chamado de «o maior doutor da Igreja». Ele influenciou, em termos decisivos, a fé e a teologia da Igreja ocidental. Através da Idade Média, mestres representativos apelavam para a sua autoridade. Pode-se ver sua influência nas obras de Anselmo, Tomás de Aquino, Alberto Magno, Pedro Lombardo, os membros das escolas franciscana e vitorina, e outros. Agostinho é estimado como um dos grandes pensadores da humanidade, dentro ou fora da Igreja. (AM B BE C E EP H OE P)

AGOURO Ver sobre **Presságio.**

AGRADECIMENTO

Tanto o verbo quanto o substantivo aparecem, quase uniformemente, no hebraico, sob a forma de uma única palavra. No grego a situação é idêntica, em cujo caso a palavra original é *euxaristéo* e seus cognatos. Digno de observação, porém, é que se a palavra grega tem o sentido usual de «agradecer», a palavra hebraica adquire força através do contexto, porquanto é mais um sinônimo de «louvar» ou «abençoar» (que vide). Geralmente, a LXX traduz o termo hebraico pelo grego *eksomologeo*, — que significa «falar juntamente» ou «louvar». Com isso pode-se comparar o uso dos termos gregos *homologéo*, «confessar», «homologar», que aparece no Novo Testamento por cerca de trinta e duas vezes, como verbo ou substantivo (para exemplificar, Mat. 10:32; João 1:20; Rom. 10:9,10; Rom. 3:5) e *anthomologéomai*, «agradecer», que aparece exclusivamente em Luc. 2:38, na boca da profetisa Ana. Os gregos também usavam a palavra *charis* «graça», com o sentido de «agradecer», conforme se vê em Luc. 6:32-34, ou com o sentido de «favor», conforme se vê em I Ped. 2:19, mas que nossa versão portuguesa traduz, respectivamente, por «recompensa» e «grato».

A palavra grega *eucharistía*, «agradecimento», tornou-se um termo técnico cristão para indicar a Ceia do Senhor. Mas isso, segundo dizem as autoridades da teologia histórica, começou somente nos escritos de Inácio e no Didache. A razão disso

talvez se encontre nas palavras de Paulo, em I Cor. 11:24, onde ele relata como o Senhor instituiu a Ceia: «...e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim». As palavras, «tendo dado graças», é tradução do verbo grego *euxaristéo*. Jesus deu graças pelo alimento. Porém alguns cristãos antigos começaram a denominar a Ceia com base nessa ação de graças, embora não haja base real para tanto. A Igreja Católica Romana, que transformou a celebração da Ceia em um «sacrifício» (com o reparo feito por seus teólogos de que se trata de um sacrifício incruento, isto é, sem a presença de sangue), insiste, apesar desse reparo, que por ocasião das palavras da consagração, proferidas pelo sacerdote, a hóstia transforma-se no corpo, no sangue, na alma e na divindade de Jesus, fazendo do ato o ponto culminante da missa, que seria o maior mistério cristão, ainda segundo esses mesmos teólogos. Incidentalmente, isso mostra-nos que a história da doutrina deve ser disciplina estudada pelo crente, a qual lhe permite perceber que todo desvio doutrinário começa com alguma pequena distorção, e que, com a passagem do tempo, vai recebendo adendos progressivamente distorcidos, até que a doutrina torna-se inteiramente diferente do que era no cristianismo primitivo. Todas as grandes verdades cristãs têm sido sujeitadas a essa distorção. Devemos tomar conhecimento de que as Escrituras prevêem desde o início, que a verdade revelada por Deus não permaneceria pura no cristianismo. Muitos haveriam até de preferir as fábulas (ver II Tim. 4:4)—em vez da verdade divina. E Paulo ajunta que isso se deve a uma operação satânica planejada, conforme se depreende de suas palavras: «Com efeito, o mistério da iniqüidade já opera...» (II Tes. 2:7). Esse mistério, uma vez devidamente desenvolvido, frutificará na carreira monstruosa do anticristo, o qual será adversário de Cristo e negará tudo quanto Ele representa. (HA ID ND)

ÁGRAFOS

Coisas não-escritas, termo usado para falar sobre as declarações de Jesus que não foram registradas nos evangelhos. Algumas delas se acham em outros trechos do Novo Testamento (Atos 20:35 e I Tes. 4:15), e outras nos evangelhos apócrifos; mas a maioria se encontra nos escritos dos primeiros pais da Igreja. Descobertas recentes têm trazido à luz certo número de declarações até agora desconhecidas de Jesus, sobretudo duas folhas de papiro encontradas em Oxyrhynchus. Tais declarações obviamente faziam parte de um número muito maior delas. Os ágrafos existentes podem ser contados na casa das centenas, mas bem poucos deles, talvez apenas vinte, dão mostras de serem genuínos.

Exemplos:

1. *No Novo Testamento*. O trecho de João 21:25 mostra que houve muitas afirmativas de Jesus que não foram registradas na Bíblia, sendo conhecidas apenas através da tradição oral. Diz Atos 20:35: ...é mister... recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: «Mais bem-aventurado é dar do que receber». O trecho de Tia. 1:12 subentende uma declaração de Jesus sobre a coroa da vida que será dada aos justos. No codex Bezae (D), em Luc. 6:4, aparece uma declaração adicional de Jesus: «No mesmo dia, contemplando alguém trabalhando no sábado, disse-lhe: Homem, se sabes o que fazes, é bendito; mas, se não sabes, és maldito e transgressor da lei».

2. *Nos primitivos escritos cristãos*. Esses existem até o século IV D.C. — Resch coligiu 74 que ele considerava genuínos, e 103 que considerava apócrifos. A maioria desses ágrafos ilustra o ensino de Jesus em um ponto ou outro, sendo difícil ou mesmo impossível julgar sua genuinidade. Jesus teria dito: «Aquele que está perto de mim está perto do fogo; e aquele que está longe de mim está longe do reino». E também: «Aquele que é fraco será salvo por aquele que é forte».

3. A *Logia*, ou Declarações do Senhor, encontradas em manuscritos descobertos em Oxyrhynchus, a 274 km ao sul do Cairo, no Egito, por B.F. Grenfell e Arthur S. Hunt, em 1896. a. Logion 1: «...e então verás claramente para tirar o argueiro que está no olho de teu irmão». b. Logion 2: «Disse Jesus: Se não jejuardes para o mundo, de modo algum encontrareis o reino de Deus, e se não guardardes o sábado, não vereis o Pai». c. Logion 3: «Jesus disse: Estive no mundo e encontrei todos os homens embriagados, e nenhum deles estava com sede. E minha alma se entristece com os filhos dos homens, porque estão cegos em seus corações». d. Logion 4: Indecifrável. e. Logion 5. «Disse Jesus: Onde houver... e há um...somente, e estou com ele. Erguei a pedra, e ali me encontrareis, parti a lenha, e ali estou eu». f. Logion 6. «Jesus disse: «Um profeta não é aceitável em seu próprio país, e nem um médico cura àqueles que o conhecem». g. Logion 7: «Jesus disse: Uma cidade edificada no alto de uma elevada colina fica firme, e não pode cair e nem ser escondida». h. Logion 8: Indecifrável.

AGRAMATOS

No grego significa **analfabeto, sem escolaridade**. No trecho de Atos 14:13 é aplicado pelos líderes judeus a Pedro e a João; em João 7:15 é aplicado a Jesus. Apesar desse termo poder significar absolutamente analfabeto, nesses dois casos era uma observação descaridosa sobre as realizações acadêmicas desses homens. É provável que os judeus quisessem dizer que aqueles cristãos e o próprio Jesus não tinham educação suficiente para conhecer bem a lei, pelo que não se deveria confiar neles quanto a questões religiosas, pois certamente não eram autoridades religiosas que deveriam ser seguidas. (A S)

AGRICULTOR

Vários nomes são dados na Bíblia ao indivíduo que trabalhava no solo, ou que se ocupava das lides próprias do campo: agricultor, viticultor, lavrador, jardineiro, etc. (Ver João 15:1 e Mat. 21:33 ss). O termo hebraico *ikkar* (na LXX, *georgós*) era usado para indicar quem cultivava o solo e colhesse o fruto da terra. (Ver Jer. 14:4). Ele é chamado «lavrador» em Jer. 51:23 e em Amós 5:16. No Novo Testamento, o termo grego *georgós* é usado para indicar a mesma profissão (ver II Tim. 2:6 e Tia. 5:7). Jesus contou uma parábola que envolvia lavradores, em Mat. 21:33 ss e paralelos, pois era atividade bem conhecida, a fim de indicar os que labutam no reino de Deus.

Uso metafórico. Os obreiros do evangelho são co-lavradores, que procuram obter uma respeitável produção no campo espiritual (ver I Cor. 3:6 ss). A propagação e cultivo da mensagem espiritual assemelha-se ao trabalho dos semeadores (Mat. 13:3), conforme se vê nas parábolas relativas à semeadura. O abuso no trabalho espiritual é ilustrado na parábola dos lavradores maus (ver Mat. 21:33 ss; Mar. 12:1 ss; Luc. 20:9 ss). O homem que aguarda com paciência a concretização dos propósitos de Deus,

especialmente a vinda de Cristo ou «parousia» (ver o artigo a respeito), assemelha-se ao lavrador que planta e espera pacientemente o tempo da colheita (ver Tia. 5:7,8). O lavrador que trabalha arduamente tem o direito de compartilhar do fruto de seu labor; e outro tanto se dá no caso do obreiro espiritual. Este último não perderá a sua recompensa (ver II Tim. 2:6). Todos os aspectos de nossa vida e bem-estar espirituais resultam de nossa união com a vinha, na qualidade de ramos (João 15). Quanto a detalhes sobre esses assuntos, ver a exposição no NTI. (ID NTI Z)

AGRICULTURA

A arqueologia tem demonstrado que a Palestina foi uma das primeiras áreas agrícolas de que se tem notícia. Desde cerca de 7500 A.C. há evidências de uma agricultura razoavelmente boa ali. O vale do Jordão, com seus tributários e as áreas adjacentes, eram áreas intensamente cultivadas. A agricultura de Israel estava intimamente relacionada aos antigos povos do Médio Oriente. Plantavam-se mais cereais, comuns no crescente fértil. E também havia animais domésticos, leite e lã.

1. *Antes do dilúvio*. A história primitiva de Caim e Abel (ver Gên. 4:2,3), mostra que desde o começo do relato bíblico, a agricultura foi uma atividade básica. Porém, acerca do tempo antes do dilúvio, pouquíssimo se sabe sobre a questão. Há evidências de que Noé e seus filhos ocupavam-se em atividades agrícolas (ver Gên. 9:20), e descobertas feitas em Canaã mostram que até onde nossa história pode recuar, aquela região do mundo já era cultivada.

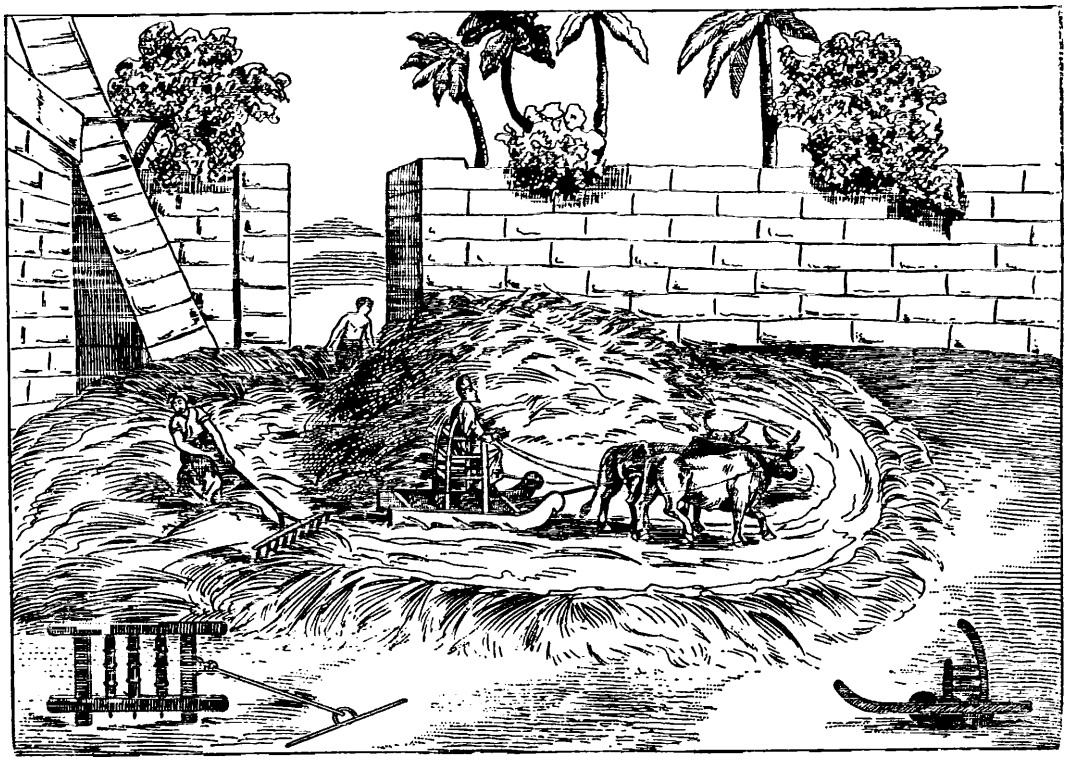
2. *No Egito*. O Egito era um país agrícola, enquanto que os hebreus eram essencialmente pastores. As primeiras lições de agricultura os hebreus aprenderam dos egípcios.

3. *Ao entrarem na terra prometida*. Israel invadiu uma terra já cultivada, e continuou a prática, após ter-se apossado dela.

4. *Evidências extrabíblicas*. A maioria dos arqueólogos, antropólogos e estudiosos da pré-história acredita que a princípio o homem foi caçador, recolhendo alimentos naturalmente supridos pela terra, sem qualquer cultivo humano. Esses estudiosos afirmam que há cerca de dez mil anos (8000 A.C.) o homem começou a plantar e a criar, no que se chama de Idade Neolítica. Mas outros eruditos crêem que a agricultura foi a principal ocupação humana desde o princípio. Outros expõem seus argumentos e escassas descobertas em favor da idéia do homem como caçador, como pastor e então como agricultor. O fato de que não se chega a um acordo sobre a questão, mostra que nenhum dos lados conta com provas conclusivas. Os fatos são muito escassos em relação aos primeiros séculos da história humana. Também é possível que em algumas áreas primeiro tenha havido a agricultura, e que em outras tenha havido primeiro a caça ou a criação de gado. Seja como for, assim que começamos a examinar os registros bíblicos, vemos a agricultura desde o começo. Temos de considerar ainda a questão das civilizações pré-bíblicas, se nossa raça atual é um acontecimento comparativamente recente, ao mesmo tempo o passado remoto esconde de nós muitas e talvez grandes civilizações pré-bíblicas. Há evidências de mais de quatrocentos grandes cataclismos, como o dilúvio de Noé, provocados pela mudança de posição dos pólos, com a conseqüente destruição de quase tudo que havia na superfície da terra. O registro referente a Adão, assim sendo, falaria sobre o penúltimo cataclismo universal. E a história do dilúvio aparentemente é um registro da última vez em que um desses grandes cataclismos teve lugar. Mas, que dizer sobre os outros quatrocentos episódios? Parece seguro afirmar que nossa história é apenas uma *história moderna*, em comparação com as imensas eras em que criaturas similares ao homem viveram sobre a terra. Portanto, em termos absolutos, é muito dúbio o debate sobre o princípio do homem, se como agricultor, como caçador ou como pastor, e qual era a ordem dessas atividades. No Oriente (vale do Eufrates) sob certo tipo de terreno, foi encontrada uma camada de *vidro verde*. Que estranho! Pois o vidro é manufaturado pelo homem, e não um produto natural. Também lembramo-nos que nos desertos da porção ocidental dos Estados Unidos da América, onde foram efetuados os primeiros testes atômicos acima do solo, na área de uma das explosões apareceu uma camada de vidro verde, criado sobre a superfície da areia. E então os homens descobriram outras tais camadas de vidro verde em lugares tão distantes, no tempo e no espaço, da moderna nação norte-americana! Pense sobre isso, irmão! Alguns eruditos bíblicos crêem em raças pré-adâmicas, supondo que todas elas perderam-se entre Gên. 1:1 e Gên. 1:2, e que a nova raça humana, encabeçada por Adão, é uma ocorrência recente, uma autêntica história moderna. Cabe confessarmos que conhecemos muito pouco. Nosso conhecimento é parcial e localizado, e grandes mistérios envolvem nossa existência. Os homens gostam de conhecer superficialmente as coisas, impondo ridículas restrições sobre como e o quê pode ser sabido. Destarte eles se sentem mentalmente tranqüilos, com um falso senso de sabedoria. Porém, os limites que eles estabelecem são apenas os limites de suas próprias mentes, e não os limites da verdade.

5. *As estações do ano*. As estações e as condições de clima são questões fundamentais para a agricultura. Na Palestina, as variações de chuva e de luz solar confinam-se à porção final do outono e ao inverno. No resto do ano o céu fica praticamente sem nuvens, e a chuva é muito rara. As chuvas de outono usualmente começam perto do fim de outubro, no começo de novembro. As chuvas continuam durante os meses de novembro e dezembro. Continuam caindo algumas chuvas até março, mas, depois disso, a chuva é muito rara. O inverno não é rigoroso, pelo que as atividades agrícolas nunca cessam completamente. A neve cai nos lugares mais elevados, ou mesmo em lugares mais baixos, embora não fique muito tempo na superfície. Nas planícies e nos vales o calor do verão é opressivo, mas não nos lugares mais elevados. No outono, os poços estão quase vazios, e o terreno fica estorricado, excetuando áreas artificialmente irrigadas. A colheita da cevada se faz pouco antes da do trigo, que se faz no começo de maio, embora em alguns lugares se faça no fim de maio. A colheita da uva se faz em setembro, embora as primícias das uvas já estejam maduras em julho. Os métodos modernos têm modificado muitas coisas, mas o que dizemos aqui representa condições que prevalecem até hoje.

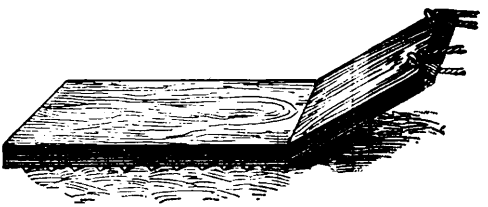
6. *O solo e seu uso*. Trechos do solo eram marcados, divididos para plantios específicos (ver I Sam. 14:14 e Isa. 28:25), cercados e protegidos dos animais (ver Isa. 5:5 e Núm. 22:24). O solo era fertilizado com estrume (ver II Reis 9:30 e Sal. 83:10). Carcaças e sangue de animais, como também sal para promover a putrefação da escória, eram usados (ver II Reis 9:37; Sal. 83:10; Mat. 5:13; Luc. 14:34,35). O solo podia ser enriquecido com cinzas (ver Isa. 61:3). Eram feitos terraços para conservar espaço e impedir a erosão do solo. Ele era quebrado, por animais, de maneira crua. Atrás vinham



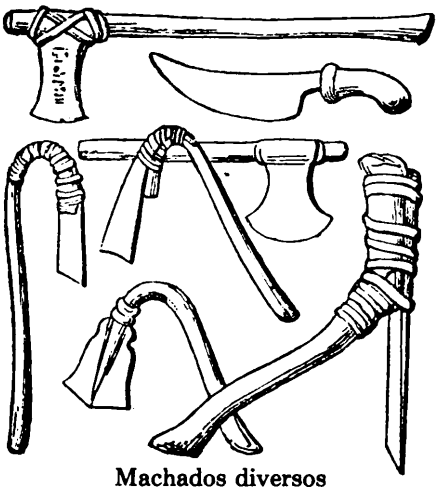
Debulhando os grãos



Mulheres debulhando



Debulhador



Machados diversos



Machado egípcio



Machado assírio



Foices



Metáforas Agriculturais

Ver o artigo sobre *Agricultura, Metáfora de.*

O fruto do Espírito é amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. (Gàl. 5:22)

••• ••• •••

...eis que semeio em ti a minha lei, e ela produzirá fruto, e serei glorificado nela para sempre. (IV Esdras)

...a palavra do reino...o que lhes foi semeado no coração. (Mat. 13:19)

Se as primícias são santas, também a massa o é; se a raiz é santa, também os ramos o são. (Rom. 11:16)

••• •••



Garfo

homens com enxadas para quebrar ainda mais os torrões (ver Isa. 28:24). Em seguida era plantada a semente.

7. *As espécies*. As principais colheitas eram a do trigo e a do centeio. O milho era *desconhecido* na Palestina. Outras colheitas incluíam a espelta, painço, a lentilha, o linho, o pepino, o melão, o feijão, o cominho e o funcho. Desconhecia-se o feno e a cevada com palha moída era dada como alimento aos animais (ver Gên. 24:25,32; Juí. 19:10 ss). A semeadura começava após a festa dos Tabernáculos (fim de outubro ou começo de novembro), quando as chuvas de outono estavam chegando. Os frutos do verão (painço, feijões, etc.), eram plantados em janeiro e fevereiro. A colheita da cevada dava início à colheita do ano (ver II Sam. 21:9), cerca de duas semanas antes da colheita do trigo. As lentilhas eram colhidas mais ou menos no tempo da cevada. O linho e o algodão (ver I Crô. 4:21) aparentemente eram cultivados. Linho e lã podiam ser encontrados em todas as casas (ver Osé. 2:9 e Pro. 31:13).

8. *Semeadura*. As pinturas egípcias mostram que o semeador acompanhava o arado e lançava a semente. Ele levava uma cesta com a semente. Também havia o método em que a semente era espalhada frouxamente por sobre a superfície da terra (ver Mat. 13:3-8). Sempre que as condições o permitiam, a semeadura era feita sem se passar antes o arado (ver Deu. 11:10).

9. *A colheita*. Conforme já dissemos, a cevada, as lentilhas e então o trigo, eram colhidos desde o começo de maio até o fim de junho. A colheita era assinalada por muita celebração e ação de graças. O cereal era cortado com a foice (ver Deu. 16:9), embora também existisse o método de puxar a planta com suas raízes. Quando cortado, o cereal era arrumado em feixes e colocado em montões (Can. 7:2 e Rute 3:7). Havia eiras para a separação entre o grão e a palha. Usualmente as eiras eram em algum terreno elevado, de chão bem batido. Faziam passar bois por sobre os grãos para quebrar as cascas com seus cascos (ver Osé. 10:1). Pequenos vagões com rodas cilíndricas baixas também eram usados (ver Isa. 28:27; 41:15). O peneiramento era feito com uma pá larga ou com um tridente de madeira, com os dentes curvos. A massa da palha era lançada no ar, o vento soprava a palha e o grão caía no chão.

10. *Leis*. Ver o artigo sobre *lei agrária*. Além das que já foram mencionadas ali, havia também o descanso sabático (ver Lev. 19:3). O solo era deixado sem cultivo durante os anos sabáticos e de jubileu (ver Lev. 25:3 ss e 25:11). Um boi e um jumento não podiam ser postos na mesma canga (ver Deu. 22:10), pois um era considerado animal limpo e o outro era considerado imundo, pela lei cerimonial. Sementes de diferentes espécies também não podiam ser misturadas (ver Lev. 19:19 e Deu. 22:9). Não podia ser usada a semente que tivesse se umedecido com a carcaça de um animal imundo (ver Lev. 11:37,38). As extremidades de um campo semeado não podiam ser colhidas, deixando para os pobres virem respigar (ver Lev. 19:9; Deu. 24:19). Uma pessoa que passasse pelo caminho em meio a um campo plantado podia colher espigas (ver Mat. 12:1 e Luc. 61:1). As primícias de todos os tipos de plantio pertenciam a Deus, doador da produção da terra, para sustento da tribo sacerdotal. O fruto dos pomares não podia ser usado durante os três primeiros anos de produção; o quarto ano era doado a Deus; somente do quinto ano em diante pertencia aos homens (ver Lev. 19:23).

11. *A metáfora agrícola*. (Ver o artigo separado intitulado, — *Agricultura, Metáfora de*). Essa atividade natural prestava-se a diversas aplicações espirituais, como aquelas empregadas nas Escrituras e nos escritos dos filósofos morais. (G I IB S TCH UN WI WRI Z)

AGRICULTURA, METÁFORA DE

I. A Palavra Implantada

O termo «palavra», tal como em Tiago 1:21 indica o *evangelho*. Essa questão pode ser entendida de diversos modos:

1. Deus *enxerta* a sua palavra (a mensagem concernente a Cristo) em nossas almas. Essa planta lança raízes e se propaga rapidamente. Ao espalhar-se, cativa o ser inteiro, de maneira que a alma é transformada em consonância com a natureza do organismo nela enxertado. Isso pode ser confrontado com o trecho de Mat. 13:19, que diz: «...a palavra do reino... o que lhes foi semeado no coração...» A vida está envolvida em tudo isso; de fato uma *modalidade de vida*. Deus nos confere a natureza divina de seu Filho, com todos os atributos pertinentes (ver Col. 2:10), porquanto é a sua vida que se propaga em nós e que, finalmente, nos transforma, em cada célula de nosso ser, em células semelhantes às dele mesmo.

2. Outros supõem que o cultivo de um campo plantado, está em mira na parábola do semeador, no décimo terceiro capítulo de Mateus. Essa é uma idéia menos provável, no que concerne ao texto presente, mas a mensagem por ela exposta não difere em muito daquela.

3. Seja como for, a palavra *implantada* ou a palavra *enxertada*, é indicação de que o evangelho de Cristo se apossa de nosso ser inteiro, formando em nós uma nova modalidade de vida. Por conseguinte, pode ser dito com plena sinceridade: «Porquanto, para mim o viver é Cristo...» (Fil. 1:21); e também que a vida que agora floresce em mim não é minha própria, mas «Cristo vive em mim» (Gál. 2:20). Bem-aventurado é o homem cuja espiritualidade chegou a essa condição!

II. Poderoso para Salvar

Ver Tiago 1:21. A Palavra, como uma expressão do Espírito, em seu poder regenerador, é capaz de levar à perfeição a obra da salvação. (Comparar isso com Heb. 4:12, onde se lê acerca da Palavra como «...viva e eficaz...» Quanto à própria «salvação», ver Heb. 2:3). Essa obra de salvação pode ser realizada porque é feita pelo poder divino, que opera através do evangelho de Cristo, o qual anuncia esse poder aos homens. Assim também, em Rom. 1:16, vê-se que o evangelho é o «poder de Deus para a salvação», embora somente para aqueles que crêem. O próprio Cristo é a Palavra personalizada (ver João 1:1).

Ver o artigo sobre a *Alma*. Ver sobre *Imortalidade*.

O livro de IV *Esdras* diz: «...eis que semeio em ti a minha lei, e ela produzirá fruto, e serei glorificado nela para sempre...» (Ver declaração um tanto similar em IV *Esdras* 8:6; Deut. 30:11-14; Mar. 4:20 e Luc. 8:13). Pensando que o autor sagrado se escudara em tais conceitos do A.T., alguns intérpretes supõem que o termo *Palavra*, usado em Tiago 1:21, é «a lei sob trajos cristãos», ou seja, a «verdade acumulada de Deus», atingida na dispensação cristã. Porém, conforme é esclarecido em Tiago 1:18, o «evangelho» é que está aqui em foco.

III. Gál. 5:22,23. Os frutos ou virtudes espirituais e éticas, são uma cultivação do Espírito Santo. Eles são as características espirituais da pessoa. Ver o artigo sobre *O Fruto do Espírito*. (AL I IB NTI)

AGRIPA
Ver Herodes.

AGRIPA

Filósofo grego dos séculos II ou III D.C. Era cético do estilo de Aenesidemus (ver o artigo). Apresentou cinco tropos ou modos, para mostrar por qual motivo não podemos ter qualquer conhecimento seguro (ver sobre o *ceticismo*). Seus tropos são: 1. Não há como determinar quais filósofos (se é que os há) estão certos em sua abordagem do conhecimento, se através dos sentidos, da razão, ou de uma combinação de ambos. 2. Cada prova requer premissas que repousam sobre outras, em um regresso infinito, o que é fatal para o conhecimento certo. 3. Todos os informes são relativos, quer venham dos sentidos, quer venham da razão, pelo que nunca podemos saber algo por si mesmo. 4. A fim de fazer estacar um regresso infinito de premissas, temos de postular uma *hipótese*, a alegada verdade a qual é aceita sem provas. Portanto, a suposta verdade repousa, finalmente, sobre a fé. Se uma hipótese não for provada, como as premissas podem ser levadas a sério? 5. Há um círculo vicioso na tentativa de estabelecer pela razão o que é sensível, visto que a própria razão precisa apoiar-se sobre os sentidos. (P)

AGRIPA VON NETTESHEIM, Henrique Cornélio

Filósofo e cabalista alemão (ver o artigo sobre a *Cabala*), 1486-1535. Estudou em Colônia, serviu a quatro chefes de estado, incluindo Carlos V, e por algum tempo foi o médico da rainha-mãe de Francisco I. Conferenciou em universidades, publicou várias obras controvertidas e promoveu a erudição cabalista. Porém, sua obra principal rebate essa erudição, as ciências e as artes, advogando o retorno ao cristianismo primitivo e à devoção às Escrituras. Escritos: *Sobre a Filosofia Oculta*, 1531; *Sobre a Incerteza e a Vaidade das Ciências e das Artes*, 1530. (P)

ÁGUA

1. Considerações Gerais. Tanto no hebraico como no grego temos a considerar apenas uma palavra. No grego é *údor*, um líquido composto de hidrogênio e oxigênio (H2 0), convertível em vapor d'água quando aquecido convenientemente, ou em gelo, se sua temperatura cair a 0° centígrados ou menos. A maior parte da água existente deriva-se diretamente dos oceanos. Mediante evaporação, condensa-se sob a forma de nuvens e precipita-se como chuva, neve, cerração, etc., caindo sobre a superfície do solo, onde origina rios, lagos ou águas subterrâneas (lençóis freáticos). Essas águas subterrâneas reaparecem na superfície como fontes, ou então retornam ao mar.

Naturalmente, a água potável arrasta consigo várias impurezas, em variegados graus. No processo da evaporação, os sais dissolvidos nas águas oceânicas são deixados para trás, mas a água da chuva adquire traços de sais de amônia e de vários gases do ar. Nas regiões montanhosas, a água dos rios e lagos é relativamente pura, — mas à medida que a água avança ela vai dissolvendo sais e apanhando minerais ou matéria vegetal em pequenas quantidades. Quando uma corrente de água termina em algum lago fechado, como é o caso do mar Morto, a proporção de sais vai aumentando progressivamente, conforme ocorre a evaporação. As águas subterrâneas, por serem filtradas pelas rochas, geralmente são claras e limpas de matéria em suspensão. Por outro lado, em sua passagem pelas camadas rochosas, essas águas podem conter quantidades consideráveis de sais minerais, particularmente nas regiões de pedra calcária, onde se formam soluções próprias de cavernas (vide). — Alguns sais minerais, particularmente os sais de magnésio, tornam a água imprópria para o consumo humano ou dos animais. Na maioria dos casos, tais águas têm um gosto amargo. Mas outras águas subterrâneas contêm bem pouca matéria dissolvida (ver Tia. 3:12).

Visto que a água é essencial para a existência humana, bem como para os animais e as plantas (ver Isa. 1:30; 55:10), as antigas civilizações desenvolviam-se em lugares onde havia chuva suficiente para servir aos animais e às plantas, bem como aos seres humanos; ou onde havia rios como o Eufrates, o Tigre e o Nilo, que eram rios perenes. Quando os homens concentravam-se em áreas distantes dos rios, eles dependiam muito da água subterrânea disponível, em cujo caso as fontes naturais (cf. Deu. 8:7), que davam origem a correntes e riachos, eram importantes (cf. Gên. 26:18) e até mesmo vitais para os criadores de gado. Cidades como Jerusalém e Jericó precisavam de suprimento suficiente de água, como uma das principais considerações, inclusive para efeito de defesa. Jerusalém, que a Bíblia descreve como a mais significativa cidade do mundo (ver Sal. 87:2-5), por ser também a habitação de Deus (I Reis 8:13); a existência da fonte de Giom, nas adjacências do vale do Cedrom (ver II Crô. 32:30; Isa. 7:3), era um fator vital.

O suprimento de água sempre foi o fulcro da contenda, por toda a história do Oriente Próximo, entre os agricultores e os criadores de gado (ver Gên. 4:2). Ante o aumento progressivo da agricultura, os nômades daquela região são forçados a abandonar territórios dotados de bom suprimento de água. Como uma espécie de revide, os nômades geralmente atacam às populações fixas, procurando destruir quaisquer arranjos hidráulicos das mesmas. E os criadores de gado geralmente lutam uns contra os outros, pela posse das fontes e poços (ver Gên. 26:20).

Não é de surpreender que *água e pão* são as grandes necessidades da existência humana (ver I Sam. 25:11; I Reis 18:4). E a doação ou a possessão dessas coisas era considerado algo de magna importância (ver Deu. 23:4; Mat. 10:42). A provisão de água é mesmo considerada uma provisão divina. As bênçãos divinas são aludidas em termos de água (ver Isa. 44:3; João 4:13), e tanto a escassez como o desejo de vida espiritual são descritos em termos de sede de água (ver Amós 8:11; Mat. 5:6). Tanto o costume de transportar água até à residência (ver Mar. 14:13) como a maneira como a água era sorvida (ver Juí. 7:5,6) eram usados como sinais. E o costume de lavar os pés dos visitantes (ver Gên. 43:24), foi usado por Jesus como meio de ensinar certa lição (ver João 13:5-9), ou como um indicador das atitudes das pessoas (ver Luc. 7:37,38,44). O emprego da água nos ritos aparece tanto no Antigo Testamento (por exemplo, Êxo. 29:4; Lev. 15:12) como no Novo Testamento (por exemplo, Mar. 1:5,9).

Na narrativa bíblica, não somente as águas continentais, mas também os mares adjacentes são importantes. Grande parte da chuva que caía na Terra Santa era água que se evaporava do mar Mediterrâneo, o qual desempenhava importante papel no comércio (por exemplo, dos fenícios) e no transporte (ver Atos 27). Para Israel, o mar Vermelho e o golfo de Áqaba também proviam meios de acesso para o comércio (ver I Reis 9:26), sobretudo com a

Arábia, com o nordeste e o leste da África, e talvez, até com a Índia. E também lhes provia certos recursos naturais, como as pérolas, a oníquia, etc.

2. Chuva, evaporação e infiltração. Os ventos ocidentais prevalecentes (ver I Reis 18:42-45) sobre o Mediterrâneo oriental transportam a umidade que se precipita quando o ar é forçado a subir para as terras altas da Judéia e da porção oriental do vale do Jordão. A maior parte dessa precipitação ocorre sob a forma de chuvas sobre as terras altas, havendo também algum granizo. Essa precipitação geralmente acontece de outubro a maio, com máximas de dezembro a março. A precipitação média anual é maior que 1000 mm nas terras altas a suleste de Damasco, e maior que 500 mm sobre o Líbano, certas porções da Síria e Israel, e porções limitadas do Jordão (ver fig. 1). Mas essa média está sujeita a grandes variações. Assim a média anual de chuvas, em Jerusalém, de 1850 a 1960, foi de 620 mm, com um máximo de 1090 mm e com um mínimo de 210 mm. Boa parte do leste do Jordão e do leste da Síria conta com uma precipitação inferior a 200 mm anuais. Para o sul a precipitação anual ainda é inferior a isso, apesar das elevações maiores das terras altas do Jordão, em comparação com a região mais ao norte. Isso resulta do fato de que os ventos sopram principalmente do sul, provenientes do seco continente norte-africano, onde, nas regiões desérticas, a água se deposita apenas como orvalho matinal (ver Êxo. 16:13). A precipitação de chuvas, na porção sul do vale do Jordão e na região adjacente ao mar Morto também é bem baixa.

Uma boa porcentagem da chuva evapora-se, causando uma taxa de umidade, na margem esquerda do Jordão, da ordem de setenta e cinco por cento no inverno, e de trinta e cinco por cento no verão. Em certa região do norte do rio Jordão, onde a precipitação anual é de 415 mm, a taxa de umidade chega a oitenta e um por cento. Mas noventa por cento da água desaparece no sistema de drenagem da superfície, e dez por cento infiltra-se no solo. Em outras regiões, com taxas pluviais comparavelmente moderadas, tão pouco quanto cinco por cento, ou tanto quanto quinze por cento das chuvas se infiltra, aumentando os depósitos vitais de águas subterrâneas (cf. Deu. 11:11). Mas, nas regiões onde o índice pluviométrico é menor que 200 mm, há pouca ou nenhuma infiltração direta, exceto quando há alguma súbita enchente, nos wadis que atravessam os lençóis freáticos.

3. Água subterrânea. O aproveitamento de águas subterrâneas, incluindo a emergência da água como fontes e poços, quase sempre depende inteiramente de fatores geológicos. Esses fatores incluem a porosidade e a permeabilidade das camadas do solo e as formações que transmitem água ou não, a inclinação das camadas e a existência de características estruturais como dobras e falhas. Grande parte da água que se infiltra no solo e nas rochas superficiais aloja-se em alguma zona onde as rochas ficam saturadas de água. A superfície superior dessa zona saturada é chamada de mesa de água, e sua altura, em qualquer lugar, depende do nível em que a água permanece em algum poço dos proximidades.

Há dois grupos principais de águas subterrâneas na Terra Santa, a saber, as águas subterrâneas das seções permeáveis das regiões montanhosas onde há dobras e falhas, e aquelas que se ajuntam nos sedimentos das principais planícies. Nas regiões montanhosas, como as da Judéia, Samaria e Galiléia, as águas subterrâneas geralmente depositam-se em profundidades consideráveis, abaixo da superfície do solo, embora a mesa de água ondule. Onde essa mesa encontra a superfície, nos vales entre terrenos mais elevados, a água emerge na forma de fontes (ver Deu. 8:7). Muitas dessas fontes ocorrem onde há uma junção inclinada de camadas porosas e não porosas à superfície (ver fig. 2), ou onde há uma junção com falha, entre dois tipos de camadas assim. Essas fontes geralmente são perenes, formando por sua vez riachos (ver II Sam. 17:20). Nas vertentes dos vales também há fontes, onde a mesa de água chega até a superfície. Mas as variações pluviométricas, bem como os longos períodos de seca, causam variações no nível da mesa de água, o que faz com que certas fontes deixem de jorrar água, durante certos períodos (ver II Reis 2:19). Outras fontes intermitentes só fluem nas faldas dos vales após uma infiltração anormal, depois de prolongadas chuvas, o que faz com que a mesa de água eleve-se acima do normal, até chegar à superfície (fig. 2). E onde a elevação do terreno não é grande, como nas colinas da Judéia, diminui a profundidade do lençol de água, e esta pode ser aproveitada em fontes relativamente rasas.

Em alguns casos, as águas subterrâneas podem percorrer dezenas de quilômetros antes de aflorarem nas fontes. Esse é o caso de alguns raros e isolados lugares servidos por água abundante no deserto do sul da Judéia, entre o mar Morto e o golfo de Áqaba.

4. Sistema de drenagem do rio Jordão. O rio Jordão, seus tributários, o lago de Tiberíades e o mar Morto constituem os principais elementos do sistema de drenagem superficial da Terra Santa. O rio Jordão tem dois braços originários principais. Um deles fica perto de Banias (Cesaréia de Filipe; ver Mat. 16:13), na base sul da cadeia do monte Hermom, na Síria, onde o riacho Banias sai de uma caverna, e o outro em uma fonte em Tell el-Kadi (no território de Dã). Dois córregos mais longos, embora com menos água, também formam as cabeceiras do rio Jordão, a saber, o Hasbani, que ocupa a continuação norte do vale do Jordão (talvez devido a algum antigo terremoto, que vide), e o Bareighit. Esses quatro riachos juntam-se abaixo do Banias, e fluem para o lago Hulete, atualmente drenado (Merom? de Jos. 11:5), que se formou quando rochas vulcânicas barraram o rio. A partir dali forma-se um rio encachoeirado, abaixo do nível do mar, e nos quinze quilômetros até o lago de Tiberíades, o rio baixa 180 m de nível. Em suas margens oriental e ocidental ficam, respectivamente, as cidades de Betsaida (ver Mar. 6:45) e Cafarnaum (ver João 6:17), na altura de sua entrada no lago.

O lago de Tiberíades, que tem dezenove quilômetros de comprimento e em alguns pontos até onze quilômetros de largura, também deve sua existência ao represamento do rio Jordão por meio de rochas vulcânicas, havendo fontes termais contendo cloretos e sulfetos perto de suas margens. Seu antigo nome veterotestamentário, mar de Quinerete, resulta de seu formato de harpa, quando visto do alto. Nomes que lhe são dados no Novo Testamento são lago de Genezaré (ver Luc. 5:1) e mar de Tiberíades (ver João 6:1). Cerca de três quartas partes da água que chega ao lago vem do rio Jordão, e um quarto vem das fontes, das águas subterrâneas, da chuva e das inundações nos wadis. A água desse lago é morna, variando de 12,5° a 30° centígrados. Entre fevereiro e agosto há plâncton abundante no lago, e também muito peixe. Isso permitia a grande indústria pesqueira que ali se desenvolvia, nos dias do Novo Testamento (ver João 21:3). Ventos fortes e secos, que sopram do leste, afetam o lago durante o inverno, causando tufões de inverno, e também vendavais súbitos durante o verão, em resultado do vento que

sopra do oeste (ver Mar. 4:37).

O rio Jordão, ao sul do lago de Tiberíades, torna-se barrento e serpeia por mais de 290 km, para atravessar apenas 97 km de deserto, ao mesmo tempo em que o fundo de seu leito baixa apenas 275 m. Nos períodos de enchente, o rio transborda por suas várzeas, mas no verão, em alguns lugares, ele atinge menos de 30 m de largura e menos de 90 cm de profundidade. Por mais de uma vez, suas águas já foram represadas por rochas que caem perto de Adão, acerca de trinta e oito quilômetros ao norte de sua entrada no mar Morto. Provavelmente isso se deve aos abalos sísmicos comuns ao longo do vale em que corre o rio Jordão, o que também poderia explicar a passagem em seco dos israelitas, sob o comando de Josué (ver Jos. 3:16). A planície do Jordão foi escolhida por Ló devido à sua abundância de água (ver Gên. 13:10,11). Esse rio desempenhou um importante papel nas vidas de Elias (ver II Reis 2:6) e Eliseu (ver II Reis 6:2). Suas águas barrentas pareceram repugnantes a Naamã, o general sírio leproso, que provinha de um distrito dotado de rios de águas claras (ver II Reis 5:12). Entretanto, devido à sua associação com Jesus, incluindo o Seu batismo, perto de Betabara (ver Mar. 1:9), e o batismo de João (ver Mar. 1:5), o rio Jordão tornou-se símbolo de purificação e pureza.

O mar Morto, que também é chamado de «mar Salgado» (Gên. 14:3; Jos. 3:16), é alimentado principalmente pelas águas do rio Jordão, que lhe fornece cerca de três quartos da água. O mar Morto, que é interior, não tem saída e está situado na porção mais profunda do vale do Jordão. Tem cerca de 71 km de norte a sul, com uma largura média de treze quilômetros. A península de Lisã projeta-se de sua margem oriental, dividindo o lago em uma bacia rasa, ao sul, e em uma bacia funda, ao norte, as quais formam cerca de três quartas partes de sua área total de 142 km (2). Há evidências que sugerem que a última enchente da bacia sul teve lugar a mil e quinhentos anos atrás, e que era local seco nos tempos bíblicos. A temperatura da água varia entre 19-23° centígrados, em dezembro e janeiro, e 34-36° centígrados, em julho e agosto. O recorde da temperatura máxima está registrado em 38°. A gravidade específica de suas águas é de 1,206 g/cm(3), em comparação com 1,0 g/cm(3) de água pura, e sua salinidade média é de 31,5 por cento, a maior do mundo.

5. Uso da água. Havia o uso profano e o uso religioso.

A. *Uso profano.* A água era a bebida mais comum, mas também era tomada misturada com um pouco de vinagre (ver Rute 2:14) ou com um pouco de vinho (ver II Mac. 15:39). A água que manava da fonte era mais apreciada do que a água parada, de poço. Às mulheres cabia a tarefa de buscar água para casa (ver Gên. 24:11,15; I Sam. 9:11; João 4:7). Josué encarregou os gibeonitas de buscarem água para o santuário (ver Jos. 9:21,23,27), de acordo com Deu. 29:10.

B. *Uso religioso.* Lavar o corpo como ato religioso aparece pela primeira vez na história de Jacó (ver Gên. 35:2). Israel recebeu ordem de preparar-se para o encontro com Yahweh, mediante a lavagem (ver Êxo. 19:10). Outro tanto foi ordenado a Aarão e seus filhos, para sua consagração sacerdotal (ver Êxo. 29:4; Lev. 8:6). A lavagem do corpo ou de partes do corpo fazia parte das prescrições legais dos sacerdotes, ao executarem seu ofício (ver Êxo. 30:17-21; 40:31 s. e Núm. 19:7). Também servia para todos que tivessem contraído alguma impureza cerimonial (ver Lev. 14).

Roupas e outros objetos também eram lavados, devido à impureza cerimonial (ver Lev. 11-15). Às vezes, bastava a aspersão de água para um objeto tornar-se cerimonialmente puro (ver Nú. 19). Além disso, certas porções dos animais sacrificados eram lavadas (ver Lev. 1:9-13; 8:21; 9:14). O derramamento de água diante de Yahweh, em I Sam. 7:6, foi apenas um ato simbólico, pois a água nunca fez parte integrante de qualquer holocausto.

No decurso dos séculos, os judeus acrescentaram muitos detalhes aos rituais de purificação dos preceitos levíticos (ver Mar. 7:3 s.), e os fariseus observavam escrupulosamente essas prescrições. O lava-pés, que até então era um simples sinal de hospitalidade, e que geralmente era efetuado pelos servos, na Última Ceia adquiriu um novo sentido, ensinando a humildade e a igualdade entre os crentes (ver João 13:1-17). Interessante é o uso de água amargosa na prova de infidelidade, no caso de uma mulher suspeita de adultério (ver Núm. 5:12-31).

Após o cativeiro babilônico, a água adquiriu papel de destaque na celebração da festa dos Tabernáculos. Um sacerdote tirava água do poço de Siloé, com um jarro de ouro, de capacidade de cerca de litro e meio. A água era solenemente transportada para o templo e derramada sobre o altar dos holocaustos, juntamente com a libação de vinho. Antes mesmo do ministério de João Batista, já era costumeiro imergir pessoas em água, se quisessem tornar-se prosélitos do judaísmo. O batismo cristão, porém, é administrado por motivos bem diferentes, simbolizando a lavagem da regeneração, que é aplicada pelo Espírito ao coração penitente, bem como a integração do batizando na comunidade cristã.

6. Uso metafórico da água. Esse uso da água é muito freqüente nas Escrituras. O Senhor chama a si mesmo de «manancial de águas vivas» (Jer. 2:13; 17:13). E Jesus classificou-se também como tal (ver João 7:37-39; 4:10-13 ss). A «água», prometida por Jesus, representa a *vida sobrenatural.* Nessas imagens, Jesus dava continuação às do Antigo Testamento, onde as bênçãos divinas (ver Sal. 1:3; 17:8; 23:2, etc.), e mais ainda os bens messiânicas (ver Isa. 11:3-9; 32:2-20; 41:18; 43:19, etc.) são descritos em termos de águas abundantes, ou em termos de águas que transmitem vida e fertilidade. É natural representar o desejo pelas bênçãos divinas como uma sede ou anelo (ver Sal. 63:2; 143:6). Em Provérbios 5:15, «beber água da própria cisterna» significa não ter relações sexuais com mulher alheia. Água corrente é símbolo daquilo que passa e não volta mais (ver Jó 11:16). Idêntico sentido tem a metáfora da água derramada, que não mais pode ser recolhida (ver II Sam. 14:14; Sal. 58:8). Nos períodos chuvosos, os córregos podiam transbordar e ameaçar as propriedades. Por isso, a água às vezes simboliza um inimigo poderoso, que já se aproxima (ver Jer. 47:2; Isa. 8:7,8; 17:12; 28:2-17), ou então algum perigo iminente (ver Sal. 88:17,81; Osé. 5:10). (HA IB LAN NTI)

ÁGUA AMARGA

Essa era uma bebida que continha água santa, pó extraído do soalho do Tabernáculo e tinta de uma maldição escrita. Era preparada por um sacerdote, que a dava de beber a uma mulher suspeita de adultério por seu marido. (Ver Núm. 5:11-31). O propósito era fazer a mulher passar por uma prova ou teste. A arqueologia não tem descoberto evidências do

uso desse rito, exceto entre os hebreus, embora os povos primitivos tenham inventado outros tipos de provas para tais mulheres. A inocência ou culpa da mulher presumivelmente era estabelecida pela reação dela à bebida. Se ela sofresse fortes dores e distorções no baixo abdômen, era considerada culpada; em caso contrário, era declarada inocente.

O rito. O marido que suspeitasse de sua mulher, trazia-a à presença do sacerdote, trazendo também uma oferta de manjares. Ela era posta «diante do Senhor», segurando a oferta. Seus cabelos eram soltos. O sacerdote preparava a mistura. A tinta usada era a mesma que servira para escrever uma maldição. A tinta era dissolvida em água. A mulher era então forçada a beber a poção. Alguns supõem que a reação violenta de algumas mulheres devia-se à mistura da tinta, e não ao adultério. Mas outros vêem em tudo uma intervenção divina. Assim, ela adoecia porque Deus a tornava doente. Mas há aqueles que preferem uma explicação psicológica, uma espécie de sugestão induzida. A mulher, sentindo-se culpada, sofria uma reação intestinal. Nesse caso, no rito encontramos uma espécie de antigo teste de detecção de mentira, que também funciona com base no princípio da mente que produz efeitos sobre o corpo. Prefiro pessoalmente essa última explicação. A ciência tem demonstrado amplamente o poder da mente para afetar o corpo. Por exemplo, alguns prisioneiros eram postos em uma cela, sendo-lhes dito que recentemente morrera ali um homem de varíola, embora isso não fosse verdade. Assim, em pouco tempo, os prisioneiros manifestaram todos os sintomas da enfermidade, embora não estivesse presente qualquer agente bacteriológico. A medicina psicossomática oferece intermináveis ilustrações do fato.

Duração. Há referências literárias que demonstram que esse rito continuou sendo efetuado até o início da era cristã. Josefo menciona o mesmo (ver *Anti.* III.xi.6). A *Mishna* mostra que a prática sofreu algumas modificações, como pôr a mulher na porta Oriental do templo, vestida de negro e com os seios aparecendo (1:5,6). O livro apócrifo, *Proto-evangelho* contém a fantasia de que tanto Maria quanto José foram submetidos ao teste (parte 16), e que, naturalmente, eles foram aprovados. O rabino Johannan ben Zakkai (século I D.C.) declarou que a prática foi abolida finalmente, porque o adultério tornou-se extremamente comum. (I IB ID)

ÁGUA BENTA

Trata-se apenas de água comum, santificada pela bênção sacerdotal. Adiciona-se sal à água a fim de dar a entender que agora ela está preservada da corrupção. Em seguida, a água é usada em várias cerimônias que transmitem alguma bênção. Do ponto de vista *filosófico*, da variedade cética, a água benta não é outra coisa senão água salgada, que foi *declarada* benta. Sua singularidade deriva-se do seu uso e da boa intenção por detrás dela. Porém, a água benta continua sendo apenas água. Do ponto de vista *parapsicológico*, alguns supõem que tal água realmente pode absorver certa energia, positiva ou negativa, quando benta ou maldita, de tal modo que, na realidade, a água benta pode ter um conteúdo de energia diferente do que sucede à água comum. Essa idéia assemelha-se ao uso de peças de roupa nas curas, segundo o registro de Atos 19:12. A roupa dos homens de Deus curava ou expelia demônios. Presumivelmente, o manuseio dessas peças, por parte de Paulo, transmitia alguma forma de energia espiritual às mesmas, surtindo um efeito; ou então poderíamos dizer que o Espírito Santo honrava o ato; como um símbolo, mas Ele é quem realizava a operação. A explicação *teológico-dogmática* da água benta é que o próprio Espírito de Deus lhe empresta a eficácia.

Experiências em laboratório mostram que as plantas regadas com água benta crescem mais rapidamente e com maior força e saúde do que aquelas aguadas com água comum. Mas isso sucede em alguns casos selecionados. *Algumas* pessoas aparentemente são capazes de transmitir alguma forma de energia à água, o que promove o crescimento e a saúde das plantas. Pessoas conhecidas como taumaturgos têm obtido sucesso nisso, sendo provável que a energia da cura tenha natureza similar ou igual à energia transmitida à água benta. (E NTI)

ÁGUA DE IMPUREZA ou ÁGUA PURIFICADORA

A *água purificadora* (ver Núm. 19:9,13,20,21 e 31:23) era um agente de purificação, usado para pessoas ou coisas que tivessem sido contaminadas mediante o contato com corpos mortos, ou por outras razões.

As cinzas de uma novilha vermelha eram adicionadas à «água corrente», que era então aplicada ao objeto contaminado. O animal usado para tal cerimônia precisava ser uma novilha de cor marrom-avermelhada, sem qualquer defeito físico, que nunca fora atrelada a jugo. A novilha era queimada «fora do acampamento», por inteira, incluindo seu sangue, com a exceção de uma pequena porção do sangue que era usado para aspersão, diante da tenda, uma vez reduzido a cinzas. Isso distinguia tal cerimônia dos sacrifícios rituais levíticos. Um pedaço de madeira de cedro e um molho de hissopo, amarrado com um pano de cor escarlate, eram queimados juntamente com a novilha.

As cinzas eram conservadas «fora do acampamento, em um lugar limpo», até serem misturadas com água de fonte, para uso nas cerimônias específicas de purificação. Essa «água purificadora» era aplicada à pessoa ou objeto contaminados mediante aspersão, com um ramo de hissopo. A cerimônia era efetuada no terceiro e no sétimo dia depois que a pessoa era considerada limpa, tendo-se banhado e lavado as suas vestes, dando-lhe assim o direito de ser restaurada ao convívio comunitário, que antes a excluíra. O episódio relatado em Números 31:13 diz respeito a objetos contaminados, que haviam sido tomados em batalha.

Os judeus, nos dias de Jesus, haviam legislado extensamente sobre essa questão. Basta dizer que quando foi preparada a coleção da Mishnah, o livro maior dedicava-se às leis da purificação, com trinta capítulos do mesmo dedicados somente à descrição da purificação de vasos.

Em João 2:1-11 vemos que os judeus tinham seis grandes jarras de água, usadas para cerimônias de purificação, quando do casamento em Caná. Em João 3:25 lemos sobre uma controvérsia entre os discípulos de Jesus e os judeus. Para todo judeu, a questão revestia-se de imensa importância. Um judeu sentia que precisava manter-se cerimonialmente puro, se tivesse de ser justo e quisesse merecer a aprovação de Deus.

O Senhor Jesus, porém, desprezou todas essas leis relativas à purificação, sobretudo no tocante aos preceitos adicionados ao código levítico, e que formavam a «tradição dos anciãos» (ver Mat. 15:2 e

Mar. 7:3-13). Jesus ensinava que não havia impureza cerimonial, mas apenas moral e espiritual. Esse ensino foi absorvido pelos Seus apóstolos. Paulo não considerava nada impuro por si mesmo (ver Rom. 14:14-20; Tito 1:15). Apesar disso, é ensino bíblico que ninguém deve violar os escrúpulos de sua própria consciência, ou a consciência de um seu irmão na fé, pondo uma pedra de tropeço em seu caminho. A suprema lei cristã é o amor, e não o cerimonialismo. Ao submeter-se ao voto de purificação, em Jerusalém, Paulo estabeleceu exemplo sobre esse princípio (ver Atos 21:26).

ÁGUA E SANGUE

Ver o artigo sobre **Sangue e Água**.

ÁGUA E SANGUE, CRISTO VEIO POR

Cristo veio por água e sangue; *Testemunho do Espírito* (I Jo. 5:6-12)

Neste texto o autor sagrado apressa-se a voltar à sua polêmica e declara agora o valor da morte de Cristo como expiação. Os gnósticos, (ver o artigo sobre *Gnosticismo*), não criam que o Espírito-Cristo pudesse encarnar-se, porquanto consideravam a matéria como o próprio princípio do pecado, e o corpo humano participaria desse princípio. Se algum «aeon» ou o Cristo (o qual seria apenas um dentre muitos *aeons*) se encarnasse na «matéria», ficaria contaminado. Além disso, parece que não criam na possibilidade metafísica da «encarnação». Pensavam, portanto, que o Espírito-Cristo meramente viera apossar-se do corpo do homem Jesus de Nazaré, quando de seu batismo, tendo-o abandonado quando de sua crucificação. Nunca houve *uma pessoa*, ao mesmo tempo, divina e humana.

Essa *rejeição à encarnação* levava os gnósticos a pensarem que a autoridade de Cristo residia somente em seu *batismo*. Diziam eles: «Cristo veio pela água». Porém, não acreditavam que um *aeon* (como seria Cristo) pudesse morrer. Assim sendo, somente o *homem* Jesus teria morrido. Sua morte teria sido, quando muito, a morte de um mártir que morrera por uma causa boa — não poderia ter qualquer valor como expiação, como se o próprio Cristo não pudesse sofrer ou morrer. Isso significa, além disso, que Cristo não viera «pelo sangue», pois sua missão não poderia ter incluído a morte. Portanto, não haveria qualquer valor expiatório na missão de Cristo. A seção a nossa frente ataca essa suposição errônea. A autor sagrado já havia demonstrado que Cristo realmente se encarnara, pelo que fora possível a «morte de Cristo». Agora, o autor sagrado haverá de mostrar que assim, realmente, sucedera, e que a morte de Cristo fora o motivo da expiação, ficando assim incorporada essa questão em sua missão e autoridade. Cristo viera «pelo sangue», e não somente pela água.

A verdadeira confissão, por conseguinte, reconhece sua encarnação; e a sua morte expiatória também está em foco, e não meramente a autoridade do batismo de Jesus Cristo. Os gnósticos reconheciam somente a autoridade de seu batismo, quando o «aeon» descera supostamente sobre o homem Jesus. Nisso, pois, os gnósticos haviam reduzido consideravelmente a compreensão da missão de Cristo. O Espírito Santo, entretanto, dá testemunho acerca da encarnação e da expiação de Cristo, porquanto o Espírito Santo é da verdade e propaga a verdade. Sobre a terra há três testemunhos: o do Espírito (que é o mediador da missão de Cristo em favor dos homens); a água (o batismo — o seu e o nosso, ao identificar-se conosco); e o sangue, que é a expiação de Cristo, e a nossa participação na mesma. (LAN NTI RO)

ÁGUA, Milagre do Andar Sobre. Ver **Milagre.**

ÁGUA, TRANSFORMAÇÃO EM VINHO

I. Declaração introdutória

O milagre da transformação da água em vinho serve de fachada para o evangelho de João: Ver João 2:12 ss.

«De certa feita, em um grupo de ministros do evangelho, para minha surpresa descobri que eu era o único, dentre eles, que pregava acerca dos milagres, por que os outros sentiam ser tática adversa e psicologia deficiente escolher por assunto um tema que tende a fazer alguns dos ouvintes tropeçarem, ficando assim fechadas as suas mentes para qualquer coisa edificada sobre o que poderiam considerar como fundamento inseguro. No que diz respeito aos milagres de cura, tal atitude, naturalmente, é inteiramente antiquada. É J.A. Hadfield, com a sua imensa experiência, que nos diz secamente: 'Houve tempo em que as pessoas diziam que *milagres não acontecem*; e a implicação disso era que as narrativas sobre milagres, existentes nos evangelhos, são inverídicas. Atualmente, porém, praticamente todos os *milagres* de cura do Novo Testamento têm sido reproduzidos...por muitas e muitas vezes'. (*Psychology and the Church*, Nova Iorque: The MacMillan Co., 1925, pág. 190). Muitas coisas, próprias dos evangelhos, que anteriormente serviam de motivo de zombaria, por vozes confiantes e zombeteiras, agora são aceitas como *auto-evidentemente verazes*, e, de alguma maneira, a maravilha das realizações de Cristo aparentemente vem sendo reproduzida, em muitos lugares, o que ele antecipou, há dois mil anos. Até a ciência está fazendo descobertas confirmativas».

«É de modo um tanto semelhante que o episódio do casamento em Caná serve de fachada para o Evangelho de João, sumariando numa narrativa gráfica o que viria a seguir: como nosso Senhor solucionava as dificuldades do povo; quão incrivelmente ele sofria por causa de cada dificuldade; e, acima de tudo, como ele enriqueceu as coisas para nós. O que a água era para o vinho, o que a embaraçosa insuficiência era para o alívio que ele concedeu ao anfitrião da festa, assim também se compara qualquer outra vida com a plenitude, com o colorido, com a aventura, com a realização que ele proporciona... Porém, se essa é a lição principal, também muitos outros pensamentos se evidenciam e nos atraem, ao nos aproximarmos dela. Temos aqui o fato de que Cristo se achava presente; que eles mesmos desejavam que ele ali estivesse; que eles não temiam que ele se sentisse fora de seu elemento, ou não conseguisse adaptar-se, ou que deixasse os outros um tanto embaraçados, segundo teria ocorrido no caso de João Batista fazer-se presente, com o seu ascetismo. E podemos estar certos de que não houve qualquer silêncio embaraçoso naquela porção da mesma onde ele estava reclinado. Pois Cristo não se conservava afastado da felicidade inocente dos homens, fato esse que muitos de nós, seus seguidores, temos esquecido, com resultados suficientemente trágicos, transformando a sua religião em algo muito mais austero do que ele jamais tencionou; e por essas caricaturas espantamos muitos daqueles que lhe pertencem por direito natural». (Arthur John Gossip, em Jo. 2:12, IB).

II. Diversas interpretações

Interpretações (típicas) dos milagres. Diversas interpretações têm sido oferecidas para explicar, para eliminar mesmo, este milagre; e essas explanações também são comumente aplicadas a outras narrativas sobre milagres, nos evangelhos. Abaixo damos um sumário dessas explicações:

1. *Explicações naturais* (do baixo racionalismo). O que Jesus fez foi tão-somente uma brincadeira própria para uma festa de casamento. Ele trouxera grande quantidade de vinho para a festa, e misturou o vinho com a água das talhas. Outros da mesma escola dizem que se tratou de *um presente* de casamento, para surpreender os noivos.

2. *Explicações místicas*. A narrativa não deveria ser aceita como um acontecimento histórico, mas antes, como uma espécie de *poema religioso*, como lenda inconscientemente (ou conscientemente) produzida, e que foi honestamente acreditada pela igreja cristã primitiva. A base desse milagre se encontraria na narrativa do A.T., que conta como as águas amargosas se tornaram potáveis (ver Êxo. 15:23 e II Reis 2:19). Ou a origem do mesmo poderia ser encontrada na literatura antiga dos gregos e romanos, como o caso da história de Dionísio, o deus grego do vinho e da inspiração. Uma narrativa similar a essa (transformação de água em vinho) se encontra nos escritos de Plínio (*História Natural* II,231; XXXI.16). Essa opinião pode ter sido até mesmo sugerida pela interpretação alegórica do V.T. criada por Filo. Por exemplo, em sua obra, *Interpretações Alegóricas* (III. 26.82), ele apresenta o *Logos* a ordenar a Melquisedeque que dê vinho, em vez de água, e ali o vinho serve de símbolo da «embriaguez divina, mais sóbria que a própria sobriedade».

3. *Interpretações simbólicas*. A narrativa não seria nem fictícia e nem histórica, mas conteria meros símbolos, tal como chegara o tempo para Jesus tirar os seus discípulos da «água» de João Batista para o vinho de seu reino superior; ou então, de modo geral, que o vinho é símbolo da superioridade da nova religião, em comparação com os princípios ensinados por João Batista, ou com as doutrinas do judaísmo do estilo antigo. (Ver João 1:26,33 e Efé. 5:18).

4. *Interpretações históricas*. Existem muitas e variegadas interpretações e modificações. a. Interpretação absoluta: Foi um milagre físico, uma *intervenção divina* na natureza, sem qualquer ajuda por parte de processos naturais. Foi um milagre sem quaisquer condições humanas de qualquer sorte. b. Interpretação *condicional*: Foi uma transformação possibilitada por condições. Olshausen assevera ter havido uma aceleração dos processos naturais, o que, naturalmente, não faz sentido algum. c. Teria sido uma modificação dos acidentes, em que a água, como no caso de algumas águas minerais, assume *sabores diversos*. Este último ponto de vista não permite qualquer transformação real na *substância* da água, mas, tão-somente, em como a percepção dos sentidos humanos a julgava. d. *Modificação substancial*: A própria «substância» da água foi transformada, e juntamente com isso, os seus «acidentes», ou seja, aquelas qualidades sujeitas à percepção dos sentidos humanos, tais como cor, sabor, peso, aroma, etc. A posição da modificação substancial poderia ser alistada sob «interpretação histórica absoluta» ou sob «interpretação condicional»; neste último caso, o milagre teria ocorrido ajudado por algumas condições. Mas os comentadores não têm jamais apresentado quaisquer condições apropriadas e compreensíveis. As condições mais apropriadas, coerentes com os próprios ensinamentos de Jesus, seriam que ele, como homem, mediante o desenvolvimento dado pelo Espírito Santo, tornou-se um tipo de ser humano que, apesar de continuar sendo mortal, podia realizar essas maravilhas físicas. Essa idéia poderia incluir aquela ainda mais avançada, a saber, que outros homens, crentes em Cristo, mediante o mesmo processo de desenvolvimento espiritual, em seu caminho de transformação segundo a imagem de Cristo, podem realizar milagres similares, como expressão de seus seres espiritualizados em graus diversos.

III. Considere estes fatos.

1. O Senhor possui os recursos para solucionar as dificuldades do povo.

2. Suas soluções abarcam as duas esferas: a física (necessidades terrenas) e a espiritual (necessidades da alma).

3. Jesus fez o que o anfitrião não tinha recursos para fazer. Os homens são limitados, mesmo nas coisas desta vida, e mormente, no tocante a qualquer provisão para a vida no além.

4. Os feitos de Jesus proporcionaram uma solução definitiva e feliz.

5. A própria missão de Cristo tinha por intuito resolver aquilo que os homens, por si mesmos, não poderiam resolver. Considere a mensagem de textos como Rom. 5:1, Efé. 2:8, João 1:12 e Tito 3:5.

IV. Sumário e polêmica

1. O ministério de Jesus foi o do Messias; portanto, de elevadíssima estatura.

2. Portanto, apesar de poderoso, o ministério de João foi secundário e preparatório apenas.

3. O antigo judaísmo estava ultrapassado, e doravante teria de buscar seu cumprimento no ministério do Messias.

4. A encarnação (que vide) do Logos trouxe um novo dia, o dia profético, o cumprimento das esperanças dos profetas.

5. O Messias combinava, em si mesmo, as naturezas divina e humana, e tinha o direito e o poder de revelar Deus aos homens. Ver os artigos sobre a *Humanidade de Cristo*, e sobre sua *divindade*. (AL DE FA I IB NTI)

ÁGUAS DE MEGIDO

No cântico de vitória de Débora, em Juízes 5:19, é empregada essa expressão, provavelmente alusiva ao wadi que drenava a região por detrás de Megido. Entre esse local e as colunas mais ao sul, acampou Tutmés III. Dali ele lançou o ataque contra Megido. A passagem bíblica sugere que em vez de dividirem os despojos, o que teriam feito se estivessem no lado sul do vale de Jezreel, os reis cananeus foram varridos pela torrente de Quisom (ver o artigo a respeito), que ficava no centro da planície. (Z)

ÁGUAS DE MEROM

A palavra hebraica envolvida significa «altura» ou «águas superiores». De acordo com alguns estudiosos, era um massa de água em forma triangular, com cerca de quase sete quilômetros e meio de extensão e 800 m de largura. Fica a 82,5 m abaixo do nível do mar Mediterrâneo. O Jordão atravessa essa massa de água, sendo esse o local onde Josué obteve grande vitória sobre os cananeus (ver Jos. 11:5-7). Fica localizada na porção superior das colinas de Naftali, onde começam as vertentes do Hermom, que alcançam 3.050 m de altura. Trata-se do lago que Josefo

chamou de Semeconitis (ver *Ant.* v.5,1; *Guerras* iii.10,7). Na Bíblia esse lago só é mencionado no livro de Josué. Ao que parece, modernamente é o lago de Hulleh. Alguns estudiosos identificam a Mermo dos tempos bíblicos com a atual aldeia de Merom, à base do Jebal Jermak, a oeste de Safede, onde há uma importante fonte.

Tutmés III (cerca de 1480 A.C.), referiu-se a *Mrm*, que talvez fosse a mesma localidade bíblica que estamos considerando. Ainda outros estudiosos pensam que Merom seja a atual Kirbet el-Bijar, perto de Marun er-Ras, onde há muitas fontes. Todas essas propostas identificações envolvem problemas, tanto aquelas feitas na antiguidade como as de nossos dias. Entretanto, a fixação da cidade de Merom, nas vizinhanças do Jebel Marun harmoniza-se muito bem com todas as fontes informativas que mencionam essa cidade, provendo uma razoável explicação topográfica para aquela batalha ganha por Josué. Ficava situada na estrada principal que partia de Aco, via Gate. Era um local apropriado para o encontro de aliados que viessem da planície de Aco e de Hazor. Sua localização fica a curta distância do lago de Quinerete, mais para o noroeste. Seja como for, em resultado da vitória obtida por Josué, os israelitas foram capazes de conquistar as cidades cujos reis caíram em Merom. E nenhuma dessas cidades aparece na lista de aldeias não conquistadas, no primeiro capítulo do livro de Juízes (ver Juí. 1:27-36). Todas essas aldeias, excetuando Merom, figuram entre as aldeias atribuídas às tribos do norte, no livro de Josué. (UN Z)

ÁGUIA

As palavras hebraica e grega envolvidas são traduzidas como *águia* e como *abutre*, em diferentes traduções. A águia encabeça a lista de aves consideradas imundas, pela lei levítica (ver Lev. 11:13 ss.), talvez por causa de seu grande tamanho e aspecto impressionante. Por ser uma ave de rapina, a águia era repulsiva aos hebreus, embora vários trechos bíblicos demonstrem admiração, conforme se lê em Êxo. 19:4: «...vos levei sobre asas de águias...», ou como em Jer. 49:22: «Eis que como águia subirá...», ou como Pro. 23:5: «...como a águia que voa pelos céus». Nesse último trecho, o rápido vôo da águia representa como as riquezas podem desaparecer facilmente, não devendo tornar-se o alvo principal na vida de alguém. O trecho de Êxo. 19:4 também encerra uma alusão figurada, falando sobre a proteção de Deus, que se assemelha a uma águia que pode sustentar outros em suas imensas asas.

Há várias espécies desse pássaro na Palestina, distinguidas por seu tamanho, coragem, poderes de vôo e capacidade de ataque. As espécies maiores têm uma envergadura de asas com 2,10 m ou mais, com um comprimento de corpo de cerca de 1,05 m. Todavia, há referências bíblicas que claramente apontam para o abutre, como se vê em Mat. 24:28. Essas aves de rapina atingem grande altura em seu vôo, mantendo-se bem afastadas umas das outras. Quando alguma delas baixa subitamente o vôo, isso serve de sinal de que há algo de interesse para elas no solo, e as demais rapidamente juntam-se, para o banquete. Esse é um hábito observado em várias espécies. O grifo, que é um abutre, talvez esteja em foco em Miq. 1:16. A cabeça dessa ave é coberta por uma pele enrugada clara, que pode ser vista à grande distância. Nesse trecho, lê-se sobre a «calva» da águia.

Outros usos simbólicos, além daqueles sugeridos acima: 1. Reis conquistadores, como os da Assíria, Babilônia e Egito, que se lançam à matança e ao saque (ver Eze. 17:3,7; Osé. 8:1). 2. Os exércitos dos caldeus, que agiam como se dotados de asas de águias, pois atacavam e matavam com grande rapidez (ver Jer. 4:13; Lam. 4:19; Dan. 7:4). 3. Os exércitos romanos também são comparados com as águias, por motivos similares (ver Mat. 24:28; Luc. 17:37). 4. Os idumeus, que faziam fortificações em rochas inacessíveis em seu país, protegendo-se assim de qualquer possível derrota (ver Jer. 49:16 e Oba. 4). 5. Como sinal de lamentação pela destruição iminente, foi recomendado a Israel que se fizesse calva como a águia (ver Miq. 1:16). Todavia, nesse trecho está em foco uma espécie de abutre. Um antigo provérbio, preservado no Talmude, refere-se à águia como ave que, da Palestina, era capaz de divisar uma carcaça na distante Babilônia, ou vice-versa. (ID S Z)

ÁGUIA MARINHA

É mencionada em Lev. 11:13 e Deu. 14:12. Era uma ave de grande porte, que alguns estudiosos pensam pertencer à espécie do abutre. Mas outros pensam em uma espécie que alimentava-se de peixes. Como o peixe não é abundante na Palestina, essa espécie era um tanto rara. Além disso, tal ave, por ser ictiófaga, deveria pertencer à espécie dos gaviões. Isso explica a versão portuguesa «águia marinha».

AGUILHÕES

Vem de um termo hebraico que significa «aprender» ou «ensinar», bem como de um vocábulo grego que significa «ferrão», um instrumento aguçado e pontudo. O aguilhão era usado para guiar bois. Tinha um longo cabo, usualmente com uma ponta aguçada em uma das extremidades. Além de ser usado para tanger animais de grande porte, era usado como uma arma, conforme se vê em Juízes 3:31, onde lemos que Sangar, filho de Anate, feriu a seiscentos filisteus «com uma aguilhada de bois». Algumas vezes, o aguilhão tinha uma ponta de ferro, que também podia ser usada para limpar arados. Metaforicamente, a palavra fala de encorajamento e repreensão (ver Ecl. 12:11). O único uso da palavra, no Novo Testamento, aparece em Atos 26:14, onde o aguilhão refere-se à divina repreensão e orientação, contra o que Saulo lutava, em sua louca perseguição contra os cristãos. Embora convencido de que estava fazendo a vontade de Deus com grande zelo, na verdade ele estava se comportando como um boi recalcitrante, resistindo aos planos reais de Deus para ele, o que certamente é comum à experiência da maioria das pessoas.

AGULHA

Essa palavra encontra-se na Bíblia somente em um provérbio de Jesus: «E ainda vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus» (Mat. 19:24). Certa variante textual diz «corda», em vez de *camelo*, mas isso, embora pareça interessante, conta com menor apoio textual. Ver a exposição desse versículo, no NTI. O sentido geral é que as riquezas atraem a atenção de seu possuidor de tal maneira que é difícil o tal apreciar as realidades da vida espiritual. Portanto, tal indivíduo está negligenciando as coisas que realmente importam na vida, a saber, o bem-estar espiritual. O quinto capítulo do livro de Tiago desenvolve o tema dos aspectos prejudiciais das riquezas materiais.

Trabalho com agulhas. A arte de costurar e de bordar foi uma das primeiras realizações humanas. O trecho de Gênesis 3:7 fala em costura de folhas, para a confecção de aventais que encobriam a nudez de Adão e Eva. As primeiras agulhas eram feitas de osso, tendo sido encontradas agulhas pertencentes ao sexto milênio A.C. Em Israel, em tempos posteriores, as agulhas passaram a ser fabricadas de bronze, e tinham uma perfuração ou um pequeno gancho para formar o buraco da agulha. Os arqueólogos têm descoberto agulhas feitas de outros materiais, como ferro, marfim, etc., e de variegados tamanhos, desde 12 mm até 13,5 cm. Bordadeiras habilidosas são mencionadas em Êxodo 36:37 e 39:29. Homens envolviam-se nesse tipo de trabalho (ver Êxo. 35:34,35). O apóstolo Paulo era fabricante de tendas, o que envolvia o trabalho de costurar (ver Atos 18:3). Ver os artigos sobre *Buraco da Agulha* e *Bordado*. (NTI Z)

AGULHA, BURACO DA

Ver o artigo sobre **Agulha**. Os evangelhos sinópticos aludem ao buraco da agulha (ver Mat. 19:24; Mar. 10:25 e Luc. 18:25), onde se lê que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no reino de Deus. Jesus tinha o costume de usar objetos familiares em Suas parábolas. Havia agulhas em qualquer casa. O buraco de uma agulha, que era uma perfuração ou um pequeno gancho, era uma pequena abertura, por onde era difícil fazer passar um fio, quanto mais um camelo! Alguns manuscritos gregos dizem aqui «corda», em vez de *camelo*, — pois essas duas palavras são similares nesse antigo idioma; mas a variante «corda» tem muito menor apoio textual. É possível que um provérbio original dissesse «elefante», e não «camelo»; mas Jesus falou em camelo, por ser esse o maior animal que havia na Palestina. (Ver no NTI a exposição dessa afirmação de Jesus, e as dificuldades textuais existentes em Mat. 19:25). Outros estudiosos pensam que Jesus falava na pequena abertura existente na muralha de Jerusalém, por onde um camelo só podia passar se se ajoelhasse; mas a maioria dos estudiosos rejeita essa especulação, ainda que haja algum indício de que tal abertura era chamada de «buraco». O que Jesus quis dizer é que é *muito difícil* um rico entrar no reino de Deus, embora também possamos entender Sua declaração como indicação de total impossibilidade, se a entendermos literalmente. Ver também o quinto capítulo de Tiago, que fala sobre os empecilhos à vida espiritual, representados pelas riquezas materiais. Uma coisa é certa: os ricos deste mundo não são favorecidos quanto às coisas espirituais, conforme o são quanto às coisas terrenas. Contudo, há ricos piedosos, tal como há esmoleiros que vão para o inferno. Ver também o artigo sobre *Bordados*. (ND S Z)

AGUR

No hebraico significa **colhedor** ou **mercenário**. Era filho de Jaque e foi o autor das declarações contidas em Provérbios 30. O título descreve-o como compositor de preceitos entregues por «Agur, filho de Jaque», aos seus amigos «Itiel e Ucal». Além disso, só há conjecturas sobre essas pessoas. Alguns supõem que o verdadeiro autor foi Salomão, embora ninguém explique por qual razão ele teria escrito sob um pseudônimo. A Vulgata Latina, em Pro. 31:1 diz: *Verba Congregantis filii Vomentis*, o que faz de Agur irmão de *Lemuel* (ver o artigo). (Z)

AHIMSA

Termo sânscrito que significa **não-injúria**. Jainos, budistas e outros acreditam que é matar qualquer ser vivo, por humilde que seja. A crença subjacente para essa convicção é que todas as criaturas vivas possuem almas, essencialmente da mesma natureza que a alma humana. Por meio da transmigração a alma de um ser humano temporariamente pode ser cativada em alguma forma inferior de vida. Isso posto, merecem respeito todas as formas de vida. A vida é *sagrada*. Todas as criaturas vivas estariam esforçando-se na direção da salvação. Ver *reencarnação*. (E F)

AHRIMAN

Conhecido também como **Angra Mainyu**, deus malévolo do zoroastrismo. Ele se opõe à força do bem, especificamente ao deus benevolente, Ahura Mazda. Ver *zoroastrismo*.

AI

No hebraico, **montão** ou **ruína**. Uma cidade dos cananeus, associada a Betel, Jericó e Jerusalém, que estabelece sua localização naquela área (ver Gên. 12:8; 13:3; Jos. 7:2-5; 8:1-29; 10:1,2; 12:9; Esd. 2:28; Nee. 7:32; Jer. 49:3). Ela é mais lembrada por ter sido capturada e destruída por Josué (ver Jos. 7:2-5 e 8:1-29). Mais tarde foi reconstruída, e foi mencionada por Isaías (10:28). No tempo de Eusébio e Jerônimo, suas ruínas aparentemente ainda eram conhecidas. Atualmente, o local é Et Tell Kisa, cerca de três quilômetros de Tell Beitin (Betel). Joseph A. Callaway, arqueólogo, pensa que essa é a única conclusão satisfatória com base em um estudo dos antigos nomes envolvidos, da topografia e do óbvio íntimo relacionamento que tinha com Betel, Jerusalém e Jericó. Seus estudos e escavações têm sido feitos desde 1964. Antes disso houve escavações nessa área, em 1928 (John Garstang), 1933-1935 (Judith Marquet Krause). As escavações mostram que houve uma ocupação pré-urbana de Ai desde 3200 A.C., e que no período de 3000-2500 A.C. houve ali uma próspera população, na chamada Idade do Bronze Primitiva. Evidências arqueológicas mostram que Ai foi atacada por duas vezes em sua história, deixando traços óbvios. Os artefatos encontrados mostram forte influência egípcia, podendo ser identificada com a Palestina egípcia da era das pirâmides. Ainda não foram encontradas evidências arqueológicas sobre a própria Ai, mas sabemos que naquela época havia ali apenas um minúsculo povoado (ver Jos. 7:3). Alguns têm conjecturado que a Ai dos dias de Josué não era exatamente no local antigo, mas nas proximidades, e que o nome foi transferido para esse novo local. Isso explicaria as evidências diretas de Ai no tocante a Josué. A transferência do nome de uma cidade arruinada ou abandonada, para um novo local, era um fenômeno comum na Palestina. (FK ND S UN)

AI

Tradução portuguesa de sete interjeições hebraicas e de uma grega. Algumas delas usadas apenas por uma vez, conforme se vê em Sal. 120:5; Eze. 2:10 e 30:2. Duas das interjeições hebraicas são usadas por vinte e duas e por trinta e seis vezes, respectivamente, a primeira como simples interjeição de tristeza (ver, para exemplificar, Núm. 21:29; I Sam. 4:7,8; Isa. 3:9-11; Jer. 4:13; 48:46; Lam. 5:16; Eze. 16:23; Osé. 7:13), e a segunda como interjeição de tristeza, de advertência ou de exortação (ver, para exemplificar,

Isa. 5:8,11,18,20,21,22; Jer. 22:13; Eze. 13:3; Amós 5:18; Miq. 2:1; Naum 3:1; Hab. 2:6; Sof. 2:5; Zac. 11:17). A palavra grega *ouaí* é usada por vinte e oito vezes, de Mat. 11:21 a Apo. 12:12.

Quando essa interjeição era usada, Deus não estava pronunciando um juízo final, mas descrevendo a miserável condição daqueles que estavam sendo descritos. Viviam em um paraíso de tolos, inconscientes do terrível destino que os esperava. Jesus, em Luc. 6:24-26, mostrou que a miséria de certos homens jaz no fato de que eles são dotados de mente materialista, cegos quanto às suas necessidades espirituais, estando auto-satisfeitos, mas não demonstrando simpatia para com o próximo e vivendo na impenitência, embora desfrutando de certa popularidade. O zelo hipócrita, a falta de proporções quanto aos valores espirituais, o amor à aclamação popular, e a autocomplascência dos fariseus e escribas, também os tornava pessoas dignas de lamentação (ver Mat. 23:13-33; Luc. 11:42-52). No tocante aos habitantes impenitentes de Corazim e Betsaida, os «ais» proferidos por Jesus contra eles deviam-se à indiferença deles para com a pregação e as evidências comprobatórias, na forma de milagres, de Jesus, com a conseqüente inexorável condenação que os aguardava (ver Mat. 11:21).

Paulo sabia que sua situação espiritual tornar-se-ia digna de lamentação se ele negligenciasse no anúncio do evangelho (ver I Cor. 9:16). Por isso mesmo, empenhava-se em fazer a boa-mensagem ser ouvida onde quer que lhe fosse dada oportunidade. Cumpre-nos aceitar esse cuidado (ver II Tim. 4:1-5).

A queda da Babilônia também é anunciada no Apocalipse em meio a «ais» (ver Apo. 18:10-16). E as várias tremendas pragas e desastres destrutivos que acompanharão o juízo final também são expressos por «ais», emitidos pelo Espírito de Deus (ver Apo. 9:12 e 11:14).

AI

Termo chinês para **amor**, e termo-chave da religião de Mo Tzu e Han Yu. Ali o amor é encarado como o principal meio para alguém atingir o bem e o direito.

AI (DE MOABE)

Uma cidade moabita de localização desconhecida (ver Jer. 49:3). Mas alguns identificam-na com a mesma cidade referida acima.

AÍ

No hebraico, **irmão** ou **meu irmão**. 1. Forma usada em nomes compostos, a fim de significar «irmão» ou «meu irmão», como Joai, «Yahweh é irmão» ou Aimeleque, «irmão do rei». 2. Um certo Aí era membro da tribo de Gade (ver I Crô. 5:15). Um outro desse nome era membro da tribo de Aser (ver I Crô. 7:34), embora algumas traduções, nessa segunda instância, entendam isso como «seu irmão». (S Z)

AIA

Uma cidade do território da tribo de Efraim (ver I Crô. 7:28). Em algumas versões aparece como Gaza ou Aza. De fato, alguns manuscritos hebraicos dizem ali Gaza. Se a forma está correta, ainda assim não deve ser confundida com a Gaza dos filisteus, bem mais ao sul do que aquela. Alguns estudiosos sugerem sua identificação com a «Aia» de Neemias 11:31, fazendo os dois nomes se referirem a uma só cidade. Mas, em Neemias a menção é a uma cidade benjamita, e não efraimita. (Z)

AIA

Outra forma alternativa de **Aí** (ver o artigo). Essa forma encontra-se em Nee. 11:31.

AIÁ

No hebraico, **falcão** ou **grito do falcão**. __ Há dois homens com esse nome no Antigo Testamento.

1. O filho de Zibeão, filho de Seir, o horita (cerca de 1500 A.C.), antepassado de um clã de Edom (ver Gên. 36:24 e I Crô. 1:40).

2. Pai de Rispa. Rispa era concubina de Saul. Dois incidentes que a envolvem se destacam. Isbosete, filho de Saul, acusou Abner de ter tido um caso amoroso com ela (ver II Sam. 3:7), o que Abner repeliu irada e sarcasticamente. E Isbosete calou-se — porque o temia. Mais tarde, quando houve escassez de alimentos, Davi procurou saber do Senhor a razão para a mesma. A resposta do Senhor foi que o ato de Saul, matando os gibeonitas, precisava ser vingado. Para tanto, sete de seus filhos foram enforcados. Entre os mesmos, havia dois filhos de Rispa, a saber, Armoni e Mefibosete.

AIÁ

No hebraico, **fraternal**. Era membro da tribo de Manassés, filho de Semida (ver I Crô. 7:19), cerca de 1856 A.C. (S)

AIÃO

No hebraico significa **irmão da mãe**. Foi um dos heróis de Davi, um dos trinta mais valentes (ver II Sam. 23:33). Era filho de Sarar (II Sam. 23:33) ou Sacar (I Crô. 11:35). Alguns estudiosos supõem que esse nome é uma variante de Aquiabe, que significa *irmão do pai*. (S UN)

AÍAS

No hebraico, **meu irmão é Yahweh**, ou **irmão de** *Yahweh*. Forma abreviada de Aimeleque. Várias pessoas recebem esse nome no Novo Testamento:

1. Aías, um profeta que residia em Siló nos tempos de Salomão e Jeroboão. Parece que ele registrou algumas das transações do primeiro desses reis: ver II Crô. 9:29. Sua tarefa foi de anunciar a separação das dez tribos (Israel) da casa de Davi (duas tribos: Judá e Benjamim), bem como a fundação da dinastia de Jeroboão. E, após muitos anos, anunciou a queda de Jeroboão (ver I Reis 11:29-39 e 14:2-18). Protestou contra a idolatria que se tornara parte do reinado de Salomão e dividiu simbolicamente as suas vestes em doze pedaços, dez dos quais deu a Jeroboão (um oficial secundário do governo de Salomão). Predisse que esses dez lhe seriam sujeitos. A fim de escapar da ira de Salomão, fugiu para o Egito. Após a morte de Salomão, tudo isso teve cumprimento. Reoboão provocou a divisão do reino. Jeroboão tornou-se rei de Israel, ocupando o trono de 933 a 901 A.C. Jeroboão, porém, conduziu Israel à idolatria, e foi denunciado por Aías, que predisse a morte de seu filho e a extinção de sua casa, bem como o futuro cativeiro de Israel (ver I Reis 14:6-10). A profecia de Aías, o silonita, foi uma das fontes informativas usadas na

história de Salomão (ver II Crô. 9:29). O último dos filhos de Jerameel a ser chamado por nome (ver I Crô. 2:25), em cerca de 1600 A.C. Era irmão de Calebe, de Judá. Alguns manuscritos da Septuaginta e da versão siríaca dizem «seu irmão», em vez do nome pessoal, Aías.

2. Filho de Aitube, sumo sacerdote durante o reinado de Saul (ver I Sam. 14:3,18), que alguns pensam ser o mesmo que Aimeleque. Era descendente de Eli por meio da linhagem de Finéias (ver I Sam. 14:3). Seu nome era uma forma abreviada de Aimeleque, o que, por sua vez, tem sido confundido com Abimeleque. Aías (ou Aimeleque), pai de Abiatar, serviu como sacerdote em Nobe, usou a estola sacerdotal e foi encarregado da arca de Deus, tendo consultado os oráculos em favor de Saul (ver I Sam. 14:18*ss*). Foi ele quem ofereceu a Davi os pães da proposição, quando ele e seus homens tiveram fome enquanto fugiam de Saul (ver I Sam. 21:1-10).

3. Um dos príncipes de Salomão (ver I Reis 4:3), filho de Sisa ou Eliorefe. Ambos os irmãos eram escribas de Salomão.

4. Pai de Baasa, rei de Israel (ver I Reis 15:27,33), em cerca de 953 A.C. Conspirou contra Nadabe, filho de Jeroboão, e governou em seu lugar. Pertencia à tribo de Issacar.

5. Um dos heróis de Davi (ver I Crô. 11:36), em cerca de 1050 A.C. Era pelonita e um dos trinta principais heróis de Davi, a elite militar. Ver Também II Sam. 23:34.

6. Um levita durante o reinado de Davi (ver I Crô. 26:20), em cerca de 1015 A.C. Governava os tesouros da casa de Deus. A Septuaginta e muitos eruditos traduzem essa palavra, nesse trecho, como «irmão deles», em vez de um nome próprio.

7. Um dos líderes de Israel, que se uniu em pacto com Neemias (ver Nee. 10:25), em cerca de 445 A.C.

8. Um descendente de Benjamim (I Crôn. 8:7), um dos filhos de Eúde. O International Critical Commentary supõe que os três nomes: Naamã, Aías e Gera formariam uma ditografia (ver I Crô. 8:4). Os nomes Aías (vs. 7), Aoá (vs. 4) e Eí (Gên. 46:21) são variações escribais de um texto que originalmente dizia Airã (ver Núm. 26:38).

9. Pai de Aitube, antepassado de Esdras (II Esd. 1:1 ss.). (FA UN Z)

AIATE

Forma alternativa de Ai (ver o artigo). Essa forma encontra-se em Isa. 10:28.

AIÇÃO

No hebraico significa **meu irmão levantou-se** ou *irmão do inimigo*. Um dos quatro homens de distinção a quem Josias enviou para consultar a profetisa Hulda, a respeito da lei (ver II Reis 22:12-14). Ele e seus familiares foram poupados pela proteção conferida ao profeta Jeremias (ver Jer. 26:24 e 39:4), o qual, de outro modo, poderia ter morrido. Era pai de Gedálias, a quem Nabucodonosor tornou-se governador da terra, após a destruição de Jerusalém. (FA S Z)

AICAR, LIVRO DE

Aicar era sobrinho de Tobias, filho do irmão deste, Anael (ver Tobias 1:21,22; 2:10; 11:18; 14:10). Tal como Tobias, foi personagem da antiga literatura de sabedoria do Oriente Próximo, sendo usado como o herói do livro de Aicar, do qual fazemos uma breve descrição abaixo.

Trata-se de uma lenda popular, com o intuito de ensinar conceitos éticos. Fala-se de uma época entre 500 e 600 A.C., embora a data do livro seja incerta. Há várias versões da narrativa em aramaico, siríaco, árabe, etíope, armênio, grego, turco e eslavônico. O original provavelmente foi escrito em aramaico, mas os nomes ali contidos quase todos são de origem assíria. O livro tem muitos paralelos literários e elementos tomados por empréstimo, sobretudo do Antigo Testamento, dos livros apócrifos do Antigo Testamento, de Tobias, de Ben Siraque, de Demócrito, de Esopo, do Alcorão e do Novo Testamento. Como é óbvio, a história foi aproveitando adições e modificando-se ao longo do caminho, para poder incorporar tão grande gama de literatura.

Principais elementos da narrativa:

1. Aicar era o vizir (oficial mais alto) de Senaqueribe, rei da Assíria (704 - 681 A.C.). 2. Era conhecido por sua sabedoria. 3. Visto que não tinha filhos, adotou o filho de sua irmã, Nadã, e criou-o para ser o seu sucessor na corte de Senaqueribe. 4. Deu ao menino todas as vantagens, embora este fosse como uma maçã estragada, aparentemente bonita por fora, cujo âmago porém, estava apodrecido. 5. Quando Aicar ameaçou substituir o menino, Nadã escreveu cartas fraudulentas aos soberanos do Egito e da Pérsia, oferecendo-se para trair as tropas assírias. O pior é que disse a Senaqueribe que Aicar era traidor da pátria e então foi condenado à morte. Afortunadamente, o proposto executor de Aicar era um bom amigo seu, que colocou um criminoso em lugar dele, dando tempo assim para que a cólera do monarca se abrandasse. 6. Aicar teve de ocultar-se. Surgiram circunstâncias que levaram o rei a consultar alguém que fosse tão sábio quanto Aicar. O Egito exigiu que a Assíria pagasse pesado tributo e este poderia ser dispensado se alguém pudesse construir um castelo no ar, com cordas tecidas de areia. 7. Aicar é trazido à presença do rei, porém, agora um homem alquebrado, com cabelos longos e unhas como as presas de uma águia. 8. Então ele confrontou seu sobrinho com provérbios de repreensão, como, por exemplo: «Oh, meu rapaz! você foi para comigo como um homem que viu seu companheiro despido no frio do inverno e derramou sobre ele água gelada». Ouvindo essas repreensões, o corpo de Nadã inchou e seu ventre estourou. 9. A fim de resolver o problema egípcio, Aicar usou duas águias para transportar dois meninos para o ar, os quais então pediram aos egípcios que lhes dessem tijolos e cimento, para poderem construir o castelo. Visto que não podiam fazer isso, foi dispensada a obrigação da construção do castelo. Então Aicar foi restaurado ao seu posto original.

Esse livro, sob várias formas e em vários idiomas, foi muito popular na literatura folclórica por muitos séculos. Foi encontrado um fragmento do livro nas ruínas de Elefantina, com data de cerca de 500 A.C. Mas é óbvio que vários elementos da história foram sendo acrescentados com a passagem do tempo. Seu texto mais autoritário é um papiro em aramaico. (C Z)

AIESER

No hebraico, **irmão é ajuda**. É o nome de duas pessoas do Antigo Testamento:

1. Filho de Amisadai, o qual, no tempo de Moisés, representava a tribo de Dã, o que fez em certo número de importantes ocasiões (ver Núm. 1:12; 2:25;

7:66,71; 10:25). Saiu do Egito à testa de setenta e dois mil homens.

2. Um homem mencionado em I Crô. 12:3, chefe danita que se aliou a Davi, quando se esondia em Ziclague, para não ser morto por Saul. Era um exímio arqueiro. (UN Z)

AIJALOM

No hebraico, **lugar de veados** ou **carvalhos**. Havia duas cidades com esse mesmo nome:

1. Uma cidade e um vale na tribo de Dã (ver Jos. 19:42), que foi dada aos levitas (ver Jos. 21:24; I Crô. 6:69), não distante de Bete-Semes (ver II Crô. 28:18). Foi um dos lugares fortificados por Reoboão (ver II Crô. 11:10). Estava entre os fortes que os filisteus tomaram de Acaz (ver II Crô. 28:18). O nome aparece pela primeira vez na Bíblia no discurso de Josué, após a derrota dos amorreus: «Sol, detém-te em Gibeom, e tu, lua, no vale de Aijalom» (Jos. 10:12). Veio a tornar-se uma cidade de refúgio (ver Jos. 21:24). Quando da divisão da terra, os danitas não conquistaram a cidade (ver Juí. 1:35), mas Saul e Jônatas obtiveram grandes vitórias nas proximidades da mesma (ver I Sam. 14:31). Mais tarde foi habitada por efraimitas (I Crô. 6:69), e mais tarde ainda, por benjamitas (I Crô. 8:13). Quando Israel e Judá se dividiram, ela ficou com Judá. Então Reoboão tornou-a uma fortaleza (ver II Crô. 11:10). No reinado de Acaz, foi capturada pelos filisteus (ver II Crô. 28:18).

2. Uma cidade no território da tribo de Zebulom (ver Juíz. 12:12). O juiz Elom foi ali sepultado. A localização moderna é desconhecida. (AH ND UN S)

AIJELETE (Hash-shahar)

Ver instrumentos musicais. A palavra ocorre no título do Salmo 22, no hebraico. Pode indicar a melodia com que esse Salmo era cantado. Em nossa Bíblia portuguesa, essa melodia aparece com o nome de Corça da Manhã, no título desse salmo.

AILUDE

Desconhece-se seu sentido em hebraico, mas talvez signifique *irmão do nascido*, ou *irmão do Lídio*.

1. Pai de Josafá, cronista e escrivão do reino, nos governos de Davi e Salomão (ver II Sam. 8:16; 20:24; I Reis 4:3).

2. Pai de Baana, um dos oficiais de Salomão (ver I Reis 4:12). Mas alguns estudiosos pensam que «1» e «2» são a mesma pessoa.

AIM

No hebraico, **fonte**. Há duas cidades com esse nome no Antigo Testamento:

1. Uma aldeia na extremidade nordeste de Canaã, assim chamada devido a uma fonte existente no local. O trecho de Núm. 34:11 mostra que ficava perto de Ribla (mas não a Ribla do Orontes). Os textos da Vulgata e dos rabinos dizem *Dafne*, em lugar de Aim, mas aquela ficava próxima do lago Hulé. Josefo (*Guerras* iv.3) estava amiliarizado com o lugar. Este era um marco fronteiriço natural na Palestina oriental. Alguns a têm identificado com a 'Ain el-'Azy, um dos braços formadores do Orontes, que é uma poderosa fonte de água potável.

2. Uma cidade que a princípio foi dada à tribo de Judá (ver Jos. 15:32), e que mais tarde foi dada a Simeão (ver Jos. 19:7 e I Crô. 4:32). Era uma das cidades dos levitas (ver Jos. 21:16). Em I Crô. 6:59, o nome de Aim é mudado para Asã. Ficava localizada a nordeste de Canaã, entre Ribla e o mar da Galiléia.

Em Josué e I Crôn. 4:32, as cidades de Aim e Rimom aparecem como cidades separadas. Alguns estudiosos, porém, preferem entender que havia uma única cidade, com o nome de *Aim-Rimom*.

3. A mesma palavra significa a décima sexta letra do alfabeto hebraico, assim chamada porque seu traçado se parece com um olho. Também figura no alfabeto de Ugarite. Na Septuaginta, foi usada a letra grega *gama* para transliterá-la, conforme se vê nos nomes próprios locativos Gomorra e Gaza, que no hebraico começam com a letra *aim*.

AIMÁ

No hebraico, **irmão de um presente, liberal** ou **meu irmão é fortuna**.

1. Um dos três famosos gigantes anaquins que habitavam em Hebrom, avistados pelos espias e por Calebe (ver Núm. 13:22), em cerca de 1600 A.C. Posteriormente, os gigantes foram exterminados por Josué (ver Jos. 11:21), ou foram mortos pela tribo de Judá (ver Juí. 1:10).

2. Um dos porteiros levitas do templo, após o exílio. (Ver I Crô. 9:17). (FA UN S)

AIMAÁS

No hebraico, **meu irmão é ira**, ou **irascível**. É o nome de várias pessoas no Antigo Testamento:

1. Pai da esposa de Saul, Ainoã (ver I Sam. 14:50).

2. Filho e sucessor de Sadoque, foi sumo sacerdote juntamente com ele durante o reinado de Davi, e talvez tenha sido o único sumo sacerdote nos dias de Salomão. Sua história cabe mais no tempo de Davi, a quem prestou um importante serviço, quando da revolta de Absalão. Na ausência de Davi em Jerusalém, os sumos sacerdotes Sadoque e Abiatar ali ficaram para cuidar dos negócios do reino. Mas seus filhos, Aimaás e Jônatas ocultaram-se fora da cidade, prontos a levar a Davi qualquer informação importante acerca das atividades de Absalão. Foi assim que Husai, tendo transmitido aos sacerdotes o resultado do conselho de guerra, em que seu conselho foi preferido ao de Aitofel, enviou uma menina (para evitar suspeitas) a Aimaás e Jônatas, para que eles levassem a notícia a Davi. Mas isso foi detectado, e os mensageiros foram perseguidos. Refugiaram-se em um poço vazio, e a dona da casa escondeu-os cobrindo o poço e disfarçando-o com grama seca. E disse aos perseguidores que os mensageiros haviam passado por ali com grande pressa. Desse modo, puderam continuar e transmitir a mensagem a Davi (ver II Sam. 15:27-36; 17:17-20). Aimaás tornou-se conhecido por ser um corredor veloz, o que demonstrou ainda em uma outra ocasião, quando convenceu Joabe a permitir-lhe levar notícias a Davi. Um outro homem, Cusi, estava a caminho, embora Aimaás tivesse corrido mais do que ele, chegando primeiro para dar as notícias. A notícia envolvia a vitória do exército de Davi sobre o de Absalão, e a morte deste último. Mas o mensageiro não falou sobre a morte de Absalão, respeitando os sentimentos de Davi. Alguns duvidam que ele tivesse substituído Sadoque como sumo sacerdote, visto que ele não aparece entre os oficiais de Salomão (ver I Reis 4:2), e por parecer que Azarias é que preenchia essa função.

3. Genro de Salomão, que casou-se com a filha

deste, Basemate, e foi um dos doze oficiais do rei, encarregados de prover o alimento para a casa real, financiado pelo oitavo distrito, o de Naftali (ver I Reis 4:15). Viveu em cerca de 950 A.C. (FA S UN Z)

AIMELEQUE

No hebraico significa **irmão do rei** ou **amigo do rei**. Nome aplicado a três personagens do Antigo Testamento.

1. Um outro nome para Aías. Ele é a terceira pessoa desse nome que é discutida.

2. Um heteu que seguia Davi enquanto ele estava fugitivo no deserto, escondendo-se de Saul (ver I Sam. 26:6).

3. Um filho de Abiatar também atendia por esse nome (ver II Sam. 8:17; I Crô. 18:16). Era neto do primeiro Aimeleque, acima. Alguns supõem que o pai e o filho de Abiatar não teriam o mesmo nome; mas a verdade é que esse era um fenômeno comum. Outros supõem que o texto deveria dizer «Abiatar, filho de Aimeleque», e não «Aimeleque, filho de Abiatar», tornando assim esse homem idêntico ao primeiro homem. Entretanto, não há necessidade desse esquema. (ALB UN)

AIMOTE

No hebraico quer dizer **meu irmão é morte**, ou *destrutivo*. Era levita, descendente de Coate (ver I Crô. 6:25). Elcana, pai de Samuel, descendia dele. Em I Crô. 6:26 é chamado Naate.

AINADABE

No hebraico, **irmão é nobre** ou **irmão liberal**. Um dos doze oficiais que, nos doze distritos em que o país foi dividido, conseguia suprimentos para a mesa real, em regime mensal. O distrito de Ainadabe era constituído da metade sul da região além do Jordão (ver I Reis 4:14), no sul de Gileade. E sua sede ficava em Maanaim. (S Z)

AIN FESHKA

Um oásis a três quilômetros ao sul de Khirbet Qumran, na costa ocidental do mar Morto. Esse lugar pode ter sido o centro agrícola das seitas de Qumran. Ver sobre *Qumran*. Essa comunidade produzia certa variedade de legumes, e contava com um curtume, que provavelmente incluía a produção de pergaminho. (Z)

AIN KARIM

Uma aldeia cerca de seis quilômetros a oeste de Jerusalém, onde, segundo a tradição, viviam Zacarias e Isabel, pais de João Batista (ver Luc. 1:24,39). Maria, mãe de Jesus, foi ali visitar sua prima. (DAL Z)

AINOÃ

No hebraico, **irmão da graça** ou **irmão é deleite**. Era nome de duas mulheres referidas no Antigo Testamento.

1. Uma mulher de Jezreel, uma das esposas de Davi, mãe de Amom. Ela foi levada cativa pelos amalequitas, quando eles assaltaram Ziclague, mas foi resgatada por Davi (ver I Sam. 25:43; 27:3; II Sam. 2:2 e 3:2). Após a morte de Saul, Ainoã e Abigail subiram a Hebrom com Davi, e ali Ainoã deu à luz ao primeiro filho de Davi, Amom (ver I Sam. 15:43; 27:3; I Crô. 3:1). Abigail foi a mãe de seu segundo filho.

2. Filha de Aimaás, esposa de Saul (ver I Sam. 14:50). (S Z)

AIO Ver sobre **Guia**.

AIO

No hebraico, **fraternal**. Há três pessoas com esse nome no Antigo Testamento:

1. Um dos filhos de Abinadabe, o qual, com seu irmão Uzá, guiaram a carruagem nova em que a arca foi posta, quando da primeira tentativa de Davi de removê-la para Jerusalém. Aio foi na frente, para guiar os bois, enquanto Uzá caminhava ao lado da carruagem (ver II Sam. 6:3,4). Assim a arca foi removida da casa de Abinadabe e voltou a Jerusalém.

2. Um benjamita, filho de Elpaal (ver I Crô. 8:14).

3. Um filho de Jeiel, irmão de Quis, e pai de Saul (ver I Crô. 8:31 e 9:37). (UN)

AIRA

No hebraico significa **irmão do mal**, ou, talvez, **sem *sorte***. Era chefe da tribo de Naftali, quando os israelitas deixaram o Egito (ver Núm. 1:15 e 2:29). Foi nomeado um dos assessores de Moisés para fazer o recenseamento do povo. Fez sua contribuição para o culto sagrado no décimo segundo dia das ofertas (ver Núm. 7:78,83; 10:27), em cerca de 1440 A.C. (UN Z)

AIRÃ (airamitas)

No hebraico, *irmão exaltado*. 1. O terceiro dos filhos de Benjamim (ver Núm. 26:38). Na lista de I Crô. 8:1, o terceiro nome, Aará, provavelmente é uma forma variante (ou corrupta) de Airão, o que talvez seja o mesmo caso de Aer, em I Crô. 7:12. A genealogia de Benjamim, em Gên. 46:21, diz *Ei*, que pode ser uma forma abreviada de Airã. Nessa lista aparecem 10 filhos, mas alguns desses nomes podem aludir a descendentes mais remotos, em outras listas. 2. Um rei fenício de Gebal (mais tarde, Biblos). Seu magnificante sarcófago foi descoberto, no qual há inscrições que representam um elo no desenvolvimento do alfabeto fenício. Esse sarcófago e as jóias de Airã estão atualmente no Museu Nacional de Beirute. Os eruditos não identificam esse homem com o Hirão de Tiro, aliado de Salomão, embora os nomes sejam evidentemente idênticos. Talvez fossem contemporâneos. (S UN Z)

AIRAMITAS

A família ou os descendentes de Airã (ver Núm. 26:38).

AISAAR

No hebraico, **irmão da alvorada**. Era benjamita, filho de Bilã, neto de Benjamim (ver I Crô. 7:10), em cerca de 1658 A.C. (S)

AISAMAQUE

No hebraico, **irmão de ajuda, socorro**. Pai de Aoliabe, o danita, um dos famosos artífices que construíram e adornaram o tabernáculo. Ver Êxo. 31:6; 35:34. Viveu antes de 1657 A.C.

AISAR

No hebraico, **irmão da canção**. Era o mordomo da

casa de Salomão (ver I Reis 4:6).

AITOFEL

No hebraico significa **irmão da insensatez**, ou **tolo**. Foi um homem que, no tempo de Davi, tornou-se conhecido por todo o Israel por causa de sua sabedoria secular. Sua sabedoria era tão grande que seus conselhos eram considerados oráculos (ver II Sam. 16:23). O verdadeiro nome desse homem pode ter sido Aifelete (irmão do livramento), cujas letras foram transpostas para que o seu nome significasse *tolo*. Os escribas poderiam ter feito isso para assinalar a sua insensatez ao ter participado da revolta de Absalão contra Davi.

1. *Sabedoria política*. Ele é mencionado no Antigo Testamento como homem dotado de grande sagacidade política. Fazia parte do grupo de conselheiros de Davi; mas estava em Giló, seu lugar nativo, quando Absalão proclamou sua revolta e convocou-o para vir a Jerusalém.

2. *Defecção*. Supomos que Aitofel pesou as possibilidades do caso, tendo calculado que Absalão seria o vencedor. Portanto, resolveu dar apoio à rebelião (ver II Sam. 15:12). Davi ficou alarmado diante da defecção, e orou para que Deus transformasse o sábio conselho de Aitofel em insensatez. A fim de ajudar nesse propósito, enviou Husai a Absalão, para que ele fingisse estar-se aliando àquele, a fim de enfraquecer a influência de Aitofel. Talvez o trecho de Sal. 55:12-14 contenha um lamento de Davi, diante da traição de Aitofel, sendo ele ali chamado de «meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo», mas agora em liga com o adversário. Aitofel aconselhou Absalão a apossar-se do harém de Davi, e isso pôs fim a toda possibilidade de reconciliação (ver II Sam. 16:20-23). E é provável que a medida tivesse precisamente essa finalidade. Também aconselhou Absalão a perseguir e a eliminar Davi e suas tropas sem a menor demora, antes que tivessem a oportunidade de se reorganizarem. Mas Husai, tendo desempenhado bem o seu papel, convenceu Absalão a esperar e ser cauteloso. Isso deu a Davi o tempo necessário para organizar o contra-ataque.

3. *Suicídio*. Quando Aitofel viu que seu conselho fora rejeitado, desistiu de seguir Absalão, como uma causa perdida, e imediatamente retornou à sua casa, em Giló, pôs em ordem os seus negócios e suicidou-se. Não há como duvidar que, em sua sabedoria, ele viu que Davi sairia vencedor, sendo ele deixado na ridícula posição de haver promovido uma causa errada e perdida. Foi sepultado no sepulcro de seu pai (ver II Sam. 17:23), em cerca de 967 A.C. Esse é o único caso de suicídio registrado no Antigo Testamento, a menos que consideremos como tais os atos de desespero de Sansão e Saul. Ver o artigo sobre o *suicídio*. É curioso que seu filho, Eliã tenha permanecido fiel a Davi; porquanto foi um de seus trinta valentes guerreiros (ver II Sam. 23:34) (FA ND S UN Z)

AITUBE

No hebraico, **irmão da bondade.** É nome de várias pessoas do Antigo Testamento:

1. Filho de Finéias, neto do sumo sacerdote Eli. Seu pai, Finéias, foi morto quando a arca de Deus foi tomada pelos filisteus. Sucedeu a seu avô como sumo sacerdote (em cerca de 1141 A.C.), e por sua vez, foi sucedido por seu filho, Aías (ver I Sam. 14:3), em cerca de 1093 A.C. Ele é chamado de Aimeleque, o sacerdote, em I Sam. 22:9,11,20.

2. Nome do pai de Sadoque. Sadoque foi feito sumo sacerdote após a morte de Abimeleque (ver II Sam. 8:17 e I Crô. 6:8). Portanto, ocupava esse ofício nos dias de Davi. Em I Crô. 9:11, Aitube é chamado avô de Sadoque. Essas confusões eram provocadas nas listas genealógicas do Antigo Testamento porque os escribas tinham o hábito de deixar de fora, propositalmente, certos nomes, preferindo dar listas representativas, e não listas completas; e também pelo fato de que o termo «pai de» pode referir-se a algum antepassado mais distante, ao mesmo tempo que «filho de» pode ter a força de «descendente». Esses termos eram usados como expressões de ligação, não exprimindo necessariamente relacionamentos exatos. Não há qualquer evidência em prol da conjectura que Aitube tivesse chegado a ser sumo sacerdote.

3. Um outro Aitube era descendente ou filho de Amarias, pai de um outro Sadoque. Estava na sétima geração de Aitube, alista sob o segundo número acima, em I Crô. 6:11; Esd. 8:2; II Esd. 1:1 e Esd. 7:2.

4. Um antepassado de Judite (ver Juí. 8:1). (S UN Z)

AIÚDE

No hebraico quer dizer **irmão é majestade**, ou *irmão de um famoso*. É o nome de dois personagens do Antigo Testamento:

1. Um príncipe da tribo de Aser, o qual, juntamente com outros cabeças de tribos, cooperou com Josué e Eleazar na divisão da terra prometida (ver Núm. 34:27), em cerca de 1172 A.C.

2. Um dos filhos de Eúde, da tribo de Benjamim (ver I Crô. 8:7). O texto não é claro (talvez tenha sido corrompido), e ele poderia ser identificado como filho de Gera ou de Heglã. (UN Z)

AJATIVADA

Termo sânscrito para «não-organização». A única realidade seria o Absoluto, que não tem origem. Usado para indicar Guadapada.

AJOELHAR Ver Joelho, ajoelhar.

AJUDADOR

Essa é uma tradução possível do termo grego *paracleto*, um dos nomes dados ao Espírito Santo, a fim de designar o Seu ofício de ajuda, consolo e exortação, visando ao benefício dos crentes. Ver o artigo sobre o *Paracleto*.

AJUDA ECONÔMICA

Ver *Nações Subdesenvolvidas*.

AJUDAS

No grego temos **antilempsis**, «ajudas», «apoios». Ver I Cor. 12:28. O sentido básico da forma verbal é *levar pessoalmente a carga de outrem*, ou seja, levar o fardo alheio.

Usos da palavra. O termo grego é usado nos clássicos para indicar ajuda ou assistência. (Por exemplo, Diod. Sic. i:87). A Septuaginta traduz o termo hebraico correspondente por «socorro», conforme se vê em Sal. 22:19. Outro tanto sucede nos escritos de Josué (ver Guerras iv.5.1) e em II Mac. 11:26.

No Novo Testamento. No trecho de I Cor. 12:28, a palavra assume o sentido especial de ser um dos vários dons do Espírito. Os intérpretes muito têm disputado sobre o significado desse dom, exatamente no que consiste, como ele opera, etc.

Idéias. A palavra grega não representa aqui um ofício, como é o caso de apóstolos, pastores, mestres, profetas e evangelistas, os quais, como indivíduos, ocupavam uma posição oficial ou não na Igreja. Refere-se antes a uma função desempenhada por tais homens. Portanto, está em foco o que alguém faz, como atos de misericórdia, doação em dinheiro ou em comestíveis para alívio da pobreza e da necessidade, etc. É nesse campo que os *diáconos* mostram-se ativos, e assim exercem o dom de ajudar ao próximo. A passagem de I Tessalonicenses 5:14 afirma que devemos consolar os desanimados e amparar os fracos. Isso está relacionado à questão. E Paulo também diz que cada qual deve ajudar com seu labor. (Ver Atos 20:35; comparar também Luc. 1:54).

Uma pessoa dotada com esse dom poderia ser um diácono, impulsionado pelo Espírito Santo a preocupar-se com os pobres e necessitados; ou então qualquer indivíduo generoso, que tenha prazer em prestar ajuda e fazer doações voluntárias. A verdade é que há pessoas que se regozijam em dar, não se preocupando muito com aquilo que lhes resta. A generosidade é um dos aspectos do amor, e isso, por si mesmo, é o maior de todos os aspectos do fruto do Espírito (ver Gál. 5:22, bem como as notas do NTI a respeito). Ver também o artigo sobre o *amor*. Aquele que tem esse dom de socorro pode viver de acordo com a lei do amor em sentido material, satisfazendo sua alma ao ver que outras pessoas têm supridas as suas necessidades. Esse dom pode não parecer muito espetacular, como a profecia e o falar em línguas. Porém, nada existe de tão grande e satisfatório quanto a lei do amor, que é a substância da lei e a prova da espiritualidade (ver I João 4:7,8,20,21). (NTI UN)

AKIBA

Um dos maiores mestres judeus palestinos (50-135 D.C.). Até aos quarenta anos era um pastor analfabeto. Encorajado por sua esposa, Raquel, começou a estudar a lei, e após doze anos, distinguiu-se como mestre. Sistematizou a *Halakah* (prática religiosa, ver o artigo a respeito) e estabeleceu novos métodos de interpretação, incluindo a descoberta de sentidos secretos em cada letra e palavra das Escrituras, um método ilusório que, nos séculos posteriores, haveria de perturbar a vida de muitos. Entretanto, foi um grande erudito que se distinguiu como filósofo e teólogo, expandindo-se o escopo da erudição judaica. Mereceu o título de «pai do judaísmo rabínico». Deu apoio à revolta anti-romana em 132 D.C., encabeçada por Bar Cocheba, a quem Akiba proclamou como o Messias. Ignorou as proibições romanas contra o estudo da lei, e finalmente, foi executado por escoriação (segundo diz o Talmude). (AM E)

ALABASTRO

O antigo alabastro era uma espécie de mármore. Plínio informa-nos que era abundante nas cercanias de Tebas, no Egito, bem como ao redor de Damasco, na Síria. Era usado para manufaturar vasos e jarras de ungüento (ver Mat. 26:7; Mar. 14:3). Muitos vasos eram chamados *alabastro*, embora, na realidade, fossem feitos de várias substâncias, como ouro, prata, vidro, etc. Geralmente o mármore tem veios do chamado ônix-mármore, que consiste em zonas concêntricas de calcita ou aragonita, cujos materiais são carbonato de cálcio. Quando puro, o alabastro é branco ou translúcido. Com impurezas, assume várias cores, creme, amarelo, marrom e vermelho, devido à presença do óxido de ferro. A formação resulta de depósitos de soluções em água fria, em cavernas, particularmente estalactites e estalagmites, em fendas e em torno das saídas de fontes. O alabastro moderno é uma variedade muito fina e compacta de gesso (sulfato de cálcio hidratado), usado em trabalhos de ornamentação interior. No Novo Testamento ver Mat. 26:6,7; Mar. 14:3; Luc. 7:37 e João 12:3. (FA S Z)

ALABE

No hebraico, **gordura, fértil**. Uma cidade de Aser, identificada com a moderna Khirbet el-Mahalib, na Galiléia superior, a pouco mais de seis quilômetros a nordeste de Tiro (ver Juí. 1:31).

ALAI

No hebraico, **oxalá!** 1. Filha de Sesã, a quem ele deu por mulher a seu escravo egípcio, Jará. Ela pertencia à tribo de Judá (ver I Crô. 2:31,34). 2. O pai de Zabade, um dos homens poderosos de Davi (I Crô. 11:41), em cerca de 1046 A.C. (UN Z)

ALAMELEQUE

No hebraico, **carvalho do rei**, uma cidade no território de Aser, identificada com Wady-el-Malek, a dez quilômetros de terra adentro de Haifa, embora não haja certeza quanto à sua localização. (Ver Jos. 19:26). (S Z)

ÁLAMO

Essa árvore é mencionada apenas por duas vezes na Bíblia (ver Gên. 30:37 e Osé. 4:13, embora nesta última referência a nossa versão portuguesa diga «choupos»). Na primeira referência há menção à utilidade de sua madeira; e, na segunda, são mencionadas as ofertas feitas debaixo de suas sombras. Cientificamente, a árvore é chamada *Populus elba*, podendo atingir a uma altura de 18 m. Produz boa sombra, devido à sua densa folhagem. As folhas são de cor cinza brilhante, brancas por baixo, o que explica o termo álamo prateado. Durante a primavera, os botões que produzem as folhas, emitem um odor fragrante. Bosques de álamos eram usados na adoração pagã, e evidentemente essa adoração incluía a queima de incenso debaixo das árvores (ver Isa. 65:3, segundo a tradução de Moffatt). Jacó utilizou-se de varas de álamo para tentar influenciar as ovelhas a produzirem crias de determinado colorido. Naturalmente, nisso há certa dose de superstição; e se algo influenciou tal colorido, além dos fatores genéticos, temos de pensar em Deus, e não em varas de álamo. (ID Z)

ALAMOTE

No hebraico, **virgens**. Nossa versão portuguesa traduz a palavra como «voz de soprano», em Sal. 46 e I Crô. 15:20. Ou era um instrumento musical ou era uma melodia. Ver sobre *instrumentos musicais*.

Ver os artigos sobre *Estética* e *Música*.

••• ••• •••

ALBERTO MAGNO

Filósofo e teólogo escolástico (1193-1280); famoso pela extensão de sua sabedoria. Foi intitulado, com justiça, Doutor Universal. Foi um dominicano alemão, educado em Paris, Pádua e Bolonha, tendo lecionado em Paris e em Colônia. Escreveu comentários sobre Aristóteles e transmitiu à Idade Média o conhecimento grego e islâmico acerca das ciências naturais. Promoveu o método empírico e as ciências naturais, sendo o precursor de Roger Bacon (ver o artigo). Foi o intelecto organizador da Idade Média e teria maior renome, se o seu discípulo, Tomás de Aquino, não tivesse obtido estatura intelectual maior ainda. Trouxe à atenção de muitos eruditos europeus a filosofia e a ciência de Aristóteles, as quais doutra sorte teriam permanecido na ignorância. Foi também expositor das idéias e das obras de Pedro Lombardo (ver o artigo). Suas obras abrangem o conhecimento inteiro de sua época, tendo sido o único erudito medieval a comentar sobre todas as obras de Aristóteles, autênticas e pseudas.

Em 1651, foram impressos 21 volumes de suas obras, cujo editor foi P. Jammy. A obra foi reimpressa em 1890-1899. O Instituto Alberto Magno de Colônia dedicou-se a publicar suas obras. Foram impressos quarenta volumes, os quais não eram disponíveis ao público antes disso. Oh, o poder de uma única vida, embora tenha estado na Terra há setecentos anos!

Escritos: *Comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo*, 1240-1249; *Manual Sobre as Criaturas*, 1240-1243; *Comentário sobre o Pseudo-Dionísio*, 1248-1254; *Sobre a Unidade do Intelecto e Manual de Teologia* (incompleto), 1270-1280.

Idéias e realizações: 1. Expôs Aristóteles à mente européia; fundiu o aristotelianismo e o neoplatonismo. 2. Deus é o ser necessário, idêntico em Seu ser e existência. Provas de Deus: com base no movimento e na impossibilidade de um regresso infinito nos princípios. Deus é um ser inteligente, onipotente, vivo, livre e unitário em Sua natureza. 3. Porém, sabemos principalmente o que Deus não é, e não aquilo que Ele é. 4. Deus emana a realidade, tal como o neoplatonismo. 5. Alberto distinguiu claramente a teologia da filosofia, visto que a lógica não podia demonstrar os grandes temas teológicos. Porém, ele sentia que a alma podia ser demonstrada pela filosofia. A filosofia vê Deus como o Primeiro Ser; a teologia vê Deus como um Ser revelado, alvo da fé. A filosofia usa a razão como o seu grande princípio. A teologia depende da revelação, da iluminação e da fé. 6. Alberto estudou as ciências empíricas, principalmente a botânica e a zoologia, respaldando-se sobre o empirismo. 7. Sua maior contribuição foi a exposição das idéias aristotélicas aos europeus, através de traduções latinas, além de ter reconhecido e ressaltado os talentos de Tomás de Aquino à atenção dos eruditos da Europa. (AM BR E EP P)

ALBIGENSES, DOUTRINA DOS

Os albigenses herdaram as idéias distorcidas e dualistas dos bogomilos e dos paulicianos. Seu centro era a cidade de Albi, no suleste da França. Floresceram também no norte da Espanha e no norte da Itália, durante o século XII. Também eram conhecidos por cátaros ou patarinos.

Adotaram a noção gnóstica de que a matéria encerra o princípio do mal, e que os mundos materiais foram criados por uma força maligna. Rejeitavam porções do Antigo Testamento e salientavam o evangelho de João. Formavam uma comunidade anti-sacerdotal, protestando contra os abusos da Igreja medieval.

Estavam divididos em dois grupos, os *perfecti* e os *credenti*. Os discípulos «perfeitos» eram celibatários e praticavam a comunidade de bens. E os «crentes» ou discípulos podiam casar-se, ter propriedades e participar dos sacramentos da Igreja de Roma.

A consolação. Esse era o rito cátaro do batismo *espiritual*, administrado por imposição de mãos e sem água. Presumivelmente isso transmitia o *consolo* do perdão dos pecados, a liberdade do mundo material, a introdução no reino celestial de Deus. O rito só podia ser administrado por quem já o tivesse recebido e usualmente só era aplicado imediatamente antes da morte. Os que o recebiam durante a vida, eram os «perfeitos». Consideravam tal rito necessário à salvação. Uma vez que alguém se tornasse perfeito, tinha que viver no celibato, abstendo-se também de leite, ovos ou carne, visto que esses alimentos despertam a atividade sexual nos animais. Eram pacifistas, não podendo ter propriedades. Criam na reencarnação como um meio de se continuar a busca pela salvação.

Alguns batistas modernos, ansiosos para encontrarem seitas «batistas» antes da Reforma, apelam ignorantemente para os albigenses, como um elo histórico com o passado. Mas nada havia de batista entre os albigenses, exceto que eles também se opunham à Igreja de Roma. (B E)

ALBINO

Filósofo grego do século II D.C., membro da escola de Gaio (ver o artigo), e associado à quarta academia. Ver o artigo sobre a Academia de Platão. Ele sistematizou as doutrinas de Gaio, combinando Platão, Aristóteles e o estoicismo. Defendeu a idéia neoplatônica de que o conhecimento é um meio de se chegar ao discernimento religioso. Há três divisões da realidade: forma pura, idéias e matéria. Deus é o movedor inabalável, com duas *hipóstases* (ver o artigo a respeito).

ALBO, JOSÉ

Suas datas foram 1380-1444. Um seguidor popular e não-original de seu mestre, Crescas, um filósofo judeu-espanhol que extraiu suas idéias, em estilo eclético, de fontes judaicas, islâmicas e cristãs escolásticas, a fim de prover uma justificação racional para o judaísmo. Seus três grandes princípios eram: a existência de Deus; a revelação; a recompensa e a punição após a morte; em conseqüência disso, a imortalidade da alma. Segundo ele encarava as coisas, os sistemas religiosos derivam princípios secundários desses princípios. Seus escritos tornaram-se populares entre os judeus, sendo admirados por alguns teólogos cristãos posteriores, como Grótio e Ricardo Simon. (E F)

ÁLCIMO

Forma grega de Eliaquim e Joachim (nomes com freqüência intercambiados). Foi sumo sacerdote em Jerusalém entre 163 e 161 A.C. É mencionado em I Mac. 7:4-50; 9:1-57; II Mac. 14:1-27 e em Josefo, *Anti.* xii.7. Consideremos alguns pontos a seu respeito:

1. Descendia de Aarão, mas não era da casta sacerdotal. Foi expulso do ofício por judeus de Jerusalém.

2. Fez oposição a Judas Macabeu, e liderou um

grupo de homens perversos para aliar-se ao rei Demétrio. Acusou falsamente a Judas e seus irmãos de terem assassinado todos os amigos de Demétrio.

3. Demétrio enviou Baquides com Álcimo para vingar-se. Baquides fingiu ser portador de uma missão pacífica, mas Judas percebeu a fraude. Cerca de sessenta homens, envolvidos no ludíbrio, foram mortos.

4. Álcimo tentou ser nomeado sumo sacerdote, e obteve algum apoio; mas, ao fracassar em seu propósito, retornou a Demétrio.

5. Nicanor foi enviado para destruir Israel, e também tentou enganar Judas. Quase conseguiu seu intuito, mas Judas percebeu o logro e houve uma batalha. Nicanor foi morto com cinco mil de seus homens.

6. Então Demétrio enviou Baquides e Álcimo com um poderoso exército. O exército de Judas abandonou-o, e ele foi morto. Seu irmão Jônatas tornou-se seu sucessor.

7. Jônatas e suas forças foram obrigados a deixar Jerusalém, e Álcimo tornou-se o sumo sacerdote. Ordenou que o átrio interior do santuário fosse derrubado e destruiu as obras dos profetas. Ele foi afetado por uma praga, ficou paralítico e morreu entre agonias. Então houve paz na terra.

8. II Macabeus pinta Nicanor como mais amigável a Judas do que se vê em I Macabeus; e Josefo diz que Álcimo morreu antes de Judas ser morto. Portanto, há alguns problemas com a antiga narrativa. Josefo também menciona seguidores de Álcimo, chamando-os de renegados, além de haver atribuído a enfermidade de Álcimo ao juízo divino. (Z)

ALCMÉON DE CRÔTONA

Filósofo grego do século V A.C., discípulo de Pitágoras. Salientou a lei da harmonia universal, que se aplicaria aos mundos natural e social. Interessava-se mormente pela medicina, pensando que a saúde requer um equilíbrio de fatores opostos (ou poderes contrários), no organismo. Acreditava na alma imortal, embora julgasse o cérebro essencial em todos os sentidos. Identificava a alma com o movimento circular perfeito, descobrindo tal movimento no homem e nas estrelas. À tabela pitagoreana dos contrários, alegadamente ele adicionava as qualidades secundárias e relativas do doce-amargo, do branco-negro e do grande-pequeno. Ver o artigo sobre *Pitágoras* e o *pitagorianismo*. (E EP P)

ALCOOLISMO

O alcoolismo é uma condição crônica e patológica, causada pela ingestão excessiva de bebidas alcoólicas. O termo *alcoólatra* é usado para falar daqueles que se tornam dependentes físicos e psicológicos dessa substância. Os alcoólatras manifestam perturbações mentais, mudanças de caráter e de personalidade para pior, deterioração física, destruição maciça de células cérebrais, e, finalmente, por causa dessas circunstâncias, incapacidade de conviver na sociedade.

Sendo um fenômeno quase mundial, o alcoolismo tem-se tornado um dos problemas sociais mais graves. Nos Estados Unidos da América, aparece como a quarta maior causa de enfermidades, após os distúrbios mentais, as doenças do coração e o câncer. Dentre os oitenta milhões de pessoas que ingerem álcool naquele país, seis milhões são consideradas viciadas no álcool, ou alcoólatras. Muitos outros milhões são afetados pela conduta dos alcoólatras, pelo que um número enorme de pessoas são afetadas pelas desgraças produzidas pelo vício do alcoolismo.

Enfermidade ou pecado? Há grande controvérsia sobre essa questão. Alguns pensam que a ingestão excessiva de álcool origina-se da debilidade moral, e vêem a questão como um problema ético, e não como uma questão médica. Outros insistem que certas pessoas são constituídas de tal modo que ingerir álcool para elas é fácil, logo tornando-se excessivo o uso do mesmo. Apontam para desordens da personalidade e outros fatores psicológicos. De fato, é estranho que haja indícios de que hereditariedade esteja envolvida no caso, mesmo quando filhos que não conheceram seus pais, seguem-nos no vício. O fator hereditário parece apontar para alguma causa física, que não pode ser explicada pelo meio ambiente ou pelas pressões sociais. Aqueles que crêem na reencarnação respondem que os alcoólatras trazem consigo as reminiscências de outra vida física, condições morais e espirituais que favorecem outra existência como alcoólatra. Nesse caso, o alcoólatra é responsável pelo que faz, já que ele desenvolveu o vício. Outro tanto pode ser dito inteiramente à parte de qualquer conceito de reencarnação. Os alcoólatras estabelecem um padrão de vida que fomenta o vício. Pavimentam seu caminho por meio da imprudência. Parece ser melhor concluirmos que o alcoolismo tanto é uma debilidade quanto é um pecado, e que nós podemos nos aproximar do problema de ambos os ângulos.

A Bíblia e o alcoolismo. As Escrituras nos aconselham à moderação em todas as coisas, embora não proíbam terminantemente a ingestão de bebidas alcoólicas. João Batista era total abstêmio; e Jesus bebia vinho com moderação. (Ver João 2; I Tim. 3:3 e 5:23). Porém, a ciência moderna tem demonstrado que qualquer partícula de álcool na corrente sangüínea destrói células do cérebro. Com base em I Cor. 6:19-20, a única resposta espiritual, considerando-se o que a ciência tem descoberto, é a abstinência total.

Tratamento. Os Alcoólatras Anônimos, usando princípios espirituais e religiosos, bem como a solidariedade entre as vítimas do álcool, é a organização que se tem mostrado mais eficaz na reabilitação de viciados no álcool. A Igreja evangélica deve desempenhar seu papel, aplicando princípios idênticos e conclamando os homens a se entregarem a Cristo. E, naturalmente, a ciência médica pode aplicar seus conhecimentos e ajudar as vítimas; mas essa raramente é suficiente, se tiver de atuar isoladamente. Ver as notas em I Tim. 5:23, no NTI. (H HO NTI)

ALCORÃO

A palavra vem do árabe Quran, da palavra cognata *qara'a*, que significa «ler». O sentido resultante é *leitura* ou *lição*. Trata-se do Livro Sagrado do islamismo, tido como eterna palavra de Deus, e que o arcanjo Gabriel teria entregue a Maomé (ver o artigo a seu respeito), em 622 D.C. Após haver chegado em Medina, Maomé começou a ditar os seus oráculos a um discípulo, à medida que lhe iam sendo revelados. O termo *Quran* a princípio foi aplicado a cada revelação, ao ser anunciada pelo profeta, mas, eventualmente, o termo foi dado ao livro inteiro compilado após a morte de Maomé, por seu secretário, Zaid Ibn Thabit, por ordem do califa Abu Bekr. Parte do conteúdo do Alcorão deriva-se do período de Meca, antes de 622. O resto veio à

existência entre 622 e 632. Quando Maomé faleceu, o livro existia sob forma de fragmentos, o que explica a necessidade de compilação. Porém, antes mesmo disso, muitos islamitas conheciam de memória grandes trechos do mesmo, o que mostra o poder do livro, desde os seus primórdios. Os redatores arranjaram a obra em capítulos, ou *suras*, os mais longos no princípio e os mais breves no fim do livro. Esse arranjo, pois, ignora a lógica e a cronologia. Há 114 *suras*, totalizando cerca de 77.638 palavras. Em páginas batidas à máquina, espaço e meio, daria cerca de 150 páginas, ou seja, um livro de tamanho relativamente pequeno. O estilo do mesmo é métrico. Suas fortes cadências e suas reiterações cumulativas são lidas em voz alta e com eloqüência, o que muito atrai os ouvintes islamitas. O livro foi escrito em árabe clássico, tendo-se tornado modelo de outras variedades literárias, como ciências, filosofia, ética, etc.

Características e mensagens:

1. O orador é Deus, do princípio ao fim, que se comunica com os homens através de um anjo. Da primeira à última página é enfatizado o *monoteísmo*.

2. As primeiras *suras* são apaixonadas, contendo vívidas descrições de casos de ressurreição, de julgamento, do céu, etc.

3. As últimas *suras* são menos vívidas e contêm exortações acerca da fé, das virtudes, do cerimonial, das leis civis e religiosas. Os judeus são atacados violentamente, Deus é exaltado e a idolatria é combatida. É deplorada a deificação dos homens (como no caso de Cristo). Os homens são exortados a defender a fé.

4. O Alcorão contém relatos cujo intuito é ensinar lições morais e espirituais, mormente sobre como Deus recompensa os fiéis e julga os incrédulos. Personagens como Abraão, Moisés, José (do Antigo Testamento), alguns do N.T., bem como aqueles pertencentes à cultura árabe, são usados como veículos dessas narrativas. Aquelas narrativas baseadas na Bíblia são distorcidas.

5. O conteúdo da obra é unificado no fato de que sempre se faz presente o fluxo da comunicação divina, através do anjo, ao profeta. O conteúdo centraliza-se nas exortações à obediência e na busca da salvação através da obediência.

6. *Uma sura notável*. Essa é chamada de *alfatiha* (abertura), também denominada Oração do Senhor dos islamitas. Diz como segue:

«No nome de Deus, o misericordioso compassivo. Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos, o misericordioso compassivo, o soberano do dia do julgamento. Adoramos a ti e te imploramos a ajuda. Dirige-nos pelo reto caminho, no caminho daqueles a quem tens agraciado, em quem não há ira, e que não se desviam».

7. Cristo aparece ali como profeta, e importante, mas não como ser divino.

8. *Alvo geral do Alcorão*. «...orientação para os piedosos que crêem nos mistérios da fé, fazem orações e dão esmolas».

9. *Autoridade*. O Alcorão é aceito como isento de erros, é encarado com profunda reverência, é tido como acima de qualquer crítica. Sua influência e autoridade, no mundo islâmico, não pode ser exagerada.

10. *Texto original*. O livro terreno presumivelmente seria apenas uma cópia física do Alcorão que há no céu, que seria eterno e não teria sido criado.

Um protesto:

Com o devido respeito aos sentimentos e à fé religiosa de outras pessoas, sinto-me obrigado a deixar aqui registrada a minha observação de que é lamentável que a maioria das pessoas religiosas, se não mesmo todas, quando são fortemente conservadoras (tanto no islamismo como em vários segmentos do judaísmo e do cristianismo) sinta-se na obrigação de resolver todos os problemas de conhecimento e fé por meio da revelação que resulta em algum livro. Uma vez que tal livro esteja completo, supõe-se que nada naquele livro está errado, e que *o livro* é final. Esse tipo de crença só pode estagnar a busca pela verdade e o desenvolvimento espiritual, por estar alicerçado em um *dogma*, e não nos requisitos do processo de revelação. Isso é o que os *homens* dizem sobre suas revelações e livros sagrados, e não o que a própria revelação sagrada requer. Jamais haverá tempo em que Deus deixará de revelar-se. Jamais chegará o tempo em que o caminho espiritual não continuará sendo aberto à nossa frente, ao passarmos de um estágio de glória para outro (ver II Cor. 3:18), em que nossas almas são transformadas segundo os moldes da natureza de Deus (ver II Ped. 1:4). Também não é possível que um único livro, ou uma coletânea, contenha toda a verdade de Deus. Continua sendo labor do Espírito conduzir-nos a *toda* a verdade. Em conseqüência, devemos respeitar as revelações, mas não podemos pô-las no lugar do próprio Deus Todo-Poderoso, o qual é maior que qualquer uma ou que a soma total de Suas revelações. Além disso, também devemos afirmar que a revelação não é o único meio através do qual obtemos conhecimento, sagrado ou profano. Há outros meios válidos de obtenção de conhecimento, mediante os quais chegamos a conhecer a Deus e às obras. Podemos buscar o conhecimento através do método empírico, conforme nos mostra a ciência. A intuição e a razão são meios frutíferos de obtenção de conhecimento. Tudo isso é criação e dom de Deus, e tudo pode ser útil na investigação dos variegados aspectos da verdade de Deus. O homem é um ser temporal e finito. Portanto, ele busca sofregamente pontos finais e conforto mental. Fica aterrorizado diante de questões não resolvidas e de um eterno futuro misterioso, que se estende ininterruptamente diante dele. Em conseqüência, a sua fé religiosa fá-lo tornar-se um construtor de cercas e de limitações. Porém, essas limitações são autoconfinadoras apenas. Tais cercas, tão cuidadosamente erigidas por meio de dogmas, confinam a maneira dos homens pensarem acerca de Deus e da inquirição espiritual. Porém, não confinam a Deus e nem ao poder que Ele tem de revelar-se. Devemo-nos lembrar que o próprio Deus é o nosso alvo, que Cristo é o nosso caminho, e que o Espírito é quem nos dá energia. Se concentrarmos toda a nossa busca em um livro sagrado, teremos posto um ponto final em nosso raciocínio, mas não na própria busca.

Quão freqüentemente, na história das religiões, encontramos a convicção e a declaração que diz: «O nosso grupo é o único e o melhor. Nosso livro sagrado é a última das revelações de Deus». Isso foi dito pelo judaísmo. Jesus e Paulo foram perseguidos porque pregaram novas idéias, tendo algo mais a declarar além do que já fora dito. Essa (nosso grupo é o único e o melhor) tem sido uma constante declaração que se ouve na Igreja. O islamismo a reitera. Muitos cultos e seitas assim afirmam. Tem sido dito até mesmo por pequenos grupos cismáticos da fé cristã. Tais grupos, derivados do cristianismo central, têm a audácia de dizer: «Somente nós sabemos o que o Mestre quis dizer. Somente nós praticamos o que Ele ordenou».

Os dois grandes absurdos. Em primeiro lugar, a fé

religiosa, em qualquer forma em que ela possa expressar-se, será errada e fútil. Assim asseveram o ceticismo e o ateísmo. Em segundo lugar, qualquer grupo que, com seus livros sagrados e suas interpretações particulares, tenta monopolizar a Deus.

As reivindicações de qualquer religião ou seita particular, de que atingiu um ponto de verdade completa ou final, quanto ao método ou quanto às crenças atinentes a Deus, à alma e à inquirição espiritual, são por demais ridículas para lhes darmos um momento sequer de atenção. Porém, o extremo oposto, que afirma que a experiência religiosa inteira é apenas uma gigantesca ilusão, é igualmente ridículo. (AM E P)

ALCUÍNO

Eclesiástico e educador inglês. Estudou na escola da catedral de Iorque, e tornou-se o maior erudito de sua época. Foi convidado para ser membro da corte de Carlos Magno, tendo sido comissionado para fundar escolas. Propagou a cultura latina entre os francos, fundando bibliotecas e academias. Em 790, retornou à Inglaterra, mas por diversas vezes esteve novamente entre os francos, cumprindo tarefas especiais. Nos seus últimos anos de vida cuidou da abadia de São Martin, em Tours. Seus escritos incluem cartas e poemas, manuais de gramática, dialética retórica, comentários sobre a Bíblia e um tratado teológico, intitulado *Sobre a Trindade*. Opunha-se ao *adopcionismo* (ver o artigo). (E P)

ALDRAVA

Três palavras hebraicas são assim traduzidas, referindo-se à *maçaneta do ferrolho* (ver Can. 5:5), à *alça* de um vaso de barro (ver Isa. 45:9), e ao *cabo* de um machado (ver Deu. 19:5). A forma verbal da palavra é traduzida em nossa versão portuguesa por «manejar», em II Crô. 25:5, e por «levar», em Juí. 5:14. (S Z)

ALEFE

1. Primeira letra do alfabeto hebraico, correspondente ao ALFA grego e ao *a* do idioma português e das línguas modernas. Porém, no hebraico, o alefe é uma consoante, sendo transliterada em português pelo apóstrofe (’). Encabeça cada um dos oito primeiros versos do Salmo 119.

2. Esse símbolo é usado para indicar o Codex Sinaiticus, um manuscrito bíblico do século IV D.C., encontrado por Tischendorf, em Sinae, e atualmente no Museu Britânico. Ver o artigo sobre *manuscritos*. (ME Z)

ALEGORIA

1. A palavra aparece em Gálatas 4:24, sob a forma «alegóricas», na expressão:«Estas cousas são alegóricas». Indica a explicação ou expressão de alguma coisa por meio do nome ou imagem de outra coisa. Fazer a Hagar e seus filhos corresponderem à atual Jerusalém e aos judeus (que, na realidade, descendiam de Abraão e Sara, e não de uma escrava), parece uma estranha distorção. Mas Paulo apontava para o aspecto da *servidão espiritual*. Aqueles que se tinham deixado escravizar espiritualmente, tinham-se tornado descendentes espirituais de Hagar e seu filho, e não de Sara e seu filho, o qual nasceu livre. Quanto a detalhes sobre isso, ver o NTI em Gál. 4:24.

O termo grego compõe-se de *allos* e *agoreuein*, «outro» e «falar». Quem alegorizava, falava ou escrevia sobre alguma coisa por intermédio de outra, procurando desvendar sentidos simbólicos ou espirituais ocultos e inesperados. Assim, Jesus disse: «Ide dizer a essa *raposa*...» (Luc. 13:32), ao referir-se a Herodes, pois este demonstrava possuir a natureza ardilosa e má de uma raposa. Se uma narrativa ou ilustração contém vários de tais usos, — chamamo-la de *alegoria*; mas, se apenas um desses artifícios literários é usado, chamamos esse uso de *metáfora* ou *símile*. O termo grego pode ser usado para indicar um uso isolado ou um uso reiterado desse artifício. Consideremos os pontos abaixo:

2. *Distinções*. a. Uma *metáfora* ou *símile* é uma única comparação mediante a qual uma coisa é explicada por meio de outra, segundo se vê na ilustração acima, em que *raposa* toma o lugar de *Herodes*. b. Uma *parábola*, por estrita definição, é uma estória que contém uma ou algumas poucas lições, ilustradas por seu intuito geral. Todavia, a maioria das parábolas (ver o artigo a respeito) do Novo Testamento consiste, realmente, de alegorias. Nas alegorias, muitos itens têm um sentido simbólico, isto é, são usadas muitas símiles ou metáforas. A parábola do semeador, contada por Jesus, envolve um sentido para cada item. E isso, segundo a definição moderna, é uma alegoria, e não uma parábola. c. Uma *analogia* é a comparação de uma coisa com outra, que tenciona instruir quanto à natureza da coisa em questão. Uma analogia também pode envolver muitos itens de comparação, mas é antes uma análise racional, ao passo que uma alegoria usa uma coisa de natureza inteiramente diferente para ilustrar alguma coisa. Uma analogia envolve a *semelhança* entre uma coisa e outra, em um ponto ou mais. A *bondade* de um homem pode ser usada para descrever a bondade divina, porque se assemelha a esta, em algum grau. Todos os atributos de Deus são concebidos por nós por analogia com as melhores qualidades humanas, posto que multiplicadas ao infinito. d. Um *tipo* envolve a circunstância em que uma coisa ou pessoa simboliza outra, ou um aspecto de outra pessoa ou coisa, tal como o sacerdócio de Aarão tipificava o sacerdócio de Cristo quanto a certo aspecto, ou como José, em algumas de suas qualidades pessoais, prefigurava as qualidades de Cristo, servindo assim de tipo do Senhor Jesus. O livro aos Hebreus contém muitos tipos.

3. *Alegorias na Bíblia*. Há alegorias no livro de Ezequiel, nos capítulos primeiro e trigésimo sétimo, neste último a famosa alegoria dos ossos secos. Alguns pensam que o livro Cantares de Salomão é uma alegoria elaborada, retratando o amor de Cristo por Sua Igreja. No Novo Testamento, a maioria das parábolas com múltiplos sentidos consiste em alegorias (ver Mat. 13:18-23; Mar. 4:14-20). Jesus como a porta, o pão e a água, no evangelho de João, pode ser concebido alegoricamente, em consonância com o uso de Gál. 4:24; todavia, é melhor chamar esses usos de símiles ou metáforas, de conformidade com a terminologia moderna. O Apocalipse contém a alegoria da mulher (12:1 ss), do cavalo branco (19:11-16) e muitas símiles e metáforas. Paulo usou uma outra alegoria em I Cor. 9:9 ss , usando a imagem do *boi* a fim de indicar o ministério cristão. Já vimos a alegoria de Gál. 4:24, à qual se assemelha a alegoria de Cristo como a *rocha*, em I Crô. 1:4.

4. *Interpretação alegórica*. Um artigo separado trata do assunto, sob esse título. A interpretação alegórica é anterior a tal tratamento dado na Bíblia. Os escritos homéricos (a antiga Bíblia grega, para todos os propósitos práticos) eram interpretados

alegoricamente em tempos posteriores, a fim de fixar as idéias ali contidas sobre os deuses e a fim de serem descobertos sentidos ocultos. Teógenes de Rédio (c. de 520 A.C.) provavelmente foi o primeiro alegorista homérico. Homero falara sobre os deuses em termos das injustiças, imoralidades e muitas imperfeições, e os gregos posteriores, usando os escritos de Homero como sagrados e inspirados, tiveram de apelar para a alegoria a fim de evitar a aplicação de suas terríveis descrições aos seres divinos.

Em relação à Bíblia, um judeu chamado Aristóbulo, do início do século II A.C., incorporou a interpretação alegórica aos seus ensinos e escritos. Ele tentou encontrar os ensinos de Platão nos escritos de Moisés, mediante interpretações fantasiosas. Nessa atividade ele chegou a incríveis extremos, como quando alegorizou o relato do adultério de Davi, transformando-o em um homem virtuoso, em seu ato! O que falta ser dito sobre a questão da interpretação alegórica, reservo para ser dito no artigo que trata especificamente do assunto.

ALEIJADO

A palavra indica alguém defeituoso nos membros; se nos membros inferiores, um «coxo». A razão do aleijão podia ser congênita, por motivo de enfermidade ou devido a algum acidente. Uma forma comum de aleijão, no Oriente Médio, era a cilose, ou pés atrofiados. Uma outra forma era a atrofia da perna inteira. Grande parte desses aleijões eram conseqüências de acidentes. Sem importar a causa, qualquer aleijão desqualificava um homem para servir como sacerdote, segundo a lei do Antigo Testamento. Mas um homem assim aleijado podia comer as carnes oferecidas em sacrifício, praticando qualquer outra coisa relativa à fé religiosa judaica, sem qualquer impedimento (ver Lev. 21:17-23). Ficamos sabendo, com base em II Samuel 5:6,8, que durante o início da monarquia havia muitos aleijados em Israel.

Jesus, os apóstolos e os aleijados. Durante Seu ministério terreno, Jesus curou a muitos aleijados (ver Mat. 15:30 e 21:14). Pedro e João curaram um coxo, em uma notável ocasião (ver Atos 3:2-8). Ao relatar o ocorrido, Lucas usou os termos *basis*, «pé» e *sfura*, «artelhos». Portanto, o caso envolvia um problema com os pés. Paulo curou em Listra a um «aleijado» (ver Atos 14:8-10).

Implicações metafóricas. Podemos pensar em pessoas espiritualmente aleijadas. A debilidade geral humana também pode ser assim retratada. O fato de que não podia haver sacerdotes levitas aleijados sugere-nos que aquilo que é oferecido em serviço a Deus precisa ser perfeito, não podendo ser deformado em qualquer sentido. A espiritualidade importa em saúde, e coisa alguma que sugerisse o contrário podia estar envolvida no ministério do templo, da mesma forma que, em Cristo, os crentes são considerados hígidos e perfeitos. (ID S Z)

ALELUIA

1. *A palavra*. Vem dos termos hebraicos **halal**, «louvor», e **Yah**, uma forma abreviada de «Yahweh», Senhor. Portanto, significava «louvor ao Senhor». No hebraico, a palavra era hifenizada, de tal modo que os dois elementos sempre apareciam distintos. Em outros idiomas, porém, tornou-se um nome composto, incluindo no grego da Septuaginta. Atualmente, a expressão tornou-se universal. Encontra-se no começo e no fim de vários dos Salmos, tendo-se tornado um convite padrão para se louvar a Deus na adoração do templo.

2. *Seu uso nos Salmos*. Esse uso divide-se em dois grupos: a. Salmos 104 e 115 (no fim); 106 (no começo e no fim). Esse último uso parece parte da doxologia do quarto livro do saltério. b. Salmos 111-118 (no começo); 115 - 117 (no fim). Na Septuaginta, há uma repetição no fim do Salmo 113 e no começo do Salmo 114, que assim completa a série. E, mui provavelmente, isso está correto. c. Salmo 135 (no começo); mas a Septuaginta põe o vocábulo no começo do Salmo 136. d. Salmos 146 - 160 (no começo de cada um). Portanto, a palavra «Aleluia» é usada nos Salmos por um total de quinze vezes.

3. *No Novo Testamento*. Em Apo. 19:1,3,4,6 há uma convocação para louvor e adoração por meio de «Aleluia», agora transformada em uma exclamação cristã, com o uso da mesma fórmula. Portanto, o uso desse vocábulo está limitado aos Salmos e ao livro de Apocalipse. E, neste último, o louvor envolve um coro celestial.

4. *Usos festivos*. Esse termo passou a ser usado como uma expressão de louvor, nas festividades da Páscoa, do Pentecoste e dos Tabernáculos. Os Salmos 105 e 106 eram usados nessas festas. O grupo dos Salmos 113 - 118 passou a ser conhecido como o Hallel Egípcio, devido à sua associação com o livramento de Israel da servidão egípcia. Esses Salmos eram usados por ocasião das três principais festividades, e por ocasião da dedicação do templo. Por ocasião da Páscoa, eram entoados os Salmos 113 e 114, antes da refeição pascal, e os Salmos 115 a 118, após a mesma, conforme foi observado por Jesus e seus discípulos, na última Ceia (ver Mat. 26:30).

5. *Usos modernos do vocábulo*. Além do uso popular dessa expressão, na Igreja cristã, como uma expressão de louvor, a palavra é usada para designar o sábado antes do domingo da ressurreição. Além disso, também é usada por alguns para aludir ao próprio domingo da ressurreição. (AM AU ID NTI)

Ver o artigo sobre o *Hallel*, relacionado a este assunto.

ALEMA

Uma cidade de Gileade, além do Jordão, uma dentre meia dúzia de cidades onde os gentios aprisionaram os judeus (ver I Mar. 5:24-26). Judas Macabeu foi ali, libertou os judeus e executou os cidadãos (I Mac. 5:28-44). O lugar tem sido identificado com Alma, na planície do Haurã, talvez sendo a mesma Helã referida em II Sam. 10:16, embora não haja certeza quanto a esse particular. (S Z)

ALEMBERT, JEAN LE ROND D'

Suas datas são 1717-1783. Filósofo e matemático francês, nascido em Paris. Estudou no Colégio Jansenista de Mazarin, fez contribuições à matemática e à física, e foi editor da grande *Enciclopédia* (juntamente com Diderot). Obras: *Tratado sobre a Dinâmica*, 1743; *Discurso Preliminar da Enciclopédia*, 1791; *Mescla de Literatura, História e Filosofia* (5 volumes), 1752; *Ensaios sobre os Elementos da Filosofia*, 1759; opúsculos matemáticos, 1761-1780.

Idéias:

1. Todo conhecimento tem origem empírica. As percepções cooperam com a memória; a memória com a história; a razão com as ciências e a filosofia; a imaginação com as artes.



Alexandre, o Grande na batalha de Issus
Art Reference Bureau, Ancram



Moeda de prata de Lysimachus, Rei de Trácia
A Cabeça de **Alexandre o Grande, deificado, — Cortesia,** Museum of Fine Arts, Boston



Tetradracma de Prata, Alexandre o Grande, Século III
Tetradracma de Prata de Heliocles de Báctria
Tetradracma de Prata de Antimachus I de Báctria
Cortesia de Museum of Fine Arts, Boston

2. A matemática, por igual modo, é empírica. Ele trabalhou com a teoria das probabilidades, embora estivesse essencialmente equivocado quanto a essa área.

3. A filosofia deveria guiar os estudos científicos, não desperdiçando tempo com temas transcendentais. Ele aproximou-se do ateísmo e do materialismo.

4. Deu apoio aos ideais do Iluminismo e ao papel da educação, no tocante ao mesmo.

ALÉM DO JORDÃO

As palavras hebraicas envolvidas poderiam indicar perto, ou do outro lado do Jordão, ou mesmo nas margens do Jordão ou no cruzamento do Jordão. Porém, o sentido mais comum é *Jordânia*, ou seja, a região do Jordão. A expressão ocorre por cerca de trinta e três vezes no A.T., usualmente referindo-se ao território a leste daquele rio, embora nem sempre. Os trechos de Gên. 50:10,11; Deu. 3:20,25; 11:30; Jos. 9:1 e I Reis 4:21 parecem requerer a idéia da margem ocidental. Portanto, o termo pode aludir a qualquer das duas margens do rio, dependendo da perspectiva do escritor, no momento. Os trechos de Jos. 5:1 e 12:7 referem-se especificamente à margem ocidental do rio. A referência em Mat. 4:15 designa a Peréia, um novo lugar onde Jesus levaria a efeito um ministério evangelístico, e ali está em foco a margem oriental. (HA UN Z)

ALÉM DO RIO

O rio em foco é o Eufrates. Essa expressão ocorre por cerca de vinte vezes no A.T. Pode estar em pauta qualquer das duas margens do rio. Lemos que os sírios estavam localizados *além do rio* (ver II Sam. 10:16; I Crô. 19:16), havendo ali alusão à margem oriental. Outro tanto era dito a respeito dos assírios (ver Isa. 7:20), e Josué faz alusão idêntica, em Jos. 24:3,14,15. Portanto, o reino de Salomão incluía a região deste lado do rio, ou seja, o lado ocidental do Eufrates (ver I Reis 4:21). No período persa, o termo aludia ao lado ocidental, tendo-se tornado uma expressão fixa, designativa daquele território. (Ver Eze. 4:10,11,16,17,20; 5:3,6; 6:8,13; 7:21; Nee. 2:7;9; 3:7). (Z)

ALEMETE

No hebraico, **cobertura, ocultamento**. Nome de duas pessoas e de um lugar no Antigo Testamento.

1. Filho de Jeoada, ou Jará, um benjamita, descendente de Jônatas, filho de Saul (I Crô. 8:36; 9:42).

2. Um benjamita, filho de Bequer. É o último dentre nove filhos nomeados. Fluorit em 1856 A.C.

3. Cidade levítica de Benjamim, I Crô. 6:60. Em Jos. 21:18 é denominada Almom. (FA S UN)

ALEXANDRA

Salomé Alexandra, esposa de Aristóbulo I (104-103 A.C.), e depois do falecimento deste, esposa de seu irmão, Alexandre Janeus, talvez um casamento levirato (103-76 A.C.). Ela foi uma rainha macabéia, a única rainha judia que reinou por direito próprio, se excetuarmos a usurpadora Atália. Alexandre, após um reinado muito perturbado, deixou-lhe o trono, aconselhando-a a estabelecer a paz com os fariseus. Foi o que ela fez, e durante o reinado dela, os fariseus obtiveram grande dose de poder (76-67 A.C.), tornando-se, pela primeira vez, membros do Sinédrio. O reinado de Alexandra foi pacífico e próspero. Simão Ben Shetach, famoso fariseu, aparentemente era irmão dela. (Ver Jos. *Ant.* XIII.xvi.1,5,6). (Z)

ALEXANDRE, Bispo de Alexandria

Suas datas: 273-326 D.C. Foi o superior eclesiástico de Ário (ver o artigo), iniciador da controvérsia ariana (ver o artigo sobre o *arianismo*), do ponto de vista ortodoxo. Sua posição era essencialmente aquela do credo niceno, e a formulação desse credo muito se deveu a ele. Foi patrono e predecessor episcopal de Atanásio (ver o artigo a respeito).

ALEXANDRE DE HALES

Suas datas: 1185-1245. Autor da **Summa Universae Theologicae**, — que qualifica como fundador do escolasticismo, no sentido estrito. Essa obra (inacabada) é um volumoso manual de teologia especulativa, dialeticamente elaborado. Ele expressou idéias de Agostinho, Anselmo e Hugo de São Vítor, mediante a ajuda das categorias aristotélicas. Foi o primeiro mestre a familiarizar-se bem com Aristóteles. Sua *Summa* expõe questões e respostas baseadas na fé e nos pais latinos, bem como na razão, com o apoio da filosofia grega clássica. Dentro do *escolasticismo* (ver o artigo), ele originou a abordagem tríplice dos assuntos em *pró, contra* e *solução*, aplicando a dialética ao dogma. Sua visão do conhecimento religioso tornou-se a norma seguida pelos franciscanos.

Pano de fundo:

Hales foi um filósofo e teólogo inglês, nascido em Shrospshire. Estudou e ensinou na Universidade de Paris. Entre os seus notórios alunos estava Boaventura (ver o artigo). Outros escritos: *Comentário sobre as Sentenças de Pedro Lombardo*; *Questões Disputadas*. Seu estilo claro e convincente obteve para ele o título de «Doutor Irrefragável».

Hales tornou-se franciscano em 1237, fazendo parte do movimento agostiniano do século XIII. Sua *Summa* tinha como alvo principal a justificação da tradição agostiniana. (BE CO E EP P)

ALEXANDRE JANEU

Ver **Janeu, Alexandre**, e também **Hasmoneanos**.

ALEXANDRE O GRANDE

No grego significa **defensor de homens**, um nome comum nos tempos helenistas, utilizado de várias maneiras em muitos idiomas.

1. *A família de Alexandre*. Ele nasceu em 356 A.C., filho de Filipe II da Macedônia e Olímpias do Épiro. Foi rei da Macedônia desde o falecimento de seu pai, em 336 A.C., até seu próprio falecimento, em 323 A.C. Aristóteles foi seu mestre (ver o artigo sobre Aristóteles).

2. *Vida pregressa e conquistas*. Antes de Alexandre, durante cerca de duzentos anos as repúblicas gregas tinham permanecido sob a influência persa, cujos reis acaemenidas governavam desde o mar Egeu até o rio Indo, e desde o Afeganistão até o Egito. Houve algumas vitórias isoladas dos gregos, como as de Maratona e de Salamis, que obtiveram alguma independência para eles, nos séculos V e IV A.C. Mas o domínio persa continuava vasto. Filipe II subjugou a península grega, o que o deixou à testa de uma confederação de estados gregos, com os quais formou

uma frente unida contra a Pérsia. Dois anos após essa conquista, Alexandre herdou o trono. Primeiramente Alexandre consolidou o seu governo sobre os gregos. Ao cruzar o Helesponto com cerca de 40 mil homens, obteve a primeira vitória sobre os gregos, no Granico. Tomou posse dos estados gregos da Ásia menor e então marchou sobre a Síria. Dario tomou conhecimento do fato, e lhe cortou a retirada com poderoso exército. Mas a cavalaria grega deu a vitória a Alexandre, em Isso, em 333 A.C. As mulheres do harém real da Pérsia caíram em suas mãos, e Dario retirou-se para o Oriente. Em vez de perseguir Dario, Alexandre ocupou a Fenícia e o Egito, base do poder marítimo persa, que disputava a hegemonia sobre o mar Egeu. Tiro foi conquistada mediante um brilhante assédio. A mole que Alexandre construiu até hoje une a cidade ao continente. No Egito, Alexandre fundou Alexandria, a mais famosa dentre as várias cidades que receberam o seu nome. Então ele recebeu honras como se fosse um novo Faraó.

Em seguida, Alexandre voltou a atenção para a tarefa principal, a de derrotar Dario e os persas em seu próprio território. Derrotou Dario em Gaugamela, do outro lado do rio Tigre. Uma série de vitórias conferiu-lhe o controle da Babilônia, da metrópole Susa, sede do poder, e de Persépolis, onde havia o tesouro e o mausoléu dos acaemenidas. — Os acaemenidas eram a dinastia dominante do primeiro império persa, razão pela qual se chamava império acaemenida. Sob essa dinastia, o governo persa estendia-se do Nilo ao Danúbio. Esse império foi fundado por Ciro o Grande (559-529 A.C.). A dinastia recebeu esse nome de seu ancestral, *Acaemenes*.

Em Susa e Persépolis, Alexandre apossou-se do tesouro imperial, cerca de cento e oitenta mil talentos em moedas e barras de ouro, além de incontáveis riquezas, que caíam nas mãos do conquistador, por todos os lados.

Dario retrocedeu para o norte e o leste, até que foi assassinado por seu sátrapa de Báctria, em vista do que Alexandre declarou-se sucessor do trono persa. Após dois anos de duras lutas, ele subjugou a Báctria, atualmente os modernos Afeganistão e Casaquistão. Então transportou-se para o vale do rio Indo, em 327 A.C. Ali, ele chegou ao que era considerado o fim do mundo, mas precisava atravessar o rio Ganges. Seus soldados se revoltaram. Para castigá-los, ele fê-los marchar de volta à Babilônia, através do estéril deserto Gedrosiano, no Irã. Sua frota naval investigou as costas próximas, e Alexandre sentiu-se inspirado por novas ambições a fazer explorações navais. Queria saber se o mar Cáspio levava ao oceano, na direção norte, e se a Arábia representava outra Índia, para o sul. Em meio a tais planos de conhecer e avançar interminavelmente, cansado de bebedeiras e orgias, tendo contraído uma febre (malária? ou teria sido envenenado?), Alexandre morreu com a idade de trinta e três anos, em 323 A.C.

3. *Alexandre e a profecia bíblica*. Ele é o leopardo com quatro asas (prodigiosa força e rapidez) de Dan. 7:6. Também é o bode de um chifre só, que corria tão veloz que não tocava na terra, e que atacou e derrotou o carneiro com dois chifres — Média e Pérsia — que representava Dario, o último dos monarcas persas, em Dan. 8:4-7. Na estátua de Nabucodonosor, em Dan. 2:39, Alexandre é o ventre de bronze, ao passo que as pernas de ferro representam os seus sucessores. Presumivelmente, estando ainda na Macedônia, ele teve uma visão do Deus dos judeus, que lhe apareceu vestido como sumo sacerdote judaico, e a figura encorajou-o a marchar sobre a Ásia, prometendo-lhe a conquista da Pérsia. Seja como for, o fato é que Alexandre tratou os judeus gentilmente, tendo recebido deles considerável apoio, em troca da liberdade de viverem com independência, excetuando tributo a ser pago. Essas condições foram aceitas por ambas as partes. (Ver Josefo, *Anti.* xi.314 ss.). Josefo dá-nos essa informação em conexão com uma visita feita por Alexandre a Jerusalém, quando alguns detalhes do acordo vieram à tona. A maioria dos eruditos modernos, entretanto, duvida da historicidade dessa visita e das histórias a respeito. Várias outras estórias ou lendas foram criadas, envolvendo Israel de alguma maneira.

4. *Alexandre, o universalista*. Alexandre chocou seus companheiros macedônios ao adotar o estilo da corte persa, incluindo a formação de um harém. Casou-se com uma princesa bactriana, Roxana, e encorajou seus homens a lhe seguirem o exemplo. Nobres persas foram retidos como sátrapas para ajudá-lo a governar o império. Aparentemente, Alexandre visava um reino universal, uma confraternização de povos, sem distinções nacionais. Muitos historiadores modernos, no entanto, —duvidam do escopo e da sinceridade de suas tentativas. Seja como for, a influência grega, que já era geral, tornou-se ainda mais ampla por causa de suas conquistas, de tal modo que, com Alexandre o Grande passamos para o *período helenista*, um período em que a cultura grega tornou-se universal, embora misturada com outras culturas.

5. *Universalidade do idioma grego*. Parte do processo de helenização consistiu na propagação do idioma grego a todos os pontos do mundo então conhecido. Sabemos que o grego era falado até mesmo em Jerusalém. Paulo falava o grego como seu idioma nativo, embora não fosse essa a sua única língua. Ver o artigo sobre o idioma grego. O Novo Testamento foi escrito em grego, primeiramente por ser um veículo verdadeiramente universal, e em segundo lugar, porque todos os escritores sabiam o grego ou conseguiram amanuenses que escreveram seus livros. Nem todos falavam o grego como língua nativa. O livro de Apocalipse, por exemplo, foi escrito por um autor que aprendera o grego, mas que nunca conseguira dominar a sintaxe grega e o uso dos casos, escrevendo com mentalidade aramaica, uma língua sem declinações. II Pedro é um livro grego, com alguns sinais de artificialismo. Hebreus foi escrito em excelente grego, quase clássico. Paulo tinha um bom grego *koiné* literário. Ver o artigo sobre a *Língua do Novo Testamento*.

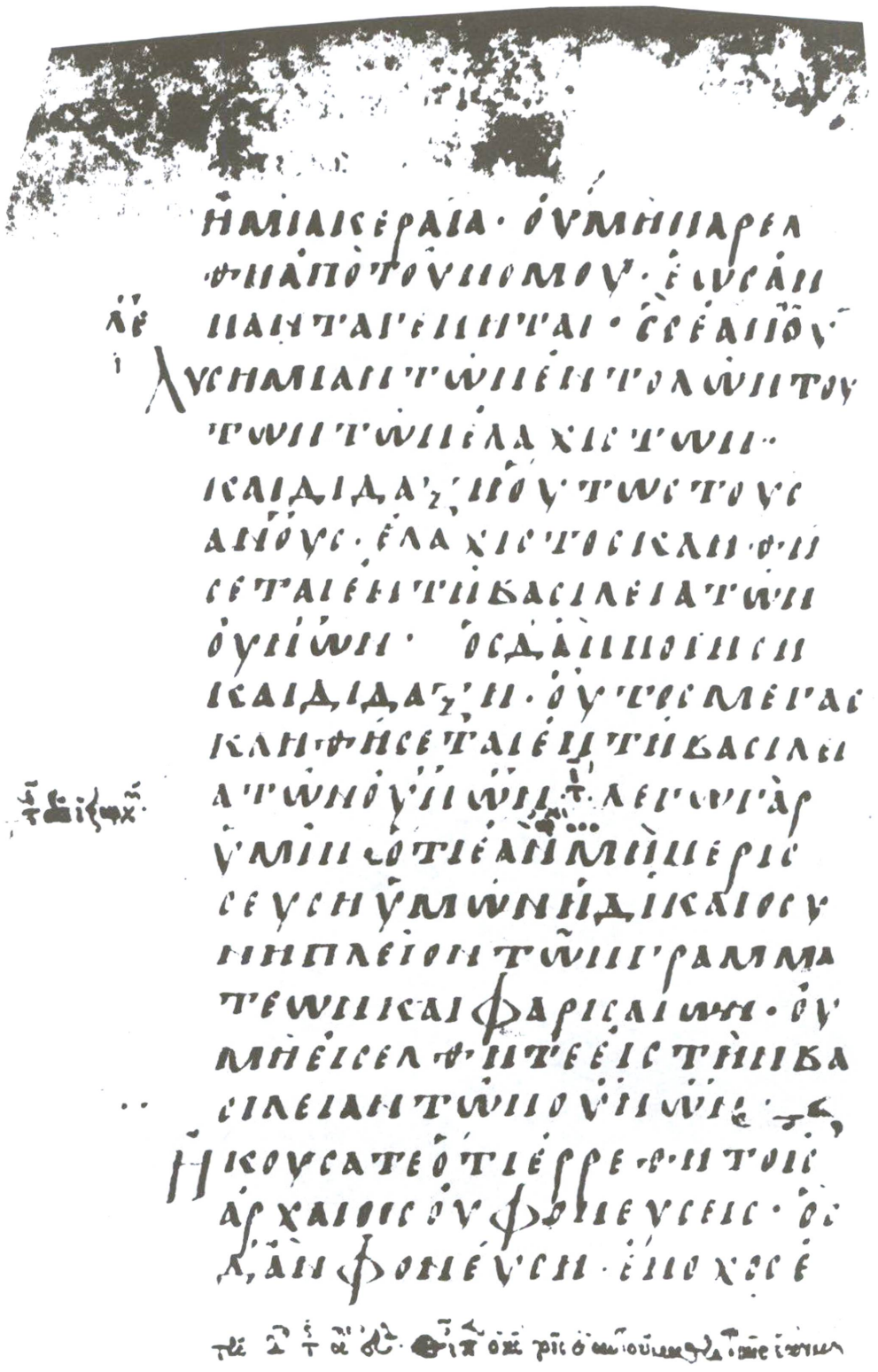
6. *Resultados para as Terras Bíblicas*. A Palestina tornou-se parte do império de Alexandre; mas, por ocasião de sua morte, seus generais dividiram o império. Seleuco, um dos generais de menor importância de Alexandre, ficou com o controle das satrapias do extremo oriente, e a dinastia ali iniciada tomou o nome *selêucida*. A capital ocidental era Antioquia, da qual veio o nome de Antíoco, nome de treze reis da dinastia selêucida. Ver os artigos sobre ambos os termos. Os macabeus finalmente derrotaram essa dinastia, obtendo uma independência temporária para os judeus. Esta terminou devido às conquistas dos romanos. O idioma grego, porém, continuou tendo influência universal, tornando-se o veículo lingüístico do Novo Testamento. (AM BOT GRI S UN Z)

ALEXANDRE, SAMUEL

Suas datas: 1859-1938. Filósofo inglês, nascido em Sidney, Austrália. Estudou em Oxford e foi professor da Universidade de Manchester.



Alexandria, Porto
Cortesia, **Matson Photo Service**



Codex Pi, 9° séc., Mat. 5:18 *ss*
Cortesia, Public Library, Leningrad

Escritos: *Ordem Moral e Progresso*, 1889; *Locke*, 1908; *Espaço, Tempo e Divindade*, 1920; *Spinoza e o Tempo*, 1921; *Arte e Instinto*, 1927; *Beleza e Outras Formas de Valor*, 1933; *Peças Filosóficas e Literárias*, 1939.

Idéias:

1. Na epistemologia, ele foi um realista. O erro seria criado quando um objeto é deslocado de seu devido lugar, ou mal compreendido, por meio da ilusão. Mas a verdade seria relativa, tornando-se obsoleta, e podendo transformar-se em falsidade.

2. Na metafísica, ele cria em uma evolução emergente, tudo fazendo parte de movimentos complexos. O espaço-tempo, como movimento puro, seria a origem de todos os demais movimentos. A divindade consistiria no fato de que acima de qualquer nível evolutivo, surgiria um novo nível emergente. Mas Deus (mediante contraste) seria o mundo inteiro do espaço-tempo, o *nisus* (o exercício de poder agindo ou tentando agir) que se movimenta na direção do próximo emergente. Ou, com «Deus», entenderíamos a característica da transcendência, que se manifestaria no próximo emergente. Esse emergente é que seria a *divindade*.

3. Os emergentes manifestam-se hierarquicamente: físicos, químicos, fisiológicos, mentais. A evolução, ao usar esses elementos, tem um *nisus* (um esforço) que busca níveis superiores.

4. A alma humana é deidade em relação ao corpo. A evolução produzirá, a partir do homem, uma espécie de super-homem, que será divindade em relação ao homem atual.

5. *Mente-corpo*. O corpo de qualquer coisa é o aspecto externo da natureza, unificada naquela perspectiva particular. A mente é a *idéia* ou qualidade interna distintiva que provê o *nisus* evolutivo.

ALEXANDRE III, Papa (1159-1181)

Membro de famosa família de Siena, Orlando Bardinelli distinguiu-se como canonista (escreveu um comentário sobre o Decretum Gratiani), em Bolonha. Em 1150 foi chamado a Roma pelo papa Eugênio III. Ali ocupou vários ofícios como cardeal diácono, cardeal e camareiro papal. Tornou-se conselheiro de confiança de Adriano IV (ver o artigo). Encabeçou um movimento que visava livrar Roma do poder alemão, aliando a Igreja de Roma aos normandos de Nápoles. Afirmou publicamente, quando da dieta de Besancon (1157), diante de Frederico Barborroxa, que o ofício imperial era possível devido ao *beneficium* papal, e assim atiçou a ira dos príncipes. Escapou por pouco de ser morto no local. Ao candidatar-se ao papado, apesar da oposição do estado, recebeu dezenove dentre vinte e dois votos, e assumiu o papado com o nome de Alexandre III. Um oponente, cardeal Otaviano, embora tivesse recebido apenas três votos, foi coroado como antipapa, com o nome de Víctor IV (1159-1164). Alexandre III respondeu a isso excomungando o imperador, a 11 de fevereiro de 1160, isentando seus súditos de lealdade a ele. Em seguida, aliou-se a Liga Lombarda, e estes edificaram a cidade de Alessandria, em sua honra. O cisma prosseguiu na Igreja, tendo havido três antipapas adicionais que chegaram à sé de Roma, a saber, Pascal III (1164-1168), Calisto III (1168-1179) e Inocente III (1179-1180). Esse movimento perdurou por dezessete anos, e terminou somente depois da batalha de Legnano, em 1175, na qual Barbarroxa, em Veneza, foi forçado a render-se incondicionalmente. Que o papa pôs o pé triunfalmente sobre o pescoço do imperador, não passa de uma lenda infantil.

Alexandre teve de enfrentar outras controvérsias entre a Igreja e o estado. Exilado na França, entre 1162 e 1165, chegou a conhecer Henrique II, da Inglaterra, o qual, no seu tempo, foi o mais poderoso monarca do Ocidente. Subseqüentemente, o papa foi arrastado à controvérsia relativa aos poderes do estado versus os poderes da Igreja, que surgiu entre Henrique II e Thomas Becket, arcebispo de Canterbury. Becket foi finalmente assassinado, por ordem de Henrique. Mas as areias movediças da história correram a favor da Igreja de Roma, e Henrique foi forçado a retratar-se, pedindo perdão diante do túmulo do mártir.

Um dos triunfos de Alexandre foi a regra baixada pelo Terceiro Concílio Luterano (1179), que ordenava que um papa só podia ser eleito com dois terços da maioria dos votos dos cardeais. Essa conferência contou com trezentos bispos, e marcou a história da Igreja de Roma com uma importante decisão, para evitar futuros cismas.

Alexandre III era um erudito canonista, não inferior a Bonifácio VIII ou Inocente III, um estrategista diplomata e um enérgico defensor das liberdades e poderes da Igreja de Roma.

ALEXANDRES (vários)

Ver o artigo anterior, sobre *Alexandre o Grande*.

1. Alexandre, cognominado Balas, devido à sua mãe, Bala. Um personagem que aparece na história dos Macabeus (I Mac. 10) e nos escritos de Josefo. Ele derrubou Demétrio I em 150 A.C., e por sua vez foi substituído pelo filho daquele, Demétrio II, em 145 A.C. Era marido de Cleópatra e filho pretenso do rei selêucida Antíoco IV. As guerras civis das quais ele participou enfraqueceram os poderes dos monarcas selêucidas.

2. Alexandre, filho de Simão, o cireneu (Mar. 15:21), bem - conhecida figura entre os primitivos cristãos. Juntamente com Rufo, aparentemente era bem conhecido pelos leitores originais do evangelho de Marcos.

3. Alexandre, membro da família sumo sacerdotal (ver Atos 4:6). Excetuando aquilo que sobre ele é dito no livro de Atos, trata-se de uma pessoa desconhecida.

4. Um judeu, ou talvez convertido ao cristianismo, a quem a multidão de Éfeso, excitada por Demétrio, o ourives, recusou-se a ouvir (ver Atos 19:33).

5. Um crente efésio, entregue «a Satanás», juntamente com Himeneu (ver I Tim. 1:20). Ver detalhes no NTI, nessa referência.

6. Um latoeiro, provavelmente residente em Éfeso, que muito prejudicou a Paulo (ver II Tim. 4:14). Alguns o identificam com o Alexandre «4» ou com o Alexandre «5». (S UN Z)

ALEXANDRIA

Essa cidade foi fundada no ano de 332 A.C., por Alexandre o Grande, da Macedônia, e dele derivou o seu nome. Era um grande porto marítimo situado na costa noroeste do delta do rio Nilo, no Egito, no estreito istmo existente entre o mar e o lago Mareotis. Evidentemente só o pequeno povoado egípcio denominado Racotis tem assinalado o antigo local, até que foi absorvido pela nova cidade de Alexandria, com a passagem do tempo.

Os engenheiros do exército de Alexandre traçaram os planos da fundação da nova cidade. E, nesse ínterim, Alexandre o Grande visitou o famoso templo

do antiqüíssimo e mui venerado deus egípcio, *Amom*, localizado no coração do deserto, — atualmente conhecido como oásis de Siwa. Dessa visita, Alexandre voltou com o título de *filho de Zeus-Amom*, que lhe foi aplicado pelo sumo sacerdote daquele culto. Tudo isso fazia parte dos planos que Alexandre tinha de deificar-se, evidentemente como um meio de exaltar o seu próprio orgulho e prestígio de grande conquistador militar.

Depois do falecimento de Alexandre, o Grande, passou a governar o Egito Ptolomeu I Soter (323- 283) A.C.). Foi sucedido no trono egípcio por Ptolomeu II Filadelfo (285-247 A.C.). Este último não poupou esforços por completar a já notável biblioteca de Alexandria, que Ptolomeu I havia fundado, e muitos outros tesouros foram levados para Alexandria. Foi igualmente sob os seus auspícios (cônforme a tradição nos revela) que se iniciou a famosa tradução das Escrituras hebraicas para o grego, a qual, uma vez pronta, passou a ser chamada de tradução da Septuaginta, vertendo as Escrituras do A.T. para o mesmo idioma internacional em que o N.T. estava destinado a ser lançado.

Pouquíssimas descobertas arqueológicas se têm podido fazer em Alexandria, devido ao fato de que a cidade antiga foi inapelavelmente sepultada sob a sua moderna sucessora. Por essa razão é que a maior parte do conhecimento de que dispomos acerca da natureza da antiga cidade obrigatoriamente deve ser extraída de referências literárias, muitas das quais não são muito precisas.

Foi sob o governo de *Ptolomeu* II que Alexandria atingiu, pela primeira vez, o seu resplendor arquitetural, que se destaca de tal modo nas referências literárias da antiguidade. Entre a ilha de Faros e a praia continental se estendia um caminho elevado chamado «Heptastaidion», devido ao fato de que se prolongava por «sete estádios», ou seja, cerca de dois quilômetros. Esse caminho elevado vinculava o continente com a ilha, e dividia o ancoradouro em um porto ocidental e em um porto oriental, também denominado *Grande*, cuja entrada era dominada pela torre do farol de Faros. Havia também um chamado porto Real, o qual era ladeado, a leste, pelo palácio real. A cidade de Alexandria ficava ao sul da linha costeira, e se estendia ao longo da mesma, por detrás, até o lago Mareotis.

Os portos de Alexandria, descritos no parágrafo acima, eram próprios tanto para as atividades comerciais como para os movimentos bélicos. Alexandria era um dos principais portos de embarque de cereais do império romano. O navio mencionado no trecho de Atos 27:6, que velejaria de Alexandria para a Itália tinha «carga» (ver Atos 27:10), e provavelmente essa carga era de trigo.

Desde os tempos mais antigos que Alexandria contava com *três elementos* étnicos mais proeminentes em sua população: gregos, egípcios e judeus. Visto que os judeus não sofriam perseguições nessa cidade, mas antes, desfrutavam de iguais privilégios juntamente com quaisquer outros, eles estabeleceram ali uma poderosíssima colônia. E assim, apesar de continuarem os judeus considerando Jerusalém como a sua cidade santa, passaram a possuir a sua própria versão das Escrituras do A.T. em grego (a chamada *Septuaginta*), bem como o seu próprio templo, em Leontópolis. Foi nessa cidade que a revelação hebraica entrou em contato íntimo com a filosofia grega. Filo Judeus (viveu em cerca de 50 D.C.) foi o mais famoso de todos os filósofos judeus, seguindo as tendências neoplatônicas. O seu esforço maior consistiu na tentativa de reconciliar as revelações dadas aos hebreus com a filosofia grega, para o que ele se utilizou sobretudo das idéias platônicas. Alguns judeus consideravam-no como o Moisés de língua grega; mas outros (talvez mais corretamente), preferiam reputá-lo como um Platão de fala hebraica. Não foi ele o criador, mas foi quem desenvolveu um pouco mais a doutrina do «logos», que finalmente aparece, sob forma cristã, em João 1:1.

Sob os governantes *Ptolomeus*, Alexandria foi feita capital do Egito, não demorando a tornar-se a maior cidade helenista de sua época, tanto no que diz respeito à erudição como no que tange à sua importância política e comercial. Alexandria continuou sendo a capital administrativa do Egito durante o período de Roma imperial e durante o tempo bizantino. Essa cidade era o centro bancário do Egito, bem como a sua principal cidade comercial, e ali se manufaturavam principalmente tecidos, vidro e papiro. Sua população, durante a era cristã primitiva, orçava em mais de um milhão de habitantes.

Por igual modo, Alexandria tornou-se o grande centro intelectual da dispersão judaica. Além da tradução da Septuaginta e dos volumosos escritos do filósofo Filo, há também o livro apócrifo do A.T., intitulado *Sabedoria*, que teve a sua origem nessa cidade. Os remanescentes literários testificam da energia intelectual, da preocupação missionária e da seriedade com que os judeus ali enfrentavam a mensagem de suas Escrituras sagradas, a despeito de alguns desvios importantes do judaísmo ordinário.

No tempo dos monarcas da casa dos Ptolomeus, a biblioteca de Alexandria aumentou até atingir a cifra de mais de meio milhão de rolos de papiro, e diversos eruditos famosos ocuparam a posição de bibliotecário ali.

De Alexandria é que chegou até nós a versão Septuaginta, isto é a tradução do A.T. hebraico para o grego (250 - 150 A.C.). O nome dessa versão se deve ao fato de que, segundo uma tradição, teriam sido setenta os seus tradutores, que trabalharam por orientação sobrenatural, os quais trabalharam somente durante setenta e dois dias até terminar o seu trabalho. Ali vivia também o grande filósofo neoplatônico dos judeus, Filo, que talvez tivesse sido o mestre de Apolo, que foi um dos grandes pregadores cristãos, antes da conversão deste ao cristianismo.

O Talmude menciona uma sinagoga judaica separada, em Jerusalém, para os judeus de Alexandria; e isso pesa em favor da interpretação de alguns eruditos que dizem que, a despeito de traduções aparentemente melhores de que havia apenas duas sinagogas (em que os três primeiros patronímicos formariam uma sinagoga, e os dois últimos formariam outra), Atos 6:9, quer dizer que havia cinco sinagogas separadas de conformidade com a nacionalidade de seus membros. (*Juchasim*, fol. 26,2 e Talmude *Hieros. Megilla*, fol. 73:4). Também somos informados de que Alexandria possuía uma população de cerca de cem mil habitantes por essa época, e os judeus que dali haviam retornado a Jerusalém eram suficientemente numerosos para organizarem a sua própria sinagoga, tendo formado ao menos uma delas.

A cidade de Alexandria possuía a terceira maior população judaica de todas as cidades do mundo, só sendo ultrapassada por Roma e Jerusalém. Os judeus tinham o seu próprio distrito, que lhes foi designado por Ptolomeu Filadelfo, e que governavam como uma república independente, por um etnarca judeu (ver Josefo, *Antiq.* xiv.7,2). A passagem de *Antiq.* mostra-nos que os judeus eram reconhecidos como

cidadãos por seus senhores romanos.

Sabemos que Alexandria se tornou um importante centro de cristianismo, embora não sejam muito abundantes as informações autênticas de que dispomos sobre a igreja cristã ali existente. O que se sabe sobre o movimento cristão ali é que era herdeiro do judaísmo alexandrino. Clemente de Alexandria (212 D.C.) é um dos mais conhecidos pais da igreja provenientes daquela área. A doutrina por ele ensinada exibe influências do neoplatonismo, tal como sucede com os escritos de Filo. Isso também ocorre no tocante aos escritos de *Orígenes*, outro famoso pai da igreja que era natural de Alexandria (250 D.C.)

Atualmente, em Alexandria, existe a famosa Biblioteca do Patriarcado Grego, que entesoura a *segunda* maior coletânea de manuscritos bíblicos do mundo, ocupando posição inferior somente em relação ao mosteiro de Stª Catarina, no Sinai.

Ver o artigo sobre *Alexandria, Biblioteca de.*

Alexandria não é mencionada no Antigo Testamento, e só incidentalmente é mencionada no Novo (ver Atos 2:10; 6:9; 18:24 e 27:6). No entanto, teve imensa importância histórica no tocante a Israel e ao cristianismo primitivo. Ali estudaram e ensinaram vários importantes pais da Igreja. Ver o artigo sobre a *teologia alexandrina*. (AM DE FA HA ND NTI UN Z)

ALEXANDRIA, BIBLIOTECA DE

A biblioteca de Alexandria foi a mais completa e mais famosa do mundo antigo. Foi fundada por Ptolomeu I (c. 300 A.C.), em conjunção com o Museu e a Universidade, com um corpo docente de eruditos sustentados pelo estado. O *Museu* tinha diversas divisões: uma faculdade de aprendizagem semita e grega, um centro de pesquisa internacional e a biblioteca. As instalações incluíram um número de edifícios e jardins semelhantes aos das Universidades de Oxford e Cambridge. Os estudiosos mais brilhantes da época a freqüentavam para ler os manuscritos e para fazer pesquisa. Ptolomeu atraiu alguns dos homens mais brilhantes da época para trabalhar e lecionar em Alexandria, oferecendo-lhes dinheiro e privilégios. Assim foi, que Alexandria substituiu Atenas como o centro cultural da época. Por cerca de um século, Alexandria não tinha rival. Mais tarde a biblioteca de Pérgamo (A. Menor) ganhou uma reputação admirável como um centro de erudição.

O filho de Ptolomeu compartilhava a visão do pai e aumentou imensamente o número dos manuscritos da biblioteca de Alexandria. Seu bibliotecário, Demétrio de Falero, tentou adquirir cópias de todos os livros do mundo. Quando iniciou seu trabalho, a biblioteca tinha 200.000 manuscritos e ele acrescentou 300.000. Ptolomeu III (247-222 A.C.) estabeleceu uma biblioteca menor no Serápeo, o templo de Júpiter Serápis, no mesmo local. Sêneca nos informa que 400.000 livros foram queimados na biblioteca na campanha de guerra que César fez na cidade. Mas a biblioteca foi reconstruída e Aulo Gélio, no século II D.C. declarou que, no tempo dele, a biblioteca tinha 700.000 livros. Segundo a tradição judaica, foi para esta biblioteca que a tradução do Antigo Testamento foi feita, sendo chamada de Septuaginta, da tradição de 70 eruditos que produziram a obra. Esta informação foi registrada na *Carta de Arísteas*.

Os manuscritos foram adquiridos de todas as partes do mundo conhecido na época, e em muitas linguagens. Eruditos e sacerdotes tinham livros e coleções particulares por séculos, mas foi em Alexandria que a primeira grande biblioteca foi estabelecida. Além disso, a biblioteca tornou-se um centro de traduções, fabricação e duplicação de manuscritos. Lá a filologia tornou-se uma ciência. A teoria gramática do grego clássico foi desenvolvida e melhorada em Alexandria. Interpretações críticas sobre muitas obras foram produzidas pelos eruditos da biblioteca. Entre as muitas obras importantes lá produzidas está o tratado de Hipócrates sobre a medicina (460-377 A.C.). A ciência da cartografia também foi lá desenvolvida em cerca de 300 A.C. Euclides, o pai da geometria científica, trabalhou na cidade em cerca de 300 A.C., escrevendo seu livro «*Os Elementos da Geometria*». Seus conceitos têm sido ensinados por mais de 2000 anos, e este livro tem sido chamado «o livro texto mais bem-sucedido de todos os tempos». Erastóstenes, um dos bibliotecários da biblioteca, no terceiro século A.C. descreveu a forma globular da terra, e falou de terras além do horizonte. Ele usou sombras lançadas pelo sol para calcular a circunferência da terra, e errou em apenas 1100 milhas. Strabo desenvolveu a ciência da geografia em Alexandria, e publicou seu livro «*Geografia*» em 23 D.C. O grande erudito Ptolomeu de Alexandria (127-151 D.C.), escreveu sobre diversas ciências, geografia, cartografia, matemática, e principalmente sobre astronomia. Seu trabalho sobre a geografia tinha 8000 nomes geográficos e seus livros tratavam sobre a astronomia de todos os planetas e 1022 estrelas. Mas ele cometeu o grande erro de localizar a terra no centro do universo, e só muitos séculos depois este erro foi corrigido.

A leitura de todas as realizações dos eruditos de Alexandria se lê como um livro de «*Quem é Quem*» do mundo antigo, e os nomes e livros citados aqui são somente representativos da grande atividade daquele centro de erudição e literatura. Os judeus nunca tiveram um homem mais erudito que Filo, nem os cristãos, alguém mais erudito que Orígenes, e ambos foram nativos de Alexandria. Nesta cidade se desenvolveu a célebre Escola de Teologia de Alexandria que tinha alguns entendimentos mais sábios do que aqueles da Igreja Ocidental, sobre um número de assuntos que têm influenciado a teologia cristã, especialmente na Igreja Oriental e na Igreja Anglicana.

Destruições irracionais

1. A parte principal da biblioteca foi danificada num incêndio que resultou do ataque de Júlio César contra Alexandria em 47 A.C. Mas a biblioteca foi reconstruída e renovada.

2. Na guerra civil, no tempo do Imperador Aurélio, perto do fim do terceiro século depois de Cristo, a biblioteca foi novamente destruída por fogo e depois restaurada.

3. A coleção do Serápio e o próprio templo que serviu como seu depósito, foram totalmente destruídos em 391 D.C. pelos cristãos, cumprindo a ordem do Imperador Teodósio—uma destruição incrivelmente irracional, inspirada pelo preconceito e ódio religioso.

4. Finalmente, o golpe fatal foi aplicado pelo Caliph Omar, em 641 D.C., que queimou os livros da biblioteca para esquentar os banhos de Alexandria. Tais ações absurdas são repetidas em tempos modernos por terroristas que queimam bibliotecas de países inimigos, por razões políticas. Hoje, em Alexandria, existe a Biblioteca do Patriarcado Grego, que depois do mosteiro do Sinai, tem a maior coleção de manuscritos bíblicos do mundo. (AM E)

ALEXANDRIA, TEOLOGIA DE

Orígenes (186-255) foi o maior teólogo-filósofo e figura do cristianismo da Igreja, antes do concílio de Nicéia. Nasceu em Alexandria e ali ficou até o ano 232. Sua erudição lhe dá uma proeminência na Igreja antiga que só foi ultrapassada por Jerônimo. Era bem versado na filosofia e procurou expressar a fé cristã por meio da filosofia, sobretudo no platonismo; particularizando-se no neoplatonismo. A escola alexandrina (mormente Orígenes e Clemente) desenvolveu uma forma distintiva de cristianismo. Foi Clemente de Alexandria quem declarou que a porção melhor da filosofia grega (como as idéias de Platão) serviu de mestre-escola para conduzir os gregos a Cristo, segundo a lei de Moisés fizera no caso dos judeus.

Características distintivas da teologia alexandrina:

1. A ênfase sobre a missão universal do Logos, que opera através de meios para salvar os homens, meios não confinados à Igreja cristã. Em outras palavras, o Logos (ver o artigo) teria uma missão que vai além dos limites da Igreja cristã, agora e após a morte física. O conhecimento viria lentamente, embora com segurança, para todos os homens (Orígenes), mesmo no caso das multidões que durante toda a sua vida terrena não têm contato com o cristianismo. Essa idéia de forma alguma é anticristã, visto que Cristo é o Logos em uma de Suas missões. Mas o Logos não está restringido a qualquer organização ou cultura.

2. A preexistência da alma, e a queda de todas elas antes da associação com o corpo físico. A vida na Terra é encarada como um campo de provas para almas já caídas no pecado.

3. Os homens penetram nesse campo de provas como seres humanos ou como espíritos angelicais caídos, por não haver diferença substancial entre a alma humana e os anjos (ver o artigo a respeito), exceto quanto à extensão da queda.

4. Orígenes criou o útil conceito da «eterna geração» do Filho, conferindo ao Logos um eterno aspecto de filiação. Essa idéia ajudou na formulação da doutrina da trindade.

5. Interpretações simbólicas ou alegóricas de trechos bíblicos problemáticos, mormente do Antigo Testamento. Por exemplo, o sacrifício de Isaque refletiria uma fé muito primitiva, que ainda contemplava a utilidade e a correção dos sacrifícios humanos. Tal idéia é totalmente inaceitável diante de uma visão iluminada de Deus e daquilo que Ele requer do homem. É difícil imaginar que Deus submeteria alguém a esse tipo de teste, assim sancionando o conceito da correção dos sacrifícios humanos. Portanto, rejeitamos a narrativa em seu aspecto literal, embora possamos extrair dela lições quanto à dedicação suprema. Outras questões difíceis, no terreno histórico ou científico, foram similarmente alegorizadas por Orígenes, como a história da criação. Orígenes postulava três níveis de interpretação: 1. O literal; 2. o simbólico ou alegórico; e 3. o místico. As mais profundas necessidades da alma só podem ser satisfeitas com a interpretação mística.

6. A oportunidade não cessaria por ocasião da morte biológica. A missão do Logos não seria limitada pelo tempo. A morte põe fim à vida do corpo, mas não confina a alma. A missão de Cristo pode atingir os homens bem longe, no corredor da eternidade futura. Orígenes pensava em um *universalismo* absoluto (ver o artigo). Outros membros da mesma escola pensavam em ampla oportunidade para além da morte biológica. Ver o NTI sobre Efé. 1:10 e o relato sobre a descida de Cristo ao hades, em I Ped. 3:18, onde há uma longa nota expositiva a respeito. Ver o artigo sobre *a restauração*, nesta obra, bem como sobre *a descida de Cristo ao hades*.

7. As chamas purgatoriais do juízo seriam necessárias, porque o homem precisa pagar por seus erros, visto que não há salvação sem santificação, por meio da purificação. Todavia, o julgamento é remedial, e não meramente retributivo, tornando-se um dos meios de levar os homens a Cristo, na pós-vida. (Ver I Ped. 4:6).

Vários dos itens acima satisfazem o anelo do coração humano por um tipo de cristianismo mais otimista e abrangente. Certas dessas características têm sido preservadas na Igreja do Oriente ortodoxa e eslavônica), ou pela Igreja Anglicana, sobretudo no que toca à ampla oportunidade de salvação, que não terminaria no túmulo. Textos bíblicos como Efé 1:10 e I Ped. 3:18-4:6 são utilizados para demonstrar a sabedoria alexandrina quanto a alguns desses pontos. (B C E NTI)

ALEXANDRINOS

São mencionados em Atos 6:9. Judeus de Alexandria estabeleceram-se em Jerusalém, onde tinham uma sinagoga.

ALEXANDRINUS

O Codex Alexandrinus, simbolizado por A, um importante manuscrito bíblico grego. Ver o artigo sobre os *manuscritos*.

Alfa e o Ômega Ver depois de **Alfabeto (Escrita)**.

ALFABETO (ESCRITA)

Deriva-se essa palavra do grego **alfabetos**, passando pelo latim. Esse nome vem das duas primeiras letras do alfabeto grego, *alfa* e *beta*. Têm-se encontrado obras escritas no Oriente Próximo datadas de pelo menos 3.100 A.C. No segundo milênio A.C., várias experiências levaram ao desenvolvimento de um alfabeto. O alfabeto é uma coleção de letras (símbolos) para representar sons ou fonemas, e portanto, palavras. Isso nos fornece a *fala escrita*. As culturas atuais mais avançadas têm esse modo de expressão escrita, embora os símbolos chineses e japoneses não sigam o desenvolvimento comum, pois a escrita deles é mais ideográfica.

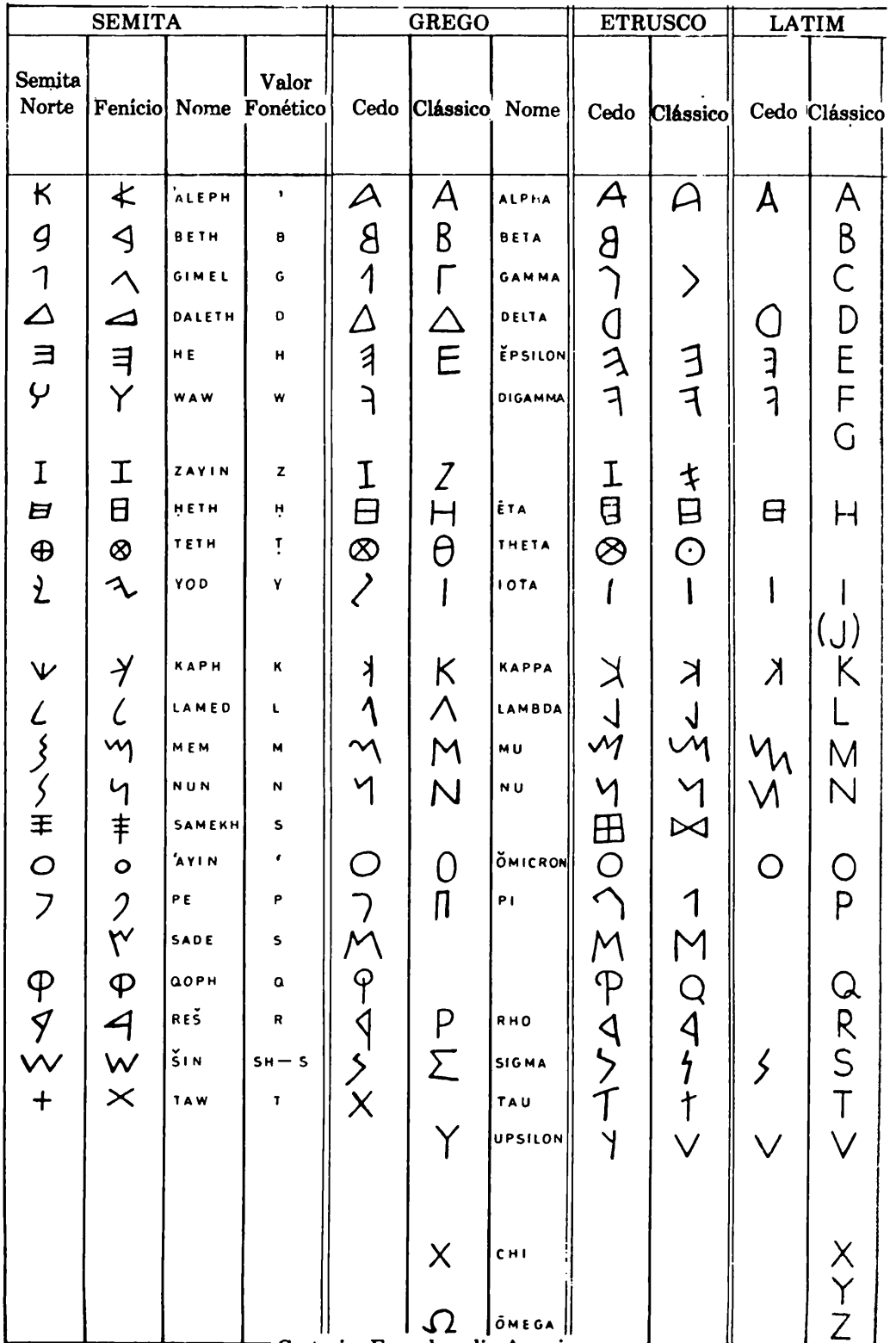
Esboço:

1. O termo alfabeto
2. Escrita pré-alfabética
3. Escritas alfabéticas
4. Origem do alfabeto
5. Ilustrações de princípios
6. Principais ramos alfabéticos
7. Alfabeto dos hebreus
8. O ramo aramaico
9. O alfabeto grego
10. A invenção da imprensa

1. *O termo alfabeto*. Esse termo, que vem do latim *alphabetum*, foi pela primeira vez usado pelos eruditos cristãos Tertuliano e Jerônimo. A maioria dos nomes das letras do alfabeto grego tem origem semítica, embora não haja uma exata correspondência de uso.

2. *Escrita pré-alfabética*. Primeiramente apareceram os auxílios mnemônicos ou de memória, como varetas com nós, cordões com nós; em seguida, vieram os símbolos iconográficos, geométricos, com figuras de animais e de objetos naturais, que datam

ALFABETO



Cortesia, Encyclopedia Americana

ALFABETO

Tabela de Alfabetos

INGLÊS	ÁRABE	HEBRAICO	GREGO	RUSSO	ALEMÃO
A a	ا Alif *1*	א Aleph *3*	A α Alpha (ă)	А а (ă)	𝔄 𝔞 (ă)
B b	ب ـبـ ـب Be (b)	ב Beth (b)	B β Beta (b)	Б б (b)	𝔅 𝔟 (b)
C c	ت ـتـ ـت Te (t)	ב Veth (v) *4*	Γ γ Gamma (g)	В в (v)	𝔅 𝔟 (b)
D d	ث ـثـ ـث Se (th)	ג Gimel (g)	Δ δ Delta (d)	Г г (g)	𝔊 𝔠 (k, ts, s)
E e	ج ـجـ ـج Jim (j) *2*	ד Daleth (d)	E ε Epsilon (e)	Д д (d)	𝔊 𝔥 𝔡 (H, kh)
F f	ح ـحـ ـح He (h) *2*	ה Heh (h)	Z ζ Zeta (z)	Е е (ye)	𝔇 𝔡 (d)
G g	خ ـخـ ـخ Khe (kh) *2*	ו Vav (v)	H η Eta (ă)	Ж ж (zh)	𝔈 𝔢 (e, ă)
H h	د Dal (d)	ז Zayin (z)	Θ θ Theta (th)	З з (z)	𝔉 𝔣 (f)
I i	ذ Zal (*th*)	ח Kheth (kh)	I ι Iota (ē)	И и (i, ē)	𝔊 𝔤 (g, kh)
J j	ر Re (r)	ט Teth (t)	K κ Kappa (k)	Й й (ĕ) *6*	𝔊 𝔥 (h)
K k	ز Ze (z)	י Yod (y)	Λ λ Lambda (l)	К к (k)	𝔍 𝔦 (i, ē)
L l	س ـسـ ـس Sin (s) *2*	כ ך Kaph (k) *5*	M μ Mu (m)	Л л (l)	𝔍 𝔧 (y)
M m	ش ـشـ ـش Shin (sh) *2*	כ ך Khaph (kh) *4, 5*	N ν Nu (n)	М м (m)	𝔎 𝔨 (k)
N n	ص ـصـ ـص Sad (s) *2*	ל Lamedh (l)	Ξ ξ Xi (ks)	Н н (n)	𝔏 𝔩 (l)
O o	ض ـضـ ـض Dad (*th*) *2*	מ ם Mem (m) *5*	O o Omicron (o)	О о (ŏ, o)	𝔐 𝔪 (m)
P p	ط Ta (t)	נ ן Nun (n) *5*	Π π Pi (p)	П п (p)	𝔑 𝔫 (n)
Q q	ظ Za (z)	ס Samekh (s)	P ρ Rho (r)	Р р (r)	𝔒 𝔬 (ō, ŏ)
R r	ع ـعـ ـع Ain *1, 2*	ע Ayin *3*	Σ σ ς Sigma (s) *5*	С с (s)	𝔒 𝔬 (ŏ)
S s	غ ـغـ ـغ Ghain (kh) *2*	פ ף Peh (p) *5*	T τ Tau (t)	Т т (t)	𝔓 𝔭 (p)
T t	ف ـفـ ـف Fe (f) *2*	פ ף Feh (f) *4, 5*	Υ υ Upsilon (ū, ŏŏ)	У у (ōō)	𝔔 (u) 𝔮 (u) (kv)
U u	ق ـقـ ـق Quf (kă) *2*	צ ץ Tsadi (ts) *5*	Φ φ Phi (f)	Ф ф (f)	𝔑 𝔯 (r)
V v	ك ـكـ ـك Kef (k) *2*	ק Koph (k)	X χ Chi (H)	Х х (kh)	𝔖 𝔣 𝔰 (s, z) *5*
W w	ل ـلـ ـل Lam (l) *2*	ר Resh (r)	Ψ ψ Psi (ps)	Ц ц (ts)	𝔊 𝔥 𝔣 𝔥 (sh)
X x	م ـمـ ـم Mim (m) *2*	שׁ Sin (s)	Ω ω Omega (ō)	Ч ч (ch)	𝔗 𝔱 (t)
Y y	ن ـنـ ـن Nun (n) *2*	שׁ Shin (sh) *4*		Ш ш (sh)	𝔘 𝔲 (ōō)
Z z	ه He (h)	ת Tav (t)		Щ щ (shch)	𝔘̈ 𝔲̈ (ū)
	و Waw (w)	ת Thav (th, s)		Ъ ъ *7*	𝔙 𝔳 (f)
	ي ـيـ ـي Ye (y) *5*	Marcas Diacríticas		Ы ы (ĕ)	𝔚 𝔴 (v)
		◌ּ (ð, ŏ)		Ь ь *8*	𝔛 𝔵 (ks)
		◌ַ (ă)		Э э (e)	𝔜 𝔶 (ĕ, ū)
		◌ָ (ā)		Ю ю (ū)	𝔷 𝔷 (ts)
		◌ֵ (e)		Я я (yă)	
		◌ִ (i, ē)			
		◌ְ (silent)			
		◌ֻ (ōō)			

de até 20.000 A.C., encontrados nas paredes de muitas cavernas. Esses símbolos comunicavam uma forma de escrita pré-alfabética. Em seguida apareceu uma série de quadros para comunicar uma mensagem, resultando nas escritas cuneiformes, nos hieróglifos egípcios e nas escritas maia e asteca, que já eram parcialmente fonéticas.

Escrita fonética. Um exemplo dessa forma escrita encontra-se na escrita linear minoana B, de cerca de 1.500 A.C. (e, nos idiomas modernos, no japonês e no coreano). Cada elemento corresponde a um fonema ou som específico. Os *sinais* individuais representam sílabas e vogais. os menores elementos das palavras que são capazes de serem isolados e pronunciados.

3. *Escritas alfabéticas*. Esse é o último e mais desenvolvido estágio da escrita, e também o mais eficiente. Cada símbolo individual representa *fonemas* (sons consoantes e vogais), como os tijolos que formam uma parede. A história do alfabeto é muito complexa mas os historiadores da linguagem concordam que todos os alfabetos existentes podem ser explicados por um único (mas contínuo) desenvolvimento histórico, que retrocede ao fim do segundo milênio A.C.

4. *Origem do alfabeto*. Muita discussão envolve esse problema, com sugestões de que as origens podem ser encontradas nos hieróglifos egípcios, na escrita cuneiforme ou nas escritas cretense e fenícia. A maior parte das evidências gira em torno da Terra Santa e regiões circunvizinhas, com datas entre 1.700 e 1.300 A.C. Partindo dali, muitos têm conjecturado como o alfabeto teve seu início. As inscrições paleo-sinaíticas fornecem-nos alguma indicação sobre a possível origem do alfabeto, o que representa um passo intermediário entre os hieróglifos egípcios e o alfabeto norte-semítico. Outros, entretanto, têm pensado que a escrita pseudo-hieroglífica de Biblos seja o protótipo do alfabeto. Essa idéia fundamenta-se sobre inscrições em bronze e em pedra (século XV A.C. ou antes), encontradas em 1929, no local do antigo porto de Biblos. Porém, surgiu uma terceira teoria por causa do descobrimento de milhares de tabletes de argila, desenterradas em Ras Shamra (antiga Ugarite), na Síria, na costa do mar Mediterrâneo. Esses tabletes contêm um alfabeto cuneiforme de trinta letras, em uso entre os séculos XV e XIII A.C. Todavia, alguns objetam a isso, dizendo que essa forma de escrita dependia do alfabeto norte-semítico, que já era usado na região; e novas descobertas e estudos parecem confirmar isso. Portanto, esses tabletes representam um estágio posterior de escrita, por meio de um alfabeto, e não a origem real do alfabeto. A solução do quebra-cabeça pode provir da Palestina, onde, desde 1929, diversas inscrições da idade do bronze média e posterior (conhecidas como canaanita antiga) têm sido descobertas. Podem ser divididas em três grupos, entre os séculos XVII e XIII A.C., correspondentes aos períodos bíblicos dos patriarcas, de Josué e dos Juízes.

Parece que a conjectura mais provavelmente correta é que a origem do alfabeto pode ser encontrada no alfabeto norte-semítico ou no seu protótipo. Os hieróglifos egípcios, as escritas cuneiformes e outras exerceram influência sobre esse protótipo. Porém, qualquer das teorias propostas deixa sem solução grandes problemas, especialmente no que tange ao inter-relacionamento entre as antigas formas de linguagem escrita.

5. *Ilustrações de princípios*. Falamos aqui sobre o desenvolvimento das letras. Usando o antigo hebraico como exemplo, temos o *yod* = y, com a figura de uma *mão*; *mem* = m, com a figura de *água corrente*, *num* = n, com a figura de um *peixe*; *alef* = uma consoante glotal suave, com a figura de um *boi*; *gimel* = g, com a figura de um *bumerangue*. Ver o gráfico adiante quanto aos detalhes dos símbolos.

6. *Principais ramos alfabéticos*. Em cerca de 1000 A.C., já existiam quatro ramos principais do alfabeto semítico original. Havia o sul-semítico, o cananeu, o aramaico e o grego. Cada um desses ramos contava com seus sub-ramos. O hebraico pertencia ao ramo cananeu (fenício).

7. *Alfabeto dos hebreus*. O primitivo alfabeto dos hebreus era um sub-ramo do alfabeto cananeu, tendo florescido no período pré-exílico (1000 a 500 A.C.), embora continuasse em uso até o século III A.C. Moedas judaicas do período dos macabeus têm inscrições que se derivam desse ramo. O alfabeto quadrado hebraico deriva-se do ramo aramaico norte-semítico, o alfabeto que deu origem ao hebraico moderno. Pode ser seguido até o século III A.C. Com algumas modificações, era usado nos rolos bíblicos antes da era cristã, sendo essencialmente preservado na Bíblia impressa. A moderna forma hebraica manuscrita é mais cursiva, tendo muitas variedades locais.

8. *O ramo aramaico*. Os arameus originalmente eram nômades semitas, acerca de quem primeiramente ouvimos na Assíria, no século XII A.C. Esses povos foram derrubados pelos assírios no século IX A.C. A língua aramaica e sua forma escrita tornou-se a *língua franca* do Oriente Próximo, perto do final do século VII A.C. Subseqüentemente, tornou-se um idioma em que foram escritas pequenas porções das Escrituras, originadora do hebraico quadrado, protótipo do hebraico moderno. Tornou-se o protótipo dos alfabetos de idiomas semíticos e não-semíticos, como o árabe, o sírio-nestoriano, e certos idiomas asiáticos na Índia, no Irã, no Iraque e em certas regiões da Rússia, além de muitas outras. O aramaico era a língua falada pelos judeus nos dias de Jesus.

9. *O alfabeto grego*. A escrita hieroglífica *linear B* de Cnossus e Micenas sugere que o grego pode ter sido escrito de maneira diferente do que o foi mais tarde. E, nesse caso, essa forma mais antiga perdeu-se por ocasião da queda desses reinos (cerca de 1150 A.C.). Seja como for, o alfabeto grego (inscrições que datam do século VIII A.C.) teve origem semítica. Isso se comprova pelos nomes das letras que não têm sentido no grego, e sim, nos idiomas semíticos. Ademais, o alfabeto grego original segue a mesma ordem das letras que se vê no norte-semítico, com um sinal adicional no fim. Além disso, o formato das letras é bastante similar tanto no norte-semítico quanto no grego. Uma prova adicional da origem semítica do alfabeto grego é o fato que, originalmente, a escrita se processava da direita para a esquerda, conforme se vê até hoje nas línguas semíticas. Finalmente, a maioria dos sinais gregos equivale em som aos seus equivalentes semíticos. As diferenças existentes envolvem fonemas semíticos que não existem no grego, deixando alguns sinais sem função no grego (a saber, alefe, he, ayin e yod). Por outro lado, algumas vogais gregas têm sons que não são usados nas línguas semíticas.

Do alfabeto grego surgiram os alfabetos de vários idiomas como o cóptico, o etrusco, o latim e o gótico (dezenove ou vinte do grego, e cinco ou seis do latim). O alfabeto cirílico, do qual procedem o russo moderno, o búlgaro e outras línguas eslavas, tem sua base no grego. Desses alfabetos fundamentais desenvolveram-se todos os alfabetos europeus.

O alfabeto grego ocupa uma posição ímpar na história da escrita. Embora os gregos não tivessem inventado o alfabeto, transformaram a escrita semítica consonantal em um alfabeto moderno, conferindo-lhe simetria e arte. O alfabeto latino desenvolveu-se do grego, por meio do etrusco; e o latim, adotado como língua oficial pela Igreja Católica Romana, tornou-se o idioma comum do mundo intelectual europeu. Várias formas da escrita latina tornaram-se a base dos estilos incorporados nos idiomas ocidentais modernos.

10. *A invenção da imprensa*. No tempo da invenção da impressão, em 1450 D.C., dois estilos principais do alfabeto latino posterior dominavam: as letras negras (também chamadas estilo gótico ou estilo alemão — este último erroneamente assim chamado) e a forma mais arredondada (atualmente chamada tipo romano), a *littera antiqua*. A forma romana era a mais popular e espalhou-se pelo mundo. Essa foi a forma que se tornou mais usada do que qualquer outra.

O alfabeto foi uma das mais úteis invenções humanas, a fonte mais fundamental de toda cultura e ciência. Tornou-se o veículo de todo o conhecimento reduzido à forma escrita, incluindo o conhecimento espiritual. (ALL AM DIR ND Z)

ALFA E O ÔMEGA

1. *Itens do alfabeto*. Essas são a primeira e a última letra do alfabeto grego, equivalentes aos nossos *a* e *z*. Os hebreus usavam sua primeira e sua última letra para indicar «o primeiro e o último», uso esse que foi adotado no Novo Testamento. Os termos também podem significar «do começo ao fim», englobando tudo. A «totalidade de uma coisa» é indicada e significada pela glória Shekinah. A idéia de eternidade também pode estar envolvida.

2. *No Novo Testamento*. Ver Apo. 1:8; 21:6; 22:13. O artigo definido se repete: «o Alfa e o Ômega». Provavelmente os trechos de Isa. 44:6 e 48:12 estavam na mente do autor sagrado: «Eu sou o primeiro, e eu sou o último», asseverando a eternidade e a transcendência de Deus. O mesmo conceito está envolvido, sem essas palavras, em Efé. 1:10 e Rom. 11:26. Naturalmente, a grandeza do Pai, no Antigo Testamento, é transferida para a grandeza do Filho, no Novo Testamento (Apo. 22:13), o que subentende a Sua divindade (ver o artigo *a divindade de Cristo*). No Filho encontramos o começo da criação espiritual e o seu final, ou o alvo da criação, a saber, a participação em Sua imagem (II Cor. 3:18), e em Sua divindade (II Ped. 1:4), no caso dos outros filhos de Deus. Cristo deu início à glória em Sua encarnação, e cumpriu-a em Sua glorificação. Os outros filhos de Deus participam de ambas essas realidades espirituais. Ver o NTI, em Rom. 8:29, quanto a uma completa explicação sobre esse conceito.

Na literatura cristã patrística e posterior, essa expressão aparece com freqüência na idéia de nosso relacionamento com Cristo, tendo-se tornado parte da terminologia cristológica. Ver os artigos sobre *o primeiro e o último* e *o Logos*. (A B MK MTI S SE Z)

AL-FARABI

Famoso filósofo árabe (falecido em 950), que tentou harmonizar a filosofia helenista e o misticismo islâmico. Ele tomou por empréstimo idéias neoplatônicas, em apoio a seu *Sufi* (ver o artigo), ou misticismo. Ele tentou combinar Aristóteles, Platão e sua fé religiosa em uma única filosofia.

Escritos: *Sobre os Princípios dos Pontos de vista dos Habitantes do Estado Excelente*, ou *A Cidade Ideal*; *Comentário sobre Aristóteles*; *Breve Comentário sobre a Análise Posterior de Aristóteles; O Fusul Al-Madani; Aforismos sobre o Estadista de Al-Farabi*.

Idéias:

1. Deus é o **Um** em quem se identificam a essência e a existência. Da inteligência de Deus procedem a alma do mundo e o cosmos. O mundo é uma eterna emanação de Deus.

2. O alvo da vida humana é a identificação com o Um.

3. *Argumentos em prol da existência de Deus*: a. Necessidade de explicar o movimento e todas as formas de desenvolvimento. Deus é a causa, o Movedor primário. b. O argumento cosmológico (ver o artigo a respeito). Os efeitos devem ter uma causa, e deve haver uma Causa Primária. c. Argumento baseado na necessidade. Todos os objetos têm existência dependente. Não são suas próprias causas. Deve haver um Ser necessário, sua causa, auto-existente. Tomás de Aquino desenvolveu esse argumento como uma de suas *cinco maneiras* de provar a existência de Deus. Ver o artigo sobre *Deus*, primeiro ponto: Provas de Sua Existência.

4. A lógica é um estudo introdutório à filosofia, necessário para nosso desenvolvimento mental, e, portanto, para nosso desenvolvimento religioso, que inclui várias perfeições, incluindo a perfeição mental.

5. A filosofia tem duas divisões principais, a teórica e a prática. A divisão prática é a *ética*, a ciência da conduta ideal entre os homens. (E EP P)

AL-GHAZZALI

O maior dos teólogos do Islã (1050-1111). Foi professor da Academia Nizamita de Bagdá por muitos anos, mas abandonou a carreira para fazer uma peregrinação na qual buscava a certeza. Tinha profundos conhecimentos sobre o islamismo, tendo sido chamado de Agostinho do Islã. Ajudou no estabelecimento da escola mística do *sufismo* (ver o artigo a respeito).

Escritos: *Intenções dos Filósofos*; *Auto-Destruição dos Filósofos*; *Reavivamento das Ciências Religiosas*; *Incoerência dos Filósofos*; *Livramento do Erro*; *Começo da Orientação*; *A Incoerência da Incoerência*.

Idéias:

1. Ele opunha-se à idéia da eternidade do mundo, ensinada por Al-Farabi e Avicena, seguindo Aristóteles. Defendia a *criação*, e não a emanação. Deus fez a criação, dentro do tempo e ex-nihilo, isto é, do nada.

2. A soberania divina manifestar-se-ia no *motivismo* (ver o artigo). Deus não seria apenas a Causa Primária, mas também a Causa Única.

3. A razão, e não apenas os sentidos, seria um dos meios para se adquirir o conhecimento. Também precisamos do misticismo para tanto. A capacidade mística é posta à disposição do indivíduo que pratica os exercícios ascéticos apropriados. O homem precisa utilizar-se da oração, do jejum e evitar a sensualidade, a fim de obter contato com Deus.

4. O Alcorão é um dos meios de busca da verdade, pois contém verdades *reveladas*. (E EP P)

AL-KINDI

Filósofo islâmico (813-873), membro da Escola de Bagdá, viveu em Basra e em Bagdá, onde morreu. Foi o primeiro seguidor árabe influente de Aristóteles.

Traduziu os livros quarto a sexto da Eneadas de Plotino, que equivocadamente foram atribuídos a Aristóteles, e que circularam até o século XIII como a *Teologia de Aristóteles*. Sua obra principal é *A Metafísica*. Também escreveu sobre geometria, astronomia, astrologia, aritmética, música, física, medicina, psicologia, meteorologia e política.

Idéias:

Foi essencialmente um neoplatonista muito endividado a Aristóteles. No campo da *ontologia* ele tratou como reais as categorias aristotélicas, intitulando de substâncias primárias a matéria, a forma, o movimento, o lugar e o tempo. Ensinava que muitas verdades nos chegam mediante a revelação de que a filosofia não dispõe. Também ensinava que Deus criou tudo do nada (criação, e não emanação); mas dizia que a criação, que veio do nada, eventualmente reverterá ao nada. Considerava a astrologia uma ciência genuína.

ALFARROBAS

Alfarrobas é o nome dado à semente da **Ceratonia siliqua**, árvore verde perene das margens do Mediterrâneo. As alfarrobas eram dadas ao gado e aos porcos como alimento, mas os pobres também as consumiam. Na história do filho pródigo, o fato de que ele foi submetido a comer alfarrobas simbolizava o baixo estado de penúria a que fora reduzido por seus desperdícios, ilustrando ainda o que o pecado finalmente nos faz na vida. Anteriores estados de glória não demoram a ser anulados, devido à destruição causada pela obra do mal. (Ver Luc. 15:16). (NTI)

ALFEU

1. Pai de Levi (Mar. 2:14). Levi é identificado com o apóstolo Mateus (ver Mat. 9:9 e 10:3). Essa é a única informação que nos é dada sobre Alfeu.

2. Pai de Tiago, o menor, assim chamado para distingui-lo do Tiago melhor conhecido, irmão de João (ver Mat. 10:3 e Mar. 3:18). Alguns o identificam com o pai de Levi, mas sem provas convincentes. Alguns também o identificam com Cléopas (ver Luc. 24:18) ou com Clopas (João 19:25). A maioria dos eruditos, entretanto, duvida do acerto de todas essas identificações, e supõe que Cléopas e Clopas eram homens diferentes. É verdade que a forma aramaica de Alfeu é *Halphal*, que poderia ser transliterada como Clopas; mas até mesmo com esse fato a identificação não se firma. Outros, fazendo a comparação entre João 19:25 e Luc. 24:10 e Mat. 10:3, chegam à conclusão que Alfeu é a forma grega e que Cléopas é a forma hebraica ou siríaca do mesmo indivíduo. Esse argumento pressupõe que Maria, esposa de Clopas, a qual esteve presente à crucificação, junto com outras mulheres, é a mesma Maria, mãe de Tiago, que também esteve presente à crucificação (ver Mat. 27:56 e Mar. 15:40). Tiago, o filho de Maria (ver Mat. 27:56), portanto, seria filho de Clopas e Maria (ver João 19:25). Porém, isso é contrabalançado pela declaração de que Cléopas é nome de origem grega, ao passo que Clopas é derivado do aramaico. Aqueles que afirmam que Alfeu e Clopas são a mesma pessoa também pensam que Alfeu tinha dois nomes, tal como acontecia a muitas pessoas daquela época, como, por exemplo, Saulo e Paulo. Em vista do exposto, concluímos que nada se sabe acerca disso com certeza. (ND PR UN Z)

••• ••• •••

ALFORJE

Tradução portuguesa de um termo grego que aparece por seis vezes no Novo Testamento, *péra* (ver Mat. 10:10; Mar. 6:8; Luc. 9:3; 10:4; 22:35,36). Trata-se de uma sacola de couro, a qual Lucas contrasta com o *ballántion*, «bolsa» (ver Luc. 10:4 e 22:35). Que o alforje era uma sacola usada para o transporte de provisões (de boca) torna-se claro em Judite 13:10, em cujo livro apócrifo é adicionada a expressão «de alimentos». Usualmente era usada pelos antigos pastores, em suas andanças pelos campos, tangendo seus rebanhos. Nos quatro evangelhos também há menção a outros receptáculos. Ver *Vasos*. Alforje é sinônimo de «surrão», que os interioranos brasileiros do nordeste usam em suas cavalgadas pela caatinga.

ALFREDO, O GRANDE

Datas: 849-899. Rei dos saxões ocidentais, guerreiro e erudito cristão. Foi cultural e religiosamente importante, devido às suas traduções das obras de Orósio, Boécio, Bede e Gregório o Grande, e por haver promovido a educação. (AM E)

ALGODÃO

O termo hebraico *karpas*, ocasionalmente traduzido por «verde», indica o algodão. (Ver Est. 1:6). O algodão é cultivado na Judéia desde 490 A.C., e a arqueologia tem demonstrado que algumas múmias eram envoltas nesse material. Os judeus aprenderam como cultivar e utilizar o algodão, estando cativos na Pérsia, na época de Assuero (598-536 A.C.). A planta existente na Palestina e na Índia é a Gossypium herbaceum, que é um arbusto que atinge cerca de 1,80 m de altura. O fruto, quando amadurece, abre-se e produz massas brancas muito tênues. Essa variedade de algodão é um tanto mais amarelada que as variedades que existem noutras regiões do mundo.

ALHOS SILVESTRES

Esses alhos são mencionados em Números 11:5, juntamente com pepinos, melões, cebolas e alhos. Esse tipo de alho é um vegetal bulboso, similar à cebola, cultivado no Egito desde os tempos mais remotos. Eram comidos crus, com pão; ou então eram usados como condimento. Depois que saíram do Egito, os israelitas sentiram a falta desse alimento.

Os alhos silvestres têm sido cultivados pelo mundo todo para servirem como parte da alimentação, e também com finalidades medicinais. Há duas espécies, o *allium porrum* e o *trigonella foenumgra cum*. Ambas as variedades existiam no Egito. Continua sendo um alimento popular, até hoje, entre os egípcios e israelitas. (S Z)

ALIANÇAS — Ver também sobre **Pactos**.

Consideremos os pontos abaixo:

1. *Usos bíblicos*. Em Gên. 14:3, *entrar em liga com*. Em II Crô. 20:36, *combinar, ter afinidade com*, como no caso de um casamento. Em Gên. 15:18 e 21:27, *estabelecer um pacto*.

2. *Natureza das alianças*. Um acordo, usualmente sobre questões políticas e militares; uma aliança envolvia questões pessoais e religiosas. Todavia, não há uma clara distinção entre essas duas modalidades.

3. *Interdito mosaico*. Moisés baixou uma lei que proibia o povo de Israel de entrar em pacto com as nações pagãs, sem dúvida a fim de que os israelitas

não fossem encorajados a adquirir os hábitos idólatras de tais povos, deixando assim de ser um povo especial e separado. (Ver Êxo. 34:15 ss. e Deu. 7:3 ss.).

4. *Alianças na antiguidade*. No Antigo Testamento encontramos as seguintes: De Abraão com três chefes dos amorreus (Gên. 14:12); mais tarde, com Abimeleque, rei de Gerar (Gên. 21:22-34). Isaque entrou em aliança com Abimeleque, o que deu nome ao poço de Beerseba (Gên. 26:26-33). Jacó e Labão entraram em aliança, sendo estabelecida a fronteira de Galeede, entre Israel e a Síria (Gên. 31:44-54). Moisés estabeleceu aliança com os queneus, quando se casou com uma mulher quenita (Êxo. 18; Núm. 10:29 ss e Juí. 1:16 e 4:11). Josué entrou em aliança com seis tribos cananéias (Jos. 9:1 ss) e mais tarde, enganado por um artifício, entrou em aliança com os gibeonitas (Jos. 9). Davi, exilado na Filístia, entrou em aliança com o rei Aquis, mediante a qual a cidade de Ziclague tornou-se sua (I Sam. 27:5-12); mais tarde, Davi entrou em aliança com Abner, em conseqüência da qual todas as tribos submeteram-se a Davi (II Sam. 3:12-21), e finalmente, Davi entrou em aliança com seus vizinhos, Hirão, rei de Tiro, e Toi, rei de Hamate (II Sam. 5:11 e 8:9-12).

5. *Resultados*. De modo geral, a sabedoria da proibição mosaica ficou confirmada, pois muitos danos foram sofridos por Israel, devido às alianças formadas. Além das alianças militares, consideremos as alianças por casamento, formados por Salomão, que tão prejudiciais foram para o espírito religioso de Israel (ver I Reis 11:1-8). Os profetas com freqüência alçaram a voz em protesto contra as alianças (ver I Reis 20:38; II Crô. 16:7; 19:2; 25:7 e Isa. 7:17).

6. *Alianças por casamento*. Usualmente essa espécie de aliança era feita por motivos políticos, a fim de fomentar boas relações com vizinhos potencialmente perigosos. Davi tinha vinte ou mais esposas e concubinas, duas das quais envolviam alianças dessa ordem (ver II Sam. 3:2-5; 5:13-16). Salomão entrou em muitas dessas alianças (ver I Reis 3:1; 9:16 e 11:1). Onri e Etbaal formaram aliança entre Israel e a Fenícia, ratificando-a com o casamento de Acabe com Jezabel (ver I Reis 16:23-31), com os mais desastrosos resultados.

7. *Princípio espiritual envolvido*. Paulo estabelece diretrizes para associações íntimas dos crentes, em II Cor. 6:14, as quais proíbem-nos de estabelecer «jugos desiguais» com os incrédulos. Assim, ele estabeleceu o princípio espiritual como guia para todas as associações íntimas que poderiam comprometer nossas vidas espirituais. (FA RV U UN Z)

ALICERCE Ver diversos artigos sobre **Fundamentos**.

ALIENAÇÃO

1. *Na teologia*. A crença que o homem caiu e assim tornou-se um ser alienado, necessitado de restauração, reconciliação e salvação. A teologia localiza a alienação do homem em sua condição moral, provocada pela revolta espiritual. (Ver Rom. 3:9 ss). O *modernismo*, abandonando a explicação sobrenatural da alienação humana, retrocedeu a um evangelho social, cujo intuito é ajudar o homem a assumir seu lugar em uma sociedade utópica. À medida que guerras, pobreza, ódio e violência generalizada embotam essa visão, a *neo-ortodoxia* postula um abrigo na reação existencial interna do homem à realidade transcendental. Entrementes, o homem não pode entender esse tipo de conceito, e continuou alienado. O *existencialismo* declara que a alienação é uma piada da natureza, por ser a própria substância do não-sistema mundial que o homem perdeu voluntária mas irrecuperavelmente. O cosmos é apenas uma existência caótica e irracional; através da piada da evolução, fomos envolvidos no caos. O homem só pode vencer a alienação forçando seus próprios valores sobre este mundo amoral.

A resposta dada pelo cristianismo é que mesmo o caos é útil a Deus por disciplinar o homem que busca a salvação (Rom. 8:20). Além disso, há a provisão da missão de Cristo, que restaura o homem e capacita-o a participar da família divina (Rom. 8:18 ss).

2. *No campo político e filosófico*. O conceito de Marx da alienação foi descrito em seus manuscritos econômicos e filosóficos, em 1844. Primeiro, o indivíduo é alienado de seu trabalho e de sua produção, porque as riquezas que ele produz não são suas, nem participa ele das decisões que trazem à existência essas riquezas. Aprofundando-se na pobreza, o homem é alienado de seus semelhantes, visto que o sistema econômico na realidade é uma espécie de guerra de competição na qual os homens lutam uns contra os outros. Finalmente, o homem se aliena de si mesmo como um ser humano, quando sua natureza é pervertida pelos abusos econômicos. O grande equívoco de Marx, naturalmente, foi que não percebeu que por detrás de todas essas formas de alienação, alicerçadas sobre os abusos econômicos, há a pior forma de alienação, que é a que provoca todos os tipos de alienação social, ou seja, como um ser decaído, o homem naturalmente explora seus semelhantes e causa os abusos econômicos. Nenhum sistema econômico estará isento de abusos enquanto aqueles que tomam as decisões não se reconciliarem espiritualmente com Deus.

Hegel falava sobre a alienação do espírito de si mesmo, na natureza e na história, e de como essa alienação vem sendo gradualmente diminuída, dentro do processo histórico. Marx obteve em Hegel as suas noções básicas, tendo-as desenvolvido naquele tipo de considerações econômicas que mostramos acima. (H E F)

ALIENAÇÃO DO HOMEM em Col. 1:21

A vós também, que outrora éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más.

Temos aqui um paralelo das condições dos pagãos, descritas em Efé. 2:1-3,5, exceto que ali a descrição é mais envolvida. O décimo segundo versículo daquele capítulo acrescenta os pensamentos de que são «estranhos» à promessa de bem-estar espiritual, de que estão «distantes», mas que agora foram «aproximados» mediante o sangue de Cristo (ver o décimo terceiro versículo). Assim, pois, foi estabelecida a «paz», mediante a «reconciliação» (versículos quinze e dezesseis, respectivamente), porquanto a «inimizade» foi abolida «na sua carne» (em sua cruz, em sua expiação terrena). Tudo isso resultou no fato de que agora temos *acesso* ao próprio Deus Pai.

I. Estranhos. Grego «apallotrio», ser **estranho, excluído**, termo derivado da palavra básica «allotrio», *pertencente a outro*, ou seja, «estrangeiro», «alienígena», «hostil». Essa palavra também é usada em Efé. 2:12, em alusão ao estado alienado dos pagãos em relação aos pactos de Israel; ou então de esposas privadas de seus esposos (ver I Clemente 6:3); ou mesmo da alienação de alguém da vida de Deus, em Efé. 4:18. Neste caso, os pagãos é que estão alienados de Deus, por não possuírem sua vida, por se mostrarem hostis à sua influência, afastados do seu evangelho, segundo o mesmo se acha em Cristo. Pertenciam à província do inimigo, e não eram

cidadãos da pátria celeste (ver Fil. 3:20). Antes, eram cidadãos do reino das trevas, e não do reino da luz (ver Col. 1:13). Por assim dizer, estavam «banidos» das realidades espirituais. Estavam em «hostilidade» contra o reino da luz, necessitados do poder reconciliador de Cristo, para que fossem levados à harmonia com ele e seu reino.

II. Inimigos. Sendo inimigos no entendimento, eram também inimigos de Deus, de modo ativo. A palavra pode ser «ativa», ou seja, «inimigo»; ou então «passiva», ou seja, «odioso», conforme se vê em Rom. 11:28. Aqueles eram «hostis» em sua mente, como também eram «inimigos ativos». Provavelmente, isso é o que está em foco aqui. Comparar essa idéia com o que se lê em Rom. 5:10, que mostra que a reconciliação foi feita com quem estava em inimizade com Deus, através da expiação. O ensinamento gnóstico supunha que a mera matéria crassa e a participação do homem na mesma fosse a totalidade de nossos problemas; pois, segundo eles, a matéria seria totalmente incapaz de redenção, ao passo que a morte física libertaria à alma que busca o bem. Paulo nega tal pensamento, pois até mesmo a matéria, bem como todas as coisas, estão sujeitas à reconciliação com Deus, ao mesmo tempo que o espírito pode mostrar-se inimigo de Deus, pervertido; e isso não sucede apenas ao corpo. Por isso é que Paulo diz *inimigos no entendimento*, tradução mais exata que a de certas versões, pois o termo grego «dianoia» significa «entendimento», «inteligência», «mente», o órgão de pensamento e racionalização. Esse vocábulo também pode significar «disposição», ou «pensamento». Seja como for, assinala àqueles que se acham alienados de Deus, sendo inimigos do Senhor em todo o seu intelecto ou processo mental. E isso, como bases neotestamentárias, também aponta para a alma, pois a função intelectual faz parte da alma, e não meramente do cérebro físico. A maldade daquela gente, portanto, maculava-lhes a própria alma, e não apenas o corpo material; e nesta mesma passagem eles são chamados de inimigos de Deus, como característica essencial de seu comportamento espiritual. Isso pode ser confrontado com o trecho de Rom. 1:19 e ss , onde a apostasia pagã se alicerça sobre bases mentais e do conhecimento. Dessa maneira, alienados de Deus, eram levados à perversão de corpo e alma. Deixavam-se arrastar por «tolas imaginações», julgando-se «sábios» quando, na realidade, não passavam de «tolos». Tinham «concupiscência», a qual partia do «coração», e não queriam reter a Deus em seu «conhecimento». Por isso é que seguiam a terrível apostasia, na qual Deus os «entregara» a todas as formas de perversão. Conforme diz Robertson, *in loc.*: «É sempre uma tragédia ver os homens usarem ativamente suas mentes contra Deus».

> O morcego e a coruja habitam ali:
> A serpente se aninha no altar de pedra:
> Os vasos sagrados mofam perto:
> A imagem de Deus desapareceu!
>
> Naquele duro mundo pagão caíram
> O desgosto e o nojo secreto;
> Profundo cansaço e concupiscência concentrada
> Fizeram da vida humana um inferno.
>
> (Matthew Arnold).

III. Pelas vossas obras malignas. O original grego tem o substantivo «ergon», que normalmente significa «trabalho», «feito», «ação», «realização», e o adjetivo «poneros», que significa «mal-intencionado», «ímpio». Algumas vezes, esse adjetivo é usado em sentido personificado, apontando para Satanás — ele é a personificação do mal, em quem não se pode achar bem nenhum, isto é, nenhum bem que não seja maculado por alguma perversão. Assim também os pagãos eram inteiramente dominados pela maldade, sendo seus praticantes, e se regozijavam na maldade praticada (ver Rom. 1:32). Gloriavam-se em seus atos vergonhosos (ver Fil. 3:19); sua depravação era tão grande que era vergonhoso até mesmo o uso das palavras para descrever à mesma (ver Efé. 5:12). O trecho de Rom. 1:29 tem a grande lista de vícios dos pagãos. Quanto ao uso de listas de vícios, nos ensinamentos morais, o que era uma prática comum na antiguidade, ver as notas sobre I Cor. 5:13, no NTI. O Senhor julga os homens segundo as obras dos mesmos, sejam elas boas ou más. (Ver o NTI em Rom. 2:6 e Apo. 20:12, acerca desse tema). Paulo ensinava que é mister um poder imenso para libertar os homens de suas práticas ímpias; e que esse poder se acha em Cristo, e não em supostos *aeons* remidores ou salvadores.

IV. Outras considerações

Referências e idéias. Ignorar a Deus:

1. Ignorar a Cristo é ignorar a Deus (ver João 8:19). 2. Isso é evidenciado pela falta de amor (ver I João 4:8). 3. Pela desobediência a seus mandamentos (ver I João 2:4). 4. Pela vida no pecado (ver Tito 1:16 e I João 3:6). 5. Ignorar a Deus conduz ao erro (ver Mat. 22:29). 6. À idolatria (ver Isa. 44:19; Atos 17:29,30). 7. Ao alienamento de Deus (ver Efé. 4:18). 8. Às paixões pecaminosas (ver I Tes. 4:5 e I Ped. 1:14). 9. À perseguição contra os santos (ver João 15:21 e 16:3). 10. Ignorar a Deus não é desculpa para o pecado (ver Lev. 4:2 e Luc. 12:48).

V. Causas da alienação

1. *A indiferença.* O homem tem suas tribulações e fracassos, seus desejos, seus anelos, seu senso de futilidade, mas com freqüência não reconhece que o seu problema é essencialmente de ordem espiritual. Deixou Deus inteiramente fora de sua vida, e preferiu enfatizar os valores terrenos, com detrimento dos valores celestes. Por isso mesmo, ficou alienado do Pai celestial.

2. A separação também pode assumir a forma de *ressentimento* contra o Senhor Deus. Essa pode assumir uma forma ativa e consciente, ou então subconsciente. Alguns homens odeiam a Deus, especialmente por causa do problema do mal, o moral e o natural. (Ver o artigo sobre o *problema do mal*). Os homens podem até mesmo aceitar a Deus como bom, dentro de um artigo de fé; mas se ressentem contra Ele quando as coisas não correm bem e a tragédia os atinge. Essa forma de alienação pode ser um ressentimento contra toda e qualquer autoridade, e está identificada com Deus, direta ou indiretamente, por ser ele a autoridade suprema.

3. A alienação também se dá por causa do *egoísmo*, em que o indivíduo busca somente os seus próprios interesses, até mesmo quando a sua consciência reconhece a maldade das próprias ações, ou, pelo menos, quando percebe que Deus não vem apropriadamente servido. O egoísmo aliena o homem do homem, e também de Deus. Já o amor é uma poderosa força que os une.

4. O senso de separação também pode ocorrer através do senso de *culpa*, sobretudo se este for exagerado, mórbido. A psicologia tem revelado quão prevalente é esse senso, destrutivo do bem-estar físico e espiritual do homem.

Em Cristo é obtido o perdão dos pecados e a questão deveria ser deixada nesse ponto, até onde o abandono ao pecado diz respeito. Porém, os homens

se castigam criando auto-acusações mórbidas que estabelecem uma barreira entre eles mesmos e Deus, provocando atribulação em suas vidas mentais e espirituais. E daí resulta uma espécie de alienação entre eles e Deus. Não obstante, o senso de culpa é algo garantido pelo Espírito de Deus, como parte integrante da existência humana. (AL IB NTI)

ALIMENTOS (Ver também, **Limpo e Imundo**)

São substâncias físicas, vegetais ou animais, que podem ser consumidas pelo homem e pelos animais, sustentando-lhes as energias físicas. Metaforicamente, estão em pauta aqueles elementos espirituais que sustentam a causa e produzem o desenvolvimento espiritual.

1. *Tempos primitivos*. Os alimentos são limitados principalmente por razões geográficas, podendo ser de natureza vegetal ou animal. As culturas mais abastadas dispõem de uma dieta mais rica, mediante a manipulação local e as importações. Nos tempos primitivos, os homens alimentavam-se do que podiam colher, como raízes, legumes, frutas, castanhas, e mediante a caça de animais selvagens. Somente após o dilúvio a Bíblia menciona especificamente o uso da carne de animais na alimentação humana (ver Gên. 9:3), embora isso se deva mais provavelmente à ausência de menção, — e não a um reflexo da realidade das coisas. O trecho de Gên. 7:8, com sua divisão de animais limpos e imundos, por certo sugere que o consumo de carne é de data antiqüíssima.

2. *Era patriarcal*. Nesse período, eram consumidas as carnes de animais selvagens e domesticados. A agricultura foi desenvolvendo-se com o cultivo do feijão, das ervilhas, dos cereais, da lentilha, etc. Também havia castanhas, mel e especiarias (ver Gên. 43:11). O pão era, talvez, o alimento mais comum.

3. *Outras culturas*. a. As pinturas murais egípcias mostram que a dieta dos egípcios era variada. O quadragésimo capítulo de Gênesis mostra que a família real era servida por profissionais. Havia copeiros, padeiros e cozinheiros. Os egípcios consumiam aves, peixes, carnes, vinhos, temperos e acepipes importados. Homens e mulheres freqüentavam banquetes, usando vestes suntuosas para a ocasião. As pinturas existentes na cidade de Aquenaton (edificada em cerca de 1387 - 1366 A.C.) exibem o rei e sua princesa, Nefertiti, e três filhas, banqueteando-se em um espaçoso salão, decorado com grinaldas e servido por escravos. Penas de avestruz eram usadas como leques, havia luzes coloridas e cadeiras almofadadas. b. Entre os habitantes da Mesopotâmia era costume consumir-se feijão, lentilha, ervilha, cebolas, pepinos, abóboras, trigo, cevada e outros cereais. Também havia grande variedade de frutas, incluindo as tâmaras. Um selo cilíndrico de lápis-lazúli, atualmente no museu da Universidade da Pennsylvania (de cerca de 3000 A.C.) retrata um banquete da rainha Shubade, com pratos raros por todo o lado, e escravos que ventilavam o ambiente com leques. Também havia música ao vivo.

4. *Israel e a lei mosaica*. No Egito, os filhos de Israel comiam bem, conforme se lê em Êxodo 16:3: «...quando estávamos sentados junto às panelas de carne, e comíamos pão a fartar!» No deserto, os israelitas lembravam com saudade o peixe, os pepinos, os melões, os alhos porros, os alhos, as cebolas e outros acepipes (ver Núm. 11:5). Com a lei mosaica apareceram certas restrições, mas o próprio fato de que tantas coisas puderam ser vedadas, em contraste com a grande variedade de alimentos permitidos, serve para mostrar que a dieta dos antigos era variegada.

a. *Proibições*. Os animais foram classificados na lei levítica como limpos e imundos, isto é, próprios e impróprios para o consumo humano. Os quadrúpedes que não ruminam e que não têm os cascos das patas divididos, foram proibidos (ver Lev. 11:4-8; Deu. 14:7,8). Os peixes lisos, isto é, sem escamas, como as enguias, para exemplificar, também foram proibidos (ver Lev. 11:9-12). Toda ave de rapina, bem como aquelas que se alimentam de carniça, foram vedadas (ver Lev. 11:13-19). Outro tanto se dava com serpentes, insetos e algumas variedades de gafanhotos. Todo sangue era absolutamente proibido para o consumo humano (ver Lev. 3:17; 7:26; Deu. 12:16,23). A mesma coisa se pode dizer com relação às porções gordas dos animais sacrificados, e a qualquer coisa consagrada aos ídolos (ver Lev. 3:17; Êxo. 34:15). Além disso, por óbvias razões sanitárias, a carne do gado que morrera por si mesmo, ou que fora despedaçada pelas feras, não podia ser consumida (ver Êxo. 22:31; Lev. 11:39 ss). Também não se podia cozinhar alimentos na água onde tivesse caído o corpo morto de algum inseto (ver Lev. 11:33,34). Alimentos sólidos e líquidos, preservados em receptáculos descobertos, na tenda de algum moribundo ou de algum morto, não podiam ser utilizados. A proibição acerca do cozimento de um cabrito, no leite de sua mãe (ver Êxo. 23:19), surgiu porque os cananeus usavam tal prática em seus ritos sagrados, pelo que era considerada uma abominação pagã. Essa informação foi descoberta nos tabletes de Ras Shamra . A reverência ao ancestral Jacó aparentemente não permitia que seus descendentes usassem na alimentação o nervo do quadril, na articulação da coxa (ver Gên. 32:32).

b. *Alimentos permitidos*. Eram permitidos carnes e legumes, bem como muitos condimentos. Os alimentos de origem animal incluíam carnes de carneiro, de boi, de cabras, de veado, de antílope, de corço, além de grande variedade de aves. Muitas variedades de peixes eram pescadas no lago de Genezaré (ver João 21:11), e também havia peixes trazidos do mar por comerciantes fenícios (ver Nee. 13:16). Gafanhotos eram consumidos pelos pobres (ver Lev. 11:22 e Mat. 3:4).

c. *Preparação dos alimentos*. Muitos povos primitivos ingerem seu alimento com pouca ou nenhuma preparação prévia, até mesmo em nossos dias. O trecho de Mateus 12:1 mostra que as pessoas, nos dias de Jesus, às vezes ingeriam o cereal tirado diretamente da espiga. Desde os tempos pré-históricos, o fogo vem sendo usado para cozinhar, assar e tostar. A invenção do moinho possibilitou o surgimento da farinha de trigo e de outros cereais, pelo que pães e bolos passaram a ser feitos, às vezes com cereais misturados. Ver o artigo sobre o pão. Com base em Gênesis 25:29,34, ficamos sabendo que sopas eram preparadas desde os tempos mais remotos. Legumes, ervas e carnes eram cozidos em panelas (ver II Reis 4:38; Núm. 11:8 e Juí. 6:19). O espeto era usado no preparo de carnes assadas, desde os tempos mais antigos (conforme se vê nos escritos homéricos), e essa prática já existia em Israel, embora a cozedura e o frigir também fossem comuns (ver I Sam. 2:15). Os animais mortos eram cozidos imediatamente, para evitar que a carne se estragasse. O leite era usado como um agente. Os gafanhotos eram tostados, mas não antes de serem extraídos os intestinos, as asas e os pés. Eram tostados ou cozidos, e também preservados em vasos, em uma solução salina. Mulheres e escravos cozinhavam e serviam os

alimentos, mas ao chefe da casa cabia abater os animais (ver Gên. 18:2-6; Juí. 6:19). As pessoas de classe elevada contavam com cozinheiros profissionais, e também com padeiros, copeiros, etc. (ver II Sam. 9:23 ss).

d. *Refeições*. Os israelitas contavam com um simples quebra-jejum, além de duas refeições mais substanciais, uma delas ao meio-dia (ver Gên. 18:1 e 43:16), e a outra, que era a refeição principal, às seis ou sete horas da noite (ver Gên. 19:1 ss ; Rute 3:7). As mãos eram bem lavadas, primeiramente por motivo de exigência cerimonial, que fazia parte dos requisitos religiosos, e em segundo lugar, como meio de higiene. Ver sobre *Lavagens*. Eram oferecidas orações de agradecimento às refeições (ver I Sam. 9:13). Nos tempos mais remotos, as pessoas sentavam-se à mesa (ver Gên. 27:19; Juí. 19:6; I Reis 13:19). Os gregos e os romanos introduziram a prática de comer reclinados em divãs ou colchões. O alimento era levado à boca com a mão direita (ver Rute 2:14; Pro. 26:15 e João 13:6).

e. *Preço dos alimentos*. Pouco se sabe exatamente sobre esses preços, embora saibamos que um alqueire de farinha de trigo e dois de cevada eram vendidos por um siclo (ver II Reis 7:1,16). Dois pardais eram vendidos por um asse (ver Mat. 10:29). No livro de Apocalipse — uma medida de trigo valerá um denário (salário de um dia de trabalho), e três medidas de cevada terão o mesmo valor. No trecho de Mat. 20:1-16 aprendemos que um denário era um bom salário por um dia de trabalho, o que nos dá alguma base para julgar o preço dos alimentos. Essa referência no Apocalipse, entretanto, mostra-nos preços em tempos de necessidade e inflação. Tremenda será realmente a inflação, quando um dia inteiro de trabalho puder comprar somente cerca de menos de 900 g de trigo. Ver o artigo sobre *Dinheiro*, para efeito de comparação.

f. *Alimentos oferecidos aos ídolos*. Nos templos pagãos, as carnes dos sacrifícios eram oferecidas aos deuses, e mais tarde essas carnes eram vendidas nos mercados. Surgiu então o problema, se os cristãos podiam ou não adquirir tais carnes. Talvez a questão também envolvesse o caso em que uma festa fosse oferecida no próprio templo, quando as carnes eram oferecidas a alguma divindade. Um crente poderia estar presente a tais festas, contanto que dissesse em seu coração: «Os ídolos nada são, e estou aqui apenas em um evento social»? Seja como for, a ingestão de tais alimentos foi proibida pelo decreto apostólico registrado em Atos 15:29. Mas Paulo, comentando que um ídolo nada significa, e que nenhum alimento nos melhora ou nos piora espiritualmente, deixou a ingestão de qualquer alimento ao encargo da consciência de cada um, contanto que, no processo, a consciência fraca de algum irmão não fosse ofendida (ver I Cor. 10:25; Rom. 14:13 ss e I Cor. 8:1-13). O trecho de Apocalipse 2:14 mostra que a questão continuava em vigor por muito tempo, e que a atitude mais liberal de Paulo não era considerada por muitos cristãos como a norma a ser seguida. Ali, a ingestão de carnes sacrificadas a ídolos é severamente criticada.

g. *Usos metafóricos*. a. Uma pessoa pode dilapidar seu dinheiro com acepipes que não satisfazem a alma (ver Isa. 55:1 ss.). b. Jesus é o pão da vida, é o nosso sustento espiritual (ver João 6). c. Israel comeu o maná, no deserto, porque a provisão divina para as nossas necessidades espirituais, que é o próprio Jesus, é o maná dos crentes (ver João 6). d. Jesus alimentava-se cumprindo a vontade do Pai e realizando a Sua missão (ver João 4:34), e feliz é o crente que segue o Seu exemplo. e. O crente recém-convertido deve ser como uma criança infante, faminta pelo leite espiritual, o que aponta para a fome da alma acerca das realidades espirituais. f. Não obstante, os crentes que, após algum tempo no caminho da fé, continuam alimentando-se só de leite, podem ser classificados como crentes infantis. O alimento sólido, o avanço nas questões espirituais, deveria ser nosso alvo da vida cristã (ver I Cor. 3:2 e Heb. 5:14). g. Os poderes preservativos do sal representam a capacidade que os discípulos de Cristo têm de influenciar este mundo, mediante o qual eles cumprem a vontade de Deus em suas vidas (ver Mat. 5:13 e Mar. 9:50). h. O poder que o sal tem de transmitir sabor representa o uso próprio da linguagem, no trecho de Colossenses 4:6. i. Também devemos considerar a árvore da vida e seus frutos, bem como suas folhas, que servirão para curar as nações, segundo se vê em Apocalipse 2:7 e 22:2. j. Várias realizações do Espírito Santo, na vida do crente, são chamadas fruto do Espírito (ver Gál. 5:22,23). Devemos pensar, nesse caso, em virtudes morais e espirituais, bem como em realizações espirituais. No NTI, nessas referências, damos notas que muito acrescentam quanto aos detalhes sobre essas questões.

ALJAVA

Palavra que aparece pela primeira vez na Bíblia, em Gên. 27:3. Era um receptáculo para flechas, geralmente feito de couro, pendurado ao ombro do caçador ou soldado. Jó 39:23 e Isa. 22:6 aludem à aljava em conexão com outros equipamentos militares.

As outras quatro ocorrências do termo são metafóricas. Sal. 127:5 fala da família de um homem como sua aljava, e de seus filhos como as flechas. O profeta, uma flecha de Deus, está oculto em sua aljava, de acordo com Isa. 49:2. Visto que um assassino usa as suas flechas, Jeremias equipara a aljava a um túmulo aberto (Jer. 5:16). E, em Lam. 3:13, «as flechas da sua aljava» é tradução do hebraico, que diz, literalmente: «os filhos da sua aljava», referindo-se ao golpe mortal desfechado pelo inimigo.

ALLAH

No árabe, **allah**, indicando Deus como o Adorado, o nome próprio de Deus no islamismo. Nos tempos antigos, os árabes parecem ter usado essa palavra a fim de indicar o Deus supremo, talvez em contraste com divindades secundárias. Por meio das reformas de Maomé, o termo passou a significar o único Deus. O primeiro artigo do credo islâmico é: «Não há Deus senão Alá». Os cristãos sírios também usam essa palavra para indicar Deus.

ALMA

Ver o artigo sobre a **Imortalidade da Alma** que inclui tratados de outros escritores sobre o assunto. Ver o artigo sobre o *Problema Corpo-Mente*. Os artigos sobre a Imortalidade da Alma incluem um do ponto de vista científico, intitulado, *Abordagem Científica à Crença na Alma e na sua Sobrevivência ante a Morte Física*. Ver o artigo sobre *Experiências Perto da Morte*. Ver o artigo sobre a *Reencarnação*.

Esboço

I. A Origem da Alma
II. A Natureza da Alma

III. O Destino da Alma
IV. Provas da Existência e Sobrevivência da Alma
V. O Problema Antropológico

Temos bom ânimo, mas desejamos antes estar ausentes deste corpo para estarmos presentes com o Senhor. (II Cor. 5:8)

I. A Origem da alma

1. O criacionismo. A idéia de que Deus cria uma nova alma, quando da concepção de cada corpo físico. É a noção teológica mais comum, e algumas vezes o trecho de Gên. 2:7 é empregado em apoio a essa idéia. Porém, a teologia dos hebreus não contemplava uma entidade separada, imaterial, como a vida da carne. Isso é de desenvolvimento posterior, que mui provavelmente foi tomado por empréstimo de outras culturas. O trecho de Gênesis 2:7 significa somente que havia uma forma animal dotada de animação. Que Deus tenha tido a necessidade de criar uma alma para cada nova concepção, faz dele um ser extremamente ocupado, em uma única tarefa, ainda que não possamos dizer que tal tarefa seja impossível para ele. Porém, pelo menos para este autor, a razão é contrária a esse pensamento, embora seja o ponto de vista mais comum, hoje em dia, no cristianismo.

A teologia também é contra esta teoria. Como podemos reconciliar esta idéia com a doutrina do pecado original? Parece que uma alma criada diretamente por Deus não pode ser inerentemente pecaminosa. Ou podemos supor que Deus cria almas pecaminosas?

2. O traducionismo. Os estóicos, e mais tarde, Agostinho, defendiam essa teoria, a qual supõe que homem e mulher, como seres físico-espirituais que são naturalmente, e sem qualquer intervenção direta e contínua da parte de Deus, produzem seres que são tanto físicos como espirituais — os seus filhos. E isso significa que tanto a «alma» como o espírito seriam produtos da «procriação». Essa idéia é razoável, não se podendo negar que é um grande mistério como o «espírito» pode ser produzido por meios naturais. Porém, também não sabemos ainda como o «corpo físico» pode ser produzido por meios naturais. Tanto uma como a outra coisa são misteriosas. Se os progenitores, que são tanto físicos como espirituais, podem produzir um corpo físico, mediante um processo tão misterioso e estupendo, quem pode negar que também possam produzir o «espírito»?

3. A fulguração. Em uma teoria não muito bem definida, Leibniz supôs que Deus fez o mundo e tudo quanto nele existe, não por «criação» direta, proveniente do nada, e, sim, por «fulguração», ou seja, por fagulhas de seu próprio ser, que teriam se projetado a fim de formar o mundo físico, com a inclusão do «espírito», segundo o mesmo é conhecido por nós, tanto no nível humano como no angelical, isto é, tudo quanto não é o próprio Deus, mas antes, é parte de sua «criação». Haveria um «ponto no tempo» em que tudo isso teria começado, mas não a criação proveniente do nada. Como esta idéia pode evitar o *panteísmo*, Leibniz não esclareceu, mas somente disse que se trata de um «mistério». De alguma maneira, nesse processo de fulguração, aquilo que era projetado do ser divino não retinha a própria natureza do seu ser, pelo que não temos um mundo panteísta, que compartilhe de idêntica natureza do poder emanador. Podemos ousar dizer, porém, que essa idéia é uma ficção filosófica.

4. A eternidade. Platão e outros filósofos antigos e modernos têm especulado que a «substância da alma» — é eterna —, proveniente de Deus e a ele semelhante em sua natureza. Não obstante, a *individualização* dessa substância, para formar um «ser» espiritual, distinto de Deus, teria tido lugar em algum tempo remoto da eternidade passada. Assim sendo, a alma, o homem real, seria preexistente. Na qualidade de um poder espiritual preexistente e muito elevado, o homem caiu no pecado, e essa queda, eventualmente, levou-o a assumir obrigatoriamente uma forma física como veículo, a fim de manifestar-se nesta dimensão terrena inferior. Ora, o que é físico sempre será mortal, pelo que o homem passou a ser classificado como um ser mortal. O ponto todo da vida é o bem dessa alma imortal, do ser espiritual, levando-o a retornar ao mundo celeste de onde decaiu. A união com um corpo físico, portanto, é quase um acidente dentro da filosofia platônica, e certamente degradante para o próprio espírito (ou alma). Para Platão, o corpo é considerado a «prisão» da alma. Pitágoras chamava o corpo de *sepulcro* da alma, expressando idêntica atitude.

5. A preexistência. Para diversos teólogos cristãos, como Justino Mártir, Clemente e Orígenes, a alma seria parte da criação angelical, não tendo substância diversa da dos anjos, quanto à sua natureza básica. Os anjos e os homens caíram no pecado, e, nessa queda, os homens finalmente assumiram corpo físico, o que é sinal evidente da degradação e descendência da alma. Mas, em seu retorno para Deus, o homem se libertará finalmente do corpo físico, e habitará nos mundos da imortalidade. Essa idéia também era a mais comum entre os hebreus, depois que a teologia judaica abandonou a sua errônea doutrina da «inexistência da alma», que é o ponto de vista dominante no Pentateuco, onde somente leves indícios da crença no após-vida podem ser percebidos. A natureza humana de Jesus incluía a alma, segundo quase todos os teólogos afiançam. Porém, a sua alma humana não seria decaída. Através dessa teoria, essa alma humana também foi preexistente, como todas as almas humanas o seriam. Não tendo caído no pecado, a alma humana de Jesus teria retido o seu poder semelhante ao dos anjos, e isso explicaria as obras e as palavras de Jesus, até mesmo em sua encarnação e humilhação. A alma de Jesus fundiu-se ao *Logos eterno*, formando uma única pessoa e isso para todo o sempre. Isso constituiria um profundíssimo mistério, que não admite racionalização humana.

Essa idéia da preexistência da alma tem ocupado grande lugar na história da igreja; e a despeito de atualmente ser defendida por uma exígua minoria, tem ocupado uma grande posição na história da Igreja, como já dissemos, merecendo cuidadosa consideração. Existem boas evidências, fornecidas pela ciência moderna, em favor da inteligência da alma de um indivíduo, de natureza não-comunitária, o que indica que um indivíduo qualquer, agora visto em um corpo físico, é antiqüíssimo, tendo conhecido a vida em outros níveis da existência, e, talvez, neste nível de existência.

Os pais alexandrinos acreditaram na preexistência da alma sem reencarnação na vida física da terra, com a exceção de casos especiais. Outros fazem da reencarnação uma doutrina paralela com a idéia da preexistência.

Vários poetas têm louvado o seu valor, conforme esta bela seção do poema de Wordsworth, intitulado «Subentendidos da Imortalidade»:

Nosso nascimento é apenas um sono e esquecimento:
A alma que se eleva conosco, nossa estrela da vida,

Tem tido algures o seu lugar,
E vem de longe:
Não totalmente olvidada,
E nem em completa nudez,
Mas arrastando nuvens ae glória
é que procedemos
De Deus, que é o nosso lar.

Para o autor deste artigo esta idéia é a mais provável das possibilidades.

6. Emanação desde a eternidade. Trata-se de um ponto de vista panteísta sobre a alma. Temos aqui uma variação da quarta posição, que faz da alma uma simples emanação do espírito universal, divino, ou seja, da mente divina, e não diferente quanto à sua natureza, ainda que tenha adquirido uma forma diferente. Mas, de acordo com esse sistema, tudo quanto existe tem a natureza divina, porque tudo seria Deus, e Deus seria tudo; Deus é o cabeça da existência e o mundo ou a existência seria o corpo de Deus. O *destino*, de conformidade com esse sistema, consiste na reabsorção de tudo pela mente divina, com a perda total da distinção pessoal.

II. A natureza da alma

1. A palavra **alma** é aqui usada como sinônimo de «espírito» como em quase todas as suas ocorrências nesta enciclopédia. Haveria a emanação da mente ou espírito divino. Uma forma especial de *imaterialidade* está em foco, isto é, uma imaterialidade que participa da divindade. Trata-se de uma idéia exaltadíssima, não havendo maneira para descrevermos o que nela está envolvido. Contudo, por enquanto nem ao menos fazemos boa idéia do que significa a materialidade; e quanto menos qualquer forma de imaterialidade. Mas pelo menos podemos dizer que a alma, sob qualquer descrição de imaterialidade, não consiste em partículas «atômicas».

2. *A idéia platônica* sobre a alma afirma que a alma é uma individualização operada por Deus, mas fazendo parte de sua natureza. Assim sendo, a alma participaria das qualidades dos «universais», tais como a imaterialidade, a eternidade, o absoluto, a perfeição, não pertencendo nem ao tempo e nem ao mundo dos universais, o mundo eterno.

3. O ponto de vista *alexandrino* sobre a alma, estipulado pelos pais da igreja Justino Mártir, Clemente e Orígenes, diz que a alma é de natureza equivalente à dos anjos, sem qualquer diferenciação real. Seria «espírito», e, por conseguinte, seria imaterial; e teria elevados poderes, não menores que os dos anjos. Essa «alma» não seria divina, conforme se dá no caso da primeira posição, porquanto seria separada da divindade. Todavia, pertenceria a uma elevadíssima natureza. Essa natureza teria sido prejudicada e degradada quando da queda. Esta é igualmente a posição tomada pelo autor deste artigo.

4. *Alguns estudiosos pensam que a alma seria uma substância semifísica* ou mesmo «física», com modificações de natureza para nós desconhecida. Poderia ser uma «substância mais rarefeita» que a do corpo, embora continuasse sendo física. E podemos supor que isso também significa que se comporia de partículas «atômicas». Os estóicos mantinham esse ponto de vista, como também fazem os «mórmons», entre os cristãos da atualidade. Os estóicos pensavam que se alguém tivesse de ser morto esmagado debaixo de uma pedra, seria melhor que o fosse com uma pedra pequena, porquanto se uma pedra grande caísse sobre uma pessoa, prendendo-a debaixo da mesma, a alma talvez não pudesse escapar dali.

5. O homem seria constituído de corpo, alma e espírito. A alma seria a sede emocional do homem, ou de sua porção intelectual, o que significa que talvez seja sinônimo de «mente». Já o «espírito», designaria o homem essencial em sua inteligência, a porção do homem que sobrevive. Neste ponto usamos a palavra «espírito» conforme o vocábulo «alma» vem sendo empregado por todo este artigo. O termo «espírito», aqui empregado, pode ser definido de qualquer das maneiras descritas acima. (Quanto ao problema «dicotomia-tricotomia», ver as notas expositivas sobre os trechos de Rom. 11:3; Heb. 4:12 e I Tes. 5:23 no NTI).

6. Alguns estudiosos pensam que a «alma» indica tão-somente o corpo animado, não dando a entender qualquer entidade separada. Essa é a antiga posição dos hebreus, a posição refletida pelo Pentateuco, e que foi aceita pelos Adventistas do Sétimo Dia, entre os cristãos modernos.

7. Para outros a alma não seria substancial, mas antes, se assemelharia à idéia dos «fantasmas». Essa é a antiga idéia entre os judeus e gregos, anterior a Platão, e que pode ser percebida facilmente nos escritos de Homero, onde a alma aparece como uma espécie de forma sem substância, fugidia, destituída de memória, representada nos desenhos antigos como uma pequena ave a esvoaçar. Havia na personalidade humana um fantasma, sem memória, não sendo a personalidade essencial, embora podendo ser identificada com a «dupla» personalidade. Seria, assim sendo, uma energia mental, que pelo menos em alguns casos poderia sobreviver ao corpo, embora eventualmente venha a dissipar-se. Evidentemente alguma comunicação com ela seria possível, mas sempre em um baixo nível intelectual; e ninguém aprenderia alguma coisa de grande significado, da parte dessas entidades. Especulamos, portanto, que o homem é uma *trindade*, isto é, se compõe de três complexos distintos de energia: o físico (o corpo), o semifísico (o fantasma, a dupla personalidade, a mente), e o espiritual (o espírito, ou alma).

Apesar de tudo que possamos dizer acerca da «natureza» da alma, na realidade não podemos apresentar qualquer descrição sobre a sua «substância»; e isso porque, no momento, o máximo que podemos asseverar é que ela é «imaterial», não estando sujeita às leis que governam a matéria, conforme as conhecemos no momento.

III. O destino da alma

O que aqui dizemos dependerá de nossas crenças religiosas e filosóficas. Por essa razão, existem quase tantos «destinos» quantos são os pensadores, ainda que as diferenças sejam leves, em alguns casos.

1. A mais antiga idéia entre os hebreus é que não existe alma, e, portanto, também não há destino. O destino humano, entretanto, estaria reservado para quando da ressurreição do corpo. A crença na ressurreição, não nos olvidemos, é um pensamento hebreu posterior, não se alicerçando sobre o Pentateuco. Esse destino variaria desde os prazeres sensuais sem-fim, conforme se vê em certas religiões orientais, até prazeres sensuais moderados, com a ênfase sobre os valores espirituais, conforme se verifica no antigo pensamento dos hebreus.

2. A alma-fantasma. Nos escritos de Homero, como também no pensamento posterior dos hebreus, a alma aparecia como uma forma sem substância, sem memória e sem inteligência essencial, pelo que também não haveria qualquer verdadeiro destino pessoal.

3. Também há aqueles que crêem em transmigração da alma, em reencarnação. Em sua busca pela

perfeição, a alma teria de atravessar muitos estados intermediários, em cada um dos quais aprenderia determinadas lições. Mas seria eterna, pelo que também não se desintegraria, embora seja confinada à necessidade de passar por vidas repetidas, em corpos físicos. A «transmigração» é um termo geral, o qual pode significar a habitação em um corpo humano ou em um corpo animal; porém, quando esse termo é contrastado com a idéia da *reencarnação*, então sempre significa a habitação em um corpo «animal», ao passo que a reencarnação usada sem outros qualificativos, significa quase sempre a habitação em um corpo «humano». Uma vez tendo atingido um grau suficiente de perfeição, a alma escaparia à dimensão física e entraria no terreno espiritual. Ali chegando, a alma faria progresso muito mais rápido na direção de Deus. A teologia dos hebreus, uma vez aceita a idéia da existência da alma, quase sempre aceitou a idéia da reencarnação, sendo isso especialmente verdadeiro entre os rabinos cabalistas. As escolas dos fariseus ensinavam tal conceito, como também o faziam pelo menos alguns dentre os essênios.

A crença na reencarnação fala apenas sobre destinos *intermediários*, e não sobre o destino final das almas. O destino final seria determinado pela experiência religiosa do indivíduo, para além da consideração de reencarnação; porquanto, em qualquer sistema, isso é apenas *um meio* para o fim, e não o próprio fim.

4. *Reabsorção*. Essa palavra expressa a tendência, verificada nas religiões orientais, para pensar que a alma encontra o seu destino mais elevado na reabsorção pela mente ou espírito divino. E isso importaria na perda da identidade pessoal. Não é muito claro se alguns admitem que, nessa reabsorção, o «ego» se transmuta no *superego*, o que significaria que a consciência humana passa a assumir a consciência divina. Platão defendia a individualidade temporária da alma, uma vez que ela ascendesse às regiões celestes, com a eventual absorção no espírito divino; mas, uma vez mais, não sabemos se ele entendia que isso significa que o «ego» passa a ser o «superego», com uma correspondente consciência. A filosofia idealista germânica, conforme aparece nos escritos de Hegel e de Fichte, imaginava essa espécie de reabsorção. O destino da alma, segundo esse ponto de vista, é extremamente elevado, embora lhe falte o interesse da individualidade. Eriugena, um filósofo-teólogo da metade da Idade Média, igualmente aceitava essa idéia da reabsorção, embora pareça ter procurado preservar também a idéia de individualidade, de conformidade com o pensamento cristão ordinário. Acreditava ele que todos os homens seriam redimidos a fim de participar na vida do «logos», e que os eleitos seriam elevados à divindade de Deus Pai.

No caso da religião hindu, o retorno da alma individual (atmã) ao Bramá, algumas vezes é referido de tal maneira a dar a idéia da retenção da individualidade e existem trechos nos Upanishads e na Vedante que parecem indicar exatamente essa idéia. Entretanto, a interpretação predominante parece ser que a individualidade, agora mesmo, é apenas uma ilusão, para nada dizermos sobre o tempo em que a alma retornar completamente ao Bramá. Através das experiências místicas, nesta vida terrena, haveria uma união de êxtase com a divindade; mas a verdadeira união teria de esperar até que nos vissemos libertos da carne.

Os místicos cristãos têm falado bastante em tais termos; e mui provavelmente alguns deles tenham esperado uma verdadeira reabsorção, embora isso seja contrário à corrente principal do pensamento cristão. (Assim podemos depreender nos escritos de Royce, Eckhart, Stª Teresa e Jacó Boehme). O pensamento dessa completa união com a divindade tem penetrado em alguns hinos, como naquele de autoria de George Matheson: «Dou-te de volta a vida que possuo, para que em tuas profundezas oceânicas ela flua mais rica, mais plena». Porém, não é muito provável que esses autores tenham tido o intuito de ensinar a perda da individualidade, ao usarem tais expressões.

5. *A imortalidade cristã*. No conceito bíblico e cristão esta é sempre individual, importando em consciência pessoal. Saberei que eu sou eu, o mesmo ser que fui, ainda que então me encontrarei em estado exaltado. A imortalidade, dentro do conceito paulino, é sempre vinculada ao corpo ressurrecto, como veículo da alma remida; mas esse corpo é também chamado de «espiritual», não sendo material e nem formado por partículas atômicas. (Ver no NTI as notas expositivas completas sobre a natureza do «corpo ressurrecto, em I Cor. 15:20, *ss*, e nos versículos 35 e 40). A alma atingirá um elevado estado de glorificação quando receber o seu novo veículo, mediante o qual a completa personalidade humana será restaurada, ainda que em termos totalmente não-corporais. O padrão da natureza desse corpo novo é o próprio Senhor Jesus Cristo, porquanto haveremos de ser transformados conforme a sua imagem (ver Rom. 8:29), e por isso compartilharemos de sua própria divindade (ver II Ped. 1:4). Uma vez que nos tornemos seres elevados acima dos anjos, dotados de maior poder, inteligência e perfeição do que eles, seremos instrumentos capazes de feitos notáveis. Tal é o esboço da matéria. Em conexão com a idéia do destino da alma, além das referências que já foram dadas, ver os artigos sobre *vida eterna*, *galardões* e *coroas*.

IV. Provas da existência e sobrevivência da alma

Os artigos existentes na introdução ao NTI, que versam sobre a «imortalidade da alma», fornecem um estudo mais completo sobre o presente tópico. Algumas das provas principais são alistadas aqui, em forma de esboço:

1. O *consensus gentium*, ou seja, a «opinião popular». Todas as culturas humanas incluem a crença na existência da alma e sua sobrevivência. Para não crer nisso, é mister que o indivíduo seja treinado a não crer. Por razão e intuição, o homem reconhece certas verdades básicas, tais como a existência de Deus e da alma, a necessidade de justiça, a necessidade de galardão e castigo, enfim, a garantia de um universo «moral». É verdade que muitas crenças quase universais, como a idéia de uma «terra chata», do «giro do sol em torno da terra», etc., são incorretas. Não obstante, tais tipos de verdades não podem ser reputadas como aquelas que a intuição e a razão (conferidas como dom de Deus) dariam aos homens. Por outro lado, os dons da razão e da intuição, implantados no homem pelo Espírito, poderiam ser instrumentos para o reconhecimento de Deus e da alma humana, sem a necessidade de qualquer revelação divina. O primeiro capítulo da epístola aos Romanos dá apoio a essa forma de idéia, embora não exatamente sob os mesmos termos. Mediante essa forma de raciocínio, a verdade pode ser *a priori*, isto é, anterior a quaisquer experiências empíricas, verificada pela razão pura ou pela intuição.

2. *O desejo universal*. Pode-se supor que o desejo universal de sobreviver à morte física é mais do que

um anelo caprichoso; antes, na realidade, resulta da consciência íntima de que a imortalidade é um fato. A maneira de consubstanciar tal crença é essencialmente a mesma que a do primeiro caso.

3. *Os argumentos platônicos* com base na razão pura (argumentos *a priori*). Consideremos os três seguintes subpontos: a. A geração dos opostos. (Argumento acerca dos contrários). O dia segue-se à noite; — a morte segue-se ao nascimento, e é lógico assumir que a vida se siga à morte. Podemos descobrir várias analogias na natureza, que talvez indiquem essa verdade, tal como no caso das estações do ano. b. A alma é o «princípio vivo», sendo «simples», e não complexa; por conseguinte, não estaria sujeita à dissolução, tal como sucede ao corpo, que é extremamente complexo. Uma alma «morta», pois, é uma contradição de termos. O homem participa do «princípio vivo», por meio da alma, que é a sua manifestação terrena, embora a própria alma seja eterna em sua substância, proveniente que é do mundo eterno. c. A preexistência e as reminiscências. A alma, sendo eterna em sua substância, e antiqüíssima em sua individualização, é preexistente. Portanto, também é pós-existente, porquanto não depende do corpo quanto à sua origem, e nem dele depende para a sua continuidade. E certos estudos, feitos no terreno da parapsicologia, parecem indicar a verdade da preexistência da alma.

4. *A bondade de Deus*. É ilógico supormos que um Deus bondoso e sábio criaria um ser tão complexo como é o homem, a fim de permitir-lhe tão breve duração de existência, para logo em seguida deixá-lo ser reduzido ao nada, à extinção.

5. *A probabilidade teísta*. Não é provável que Deus criasse um ser vivo como é o homem, para em seguida permitir que ele seja reduzido ao nada, sendo um ser tão complexo, conhecedor do bem e do mal, aspirante às realidades celestiais. A probabilidade simples, inteiramente à parte de Deus, mostra-nos que não é provável que um ser tão complexo como é o homem, com tantos refinamentos em sua natureza, pudesse existir somente por um pouco de tempo. O homem é superior ao tempo, o que significa que sobreviverá ao mesmo.

6. *A evolução*. O processo da evolução, se o admitirmos como verdadeiro, criou, como sua maior realização, uma alma que sobrevive à morte física.

7. *A revelação*. Diversos profetas, de inúmeras religiões no decorrer dos séculos, mediante visões, sonhos ou revelações místicas, conferidas por seres de outros mundos, ou por Deus, afirmam a realidade da imortalidade da alma. Temos confiança nos místicos e naquilo que têm dito, o que é pelo menos parcialmente confirmado pelas provas empíricas das tradições proféticas. Em outras palavras, pode-se mostrar que a profecia é verídica, através de provas empíricas. Os místicos deram-nos a profecia. E eles também afirmam a veracidade da imortalidade de Deus, da justiça final, dos galardões, do castigo final e de outros temas importantíssimos. Inclinamo-nos a crer neles porque têm um registro convincente de veracidade em muitas coisas, se não mesmo acerca de tudo. Para os crentes, existem documentos, tanto no Antigo como no Novo Testamentos que contêm essas revelações. Os *trechos bíblicos* que subentendem ou ensinam claramente a existência da alma e sua sobrevivência ante a morte física, são os seguintes: a. No A.T.: Sal. 86:13; Pro. 15:24; Eze. 26:20; 32:21; Is. 14:9,10; Ecl. 12:7 e Jó 32:8. b. No N.T.: Mat. 10:28; 17:1-4; Marc. 8:36,37; Luc. 16:19-31; 23:43; Atos 7:59; Fil. 1:21-23; II Cor. 5:8; 12:1-4; Heb. 12:23; I Ped. 3:18-20; 4:6; Apo. 6:9,10 e 20:4.

8. *Os efeitos da fé* — O impacto prático da fé sobre a sociedade: uma crença tão bela e tão poderosa na sociedade, sobre o que tantas pessoas alicerçam a sua vida, fazendo com que a vida «visível» se fundamente sobre a «invisível», deve ser verdadeira, porquanto o erro dificilmente poderia produzir benefícios e efeitos de âmbito tão mundial.

9. *O argumento moral de Emanuel Kant*. A imortalidade da alma deve ser uma verdade, porque é evidente que a justiça não se concretiza neste mundo. Assim, pois, deve haver uma esfera de seres vivos, os mesmos seres que um dia viveram à face da terra, onde impera a justiça, onde os galardões e as punições são aplicadas. Se isso não é uma verdade, então este mundo é apenas um caos. Nossa rejeição ao conceito do caos requer, por semelhante modo, a aceitação da fé na imortalidade da alma. Esse argumento moral também prova a existência de Deus, porquanto deve haver um juiz capaz de exercer justiça. E esse juiz só pode ser um ser que esteja conforme o conceito de Deus — nenhum outro ser poderia ter estatura suficiente para ocupar-se com êxito dessa tarefa.

10. *Argumentos empíricos ou científicos*. É facilmente possível que, dentro da nossa própria geração, a ciência chegará a provar a existência da alma e a sua sobrevivência ante a morte física. A imortalidade é outra questão, que está além do campo de investigação da ciência, visto que a imortalidade implica em uma existência «para sempre», aquela forma de vida que não está sujeita à dissolução. Mesmo que a ciência pudesse confirmar continuamente a existência de uma alma, em forma desencorporada, por cem anos, ainda assim se poderia dizer que o período de existência de uma alma é de cem anos e um dia; e, «teoricamente», ninguém poderia negar essa possibilidade, embora pudesse duvidar do cálculo. A sobrevivência da alma ante a morte física poderia vir a ser eventualmente comprovada pela ciência: mas a imortalidade permanecerá para sempre além do escopo da investigação científica, o que requer a renovação contínua de informes e de uma avaliação que leve em conta qualquer novo fator que porventura surja. De um ponto de vista teórico, o corpo pode durar 70 anos, e a alma pode durar dois mil anos. Mas a ciência dificilmente poderá falar em «para sempre», porquanto a «eternidade» não está sujeita à percepção dos sentidos, que serve de base para todas as investigações científicas.

Ver o artigo intitulado, *Abordagem Científica à Crença na Alma e Em sua Sobrevivência Ante A Morte Física*, entre os artigos sobre a *Imortalidade da Alma*.

A ciência está às vésperas de demonstrar a existência e a sobrevivência da alma; e isso é tremendamente importante, tanto para os crentes como para os incrédulos. Se se pudesse demonstrar essa verdade, e viesse ela a ser aceita por toda a comunidade científica em geral, o impacto seria tão grande que levaria o mundo inteiro a reviver o seu interesse pelos princípios religiosos, os quais sempre têm confirmado essa verdade. As grandes inquirições sobre o *destino da alma*, sobre as «regiões espirituais da existência» se tornariam importantíssimas para todos os homens, necessariamente; porquanto assim estaríamos investigando sobre o que acontecerá «conosco».

V. O problema antropológico

O que é o homem? Será ele apenas uma forma de energia, a energia física, e, portanto, sujeita à dissolução final? (Assim pensa o *materialismo*). Será

o homem formado de dois complexos de energia que agem entre si — a alma com o corpo? (Essa é a posição do *interacionismo*). Será ele composto de três formas de energia, uma material, outra semimaterial, e outra ainda espiritual, em que a energia espiritual pertence ao mundo eterno, e não a este mundo, o que significa que o verdadeiro homem é transcendental? (Essa é a posição do *substancialismo*).

Ver sobre *Problema Corpo-Mente* e também, *Imortalidade, Afirmações Teológicas*.

ALMA DO MUNDO

De modo geral, temos aí o conceito do divino, como extensivo ao espaço, incluindo o mundo como seu meio ambiente interno.

1. Em *Platão* (ver o artigo a respeito), a alma do mundo representa a divindade secundária, «tão divina quanto uma coisa mutável pode ser divina», que se auto-impulsiona, sendo o princípio de animação em todas as outras coisas. Esse conceito está relacionado à idéia do *demiurgo* (ver o artigo).

2. Entre os *estóicos*, o mundo era identificado com Deus (*panteísmo*; ver o artigo a respeito), sendo referido em termos de alma. O ser se estenderia pelo universo inteiro, sendo idêntico ao universo. Os estóicos pensavam que esse ser era material, e o fogo seria a força que, mediante modificações, transformar-se-ia em todas as coisas.

3. Entre os *platônicos*, a expressão passou a significar a «deidade última», embora não se misturassem a matéria e o espírito.

4. De acordo com *Plotino*, a alma do mundo seria uma *emanação* de Deus, o qual seria o Um. E essa emanação dar-se-ia por meio da mente (*nous*), ou seja, a força espiritual que atua no mundo físico, e que contém o mundo físico como seu corpo. (Ver o artigo sobre *nous*).

5. O *panteísmo*, de modo geral, fala sobre Deus como a cabeça, e sobre o mundo como o corpo. E a alma do mundo seria Deus, coletivamente falando.

6. No *pampsiquismo*, a alma, ou essência imaterial, permearia todas as coisas, incluindo todos os objetos materiais. E essa essência imaterial seria a alma do mundo, ou estofo da mente. (E EP P)

ALMA DOS ANIMAIS

Platão foi um dos primeiros a expressar a crença de que nenhum ser vivo é meramente físico. Toda vida seria *psíquica*, e a parte material, apenas um veículo. Todas as coisas vivas têm sua «forma» ou «idéia», que é a causa sustentadora das mesmas. Essa «forma» é imaterial. Alguns têm afirmado que é impossível explicar o comportamento dos animais em termos meramente físicos. Há neles qualidades de pensamento, razão e emoção que sugerem que os animais têm alma. A observação empírica de aparições de animais, além de tentativas cruas (aparentes) de comunicação com antigos proprietários de animais, por parte de animais de estimação mortos, tem servido para convencer alguns de que os animais têm alma. As religiões orientais têm dado apoio às idéias de desenvolvimento espiritual nas almas dos animais, e até mesmo de intercâmbio entre almas humanas e de animais, em veículos animais, por meio da transmigração (ver o artigo a respeito). Ver o artigo sobre os *animais*, primeiro ponto, sob Argumentos em prol do respeito aos animais, e seus direitos, quanto a outros argumentos em favor da existência de alma nos animais. Ver os artigos sobre *transmigração, reencarnação* e *idéias*.

Nas religiões orientais, é um dogma que os animais têm alma. Há uma base filosófica para isso em Platão e no platonismo. Porém, as grandes controvérsias sobre a questão não tiveram início na filosofia senão com Descartes, cujo dualismo não deixava espaço de discussão sobre os animais. Ele defendia a idéia de que os animais são puras máquinas e agem instintivamente e não mediante raciocínio. Seus argumentos baseavam-se mais em pressupostos teológicos do que em qualquer outra consideração. A crença na existência de alma nos animais parecia ameaçar as crenças religiosas tradicionais, incluindo a suposta natureza ímpar do homem, dentro da criação. Muitos raciocínios teológicos adquirem peso dentro da questão, como aquele de que os animais são impecáveis, pelo que não podem sofrer punição por erros morais. Presumivelmente, segundo alguns crêem, por não terem alma, os animais não sofrem. E isso também justificaria o homem ao explorar, matar e comer os animais, visto que eles não teriam alma, e portanto, não teriam valor metafísico. A Descartes parecia degradante atribuir alma aos animais, pois isso seria privilégio exclusivo do homem. Além disso, ele aplicava o argumento lingüístico, dizendo que visto que os animais não têm a capacidade de falar, por meio da qual poderiam exprimir pensamentos, obviamente são criaturas destituídas de alma. Para Descartes, ver um chimpanzé comunicando-se através do teclado de um computador seria uma cena extremamente perturbadora. Mas é isso que está se sucedendo atualmente. De fato, quanto mais a ciência aprende sobre os animais, — mais fracos vão ficando tais argumentos.

A teoria mecânica não tem sido bem-sucedida ao explicar os processos biológicos. Quanto mais a ciência descobre mais nos convencemos de que há uma inteligência com propósitos por detrás dos fenômenos biológicos. Muitos e poderosos ataques foram desfechados contra Descartes e seu conceito de animais-máquinas. Os peripatéticos, usando conceitos aristotélicos, postulavam uma substância intermediária entre a matéria e a mente, atribuindo aos animais uma alma sensível (tal como Aristóteles já havia feito). Presumivelmente, a alma de um animal poderia refletir, raciocinar e exercer sua vontade. Mas, a ausência de evidências empíricas debilitava essa tentativa de explicação. Alguns admitiam que os animais têm uma espécie de alma, mas não do tipo capaz de sobreviver. Muitos naturalistas assumem essa posição. Diferentes graus de mentalidade são atribuídos às várias espécies de animais. Aos animais é negada qualquer propriedade que possa conceber a própria verdade, ou que considere coisas como o destino ou as questões metafísicas, o que seria propriedade exclusiva do homem.

A questão inteira chegou ao ponto do absurdo quando o padre Bougeant, um jesuíta, escreveu em 1739 uma convincente crítica da doutrina cartesiana e suas várias alternativas. Surpreendentemente concluiu que as almas dos animais na realidade são demônios ou anjos caídos, os quais, como uma forma de castigo, vêm habitar nos corpos de animais. Assim, os animais teriam toda a inteligência, a volição e o propósito que queiramos imaginar, mas somente porque esses também são atributos do diabo. Desnecessário é dizer que os demais jesuítas reagiram fortemente contra aquele padre, e essa teoria foi merecidamente esquecida.

Locke distinguia entre a sensação (dos animais) e a reflexão (do homem) e achava a fonte de ambos em uma espécie de teoria atômica, que mantinha a discussão inteira dentro do campo naturalista.

Somente o homem é capaz da abstração. Outros, como Condillac, atribuíam a órgãos de sentidos inferiores a capacidade mental inferior dos animais. Ainda outros pensavam em funções cerebrais inferiores para os animais, reduzindo assim a mente ao cérebro. Essa abordagem provocou a grande discussão do *Problema Corpo-Mente* (ver o artigo). Muitos filósofos, e grande número de cientistas, simplesmente não podem ver como o cérebro pode explicar as funções da mente. As descobertas da parapsicologia moderna muito têm contribuído para mostrar que a mente é distinta do cérebro. A entrada da teoria da evolução na realidade não alterou em grande coisa o quadro, porque a evolução materialista não tem podido explicar a vontade humana, o raciocínio especulativo e metafísico, as emoções, o senso de desígnio e destino, as sensibilidades espirituais, etc. Tudo quanto o homem tem sido capaz de investigar, no campo da inteligência artificial, não tem eliminado a necessidade de programar uma máquina com uma inteligência inteiramente separada da máquina. Evidências em prol da porção imaterial do homem são dadas no artigo sobre a *alma*. Nesse artigo, foram incluídos estudos científicos.

Alguns, como McTaggart, apesar de crerem na evolução do corpo, têm suposto que a própria evolução tem produzido a mente e a alma como sua mais significativa realização. Isso significa que temos uma alma natural; mas alma, afinal de contas. Porém, há boas provas de que a alma é transcendental, as quais são citadas no artigo sobre a alma.

Skinner e seu behaviorismo metodológico representam um retorno ao mecanismo animal cartesiano, estando sujeitos às mesmas objeções. Quanto mais a ciência descobre, menos provável parece ser a teoria *reducionista* (ver o artigo a respeito), pois vai-se tornando mais e mais evidente de que há realidades e eventos mentais que não podem ser explicados pelas funções cerebrais ou *reduzidos* às mesmas. Os artigos sobre a *alma* e a *parapsicologia* demonstram isso de forma adequada.

As várias abordagens não-espirituais que tencionam explicar a inteligência, a emoção e a vontade, animal ou humana, não têm podido eliminar o princípio da *teleologia* (ver o artigo), isto é, o princípio de desígnio e propósito na natureza. De fato, a própria ciência depende em muito do princípio da constância, da *invariabilidade*. Se ao menos quisermos ter ciência, precisamos ter a confiança de que as experiências podem ser repetidas, e que há algo na natureza que requer e dá apoio a um desígnio que funciona. Em outras palavras, há leis naturais, e, se há leis e invariabilidade, podem elas existir sem a existência da mente e do propósito nas coisas? (AN CR EP F)

ALMAS DEBAIXO DO ALTAR

I. Debaixo do altar as almas, Apo. 6:9.

São aquelas que sofreram o martírio, durante os selos segundo a quarto. — Apesar do autor sagrado ter incluído os mártires de todas as eras, o seu propósito primário foi o de mostrar que aqueles que o império romano havia martirizado, não estavam na inatividade. Suas orações e apelos atrairão os juízos divinos contra os perseguidores da igreja. Isso significa, profeticamente, que durante a Grande Tribulação, os tempos serão terríveis e a igreja se encontrará na tribulação a fim de ser perseguida. Essas almas são de mártires cristãos, e não de Israel, porquanto, por essa altura dos acontecimentos, a nação de Israel não se terá ainda convertido. Lembremo-nos que o Apocalipse foi escrito a fim de fortalecer a igreja *perseguida* e não a fim de evitar que ela *escapasse* a perseguição. Isso se deu no caso da perseguição «histórica» movida por Domiciano, o «segundo *Nero*», que estava assediando a igreja quando o Apocalipse foi escrito. E assim sucederá profeticamente, quando a besta romana perseguir a igreja, durante a Grande Tribulação.

Por qual razão essas almas estão debaixo do altar? 1. Alguns estudiosos supõem que assim como o sangue escorria para a valeta que havia ao pé do altar, e assim como «a vida está no sangue», assim também aqueles mártires, cujo sangue for derramado, tomarão a posição correspondente ao sangue dos sacrifícios. Os trechos de II Tim. 4:6 e Fil. 2:17 vêem os mártires como sacrifícios oferecidos a Deus. (Ver também Inácio, *Ad Rom.* ii.2, quanto a essa idéia). Portanto, o martírio à face da terra, como se a vida fosse oferecida a Deus em sacrifício celestial, tem esse significado. Deus fica satisfeito com essa elevada dedicação, e a alma humana obtém um acesso especial a Deus, não conferido a outras. 2. Em *Aboth* R.N. xxi é refletida a crença de que as almas justas estão sob o altar, para *proteção* e preservação divinas; e essa idéia parece estar incluída em Apoc. 6:9. (Ver também *Shabb.* 152b, «as almas dos justos são preservadas sob o altar da glória»). Outras citações rabínicas indicam a mesma coisa. Portanto, aquilo que é dito acerca de todos os santos, é aqui particularmente aplicado aos mártires. Simbólica e espiritualmente, aquilo que Paulo requeria de todos os crentes, que sejam «sacrifícios vivos», atinge seu cumprimento «ideal» nos mártires. (Ver Rom. 12:1,2).

II. Aceitação especial dos mártires

A crença judaica ordinária não conferia aos santos a entrada imediata nos céus. Antes, tinham de permanecer na porção boa do hades, no mundo intermediário, até que entrasse o número total dos eleitos. E então o grupo inteiro, em um bloco, ascenderia aos lugares celestiais. (Ver II Baruque 23:4,5, Yebamoth 62a, II Esdras 4:35-37; 2:41 e I Enoque 47:4, quanto a esse tipo de ensinamento). O sétimo capítulo do Apocalipse, com os seus «cento e quarenta e quatro mil», pode ser uma alusão ao número dos mártires, mas o vidente João lhes atribui acesso já obtido aos céus, o que o judaísmo antigo não concebia.

Os privilégios dos mártires podem ser sumariados como segue:

1. Ocorrendo a sua morte, têm acesso imediato ao trono, sendo, por assim dizer, «sacrificados», o que significa que serão capazes de render um elevado serviço a Deus, mediante uma total dedicação, o que não está imediatamente disponível no caso de outros santos.

2. Não precisam ascender através dos vários níveis até os lugares celestiais (sete níveis, segundo a teologia judaica), a fim de chegarem ao trono; chegam ali de imediato.

3. Em contraste com a grande multidão dos santos, eles escapam ao «mundo intermediário», a boa seção do hades.

4. Recebem a vestimenta do novo corpo, antes da ressurreição, as «vestes brancas». (G I IB NTI)

III. A teologia desta cena

Esta cena demonstra que a alma existe e sobrevive a morte biológica. É impossível supor que representa um grupo especial que sobrevive *exclusivamente*.

ALMODÁ

No hebraico talvez signifique **agitador**. Foi o filho mais velho de Joctã (Gên. 10:26; I Crô. 1:20). Aparentemente ele vivia no sul da península da Arábia, mas nada se sabe com certeza quanto a isso. A Septuaginta, em Gên. 10:26, diz Elmodá (Deus é amigo). Somos informados de que ele foi o fundador de uma tribo árabe, de localização incerta. (S UN)

ALMOM-DIBLATAIM

No hebraico, **Almom do duplo bolo de figos**. Foi a qüinquagésima primeira estação onde os israelitas estacionaram a caminho entre o monte Hor e as planícies de Moabe (ver Núm. 33:46,47), identificada com Bete-Diblataim (Jer. 48:22), cuja localização exata, porém, é desconhecida. Alguns têm sugerido Deleilat el-Gharbiyeh, uma aldeia que domina três estradas, a seis quilômetros de Libe, como sua moderna localização. (S UN Z)

ALNATAN

No hebraico, **Deus deu**. Foi um dos principais líderes do retorno da Babilônia a Israel (ver I Esdras 8:44). Ele solicitou que fossem enviados sacerdotes que servissem na casa do Senhor. (S Z)

ALOÉS

Trata-se do **lignum aloes** ou do **aloe succotrina**. Uma planta mencionada tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos. A árvore era altamente valorizada, havendo diversas espécies que cresciam sem cultivo na Índia, na China e na Arábia. O material era usado como incenso ou como perfume. (Ver Núm. 24:6; Sal. 45:8; Pro. 7:17; Can. 4:14 e João 19:39). Da flor nasce um fruto semelhante a uma ervilha grande, branca e vermelha. Um suco é extraído das folhas e guardado em frascos. Na antiguidade esse suco era muito dispendioso, e valia mais do que o ouro quanto ao peso (ver Núm. 24:6). Um perfume era fabricado do óleo, que se concentrava na forma de resina, dentro do tronco. A substância era usada como repelente de insetos e também para perfumar leitos e vestes.

Alguns identificam essa espécie com a *Aquilaria agallochum*. O mais provável é que várias espécies de vegetais estivessem em foco. Os egípcios usavam o material em seus embalsamamentos, misturando-o com mirra, salpicando a mistura entre as tiras de pano. (Ver João 19:39 no NTI quanto a detalhes a esse respeito). Nicodemos usou cerca de 34 kg (cem libras romanas) para embalsamar o corpo de Jesus. O material era importado, o que significa que o ato envolveu grande dispêndio em dinheiro. (FA ND NTI S Z)

ALOGENES SUPREMO

No grego, **allogenes** significa «de outra raça». Esse é o título de uma das obras gnósticas escritas em cóptico, encontrada em Quenobósquiom, em 1946. Talvez se trate do mesmo Apocalipse de Alegenes, citado por Porfírio em sua biografia de Plotino. Contém muitas revelações espúrias atribuídas a Sete e seu sucessor. Data do começo do século III D.C. (DO UN Z)

ALOGI

Nome dado zombeteiramente àqueles que rejeitavam a doutrina do Logos, no evangelho de João. Floresceram perto do fim do século II D.C., e seu líder principal era Gaio, contra quem Hipólito escreveu um livro que não mais existe. A palavra «alogos» pode ter dois sentidos. 1. Contrário ao Logos; ou 2. destituído de razão. Ver o artigo sobre o *Logos*. (E GO).

ALOM

Vem do hebraico, e significa **carvalho**. A Vulgata Latina diz *Quercus*.

1. Como designação de um carvalho, ver Gên. 35:8; Jos. 19:32; Isa. 2:13; 6:13, etc. Na Síria os carvalhos não são comuns senão nas colinas. Notemos, porém, a expressão «carvalhos de Basã» (Isa. 2:13; Eze. 27:6; Zac. 11:2), que mostram que eles eram comuns naquela região. Densas florestas de carvalhos existiam nas regiões da Basã e Gileade.

2. Uma cidade na fronteira da Naftali, entre Helefe e Zaanim (ver Jos. 19:33), embora alguns pensem que se tratava apenas de um marco de fronteira, vinculado a algum carvalho, e não uma cidade (que é o parecer de nossa versão portuguesa, onde se lê: «do carvalho em Zaanim»).

3. Filho de Jedaías e pai de Sifi (I Crô. 4:37). Era um chefe simeonita, da família que expulsou os camitas do vale de Gedor. (S UN)

ALOM-BACUTE

No hebraico esse nome significa «carvalho do pranto», a árvore sob a qual foi sepultada Débora, enfermeira de Raquel (ver Gên. 35:8). Aparentemente, Débora, a juíza, não está em vista, embora presumivelmente ela fosse a pessoa que mais apropriadamente seria honrada por um memorial dessa natureza. Mas, a serva de Raquel e Jacó os serviu com dedicação, tendo sido afetuosamente lembrada dessa maneira. (UN Z)

ALTA CRÍTICA

Ver também **Crítica da Bíblia**. A expressão «alta crítica» aponta para o exame crítico da Bíblia, envolvendo qualquer coisa que vá além do próprio texto bíblico, isto é, questões que digam respeito à autoria, à data, à forma de composição, à integridade, à proveniência, às idéias envolvidas, às doutrinas ensinadas, etc. A *baixa crítica* é a crítica do texto. A alta crítica pode ser positiva ou negativa em sua abordagem, ou pode misturar ambos os pontos de vista. Por si mesmo, a expressão «alta crítica» não é negativa. Um crítico pode manifestar-se em favor dos pontos de vista interpretativos tradicionais, e no entanto, ser um crítico que usa da alta crítica.

ALTA IGREJA

Um termo aplicado ao tempo da rainha Ana, da Inglaterra, para apoiar os que defendiam a causa da Igreja Anglicana, quanto à política. Posteriormente, esse título foi dado aos anglicanos que tinham em alta conta a igreja e seus sacramentos. Ver sobre os *anglo-católicos*. (E)

ALTAR

Lugar de se entrar em contato com o poder divino ou com os mortos, por meio de um *sacrifício* (ver o artigo) e de *oferendas* (ver o artigo). As religiões primitivas supunham que o altar de uma divindade

seria o lugar onde ela manifestava a sua presença. O altar (do latim, *altus*, estrutura elevada), presumivelmente chamava a atenção do poder invocado. Oferendas eram postas nessas estruturas a fim de aplacar ou solicitar o favor do deus do altar.

I. **Altares pagãos.** Eram de muitos tipos, formatos e dimensões. Na Idade do Bronze Antiga, alguns altares eram de meras pedras arrumadas. Na Idade do Bronze Moderna, alguns altares eram retangulares, feitos de tijolos ou de pedras, erguidos com cimento de argila. Alguns altares eram estruturas imensas, e outros eram pequenos. Montões de pedras também serviam de altares, entre os povos pagãos.

II. **Semitas.** Eram similares aos altares acima descritos, em diferentes épocas. Altares foram edificados por Noé (Gên. 8:20), Abraão, em Siquém (Gên. 12:7), Isaque, em Beerseba (Gên. 26:25), Jacó, em Siquém (Gên. 33:20) e em Betel (Gên. 35:7), Moisés, em Refidim (Êxo. 17:15) e Horebe (Êxo. 24:4). Na cultura semita, os altares usualmente eram erigidos com propósitos sacrificiais, mas não exclusivamente. Muitos eram feitos de rocha natural, com canais para que escorresse o sangue; ou eram montes de terra ou rochas escavadas, com valetas ao redor, com o mesmo propósito. Cria-se que o sangue derramado sobre o altar estava carregado com o poder da divindade, sendo assim útil para vários ritos de purificação e busca de poder.

III. **Altar do tabernáculo.** Na verdade, dois eram os altares do tabernáculo. Um deles, que ficava na metade oriental do átrio, era de «bronze» (influência fenícia, dizem alguns), recoberto de madeira de acácia (Êxo. 27:1-8). As suas dimensões eram 2,5 m x 2,5 m x 1,5 m. Era o altar dos holocaustos. Tinha chifres que se projetavam nas pontas, bem como argolas e varas para ser transportado. Não havia topo, e talvez contasse com uma armação gradeada de metal, cheia de terra, o que explica como era resistente ao fogo ali posto. O segundo desses altares era menor, com 0,5 m x 0,5 x 1,0 m, de madeira de acácia recoberto de ouro (Êxo. 30:1-10). Tinha quatro chifres e uma borda de ouro, com argolas e varas para ser transportado. Era o altar do incenso, símbolo de nossas orações e intercessões (Lev. 16:12).

IV. **Dos templos.** No átrio exterior (Jer. 36:10) do templo de Salomão, em Jerusalém, estava localizado um vasto altar de bronze, com 4,5 m de altura e 9,0 m de comprimento. Era uma réplica em tamanho grande do altar do tabernáculo, ao qual se obtinha acesso por um lance de escadas. O interior oco do mesmo era cheio de pedras e terra, e o resplendor do mesmo podia ser visto do átrio abaixo (II Crôn. 4:1). Orações eram feitas diante desse altar, e sacrifícios eram ali oferecidos. Existiu por quase três séculos. Acaz (735-717 A.C.) removeu esse altar para o lado norte, pondo um altar seu no local original. O novo altar tornou-se o centro das atividades. Talvez o altar original tenha sido finalmente restaurado ao seu lugar (II Crô. 33:16), como parte das reformas. Todavia, parece que o altar de Salomão, ou suas partes essenciais de metal, foram removidas por Nabucodonosor para a Babilônia (Jer. 52:17-20). O segundo templo tinha seus altares, provavelmente dois, segundo certa tradição. Antíoco Epifânio levou um altar de incenso, todo de ouro, no ano de 169 A.C. (I Mac. 1:21). Dois anos mais tarde ele profanou o altar dos holocaustos (I Mac. 1:54). Posteriormente, os Macabeus restauraram ambos os altares (I Mac. 4:44-49). Não se sabe qual a disposição exata dos altares no templo de Salomão, que substituiu o templo mais antigo. Apenas sabe-se que o altar dos holocaustos era uma pilha de pedras não-lavradas, ao qual se obtinha acesso por meio de uma rampa, e não por meio de degraus.

V. **No Novo Testamento.** A fé do N.T. eliminou o judaísmo suntuoso e complexo. Templos humildes substituíram o templo de Jerusalém e seus móveis. No início, os templos cristãos eram apenas as residências dos crentes. Tudo quanto fazia parte do judaísmo, passou então a ser considerado típico das realidades espirituais. O batismo reteve certos aspectos da imersão judaica de prosélitos, e de conceitos de purificação inerentes às abluções. A Ceia do Senhor reteve as idéias de sacrifício, expiação e comunhão. Mas agora —o altar— é a alma do crente, onde a adoração a Deus é levada a efeito. Conforme diz um hino: «Meu coração é o altar, e Teu amor é o fogo».

O uso literal que se faz da palavra «altar», no Novo Testamento, alude ao altar do templo de Jerusalém, figurando por oito vezes nos evangelhos: Mat. 5:23,24; 23:18-20; Luc. 11:51. Ou alude a vários altares (Rom. 11:3; I Cor. 9:13; 10:18; Heb. 7:13; Tia. 2:21). O vocábulo é usado em sentido figurado, em Apo. 6:9; 8:3,5; 9:13, etc.

O altar pagão mencionado no sermão feito no Areópago (no grego, *bomós*), é mencionado em Atos 17:22,23. Trazia a inscrição: «Ao Deus Desconhecido». Ver a passagem no NTI, onde há uma completa exposição. Uma outra referência pagã é ao altar de Pérgamo, em Apo. 2:13, o trono de Satanás. Foi um dos mais famosos altares do mundo antigo. Ver o artigo sobre *Pérgamo, altar de*. Foi descoberto em 1871 e levado para a Alemanha, onde foi reconstruído e agora está no Museu de Berlim. Ver também no NTI, o trecho de Apo. 2:13, quanto a notas completas.

1. *Simbolismo do altar*

Trata-se do lugar onde podemos nos aproximar de Deus, mediante sacrifício e oração; lugar onde Deus vem ao encontro das necessidades humanas, conforme as exigências por ele estabelecidas. O altar fala da «comunicação» entre Deus e os homens; esse é o lugar onde um homem pode encontrar-se com o poder divino. O altar é igualmente o lugar onde o homem pode trazer seus dons a Deus, onde pode prestar serviço e lealdade.

2. *Em Heb.* 13:10. *Um entendimento cristão*

Temos um altar, do qual não têm direito de comer os que servem ao tabernáculo.

Um altar. Essa palavra indica tudo quanto Cristo fez em sua vida, em sua expiação e em seu ofício medianeiro. Nada de específico é indicado, como a cruz, a mesa da Ceia do Senhor, ou o próprio Cristo. Antes, o autor sagrado junta todas as idéias de acesso e aproximação a Deus, que fazem parte da expiação, do perdão, da aceitação e da filiação, e se refere a elas sob o símbolo de um «altar»; porquanto esse era o símbolo da aproximação de Deus, por parte de homens pecaminosos. O autor sagrado era dono de uma mentalidade mística, e não sacramentalista; portanto, dificilmente ele podia ter a eucaristia ou Ceia do Senhor em vista, porquanto isso também é apenas símbolo da comunhão com Cristo, e não um meio mágico para a mesma. Se qualquer coisa específica está em foco, na palavra «altar», então só pode ser o «santuário celestial», onde Cristo entrou, a fim de oferecer o seu sangue expiatório, obtendo assim acesso até à presença mesma de Deus Pai. (Ver Heb. 6:20 e 9:12). Torna-se imediatamente evidente que o altar cristão não é de natureza a precisar de

refeições sacrificiais, e nem é acompanhado por práticas cerimoniais. Ultrapassou e substituiu a tudo isso.

Esse altar é o mesmo que se encontrava no antigo tabernáculo. O altar não era o ofertante, e muito menos ainda a vítima. Era o lugar onde a vítima era apresentada e morta. Em parte alguma Cristo é chamado de *altar*; e nem a cruz recebe tal nome. De fato, o décimo primeiro versículo, o principal ponto da passagem, não dá apoio a tal idéia.

Do qual não têm direito. Aqueles que repeliam a provisão de acesso em Cristo, retornando aos antigos caminhos, rejeitavam o altar de Deus, pelo que também não tinham mais direito a ele. Ou aqueles que nunca se tinham aproximado de Cristo, mas antes, permaneciam nos antigos caminhos, por se recusarem a reconhecer o novo caminho de acesso a Deus, automaticamente se tinham eliminado de seus benefícios, condenando a si mesmos às futilidades do antigo caminho. As palavras *os que ministram* apontam para os que se apegavam às normas legalistas e cerimoniais, e não meramente para os sacerdotes, que realmente efetuavam os ritos.

VI. Culto verdadeiro. O coração humano se deleita em cerimônias externas e em ritos elaborados. É relativamente fácil levar um cordeiro a um templo, fazer uma peregrinação a Meca ou a Roma, freqüentar um culto na igreja, revestir-se dos paramentos externos da religião. Essas coisas nos confortam com o pensamento agradável que, pelo menos, fizemos coisas que agradam a Deus. Mas o verdadeiro culto é o sacrifício (dedicação) absoluto do próprio ser. (Ver Rom. 12:1-2). (AL I IB LAN NTI)

ALTAR ALTO

Em um templo da Igreja Católica Romana, o altar principal, em distinção aos altares laterais, menores.

ALTAR DE INCENSO

Esse altar era um dos móveis que havia no tabernáculo, no deserto. (Ver Êxo. 30:1-11). Tinha cerca de meio metro de lado e um metro de altura, com pontas em forma de chifres, nos quatro cantos. Era feito de madeira de acácia e recoberto de ouro. (Ver Êxo. 37:25-38). A fim de ser transportado, esse altar contava com argolas por onde eram passadas as varas. O sumo sacerdote queimava incenso sobre o mesmo pela manhã e à tardinha, todos os dias. Como é evidente, esse altar é chamado de «altar de ouro», em Êxo. 39:38, sendo assim distinguido do outro altar, maior e de bronze, que ficava no meio do átrio descoberto. Ver o artigo geral sobre o *altar*. A posição do altar de incenso, dentro do tabernáculo, parece ter sido dentro do santuário, diante da arca da aliança (ver Êxo. 40:5 e Lev. 16:11-14), onde o sumo sacerdote aspergia sangue uma vez por ano (ver Êxo. 30:10). No templo de Salomão, o altar de ouro ficava dentro do Lugar Santo (ver I Reis 6:20,22). Mas, no terceiro templo, parece ter sido posto do lado de fora do véu, embora ainda dentro do santuário (ver Luc. 1:10). O trecho de Hebreus 9:3 parece dizer que esse altar ficava dentro do Santo dos Santos, embora os intérpretes tenham disputado sobre a questão da sua posição exata. (Ver as notas sobre essa questão no NTI, em Heb. 9:3). Como é óbvio, se esse altar ficasse no Santo dos Santos, nenhum sacerdote poderia ter queimado incenso sobre o mesmo a cada manhã e cada fim de tarde, pois ali somente o sumo sacerdote entrava, e isso apenas uma vez por ano, no dia da expiação. Naturalmente, é possível que, com a passagem do tempo, a posição desse altar fosse sendo modificada, como também as suas funções.

Uso metafórico. Esse altar era o lugar das orações, da intercessão, do acesso a Deus por meio da oração, os mesmos sentidos que são atribuídos ao próprio *incenso*. Ver o artigo sobre esse assunto, bem como os trechos de Sal. 141:2; Mal. 1:11; Atos 10:4 e Apo. 4:8; 8:4. (ID NTI Z)

ALTAR DE JOSUÉ

Um antigo altar recentemente descoberto, feito de pedra, com cerca de trinta e quatro séculos de antiguidade, foi desenterrado em Israel, em um monte na margem ocidental do Jordão, onde a Bíblia diz que Josué erigiu um altar, após haver introduzido os filhos de Israel à Terra Prometida. O arqueólogo israelense, Adam Zartal, descreveu o achado à *Associated Press*, afirmando que a estrutura de pedra de 9,15 m × 7 m, foi identificada pela presença de ossos de ovelhas, cinzas e uma substância escura, talvez sangue coagulado. A descoberta foi feita a 21 de outubro de 1983. A Universidade de Haifa confirmou a autenticidade da descoberta. Evidentemente, trata-se de um dos mais antigos altares encontrados em solo israelense, e talvez seja mesmo o altar de Josué. Disse o professor Benjamim Mazar, da Universidade Hebraica, e um dos mais respeitados arqueólogos de Israel: «O Monte Ebal é bem conhecido através de todos os relatos sobre a ocupação do povo israelita na antiga terra de Israel, e ali temos encontrado restos arqueológicos que servem de testemunho da santidade daquele antigo local». Porém, segundo Mazar frisou, maiores pesquisas ainda são necessárias. A cerâmica encontrada no local tem sido datada pelo método do carbono-14, como pertencente ao século XII A.C. (Ver Jos. 8:30,31 e Deu. 27:5).

ALTAR DE PÉRGAMO

Ver **Pérgamo, Altar de.**

ALTAR DO TESTEMUNHO

Está em foco um altar erigido na margem ocidental do rio Jordão pelas tribos de Rúben, Gade e Manassés, que se estabeleceram no lado oriental desse rio. A finalidade do altar foi dar testemunho do fato de que eles, bem como as tribos do lado ocidental do rio «tinham parte no Senhor» (Jos. 22:21-34). Isso causou pequena comoção entre aquelas tribos e as demais tribos de Israel, até que a questão foi devidamente justificada.

ALTAR GRANDE E VISTOSO

No hebraico, *ed*, que significa «testemunho». Tratava-se de um altar erigido pelos rubenitas, gaditas e pela meia-tribo de Manassés, que se estabeleceram no lado leste do rio Jordão. Esse altar prestava testemunho da lealdade daqueles israelitas a Yahweh. (Ver Jos. 22:34).

AL-TASCHITH

No hebraico, **não destruas**, ou **não corrompas**. É título que aparece nos Salmos 52,59 e 75, embora nossa versão portuguesa não o inclua no título do primeiro desses salmos. Talvez as palavras sejam o começo de um cântico entoado por ocasião da vindima, conforme é sugerido em Isa. 65:8. (S Z)

ALTÍSSIMO

No hebraico, **Elyon**, o Altíssimo. Acredita-se que esse é um dos mais antigos nomes hebraicos de Deus. Melquisedeque era sacerdote de El Elyon, e não de Yahweh (ver o artigo a respeito). O título «Altíssimo» é usado no livro de Salmos por vinte e uma vezes (para exemplificar, Sal. 7:17; 9:2; 18:13). Aparece por três vezes no livro de Daniel (ver Dan. 7:22,25,27). No Novo Testamento, os demônios chamaram Jesus de Filho do Altíssimo (ver Mat. 5:7 e Luc. 8:28).

ALTRUÍSMO E EGOÍSMO

Altruísmo (do latim, **alter**, outro), é a devoção ao interesse do próximo, ou ação desinteressada, ou seja, ação que não tem alguma razão pessoal, mas que realmente busca os interesses alheios. Como uma teoria ética, surgiu nos fins do século XVII, sendo uma reação ao hedonismo psicológico de Thomas Hobbes (1588-1679), segundo o qual o indivíduo serve a si mesmo, mediante variadas formas de prazer. O altruísmo afirma que existem impulsos no homem para fazer o bem ao próximo, inteiramente à parte de qualquer coisa que ele possa ganhar para si mesmo. Hobbes havia argumentado que todos os impulsos naturais podem ser atribuídos a alguma forma de auto-interesse, embora isso possa ser escondido em certas ocasiões. Por exemplo, quando alguém sente «dó» de outrem, não é porque sinta horror pela calamidade de outrem, mas porque vê a si mesmo como vítima potencial da calamidade, em algum tempo futuro, ou mesmo no presente, por causa do significado que a outra pessoa tem para ele. Isso equivale a dizer que ninguém é capaz de ter um amor desinteressado — ficando assim destruída a própria base da moralidade bíblica, e, de fato, todos os códigos morais e todas as religiões proclamam que a lei do amor é o maior princípio moral de todos, o sol orientador no firmamento ético.

O *egoísmo* distingue entre o auto-interesse crasso e o auto-interesse iluminado. O primeiro é brutalmente egoísta. O segundo é sutilmente egoísta, pois leva em conta os interesses alheios, mas sempre com objetivo de algum interesse próprio. Por exemplo, farei o bem aos meus filhos, mas não exclusivamente a eles, como pessoas distintas de mim mesmo. Antes, o bem que farei em favor deles voltará para mim de diversas maneiras: 1. Eles me devolverão o bem recebido; 2. a sociedade me aprovará por causa de minha bondade; 3. eu me sentirei bem (derivando disso um tipo de prazer), por haver cumprido meu dever; 4. e mesmo do ponto de vista religioso, Deus *me* recompensará. Se eu servir à sociedade, isso a ajudará a ser uma sociedade mais estável e próspera, o que, por sua vez, será um lugar melhor para *eu* viver. Obedeço às leis porque, em última análise, elas *me* beneficiam.

O altruísmo, em contraste, apesar de admitir que as pessoas realmente agem egoisticamente, ao mesmo tempo que se fingem altruístas, afirma que o indivíduo é capaz de ações totalmente altruístas. Se um homem corre para dentro de um edifício em chamas, a fim de salvar seu filho de uma morte horrenda, poderá sacrificar *alegremente* sua própria vida, a fim de cumprir seu propósito. Em tal caso, ele fará isso por seu *filho*, e não por temer o que os outros diriam se ele não fizesse tal esforço. De fato, seu filho talvez seja mais importante para ele, do que ele é para si mesmo. Outrossim, o altruísmo afirma que o interesse por outras pessoas, por causa delas mesmas, é uma condição necessária à verdadeira moralidade, pois o egoísmo sempre corrompe a boa lei do amor.

Biblicamente falando, a lei do amor sempre ocupa o primeiro lugar na lista das virtudes espirituais (Gál. 5:22), sendo a grande prova da espiritualidade de alguém (I João 4:7-8). Visto que nos é mandado que amemos (João 13:34), fica entendido que somos capazes de amar. O trecho de Gál. 5:22 ss mostra que as virtudes espirituais são fruto ou *cultivo* do Espírito. Através disso aprendemos que o amor é uma qualidade espiritual e divina, em sua mais alta manifestação, fazendo parte de nossa transformação espiritual. O amor aumenta na proporção em que crescemos na espiritualidade. Ver os artigos separados sobre *Amor* e *Altruísmo e Egoísmo*. (EP F H NTI)

ALTURA, PROFUNDIDADE

Rom. 8:29: *Nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.*

Esses termos são vagos, e isso significa que os mesmos estão sujeitos a muitas interpretações:

1. Alguns estudiosos pensam que a alusão é a *vastidão do espaço*, pelo que nada existente no espaço é capaz de separar o crente do seu Senhor. Se essa é realmente a interpretação certa sobre essas palavras, então «espaço» é simplesmente uma maneira de expressar o que é misterioso. Diz Sanday (*in loc.*): «Não há nada remoto no espaço». De maneira geral, poderíamos dizer que, segundo essa interpretação, nada existe, na vasta expansão da criação de Deus, que nos possa prejudicar espiritualmente.

2. Estendendo um pouco mais essa idéia, alguns intérpretes têm pensado que esses vocábulos se referem aos *céus* e ao *submundo* ou hades. O apóstolo Paulo foi elevado aos «lugares celestiais», onde ouviu e viu coisas que não podia revelar. (Ver II Cor. 12:2 e s.). Nada existe, naquelas alturas, que possa separar-nos do amor de Cristo, nenhuma surpresa que não possamos antecipar agora, que possa ter esse efeito. O próprio Cristo atravessou todos os céus, e chegou à mão direita de Deus Pai, no Santo dos Santos celeste, para dali fazer intercessão por nós. (Ver Rom. 8:34). Por conseguinte, não precisaríamos temer qualquer força proveniente dessas elevadíssimas regiões, como se alguma delas pudesse arruinar o destino que nos foi prometido em Cristo. De fato, tais poderes são nossos aliados, e os lugares celestiais são nosso lar futuro. (Ver Efé. 2:6 sobre esse tema). Cristo, entretanto, também desceu ao mundo inferior, ao hades, conforme se lê em trechos como Efé. 4:9; Rom. 10:7 e Mat. 12:40 . Mas as portas do inferno não podem prevalecer contra a igreja de Cristo. (Ver Mat. 16:18). — Nem qualquer agente do mundo inferior pode reivindicar qualquer direito sobre o homem que confia em Cristo. Por essa razão é que Jesus disse: «Não temas; eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno» (Apo. 1:17,18). Por conseguinte, nenhuma «profundidade» pode ser-nos prejudicial.

3. Ainda outros eruditos pensam que essas palavras significam *céu* e *terra*, respectivamente.

4. Ainda outros pensam em «felicidade» e «infelicidade».

5. Existem alguns que opinam em favor de «honra» e «opróbrio».

6. Ainda outros preferem «exaltação» e «humilhação».

7. Há aqueles que pensam em — «espíritos superiores» e «espíritos inferiores».

8. Finalmente, há certos intérpretes que pensam que temos aqui uma expressão de natureza «astrológica», como se a mesma aludisse à mais alta posição atingida por qualquer estrela, ou o lugar mais baixo, o abismo, abaixo do horizonte. As posições das estrelas, nos dias do apóstolo Paulo, eram aceitas por muitos (tal como na moderna astrologia) como algo que exerce influências diversas sobre as vidas humanas, chegando mesmo a controlar-lhes o destino, ou bom ou mau. Se porventura isso faz parte do sentido dessas palavras de Paulo, o que é inconcebível, mesmo assim ele então salientava que sem importar a *suposta* influência das estrelas, elas não têm a capacidade de «separar-nos do amor de Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor».

Na astrologia judaica antiga (como entre outras culturas) a idéia foi que as estrelas são seres vivos de imenso poder, ou lugares de habitação de tais seres. Naturalmente, estes seres teriam poder sobre a vida de seres humanos. Não há qualquer evidência de que Paulo compartilhou destas idéias, mas pode ser que ele negou, aqui neste texto, que tais seres (se existissem), teriam poder sobre os homens.

Dentre essas oito possibilidades, contudo, as que contam com maiores probabilidades de estarem conforme o pensamento do apóstolo dos gentios, são a primeira, a segunda e a oitava. Não obstante, criando ainda uma nona interpretação, alguns estudiosos preferem pensar que esses termos são poéticos, não tendo por intuito referir-se a qualquer coisa ou estado de coisas específicos, mas que tão-somente asseguram-nos que nenhuma condição pode existir que seja capaz de separar-nos do amor de Deus, em Cristo Jesus. (AL I IB NTI RO)

Ver o artigo sobre *Segurança Eterna do Crente*.

ALUS

No hebraico talvez signifique **desolação**. Foi um dos lugares onde os israelitas descansaram, a caminho do monte Sinai (ver Núm. 33:13,14). Ficava entre Dofka e Refidim. A cronologia judaica *Seder Olam Rabba*, c. 5, par. 27, afirma que ficava a dezenove quilômetros da primeira dessas estações, e a treze quilômetros da segunda. Como interpretação do trecho de Êxo. 16:1, alguns supõem que o sábado foi pela primeira vez instituído e observado ali. Desconhece-se o local moderno. (S)

ALVÃ

No hebraico, **alto, sublime**. Foi um chefe de Edom, filho de Sobal, um descendente de Seir (ver Gên. 36:23; I Crô. 1:51), c. 1907-1760 A.C. Talvez o nome deva ser identificado com Aliã, em I Crô. 1:40. (Z)

ALVO

Tradução de uma palavra hebraica que aparece uma única vez, em Jó 16:12, onde aquele servo de Deus diz: «Em paz eu vivia, porém ele (Deus) me quebrantou; pegou-me pelo pescoço, e me despedaçou. Pôs-me por seu alvo...»

ALVO DA VIDA

Para quem existimos (I Cor. 8:6).

I. Idéias gerais

1. Nas páginas do N.T., vida jamais é mera existência, e a vida eterna nunca é considerada como existência sem fim. Pelo contrário, a vida eterna é uma «modalidade de vida», a participação no tipo de vida que tem o próprio Deus (ver João 5:25,26), em sua essência e atributos (ver Efé. 3:19). Deus possui a mais elevada forma de vida, e os homens chegarão a participar de sua forma de vida e de sua natureza (ver II Ped. 1:4).

2. Isso é mediado através da participação humana na natureza e essência de Cristo (ver Rom. 8:29), em que os crentes, como filhos, serão levados à glória do Filho (ver as notas em Heb. 2:10 no NTI).

3. Isso significa que os homens compartilham dos atributos do Filho, com base na participação em sua natureza divina, (ver Col. 2:10).

4. A missão de Cristo terá efeitos absolutamente universais. Ver o artigo sobre a *Restauração*. Ver no NTI os comentários sobre Efé. 1:10.

5. A glorificação é um alvo infinito, portanto, terá de ser um processo eterno. E posto que há uma infinitude com a qual seremos cheios, também deve haver um enchimento infinito. Ver em NTI sobre Rom. 8:29.

II. Meios de desenvolvimento espiritual

1. O treinamento do intelecto, através do estudo dos escritos sagrados.

2. A prática da oração (ver o artigo).

3. A meditação em busca de iluminação espiritual (ver Efé. 1:18).

4. A santificação (ver o artigo).

5. A prática da lei do amor, que é comprovação de espiritualidade (ver I João 4:7).

6. O uso dos dons espirituais, que nos ajudam a cumprir nossas respectivas missões individuais.

Para quem existimos. Essas palavras foram ditas a respeito de Deus Pai. Mas as palavras, *e nós também por ele*, se referem ao Senhor Jesus Cristo. Pode-se observar aqui, por igual modo, o emprego enfático do vocábulo «Senhor». Ter alguém a Jesus Cristo como seu «Senhor» significa que esse alguém vive *por ele*, isto é, por intermédio dele. Sim, porque a verdadeira vida não consiste de mera existência. Antes, é uma vida dominada, possuída e absolutamente dirigida pelo Senhor Deus.

O indivíduo irreligioso, sem piedade, é um «louco» no sentido que não possui conceito real da vida. Talvez se trate de um grande cientista, e conheça muitos argumentos acerca de alguns segmentos da criação divina. Mas, quão absurdo é que tal homem não reconheça o Criador de todas as coisas. Tal homem ficou totalmente absorvido pelas coisas criadas, mas falhou, não reconhecendo o Criador. Ocupou sua mente com uma verdade bem diminuta e parcial, mas nada soube a respeito de «a Verdade». Assim também ocorre no caso de todos os demais homens, que não se deixam redimir pelo sangue de Cristo. Atarefam-se com verdades pequeníssimas, mas às vezes até mesmo com verdades religiosas. No entanto, nada representam, se não reconhecem a verdade da pessoa de Deus, a verdade que Jesus Cristo é «o Senhor».

A verdadeira vida é aquela inteiramente envolvida por Cristo, que se orienta na direção dele. Nós, os remidos, estamos sendo transformados segundo a imagem de Cristo, tanto moral como metafisicamente falando. E disso é que consiste realmente a vida eterna, a vida superior que Deus tenciona dar aos homens, partindo da criação deles em diante. Pois, por maior que tivesse sido o homem, em seu esplendor celeste, no princípio (supondo nós que o homem original foi o «espírito» e não o corpo, entre os anjos, e Orígenes fazia a identificação entre o homem original

e os anjos, como *espécie*, e que a «queda», em seus diversos níveis para baixo é que estabeleceu a diferença que agora há entre homens e anjos), contudo, em Cristo, aquela glória celeste original é em muito ultrapassada, atingindo os remidos o cume mesmo da mais elevada serra do Espírito. Esta vida terrena, quando está sendo vivida como deve, o que só pode suceder no caso dos remidos, consiste de um processo contínuo em que o crente se vai aproximando do grande alvo. Assim sendo, aquelas experiências a que chamamos de conversão, regeneração e santificação, etc., são tão-somente termos que descrevem o caminho pelo qual chegaremos à glorificação em Cristo. Mas aquele que nada sabe dessas admiráveis experiências místicas na realidade não está «vivendo», conforme os termos de I Cor. 8:6. Antes, estão mortos em seus delitos e transgressões, estão atolados nas trevas da rebelião e da condenação eterna.

A encarnação do Filho de Deus, Jesus Cristo, é que trouxe para os homens esse grande dom de Deus; pois foi como homem que o Filho de Deus, embora em um corpo mortal, mostrou aos homens de que modo se pode retornar a Deus.

José em Belém

Até mesmo um carpinteiro, às vezes, precisa de palavras,
E eu, que sou descendente de Davi,
Que entregou a sua vida, em amor a Ti.
(IB FA NTI)

ALVORADA

Ver Jó 38:12 e Juí. 19:25, para indicar a alvorada literal. Em Isa. 8:19,20, o termo é usado como símbolo de veracidade e discernimento. Em Lucas 1:78, a expressão «o sol nascente» indica a vinda do Messias. Simbolicamente, a alvorada representa o começo de algo novo, de renovação da esperança, que ultrapassa aquilo que é velho. Também pode ser um símbolo imaginário da juventude, diante da qual se desenrola o dia inteiro da experiência da terra. (TO Z)

AMA

A palavra pode indicar uma mulher que amamenta uma criança, embora também possa significar «governanta». A filha de Faraó aceitou a sugestão de Miriã de ser encontrada uma mulher hebréia para amamentar o infante Moisés (ver Êxo. 2:7). Noemi tomou a seus cuidados seu neto infante (ver Rute 4:16).

A ama que substituísse a mãe de uma criança, nesse mister da amamentação, adquiria certo prestígio na família, mesmo depois que a criança não mais precisasse ser amamentada. Esse costume vem desde os tempos mais remotos. Há duas ou três gerações atrás era costumeiro haver a *mãe-preta*, uma escrava africana que ajudava a amamentar um filho do senhor branco e a quem a criança se apegava emocionalmente, para nunca mais esquecê-la. O pai deste tradutor falava de vez em quando na sua «mãe-preta». Rebeca fez-se acompanhar por uma ama. Quando sua ama faleceu, o acontecimento foi considerado suficientemente importante para ficar registrado nas Escrituras. (Ver Gên. 35:8). Além disso, o local onde Débora, ama de Rebeca, faleceu, foi chamado Alom-Bacute, isto é, «carvalho do pranto», porquanto ela foi sepultada ao pé de um carvalho.

Uso metafórico. Diz Isaías 49:23: «Reis serão os teus aios, e rainhas as tuas amas...» Isso alude às bênçãos divinas especiais sobre Israel, de acordo com o discernimento do profeta. Paulo diz que Deus agiu como uma ama para Israel, enquanto esse povo vagueava pelo deserto (ver Atos 13:18). E, em I Tessalonicenses 2:7, Paulo se compara com uma «ama», em relação a seus convertidos, face ao gentil tratamento que lhes dispensava. (NTI S Z)

AMÁ

No hebraico, côvado. Era uma colina próxima de Gia, em Benjamim, no deserto de Gibeom, onde Joabe e Abisai cessaram a perseguição a Abner, depois que suas forças o derrotaram na batalha de Gibeom (ver II Sam. 2:24-32). Seguiu-se um período de trégua, e as duas forças armadas retornaram aos seus lares. O local é desconhecido. (S Z)

AMÃ

No hebraico, **lugar de reunião.** Uma cidade próxima de Sema e Moladá, no território sul da tribo de Judá (ver Jos. 15:26). Talvez ficasse situada no território posteriormente dado à tribo de Simeão (ver Jos. 19:1-9). O local é atualmente desconhecido. (S UN)

Em Tobias 14:2 e em I Esdras 10:7; 12:6; 13:3,12; 14:17 e 16:10,17, esse nome aparece como a forma grega do nome Hamã. (Ver sob *Hamã*).

AMADE

No hebraico, **povo durável.** Era uma aldeia ou território na fronteira de Aser, próximo de Alameleque (ver Jos. 19:26). Alguns identificam-na com Shefa Omar ou Shefa Amar, uma cidade-mercado a leste de Haifa. Mas o local é considerado desconhecido. (S Z)

AMADO

Notamos que no trecho de Rom. 1:7, Paulo usa esse vocábulo em conexão aos *eleitos*, e os santos são os chamados de Deus, os amados. Temos nisso o amor de Deus (ver o artigo sobre o *amor*), que enviou Cristo ao mundo, a fim de salvar aos homens (ver João 3:16). Ver as notas expositivas sobre esse versículo, no NTI, *in loc.* Ver Gál. 5:22 no NTI, que comenta sobre o amor como um dos aspectos do fruto do Espírito. Foi no amor que Deus nos predestinou para a adoção de filhos (ver Efé. 1:5). Israel, no tocante à eleição, é *amado* de Deus (ver Rom. 11:28). Os crentes são designados pelo adjetivo *amados* (ver Rom. 1:7; 12:19; 16:8,9,12; I Cor. 4:14,17; 10:14; 15:58; II Cor. 7:1; 12:19; Efé. 7:21; Fil. 2:12; 4:1; Col. 3:12; 4:7,19; I Tes. 1:4 e II Tes. 2:13). Fomos aceitos *no Amado* (Cristo) (ver Efé. 1:6). Com base na posição que os crentes têm no Amado, Paulo exige que eles possuam as diversas virtudes espirituais. Precisam possuí-las, a fim de ficar comprovada a validade e a realidade de sua posição espiritual. O amor requer amor da parte dos amados, sendo também a fonte de todas as virtudes espirituais (ver Gál. 5:22,23). Paulo usa o termo *amado* por trinta e duas vezes. Aparece por doze vezes nas epístolas de João. Ver o artigo sobre *o discípulo amado*. O livro Cantares de Salomão encerra a maioria das referências à palavra *amado* do Antigo Testamento (vinte e oito dentre as quarenta e quatro referências no A.T.). Ali temos o símbolo do amor de Cristo por Sua Igreja, bem como o amor da Igreja por Cristo, referido simbolicamente dentro da história romântica narrada no livro. O A.T., tal como o Novo, refere-se aos eleitos como *amados* (ver Deu.

33:12; Nee. 13:26; Sal. 60:5; Jer. 11:15; 12:7; Dan. 9:3). (I IB NTI).

AMAL

No hebraico, **labutador.** Um aserita, o último nomeado dos quatro filhos de Helém (ver I Crô. 7:35), cerca de 1658-1600 A.C.

AMALEQUE

No hebraico, **habitante do vale.** Filho de Elifaz e sua concubina, Timna, e neto de Esaú. Sucedeu Gaetã no governo de Edom, ao sul de Judá (ver Gên. 36:12,16 e I Crô. 1:36). Há uma referência aos amalequitas, em Gên. 14:7, onde Quedorlaomer (c. 1900 A.C.) e seus associados subjugaram os amalequitas, entre outros povos. Essa referência pode ser um anacronismo, embora seja possível que algum outro Amaleque (desconhecido) esteja em foco; ou esse termo pode ter sido usado para identificar a terra que mais tarde tornou-se a pátria dos descendentes amalequitas de Esaú. Em Números 24:20, Balaão refere-se a Amaleque como «o primeiro das nações», mas que seria destruído. Isso não é uma alusão a tempos mais primitivos, mas apenas uma declaração de que os amalequitas seriam a primeira entre as nações a atacar Israel, quando do êxodo do Egito (ver Êxo. 17:8; Núm. 14:45). Os edomitas apossaram-se do território dos horeus. Nos tempos de Ezequias, os últimos redutos amalequitas em Edom foram dispersos pelos simeonitas (ver I Crô. 4:42,43). (FA S UN Z)

AMALEQUITAS

No heraico, **habitantes do vale.** Filo interpretava como *povo que lambe*. Nome de um povo que habitava a região ao sul da Palestina, entre a Iduméia e o Egito, bem como a leste do mar Morto e do monte Seir. De acordo com Josefo, os amalequitas habitavam Gobolites e Petra, e eram a nação mais aguerrida daquelas regiões. Ele assevera que ocupavam desde Pelúsio, no Egito, até o mar Vermelho. Ocupavam aquela porção de Israel que coube à tribo de Efraim. A primeira menção aos amalequitas se faz em Gênesis 14:7. Também exerciam influência para o norte, no território dos filisteus e na região de Efraim, conforme se aprende em Juí. 12:15. Os trechos de I Sam. 27:5-7 e 30:1 mostram que eles lançavam ataques contra aldeias da Filístia, como Ziclague, a poucos quilômetros ao norte de Beerseba, e que Aquis dera a Davi.

1. *Os primeiros atacantes*. Depois que Israel iniciou o êxodo, os amalequitas foram os primeiros adversários atacantes (ver Êxo. 17:8-13). Alguns têm sugerido que é improvável que em um período de tempo tão curto os descendentes do neto de Esaú pudessem ser suficientemente numerosos e poderosos ao ponto de formarem um exército capaz de desfechar esse ataque. Porém, mais ou menos no mesmo período, a tribo de Efraim crescera de tal modo que pôde lançar em armas 40.500 homens; e Manassés, 32.200. O ataque foi lançado contra a parte mais fraca das hostes de Israel, quando estavam cansados e desanimados (ver Deu. 25:17,18), porquanto a guerra nunca poupa os fracos e os inocentes. No Pentateuco, os amalequitas são freqüentemente mencionados em conjunto com os moabitas e amonitas. (Ver Juí. 3:13). E também são mencionados junto com os midianitas (Juí. 6:3). Eram tão numerosos como gafanhotos, possuidores de inúmeros camelos, numerosos como a areia do mar. Em I Samuel 15:6 também são mencionados paralelamente aos queneus. Israel venceu a batalha, mas com muitas perdas de vidas. Uma vez instalado em sua terra, o povo de Israel deveria exterminar os amalequitas (ver Deu. 25:19).

2. *Próximo encontro armado*. Os espias enviados para investigar a terra, trouxeram relatório de que o inimigo ao norte de Cades-Barnéia, no deserto de Parã e ao sul de Canaã, que incluía os amalequitas, era por demais forte e numeroso para ser derrotado pelos israelitas. Cabele e Josué protestaram contra esse parecer, mas a palavra deles não prevaleceu. Os israelitas rebelaram-se. Deus retirou deles a Sua bênção. Mais tarde, os israelitas atacaram os amalequitas por sua própria iniciativa, e foram derrotados (ver Núm. 14:39-45; Jos. 12:14 e 15:30). Os amalequitas mereciam o temor que infundiam, porquanto eram assassinos e assaltantes, desde o começo de sua história.

3. *No tempo dos Juízes*. Os amalequitas continuamente atacavam Israel com estocadas. Associavam-se então aos queneus (I Sam. 15:5,6), aos moabitas, amonitas e midianitas, todos eles ocupados em atividades pilhadoras (ver Juí. 3:12-14). Ver também Juízes 5:14, que sugere que havia contínuas batalhas entre os israelitas e os amalequitas. O trecho de Juízes 6:3,4 mostra a extensão desses ataques e suas conseqüências. De algumas vezes, Israel saía-se vencedor; de outras vezes, perdedor. Era uma guerra tribal sem qualquer trégua, desde o começo até o fim da história deles.

4. *Nos dias de Saul*. Saul, disposto a vingar-se, atacou o território dos midianitas com um exército de 210 mil homens, destruindo o inimigo com grande matança, embora o rei deles, Agague, fosse preservado em vida (ver I Sam. 15:1 ss). A vida desse rei foi poupada contrariamente à ordem divina de que os amalequitas fossem totalmente extintos, e ali mesmo Saul foi rejeitado como rei de Israel (ver I Sam. 15:10-23). Agague foi despedaçado pelo próprio profeta Samuel (ver I Sam. 15:24-33).

5. *Nos dias de Davi*. O conflito com os amalequitas prosseguiu. Durante cerca de vinte anos eles foram atacados por Davi (ver I Sam. 27:8), quando ele residia entre os filisteus, deixando para trás um rastro de sangue e destruição. Mas os amalequitas, em represália, não muito depois incendiaram Ziclaque (ver I Sam. 30). Porém, exatamente quando celebravam a vitória, banqueteando-se, bebendo e dançando, Davi os apanhou de surpresa. Matou a todos, excetuando quatrocentos homens que conseguiram fugir em lombo de camelo (ver I Sam. 30:17). Portanto, o morticínio prosseguiu, aqui ou acolá, de um ou de outro lado da refrega, sendo surpreendente que alguém tenha sobrevivido às matanças. Essas são as atitudes dos homens que não dão lugar a Deus em suas vidas.

6. *Nos dias de Ezequias, rei de Judá*. Quinhentos homens dentre os descendentes de Simeão foram ao monte Seir e liquidaram o remanescente dos amalequitas, aparentemente o pequeno número que escapara das outras matanças. (Ver I Crô. 4:43). Depois disso, as Escrituras nunca mais mencionam os amalequitas. Talvez tivessem sido totalmente exterminados como nação. Na península do Sinai há maciças construções de pedras, pedras que têm entre 2 m e 2,5 m de comprimento. Alguns acreditam que são restos de construções das tribos amalequitas. (BA S SMI Z)

••• ••• •••

AMANA

No hebraico significa **fixo**, dando a entender um pacto. O cume montanhoso mencionado em Can. 4:8, na cadeia do Antilíbano, perto do rio que também se chamava Amana, como forma variante de Abana (conforme diz a nossa versão portuguesa, em II Reis 5:12). Parece que o nome do cume derivava-se do nome do rio. (S UN)

AMANTE

Palavra que no hebraico significa concubina. Em Ezequiel 23:20, a palavra refere-se a um amante do sexo masculino, mas nos outros trechos alude a uma mulher (ver, por exemplo, Gên. 22:24; Juí. 8:31, etc.). O termo hebraico aparece por trinta e sete vezes no Antigo Testamento. Em Daniel 5:2,3,23, embora nossa versão portuguesa e outras também digam «concubina», temos uma palavra hebraica diferente, que significa «jovem cantora». (Z)

AMARELO

Não há menção na Bíblia a algum corante dessa cor. Na antiguidade, corantes dessa cor eram produzidos provenientes de várias pétalas e ervas, como o açafrão, a romã verde, etc. (Ver também *Cores*). Algumas versões dizem *amarelo* em Salmos 68:13, onde a nossa versão portuguesa diz «brilho flavo do ouro», e onde outras versões dizem «esverdeado». Trata-se de um brilho iridescente, como se vê nas penas do pavão. A glória de Israel, enquanto a nação andava nos caminhos de Deus, é descrita como tal. Uma outra palavra hebraica, que algumas versões (como a nossa versão portuguesa) traduzem por «amarelo», descreve a aparência dos pêlos em meio a alguma infecção leprosa (ver Lev. 13:30). Quando presentes, esses pêlos indicavam a presença de uma enfermidade leprosa. Seu desaparecimento indicava que a doença era curável, e que não era do tipo de lepra que definha o organismo.

Em Apo. 6:8, quando o Senhor Jesus abriu o quarto selo, apareceu a João um cavalo «amarelo», representando a morte. O grego diz *chlorós* «esverdeado», palavra de onde vem nossa palavra moderna «clorofila», que dá a cor verde às folhas das plantas.

O amarelo simboliza as atividades intelectuais, tal como o vermelho simboliza fortes emoções, como a ira, e o azul simboliza as atividades espirituais, concordando com as cores da aura dos seres vivos, que podem ser fotografadas pelo método de Kirlian.

AMARGO

Ver Êxo. 1:14 e Jer. 9:15. A palavra é usada literal e simbolicamente, a fim de indicar aflição e miséria. A amarga servidão de Israel, no Egito, é representada por ervas amargosas. 1. Há o dia de amarguras (ver Amós 8:10). 2. Os caldeus foram chamados de «nação amarga e impetuosa» (Hab. 1:6). A *força* deles importava em miséria amarga para outros povos. 3. Há o fel de amargura, em Atos 8:3, que denota um estado de extrema perversão, prejudicial ao próximo e ao próprio indivíduo. 4. Em Hebreus 12:15 lemos sobre uma «raiz de amargura», que indica pessoas ímpias que ensinam doutrinas contrárias à verdade, ou então qualquer pecado perigoso, que leve à apostasia. 5. O teste da água amarga tinha por intuito descobrir casos ocultos de adultério, ou era usado para aliviar os ciúmes de um marido cheio de suspeitas (ver Núm. 5:18-27). 6. Condições morais más são como uvas amargas (Deu. 32:32). 7. O julgamento divino é amargo (ver Jer. 4:18; Amós 8:12 e Apo. 8:11). (I IB ID NTI S)

AMARIAS

No hebraico significa **palavra de Yahweh**. É nome de várias pessoas do Antigo Testamento:

1. Um levita da linhagem de Eleazar, filho de Meraiote e avô de Sadoque, o sacerdote (ver I Crô. 6:7,52). Era pai de Aitube, pai de Sadoque, cerca de 1100 A.C.

2. Um levita da linhagem de Coate, nos dias de Davi (ver I Crô. 23:19 e 24:23). — Cerca de 1015 A.C.

3. Um levita da linhagem de Eleazar, filho de Azarias. Ministrou no templo de Salomão (ver I Crô. 6:11; Eze. 7:3 e Esdras 8:2), como sumo sacerdote.

4. Sumo sacerdote durante o reinado de Josafá (ver II Crô. 19:11). Não somos informados sobre o nome de seu pai (cerca de 912-895 A.C.).

5. Filho de Sefatias de Judá, um antepassado de Ataías (ver Nee. 11:4). Descendia de Peres, filho de Judá, e talvez fosse o mesmo Inri, referido em I Crô. 9:4. Cerca de 465 A.C.

6. Um levita que viveu durante o reinado de Ezequias (ver II Crô. 31:15), que ajudou na distribuição das ofertas entre as cidades sacerdotais, em cerca de 430 A.C.

7. Homem da tribo de Judá, filho de Bani, que se casou com uma mulher estrangeira (ver Eze. 10:42), em cerca de 465 A.C.

8. Um sacerdote que regressou a Jerusalém com sua família e assinou o pacto junto com Neemias (ver Nee. 10:3 e 12:2). Foi pai de Joanã, sacerdote do tempo de Joaquim (ver Nee. 12:13). Alguns o identificam com Imer (ver I Crô. 24:14 e Esd. 2:37; 10:20; I Esdras 5:24). Cerca de 430 A.C.

9. Antepassado do profeta Sofonias, filho de Ezequias (talvez o rei). Ver Sof. 1:1. Cerca de 630 A.C. Talvez tivesse sido o avô de Sofonias. (S UN Z)

AMARNA, TELL EL

Ver sobre **Tell el-Amarna**.

AMASA

No hebraico, **carga** ou **carregador de carga**. Nome de duas pessoas no Antigo Testamento:

1. Amasa, capitão do exército israelita, nomeado por Absalão quando tentou destronar Davi. Era filho de Jeter ou Itra e Abigail, irmã de Davi, pelo que era primo de Absalão (ver II Sam. 17:25; I Crô. 2:17 e I Reis 2:5,32). Também era primo de Joabe, cuja mãe, Zeruia, também era irmã de Davi (ver I Crô. 2:16,17). Quando o conflito ocorreu, Amasa foi derrotado por Joabe. Após a eliminação dos partidários de Absalão, Davi, desgostoso com Joabe por ter matado Absalão contra as suas ordens, ofereceu a Amasa o perdão e o comando do exército, em substituição a Joabe, cuja insolência o tornara insuportável (ver II Sam. 19:13). Quando Seba, filho de Bicri, revoltou-se, Davi ordenou a Amasa que reunisse todo o Judá para atacar àquele; mas Amasa procrastinou. Então Davi ordenou que Abisai cumprisse a ordem. Joabe, com seus homens, o acompanhou. Ao atingirem a grande pedra em Gibeom, Amasa veio com suas forças para unir-se a eles. Joabe, incendiado pelo ciúme, tomou Amasa pela barba e disse: «Vais bem, meu irmão?», como se fosse saudá-lo com um ósculo, mas em vez

disso, matou-o à espada (ver II Sam. 20:4-14). Não sofreu qualquer castigo por causa disso, e liderou as forças combinadas, levando-as à vitória sobre Seba. Em meio a tantas mortes, o que significava mais uma?

2. Um chefe efraimita que, tal como outros, resistiu com veemência à retenção de prisioneiros que Peca, rei de Israel, levara cativos, em uma bem-sucedida campanha com Acaz, rei de Judá (ver II Crô. 27:12), em cerca de 741 A.C. Era filho de Hadlai (ver II Crô. 28:8-15). Uniu-se ao profeta Odede na advertência contra o ato de conservar escravizados os prisioneiros, e então providenciou para que retornassem a Jericó. (S UN Z)

AMASAI

No hebraico, **carregador de cargas**. Foi nome de várias pessoas no Antigo Testamento:

1. Um coatita, pai de Maate, um antepassado de Samuel (ver I Crô. 6:25,35; II Crô. 19:11), cerca de 1410-1045 A.C.

2. O principal capitão dos homens das tribos de Judá e Benjamim que se aliaram a Davi, em Ziclague (ver I Crô. 12:18), em cerca de 1061 A.C. Foi um dos trinta homens da elite de Davi, poderosos guerreiros. Alguns o identificam com Amasa, o chefe militar nomeado por Absalão (ver II Sam. 17:25). Mas outros o identificam com Abisai, irmão de Joabe (ver I Crô. 11:20). O problema envolvido nessas identificações permanece porque nenhum desses três nomes (Amasai, Amasa ou Abisai) aparece nas listas dos trinta heróis, conforme se lê em II Sam. 23 e I Crô. 11.

3. Um sacerdote que ajudou no transporte da arca à casa de Obede-Edom (ver I Crô. 15:24), em cerca de 1043 A.C.

4. Um outro coatita, pai de um diferente Maate, no reinado de Ezequias (ver II Crô. 19:12), e talvez da mesma família. Certamente não há qualquer possibilidade de identificação com o primeiro desta lista, a despeito das semelhanças de nomes envolvidos. (FA S Z)

AMASIAS

No hebraico, **Yahweh tem força. Foi filho de Zicri**, da tribo de Judá. Foi chefe do exército de Josafá (ver II Crô. 17:16), em cerca de 440 A.C. (UN)

AMASIS

Supõe-se ter sido o Faraó cuja residência em Taínes é mencionada em Jer. 43:9, e que reinou entre 569 e 525 A. C. (S)

AMASSAI

Provavelmente um erro textual em lugar de Amasai. Foi filho de Azareel, um valente sacerdote do tempo de Neemias (Nee. 11:13), talvez o mesmo Masai de I Crô. 9:12. Cerca de 445 A.C. (S)

AMAZIAS

No hebraico quer dizer **força de Yahweh**, nome de quatro pessoas no Antigo Testamento:

1. Filho e sucessor de Joás. Foi o nono rei de Judá, tendo subido ao trono com a idade de 25 anos. Reinou por vinte e nove anos (ver II Reis 14:1,2; II Crô. 25:1), cerca de 800-771 A.C. A informação dada em II Reis 14:2 parece ser contradita por II Reis 14:17: «Amazias...viveu quinze anos depois da morte de Jeoás», o que poderia significar que ele não era a autoridade executiva real de seu reino. Nenhuma solução convincente tem sido encontrada para esse problema; e outros informes sobre outros reis também envolvem problemas. Amazias começou seu reinado executando aqueles que haviam assassinado seu pai, embora tivesse poupado os filhos dos homicidas (ver Deu. 24:16). No décimo segundo ano de seu reinado tentou recuperar Edom, que se revoltara durante o reinado de Jeorão. Organizou um exército de trezentos mil homens e também contratou cem mil mercenários (primeira menção de tal força armada na história de Israel). Porém, despediu os mercenários, em vista da ordem dada por um profeta. Regressando à terra deles, eles saquearam várias cidades de Judá para mostrarem seu descontentamento por haverem sido dispensados. Amazias obteve grande vitória, tendo sido mortos dez mil edomitas, além do que outros dez mil foram despedaçados e lançados abaixo das rochas de Sela. Ele tomou muito despojo, incluindo os ídolos de monte Seir; e então caiu no erro de lhes prestar culto. Por causa disso, os desastres tiveram início. Desafiou o mais poderoso Jeoás, rei de Israel (ver II Reis 14:7-19) e subseqüentemente, perdeu seu reinado e seu povo ficou sujeito a Israel (ver II Reis 14:8-14; II Crô. 15:17-24). Permaneceu no trono, mas durante quinze anos não foi o verdadeiro mandatário da nação. Então ele foi vitimado por uma intriga da corte, foi perseguido até Laquis, e ali foi assassinado. Seu corpo foi transportado de volta a Jerusalém, e foi sepultado nos túmulos reais, fora do monte Sião (ver II Reis 14:3-20 e II Crô. 25:2-28).

2. Pai de Joás. Posteriormente, Joás tornou-se um dos chefes simeonitas que expulsaram os amalequitas do vale de Gedor, no tempo de Ezequias (ver I Crô. 4:34), em cerca de 726 A.C. Acerca do pai de Joás, nada se sabe dizer.

3. Um levita, filho de Merari (I Crô. 6:45). Era cantor e estava a serviço do tabernáculo que havia defronte da área onde mais tarde Salomão edificou o templo, antes de 1000 A.C.

4. Um sacerdote dos bezerros de ouro em Betel, no tempo de Jeroboão II, cerca de 786-746 A.C. Sentiu-se perturbado com as profecias condenatórias de Amós, e exortou-a a ir para o reino de Judá para profetizar ali. Amós o pôs no seu devido lugar, falando sobre a grande degradação que sua família sofreria quando do vindouro cativeiro do reino do norte (ver Amós 7:10-17). Cerca de 770 A.C. (ND UN Z)

ÂMBAR

Uma resina vegetal fóssil, amarela e translúcida que, por meio da perda de substâncias voláteis, oxidação e polimerização, atinge um estado estável. O período de sepultamento necessário para que esse estado seja atingido pode alcançar milhões de anos; e, visto que um *fóssil* implica em uma vida pré-histórica, a resina deve ter sido exudada por alguma árvore pelo menos antes de qualquer história conhecida. O âmbar aparece como módulos irregulares ou sob a forma de gotas, em todos os tons amarelos, com algumas manchas alaranjadas, marrons, e, mais raramente, vermelhas (ver Eze. 1:4, onde algumas traduções preferem dizer «metal brilhante», como nossa versão portuguesa, *bronze* ou *metal amarelo*). Há variedades em coloração, de translúcidas a transparentes. O material é muito valorizado para o fabrico de jóias, e isso desde tempos pré-históricos. Na passagem de Ezequiel referida acima, o termo hebraico *chasmal*,

«âmbar», provavelmente indicava um metal (metal polido), e não a resina fóssil. Em Ezequiel 1:4,27 e 8:2, a glória divina e o resplendor estão em pauta. A palavra grega ali usada, *elektron*, pode referir-se à resina ou a uma liga de ouro e prata, que os mineralogistas modernos chamam de *electrum*. Não se sabe com certeza se os hebreus estavam familiarizados com a substância fóssil. A palavra traduzida *âmbar* era usada para designar a cor amarela brilhante (característica do âmbar). Ver também Apo. 1:15 e Eze. 8:27. (FA UN Z)

AMBIÇÃO

Ver o artigo sobre o **orgulho**. O desejo de cumprimento ou realização é bom e significativo em qualquer vida, incluindo a vida motivada pelo conhecimento espiritual. Paulo usa palavras e expressões como «avançar», «esquecer o passado», «a corrida», «o alvo a ser atingido», além de termos concernentes à aprovação de Deus diante de tais ações. O fato de que João Marcos foi rejeitado a princípio por Paulo parece ter-se baseado sobre a maneira fácil em que o primeiro abandonou seu dever (ver Atos 15:38). Sua posterior aceitação por Paulo, como «útil» (II Tim. 4:11), mostra-nos que Marcos corrigiu a sua falta de ambição espiritual, e não que Paulo se tornou mais generoso.

A qualidade de ambição espiritual, porém, pode ser distorcida pelo orgulho e pelo auto-interesse. Os homens podem construir templos a fim de serem elogiados pelos homens, ou para receberem maiores ofertas em dinheiro. Os homens podem pregar sermões eloqüentes e obter vasto acúmulo de conhecimento a fim de se distinguirem, e não a fim de glorificar Aquele que os enviou. Nossa ambição deve ser Cristocêntrica; e então será digna de louvor. Especialmente repelente é a competição no seio da Igreja, as lutas pelo poder, alicerçadas sobre as ambições pessoais. Ver o NTI em I Cor. 3:3 ss. (H NTI)

AMBIENTE

1. *Cosmológico*. Uma parte do argumento em favor de Deus, com base no *cosmos* (argumento cosmológico) é a observação de que seria impossível sustentar a vida sem a localização própria do globo terrestre em um lugar, e sob circunstâncias que permitiriam a vida, como condições atmosféricas e proximidade suficiente do sol para haver luz e calor suficientes, mas não perto demais, para que o calor não fosse excessivo. Quem é teísta vê em tudo isso a mão providencial de Deus. Faz parte de um desígnio, pelo que a questão do meio ambiente constitui um aspecto do argumento teleológico. Ambos os argumentos são descritos em artigos separados. No artigo sobre Deus, sob o subtítulo Provas da Existência de Deus, são oferecidas muitas dessas provas. As causas, portanto, não são meramente lineares, isto é, não acontecem em uma seqüência histórica. Também são presentes e hierárquicas. Em outras palavras, qualquer acontecimento presente é produzido por uma série de causas presentes. Por exemplo: Para que um homem continue a viver, seu coração precisa continuar batendo. Para que seu coração bata, ele precisa das condições físicas apropriadas, em seu próprio organismo. Mas, para tanto, ele precisa das condições externas apropriadas, no meio ambiente. Ele não pode permanecer debaixo da água sem equipamento especial, e nem pode subir alto demais, onde não há oxigênio. Além disso, o globo terrestre, dentro do sistema solar, precisa estar localizado em um local favorável, a fim de que seja possível a sustentação da vida biológica na terra, porque, em caso contrário, seria inútil ter um coração que pudesse funcionar, se não houvesse também o meio ambiente cosmológico apropriado. Portanto, temos uma hierarquia de causas presentes que são necessárias para sustentar a vida, bem como a Causa Primária que deu origem à vida, antes de mais nada.

2. *Meio ambiente natural*. Onde o homem deve viver, como ele está localizado, são questões importantes do ponto de vista prático e ético. Por qual razão transportaríamos água para um deserto, localizando ali milhões de pessoas? Por que não localizar aquelas pessoas perto da água? Por que construir represas apenas para impedir dilúvios? Por que não localizar as pessoas em áreas sem risco de enchentes e dilúvios? É um erro construir casas e convidar pessoas para virem residir nelas, em áreas onde se sabe que há o perigo constante de terremotos, conforme já tem acontecido na já infame fratura de San Andreas, na Califórnia.

3. *Aspecto local e prático*. As cidades e as casas onde os homens vivem afetam a maneira deles pensarem sobre si mesmos. A higiene ou a imundícia nas cidades refletem o estado moral interno das pessoas. Escrever bobagens nas paredes e nos edifícios é um desrespeito à propriedade e aos direitos de outros, bem como um reflexo da ausência de senso de beleza, por parte dos que assim fazem. Tem-se mostrado que a decoração das salas de aula, e o uso de tapetes para amortecer os ruídos e emprestar beleza ao ambiente, produzem um melhor comportamento da parte dos alunos. Os projetos de renovação das favelas e pardieiros têm demonstrado duas coisas: Algumas pessoas reagem a um novo e melhor meio ambiente por um senso renovado de valor pessoal, e assim esforçam-se por preservar o que há de melhor. Outras pessoas, entretanto, transformam em um novo pardieiro ou favela um novo distrito residencial no espaço de alguns poucos anos. Ambos os grupos estão demonstrando condições internas. Para que se tire um homem de sua favela, será mister primeiro tirar a favela do coração daquele homem. As questões primárias são sempre espirituais e morais, e esses valores são refletidos nas condições físicas que as pessoas criam ao redor de si mesmas.

4. *Fatores sociológicos*. Uma vez que um homem tenha um lugar para residir, e meios razoáveis de subsistência, ele começará a cercar-se de estruturas sociais, políticas e religiosas que haverão de governar a maneira em que ele viverá, bem como a maneira como ele se relacionará com outras pessoas. As leis de um povo, e como elas são cumpridas, dizem-nos muito sobre aquele povo. As ênfases na indústria revelam-nos o que é importante para um povo qualquer. Israel, por exemplo, a despeito de todas as suas falhas e de sua história violenta, era uma nação sã, com forte fervor religioso e moral. E, embora pequena, deixou uma influência permanente sobre o mundo inteiro. Por essa razão foi que Israel foi escolhida para promover grandes alterações históricas, de cunho espiritual, como se deu nos casos da instituição da lei e do primeiro advento de Cristo. E isso sucederá novamente, ao começar a era milenar. Um novo movimento religioso produzirá uma mais elevada espiritualidade para toda a humanidade; e Israel, como nação, tornar-se-á importante por esse motivo. A ameaça de destruição por armas atômicas deriva-se da perversidade interna das pessoas e de toda a humanidade. Os gastos com as indústrias de

armamentos destruidores ultrapassam em muito ao que é gasto com a educação, a saúde e o bem-estar público, mostrando-nos muito da real natureza decaída do homem. O Brasil já é o quinto maior produtor mundial de instrumentos bélicos, e atualmente é um importante fator econômico em nosso país. Muitos encaram a questão com orgulho, visto que o tanque de guerra brasileiro opera com maior eficiência destrutiva que o tanque de guerra francês. Porém, é difícil perceber como as pessoas podem orgulhar-se daquilo que promove a destruição e o ódio. Lemos narrativas sobre o velho oeste norte-americano, tempo em que certos indivíduos produziam e vendiam armas tanto para os criadores de gado quanto para os índios, pouco se importando com a matança daí resultante, contanto que eles vendessem as armas e se enriquecessem. Se uma nação faz a mesma coisa em escala internacional, a moralidade envolvida seria superior à moralidade envolvida naquela venda de armas para «cowboys» e índios? (B E)

AMBIENTE E HERANÇA

Um homem é o que é por causa do ambiente no qual vive, ou aquilo que ele herda determina o tipo de ambiente que ele produzirá? Nessa controvérsia, apresso-me a acrescentar que um grande fator tem sido deixado fora das nossas cogitações. Também há uma hereditariedade espiritual, uma certa qualidade de alma, que os homens trazem consigo. Isso quase sempre é desprezado pelos estudiosos do meio ambiente, e por aqueles que supõem que tudo depende da herança genética.

1. O crime como exemplo. Tem sido provado que pelo menos a metade dos criminosos, nos Estados Unidos da América, não se tornam tais por razões econômicas. De fato, alguns de nossos piores criminosos têm sido aqueles que dispõem de mais dinheiro e vivem no mais alto estilo de vida. A Máfia é um exemplo disso, que não pode ser ignorado. Os estudos têm demonstrado que existe uma *mentalidade criminosa*. Certos indivíduos são diferentes desde os seus mais tenros anos, mentindo, furtando e abusando do próximo, embora pertencentes a boas famílias, e contando com irmãos e irmãs inteiramente normais. Um artigo publicado pela *Reader's Digest*, intitulado «*The Criminal Mind: A Startling New Look*», de junho de 1978, destacou diante da atenção geral fatos dessa natureza. Muitos tipos criminosos crescem, diferenciando-se desde a infância dos demais, e terminam transgredindo em três áreas do crime: a propriedade alheia, o sexo e a integridade física de outras pessoas. Marianne Rasmuson, pesquisadora sueca, professora da Universidade de Umea, no norte da Suécia, tentou provar em tese que o crime é hereditário, e que as tendências criminosas passam de pai para filho, em muitos casos. Os estudos feitos por ela centralizaram-se em torno do exame de mil crianças que vieram a tornar-se criminosas; e a conclusão dela foi que, na maioria dos casos, as condições ambientais pouco tinham a ver com o que sucedeu àquelas pessoas. Porém, levemos um pouco mais adiante essa questão da hereditariedade. Não haverá também uma herança espiritual? Esta última poderia assumir várias formas, a saber: a. *A preexistência da alma*. Os pais alexandrinos da Igreja ensinavam que a alma vem a este mundo depois de já haver passado por uma antiga história, como uma entidade espiritual, trazendo consigo a sua própria bagagem moral e espiritual. Se isso é verdade, então é fácil explicar tanto os criminosos quanto os gigantes espirituais; e nenhum desses casos teria qualquer coisa a ver com as influências ambientais. João Batista foi cheio do Espírito Santo desde antes de seu nascimento, quando ainda era feto. Mas isso foi uma simples e caprichosa escolha divina, ou João Batista já era uma entidade espiritual bem desenvolvida, cujo começo nada teve a ver com a sua associação com o corpo físico, com uma existência terrena tão breve? Cremos na preexistência de Cristo. Ele não foi o que foi, meramente porque desenvolveu-se espiritualmente com espantosa rapidez em Sua vida física. Outro tanto poderia ocorrer com todas as pessoas, as quais, de fato ou potencialmente, são irmãs dEle. Ver o artigo sobre a *alma*, onde se incluem teorias sobre a origem da mesma. b. *A reencarnação*. A herança espiritual que alguém traz consigo poderia envolver mais de uma vida física, além de uma prévia e longa existência da alma. O Novo Testamento mostra que assim se dá, pelo menos em alguns dos casos. Espera-se que Elias cumprirá uma outra missão terrena (ver Mat. 11:10,14; 17:10 ss.). É doutrina judaica padrão que não apenas Elias, mas também vários outros profetas do Antigo Testamento terão mais de uma vida e missão terrenas, o que se reflete em Mat. 16:14. Além disso, acerca do anticristo, é dito que ele já tivera outra existência terrena, descera ao hades, e retornará para a sua missão destruidora final (ver Apo. 17:8,10,11). Portanto, do ponto de vista da Bíblia, podemos dizer que pelo menos algumas pessoas são o que são por causa de vidas anteriores, quer espirituais, quer físicas, ou mesmo ambas as coisas. No tocante a argumentos em prol e contra a *reencarnação*, ver o artigo sobre esse assunto. c. Ademais, é possível que certos aspectos da condição espiritual de alguém tenham sido herdados de atitudes morais e espirituais, mediadas *através do veículo físico*, especificamente as qualidades cerebrais.

Entretanto, a experiência humana demonstra amplamente que os criminosos também são formados por meio de fatores ambientais como a pobreza, o aprendizado com criminosos, devido à associação com eles, a defesa dos direitos e da honra do indivíduo, a fome, a perversão das atitudes, devido a uma comunidade violenta. Parece correto dizer, pois, que os atos anti-sociais, tal como as atividades criminosas e todas as demais atitudes, os vícios e as qualidades de uma pessoa podem todas derivar-se de três origens: 1. O meio ambiente; 2. a hereditariedade genética (herança física); e 3. a herança espiritual, sem importar exatamente como ela opera.

2. O ambiente e a hereditariedade interagem. Uma coisa não pode ser separada da outra. É verdade que as variações na estatura física dependem de diferenças genéticas. Mas também é verdade que a altura média das pessoas aumenta dramaticamente como resultado de uma melhor nutrição. Portanto, o meio ambiente pode alterar o que sucede aos genes, embora isso requeira tempo. A radiação ou certos elementos químicos podem alterar o material genético. Os genes podem influenciar o meio ambiente; quando uma pessoa é o que é devido à herança genética, muda seu meio ambiente. Não somos escravos de nosso meio ambiente. Podemos alterar o meio em que vivemos. Mas alguns estados psicóticos são definidamente herdados. No caso da esquizofrenia, por exemplo, o risco de gêmeos idênticos serem afligidos por essa perturbação é de cinqüenta por cento, ao passo que no caso de outros irmãos e irmãs a incidência é de cerca de dez a quinze por cento apenas, o que ainda assim é taxa bem mais alta do que no caso da população em geral. O filho de uma mulher

esquizofrênica, embora removido para longe da influência dela, ainda assim retém a mesma porcentagem de risco de vir a tornar-se um esquizofrênico como se tivesse ficado com sua mãe. A habilidade nativa quanto ao quociente de inteligência está bem intimamente ligada à herança genética, embora, como é óbvio, qualquer pessoa pode melhorar muito aquilo que herdou, chegando mesmo a produzir maravilhas com uma mente apenas mediana.

3. Responsabilidade espiritual. a. Devemos usar e desenvolver nossas habilidades naturais ao máximo. b. Devemos ser sensíveis ao meio ambiente, alterando-o para melhor. c. No caso dos cientistas, devem identificar — elementos físico-químicos prejudiciais, removendo-os do meio ambiente. Consideremos os produtos industriais, destacando entre eles a indústria do fumo. Governos e igrejas também têm responsabilidade de manifestar-se quanto a esse particular. d. Devemos estar interessados na herança espiritual, aprendendo mais sobre ela e promovendo-a, pois esse, afinal, é o mais importante de todos os fatores.

AMBIENTE, POLUIÇÃO DO

1. *Causas da poluição.* Excesso de população, acúmulo de riquezas e ganância, bem como o abuso da tecnologia. As soluções técnicas não funcionam bem enquanto não houver mudança de atitude. Do ponto de vista teológico, pode-se dizer que uma maior apreciação pela beleza da natureza, vinculada a uma cobiça menor, poderia ser a base filosófica da inovação.

2. *O problema populacional.* Há excesso populacional quando o país envolvido não tem meios para manter sua população em níveis razoáveis de vida. Um país muito grande, com vasta extensão territorial, pode sofrer de excesso de população se não dispor de agricultura e de tecnologia suficientes para servir aos seus habitantes. O câncer é um crescimento, mas não é saudável. É nesse ponto que entram as questões morais do aborto e do controle de nascimento. Nossas atitudes básicas sobre a vida determinam o que pensamos acerca dessas coisas. Algumas pessoas estão convencidas de que é um crime destruir um feto, ou a destruição do esperma masculino por meios artificiais. Outros, entretanto, dispõem-se a não destruir um feto, mas estão prontos para destruir o esperma masculino, porque há abundância do mesmo. Ainda outros, sem hesitação dispõem-se a destruir tanto uma coisa quanto outra. Ver os artigos sobre *aborto* e *controle de nascimentos*. Cidades superpopulosas produzem condições ambientais poluídas.

3. *O problema das riquezas materiais.* O desejo de possuir mais inspira as indústrias a produzirem mais, por razões puramente econômicas. A ganância sempre está envolvida. Disso resulta a poluição industrial. Além disso, a produção desenfreada de bens de consumo resulta no abuso dos recursos naturais, na dilapidação da terra, na poluição dos rios mediante os resíduos industriais, na poluição do ar devido à fumaça tóxica das chaminés das fábricas. Aqueles que querem juntar mais dinheiro não pretendem reduzir seus lucros fazendo caros investimentos em aparelhos que controlam a poluição, e os governos que querem o dinheiro proveniente dos impostos, favorecem o desenvolvimento industrial descontrolado.

4. *O abuso da tecnologia.* Nos Estados Unidos da América, a poluição multiplicou dez vezes mais rapidamente que o produto nacional bruto. A tecnologia tem sido usada para produzir muitos produtos que não podem ser reciclados, que não se desintegram com a passagem do tempo. Têm sido desenvolvidas fontes de energia que não se incomodam em preservar a natureza.

5. *Ecologia.* A ecologia é o estudo do inter-relacionamento entre os organismos e seus meios ambientes. *Princípios básicos.* a. Todas as coisas estão interligadas umas às outras. b. Tudo deve ir para algum lugar. É impossível simplesmente desfazermo-nos de alguma coisa. Qualquer coisa que joguemos fora terá alguma influência em algum lugar. c. As extrações impensadas da natureza não nos fornecem nenhuma refeição grátis, pois, em algum lugar e em algum tempo teremos de pagar por tais extrações. d. A introdução de substâncias artificiais no meio ambiente pode ser altamente prejudicial. Mesmo nas regiões árticas, onde não há indústrias, os resíduos industriais sujam o gelo e a neve. O conceito de «vizinhança» internacionalizou-se. O homem labora em erro ao pensar que seus avanços tecnológicos libertaram-no de sua dependência à natureza. Se as plantas verdes forem mortas, a vida animal deixará de existir. Se envenenarmos a vegetação, as pessoas ficarão doentes.

6. *Um ponto de vista ético da natureza.* É errado prejudicarmos outras pessoas. E também é errado prejudicarmos o meio ambiente em que as pessoas vivem. São Francisco, o santo patrono dos ecologistas, acreditava na autonomia espiritual de todas as porções da natureza. Não apenas o homem, mas a própria natureza tem direitos. O homem não pode exercer um domínio absoluto sobre as coisas. São Benedito insistia para que os monges aprendessem a cuidar da terra, vivendo dela. O Antigo Testamento tem provisões acerca da natureza e de todas as formas de vida, conforme podemos ver em Salmos 104. O trecho de Êxodo 23:10 impunha o ano sabático, a fim de promover a fertilidade da terra e impedir abusos. O pacto de Deus com Noé incluiu todos os tipos de vida, e não apenas a vida humana (ver Gên. 9). Deus criou a natureza, pelo que a natureza, inteiramente à parte do homem, tem valor. A terra pertence ao Senhor (Sal. 24:1). Deus tanto é o criador quanto é o sustentador, e os homens deveriam cuidar para ajudar nessa sustentação.

7. *O homem como um mordomo.* O homem tanto está na natureza como está sujeito a ela. Também foi-lhe determinada uma função dentro da natureza, do que resulta sua responsabilidade em protegê-la e preservá-la. Foi-lhe determinado que subjugasse e exercesse domínio (ver Gên. 1), mas também foi-lhe ordenado que cultivasse a terra (ver Gên. 2). O homem é mordomo de grande variedade de bênçãos, tanto espirituais quanto materiais. Deve mostrar-se ativo na manutenção de ambas as formas. O homem precisa aprender a exercer domínio, sem tornar-se destruidor. Coisa alguma, na atualidade, é tão horrenda quanto a ameaça de destruição atômica. O avanço tecnológico do homem tem ultrapassado em muito o seu progresso moral e espiritual. O monstro criado pelo homem agora volta-se para despedaçá-lo. O homem tem abusado da natureza, e a natureza talvez tenha de vergastá-lo, a fim de devolver-lhe o bom senso. (E H)

AMBIGÜIDADE

1. *Ambigüidade verbal.* Muitas palavras têm dois sentidos ou mais. O contexto precisa definir o sentido tencionado, ou a comunicação será obscura ou falaz.

2. *Ambigüidade sistemática.* Palavras e expressões que sempre têm o mesmo sentido no contexto de um sistema; mas diferentes sentidos quando são usadas em um sistema ou disciplina diferente. Tanto pessoas quanto lugares podem ser adjetivados de «saudáveis», mas não faz sentido perguntar se uma cidade é mais saudável do que uma pessoa que vive naquela cidade. As duas categorias não podem ser comparadas.

3. *Ambigüidade teológica.* Isso ocorre devido a dois fenômenos principais. Em primeiro lugar, dentro do vocabulário teológico. As palavras que usamos para descrever conceitos grandiosos se esboroam ante a tentativa. Em segundo lugar, os próprios conceitos são conhecidos apenas imperfeitamente. Por exemplo, chamamos Deus de «espírito». Isso faz algum sentido, pois o que não é matéria, é espírito, e negamos qualquer materialidade em Deus. Porém quando tentamos definir *espírito*, topamos com ambigüidade tanto verbal quanto de conceito. Falamos sobre livre-arbítrio e determinismo, e compreendemos apenas imperfeitamente ambas as idéias. E muito menos ainda somos capazes de reconciliar uma com a outra. Ver os artigos sobre ambos esses assuntos. E então com tristeza vemos que os homens separam amigos, igrejas e denominações por causa dessas questões, que permanecem essencialmente misteriosas, e não cedem diante de nossas descrições verbais. (F)

AMBROSIANOS

1. Nome dado a uma ordem monástica fundada sob o patrocínio de Ambrósio, por Alexandre Givelli, Antônio Petrasancta e Alberto Besazzi, perto de Milão. Em 1375, Gregório XII confiou a eles a regra de Agostinho, modificada por certas constituições especiais. A nova ordem adotou então o nome de *Frates Sancti Ambrosii ad Nemus*. Eles seguiram o rito ambrosiano na liturgia, e seus deveres incluíam a pregação e o ensino. Em 1441, Eugênio IV unificou todos os mosteiros ambrosianos, até ali então unidos apenas na idéia e nos costumes. Em 1579, Carlos Borromeu reformou a disciplina da ordem. Em 1589, Xisto V uniu os Irmãos de São Barnabé à Congregação de Santo Ambrósio. Mas, em 1650, a ordem foi dissolvida. (E)

2. Seita anabatista radical, do séc. 16, que afirmava ter comunicação imediata com Deus, por meio do Espírito. Não tinham um ministério formal. Ambrósio, seu líder, dizia ter recebido revelações, as quais, para ele e seus seguidores, tinham maior autoridade do que a das Escrituras.

AMBROSIASTRO

O pseudo-Ambrósio, autor desconhecido de um breve mas importante comentário sobre as epístolas de Paulo, escrito em Roma, entre 366 e 384. Na Idade Média, a obra era comumente atribuída a Ambrósio. Essa obra reveste-se de certa importância no terreno da crítica textual do Novo Testamento, por causa do texto antigo que a mesma preserva, quanto aos escritos paulinos. (E GT KE ME)

AMBRÓSIO DE MILÃO

Suas datas: 340-397. Um dos mais notáveis exegetas, teólogo-filósofos, compositores de hinos e oradores da Igreja Cristã antiga. Foi a ponte intelectual que ligou Cipriano a Agostinho (ver os artigos sobre eles). Foi bispo de Milão, e atarefou-se no ensino e na defesa das doutrinas cristãs, opondo-se à heresia ariana que afirmava que Cristo e Deus não são da mesma substância, pondo em dúvida a divindade de Cristo. Exerceu influência sobre Agostinho, quanto a estas idéias: a. A fé repousa sobre a autoridade da Bíblia; b. a razão é importante na explicação e defesa da verdade; c. a propagação física do pecado adâmico na raça humana; d. justificação somente pela fé; e. ênfase sobre a missão de Cristo contra a religião legalista; f. ensinos sobre o batismo e a Igreja, que correspondem às interpretações de Agostinho, e que talvez as influenciaram; g. de modo geral, a doutrina paulina, especialmente aquela exposta na epístola aos Romanos; h. separação entre Igreja e estado, contra o ensino posterior de Agostinho, de que a Igreja seria mestra do estado, e superior ao mesmo.

Embora fosse erudito na Bíblia e expositor, Ambrósio conhecia os escritos clássicos e foi influenciado pelos mesmos, vendo a importância da filosofia grega e do conhecimento através da razão. Foi o primeiro teólogo cristão a usar a expressão «virtudes cardeais», que encontrou nos escritos de Cícero sobre as classificações morais de Platão. Foi professor eloqüente, que empregou o método alegórico dos alexandrinos.

Ambrósio foi zeloso promotor do monasticismo no Ocidente. Seus sermões exaltavam tão poderosamente a virgindade que muitas famílias proibiam suas filhas a ouvirem-nos.

Obras: *De Mysteriis*, sobre o batismo e a eucaristia; *De fide*, cinco livros; *De Spiritu*, três livros; *De Incarnationis sacramento*, doutrinas fundamentais da fé, em oposição ao arianismo; muitas exposições de livros do Antigo Testamento; *Sermones*, e noventa e duas epístolas. Todos os seus escritos distinguem-se pela nobreza e pela eloqüência.

AMÉM (amém, amém: ver Em verdade, em verdade)

Vem de um adjetivo hebraico que significa «verdadeiro, certo, digno de confiança», ou de uma forma adverbial com o sentido de «é digno de confiança ou veraz». O verbo correlato, *aman*, significa «sustentar», «apoiar». O uso do «amém» como uma explicação, significa «certamente», «assim seja», «na verdade». Ver Sal. 41:13; 72:19; 89:52; 106; 48; I Crô. 16:36 e Nee. 8:6. O trecho de Isa. 65:16 faz de Yahweh o Deus do Amém, isto é, aquele que fala com verdade, em quem todos podem confiar.

No Novo Testamento, o uso grego emprega o vocábulo para indicar «verdadeiramente», «de fato», «assim seja», «isso mesmo». O termo tornou-se comum nas orações, nas doxologias, nas respostas congregacionais, nas exclamações de aprovação. Nos evang. sinópticos, a palavra é dita por Jesus por 54 vezes. Só o evangelho de João contém 25 repetições do termo, sempre em forma dupla, *amém, amém*, para ênfase especial. Algumas ocorrências do termo aparecem em: João 1:51; 3:3; 5:19,24,25; 12:24; 14:12. Paulo também usou-o, como se vê em Rom. 15:3; 16:27; I Cor. 16:24; Gál. 6:18; Efé. 3:21. Em doxologias, ver Heb. 13:21; I Ped. 4:11; 5:11; II Ped. 3:18; Jud. 25. No Apocalipse, a palavra aparece por nove vezes, e a mais importante delas é quando figura como nome próprio de Cristo, o Amém, em Apo. 5:14. Em Cristo culmina a certeza da mensagem espiritual. (A B S W)

AMÉM, Título de Cristo em Apo. 3:14.

Em cada uma das sete cartas do Apocalipse, Cristo recebe um título e descrições diferentes; e, em cada caso, esses elementos se aplicam especialmente à igreja que está sendo endereçada. Assim, no caso da igreja em Éfeso, Cristo é visto a andar entre as igrejas,

pois sua presença e poder foram especialmente fortes na era apostólica. No caso da igreja dos mártires, Esmirna, Cristo se caracteriza como aquele que morreu, mas está vivo para sempre. No caso da corrupta igreja de Pérgamo, Cristo mostra-se como aquele que tem a espada aguda de dois gumes, com a qual promete julgamento. No caso da igreja de Filadélfia, aquele com uma «porta aberta de serviço», Cristo é visto a brandir as «chaves de Davi», que ele pode usar com toda a autoridade, para qualquer propósito que queira, especialmente para a admissão no reino de Deus. Assim também no caso presente, da igreja apóstata de Laodicéia, Cristo continua sendo o «Amém». Ele continua a ser a sua própria confirmação, a prova de seu próprio ministério e de sua pessoa, embora os membros da igreja laodicense o tivessem abandonado. Cristo continua sendo uma «testemunha fiel e verdadeira», apesar de terem rejeitado o seu testemunho e de se terem mostrado infiéis à sua causa. Cristo continua sendo o «princípio», a «causa primária», tanto da criação física quanto da criação espiritual, a despeito do fato de que os crentes de Laodicéia não reivindicassem à vida eterna, por intermédio dele, não o considerando mais como o Alfa e o Ômega.

Amém. É possível que isso seja um eco do trecho de Isa. 65:16, onde Deus é chamado de *Deus, que dirá amém*. O autor não hesita, em lugar nenhum do Apocalipse, de dar a Cristo toda a honra atribuída, nas páginas do A.T. a Deus Pai. Isso é prova insofismável de sua divindade. Ver o artigo sobre a *Divindade* de Cristo. Ver também sobre sua *Humanidade*. Em todo o Novo Testamento, a única ocorrência da palavra *Amém*, como nome próprio, se verifica aqui. (Ver João 1:51, quanto ao seu uso como confirmação ou imperativo). Essa palavra pode ser uma afirmação: «É assim». Ou pode ser um imperativo: «Assim seja!» Desenvolveu-se na prática litúrgica judaica, e era vocábulo usado nos cultos de adoração como afirmação de fé na validade ou veracidade da mensagem que era lida ou proferida. Em face do que se diz neste parágrafo, consideremos os pontos seguintes:

Ao usar o termo *Amém*, Cristo afirmou:

1. A validade da mensagem cristã, a qual é a Palavra de Deus para os homens. Ele mesmo é o tema central dessa mensagem.

2. Cristo é a afirmação da boa vontade de Deus para com os homens.

3. Cristo é o meio divino que confere aos homens as bênçãos motivadas por essa boa vontade; é o mediador entre Deus e o homem, e quem justifica o homem perante Deus.

4. Cristo é o «Amém», na qualidade de verdade de Deus, como aquele que transmite essa verdade aos homens.

5. O «Amém» é a garantia dada por Deus aos homens de que ele se importa com eles; o «Amém» é a expressão divina de amor.

6. O «Amém» confirma a validade do pacto de Deus, sendo o seu promulgador.

7. O «Amém» de Deus faz contraste com a corrupção contra a verdade, por parte de indivíduos como os laodicenses, que tinham esquecido a Palavra de Deus, passando a ter como seus deuses o dinheiro e o próprio «eu». O testemunho de Cristo é sempre veraz e afirmativo, sem importar os desvios dos homens. (Quanto a outras notas expositivas sobre o «Amém», que ajudam a iluminar o presente conceito, ver I Cor. 14:16 no NTI). (AL G IB NTI RO)

••• ••• •••

AMÊNDOAS

No hebraico, a palavra significa, aparentemente, «despertada», porque florescia bem cedo no ano. (Ver Gên. 43:11; Núm. 17:8; Ecl. 12:5; Jer. 1:11). Trata-se da *Prunus Amygdalus communis*, que é seu nome científico. Uma árvore nativa da Síria e da Palestina. Por causa de sua inflorescência, é altamente ornamental. Talvez tenha sido introduzida no Egito quando José era o governador da terra. Na Palestina, ela floresce já no mês de janeiro. As flores são róseas, e algumas vezes, brancas, o que explica a sua analogia com um ancião encanecido (ver Ecl. 12:5). Sua beleza tem inspirado a decoração em trabalhos de entalhe, onde a amêndoa é retratada. Também parece ter sido a origem de um óleo valioso.

Símbolo espiritual. O trecho de Jer. 1:11,12 menciona a amêndoa em conexão com a idéia de que Deus cumpre prontamente as Suas promessas. (ND S Z)

AMENDOEIRA

Trata-se de um arbusto baixo, abundantemente encontrado ao longo das costas do Mediterrâneo, o qual produz uma flor usada como especiaria desde tempos remotos. As referências clássicas mostram que a florescência (ou a baga que a produz) era usada como afrodisíaco e condimento. Provavelmente, a planta é a *Capparis spinosa*. Ela é mencionada somente em Eclesiástico 12:5, onde está em foco a intensificação do desejo sexual, — declinando à medida que a pessoa avança em idade. O processo de envelhecimento leva, finalmente, ao rompimento do fio de prata (o que produz a morte). Ver o artigo sobre o *fio de prata*, o filamento de energia que liga a alma ao corpo, como se fora uma espécie de cordão umbilical. À medida que a pessoa se aproxima desse momento, suas energias declinam-se, e ela pode tentar reverter alguns aspectos do envelhecimento mediante o uso de medicamentos ou tonificantes, como é o caso do emprego da amendoeira. (G I IB LAN)

AMESHA SPENTAS

Auxiliares de Ormazde (ver o artigo sobre *Ahura Mazda*), importantes deuses do zoroastrismo. Seriam personificações do caráter de Ormazde: bons pensamentos, retidão perfeita, reino desejável, santa harmonia, saúde salvadora, imortalidade. Ver o artigo sobre *o zoroastrismo*. (E)

AMETISTA

Uma variedade de quartzo transparente, violeta ou púrpura (dióxido de sílica), usada como pedra preciosa ou jóia ornamental (ver Apo. 21:20). O colorido é atribuído à presença do manganês, ou talvez ao material orgânico. Os antigos egípcios usavam a ametista como uma jóia. É mencionada no Antigo Testamento como a nona pedra do peitoral do sumo sacerdote (ver Êxo. 28:19 e 39:12), e como o décimo segundo material dos alicerces da Nova Jerusalém (ver Apo. 21:20). A ametista ocorre nos veios minerais associadas ao granito ou como margens da ágata oca, em nódulos. A ametista oriental era rara, muito dura e de grande brilho e beleza. O material era muito usado para o fabrico de anéis e camafeus, em parte porque se prestava bem ao corte, segundo nos informa Plínio (*Hist. Nat.* 37:9). Os antigos acreditavam que a pedra possuía a capacidade de fazer passar a embriaguês alcoólica, por meio do

simples toque. Daí deriva-se o nome grego *amethustos*, que significa «não intoxicado». Alguns rabinos pensavam que a pedra, ao ser usada, produziria sonhos e que poderia ser usada por aqueles que desejassem ter sonhos. No hebraico, o nome da pedra significa «pedra de sonho». É bem possível que a pedra fosse usada como ponto de concentração mental, como o cristal, para efeitos de adivinhação; ou a sua presença no peitoral do sumo sacerdote visasse a provocar sonhos ou experiências psíquicas que poderiam ter utilidade para se conhecer a vontade de Deus. No Novo Testamento, a ênfase recai sobre a beleza da pedra, fazendo-nos lembrar a beleza das obras de Deus. (A FO S UN Z)

AMI

No hebraico, **meu povo**. Nome simbólico aplicado a Israel, em contraste com Lo-Ami, *não meu povo*. O povo tornou-se de Deus por meio da reconciliação. Oséias deu esse nome ao seu terceiro filho com Gomer (ver Osé. 2:1 e 1:9,10), dando assim a entender que Deus pode rejeitar um povo que antes era considerado Seu, por motivo do pecado. Todavia, isso foi pronunciado acerca de Israel, tendo em vista uma futura restauração que reverteria a situação. No evangelho, os gentios, que antes não eram povo de Deus, poderiam tornar-se povo de Deus mediante a conversão, segundo vemos em Rom. 9:25,26, onde Paulo cita essa profecia de Oséias. (Ver Também I Ped. 2:10). (ID S UN Z)

AMI (AMOM)

Antepassado de um dos servos de Salomão (ver Esd. 2:57). Chamado Amom em Nee. 7:59, e que algumas traduções dão como Alom.

AMIDIANOS

Uma família que retornou do cativeiro babilônico com Zorobabel (ver I Esdras 5:20). Esse nome não está contido no paralelo do sétimo capítulo do livro de Neemias. (Z)

AMIEL

No hebraico significa **povo de Deus**. Nome dado a várias pessoas no Antigo Testamento.

1. Filho de Gemali, um dos doze espias enviados por Moisés para explorarem a terra de Canaã (ver Núm. 13:12).

2. Pai de Maquir (II Sam. 9:4,5 e 17:27). Foi em sua casa que Mefibosete se escondeu de Davi. Mais tarde, Maquir tornou-se amigo de Davi.

3. Pai de Bate-Seba, esposa de Urias (e depois de Davi). Ver I Crô. 3:5. Em II Sam. 11:3 ele é chamado Eliã.

4. O sexto filho de Gemali, um dos porteiros do templo (ver I Crô. 26:5).

AMIGO, AMIZADE

Amigo é uma pessoa com quem temos associação amigável, nos vários tipos de relacionamento humano: a. Um companheiro fiel ou vizinho ajudador (ver Gên. 38:20; Jer. 6:21; Luc. 11:5-8). b. Um aderente político (ver I Sam. 3:26; 2 Sam. 3:8). c. Uma pessoa amada (ver Deu. 13:6). d. Alguém fiel em seus relacionamentos (ver Sal. 35:14; Pro. 17:17). Também há falsos amigos (ver Pro. 18:14), aqueles que traem a amizade (ver Jó 6:14,27); aqueles que são egoístas (ver Pro. 19:4,6 s.).

A amizade com Cristo. Aqueles que se dedicam à observância dos mandamentos de Cristo são Seus amigos (ver Mat. 12:46-50 e João 15:14). Eles O amam e promovem a honra de Seu nome.

A amizade prejudicial é a amizade com o mundo (ver Tia. 4:4; Mat. 6:24; Luc. 16:13; I João 2:15 ss).

As amizades especiais, que envolvem um forte sentimento de amor, conforme a amizade de Davi e Jônatas (ver I Sam. 18:1-4 e 19:1-7).

A forma mais elevada de amizade, a amizade com Deus (ver II Crô. 20:7; Isa. 41:8; Tia. 2:23), é exemplificada no caso de Abraão, conforme se vê na referência de Tiago.

O amigo do noivo era João Batista (ver João 3:29). Alguns pensam que isso representa a classe dos remidos (como Israel), que não fazem parte da Igreja cristã. (I ID LAN NTI)

AMIGO DO NOIVO Ver **Matrimônio**.

AMIGOS DE DEUS

Termo que designa um grupo informal de místicos alemães, quase sempre leigos, que existiu no século XIV. Seus principais líderes eram João Tauler e Henrique Suso. Ver os artigos sobre eles. O misticismo busca a comunhão com Deus, um contato direto com Deus, ultrapassando as doutrinas e as proposições intelectuais, sendo apenas natural que uma sociedade de místicos tenha recebido esse título.

AMIGOS, SOCIEDADE DE

(Ver **Sociedade de Amigos**).

AMILENIALISMO

Essa doutrina tem assumido várias formas. Talvez a mais comum seja a idéia de que o milênio ou reino milenial seja o tempo que vai da ressurreição de Cristo à Sua segunda vinda. Portanto, o milênio, em termos literais de mil anos de paz, prosperidade e avanço espiritual, *após* a segunda vinda de Cristo, não existiria. Em conseqüência, temos a definição da palavra, *amilenial*, que significa não-milênio, ou seja, não haveria um milênio. Essa declaração é apenas preliminar. Uma descrição detalhada do amilenismo aparece no artigo sobre o *milênio*, onde são consideradas outras doutrinas relacionadas, como o *pós-milenismo* e o *pré-milenismo*, além de outro número de pontos de vista acerca do próprio milênio, segundo afirmam os milenistas.

AMINADABE

No hebraico, **meu parente é generoso** ou **nobre**. Nome de várias pessoas no Antigo Testamento:

1. Filho de Arão, pai de Naasom (Mat. 1:4). Em Luc. 3:33, encontramos a seguinte ordem de nomes: «Aminadabe, filho de Admim, Admim filho de Arni, Arni, filho de Esrom...» Naasom era príncipe da tribo de Judá por ocasião do primeiro recenseamento de Israel, no segundo ano após o êxodo (ver Núm. 1:7 e 2:3), antes de 1210 A.C. Era pai de Eliseba, esposa de Aarão (ver Êxo. 6:23). Foi ascendente de Davi, da quarta geração de Judá, e antepassado de Jesus Cristo. Pouco se sabe sobre ele; mas o casamento de sua filha com Aarão assinala a mais antiga instância de aliança entre a linhagem real de Davi e a linhagem sacerdotal de Aarão. O nome Nadabe, dado ao filho mais velho de Aarão, provavelmente visava a honrar seu avô, Aminadabe.

2. Um levita que ajudou a transportar a arca de volta a Jerusalém, nos dias de Davi (ver I Crô. 15:10,11). Era um dos filhos de Uziel. Foi um dos cento e doze homens nomeados por Davi para executarem a tarefa.

3. Na Septuaginta, em Ester 2:15 e 9:29, Aminadabe é chamado pai de Ester. Mas o texto judaico tradicional (massorético) diz *Abiail*, que é o texto preferido. Massorético é adjetivo que se deriva de «massoretas», compiladores e comentadores da Bíblia hebraica, que produziram um texto padronizado do Antigo Testamento. Ver o artigo sobre o *texto massorético*.

4. De acordo com I Crô. 6:22, Aminadabe figura como filho de Coré, descendente de Levi; mas isso não pode ser o texto correto, pois Aminadabe aparece como o sogro de Aarão, em Êxo. 6:23. Na lista paralela de I Crô. 6, aparece o nome Jizar (vs. 38 ss) o que concorda com a genealogia dada em Êxo. 6:18,22. Os manuscritos A e L da Septuaginta trazem o texto correto, Jizar, em I Crô. 6:22. (ICC ND UN Z)

AMINADIBE

Forma variante de **Aminadabe**, uma pessoa mencionada em Can. 6:12, cujo carro aparece como veloz — tudo segundo algumas versões. Mas a passagem é obscura, talvez tendo sofrido alguma corrupção, pelo que outras versões preferem a tradução que se vê em nossa versão portuguesa: «no carro do meu nobre povo» ou «no carro ao lado de meu príncipe», deixando de lado a idéia de velocidade. Nesse caso, a palavra hebraica não é lida como um nome próprio. (ND UN Z)

AMIRALDISMO

O termo vem do nome próprio Amiraldo (Moisés Amiraldo, 1596-1664), da escola reformada francesa em Saumur. Ele defendia um «universalismo hipotético», afirmando que Deus deseja que todos os homens sejam salvos, embora o intelecto humano seja incapaz de fazer a vontade acreditar, à parte da operação específica de Deus no coração dos eleitos. Isso posto, no caso dos não-eleitos, Deus retém essa operação, ficando anulada a suposta potencialidade do homem salvar-se. Os calvinistas modernos ainda usam essa noção na tentativa de explicar aqueles versículos bíblicos que aludem ao interesse de Deus por todos os homens. Mas, ao assim fazerem, não lhe conferem qualquer potencialidade verdadeira ou importante. Pequeno é o consolo ao dizer que todos os homens *podem* ser salvos, mas que, de fato, *não podem*, porque não podem crer no evangelho. Isso é uma teologia podre. Ver *Livre-arbítrio* e *determinismo*.

AMISADAI

No hebraico, **Shaddai é meu parente**. Pai de Aieser, um danita, líder durante a jornada pelo deserto (ver Núm. 1:12; 2:25; 7:55,71 e 10:25). (UN Z)

AMITABHA

Salvador da Terra Pura, seita do budismo mahaiana. E também o Patshen Lama reencarnado, do *lamaísmo* (ver o artigo a respeito).

AMITAI

No hebraico significa **fiel**. Era pai do profeta Jonas (ver II Reis 14:25 e Jon. 1:1), o qual era natural de Gate-Hefer, no território de Zebulom. (S)

AMIÚDE

No hebraico, **meu parente é glorioso**. Esse é o nome de várias pessoas no Antigo Testamento:

1. Um efraimita, pai de Elisama. Elisama foi nomeado chefe da tribo na época do êxodo (ver Núm. 1:10; 2:18; 7:48,53; 10:22; I Crô. 7:26). Antes de 1210 A.C.

2. Pai de Samuel, que posteriormente foi o chefe simeonita nomeado para fazer parte da comissão que fez a divisão da Terra Prometida — (ver Núm. 34:20), antes de 1452 A.C.

3. Membro da tribo de Naftali cujo filho, Pedael, príncipe daquela tribo, foi nomeado para ajudar na divisão da terra (ver Núm. 34:28), antes de 1452 A.C.

4. Pai de Talmai, rei de Gesur. Após ter assassinado seu meio-irmão Amom, Absalão fugiu para a companhia de Talmai (ver II Sam. 13:37). Antes de 1030 A.C.

5. Filho de Onri, da tribo de Judá e descendente de Peres. Foi pai de Utai, tendo sido este último um dos primeiros a residir em Jerusalém, após o retorno da Babilônia (ver I Crô. 9:4). Antes de 536 A.C.

AMIZADABE

No hebraico, **o parente concedeu**. Era filho de Benaia, que fazia parte da guarda pessoal de Davi e capitão dos trinta mais valentes guerreiros. Ele servia como líder da divisão no terceiro mês do ano (ver I Crô. 27:6). Cerca de 1000 A.C. (UN Z)

AMNOM

No hebraico significa **fiel**. É o nome de duas pessoas no Antigo Testamento.

1. O filho mais velho de Davi e Ainoã, a jezreelita (ver II Sam. 3:2 e I Crô. 3:1). Ele nasceu em Herom, em cerca de 1056 A.C. Estuprou sua própria meia-irmã Tamar, e dois anos depois foi assassinado por Absalão, irmão de Tamar, por causa desse ato. Ver a narrativa em II Sam. 13.

2. Um filho de Simão (ver I Crô. 4:20), descendente de Judá. (S)

AMOM

No hebraico, **construtor** (ver Jer. 46:25). Mas outros pensam que o vocábulo significa *verdadeiro* ou *fiel*.

1. Nome de uma divindade egípcia, associada por antigos escritores a Zeus ou Júpiter. Sua primitiva sede de adoração parece ter sido Meroe. Dali seu culto mudou-se para Tebas, e então propagou-se para o Oásis de Siwah e Dodona (ver Heródoto ii.54). Em todos esses lugares, os oráculos dessa divindade eram celebrados. Porém, o verdadeiro centro de sua adoração era Tebas. Nos monumentos egípcios, esse deus é apresentado como um homem sentado com cabeça de carneiro, ou então como um carneiro. Parece ter sido, basicamente, uma divindade da fertilidade. Quando Tebas tornou-se a capital do Egito, Amom foi vinculado a Rá, o deus-sol.

2. Governador da cidade de Samaria, no tempo de Acabe (ver I Reis 22:26 e II Crô. 8:25), em cerca de 900 A.C. Nessa passagem, lemos que Acabe ordenou que Micaías, o profeta, fosse levado a Amom para ser encarcerado.

3. Filho de Manassés, e décimo quinto rei de Judá, que começou a reinar em 644 A.C. e que governou por dois anos. Ele restaurou a idolatria e reergueu os ídolos que Manassés havia derrubado. Foi assassinado em uma conspiração na corte, e então os homicidas foram executados pelo povo. Seu filho, Josias, tornou-se rei, quando estava apenas com oito anos de idade (ver II Reis 21:18-26 e II Crô. 33:21-25).

4. Filho de Manassés, e um dos antepassados de Cristo (ver Mat. 1:10). (S UN)

AMOM (AMONITAS)

Descendentes de Amom, filho mais novo de Ló (ver Gên. 19:38) e da sua filha mais jovem. Originalmente, os amonitas ocupavam uma faixa de terras a leste dos amorreus, vivendo separados dos moabitas pelo rio Arnon.

1. *O nome Amom.* — A filha mais jovem de Ló deu à luz um filho de seu próprio pai, chamando-o Ben-Ami, cuja tradução não é certa. Alguns dizem que significa «filho de meu povo»; outros pensam que significa «filho de meu tio paterno» (ou clã paterno). Ainda outros supõem que significa «filho de meu próprio pai», em consonância com o incidente envolvido. O nome isolado não aparece em nenhum outro trecho bíblico, embora apareçam seus compostos, como «Lo-Ami» (*não-meu-povo*, na profecia de Oséias 1:9). Outras formas compostas são Amiel, Amiúde, Amiur, Amizadabe e Aminadabe (ver os artigos respectivos), além de outros.

2. *Localização.* Os amonitas tomaram um território antes ocupado por uma raça de gigantes (ver Deu. 2:20). Aos israelitas, ao atingirem as fronteiras da Terra Prometida, foi ordenado que não molestassem os filhos de Amom, por serem descendentes de Ló. Todavia, os amonitas não demonstraram hospitalidade para com os israelitas, pelo que foram proibidos de entrar na congregação do Senhor, isto é, de serem membros da comunidade civil dos israelitas, até à *décima* geração, o que alguns entendiam como uma proibição perpétua (ver Nee. 13:1).

3. *Hostilidade contra Israel.* Em Juízes 3:13 lemos que esse povo mostrou-se hostil para com Israel. Uniram-se em ataque combinado a Israel com outros adversários do povo de Deus. Cerca de cento e quarenta anos mais tarde, lemos que os israelitas caíram na idolatria, servindo aos deuses de várias nações, incluindo os deuses amonitas. Os amonitas foram hostis a Israel tanto antes (ver I Sam. 11:11) quanto depois do cativeiro (ver Nee. 4:3; Judite 5 - 7 e I Macabeus 7:30-43), o que prosseguiu até que os romanos engoliram todas as facções em litígio, incluindo os judeus. No tempo de Justino Mártir (cerca de 150 D.C.), os amonitas continuavam sendo um povo numeroso; mas, pela época de Orígenes (cerca de 186-254 D.C.), eles já se tinham amalgamado com os árabes. Quanto a atos específicos de hostilidade, ver estas referências: Juí. 3:13; 11:12; I Sam. 11:11; II Sam. 10:4,19; 12:26-31 e II Crô. 20:25.

4. *O cativeiro de Israel.* Quando Israel foi levado cativo, os amonitas tomaram posse das cidades pertencentes à tribo de Gade (ver Jer. 49:1), e rejubilaram-se diante do infortúnio dos israelitas (ver Eze. 25:3,6). Após o cativeiro, a antiga hostilidade prosseguiu (ver Nee. 4:3,7,8).

5. *Outros pontos de interesse.* Os amonitas eram governados por um rei (ver I Sam. 12:12). A divindade nacional era Moloque (ver I Reis 11:7; Chamado Milcom, em I Reis 11:5 e 33). A capital deles era Rabá (Rabate Amom). Posteriormente, essa cidade tomou o nome de Filadélfia, em honra a Ptolomeu Filadelfo. Atualmente chama-se Amam. A língua deles era semítica. Atualmente todas aquelas regiões foram arabizadas, e fala-se o árabe. Salomão casou-se com mulheres amonitas. A mãe de Reoboão era Naama, mulher amonita (ver I Reis 14:31), um mau exemplo seguido por Israel (ver Nee. 13:23). Condenação e destruição estão prometidas aos amonitas, devido à hostilidade deles para com Israel — atualmente os amonitas fazem parte da liga árabe, cujo propósito declarado é expulsar Israel da Palestina — e por causa de sua impiedade (ver Eze. 25:5,10 e Sof. 2:9). Essas predições se têm cumprido parcialmente considerando que a raça amonita desapareceu misturada com outras raças semitas. A arqueologia tem descoberto extensas ruínas, principalmente de origem romana, no local moderno de Amam. (GL HAR S UN Z)

AMOMUM

Palavra latina derivada do grego **amomon**, um *hapax legomena* que aparece em Apo. 18:13, que alguns traduzem como «odores». Mas trata-se do nome de uma planta odorífera usada no preparo de ungüentos dispendiosos, o que justifica a tradução que se vê em nossa versão portuguesa «especiarias». A planta é nativa na Índia, pertencente ao gênero chamado Scitamineoe, que medra nas áreas tropicais do mundo antigo, aparentada do gengibre. Essas plantas são herbáceas, com raízes trepadeiras e folhas grandes. Tanto as sementes quanto as folhas são aromáticas. A espécie mencionada em Apocalipse tinha sementes grandes como uvas, que eram usadas no fabrico de ungüento. Esse produto é alistado entre os muitos itens dispendiosos consumidos pelos ricaços romanos, por meio do comércio e do escambo, e que o profeta condena como um luxo que caracterizará o estágio final da Babilônia. (NTI UN)

AMÔNIO SACCAS

Filósofo helenista (175-242 D.C.). Nasceu cristão mas converteu-se ao helenismo, membro da Escola Alexandrina (ver o artigo). Foi mestre ilustre, e Plotino foi um dos seus alunos por onze anos. Um outro famoso estudante seu foi Orígenes (ver o artigo a seu respeito). Sua filosofia aparentemente tinha caráter neoplatônico, e algumas vezes, ele, e não Plotino, é chamado de fundador desse movimento. A natureza exata de sua filosofia não pode ser determinada com certeza, visto que os seus discípulos juravam manter segredo de suas idéias, mas parece que ele procurava reconciliar as idéias de Platão e Aristóteles. (P)

AMOQUE

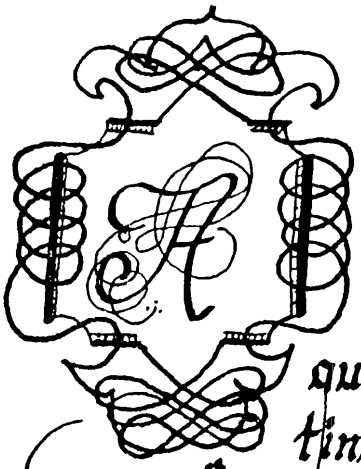
No hebraico quer dizer **profundo**. Era ancestral de Héber, um sacerdote do tempo de Joiaquim (ver Nee. 12:20). Amoque foi um dos sacerdotes que retornou do exílio com Zorobabel (ver Nee. 12:7). (Z)

AMOR

Discussão Preliminar

Tradução do termo hebraico *aheb*, palavra de larga conotação. Outros vocábulos também eram usados no Antigo Testamento, com sentidos variegados, associados a amor, desejo, amante, etc. No N.T., temos

Amor



Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse Caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o DOM de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse Caridade, NADA seria. E ainda que distribuisse toda minha fortuna para o sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e NÃO tivesse Caridade, nada disso

ME Aproveitaria.

1 aos Coríntios 13
1-3

DSC
NOV 89

Caligrafia de Darrell Steven Champlin

AMOR

••• ••• •••

O círculo do amor de Deus não tinha início,
e não terá fim. O amor de Deus inspirou
e *garantiu* a execução da

missão tridimensional

do Logos. Ele ministrou e ministra na terra,
no hades e nos céus para ser tudo para todos,
— afinal — .

••• ••• •••

O amor de Deus é *real* universalmente,
— não meramente potencial.
O amor de Deus será absolutamente *efetivo*,
— afinal —.
Limites de pedra não podem conter o amor.
E o que o amor *pode* fazer, isso o amor
ousa fazer.
(William Shakespeare)

O oposto de injustiça não é justiça — é *amor*.

••• ••• •••

agape (agapao), comum na Septuaginta, e *phileo*, sinônimo de *agapao*. *Agapao* aparece por 142 vezes no Novo Testamento; *agape*, por 116 vezes, e *phileo* por 25 vezes. *Agapao* tem todo o alcance possível de significado que a nossa palavra *amor* exibe; e mediante o uso dessa palavra, não se pode estabelecer a diferença entre o amor divino e o amor humano, em contraste com *phileo*. A suposta diferença entre essas duas palavras torna-se nula quando simplesmente tomamos um léxico e lemos as referências onde figuram os dois termos. Ver o artigo sobre *agape*, como ilustração desse fato, e quanto a outras informações. A mudança de uma para outra palavra, em João 21, é simples questão estilística, não envolvendo qualquer sentido oculto. *Eros*, com freqüência usada para indicar o amor apaixonado e sexual, não se encontra no Novo Testamento. Também pode ser usado para indicar o amor nobre e espiritual, embora envolvendo, em muitos casos pelo menos, um sentido menos nobre do que aqueles achados no caso de *agapao* e *phileo*. Nas Escrituras, o amor aparece tanto como um atributo de Deus como uma virtude humana moral, pelo que o assunto do amor pertence tanto à *teologia* quanto à *ética*. O amor é fundamental à verdadeira religião e à filosofia moral, e de fato, até na maior parte das filosofias pessimistas, como na de Schopenhauer, onde é encarado favoravelmente sob o título de *simpatia*. O amor é uma parte importante e mesmo dominante da fé judaico-cristã, básica ao evangelho. (Ver João 3:16). É um elemento essencial em todo o relacionamento humano. Portanto, tanto mais atônitos ficamos em face do fato de que quase todos os credos denominacionais evangélicos deixam-no totalmente de lado, ao alistarem seus itens de crença (ver o artigo sobre Credos). Paulo declara que o amor é a maior de todas as graças cristãs (ver I Cor. 13:13, onde aparece a exposição do NTI, quanto a muitos dos atributos e características do amor). Nos escritos de Paulo, também é o solo de onde brotam todas as outras virtudes (ver Gál. 5:22,23). Trata-se da marca distintiva de que alguém é filho de Deus (ver Mat. 5:44 ss.). É um pré-requisito absoluto para que alguém seja uma pessoa espiritual, um bom cidadão, um bom vizinho, um bom marido, esposa ou pai, ou qualquer outra coisa, que envolva boas qualidades divinas ou humanas.

I. Tipos de amor

1. Há o amor de Deus (João 3:16), o qual é a fonte de todo outro amor, até mesmo aquele manifestado pelos incrédulos. O Espírito de Deus, atuando no mundo, impede-o de transformar-se em floresta completa, porquanto propaga ao redor o seu amor, e muitas pessoas fazem o que fazem por motivos puramente altruístas.

2. Há o amor de Cristo pelo homem, o qual é uma extensão do amor de Deus; e, em sua essência, é a mesma coisa. (Ver II Cor. 5:14 e as notas expositivas no NTI sobre esse amor, que nos constrange a atitudes que expressam o cristianismo).

3. Há o amor do indivíduo por si mesmo, num afeto inteiramente egoísta, pois só se preocupa consigo mesmo.

4. Há o amor de um homem por outro ser humano. Quando alguém ama outrem, deseja para o próximo o que deseja para si mesmo, ou transfere o cuidado por si mesmo para outra pessoa, desejando o seu bem-estar, tal como deseja o seu próprio bem-estar. Pode-se imaginar quase qualquer homem a amar um filho ou filha predileta. Por causa de seus cuidados por seu filho, ele fará sacrifícios e procurará protegê-lo. Pensará em como suprir às suas necessidades, e desejará a felicidade de seu filho. Em outras palavras, fará em prol de outra pessoa (sem importar quão mau seja, quanto a outras questões) aquilo que faria por si mesmo. O amor-próprio é fácil; não é muito difícil a transferência desse amor pelo menos a uma outra pessoa. Mas aqueles que amam verdadeiramente são os que descobriram como transferir o amor-próprio para um grande número de pessoas. Aqueles que assim fazem são a isso impelidos pelo Espírito de Deus, sem importar se são ou não discípulos de Cristo, no sentido tradicional.

5. Há o amor dirigido a Cristo, o Filho de Deus, ou então a Deus Pai, o que se verifica quando amamos aos nossos semelhantes. (Ver as notas expositivas sobre esse conceito no NTI em Mat.25:35 e ss).

6. Há o amor do homem a Cristo ou a Deus Pai, diretamente expresso. Essa modalidade de amor requer um senso altamente desenvolvido, e normalmente se expressa por meios místicos, mediante a ascensão da alma, que passa a contemplar a Deus. Certamente essa foi a forma de amor que o escritor sagrado tinha em mente, em João 4:7-21, embora o contexto contemple muitos resultados «diários» e «práticos» da mesma, como o evangelismo dos perdidos, a vida santa, a lealdade a Cristo e as ações de caridade em favor do próximo.

Cristo como uma figura distante. Os crentes de Éfeso(Apo. 2), reduziram Cristo a uma figura distante a despeito de continuarem a fazer prodígios espirituais e apesar de seu poder no Espírito. Quantas pessoas hoje em dia, quando pregam, somente atacam várias formas de males, como o mundanismo, o modernismo, o comunismo, embora suas mensagens reflitam pouquíssimo do amor conquistador de Cristo. Tornaram-se polemistas profissionais, mas pouco ou nada sabem do amor construtivo. Perderam a visão do Cristo, em meio à batalha.

Há um caminho melhor do que esse. É o caminho do amor. O amor à semelhança da morte, transforma a tudo quanto toca. Os homens são atraídos pelo amor. As coisas semelhantes se atraem mutuamente. Os homens amam quando são amados. E odeiam quando são odiados.

Pois limites de pedra não podem conter ao amor,
E o que o amor pode fazer, isso ousa tentar.
(*«Romeu e Julieta»*, Shakespeare).

II. O Amor de Deus pelo mundo, a base do Evangelho

1. Este mundo não é o mundo dos eleitos — mas sim, de *todos* os indivíduos do mundo, de *todas* as épocas, sem exceção alguma.

2. Deus, sendo um ser inteligente, tem consciência da existência deste mundo e ama a todos os homens que nele habitam. De alguma maneira, posto que indefinida, exceto conforme entendemos as pessoas, Deus possui qualidades emocionais. O seu amor é a mais alta forma de amor, a mais pura, ao ponto de ser chamado de *amor*, conforme lemos no trecho de I João 4:8. Esse princípio de amor, que faz com que Deus tenha o destino perfeito do homem, a sua felicidade e a sua utilidade perfeita e cumprimento da existência, sempre perante os seus olhos, e que é a força central motivadora de todas as suas ações para com os homens, também é compartilhado pelo homem, para ser exercido em direção aos seus semelhantes. A passagem de I João 4:16 expressa essa idéia, como também o faz o Sermão do Monte (Mat. 5:7 e 22:38,39). Esse amor de Deus pelos homens deve ser recíproco — dos homens por Deus, e, em seguida, por todos os homens. O amor, por

conseguinte, é a força dinâmica de toda a criação, bem como a origem de toda autêntica bondade, porquanto a lei inteira se alicerça no amor, conforme também nos ensina o trecho de Mat. 22:40, declaração essa confirmada por Paulo, em Rom. 13:9. A grandeza do amor de Deus impeliu o apóstolo Paulo a escrever o seu soneto imortal, o qual lemos no décimo terceiro capítulo de sua primeira epístola aos Coríntios; e nenhuma literatura superior a essa, sobre a questão, foi jamais escrita. E ainda que esse apóstolo nada mais houvesse deixado escrito, isso bastaria para assegurar-lhe o lugar de um dos maiores autores do mundo.

III. O amor de Deus pelo Filho e na Família divina

O amor de Deus Pai por Deus Filho é mencionado e enfatizado em João 10:17, 14:31; 15:9, 17:23,24,26. Fica entendido que esse amor é mútuo. João 14:21 destaca o amor mútuo no seio da família de Deus. Este evangelho apresenta o amor como um autêntico requisito para que a obediência aceitável, além de ser um grande *motivo* para agirmos corretamente, diante de Deus.

IV. Deus é amor (I Jo. 4:8)

Implicações desta grande declaração:

Isso é o que ensinam as Escrituras. Essa é uma das grandes afirmativas das Escrituras, que quase todas as crianças de Escola Dominical conhecem. Certamente é uma das mais bem conhecidas declarações da primeira epístola de João. O amor, naturalmente, é um *atributo* de Deus; mas permeia a todas as coisas, de tal modo que é legítima a declaração que «Deus é amor». Por igual modo se diz que «Deus é luz» (I João 1:5) e «Deus é Espírito» (João 4:24). Com idêntica propriedade poder-se-ia dizer que «Deus é Justiça», «Deus é Bondade» e «Deus é Verdade», ficando assim personificados e elevados os seus atributos infinitos. Platão, ao descrever a realidade última, expressou-se desse modo. Assim sendo, as «idéias» finais (formas espirituais finais, copiadas e imitadas por tudo quanto existe no plano terrestre) seriam a «Bondade», a «Beleza» e a «Justiça». Em última análise, Deus é essas coisas; no nível terrestre, vê-se apenas imitações das «idéias divinas», as quais representam a realidade espiritual final. As Escrituras Sagradas, entretanto, preferem dizer que «Deus é Amor», porquanto todas as demais qualidades são atributos baseados sobre o amor divino. Portanto, a «bondade» de Deus se baseia sobre o seu amor; ele expressa bondade porque ama. E a sua justiça, embora se mostre severa em certas ocasiões, se baseia no amor; pois até mesmo os juízos de Deus são medidas pelas quais ele mostra ao homem o erro de seus distorcidos caminhos, levando-o a pagar dívidas necessárias, levando-o a reconhecer a verdade e a justiça. Além disso, o amor de Deus se expressa através da «beleza». O plano de Deus, relativo à redenção humana, reveste-se de beleza esplendorosa. É a beleza do evangelho que atrai a ele mesmo tantas pessoas, e não a sua lógica, as suas ameaças e as suas promessas.

Deus, como amor, é contrastado com outras noções religiosas, conforme se vê nos pontos abaixo:

1. Os antigos gregos imaginavam deuses tão *imperfeitos* como eles mesmos, e em doses sobre-humanas. Seus deuses eram supremamente invejosos, desprezíveis, destruidores, vingativos e odiosos. Estavam envolvidos em todas as formas de «concupiscências», mas em doses sobre-humanas. Quão impuro e destruidor era Zeus, com sua resmungadora esposa Hera, que sempre procurava levá-lo a fazer algo que ele não queria fazer! Quão *licencioso* era Zeus, embora ninguém pudesse chamá-lo à ordem! Em contraste com esse horrendo quadro de Zeus destaca-se o Deus do N.T. - caracterizado pela pureza, pelo amor, pela bondade, pela justiça.

2. Além disso, Aristóteles fazia de Deus um Impulsionador Inabalável. Para ele a deidade seria pensamento puro, a contemplar-se a si mesmo, porque nada haveria digno de contemplação fora dele. Ele não tinha amor pelo universo, e, na realidade, nem tinha consciência dele, porquanto nem merecia ser conhecido por ele—não amaria ao seu universo, mas moveria todas as coisas, sendo amado. O N.T., entretanto, nega tais conceitos. Antes, ali se ensina que Deus contempla seu universo e é levado a amá-lo; seu amor ativo faz o mundo prosseguir.

3. Os gnósticos pensavam que Deus seria um ser totalmente *transcendental*. Ele tinha contato com seus universos somente através de uma longa linhagem de sombrias emanações angelicais ou mediadores, como eram os «aeons». Deus seria elevado por demais para ter qualquer contato direto com este mundo, ou mesmo para ao menos interessar-se pela sua criação. O «deísmo» deles fazia de Deus um ser intocável, inatingível para qualquer ser mortal.

4. Pontos de vista religiosos modernos, que exageram a vontade divina ou seu senso de vingança, às expensas de seu amor, também contradizem o quadro que o N.T. faz dele. Aqueles que crêem em «reprovação ativa» e em amor limitado; Deus amaria não ao mundo, mas exclusivamente aos «eleitos», na realidade não acreditam que Deus seja amor. Aqueles que vêem apenas retribuição e vingança no julgamento divino, ignorando passagens como o primeiro capítulo da epístola aos Efésios e as passagens de I Ped. 3:18-20 e 4:6, ou então pervertendo-as, na realidade não podem dizer que «Deus é amor». Até mesmo o juízo de Deus é uma medida de seu amor, porque o juízo opera através do amor. Primeiramente mostra ao homem o quanto «custa» o erro de seu caminho; em seguida, mostra ao homem o próprio erro; e em seguida modifica a mente do homem acerca de Cristo, de tal modo que até aqueles «debaixo da terra» (ver Fil. 2:10, que fala sobre o «hades», lugar da prisão e do juízo de almas perdidas) eventualmente virão a inclinar-se diante de «Jesus» (Salvador) e Cristo, que é o Senhor. Deus dá a todos uma vida espiritual (ver I Ped. 4:6), embora não seja o mesmo tipo de vida dos eleitos. Chegam a ter utilidade e propósito em Cristo, porquanto o mistério da vontade de Deus é que, eventualmente, o Cristo seja «tudo para todos», conforme se aprende em Efé. 1:23. Os demais não chegarão a compartilhar da própria natureza de Deus (ver II Ped. 1:4), conforme sucederá aos eleitos, mas acharão em Cristo o propósito e alvo da existência; e o próprio julgamento será um meio para ensinar-lhes essa lição. Assim, pois, o «juízo» serve de aquilatação do amor de Deus, e não algo contrário ao mesmo. O julgamento é um dedo na mão do amor de Deus. Ver o artigo sobre *Julgamento*. Ver o artigo sobre os *atributos* de Deus.

V. O Amor é a Prova da Espiritualidade

1. Sabemos que o amor é a maior de todas as virtudes cristãs, mais importante que a fé ou a esperança (ver I Cor. 13:12).

2. Sabemos que o amor é o solo mesmo onde brotam e se desenvolvem todas as demais virtudes espirituais (ver Gál. 5:22,23).

3. Porém, o que talvez nos surpreenda é que não terá havido o novo nascimento, sob hipótese alguma, sem que o amor haja sido implantado na alma. A

alma egoísta não pode ser uma alma regenerada. I João 4:7 declara — ousadamente — que o amor é produto do próprio novo nascimento. Deus é amor, e o amor vem da parte de Deus. Aquele que nasceu de Deus recebeu o implante da natureza altruísta. Tal indivíduo automaticamente amará a seu próximo, embora isso sempre deva ser fortalecido e incrementado, conforme a alma se vai tornando mais espiritual.

4. Portanto, afirmamos que o amor é a prova mesma da espiritualidade de uma pessoa. Trata-se da maior das virtudes espirituais, o solo onde todas as outras virtudes têm de medrar. Assim sendo, realmente é de estranhar que alguns pensem que o conflito e o ódio sejam a prova de sua espiritualidade!

5. Fomos aceitos no «Amado» (ver Efé. 1:6), e assim, no seio da família divina, existe uma comunhão de amor. Essa participação no espírito de amor deve necessariamente caracterizar qualquer verdadeiro filho de Deus. Aquele que odeia pertence ao diabo.

6. *Nossa espiritualidade imita Deus, o Pai.* Deus é amor. Ele é a origem de todo o pensamento e ação altruísta. Os filhos de Deus serão inspirados tanto por seu exemplo como através do cultivo do amor na alma, uma realização do Espírito.

7. A prática da lei do amor é um dos meios de desenvolvimento espiritual. De cada vez que fazemos o bem para alguma outra pessoa, impelidos por motivos puros, o nível da nossa espiritualidade se eleva. Outros meios de crescimento espiritual são o estudo dos livros sagrados, a oração, a meditação, a santificação e o emprego dos dons espirituais, que nos ajudam a cumprir nossas respectivas missões.

VI. O Amor é a Cultivação, o Fruto do Espírito Santo

1. Gál. 5:22, o amor é o primeiro fruto do Espírito na alma e na vida de uma pessoa, e torna-se o solo no qual todos os demais frutos crescem.

2. Como o produto supremo do Espírito, o amor torna-se a força por detrás de todos os *dons espirituais*, sendo maior que qualquer um deles, isoladamente ou em conjunto (ver I Cor. 13). Sem o amor nada somos.

3. Deus nos confere o seu amor, pela operação do Espírito na alma. O amor é uma planta tenra da qual o Espírito cuida. Se o amor estiver ausente, então é que o Espírito não habita em nós.

VII. O Amor como Altruísmo, cumprimento da Lei

1. Capacidade de olvidar-se de si mesmo no serviço ao próximo. Isso é amar a Cristo, Mat. 25:31 e ss.

2. O amor não consiste em mera emoção. É uma qualidade da alma, mediante a qual o indivíduo sente ser natural servir ao próximo, tal como sempre quererá servir a si mesmo. Essa qualidade da alma é produzida pela influência transformadora do Espírito, segundo se vê em Gál. 5:22.

3. — O amor consiste no interesse por nossos semelhantes como aquele que temos naturalmente por nós mesmos. Trata-se de um altruísmo puro, a negação do próprio «eu» visando o bem-estar alheio. Consiste em desejar as vantagens e a prosperidade, física e espiritual, em favor dos outros, como naturalmente anelamos para nós mesmos. Esse amor ao próximo é, ao mesmo tempo, amor a Cristo, conforme aprendemos no vigésimo quinto capítulo do evangelho de Mateus (ver Mat. 25:31 e ss). Poucas almas podem amar diretamente a Deus, e somente quando a alma já ascendeu o suficiente na direção de Deus é que esse amor pode ocorrer, na forma de contemplação. Porém, parte dessa ascensão consiste no amor por aqueles para quem Deus outorgou a vida eterna. Assim sendo, é impossível amar a Deus e odiar a um ser humano. (Ver I João 4:7). Só ama verdadeiramente aquele que nasceu de Deus, porquanto o «amor cristão» é uma qualidade eminentemente espiritual. (Ver I João 4:7). Outrossim, aquele que não ama também não conhece a Deus (ver I João 4:8), porque Deus é a própria essência do amor, sendo altruísmo puro. Por semelhante modo, não amar é andar nas trevas (ver I João 2:11). O amor é o caminho mais rápido de retorno ao Senhor Deus, porquanto é a virtude moral suprema que precisamos possuir a fim de compartilhar de sua imagem moral, permitindo que todas as demais virtudes possam ser bem mais facilmente adquiridas. Somente quando já somos possuidores da natureza moral divina é que podemos possuir a natureza metafísica, que está destinada aos remidos, a saber, a própria natureza de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Somente então é que nos tornamos verdadeiros filhos de Deus, juntamente com o Filho de Deus, dentro da família divina, participantes da natureza divina. (Ver II Ped. 1:4).

«...segundo J.R. Seeley expressou o conceito, Cristo adicionou um novo hemisfério ao mundo moral». (*Ecce Homo*, págs. 201 e 202. Ver o capítulo inteiro sobre a 'Moralidade Positiva'). Paralelamente à moralidade negativa, e acima dela, ele estabeleceu a moralidade positiva. Alguém poderia guardar com perfeição os Dez Mandamentos e, no entanto, estar longe de praticar o verdadeiro cristianismo. Para nós não existem dez mandamentos, e, sim onze. O décimo primeiro consiste em: *Amarás*. Nessa pequena palavra, *amor*, no dizer de Cristo, está sumariado o dever inteiro de um homem. Em tudo isso Cristo manifesta muito mais originalidade do que percebemos. Assim também é que T.R. Glover, na obra 'Influence of Christ in the Ancient World', um excelente estudo acerca do cristianismo e dos seus rivais mais próximos, declara: 'As filosofias epicúrea e estóica haviam posto grande ênfase na 'imperturbabilidade' e 'liberdade' de toda emoção, o que, em cada caso, é essencialmente um cânon muito egoísta da vida'. Esse autor admite que no caso do estoicismo isso era sempre modificado pela memória do descanso do cosmos. Todavia, *Liberdade das emoções*? A palavra grega era e continua sendo, nesse caso *apatia*. 'Não me ponho ao lado', disse o gentil Plutarco, 'daqueles que entoam hinos à selvagem e dura apatia'». (Cambridge, University of Cambridge Press, 1929, págs. 76 e 77). Não era esse o ideal de Cristo. Tal como o seu Mestre, o crente deve expor-se a 'sentir o que os miseráveis sentem'.

Para sermos justos para com os antigos, deveríamos acrescentar neste ponto que, tanto na moral de Sócrates, em sua busca pelas definições universais acerca da questões éticas, fundamentadas em sua confiança de que todo o princípio ético é eterno e imutável, contido na mente universal, como também na moral de Platão, em seus universais e em suas «realidades últimas», que seriam eternos, perfeitos e imutáveis, que também incluem princípios éticos e que, em seu diálogo sobre as «Leis», são identificados com «Deus», há uma aproximação bem delicada do ideal do amor cristão.

Tennyson escreveu:

Se por acaso amo a algum outro

.....

Não devo ter cuidado com tudo quanto penso,

Sim, até mesmo daquilo que como e bebo,

.....

Se por acaso amo a algum outro?

Nessas linhas transparece a percepção do poeta de que *nenhum indivíduo vive isolado* dos outros, somente para si mesmo, porquanto nenhuma pessoa é uma ilha.

«Amor é uma disposição de caráter que leva a pessoa a considerar seus semelhantes *com estima*, respeito, justiça e *compaixão*. Amor cristão é, obviamente, esse sentimento inspirado e exemplificado por Cristo, e praticado pelos seus servos, em seu nome. O amor permeia e rege todo o evangelho. Foi por amor que Deus enviou Jesus ao mundo (João 3:16): o amor é o resumo da lei de Deus (Mat. 22:34-40). O amor é a finalidade dos mandamentos (I Tim. 1:5). O amor se constitui num mandamento específico de Jesus para com seus discípulos, Jo. 15:12. O amor é uma das evidências da regeneração. O amor é, em resumo, a essência do cristianismo. Por isso mesmo é necessário que cada servo de Jesus faça uma reavaliação de seu procedimento, para que verifique o quanto tem obedecido ao Senhor no tocante à prática do amor em sua vida». (Delcyr de Souza Lima, *Pontos Salientes*, 1970, Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, GB).

A mensagem de I João é: *O amor é a prova da espiritualidade.*

Não há nunca amor perfeito
Sem tortura e sem cuidado.
Amar é ter Deus no peito,
Outra vez crucificado.
(Augusto Gil, Porto, Portugal, 1873-1929).

«Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém, o maior destes é o amor». (I Cor. 13:13).

VIII. Citações que ilustram a nobreza do Amor

O Matrimônio de Mentes Verazes

Que ao matrimônio de mentes verazes
Não admitia eu empecilhos. Amor não é amor
Se se altera quando encontra alterações,
Ou se se inclina para remover o removedor.
Oh, não! Mas é um alvo sempre fixo,
Que encara tempestades e nunca se abala:
É a estrela de toda barca ao léu,
Cujo valor desconhece, embora sua altura seja tomada.
O amor não é escravo do tempo, embora lábios e faces rosadas
Apareçam dentro da encurvada foice;
O amor não se altera com as horas e as semanas,
Mas resiste até mesmo à beira da condenação:
Se isso labora em erro, e for provado contra mim,
Nunca escrevi, e nenhum homem jamais ensinou.
(William Shakespeare, 1565 — 1616).

O amor altera e enobrece as coisas:
Deus seja louvado, a pior de suas criaturas
Jacta de dois lados na alma, uma para enfrentar o mundo,
E outra para mostrar a uma mulher, quando a ama.
(Robert Browning)

Ai! o amor das mulheres! sabe-se
Que é coisa amável e temível.
(Lord Byron)

«Os estóicos definem o amor como a tentativa de formar uma amizade inspirada pela beleza». (Cícero, *Turculanae Disputationes*).

«Todos nós nascemos para amar...Esse é o princípio da existência e sua única finalidade». (Benjamim Disraeli, *Sybil*).

O amor concede em um momento
O que o trabalho não poderia obter em uma era.
(Goethe, «Torquato Tasso»).

«Se queres ser amado, ama». (Hecato, *fragmentos*, 550 A.C.).

O amor é a prova da *espiritualidade*:

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor é de Deus; e todo o que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. (I Jo. 4:7)

Deus é amor. (I Jo. 4:8)

«O amor é o símbolo da eternidade. Apaga todo o senso de tempo, destruindo toda a memória de um começo e todo o temor de um fim». (Madame de Stael, *Corinne*).

Amor é felicidade trêmula.

.....

O amor apaixonado é uma sede insaciável.

.....

O amor, como a morte, muda tudo.

«O químico que pode extrair de seu próprio coração os elementos de compaixão, de respeito, de anelo, de paciência, de lamento, de surpresa e de perdão, compondo-os em um só, pode criar aquele átomo que se chama Amor».
(*The Spiritual Sayings of Kahlil Gibran*)

«Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos» (João 15:13).

«No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo» (I João 4:18).

«...aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus» (Rute 1:16).

«As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo...» (Can. 8:7). (B IB NTI RO S UN Z)

AMOREIRA

No grego, **sukáminos**, palavra que pode ser traduzida por «amoreira», e, segundo alguns estudiosos, até mesmo «figueira». Tal palavra aparece somente em Luc. 17:6, nas palavras de Jesus: «Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira...» A amoreira é a *Morus nigra*, que é natural da Palestina e da Grécia, havendo também a *Morus alba*, que é uma variante. Mas a primeira é cultivada por seu fruto, ao passo que a segunda é cultivada por causa de suas folhas, que são o principal alimento do bicho-da-seda. A amoreira pode crescer até cerca de onze metros de altura, com densa folhagem, produzindo uma sombra bastante densa. A *Morus nigra* existe na Palestina desde os tempos mais remotos, mas a *Morus alba* só foi introduzida na Palestina há cem anos. A árvore à qual nosso Senhor se referiu, portanto, sem dúvida alguma era a primeira. (Ver *Sicômoro*).

AMOREIRAS

A palavra hebraica aparece em quatro trechos: II Sam. 5:23,24 e I Crô. 14:14,15. Provavelmente está em vista a *Populus euphratica*, uma espécie vegetal abundante no vale do Jordão, e que também pode ser

a mesma espécie chamada «salgueiro», em Sal. 137:2, em cujas árvores os judeus dependuravam suas harpas, na tristeza decorrente do cativeiro. A árvore pertence à mesma família do algodoeiro. Os bichos-da-seda alimentam-se das folhas de uma espécie de amoreira, a *Morus alba*. E a *Morus nigra*, uma amora preta, produz um fruto comestível. É possível que a amoreira, mencionada por Jesus em Lucas 17:6, seja a amora branca. No hebraico, a palavra *baka* significa «choro», indicando gotas que destilavam, o que leva alguns estudiosos a pensar que não está em foco a moderna amoreira, embora a referência em Lucas seja à amoreira genuína. No livro apócrifo de I Macabeus 6:24 há uma referência a essa árvore. (UN Z)

AMORREUS

1. *Nome*. No acadiano, **amurru**. Traduzia o sumério *mar-tu*, que parece significar «ocidental». Mas, se isso corresponde à realidade, por que esse povo chamava a si mesmo desse modo? Alguns têm sugerido «habitantes dos cumes», que parece mais provável como um nome, embora conte com menos apoio do que a primeira possibilidade. A conclusão é que a origem e o significado desse nome permanece na dúvida.

2. *Lugar*. Os amorreus ocupavam um território bastante pequeno, começando da metade do mar Morto para o norte, para o leste do mar Morto, passando por cima do mesmo, ao longo da margem oriental do rio Jordão. Mas, quando os israelitas entraram na Terra Prometida, os amorreus aparentemente ocupavam ambas as margens do Jordão, acima do mar Morto.

3. *O povo*. Eles eram cananeus, e aparentemente a mais poderosa das tribos cananéias. O trecho de Gên. 14:7 é a primeira referência bíblica a eles, localizando-os no deserto da Judéia, não longe do mar Morto, em um local posteriormente denominado En-Gedi. Seu território posterior, porém, estendia-se até o outro lado do mar Morto. Nas promessas feitas a Abraão (ver Gên. 15:16,21), os amorreus foram especificamente mencionados como um dos povos cujo território seria dado à posteridade de Abraão. Quando Israel ocupou a terra, os territórios a leste do mar Morto, que antes eram dos amorreus, ficaram com as tribos de Rúben, Gade e a meia-tribo de Manassés.

Referências extrabíblicas. Os amorreus eram tão proeminentes entre os cananeus que o nome deles podia ser usado para indicar todos os cananeus (ver Jos. 24:8). Nas cartas de Tel-el-Amarna o nome *Amurri* inclui a Palestina-Fenícia. Os registros mostram que Sargão o Grande, de Acade, enviou pelo menos duas expedições à terra de *Amurru*, e esse vocábulo envolvia o que agora faz parte da Síria. Outras evidências mostram que porções da Mesopotâmia também eram chamadas por esse nome, e o próprio rei Hamurabi da Babilônia (cerca de 1792-1750 A.C.) foi chamado de amorreu. No quinto ano de Ibbi-Sin de Ur (2025 A.C.), os amorreus penetraram profundamente na Suméria, isolando Nipur e Isin, no norte da capital de Ur, que ficava no sul. O poder deles propagou-se por toda aquela região, com a deteriorização do poder de Ur. Em cerca de 1895 A.C., um chefe amorreu de nome Sumabum, começou a reinar sobre a Babilônia. Em cerca de 1814 A.C., um amorreu chamado Shamshi-Adad começou a reinar na Assíria. Veio assim a controlar um reino que se ampliava desde o leste do rio Tigre até bem dentro da Síria, no oeste. Seu filho, Iasmaque-Adade, governou a cidade de Mari por dezessete anos (1796-1780 A.C.), o que foi a idade áurea dos amorreus. Pode-se ver através desses detalhes que os amorreus da Bíblia representavam apenas uma parcela pequena do que fora antes um vasto império.

4. *As conquistas israelitas*. No tempo da invasão israelita da Palestina, os reis amorreus Seom, de Hesbom, e Ogue, rei de Basã, governavam a maior parte da Transjordânia (ver Jos. 12:1-6; Juí. 1:36). A conquista desses dois reinos foi o primeiro estágio da possessão da Terra Prometida. Gade, Rúben e a meia-tribo de Manassés ocuparam a terra deles, que mais tarde foi uma das doze regiões que davam sustento à corte de Salomão (ver I Reis 7:7). Os habitantes de Ai eram chamados amorreus, e houve tempo em que Jerusalém, Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglon eram fortalezas dos amorreus que Israel foi forçado a vencer (ver Jos. 10:1-27).

5. *A absorção*. Os amorreus foram reduzidos à servidão e foram sendo gradualmente absorvidos (ver I Reis 9:20). Deixaram de existir como uma nação, mas a sua memória permaneceu na idolatria, a qual era comparada à de Acabe e Manassés que adotaram costumes pagãos (ver I Reis 21:26 e II Reis 21:11).

6. *Idioma*. A maior parte do nosso conhecimento da língua dos amorreus deriva-se dos tabletes de Mari, que chegam a milhares. Mari (Tell Hariri) era uma das capitais dos amorreus. Esses tabletes estão atualmente no Museu de Louvre, em Paris. Escavações começaram nesse antigo local dos amorreus em 1933. Os tabletes, cerca de vinte em número, dão todos os tipos de informação sobre aqueles antigos povos e também iluminam aspectos da vida patriarcal da Palestina. Esses tabletes mostram que a língua dos amorreus pertencia ao ramo ocidental da família semítica de idiomas, aparentada do ugarítico, do cananeu, do hebraico e do árabe. A língua dos amorreus era a mãe da língua aramaica. O Antigo Testamento contém algumas palavras diretamente tomadas por empréstimo da língua que aparece nos textos de Mari.

7. *O deus Amurru*. No século XVIII A.C., Degã era a principal divindade dos amorreus, e o deus Tesube prevalecia no reino de Amurru, da época de Amarna (1400-1200 A.C.). O nome *Amurru* (no sumério, *Mar-tu*) também tem sido encontrado na Assíria e na Babilônia. Amurru-Martu era o filho do deus-firmamento An. Amurru era um típico deus das tempestades, violento, destruidor de cidades, provocador de confusão, uma espécie de Zeus secundário. Naturalmente, a idolatria fazia parte desse culto, não havendo apenas uma divindade. Baal e Astarte eram outros bem conhecidos deuses dos amorreus (ver Jos. 24:15 e Juí. 6:10). Tais divindades exerceram uma influência corruptora sobre os israelitas. (AM CL ND OP UN Z)

AMÓS

Ver sobre *Autoria*, item três do artigo sobre o livro *Amós*.

AMÓS

No hebraico, **forte**. Era o pai do profeta Isaías e irmão de Amazias, rei de Judá (ver II Reis 19:2; 20:1,2; II Crô. 26:22; 27:20,32; Isa. 1:1; 2:1; 13:1; 20:2 e 37:2). Todavia, alguns dos primeiros escritores cristãos confundiram-no com o profeta Amós, como Clemente de Alexandria (*Strom*. 1:21; sec. 111). (S)

••• ••• •••

AMÓS, LIVRO DE

Esboço:
1. Pano de fundo
2. Data
3. Autoria e unidade
4. Lugar de origem e destino
5. Canonicidade e texto
6. Mensagem e conteúdo
7. Amós e o Novo Testamento

Introdução. Amós foi um dos doze profetas menores, sendo nativo de Tecoa, cidade a dez quilômetros ao sul de Belém. Era pastor, mas foi chamado por Deus a fim de profetizar nos dias dos reis Uzias, de Judá, e Jeroboão, de Israel, em cerca de 786-746 A.C. Os *profetas menores* não são aqueles que se revestem de menor importância, como alguns poderiam entender a expressão, e, sim, aqueles que *escreveram menos*. Sua vida tranqüila foi perturbada por uma séria de visões que o levaram à conclusão hesitante de que Israel estava prestes a ser aniquilada como nação, a despeito de afirmar-se sob a perpétua proteção de Deus. Yahweh, que lhe deu a mensagem, é visto como o criador e soberano de toda a natureza, bem como o justo juiz da história, o qual intervém na vida humana. Isso expõe um ponto de vista *teísta*, e não *deísta* de Deus. Ver os artigos sobre esses termos. O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também está interessado e faz intervenções em Sua criação, recompensando ou punindo. Por sua vez, o deísmo ensina que o criador, ou alguma força cósmica que deu origem às coisas, abandonou a sua criação, deixando-a sob o controle das leis naturais.

1. Pano de fundo

Uzias, de Judá, e Jeroboão II, de Israel (ambos reinaram no mesmo período), desfrutaram de paz e prosperidade. Os inimigos militares estavam quietos ou haviam sido esmagados. A Assíria havia derrotado a Síria, permitindo que Jeroboão II ampliasse as suas fronteiras (ver II Reis 14:25). O comércio trouxe novo surto de riquezas. Tanto Judá (ao sul) quanto Israel (ao norte) cresceram, e o reino de Israel combinado com o de Judá chegou a ter quase as mesmas dimensões que tivera na época de Davi e Salomão, a era áurea de Israel. Embora a Assíria estivesse se tornando uma ameaça militar, sob o governo de Tiglate-Pileser III (745-727 A.C.), qualquer ameaça vinda daquela direção parecia remota àqueles que descansavam na prosperidade de Israel.

Sucedeu que a prosperidade material, como é usual, provocou suas corrupções sociais e religiosas. A vida fácil estava debilitando moralmente o povo (ver Amós 2:6-8; 5:11,12). Amós sentiu ser necessário denunciar a vida de luxo, a idolatria e a depravação moral do povo, advertindo sobre julgamento e cativeiro final. A adoração do Baal dos cananeus foi incorporada no culto de Israel, e a arqueologia tem demonstrado que a religião cananéia contemporânea do profeta era a religião mais corrupta que havia no Oriente Próximo. A prostituição ritual fazia parte desse culto. Alcoolismo, violência, grosseira sensualidade e idolatria eram fatores constantes. Israel participava dessa corrupção (ver Amós 4:4,5 e 5:5), corrompendo totalmente o ideal do *monoteísmo* (ver o artigo a respeito). A degradação geral degenerou para a injustiça judicial, onde os ricos exploravam os pobres, produzindo um virtual estado escravocrata.

A arqueologia tem trazido a lume evidências da extensão da prosperidade do comércio nessa época, em Samaria, riquezas que se espalhavam para outras partes de Israel. As ostraca samaritanas, atribuídas ao reinado de Jeroboão II, alguns sessenta e três casos inscritos à tinta, recuperados em 1910, encontrados pela expedição Harvard à Samaria, em ruínas a oeste do local do palácio real, contêm detalhes sobre o comércio, sobre os impostos e sobre itens luxuosos, sobre o vinho e o azeite. O selo de jaspe de Sema, servo de Jeroboão, descoberto em Megido, em 1904, ilustra as realizações artísticas do povo daquela época. Seus leitos eram decorados com engastes de mármores, com representações de lírios, veados, leões, esfinges e figuras humanas aladas. Foi um período de vida ociosa, riqueza, arte e lassidão moral. Em outras palavras, Israel tornara-se uma nação doente, como sucede à maioria das sociedades abastadas. A opressão contra os pobres era intensa (ver Amós 2:6 ss), os famintos eram deixados famintos (ver Amós 6:3-6), a justiça se vendia a quem subornasse mais (ver Amós 2:6 e 8:6), os agiotas exploravam suas vítimas (ver Amós 5:11 ss ; 8:4-6). A religião não era negligenciada, mas havia sido pervertida (ver Amós 3:4; 4:4 e 7:9). O julgamento divino era iminente.

2. Data

Corria o segundo quartel do século VIII A.C., durante os reinados de Uzias, rei de Judá (779-740 A.C.) e Jeroboão, rei de Israel (Samaria) (783-743 A.C.). Esses dois reis reinaram ao mesmo tempo pelo espaço de trinta anos, de 779 a 743 A.C. Durante parte desse tempo, Amós profetizou e escreveu o seu livro. Foi-lhe ordenado que retornasse à sua terra nativa de Judá, após ter pregado em Israel durante algum tempo (ver Amós 7:10-13), e isso pôs fim à sua carreira como profeta de Yahweh. Não há como determinar a data exata da escrita de seu livro, embora o período geral seja óbvio.

3. Autoria e unidade

a. *O homem Amós*. Nasceu em Tecoa, aldeia a dez quilômetros ao sul de Belém. Era pastor, sem treinamento teológico, acerca de quem nada sabemos até o momento de sua chamada. Também trabalhava como cultivador de sicômoros (ver Amós 7:14). Migrava em certo período do ano para o território mais fértil de Efraim, onde trabalhava com os sicômoros. Portanto, era um *leigo* humilde e seminômade, e não um membro da classe profética (ver I Reis 22:6 ss), tendo-se recusado a ser chamado de profeta, embora admitindo ter sido forçado a entrar no ministério profético, por comissão divina. Em uma série de visões, provavelmente no fim da primavera ou no verão de 751 ou 750 A.C., (ver Amós 7:1-9 e 8:1-3) ele recebeu sua espantosa mensagem concernente à iminente destruição e deportação do povo de Israel. Foi acusado de conspiração contra Jeroboão e foi ameaçado por Amazias, sumo sacerdote de Betel. Após ter cumprido sua missão, Amós retornou a Judá. Permanecem desconhecidos o tempo e a maneira de sua morte, bem como quaisquer detalhes subseqüentes de sua vida.

b. *A escrita*. Como é óbvio, a mensagem de Amós foi genuinamente preservada no livro intitulado por seu nome. Mas o texto hebraico não indica que o próprio Amós tenha escrito o seu livro. Alguns supõem que as profecias de Amós existiam a princípio como tradição oral, posteriormente reduzida à forma escrita por uma pessoa ou mais. Contra isso, argumenta-se que a notável higidez do texto hebraico do livro, além de sua evidente unidade, sugere, se não mesmo prova que Amós ou um amanuense de sua escolha escreveu o livro. Naturalmente, não há como provar coisa alguma no tocante a isso. O evangelho de Marcos poderia ser intitulado evangelho de Pedro, visto que preserva, essencialmente, suas memórias

(embora, como é óbvio, tenha havido outras fontes informativas). Isso é verdade, apesar do fato de que o próprio Pedro não escreveu o evangelho de Marcos. Por igual modo, o livro de Amós pode com razão ser chamado «livro de Amós», porquanto preserva a mensagem desse profeta, mesmo que o livro não tenha sido produção literária de sua pena.

c. *Unidade*. O vocábulo *unidade* é usado para destacar que a matéria do livro em pauta vem de um mesmo período, por um único autor, ou se representa uma compilação e obra de um editor (ou editores, em diferentes períodos). Alguns problemas sugeridos: 1. Alguns estudiosos sugerem que as visões (ver Amós 7:1-9; 8:1-3 e 9:1-4) pertencem a um período anterior à missão de Amós a Israel, e que já existiam como um documento separado antes do terremoto (ver Amós 1:1), o que serviu para salientar a mensagem condenatória dessas visões. A isso, presumivelmente foi adicionado o trecho de Amós 8:4-14 algum tempo mais tarde. 2. Em seguida, os capítulos primeiro a sexto são encarados como uma unidade separada, coligida no final do ministério de Amós a Israel. Então, presumivelmente esses dois documentos foram unidos nos dias do exílio ou após o exílio. 3. A essa combinação, foram acrescentados alguns comentários editoriais. Dois documentos separados seriam sugeridos na terminologia de Amós 1:1, «Palavras que, em visão, vieram a Amós...» e em Amós 7:1: «Isto me fez ver o Senhor...», onde a palavra «visão» não é diretamente usada. 4. Outros estudiosos aceitam o livro como essencialmente uno, embora supondo que houve pequenas adições, sugerindo como tais os trechos de Amós 1:9,10,11,12 e 2:4,5, além das três doxologias, em 4:13; 5:8 e 9:5,6, e a passagem messiânico-milenial de 9:11-15. Outros retrucam que essas supostas adições são fragmentos de imaginações dos eruditos, que entendem mal a história do desenvolvimento da religião de Israel. Conceitos posteriores, segundo alguns, poderiam ter existido em uma época anterior à que geralmente se supõe. Contra a dupla divisão do livro, alguns argumentam que um exame cuidadoso do livro revela que não há diferença real entre essas duas porções, quanto ao conteúdo ou à natureza teológica, e que dividir o livro em «palavras» (primeira seção) e «visões» (segunda seção) é um artificialismo que não resiste à investigação séria. A conclusão disso tudo é que o livro é essencialmente uma unidade homogênea, com algumas possíveis adições editoriais, feitas ou pelo escriba original, ou por algum editor posterior. E contrariando o argumento de que houve adições teológicas pertencentes a uma data posterior (o que teria ocorrido em Amós 4:13; 5:8 e 9:5,6), alguns salientam que as supostas idéias posteriores, ali contidas, já se encontram firmemente arraigadas na lei mosaica. (Idéias envolvidas: Deus como criador, misterioso, desconhecido, majestático; o controlador de toda a natureza, misterioso em Sua atuação, imanente na natureza, causa de tudo quanto acontece. Esses conceitos são expressos em forma poética exaltada, mas todos os conceitos ali encontrados podem ser vistos nas mais antigas Escrituras Sagradas, pelo que não refletem necessariamente uma época posterior à de Amós).

4. Lugar de origem e destino

Conforme já dissemos, Amós era de Tecoa, a dezesseis quilômetros ao sul de Jerusalém, atualmente representada pelas ruínas de um local de cinco acres de área, em Khirbet Taqu'a. Foi para Samaria e profetizou em Betel, de onde foi expulso. Então voltou para sua casa. É impossível dizermos onde escreveu seu livro, ou se escreveu porções do mesmo em diversos lugares (ver Amós 1:1 e 7:12,14,15). Embora tivesse profetizado no reino do norte (Israel), suas profecias foram endereçadas a todo o povo israelita, do norte e do sul, de Israel e Judá (ver Amós 1:1 e 2:4), incluindo uma denúncia contra todas as nações que se recusam a adorar a Deus de maneira certa, mas que têm corrompido o seu caminho (ver Amós 1:3,6,9,11 e 2:1,4,6).

5. Canonicidade e texto

Amós aparece como o terceiro entre os doze profetas menores. Mas, cronologicamente, ele foi um dos primeiros profetas escritores. O livro é amplamente confirmado por autoridades judaicas e cristãs, como Filo, Josefo, o Talmude, e naturalmente, catálogos do cristianismo antigo, desde os primórdios cristãos. Nos dias de Jesus, os fariseus aceitavam os Salmos e os Profetas como livros canônicos, juntamente com o Pentateuco; mas os saduceus aceitavam somente o Pentateuco como canônico. Os judeus da dispersão aceitavam os escritos apócrifos, representados na Septuaginta, tradução da Bíblia hebraica para o grego. (Ver o artigo sobre os *livros apócrifos*). O Novo Testamento cita e faz alusão a esses livros, e podemos supor que os cristãos primitivos (pelo menos muitos deles) defendiam o cânon representado pela Septuaginta. Seja como for, Amós era livro canônico na situação cristão-judaica, com a única exceção dos saduceus. Ver o artigo sobre o *cânon*.

O texto hebraico do livro de Amós acha-se em boas condições, embora alguns eruditos vejam problemas nos trechos de 2:7; 3:13; 5:6,26; 7:2 e 8:1, onde sugerem textos variantes e emendas. A versão da Septuaginta, além de outras versões antigas, parece ter sido traduzida de um texto relacionado ao texto massorético (ver o artigo a respeito). Os fragmentos do livro de Amós, encontrado nas cavernas de Qumran não apresentam quaisquer diferenças importantes do texto tradicional, embora a Septuaginta algumas vezes exponha o texto correto, e não esse texto.

6. Mensagem e conteúdo

a. *O conceito de Deus*. Amós tinha um elevado conceito de Deus. Deus é o criador (4:13), além de ser o sustentador da criação (4:8; 9:6). Deus julga e castiga o pecado sob a forma de fome (ver 4:6-11), ou confere a abundância (9:13). Deus controla os destinos dos povos (1:5). Ele é o Juiz e o determinador das leis morais, considerando os homens responsáveis por seus atos (1:3-2:3).

b. *A lei moral*. Amós deixou claro que nenhuma formalidade, rito, cerimônia, festividade ou qualquer outro fator, pode substituir a moralidade e a piedade básicas. Se os homens não seguirem as implicações dessa verdade, terão de enfrentar o julgamento (ver 5:27). Deus ameaça os ímpios (9:1). Ele denuncia a injustiça social (ver 2:6-8; 4:1 ss e 6:1 ss).

c. *Arrependimento*. Esse é o objetivo colimado das profecias condenatórias (ver 5:4,11,15,24).

d. *O julgamento não é a palavra final*. O profeta encerra com uma promessa de dias mais brilhantes (ver 9:11-15), dizendo que essa será a obra divina no futuro. Ver Rom. 11:26. Contudo, a profecia de Amós foi rejeitada. E suas ameaças tiveram cumprimento, cerca de cinqüenta anos depois.

Esboço do conteúdo:

I. Juízos proferidos contra várias nações, Damasco, Filístia, Fenícia, Edom, Amom, Moabe (1:1 - 2:3), Israel (2:6-16) e Judá (2:4,5).

II. Acusação de Deus contra a família inteira de Jacó (3:1 - 9:10).

1. Três sermões de denúncia (3:1 - 6:15)
2. Cinco visões simbólicas (7:1 - 9:10)

III. A futura bênção do reino dada a Israel (9:11-15).

1. O reinado do Messias (9:11,12)
2. A prosperidade do milênio (9:13)
3. A nação judaica restaurada (9:14,15)

7. Amós e no Novo Testamento

Estêvão, em seu discurso diante do Sinédrio (ver Atos 7:42,43), citou o trecho de Amós 5:25-27. Tiago, falando diante do concílio de Jerusalém (ver Atos 15:16), citou o trecho de Amós 9:11. Essa circunstância demonstra, naturalmente, que Amós, um livro do V.T., era considerado autoritário, por judeus e cristãos do século I D.C. (AM CRI HAR I ND UN Z)

AMOSIS

Um monarca egípcio, fundador da XVII dinastia, que se tornou rei em cerca de 1585 A.C. O período de sua subida ao trono e a mudança que então teve lugar na família reinante, sugerem que ele foi o novo rei do Egito «que não conhecera a José» (Êxo. 1:8). Se ele fosse da distante província de Tebas, seria natural que os hebreus lhe fossem estranhos, e que ele os olhasse com desconfiança e desprezo. (S)

AMPLIATIVO

Vem do latim, **ampliare**, «ampliar». Os juízos ampliativos são os juízos *sintéticos*, isto é, aqueles cujos predicados não estão implícitos no sentido de seus termos, conforme se vê em uma declaração como: «As órbitas dos planetas são elipses». O termo órbita não requer a descrição «elipse», visto que as órbitas podem ter outras formas, como a circular. Portanto, elipse seria um juízo sintético, visto que acrescenta algo à idéia de órbita, descrevendo-a, conforme se vê em certos casos. O contrário do juízo ampliativo ou sintético é o juízo analítico (ver o artigo), onde o predicado é logicamente subentendido no sujeito. (EP F MM)

AMPLIATO

Um crente de Roma ou da Ásia Menor, a quem Paulo enviou saudações, em cerca de 60 D.C., chamando-o de «meu dileto amigo no Senhor» (Rom. 16:8). Era um nome comum na época, com o sentido de *honrado* ou *expandido*. Foi encontrado por duas vezes no cemitério de Domitila, em Roma. A mais antiga das duas inscrições data do século I A.C. Alguns eruditos acreditam que o décimo sexto capítulo de Romanos representa um acréscimo feito a essa epístola, sendo o fim de uma carta menor por si mesma, recomendando Febe aos crentes da Ásia Menor, e não de Roma. As evidências em prol dessa conjectura são abordadas na introdução ao décimo sexto capítulo de Romanos, no NTI. Se tal conjectura tem razão, então o homem aqui em foco era crente da Ásia Menor e não de Roma, provavelmente um dos convertidos de Paulo em suas primeiras viagens missionárias. (A NTI)

AMULETO

Provavelmente vem do vocábulo árabe que significa *pendente*, ou *levar* (ver Isa. 3:20). Desde os dias mais remotos, os orientais criam na influência das estrelas, na bruxaria, nos encantamentos, nos poderes sobrenaturais que se ocultam em certos lugares e que podem ser influenciados para ajudar ou prejudicar outras pessoas, curar enfermidades e proteger do mal. Em relação a tais coisas, quase todos os povos antigos usavam *amuletos* (ver Plínio, *hist. Nat.* xxx.15). Com freqüência eram inscritos com sentenças sagradas, orações ou encantamentos, com o propósito de curar enfermidades, proteger contra qualquer dano, físico ou espiritual, etc., conforme sugerimos acima. O trecho de Isaías 3:20, em uma lista de jóias e enfeites condenados, inclui a palavra, usando o termo que literalmente significa *sussurro, encantamento*, e também o silvo de uma serpente, enfim, tudo o que sugere a prática dos encantadores de serpentes. Comparar com Sal. 58:5; Ecl. 10:11 e Jer. 8:17.

Os amuletos tinham muitos formatos e eram feitos dos mais diferentes materiais. A arqueologia tem desenterrado inúmeras espécimes. Eram jóias lapidadas, talhadas e inscritas com fórmulas mágicas; pedras, discos lunares associados à adoração de Astarte ou Istar; conchas furadas, origem dos camafeus; pérolas, dentes, brincos, anéis, etc. Embora a prática fosse condenada, os hebreus não resistiam e usavam amuletos. A multidão reunida diante do Sinai tinha jóias e pendentes suficientes para prover a Aarão o material suficiente para fabricar o bezerro de ouro. Judas Macabeu ficou horrorizado quando encontrou amuletos sob as túnicas dos soldados mortos em batalha, os quais evidentemente não cumpriram o seu papel (ver II Macabeus 12:40). É possível que as filactérias, pequenas caixas contendo citações extraídas da lei (especialmente trechos de Êxo. 13:1-16 e Deu. 6:4-9; 11:18), usadas no antebraço ou na testa, fossem usadas como amuletos, para todos os intuitos e propósitos. A palavra filactéria (no grego, *fulakterion*) (ver Mat. 23:5) significa «salvaguarda», e a conexão com a filosofia dos amuletos é óbvia. Os tufos de tecidos, com cordões vermelhos, que eram usados nos quatro cantos das vestes (ver Núm. 15:37-41 e Mat. 23:5), bem como as sinetas que decoravam as vestes do sumo sacerdote, provavelmente tinham o intuito de funcionar como amuletos.

Muitos crentes do primeiro século cristão usavam amuletos assinalados com a figura de um peixe, um símbolo de Cristo e do cristianismo; ou então um pentângulo, que consistia de três triângulos em intersecção, com as linhas arranjadas de tal modo que apontavam para os lugares onde o Salvador fora ferido. Mais tarde, fitas com sentenças extraídas das Escrituras eram penduradas no pescoço. O concílio de Trulo ordenou que os fabricantes de amuletos fossem excomungados, o que foi uma medida contra tais superstições.

Agostinho falou severamente contra os brincos, usados como amuletos, em seus dias (ver *Epist.* 75, *ad Pos.*). A prática persistiu até os tempos modernos. O reformador Calvino escarneceu dos alegados fragmentos da cruz e de inúmeros cravos que supostamente foram tirados da cruz de Cristo, considerando as relíquias dos santos e mártires, embora não fossem amuletos propriamente ditos, como artigos de superstição. (AM S UN Z)

ANA

No hebraico, **graça**. Nome de várias pessoas na Bíblia.

1. A esposa de Tobias (ver Tobias 1:9).

2. Uma idosa viúva, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Ela casara-se cedo, mas, após sete anos de casamento, seu marido falecera. Seguiu-se uma longa

viuvez, na qual ela demonstrou grande piedade, servindo no templo de manhã e à tarde. Embora a sua tribo tivesse sido levada pelo cativeiro assírio, e nunca houvesse retornado oficialmente, genealogias foram preservadas e devolvidas à Terra Prometida, de tal modo que se conhecia a linhagem a que pertencia aquela mulher. Ou Ana tinha 84 anos de idade quando o infante Jesus foi levado ao templo, ou o grego pode querer dizer que ela já vivia como viúva fazia 84 anos. Se esta alternativa é a verdadeira, então ela deveria ter bem mais de cem anos quando viu Jesus. Se ela se casou com 15 anos (comum em Israel), esteve casada por sete anos, — e agora era viúva há 84 anos, isso lhe daria 106 anos de idade, por ocasião da visita do infante Jesus ao templo. Jesus foi trazido ao templo por Sua mãe. Tomando Jesus nos braços, Simeão, impulsionado pelo Espírito de Deus, proferiu sua ação de graças. Então Ana irrompeu em louvores (ver Luc. 2:36-38). O Messias foi reconhecido.

3. Nome da mãe de Maria e avó materna de Jesus, de acordo com o apócrifo *Protevangelium de Tiago*. (Ver o artigo a respeito). As lendas relatam que durante muitos anos Ana foi estéril, mas que ela e seu marido, Joaquim, receberam a promessa de que a situação se reverteria, em resposta às suas orações. Isso sucedeu quando Maria nasceu, tendo sido dedicada ao Senhor por toda a sua vida. Aos três anos de idade, Maria foi levada ao templo por Ana, e ali permaneceu, alimentada pelos anjos, até à idade de 12 anos. Ornatos posteriores fazem Ana tornar-se mãe de duas outras meninas, ambas também chamadas Maria, que se tornaram esposas de Alfeu e Zebedeu.

4. Uma forma variante de Hana (ver I Sam. 1:2). Ana é a forma que aparece ali, em nossa versão portuguesa.

Ver o artigo que segue.

ANA

No hebraico significa **graça, favor.** Era esposa de Elcana, um levita de Efrata, e mãe de Samuel. (Ver I Sam. 1 e 2).

1. *Como esposa sem filhos*. Visto que Ana não tinha filhos, Penina (a outra esposa de Elcana) tornou-se arrogante e insultuosa, multiplicando o opróbrio de Ana entre as mulheres, pois uma esposa sem filhos era considerada uma desgraça em Israel. O fato de que ela era a esposa favorita de Elcana não a ajudava muito, e o favoritismo provavelmente só servia para agravar a atitude de Penina.

2. *Oração para resolver o problema*. Ana orou durante um ano inteiro a respeito da questão, prometendo ao Senhor que se lhe fosse dada uma criança, esta seria dedicada a Deus. A família vivia perto de Ramataim-Zofim, e como era requerido pela lei, eles faziam uma viagem anual a Siló, lugar onde estava o altar de Yahweh. As mulheres não tinham obrigação de fazer-se presentes, mas muitas delas o faziam, por motivo de piedade. Ana também fazia as viagens, embora evitasse as cerimônias. De certa feita, ela foi e ali fez o seu voto. Ela orava em voz baixa (aparentemente os votos eram feitos em voz alta), e o sacerdote Eli pensou que ela estivesse embriagada. Porém, ela explicou o que estava fazendo. Algo lhe segredava que Deus ouvira a sua oração, porque ela retornou de coração alegre.

3. *Nascimento de Samuel*. Antes do fim daquele ano, Ana tornou-se mãe de um menino, destinado a ser o profeta Samuel. Desde seu nascimento, ele foi posto sob os votos do nazireado, aos quais sua mãe o dedicou, cumprindo a sua parte na promessa feita. Isso sucedeu em cerca de 1171 A.C.

4. *Outra viagem a Siló*. Ana não retornou ali enquanto Samuel não atingiu idade suficiente para seguir sozinho na sua vida. Ele foi entregue ao sumo sacerdote, e seu aprendizado teve início. Ela lembrou ao sacerdote de que estava cumprindo o seu voto (ver I Sam. 1:27). Seu regozijo posteriormente produziu um alegre cântico, que tornou-se um notável espécime de antiga poesia lírica (ver I Sam. 3:1-10). Esse cântico foi repetido, em suas formas essenciais, pela virgem Maria, em ocasião similar (ver Luc. 1:46 ss.).

5. *O poder de Deus*. Basta que alguém faça o inesperado para que esse acontecimento inesperado resulte em uma fruição especial na vida desse alguém. Ana não apenas obteve um filho, mas um profeta e sacerdote de grande estatura espiritual.

6. *Depois disso*, Ana continuou a fazer uma viagem anual a Siló, trazendo a Samuel novas vestes, em cada ocasião. A bênção do Senhor continuou sobre ela, e ela teve outros três filhos e duas filhas. (ID S)

ANÁ

No hebraico significa **resposta.** É nome de duas pessoas no Antigo Testamento:

1. Ou um filho ou uma filha de Zibeão, e também pai ou mãe de Oolibama, uma das esposas de Esaú (ver Gên. 36:2,14,18,25; I Crô. 1:40 ss). O livro de Gênesis diz que tal pessoa era hevéia, que pode significar um heveu. O trecho de Gên. 36:24 diz que ele era o Aná que achou as fontes termais no deserto, e que algumas traduções dizem *mulas*, em vez de fontes termais. As traduções também variam quanto ao gênero dessa pessoa, embora não fosse provável que uma mulher pudesse cumprir as funções descritas no Antigo Testamento acerca de tal pessoa.

2. Filho de Seir, o horeu, e um dos cabeças de uma tribo (ver Gên. 36:29 e I Crô. 1:38). Alguns identificam essa pessoa com a anterior. Outros conjecturam que a diferença quanto ao gênero, nas versões antigas (refletida nas traduções modernas) deve-se ao fato de que duas pessoas diferentes e muito próximas uma de outra eram indicadas pelo mesmo nome. Mas nada se sabe com certeza a esse respeito. (ND S UN Z)

ANÃ

No hebraico, **nuvem.** Há dois homens com esse nome, no Antigo Testamento:

1. Um chefe israelita que assinou o pacto sagrado por ocasião do retorno da Babilônia (ver Nee. 10:26), em cerca de 445-450 A.C.

2. Um homem que retornou do exílio, e que I Esdras 5:30 chama de Hana e também Hanã (ver Eze. 2:46 e Nee. 7:49). (S Z)

ANAARATE

No hebraico, *garganta*. Uma cidade de Issacar (ver Jos. 19:19), provavelmente na porção norte daquele território, localizada no vale de Jezreel (ver Jos. 19:19). Tem sido identificada com a moderna En-Na'urah, a três quilômetros de En-Dor. (S Z)

ANABATISTAS

Esse termo, que significa «rebatizadores», é usado frouxamente para indicar aqueles que questionavam a validade do batismo infantil e requeriam o rebatismo

daqueles que quisessem tornar-se membros de seu grupo. Mais especificamente, o termo se aplica àquelas seitas que surgiram em cerca de 1521, em Zurique, pouco antes, durante e após a Reforma Protestante, dependendo do grupo particular em questão. Os anabatistas não formavam uma seita única ou coerente, mas representavam vários graus de ortodoxia. A maior parte dos grupos, porém, afastou-se muito da posição ortodoxa, conforme será delineado no presente artigo. Os grupos variavam de uma relativa ortodoxia, como era a posição evangélica de Conrado Grebel (1485-1528), até à posição mais radical e menos ortodoxa de Baltasar Huebmaier (1485-1528) e de Hans Denk (falecido em 1527). O denominador comum era a insistência deles sobre a necessidade de batizar adultos convertidos apenas, rejeitando terminantemente a validade do batismo infantil. O bastimo de adultos, porém, continuou a ser praticado por aspersão (segundo a maioria dos eruditos), e não por imersão. Entretanto, esse ponto tem sido disputado. Quanta imersão era usada? Católicos e protestantes opunham-se a eles decisivamente, especialmente por causa de suas doutrinas não-ortodoxas, e por serem o centro de revolta e agitação. Primeiramente foram expulsos de Wittenberg, e depois de outras cidades. Muenzer, pregando cada vez mais radicalmente acerca de questões religiosas e políticas, contribuiu para os acontecimentos chamados Guerra dos Aldeões. Opondo-se ao feudalismo, Muenzer promoveu um tipo de comunismo teocrático. O esforço da luta unificou os aldeões alemães contra os abusos políticos e econômicos. Os aldeões foram violentamente suprimidos. Lutero denunciou em termos radicais a revolta e encorajou a repressão.

Suas Doutrinas Distintivas

1. Rejeição do batismo infantil e batismo somente de adultos convertidos. Isso requeria o rebatismo (daí se derivando o nome deles) daqueles que abandonavam outras seitas, e que tinham sido batizados na infância. Esse ponto doutrinário foi radicalizado na forma da convicção de muitos anabatistas de que somente seu grupo era detentor da verdade, e que os membros de outros grupos (incluindo os protestantes) eram pessoas perdidas.

2. Comunidade de bens e de propriedades, como característica constante. Portanto, praticavam uma espécie de comunismo teocrático.

3. A maioria dos anabatistas tinha um conceito não-trinitariano de Deus, e uma noção marcionita (docética) da encarnação. Assim, eles negavam tanto a divindade quanto a humanidade de Jesus Cristo. Ver *Márcion* e o *docetismo*. Cristo, não sendo o vero Deus, de acordo com esse ponto de vista, também não era verdadeiro homem, pois Sua humanidade era apenas aparente. O docetismo é nome derivado do grego *doken*, «parecer». Muitos anabatistas eram antitrinitarianos declarados.

4. Liberdade religiosa e separação entre a Igreja e o estado.

5. Pacifismo, estrita disciplina eclesiástica, prática dos princípios do sermão do monte, reconhecimento e prática da lei do amor.

6. Forte ênfase missionária, pois criam que cada crente tem o dever de ser uma testemunha.

7. Ênfase sobre o dom profético, que algumas vezes era abusado, levando a muitos cismas. Ressaltavam a «palavra interna», e não a «palavra externa», as Escrituras. Isso debilitava entre eles a autoridade da Palavra escrita e permitia um excessivo individualismo.

8. Negação de doutrinas como a total depravação do homem, o pecado original, a eleição e a condenação eterna. Muitos deles eram universalistas. Enfatizavam a capacidade do homem buscar e achar a Deus diretamente, no nível da alma. Portanto, havia um forte elemento místico na fé deles.

Os anabatistas e a história: Os modernos menonitas estão ligados historicamente aos anabatistas, visto que pertencem ao ramo daquela denominação liderado por Meno Simons, após 1536. Ele afastou a seita do radicalismo e a aproximou da ortodoxia evangélica. Outras denominações, como os batistas, os amigos, os irmãos e os hutteritas incorporaram certos aspectos da doutrina anabatista em seus respectivos sistemas. Alguns batistas modernos, ansiosos por encontrarem seitas «batistas» antes da reforma, têm errado ao escolher os anabatistas como um elo com o passado. Mas esse elo não existe nem histórica e nem teologicamente, conforme o demonstram as notas acima. Em suas doutrinas, os anabatistas estavam longe de ser batistas, a despeito da similaridade fortuita dos apelativos desses dois grupos. (AM B C E H LI)

ANABE

No hebraico, **cidade da uva**. Era uma das cidades da região montanhosa de Judá, de onde Josué expulsou os anaquins (ver Jos. 11:21 e 15:13,14). O local ficava a sudoeste de Debir, estando localizada no sítio da moderna Khirbet 'Anab, perto da aldeia de'Anab (antiga Debir), a sudoeste de Hebrom, a vinte e um quilômetros para sudoeste. (S UN Z)

ANACORETA

Vem do grego **anachoreo**, «separar», «retirar-se». O anacoreta era um tipo extremado de asceta cristão, um *recluso*. Certos homens criam que poderiam servir melhor a Deus vivendo uma existência solitária, procurando a vitória sobre os desejos carnais e ocupando-se na meditação e na oração, em busca do desenvolvimento espiritual. Parecia não terem qualquer senso de missão no tocante ao serviço ao próximo. E é precisamente essa deficiência, sem importarem-se com o que de bom tenham feito, que assinalou tal movimento como espiritualmente equivocado.

Antônio, no Egito (250?-356?) foi o primeiro anacoreta cristão, não demorando para que muitos o imitassem. O deserto e as cavernas egípcias do Oriente Médio tornaram-se lugares favoritos para esses retiros. O clima europeu era por demais severo para encorajar ali o movimento. Muitos anacoretas praticavam um ascetismo extremado, com abusos praticados contra o corpo, exposição às intempéries, abrigos e vestes inadequadas, etc. Alguns chegaram ao ponto de passarem anos sentados sobre colunas. Esse tipo de vida satisfazia espiritualmente a um número reduzido, e o *monasticismo* foi iniciado por Pacômio (292?-349), que rejeitou a vida de solidão absoluta. Ver o artigo sobre o *monasticismo*. (AM B E WO)

ANAEL

Irmão de Tobitas e pai de Aicar, que era o tesoureiro, copeiro e guardador do sinete de Senaqueribe, rei da Assíria (ver Tobias 1:21,22). (Z)

ANÁFORA

Vem de um termo grego que significa «oferecer a».

No latim é *oblatio*, a oração eucarística consagratória das liturgias orientais, que corresponde ao Prefácio e ao Cânon da missa romana (ver artigo a respeito). O mais antigo exemplo aparece na *Tradição Apostólica* de Hipólito, cerca de 220 D.C. Essa oração de consagração faz parte essencial do rito eucarístico, que culmina na comunhão. A *anáfora* começa com uma exortação dirigida pelo sacerdote ao povo, para que elevem seus corações, o que recebe a resposta apropriada. Segue-se então uma oração de ação de graças. A oração é interrompida pelo cântico do *Sanctus*, o hino angelical, «Santo, Santo, Santo». O *Sanctus* não fazia parte da mais antiga oração eucarística conhecida por Hipólito, mencionada acima. Mas é seguido por um memorial da obra remidora de Deus em Cristo, bem como um relato da instituição da própria eucaristia, após o que, nas liturgias orientais, segue-se uma *Epiclesis* (ver o artigo a respeito), que ordena que os elementos do pão e do vinho transformem-se no corpo e no sanque de Cristo. Segue-se então a intercessão final para a comunhão e a doxologia. (C E)

ANAÍAS

No hebraico, **Yahweh respondeu**. Nome de duas pessoas no Antigo Testamento:

1. Um levita que se postou à mão direita de Esdras enquanto este lia a lei ao povo, e que provavelmente o ajudou na tarefa (ver Nee. 8:4; I Esdras 9:43).

2. Um dos chefes do povo que se aliou a Neemias em um pacto sagrado (ver Nee. 10:22), em cerca de 445 A.C.

ANALOGIA

Vem do grego **ana**, «conforme», e **logos**, «taxa», «proporção». Dois termos, coisas, situações ou pessoas são positiva ou negativamente comparadas, de onde emergem seus pontos de semelhança ou de contraste.

1. Uma relação de semelhança entre duas coisas ou mais, na busca de conclusões prováveis ou necessárias, dependendo do tipo de relação em pauta. Ao encontrarmos similaridades em alguns pontos, raciocinamos, por analogia, que haverá similaridades em outros pontos. No caso das similaridades não serem suficientes, mediante tal raciocínio concluímos haver ali um caso de *falsa* analogia.

Fracasso da analogia. As analogias podem provernos discernimento, embora também possam distorcer (como quando se reduz Deus a um tipo de super-homem, mediante o uso de terminologia da antropologia). Com freqüência são vagas e ilusórias, autocontraditórias ou impróprias. Se tomarmos por empréstimo uma idéia da natureza ou dos relacionamentos humanos, já estaremos manuseando coisas imperfeitas. Aplicá-las então a Deus, deixa-nos com imperfeições ou mesmo erros. Dizemos que Deus está «irado», mas isso dificilmente pode ser entendido em termos das emoções dos seres humanos. Kant mostrou que todos os termos de nossa linguagem envolvem relações de espaço e tempo. Ora, se Deus está além do espaço e do tempo, então nenhuma analogia aplicada a Ele pode ser perfeita, embora comunique importantes conceitos.

2. *Três comuns e importantes analogias*. a. A social: Deus como Pai, e, assim sendo, benévolo e cuidadoso, uma analogia altamente teísta (ver o artigo sobre o *teísmo*). b. A analogia mente-corpo: Deus é a alma do universo, tal como a alma do homem é seu ser real. Portanto, a mais elevada Realidade é Deus, que funciona como a Alma de tudo. c. A analogia do artista: Deus produz e amolda criativamente o universo, sendo seu Artista e Artesão. Em tudo há desígnio e beleza, unidade e harmonia. Cada analogia tem seus pontos fortes e fracos, servindo apenas de ilustração, não sendo uma maneira exata para se definir a natureza de Deus.

3. *Outras aplicações*. Guilherme de Ockham negava a validade desse método de se criar proposições teológicas, argumentando que não pode haver analogia do ser, visto que o conceito do ser é unívoco, ou seja, tem apenas um significado apropriado. Ele não achava ser possível o raciocínio ir de um finito conhecido para um infinito desconhecido. Guilherme Paley desenvolveu a linda e ilustrativa analogia baseada no relógio, a fim de demonstrar a existência de Deus por via da necessidade de haver um Planejador para o universo. Karl Barth substituiu a *analogia entis* pela *analogia fidei*, a analogia da fé, visto que a verdade religiosa é dada por Deus.

Tomás de Aquino. Raciocinava ele que, visto que tanto a criatura como o Criador fazem parte da mesma escala metafísica do ser, deveria haver analogias que extraíssem elementos do inferior para ilustrar o superior. Se o homem tem conhecimento, então Deus o tem, em grau eminente. Se o homem tem bondade, então Deus deve ser superbom. Se o homem tem qualidades que buscam a perfeição, então Deus deve ser perfeito. Apesar de Ockham estar com a razão, ao afirmar que é precário raciocinar com basè em um finito conhecido para se chegar a um infinito desconhecido, nem por isso a analogia torna-se inútil, porquanto Deus criou o homem à Sua própria imagem, e deve haver alguma coisa nele que seja reflexo do Criador.

4. *A analogia da verdade*. Uma outra analogia útil é aquela que aborda a verdade. Supõe-se que Deus seja a fonte de toda a verdade. Portanto, qualquer verdade descoberta, em qualquer campo do conhecimento, é um reflexo de Deus e Sua inteligência, isto é, o homem pode pensar os pensamentos de Deus, após Ele. Desse modo, todo raciocínio *verdadeiro* é análogo, —e aponta para a Inteligência Superior.

5. *A analogia do ser, ou analogia entis*. Os escolásticos tentaram usar a própria escala do ser para descrever Deus em alguns aspectos. O homem é a imagem de Deus (*imago Dei*, Gên. 1:27), e o resto da criação, fora do homem, é o *vestigium Dei* (Rom. 1), ou seja, vestígios, indícios de Deus. O exame de Sua imagem ou de Seus vestígios presumivelmente produz conhecimento sobre o Criador dessas entidades. O homem inclina-se até certo ponto à perfeição, pelo que presumimos que há um Ser Perfeito. O homem tem alguma inteligência, pelo que deve haver a suprema Inteligência. Pode-se dizer que Deus é como um Pai, uma Luz, um Rei, etc.

6. *Analogias filosóficas*. Aristóteles ficou conhecido por sua declaração: «Como a vista é para o corpo, o entendimento é para a alma...» (*Nicomachean Ethics*, 1096, b.28). Tal fato favorece a idéia da percepção intuitiva da alma, tanto ao usar os dados da percepção dos sentidos, como ao receber «lampejos de entendimento», não necessariamente inerentes aos informes dos sentidos. Aristóteles limitou sua analogia às questões do conhecimento, mas Platão, tal como os escolásticos depois dele, pensava que algo de útil poderia ser dito sobre a Realidade Última, mediante a observação da natureza da realidade inferior. Isso poderia ser feito mediante *negações* (o infinito não é como o finito em vários particulares, como temporalidade, finitude, confinamento ao

espaço e ao tempo, etc.), mediante *causalidade* (o infinito é a causa do finito), e mediante a analogia da *imagem do homem* (o homem tem muitas qualidades como bondade, beleza, inteligência, etc., que podem ser reflexos do divino). (B C E EP F HA P PA)

ANALOGIA FALSA

Ver o artigo sobre **analogia**. As analogias podem ser úteis para aclarar-nos o entendimento; mas também podem ser abusadas e tornar-se prejudiciais, pervertendo a verdade. Uma analogia teísta é que «Deus é Pai», o que exprime uma profunda verdade. Mas isso pode ser pervertido se introduzirmos as qualidades e defeitos dos pais terrenos, e então dizermos que Deus deve compartilhar dos mesmos. Por exemplo, Deus teria uma esposa ou esposas, daí derivando-se Seus filhos espirituais, que seriam as almas humanas. Assim pensa o islamismo. Uma analogia útil é aquela que diz que Deus é um artista. Sua criação seria Sua obra-prima; e aquilo que aparentemente não se encaixa dentro da analogia, poderia ser comparado com as cores que parecem estar fora de lugar em uma pintura, até que o artista complete a sua obra. E então vemos como todas as coisas ajustam-se aos seus lugares. Porém, podemos levar isso muito longe, conforme têm feito alguns filósofos e teólogos, os quais negam a própria existência do mal, que presumivelmente, não seria uma entidade real, mas apenas a existência de algum bem. William Palley desenvolveu a bela e complexa analogia do relógio, mostrando que a criação pode ser comparada a um relógio, em todo o seu intricado inter-relacionamento, o que requer que creiamos na existência de um projetista desse relógio, pois um instrumento dessa natureza não pode surgir ao acaso. Por igual modo, a misteriosa e majestática criação, que contemplamos com nossos olhos, exige que pensemos em um divino Planejador, o Criador. E isso é exposto no *argumento teleológico*, sobre o qual escrevi um artigo separado. Não obstante, Deus é diferente e muito superior a qualquer fabricante de relógios.

Dentro da lógica, falamos sobre a falácia das falsas analogias. Essa falácia é cometida quando alguém argumenta com base em uma analogia, mas daí conclui aquilo que não se segue necessariamente. Por exemplo: «Ambulâncias e viaturas policiais podem desrespeitar a luz vermelha dos semáforos, se estão com urgência; assim, se eu estou com pressa, posso fazer a mesma coisa». No campo moral, poderíamos dizer que visto que certo espião, durante a guerra, ao ser capturado pelo inimigo negou que era espião, e visto que seus captores não puderam obter evidências comprobatórias, ele escapou à morte; assim também quando eu estiver em alguma dificuldade, poderei mentir a fim de escapar de resultados adversos. Ou então, que em vista de existirem sociedades onde seus velhos são abandonados e deixados ao relento para morrerem, em meu próprio caso posso abandonar meus pais, em circunstâncias adversas, para que sobrevivam segundo puderem ou para morrerem de inanição. Além disso, precisamos considerar a doutrina de Deus, com Seus atributos e propósitos. A maior parte das descrições que fazemos são antropomórficas. Falamos em termos de Deus como um super-homem. Apesar de termos de nos limitar, naturalmente, a tais analogias, a maioria delas continua deixando-nos a indagar: Como é Deus? (EP F NTI)

ANALOGIAS DA EXPERIÊNCIA

Para Kant, os princípios **a priori** que tornam possível a unidade da experiência humana. Os três princípios, derivados da categoria de relação, são: substância, causalidade e reciprocidade. Para Kant, os princípios são derivados dos tipos básicos de proposições, dando a entender a ordenação de substância, causa e comunidade, segundo os quais interpretamos a experiência. (E P)

ANALÓGICA, TIPO DE INTERPRETAÇÃO

Vem do grego **anagogo**, «levar para cima». A palavra refere-se à descoberta de uma verdade espiritual oculta em algum texto literal da Bíblia. Assemelha-se à interpretação alegórica. Ver o artigo sobre *alegoria*. A idéia é que o indivíduo é «elevado» do literal para o simbólico, para as verdades espirituais e místicas. (P E)

ANAMELEQUE

No hebraico, **rocha do rei** (ver II Reis 17:31), mencionado juntamente com Adrameleque, como uma divindade em honra da qual os habitantes de Sefarvaim, que colonizaram a Samaria, queimavam seus filhos em sacrifício. Alguns eruditos preferem soletrar o nome como *Anu-Melque*, porquanto *Anu* era o deus-firmamento da Babilônia. O nome Anu-Melque indica que Anu era adorado com os ritos do deus Moloque.

ANAMIM

No hebraico, **homens das rochas**. Consideremos estes dois pontos:

1. Segundo filho de Mizraim (ver Gên. 10:13), acerca de quem nada se sabe.

2. Uma tribo relacionada aos egípcios, cujos progenitores são mencionados em Gên. 10:13. De acordo com alguns estudiosos, estavam localizados no Alto Egito, no moderno grande oásis de Chargeh. Mas outros localizam-nos na Cirenaica. (UN Z)

ANAMNESIS

Termo grego para indicar «memória», «lembrança».

1. Ao instituir a Ceia do Senhor (I Cor. 11:23 ss), Jesus baixou esta instrução: «...fazei isto em memória de mim» (anamnese). A maioria dos intérpretes protestantes dizem que isso significa: a. O ato de relembrar: «Fazei isto quando vos relembrardes de mim»; ou b. como um memorial: «Este é o meu memorial»; ou seja, a cerimônia tornar-se-ia um memorial. Os católicos romanos vêm nisso um «chamar de volta». «Chamai de volta esse ato original, para que chegue ao momento presente, trazendo consigo sua eficácia original». Em outras palavras, o ato renova a eficácia da participação no corpo e no sangue de Cristo. Essa forçada interpretação, pois, favorece a teoria da transubstanciação. Naturalmente isso é uma interpretação, e não uma simples explicação do trecho e dos termos envolvidos. Ver o artigo sobre *a transubstanciação*.

2. Em Platão, o termo é usado para indicar «memórias» ou «reminiscências» da alma. Sendo preexistente, a alma conhece muitas coisas sem ter que aprender mediante a percepção dos sentidos. Esse conhecimento envolve as realidades divinas, bem como coisas deste mundo, e certamente inclui as idéias morais. No diálogo *Meno*, a palavra aponta para a geometria. Em *Phaedo*, aponta para elevadas verdades espirituais, jamais adequadamente aprendidas neste mundo físico. (C EP F)

ANANIAS

No hebraico significa **protegido por Yahweh**. É o nome de muitas pessoas no Antigo Testamento:

Há a forma hebraica do nome, *Ananiah*:

1. Pai de Maaséias e avô de Azarias, que ajudou a reconstruir as muralhas de Jerusalém, após o cativeiro (ver Nee. 3:23), em cerca de 446 A.C.

2. Uma cidade da tribo de Benjamim, localizada entre Nob e Hazor (ver Nee. 11:32), que talvez deva ser identificada com a moderna el 'Aziriyeh (Betânia), quanto à sua localização. (S Z)

Há a forma grega do nome, *Ananias*:

1. Algumas traduções usam essa forma em lugar de Hananias, como nome de um dos três companheiros de Daniel (ver Dan. 1:6).

2. Forma usada em lugar de Anias, em I Esdras 5:16, cabeça de uma família que retornou do cativeiro em companhia de Zorobabel.

3. Forma usada em lugar de Hanani, filho de Imer, em I Esdras 9:21 e Esd. 10:20. Um sacerdote que despediu sua esposa estrangeira, terminado o cativeiro.

4. Forma usada em lugar de Hananiah, filho de Bebai, em I Esdras 9:29 e Ezeq. 10:28. Era levita e estava casado com uma mulher estrangeira.

5. O pai de Azarias (ver Tobias 5:12). Rafael, o anjo, identificou-se como filho de Ananias, parente de Tobias.

6. Um personagem do Novo Testamento, esposo de Safira, membro da igreja apostólica de Jerusalém. Tornou-se culpado por enganar a igreja no tocante à soma mediante a qual vendera uma propriedade sua, com o propósito de dar o dízimo aos pobres, por meio dos apóstolos. (Ver Atos. 5:1-10 quanto à história). Uma vez feita a venda, ele e sua esposa guardaram uma parte do dinheiro, em ato de pura cobiça, ou por temerem sofrer necessidades mais tarde, e apresentaram sua dádiva como correspondente à quantia total, a fim de obter glória e elogios da parte da comunidade cristã. Ver Atos 4:32-37 para notar como a igreja cristã da época estava ocupada nesse tipo de projeto, que visava aliviar os pobres. O pecado não consistiu em reter uma parte (o que tinham plena liberdade de fazer) mas em enganar a igreja quanto aos motivos que tinham. Pedro interrogou-os em separado e apanhou-os na mentira. Primeiramente, Ananias caiu fulminado, e sua esposa, indagada mais tarde, teve igual sorte. A narrativa ilustra o incomum poder dos *apóstolos* (ver o artigo acerca deles) bem como a seriedade de tratarmos com honestidade as questões religiosas. Não há qualquer indício no relato de que Pedro tenha apelado para qualquer ato de violência pessoal. O incidente é apresentado como um juízo divino, conforme freqüentemente se vê nas narrativas do Antigo Testamento. Há algumas instâncias similares na Igreja cristã moderna, onde a intervenção divina põe fim a algum cristão ofensor. Compare essa narrativa com outra parecida, em I Cor. 5:1, onde há a ameaça de morte pelo poder divino, pronunciada contra um ofensor moral.

7. Um crente de Damasco (ver Atos 9:10-17 e 22:12). Sua reputação era grande entre os crentes, e o Senhor apareceu-lhe em uma visão, ordenando-lhe que fosse à rua chamada Direita, procurar por Saulo de Tarso na casa de Judas. Saulo estava orando, após sua conversão, e buscando orientação. Ananias quase não podia crer que a mensagem recebida era autêntica, pois sabia que Saulo muito havia perseguido aos cristãos. Mas, certo de que recebia uma ordem do Senhor, realizou sua tarefa, e foi instrumento usado na recuperação da vista de Saulo. *Paulo*, agora preparado para a sua missão, foi imerso nas águas e começou a pregar que Jesus era o Cristo.

A tradição representa Ananias como um dos setenta discípulos (ver Lucas 10), o primeiro que pregou o evangelho em Damasco, e que posteriormente tornou-se bispo naquele lugar. Os judeus, irados diante de seu sucesso, agarraram-no, açoitaram-no, e finalmente, apedrejaram-no até morrer, no mesmo local onde sua igreja se reunia. Visto que muitas dessas histórias são lendárias, não se sabe o quanto da narrativa é veraz, ou ao menos se o incidente aconteceu.

8. Um sumo sacerdote, filho de Nebedeu, no tempo do procurador Tibério Alexandre. Foi nomeado sumo sacerdote em 48 D.C. por Herodes, rei de Calcis (ver Josefo, *Anti.* XX.v.5). Quadrato, legado da Síria, enviou-o a Roma em 52 D.C., para responder a acusações de crueldade, mas foi inocentado por Cláudio, por influência de Agripa, o Jovem (ver Josefo, *Anti.* XX.x1.2.3). Permaneceu no ofício sumo sacerdotal até 58 D.C. Era um saduceu orgulhoso, rico e inescrupuloso (ver Josefo, *Anti.* XX.ix.2), que cooperava com assassinos para realizar os seus propósitos. Colaborou com os romanos a fim de fomentar seus próprios interesses, e por esse motivo era odiado pelos judeus nacionalistas. Quando rebentou a guerra entre Israel e Roma, em 66 D.C., foi caçado e morto por assassinos (ver Josefo, *Guerras* II.xvii.9). Os historiadores consideram-no o mais indigno de todos os ocupantes da cadeira sumo sacerdotal.

No Novo Testamento, foi perante ele que Paulo foi levado, durante o governo do procurador Félix, depois que o apóstolo foi preso em Jerusalém (ver Atos 22:30 - 23:5). Paulo afirmou que havia vivido diante de Deus com boa consciência, e Ananias, ofendido, ordenou que ele fosse espancado na boca. Então Paulo chamou-o de «parede branqueada» (Atos 23:3), não sabendo que ele era o sumo sacerdote. Posteriormente, Ananias apareceu em pessoa para reforçar as acusações contra Paulo, em Cesaréia. Esse julgamento foi efetuado diante de Félix (ver Atos 24:1). (ND S UN Z)

ANÃO

A única referência bíblica a esse defeito do nanismo aparece em Lev. 21:20, onde vários defeitos físicos são declarados motivos desqualificadores na descendência de Aarão, para alguém servir como sacerdote. A própria palavra, que no hebraico significa basicamente *mirrado*, também é usada para descrever gado ou espigas de trigo (ver Gên. 41:3-7), o maná que era minúsculo (ver Êxo. 16:14), a poeira (ver Isa. 29:5) ou um sussurro (ver I Reis 19:12). A proibição bíblica a respeito do nanismo pode referir-se a pessoas doentias, extenuadas, não estando em foco os anões literais, embora muitas traduções prefiram sempre usar o termo *anão*. A Septuaginta e a Vulgata traduzem o termo por «olho defeituoso», mas quase certamente tal tradução é incorreta. Seja como for, no Oriente Próximo, na antiguidade, pensava-se que os anões eram possuidores de poderes mágicos especiais, e isso seria razão suficiente para desqualificar os anões para o sacerdócio, à parte de qualquer outro problema físico. (ID ND Z)

ANAQUE (ANAQUIM)

No hebraico, **pescoço longo**. Anaque foi o progenitor de uma raça de gigantes chamados

anaquins. Era um povo nômade que habitava o sul de Canaã, antes da chegada dos israelitas. (Ver Núm. 13:33; Deu. 9:2; Jos. 15:13,14; 21:1; Juí. 1:20). O lugar de origem de Anaque ou era a cidade de Arba (ver Jos. 15:13) ou a cidade de Hebrom (= Quiriate-Arba), mais provavelmente esta última, conforme Núm. 13:22 parece indicar, e onde os cabeças de Herom declaradamente eram descendentes de Anaque. O trecho de Deuteronômio 9:1,2 situa essa raça na Cisjordânia, de modo geral. Calebe expulsou-os dali, e foram habitar em Gaza, Gate e Asdode, na Filístia. Ver Jos. 11:22. Os espias enviados para explorar a terra, desanimaram quando viram esses gigantes (ver Deu. 1:28), mas, finalmente, guerras sangrentas e muitas perdas de vida os forçou a sair da região. Eram tão altos e tão poderosos fisicamente que o nome deles tornou-se proverbial. Os israelitas perguntaram: «Quem poderá resistir aos filhos de Anaque?» (Deu. 9:2). Ver também Deu. 1:28; 2:10,21. Textos de execração dos séculos XIX e XVIII A.C., encontrados no Egito, provavelmente aludem a esses povos, sob o título de Iy-canaq, cujos três príncipes tinham nomes semíticos. (FA ND S UN Z)

ANARQUISMO

Vem do grego **an**, «sem», e **arche**, «governo». Uma teoria social que considera o estado como a origem da maioria dos males sociais e morais. Em primeiro lugar, busca a destruição da antiga ordem, mediante métodos violentos ou outros; em segundo lugar, busca substituir a antiga ordem por uma outra que, presumivelmente, surja espontaneamente, por meio da cooperação de indivíduos livres, organizados em grupos puramente voluntários, territoriais e funcionais, que, segundo se esperava, produziria e distribuiria os bens e serviços necessários à sociedade. Essa teoria pressupõe que a natureza humana básica é boa, e que se for deixada livre para agir, produzirá o bem. Portanto, o homem não precisa de leis coercivas.

Tipos. 1. Individualista, que aceita a propriedade privada isenta de todas as restrições do controle do estado. 2. Comunista, que repudia o coletivismo forçado do marxismo, em favor da possessão comum dos meios de produção, por livre acordo e cooperação entre os elementos da sociedade. 3. Terrorista, que advoga a violência, incluindo o assassinato de figuras chaves a fim de atingir os seus propósitos. 4. Cristã, que presumivelmente deriva os seus princípios dos ensinamentos de Cristo. Os anarquistas cristãos advogaram a isenção de leis humanas, como inerente à liberdade dada por meio de Cristo. Os proponentes dessa variedade de anarquismo puderam ser encontrados entre os *Levelers* e *Diggers* do século XVII, os anabatistas e os doukhobors. William Godwin, um escritor político inglês, pensava que o progresso moral gradual do homem terminaria no anarquismo. Tolstoy defendia a revolução moral, que levaria à abolição do estado.

Em contraste com essa filosofia, Agostinho, Lutero, Calvino e outros argumentavam que o *pecado* requeria o governo civil, o que, naturalmente, refletia a posição da Bíblia (ver Rom. 13:1 ss.).

ANÁS

Forma contraída de Ananias (no hebraico, **protegido por Yahweh**). Foi sumo sacerdote dos judeus (ver Luc. 3:2; João 18:13,24; Atos. 4:6). Em Lucas ele é mencionado como sumo sacerdote juntamente com Caifás, seu genro. No tempo de Cristo, o ofício sumo sacerdotal tornara-se extremamente instável, porquanto eram nomeados e destituídos sumos sacerdotes ao sabor do capricho das autoridades romanas. Assim sucedeu que, embora removido do ofício, Anás reteve grande autoridade, quando seus filhos e seu genro, *Caifás* (ver o artigo a seu respeito), tornaram-se sumos sacerdotes. Anos após haver sido deposto, continuava grande a sua autoridade, pois em Atos 4:6 ele é o primeiro nome a aparecer na lista de líderes sacerdotais. No trecho de João 18:19,22, ele é o sumo sacerdote em questão, embora Caifás esteja em foco nos vs. 13 e 24.

Anás era filho de Sete, nomeado sumo sacerdote por Quirínio, governador da Síria, mas deposto por Valério Gratus. No Antigo Testamento, esse ofício era vitalício, e um novo sumo sacerdote só podia ser nomeado em face da morte do anterior. Porém, a ocupação romana alterou essa norma. Como sumo sacerdote oficial, Anás governou de 6 a 25 D.C.

Ele é referido em conexão com o ministério de João Batista (ver Luc. 3:2). Quando Jesus foi aprisionado, foi levado diante desse homem (ver João 18:13). Foi ele quem interrogou Jesus acerca de Seus discípulos e de Seu ensino, e quem também deu ordem a um dos soldados que batesse em Jesus com a mão (ver João 18:19-22). Após ter sido interrogado, Jesus foi enviado amarrado para Caifás. Semanas mais tarde, esteve presente à reunião do Sinédrio quando Pedro e João defenderam-se acerca da pregação da nova fé (ver Atos 4:6).

O fato de ser ele chamado de sumo sacerdote tem deixado alguns comentadores perplexos, posto que Caifás, seu genro, nos evangelhos, é apresentado como o sumo sacerdote. Com base no trecho de Luc. 3:2, ficamos sabendo que Anás e Caifás eram reputados, ambos, como sumos sacerdotes que atuavam ao mesmo tempo; e este versículo do livro de Atos (4:6), informa-nos que Anás ainda era considerado pelos judeus como o líder inconteste, embora deposto pelos romanos, tendo sido substituído no ofício por seu próprio genro, Caifás. Todavia, os judeus não reconheceram como legítima essa substituição vitalícia, isto é, o cargo era ocupado pelo mesmo indivíduo enquanto vivesse. No ano em que o Senhor Jesus foi crucificado no entanto, José Caifás já era o presidente oficial do sinédrio, bem como o sumo sacerdote legal, por nomeação dos romanos. O historiador judeu, Josefo (*Antiq*. xviii. 2,1) revela-nos como o ofício sumo sacerdotal caíra em desordem. E esse mesmo escritor presta-nos a seguinte informação: Anás foi nomeado como sumo sacerdote com a idade de trinta e sete anos, no ano 7 D.C., por Quirínio, governador da Síria. Tendo sido deposto, foi substituído por Ismael, em 14 D.C. Seguiram-se mais duas modificações antes que seu genro, José Caifás, tivesse subido a essa posição. Caifás permaneceu no ofício até o ano 37 D.C., ao passo que Anás continuou a ser uma espécie de sumo sacerdote «*de jure*» (por direito, segundo a opinião e a lei do povo judeu), embora Caifás fosse o sumo sacerdote «de facto» ainda que, segundo o ponto de vista dos romanos, Caifás fosse o sumo sacerdote «de jure». A verdade, entretanto, é que para todos os efeitos práticos, Anás ainda retinha grande dose de autoridade, e Caifás sempre pareceu relutante em tomar qualquer decisão importante, sem primeiramente consultá-lo. No devido tempo, diversos dos filhos de Anás ocuparam, sucessivamente, o ofício sumo sacerdotal.

O ofício sumo sacerdotal propriamente dito se tornara corrupto, por ter-se transformado em motivo de jogo político, sendo comprado e vendido a dinheiro. Caifás sucedera a Simeão bem Camhith no

ofício, mas sua permanência no posto sumo sacerdotal foi de curta duração. Simeão bem Camhith substituíra Ismael bem Phabi. Todos esses sumos sacerdotes foram nomeados por Valério Grato, governador romano. Josefo (ver *Antiq.* xx.10) mostra-nos que, além de Caifás, houve um total de vinte e oito sacerdotes, em um período de cento e sete anos. (FA ND NTI Z)

ANASIB

Em algumas traduções como Sanasib, progenitor de uma família de sacerdotes que voltou do cativeiro com Zorobabel, I Esd. 5:24, cujo nome não aparece nas listas em Esd. 5:24 e Nee. 7:38.

ANATA

Um termo sânscrito usado pela escola Teravada de budismo, que significa *sem alma*. Essa escola acredita na reencarnação, porém não na reencarnação de uma alma que vai de um corpo para outro, em uma série de vidas físicas, mas sim, na reencarnação da disposição mental, dos desejos, das atitudes de um indivíduo, transferidos para outro ser humano. Assim sendo, continuaria o *karma* (ver o artigo a respeito) e não uma alma, levando tal bagagem a uma nova existência. Ver os artigos sobre o *budismo* e sobre a *terminologia budista*, e também sobre a *reencarnação*. (E EP P)

ANATE

No hebraico significa **resposta**, isto é, à oração.

1. Esse era o nome do pai de Sangar, que foi o terceiro juiz de Israel, após a morte de Josué (ver Juí. 3:31), em cerca de 1250 A.C.

2. Anate era o nome de uma deusa guerreira em Ugarite, considerada irmã ou esposa de Baal. Essa deusa atualmente é bem conhecida devido à literatura épica religiosa, descoberta em Ras Shamra (antiga Ugarite). Era patrocinadora do sexo e da guerra. Deve ser identificada com a *rainha do céu*, à qual os judeus ofereciam incenso nos dias de Jeremias (ver Jer. 44:19). Figurinhas sensuais, representando-a, têm sido encontradas em vários locais da Palestina, em níveis que datam do terceiro e do segundo milênios A.C. As degradadas religiões da Palestina pagã degradaram Israel, despertando a indignação e as denúncias dos profetas do Senhor. (ALB UN)

ANÁTEMA

No grego ático, **anathema** significa algo «posto de lado» ou «suspenso», como uma oferta prometida, separada para um deus. Isso era suspenso em um templo ou outro lugar de adoração. Na Septuaginta, veio a indicar qualquer coisa devotada a Deus, proibida para uso ordinário, ou algo destinado à destruição (Lev. 27:19; Jos. 6:17). No Novo Testamento, tem o sentido de *maldito*, em Rom. 9:3; I Cor. 12:3 e Gál. 1:8,9. A palavra veio a ser associada a exclusão, visto que o excluído tornava-se «maldito». Alguns pensavam que desde o tempo refletido em Esd. 10:8, o termo (por meio do grego), indicava exclusão. Assim foi empregado no Talmude e nos escritos dos pais gregos, com regularidade. Ver o artigo sobre *a exclusão*. As referências do Novo Testamento não envolvem a idéia de exclusão eclesiástica, mas sim, de maldição espiritual. Em I Cor. 16:22, a palavra aparece lado a lado com o termo aramaico *maranatha* (nosso Senhor vem, ou o imperativo, vem, nosso Senhor). A interpretação comum disso é que aquele que não amar nosso Senhor, por ocasião de Sua vinda, ao ter de defrontar-se com Ele, será espiritualmente amaldiçoado. Isso é um lembrete da constante doutrina cristã de que a vinda do Senhor imporá o julgamento, e não somente a bênção. Ver os artigos sobre *o julgamento* e *os galardões*.

História:

1. Antes do Novo Testamento. As ofertas votadas, nas comunidades hebréias e não-hebréias; algo maldito; talvez a exclusão, em alguns casos.

2. No Novo Testamento. As ofertas votadas, Luc. 21:5; algo espiritualmente maldito, ver as referências acima.

3. Na Igreja primitiva. Especialmente entre os pais gregos, a exclusão, bem como um pronunciamento sobre os hereges e suas doutrinas, presumivelmente envolvendo uma maldição espiritual, um uso comum entre os séculos III e VI de nossa era.

4. Após o século VI D.C., com freqüência a palavra era usada com sentido mais forte do que a exclusão, que podia ser a simples interrupção da comunhão com a igreja, sem que fossem vedados a adoração e os ritos. Esse uso mais forte presumivelmente pronunciava um corte espiritual de Deus e da salvação em Cristo. Os homens têm - se mostrado prontos a perseguir e amaldiçoar àqueles que lhes parecem diferentes. Jesus e Paulo não escaparam a isso. Essa circunstância deveria limitar o orgulho daqueles que amaldiçoam.

A palavra traduzida por *anátema*, originalmente era utilizada para indicar apenas uma oferta qualquer, e tanto nos escritos clássicos como na Septuaginta (tradução do A.T. hebraico para o grego, que já estava completa por volta do século II A.C.), o uso regular da palavra é esse. Essa forma substantivada se deriva do verbo *anatithemi*, que significa «dedicar», «tal como uma oferta votiva». Essa palavra gradualmente foi se revestindo de um sentido negativo, como algo «devotado» ao mal ou à destruição, certamente sugerido pelo fato de que os sacrifícios eram consumidos. Foi daí que a palavra assumiu o seu sentido negativo de maldição, em que o indivíduo é declarado separado de Deus e maldito, ou seja, oficialmente separado da vinculação à igreja ou sinagoga. (Pode-se comparar com isso as passagens de Gál. 1:8,9; I Cor. 12:3 e 16:22, onde esse tipo de uso negativo da palavra «anátema» é usado nas páginas do N.T.).

O Uso em Rom. 9:3.

Pouca dúvida pode haver de que Paulo usava o vocábulo em Rom. 9:3 em sentido negativo; e o desejo hipotético, cuja impossibilidade ele esqueceu momentaneamente, seria que ele desejava ser *separado de Cristo*, sendo assim lançado na destruição fatal da alma. Alguns intérpretes, entretanto, têm procurado suavizar o desejo expresso aqui por Paulo, fazendo com que esse *anátema* seja menos do que o próprio Paulo tencionava que fosse. Como exemplos disso, alguns têm pensado que:

1. Paulo queria dar a entender a morte física, e não a espiritual.

2. O apóstolo queria indicar a exclusão da igreja, e não a condenação da sua alma.

3. Paulo pensava na alienação entre sua pessoa e Deus, embora isso não envolvesse, necessariamente, a condenação de sua alma.

Entre os judeus, a exclusão dos membros das sinagogas era realizada gradualmente: a. Havia a

exclusão do templo; b. havia a expulsão da congregação, em que o disciplinado ficava separado dos outros, já com maior severidade na disciplina. Neste segundo caso, ordinariamente se supunha que Deus tomava o mesmo ponto de vista sobre os culpados que as autoridades eclesiásticas; e isso significava que o réu corria o perigo de ser condenado por Deus, no estado eterno. Se porventura Paulo fez alguma alusão a essas idéias judaicas, então o texto deixa plenamente indicado que esse desejo hipotético se estendia até a condenação divina, e que ele desejaria ter ficado maldito por Deus, contanto que isso trouxesse o povo de Israel de volta ao seu Deus. Ora, não há que duvidar que isso é o que Paulo queria dizer, o que significa que não há nenhuma necessidade de suavizarmos nem o tipo de desejo expresso por ele, e nem o sentido da palavra grega «anátema». Pode-se observar que *Moisés* fez uma declaração similar, não menos radical do que a de Paulo, conforme se lê no registro de Êxo. 32:32: «Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; — ou, senão, risca-me, peço-te, do livro que escreveste».

Bacon considerava essa atitude de «êxtase de amor e infinito sentimento de comunhão» com outras pessoas. Bengel observou sobre Rom. 9:3: «Não é fácil calcular a medida do amor de um Moisés ou de um Paulo. Porque a nossa razão tão limitada não a apreende, tal como uma criança não pode compreender a coragem dos guerreiros!»

Moule (em Rom. 9:3), aplicando um raciocínio estritamente lógico a essa questão, observa: «Desejar a maldição de Deus é desejar não apenas o sofrimento, mas igualmente a alienação moral longe dele, a retirada da capacidade que a alma tem de amá-lo. Por conseguinte, esse desejo na realidade seria um ato de 'maior amor ao próximo do que a Deus'. Além disso, a alma redimida 'não pertence mais a si própria': desejar que o 'eu' seja amaldiçoado e cindido de Cristo seria desejar a perda daquilo que foi 'comprado e feito de Cristo'. Porém, a razão lógica desse desejo transparece na leitura do oitavo capítulo da epístola aos Romanos, e nisso percebemos quão inteiramente impossível, moralmente falando, era para Paulo realmente desejar a realização desse anelo».

Não há razão alguma para supormos, entretanto, que o apóstolo Paulo, arrebatado em seu fervor momentaneamente, não tivesse levado em conta tais «impossibilidades morais» dos desejos por ele expressos, ainda que mui provavelmente soubesse que tal anelo, de fato, era impossível. (A B IB NTI RO)

ANATEMATA

Essa palavra designa ornamentos separados para a decoração de igrejas. Em Lucas 21:5, a palavra (traduzida por «ornado») é aplicada aos ornamentos usados no templo de Jerusalém. Em sentido mais estrito, o vocábulo era usado para denotar *memoriais* de grandes favores recebidos pelos homens da parte de Deus. Havia um costume nos tempos antigos, que prevalece até hoje, relativo às curas recebidas. Quem fosse curado, a fim de mostrar sua gratidão, mandava fazer uma figura do membro do corpo curado, em ouro ou em prata. Tal figura era chamada ectipoma. Era doada à igreja como sinal de gratidão. (DE S UN)

ANATIKAYA

Uma palavra sânscrita que significa «não-físico», usada no jainismo (ver o artigo a respeito), dentro da frase *anastikaya dravya*, «substância não-física».

ANATOTE

No hebraico, **respostas**, isto é, às orações. Nome usado para pessoas e para designar um lugar, no Antigo Testamento:

1. Um dos líderes de Israel que assinou o pacto estabelecido por Neemias, após o retorno do cativeiro babilônico (ver Nee. 10:19), em cerca de 445 A.C.

2. O oitavo dos nove filhos de Bequer, filho de Benjamim (ver I Crô. 7:8), em cerca de 445 A.C.

3. Uma das cidades pertencentes aos sacerdotes, na tribo de Benjamim, e que era cidade de refúgio (ver o artigo a respeito; ver Jos. 21:18; Jer. 1:1; II Sam. 23:27; Esd. 2:23 e Nee. 7:27). É melhor conhecida como terra natal e residência usual do profeta Jeremias (ver Jer. 1:1; 11:21-23 e 29:27). No tempo de Jerônimo, parece que tinha o nome de Jeremias (ver *Onomast.* sob Anatote). Ele a situava a três milhas romanas ao norte de Jerusalém (ver *Comment.* em Jer. 1:1), que corresponde aos vinte estádios de Josefo (ver *Anti.* x.7,3). Nos dias veterotestamentários, o nome talvez fosse uma forma plural de Anate, uma deusa dos cananeus, sugerindo que fora um centro da adoração a essa divindade. Isaías refere-se a Anatote como um dos lugares no caminho trilhado por exércitos invasores. Ocorre em um jogo de palavras em conjunção com a palavra *responder*, que tem som semelhante, em Isa. 10:30. Após o cativeiro babilônico, 128 homens daquele lugar retornaram em um grupo, na companhia de Zorobabel (ver Esd. 2:23). Alguns supõem que a moderna cidade de Anata, a cinco quilômetros ao norte de Jerusalém, seja o mesmo lugar. Mas outros preferem pensar em Ras el-Harrubeh, perto dessa aldeia, como a sua verdadeira localização. Escavações feitas na região têm mostrado que vem sendo habitada desde tempos antigos. Abiézer, um dos guerreiros de Davi (ver II Sam. 23:27), e Jeú, que veio unir-se a Davi em Ziclague (ver I Crô. 12:3), eram anatotitas. Originalmente era uma cidade murada, uma fortaleza; mas atualmente é uma aldeia pobre e minúscula. (BL FA S UN Z)

ANAXÁGORAS de Clazômenas

Discípulo de Anaxímenes (vide). — Nasceu na Jônia, em 499 A.C., mas alcançou fama como um dos homens notáveis do círculo de Péricles. Platão informa-nos que ele tinha discípulos, entre os quais talvez estivessem Arquelau e Eurípedes. Ele requeria que a verdade fosse abordada sob vários ângulos, pois reconhecia que a verdade que havia em cada escola de pensamento era limitada. Seu principal escrito foi *Sobre a Natureza*, que agora existe somente sob a forma de citações feitas por outros autores.

Idéias:

1. Ele afirmava que a lua se compunha de terra e rochas, e que o sol era uma massa incandescente. Mas quase todos os atenienses julgavam que esses astros eram deuses, pelo que a idéia de Anaxágoras pareceu altamente herética. Josefo (Diels, 46 A 19) afirma que por esse motivo ele foi encarcerado e condenado à morte, mas que ele escapou e retornou à Jônia, na Ásia Menor.

2. Dizia: «Há uma porção de tudo em tudo», com o que propunha a teoria de um mundo composto de «partículas», ou «sementes», conforme ele as chamava. A *mistura* dessas partículas produziria os objetos grosseiros que ferem os nossos sentidos.

3. Geração e destruição, como também alteração, ocorrem através do rearranjo espacial dessas partículas. As diferenças nos objetos também dependeriam

do tipo de mistura (*migma*) envolvido.

4. Ele não fez qualquer tentativa de explicar a *origem* das partículas, que a princípio existiriam apenas em um estado caótico, primevo.

5. *Nous*: termo grego que significa «mente», era uma de suas doutrinas distintivas. A «mente» também se comporia de partículas (as menores e mais puras entre elas). Não haveria mistura com outras coisas, provendo o impulso inicial de movimento para a massa caótica. Portanto, as *partículas mentais* ativariam as outras partículas, de onde se derivaria o tipo de mundo que vemos ao nosso redor. A «mente» estaria presente em tudo. Ela seria simples, sem mistura, conheceria tudo, governaria tudo, seria infinita e se autogovernaria.

6. Todos os mundos evoluem partindo de causas naturais, tal como se dá com todas as formas de vida.

7. *Percepção*. Percebemos as coisas através do contraste. Visto que há uma porção de tudo em tudo, só podemos ver algo como distinto quando nossos órgãos dos sentidos detectam qualidades contrastantes.

8. *Vários movimentos na natureza*. A Terra seria chata; Sol e Lua seriam corpos naturais, e não divinos; a Lua refletiria a luz do Sol. Os terremotos, o relâmpago e o trovão teriam causas naturais (embora ele tivesse errado em suas explicações). Os gregos inclinavam-se por ver algo divino em todos esses fenômenos. Os eclipses dever-se-iam à interposição da Terra. A Terra seria chata e flutuaria no espaço. Os corpos celestes se incandesceriam devido a um movimento de revolução. Anaxágoras tentou determinar as dimensões do Sol, e determinou as fases da Lua. Procurou explicar a produção da vida e seu desenvolvimento em forma de muitas espécies.

9. *A «mente» seria a grande qualidade divina*. A filosofia de Anaxágoras fala sobre vários atributos que são características da deidade. A «mente» *põe em ordem* tudo quanto era, é, e será, embora não seja a criadora de tudo. Alguns filósofos falam em prol de uma «mente» não-material na filosofia de Anaxágoras, mas outros concebem a «mente» como matéria, posto que de substância mais fina. A questão não está resolvida. Seja como for, sua doutrina estabelece uma distinção radical entre a matéria comum e a mente, distinção essa que se tornou importante na filosofia. Naturalmente, tal noção fazia parte das religiões orientais desde muito tempo antes. (AM E EP MN P)

ANAXIMANDRO

Filósofo grego (610-547 A.C.), nascido em Mileto, membro de uma família nobre. Liderou emigrantes milesianos para formarem uma nova colônia. Alega-se que ele inventou o relógio de sol e o mapeamento geográfico. Tales de Mileto (ver o artigo) deu início à filosofia ocidental com as especulações de Anaximandro sobre a substância primária na natureza. Anaximandro aparentemente foi o segundo filósofo a inquirir sobre essa questão. Tales postulou a água como a substância primária, mas Anaximandro falava sobre o *indeterminado*, uma substância básica que subjaz a tudo, embora desconhecida em si mesma. A *apeiron* (realidade indeterminada) tanto é a origem quanto é a substância à qual todas as coisas finalmente retornarão.

Idéias:

1. A *apeiron*, descrita no fim do parágrafo acima. Uma substância indefinida e *ilimitada*, que proveria explicação tanto para a variedade como para as transformações das coisas. Seria algo eterno, não-criado, mas caracterizado por movimento e agitação constantes e eternas. Em suas manifestações, faz surgir outras substâncias. Na sua obra, *Sobre a Natureza das Coisas*, Anaximandro expõe sua filosofia essencial, onde a *apeiron* é intitulada de *arche*, o ponto de partida de tudo. Termos que usualmente são atribuídos à divindade são conferidos à *arche*, como um poder sem idade, imortal, não-gerado, imperecível, transcendental e eterno. Portanto a *apeiron* dele seria um conceito físico, metafísico e teológico. Lançou a base para o vácuo infinito dos atomistas, a deidade cósmica de Xenófanes, Aristóteles e os estóicos.

2. A desintegração da substância, ou retorno à *apeiron*, é descrita poeticamente como uma forma de justiça cósmica, porquanto todas as coisas de certa maneira são injustas e merecem ser extintas.

3. O espaço, que em alguns pontos pode ser identificado com o *ilimitado*, estende-se indefinidamente para cima, pelo que haveria a possibilidade de muitos mundos.

4. O Sol, a Lua e as Estrelas vieram à existência mediante a fragmentação de uma esfera em chamas, que a princípio envolvia a Terra. Os eclipses eram por ele explicados mediante a suposição de que vemos os corpos celestes através de perfurações ou respiradouros, que algumas vezes são bloqueados. A Terra teria a forma de um cilindro, com comprimento um terço maior que a sua largura. Flutuaria livremente no espaço, e ficaria eqüidistante de todas as coisas que existem no sistema cósmico.

5. *Evolução*. A vida teria tido origem na umidade (do oceano), e todos os animais teriam evoluído de outras espécies. Os antepassados do homem seriam peixes. Ele sentia que os seres humanos jamais sobreviveriam como infantes e que nada poderiam fazer por si mesmos; mas «devem ter nascido de outros seres vivos, visto que os outros animais podem procurar rapidamente o seu próprio alimento, mas somente o homem requer cuidados maternais prolongados». (Diels, H. e Kranz, W). (AM DK EP F. MM)

ANAXÍMENES DE MILETO

Compatriota mais jovem e discípulo de Anaximandro (ver o artigo). Suas datas são 588-524 A.C.

Idéias:

1. *A substância básica de tudo é o ar*, identificada como o sopro da *vida*. Essa terminologia tem levado alguns filósofos à suposição de que a sua idéia era *psíquica*, e não física. Mas a questão tem sido disputada. Alguns deles têm suposto que os filósofos naturalistas, pré-socráticos (Tales, Anaximandro e Anaxímenes) na verdade estavam promovendo o pampsiquismo (ver o artigo), e não várias modalidades de materialismo; isso com base nas diversas descrições que eles davam às suas substâncias, de acordo com as quais pareciam estar falando sobre Deus ou alguma energia espiritual. Todavia, não há certeza quanto a isso. Seja como for, para Anaxímenes o *ar* é que manteria todas as coisas em seu lugar, neste mundo, como uma espécie de princípio divino, a chave de toda origem, combinação, modificação e desintegração.

2. Ocorrem modificações através da condensação e da rarefação. Tal processo envolveria as pedras, a terra, as nuvens, o vento e o fogo, que seriam modificações atenuadas da mesma substância básica, o ar.

3. A terra, o sol, a lua e as estrelas são

substâncias em ignição, repousando sobre o ar. Os astros estariam girando em torno da Terra. Ele explicava a noite supondo que o Sol se ocultaria por detrás de pontos mais elevados da Terra, como se o Sol se movesse ao redor dos cumes da Terra, como se fora um boné ao redor da cabeça. O arco-íris seria produzido pelos raios do sol incidindo sobre ar condensado, mais espesso. Os terremotos seriam produzidos pela sequidão ou pela umidade da Terra, o que criaria condições caóticas.

4. O ar é a origem de tudo, animado, inanimado, terreno, os deuses e as realidades divinas. O movimento do ar, que é incessante, dá origem a causa e efeito, e a todas as modificações. O ar rarefeito gera o fogo; o ar condensado produz as nuvens; as nuvens condensadas produzem a água; a água condensada produz a terra; a terra condensada produz as rochas, etc. O calor e o frio seriam os fatores modificadores mais importantes utilizados pelo ar.

5. O ar é a causa de tudo, e a teleologia seria a finalidade de tudo. O Ar divino, que envolve a Terra, regula com êxito todas as coisas. Tales, Anaximandro e Anaxímenes formam a escola milesiana da filosofia. (AM BJ DK EP MM)

ANCIÃO DE DIAS

Nome dado a Deus em uma visão de Daniel (7:9,13,22), o único trecho da Bíblia onde se acha essa designação. A palavra tem sua raiz no árabe, no acadiano e no siríaco (aramaico não-bíblico), com o sentido de «avanço», de onde vem a idéia de *dias* que avançam na marcha ininterrupta do tempo. A figura simbólica é a de um homem idoso, cujos dias já avançaram extraordinariamente; mas o Deus eterno é o verdadeiro *ancião de dias*. Por meio de Cristo, compartilhamos da eternidade, mediante a nossa participação em Sua natureza (ver II Ped. 1:4), possuidores que somos da vida eterna (ver João 3:15; Tito 1:2 e I João 2:25), a mais profunda e ampla de todas as doutrinas da Bíblia. No livro de Daniel, o termo enfatiza a eternidade de Deus e do Seu reino, em contraste com os quatro sucessivos reinos temporais (simbolizados pelas quatro feras). Portanto, a eternidade do mundo espiritual é ressaltada em contraste com este mundo temporal e físico. A grandiosidade resplandece no mundo celestial, o desespero caracteriza este mundo terreno, a não ser quando Deus faz o que é temporal redundar na vida eterna. (I Y Z)

ANCIÃO No Antigo e Novo Testamentos

Discussão Preliminar

De modo geral, *ancião* é uma palavra que se refere aos líderes de um grupo ou comunidade, presumindo-se que os mesmos tenham idade avançada e sejam dotados de caráter maduro. No Antigo Testamento, o termo se aplicava a vários ofícios. Era o caso de Eliézer, o «mais antigo servo» de Abraão, em Gên. 24:2; certos oficiais da casa de Faraó, em Gên. 50:7; os principais servos de Davi, em II Sam. 12:17; e os «anciãos de Gebal» (ver Eze. 27:9). No Egito, mui provavelmente os anciãos eram funcionários do estado, pelo que o termo aplicava-se ali aos líderes e chefes políticos. Isso também sucedia entre os israelitas, moabitas e midianitas (ver Núm. 22:7). Não há que duvidar que o direito de primogenitura, bem como a capacidade de chefe da família, influenciaram tal uso, porquanto presumia-se que a idade tinha algo a ver com o amadurecimento e a sabedoria, o que se refletia em boa variedade de costumes. Os líderes das tribos naturalmente vinham dentre os anciãos pertencentes a essas tribos. Moisés e Aarão, ao chegarem no Egito, reuniram os anciãos de Israel e anunciaram ao povo a comissão divina que haviam recebido, para liderarem o povo, tirando-o do Egito (ver Êxo. 3:16,18; 4:29). Os anciãos do povo acompanharam a Moisés na primeira entrevista deste com o Faraó (ver Êxo. 31:9). Moisés também se comunicava com o povo por meio dos anciãos (ver Êxo. 19:7 e Deu. 31:9). Setenta anciãos de Israel acompanharam Moisés até o monte (Êx. 24:1). Esses anciãos também tinham o título de «príncipes». De acordo com a legislação mosaica, esses anciãos tinham seus respectivos deveres e poderes (ver Deu. 19:12 e 21:3). Era responsabilidade deles governarem e cuidarem para que a lei fosse cumprida (ver Jos. 20:4; Juí. 8:16 e Rute 4:2). Nos salmos, os anciãos são aludidos como uma classe distinta de autoridade (ver Sal. 107:32. Ver também Lam. 2:10 e Eze. 14:1). Após o exílio, eles receberam uma autoridade muito significativa.

Em cada sinagoga, havia um grupo governante de anciãos, de número variado, dependendo do número dos membros da congregação. Era dentre esses anciãos, finalmente, que se formava o superior tribunal, o Sinédrio (ver o artigo).

Nos arquivos de Mari, do século XVIII A.C., e até mesmo na correspondência real da dinastia de Sargão, no século VIII A.C., os anciãos aparecem como representantes do povo e defensores dos interesses populares, embora antes disso eles não tivessem quaisquer funções administrativas. No império hitita, entretanto, eles controlavam as questões municipais. Tais costumes eram praticamente universais entre os povos antigos, e os israelitas não eram exceção. Mas, no caso de Israel esse costume era associado às questões religiosas, visto que Israel era uma teocracia.

No Novo Testamento. Dentro do contexto judaico, nos dias neotestamentários, encontramos os anciãos associados aos principais sacerdotes (ver Mat. 21:23) e aos escribas (ver Mat. 16:21), bem como ao concílio (ver Mat. 26:29). Esses anciãos sempre exerciam alguma atividade, provavelmente porque seus membros acabavam tornando-se membros de alguma dessas três categorias. Lucas alude ao grupo inteiro dos anciãos, usando o termo grego coletivo *presbutérion* (ver Luc. 22:66; Atos 22:5), como também Paulo, em I Tim. 4:14, embora o apóstolo, nesse caso, estivesse falando ao grupo de pastores de alguma igreja cristã local. No tocante aos anciãos ou pastores da Igreja cristã, não contamos com qualquer informação específica acerca de sua origem, mas tão-somente que os títulos «ancião», «bispo = supervisor» e «pastor» são intercambiados (ver, para exemplificar, Atos 20:28). A importância dos anciãos cristãos aumentou, quando a Igreja se dispersou. Esses anciãos eram líderes, pastores, mestres, supervisores, enfim, autoridades cristãs (ver Atos 15:22,23; Efé. 4:11; Atos 20:28; Heb. 13:7 e I Tes. 5:12).

No decorrer dos séculos, — alguns anciãos passaram a receber o título de «bispos = supervisores», por exercerem autoridade sobre certas áreas, e não meramente dentro de alguma igreja local. As Ep. Pastorais parecem indicar esta possibilidade. Mas no resto do NT, um homem é um «ancião», devido à sua experiência e maturidade espiritual; era também um «bispo» porque supervisionava alguma congregação local; e era também um «pastor» porque

cuidava das ovelhas espirituais do rebanho. Muitas igrejas pentecostais de nossos dias distinguem entre «pastor» e «ancião». Isso também é um erro, porque as mesmas qualificações e deveres são dados na Bíblia a um e a outro. O mais estranho nessas igrejas, porém, é que eles não têm uma classe de oficiais chamados «bispos». Se queriam fazer distinção entre títulos, então deveriam ter três títulos para indicar três funções. Conforme funcionam as igrejas pentecostais, porém, os «anciãos» não encontram funções específicas nas Escrituras, como um ofício separado dos pastores, e isso os deixa muito confusos quanto à utilidade e serviço deles dentro das igrejas.

Origens na Igreja primitiva. Consideremos estes dois pontos: 1. Os anciãos, os ofícios e a autoridade deles no judaísmo, foram transferidos para a comunidade cristã. Esse título procede do judaísmo. 2. Os bispos (título esse que procede de um modelo gentílico) tinham funções análogas às dos anciãos, pois, na verdade, indicavam os mesmos oficiais. No paganismo, os bispos eram os presidentes de fraternidades e agremiações, e seus deveres principais eram o levantamento e a administração de fundos. No grego, o ofício era chamado *episcopos*, de onde procede nossa palavra portuguesa «bispo».

Na cristandade moderna. 1. A Igreja Católica Romana, a Igreja Anglicana e a Igreja Episcopal Protestante têm os seus «padres». Esse título, que significa «pais» (ver como Jesus proibiu o uso de títulos dessa natureza, entre os Seus seguidores, em Mat. 23:9), enfeixa em suas mãos uma autoridade desconhecida para os primitivos pastores cristãos, como, por exemplo, a de perdoar ou não pecados, o que lhes dá o direito de determinarem o destino eterno das pessoas. Na Igreja Católica Romana há várias ordens eclesiásticas, nenhuma das quais é referida ou sugerida na Bíblia: o papa (que se arroga o título de substituto ou «vicário» de Cristo), os cardeais, os arcebispos (que governam sobre alguma área ou distrito extenso), os bispos (que governam áreas ou distritos), os padres, os diáconos, e um bom número de outros títulos. No anglicanismo, antes que alguém possa tornar-se sacerdote, precisa ser diácono. 2. No metodismo há três ordens: bispos, anciãos e diáconos. Os bispos são escolhidos como *primii inter pares*, para supervisionarem alguma região como superintendentes. 3. Na Igreja Presbiteriana há dois tipos de anciãos: os anciãos mestres (pastores) e os anciãos governantes (leigos). 4. Nos grupos evangélicos com governo congregacional as questões mais importantes são decididas mediante o voto da congregação (governo democrático). Os líderes de cada congregação local são os pastores, dirigentes espirituais usualmente envolvidos no ensino com o direito de decidir sobre as questões mais importantes que afetam a igreja local. Nessas igrejas, os pastores são assessorados pelos diáconos, cuja função principal é a de cuidar das questões materiais da igreja local.

Alguns grupos evangélicos estão procurando renovar o ministério diversificado que aparece nos dias do Novo Testamento (ver Efé. 4:11). Esse é o ministério neotestamentário ideal. A dificuldade consiste em achar apóstolos autênticos, que preencham todos os requisitos bíblicos (por exemplo, ter visto a Jesus, conforme se vê em I Cor. 9:1, onde Paulo indaga: «...não sou apóstolo? não vi a Jesus, nosso Senhor?...»

1. Origem e desenvolvimento do ofício no N.T.

Originalmente, os «anciãos», eram os líderes das igrejas domésticas de Jerusalém, a saber, aquelas congregações que se reuniam em lares particulares, porquanto não havia ainda templos, naqueles primeiros dias da história cristã, que os crentes usassem.

Todavia, devemos observar, em Atos 15:6,23, que os *anciãos* aparecem lado a lado com os apóstolos como uma espécie de concílio eclesiástico; e isso indica que, por essa altura da história, eles já haviam obtido todo o prestígio que era desfrutado pelos anciãos das sinagogas judaicas. É bem provável que, desde o começo do cristianismo os «anciãos» ocupassem a mesma função dos «presidentes» das sinagogas dos judeus, os quais eram os principais elementos daquela estrutura eclesiástica israelita, embora, mui certamente, não fossem esses «presidentes» consagrados para ocuparem suas funções, por meio de qualquer cerimônia específica. No entanto, desde o princípio do cristianismo, a consagração de líderes, como os «anciãos», se tornou costumeira. Essa ordenação ao ofício, não se há de duvidar, era efetuada por meio da imposição de mãos, o que é outra continuação da prática judaica. (Quanto a notas expositivas sobre a história e a significação do rito da «imposição de mãos», ver Atos 6:6 no NTI).

No trecho de Atos 20:17, são usados alternadamente os vocábulos «presbítero» (ou ancião) e *bispo*, o que também se verifica em Tito 1:5,7. Conforme já pudemos esclarecer, mais acima, «ancião» ou «presbítero» se deriva da terminologia judaica, ao passo que «bispo» ou «supervisor» é de origem gentílica. É bem provável que, originalmente, não houvesse distinção alguma entre as palavras «ancião» e *diácono*.. Mas, gradualmente, esses termos vieram a indicar ofícios distintos, ainda que as qualificações para ambos os ofícios tenham permanecido essencialmente as mesmas, segundo também nos mostra a leitura do terceiro capítulo da primeira epístola a Timóteo. Os *diáconos*, evidentemente, ocupavam um ofício um tanto inferior, talvez mais ocupado com as questões materiais das congregações locais, tendo ao seu encargo mais a responsabilidade pelas necessidades físicas dos membros das igrejas locais; porém, existem indicações fortes de que os diáconos também eram pregadores, desempenhando um papel ativo nesse ministério, por semelhante modo. Não obstante, os anciãos ou presbíteros eram os principais líderes espirituais das igrejas locais, estando especificamente encarregados do ensino, da pregação e da evangelização.

Ver Tito 1:5-8 e I Tim. 3:1-13, onde aparece que já na era do NT, o bispo tinha autoridade sobre uma *área* e não somente sobre uma igreja local.

2. Qualificações dos anciãos ou supervisores

Ver Tito 1:5-8 e I Tim. 3:1-13 onde aparecem as qualificações e funções dos pastores e dos diáconos.

Notemos que o vocábulo *ancião* é usado em Tito 1:5, ao passo que no sétimo versículo é usada a palavra «bispo», isto é, «supervisor». (No grego, essas palavras são, respectivamente, «presbuteros» e «episkopos»). Essas palavras parecem ser usadas intercambialmente, o que está de conformidade com o uso normal das mesmas, em todo o N.T. E se porventura há alguma diferença de sentido entre elas, então «presbuteros» pode indicar o próprio «indivíduo», em seu título, ao passo que «episkopos» se refere ao seu *ofício*. Essa distinção, popular até recentemente, bem como a identificação dos dois termos, perdeu o apoio dos eruditos modernos. — As epístolas pastorais mostram clara e — definitivamente — que os *bispos* exercem autoridade sobre outros ministros, tal como sucede aos bispos modernos, podendo nomeá-los, exigindo seu discipulado, etc. Portanto, podemos distinguir três ofícios: bispos, anciãos e diáconos,

possuidores de autoridade nessa ordem descendente. O bispo podia exercer autoridade sobre uma região; o ancião, sobre uma igreja local, juntamente com outros pastores liderantes, ou anciãos; e o diácono se ocupava de um serviço secundário, mas não de natureza física, exclusivamente, porquanto se ocupava da administração de esmolas, etc.

Normalmente o «bispo» ou «supervisor» se levantava dentre a ordem dos «anciãos». Apesar dessas distinções nem sempre serem estabelecidas com base no sentido dos próprios vocábulos gregos usados, contudo, percebe-se que esses níveis de autoridade eclesiástica vinham surgindo, ao tempo em que foram escritas as «epístolas pastorais». (Ver a seção IV do artigo sobre *Epístolas Pastorais*, sob o título *«Para Quem foram Escritas»*.

As principais qualificações dos *supervisores*, conforme as encontramos em Tito 1:5 e no terceiro capítulo da primeira epístola a Timóteo, são as mesmas, a saber:

1. Eles precisam ter bom testemunho dos «de fora» (da comunidade ou sociedade não-cristã), bem como daqueles que fazem parte da igreja cristã.

2. Indivíduos recentemente convertidos devem ser barrados do ministério da Palavra. Deve haver tempo para que obtenham experiência.

3. Devem ser homens casados apenas uma vez.

4. Devem possuir filhos obedientes, o que demonstra sua capacidade de governar o próprio lar, antes de governarem a família de Deus.

5. Devem ser pessoas dotadas de piedade geral, livres de qualquer vício tipicamente pagão.

6. Devem ser hospitaleiros.

7. Devem ser possuidores dos dons espirituais, o que fica subentendido no fato de que devem ser *aptos* ou «qualificados» para ensinar, embora isso só seja dito diretamente no trecho de I Tim. 3:2.

8. Tanto a primeira epístola a Timóteo como a Tito estabelecem regras similares para as «diaconisas», embora essas regras só apareçam no segundo capítulo da epístola a Tito. Ali também aprendemos que as diaconisas devem ser «mestras», mas apenas de mulheres (ver Tito 2:4), porquanto é proibido pelo autor sagrado que as mulheres ensinem aos homens (ver I Tim. 2:11-15).

Os anciãos são realmente nomeados por Deus (ver Atos 20:28), devendo ser selecionados entre aqueles que demonstrem suas qualificações espirituais em uma vida diária, caracterizada pela piedade, com o acompanhamento da posse dos dons ministeriais e carismáticos. Não há nenhum caso, em todo o N.T., de um único «ancião» em uma igreja — o ministério de um único indivíduo foi produto de uma época posterior, quando o ministério cristão já se encontrava *profissionalizado*, devido à ausência dos dons espirituais. Alguma ênfase é posta sobre a questão da «consagração» desses anciãos, porquanto esse é o método pelo qual a igreja é resguardada dos falsos mestres, os quais procuram introduzir ensinamentos errôneos. É mister que tenham autoridade apropriada e isso conforme lhes for conferida pelo apóstolo dos gentios ou por aqueles nomeados pela sua «sucessão». (Quanto a idéias adicionais a esse respeito, ver a introdução aos trechos de I Tim. 3:1,8 no NTI).

3. Outros comentários — considerando I Tim. 5:17-25.

O Sustento e a Disciplina dos Ministros

No primeiro versículo deste capítulo é usado o termo «ancião», referindo-se a algum «homem idoso», e ali são dadas regras sobre como um «jovem pastor» deve tratar com o mesmo; havendo em seguida instruções acerca de outros grupos de idade. Mas, neste ponto, o «ancião» é um título eclesiástico, indicando um pastor, um dirigente da congregação local, juntamente com outros «anciãos», embora em posição inferior ao «bispo» ou «supervisor». É correto dizer-se que, no restante, do N.T., os «anciãos» e os «bispos» ou supervisores, são as mesmas pessoas, porquanto «ancião» e «supervisor» são termos sinônimos. Mas, nestas «epístolas pastorais», não se dá exatamente o mesmo.

Neste ponto, damos o comentário extraído do *Word Studies*, de autoria de Vincent, acerca desse assunto:

«A opinião dos críticos modernos tem abandonado quase inteiramente o ponto de vista que o governo cristão original imitava o governo da sinagoga. As autoridades seculares e religiosas das comunidades judaicas, pelo menos em localidades puramente judaicas, eram as mesmas; e bastaria esse fato contra a probabilidade de tal norma ter sido diretamente transferida para a igreja cristã. As prerrogativas dos anciãos do judaísmo nada têm que correspondam ao que sucedia nas comunidades cristãs. Funções que emergem posteriormente, nas comunidades judaico-cristãs da Palestina, não existem na sociedade palestino-cristã inicial. Quando muito, segundo observa Wiezsacker, tudo se resumiu no empréstimo de um título corrente.

Penso que a crítica moderna compele-nos a abandonar a idéia de que os títulos de bispo e ancião são idênticos, idéia essa que tem obtido larga aceitação, especialmente entre os eruditos ingleses, mediante as discussões de Lightfoot e Hatch. O testemunho de Clemente de Roma (Epístola aos Coríntios) mostra que os bispos (*egoúmenoi* ou *proegoúmenoi*) eram distinguidos dos anciãos, e que se os bispos eram aparentemente designados como anciãos, isso se devia ao fato de terem aqueles sido escolhidos dentre os anciãos, tendo retido o mesmo nome, mesmo depois de terem deixado de manter o ofício. Por essa razão, os bispos falecidos eram chamados anciãos. Nos escritos de *Clemente*, os anciãos indicam uma classe ou estado — membros de longa data e de caráter aprovado, e não titulares de ofício, regularmente nomeados. Entre esses é que os bispos devem ser procurados. Os bispos são reputados anciãos, não porque um ancião, como tal, seja um bispo, mas porque um bispo, como tal, seja um ancião. Nas Epístolas pastorais, os bispos e diáconos são associados uns aos outros, sem haver menção aos anciãos (ver I Tim. 3:1-13). Os anciãos são referidos em I Tim. 5:17-19, mas em uma conexão inteiramente diferente. As qualificações dos bispos e diáconos são detalhadas na primeira dessas passagens, e a lista de qualificações termina com a declaração de que assim estava organizada a igreja, como casa de Deus (ver os versículos catorze e quinze). Os ofícios são exauridos na descrição dos bispos e diáconos. Nada é dito acerca dos anciãos até o quinto capítulo desta primeira epístola a Timóteo, onde as relações de Timóteo com membros individuais da igreja são prescritas; e em Tito 2:2 e ss , onde esses membros são descritos como 'homens idosos' (presbútas). Fica implícita certa distinção entre duas classes de bispos — aqueles que governam bem, e aqueles que não o fazem; mas a distinção é obviamente feita entre os membros de igreja antigos e honrados, coletivamente considerados, formando o corpo do presbitério, e certos dentre seu número, que mostram suas qualificações por terem sido nomeados como supervisores. Os anciãos, como tais, não estavam investidos de qualquer ofício.

Não havia ato formal constitutivo dos anciãos. Os bispos eram contados entre os anciãos, mas estes últimos não formavam um ofício.

Dessa maneira, precisamos explicar as alusões aos anciãos 'nomeados' (em Tito 1:5 e Atos 14:23). Os anciãos devem ser nomeados como supervisores ou bispos, pois os supervisores devem ter as qualificações de anciãos aprovados. A consagração de anciãos consiste da dedicação de anciãos para a posição de supervisores. O presbitério denota um estado honroso e influente, na igreja, com base na idade, na duração como membro de igreja e no caráter aprovado. Somente os bispos eram 'nomeados'. Não havia nomeação para o presbitério. Ao término da epístola de Clemente aos Coríntios, as qualificações de um ancião são indicadas na descrição dos três comissários, enviados pela igreja romana, que eram os portadores da epístola, e aos quais nenhum título oficial foi conferido. Eram antigos membros da igreja romana, onde estavam desde a juventude, sem mácula na vida, crentes e sóbrios.

O falecido dr. Hort, em sua 'Ecclesia', afirmava que 'bispo' não era a designação de um ofício, e, sim, de uma função. Era uma descrição da função dos anciãos. — Diz ele: 'Atualmente, se reconhece bem que não temos aqui (na palavra *episkopos*) um ofício diferente, mantido por alguma pessoa, em contraste com o plural «anciãos». E acrescenta ele: 'É dificilmente menos errôneo compreender (*episkopos*) como mero segundo título, capaz de ser usado intercambiavelmente com «presbúteros», (pág. 190) .

Além dessas distinções, feitas por Vincent, deveríamos salientar que os «bispos» ou «supervisores», os quais, portanto, tinham autoridade sobre um território ou distrito, e não meramente sobre alguma igreja local, que era o caso relacionado aos «anciãos». E embora talvez não houvesse supervisores com toda a autoridade e com todos os deveres atribuídos aos «bispos» posteriores, contudo, pelo tempo em que estas epístolas foram escritas, grandes passadas tinham sido dadas na formação de um autêntico bispado. E isso significa que o «bispo» era mais que uma palavra para indicar as *funções* de um ancião. Antes, trata-se de um vocábulo que indica autoridade superior à dos anciãos, ainda que não tivesse o total sentido que veio a adquirir nos meados do segundo século de nossa era, conforme se vê nas epístolas de Inácio. Ver o artigo sobre as Epístolas pastorais, no item intitulado, «A Quem foram Dirigidas».

••• ••• •••

A seção que se segue mostra-nos que apesar de todos os «anciãos» terem autoridade na igreja, fazendo parte do governo eclesiástico, alguns deles se ocupavam da pregação e do ensino. Os anciãos eram, essencialmente, oficiais administrativos, embora alguns tivessem também outras funções. Alguns dos anciãos, ou mesmo todos eles, recebiam algum pagamento da congregação local, por seus serviços, mas os pregadores e mestres deveriam receber um salário mais amplo. (Ver os versículos dezessete e dezoito deste capítulo). É bem possível que muitos deles trabalhassem gratuitamente, conforme faziam os rabinos judeus mais espirituais, ou como faziam Paulo e Barnabé (ver I Cor. 9:6). Contudo, o ofício de ancião era visto como algo que merecia remuneração de alguma sorte. Com base nisso devemos supor que foi imposto um limite ao número dos homens que seriam reputados anciãos, em uma igreja local; e que ainda que houvesse um número excessivo deles, alguns tinham tal ofício como «honra», apenas, sem receber qualquer recompensa financeira por seus labores, embora pudessem compartilhar também do governo. Todavia, o trecho que temos à frente não entra em detalhes sobre essa questão, pelo que também não sabemos como essas questões eram regulamentadas.

Hoje em dia, um dos grandes problemas da igreja é a determinação de quais líderes da igreja devem ser considerados dignos de salário. Na congregação média, esse problema é solucionado mediante o ministério «profissional», que postula o «governo de um homem», o qual é o único que recebe salário da Igreja. Isso, naturalmente, passou a ocorrer quando os dons ministeriais espirituais desapareceram, tornando-se mister o aparecimento de um ministério profissional. Mas isso não representa as verdadeiras condições existentes na igreja cristã primitiva; e se a igreja atual ainda contasse com *anciãos*, segundo o molde primitivo, ainda assim o problema financeiro permaneceria de pé. O texto sagrado é bastante definido sobre um ponto — aqueles que pregam e ensinam deveriam ser os primeiros da lista a receber ajuda financeira, o que lhes permitiria serem melhores mestres, se prepararem-se melhor, fim de exercerem suas habilidades sem empecilhos de ordem financeira.

Esta seção também envolve o tópico necessário da disciplina dos líderes da igreja. Infelizmente essa disciplina é necessária, e homens bons, até mesmo homens de Deus, caem em pecados e erros sérios. A igreja deve contar com algum meio de tratar com os tais. A antiga regra judaica, de serem apresentadas duas ou três testemunhas, para que alguma acusação fosse feita contra os anciãos, é aplicada aqui (ver o décimo nono versículo deste capítulo). E o vigésimo versículo parece aplicar a regra democrática da disciplina, embora não haja menção alguma de «voto» que anule o ofício dado a alguém por chamada divina, ou mesmo que o exclua, ainda que tal ação drástica se torne necessária. O trecho de Mat. 18:15 e ss , tal como a passagem de I Cor. 5:4 e ss , dá a entender a necessidade de ação democrática em todos os casos de disciplina. (AM B IB FA ND NTI UN Z)

ÂNCORA

As âncoras mais primitivas eram pedras preparadas de modo a serem seguras por uma corda. Antigas âncoras desse tipo têm sido encontradas no Mediterrâneo. Começaram a existir âncoras similares às atuais por volta do século I A.C., completas com a barra transversal, os dentes e vários tipos de projeções, e também feitas de variegados materiais. As primeiras âncoras desse modelo eram feitas de madeira, com uma barra transversal de chumbo. Em Atos 27:29, lemos que quatro âncoras foram arriadas da popa do navio.

Usos figurativos

Âncora da alma, Heb. 6:19. (Ver I Tim. 1:19 quanto à mesma figura simbólica implícita). O navio precisa de uma âncora, para segurá-lo na tempestade. Mediante essa medida é obtida a segurança. A alma também enfrenta perigos, e deve ser protegida. A esperança de Deus, dada em Cristo é que nos fornece a segurança necessária. O navio ancorado no porto, embora agitado pelo vento e pela tempestade, acha-se em segurança, pois é resguardado de áreas eivadas de perigo. Por isso é que tanto na literatura antiga como no tempo moderno, a âncora é símbolo de esperança e segurança. «A 'esperança' básica em uma falsa suposição é como confiar em uma âncora fraca» (Sócrates). E mais adiante, no mesmo texto (*Stob.*

Serm. 109), diz Sócrates: «Um navio não deve confiar em uma âncora, e nem a vida em uma só esperança». Na igreja primitiva, a âncora era símbolo, não menos que a cruz, das realidades cristãs. No Túmulo de Gordon, que muitos crêem ter sido o sepulcro de Cristo (que vide), sobre o lugar onde o corpo esteve, aparece uma âncora, esculpida sobre a parede de pedra. Os túmulos de cristãos antigos e mais recentes com freqüência têm sido decorados com a representação de uma âncora. Trata-se de um símbolo bem apropriado para a esperança, posto que se agarra a algo «invisível», mas bem real. Por isso, o autor sagrado reputa que, em Cristo, a esperança é segura, embora ainda precise concretizar-se e ser desfrutada.

Filo também se utilizou desse símbolo (ver *De somniis* 1:39), e é bem possível que o autor sagrado obteve a idéia da parte dele, posto que neste tratado se pode ver muito da influência de Filo. Eurípedes (ver *Helena*, 277), Aristófanes (ver *Cavaleiros*, 1244) e Pitágoras (ver *Stob. Ecolg.* 3), usaram da âncora como símbolo da segurança. Pitágoras rejeita tais coisas como glória, governos, honrarias, etc., como âncoras fracas, tanto quanto o corpo humano físico. As virtudes, porém, como a prudência, a magnanimidade e a fortaleza seriam âncoras inabaláveis.

«A alma se apega, como que com temor do naufrágio, a uma âncora, e não vê para onde vai o cabo da âncora, e nem onde esta ficou presa: mas sabe que está segura além do véu que oculta a glória futura, e que se ela mesma ao menos segurar-se firmemente na âncora, com o tempo será levada para onde está esta última, isto é, ao Santo dos Santos, pelas mãos do nosso Libertador». (Ebhard, em Heb. 6:19).

«A âncora é firme e constante; é segura em sua própria natureza e é constante quanto ao seu objetivo, visto que está presa à rocha, a Rocha dos séculos; não está presa à areia, mas está segura para além do véu e em Cristo». (Matthew Henry, em Heb. 6:19).

«O homem que não encontra sua segurança para além do véu torna-se vítima de forças mundanas que o tratam como um brinquedo. É desviado de seu curso. Seu frágil batel muda de direção ao elevar-se e baixar-se qualquer onda. Até mesmo as estrelas morais são apagadas quando não há marcos de terra que meçam o 'avanço'. É patente que o reconhecimento dos perigos que enfrentamos, tanto do lado de fora como do lado de dentro, encontrando nossa 'âncora segura', nossa esperança no Deus que fez a promessa, é salvação para todo homem, para toda a circunstância, para toda geração». (Cotton, em Heb. 6:19).

Tua âncora se manterá firme no temporal da vida
Quando as nuvens desdobram suas asas contenciosas?
Quando as marés se levantam e os cabos ficam tensos,
Tua âncora se desviará ou permanecerá firme?
.....
Temos uma âncora que mantém a alma
Segura e firme, enquanto as ondas rolam,
Segura à Rocha que não pode mover-se,
Bem segura e profunda no amor do Salvador.
(Priscilla J. Owens)

Segura e firme, Heb. 6:19. Alguns aplicam isso à *esperança*; e outros à âncora. Alguns aludem à idéia do «refúgio», que transparece no décimo oitavo versículo, mas isso é menos provável. A esperança torna-se a âncora, a âncora da esperança, dentro do simbolismo combinado; portanto a questão da segurança e da firmeza está envolvida em ambos os elementos. O termo *segura* deriva-se do vocábulo gr. «asphale», «firme», como se dá com alicerces «seguros», sendo um derivativo de «spallein», «cambalear»; era termo usado metaforicamente com o sentido de «deixar perplexo» ou «frustrar». «Firme» vem de «bebaios»; «permanente», «bem firmado».

Penetra além do véu, Heb. 6:19. A metáfora é mantida, e agora somos informados sobre onde a âncora se firma, de onde procede a nossa segurança. A âncora se firma *além do véu*, isto é, na presença mesma de Deus, para onde Cristo Jesus já foi. Os cabos da âncora vão de nós para ele, firmando-nos na sua presença.

Além do véu é a realidade invisível e eterna do mundo celeste. Dois símbolos são aqui combinados; a. o mundo como mar; a alma como um navio; o fundo oculto do oceano como a realidade oculta do mundo celestial; b. a vida presente nos átrios externos do templo; a bem-aventurança futura do santuário dentro do véu. A alma como navio tangido pela tempestade, mas que é mantido firme pela âncora. A alma no átrio externo do templo é segura, pela fé, à bendita realidade no interior do templo». (Vincent em Heb. 6:18).

«A âncora está fora de vista, mas ela se mantém firme. Isso é o que importa» (Robertson em Heb. 6:19). O trabalho de Cristo, como nosso Sumo Sacerdote (o tema agora tem prosseguimento, com vinculações com o trecho de Heb. 5:10), é o que garante a chegada segura no porto, o bem-estar eterno da alma. (FA NTI Z)

ANDAR

Esse verbo é tradução de cerca de sete vocábulos hebraicos, no Antigo Testamento, e de cinco palavras gregas, algumas das quais raramente usadas. Naturalmente, há um sentido literal e sentidos figurados da ação. Os sentidos figurados podem ser antropomórficos, como quando se lê que Deus andava pelo jardim do Éden na viração do dia (ver Gên. 3:8), ou metafóricos, quando se lê sobre a maneira de andar do coração (ver Jó 31:7), da língua dos ímpios (ver Sal. 73:9), do trajeto das pestes (ver Sal. 91:6) ou do curso da lua (ver Jó 31:26). O uso metafórico mais comum dessa ação representa a conduta do homem, bem como a atitude de Deus para com essa maneira de andar. Por exemplo, ver Lev. 26:23,24: «Se...porém, andardes contrariamente comigo, eu também serei contrário a vós outros...»

Mais raramente, o termo pode ser usado em um sentido mais limitado, referindo-se às leis e preceitos para observância por parte dos homens (ver Atos 21:21). E no evangelho de João tem o sentido de atividade incansável (ver João 11:9), ou mesmo de aparição em público (ver João 7:1).

Quando Jesus curava alguém da paralisia, restaurando-lhe a capacidade de andar, não o fazia somente para que a pessoa readquirisse sua movimentação, mas para ensinar que há necessidade de uma renovação interna, que capacite o pecador a prosseguir caminho, uma vez arrependido (ver Mar. 2:9: «Qual é mais fácil, dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito, e anda?») No caso de Pedro, ao imitar Jesus, que caminhava por sobre as águas, continuar andando ou afundar era questão de fé. Quando a atenção de Pedro desviou-se de Jesus para a força das ondas, e ele começou a afundar e recorreu a Jesus, este lhe perguntou: «Homem de pequena fé, por que

duvidaste?» (Mat. 14:31).

O ato do batismo cristão indica que o crente deixou de andar pelo caminho da auto-suficiência pecaminosa e passou a andar pelo novo «caminho» (ver Rom. 6:4), da mesma maneira que, após Sua ressurreição, Jesus estava andando em uma nova maneira de viver. Assim, o crente é exortado a «andar no Espírito» (Gál. 5:16), e não mais a andar segundo a carne. O «andar dignamente» (ver Rom. 13:13) é melhor compreendido quando contrastado com o andar indigno de quem vive em orgias e bebedices, imoralidades e dissoluções, contendas e ciúmes. A idéia de progressão espiritual também é retratada pelo ato de andar. Promete Jesus, àqueles que não se macularem, não acompanhando o exemplo de outros, os quais abandonavam a integridade cristã: «...andarão de branco junto comigo, pois são dignos». No céu não haverá estagnação, mas a progressão espiritual será perene.

Essas e outras idéias proveitosas estão ligadas metaforicamente ao ato de andar. O estudioso da Bíblia muito aproveitará se meditar sobre as passagens que usam dessa metáfora.

ANDAR, Metáfora de

1. A metáfora do ato de **andar** expressa a natureza geral da vida espiritual. Isso é comum nas páginas do NT. Ver Gál. 5:16,25; 6:16; Rom. 4:12; 6:4; 8:1,4; 13:13; I Cor. 3:3; 7:17; Efé. 2:10; 4:1,17; 5:2,8,15; Fil. 3:16-18; Col. 1:10; 2:6; 4:5; I Tes. 2:12; 4:1,12; II Tes. 3:11. A metáfora se encontra em Paulo 33 vezes, e no resto do NT, 16 vezes. Nos filósofos éticos, também é comum.

2. **A orientação do Espírito.** Andar no Espírito, na comunhão e sob a influência do Espírito, o Poder Divino que cultiva em nós seus frutos. «Devemos dar os nossos passos pela ajuda e orientação do Espírito». (Robertson, em Gál. 5:25).

Andai na luz!
Assim conhecereis aquela comunhão de amor,
Que somente seu Espírito pode dar,
E que reina na luz superior.
Andai na luz!
E nem mesmo o sepulcro terá sombra temível;
A glória espantará sua tristeza,
Pois Cristo conquistou também ali.
(Bernard Barton)

3. **Os mandamentos e o andar**

a. Todos os mandamentos éticos do N.T., estão relacionados ao modo de «andar», ou seja, à maneira do crente conduzir-se neste mundo. O ato de andar é uma série de quedas interrompidas. Em nossas imperfeições, caímos com freqüência, e mesmo quando andamos, levamos conosco muitas quedas. Porém, o crente autêntico acaba encontrando a vitória cabal sobre todos os vícios.

b. O andar do crente precisa envolver as seguintes características:

Honestidade (ver I Tes. 2:12).

Ser digno de Deus (ver I Tes. 2:12), ser digno do Senhor (ver Col. 1:10), e ser digno de nossa vocação (ver Efé. 4:1). No Espírito (ver Gál. 5:25), e como filhos da luz (ver Efé. 5:8).

«*digno de Deus*», I Tess. 2:12. No grego encontramos o termo *aksios*, — um advérbio muito bem traduzido aqui, isto é, de maneira tal que o crente possa ser aprovado por ele, cuja vida seja agradável ao Senhor, sendo conduzido ao destino que o Senhor planejou para nós, em Cristo Jesus. (Comparar com Col. 1:10). Essa passagem diz: «...a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra, e crescendo no pleno conhecimento de Deus». É dessa maneira que podemos cultivar uma conduta digna. Também se pode comparar com o trecho de Efé. 4:1: «Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados...» Essa expressão tem sido encontrada em vários papiros e inscrições de tipo diverso do N.T., bem como em antiqüíssimos documentos cristãos, como em I *Clemente* 21:1 e Policarpo 5:2.

4. **A maneira digna de andar**

Aspectos da conduta ideal:

a. O seu exemplo é Cristo, o qual, como homem em que se tornou, enfrentou as mesmas tentações e problemas com que nos defrontamos, mas triunfou sobre tudo e muito aprendeu disso. (Ver Heb. 5:9). Dessa maneira se tornou o Pioneiro de nossa fé, mostrando-nos a vereda a seguir e como podemos enveredar por esse caminho. (Ver as notas a respeito, em Heb. 2:10, no NTI). Ele dizia: «Vinde após mim?» (Mat. 4:19).

b. A maneira ideal de andar leva-nos a uma missão específica que precisa ser cumprida, pois cada indivíduo é singular e tem uma obra singular a realizar. (Ver notas completas sobre esse conceito em Apo. 2:17 no NTI). Assim como o Pai enviou o Filho em sua missão, assim também somos agora enviados (ver João 17:18).

c. A maneira ideal de andar inclui a nossa comunão com Deus, através do Espírito, ao ponto mesmo de sermos o templo do Espírito Santo, o lugar onde ele habita. (Ver Efé. 2:20-22). Isso requer a santidade e as boas obras (Ver I Tes. 4:3 e Efé. 2:10).

d. A maneira digna de andar requer que o crente ponha em prática *os meios de desenvolvimento espiritual*:

O estudo dos documentos sagrados, bem como de outros livros que sejam espiritualmente úteis.

A oração (ver o artigo)

A meditação (ver o artigo)

A santificação (ver o artigo)

A vida diária segundo a lei do amor, as boas obras (ver no NTI em I João 4:7,8).

A possessão e o uso dos dons espirituais (ver no NTI em Efe. 4:11 e ss).

5. **Através desse meios** é que nos tornamos «dignos» de Deus, o qual nos chamou como seus filhos.

O Lado Negativo: O Andar nas Trevas

O «curso» geral da vida conduz as pessoas aos vícios do paganismo, à participação na rebeldia maléfica, fazendo-os enveredar por avenidas de degradação do corpo e do espírito. A expressão, «andar nas trevas» é usada somente nas obras joaninas. (Comparar com João 8:12 e 12:35). Para que não andemos nas trevas, precisamos da iluminação sobrenatural, pois o andar espiritual é inspirado e dirigido pelo Espírito de Deus. É impossível tal alvo para o homem natural. Este precisa de iluminação, de transformação, de inspiração e de ajuda da parte de Deus. A experiência mostra isso para nós, porque freqüentemente falhamos em nossas próprias forças; e quando a nossa santidade depende de nossa própria iniciativa, tornamo-nos profanos. Para andarmos santamente precisamos «nascer de novo» (ver I Ped. 1:23); e é o poder residente, do Espírito Santo, em nós infundido, que nos confere a natureza moral de Cristo (ver Gál. 5:22,23). (I IB ND NTI)

••• ••• •••

ANDAR SOBRE ÁGUA, O milagre de

Ver Mat. 14:22-27, Mar. 6:45,46 e João 6:15-21. As diversidades contidas nos relatos provavelmente indicam que a história foi preservada em mais do que uma fonte na tradição primitiva evangélica, antes da formação dos Evangelhos canônicos.

Tanto em Marcos quanto em João, a história está vinculada na seqüência com a multiplicação miraculosa; e disso obtemos a impressão de que o grande Cristo, que pode multiplicar pães, também pode vencer a força da gravidade, e andar por sobre a água. Não há motivo para duvidarmos disso, pois até hoje, entre os fenômenos psíquicos, tal fenômeno não é de todo desconhecido. O homem Jesus, por ser altamente espiritualizado, devido às operações do Espírito Santo, na realidade prática nem pertencia a este mundo, tão grande era o seu desenvolvimento, que ele demonstrou ocasionalmente. Interpretações céticas também são apresentadas neste ponto, por aqueles que ignoram o que pode ser feito mediante o desenvolvimento espiritual, ou por aqueles que estão cegos para a significação de tal desenvolvimento. Jesus teria andado «através» da água e não «sobre» a água; mas os discípulos se equivocaram sobre o que sucedeu. Tais idéias não merecem nossa consideração, e refletem a ignorância do ceticismo quanto às realidades espirituais. Agostinho dizia que somente na «fé», é que uma mente está em condição de acolher a verdade espiritual, pois o ceticismo resulta do fato de que a verdade espiritual foi amortecida para os céticos. Por isso é que ele dizia: *Creio, para que possa entender*. Sem dúvida temos nisso grande verdade espiritual. A experiência humana demonstra tal coisa. Os místicos que podem ver a aura humana (a qual atualmente pode ser fotografada por um tipo de radiografia) dizem-nos que as auras dos céticos são manchadas com máculas negras e sem cor, ilustrando o fato de que suas faculdades espirituais foram prejudicadas. Quão certo estava Agostinho, mesmo sem qualquer prova científica.

Este Milagre, tal como o da multiplicação dos pães, tem atraído muita atenção, bem como grande número de interpretações. As principais são representadas pelas seguintes idéias:

1. Interpretação às vezes denominada *monofisista*, porque os monofisistas ensinavam que Cristo possuía apenas uma natureza, composta da divina e da humana. Parte da igreja cóptica manteve essa crença. Essa interpretação diz que o Filho de Deus exercia controle sobre os elementos da natureza por ser Deus e homem. Essa doutrina não dá muita importância à natureza humana de Jesus, e pode incluir a idéia de docetismo (palavra que vem do verbo grego que significa «perecer»), que indica que o corpo de Cristo, nessa aparição, era apenas uma miragem, e não um autêntico corpo humano. Mas o texto indica, aqui, que Jesus não somente tinha poder sobre as forças da natureza, mas também sobre o seu próprio corpo. As Escrituras ensinam que Jesus foi homem verdadeiro, dotado de um corpo humano.

2. Alguns interpretam que Jesus realmente não andou sobre a *superfície* do mar, mas que somente dava aos discípulos a impressão de andar sobre o mar, quando a realidade é que andava sobre a terra, à beira-mar, ou então em água muito rasa. Mas o próprio texto impossibilita essa interpretação. O grego diz que ele andou «sobre» o mar, e seria impossível fazer isso significar *sobre* a terra ou em água de pouca profundidade. Por semelhante modo, o incidente da tentativa de Pedro em fazer a mesma coisa, e o fato de que eles conversaram, ilustra a impossibilidade de se crer que essa conversa, e a atitude de Pedro, tivessem lugar enquanto Jesus ficava em terra, ao passo que Pedro estava a «muitos estádios» da terra.

3. Outros pensam que a ocorrência foi modificada pelo autor do evangelho, e que representa um acontecimento comum, onde não houve qualquer milagre, mas que a tradição floreou o incidente. Parece que seria melhor dizer (pelo menos haveria mais razão nisso) que a ocorrência foi *invenção* do autor (ou dos três autores, ou pelo menos que isso foi aceito por três pessoas, Mateus, Marcos e João), pois é difícil entender como é que um acontecimento sem qualquer elemento fora do comum poderia provocar tantas modificações ao ponto de transformar-se em um dos milagres notáveis de Jesus.

4. Um intérprete sugere que Jesus apenas *nadou!* Mas essa interpretação refuta a si mesma.

5. Outros oferecem a interpretação *mitológica*, uma história marinha, como muitas outras, com possíveis reflexos de II Reis 2:14; 6:6 e Jó. 9:8, além de certos mitos estrangeiros.

6. Alguns pensam que Cristo manifestou poderes especiais, inerentes à natureza superior de sua *corporalidade*. Mas as Escrituras nunca indicam que Jesus tivesse um corpo diferente do homem comum, e a sua morte parece deixar isso bem patente.

7. Alguns expositores interpretam a história como se fora uma *alegoria* que apenas anota certas lições espirituais, sem aceitar a narrativa como acontecimento histórico.

8. Sabemos, por incidentes modernos de pessoas chamadas *sonâmbulas* que andam pelas vizinhanças, em estado de sono ou transe, que andar sobre a água não é algo impossível para a natureza humana. Outros, mesmo não estando em estado de transe, têm demonstrado essa habilidade, e isso deve ser incluído nas manifestações psíquicas, sobre as quais até hoje não sabemos muito. Pelo menos parece que essa façanha não é impossível à natureza humana, sob determinadas condições. Alguns expositores não aceitam essa ação como algo possível à natureza humana, mas pensam que tais pessoas devem contar com a ajuda de algum *poder externo*, como o dos demônios, etc. Mas, quando entramos nessas discussões, entramos na esfera das especulações, porque simplesmente não temos conhecimento suficiente sobre a questão para afirmar muitas coisas. Porém, é errôneo atribuir ao diabo tudo quanto não entendemos. Lembremo-nos que os antigos atribuíam o relâmpago e o trovão a deuses bons ou maus. Em geral, os estudos psíquicos ilustram o fato de que a personalidade humana é muito *mais poderosa* do que se tem pensado até hoje e que parecem quase não ter limites as possibilidades da personalidade humana. Isso seria ainda mais evidente não fora o peso e os efeitos do pecado, dos quais Jesus estava isento. E quem pode negar que, na transformação à imagem de Cristo, o homem adquirirá muito maior poder do que a capacidade de caminhar sobre a água? Também precisamos lembrar que o Cristo estava em processo de transformação espiritual, sendo homem, e assim ia adquirindo maior poder, dia-a-dia. Não nos olvidemos, ainda, que os poderes por ele adquiridos tornavam-se expressões *permanentes* de sua personalidade. (Ver Heb. 5:8,9). Por outro lado, a verdade é que esse desenvolvimento era espiritual, mediante a participação no poder do Espírito Santo. Através do conhecimento que temos até o presente, talvez possamos asseverar que o milagre aqui realizado por Jesus foi resultado direto da influência divina sobre

ele (talvez o uso *direto* desses poderes de sua própria natureza como Deus), mas é verdade, igualmente, que a transformação do ser humano, pelo poder de Deus, enquanto o homem está no processo do retorno a ele, fará com que o homem se torne mais e mais uma pessoa capaz de fazer tais maravilhas. Ler notas sobre Rom. 8:29 no NTI. Ver comentários sobre a nossa participação na divindade em II Ped. 1:4 no NTI.

Também notamos que dois dos evangelhos sinópticos, Mateus e Marcos, têm a mesma história em conjunto com o evangelho de João. Assim sendo, a suposição de alguns intérpretes, que dizem que somente João exagerou os elementos miraculosos na vida de Jesus, não têm base. Talvez a diferença entre os evangelhos, nesse sentido, não seja tão grande como alguns têm imaginado. (I IB LAN NTI)

ANDORINHA

Ver o artigo geral sobre **Aves da Bíblia**. Nas traduções, há duas palavras hebraicas, *agur* e *sus* (ver Isa. 38:14 e Jer. 8:7) que foram intercambiadas. Esses termos hebraicos indicam, respectivamente, grou e andorinha. Ambas são aves migratórias. Neste artigo, interessa-nos a segunda delas. No hebraico, *sus* significa *rápida*. Há espécies migratórias e espécies residentes de andorinhas. Quando elas eram abundantes na Palestina, os habitantes usavam-nas como alimento. E os hebreus também tiveram permissão de consumi-las em sua dieta. Há traduções que usam somente a palavra «grou» para ambas essas passagens; outras que usam somente a palavra «andorinha», em ambas. Nossa versão portuguesa as distingue.

Temos a considerar duas palavras hebraicas, uma delas usada em Sal. 84:3 e Pro. 26:2, e a outra usada em Isa. 38:14 e Jer. 8:7. Alguns estudiosos opinam que a primeira dessas palavras seria a verdadeira andorinha, ao passo que a outra seria o grou. Driver (PEQ, 1955, pág. 131) vê uma clara distinção entre uma espécie e outra; mas a verdade é que essa diferenciação não é tão simples como pode parecer à primeira vista. Esses pássaros pertencem a espécies totalmente diferentes, embora com hábitos similares. Ambas as espécies buscam o seu alimento no ar, onde passam a maior parte das horas do dia, pois são quase incapazes de tocar no solo, e fazem os seus ninhos em construções feitas pelo homem. A Palestina conta com seis membros da família das andorinhas (Hirundinidae). Dois desses membros são residentes, e os outros são migratórios. Mas o caso é que os escritores antigos dificilmente distinguiram entre essas duas espécies com precisão. No hebraico, a palavra traduzida por «andorinha», em Sal. 84:3 e Pro. 26:2, também significa «liberdade» (em letras latinas, essa palavra hebraica daria algo como *derôr*). Alguns têm sugerido que essa é uma palavra mais geral, que inclui todos os pássaros insetívoros, que se alimentam enquanto voam. Por esse motivo, tanto uma espécie quanto a outra se ajustariam aos contextos de Sal. 84:3 e Pro. 26:2, o que talvez explique por que nossa versão portuguesa traduz duas palavras hebraicas diferentes por uma só, «andorinha». (Z)

ANDRÉ

O nome dele está incluído entre aqueles que esperaram no cenáculo, após a ascensão de Cristo (ver Atos 1:13). Porém, depois disso, seu nome não mais é mencionado no Novo Testamento. A tradição, como usual, adiciona toda a espécie de detalhes. Talvez alguns desses detalhes correspondam à realidade. Eusébio, *Hist.* III.1, registrou uma tradição que afirma que posteriormente trabalhou na Cítia. Por essa razão, ele foi adotado como santo patrono da Rússia. Porém, outras tradições vinculam-no à Lídia, à Trácia e à Acaia. O evangelho apócrifo chamado *Atos de André* diz que ele evangelizou a Acaia, e que finalmente foi ali martirizado em uma cruz com a forma de «X». Esse tipo de cruz, a *crux decussata*, veio a chamar-se Cruz de Santo André. Por causa dessa tradição, ele tornou-se o santo patrono da Grécia. As tradições se multiplicam, afirmando que então seu corpo foi transferido para Constantinopla, e dali para a Itália, durante as cruzadas da Idade Média. Uma tradição posterior diz que um de seus *braços* foi trazido para a costa oriental da Escócia, por Régulo; e assim André tornou-se também o santo patrono da Escócia.

André não possuía a habilidade nativa e a agressividade de seu irmão Pedro, mas desempenhou — importante papel na evangelização, — que prosseguiu dando apoio às atividades do grupo apostólico. A vontade de Deus dirige as atividades de cada ser humano, embora, como é óbvio, o desenvolvimento espiritual pessoal e a iniciativa do indivíduo tenham um grande peso no tocante ao que acontece a uma pessoa durante esta vida. Seja como for, trata-se de um ensino espiritual, digno de atenção, onde cada um de nós tem uma missão especial a realizar, e não somente neste momento do tempo que chamamos de vida terrena, mas igualmente por toda a eternidade. Isso fica subentendido no trecho de Apo. 2:17, o que é comentado pormenorizadamente no NTI.

ANDRÉ, ATOS DE PEDRO E

Ver *Pedro e André, Atos de*, nos *Livros Apócrifos do Novo Testamento.*

Os Atos Leucianos:

Há um grande número de Atos apócrifos, mas os principais são os de Paulo, Pedro, Tomé (Judas), João e André. Os maniqueus reuniram muitas dessas obras, formando uma coleção. A maioria desses livros tem origem gnóstica. O bibliófilo do século IX D.C., Fótio, encontrou a coleção inteira atribuída a um certo *Leucius Charinus*; mas parece que o nome Leucius era o nome fictício do autor de Atos de João (o livro mais ortodoxo desse grupo). Seja como for, seu nome veio a ser associado a esse grupo de livros.

Atos de André. Quanto à data, esse é o mais recente desses livros (cerca de 260 D.C.), e também o mais fragmentado nos manuscritos existentes. Reveste-se de um caráter fortemente gnóstico, comentado por Eusébio em *Hist.* iii.25. Fala-se ali sobre a suposta pregação de André entre povos canibais e outros, seus vários milagres e suas exortações em favor da virgindade e do celibato.

ANDRÉ E MATIAS (MATEUS), ATOS DE

Essa obra existe em várias versões—latina, grega e siríaca — sendo uma alegada história romântica apócrifa das maravilhosas obras de André e Mateus. Não faz parte do livro Atos de André. A obra tem por intuito narrar mais os feitos de Matias (ver Atos 1:26), e não do evangelista Mateus; mas, em algumas versões posteriores da obra, Mateus toma o lugar de Matias.

A *narrativa*. O mundo estaria dividido em vários campos missionários, e os apóstolos encarregaram-se de entrar nesses campos, cada qual com sua área

individual. Matias foi enviado a um território de canibais, que tratavam violentamente os estrangeiros, aprisionando-os, — matando-os, e, finalmente, devorando-os. Matias foi apanhado e cego, — mas conseguiu reter a consciência e orou pedindo ajuda. André foi a resposta às suas orações e o socorreu. Uma visita de Jesus foi o meio de transmitir a mensagem. André e alguns companheiros tomaram um barco cujo piloto era Jesus, embora não o tivessem reconhecido. A caminho, André (provocado por Jesus) historiou as poderosas obras de Jesus, incluindo a fantástica estória da visita feita a um templo pagão, onde os sumos sacerdotes judeus foram refutados por uma esfinge falante.

Ao chegarem, André liberta Matias, e ele e seus companheiros são arrebatados em uma nuvem, mas André fica para trás. Opera grandes milagres, mas é aprisionado e torturado. Como protesto, ele quase destrói a cidade, invocando grandes torrentes de água de uma estátua. O povo da cidade arrepende-se e ele restaura a cidade. Então traça planos para a construção de um templo, e o povo é batizado. (HEN JAM Z)

ANDRÉ E PAULO, ATOS DE

Essa história que só existe como fragmentos em cóptico, é um dos Atos apócrifos posteriores. Paulo desejava visitar *Amente* (o submundo), pelo que mergulhou no mar. Deixara uma mensagem endereçada a André, instruindo-o a trazê-lo de volta, chegado o tempo próprio. Ao retornar, Paulo conta como se encontrou com Judas, a única alma deixada em Amente. Embora Judas tivesse sido perdoado por haver traído a Jesus, caiu no erro de adorar a Satanás e movido pelo temor, suicidou-se. Portanto, foi condenado a permanecer no submundo, até o dia do juízo.

Depois Paulo e André visitaram uma cidade (na terra). Mas os judeus não permitiram a sua entrada, pelo que Paulo derrubou os portões com um pedaço de madeira que ele tinha trazido de Amente. Então os judeus rebeldes foram engolidos pela terra. Grande disputa seguiu-se entre os sobreviventes, e dois mil e setecentos judeus se converteram. (XJ Z)

ANDRÉ, HISTÓRIA FRAGMENTADA DE

Um livro apócrifo posterior, existente somente em cóptico, e em forma fragmentada, fala sobre uma mulher que matou sua criancinha dando-a como alimento para um cão. Os apóstolos viram-na e tentaram aproximar-se; porém, ela fugiu. Mas o cão ficou e explicou o sucedido. André orou pedindo um milagre, aludindo a como, uma vez, no monte Gebal, Jesus ordenara que todas as pedras espalhadas e todos os grãos de areia se reunissem em um só lugar, o que aconteceu de fato. A oração de André foi eficaz, e a criança voltou à vida. (Z)

ANDRÔNICO

1. Governador regente de Antíoco Epifânio, o qual por ordem de Menelau, depôs e executou o sumo sacerdote Onias, por causa do qual ele mesmo foi morto, ao regressar a Antíoco (ver II Macabeus 4), em cerca de 169 A.C.

2. Um oficial a quem Antíoco Epifânio, após saquear Jerusalém, deixou no governo, em Gerizim (ver I Macabeus 5:23).

3. Um cristão de Roma, ou de Éfeso (se é verdade que o décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos foi uma pequena carta originalmente enviada à Ásia Menor, a fim de apresentar Febe). Ver o problema ser discutido no artigo sobre a epístola aos Romanos, na Seção VIII, *Integridade da Epístola*, quase no final da mesma. Seja como for, Paulo o saúda em Rom. 16:7. Evidentemente ele era crente antigo, já convertido quando Paulo o conheceu. O termo usado por Paulo, «parentes», provavelmente significa apenas que ele era judeu. Ele também é chamado um dos «companheiros de prisão», o que deve ser entendido literalmente. Todavia, não se sabe onde ele compartilhou com Paulo de algum encarceramento. Ver o artigo sobre *prisões*. Visto que o seu nome é associado ao de «Júnias», é possível que fossem marido e mulher. É possível que os dois tivessem se convertido no dia de Pentecoste, o que faria deles crentes experientes, antes de conhecerem o apóstolo dos gentios. Eles eram «notáveis entre os apóstolos», indicando que eram pessoas notórias na Igreja cristã. Alguns intérpretes acham que essas palavras indicam que eles mesmos eram alistados entre os apóstolos, no sentido mais amplo ou secundário do termo. Ver o artigo sobre os *apóstolos*. Ver também os comentários sobre Atos 14:4 no NTI, quanto a esse uso mais amplo do termo «apóstolos». Ver os trechos de Gál. 1:19; Fil. 2:25; I Tess. 2:6 e I Cor. 4:9, onde fica entendido esse uso mais amplo do termo. Mui provavelmente ele conheceu Paulo em 60 D.C. De conformidade com Hipólito, ele tornou-se bispo da Panônia, mas Doroteu afirma que ele tornou-se bispo na Espanha. (DE MAG NTI RAM)

ANDRÔNICO DE RODES

Um filósofo helenista do século I A.C. Encabeçou um ressurgente movimento aristotélico, que recuperou as idéias de Aristóteles de numerosas vicissitudes sofridas em outras mãos. Por algum tempo, perderam-se os escritos de Aristóteles, mas Andronico os trouxe à tona. Foi ele quem cunhou o termo *metafísica*, usando-o para dar título a um tratado ao qual Aristóteles não dera nome. Também comentou sobre as obras de Teofrasto (ver o artigo), além de fazer suas próprias investigações no campo da lógica. (MM P)

ANEL

Palavra que aparece tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No grego é *daktúlios*, palavra que se origina do termo grego que significa «dedo». Anéis eram usados desde a antiguidade mais remota, conforme os arqueólogos têm descoberto entre os assírios, os babilônios e os egípcios. Provavelmente, os patriarcas do povo de Israel também os usassem. Usualmente os anéis eram confeccionados em ouro ou prata, embora também houvesse anéis de bronze. Os anéis de selar, sua forma mais primitiva, podem ter sido usados a princípio como substitutos do cordão de pôr no pescoço, onde ficava pendurado o selo (ver Gên. 38:18). Os egípcios que usavam muitos anéis, usavam-nos nos dedos. Posteriormente, os israelitas usavam o anel de selar em algum dedo da mão direita (ver Jer. 22:24). Os selos, esculpidos em uma chapa no anel, representavam certa variedade de emblemas, como um leão, um touro, um escaravelho, um crocodilo, além de vários emblemas reais. O anel de selar era usado para selar (equivalente à moderna assinatura) vários acordos, especialmente no caso de contratos matrimoniais. Era um objeto especialmente importante para a realeza, a nobreza e para

indivíduos de alta posição social (ver Tia. 2:2). Faraó deu um desses anéis de selar a José, como símbolo de autoridade (ver Gên. 41:42). Por semelhante modo, Assuero deu a Hamã o seu anel de selar, para que este confirmasse com o mesmo o decreto real (ver Est. 3:10,12). O filho pródigo, da parábola de Jesus, recebeu um anel de seu pai, como símbolo de dignidade (Luc. 15:22).

Além de anéis, mulheres e crianças também usavam brincos que eram pendurados nas orelhas (ver Gên. 35:4; Êxo. 32:2), conforme se tem descoberto em Gezer, Megido e Taanaque. Argolas para o nariz também eram bastante populares entre os adornos femininos (ver Gên. 24:22,47; Isa. 3:21). Os anéis são mencionados por mais de quarenta vezes, dentre os objetos de uso religioso, em Êxo. 25:39. — E lemos que Moisés baixou instruções quanto ao uso dos mesmos na arca, nas cortinas do tabernáculo, no peitoral e na estola sacerdotal do sumo sacerdote, e nos altares do incenso e das ofertas queimadas. Anéis também eram usados como uma espécie de artigo de trocas ou escambo.

ANÊM

No hebraico, **duas fontes**. Uma cidade de Issacar, dada aos levitas (ver I Crô. 6:73). No trecho paralelo, Jos. 19:21, essa cidade é chamada En-Ganim, isto é, «fonte dos jardins». O lugar era bem servido de água, tendo sido identificado com Anea, do século IV D.C. Tinha bons banhos e distava quinze milhas romanas de Cesaréia, para oeste. Eusébio, porém, identificou-a com Aner. Alguns arqueólogos a têm identificado com a moderna Khirbet 'Anim, a três quilômetros a nordeste de Alã, ou com a própria Olá, a treze quilômetros a suleste do monte Tabor. (ND S UN Z)

ANER

No hebraico, **jovem**. 1. Aner, Escol e Manre eram três cananeus (amorreus) que uniram suas forças às de Abraão, na perseguição aos reis Quedorlaomer, Anrafel e seus aliados, que haviam pilhado Sodoma e levado Ló, sobrinho de Abraão, como prisioneiro (ver Gên. 14:13,24). Também é possível que Aner fosse o nome de um lugar, visto que Manre também é nome antigo de Hebrom (ver Gên. 23:19), e Escol é o nome de um vale perto de Hebrom (ver Núm. 13:23). Terminada a tarefa, Abraão ignorou os despojos. Mas aqueles que o ajudaram compartilharam dos mesmos. Uma décima parte (o dízimo) foi dado a Melquisedeque, rei de Salém. (Ver o artigo sobre *Melquisedeque*). O tempo era 2060 A.C.

2. Uma cidade de refúgio, no território de Manassés (ver I Crô. 6:70), de localização desconhecida. (ND S UN Z)

ANETHON

No grego significa **Endro**.

ANFÍPOLIS

Nome grego de uma cidade da Grécia, pela qual Paulo e Silas passaram a caminho de Tessalônica, vindos de Filipos (ver Atos 17:1). Originalmente era um centro comercial dos trácios, conhecida como *nove estradas* (ennea odoi). Ficava localizada na margem oriental do rio Estrimom (modernamente Estruma ou Karasu), onde esse rio emerge do lago Cercinitis, cerca de cinco quilômetros e meio do mar. Era uma cidade da Macedônia, cerca de cinqüenta e três quilômetros de Filipos.

Seu nome, Anfípolis, provavelmente deriva-se do fato de que era quase completamente *circundada* por uma curva do rio (no grego, *amfi*, em redor), ou talvez, porque era conspícua por todos os lados, estando localizada sobre um terraço elevado. Thuc. 4,102,4 apresenta a primeira dessas duas razões.

O local começou a ser ocupado em 436 A.C., por colonos atenienses, sob a liderança de Hagnon, depois que tentativas anteriores haviam fracassado. O general espartano Brasidas, conquistou-a militarmente, mas depois devolveu-a a Atenas. Continuou independente até que foi ocupada por Filipe da Macedônia, em 357 A.C. Sob o domínio dos romanos, foi reconhecida como uma cidade livre, servindo de residência ao governador romano da Macedônia.

A região era próspera por causa de suas terras férteis, de seu comércio com muitos produtos, incluindo o vinho, o azeite, a lã e a madeira. Dominava uma ponta que atravessava o rio Estrimom e ficava localizada na *Via Inácia*, uma das principais estradas romanas, que ligava Roma a muitas cidades da área de Anfípolis, visto que atravessava a Macedônia desde Dirracum, porto do mar do Épiro, vinculando assim a Itália à Grécia, nos tempos antigos.

Paulo passou por essa cidade a caminho de Tessalônica, vindo de Filipos, mas não há qualquer registro histórico de que ali estacou para pregar e organizar igrejas. (A ND NTI UN Z)

ÂNGELUS

1. A oração, recitada três vezes ao dia, em honra à encarnação, composta por três Ave-Marias, com a adição de três versículos bíblicos e uma oração final.

2. Os sinos que soam para que se faça essa oração. (E)

ANGLO-CATOLICISMO

De maneira frouxa, o termo pode designar aqueles que, desde os tempos de Henrique VIII, têm favorecido o catolicismo, sem o papa. Mais comumente o termo é usado para aludir ao Movimento de Oxford (ver o artigo) e seus sucessores (nos séculos XIX e XX), por meio do qual a fé católica foi fortemente propagada dentro da comunidade anglicana. Os anglo-católicos professam a fé da Igreja antes do cisma que dividiu o Ocidente do Oriente. Acolhem (embora não sem crítica) os desenvolvimentos modernos da Igreja Católica Romana. Inspiram-se na Bíblia, nos pais da Igreja, nos eruditos carolinos (ver o artigo) e no catolicismo contemporâneo, e não nos reformadores. Usam material litúrgico anglicano comum, como o Livro da Oração Comum, embora o suplementem com fontes romanistas. A teologia do Movimento de Oxford era fundamentalista, mas muitos anglo-católicos têm sido influenciados pela crítica liberal típica dos tempos modernos. Têm encorajado ativamente a reforma social, e têm dado apoio a movimentos esquerdistas. Têm-se mostrado ativos na fundação de ordens religiosas, retiros e métodos para enriquecer a vida devocional dos anglicanos. Em anos recentes, novas ênfases dentro do próprio catolicismo-romano têm modificado o anglo-catolicismo, e o reavivamento da teologia bíblica. O movimento ecumênico tem produzido muitas modificações; e em alguns sentidos, os vários grupos da comunhão anglicana têm podido unificar-se mais. (AM C E LL)

ANGST

Um vocábulo alemão talvez melhor traduzido para o português como *angústia*. Dentro do pensamento existencialista (ver o artigo sobre o existencialismo), a palavra *angústia* presumivelmente descreve a condição humana básica. Há um pavor sem nome e sem objeto particular, mas que é um sentimento comum à humanidade, por terem os homens de enfrentar um mundo destruidor, hostil e insensato. Os comentadores a respeito têm sido Kierkegaard, Heidegger, Unamuno, Bultmann e Sartre. Essa filosofia deixa os homens «dentro do temporal», onde têm de lutar contra a aniquilamento e a não-entidade e ignora o fato de que na psique humana também há a descoberta que o homem, como ser espiritual que é, ultrapassa a tempestade e entra na compreensão espiritual de que a existência humana é finalmente boa e otimista. Em outras palavras, para além da tempestade, há um Novo Dia, no qual a existência humana, no nível espiritual, floresce em harmonia, bem-estar e propósito. A psicologia tem demonstrado a existência de ambos esses motivos na psique humana: 1. A tempestade do desespero, por enfrentar a não-entidade; e 2. o estado para além da tempestade, em que é confirmada uma existência digna. Esse segundo motivo afirma a imortalidade, sem o que a condição humana seria realmente *angustiosa*. (C P)

ANHIPOSTASIS

Ciro, Patriarca de Alexandria, c. 412, lutando contra a doutrina do Apolinarianismo (que vide), declarou que existe uma união perfeita das duas naturezas em Cristo, a ponto da humanidade de Cristo, embora completa e inteira, não ter uma existência independente. É isso que a palavra grega *anhipostasis* indica. Ver o artigo sobre *Cristologia*.

ANHOMOEANOS

Esse termo era aplicado aos arianos extremados, como Aécio e Eunômio, os quais diziam que o Filho era totalmente diferente do Pai, em sua essência natural básica. Alguns levavam esse ponto de vista ao extremo de dizer que essa diferença impedia o Filho de conhecer o Pai, visto que lhes faltaria uma natureza comum (ousia); o único relacionamento entre Eles seria a participação na vontade divina. Teodoreto criticava esses pensadores, afirmando que eles ensinavam mais tecnologia do que teologia, aplicando categorias lógicas às realidades metafísicas. Ver os artigos sobre *homoeanos* e *homoeousianos*, quanto a maiores esclarecimentos sobre essas questões. (C)

ANIÃO

No hebraico, **lamento do povo**. Foi o quarto filho de Semida, o manassita (ver I Crô. 7:19).

ANIAS

Foi chefe de uma família que totalizava cento e uma pessoas, e que retornara da Babilônia, após o cativeiro, com Zorobabel (ver I Esdras 5:16). Seu nome é omitido nos paralelos de Esd. 2:3 ss e Nee. 7:8 ss (S Z)

ANIM

No hebraico significa **fontes**. Era uma cidade localizada na região montanhosa de Judá (ver Jos. 15:50), aparentemente localizada perto de Estemo, mais para o noroeste. Tem sido tentativamente identificada com Khirbet Ghuwein et Tahta, a quase dezoito quilômetros ao sul de Hebrom. É mencionada nas cartas de Amarna com o nome de Hawini. (SZ)

ANIMA

1. A palavra latina para alma (ver o artigo a respeito).

2. Na psicologia de Jung, aquela parte do inconsciente coletivo dentro de um indivíduo, que representa o aspecto feminino da natureza de um homem.

ANIMAIS, ADORAÇÃO AOS

A grande variedade de animais, alguns de grande beleza, e outros de muita força, tem provocado admiração nos homens. Alguns homens dedicam suas vidas aos animais, como nos zoólogos. E sempre há uma ponta de admiração da parte daqueles que escolhem essa profissão. Alguns homens sentem uma espécie de parentesco com os animais. Outros supõem que eles podem ser veículos da alma de antigos amigos e parentes, ou mesmo antepassados, que dão prosseguimento em sua evolução espiritual em um corpo animal. Essa crença faz os homens respeitarem, e, em alguns casos, reverenciarem os animais. Os sacrifícios de animais, até onde podemos recuar no passado, sempre fez parte dos sistemas de adoração dos homens. Desse modo, os animais têm estado associados aos ritos e às crenças religiosas. Não foi preciso grande salto para que certos animais fossem considerados favoritos dos deuses, ou seus instrumentos especiais e portanto, dignos de respeito e adoração. Alguns animais foram identificados com a fertilidade da terra, e outros, como pássaros, etc., com presságios, maldições e bênçãos. Surgiram cultos baseados na crença de que as almas humanas retornam à vida nos animais. Certas qualidades dos animais, como a força e a sutileza, foram vistas como dons divinos aos animais dotados desses atributos, como se estivessem em ligação com certos deuses. Entre os povos primitivos, plantas e outros objetos naturais, tidos como ancestralmente relacionados a alguma tribo particular, tornavam-se os seus *totens*, ou espíritos protetores, os quais eram representados em postes esculpidos laboriosamente.

ANIMAIS, ALMA DOS Ver **Alma dos Animais.**

ANIMAIS, DIREITOS DE, E MORALIDADE

A existência dos animais e o que sucede a eles envolve uma questão moral e merece um espaço dentro do pensamento teológico, moral e prático.

Argumentos em prol do respeito aos animais, e seus direitos:

1. Os animais têm alma e, assim sendo, estão envolvidos na evolução espiritual. Essa é uma doutrina comum das religiões orientais, usualmente em conexão com a idéia da transmigração de almas, ou então com o conceito de que dentro de cada grupo animal, há uma alma que pode crescer espiritualmente, embora faça sua jornada sempre em algum corpo animal. A evolução espiritual, no tocante aos animais, permanece como um item da fé religiosa, pois há boas evidências quanto à existência de um elemento não-material nos animais, sobretudo na forma de aparecimento de animais e formas cruas de comunicação com antigos proprietários. No campo da filosofia, Platão e outros supunham que *toda vida é espiritual*, que a matéria serve apenas de veículo, jamais sendo a

própria vida. Os estudos feitos nas auras e campos de vida demonstram, quase acima de qualquer dúvida, que além da matéria jaz uma contraparte psíquica, que aparentemente é a sede da vida. Têm sido usados voltímetros para detectar a radiação de energia de seres vivos, a qual alguns pensam constituir uma realidade psíquica por detrás do veículo físico. É possível que a fotografia kirliana da aura detecte uma radiação derivada do campo da vida. Ver os artigos sobre a *aura* e o *campo de vida*.

Nenhum tipo de vida parece simples. De fato, todos os seres vivos parecem assumir a forma que têm por causa de um *molde espiritual* que governa o desenvolvimento das células, por meio do código genético. O *campo de vida* é imaterial, sendo a força e a inteligência por detrás do desenvolvimento das entidades físicas. Se isso é verdade (atualmente há teorias a respeito, baseadas em implicações empíricas e filosóficas), então os animais, até mesmo da escala dos insetos, têm sido grandemente subestimados. Os animais exigem nosso respeito e consideração. Alguns crêem que os animais são pessoas.

2. **Inteligência dos animais.** Estudos recentes demonstram que pelo menos alguns animais têm a capacidade de raciocinar e resolver problemas. A humilde abelha chega a antecipar o futuro. Se lhes oferecermos água açucarada, as abelhas virão tomá-la. Se removermos a água açucarada para alguma distância, as abelhas irão atrás. Se continuarmos a remover a água cada vez mais longe, elas *anteciparão* nossos movimentos, buscando a água à maior distância que no dia anterior. Tem-se descoberto que os primatas superiores têm certa capacidade lingüística, se forem treinados a usar um teclado de computador para se comunicarem. É quase certo que se tivessem o aparelho fonador necessário, eles teriam inteligência suficiente para manipular sintaxe e gramática. Alguns animais, dotados de cérebros volumosos, são capazes de resolver problemas complexos, que requerem raciocínio, e não o mero instinto. Quanto mais a ciência descobre, mais ficamos impressionados ante a inteligência dos animais.

3. **Emoções dos animais.** Aqueles que têm contato com os animais, sabem que eles têm emoções. Os primatas superiores lamentam a perda de seus companheiros, com grande consternação. Um caçador que feriu um gorila e viu a agonia do animal, bem como a consternação de seus companheiros, afirmou que se sentiu quase como se tivesse cometido um homicídio.

4. Interesses dos animais. Para um animal, o que acontece com ele é importante. É impossível atribuirmos tudo ao instinto. Para os animais, a vida é preciosa. Alguns têm indagado se nós mesmos gostaríamos de ser tratados como os animais são tratados, se, porventura, alguma forma superior de vida, mais poderosa do que nós, nos reduzisse ao estado a que temos reduzido os animais. Um animal tem interesse pela vida, e bastaria isso para nos fazer respeitar os animais.

5. **A sociedade primitiva e os animais.** Quanto mais avança uma sociedade humana, mais respeito adquire pelos animais. As sociedades mais primitivas sentem prazer na tortura de animais, e a malignidade humana se compraz até em torturar outros seres humanos. Sempre será errado infligir dor desnecessária, mesmo que a vítima seja um animal.

Muitas indagações são levantadas por essas observações:

1. Os animais devem ser usados como alimentos? Alguns respondem negativamente, com bases morais e religiosas. Outros frisam que a carne é a melhor fonte de proteínas, e que o sistema humano não se dá bem com uma estrita dieta vegetariana. Os teólogos frisam que a Bíblia permite a ingestão de carne e condena o ascetismo que a proíbe (I Tim. 4:3,4). Mas outros retrucam que não há conhecimento que não possa ser aprimorado, no campo científico ou espiritual. Por exemplo, sabemos que qualquer quantidade de álcool na corrente sangüínea destrói células do cérebro, pelo que, eticamente, ingerir qualquer quantidade de bebida alcoólica é moralmente errado, com base em I Cor. 6:19,20. Essa parcela de conhecimento científico não era possível nos dias do Novo Testamento; mas, se o fosse, é lógico supormos que até mesmo a ingestão moderada de álcool teria sido condenada pelos autores do Novo Testamento. Ora, um conhecimento mais profundo sobre os animais poderá modificar a maneira como os tratamos. Alguns dizem, *dever-se-ia* fazê-lo. O problema moral que enfrentamos consiste em determinar a extensão desse *dever-se-ia*.

2. Os animais deveriam ser castigados e tratados como prisioneiros? Isso aplica-se aos cães, pássaros e qualquer bichinho de estimação que é tratado como virtual prisioneiro, sem ter cometido qualquer crime. Um cão tem o direito de ser livre?

3. Animais usados em experiências científicas. Até que ponto os animais podem e devem ser sujeitados às experiências científicas, a fim de melhorar a condição humana? O trecho de Mateus 10:29 mostra que Deus se importa até mesmo com os passarinhos dos campos. O pacto noaico incluía uma provisão relativa aos animais (Gên. 9:10,11). A lei sabática incluía o descanso para os animais (Êxo. 20:10).

4. Os homens devem caçar animais por puro esporte? Um homem com o refrigerador repleto e dinheiro no banco, sai ao campo para caçar veados. Isso é moral? Se o número de veados for grande demais, e deve ser reduzido, então talvez a caça por esporte seja justificada — seria certo matar simplesmente para ver quão bem a pessoa atira? As criaturas vivas devem ser reduzidas a simples alvos?

A crueldade contra os animais é uma óbvia perversidade. Um homem de moral não ultraja propositalmente a criação de Deus. Os animais destruidores são os criminosos do mundo animal e devem ser eliminados. Não é errado matar animais que propagam doenças e que são destruidores. Após dizermos isso, entretanto, ainda não ficou resolvido o problema moral levantado acima. Não há diretrizes simples de serem seguidas, mas o que foi escrito aqui sugere como devemos abordar esse problema. (H N)

ANIMAIS, NO ANTIGO E NO NOVO TESTAMENTOS

Termos usados. Animais, aves, alma vivente, criatura (ver Lev. 11:46). Eles são divididos em quatro classes: 1. Besta-fera, que são os grandes animais terrestres (ver Lev. 5:2); 2. Aquáticos (ver Lev. 11:9-10); 3. Aves (ver Lev. 11:13); 4. Insetos, roedores e répteis (ver Lev. 11:20,29,41). *Animais limpos e imundos.* Eram classificações cerimoniais, religiosas. Os limpos eram aqueles cuja carne podia ser comida; e os imundos, o contrário (ver Lev. 11 e Deu. 14:1-20). No Novo Testamento, foram removidas as proibições atinentes a animais limpos e imundos (ver I Tim. 4:4).

Uso metafórico. A suspensão da proibição acerca de animais imundos tornou-se um veículo de uma importante verdade. Pedro, em sua visão relatada em

Atos 10:9, recebeu ordem para comer animais imundos. Ele protestou, porquanto sempre observara os preceitos levíticos quanto à questão. Mas então foi informado de que Deus havia *purificado* aqueles animais, não havendo mais animais *imundos*. Porém, a questão toda precisava ser entendida metafórica ou espiritualmente. Os *gentios*, antes considerados imundos por Israel, agora com essa propriedade podiam ser evangelizados, tornando-se membros com todos os direitos da Igreja em formação. Posteriormente seria revelado que a Igreja seria composta principalmente por gentios, e que a Igreja seria o Novo Israel, um conceito inteiramente novo. A missão da Igreja entre os gentios começara antes mesmo de Pedro ter recebido aquela visão; mas logo começaria a pleno vapor, e Pedro participaria ativamente da missão, embora, no começo, seu ministério envolvesse principalmente os judeus. Há algo de significativo no fato de que Pedro (segundo diz a tradição bem confirmada) morreu em Roma, terminando assim os seus dias em meio à missão entre os gentios. Ver as notas expositivas no NTI em Atos 9:15, quanto a detalhes sobre tudo isso.

Sacrifícios de animais. Os animais que podiam ser sacrificados na adoração divina eram o boi, a vaca, a novilha, o touro (ver Lev. 22:24), o bode, a cabra, o cabrito, o carneiro, a ovelha, o cordeiro. Ver notas completas e detalhadas no artigo sobre os *sacrifícios*.

Proibições que persistiram. No princípio do cristianismo, foram suspensas as proibições concernentes aos animais (ver Rom. 14; Col. 2:16; Tito 1:15 e I Tim. 4:4). Na prática, entretanto, o concílio apostólico de Jerusalém achou de bom alvitre proibir os gentios de comerem carne de animais sufocados (ainda com seu sangue, portanto) e de usar o sangue dos animais como alimento. O concílio também recomendou a abstinência da idolatria e da imoralidade. (Ver Atos. 15:20). Essa foi uma medida tomada para manter a concórdia no seio da Igreja. Se os convertidos fizessem essas coisas (acerca dos animais proibidos), os cristãos judeus da Igreja ficariam revoltados. Assim, se não era classificada como errada em si mesma a ingestão de sangue e de carne de animais sufocados, seria errado ofender aos irmãos que se revoltassem contra tais práticas, por causa de uma observância da vida inteira, com base naquelas provisões veterotestamentárias. Quanto aos direitos dos animais e as questões morais nisso envolvidas, ver no artigo abaixo. (DE NTI MC S UN Z)

ANIMAL CEVADO

Trata-se de um animal ainda jovem, como o bezerro, o cordeiro ou o cabrito, engordado para o abate. Várias palavras hebraicas são usadas para indicar essa idéia. No Novo Testamento, em Mateus 22:4, temos a palavra grega *sitistós*, «novilha cevada». Quanto ao Antigo Testamento, ver Sal. 66:15; Isa. 5:17; II Sam. 6:13; I Reis 1:9,19 e I Sam. 15:9. Nessa última referência, embora nossa versão portuguesa diga «os animais gordos», o original diz «de segunda categoria», provavelmente por aludir à qualidade inferior, e não por serem animais cevados. Cevavam-se animais destinados ao consumo durante festas especiais. Como é evidente, os animais cevados tinham fortes implicações econômicas, porque os animais assim engordados eram valiosos na venda.

Uso metafórico. Depois do sangue, fonte da vida física, a gordura era tida como sinal de saúde e vigor. É por isso que encontramos expressões bíblicas como «gordura da terra», «gordura do trigo», «gordura do azeite» e «gordura do vinho». Ver o artigo sobre gordura. Daí, o termo adquiriu conotações de riqueza e abundância espiritual. A expressão «fartura da terra», em Gên. 45:18 e outros trechos, no hebraico diz «gordura da terra». Alude aos espécimes mais seletos de qualquer produção. Em Luc. 15:12 ss temos a parábola do filho perdido (filho pródigo), e ali o «novilho cevado» simboliza a alegria e as festas vinculadas à sua restauração espiritual. (ID NTI UN Z)

ANIMISMO

Esse termo vem do **anima** (alma, fôlego), tendo sido usado pela primeira vez por Stahl (1720), para expressar um conceito filosófico da alma do mundo. Mas foi introduzido na antropologia e na religião comparada por Taylor (*Primitive Culture*, 1871).

Tipos:

1. Os objetos físicos possuiriam vida ou espírito próprios, não havendo tal coisa como matéria inanimada. O Universo é uma presença viva.

2. Os objetos físicos, embora não animados por si mesmos, seriam habitados por espíritos que sobreviveriam mesmo quando os objetos físicos fossem destruídos.

3. Os espíritos manifestam-se esporadicamente por meio das pessoas, dos objetos físicos ou de lugares específicos. Pode tratar-se de puros espíritos, incluindo espíritos não-humanos, espíritos de antepassados e de pessoas já falecidas. Os bruxos, feiticeiros e médiuns, segundo alguns, podem entrar em contato com tais espíritos.

A terceira forma de *animismo* é virtualmente universal, e muitas pessoas supõem ser essa a base de toda crença religiosa. Alguns supõem que essa teoria surgiu do fenômeno dos sonhos, o que pode ser apenas uma explicação parcial. Mais provavelmente, lugares assombrados e fantasmas seriam a origem dessa teoria. Ver o artigo sobre os *fantasmas*.

Alguns eruditos vêem remanescentes do animismo no Antigo Testamento, como em Gên. 19:26 e 28:22, por exemplo. Certos aspectos da cristandade exibem vestígios dessa filosofia na veneração de lugares sagrados e dos espíritos ou santos que residem nesses lugares, ou, pelo menos, que se manifestam ocasionalmente nos mesmos.

A teoria filosófica chamada *pampsiquismo* (ver o artigo) na verdade é uma modalidade de psiquismo, seguindo a primeira das idéias acima expostas. Os filósofos que têm defendido uma forma ou outra dessa teoria são Empédocles, Plotino, Leibniz, Schopenhauer, Pierce, Schiller, Whitehead, Alexandre de Chardin e Waddington. As religiões orientais, ao tentarem oferecer explicações idealistas da realidade, incorporam uma forma de pampsiquismo que, naturalmente, é algo inteiramente diferente da idéia de que há espíritos ocultos em objetos físicos, embora a palavra possa ser usada para indicar ambas essas idéias, de maneira bem geral.

A idéia (embora crua) contida no animismo pagão é que existe o espírito, com o qual podemos entrar em contato, estabelecendo diferença em nossas vidas. O encontro com qualquer poder espiritual chama-se *dinamismo*. As pessoas que crêem na possibilidade do dinamismo, podem compreender a mensagem dAquele que disse: «Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra...» (Mat. 28:18).

O discernimento com que contribui o *pampsiquismo* (sem importar seus muitos defeitos) é que, afinal, a verdadeira explicação da existência é o espírito, e não a matéria. Muitos físicos teóricos estão convenci-

dos de que o átomo não é básico, nem mesmo para a matéria. Do átomo temos de passar para a *idéia*, supondo que o próprio átomo é uma concentração de energia psíquica. Da idéia passamos para a *Idéia*, ou princípio divino, pois a origem de toda inteligência é Deus. Não é possível que a própria matéria seja apenas um acidente do espírito? e que não tenha existência separada? (Ver o artigo sobre o *idealismo*). Se isso representa a verdade da realidade melhor do que o estrito conceito dualista da matéria-mente, então promove uma forma de animismo que nada tem a ver com a variedade pagã, e que do pampsiquismo apenas tomou por empréstimo alguns discernimentos.

O cristianismo tem mantido um *dualismo* estrito (ver o artigo a respeito): a matéria existe — o espírito existe. As duas coisas diferem quanto à espécie, e não apenas quanto à manifestação. A matéria é menos real por ser transitória, dependendo do espírito para continuar existindo, embora pertença a uma outra categoria. Porém, nada existe no dogma cristão que não possa ser adaptado a um ponto de vista *idealista* da realidade, se as evidências em favor do mesmo se tornarem suficientemente confirmadas.

No que convergem o cristianismo e o animismo. 1. Ambos distinguem entre o espírito e a matéria; 2. ambos reconhecem a existência de forças sobrenaturais que influenciam as nossas vidas; 3. ambos têm meios de entrar em contato com essas forças; 4. a oração, os holocaustos, a adoração e a conduta ética são influenciados pela crença no sobrenatural; 5. ambos aceitam o princípio do dinamismo, ou seja, do encontro de espíritos.

Pontos de divergência. 1. O cristianismo repudia a multiplicidade de divindades e de espíritos autoritários, postulados pelo animismo pagão; 2. o cristianismo repudia os métodos usados pelo animismo para produzir o dinamismo, como a bruxaria, as artes mágicas e os sacrifícios de animais; 3. os sistemas éticos do cristianismo e do animismo diferem grandemente entre si. A ética cristã baseia-se na lei do amor (ver o artigo sobre *o amor*) em Deus e no conceito de amigo e inimigo. A ética animista é essencialmente um sistema de terror, onde se evita desagradar os espíritos, a fim de que não atraiam o infortúnio sobre os homens. O cristianismo também destaca a santidade de Deus como o padrão de toda a ação moral. O animismo nada tem a ver com isso. As missões cristãs às terras onde se crê no animismo também envolvem uma questão ética, uma questão de dever e de amor (Mat. 18:19,20). (AM B E F H)

ANÍQUERES

Filósofo grego do século II A.C., da escola cirenaica (ver o artigo sobre o *cirenaicismo*). Tal escola advogava uma ética hedonista, encontrando no prazer o único alvo legítimo da vida humana. Todavia, eles propunham como ideal vários tipos de prazer, como corporal, mental, evitar a dor, usufruir a alegria, em vez de um prazer momentário qualquer. Aníqueres enfatizava os prazeres das relações sociais como os mais desejáveis, importantes e satisfatórios, e não os atos individuais de prazer. Deveríamos estar dispostos a sofrer dor, a fim de obter os prazeres da amizade, do respeito aos pais, da gratidão ao próximo e do patriotismo. Ver o artigo sobre o *hedonismo*. (MM P)

ANIQUILACIONISMO

É um ponto de vista pessimista do destino final da humanidade, em parte ou em sua inteireza. Tal nome vem do latim *nihil*, «nada». De acordo com essa teoria, o homem, em sua totalidade ou em parte, é reduzido finalmente a *nada*.

Formas:

1. *Materialismo*. O homem, para começar, é apenas uma criatura física, e a morte biológica é suficiente para pôr fim à sua existência.

2. *Exclusivismo-espiritualista*. O homem é mortal, embora possa receber a imortalidade sob certas condições. Deus outorga a alguns uma forma dependente de imortalidade, deixando de lado as outras. Isso significa que muitos deixam de existir, visto que não receberam a imortalidade. Tal coisa pode suceder quando da morte física, ou poderá ocorrer, finalmente, após a segunda ressurreição. Homens ímpios ressuscitarão por breve período, para propósitos de julgamento, mas então serão totalmente destruídos. Essa é uma doutrina fantástica ao ponto de absurdo. Se o homem tiver de ser extinto, que isso ocorra por ocasião da morte biológica. Por que trazê-lo de volta à vida por breve tempo, a fim de aterrorizá-lo, para que lamente por seus pecados, apenas para ser esmigalhado ato contínuo?

Esse ponto de vista dá apoio à idéia da *imortalidade condicional*. Somente Deus seria imortal, e os homens receberiam a imortalidade sob condição. Assim, o *condicionalismo* é comumente usado como sinônimo prático de aniquilamento. Ver o artigo sobre a *imortalidade condicional*.

3. *Cíclico-filosófico*. Os estóicos supunham que o homem teria uma imortalidade temporária. O Logos, o Fogo central, se emanaria. Todas as coisas fariam parte desse centro (panteísmo, visto que o Logos de fogo é Deus). As emanações do Logos podem durar por longo tempo, fazendo a criação passar por muitos e prolongados ciclos de existência. Porém, uma vez que o Logos deseje «recolher-se em si mesmo», todos os ciclos, o tempo e as coisas deixam de existir e o Logos torna-se tudo em tudo. Isso significa que a alma humana deixaria de existir, pelo que teríamos uma forma de *aniquilacionismo*. O Logos pode então desejar expedir outra emanação, reiniciando todo o processo; mas isso seria uma nova existência, não trazendo de volta à existência as almas antigas.

4. *A alma temporária*. Alguns filósofos têm imaginado que a alma existe e sobrevive à morte física, mas que ela não seria imortal por si mesma. Teria um período de existência mais longo que o do corpo (o quanto, varia de intérprete para intérprete). Mas, uma vez terminado o seu ciclo, a alma também morreria. Conseqüentemente, temos nisso uma variedade do conceito de aniquilamento.

5. *Absorção*. Algumas religiões orientais supõem que a alma existe e continua existindo após a morte biológica, mas que o destino remoto da alma humana é ser absorvida pela essência divina. Nesse caso, as almas humanas individuais deixarão de existir. É debatível se isso significa ou não que a alma humana é transformada para participar de uma forma de vida fantasticamente superior (a divina), ou se simplesmente desaparece e não mais tem autoconsciência. No primeiro caso, cessaria o indivíduo conforme o conhecemos, mas a vida humana da alma não, sendo transmutada em uma forma mais elevada de vida, uma existência espiritual comunitária.

6. *Budista anatta*. A escola Theravada do budismo ensina que a alma *não existe* (Anatta), e que aquilo que continua e se reencarna são as disposições mentais, e não alguma espécie de substância que se chama alma. Essas disposições mentais (desejos, atitudes, modos de agir), tendo sido criadas em um indivíduo, após a morte biológica deste podem passar

a fazer parte de outro indivíduo. Assim, o karma prossegue, mas a substância da alma, não. Ora, se a alma não existe, então a morte física decreta o aniquilamento, porquanto dificilmente poderíamos considerar as disposições mentais como a continuação do ser. Ver os artigos sobre o *budismo* e a *terminologia budista*. E ver também sobre a *reencarnação*.

Argumentos em prol do aniquilacionismo:

1. Só Deus é imortal (I Tim. 1:17; 6:16). Esse argumento também pode usualmente ser aplicado em favor da imortalidade derivada. Deus dá o dom da vida a todos, e assim lhes transmite a Sua imortalidade (João 5:25,26). O Pai dá Sua vida independente ao Filho (em Sua encarnação, como cabeça da raça humana). O Filho, por sua vez, compartilha dessa vida com os demais filhos de Deus. O trecho de Efé. 1:10 quase certamente subentende a transmissão dessa vida, embora não necessariamente em uma única forma. Em outras palavras, haverá muitos níveis de existência, mas todos participantes da mesma Fonte originadora.

2. A imortalidade é um dom especial, e não possessão de todos. Alguns vêem isso implícito em trechos bíblicos como Rom. 2:7; I Cor. 15:53,54; II Tim. 1:10. Mas aqui está em pauta o dom da vida na salvação, e não a imortalidade geral. Está em foco um *tipo* de imortalidade, a saber, a forma de vida obtida em união com Cristo, isto é, a natureza divina (II Ped. 1:4). Nem todos os homens participarão dessa espécie de vida. Os trechos de João 12:32 e Efé. 1:10,22,23 certamente subentendem formas de vida que incluem todos os seres, humanos ou não, como porções constitutivas da unidade que finalmente se estabelecerá. Esse é o mistério da vontade de Deus. Ver notas completas sobre esses conceitos no NTI, em Efé. 1:10. Romanos 5:18 por certo subentende que a missão de Cristo beneficiará a todos, sem que possamos distinguir gradações finais de glória entre eles. Até mesmo os ímpios continuarão existindo, embora sob castigo. O fato de que serão galardoados segundo as suas obras (Apo. 20:12 e Rom. 2:6 ss.) indica que eles continuarão a existir, ou como poderia haver uma diferença estabelecida em consideração às suas obras? Se todos fossem simplesmente aniquilados, de fato, todos seriam finalmente igualados. Isso labora contra o conceito do juízo por gradações.

3. Afirma-se que certos trechos bíblicos parecem falar em cessação da existência. (Rom. 6:23; Tia. 5:20; Apo. 20:14, ao usar o termo «morte»; Mat. 7:13; 10:28; II Tes. 1:9, ao usar o termo «destruição»). Porém, tais termos podem indicar uma mudança radical no modo de existência, de tal modo que a antiga forma seja virtualmente aniquilada, e não o fim absoluto da existência. Falamos de coisas arruinadas, destruídas quando suas formas são radicalmente alteradas, como um edifício, por causa de uma explosão; mas, não queremos dizer com isso que o material do edifício deixou de existir.

4. *Demonstração do amor de Deus*. Como é óbvio, seria maior demonstração de amor da parte de Deus se Ele simplesmente aniquilasse os perdidos, em vez de permitir-lhes (ou forçá-los) a continuarem para sempre em um tormento consciente. Ademais, tal condição significaria a continuidade do mal e do caos, o que, segundo pensamos, não pode caracterizar a eternidade. Em outras palavras, coisas odiosas continuariam a existir, fora de harmonia com aquilo que esperaríamos que Deus estabelecesse no estado eterno. Não podemos perceber o peso desses argumentos. Muitos intérpretes pensam que prestam a Deus um serviço mostrando versículos que afirmam essas tragédias, por estarem mantendo *ortodoxia* em torno de uma doutrina falsa. Na verdade, o aniquilamento é uma doutrina falsa, embora haja uma melhor maneira de respondermos a essas objeções. Podemos frisar que Cristo cumpriu uma missão em prol dos perdidos, no hades (I Ped. 3:18 - 4:6; ver o artigo sobre a *descida de Cristo ao hades*) e que isso tem efeitos contínuos sobre o destino humano (Efé. 4:10). Eventualmente, Cristo «encherá todas as coisas», tornando-se tudo para todos. Ele pregou o seu evangelho aos mortos desobedientes (I Ped. 4:6), como parte desse programa remidor. O *mistério da vontade de Deus* (ver o artigo) significa que haverá uma restauração final de tudo em torno de Cristo, com a unidade e a harmonia de todas as coisas. O juízo será instrumental nessa finalidade, porque há coisas que Deus só pode fazer mediante o julgamento. Isso não significa, todavia, que todos os homens serão *remidos* no sentido evangélico, mas significa que todos os homens serão *restaurados* de modo a participarem da unidade final em torno de Cristo (o Logos), como Cabeça de todas as coisas. Assim, Ele tornar-se-á tudo para todos, conferindo propósito, utilidade e glória para todas as formas de vida e de coisas. Esse é o discernimento dos trechos bíblicos que olham para além daqueles outros que falam sobre um sofrimento interminável. Esse é o *mistério* da vontade de Deus. E, quando usamos a palavra «mistério», queremos dizer que aquela idéia particular ainda não havia sido revelada até aquele momento. Esse ponto de vista do julgamento olha para além dos pontos de vista anteriores, mostrando que a própria existência é otimista, e não pessimista, como o outro ponto de vista certamente ensina. Deve-se adicionar aqui que as igrejas anglicanas e ortodoxas (igrejas orientais), por meio de muitos representantes, sempre falaram sobre o destino humano nesses termos, seguindo o ângulo de visão mais otimista dos pais gregos, em contraste com os pais latinos da Igreja. Portanto, esse ensino sempre fez parte da herança cristã. (B E NTI)

ANIUTE

Levita que ajudou Esdras a ensinar a lei ao povo (ver I Esdras 9:48). Também era chamado Anus. Em Nee. 8:7, seu nome aparece como *Bani*. (Z)

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO

No grego, **genesia**, dia do nascimento, ou sua celebração. No hebraico é *yom huledeth* (ver Gên. 40:20). A celebração do aniversário natalício tanto é muito antiga quanto universal. A maioria das pessoas sente que o dom da vida é uma responsabilidade e um privilégio que merece ser celebrado. Na Pérsia aos aniversariantes eram dadas honras especiais, e festas eram efetuadas. Sabemos que o rei do Egito celebrava seu aniversário com grande pompa (ver Gên. 40:20). Os romanos mantinham registros exatos dos cidadãos, com suas datas de aniversário natalício e suas idades, tudo o que fazia parte das informações constantes no recenseamento. Não há qualquer alusão direta no Antigo Testamento à celebração de aniversários, mas o trecho de Jer. 20:14,15 pode ser um reflexo de tal celebração. É possível que as festas mencionadas em Jó 1:13,18 fossem festas de aniversário. Contudo, há evidências que mostram que os judeus consideravam idólatras as celebrações de aniversário. No Novo Testamento, temos o famoso incidente da comemoração do aniversário natalício de Herodes, em Mateus 14:6, provavelmente ligado a um

costume romano. Mas, mesmo que não fossem celebrados, os aniversários natalícios eram considerados importantes. O cego foi classificado como «idade tem» (João 9:21). Foi registrado que Jesus tinha doze anos de idade quando visitou o templo (ver Luc. 2:42). Quando um judeu levita atingia os trinta anos de idade, estava qualificado para servir no sacerdócio.

Na Igreja primitiva, o termo «aniversário» era usado para comemorar os mártires, os dias em que, segundo se considerava, eles tinham *nascido* para a glória e a vida eterna. Nessa conexão, vale a pena mencionar que a experiência da própria morte se assemelha ao nascimento, quanto a vários aspectos. A pessoa sente que passa por um túnel, emergindo na luz, e vê-se cercada por seres espirituais que então cortam o fio de luz («o fio de prata» de Ecl. 12:6). Ver o artigo sobre as experiências de quase-morte. Além disso, há o «novo nascimento». (Ver Novo Nascimento e Regeneração). (E ID UN Z)

ANJO Ver o artigo separado sobre **Anjo da Guarda.**

Esboço

I. A Palavra e Seus Usos
II. Angelologia e Origens
III. Natureza dos Anjos
IV. Anjos Caídos
V. Adoração aos Anjos
VI. Homens e Anjos
VII. Os Anjos e a Espiritualidade
VIII. O Erro da Demitização
IX. Inexatidão do Termo Anjo
X. Ofícios e Poderes Especiais
XI. Tarefas dos Anjos

I. A palavra e seus usos. Gr. **aggelos** e heb. **malakh**, significam *mensageiro*. Diversos usos: o profeta (Hab. 1:13), um sacerdote (ver Mal. 2:7), ou os seres celestiais (ver Sal. 29:1 e 89:6) podem ter esse título. Um uso mais amplo ainda inclui também a coluna de nuvem (ver Êxo. 14:19), a pestilência (ver II Sam. 24:16,17), os ventos (ver Sal. 104:4), e as pragas (ver Sal. 78:49). Paulo chamou seu espinho na carne de *anjo*, isto é, «mensageiro de Satanás» (II Crô. 12:7 e Gál. 4:13,14). *Pastores* da igreja, Apo. 2:1,8,12, *et al.*

II. Angelologia e origens. Os anjos são referidos na Bíblia de Gên. ao Apocalipse, desde «os carvalhais de Manre» (Gên. 13:18) até à «ilha chamada Patmos» (Apo. 1:9). As mais antigas evidências arqueológicas em favor da crença na existência dos anjos vêm de Ur-Namus, de cerca de 2250 A.C., onde anjos são vistos a adejar por sobre a cabeça do rei, enquanto este orava. Visto que Abraão chegou àquela região pouco depois disso, é possível que ele estivesse familiarizado com a angelologia desde a juventude. Como é óbvio, a angelologia estava misturada a todas as formas mitológicas possíveis, religiões e superstições primitivas, sendo crença generalizada entre todas as religiões da antiguidade. Que nem todos os conceitos acerca dos anjos correspondem à realidade é algo óbvio, mas isso não significa que tais seres (dotados de impressionantes atributos) não existam. Durante o cativeiro babilônico, a angelologia recebeu maior atenção da parte dos judeus. O zoroastrismo (cerca de 1000 A.C.) sem dúvida muito contribuiu para a angelologia dos hebreus, mas a sua crença na existência desses seres antecede por muitos séculos ao zoroastrismo. Parece que quase todos os povos têm acreditado em seres espirituais que poderíamos chamar de «anjos», embora seus idiomas não tenham algum vocábulo que possamos traduzir em português dessa maneira («mensageiro», ou algo similar). O Novo Testamento se inicia com anjos ocupados em serviço ativo e jamais põe em dúvida a sua existência.

O Anjo do Senhor. Em trechos bíblicos como Êxodo 23:21 (onde o Anjo do Senhor parece dotado de autoridade para perdoar a transgressão; e o nome de Deus estava sobre Ele) e Juízes 2:1, encontramos uma manifestação especial de Deus — talvez uma manifestação do Logos pré-encarnado, conforme crêem alguns intérpretes. Nesse caso, esses trechos são paralelos de Apo. 1:1. Acerca disso, entretanto, não podemos ter certeza. (Ver Também Gên. 16:7 ss ; 21:17; 22:11,15 ss ; 24:7,40; 31:11-13; 32:24-30; Êxo. 3:6; 13:21,22; 14:19; Núm. 22:22; Jos. 5:14; 6:2; Juí. 2:1-5; I Crô. 21:15,18,27 e Eze. 1:10-13).

Origem da doutrina. É óbvio que tanto no Antigo como no Novo Testamentos há uma angelologia bastante elaborada. Mas muitos eruditos insistem que as culturas não-hebréias tinham crenças acerca de poderosos seres espirituais (anjos), antes dos tempos veterotestamentários. Talvez se possa achar a origem dessa doutrina na experiência humana, à parte dos Livros Sagrados. Há evidências que nos autorizam a crer na interferência, serviço e interesse, de natureza positiva ou negativa, de seres espirituais. Usualmente são invisíveis, podendo ser detectados por pessoas sensíveis, tanto quanto à sua presença como quanto à sua atuação. Porém, as angelologias formais parecem ter-se desenvolvido inicialmente na religião persa. A fé dos hebreus fez pelo menos alguns empréstimos daquela origem, e o cristianismo preservou as idéias essenciais da angelologia dos hebreus. O judaísmo desenvolveu um sistema elaborado, imaginando que há quatro (ou sete) anjos principais, ou «arcanjos», cada um dos quais tem miríades de assessores, com vários graus de inteligência e poder. Os anjos teriam funções que variam desde o serviço imediato diante do trono de Deus, até os mais variegados serviços na esfera terrestre, envolvendo nações, comunidades ou indivíduos. Os anjos são os mediadores da mensagem divina, segundo o trecho de Deu. 33:2 ss , que era entendido pelos intérpretes rabínicos. Essa idéia foi adotada pelo autor da epístola aos Hebreus, conforme nos mostra Heb. 2:2. Josefo, Ant. 15, cap. 15:3 confirmando o ponto de vista. E Gál. 3:19 mostra que a lei foi «mediada» pelos anjos. Todavia, em Cristo, temos uma mensagem do Filho (Heb. 2:3), que é superior à mediação angelical.

Os anjos também estarão envolvidos no julgamento (Mar. 8:38; 13:27), e se fazem presentes tanto no nascimento de Cristo (Luc. 2:13 ss.) como por ocasião de Sua futura *parousia* (ver o artigo a respeito). Também estiveram presentes quando da ascensão de Cristo (Mat. 24:31). Podemos entender que eles acompanhavam Jesus Cristo bem de perto, e que fazem o mesmo, posto que secundariamente, com os homens que compartilham da missão salvatícia do Redentor.

III. Natureza dos anjos. Somos informados de que eles são seres espirituais criados (Heb. 1:14). Orígenes supunha que não há diferença entre o espírito humano e os anjos, excetuando no grau de queda. Os demônios seriam espíritos caídos em grande escala, e os homens, em menor grau. Os santos anjos não participaram da revolta, e assim retiveram seu estado original, embora não fossem retratados como todos iguais. Paulo os concebia arranjados em muitas ordens, com diferentes poderes, como se vê em Efé. 1:21. Ver notas completas sobre a questão, no NTI.

Anjos guardiães. Os trechos de Mat. 26:53; Heb. 12:22; Apo. 5:11; Sal. 68:17 indicam que eles são

muito numerosos. Outras passagens indicam que eles observam os homens, prestando serviços em prol de nações, comunidades e indivíduos. Ver Heb. 1:14; Mat. 18:10; Sal. 9:1; Dan. 10:13; 12:1; Jos. 5:14. Os trechos bíblicos que dão apoio à doutrina dos *anjos guardiães* são Jó 33:23; Dan. 10:13 (acerca de nações); Mat. 18:10 (onde ver notas completas, no NTI), Heb. 1:14 e Apo. 1:20. Uma antiga doutrina judaica ensina que o anjo guardião tem a semelhança ou aparência daquele a quem guarda, o que talvez seja refletido em Atos 12:15. Essa idéia pode estar ligada à noção oriental do eu-superior ou super-eu do indivíduo. Presumivelmente, a alma não é o elemento superior do indivíduo, mas sim é um instrumento do eu-superior, que é a verdadeira entidade. Esse super-eu é o homem em sua forma mais elevada, um poderosíssimo ser espiritual. Nesse caso, o anjo guardião seria o próprio homem, e a alma seria seu instrumento, tal como o corpo é o instrumento da alma. Há muitos mistérios, e talvez o que aqui dizemos perscrute um tanto esses mistérios, sem desvendá-los. Se esse conceito é veraz, então o indivíduo é seu próprio anjo guardião, ou pelo menos, poderia ser, embora esse anjo exista em uma outra dimensão de seu próprio ser. Isso não negaria a existência de outros espíritos elevados, que poderiam interessar-se em nossas vidas e aos quais poderíamos chamar de «anjos». O trecho de Mat. 18:10 mostra que esse anjo guardião tem acesso a Deus, um pensamento solene, porque faz Deus chegar bem perto de nós. Tal noção ensina o *teísmo* (ver o artigo), e não o *deísmo* (ver o artigo). O teísmo ensina que Deus não somente criou, mas também interessa-se por Sua criação, continuando a intervir, recompensar, punir e guiar a mesma. O deísmo ensina que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou o universo, deixando que as leis naturais o governassem. Portanto, Deus é transcendental, sem qualquer contato imediato com os homens e suas vidas.

IV. Anjos caídos. Em tempos remotos, houve rebelião entre os seres espirituais, nos lugares elevados. Ver Jó. 4:18; Mat. 25:41; II Ped. 2:4; Apo. 12:9. O mais elevado dos anjos (Satanás, ver artigo a respeito) encabeçou essa rebelião. Sem dúvida, alguns *demônios* (ver o artigo) são anjos caídos, mas muitos deles são débeis demais para serem tanto. Por certo há muitas ordens de seres angelicais, algumas boas e outras más, outras boas e más (como no caso dos homens), algumas dotadas de grande poder, e outras de poder inferior aos homens, algumas elementares, talvez similares aos animais irracionais, e outras com inteligências ainda inferiores aos irracionais. Os espíritos demoníacos poderiam assaltar vindos de vários níveis, o que explicaria a grande diferença entre um poder demoníaco (e sua possessão) e outro. A redenção evidentemente inclui anjos, de tal modo que o caso dos anjos caídos não é irreversível. (Ver Efé. 1:10,23; Col. 1:16). O triunfo de Cristo inclui a derrota dos anjos caídos. (Ver Col. 2:15).

V. Adoração aos anjos. O respeito aos anjos era profundo no judaísmo, ao ponto de ver um anjo ser considerado como experiência tão grande quanto ver o próprio Deus. (Ver Gên. 16:13; 31:13; Exo. 3:4; Juí. 6:14; 13:22). Talvez certos desses casos fossem *teofanias* (ver o artigo), ou seja, Deus manifestando-se de alguma forma visível. A teologia judaica posterior encarava os anjos como mediadores entre Deus e os homens (Eze. 40:3; Zac. 3), e a posição tão elevada naturalmente fez com que alguns os adorassem. A adoração aos anjos penetrou na cristandade (ver Col. 2:18; ver notas completas a respeito, no NTI). As seitas gnósticas incorporaram essa prática (ver o artigo sobre o *gnosticismo*). Todavia, a prática não era aceitável para os verdadeiros cristãos (Apo. 19:10). Todavia, no século II D.C., Justino Mártir informa-nos que os cristãos veneravam a hoste dos anjos bons. Após o século IV D.C., o culto aos anjos tornou-se generalizado, sendo honrado especialmente o arcanjo Miguel. Os anjos figuram com destaque na arte e no culto dos cristãos medievais. Os líderes protestantes desencorajaram a prática, e os liberais relegaram os anjos ao domínio da fantasia religiosa e poética.

VI. Homens e anjos. Os textos de Efé. 1:10 e Col. 1:16 mostram que a redenção não excluiu os anjos, embora não saibamos comparar o grau de redenção deles com a redenção humana. Sabemos que a redenção humana, em seu estágio final, envolve a participação na natureza divina (II Ped. 1:4; ver notas completas no NTI), levando-os acima do estado atual dos anjos. O trecho de Heb. 1:14 certamente mostra a subordinação dos anjos aos homens que são herdeiros da salvação.

VII. Os anjos e a espiritualidade. É lógico supor que alguns entre os melhores homens têm o poder que demonstram por contarem com a proximidade de seus anjos guardiães. Desse modo, os homens entram em contato com o ser divino, outros seres espirituais servindo de mediadores entre Ele e nós. Também é provável que a iluminação ou revelação espiritual seja mediada pelos anjos. Não há como duvidar que eles não guardam apenas os homens. Deve haver uma intercomunicação de espíritos e de mensagens espirituais. É provável que *uma parte* da espiritualidade consista no desenvolvimento humano, que o capacita a entrar em comunicação mais livre com o poder espiritual a ele determinado. O poder que alguns manifestam de curar, expulsar demônios, ensinar de modo convincente, pode dever-se ao poder angelical que os acompanha.

VIII. O erro da demitização. — Muitos liberais e céticos, que não têm acompanhado de perto as manifestações espirituais que se conhecem em nossos dias, supõem que os milagres, os espíritos angelicais e outros, os mundos espirituais, etc., são invenções de imaginações muito religiosas. Porém, aqueles que estudam as manifestações espirituais de nossa época sabem da existência de uma poderosa realidade imaterial, que inclui seres imateriais. Os milagres de Satya Sai Baba, o santo homem hindu, provam isso. Ele tem sido observado de perto ao criar e transformar a matéria, a curar qualquer tipo de enfermidade, a ressuscitar os mortos; e as pesquisas dos céticos têm-nos convencido de que Sai Baba não é uma fraude. Fenômenos similares ocorrem em outras religiões, incluindo o aspecto evangélico do cristianismo. Apesar de que o milagre, o sinal, o poder nunca são provas de doutrina correta, servem para demonstrar a realidade do mundo espiritual e a importância da espiritualidade. Podemos afirmar com confiança que Jesus fez o que os evangelhos dizem que Ele fez; muitos de Seus milagres são reproduzidos hoje em dia, exatamente como Ele disse que sucederia. O mundo físico é apenas o véu que encobre as realidades espirituais, havendo imensas fronteiras espirituais que ainda precisam ser conquistadas.

IX. Inexatidão do termo anjo. É provável que os mundos espirituais sejam povoados por muitos tipos e gradações de seres. Não há razão para supormos que



Anjo da guarda, M. Weber

Cortesia, **Historical Pictures Service, Chicago**



Os espíritos ministradores

só existe variedade no nosso mundo físico. É difícil supormos que as dimensões espirituais tenham menos seres que a dimensão física. Portanto, visto que falamos em seres dotados de alta inteligência, que têm interesses e missões espirituais, alguns dos quais entram em vários tipos de contato com os homens, então podemos usar o termo «anjo» como uma espécie de chavão. Porém, cumpre-nos entender que há uma vasta realidade por detrás dessa palavra simples, que ultrapassa toda a nossa imaginação.

X. Ofícios e poderes especiais

1. Alguns supõem, logicamente, que os anjos têm poderes criativos, podendo estar envolvidos em alguns aspectos da criação, no passado ou no presente. Isso parece lógico, posto que o próprio homem aparentemente é capaz de transformar a energia em matéria.

2. Elementos na adoração e no culto divinos (Apo. 4).

3. Mediadores da mensagem divina, da lei e de muitas comunicações pessoais, que visam prestar orientação aos homens. (Gên. 18:9 ss ; Juí. 13:2-24; Luc. 1:13,30; Gál. 3:19). Na qualidade de transmissores da mensagem divina, os anjos também estão provavelmente envolvidos na iluminação de homens que buscam uma maior espiritualidade. Nisso, eles ajudam o homem a desenvolver-se espiritualmente, como mestres ou guias. (Gên. 24:7,40; Êxo. 14:19).

4. Envolvimento na missão de Cristo, em Seu nascimento, morte e ascensão, e no futuro, em Sua segunda vinda. Ver as referências dadas na discussão anterior. Esse envolvimento inclui o julgamento. (Ver Apo. 20:1-4; Luc. 9:26).

5. Guardar e proteger. Ver as notas sobre as *anjos guardiães*, no NTI, em Mat. 18:10, bem como a discussão e as referências anteriores. As instâncias bíblicas incluem a experiência de Jacó (Gên. 32:4 ss), além de muitas outras (ver Êxo. 14:19 ss ; Núm. 22; Jos. 5:14; Dan. 3:28; 6:22; Sal. 91:11; Dan. 10:13; 11:1; Apo. 2:3). Essas referências mostram que essa proteção e orientação é dada a indivíduos, igrejas e nações.

6. Muitos atos de ministração física e espiritual. (Ver Heb. 1:14; Gên. 21:17 ss ; Mar. 1:13 ss ; Mat. 28:2; Atos 5:19; 12:6-11).

7. Um ministério prestado ao Senhor nos lugares celestiais, conforme se vê com abundância no Apocalipse. (Ver Apo. 4). (B C R S Z)

XI. Tarefas dos anjos. Estas são variadas, a saber:

a. Anunciar e avisar de antemão (ver Gên. 18:9 ss ; Juí. 13:2-24; Luc. 1:13,30; 2:8-15; Apo. 1-22).

b. Guiar e instruir (ver Gên. 24:7,20; 28:12-15; Êxo. 14:19; 23:20; Núm. 20:16; Atos. 7:38,53; Gál. 3:19). Os anjos também interpretam visões (ver Zac. 1:9,19; Dan. 7:16 e Apo. 17:7).

c. Guardar e defender, o que explica os anjos guardiães e seus serviços (ver Sal. 34:7; Gên. 32:24 ss ; Êxo. 14:19 ss ; Núm. 22; II Reis 6:17; I Crô. 12:22; Dan. 3:28; 6:22; Sal. 91:11; Dan. 10:13 - 11:1; Mat. 18:10 (ver nota no NTI) e Apo. 2 e 3 (onde a Igreja é assessorada, guiada, guardada e instruída por agentes angelicais especiais). Ver a afirmação de Jesus de que os anjos poderiam entrar em ação em Sua defesa, em Mat. 26:53.

d. Ministrar aos necessitados. (Ver Gên. 21:17 ss ; Êxo. 3:7; I Reis 19:5-7; Mar. 1:13; Luc. 22:43; Mat. 28:2; Atos 5:19 e 12:6-11).

e. Dar aos homens dons espirituais e ajudá-los nessa utilização (ver I Cor. 12:14). Visto que tais dons, quando genuínos, são originários do Espírito Santo, visto que há um envolvimento angelical que inclui a instrução (ver o ponto b); é possível que os dons possam ser mediados por poderes angelicais, tal como se deu no caso da lei (ver Gál. 3:19). Esse conceito também parece plausível quando consideramos que os anjos muito se atarefam no serviço em favor dos crentes individuais (ver Heb. 1:14); e isso sugere que todos os aspectos da vida dos crentes possam estar envolvidos nesse ministério. Outrossim, muitas religiões além da cristã têm atribuído aos anjos as funções de guias e instrutores espirituais, possibilitando aos homens a cumprirem suas respectivas missões.

f. Ajudar os homens a atingirem seu destino. Isso é declarado em Hebreus 1:14. Aqueles que receberem tal ministério herdarão a vida eterna. Antes disso, porém, aquilo que um homem tiver de fazer, a espiritualidade que ele tiver de atingir e as tarefas que ele tiver de cumprir, será com a ajuda dos anjos. Naturalmente, os anjos são agentes de Deus, e não poderes independentes.

g. Assessorar no julgamento, tanto o temporal quanto o escatológico, ver Atos 12:23; Mat. 16:27; 25:31; Luc. 9:26; 12:8,9; Mar. 13:27; os eleitos serão recolhidos pelos anjos; os anjos estarão envolvidos, de alguma maneira, na *parousia* - ver o artigo a respeito.

h. Os anjos estão ativos na adoração celeste, servindo tanto agora quanto no estado eterno (ver Apo. 19:1-3; Luc. 2:13 ss.).

O ministério dos Anjos

Rejeito a idéia que diz que nossos anjos guardiães apenas *protegem-nos*. O trecho de Hebreus 1:14 mostra que o ministério deles atua dentro do contexto espiritual. Também rejeito a noção de que os anjos têm algo a ver com a nossa salvação, como se fossem mediadores; mas creio que eles agem ajudando-nos a crescer espiritualmente. Anjos foram usados como mediadores na outorga da lei, e a lei serviu de aio para conduzir-nos a Cristo (ver Gál. 3:19,24). Quando Jesus foi tentado, foi ajudado por anjos, a fim de que não viesse a falhar naquela sua hora de provação (Mat. 4:11). Os anjos executam a vontade de Deus (Sal. 103:20) e até mesmo guiam na carreira das nações (Dan. 10:12,13,21; 12:1). É difícil supormos que isso se relaciona apenas com questões físicas, materiais. Declara sobre isso a obra Strong's Theology: «Não poderíamos admitir que os anjos bons influenciam as questões das nações, a fim de contrabalançarem o mal e ajudarem aos bons?» (volume II, pág. 451). Muitos intérpretes acreditam que os *anjos* das sete igrejas referidas no Apocalipse eram apenas *isso*, os anjos guardiães daquelas igrejas locais, os poderes que havia por detrás dos pastores daquelas igrejas. Nesse caso, o bem-estar espiritual daquelas comunidades cristãs era influenciado por esses anjos. O trecho de I Coríntios 11:30 diz que os anjos interessam-se pela ordem e pela adoração nas igrejas locais. Essas são questões que influenciam a nossa espiritualidade. Alford opina, acerca dos sete anjos das igrejas do Apocalipse, que eles eram *seres sobre-humanos*, nomeados para guardar e representar aquelas igrejas. A leitura daquelas cartas demonstra que o ponto em foco era o *desenvolvimento espiritual*, e não se alguma carruagem poderia atropelar e ferir a alguém, em alguma das ruas de Éfeso. «Assim como aos espíritos malignos foi permitido atuarem mais ativamente quando o cristianismo começou a atrair aos homens, assim também os anjos bons podiam ser mais freqüentemente reconhecidos como *os executores dos propósitos divinos*» (*Strong, idem*, pág. 453). Além disso, ouçamos o seguinte: «Assim como os

anjos maus tentam aos homens, assim também é *provável* que os anjos bons *atraiam os homens para a santidade*» (Strong, *idem*, pág. 453). Em seguida, ele passa a dizer: «Recentes pesquisas desvendam possibilidades quase ilimitadas para outras mentes serem influenciadas através da sugestão. Superficiais fenômenos físicos, como o odor de uma violeta, ou como a visão de uma pétala de rosa, em uma página amassada de um livro, podem dar início a uma série inteira de pensamentos que podem mudar o rumo inteiro de uma vida. Uma palavra ou um olhar pode exercer grande fascínio sobre nós. Fisher, em seu livro, *Nature and Method of Revelation* (pág. 276), afirma: 'Os fatos do hipnotismo ilustram a possibilidade de uma mente cair sob uma estranha escravidão a outra mente'. Ora, se *outros homens* podem nos influenciar tão poderosamente, então é *perfeitamente possível* que os espíritos que não estão sujeitos às limitações da carne, possam influenciar-nos ainda mais» (*idem*, págs. 453 e 454).

Strong prossegue, referindo-se à naturalidade dos fenômenos psíquicos, após o que assevera: «A nossa natureza humana é mais ampla e mais susceptível às influências espirituais do que comumente temos acreditado». Em seguida, ele aborda a questão dos anjos malignos, que atraem os homens a pensamentos e atos maus, da mesma forma que se espera que os anjos bons façam o contrário. Strong foi um teólogo e educador batista, e a sua obra, durante muitas décadas, tem sido utilizada como um compêndio padrão de teologia sistemática. Não penso que eu preciso de qualquer autoridade maior do que essa. Ademais, as Escrituras falam por si mesmas.

Por conseguinte, sinto-me perfeitamente justificado ao afirmar que os poderes angelicais *podem* participar do nosso crescimento espiritual, chegando mesmo a inspirar algum ocasional sermão, quando o pregador eleva-se acima de seu «eu» normal (muitas vezes enfadonho).

A Evolução da Vereda Espiritual

1. *Materialismo*. Com ou sem a crença em um Ser Supremo (essa crença pode ser meramente teórica, sem qualquer praticalidade na vida diária), os homens podem atirar-se no materialismo. Então a vida é vivida egoisticamente. A alma não volve os olhos para cima, para seu futuro estágio eterno. A vida diária não é influenciada por essa visão do alto.

2. *Superstição*. Nesse segundo estágio, os homens chegam a *reconhecer* algo dos poderes sobre-humanos e espirituais, mas aí todo conceito das coisas continua distorcido. As crenças religiosas podem ser até prejudiciais como na prática do sacrifício humano. Os supersticiosos deixam-se levar por toda forma de mitos e imaginações, mas, pelo menos, já chegaram a perceber que *existem* poderes espirituais.

3. *Fundamentalismo*. Nesse nível, as revelações divinas, preservadas em Livros Sagrados, são altamente reverenciadas; porém, a letra é posta acima do Espírito. Ver o artigo sobre *Bibliolatria*. Crenças e credos rígidos cristalizam e entravam o desenvolvimento espiritual. Credos tornam-se motivos fortes de divisão. A arrogância e o gosto pela polêmica são proeminentes nesse estágio. No caso de muitos, o amor é apenas uma questão da boca para fora. Textos de prova resolvem tudo. Tradições são ensinadas como se fossem a própria verdade. Porções dos Livros Sagrados são distorcidas no esforço de obter uma teologia sistemática infalível, que se torna mais importante que a própria verdade. Algumas pessoas, neste estágio, são capazes de atingir um bom grau de piedade e espiritualidade pessoais. Muitos, porém, substituem a espiritualidade pela mera aderência a algum credo.

4. *Filosofia*. Nesse nível do avanço, os homens já começam a pensar por si mesmos, e não são apenas mata-borrões que somente absorvem idéias alheias. Surge uma espécie de despertamento, após todo o *sono dogmático* do passado. A *tolerância* (vide) torna-se a linha mestra principal das atitudes e ações. A lei do amor começa a adquirir importância. As antigas verdades passam a ser entendidas de uma nova maneira, e novas verdades são descobertas e incorporadas. Os credos deixam de ser examinados e seguidos cegamente, conforme sucedera no estágio fundamentalista. É abandonado o *antiintelectualismo* (vide).

5. *Perseguição e Perseverança*. A alma começa a ter fome e sede de justiça e verdade. Sente-se aflita, impelida a uma inquirição espiritual mais *intensa*. Alguns experimentam, nesse estágio, uma *reconversão*. O estudo torna-se mais importante; a meditação é praticada; a iluminação é procurada; a compaixão e a simpatia substituem a antiga hostilidade. Os homens avançam para além da tolerância,

6. *A Vereda Mística*. A alma segue a Deus bem de perto; experiências conferem a iluminação. A *Presença Divina* torna-se uma realidade na vida. A união com Deus é desejada e procurada. O amor é supremo. Ver sobre *Misticismo* e *Cristo-Misticismo*.

7. *O estágio final* é, realmente, o processo da eterna *glorificação* (vide). Ver *Visão Beatífica* e *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*.

Bibliografia: A GOT IR ID LAN NTI RO

ANJO DA GUARDA

Ver o artigo geral sobre os **Anjos**. Parte dessa doutrina, e antiqüíssima, é o conceito de que cada pessoa tem um guia espiritual, ajudador, que cuida de sua vida, oferecendo proteção, e instrução. O trecho de Heb. 1:14 mostra que um dos propósitos desse ministério é que as pessoas cheguem à salvação. Nesse caso, o anjo guardião é muito mais do que um simples protetor. O livro de Daniel reflete a antiga crença de que as nações também contam com guardiães, e mencionou Miguel como o poder angelical interessado pelo destino de Israel. (Ver Dan. 10:13,21; 12:1 e 10:20, onde aprendemos que até as demais nações têm um anjo guardião). Isso ensina-nos que as nações, e não apenas indivíduos isolados, têm um destino a cumprir. Elas podem falhar em seu destino, tal como pode suceder a indivíduos. Além disso, a humanidade, considerada como um todo, tem um destino, como uma entidade física, inteiramente à parte do destino espiritual dos indivíduos. Devemo-nos lembrar que a vida na terra é uma escola para o nosso treinamento espiritual, revestindo-se de grande importância por esse motivo. Além disso, como uma entidade física, a humanidade tem um destino importante, distinto do destino espiritual das almas. Aparentemente, faz parte do destino físico dos homens explorarem e habitarem outros lugares, dentro do sistema solar e mesmo além. Quando o homem olhar na direção do céu, obterá uma nova perspectiva de seu elevado destino, através da lição objetiva da conquista do espaço. Além disso, aquilo que fazemos neste mundo é importante, ao aprendermos a amar e a servir aos nossos semelhantes. O homem, pois, tem um duplo destino. Um deles é físico, e o outro é espiritual. Esses dois destinos estão relacionados entre si, mas a vida física não é mera preparação para a outra vida. Se isso é verdade, devemos afirmar que qualquer homem que cumpre bem o seu papel, em qualquer profissão que seguir, está servindo à vontade de Deus. Como é óbvio, os

ministros do evangelho não são os únicos que servem a Deus. Podemos afirmar que um cientista, por estar fazendo avançar a causa do destino físico relativo ao nosso planeta, também está servindo a Deus. Esse também tem um destino espiritual a preencher, embora, no momento, concentre-se específica e principalmente em um trabalho físico importante para si mesmo e para os outros homens. Posteriormente, ele haverá de ocupar-se de aspectos de sua tarefa espiritual (não-terrena). Ambos os aspectos são importantes, e ambos são maneiras de servir a Deus. O *conhecimento* adquirido em todos os ramos, e a respeito de todas as coisas, compõe a ciência divina, pelo que promover o conhecimento, de qualquer variedade (se não for inerentemente mau), é promover o conhecimento de Deus. Pois, afinal de contas, há somente uma grande verdade. Além disso, precisamos considerar a prática da lei do amor. E, se pudermos cumpri-la corretamente neste mundo, então teremos aprendido tal coisa. Qualquer serviço humanitário, portanto, serve à vontade de Deus, mesmo que não esteja ligado a qualquer organização ou empreendimento religioso. Orfanatos, hospitais, escolas e organizações semelhantes servem a Deus, e não apenas igrejas. O ministério dos anjos envolve todas essas atividades, e não meramente as atividades espirituais. Um guia angelical pode inspirar um cientista a descobrir um medicamento. Tal guia pode levar alguém para trabalhar em uma escola ou hospital, ou mesmo para ser um político! A perspectiva de Deus acerca das coisas sempre é mais ampla do que a nossa, sendo errado alguém desprezar a outrem, somente por ser, digamos, um professor de escola pública de segundo grau, e não pastor de uma igreja batista.

Um ponto de vista oriental. No hinduísmo, os anjos guardiães são vistos como a porção superior do próprio ser do indivíduo, sendo chamado de super-eu (ou sobre-ser). Nesse caso, a alma é o instrumento de um elevado poder (a real entidade do ser), tal como o corpo é o instrumento da alma. A natureza humana é misteriosa, não podendo ser solucionada a sua complexidade mediante o mero uso de termos simples como *dicotomia* ou *tricotomia*. O conceito do super-eu não elimina o ministério dos anjos (como entidades espirituais separadas), mas antes, aumenta o nosso conhecimento sobre a estatura do homem, o qual, conforme a Bíblia ensina, foi criado pouco inferior aos anjos. Ver o artigo sobre o super-eu (sobre-ser). (EP HUS NTI)

ANJOS DAS SETE CARTAS DO APOCALIPSE

Ver Apo. 1:16,20,21 etc.

Os anjos em Apo. 1:16,20, são chamados de «sete estrelas». O trecho de Apo. 1:16 nos fornece explicações detalhadas que são sumariadas aqui, nos pontos abaixo discriminados.

1. Há aqui certa alusão astrológica (ver 1:16). Ver no NTI.

2. São grandes *poderes espirituais* associados às igrejas, visando a sua proteção e orientação. São instrumentos nas mãos de Cristo, seres angelicais literais, que ministram a igreja, controlando seus ministros, e, pelo menos em alguns casos, servindo de mediadores dos dons espirituais. Por extensão dessa idéia, podemos supor que todas as comunidades locais dos crentes contam com seus próprios anjos guardiães, tal e qual sucede no caso das nações e dos crentes individuais.

3. Alguns pensam que estariam em foco os «pastores» humanos das igrejas, e não seres sobrenaturais. Apesar disso ser uma interpretação comum, não é provável. Os «pastores», entretanto, provavelmente seriam tidos como instrumentos especiais desses seres angelicais, seus *representantes*, nas assembléias locais.

4. Também há quem pense que seriam delegados especiais, enviados às sete comunidades cristãs, levando-lhes cópias do livro de Apocalipse. Mas isso é altamente improvável. Antes, devem ser membros «fixos» das igrejas locais ou seres permanentemente vinculados a elas, e não visitantes ocasionais de qualquer espécie.

5. Não são «bispos», de regiões diversas, que representariam o desenvolvimento «eclesiástico» da igreja.

6. Não são «missionários itinerantes» ou «instrutores», que exerceriam autoridade especial sobre as comunidades cristãs, atendendo às suas necessidades espirituais.

7. E nem são essas estrelas meros «símbolos místicos» das igrejas, como se seu intuito fosse apresentar seres vivos de qualquer modalidade. (Ver as notas expositivas, em Apo. 1:16 no NTI, onde essas idéias são mais amplamente desenvolvidas). A posição ou posições mais prováveis são a primeira e a segunda ou mesmo a combinação dessas duas posições.

O ensinamento que aqui temos, pois, é profundo — a igreja cristã não fica sozinha. Conta com a ajuda de grandes protetores espirituais, guardiães e instrutores angelicais. Isso faz parte da promessa de Cristo, em seu cumprimento: «De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei» (Heb. 13:5); e: «E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século» (Mat. 28:20). Isso, entretanto, não os transforma em mediadores da «salvação», pois somente Cristo Jesus pode ser tal mediador (ver I Tim. 2:5). Contudo, são mediadores de sua presença e de seu poder, enviados para ministrar as assembléias locais, bem como aos crentes individuais (ver Heb. 1:14). Cada um desses anjos tem seus «representantes» nas igrejas locais, a saber, pastores, mestres, etc. (A IB GOT MC NTI RO Z)

ANO

Ver **Calendário.**

ANO DO MUNDO

O ano mundial é um vasto ciclo de tempo pelo qual o mundo atravessa. Há muitos anos mundiais, ou ciclos. De acordo com Heráclito, um ano mundial consiste em 360 gerações de trinta anos cada, ou seja, um ciclo de 10.800 anos. Para os estóicos, não havia qualquer número específico de anos. O ano mundial seria apenas um dos intermináveis ciclos de imensa duração, que o mundo atravesssaria. Cada ciclo levaria a uma inevitável destruição, seguida pela renovação e pelo começo de um novo ciclo. Destruição e regeneração pelo fogo, é a idéia central. Esse ponto de vista pode ser encontrado comumente nas religiões orientais.

ANO ECLESIÁSTICO

Ver o artigo sobre **Calendário Eclesiástico.**

AN-OMOI-ANS Ver **Homoousios.**

ANO NOVO Ver **Festas (Festividades) Judaicas.**

ANO SABÁTICO

No hebraico consiste em uma única palavra. O ano sabático era o ano final em um ciclo de sete anos, dentro do calendário hebraico. Naquele ano os

campos eram deixados sem cultivo, para a terra descansar, para se cuidar dos pobres e dos animais, para remissão das dívidas e para os escravos israelitas saírem forros, isto é, livres. O ano após sete anos sabáticos era conhecido como ano do jubileu, em que o solo recebia mais um período anual de descanso, e no qual também havia a liberação de escravos israelitas e a reversão das propriedades, na forma de terras, aos proprietários originais ou seus herdeiros.

O livro do pacto refere-se ao ano sabático meramente como *o sétimo* (ver Êxo. 21:2; 23:11; cf. Nee. 10:31). Todos os escravos hebreus automaticamente eram deixados em liberdade (ver Êxo. 21:2). Mas isso talvez signifique apenas que um israelita só podia servir como escravo a outro israelita pelo espaço de seis anos, e que no ano seguinte ele seria colocado em liberdade, não importando se esse ano coincidisse ou não com o ano sabático.

No código sacerdotal, o sétimo ano é designado como «sábado de descanso solene para a terra, um sábado ao Senhor» (Lev. 25:4). Um israelita, naquele ano, não podia semear seu campo e nem podar seu vinhedo (ver Lev. 25:4). Também não podia fazer qualquer espécie de colheita; mas tudo quanto a terra produzisse naturalmente destinava-se ao consumo dos pobres e dos animais, tanto domésticos quanto selvagens (ver Lev. 25:5-7). Havia um paralelo bem próximo entre os regulamentos referentes ao ano sabático e os regulamentos referentes ao sábado semanal (ver Lev. 25:2-7; Êxo. 20:8-11 e Deu. 5:12-15).

O mesmo código também provia a observância especial do sétimo ano, dentro de uma série de sete anos sabáticos (ver Lev. 25:8,9), bem como a observância do qüinquagésimo ano como o ano de jubileu, no qual a terra também ficava sem cultivo, e no qual todas as propriedades voltavam aos seus proprietários originais e todos os escravos hebreus eram libertados (ver Lev. 25:10-55). As *únicas* propriedades isentas dessa lei eram aquelas casas que ficavam dentro de cidades muradas que não fossem resgatadas no espaço de um ano (ver Lev. 25:29-31), bem como aquelas pertencentes aos levitas (ver Lev. 25:32-34).

No código deuteronômico, o ano sabático é chamado de «sétimo ano» ou «ano da remissão» (ver Deu. 15:9). Ali há instruções quanto ao cancelamento de todas as dívidas que um israelita devesse a outro, no final do ano sabático (ver Deu. 15:1-3), juntamente com um aviso contra a má vontade em fazer empréstimos a alguma pessoa pobre, em vista da proximidade do ano sabático (ver Deu. 15:7-11). A instrução sobre a alforria de escravos hebreus também aparece nesse código (ver Deu. 15:12-15). Algo que só aparece nesse código é a leitura da lei por ocasião da festa dos Tabernáculos, durante o ano sabático (ver Deu. 31:10-13).

Não se sabe quão escrupulosamente os israelitas observavam os anos sabáticos, mas o trecho de II Crônicas 36:21 subentende que eles não os observaram. E foi por isso que o povo de Israel foi para o cativeiro, «...até que a terra se agradasse dos seus sábados...» (cf. também Lev. 26:34). O ajuntamento dos exilados que retornaram, a fim de ouvir a leitura da lei, por parte de Esdras, sem dúvida se deu por ocasião do cumprimento do pacto deuteronômico (ver Nee. 8:1-8), ou seja, no ano sabático. Uma das reformas instituídas por Neemias foi a execução ou a observância do ano sabático (ver Nee. 10:31).

Há provas extrabíblicas de que os judeus observaram o ano sabático após o exílio babilônico. Tanto os livros dos Macabeus quanto Josefo narram que o suprimento de alimentos da guarnição de Betezur logo se acabou, causando a rendição daquela guarnição, porque o fato ocorreu em um ano sabático (I Macabeus 6:49-54; *Ant.* XIII.8:1; *Guerras* I.2:4). E Josefo também relata que durante o governo de João Hircano os judeus não empreenderam nenhuma guerra agressiva por causa do ano sabático (Josefo, *Anti.* XIII.8:1; *Guerras* I.2:4). E também relatou o mesmo escritor que Júlio César isentou os judeus de pagarem o tributo anual nos anos sabáticos, visto que os judeus não cultivavam seus campos e nem colhiam suas frutas (*Anti.* XIV.10:6). No livro de Jubileus, lemos que Enoque «recontou os sábados de anos» (4:18). No entanto, a literatura judaica posterior, devido ao seu silêncio sobre essa observância, mostra-nos que a prática foi sendo gradualmente abandonada pelos judeus, tornando-se antiprática, sem sentido e obsoleta na própria Palestina. Os judeus da «diáspora» jamais observaram o ano sabático. (AM JE S)

ANRAFEL

No hebraico tem sentido incerto. Foi rei de Sinear, as terras baixas de aluvião do sul da Babilônia. Fazia parte da liga de quatro reis (Arioque, Tidal, Quedorlaomer e Anrafel), que combateu contra um grupo de reis palestinos (de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Bela). Os primeiros derrotaram estes últimos (ver Gên. 14:1-11). O cabeça da liga oriental era Quedorlaomer, rei de Elão. Anrafel tem sido identificado com Hamurabi, da Babilônia; e Tidal com Tudalia I, de Hati. Mas tudo isso sem muitas evidências, pois as evidências lingüísticas e cronológicas laboram contra tais identificações. (UN Z)

ANRÃO

No hebraico, **o povo** ou **o parente é exaltado**. Nome de três pessoas no Antigo Testamento:

1. O primeiro dos filhos de Coate, um levita que se casou com a irmã de seu pai, Joquebede, e que teve com ela Miriã, Aarão e Moisés (ver Êxo. 6:18,20; Núm. 3:19 e 26:59). Os anrameus eram seus descendentes, encarregados de deveres especiais no tabernáculo, no deserto. Anrão morreu com a idade de 137 anos, provavelmente antes do Êxodo.

2. Filho de Disom, descendente de Esaú (ver I Crô. 1:41). Em Gênesis 35:26 ele é chamado Hendã, que é uma forma mais correta.

3. Filho de Bani, que casou-se com uma mulher estrangeira no tempo de Esdras (Esd. 10:34; I Esdras 9:34). Separou-se dela, de acordo com as ordens dadas pelos líderes espirituais, em cerca de 456 A.C.

ANSELMO

Filósofo e teólogo escolástico (1033-1109), nascido em Aosta (Piemonte), na Itália. Foi monge beneditino, com várias posições eclesiásticas na França e na Inglaterra. Tornou-se arcebispo de Canterbury em 1093, permanecendo no cargo até 1109. Aplicou a lógica aristotélica (herdada por meio de Boécio) aos seus argumentos teológicos, pelo que também alguns o intitulam pai do *escolasticismo* (ver o artigo).

Escritos. Proslogion; De Grammatico; Sobre a Verdade; Por que o Deus-Homem?

Idéias:

1. *O argumento ontológico.* (Ver o artigo; ver também sobre *Deus, Provas de Sua Existência*). Esse

argumento em prol da existência de Deus acha-se no *Proslogion*. Assume duas formas: a. Deus é aquele ser (realidade) maior que podemos conceber. Tal realidade deve existir, pois doutro modo poderíamos conceber algo maior ainda. Outrossim, tal realidade deve ser *perfeita*; se Deus existisse apenas como idéia, mas não na realidade, não seria perfeito e nem seria a realidade última. b. Deus é aquele ser que não podemos conceber como não-existente. Se falarmos em «não-existência divina» estaremos falando sobre uma contradição, porque o divino não pode deixar de existir. Em outras palavras, Deus é o Ser Necessário, ao passo que todas as outras coisas são contingentes. (Notas completas sobre esses conceitos aparecem nos artigos referidos acima). A oposição foi feita através da assertiva que o mero conceito de Ser Último, de Ser necessário, de Ser perfeito, dificilmente pode trazer à existência um tal ser. Há diferença entre o pensamento e a realidade. O que *existe* é meramente o *conceito* do Ser Último. Se for demonstrado que Ele existe na realidade, outras provas serão necessárias, para que não se trate de um mero dogma mental. Anselmo, entretanto, não se escudava em meros conceitos mentais. Ele partia do pressuposto de que a iluminação divina (as experiências místicas) esclarece o homem, que o homem é capaz de ter pensamentos sobre verdades genuínas, como um tipo de comunicação feita pelo Espírito. Portanto, para que o argumento ontológico de Anselmo seja derrotado, é mister que primeiro seja derrubado o princípio do conhecimento através das experiências místicas. (Ver o artigo a esse respeito).

2. *Descrições de Deus no Proslogion*. Deus é auto-existente, criador, sensível, embora incorpóreo, onipotente, compassivo, destituído de paixão, onisciente, supremamente justo, todo-amor, onipresente, embora não existente no espaço e no tempo, eterno e unitário. O Monologion discute sobre essas questões. Ver o artigo sobre os *atributos de Deus*.

3. O *Monologion* contém o ensino anselmiano sobre a *trindade* (ver o artigo), cuja imagem é a mente racional. Portanto, o homem tem afinidade com a divindade. A alma humana é imortal, e retornar a Deus, em bem-aventurança eterna, é o alvo da existência humana.

4. Em sua obra *Por Que o Deus-Homem?* pela primeira vez na teologia, a doutrina da expiação foi sujeitada a uma investigação sistemática, científica. O ensino que daí emerge se intitula teoria da «satisfação» da expiação. (Ver o artigo sobre a *expiação*). Ao morrer pelos homens, Cristo proveu uma satisfação proporcional à culpa humana, uma dádiva de Si mesmo que requer, a bem da verdade, uma recompensa proporcional, a saber, a salvação do homem. A Igreja existe basicamente em função da expiação de Cristo. Deus ficou satisfeito ante a expiação de Cristo, pelo que Sua justiça e misericórdia foram ambas satisfeitas. Essa obra também explica a doutrina de Cristo, Sua missão salvatícia, Sua encarnação e a redenção que nEle há.

5. *Fé e razão* são mutuamente dependentes: «Creio para poder compreender». Mas também «compreendo, pelo que creio». A razão e a filosofia ajudam a fé ao responderem a objeções e ao proverem uma base lógica e racional para o dogma. Deus é o criador do intelecto, pelo que é impossível que o intelecto conflite com a fé. Porém, onde a razão mostra-se inadequada, a fé pode apreender verdades por meio da revelação.

6. Anselmo foi profundamente influenciado por Agostinho, tendo sido denominado de «o segundo Agostinho».

7. Quanto à questão dos *universais* (ver o artigo), Anselmo era realista. Acusou Roscelin de erro, quando este referiu-se aos universais como mera *flatus vocis* (meras palavras; *flatus*, sopro, respiração).

8. No campo da ética, Anselmo frisava a lei do amor, não apenas como um princípio ético, mas como um conceito que envolvia tanto a fé quanto o entendimento. Não podemos separar qualquer conhecimento ou inquirição do princípio do amor.

Anselmo foi um pensador original, eficaz e brilhante escritor. (AM E EP F FS GE MM)

ANSIEDADE (Ver também sobre **Cuidado**)

Ver o artigo sobre **Angst**, quanto a uma forma radical de ansiedade. A emoção da ansiedade, comum a todos os homens devido à precariedade da vida terrena, pode ser evitada pela fé, desde graus menores até um grau absoluto, dependendo da qualidade espiritual do momento. No trecho de Mat. 6:25-34, Jesus mostra razões pelas quais a ansiedade não se coaduna com a vida cristã, porque ela nega essencialmente o poder da providência de Deus. I Pedro 5:7 encerra uma afirmação bem conhecida contra a ansiedade: «lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós». Não temos necessidade de viver ansiosos, porque Deus anela por nós. Essa idéia reflete o *teísmo*, em contraste com o *deísmo*. O *teísmo* (ver o artigo) ensina que Deus não somente criou, mas também se faz presente em Sua criação, guiando, recompensando, punindo e alterando o curso dos eventos. Acima de tudo, Deus tem em mente a *salvação* (ver o artigo) da humanidade, a forma suprema de teísmo. O deísmo (ver o artigo) ensina que uma força cósmica, pessoal ou impessoal, criou tudo, mas abandonou sua criação, deixando-a sob o governo de leis naturais, como um relógio cuja corda permite que continue funcionando. Segundo essa posição, Deus não tem qualquer interesse pelo mundo, tendo-o abandonado, não recompensando e nem punindo, e jamais fazendo intervenções no mesmo.

A psicologia frisa que a ansiedade pode criar perturbações físicas. Realmente existem as doenças psicossomáticas. O existencialismo, dentro da filosofia, muito se vale da ansiedade, referindo-se a ela como inerente à condição humana, pois, de fato, há muita coisa que nos deixa ansiosos. O existencialismo ateu (ver o artigo) crê que a vida é uma piada da natureza, por ter sucedido por mero acidente, sem qualquer propósito ou desígnio. O homem está só, e não sabe onde. Não há Deus que o ajude, e a existência humana está cercada de ameaças, que as falsas esperanças bem pouco fazem para aliviar. O existencialismo religioso propõe haver esperança, mediante o uso do livre-arbítrio, através do qual o homem pode evitar sua condição. Além disso, na opinião de alguns existencialistas religiosos a missão de Cristo teve o propósito de injetar esperança nesse melancólico quadro. Apesar de que a morte finalmente nos ameaça, devido à nossa condição de mortalidade (daí derivando-se a nossa ansiedade), o próprio «eu», em sua liberdade, teria a consciência de transcender à consciência humana. Desse modo, o «eu» torna-se mais do que um mero expectador. O próprio «eu», contemplando a dupla dimensão da realidade, a finitude (temporalidade), em contraste com a liberdade, precisa fazer sua escolha. A «ansiedade» é o concomitante inevitável do paradoxo da liberdade e da finitude, no qual o homem está envolvido, segundo dizia Niebuhr.

A teologia cristã ensina que as grandes opções da existência são feitas em Cristo, com quem fomos identificados e cuja natureza e destino compartilhamos (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Portanto, apesar da ansiedade ser uma realidade, pois somos mortais e fracos, as grandes questões da vida e da morte não mais continuam pendentes, mas foram resolvidas otimisticamente em face de nossa identificação com Cristo, por meio de Sua missão salvadora e transformadora. Pesquisas feitas no campo do retorno após a morte clínica, isto é, de pessoas que penetram nos primeiros estágios da morte, mas retornam à vida, e que podem lembrar-se do que sucede nesse ínterim, emprestam uma interpretação otimista à vida. Em conseqüência, apesar da ansiedade ser um fato constante de nossa existência, sabemos que o sol haverá de raiar após o temporal, e podemos descansar nesse fato. Além disso, no tocante à vida diária, contamos com a permanente providência de Deus, o que significa que coisa alguma nos sucede fortuitamente. Ver o artigo sobre *Experiências da Quase-Morte*. (EP H KM SK)

ANSIEDADE DA CRIAÇÃO (Rom. 8:22)

1. A criação, ou seja, todas as coisas que foram criadas, animadas ou inanimadas, incluindo os anjos e até mesmo os homens não-remidos, em contraste com o «nós» (subentendido nas palavras «os filhos de Deus»), os eleitos. Existe uma ansiedade universal por contemplar a culminação do plano divino atinente à redenção do homem.

2. A criação, pois, anela por ver a «nova criação»; os remidos levados à glória, participando da família divina (ver as notas sobre a «filiação», em Rom. 8:14, no NTI, sob o título «O conceito da filiação»).

3. Pensamos que essa ansiedade (que poeticamente é chamada de «dores de parto», em Rom. 8:22) subentende os efeitos universais da missão de Cristo. A criação não se aproximará dessas dores de parto como uma parte desinteressada. Apesar de que não participará da filiação, conforme os eleitos, e nem da herança deles, não obstante ela será beneficiada por tal nascimento, de modo a ser retratada como alguém que procura ajudar a concretizar o mesmo.

4. A descida de Cristo ao hades produziu um grande efeito quanto a essa questão. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*.

5. Haverá a restauração de todas as coisas, em contraste com a redenção. Não será o nascimento de uma «nova espécie» (os filhos), e, sim, a elevação de tudo (através do julgamento), a um nível superior, onde Cristo será tudo para todos (parafraseando Efé. 1:23), de tal maneira que a existência será digna de ser vivida. Esse conceito é amplamente comentado em Efé. 1:10, no NTI, onde a unidade em redor de Cristo é descrita. (Ver também as notas em João 14:6, sobre a «missão universal de Cristo»).

6. Essa interpretação é comprovada pelo fato de que essa «criação» inteira haverá de partilhar da liberdade trazida pelo «nascimento da nova espécie» (ver Rom. 8:20,21). Antes de condenar esse ponto de vista, que o leitor examine o que se comenta nas referências dadas.

7. Verdadeiramente, grande é o amor de Deus, ilimitada a sua misericórdia, pois o seu amor alcança até os mais altos céus, bem como o mais profundo inferno. (Ver as notas a respeito em Rom. 11:32 no NTI).

Revelações dos filhos de Deus, Rom. 8:22. Esse é o grande ato de Deus que a criação inteira tanto sofre por ver, esperando-o com intensa expectação. Trata-se da mais exaltada das obras redentoras de Deus, da qual também participará, até certo ponto, a natureza inteira. É a transformação dos homens segundo a imagem de Cristo, em que muitos filhos serão conduzidos à glória, filhos que participem e compartilhem de tudo quanto Cristo é, bem como de tudo quanto ele herdará. No trecho de Rom. 8:29 no NTI, essa questão é comentada com amplitude, invocando várias outras passagens bíblicas em torno desse assunto. Esse é o «evangelho paulino», o «evangelho em profundidade», o mais elevado cume da mensagem evangélica, embora, infelizmente, seja um tema raramente ouvido na moderna igreja evangélica.

É um erro reduzirmos essa «revelação» à *parousia*, isto é, quando Cristo aparecer em companhia dos «remidos». Porquanto essa revelação dos filhos de Deus não se limita somente a esse acontecimento, e nem depende de tal explicação, porquanto tal explanação deixaria indefinido o que significa a palavra «remidos». (Comparar com I João 3:2; II Tes. 2:8 e Col. 3:4). Essa «revelação», bem ao contrário, é a «manifestação» ou *fruição completa* do plano divino, na personalidade do homem, o soerguimento dos homens àquela plenitude que pertence a Cristo, aquele que preenche tudo em todas as coisas, conforme também aprendemos em Efé. 1:23. Nessa «nova criação» é que será atingido o verdadeiro alvo da criação original, ou seja, «a formação da imagem de Deus nos homens», o que foi apenas parcialmente cumprido na criação física; e isso porque essa criação física tinha por seu grande alvo o cumprimento espiritual maior, que se seguiria. (IB LAN NTI S)

ANTEDILUVIANOS

Esse termo refere-se às pessoas que viveram antes do dilúvio de Noé. Biblicamente falando, o período é coberto de Gên. 1:1 (criação) a Gên. 7 (que historia o dilúvio).

1. Datas e controvérsias. Têm sido feitas tentativas de calcular quando ocorreu a criação, mediante a adição dos anos dados nas genealogias, o que também nos diria quando Adão veio à existência e quanto tempo se passou entre Adão e Noé. Essas manipulações resultam em 4000 A.C. (a grosso modo), como a data da criação; e 2450 A.C. (a grosso modo), como o tempo do dilúvio, o que sugere mil e seiscentos anos como o intervalo entre Adão e Noé. Alguns intérpretes continuam a insistir sobre esses números. Outros, supondo que as várias genealogias dos antediluvianos (havendo dez desses patriarcas no quinto capítulo de Gênesis) são apenas representativas, talvez até mesmo um simples esboço dos povos e raças que então existiam, afirmam que atribuir datas entre Adão e Noé é tarefa simplesmente impossível. Isso não seria contrário à maneira como as genealogias dos hebreus foram manuseadas. Por outra parte, mesmo que tivessem sido dados apenas dez nomes para representar cem gerações, o que envolveria um período dez vezes mais longo do que aquele que resulta da contagem dos anos indicados nas genealogias, isso não nos ajudaria a explicar os milhões de anos (e, de fato, bilhões) que a ciência postula como a idade da terra e nem a prolongada jornada de criaturas humanóides à face da terra.

Outras considerações. 1. Alguns intérpretes vêem um grande e indefinido intervalo de tempo entre Gên. 1:1 e Gên. 1:2, supondo que a criação descrita detalhadamente, no primeiro capítulo de Gênesis, seja uma reforma, e não a criação original. A criação

original seria relegada a Gên. 1:1. Em seguida, esses intérpretes supõem que possam ter ocorrido todas as variedades de coisas pré-adâmicas naquele intervalo, inclusive qualquer número de raças de homens pré-adâmicas, pertencentes ou não à espécie *homo sapiens*. Além disso, a data da criação original poderia ser recuada o quanto queira fazê-lo qualquer ciência existente ou que venha a existir — bilhões de anos, se for o caso.

Mas, é então que a questão se levanta: O autor da narrativa da criação, no primeiro e no segundo capítulo de Gênesis, previa uma coisa dessa natureza? Isso pode ser respondido de diversas maneiras: a. Não, ele não previa. Portanto, a teoria infeira deve ser condenada. Ou então b. Não, ele não previa. Mas isso não labora em coisa alguma contra a veracidade da questão. Deus pode não se ter interessado em revelar-nos qualquer narrativa pré-adâmica, por não nos ser aplicável em qualquer sentido, exceto para nos satisfazer a curiosidade. Ou ainda: c. Não, ele não previa. E a teoria não corresponde à realidade dos fatos, inteiramente à parte do que o autor sagrado tencionou dizer. Ou mesmo: d. Sim, o autor tencionava que entendêssemos ter havido um imenso intervalo de tempo entre Gên. 1:1 e Gên. 1:2, embora não se tivesse preocupado em entrar nos detalhes da questão, por não ser de interesse vital para nós. Ou, finalmente: e. A discussão inteira é absurda, porque a narrativa da criação, em Gênesis, é apenas uma dentre muitas lendas antigas que procuram adivinhar como as coisas tiveram início. Por esse motivo, a narrativa não é, de fato, uma fonte informativa sobre a criação, mas tão somente uma lenda religiosa, dotada de valores morais, religiosos e simbólicos, mas sem nenhum valor no que tange à investigação científica. Os intérpretes têm assumido todas essas posições.

2. Uma espécie de reconciliação. Inteiramente à parte do que o autor de Gênesis pode ter querido dizer, podemos examinar o problema por um outro ângulo. Sim, há evidências científicas válidas em prol da vasta antiguidade da criação. Nossos telescópios são capazes de capturar luz que tem percorrido o universo durante pelo menos dezesseis bilhões de anos. É questão de simples cálculo matemático descobrir isso, uma vez que seja localizada uma fonte luminosa e a sua distância determinada. Conhecendo-se a distância da fonte luminosa e a velocidade da luz, o *tempo* que tem sido necessário para que a luz chegue à terra pode ser facilmente calculado. Contra isso, alguns têm afirmado que a luz realmente tem menos de seis mil anos, porque «Deus a criou a caminho». Tal declaração é tão absurda que chego a corar de vergonha quando a repito. A idade dos meteoritos, pelo método do radiocarbono, sugere que o sistema solar tem 4.700.000 anos. As medidas dos remanescentes do desgaste radioativo no solo e na poeira trazida à terra da lua, nos fornecem dados idênticos. Fósseis de microorganismos unicelulares, encontrados na praia do lago Superior (na América do Norte), em rochas pré-cambrianas (medidos pelo método do radiocarbono), aparentemente têm 1.900.000 anos. Dizer que Deus criou todas essas coisas já velhas na aparência, e em decadência, é opinião por demais absurda para ser considerada.

A verdade é que a ciência vai descobrindo mais fatos, quanto mais antiga reconhecemos ser a criação. Consideremos também isto. As reversões magnéticas das rochas sugerem que a posição dos povos tem sido modificada pelo menos por quatrocentas vezes. Na história recente, isso tem acontecido a cada poucos milhares de anos. Alguns cientistas acreditam (juntamente com teólogos e místicos) que uma outra dessas alterações está sendo esperada para nossos próprios dias, no primeiro quartel do século XXI. Cada alteração dessa, devido ao deslizamento da crosta terrestre, produz grandes inundações e explosões vulcânicas de incalculável potência. Naturalmente, cada alteração dessas é acompanhada pela quase destruição de todos os seres vivos. Se calcularmos as datas gerais (de conformidade com alguns eruditos) da última e da penúltima dessas mudanças de pólos, chegaremos perto da cronologia bíblica de Adão e Noé. Essa circunstância levanta a interessante possibilidade de que as narrativas bíblicas desses dois homens representam as duas últimas modificações nos pólos, pelo que seriam *novos começos*, e não começos absolutos. Nesse caso, Adão seria uma espécie de Noé, representando o reinício da raça, conforme atualmente a conhecemos. Naturalmente, isso não satisfaria uma estrita e literal interpretação do registro de Gênesis. Mas uma interpretação um tanto mais liberal talvez nos aproxime mais da verdade dos fatos, mesmo que outras pessoas nos julguem hereges. Importantes hereges sempre conseguiram fazer avançar a verdade. Pensemos sobre Jesus, Paulo e Lutero. Porém, ser um herege também não é garantia da posse de verdades mais profundas. Uma coisa, entretanto, é certa — a verdade deve ser buscada. Não podemos solucionar todos os nossos problemas de conhecimento simplesmente voltando-nos para algum *texto de prova* para extrair dali a interpretação que satisfaça nossas exigências de conforto mental. Pois, apesar da verdade algumas vezes vir à tona subitamente, na forma de um pacote feito, com maior freqüência assemelha-se a uma mina, que precisamos cavar para descobrir.

3. A arqueologia e as medições por radiocarbono. De modo geral, a arqueologia tem mostrado que estamos tratando com os *começos*, nas terras bíblicas. Em outras palavras, descobrimos um homem primitivo, um caçador, um nômade a recolher seu alimento, um pastor, um guerreiro, um lavrador — mas tudo em estágio primitivo. Um fator importante é que descobrimos o desenvolvimento do *alfabeto* (ver o artigo a respeito), que arma o palco (ou a possibilidade) para o desenvolvimento do conhecimento humano em todos os campos, mediante a linguagem escrita. Isso concorda com a narrativa bíblica sobre os começos. Ocasionalmente, porém, a arqueologia topa com algo que parece completamente fora de lugar, que sugere a existência, em milênios passados e perdidos, de civilizações mais adiantadas. Há fortes evidências em favor do uso da eletricidade, de aviões e do poder atômico por parte de alguns povos antigos. (Ver os últimos cinco parágrafos deste artigo). A cada vez que algo é descoberto e que dá a entender isso, os estudiosos, da Bíblia ou seculares, estipulam alguma explicação alternativa, embora inadequada para explicar as evidências. O moderno líder espiritual, Aaron Abrahamsen, tem sido usado pela Universidade de Arizona para descobrir locais arqueológicos por meio do conhecimento intuitivo e psíquico; e muitos locais têm sido assim descobertos. Ele é capaz de dizer a profundidade em que será encontrada alguma civilização perdida, e sua taxa de sucesso é de mais de noventa por cento. De certa feita, ele ajudou os pesquisadores a encontrarem uma civilização com «cento e cinqüenta mil anos de idade, que nada tem a ver com os índios», no deserto norte-americano do oeste. Isso falaria sobre raças pré-adâmicas sobre as quais não temos praticamente nenhuma informação, e sobre as quais a arqueologia

tem pouquíssimo a dizer.

As misturas e as não-misturas. É verdade que animais pré-históricos, como os dinossauros, têm sido encontrados de mistura com restos humanos, no mesmo conglomerado. Isso parece dizer que esses presumíveis antiqüíssimos animais conviveram com o homem, ao mesmo tempo em que a ciência afirma que devemos falar em milhões de anos ao nos referirmos aos dinossauros, quando o homem ainda não existia. Portanto, temos em uma mesma mistura coisas aparentemente não-homogêneas, provenientes de diferentes épocas. Tal fato não constitui problema, porém, quando consideramos o seguinte: Quando ocorrem as grandes mudanças polares e a crosta terrestre desliza, é perfeitamente possível que coisas de diferentes épocas se misturem no mesmo conglomerado, embora pertencentes a épocas vastamente separadas entre si. Mas, em outros lugares, não ocorrem essas misturas; e, em conseqüência, escavando de camada em camada, vamos descobrindo diferentes eras, representadas na *não-mistura*. Nada há de estranho no fato da existência de misturas e de não-misturas, quando olhamos para a questão do ponto de vista das alterações polares.

A medição por radiocarbono. Os métodos de medição do tempo por radiocarbono e pelo argônio de potássio estão entre os mais fidedignos métodos de medição de datas. Esses métodos obtêm uma precisão com margem de erro de apenas dois a cinco por cento. Isso tem sido provado reiteradamente com a medição de antigos artefatos, ossos, etc., mediante a comparação com datas históricas *conhecidas* por outros métodos, como os registros históricos. A medição radiocarbônica é digna de confiança quando são datadas matérias orgânicas, ou seja, ex-organismos vivos, que viveram cerca de quarenta ou cinqüenta mil anos. — A precisão diminui à media que recuamos no tempo, porque a radioatividade diminui à medida que o tempo passa. — Mas, quando isso sucede, o processo faz as coisas parecerem mais novas, e não mais antigas. O fato é que ambos esses processos têm datado inúmeras coisas que antecedem, *por vastas eras*, os quatro mil anos antes de Cristo conferidos a Adão, se contarmos para trás o tempo referido nas genealogias. Temos de enfrentar esses fatos e descobrir a verdade. Se Adão representa um novo começo, após uma mudança polar, e não um começo absoluto da espécie humana, *ou* se ele foi uma criação especial de uma nova raça, tendo cessado de existir espécies humanas mais antigas (e parece que a primeira alternativa é preferível), então podemos admitir as evidências recolhidas pela ciência, sem termos de rejeitar o relato a respeito de Adão como um mito. Seja como for, muitos eruditos bíblicos de grande reputação, que se apegam aos pontos essenciais da fé cristã, têm abandonado inteiramente o método genealógico, reconhecendo a grande antiguidade da terra. Como prova disso, precisamos ler apenas a Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible, sob o título *Antediluvianos*. Essa obra conclui acerca do método de medição do tempo: «O peso das evidências, de acordo com as interpretações anteriores dos informes disponíveis, claramente indicam que a história de Gênesis sobre os antediluvianos não fornece a cronologia de um número específico de anos, de Adão a Noé. Torna-se claro, pois, que não temos datas sobre quando viveram Noé e Adão».

Alguns estudiosos têm sugerido que as descrições sobre os patriarcas bíblicos na verdade são registros dos movimentos e das atividades de tribos inteiras. Termos como «filho» e «gerou» podem ser usados genérica ou metaforicamente, para mostrar as relações entre grupos étnicos, e não a sucessão de pais para filhos reais, dentro desses grupos. Naturalmente, tais considerações não afetam a questão dos povos pré-adâmicos.

4. A arqueologia e as informações sobre os antediluvianos. Muita informação tem sido recolhida por meio da arqueologia e da antropologia, acerca dos povos antigos. Podem ser encontrados detalhes em artigos nesta enciclopédia que abordam pessoas e locais específicos, associados àqueles tempos antigos.

5. Algumas evidências de avançadas civilizações pré-adâmicas. Isso pode ser ilustrado através das citações seguintes:

«Quando explodiu a primeira bomba atômica no Novo México, o deserto tornou-se um vidro fundido verde, no local da explosão. Esse fato, de acordo com a revista *Free World*, ofereceu aos arqueólogos uma pista. — Eles tinham escavado no antigo vale do rio Eufrates, e haviam desenterrado uma camada de cultura agrária, com oito mil anos de antiguidade, uma camada de cultura de criação de gado, mais antiga ainda, e uma ainda mais antiga cultura de homens das cavernas. Recentemente, eles atingiram uma outra camada — de vidro verde fundido. Pense só nisso, irmão!» (*New York Herald Tribune*, 16 de fevereiro de 1947).

«Pedacinhos de vidro verde, talvez fundidos em antigas fogueiras, é uma coisa; mas *áreas* inteiras de vidro verde já é algo inteiramente diferente. E esse não é o único local onde tal coisa tem sido encontrada. Há também áreas similares na costa ocidental da Escócia e em outros lugares, onde apenas um lado foi fundido, como se atingido por algum intenso calor, vindo do alto. Os relâmpagos ocasionalmente fundem a areia, mas sempre seguindo o modelo de uma raiz. Portanto, o que produziu uma *camada inteira* de vidro verde, em diversos lugares da Mesopotâmia?» (*Pursuit*, janeiro de 1970, Ian Sanderson).

Nas antigas lendas encontramos declarações que subentendem uma tecnologia avançadíssima, que se perdeu.

«O antiqüíssimo texto indiano *Mahabharata* menciona um relâmpago com ponta de ferro que foi enviado contra uma cidade inimiga. O mesmo *explodiu*, de acordo com o relato, com a luz de dez mil sóis, e com a força destruidora de dez mil vendavais. A quilômetros dali, elefantes foram derrubados por terra. Uma nuvem em forma de *guarda-chuva* elevou-se no céu. A cidade inimiga, bem como o seu exército, foram inteiramente destruídos. Os sobreviventes da conflagração foram instruídos a se lavarem em um rio próximo, lavando bem suas armaduras. Os cabelos caíam das cabeças das vítimas, a carne embranquecia e os objetos de argila se partiam sozinhos, depois que a poeira se depositou». (*The Lost Outpost of Atlantis*, Richard Wingate).

Há muitos mistérios, e quanto mais diligentemente buscarmos a verdade, com mente aberta, mais a verdade será descoberta. (JG ST TC WEB WHI Z)

ANTÊDON

Uma cidade da Palestina, à beira do mar Mediterrâneo, a quatro quilômetros ao sul de Gaza. Herodes o Grande deu-lhe o nome de Agripias, em honra ao rei Agripa. (S)

ANTEMA

No grego, **antífona**, uma forma de música coral sagrada, com palavras não-litúrgicas, usada em cultos

anglicanos e protestantes. Nos tempos da rainha Isabel, da Inglaterra, a antema tomou o lugar do latim *motet* (ver o artigo), com a única diferença que era cantada em inglês, e não em latim. A evolução da antema incluiu composições corais mais elaboradas, coros mistos e a introdução de instrumentos de música, incluindo, finalmente, o órgão. Ver o artigo sobre *música*. (E)

ANTICRISTO

Declaração geral. O anticristo, embora personagem de suprema malignidade, será um instrumento nas mãos de Deus para ajudar a provocar a destruição necessária para reduzir a zero os sistemas político, econômico e militares do mundo. Isso possibilitará o início de um novo ciclo histórico. Sem a destruição dos antigos sistemas, seria impossível a inauguração da nova era, o milênio. Não será propósito do anticristo obter a *vitória*. Antes, ele encabeçará uma aliança ocidental, usando-a como meio para destruir o comunismo. Nesse processo, entretanto, pouco restará que ele possa usar como instrumento. Sua missão consistirá em provocar a destruição da imagem de Nabucodonosor, a fim de que Israel se erga como cabeça das nações, e seja inaugurado o reino milenial, como uma introdução ao estado eterno. Ver Dan. 2:31-45 quanto à imagem de Nabucodonosor, que representa os reinos do mundo. A Pedra cairá sobre essa imagem, transformando-a em pó. Ver o artigo sobre a *Tradição Profética e a Nossa Era*, quanto a explicações gerais concernentes ao que se espera que se suceda em futuro próximo.

A mente religiosa tem a tendência, em qualquer época, de pensar que os dias *atuais* são os *últimos*, e que *estes* são *o* objeto das profecias. A idéia de um tipo de grande opositor a Deus (como o anticristo será), *dos últimos dias* se encontra em Eze. caps. 38 e 39, e, sem dúvida, as pessoas daquela época esperavam o fim em breve. Durante o tempo da perseguição religiosa, na era dos Macabeus, muitos judeus consideraram o *seu* tempo a finalidade dos tempos. Esta crença é evidente em tais Escrituras como Dan. 7:21 e *ss*, e cap. 11, e também nas escrituras apocalípticas como Sib. Or., Livro III, e IV Esdras 5:4,6, Apoc. Bar. cap. 40, Asc. Isa. cap. IV. O Apocalipse do NT repete esta mentalidade, e até utiliza os velhos apocalipses para expressar a mesma idéia. A despeito deste fato, nosso tempo *é* diferente, e pode ser, realmente, a terminação do ciclo que começou há dois mil anos. Podemos estar agora em meio a uma preparação para a realização de uma *nova época*, um novo ciclo. Os velhos ciclos sempre terminam em destruição. O *anticristo* ajudará este processo.

O epíteto «anticristos» se encontra somente em I Jo. 2:18,22; 4:2 e II Jo. 7. Porém, a idéia de um notável opositor de Deus, do Messias e do bem, é perfeitamente comum na Bíblia, tanto no AT como no NT. Naturalmente, há muitas passagens que aludem à atitude própria de *anticristo*, mas que não falam sobre sua pessoa, propriamente dita. Contudo, ele incorpora em si mesmo todas as más qualidades que fazem oposição a Deus, e assim, muitas passagens que não falam diretamente sobre ele, destacam pontos de interesse acerca de sua natureza totalmente pervertida. O nome *anticristo*, sem dúvida alguma, tem a idéia moderna normal emprestada ao termo «anti», ou seja, *contra*, e não *em lugar de*, que é um sentido que o grego pode ter, mas que não é tencionado neste caso. Naturalmente, em certo sentido, também se pode aceitar a idéia de *substituição*, pois a lealdade que a nação de Israel e outros deveriam prestar a Cristo, será recebida temporariamente pelo anticristo.

Suas características. As passagens das epístolas joaninas que falam acerca do anticristo, se referem sobre muitas personagens e movimentos, e não apenas acerca de um indivíduo, já que falam sobre heresias contemporâneas, como o gnosticismo. Não obstante, as características que são supremamente reveladas como pertencentes ao anticristo, mostram-nos que, sem dúvida, há um grande escopo profético que pode ser aplicado diretamente ao anticristo, sem falarmos nas referências contemporâneas. Ver o artigo sobre *Gnosticismo*. As passagens, naquelas epístolas, que fornecem características a respeito do anticristo, são as seguintes:

1. O anticristo negará tanto ao Pai como ao Filho (ver I Jo. 2:22).

2. Ele negará o significado e a importância da encarnação de Cristo (ver I João 4:3 e II João 7). Naturalmente, isso é especificamente dito contra a heresia do gnosticismo, que negava a humanidade autêntica de Cristo, reduzindo-o a um dos «aeons» ou poderes angelicais, como se a sua «humanidade» fosse apenas um papel teatral, por ele desempenhado.

3. O anticristo promoverá um espírito anticristo no mundo, que já havia no tempo dos apóstolos, mas que foi mera prefiguração do tempo muito mais crítico que prevalecerá quando o anticristo estiver em ação.

4. Uma das principais características do anticristo será a capacidade de seduzir, de enganar (ver II João 7). Os capítulos décimo primeiro a décimo terceiro do livro de Apocalipse mostram-nos que isso incluirá maravilhas mentirosas. Essa lista de características pode ser grandemente aumentada se adicionarmos outros trechos bíblicos que falam acerca desse personagem, mas não sob a expressão «anticristo». Assim é que o livro de Apocalipse chama-o de «a besta», ao passo que o apóstolo Paulo lhe dá os nomes de «homem do pecado», e de «filho da perdição».

5. O anticristo será indivíduo caracterizado pela incorporação da mais profunda maldade, em sua própria pessoa. Também será homem dotado de sabedoria humana consumada, um verdadeiro gênio, embora um gênio do mal. Em seus olhos se poderá ver toda a sabedoria dos séculos, embora ele tudo use em prol da iniqüidade. Será, supremamente, o «homem do pecado»; e posto que assim será, também será ele, supremamente, o «filho da perdição», cuja causa e destino receberão todo o impacto da ira de Deus (ver II Tes. 3:3).

6. O anticristo será o *ateu* supremo, porquanto negará tanto a Deus Pai como a Deus Filho, opondo-se a qualquer reconhecimento dado a Deus, e exaltando-se a si mesmo como se fora um «deus». Será ele o mais convincente e inchado de todos os «ego-maníacos» que já existiram. Todos os outros homens maus, parecerão meras crianças, quando confrontados com ele, tão profunda e poderosa será a sua impiedade, a sua manifestação de iniqüidade brutal. (Ver II Tes. 3:4 e os capítulos onze e treze do livro de Apocalipse).

7. O anticristo será operador de milagres—antes de tudo, da variedade *científica*. As profecias contemporâneas dos místicos indicam que ele espantará o mundo com realizações científicas que apresentará em lugar de qualquer coisa espiritual, negando a existência de qualquer real espiritualidade. Proporá aos homens uma «utopia científica», sem Deus, e será extremamente convincente em seus argumentos. Além disso, porém, há muitas razões bíblicas para

pensarmos que ele também realizará prodígios genuínos, embora *mentirosos*, isto é, que visam enganar e perverter, em vez de iluminar e beneficiar, conforme a natureza dos autênticos milagres de Cristo. (Ver II Tes. 2:9,10 e Apo. 13:14,15). Os homens que tiverem rejeitado a verdade se juntarão em nuvem em torno dele, e grande será o número de ateus e de blasfemadores que exaltarão o anticristo e que zombarão dos crentes, de Cristo e de Deus Pai. Seguir-se-á um julgamento judicial da parte de Deus, confirmando tais indivíduos em seu erro, para que realmente creiam que estão com a «verdade». Seguirão ao anticristo com profundo senso de *realização pessoal*, em face de sua lealdade a ele. Tomarão por empréstimo a plenitude perversa dele, a fim de encherem o seu vazio. E serão confirmados em sua ilusão por terem rejeitado voluntariamente a verdade (ver II Tes. 3:11).

8. O anticristo será uma espécie de imitação da *encarnação*, porquanto Satanás estará com ele, habitando nele; e assim será ele a personificação da mais elevada forma de maldade possível. Sua inteligência será astronômica, mas inteiramente perversa e destruidora, tal como se dá no caso de Satanás. (Ver II Tes. 3:9 e Apocalipse 13:2-5). Satanás será adorado indiretamente, por meio dele (ver Apo. 13:4).

9. O anticristo será judeu, pois somente tal homem poderá ser o verdadeiro anticristo, a quem Israel acolherá por algum tempo, embora depois venha a rejeitá-lo. (Ver João 5:43). As predições contemporâneas asseveram que ele nasceu a 2 de fevereiro de 1962, na Palestina; foi para um dos países árabes. Atualmente se encontra em Jerusalém.

10. A princípio ele se mostrará amigável para com Israel, recebendo a lealdade dos israelenses (ver Dan. 9:27). Mas, finalmente, voltar-se-á com toda a sua fúria contra a nação de Israel, instituindo uma perseguição e um genocídio sem paralelo. Impor-se-á como um rei, utilizando-se de seus apetrechos para a própria glorificação. Ele é a «abominação desoladora». (Ver esse termo, aplicado ao anticristo, em Dan. 9:27 e 12:11). Em Dan. 11:31, esse epíteto é aplicado a Antíoco Epifânio, que sacrificou uma porca sobre o altar, e, sem autorização, entrou no Santo dos Santos; mas até mesmo nesse mencionado versículo, as referências proféticas apontam para o anticristo dos últimos dias, visto que Antíoco Epifânio foi apenas o seu protótipo, uma pequena figura, em comparação com o que será o anticristo. (Ver no NTI as notas expositivas em Mat. 24:15, acerca da expressão «abominação desoladora»).

11. O aparecimento do anticristo se dará imediatamente antes do período chamado «tribulação», um período prolongado (40 anos, achamos) que envolverá agonias inenarráveis para os habitantes da terra, sem paralelo na história registrada. Muitos esperam que esse período comece na década de 1990. (Ver o artigo sobre a *Tribulação*).

12. O anticristo contará com um «profeta», um «precursor», a exemplo de João Batista (ver Apo. 13:1-8; 16:13; 19:20; 20:10). — Esse precursor possivelmente será a «besta saída do mar», ao passo que o próprio anticristo será a «besta saída da terra» (ver Apo. 13:11-17). Mas alguns intérpretes revertem essa ordem. Somente o tempo mostrará quem está com a razão. Seja como for, esse precursor, de acordo ainda com certos indícios de previsões de místicos, será um político do estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América do Norte. O que parece claro é que, por meio dos modernos meios de comunicação em massa, esse político fará o anticristo tornar-se conhecido por todo o mundo, preparando o mundo para acolhê-lo de braços abertos. O mundo inteiro cortejará seus favores; mas, eventualmente, ele despedaçará o mundo e seus seguidores, reduzindo-os a nada e esmigalhando todo o bem que porventura ainda restar neles.

13. Ele obrigará a humanidade a adorar a Satanás, na tentativa de extirpar da terra o conhecimento de Deus. A igreja cristã daquela época terá de viver subterraneamente, porquanto o anticristo removerá toda e qualquer expressão visível da mesma, conforme a conhecemos atualmente. Perseguirá a *todos* quantos prestam lealdade a Deus e a seu Ungido, e grandes multidões serão martirizadas por esse motivo. (Ver Apo. 13:15). (Quanto à questão intensamente debatida, que pergunta se a Igreja passará ou não pela «grande tribulação», ver as notas expositivas sobre I Tes. 4:15 no NTI). Mas as Escrituras dão a entender que haverá uma igreja cristã que se oporá a esse indivíduo, e que um número incalculável de pessoas encontrará a Cristo, devido à oposição ao anticristo.

14. O anticristo aplicará sanções econômicas, exigindo certa marca identificadora para quem quiser comprar ou vender. Até mesmo hoje certas formas de tatuagens invisíveis já existem, que podem ser vistas sob certos raios de luz. A marca da besta pode ter algo a ver com isso, ou ser de idêntica natureza.

15. O próprio anticristo terá alguma forma de identificação numérica, a saber, seiscentos e sessenta e seis. Ver o artigo separado *Sinal (Marca) da Besta (Anticristo)* que apresenta detalhes. Quando ele aparecer, tornar-se-á claro o significado desse número, embora talvez ninguém consiga decifrá-lo até então. Nenhuma predição bíblica é escrita para satisfazer à curiosidade daqueles que vivem em tempos distantes do cumprimento da mesma, mas antes, para a instrução e para a ajuda daqueles que viverem no tempo em que essas profecias se cumprirem. Por conseguinte, esse número, que é tão obscuro para nós, será perfeitamente claro para aqueles que testemunharem o aparecimento do anticristo, o que servirá de identificação de sua pessoa. É interessante observar que o valor numérico de 1962 — que seria o seu ano de nascimento — é dezoito e dezoito é três de *seis*. Esse cálculo pode ser significativo ou não como fato que confirmará as predições contemporâneas dos místicos acerca da vinda do anticristo, e que muitos pensam ter nascido no ano aludido.

16. O conceito do anticristo não deve ser reduzido a um conflito «impessoal» entre o bem e o mal; antes, deve ser interpretado «pessoalmente». O anticristo será a encarnação de Satanás, um indivíduo autêntico, tal como Cristo Jesus era a encarnação de Deus, *uma pessoa real*. Não obstante, em sua própria pessoa o anticristo incorporará o conflito milenar entre o bem e o mal; e nele o mal será destroçado quando da «parousia» ou segundo advento de Cristo. Por assim dizer, o anticristo será a última e desesperadora tentativa de Satanás para levar o mal a dominar inteiramente ao mundo.

17. O *anticristo* promoverá a 3ª e a 4ª Guerras Mundiais, utilizando a aliança ocidental como seu instrumento de ação. Uma grande destruição mútua de nações resultará. Das cinzas, Israel se levantará como o chefe das nações e um *novo ciclo* começará. Por 1000 anos, Israel será o protetor da civilização e a nova capital da Igreja cristã, porque se converterá a Cristo em meio a *Grande Tribulação* (que vide).

Aspectos históricos da doutrina do anticristo. Essa doutrina tem passado por certo desenvolvimento, que

pode ser acompanhado historicamente, o que fazemos através dos pontos abaixo determinados:

1. No Antigo Testamento. Cristo é revelado, nas páginas do A.T., através de profecias preditivas e tipos simbólicos; e isso se dá também no caso do anticristo. a. *Belial*: Havia certos indivíduos infames, devido à sua impiedade, iniqüidade e tendências destruidoras. Eram homens «inúteis», «idólatras», opositores de Deus e do bem. Caracterizavam-se pela «sodomia» e pela «violação» (ver Juí. 19:22; 20:13); pela «idolatria» (ver Deut. 13:13); pela total desconsideração por Deus e pelo bem (ver I Sam. 2:12); pelo sacrilégio (ver I Sam. 2:17,22); pelo desrespeito para com as idéias e os objetos santos, bem como para com toda e qualquer autoridade (ver I Sam. 10:27 e II Crô. 13:7); pela ausência de hospitalidade (ver I Sam. 25:17,25); pelo perjúrio (ver I Reis 21:10,13); pela má língua (ver Pro. 6:12 e 16:27). Esses são homens «vazios», vãos e ousados (ver II Crô. 13:7), os quais devem ser evitados pelos homens bons (ver Sal. 101:3). Esses indivíduos prefiguram o que será o anticristo, em sua revelação suprema. b. Os inimigos estrangeiros da nação de Israel. O anticristo será uma figura universal, mas inimigo especial de Israel, pelo que também o A.T. o tipifica mediante os inimigos históricos de Israel. As nações se insurgem contra Deus e contra o seu Ungido (ver o Salmo segundo); e isso é prefiguração da pessoa do anticristo e de suas forças ímpias. Os monarcas que usurpam o poder e lutam contra Deus perecerão (ver Isa. 14; Eze. 28; 39:1-20 e Apo. 20:7-10). O anticristo encabeçará um conflito infrutífero contra a autoridade de Deus no mundo, e contra Aquele para quem será dada verdadeira autoridade, a saber, o Senhor Jesus Cristo. c. A profecia do «pequeno chifre» (ver Dan. 7,8 e 9). Essa é uma visão sobre o domínio gentílico sobre o mundo, — até o fim. No fim levantar-se-ão dez reis, mas entre eles surgirá um que subjugará a três dos dez, tão completamente, que sua identidade separada se perderá. Sete «reis» serão então deixados; e entre eles o *pequeno chifre* surgirá, que é igualmente o oitavo. Esse é tipificado por Antíoco Epifânio (175 — 165 A.C. — ver Dan. 8:23-25). Será também o «príncipe que virá» (ver Dan. 9:26,27), o «rei» de feroz catadura (ver Dan. 11:36-45), a abominação desoladora (ver Dan. 12:11 e Mat. 24:15), o homem do pecado (ver II Tes. 2:4-8) e a «besta» (ver Apo. 13:4-10). O anticristo fará o que lhe aprouver, tão grande será a sua autoridade; exaltar-se-á acima de todo o deus, e dirá coisas maravilhosas contra Deus, prosperando até chegar o tempo de sua queda repentina (ver Dan. 11:36). Também não terá consideração alguma pelo Deus de seus pais (pois quase certamente será ele um judeu), e nem levará em conta o «desejo de mulheres», ou qualquer objeto santo, ou mesmo o conceito sagrado de Deus. Mas antes, honrará ao deus das forças, que talvez seja uma adoração natural e impessoal, através da ciência (ver Dan. 11:37,38). Porá fim às formas de adoração de Israel (ver Dan. 11:31; Mat. 24:15; Mar. 13:14 e Apo. 13:14,15).

2. No Período Intertestamental. Roma substitui a Síria como inimigo nacional da nação de Israel. Pompeu suplanta a Antíoco IV, a epítome da oposição a Deus. E Belial se torna o «espírito satânico» de impiedade que há no mundo. O «iníquo» tem sido identificado com Beliar, na tradição rabínica, sendo seu nome interpretado como «sem jugo», isto é, sem a lei, sem consideração alguma pela autoridade santa.

3. No Novo Testamento. Os evangelhos advertem contra os falsos profetas e contra os falsos cristos, que serão tão enganadores que terão o poder de enganar até mesmo aos eleitos. (Ver Mat. 24:24; Mar. 13:22). Essas advertências encontram seu ponto máximo no personagem isolado do anticristo. Um personagem terrível em sua maldade, será acolhido por algum tempo pela nação de Israel, como se fora o próprio Messias (ver João 5:43). A passagem de II Tes. 2:3 e ss é uma das mais claras da Bíblia sobre o anticristo. Será ele o «ateu» supremo, apresentando-se ao mundo como se fora ele o próprio Deus; empregado na causa do mal. O trecho de II Tes. 2:4 nos faz lembrar de Dan. 7:25 e 11:36. O anticristo será um arquienganador, e terá poder de enganar até mesmo por meio de prodígios, visto ser ele a própria encarnação de Satanás. (Ver II Tes. 2:9,10 e Apo. 13:14,15. Ver também as notas expositivas, no começo desta discussão, quanto a um estudo mais profundo sobre as características do anticristo, onde trechos neotestamentários adicionais são dados, no tocante a esse personagem).

4. Na Igreja. Naturalmente, — um tema profético como esse tem recebido muitíssimas interpretações em conflito. As interpretações corretas haverão de emergir dos próprios acontecimentos, os quais definirão a questão de modo inconfundível. Então compreenderemos perfeitamente as profecias preditivas; e isso será uma grande ajuda para aqueles que estiverem vivos naquela época, os quais compreenderão a natureza do que estão passando, e como poderão resistir às provas. Os pais da igreja primitiva, em geral, criam em um anticristo pessoal. O indivíduo para quem apontavam mais constantemente era *Nero*; havia lendas que diziam que ele reapareceria «redivivo». Essa idéia mui provavelmente se baseava em Apo. 13:3,14, literal e pessoalmente interpretada. Em séculos posteriores, Crisóstomo continuou anunciando essa interpretação; e outros, em tempos modernos, como R.H. Charles, C.A. Scott e William R. Newell, têm mantido viva essa interpretação. Irineu cria que o anticristo seria um indivíduo, e pensava que ele se levantaria da tribo da Dã, com base nos trechos de Gên. 49:17; Deut. 33:22; Jer. 8:16 (ver a omissão da tribo de Dã, em Apo. 7:5 e ss). No tempo da reforma protestante era natural, embora errôneo, que o anticristo e o falso profeta fossem equiparados ao papado, ou então, a um ou outro papa, individualmente. A Igreja Católica Romana retaliou, mediante seus eruditos, tachando os reformadores e todos os oponentes de Roma de *anticristos*. Em tempos mais modernos, muitos têm favorecido o ponto de vista «simbólico» sobre o anticristo, como se se tratasse de uma doutrina que não visa ensinar que algum indivíduo será a epítome do mal, da oposição contra Deus e seu Ungido, a perseguir a nação de Israel e a igreja cristã. Segundo esse ponto de vista, o anticristo seria o sistema mundano ímpio, ou seu elemento religioso iníquo. Mas muitos elementos, na igreja evangélica moderna, de tipo fundamentalista, continuam crendo na vinda pessoal do anticristo, e as profecias preditivas dos místicos contemporâneos confirmam esse ponto de vista, em contraste com o ponto de vista simbólico. M.R. Dehann ensinava que o anticristo seria Judas reencarnado. Também têm sido apresentadas outras identificações, usualmente Nero ou algum outro dos primeiros imperadores romanos. Alguns intérpretes acreditam que o anticristo já passou diversas reencarnações, se desenvolvendo para cumprir seu papel mais terrível e maligno. Entre esses intérpretes, há alguns que dizem que a última reencarnação do *anticristo* era *Hitler*. — Hitler, que matou seis milhões de judeus, — voltará, afinal, como seu

falso messias — Grande golpe! Hitler, que em sua batalha, lutava contra o imperialismo econômico americano, e contra o comunismo (seus dois grandes inimigos), mas perdeu; voltará para garantir o conflito entre estes dois elementos, provocando uma grande destruição dos dois. Grande golpe! Mas tudo isso permanece dentro de uma categoria duvidosa, ao passo que o próprio ensinamento sobre o anticristo, vai se tornando mais e mais claro, à medida que os acontecimentos que o cercam se avizinham de nós. (B E H NTI W Z)

ANTÍFONA

Uma frase extraída da Bíblia, contada antes e depois dos cânticos e salmos no ofício divino (ver o artigo a respeito), de acordo com o ânimo dessa festa ou período eclesiástico. O termo também é usado para indicar um salmo entoado como antifonia, pelos dois lados do coro.

ANTIGO SÍMBOLO ROMANO

No começo do atual século XX, o professor A.C. McGiffert apresentou argumentos em favor da teoria de que o inteiro Credo dos Apóstolos (ver o artigo a respeito) foi composto para combater a Márcion e suas heresias. Ali, o Deus Criador é identificado com o Pai de Jesus; Jesus é identificado com o Filho do Deus Criador. E também é ali defendida a idéia da ressurreição física dos mortos. Em 1919, Karl Holf propôs ainda uma outra interpretação, não se sentindo satisfeito com o que dissera o professor McGiffert. A fraqueza dessas teorias é que todos os elementos fazem parte dos ensinos do Novo Testamento, não se tendo derivado da oposição oferecida a Márcion. Todavia, não se deve duvidar de que a formação daquele Credo teve por propósito tentar combater qualquer forma de heresia que não concordasse com os ensinos da Igreja cristã da época.

ANTIGO TESTAMENTO

Cada livro do Antigo Testamento tem seu próprio artigo. Portanto, somente aquelas coisas que dizem respeito ao Antigo Testamento como um todo, além de um breve sumário de cada livro, são aqui consideradas.

1. Designação e Coleção dos Livros
2. Origem e Preservação
3. Principais Divisões
4. Valor
5. Relação com o Novo Testamento
6. Breve Pesquisa do Conteúdo dos Livros.

1. Designação e Coleção dos Livros

A palavra «Bíblia» vem do grego **bíblia**, forma plural de *biblion*, «livro». Essa palavra, por sua vez, derivou-se da palavra que significa «papiro». A letra final *a*, da palavra bíblia é um plural grego, que não deve ser confundido com o feminino singular latino. A palavra «Testamento» vem da LXX, *diatheke*, que pode significar ou «pacto» ou «testamento», embora o primeiro seja um nome mais apropriado, o que daria em resultado Antigo Pacto e Novo Pacto.

O Antigo Testamento consiste em trinta e nove livros, cerca de oito treze avos do volume inteiro da Bíblia. Os trinta e nove livros do cânon protestante são idênticos ao cânon hebreu da Palestina. O Antigo Testamento impresso pela Igreja Católica Romana adiciona onze dos catorze livros apócrifos da versão da LXX, a Bíblia grega dos judeus das áreas fora da Palestina. Ver o artigo sobre a *Septuaginta* (LXX). Ver também o artigo sobre o *Cânon*.

2. Origem e Preservação

Todos os livros, de qualquer natureza têm um pano de fundo terreno, próprio do seu meio ambiente, cultural, histórico e humano. Qualquer interpretação das Escrituras, portanto, deve levar em conta esses elementos. Ver o artigo sobre *Crítica da Bíblia*. Todavia, alguns livros têm-se distinguido, além disso, como dotados do poder e da inspiração de Deus. Esses são os livros da Bíblia. Ver o artigo sobre *Inspiração*. Ora, se há uma inspiração divina, há também uma autoridade especial (ver o artigo a respeito). Os trechos de II Timóteo 3:16 e II Ped. 1:20,21 declaram a inspiração do Antigo Testamento. E dentro dos próprios livros do Antigo Testamento encontramos com freqüência a frase: «Assim diz o Senhor». Essa é a base da mensagem dos profetas, que foram apenas agentes de Deus. A consciência de que dispunham de algo ímpar, levou Israel a preservar suas Escrituras com cuidado e diligência. Os escritos inspirados requerem leitores iluminados, sujeitos à orientação do Espírito. No mínimo, requerem uma leitura cuidadosa e uma avaliação justa, mesmo da parte daqueles que duvidam de sua autoridade. Livros que têm resistido ao teste de muitos séculos de exame não podem ser tratados superficialmente. Somente o valor intrínseco pode garantir tão extraordinária preservação como se dá com a Bíblia.

3. Principais Divisões

a. O Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

b. Livros Históricos: Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel, I e II Reis, I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

c. Livros Poéticos: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão.

d. Profetas Maiores: Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel.

e. Profetas Menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Uma divisão ainda mais simples: A Lei, os Profetas e os Salmos (ver Luc. 24:44).

Outros escritos judaicos. Os livros apócrifos e pseudepígrafos são citados ocasionalmente no Novo Testamento, o que seria apenas natural esperarmos, visto que os livros apócrifos faziam parte da LXX, e os livros pseudepígrafos eram largamente usados como fontes informativas, nas seções proféticas, porquanto ali a tradição apocalíptica dos judeus tem o seu desenvolvimento. Quanto ao valor e extensão do uso dessas obras, nas comunidades judaica e cristã, ver os artigos sobre cada uma delas.

4. Valor

Consideremos as minúsculas dimensões de Israel. No entanto, daquela pequena nação originaram-se documentos universais e imortais, que contêm uma literatura verdadeiramente grandiosa e importante. Trata-se de um daqueles documentos que satisfazem ao anelo do coração humano; em caso contrário, eles jamais teriam exercido tamanha influência. Chegamos mesmo a aludir à nossa cultura como cultura judaico-cristã; e, à base dessa cultura, encontramos o Antigo e o Novo Testamentos.

5. Relação com o Novo Testamento

A Igreja cristã, em quase sua inteireza, tem considerado o Antigo Testamento como autoritário. Jesus ensinou que Moisés, os profetas e os salmos testificam a respeito Dele (ver Luc. 24:44). No Novo

Testamento aparecem entre cento e cinqüenta e trezentas citações diretas, extraídas do Antigo Testamento, e há muitas alusões, sem citação direta. Incluindo as alusões, o número de trechos citados, direta ou indiretamente, chega acerca de mil. Ver o artigo *Citações no Novo Testamento*. Os autores sagrados, quase todos eles judeus, utilizaram-se do Antigo Testamento como base autoritativa para o Novo. E, como é óbvio, muitas idéias são passadas diretâmente de um para o outro Testamento. Temas fundamentais vinculam entre si no Antigo e no Novo Testamentos: o ponto de vista monoteísta de Deus; o tema da redenção (ver Gên. 3:15); a expectação messiânica (ver Mal. 3:1-3); o princípio do pacto; o homem como uma raça decaída no pecado; a orientação da providência divina sobre a história da humanidade; e finalmente, a tradição profética. O Antigo Testamento sustenta uma relação vital, preparatória e inseparável para com o Novo Testamento. O Novo Testamento está contido no Antigo Testamento, e este desdobra-se no Novo Testamento. As expressões «Antigo Testamento» e «Novo Testamento» foram popularizadas pelos pais latinos da Igreja. Os dois Testamentos foram intitulados «Antigo» e «Novo» a fim de que fossem distinguidas as Escrituras cristãs das Escrituras judaicas. Mas há declarações específicas, no Novo Testamento, que afirmam a inspiração divina do Antigo Testamento (ver II Tim. 3:16 e II Ped. 1:20,21). Muitas personagens e coisas que figuram no Antigo Testamento são tipos de Cristo e, em determinados aspectos, do cristianismo neotestamentário. A epístola aos Hebreus é a declaração clássica a esse respeito. Até mesmo os eventos históricos do Antigo Testamento têm aplicação a Cristo e à Sua Igreja, como a travessia do mar Vermelho (ver I Cor. 10:1,2), a conquista de Canaã, sob a liderança de Josué, o descanso espiritual no qual entramos mediante a fé (ver Heb. 3:4), a chamada de Israel para fora do Egito, o retorno de Jesus do Egito à Palestina, após a morte de Herodes (ver Mat. 2:15), etc. Acrescenta-se a isso as inúmeras profecias do Antigo Testamento que foram cumpridas em Cristo, o que faz de Jesus a pessoa que une os dois pactos entre si. No NTI, nas notas sobre Atos 3:22, são alistadas essas profecias, com as referências correspondentes. Além disso, precisamos levar em conta a prova histórica da unidade dos dois Testamentos. Poderia ser considerado mero acaso histórico o fato de que, durante muitos séculos, o Antigo e Novo Testamentos têm sido impressos e encadernados juntos, formando um único grande livro, a *Bíblia*?

6. Breve Pesquisa do Conteúdo dos Livros

A. O Pentateuco:

a. *Gênesis*. Ali aparecem, pela primeira vez, os títulos descritivos de Deus: El, Adonai e Yahweh. Esse é o verdadeiro Deus, o Criador. Nele todas as coisas têm a sua origem. O homem foi criado por Deus e caiu no pecado. O perdão foi prometido, e teve início o tema messiânico da redenção, logo após a queda. Deus enviou o juízo do dilúvio, uma das grandes catástrofes que se abateu sobre o mundo, dentre muitas outras que não estão registradas nas páginas da Bíblia, mas cujo fim assinalou um novo começo para a humanidade, com os descendentes dos três filhos de Noé: Sem, Cão e Jafé. Abraão foi chamado de descendente de Sem. Com os descendentes de Abraão, Deus formou a nação de Israel, um dos veículos da redenção. Os primeiros descendentes de Abraão, isto é, Isaque, Jacó e seus doze filhos, são chamados de «os patriarcas». Todavia, os descendentes de Abraão terminaram escravizados no Egito. Ali, José foi a grande luz da espiritualidade, tendo salvo a sua gente da inanição.

b. *Êxodo*. Moisés, descendente de Abraão através de Levi, foi preparado para libertar o povo de Israel da servidão egípcia. Após o êxodo, Moisés foi usado por Deus para produzir uma nova expressão espiritual de grande magnitude: a lei mosaica. Israel apostatou, mas retornou ao Senhor. O sábado foi ordenado, e o tabernáculo e suas formas próprias de adoração foram instituídos.

c. *Levítico*. Esse livro descreve os muitos regulamentos cerimoniais que governam todos os aspectos da vida religiosa e civil dos israelitas. Ali aparecem seis tipos de sacrifícios cruentos, os quais retratam diversos aspectos da expiação. Também preceitua-se ali sobre animais limpos e imundos, sobre a santidade cerimonial em todos os níveis da vida, sobre a celebração do sábado, da páscoa, dos pães asmos, do Pentecoste, da festa das Trombetas e da festa dos Tabernáculos. O vigésimo sexto capítulo desse livro prediz o cativeiro assírio e o babilônico, mas sobretudo este último, porque fala no retorno, embora sem designá-lo especificamente por nome.

d. *Números*. Temos ali as jornadas de Israel desde o monte Sinai até às fronteiras de Canaã, em Cades-Barnéia. Temos ali o relato dos castigos motivados pela incredulidade; os quarenta anos de vagueação pelo deserto; a chegada às planícies de Moabe; os encontros com Balaque e Balaão; o recenseamento no começo do relato, e outro no fim (ver Lev. 26), quando então havia seiscentos mil homens em armas; o estabelecimento dos levitas como uma casta sacerdotal; os espias enviados a Canaã; as queixas e rebeldias contra Moisés; a conquista da Transjordânia; e, finalmente, como os israelitas em Moabe, foram induzidos a cair em idolatria.

e. *Deuteronômio*. Temos ali as instruções finais dadas por Moisés; a reiteração da lei (de onde vem o nome do livro = «segundo livro da lei»); diversas novas provisões, para quando Israel se estabelecesse em Canaã; a leitura pública do pacto; a invocação de testemunhas para que qualquer causa tivesse validade; cópias da lei que tiveram de ser guardadas na arca da aliança; e as admoestações finais a Israel, para que fosse leal ao pacto.

B. Livros Históricos:

a. *Josué*. A conquista da Terra Prometida é o tema principal desse livro; o cumprimento das promessas terrenas feitas a Abraão; a incomum dedicação e espírito decidido de Josué; as vitórias e os retrocessos da conquista; o estabelecimento das cidades de refúgio; a distribuição do território entre as dez tribos que ficaram na margem direita do rio Jordão; as cidades para os levitas; o desafio de Josué ao povo, para que renovasse sua lealdade a Yahweh.

b. *Juízes*. As gerações subseqüentes não completaram a conquista da Terra Prometida; fracassos morais e religiosos devido ao contato com povos pagãos; o estabelecimento de juízes para governar e libertar o povo de Israel; numerosos conflitos com povos vizinhos, com vitórias e derrotas; a tendência de cada qual fazer o que lhe parecia melhor; tempos violentos, quando ninguém tinha a sua vida segura; o bárbaro assassinato da concubina do levita, em Gibeá, o que o levou à punição armada contra a tribo de Benjamim, da qual quase resultou a extinção dessa tribo.

c. *Rute*. Uma terna e romântica narrativa, durante o tempo dos juízes, que envolveu a moabita Rute e sua sogra israelita, Noemi. Tendo voltado a Belém, Noemi, não abandonada por sua nora viúva, Rute,

atraiu para esta o favor de Boaz, rico solteirão e primo de Noemi. Noemi reivindicou-o como seu parente-remidor, e Rute casou-se com ele, tornando-se uma das ancestrais do futuro rei Davi, e, conseqüentemente, de Jesus de Nazaré.

d. *I e II Samuel*. Dias finais do sumo sacerdote Eli, tutor do menino Samuel, que fora dado por sua mãe ao serviço do Senhor; os filisteus derrotam Israel em Silo, e tomam a arca da aliança; uma praga força os filisteus a devolverem a arca. Samuel derrota os filisteus e coroa Saul como rei. Saul entra em inúmeras batalhas, com vitórias e derrotas. Davi desafia e derrota o herói dos filisteus, o gigante Golias. Tendo desobedecido a Deus, Saul é rejeitado. Muitas vicissitudes, através de mais de uma dezena de anos, levam Davi ao trono, depois dele ter sido forçado ao exílio. Davi expressa o desejo de edificar um templo em honra ao Senhor. As muitas conquistas militares bem-sucedidas de Davi. Revolta de Absalão, filho de Davi, a morte violenta de Absalão. Os trinta grandes heróis de Davi. O recenseamento ordenado por Davi é desaprovado e julgado por Deus.

e. *I e II Reis*. Tem prosseguimento a narrativa da monarquia hebréia, desde Salomão até Zedequias. I Reis termina com a morte de Acabe (835 A.C.). Salomão, como rei, com seus pontos fortes e fracos, levanta o templo. Fama e riquezas de Salomão; sua grosseira poligamia. Ocorre a separação permanente entre Israel, ao norte, e Judá, ao sul. Relatos dos ministérios de Elias e Eliseu. As intermináveis lutas de Israel e Judá, em conflito com povos vizinhos, com vitórias e derrotas. Os cativeiros assírio e babilônico. O retorno dos judeus à Terra Prometida. As descobertas arqueológicas têm confirmado a existência de mais de cinqüenta dos reis de Israel e Judá.

f. *I e II Crônicas*. A história de Israel é revisada, do ponto de vista de sua relação de pacto nacional com Deus. O sacerdócio divinamente determinado; a teocracia de Davi. Esses livros não tratam sobre Israel, o reino do norte, porquanto esse representa um cisma. Ênfase sobre a rica herança espiritual dos judeus. Elevados momentos de fé, confiança e vitórias de reis como Reoboão, Asa, Josafá. Também trágicos lapsos de fé e obediência, como o adultério e homicídio praticados por Davi, a grosseira poligamia de Salomão e sua permissividade quanto à idolatria. Finalmente, o cativeiro babilônico de Judá e a soltura dos judeus do cativeiro, por ordens de Ciro, imperador da Pérsia.

g. *Esdras*. Retorna à Palestina, em 537 A.C., a primeira vez leva quarenta e dois mil judeus, vindos da Babilônia. Esses fundam o segundo reino, lançam os alicerces do templo e reiniciam as atividades religiosas dos judeus. Algumas décadas mais tarde, Esdras vem da Babilônia à Palestina, com a aprovação do imperador, a fim de ajudar na restauração espiritual da pequena e desencorajada província de Judá (457 A.C.). Esdras leva os judeus a se desfazerem de suas esposas estrangeiras e dá início a uma restauração geral da lei, dos costumes e da religião.

h. *Neemias*. Ele era o copeiro do imperador persa, relatando-nos como foi autorizado a servir como governador de Judá (a partir de 446 A.C.). Liderou no reerguimento das muralhas de Jerusalém e restaurou seus compatriotas a uma postura decente de defesa e auto-respeito, diante dos povos vizinhos hostis. Várias dificuldades foram enfrentadas e ultrapassadas. Neemias promoveu um reavivamento, por ocasião da festa dos Tabernáculos, e os judeus adquiriram um novo interesse pelas Escrituras e pelas tradições de sua nação. Esdras determinou a expulsão de certos estrangeiros que viviam em aposentos do templo, e insistiu sobre o pagamento de dízimos, para sustento dos ministros do templo. O sábado passou a ser novamente respeitado, e os judeus divorciaram-se de suas mulheres estrangeiras.

i. *Ester*. Nesse livro relata-se o livramento da nação judaica, na Pérsia, do genocídio arquitetado por Hamã, primeiro-ministro do imperador, que odiava os judeus. Hamã ignorava que a bela e jovem rainha de Xerxes (Assuero), de nome Ester, era prima de Mordecai. Mordecai era o judeu que recusara prestar homenagem a Hamã, o que deu início ao drama inteiro. Sem ter sido convidada à presença do imperador, Ester arriscou sua vida, intercedendo em favor de sua gente. A forca preparada para Mordecai, em vez disso, foi usada para execução de Hamã. Essa vitória é celebrada pelos judeus mediante a festa de Purim (ver o artigo a respeito).

C. Livros Poéticos:

a. *Jó*. Se o relato é real, então tudo ocorreu no norte da Arábia. Mas a ausência de qualquer genealogia indica, para alguns que o livro é uma espécie de romance filosófico, criado com o propósito de ensinar lições morais e espirituais, especialmente no que tange ao problema do mal. Por que o justo sofre? Satanás é retratado como um espírito dotado do poder de provocar toda a espécie de males contra os homens. Podemos aceitar essa exposição se supormos que Deus permite os acontecimentos tendo em vista o nosso bem, e também se lembrarmos que os judeus não sabiam explicar devidamente as causas, tendendo por esquecer-se de que há uma primeira causa (Deus), e muitas causas secundárias, que podem operar e realmente operam de modo independente de Deus. Para alguns, é motivo de perturbação saber que Deus deu ouvidos a Satanás, permitindo que um homem inocente sofresse, sob instigação do diabo. Mas isso exprime uma antiga teologia que não resiste ao teste da veracidade. Ou, alternativamente, Deus pode permitir que o crente sofra injustamente, a fim de acrisolá-lo, extraindo a escória e deixando sua fé mais pura — exatamente o que sucedeu a Jó. Apesar desse senão, o livro aborda o tema do mal e do sofrimento com grande maestria, e isso em meio à mais excelente poesia do tipo hebraico.

É interessante como alguns estudiosos ficam desapontados diante do final da história, pois tudo terminou tão bem para Jó, ao passo que a vida humana, mais freqüentemente, termina em tragédia. De fato, as tragédias gregas, nas quais o herói sofre perdas variadas e irreparáveis, são mais fiéis à realidade humana. Por causa desse «fim» benigno, alguns têm suposto que o final do livro de Jó não é autêntico aos fatos, embora não haja a menor evidência textual para tal idéia. Nem sempre as tragédias terminam tragicamente. Apesar de sua vida terrena ter terminado tragicamente, houve uma reversão mais do que compensadora, mediante Sua gloriosa ressurreição, e Jesus recomendou aos Seus seguidores: «...tende bom ânimo, eu venci o mundo» (João 16:33). Essa é a lição do livro de Jó.

b. *Salmos*. Em sua maior parte, os cento e cinqüenta salmos são orações ou cânticos de louvor e petição, que refletem as experiências diárias, com as suas muitas alegrias, tristezas, perigos e aspirações, tanto terrenas quanto espirituais. Dentre esses salmos, setenta e três são atribuídos a Davi. Mas como alguns salmos são anônimos, é possível que também tenham sido de sua autoria. Além dos salmos de natureza pessoal e humana, há aqueles de natureza

teológica, reveladores da pessoa e do poder de Deus, tanto em Si mesmo como no Seu relacionamento com os homens. No Novo Testamento, o livro de Salmos é o mais citado de todos os livros do Antigo Testamento, e muitos deles têm um pronunciado caráter messiânico. Dez dos Salmos são atribuídos aos filhos de Coré (Sal. 42, 44 - 49, 84, 87 e 88), e doze a Asafe (Sal. 50, 73 - 83). O Salmo 90 é atribuído a Moisés; o Salmo 127 a Salomão; o Salmo 83 a Hamã; e o Salmo 89 a Etã. Salmos anônimos, entre outros, são os de números 103, 104 e 119. Alguns dos Salmos eram usados na liturgia veterotestamentária, e muitos deles exprimem a personalidade de Israel como uma corporação, e não apenas as emoções de alguns salmistas individuais.

c. *Provérbios*. Essa é uma grande coletânea de máximas vigorosas, de encorajamentos positivos e de advertências, por detrás da qual brilha a famosa sabedoria de Salomão, o qual falou sobre todas as situações imagináveis da vida diária. Alguns temas dizem respeito aos pais, outros à fidelidade aos votos conjugais, à honestidade nos contratos, aos sábios, aos insensatos, aos ímpios, aos presunçosos, aos bondosos e virtuosos, e outros são advertências acerca de vários vícios.

d. *Eclesiastes*. O filósofo Salomão fala do ponto de vista humano sobre a futilidade de todo esforço e empenho humanos, porquanto, à parte da providência e da orientação divinas, tudo resulta em nada. Alguns pensam que o livro teve dois autores, um dos quais totalmente negativo, que não acredita na existência da alma, ao passo que o outro seria mais esperançoso, crendo na existência e valor da alma. Mas, na conclusão, o livro termina em tom positivo, demonstrando que a finalidade da existência humana é caminhar pela senda do dever: temer a Deus e guardar os Seus mandamentos.

e. *Cantares de Salomão*. Esse é o livro poético que mais tem suscitado debates. Alguns pensam que ele não deveria fazer parte do cânon do Antigo Testamento. As interpretações do livro são duas: ele exprime o puro amor conjugal, segundo foi ordenado por Deus na criação; ou então simboliza o amor de Cristo por Sua noiva celestial, a Igreja. Todos admitem que até o esboço do livro é difícil de ser acompanhado. Porém, homens e mulheres de ilibada santidade têm encontrado nesse livro um deleite espiritual dos mais profundos. Somente as mentes de forte pendor ascético, que imaginam que o amor marital é condenável, voltam-se contra o livro como indigno de fazer parte da Bíblia.

D. Profetas Maiores:

São assim chamados porque seus livros são mais volumoso que os dos chamados «profetas menores», nada tendo a ver com a importância relativa daqueles em relação a estes últimos.

a. *Isaías*. Livro volumoso de sessenta e seis capítulos, com muitas declarações proféticas, incluindo muitas excelentes predições e descrições messiânicas. Tanto é assim que alguns o têm chamado de «Evangelho segundo Isaías». Reflete um período, na história de Israel, entre 739 e 680 A.C. Isaías era membro da família real judaica. Viveu em uma época de degeneração, pelo que Deus o levantou como Seu profeta. Houve a degeneração de Acaz, o reavivamento encabeçado por Ezequias, e a tremenda apostasia de Manassés. Isaías fala sobre a salvação oferecida por Deus e sobre o prometido Messias, o Deus encarnado. Yahweh não podia tolerar as condições em que vivia Seu povo de Israel, e baixou instruções através de Isaías. Ali é predito o cativeiro babilônico, e também a subseqüente restauração. Dali, a visão profética salta para a era da instauração do reino, que ainda jaz no futuro. O Servo de Yahweh é a grande figura messiânica, nascido virginalmente, o Emanuel ou Deus-homem, que ofereceria a Sua vida como expiação pelos nossos pecados. O Emanuel obteria completa vitória, livrando os remanescentes de seu povo de todos os inimigos internos e externos. A visão de Isaías é muito ampla, abarcando até mesmo o estado eterno futuro, quando bons e maus estarão definitivamente separados, cada qual no seu respectivo destino.

b. *Jeremias*. Um sacerdote e profeta desde a juventude, até a queda de Jerusalém diante dos caldeus, em 587 A.C., e daí até a migração de alguns sobreviventes judeus para o Egito, poucos anos mais tarde. Jeremias foi comissionado por Deus para denunciar a idolatria, a imoralidade e a autocomplacência em que Israel se atolara. Jeremias recomendava que os judeus se submetessem ao governo de Nabucodonosor, a quem Deus apontara como instrumento de disciplina; recomendava também que evitassem alianças com o Egito, na tentativa de escaparem do merecido castigo. Todas as classes sociais haviam-se corrompido, e o juízo divino era inevitável. Mas, após setenta anos de cativeiro, os judeus retornariam à sua terra, e, eventualmente, seriam libertados pelo Messias, descendente de Davi, o qual nesse livro é chamado de Renovo Justo. E os gentios também seriam julgados, no devido tempo, porquanto Deus é o Juiz de todos os homens, em todos os lugares. Muito sofreu Jeremias por sua fidelidade a Deus, tendo sido considerado por muitos judeus como um traidor. Mas Jeremias, mediante a proteção divina sobreviveu a tudo e teve a tristeza de contemplar o cumprimento de suas predições de castigo contra Judá e Jerusalém.

c. *Lamentações*. Nesse pequeno livro, Jeremias exprime a sua angústia ante a total depravação de seu povo, a perda de sua honra e privilégios, de sua liberdade e de suas possessões materiais. Mas, em contraste com isso, ele experimentou a alegria de contemplar a santidade e o eterno amor de Deus. «Grande é a tua fidelidade» (Lam. 3:23).

d. *Ezequiel*. Também era sacerdote, como Jeremias. Viu a glória de Deus, ao iniciar o Seu ministério profético (592 A.C.), e evidentemente prosseguiu profetizando entre seus companheiros de cativeiro, na Babilônia. Os primeiros vinte e quatro capítulos antecipam a queda de Jerusalém diante dos caldeus, um juízo divino contra a idolatria e todos os tipos de pecados e lapsos. Judá contava então com o exemplo negativo de Israel, o reino do norte, que fora levado cativo pelos assírios. Os capítulos vinte e cinco a trinta e dois encerram predições contra a Fenícia, o Egito e outros países vizinhos. Os capítulos trinta e três a trinta e nove predizem a restauração e a renovação espiritual de Israel. Talvez o quadro ali descrito retrate as condições do milênio; ou então um estado ideal, segundo outros estudiosos. O verdadeiro Pastor haverá de levantar-se, no futuro, derrotando as forças de Gogue, Magogue, Ros, etc. Então ressuscitarão os ossos secos. Os capítulos quarenta até o fim, falam sobre o templo durante o milênio (ver o artigo a respeito), com o tipo de adoração que ali haverá. A Terra Prometida desfrutará de grande prosperidade, dotada de uma população numerosa.

e. *Daniel*. O livro foi escrito quando seu autor vivia em cativeiro, na Babilônia, juntamente com todo o povo de Judá. Daniel e três amigos seus, igualmente príncipes da casa real de Judá, obtêm elevadas posições no governo da Babilônia. Perigos criados por

circunstâncias adversas são revertidas mediante revelações dadas a Daniel. Este interpretou o sonho profético de Nabucodonosor, sobre quatro grandes impérios mundiais em sucessão: a Babilônia, a Média-Pérsia, a Grécia e Roma. Os três amigos de Daniel são miraculosamente salvos da fornalha ardente, onde haviam sido lançados por se recusarem a adorar uma estátua levantada pelo imperador. Por não ter deixado de orar a Deus, durante um período proibido de trinta dias, quando todas as orações só podiam ser dirigidas ao imperador, Daniel foi lançado na cova dos leões, mas sua vida foi miraculosamente preservada. Tempos depois, Daniel interpretou a terrível mensagem de julgamento divino contra Belsazar, a qual se cumpriu naquele mesmo dia. Os últimos seis capítulos do livro contêm predições concernentes aos futuros impérios mundiais, especialmente aquele envolvido no reinado de Antíoco Epifânio (ver o artigo a respeito), que foi um tipo do anticristo. Certas porções do livro - caps. 2 a 7 — foram escritas em aramaico; e o resto em hebraico. Daniel foi o inspirador da tradição profética judaica posterior, incluindo os livros pseudepígrafos e o Apocalipse de João, no Novo Testamento. É um dos livros mais importantes do ponto de vista escatológico. O Apocalipse de João completa aquilo que Daniel teve de «selar», isto é, de ocultar (ver Dan. 12:9).

E. Profetas Menores:

a. *Oséias*. Ele pertencia ao — reino do norte —, e ali profetizou, entre 755 e 720 A.C., antes da queda de Samaria, que ocorreu em 722 A.C. A esposa de Oséias era uma mulher adúltera. E isso proveu a ilustração espiritual de Israel como esposa adúltera de Yahweh. Os nomes dos três filhos do profeta tipificavam condições proféticas: a. Jezreel, a destruição da dinastia de Jeú; b. Lo-Ruama, que não haveria restauração nacional das dez tribos do norte; e c. Lo-Ami, que a nação do norte não seria restaurada à relação de pacto com Deus. Há muitas denúncias contra todos os tipos de pecados e crimes. Não obstante, o amor de Yahweh por Israel continuaria, e haveria um remanescente, composto por crentes verdadeiros, que herdariam as promessas do Senhor.

b. *Joel*. Um livro composto em cerca de 830 A.C., o que faz de Joel o primeiro dos profetas «escritores». Seu livro abrange tudo quanto os demais profetas disseram, embora sem entrar em detalhes, os quais foram explorados pelos demais profetas escritores. No tempo da composição do livro, o rei Joás era ainda menor de idade. Os adversários de Judá eram os fenícios, os filisteus, os idumeus e os egípcios (ver Joel 3:4,19). Uma praga de gafanhotos retrata uma futura invasão dos assírios e caldeus. Somente o arrependimento poderia fazer a maré invasora virar. Deus é capaz de derrotar os inimigos e de derramar o Seu Espírito (ver Joel 2:28-32). No dia de Pentecoste, segundo se vê em Atos 2:17, essa predição teve cumprimento parcial; e no futuro teremos o cumprimento cabal da mesma. O julgamento divino foi predito contra os opressores de Israel. Haverá triunfo e paz, afinal, durante o milênio (ver o artigo a respeito).

c. *Amós*. Amós não era profeta e nem filho de profeta, mas apenas um humilde pastor. Não obstante, o Espírito tornou-se um profeta que se opôs à classe sacerdotal, que estava abusando de seus deveres. E isso quase causou a morte de Amós. Ele enviou advertências ao reino do norte (cerca de 760 - 755 A.C.), e declarou também iminente o julgamento divino contra Damasco, Tiro, Gaza e Edom. Judá foi denunciada por estar dando ouvidos a falsos mestres. Todos os tipos de vícios e exploração ao próximo foram denunciados. Foi predita uma destruição geral, através de vários meios, embora seguida por promessas da futura glória do milênio (ver o artigo). O trecho de Amós 7:10-17 registra um choque ocorrido entre Amós e o sacerdote do santuário real de Betel, chamado Amazias.

d. *Obadias*. Livro que tem um único capítulo, escrito em cerca de 841 A.C., durante o reinado de Jeorão, quando os filisteus e árabes invasores aparentemente foram ajudados pelos idumeus, na pilhagem de Jerusalém. Edom foi denunciado, e um severo julgamento foi proferido, devido aos abusos cometidos contra Israel.

e. *Jonas*. Foi um profeta desobediente a princípio, não querendo entregar uma mensagem divina de juízo contra Nínive. Para fugir do compromisso, tomou um navio para Társis, porto ocidental do Mediterrâneo. O navio foi vitimado por um imenso temporal. Os marinheiros lançaram-no fora, na tentativa de aplacar a ira divina. Uma baleia engoliu o profeta, e mais tarde vomitou-o. Então Jonas resolveu ir pregar em Nínive. Sua mensagem era simples, mas Deus a usou para fazer os ninivitas se arrependerem. A cidade não foi destruída e Jonas entristeceu-se diante do fato. Então Deus precisou ensinar ao profeta uma lição de compaixão, fazendo uma planta crescer e morrer em seguida, para mostrar a Jonas que assim como ele se indignara diante da perda da planta, Deus também não tinha prazer na morte do ímpio.

f. *Miquéias*. Profeta contemporâneo de Isaías, no século VII A.C. Ele foi enviado para anunciar o juízo de Deus contra os reinos do norte e do sul, Israel e Judá, em face de sua idolatria, pecados e muitos lapsos. Os assírios seriam usados como látego. Todas as classes sociais se tinham corrompido, havendo exploração do próximo e pecados morais por todos os lados; e fatalmente sobreviria o juízo. Haveria o exílio, a restauração e o futuro reino messiânico (ver as notas sobre o *Milênio*). A vida religiosa depende da fidelidade e da santidade, e o povo de Israel precisava aprender essa lição.

g. *Naum*. Um profeta que atuou em cerca de 650 - 625 A.C., proclamando a vingança de Deus contra a brutalidade de Nínive, capital da Assíria. Ele descreveu, antecipando, como os caldeus e medos derrubariam a Assíria. Deus afirmava que haveria a restauração de Israel, sob a condição de arrependimento.

h. *Habacuque*. Esse profeta entregou sua mensagem em cerca de 607 A.C., no intervalo entre as batalhas de Megido (609 A.C.) e de Carquemis (605 A.C.). O livro é uma espécie de diálogo entre o profeta e o Senhor, a respeito de Sua maneira de tratar Israel. O profeta fazia perguntas, e Deus dava as respostas. Os caldeus castigariam a pérfida Israel, mas os justos continuariam a rejubilar-se em Deus, embora perdendo suas possessões materiais anteriores e seus luxos.

i. *Sofonias*. Sua mensagem foi entregue no começo do reinado de Josias (cerca de 625 A.C.), predizendo o futuro Dia de Yahweh. A ainda recente invasão dos citas, que devastaram o Oriente Próximo e Médio, em cerca de 630 A.C., serviu de exemplo do que poderia acontecer. Os juízos divinos atingiriam Israel e seus vizinhos. Mas a era do reino seria dada ao remanescente justo. Israel e os povos gentílicos aprenderão a falar a mesma linguagem de fé (ver Sof. 3:9,10).

j. *Ageu*. Após o retorno de Judá do cativeiro babilônico, Ageu exortou o povo a reconstruir o

templo. Este seria mais humilde, mas haveria de renovar as esperanças. A grande esperança prometida seria o Messias, que haveria de chegar ao Seu templo. Portanto, o povo deveria mostrar-se zeloso quanto à reconstrução do templo. E, no espaço de três anos (em 516 A.C.), o novo templo foi dedicado ao Senhor.

l. *Zacarias*. Esse profeta ajudou Ageu em seus esforços (a começar em 519 A.C.). O livro encerra oito visões, cujo intuito era encorajar o povo de Deus, mostrando a intervenção divina e o julgamento do Senhor contra os opressores de Israel; a Assíria, a Babilônia, a Grécia e Roma. Jerusalém seria reconstruída e prosperaria, sendo remida de seus erros e servindo como testemunha aos gentios. No livro há várias profecias messiânicas, como a da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (ver Zac. 9:9,10), inaugurando assim o propósito remidor de Deus. Israel haveria de receber seu Bom Pastor, em substituição aos pastores falsos, e também haveria de converter-se a Cristo, a quem seus antepassados haviam transpassado (ver Zac. 2:10). Portanto, o livro tem um decidido lado escatológico. A idolatria seria removida e os inimigos de Israel seriam derrotados. Jerusalém, embora cercada pelos exércitos do mundo, em situação desesperadora, seria miraculosamente livrada, dando início assim ao período do reino milenar de Cristo, o qual haverá de exercer domínio sobre o mundo inteiro (ver o artigo sobre o *Milênio*).

m. *Malaquias*. Esse foi o último profeta escritor de Judá, a menos que emprestemos algum valor aos livros apócrifos e pseudepígrafos. O uso da pseudepígrafa, pelo vidente João, parece indicar que ele pensava que ali havia material inspirado, ou, pelo menos utilizável, por conter informações precisas. Seja como for, Malaquias é o último profeta escritor do período do Antigo Testamento. Sua data é de cerca de 435 A.C. Ele convocou Judá a voltar à piedade. Sacerdotes negligentes haviam corrompido a adoração no templo, e pecados de todas as variedades corrompiam o povo. Esposas estrangeiras precisavam ser repelidas, e o povo precisava voltar a pagar seus dízimos. São preditos no livro tanto o ministério de Jesus Cristo como o de Seu precursor, João Batista. O juízo seria executado e a justiça seria restaurada.

— O estudo acima é abreviado propositalmente, tencionando apenas dar um esboço geral do Antigo Testamento. O leitor deveria examinar os artigos sobre cada um dos livros do Antigo Testamento. Ver também sobre a *Bíblia*. (E IB ID JE UN VT Z)

ANTIGO TESTAMENTO, *Uso pelos Cristãos Primitivos.* Ver *Uso do Antigo Testamento pelos Cristãos Primitivos.*

ANTIINTELECTUALISMO

1. Na filosofia. A idéia de que o intelecto humano não é suficiente ou digno de confiança para a obtenção do conhecimento, quer isolado (como no racionalismo; ver o artigo) quer combinado com a percepção dos sentidos (como no racionalismo empírico), chama-se antiintelectualismo. Nesse caso, duas posições podem ser adotadas: a. A posição de ceticismo (ver o artigo), que abandona qualquer tentativa de descobrir o verdadeiro conhecimento permitindo que a vida, de modo prático ou ético, seja governada pelo que é pragmático (ver sobre o pragmatismo). b. Ou então, uma atitude antiintelectual pode levar o indivíduo a supor que o conhecimento pode ser obtido por meio da intuição (ver o artigo), ou por meio do misticismo (ver o artigo).

2. Na religião. Temos então a idéia de que a razão humana é inadequada na pesquisa pela verdade religiosa. Assim, a atividade intelectual e o estudo são abandonados e degradados. Em alguns lugares, a ignorância populariza-se, e quase sempre com o acompanhamento da crendice de que o conhecimento obtido intuitiva e misticamente é necessariamente correto. Mas tal atitude ignora diversas coisas: a. Que as experiências intuitivas e místicas devem ser testadas pela razão, pois, do contrário, podem resultar a mistificação, a fraude e a auto-ilusão. b. Que tanto a intuição quanto o misticismo não são caminhos perfeitos para se conhecer e experimentar as coisas, e que, por si mesmos, esses caminhos nunca podem permanecer de pé sozinhos. c. Que a intuição e o misticismo podem ser absolutamente falsos, e que as experiências místicas, que permeiam todas as formas de religião (não estando limitadas a qualquer grupo ou a qualquer variedade de fé religiosa) não podem ser o único alicerce da crença e do dogma. d. Que tanto a intuição quanto o misticismo podem ser usados por poderes demoníacos, tornando-os não apenas falsos, mas até mesmo malignos. e. Que a chamada «fé» algumas vezes consiste em crer naquilo que não corresponde à verdade, e que os grupos que pensam que somente eles têm a verdade, ou que são superiores aos outros (e isso é evidenciado pelas experiências místicas que eles têm), são extremistas e concebem um Deus pequeno demais. Notemos que Paulo admitia que seus opositores gnósticos tivessem experiências místicas (ver Col. 2:18; ver notas completas no NTI). Porém, ele não se impressionava com isso como base da verdade. A verdade e a experiência religiosa nunca repousam sobre uma única coluna. Há muitas colunas que dão respaldo à verdade e ao desenvolvimento espiritual, e uma dessas colunas é o *intelecto*, por meio de sua capacidade de testar e pesquisar.

3. Definição do misticismo. A definição filosófica do misticismo diz, em sua essência, que o ser hunano tem a capacidade de entrar em contato direto, de alguma maneira, com o Ser divino ou com as realidades divinas, mediante um processo de contemplação, comunhão, —através da presença do Espírito Santo, ou outra autoridade espiritual. Esse contato direto ultrapassa em importância tanto à percepção dos sentidos quanto à razão. Pode ser sutil como no caso dos impulsos intuitivos internos, ou pode ser avassalador e imposto de cima para baixo, como no caso das visões, de um sonho vívido e compelidor, de uma revelação, de uma visitação por parte de algum ser espiritual, etc. O misticismo oriental enfatiza (posto que não com exclusividade) o misticismo subjetivo. Em outras palavras, o contato com a própria alma ou eu superior, que seria uma forma exaltada de conhecimento próprio, no qual o indivíduo descobre os segredos do universo, com o qual o «eu» está em harmonia. O misticismo ocidental salienta (posto que não exclusivamente) o misticismo objetivo. Este último é o contato com alguma entidade espiritual fora do próprio indivíduo: como um santo, um espírito, um anjo, Deus, Cristo ou o Espírito Santo. Todas as religiões estão baseadas primariamente no misticismo, porque é a visão do profeta que vem a transformar-se em um Livro Sagrado, o qual então é preservado pela organização religiosa que se forma em torno de suas idéias. As doutrinas, tanto quanto os dons do Espírito, a permanência do Espírito no crente, a regeneração e a santificação são todas doutrinas místicas, porque, dentro do sistema cristão, todas elas requerem a presença e a influência espiritual. Uma declaração mais completa dessa questão aparece sob o título *Misticismo*.

O misticismo, pois, é a principal fonte da verdade espiritual básica, embora não deva ser usada isoladamente. A própria ciência, com suas investigações empíricas, está pesquisando a verdade de Deus, tendo produzido verdades, em muitos campos, importantes para os homens, embora não entre em contato com o Ser divino em qualquer sentido imediato. O intelecto é um dos melhores dons de Deus ao homem. Desprezá-lo é desprezar aquilo que Deus nos deu.

4. Antiintelectualismo. Um dos vícios da maioria dos movimentos religiosos de cunho místico e emocional é a degradação da porção desempenhada pelo intelecto na fé religiosa. Sempre haverá a tendência de dividir o homem, dizendo que ele se presta para isto ou para aquilo, mas não para alguma outra coisa. É absurda a declaração de que a experiência mística é inútil ou impossível com base no fato de que a fé religiosa deveria ser essencialmente racional. É igualmente absurdo dizer que o intelecto não tem serventia à fé, porque o contato místico com Deus é possível e desejável. De fato, Deus fez o homem total, com suas várias capacidades, desde a racional, à intuitiva e à mística. Deus também criou o homem com certa variedade de meios mediante os quais ele pode aproximar-se da divindade, sendo degradante para a criação de Deus enfatizar-se tanto um aspecto e degradar-se a outros. O homem conhece as coisas (incluindo Deus) através da percepção dos sentidos, da razão, da intuição e da experiência mística. Ver os artigos sobre cada um desses itens. Neste ponto, a fé hindu tem sido mais sábia em seus pronunciamentos do que muitos grupos cristãos. Há vários modos de alguém aproximar-se da espiritualidade: 1. *A vereda do amor*. Em outras palavras, o serviço ativo ao próximo e o amor contemplativo a Deus. 2. *A vereda do trabalho*. Algumas pessoas têm grandes tarefas a realizar, e assim ocupam-se com elas, mais do que com as questões intelectuais e místicas. São pessoas produtoras, e talvez até preferissem fazer a obra de Deus do que encontrar-se e conversar com o próprio Deus. 3. *A vereda do conhecimento e do intelecto*. Algumas pessoas deleitam-se no progresso e na aplicação intelectual. São pesquisadoras. O alvo delas é o conhecimento. Conhecimento acerca de tudo e de todas as espécies, visto que todo conhecimento procede de Deus, e finalmente, o conhecimento do próprio Deus, através de outras coisas e independentemente delas. 4. Finalmente, há a *vereda mística*, o caminho da contemplação, dos dons espirituais, dos milagres e do contato com a divindade por via das experiências místicas. Essa é uma maneira legítima de aproximar-se de Deus; mas a fé religiosa é apenas um dos caminhos. É um erro dizer-se que esse é o único caminho, ou mesmo o caminho preferido. Para *alguns*, esse é o caminho predileto; mas, não fale ao homem dedicado ao trabalho sobre tal caminho, e nem force o homem intelectual a passar todo o seu tempo contemplativamente.

A maturidade espiritual. O homem que realmente é maduro espiritualmente é aquele que já percorreu *todos* esses caminhos, quer na vida (ou vidas) física, quer na vida espiritual, antes ou depois da existência física, ou depois da vida física apenas, dependendo do fato da preexistência da alma ser uma realidade ou não. O homem verdadeiramente espiritual percorre a vereda do amor, a vereda do trabalho, a vereda do intelecto e a vereda do misticismo. E cada uma dessas veredas haverá de contribuir para a maturidade dele. Em qualquer vida, física ou espiritual, ele poderá misturar as diversas veredas, já que é perfeitamente possível alguém trabalhar e estudar ao mesmo tempo, e ocasionalmente ter uma experiência mística. Mas, diferentes pessoas, por causa das limitações naturais das coisas, enfatizarão uma coisa ou outra. Assim sendo, é *absurdo* pensar em qualquer dessas veredas como se fosse a única ou a melhor. O que é melhor é obter experiência em *todas as áreas*, e isso só pode ser feito através de um longo período de existência, enquanto a alma passa de um estágio de glória para outro, no processo da transformação espiritual (ver II Cor. 3:18). (E NTI)

ANTILEGOMENA

Vem do grego **antilegomena,** isto é, «disputado» ou «contradito». A palavra era usada pelos primeiros autores cristãos para denotar livros do Novo Testamento, ou relacionados ao mesmo, que, embora geralmente conhecidos entre os cristãos, algumas vezes usados em leituras nas igrejas, não eram realmente aceitos como dignos de fazer parte do cânon. Esses livros eram chamados *disputados* em contraste com os *homologoumena*, ou livros universalmente homologados ou *aceitos*. Os *antilegomena* são: II Pedro, Tiago, Judas, II e III João, Hebreus e Apocalipse. Livros que finalmente não foram incluídos no cânon do Novo Testamento, embora tivessem larga aceitação por algum tempo, foram Barnabé, o Evangelho aos Hebreus, e a Didache. Aparentemente, Orígenes foi o primeiro a usar o termo «antilegomena», e os títulos dados acima identificam os mesmos. Ele considerava como Escrituras Sagradas um certo número desses livros.

Eusébio (até 340 D.C.), de Cesaréia, proveu uma tripla, ou talvez uma quádrupla relação de livros:

1. Os *homologoumena*, os livros universalmente aceitos em sua época.

2. Os *antilegomena*, aqueles que continuavam sendo disputados, conforme mostramos acima, com diferenças.

3. Os *notha*, ou espúrios. Sob esse último título, ele alistava os Atos de Paulo, o Pastor de Hermas, o Apocalipse de Pedro, o evangelho aos Hebreus, a epístola de Barnabé, e a Didache. Nesse grupo ele também incluía o nosso livro canônico Apocalipse de João, embora comentasse que alguns não concordavam com a sua opinião.

4. Os livros totalmente *espúrios* e *ímpios*, que supostamente eram obras dos apóstolos, mas não o eram, como o evangelho de Pedro, Tomé, Matias, os Atos de André, de João e de outros apóstolos. Esses livros ele considerava criações dos hereges. (Ver Eusébio, Hist. III.25). Ver o artigo sobre o *cânon*. (B E S Z)

ANTILÍBANO

Cadeia montanhosa a leste da cadeia do Líbano, mais ou menos da mesma altura e comprimento. O cume mais ao sul é o monte Hermom, que se eleva a mais de 2.700 m. Nas Escrituras temos os nomes de Siriom (Sal. 29:6), Senir (Deu. 3:9) e «Líbano, para o nascente do sol» (Jos. 13:5), para indicar seus picos. O termo Líbano talvez designe ambas as cadeias, embora, algumas vezes, o Senir não inclua o monte Hermom (ver I Crô. 5:23 e Can. 4:8). As duas cadeias montanhosas provêm os mananciais principais do Jordão e de outros rios da região. A forma latina é *Antilibanus*, conforme se vê na Vulgata Latina, para indicar a mesma cadeia. No latim, *lebanus* significa *branco*. (Z)

ANTÍLOPE

Essa palavra aparece, em algumas traduções, em Deu. 14:5 e Isa. 51:20, ao passo que outras traduções falam no boi selvagem. Na nomenclatura científica, o termo *antílope* a princípio era usado como designação de uma única espécie. Gradualmente, porém, veio a indicar uma família mais genérica, envolvendo muitas espécies. O único antílope — distinguido das gazelas que parece ter sido nativo da Palestina, é o *órix* (ver o artigo a respeito). Esse animal caracteriza-se por ter chifres longos, finos e em forma de cone. Ele é branco, com um conspícuo tufo de pelos sob a garganta. Seu habitat é o Alto Egito, a Arábia e a Síria. Os Targuns traduzem a palavra hebraica como *boi selvagem*. Mas o órix ou bubale, o *antílope bubalis*, provavelmente está em foco.|(ID S)

ANTINOMIA

No grego, **anti**, «contra», e **nomos**, «lei», termo usado para aludir a um par de proposições contraditórias, cada uma das quais pode-se demonstrar, derivar-se necessariamente de uma idéia ou premissa comum. Uma antinomia prova ou que a premissa comum é falsa, ou que o raciocínio é inerentemente autocontraditório. Outrossim, é possível que uma certa verdade simplesmente não seja entendida como deve, pelo que proposições contraditórias podem ser extraídas dela.

Na filosofia, temos uma discussão sobre a questão na *Crítica da Razão Pura*, de Kant, na seção sobre as «Aninomias da Razão Pura». Kant alista quatro antinomias. O filósofo budista, Nagarjuna, alista catorze. *Em Kant*, com igual coerência, podemos argumentar em favor do começo do mundo no tempo, ou sua eternidade. Não podemos saber qual a resposta, pois temos apenas fracos sentidos de percepção do mundo; e o próprio mundo é apenas um mundo de aparências, pelo que nada de absoluto pode ser dito quanto à sua natureza. No tocante a Deus, temos os argumentos tradicionais em prol de Sua existência, como os argumentos *ontológico*, *cosmológico* e *teleológico*. (Ver o artigo sobre *Deus, Provas de Sua Existência*). Para Kant, esses argumentos são falazes, pois dependem da transferência de inferências da percepção dos sentidos dentro do contexto do mundo para a área do contexto metafísico, acerca da qual não temos qualquer percepção. Os sentidos que nos falam acerca deste mundo não podem descrever para nós o outro mundo do Espírito. Kant encontrava apoio para a idéia da existência de Deus em bases morais. Ver o *Argumento moral em prol da existência de Deus.*

Considerações teológicas. A palavra **antimonia** usualmente é substituída por *paradoxo* ou *contradição*, sendo largamente aplicada à teologia, indicando vários aspectos inexplicáveis da teologia, como os problemas que envolvem a liberdade e o determinismo, a transcendência e a imanência de Deus, as naturezas divina e humana de Cristo, o julgamento como finito ou infinito, e a aparente contradição entre a lei e a graça. Em nenhum desses casos, porém, há qualquer contradição real. O Logos combina o divino e o humano em Jesus Cristo. O determinismo e o livre-arbítrio são ambos verdades, relacionados a alguma verdade maior que os combinam. Deus é ao mesmo tempo transcendental e imanente. O juízo envolve tanto o que é finito como o que é infinito, porquanto produz modificações e opera o bem, jamais mostrando-se estagnado, e também estabelece eternas distinções quanto à posição na glória e na recompensa, além de níveis variados de seres espirituais — os quais chegarão ali por meio da evolução espiritual. Mas, nossa compreensão sobre esses grandes temas é por demais limitada, pelo que a nossa teologia parece cair em contradições. Assim, uma denominação evangélica nega o livre-arbítrio humano, enquanto outra nega o determinismo divino; uma denominação nega a divindade de Cristo, e outra nega a Sua humanidade, etc. A eliminação dos paradoxos, na teologia, requer que o intérprete reduza seus conceitos a categorias que possa compreender de fato. O resultado, porém, é uma teologia infantil. (E EP P)

ANTINOMIANISMO

Vem do grego, **anti**, «contra», e **nomos**, «lei», ou seja, aquilo que é contrário à lei. O termo é usado para indicar a doutrina e a atitude que promove a idéia de que a lei moral não é obrigatória aos cristãos, como regra de vida. De modo mais geral, é aplicado aos fanáticos que se recusam a reconhecer qualquer tipo de lei, exceto suas próprias noções subjetivas sobre o que é certo. Supõem tolamente que essas noções subjetivas suplantam toda e qualquer lei, como se fossem inspiradas pelo Espírito Santo. Além disso, o termo pode ser usado em sentido bem geral para aludir à idéia que não há leis obrigatórias, e que os princípios da ética dependem do auto-interesse subjetivo.

A base teológica do antinomianismo é a noção de que o evangelho e a *lei da graça* prestam uma obediência desnecessária e mesmo indesejável à lei mosaica (isto é, como um código a ser obedecido), visto termos sido justificados por Cristo e estarmos agora sob a lei do Espírito (Rom. 6:14). Muitas declarações paulinas nas epístolas aos Romanos e aos Gálatas podem ser usadas em apoio a essa crença. Em contrário a essa crença, devemos salientar que a lei moral mosaica foi incorporada na lei do Espírito, de vários modos: 1. Na lei do amor, que requer inerentemente a obediência aos conceitos morais da lei mosaica. Rom. 13:9 ss. 2. No Novo Testamento, inclusive nos escritos de Paulo, há muitos mandamentos morais paralelos à lei moral mosaica; e daí se conclui não haver contração, mas antes, reafirmação da correção desses preceitos. Isso atua negativa e positivamente, isto é, em mandamentos *contra* pecados e em mandamentos *em favor* de virtudes. Todas as listas de vícios e virtudes do Novo Testamento mostram isso. Ver, por exemplo, Gál. 5:19-23.

Que queria dizer Paulo, portanto? Ele falava sobre a *motivação* e a *capacidade* de fazer o bem e de evitar o mal. Não estamos sob o código mosaico no sentido que nossa motivação e nossos princípios de ação (ou a capacidade inerente) sejam inspirados ou estejam contidos naquele código. Nossa motivação e nossa capacidade vêm do Espírito, e, conseqüentemente, estamos debaixo de Sua lei, conforme indica Rom. 8:2. Mas o Espírito nos capacita a fazer precisamente aquilo que Moisés incluiu em seu código. Portanto, não há qualquer contradição quanto à *essência*, mas somente sobre *como* devemos cumprir essas coisas. Paulo nos convida a entrar em comunhão com o Espírito, através da associação mística, ali encontrando nossa capacidade para praticarmos o bem. Destarte, ele nos afasta do legalismo, segundo o qual só fazemos algo em resposta a algum código que nos apresente suas demandas. O termo *legalismo*, na teologia, indica a obediência egoísta à lei, como motivo de redenção e como princípio de conduta

ética. Nosso princípio, em Cristo, é a comunhão com o Espírito Santo. Alimentados por Seu poder, agimos e vencemos. Essa é a lei da graça.

Considerações históricas. A luta começou na mesma época do Novo Testamento. Extremistas, usando o nome de Paulo, repeliram a obediência à lei, a fim de satisfazer a si mesmos e suas paixões. A igreja em Corinto serve de exemplo. As reprimendas de Paulo aos ex-pagãos de Tessalônica, servem de um outro exemplo. Ver I Tess. 4:1-9; 5:4 ss. Algumas seitas gnósticas, os marcionitas, os maniqueus, os familistas, os adamistas e os davidistas são exemplos históricos. Wesley fez a absurda observação de que o próprio evangelho está «a um milímetro» do antinomianismo. Bem ao contrário, o evangelho nos liberta do pecado, mediante a operação do Espírito, embora suplantando o código legal como motivo das nossas ações. O evangelho não reduz ou anula nossa obrigação diante da lei moral. Muito pelo contrário, mostra-nos que até nossos pensamentos e motivos são agora incluídos na retidão moral, não estando envolvidos apenas os nossos feitos. (Ver Mat. 5:20 ss).

Falsidades do antinomianismo:

1. O Deus do Antigo Testamento não é o mesmo Deus do Novo Testamento. A lei mosaica foi dada por aquele, e o evangelho por este. Esse é um dos erros do gnosticismo.

2. A moralidade do Antigo Testamento é contradita pela moralidade do Novo Testamento. Apesar do Novo Testamento constituir um avanço, a moralidade básica é a mesma; pois o Novo Testamento leva em conta até os pensamentos e os motivos.

3. O que sucede ao corpo não é importante. O corpo físico pode ser corrompido, sendo até desejável que isso suceda, para que seja enfraquecido e finalmente pereça. A alma seria inteiramente separada do corpo, não sendo corrompida por ele, tal como um objeto de ouro mergulhado na lama não vira lama. Mas a Bíblia ensina que não só o corpo, mas também a alma se corrompe. O pecado começa no espírito, e não no corpo. Há espíritos caídos, e não corpos. Os espíritos é que serão julgados e não os corpos (Apo. 20:12 *ss*).

4. O antinomianismo prejudica a unidade das Escrituras, lançando o Novo Testamento contra o Antigo. A maioria ou mesmo todos os preceitos morais do Antigo Testamento são reiterados no Novo.

5. O antinomianismo não entende a demanda moral do evangelho, distorcendo o intuito da *justificação* (ver o artigo) e ignorando a *santificação* (ver o artigo). Sem santificação, não pode haver salvação (Heb. 12:14). (B C E H NTI)

ANTÍOCO

No grego, **opositor**. Foi nome de treze reis da dinastia selêucida, de 280 D.C. em diante. Após a morte de Alexandre o Grande, em 323 A.C., seu vasto império desmembrou-se. Seleuco, um dos menos importantes generais de Alexandre, assumiu o controle das satrapias do Oriente. Após a batalha de Ipsus, em 301 A.C., ele fundou o porto de Selêucia, na Piéria (ver Atos 13:4), para servir sua própria capital ocidental, Antioquia. E o domínio dos selêucidas mais tarde ampliou-se por quase toda a Ásia Menor. Na dinastia, muitos dos monarcas tiveram o nome de Seleuco ou Antíoco; governaram seu império sediado na Síria durante dois séculos e meio, até serem destronados pelos romanos.

A região. Ásia Menor e Síria, o mais ocidental dos domínios orientais de Alexandre, uma dinastia helenista, tendo como capital Antioquia sobre o Orontes (ver o artigo a respeito). Selêucia (ver o artigo), à margem do Tigre, era uma segunda capital, que administrava as províncias orientais.

Os reis:

1. Antíoco I (Soter), 324-261 A.C. Era filho de Seleuco I (ver sobre Seleuco). Foi co-governante com seu pai de 293 a 292 A.C., mas tornou-se rei único em 281 A.C. Defendeu o império da invasão dos gauleses, de onde adquiriu o seu título de Soter (Salvador). Construiu uma grande quantidade de cidades, helenizando-as e fazendo Antioquia ser a sua capital. Perdeu, porém, os importantes distritos da Ásia Menor e da Síria a Ptolomeu II Filadelfo (ver sobre Ptolomeu). Mal começara a reinar quando quatro reis da Ásia Menor recuperaram sua independência, a saber, os reis do Ponto, da Bitínia, da Capadócia e de Pérgamo. Então os gauleses que devastavam a Grécia, a Macedônia e a Trácia também invadiram a Ásia Menor. Mataram Antíoco I. (216 A.C.) e se estabeleceram na região que veio a chamar-se Galácia.

2. Antíoco II (Theos), 286-246 A.C. Segundo filho de Antíoco I. Durante seu reinado, os partas, sob Arsaces (250 A.C.) revoltaram-se. Imediatamente após isso houve uma revolta em Báctria. Durante trinta anos, os partas continuaram a expandir-se às expensas da monarquia síria. Por outro lado, ele atacou Ptolomeu II Filadelfo, recuperando grande parte do que Antíoco I havia perdido. Essa batalha é chamada de Segunda Guerra Síria. Um brilhante golpe político ocorreu quando Ptolomeu convenceu Antíoco a casar-se com sua filha, Berenice (o que para tal divorciou-se de sua esposa Laodice), ficando entendido que o reino eventualmente ficaria na posse do filho de Berenice. Esse casamento resultou em paz. Antíoco e Ptolomeu faleceram ambos em 246 A.C., e os seus respectivos filhos não levaram avante a amizade que seus pais haviam mantido.

3. Antíoco III (o Grande), 242-187 A.C., segundo filho de Seleuco II e neto de Antíoco II e Laodice. Sucedeu a seu irmão mais velho, Seleuco III Soter, que foi assassinado em 223 A.C. O reino que ele recebeu estava fragmentado (a Báctria e a Pártia se separaram). Outras ameaças surgiram na Média-Pérsia e na Ásia Menor. Portanto, seu trabalho consistiu em consolidar-se e em expandir-se novamente. O rei atacou Ptolomeu IV, em 221 A.C., teve de retirar-se, mas fê-lo novamente, dessa vez com maior sucesso, empurrando os egípcios para o sul e capturando Selêucia (perto de Antioquia). Em 218 A.C., ele capturou Tiro e Ptolemaida, além de várias cidades no interior do continente. Porém, na Cele-Síria e na Fenícia, foi totalmente derrotado por Ptolomeu IV. Então dirigiu suas forças contra o Oriente (212-206 A.C.), adquirindo a Armênia e recuperando a Pártia e a Báctria. Foi por causa dessas muitas vitórias militares e aquisições de território que ele foi chamado de «o Grande». O império sírio ficou ao encargo de seu filho, Seleuco IV (Filopator), 187-176 A.C., acerca de quem sabe-se bem pouca coisa. Esse homem aparece no trecho de Dan. 11:20 como um «exator», isto é, cobrador de impostos.

4. Antíoco IV (Epifânio). Seleuco IV foi assassinado por um de seus cortesãos e, assim, seu irmão, Antíoco Epifânio apressou-se a ocupar o trono vago, embora o herdeiro natural, Demétrio, filho de Seleuco, estivesse vivo e estivesse hospedado em Roma. O trecho de Daniel 11:21 indica que ele obteve o reino com lisonjas e intrigas. Foi um bom político. Esse foi o rei selêucida que obteve tão má reputação por causa de sua interferência no estado e na

adoração dos judeus, ao ponto de tornar-se um antigo tipo do futuro *anticristo*. Era o filho menor de Antíoco III e Laodice. Subiu ao trono em 175 A.C. Até 170 ou 169 A.C., reinou juntamente com seu sobrinho, Antíoco, o filho infante de Seleuco, que na ausência de Antíoco Epifânio foi assassinado por Andronico. Este, por sua vez também tirou a vida de Onias III, o sumo sacerdote judeu ilegalmente deposto (ver II Macabeus 4:32-38). Antíoco Epifânio tentou incorporar os judeus em seu programa de helenização, proibindo a adoração e os costumes religiosos deles, sob pena de morte. Contaminou o templo de Jerusalém com um holocausto idólatra, chegando ao extremo de oferecer uma porca como oferta sobre o altar, o insulto final aos judeus. Sua opressão contra o judaísmo reflete-se em Dan. 7:8,25; 8:11-14,24-26; 9:27; 11:31-36. Seguiu-se a isso a revolta dos judeus, e Antíoco foi militarmente derrotado pelos Macabeus. Antíoco Epifânio foi morto em uma campanha militar na Média, em 164 A.C.

O templo de Jerusalém foi purificado e redecorado, em dezembro de 165 A.C., um evento comemorado pelos judeus na festa de *Hanukkah* (ver o artigo a respeito). Ver também sobre Judas Macabeu e sobre Macabeus, Livros dos.

5. Antíoco V (Eupator), 173-162 A.C. Substituiu seu pai, Antíoco Epifânio, com nove anos de idade (Apiano, *As Guerras Sírias* 66). Em seu leito de morte, Antíoco nomeou Filipe como guardião de seu filho, bem como regente até que o menino pudesse reinar. O título dado ao menino, *Eupator*, e que significa nascido de pai nobre, não é algo com o que os judeus pudessem concordar facilmente. Judas Macabeu atacou Acra; e Lísias, com o rei menino, retirou-se para o sul, e finalmente derrotou Judas em Bete-Zacarias, a sudoeste de Jerusalém. Então Lísias cercou Jerusalém. Mas, ouvindo que Filipe marchava da Pérsia para Síria, a fim de reivindicar o trono para si mesmo, Lísias procurou entrar em uma aliança com Judas. Garantia a liberdade religiosa dos judeus e não derrubava as muralhas de Jerusalém (ver I Macabeus 6:55-63). Lísias partiu para Antioquia e derrotou Filipe. Porém, em 162 A.C., Demétrio I Soter, filho de Seleuco IV e sobrinho de Antíoco IV, primo de Antíoco V, escapou de Roma, onde era conservado como hóspede, e matou tanto Lísias quanto o rei menino (ver I Macabeus 7:1-4; II Macabeus 14:1; Josefo, *Anti.* xii. 10:1; Políbio xxxi.11; Apiano, *As Guerras Sírias* 46,47,67 e Lívio, *Epítome* 46).

6. Antíoco VI (Epifânio Dionísio), 148-142 A.C. Era filho de Alexandre Balas e Cleópatra Téia, filha de Ptolomeu VI. Ver sobre Cleópatra. Demétrio II Nicator assassinou Alexandre Balas em 145 A.C. e tomou a Síria. Era jovem e inexperiente e fez muitas concessões a Jônatas, o sumo sacerdote dos judeus. Suas muitas falhas fizeram um general de seu exército, Diódoto Trifo, apossar-se do trono, que então foi dado por esse general a Antíoco VI, em 145 A.C. Jônatas pôs-se ao lado de Trifo. Por causa disso, obteve muitos favores. No entanto, tinha ciúmes dos sucessos militares de Jônatas e, mediante ludíbrio, fê-lo prisioneiro e, finalmente, executou-o (ver I Macabeus 11:1-13:31; Josefo, *Anti.* xiii. 4.4-7.1, partes 109-219).

7. Antíoco VII (chamado Sidetes). Filho de Demétrio I Soter. Depôs Trifo em 138 A.C. e governou até 129 A.C. Por decreto, permitiu que os judeus cunhassem suas próprias moedas, para que assim evitassem a idolatria que as mesmas fomentavam (ver I Macabeus 15:1-9); mas invadiu e subjugou a Judéia, em 134 A.C., embora concedendo liberdade religiosa aos judeus.

8. Antíoco VIII (Gripo, *nariz de gancho*). Era sobrinho de Sidetes, tendo governado de 123 a 113 A.C. Foi derrubado por Antíoco IX Filopater, filho da mãe de Gripo, Cleópatra Téia e de Sidetes. Mas Gripo retornou em 111 A.C. e recuperou tudo quanto havia perdido, excetuando a Cele-Síria. Morreu em 96 A.C., assassinado por Haráclio, um ministro do rei (ver Josefo, *Anti.* xiii.13,4, par. 365). Sucedeu-o seu irmão mais velho, Seleuco VI Epifânio Nicator.

9. Antíoco IX (Ciziceno), embora recebesse o título de Filopater nas moedas. Reinou de 113 a 95 A.C. Era o segundo filho de Antíoco VII e Cleópatra, filha de Ptolomeu Filemetor. Foi criado em Cizico, na Ásia Menor, o que explica seu sobrenome. Em 116 A.C. derrotou seu meio-irmão e primo, Antíoco VIII, e tornou-se o único monarca (113-111 A.C.). Mas Antíoco VIII posteriormente obteve uma vitória, pelo que Antíoco IX reteve consigo apenas a Cele-Síria. Antíoco VIII foi capturado e morto, sendo substituído no trono por seu sobrinho, Seleuco VI Epifantes Nicator (ver Josefo, *Anti.* xiii. 13:4, par. 366).

10. Antíoco X (Eusebes = piedoso). Reinou entre 94 e 83 A.C. Os quatro filhos de Antíoco VIII (Gripo) tentaram derrubá-lo do trono, mas sem sucesso. Após conquistar a Mesopotâmia, Tigranes, rei da Armênia, obteve o controle sobre a Síria, em 83 A.C., e governou mediante um vice-rei até que foi derrotado pelos romanos, em 69 A.C. (ver Josefo, *Anti.* xiii.13.4 partes 366-371; Apiano, *As Guerras Sírias* 48). Conflitos internos debilitaram a dinastia selêucida, beneficiando os romanos. Isso também tornou possível a Alexandre Janeu (ver os Hasmoneanos) a conquistar quase toda a terra de Israel. Antíoco X morreu em 83 A.C., embora os relatos a esse respeito em muito variem. (Ver Apiano, *As Guerras Sírias* 49 e 69; Josefo, *Anti.* xiii. 13:4, parte 371).

11. Antíoco XIII (Asiático). Reinou de 69 a 65 A.C. Era filho de Antíoco X e Selene, filha de Ptolomeu Fiscom. Quando Lúculo, de Roma, derrotou Tigranes, da Armênia, em 69 A.C., entregou a Síria a Antíoco XIII. Em 65 A.C., Filipe, neto de Antíoco VIII tentou derrubá-lo, mas sem êxito. Antíoco XIII apelou para os romanos. — Em vez de ajudá-lo, Pompeu fez da Síria uma província romana, o que assinalou o fim da dinastia selêucida. (Ver Apiano, *As Guerras Sírias* 49, 70; Plutarco, *Pompeu*, 39; Estrabão xl. 1a).

12. Outro Antíoco, pai de Numênio (ver o artigo a seu respeito), mencionado em I Macabeus 12:16; 14:22; Josefo, *Anti.* xiii.5,8, parte 169; xiv. 8,5, parte 146).

13. Outro Antíoco, também chamado Epifânio, filho de Antíoco IV de Comagena. Estava noivo de Drusila, filha mais jovem de Agripa I (ver o artigo a seu respeito), mas o casamento nunca foi realizado, embora tivesse prometido a Agripa que abraçaria o judaísmo, que era uma das condições estipuladas. Entretanto, mais tarde mudou de plano, o que deu fim à possibilidade de tal casamento. (Ver Josefo. *Anti.* xix.9.1, parte 355; xx.7.1 parte 139). (BEV DAN RU Z)

ANTÍOCO DE ASCALÃO

Filósofo grego do século I A.C., discípulo de Filo de Larissa, e ao qual sucedeu como cabeça da Quarta Academia (ver o artigo sobre a *Academia de Platão*). Manteve o cargo de 88 a 68 A.C., ano de seu falecimento. O ceticismo da segunda e da terceira academias se abrandara, e Antíoco argumentou contra o *ceticismo* (ver o artigo). Ele afirmava que o próprio intelecto é teste suficiente da verdade. Isso

equivale à posição do *racionalismo* (ver o artigo). Antíoco combinava as filosofias de Platão e Aristóteles à maneira dos estóicos (ver o artigo sobre o *estoicismo*). Portanto, seu sistema era a síntese de três sistemas. Ele ensinava que a felicidade completa se alcança através do bem-estar material, físico e mental. Seus escritos se perderam, mas, visto que Cícero muito se utilizou dos mesmos, citando-os com freqüência, possuímos o cerne de sua filosofia. (F P)

ANTÍOCO EPIFÂNIO

Um rei selêucida (175-163 A.C.). Os selêucidas eram membros da dinastia que governou a Síria desde 312 A.C., até à conquista romana, em 64 A.C., derivando seu nome de Seleuco Nicator, general macedônio de Alexandre o Grande, fundador da dinastia. *Antíoco* tentou incorporar os judeus em seu programa de helenização, proibindo o culto e os costumes religiosos deles, sob pena de morte. Conspurcou o templo com a idolatria, em 167 A.C., e ofereceu uma porca sobre o altar. Sua opressão contra o judaísmo se reflete em Dan. 7:8,25; 8:11-14,24-26; 9:27; 11:31-36. Foi militarmente derrotado pelos Macabeus. O templo foi purificado e redecorado, em dezembro de 165 A.C., um evento comemorado na festa do *Hanukkah* (ver o artigo). Ver também *Judas Macabeu* e *Macabeus, Livros dos*. (E WA Z)

ANTIOQUIA, CÁLICE DE

Trata-se de um grande cálice de prata, com 19 cm de altura, com doze retratos humanos em relevo. Foi dado a conhecer ao mundo em 1916, por G.A. Eisen. Pertence ao século I D.C., representando Cristo, oito apóstolos e dois evangelistas. A identificação foi apoiada por pessoas famosas, e o cálice popularmente veio a ser considerado o cálice usado realmente na última Ceia. Foi exibido na Feira Mundial de Chicago, em 1933. Testes químicos demonstram a sua antiguidade. O estilo das figuras sugere uma data como o fim do século IV ou o começo do século V D.C., pelo que a conexão com o primeiro século e com Cristo não passa de um mito. O cálice atualmente acha-se na Coleção Cloister do Museu Metropolitano de Artes, na cidade de Nova Iorque. Muita literatura tem sido produzida em torno desse cálice, pró e contra a sua identificação, envolvendo as diversas investigações feitas a respeito. (ARN EI)

ANTIOQUIA, DA PISÍDIA

Como cidade grega, Antioquia provavelmente foi fundada no local de uma aldeia-templo Frígia do deus Mem, cerca de vinte anos depois que os selêucidas tornaram-se os governantes da região, em 281 A.C.

Foi ali a primeira ocasião em que Paulo pregou a um grande número de gentios reunidos (ver Atos 13:44). O poder da comunidade judaica do lugar fica provado pelo fato de que puderam fazer um apelo contra Paulo, aos homens principais da cidade, e foram ouvidos. Paulo não invocou ali a sua cidadania romana como proteção, e apesar da amarga oposição, voltou ali por duas vezes, a fim de ajudar a crescente comunidade cristã (ver Atos 14:21 e 16:6).

Uma cidade montanhosa,erguida numa altitude de cerca de mil e duzentos metros (ver a nota expositiva no NTI em Atos 11:19). Essa cidade, realmente, não se encontrava na Pisídia, e, sim, na Frígia, mas ficava próxima da fronteira com a Pisídia. Assim sendo, veio a ser chamada Antioquia *da Pisídia* a fim de distingui-la da outra Antioquia, existente na Cária. Era uma colônia e um posto militar avançado dos romanos, sendo a cidade mais importante da Galácia do Sul. Foi uma das diversas cidades que receberam o nome de «Antioquia», fundadas por Seleuco I Nicator (312-280 A.C.), em honra a seu pai. Ficava situada em uma importante rota comercial entre Éfeso e a Cilícia, e era importante centro do helenismo. O imperador romano, Augusto, concedeu-lhe privilégios de colônia romana. As antigas ruínas dessa cidade ficam perto de Ialovaque, na Turquia moderna.

Embora romanizada e falando o latim, nos dias de Paulo, uma inscrição descoberta em Apolônia, uma cidade vizinha, datada dos séculos I ou II D.C., mostra que Antioquia da Pisídia continha algum elemento judaico em sua população. O santuário da principal divindade de Antioquia, Nem, foi escavado entre 1910 e 1913. Vários remanescentes de estruturas romanas também têm sido desenterrados, bem como canos para distribuição de água, transportada pelo aqueduto, um tabuleiro de jogo dos romanos e uma imensa basílica cristã (pertencente ao século IV D.C.), nessas pesquisas. (ND LE S Z)

ANTIOQUIA, ESCOLA TEOLÓGICA DE

Ver **Escola Teológica de Antioquia**.

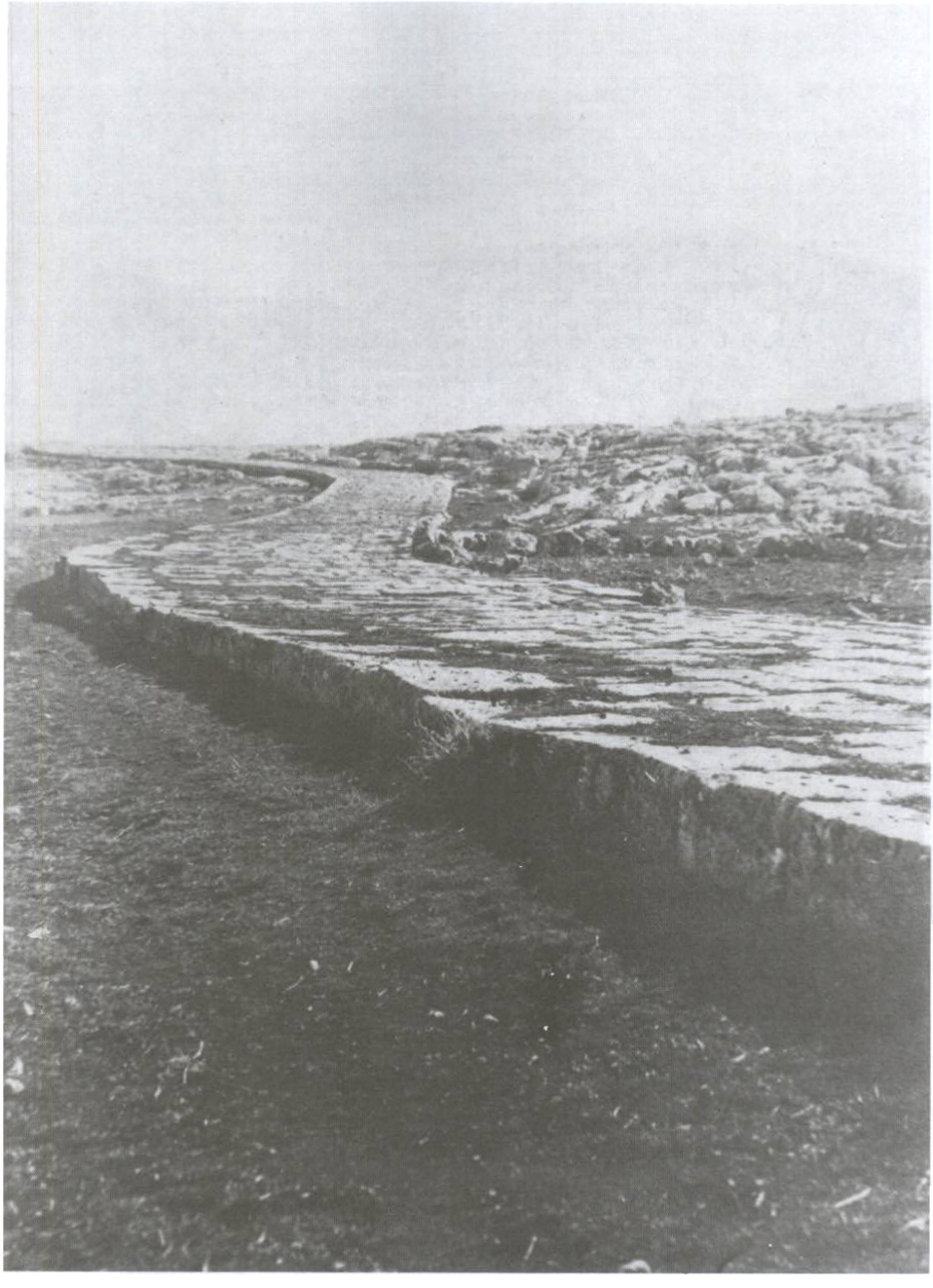
ANTIOQUIA, SÍNODO DE

Houve dois sínodos em Antioquia, no ano de 340 D.C., em conexão com a controvérsia ariana. (Ver *arianismo*). O primeiro foi efetuado pelos semi-arianos ou Eusebianos, no qual Atanásio sofreu uma de suas muitas deposições. O segundo, que procurou conciliar o Ocidente, foi fortemente o niceno. (Ver *Nicéia, Credo de*). Foram redigidos quatro credos tão parecidos quanto possível ao credo niceno, sem que fosse usado o termo *homoousios* (ver o artigo a respeito), que significa «da mesma substância», ao qual os semi-arianos objetaram tanto quanto os arianos. (E)

ANTIOQUIA, sobre o Orontes (Síria)

Essa cidade, localizada às margens do rio Orontes, foi o *berço* das missões cristãs. Era conhecida como Antioquia da Síria, a fim de ser distinguida de Antioquia da Pisídia. Antioquia da Síria foi fundada em cerca de 300 A.C. e cresceu a ponto de contar com numerosa população nos tempos de Paulo, incluindo muitos judeus, os quais, desde tempos remotos haviam obtido o direito de cidadania. Durante o período das guerras dos Macabeus, muitas famílias judaicas se estabeleceram em Antioquia. Na época de Paulo, era a terceira maior cidade do império romano, perdendo em importância numérica apenas para Roma e Alexandria. Os romanos fizeram-na capital da província romana da Síria.

Paulo *começou e terminou* ali a sua segunda viagem missionária. Não sabemos exatamente quão grande era a cidade nos dias de Paulo, mas, à base da informação dada por Crisóstomo, deve ter contado com uma população de cerca de oitocentos mil habitantes, em 300 D.C. A atual Antikiyeh assinala o local da cidade antiga, mas é comparativamente pequena, cobrindo apenas pequena parte da área original. As escavações arqueológicas têm descoberto numerosas ruínas do passado, algumas das quais anteriores à era cristã. O circo, um dos maiores dos tempos romanos, a acrópole, numerosos banhos, vilas e cemitérios romanos, têm sido descobertos. Belos pisos de mosaico, que datam do período apostólico até o século VI D.C., também têm sido descobertos. O Caronion (busto de Caron, deus grego mitológico, que



Estrada romana perto de Antioquia da Pisídia
Cortesia, Matson Photo Service



Antioquia, Síria, ao lado do Rio Orontes
Cortesia, Matson Photo Service

transportava as almas para o outro lado do rio Estige), de cerca de 170 A.C., com cinco metros e pouco de altura, entalhado em uma penedia de pedra calcária, a nordeste da cidade, continua visível, embora bastante estragada pelas intempéries. Nos dias de Paulo certamente ainda era um marco notável. Mais de uma vintena de edifícios cristãos tem sido ali descoberta, embora nenhuma dessas construções date dos dias apostólicos. O famoso *Cálice de Antioquia* foi descoberto ali por alguns trabalhadores que cavavam um poço, em 1910. No início foi declarado pertencente à última parte do século I D.C., e alguns chegaram a imaginar que fosse o cálice original em que Cristo serviu a Ceia. Há nele gravadas efígies que representam Cristo e os apóstolos. A maioria das autoridades concorda que se trata de um produto da primitiva arte cristã, datando entre os séculos II e VI de nossa era.

Antioquia sobre o Orontes era *sede* do legado imperial da província romana da Síria e Cilícia, e aparecia como a capital do Oriente, Josefo, o historiador judeu do tempo dos apóstolos, diz-nos que era a terceira maior cidade do império romano, perdendo em importância somente para Roma e Alexandria. A grande maioria da população era síria, embora houvesse numerosa colônia judaica. Sua cultura era tipicamente greco-helenista. Seu porto era Selêucia (Atos 13:4), a qual era reputada cidade comercial e centro marítimo. Não muito distante dali ficava Dafné, quartel-general do culto de Apolo e Artêmisa, culto esse que se tornou famoso por sua degradação. Isso era tanto verdade que Juvenal, ao queixar-se da degradação moral que invadia Roma, disse que «...o Orontes sírio desaguou no Tibre» (Sátiras III. 62). O centro da igreja cristã passou de Jerusalém, seu berço original, para Antioquia da Síria, seu centro gentílico, pois a igreja cristã, cada vez mais, se foi tornando uma instituição gentílica. A tradição associa o apóstolo Pedro a essa cidade, considerando-o primeiro de seus bispos. Nomes ilustres posteriores, associados a essa cidade, foram *Inácio e João Crisóstomo*, ambos chamados bispos de Antioquia. Crisóstomo foi grande escritor de comentários bíblicos e exerceu notável influência sobre o desenvolvimento doutrinário da igreja cristã.

A cidade de Antioquia foi fundada por *Seleuco Nicator*, um dos generais de Alexandre, em 300 A.C., que lhe deu nome em honra a seu pai, Antíoco. Antíoco havia devastado e poluído a cidade de Jerusalém, mas os seus sucessores, de conformidade com o que diz Josefo (*Guerras dos Judeus*, 1:7, cap. 3 seção 3), foram mais liberais, tendo criado uma boa atmosfera para o desenvolvimento do judaísmo naquele lugar; e isso teria atraído a muitos judeus, até que, finalmente, Antioquia se tornou grande centro de erudição judaica, bem como cidade onde havia numerosa colônia judaica. (Ver Talmude Hieros, Kiddishin, fol. 64:4). Com base nessa circunstância, o caminho ficou preparado para a entrada e o crescimento do cristianismo em Antioquia. (DO LE ND NTI)

ANTIOQUIANOS

No grego, **pertencentes a Antíoco.** Nome usado para indicar uma comunidade judaica formada em Jerusalém, sob os auspícios de Antíoco Epifânio, mencionada apenas em II Macabeus 4:9. Não se sabe qual a natureza exata dessa comunidade. As idéias a respeito são as seguintes: 1. Os judeus compraram o favor de Antíoco (por meio de Jasom, o sumo sacerdote) a fim de contarem com a sua própria comunidade fechada, que seguia os modos de vida helenistas, embora nunca tivessem seguido a idolatria pagã. 2. Mui provavelmente isso incluiu a concessão da cidadania antioquense (do império selêucida) aos habitantes de Jerusalém, ou talvez limitou essa cidadania. 3. Ou simplesmente envolveu a formação de uma nova cidade chamada Antioquia, em Jerusalém, adaptada ao modo internacional de viver. A referência em II Macabeus 4:9 indica que, sem importar a natureza dessa comunidade, seus membros não participaram de sacrifícios pagãos, o que talvez sua nova posição civil implicasse. (TC)

ANTIOQUIS

Concubina de Antíoco Epifânio (ver II Macabeus 4.30). O rei a presenteou com as cidades cilicianas de Tarso e Malo, mas os habitantes das mesmas revoltaram-se em protesto. (Z)

ANTIPAPA

Falso ocupante da Santa Sé (ver sobre **Sé**), em oposição a um papa canonicamente eleito e universalmente reconhecido. Tais reivindicadores têm aparecido periodicamente na história da Igreja, com apoio de várias facções eclesiásticas ou políticas. Começando por *Novaciano* (ver o artigo), em 251 D.C., houve quase trinta desses antipapas, até ao tempo de Félix V (Amadeu de Savóia, 1439-1449). Houve ocasiões em que havia três rivais, como durante o grande cisma ocidental (ver o artigo a respeito), entre 1378 e 1417. Devido à confusão reinante na época, e à incerteza subjetiva até mesmo de cardeais, bispos e ordens religiosas, etc., Alexandre V (1409-1410), eleito por ocasião do concílio de Pisa, e João XXIII (1410-1414), não são considerados antipapas. Mas, devido ao apoio provincial e rebelião franca, Clemente VII (Robert de Gênova, 1373-1394) e Benedito XIII (Pedro de Luna, 1394-1414) são considerados antipapas. (CE E)

ÂNTIPAS

1. Herodes Ântipas, filho de Herodes o Grande e Maltace, uma mulher samaritana. Herdou os domínios de seu pai na Galiléia e Peréia, mas como tetrarca. Foi Herodes quem mandou decapitar João Batista. Quanto a mais detalhes, ver sob *Herodes*, onde são comentados todos os personagens desse nome.

2. Uma testemunha fiel e mártir, mencionada em Apo. 2:3, algum tempo antes de 100 D.C.

Nada se sabe de certo acerca desse personagem. Supomos que ele era líder ou pastor da igreja de Pérgamo, tendo sido escolhido para o martírio, talvez como advertência aos demais membros da «traiçoeira seita cristã». Simeão Metafrastes contava uma história lendária acerca de um certo Ântipas, bispo de Pérgamo, o qual, nos tempos do imperador Domiciano, foi fechado dentro de um boi de bronze, aquecido ao rubro. Seu corpo foi, literalmente, cozido. Diz-se que ele terminou seus últimos momentos em louvor e oração. Talvez essa lenda esteja baseada em fatos autênticos. Tertuliano, em *Adv. Gnost.* scorp. 12, menciona esse Ântipas, mas parece não ter tido conhecimento independente dele, à parte do texto do N.T. Eusébio, em sua História Eclesiástica iv.15:48; menciona a existência de mártires em Pérgamo, mas em uma época posterior, a saber, Carpo, Papilo e Agatônico.

Alguns estudiosos vêem certo significado simbólico, no nome desse homem. É perfeitamente possível

entendê-lo como *contra todos* (no grego «anti pas»). Tratava-se da forma contraída de «antipater», que poderia ser reduzido à forma «antipapa», embora isso seja uma fantasia, como fantasia é a explicação anterior.

O Livro apócrifo, *Atos de Ântipas* (que não mais existe) foi mencionado por Andreas e Aretas. Era comum que qualquer nome neotestamentário fosse usado pelos autores dos séculos II e III D.C., como base de narrativas maravilhosas, embora estas fossem inteiramente inventadas, ainda que aqui ou acolá houvesse pitadas de tradições genuínas. (ND S UN)

ANTÍPATER

Um embaixador enviado a Jônatas para renovar as relações com os romanos, com os espartanos e com outros (I Macabeus 12:16; 14:22). (Z)

ANTÍPATRIS

O antigo local dessa cidade era a cidade filistéia de Afeque (ver I Sam. 4:1 e 29:1). Herodes o Grande, construiu o local em 9 A.C., chamando a cidade por esse nome, em honra a seu pai, Antípater, o qual havia sido procurador da Judéia sob Júlio César. (Ver Josefo, *Anti.* xvi.5.2; *Guerras* i.21.9). O nome moderno corresponde as ruínas de Ras el-'Ain, a 42 km ao sul de Cesaréia, na estrada para Lida. Paulo viajou de Antípatris para Cesaréia depois de deixar Jerusalém (ver Atos 23:31). Josefo (*Guerras* iv.8.1) mostra que Vespasiano ocupou a cidade em 68 D.C., e dali deu início à sua marcha contra Jerusalém. A referência neotestamentária menciona como Paulo foi tomado até aquele lugar em uma marcha secreta, sob grande guarda militar. O lugar era um posto militar no caminho entre Jerusalém e Cesaréia, um lugar próprio para uma parada de descanso. No dia seguinte, a jornada continuou até Cesaréia. (DE ND Z)

ANTI-SEMITISMO

Termo popularmente usado para indicar os preconceitos e as perseguições contra os judeus, coletivamente, ou contra algum judeu em particular. A palavra também tem sido empregada para falar das atividades antijudaicas, em oposição ao estado de Israel. Muitos períodos da história se têm caracterizado por tais atividades, de forma mais intensa.

Três facetas do anti-semitismo:

1. *Faceta histórico-política*. Na colônia grega de Alexandria, em 220 A.C., um movimento contra a fé judaica foi um antigo incidente. Antíoco Epifânio, em sua tentativa de esmagar o judaísmo (175-163 A.C.), torna real outro desses incidentes. Mui naturalmente, Roma entrou em choque com o judaísmo, apesar de forçada a permitir-lhe a existência como religião legal, por ser impossível desarraigá-la. Assim, Roma periodicamente perseguia os judeus. Em cerca de 75 A.C., o anti-semitismo havia sido refinado por Cícero e outros líderes romanos como um princípio filosófico. O anti-semitismo histórico-político teve suas mais horrendas manifestações na era de Hitler, durante a. II Guerra Mundial, quando foram mortos seis milhões de judeus. Vários grupos árabes radicais dão prosseguimento a essa triste tradição.

2. *Faceta pseudocientífica*. Cerca de cem anos atrás, círculos acadêmicos alemães tentaram demonstrar a inferioridade dos judeus. Tal fato culminou na absurda afirmação da superioridade natural dos povos arianos, mormente dos gentios caucasianos. Nesses mesmos círculos acadêmicos surgiram amargos ataques críticos contra a integridade das Escrituras. Os ataques de Hitler contra os judeus basearam-se, pelo menos parcialmente, na filosofia dessas academias.

3. *Faceta religiosa*. A perseguição romana contra Israel tinha fundo religioso, e não apenas político, visto que os deuses oficiais, considerados protetores do império, não toleravam competição. A adoração a divindades não-oficializadas era considerada traição ao estado. Enquanto o judaísmo foi tido como religião legal tal aceitação sempre foi qualificada, originada na necessidade, e não no verdadeiro espírito de tolerância.

Visto que Jesus foi crucificado devido à influência de certos líderes judeus, e visto que a emergente Igreja cristã competia com a comunidade judaica e posto que o cristianismo era freqüentemente perseguido pelas diversas facções ou por indivíduos proeminentes do judaísmo (o livro de Atos relata alguns desses incidentes), surgiu dentro da Igreja cristã o ódio ao judaísmo. Era fácil os cristãos racionalizarem a perseguição contra os judeus como uma expressão de ódio aos ímpios (ver Sal. 45:7; Heb. 1:9), e, do ponto de vista cristão, como «uma defesa da fé». Portanto, nos próprios evangelhos aparecem alusões desprezíveis aos «judeus», sem qualquer qualificação, como «líderes dos judeus», «certos judeus», etc. Ver João 5:16-18; 6:41; 7:1, 10:31; 19:12.

O anti-semitismo penetrou na igreja no tempo do edito de Constantino (323 D.C.). Isso foi tanto uma reação contra os rabinos, cujo intuito era fazer oposição à Igreja cristã, como tentativa de proteger a Igreja em sua ascendência política e social. À medida que a Igreja foi obtendo maior poder político, o anti-semitismo foi-se entrincheirando cada vez mais.

Apesar de que os cristãos da atualidade dificilmente se considerariam anti-semitas, o exclusivismo faz muitos deles assumirem atitudes que dificilmente podem ter outra classificação. Por exemplo, dizer que «Deus não ouve as orações dos judeus», conforme fez um bem conhecido líder evangélico, certamente é uma atitude extremista que atiça os sentimentos antijudaicos.

Oficialmente, representantes tanto do catolicismo quanto do protestantismo têm condenado essa atitude e as suas manifestações. Isso é sumariado, pelo lado católico, no livro de Jacques Maritain: «A Christian Looks at the Jewish Question» (1939), e pelo lado protestante, pelo livro *Protestants Answer Anti-Semitism*», editado por Beatrice Jenney (1941).

Fanáticos religiosos, inchados de orgulho e arrogância, que inevitavelmente vêem em seus movimentos locais algo de melhor, se não mesmo de exclusivo, sempre tenderão por perseguir àqueles que não fazem parte de sua denominação. Uma das lições espirituais que precisamos aprender é que todas as denominações na realidade são seitas, com suas misturas particulares de verdade e erro, não havendo tal coisa como «Igreja verdadeira», em contraste com «igrejas falsas». Portanto, não há base moral ou teológica para que um grupo religioso persiga a outro. Nem há lugar para o sectarismo, que é orgulhoso e exclusivista. Pois a prova da espiritualidade não consiste em quão bom contendor alguém é, mas antes, quão bem alguém cumpre a lei do amor (I João 4:7). Essa lei não abre espaço para qualquer forma de anti-semitismo, individual ou coletivamente considerado. (E H HS)

ANTÍSTENES

Filósofo grego (445-360 A.C.), discípulo de Sócrates (ver o artigo a seu respeito). De suas numerosas obras, possuímos meros fragmentos. Ele foi principalmente um filósofo moral, que advogava uma vida frugal e austera. Consideram-no fundador da Escola dos Cínicos (ver o artigo sobre o *cinismo*). Influenciou Diógenes de Sinope (ver o artigo), que alguns reputam como o verdadeiro fundador do cinismo. Talvez seja melhor considerar a escola de Antístenes como socrática, embora, como é óbvio, tivesse sido cínica em seus estágios iniciais.

Escritos. Nas obras de antigos escritores há fragmentos de seus escritos sobre temas como a ética, a lógica, a política e a metafísica.

Idéias:

1. Juntamente com Sócrates. Só há um verdadeiro Deus, que não pode ser conhecido através de qualquer imagem. Um dos mais importantes alvos da filosofia é o da *definição*. O mito é um veículo apropriado da ética e do discurso filosófico geral.

2. Quanto aos *universais* (ver o artigo), ele era um *nominalista* (ver o artigo). Ele negava a validade do princípio de contradição.

3. Apesar de rejeitar o luxo (tal como o fizeram os cínicos posteriores), ele dava valor à educação, crendo no auto-aprimoramento e na ajuda prestada ao próximo (coisas que os cínicos posteriores não valorizavam). Buscava a sabedoria, sem afirmar-se sábio. Aceitava os prazeres como inerentemente bons, sobretudo aqueles que resultassem do trabalho honesto. Os cínicos posteriores repeliam o prazer, como se fosse algo mal, porquanto também desprezavam todos os valores humanos. Buscavam a virtude por amor à virtude. A virtude seria a independência essencial de todos os valores da sociedade, ou seja, uma espécie de independência tranqüila. (BE E P)

ANTÍTESE

Vem do grego, **anti**, «contra», e **tithemai**, «pôr». O vocábulo é usado no sentido de antinomia, no sentido de Kant (ver o artigo a respeito), uma contradição, ou uma proposição ou idéia que se opõe a uma *tese*. Em Fichte e Hegel, a *antítese* é o membro médio de uma tríada, que se opõe à tese. A oposição entre a tese e a antítese resulta na reconciliação, que é a *síntese*.

Hegel. Por exemplo, a religião grega frisava o fator individual (tese); a religião oriental, frisava o fator comunitário; e a unidade de tudo isso é a *antítese*. O cristianismo é a *síntese*, porque reúne o elemento individual e comunitário, atribuindo a ambos a sua devida importância. O materialismo dialético tomou por empréstimo o método hegeliano, imaginando uma longa série de tríadas que operam historicamente na direção do comunismo, o qual é a oposição ao capitalismo e ao socialismo, que fatalmente resultará no comunismo. Porém, ao que parece, a oposição entre comunismo e capitalismo está resultando em alguma outra coisa. Em nossos dias vemos a China pondo em dúvida a validade do marxismo, por razões de saúde econômica (1984). Outros países marxistas só continuam tais devido à opressão militar.

Quanto ao elaborado sistema hegeliano das tríadas, ver o artigo que versa sobre ele.

Soren Kierkegaard reagiu violentamente à aparente onisciência de Hegel, segundo a qual os opostos entram em harmonia em alguma síntese, visto que não haveria como tornar-se em algo. Pontos opostos permanecem em irreconciliável oposição. Ele também repelia a suposição aristoteliana de que duas contradições devem ser falsas. Por meio de um *paradoxo*, ambas podem ser verdadeiras. A fé cristã encerra muitos paradoxos em seu credo, como os trechos que ensinam o livre-arbítrio e os que ensinam o determinismo, os que ensinam o finito e os que ensinam o infinito, os que falam sobre o tempo e os que falam sobre a eternidade, os que vêem as coisas do ângulo da humanidade e os que as vêem do ângulo da divindade (em uma única pessoa, Jesus Cristo).

Apesar dessas objeções, é óbvio que a idéia da tríada (tese, antítese e síntese) é um princípio funcional da natureza, do intelecto e do espírito, embora não tenha aplicação universal ou onipotente. O mistério da vontade de Deus, que finalmente reunirá facções e forças contrárias, criando unidades de tudo em torno do Logos (Efé. 1:10; ver as notas a respeito no NTI), é um exemplo teológico e ontológico desse princípio em operação. (E H NTI)

ANTÍTIPO

Palavra traduzida por «figura», em Heb. 9:24 e I Ped. 3:21. O termo alude a uma correspondência de sentido, em alguma ilustração. No uso comum, afirma-se que o Antigo Testamento contém «tipos» das verdades neotestamentárias. As coisas assim tipificadas são chamadas «antítipos». Assim, o tabernáculo e seus móveis nos oferecem tipos de Cristo, e o próprio Cristo é o antítipo. Israel repousou na terra de Canaã (o tipo), e nós esperamos pelo descanso na esfera celeste (o antítipo). Adão, Abraão, José, etc., de alguma maneira são tipos de Cristo, e Cristo é o antítipo deles. (B)

ANTÔNIA, TORRE DE

Era uma fortaleza ao norte da área do templo de Jerusalém, com freqüência mencionada por Josefo em *Guerras* (ver v.4,2,5,8).

1. Pano de fundo. Originalmente fora construída pelos Macabeus, com o nome de Baris. Mas Herodes o Grande, a reconstruiu, aumentando seu resplendor e poderio. Recebeu então seu novo nome, em honra a Marco Antônio, antigo associado de forças armadas e patrono. Esse nome não aparece no Novo Testamento, aparecendo em Atos 21:34 sob a forma de «fortaleza».

Alguns supõem que Neemias construiu ali uma fortaleza, ao reedificar Jerusalém (ver Nee. 2:8), ou mesmo que Salomão tenha sido seu edificador, em data anterior. A esquina noroeste da área do templo era a única colina mais alta que a área onde estava o templo, tornando-a própria para tal construção.

2. *Descrição da Torre de Antônia*. A fortaleza estava em uma rocha ou colina com cerca de 25 m de altura, na esquina noroeste da área do templo, e as suas paredes ainda se elevavam por mais 20 m de altura. A própria fortaleza era de forma mais ou menos retangular. No sentido leste-oeste tinha cerca de 150 m e no sentido norte-sul tinha cerca de 80 m. Das quatro esquinas projetavam-se elevadas torres, com cerca de 23 m, mas a do suleste tinha 30 m, sendo essa a torre que olhava por cima do templo. A informação que dispomos sobre o interior da fortaleza nos vem de Josefo. Combinava um palácio com instalações militares e um quartel. Tinha apartamentos de vários tipos para os soldados, galerias, banhos, salões amplos, uma espécie de cidadela em si mesma. Havia uma passagem subterrânea que conduzia ao átrio de Israel, mas que era reservada para emergências. Tito

fez o seu assalto contra a área do templo da torre de Antônia. Ao norte, estava separada da colina Bezeta por uma profunda trincheira, a fim de impedir qualquer aproximação vinda daquela área.

3. *Situação no Novo Testamento*. Em Atos 21:34,37 é chamada no grego de *parembola*, «fortaleza». Os romanos conservavam ali uma guarnição, tornando o poder romano conspícuo e ameaçador, como medida preservadora da boa ordem e da paz. Foi dali que o tribuno acorreu com seus soldados para arrebatar Paulo das mãos da turba de judeus, que o agarrara no templo e queria matá-lo. O lugar onde Jesus foi julgado perante Pilatos poderia ter sido ali. Alguns eruditos preferem pensar, porém, no palácio de Herodes, no extremo noroeste da cidade, perto da moderna porta de Jafa. Contudo, a maioria pensa que o local desse julgamento foi mesmo a fortaleza de Antônia. Pilatos e Jesus podem ter estado em uma das sacadas, enquanto a multidão se acotovelava no pátio. É possível que o «pavimento», referido em João 19:13, fizesse parte da fortaleza. Ver as notas no NTI em João 19:13, quanto a uma discussão sobre esse particular.

4. *Situação nos tempos modernos*. Em Jerusalém, na cidade antiga, a rua que começa na porta de Santo Estêvão passa diretamente acima dos remanescentes da torre de Antônia. Essa rua é aproximadamente eqüidistante entre seus muros do norte e do sul. O convento da Flagelação e a igreja das Irmãs de Sião foram construídos em grande parte sobre a metade norte da torre de Antônia. Sob esse último edifício, pode ser vista uma grande área do original pátio central, com cerca de 50 m quadrados. As maciças pedras originais do pavimento, com cerca de 30 centímetros de espessura, continuam no lugar. As valetas cavadas no pavimento de pedra, usadas para transportar a água da chuva para as cisternas, continuam em uso até hoje. Um jogo dos soldados pode ser visto riscado nas pedras do pavimento, mostrando que o quartel dos soldados originalmente ficava perto do local. (DE ND S Z)

ANTÔNIO, Ordem de Santo

Cinco distintas ordens monásticas vieram à existência sob o patrocínio de Santo Antônio (ver o artigo). Essas ordens são: 1. Os Discípulos de Santo Antônio (antonianos), homens que foram atraídos à sua ermida em Tebaida. Foram atraídos pela fama de sua santidade, tendo formado a primeira comunidade religiosa da cristandade. 2. Os Antoninos ou Irmãos Hospitalares de Santo Antônio, uma congregação fundada por um certo Gastão de Dauphne e seu filho, em cerca de 1095. Ocupavam uma casa e serviam em um hospital, próximo da igreja de Santo Antônio, em Saint-Didier de la Matthe. Essa ordem continuou até a Revolução Francesa. 3. Os Antonianos, nome dado a um grupo de armênios ortodoxos. O fundador dessa ordem foi Abram Atar Poresigh. Foi fundada no século XVII, quando armênios católicos sofriam perseguição. 4. Uma congregação de Santo Antônio foi fundada em Flandres, em 1615, sob a regra de Santo Agostinho. 5. Os Antonianos caldeus da congregação de Santo Hormíada, formaram um grupo fundado na Mesopotâmia, por Gabriel Dambo, em 1809. (E)

ANTÔNIO, SANTO

Suas datas: 251-356 D.C. Um abade, fundador do *monasticismo cristão* (ver o artigo a respeito). Nasceu em Como, no Egito, e morreu no monte Colzin, perto do mar Vermelho. Quando tinha vinte anos de idade, distribuiu sua herança entre os pobres e durante vinte anos viveu solitário, nos montes. Então organizou um mosteiro, para as pessoas que a ele acorriam.. Em 311, visitou Alexandria, para dar apoio a cristãos que estavam sendo perseguidos; e fê-lo novamente em 350, para pregar contra os arianos. (Ver sobre o *arianismo*). Ele é o protetor dos *hospitalários* (ver o artigo), dos açougueiros, dos fabricantes de cestas, dos coveiros, dos animais domésticos, etc. A invocação de seu nome, segundo alguns crêem, tem efeitos curativos, especialmente no caso de doenças da pele, epilepsia, e várias pragas. Sua festa é celebrada a 17 de janeiro. A *Vida de Santo Antônio* foi escrita por Atanásio. Esse livro exerceu profundo efeito sobre a hagiografia posterior. Antônio não estabeleceu regras formais para a vida monástica, mas apenas seguiu o exemplo dado por ele mesmo. Ver sobre o *monasticismo*. (AM E)

ANTOTIAS

No hebraico, **pertencente a Anatote** (?). Era filho de Sasaque, na genealogia de Benjamim (ver I Crô. 8:24).

ANTROPOCENTRISMO

Vem dos termos gregos **anthropos**, **homem** e **kentron**, «centro». É o ponto de vista de que o homem é ou deve considerar-se centro de toda a realidade. A famosa afirmativa de Protágoras: «O homem é a medida de todas as coisas», reflete essa idéia. Pode significar: 1. O homem individualmente como centro; ou 2. o homem, coletivamente, como centro. Mais provavelmente a primeira alternativa. Protágoras usou aquela expressão no sentido ético. O homem é o padrão de suas próprias ações. O homem criou uma ética egoísta, relativa e individualista. Os padrões morais do homem servem aos seus interesses próprios. A teoria de Protágoras visava evitar «as regras ditadas pelas autoridades».

Alguns filósofos e teólogos têm pensado que o homem é um microcosmo, reflexo do macrocosmo, (que vide), isto é, ele é reflexo da realidade inteira, ou seja, nele podem ser descobertos os princípios essenciais da natureza, da ética e da espiritualidade.

A maioria das religiões faz do homem o centro das atenções de Deus. E esse, sem dúvida, é o ponto de vista do Novo Testamento, onde os temas dominantes são a redenção do homem e sua glória futura. Tudo mais quanto Deus estiver fazendo, permanece desconhecido para nós, visto que o volume sagrado essencialmente nada nos revela a esse respeito. É lógico supormos que há vastas atividades divinas que nada têm a ver com o homem, as quais envolvem tipos inimagináveis de seres, em inúmeras esferas da existência. Como comparar o homem a esses seres, agora e na vida vindoura, é um mistério que nem podemos começar a investigar no presente. (P)

ANTROPOLOGIA

A palavra significa **estudo do homem**. Tem certa variedade de usos, alguns dos quais importantes para a filosofia e a teologia.

1. Ciência da antropologia. Essa ciência estuda o homem como um organismo biológico e como um ser cultural, pelo que há duas divisões principais na antropologia: (a) Antropologia física, que aborda o

que o homem era e é como um animal; e (b) antropologia cultural, que trata sobre o que o homem tem descoberto e inventado, aprendido e transmitido, como um ser social.

A *antropologia física* é um ramo da ciência natural, que tem várias subdisciplinas:

a. Estudo das origens, ou *antropogenia*, que inclui todas as considerações do processo evolutivo, utilizando-se das ciências geológicas e biológicas.

b. *Somatologia*, o estudo dos caracteres físicos das raças e sub-raças.

c. *Antropogeografia*, que é a distribuição geográfica das raças.

d. *Psicologia racial*, que é o estudo das diferenças entre as raças, no terreno psicológico.

e. *Fisiologia racial* e *bioquímica*.

f. *Anatomia comparada* e *morfologia*.

A maioria das subdisciplinas não interessa à filosofia ou à teologia, embora a questão das origens traga à tona o problema da *evolução* (ver o artigo), bem como o problema das *origens*, em geral. Ademais, temos o problema geral da identidade do homem. Muitos antropólogos vêem-no apenas como um animal, mas a teologia muito tem a dizer sobre isso, não vendo o homem apenas em seu corpo físico. Os pais alexandrinos criam que o homem real, a *alma*, tem uma história anterior ao corpo físico (ver o artigo sobre a *preexistência da alma*). Se isso é verdade, então a antropologia só estuda o veículo físico do homem e sua vida terrena, mas não sua verdadeira origem. Ver o artigo sobre as *origens*.

A *antropologia cultural* tem as seguintes subdivisões:

a. *Lingüística*, estudo comparativo dos idiomas.

b. *Tecnologia*, estudo comparativo das invenções materiais, antigas e modernas.

c. *Arqueologia da pré-história*, o estudo dos remanescentes de artefatos humanos, primeiras indústrias, etc.

d. *Antropologia social*, estudo comparativo dos costumes, tradições, organizações sociais, moral, governo, família, comunidade e economia.

O que interessa à filosofia e à teologia, dentro da antropologia cultural, centraliza-se em torno da ética. A maioria dos antropólogos defende o chamado relativismo cultural, isto é, a idéia que cada cultura desenvolve seus próprios conceitos éticos, dependendo das forças que atuam ali. Em aplicações extremas, qualquer padrão discernível de certo e errado se perde, quando se aceita que uma cultura é tão boa quanto outra, ou que aquilo que é bom para uma cultura, não é necessariamente bom para outra. Assim fazendo, terminamos com muitos padrões de conduta moral, sendo aprovados até mesmo os sacrifícios humanos enquanto que o adultério e a promiscuidade são socialmente sancionados. Ver o artigo sobre assuntos éticos em *Ética Relativa*.

2. Antropologia filosófica. Essa estuda o conhecimento filosófico do homem. A filosofia estuda o homem, procurando perscrutar mais fundo do que aquilo que é dito pela ciência pura. Sistemas filosóficos como a fenomenologia, o existencialismo e o personalismo (ver os artigos a respeito), geralmente são considerados como representantes dessa forma de antropologia. Isso, porém, é muito restritivo, porque qualquer filosofia que tente dizer algo sobre um homem, ou sobre a humanidade, além daquilo que a ciência estipula sobre seu corpo físico, é uma forma dessa antropologia filosófica. Portanto, a metafísica, a epistemologia, a ética, a estética, tudo tem algo a dizer sobre essa área. A própria *antropologia* parece ter sido termo cunhado por Aristóteles, em sua obra *Ética*. Ele o usou para descrever o homem dotado de mente nobre, não dado à maledicência e nem à jactância. Aquele que assim fazia era um *antropólogo*, isto é, «falava sobre o homem», ou seja, sobre si mesmo.

3. Antropologia teológica. A doutrina do homem, mormente no que tange a Deus, à sua origem, à sua natureza presente, atividade, deveres e destino. A teologia ensina-nos que o homem foi criado para relacionar-se com Deus, para participar de Seus propósitos, e finalmente, para compartilhar da natureza divina (II Ped. 1:4), tal como originalmente foi criado à imagem de Deus. O homem desfigurou essa imagem, e a redenção tem por finalidade restaurá-la, mas também maximizá-la, por meio da criação do homem espiritual, uma realização das dimensões espirituais. Na antropologia teológica, o homem é um ser transcendental, ou pelo menos, está destinado a sê-lo. Ver o artigo sobre *Homem, Doutrina do*. (E H NI ROB)

ANTROPOMORFISMO

Vem do grego, **antropomorfos**, «de forma humana». Atribuição de qualidades humanas ao ser divino, ou a idéia de que Deus ou os deuses têm alguma espécie de formato, similar à anatomia humana.

A tendência para expressar idéias acerca de Deus, sob formas humanas, física, mental, moral ou espiritual, é tendência da maioria das religiões, sendo quase impossível de ser evitada, devido às restrições da linguagem humana. Não há entre os homens uma linguagem puramente divina, pelo que não há como falar sobre Deus sem usar termos que o antropomorfizem. Essa circunstância envolve uma severa limitação em nosso entendimento e em nossos discursos sobre Deus, refletindo nossas atuais limitações no campo do conhecimento e do entendimento espiritual.

Antigo Testamento. Ali Deus é apresentado sob forma humana (Êxo. 15:3; Núm. 12:8), com pés (Gên. 3:8; Êxo. 24:10), mãos (Êxo. 24:11; Jos. 4:24), boca (Núm. 12:8; Jer. 7:13), coração (Osé. 11:8). Além dessas formas, atribuímos a Deus qualidades e emoções humanas (Gên. 2:2; 6:6; Êxo. 20:5; Osé. 11:8). O homem foi criado à imagem de Deus (Gên. 1:27), e os teólogos usualmente são cuidadosos ao declarar que se trata de uma imagem «moral e espiritual», e não física. Mas mesmo assim, nossa compreensão de Deus fica severamente limitada, pois, no sentido estrito, quem pode comparar o homem a Deus?

Extremos pagãos. Se o Antigo Testamento sofre com o antropomorfismo, outras culturas são completamente derrotadas pelo mesmo. O politeísmo dos gregos e de outros povos pagãos é prova disso. Xenófanes (cerca de 570-480 A.C.) queixou-se que os homens criaram deuses à imagem deles. Os deuses do Olimpo não eram muito superiores aos heróis da ficção moderna. Paulo sentia-se aflito diante dos excessos da cultura pagã, quanto à idolatria (Atos 17). Xenófanes supunha que se os bois e os leões tivessem conceitos de divindade, certamente a representariam sob a forma de bois e leões. Para nós, é igualmente precário imaginarmos Deus como um grande papa. um bispo supremo, um superpastor, que naturalmente creia e pense como tais indivíduos costumam fazer. Porém, o que é mais comum do que isso nas modernas igrejas cristãs? O livro de J.B. Phillips, «Your God is too Small», é uma queixa

moderna contra tal noção.

Extremos filosóficos. A fim de evitar o antropomorfismo trivial, que, de fato, pode degradar em muito o nosso conceito de Deus, os filósofos têm falado sobre Deus em termos de o infinito, o absoluto, o espírito absoluto, a alma do universo, etc. E assim eles têm criado modos de pensar sobre Deus que servem para obscurecer o quadro mediante termos abstratos. Com freqüência, Deus é personalizado por essas formas de descrição. Deus é transformado em uma mera força cósmica. Corremos o risco de pensar que Deus é totalmente diferente de nós, negando assim o conceito que, *de algum modo*, o homem foi criado à imagem de Deus. Porém, a própria Bíblia declara que nossos pensamentos não são como os pensamentos de Deus, estabelecendo assim uma radical diferença espiritual e intelectual entre o homem e Deus. (Isa. 55:8).

No Novo Testamento. Persistem ali expressões antropomórficas (Rom. 1:18 ss ; 5:12; I Cor. 1:25; Heb. 3:15; 6:17; 10:31). Contudo, as realidades espirituais *não* são vistas *diretamente*, mas imperfeitamente, no reflexo de algum antigo espelho fosco, de metal polido (I Cor. 13:2). Deus não habita em templos materiais (Atos 17:24), uma declaração que procura evitar o conceito antropomórfico.

Deus aproxima-se do homem em Cristo. Cristo é a suprema imagem de Deus (II Cor. 4:4), e tomou forma humana (Fil. 2:7). Seremos transformados à imagem de Cristo (Rom. 8:29). Desse modo, o distante Deus é aproximado de nós (Efé. 2:18), e finalmente, compartilharemos de Sua natureza (II Ped. 1:4). A visão plena de Deus é gradualmente revelada, e vai-se expandindo (I Crô. 13:8; II Tess. 1:7). Mas só completará na eternidade, falando-se em termos relativos, porque Deus, em Sua natureza total, jamais poderá ser absolutamente compreendido por ninguém que seja menor que Ele mesmo. Não obstante, jamais haverá qualquer estagnação em nossa busca pelo conhecimento de Deus. Nossa necessidade de empregar termos antropomórficos demonstra nosso atual baixo estágio no campo do conhecimento e da espiritualidade. (B E R)

ANTROPOPATISMO

Vem do grego **anthropos**, «homem» e **pathein**, «sofrer». Atribuição de sentimentos humanos a qualquer coisa não-humana, como objetos inanimados, animais, poderes da natureza, seres espirituais e Deus. Como é óbvio, algumas criaturas vivas não-humanas têm sentimentos e emoções, embora seja difícil determinar o quanto elas se aproximam dos humanos. Portanto, em alguns casos literalmente e em outros potencialmente, temos uma «falácia patética», isto é, uma errônea atribuição de emoções, sentimentos e sofrimentos humanos a coisas não-humanas. Quando dizemos que Deus se «ira», e portanto, «castiga» e «destrói», estamos praticando a *falácia patética*, a menos que qualifiquemos tal uso com explicações. Parece pelo menos razoável supor-se que Deus não se ira no mesmo sentido em que o fazem os homens.

O termo foi cunhado por João Ruskin (1819-1900), tal como a expressão «falácia patética». Ele objetava a atribuição feita pelos poetas de emoções, simpatias e aversões humanas à natureza, em vista dos acontecimentos. Deu-se ao trabalho de descobrir numerosos exemplos da falácia nos escritos de Shelley e Tennyson, parecendo não poder entender que o espírito poético naturalmente usa esse tipo de metáforas. Naturalmente, há aqueles que defendem a tese de que a natureza é uma presença viva, e não inanimada; e nesse caso, a própria natureza teria alguma forma de sentimento. Nesse caso, estaríamos diante de profundos mistérios.

Emoções humanas são atribuídas a Deus, na Bíblia: Gên. 6:6; 8:21; 11:5-6; Pro. 24:8; Zac. 1:2; Efé. 4:30; Rom. 1:18; Col. 3:6; Heb. 3:11. (E P S WA)

ANTROPOSOFIA

Um sistema de ocultismo que afirma que a chave para a sabedoria e a compreensão do universo é o próprio homem. O termo, que vem do grego, significa *sabedoria sobre o homem*. Atualmente é utilizado para indicar a filosofia de Rodolfo Steiner (1861-1925) que acredita que o cultivo das percepções espirituais do homem, em evolução, é a tarefa mais importante que cabe à humanidade.

ANU

Deus sumério do firmamento, chefe do panteão. Na Babilônia, ele era adorado em Uruque (Ereque), na Assíria, em Assur. Ver o artigo sobre as *Religiões da Mesopotâmia*.

ANUBE

No hebraico, *conferado, ligado a*. Era Filho de Coz, descendente de Judá por meio de Assur, pai de Tecoa (ver I Crô. 4:8), depois de 1618 A.C. (S)

ANUBIS

Ver **Hermes** e **Religiões do Egito.**

ANUNCIAÇÃO

No registro dos evangelhos, três pessoas recebem anunciações especiais: Zacarias (Luc. 1:13), José (Mat. 1:10), e Maria (Luc. 1:26 ss , através do anjo Gabriel). Mas o termo usualmente é empregado em relação a Maria. A Igreja tem uma festa religiosa em comemoração ao evento, celebrada a 25 de março.

Lucas relata a anunciação a Maria, em seu lar, em Nazaré. Mateus narra a anunciação a José, acerca do nascimento de Jesus. Destarte, a Bíblia ensina que o Espírito de Deus pode entrar nas vidas humanas, anunciando e produzindo grandes alterações. Isso reflete o *teísmo*, em contraste com o *deísmo*. O primeiro ensina que Deus pode intervir e intervém na vida humana, recompensando, punindo e produzindo modificações. Em contraste, o deísmo retrata o Criador (pessoal ou como força cósmica) que abandonou suas criaturas, permitindo que tudo fosse governado pelas leis naturais. Ver os artigos sobre esses conceitos.

Essência da mensagem da anunciação:

1. No grego, *xaire kexaritomenei*; no latim, *ave, gratia plena*. «Saudação, agraciada!» Os intérpretes protestantes vêem nisso o grande benefício da graça que Deus conferiu a Maria, ao escolhê-la para ser a mãe de Jesus. Os católicos vêem em Maria a própria fonte dessa graça, e não sua beneficiária, pelo que ela seria tanto a mãe quanto a filha da graça. As palavras: «Bendita és tu entre as mulheres...» pertencem ao vs. 42, e não ao vs. 28, conforme se vê em alguns manuscritos e versões. (Ver Luc. 1:26 ss). Seja como for, onde quer que essas palavras caibam, elas falam do singular privilégio conferido a Maria.

2. Nos vss. 30-33: «Maria, não temas...», porquanto Deus é quem a favorece, prometendo o nascimento de

Jesus por meio do Espírito. Deus estabeleceria a grandeza do Cristo que nasceria. Ele reinaria em Israel, e fundaria um reino que não teria fim. As obras de Deus transcendem a tudo quanto temos em mente para nós mesmos, se estamos em posição espiritual para participar dessas bênçãos.

3. Nos vss. 35-37: «Descerá sobre ti o Espírito Santo...» A gravidez de Maria foi obra do Espírito de Deus, e não causa humana. (Ver notas completas sobre o *nascimento virginal*). Essa circunstância mostra o caráter único de Jesus, o Cristo, e é teologicamente importante, conforme explica a nota referida. O vs. 37 enfatiza que as obras de Deus, inesperadas e de vastíssimo alcance como são, são possíveis por serem realizações divinas. Isso aponta para uma causa sobrenatural. Não devemos rebuscar condições biológicas incomuns, como explicação desses acontecimentos.

Adições lendárias. O livro de Tiago, uma obra apócrifa do séc. II D.C. ou *Proto-evangelho*, caps. 10 e 11, acrescenta alguns detalhes. Todos os eventos realmente grandes sofrem alguma elaboração posterior, sem importar se são sagrados ou profanos. (B E Z)

ANUNCIAÇÃO, ORDENS DA

Ordens religiosas da Igreja Católica Romana, fundadas sob o patrocínio da anunciação à bendita virgem Maria. Há seis dessas ordens:

1. Uma ordem militar, a ordem da Annunziata, fundada por Amadeu VIII, duque de Savóia, no século XV.

2. As *Annunciades*, uma ordem religiosa feminina, fundada por Jeanne de Valois, filha de Luís XII, da França, em 1501.

3. As *Annunciades celestes*, ordem fundada por Maria Vitória Fornari, em Gênova, em 1604.

4. As *Annunciades* da Lombardia, também chamadas Irmãs de Santo Ambrósio, organizadas em Pária, em 1408. Foram originalmente organizadas para atender aos enfermos.

5. A *Arconfraria da Anunciação*, estabelecida em 1460, em Roma, para prover dotes para as jovens pobres que estivessem noivas.

6. *As Annunziatas*, também chamadas Servitas. Seu mosteiro central fica em Florença, dedicado à anunciação, o que explica o nome delas.

ANZI

No hebraico, **forte** ou **minha força**. Nome de duas pessoas no Antigo Testamento:

1. Um antepassado de Etã, um cantor merarita do templo (I Crô. 6:46).

2. Filho de Zacarias, um antepassado de Adaías, um sacerdote do segundo templo (ver Nee. 11:12).

ANZOL

Ver o artigo geral sobre **peixes e pesca**. Em Isaías 19:8, lemos sobre «os pescadores... que lançam anzol ao rio». E em Jó 41:1, lemos: «Podes tu, com anzol, apanhar o crocodilo...?» E em Hab. 1:15: «a todos levanta o inimigo com o anzol...» E em Amós 4:2: «...vos levarão com anzóis e os vossos restantes com fisga de pesca». Isso fala sobre as ações dos homens que oprimem e matam. Todos esses versículos têm uma linguagem figurada, embora também mostrem (além das lições espirituais) que a pesca com o uso do anzol era uma antiga prática. Em Mat. 17:27, lemos: «...vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o...» Desse modo, Jesus e Pedro pagaram o imposto. Ali a referência ao anzol é literal, sendo a única referência neotestamentária à pesca com o emprego de um anzol. A pesca com anzol incluía a colocação de um chamariz no mesmo; mas também usava-se o método simples de se arrastar um anzol dentro da água, na esperança de apanhar algum peixe, em lugares onde eles formavam cardumes. A pesca com anzol podia apanhar uma cobra, em vez de um peixe; sendo provavelmente essa a idéia por detrás de Luc. 11:11, que fala na remota possibilidade de um pai dar uma cobra a seu filho, em lugar do peixe por ele pedido. (IB ID LAN NTI)

AOÁ

No hebraico, **fraternal**. Filho de Bela, filho de Benjamim (I Crô. 8:4). É chamado Aías no sétimo versículo desse mesmo capítulo. Pode ter sido o mesmo Iri, de I Crô. 7:7. Esse nome pode ter sido um erro escribal em lugar de Aías. (FA S)

AOÍ

Os tradutores variam entre «filho de Aoí» (II Sam. 23:9), «filho de um aoíta» e «o aoíta». Em I Crô. 11:12 encontramos «o aoíta». Eleazar, um dos heróis de Davi, é declarado neto de Aoí, exceto se, conforme dizem algumas traduções, ele simplesmente foi um aoíta. (UN Z)

AOÍTA

Um nome de família dos descendentes de Aoá. Esse nome é aplicado a Dodô (ver I Crô. 11:12) ou Dodai, segundo dizem algumas versões em II Sam. 23:9, embora nossa versão portuguesa também diga «Dodô», Eleazar (II Sam. 23:9), Zalmom (II Sam. 23:28) e Ilai (I Crô. 11:29). Todos eles foram heróis militares da época de Davi. Dodai foi um dos capitães de Salomão (ver I Crô. 27:4). (S)

AOLIABE

No hebraico, **tenda de seu pai**. Foi um habilidoso artífice da tribo de Dã, nomeado juntamente com Bezaleel para construir o tabernáculo (ver Êxo. 35:34). Ele era filho de Aisamaque. Cerca de 1440 A.C. (S UN)

AOLIBÁ

Trata-se de um nome simbólico, dado por Ezequiel à cidade de Jerusalém, por terem os seus habitantes se envolvido na idolatria da Babilônia. Nome similar foi dado à cidade de Samaria, e pelo mesmo motivo, embora através da influência assíria. Por essa razão, Samaria é então chamada de irmã de Jerusalém. Essas irmãs são consideradas esposas de Yahweh, mas culpadas de infidelidade conjugal (ver Eze. 23:1-48). Ver também sobre *Oolá*, o nome aplicado à cidade de Samaria, nesse mesmo trecho bíblico. A palavra «*Oolibá*», significa «minha tenda está nela» (isto é, em Jerusalém), sugerindo que Jerusalém abandonara essa habitação divina para casar-se com outrem. Todavia, alguns estudiosos pensam que esses nomes envolvem prostitutas bem conhecidas na época de Ezequiel, embora nada saibamos atualmente sobre elas. (G IB)

••• ••• •••

APAGADORES

Precisamos considerar duas palavras hebraicas, uma das quais significa, literalmente, «tomadores», e a outra «podar»? Eram instrumentos feitos de ouro (ver Êxo. 37:23) ou de bronze (ver II Reis 25:14), usados para a manutenção de chamas e lâmpadas no tabernáculo e no templo. Entre os eruditos há pouca concórdia quanto à função exata desses instrumentos. E a LXX não nos fornece grande esclarecimento. Ali, a primeira dessas palavras (em Êxo. 37:23; Núm. 4:9; II Crô. 4:22; Isa. 6:6) é traduzida por *labídas*, «agarrador», mas por duas vezes (em Êxo. 25:38 e I Reis 7:49) é traduzida por *eparustrídes*, «escumadeira». A outra palavra heb. é traduzida na LXX por duas vezes (em I Reis 7:50 e II Reis 12:13) por *eloi*, «unhas ornamentais», e por três vezes (em II Reis 25:14; II Crô. 4:22; Jer. 52:18) por Phiálas, «taça rasa».

Em Êxodo 25:38; 37:23, a primeira dessas palavras hebraicas aparece juntamente com outra palavra hebraica que significa «receptáculo» ou «travessa», mas que nossa versão portuguesa traduz por «apagadores». A primeira delas está intimamente ligada ao candeeiro de ouro. Em face do trecho de Isaías 6:6, onde esse instrumento é traduzido por «tenaz» na versão portuguesa, vemos que o mesmo foi usado para tirar uma brasa acesa do altar, aparentemente o segundo daqueles dois termos hebraicos deriva-se de um verbo que significa «podar». E isso, por sua vez, indica que era um instrumento usado para espevitar ou tirar o carvão do pavio das lâmpadas. Não obstante, o contexto da passagem não nos fornece qualquer indício de tal ação. Em adição a isso, conforme já vimos acima, a tradução da LXX nunca traduz o termo por qualquer coisa que ao menos remotamente dê a entender a ação de espevitar. A questão, pois, precisa permanecer na semi-obscuridade, até que novas investigações consigam trazer à tona maiores subsídios. (IB S)

APAGOGE

Vem do grego **apo**, «da parte de», e **agein**, «levar». Dentro da lógica aristotélica, o termo indica um silogismo ilusório. Ver o artigo sobre *abdução*. Ou então o termo pode ser usado para designar o método de demonstração indireta mediante o qual se pode demonstrar o absurdo de uma conclusão que é contrária àquela que deveria ser estabelecida. Ver o artigo sobre *Reductio ad Absurdum*. (EP P)

APAIM

No hebraico, **ventas**. Filho de Nadabe (1400 A.C.), descendente de Jerameel, fundador de uma importante família da tribo de Judá, ver I Crô. 2:30, 31. (ID S)

APARELHOS

Palavra usada para traduzir o termo grego **skeuos**, embora algumas traduções digam «velas». (Ver Atos 27:17). Essa palavra grega tem grande variedade de sentidos, desde coisas e objetos (ver Mar. 11:16), a vasos, pratos e vasilhames (ver Luc. 8:16), e até mesmo alguns vasos específicos, incluindo o corpo humano (ver I Ped. 3:7), ou a mulher, que é vaso de seu marido (ver I Tes. 4:4). Acompanhada por adjetivos, essa palavra refere-se a instrumentos usados por várias profissões, incluindo o caso de navios. A referência no livro de Atos poderia apontar para uma âncora leve.

APARÊNCIA

Na filosofia o termo é usado para indicar o contrário da realidade. Algumas vezes tem a conotação de *ilusão* ou falsidade, em contraste com aquilo que é real e verdadeiro. O *mundo das aparências*, isto é, o mundo físico, é chamado de ilusório nas religiões orientais e por alguns filósofos, e por *menos real* em Platão, por ser transitório, ao passo que o mundo eterno é imperecível e imutável. Na epistemologia, o termo refere-se às *opiniões*, em contraste com os fatos.

1. *Parmênides*. O mundo conforme é interpretado por nossos meios de conhecimento não passa de ilusão.

2. *Platão*. As aparências (através da percepção dos sentidos) fornecem-nos meras opiniões sobre a realidade, e para descobrirmos a realidade, precisamos da razão, da intuição e do misticismo, nessa ordem de poder crescente.

3. A tradição oriental de *Advaita* (ver o artigo) usa o termo. A filosofia vedanta ensina a natureza ilusória do dualismo. A tarefa da vida humana seria dissipar nossas crenças equivocadas quanto ao dualismo, incluindo nossa suposta separação de Bramá. O mundo físico seria ilusório, dando-nos a sensação de dualismo.

4. *Emanuel Kant*. O mundo físico (dos fenômenos) é contrastado com a realidade que a razão reconhece, bem como a intuição e a experiência mística, chamado *noumena*. Nossos sentidos nos transmitem informações sobre o mundo físico, que são meras conveniências, de tal modo que *a coisa em si mesma* (a verdadeira realidade) está oculta de nossos sentidos físicos. Portanto, o que sabemos sobre este mundo é mera convenção mental (as categorias), a qual pode estar relacionada ou não com a realidade.

5. *T.H. Green*. Ele reputava a distinção entre a aparência e a realidade como uma distinção entre a mente limitada e a mente absoluta.

6. *F.H. Bradley* retornou às noções de Parmênides, com as mesmas formas de expressão.

Os argumentos que provam que os sentidos nos dão apenas aparências, e não a realidade, incluem a demonstração destes pontos: 1. a debilidade inerente aos sentidos; 2. o fato de que a verdadeira realidade, ao nível dos átomos, não é sondada pelos nossos sentidos, e nem mesmo por nossos instrumentos científicos; 3. o fato de que mesmo que conhecêssemos plenamente o átomo, o mundo real ainda seria mais básico do que o átomo, por ser o domínio da mente, e não da matéria.

Uma mesa vista sob diferentes ângulos, e sob diferentes luzes, parece mudar de cor. Uma vara, posta na água em ângulo relativo à sua superfície, parece deformar-se. Os trilhos das estradas de ferro, conforme se distanciam no horizonte, parecem convergir a um mesmo ponto. Os cantos de uma sala, vistos de qualquer distância, parecem abrir-se a ter mais de 90°. Devido à razão, porém, continuamos a dizer que os ângulos são de 90°, e não notamos conscientemente a diferença. Mediante a razão, corrigimos a distorção visual. Mas não é fato que *toda* a nossa visão é uma distorção do que vemos, e *toda* a nossa audição é uma distorção do que ouvimos? Isso ocorre porque nossos órgãos de sentido são fracos, são instrumentos defeituosos, apesar do fato de serem admiráveis e práticos quanto à vida diária. Os instrumentos científicos aprimoram nossa percepção, mas não têm sido capazes de dar solução aos grandes problemas filosóficos, e nem mesmo aos maiores problemas científicos. Sabemos atualmente muito

mais sobre o átomo do que o sabiam os filósofos gregos, mas novas partículas atômicas sempre estão sendo descobertas, alterando nossa compreensão do átomo. As partículas do átomo continuam para nós quase tão misteriosas quanto sempre o foram. A ciência materialista ainda põe o átomo no trono da realidade, como se o mesmo representasse tudo quanto existe; mas isso é fé, e não ciência. Estudos no campo da parapsicologia demonstram que há fenômenos mentais que não cabem dentro desse molde materialista. A experiência do retorno após a morte biológica (experiências de quase morte) mostra-nos que há um aspecto não-material no homem que não está sujeito à destruição produzida pela morte. Ver o artigo sobre *experiências de quase morte*. Essas coisas nos alertam para o fato de que vivemos em uma realidade essencialmente misteriosa, e pelo menos, parcialmente não-material, e que a maioria de nossas descrições dessa realidade tem natureza parabólica, com base nas meras *aparências*, e não com base na natureza verdadeira das coisas. Portanto, permanece verdadeira a declaração de Kant, no sentido que «Só podemos conhecer os objetos conforme eles nos *parecem* (para nossos sentidos), e não como eles são em si mesmos (isto é, em sua verdadeira natureza). (*Proleg.* 10). Apesar de que alguns filósofos ataquem esse conceito, o argumento permanece por força de necessidade, porque a debilidade de nossa percepção é notória. Ademais, nunca sabemos qual a verdadeira natureza de uma coisa enquanto não obtemos uma completa e perfeita descrição da mesma. Mas, com base em nossa ciência atômica, segundo ela existe na atualidade, isso é impossível. Acresce-se a isso que se há uma dimensão não-material da realidade, torna-se ainda mais difícil obter conhecimento da verdadeira natureza das coisas.

Importância da fé religiosa. Se a realidade não pode ser conhecida por meio da percepção dos sentidos, e se a realidade não se limita à matéria, então precisamos de outros meios de conhecimento, como a *razão*, a *intuição* e as *experiências místicas* (ver o artigo a respeito). Mesmo que esses meios só nos possam dar conhecimentos parabólicos da realidade, também podem ampliar e aguçar nossas descrições, de tal maneira que cheguem mais próximas da realidade do que o faz a percepção dos sentidos. Os cristãos defendem a validade da *revelação*, e a revelação é uma subcategoria do misticismo. Se pode haver tal coisa como revelações provenientes de um Poder Supremo, então podemos conhecer coisas inteiramente à parte da percepção dos sentidos, uma verdade que todas as religiões mantêm. (E EP F P PH)

APARIÇÃO

No grego, **fantasma**. O vocábulo pode ser bastante lato para incluir qualquer visitante vindo de algum mundo espiritual e sobrenatural. No contexto bíblico, porém, usualmente refere-se a um espírito desincorporado que retorna, pode ser visto, e pode transmitir alguma espécie de mensagem. Assim, temos o caso do falecido Samuel (I Sam. 28:13) e o caso em que Jesus foi equivocadamente tomado como um espírito (Mat. 14:26 e Mar. 6:49). Tais aparições eram temidas, não meramente por causa daquilo que pudessem fazer, mas porque a visão de um fantasma era considerada um mau presságio. Após a Sua ressurreição, Jesus salientou que Ele, diferentemente dos fantasmas, tinha forma sólida, composta de carne e ossos, que podiam ser tocados. Naturalmente, nesse caso temos um corpo físico ressurrecto, o qual, na ascensão e glorificação de Jesus foi necessariamente glorificado, assumindo natureza espiritual. Podemos ter a certeza de que esse corpo não continuou sendo de carne e ossos, por ser impossível tal veículo nos mundos espirituais.

Vários comentadores salientam que a crença comum na época incluía fantasmas, espíritos desincorporados e todas as modalidades de estranhas entidades espirituais. Alguns deles apressam-se em afirmar que tudo não passava de superstição. John Gill, comentando sobre Mat. 14:26, mostra que as referências no Talmude dos judeus desencorajavam a saudação a estranhos, à noite, porque poderia tratar-se de um demônio (ver *Tal. Bab. Megella*, fl. 3:1; *Sanh.* fl. 44.1). O demônio fêmea, Lilite, assustava as pessoas aparecendo-lhes com fisionomia humana. Gostava de seqüestrar ou matar crianças. Naturalmente, nesse caso temos uma crendice, uma superstição. Mas sempre será sábio não agir precipitadamente, supondo que uma questão como essa possa ser eliminada mediante meros assaltos verbais.

As pesquisas no campo psíquico demonstram que há muitas coisas que não podemos entender neste mundo. E não há que duvidar que o mundo espiritual é tão ou mais complexo que o mundo físico, havendo muitos tipos e níveis de seres espirituais. Alguns deles são responsáveis pela possessão demoníaca; e os demônios não pertencem apenas a uma classe de seres. Podem ser anjos caídos (casos raros), ou seres espirituais de níveis inferiores, incluindo espíritos humanos desencarnados. Os judeus sempre acreditaram nos espíritos, como todos os povos das antigas culturas. Essa era a idéia mais comum acerca dos demônios, até o século V D.C., quando Crisóstomo e seus comentários modificaram a opinião geral, fazendo com que os demônios fossem apenas anjos caídos. Não obstante, a doutrina de que um demônio possa ser um espírito humano desencarnado tem persistido na Igreja, sendo largamente defendida. As pesquisas modernas mostram que há níveis e poderes diversos entre os demônios. Ver o artigo sobre os *demônios* quanto a essa questão.

A Bíblia apresenta casos da volta de espíritos humanos desencarnados, segundo se viu no começo deste artigo. Ver também Mateus 17:3. Há muitas evidências na comprovação do fenômeno, nos tempos antigos e modernos. — Isso não significa, entretanto, que devamos formar uma religião que consista em entrar em contato com tais espíritos, para obter deles ensinos e conceitos religiosos, conforme faz o *espiritualismo*, também chamado *espiritismo* (ver o artigo a respeito). Algumas vezes, agrada a Deus permitir comunicações dessa forma, mas tudo depende de Sua vontade. Tais espíritos, ao que parece, às vezes, retornam *sem qualquer motivo;* e cumpre-me dizer que há evidências de que os destinos de tais espíritos ainda não foram fixados. Se uma pessoa morre em Cristo, vai estar com Ele. Em caso contrário, o destino dos espíritos permanece em fluxo, conforme o afirma I Pedro 4:6. Ver o NTI nesse versículo, quanto a uma doutrina representada na Igreja histórica, embora a mesma não faça parte das declarações de fé de muitas denominações evangélicas atuais. Parece que os espíritos humanos do hades algumas vezes podem retornar. Veja-se o caso do anticristo, que subirá do hades (ver Apo. 11:7 e 17:8). Naturalmente, o hades é um estado da existência espiritual, e não um lugar no centro do globo terrestre, como os antigos acreditavam. Parece que

pelo menos alguns espíritos podem emergir desse estado e entrar em contato com os homens. Alguns casos de possessão demoníaca podem envolver esse tipo de contato.

A Natureza Humana. As pesquisas científicas no campo da antropologia metafísica demonstram que o homem é uma complexidade de pelo menos três formas de energia distintas. 1. O corpo, uma energia física. 2. A vitalidade, uma energia semifísica. 3. A alma ou espírito, uma energia espiritual, supostamente fora do campo atômico. Assim sendo, o *fantasma* pode ser a vitalidade, que antes fazia parte do complexo humano. Essa vitalidade é capaz de certos atos que exigem uma baixa inteligência e sejam de natureza mecânica. Uma vez que as energias de um indivíduo se separem por meio da morte, essa energia vital retém a capacidade de realizar certas coisas, demonstrando um tipo baixo e mecânico de inteligência. Sua tarefa, na pessoa viva, aparentemente é mediar entre as energias física e espiritual. Uma vez livre, ela torna-se uma espécie de espírito elementar, que pode persistir por algum tempo. Mas, com a passagem do tempo, a energia dissipa-se e o fenômeno cessa. Provavelmente, essa forma de energia (que não é um espírito humano, nem um demônio, e nem qualquer coisa similar) é responsável por muitas estórias de casas mal-assombradas, da atividade dos «poltergeists» e dos fenômenos ligados ao espiritismo. Porém, de outras vezes, o fantasma é um espírito humano desencarnado. As evidências mostram que tais espíritos não são necessariamente demoníacos no seu sentido verdadeiro; mas sempre são espíritos perturbados, de pequeno desenvolvimento espiritual, pelo que não são apropriados como companhia para os homens, podendo causar dificuldades, embora de tipo menos daninho do que no caso de demônios autênticos (sem importar qual natureza metafísica eles tenham). Todavia, cumpre-nos manter distância dos mesmos, porque já temos muitas dificuldades e perturbações próprias, sem termos de tomar por empréstimo mais dificuldades provenientes do mundo espiritual, sobre o qual tão pouco sabemos. A crença antiga sobre os danos que os espíritos desencarnados podem produzir sem dúvida estava baseada na observação e na experiência, e não na superstição criada em um vácuo. Quase sempre os mitos e lendas têm um cerne de verdade, rodeado por muita fantasia.

Uma quarta energia no homem. Podemos talvez encontrar aí o verdadeiro ser humano, um elevado poder espiritual, semelhante a um anjo. Seria similar ao conceito judaico-cristão do anjo guardião. O anjo guardião pode ser o verdadeiro ser do homem, e a alma pode ser o seu instrumento, da mesma maneira que o corpo é o instrumento da alma. Nas religiões orientais, essa entidade é chamada — *superego*. Imaginemos uma mão humana com seus cinco dedos. Um dedo é algo real, mas sua realidade é dependente. Um dedo não pode existir sem a palma da mão, sem a estrutura essencial da mão. A palma poderia representar o «superego», a verdadeira entidade de um homem. Trata-se de um poder elevado e inteligente. O dedo, pois, representa a alma.

Quando as formas tornam-se visíveis. Um corpo é uma forma de energia que nossos olhos físicos são capazes de ver. O fantasma é a vitalidade que, quando vista, aparece em preto e branco, sendo vista na forma de um corpo humano, embora não tenha natureza física. A alma é vista em cores, e usualmente aparece em forma humana, embora assuma essa forma por conveniência, e não por necessidade. A alma pode assumir muitas formas. Além disso, o «superego», é visto apenas como um campo de luz. Na verdade, ignoramos quase totalmente esses grandes mistérios, e o que sabemos meramente sonda a realidade humana. A realidade do *superego*, não exclui a realidade dos anjos guardiães independentes, que são seres separados do homem. Mas julgo, juntamente com Orígenes, que esse ser, o homem essencial, é um irmão para os anjos, sendo inferior a eles somente por causa dos efeitos da queda no pecado. Na redenção, porém, esse ser (nosso ser real e essencial) está destinado a compartilhar da natureza divina (ver II Ped. 1:4), de acordo com a imagem e a natureza do Filho de Deus (ver I João 3:3; Rom. 8:29; II Cor. 3:18 e Col. 2:10), sendo esse ponto o mistério e a doutrina mais profundos de todos.

Contudo, retornando às aparições, elas existem, algumas vezes são espíritos humanos desincorporados; entretanto, usualmente, são apenas a vitalidade. (Ver o artigo sobre a *alma*). (A BAY NTI)

APARIÇÕES DE JESUS, depois de sua ressurreição

I. O Registro Histórico

1. *No dia da ressurreição*. A Maria Madalena (Jo. 20:14-18). Às outras mulheres, Maria, mãe de Tiago e José, Joana, Salomé (e outras) que tinham vindo com especiarias para ungir o corpo de Jesus (Luc. 24:10, .Mat. 28:7-10). Na tarde daquele mesmo dia, a Pedro (Luc. 24:10, Mat. 28:7-10). Mais tarde, ainda nesse dia, aos dois discípulos no caminho de Emaús, um dos quais se chamava Cléopas, embora desconheçamos o nome do outro. Provavelmente Cléopas forneceu a informação sobre este acontecimento que Lucas incluiu no seu Evangelho (ver Luc. 24:13,18). Pouco mais tarde, a dez discípulos, pois Judas Iscariotes já morrera e Tomé estava ausente (Luc. 24:36-43, Jo. 21:1-23).

2. *Oito dias mais tarde* (Jo. 20:26), a todos os onze apóstolos, incluindo Tomé (Jo. 20:24-29).

3. *Certo número indeterminado de dias*, depois disso, a sete discípulos, Pedro, Tomé, Natanael, Tiago, João (estes dois últimos filhos de Zebedeu), e dois outros cujos nomes não foram fornecidos (Jo. 21:2).

4. Em alguma *data indeterminada*, a quinhentos irmãos (I Cor. 15:6).

5. *Em Jerusalém* e em Betânia, *em data posterior*, para Tiago (I Cor. 15:7), e pouco mais tarde, a todos os apóstolos novamente, *ao tempo da ascensão* (I Cor. 15:7, Mat. 28:16,20, Luc. 24:33-43, Atos 1:3-12).

6. *Por meio de visões*, a Paulo (I Cor. 15:8, Atos 9:3-6), a Estêvão (Atos 7:55), e a João, na ilha de Patmos (Apo. 1:10-19).

As narrativas assim fornecidas nos dão uma base *histórica* firme sobre o fato da ressurreição, sendo um dos princípios fundamentais do NT e da fé cristã. Ver o artigo geral sobre a *Ressurreição*.

II. Comentários Gerais sobre as Aparições

As manifestações de Cristo, após a sua ressurreição são importantes porque, através delas, e foram muitas, temos provas empíricas do fato da ressurreição; e diversos pormenores das mesmas fornecem-nos algum discernimento na natureza da própria ressurreição. Um sumário dessas manifestações, com base em todas as fontes informativas, é dado em João 20:1

no NTI.

As tradições que envolvem a questão, até mesmo aquelas preservadas nos evangelhos sinópticos, diferem muito quanto à ordem das manifestações e ao seu número; mas são unânimes na narrativa do grande *fato* da ressurreição. De fato, é quase impossível preparar-se uma harmonia desses acontecimentos, com qualquer certeza. Porém, até mesmo isso favorece *o fato*; pois se a igreja cristã primitiva tivesse criado a narrativa, apoiando-se mediante manifestações supostas, mas não reais, tal invenção mui provavelmente exibiria os sinais de uniformidade e harmonia. Bem pelo contrário, naquelas horas de perplexidade e espanto, o Senhor Jesus foi visto por muitas vezes, por muitas pessoas; e nenhuma das narrativas inclui todas essas manifestações, sendo bem possível que a ordem de ocorrência das mesmas apareça nos diversos livros bíblicos de maneira um tanto confusa. Esse «elemento humano», nas narrativas, é exatamente o que se poderia esperar em meio a circunstâncias tão avassaladoras, o que explica a presença de certa confusão nas narrativas. Portanto, onde sofre a harmonia, a *verdade* brilha ainda *com mais* resplendor.

A narrativa de Paulo, se deriva de uma das mais antigas tradições, embora com algumas curiosas e marcantes diferenças, quando a confrontamos com a história relatada nos evangelhos *sinópticos*, bem como com a história do evangelho de João. Pedro aparece em I Cor. 15 como a primeira pessoa para quem Jesus apareceu, ainda que o vocábulo «primeira» não seja usado; mas esse sentido é óbvio no texto. Portanto, o apóstolo dos gentios deixa de lado a belíssima narrativa da aparição de Jesus a Maria Madalena (contida exclusivamente no evangelho de João), além de sua manifestação a várias outras mulheres, conforme lemos nos evangelhos sinópticos. Por semelhante modo, é curioso que a manifestação do Senhor Jesus a Pedro não seja mencionada nos evangelhos exceto em uma referência passageira, em Luc. 24:34, ainda que haja narrativa de uma aparição do Senhor a Pedro, em João 21:7 e ss ; mas essa aparição teve lugar na Galiléia, e não em Jerusalém, que foi a cena de seus primeiros aparecimentos.

Outra curiosidade, acerca dessa questão em geral é que, conforme a narrativa dos evangelhos sinópticos, tem-se a impressão de que todos os acontecimentos da ressurreição, as aparições e a ascensão do Senhor ocorreram em um só dia. Já o evangelho de João mostra um intervalo de uma semana (ver João 20:26) a separar algumas das aparições do Senhor; e foi após esse intervalo que a manifestação especial de Jesus a Pedro teve lugar, embora os «doze» já tivessem avistado ao Senhor pelo menos duas vezes antes disso. Todavia, esse aparecimento especial a Pedro não pode ter sido o mesmo mencionado pelo apóstolo Paulo. Antes, deve ter havido vários aparecimentos a Pedro, sob variegadas circunstâncias.

Quanto à longa permanência de quarenta dias, após a ressurreição, somente o livro de Atos (mas não qualquer dos evangelhos) nos dá tal informação, a qual, na realidade, não é deixada implícita em nenhum outro lugar. Além disso, somente Lucas (Lucas-Atos) nos fornece qualquer «narrativa» sobre a ascensão; mas até mesmo nesse caso, no tocante ao evangelho de Lucas, a narrativa é posta em dúvida devido a certas variantes textuais; e isso significa que somente no livro de Atos é que se encontra a história da ascensão do Senhor, ainda que existam muitas alusões a esse *fato*, em vários pontos do N.T. A narrativa da ascensão, no evangelho de Marcos, cai dentro do longo término disputado (existem quatro finais sobre o evangelho de Marcos, nos manuscritos antigos, provavelmente nenhum dos quais é original); pelo que também isso não faz parte da narrativa de qualquer dos evangelistas originais, mas de algum escriba subseqüente.

O aparecimento de Jesus a Pedro, conforme nos informa Paulo, é situado antes do seu aparecimento aos «doze», pelo que pode ser o mesmo aparecimento aludido de passagem em Luc. 24:34, embora em parte alguma haja narrativa detalhada acerca dessa ocorrência. Embora as várias manifestações do Senhor contenham elementos que nos fazem lembrar visões e outras experiências místicas, a linguagem prevalente de Paulo, neste ponto, bem como a linguagem usada na maioria das narrativas, mostra-nos que um aparecimento *literal* está em foco, embora o corpo de Cristo tenha sido *espiritualizado* tendo entrado nos primeiros estágios da glorificação, pela qual ele finalmente passou quando de sua ascensão, e que atingirá o seu clímax quando a igreja estiver inteiramente redimida e arrebatada aos céus. Pode-se notar o trecho de João 20:20, onde Jesus mostrou suas mãos e seu lado a seus discípulos, tendo feito ainda a mesma coisa a Tomé, nos versículos vigésimo sétimo em diante, onde devemos supor que Tomé realmente examinou e tocou nas cicatrizes. Então, conforme a narrativa do vigésimo primeiro capítulo, Jesus «comeu»; e essa é uma outra prova óbvia de sua manifestação «corporal».

A tradição cristã, pois, não se refere apenas à sobrevivência do espírito de Jesus, mas inclui a *espiritualização* de seu corpo, que estivera morto. A sobrevivência, mesmo sem a ressurreição, é uma grande verdade, porquanto a alma humana sobrevive à morte física; mas a doutrina cristã vincula grande importância à sobrevivência da personalidade humana inteira; e essa é uma verdade que as manifestações corporais do Senhor Jesus, após a sua ressurreição, bem demonstram. Sobre o que isso significa, no caso dos crentes — se os próprios elementos do antigo corpo (como no caso de Jesus Cristo) serão reorganizados e revivificados é até hoje questão intensamente disputada entre os eruditos bíblicos. Seja como for, isso certamente significa que a alma será revestida de um veículo apropriado, um *corpo glorificado*; e isso com a finalidade de contrabalançar qualquer derrota que seja reputada como inerente à morte do corpo físico. *Sim, a morte não pode matar!*

O aparecimento de Jesus, «primeiramente» a Simão Pedro, conforme a tradição utilizada por Paulo, sem dúvida tinha significação para a Igreja primitiva segundo as linhas da exaltação de Pedro, como uma autoridade superior, conforme também transparece em Mat. 16:18 e ss. Há aqui uma significação especial quanto à questão da «restauração» e da «esperança». Porquanto aquele discípulo, que tão poucos dias antes havia «negado» a seu Senhor, em temor e fraqueza, foi então completa e *imediatamente* restaurado pelo seu Senhor; que encontro deve ter sido aquele!

«O apóstolo que fora levantado, depois de sua queda, mediante as palavras de absolvição ditas pelo Cristo ressurrecto, foi o primeiro a anunciar o evangelho da ressurreição aos corações de seus colegas». (Swete).

Crisóstomo especulou que Pedro é alistado em primeiro lugar, nas aparições de Jesus, por ter sido o primeiro a confessar a sua missão messiânica, e devido ao seu tão profundo desejo de vê-lo vivo novamente. É provável que essa seja uma *lição* que a igreja cristã primitiva vinculava a esse aparecimento. E é bem provável que o próprio Pedro tenha narrado a

história dessa manifestação do Senhor aos ouvidos de Paulo; e só podemos lamentar que Pedro não nos tenha contado, igualmente, essa sua experiência. Contudo, existem certas coisas por demais sagradas e delicadas para serem contadas a todos. Talvez assim é que Paulo e o próprio Pedro se sentiam acerca dessa questão. Seja como for, a experiência de Pedro um dia também será a nossa, ainda que isso possa demorar algum tempo.

e depois, aos doze, I Cor. 15:5. Todas as tradições bíblicas incluem essa manifestação (excetuando o evangelho de Marcos); mas, na realidade, houve mais de uma dessas manifestações, conforme os evangelhos o mostram. (Ver Mat. 28:16-20; Luc. 24:36 e ss e João 20:19 e ss). Também constitui uma outra curiosidade que Marcos, o mais antigo dos quatro evangelhos, não inclui tal informação, embora narre o aparecimento do Senhor Jesus às mulheres. A narrativa dessa manifestação aparece no término «longo» do evangelho de Marcos, que começa no décimo quarto versículo de seu último capítulo; mas esse final não faz parte autêntica do evangelho original de Marcos. É perfeitamente possível, entretanto, que o final «perdido» desse evangelho (se tal teoria é correta) realmente contivesse tal narrativa. De fato, podemos até considerar isso como uma boa probabilidade, visto que esse final se encontra essencialmente contido nos demais evangelhos, de uma forma ou de outra; e os outros três evangelhos, em seus finais, contêm a narrativa (ou as narrativas) do aparecimento do Senhor Jesus aos «doze».

Por qual razão Paulo «deixou» de mencionar vários aparecimentos do Senhor Jesus? Precisamos lembrar que quando esse apóstolo escreveu a primeira epístola aos Coríntios, não tinha ele em mãos qualquer dos quatro evangelhos, porquanto ainda não haviam sido publicados. Paulo deve ter tido à sua disposição alguma tradição, oral ou escrita, ou ambas as coisas; porém, é lógico supormos que nenhuma das primitivas tradições cristãs continha todas as manifestações do Cristo ressurrecto.

É justo conjecturarmos que se Paulo contasse com informações acerca de outras manifestações do Senhor Jesus, após a sua ressurreição, teria ele apresentado tais narrativas, para tornar ainda mais convincentes os seus argumentos em prol da resurreição de Cristo. O fato de que ele não incluiu algumas dessas manifestações, que conhecemos hoje em dia, através de outros documentos do N.T., mostra-nos simplesmente que ele não tinha consciência das mesmas.

III. Os Evangelhos de Lucas e João Comparados

1. Ambas as narrativas mostram Jesus aparecendo *aos dez* porquanto Judas Iscariotes já se suicidara e Tomé não estava presente, embora Lucas não nos informe especificamente acerca disso. Porém, o evangelho de João diz *discípulos*, e menciona claramente que *Tomé* não estava presente na primeira oportunidade. (Ver João 20:24). Naturalmente a palavra «discípulos» não limita necessariamente o número de apóstolos a «dez», mas é provável que essa seja a intenção do termo, porque os apóstolos eram os discípulos especiais de Jesus, aqueles que eram focalizados nessa parte da história da ressurreição de Cristo. Porém, apesar de que estavam em foco os «dez», contudo o trecho de Luc. 24:36 indica que também se achavam presentes os dois discípulos com os quais Jesus se encontrara no caminho para Emaús, perfazendo um total de doze seguidores de Cristo.

2. A narrativa do evangelho de João registra o *tempo exato* dessa aparição. Ela teve lugar na noite do mesmo dia da ressurreição. Lucas, todavia, não nos dá essa informação.

3. O relato do quarto evangelho diz-nos que Jesus apareceu estando *fechadas as portas*, porquanto os discípulos temiam ainda aos «judeus». Já o terceiro evangelho nada nos adianta sobre essa particularidade.

4. O evangelho de Lucas dá a entender que a *repentina aparição* de Jesus aterrorizou os discípulos.

5. Ambos esses evangelhos indicam que o Senhor lhes trouxe uma mensagem de *encorajamento*, apesar de que a narrativa está vazada em termos diferentes, nos dois relatos.

6. Ambos esses evangelhos mostram como o Senhor Jesus comprovou ante seus discípulos que tinha corpo. Todavia, a narrativa de Lucas é mais gráfica e específica, como o evangelho de João se mostra mais tarde, ao narrar a revelação de Jesus a Tomé.

7. A narrativa do evangelho de Lucas menciona que Jesus *comeu pão e peixe*, o que o evangelho de João também faz mais adiante (João 21:12,13), embora não se trate da mesma aparição do Senhor.

8. A narrativa de Lucas faz alusão ao fato de que o Senhor *instruiu* os discípulos nas Escrituras do A.T., a respeito de sua própria pessoa, por ocasião desse seu aparecimento. Entretanto, o quarto evangelho faz silêncio acerca disso.

9. O relato do evangelho de João informa-nos que o Senhor soprou o *Espírito Santo* sobre os seus discípulos, investindo-os de uma autoridade especial, algo que, anteriormente, já havia sido dada graciosamente a Simão Pedro, conforme lemos em Mat. 18:18,19. Já o evangelho de Lucas não nos presta tal informação.

10. Nessa ação de Jesus, dando o Espírito Santo a seus discípulos, conforme o quarto evangelho (ver João 20:21), há uma espécie de *Grande Comissão* aos discípulos. No entanto, conforme a seqüência do tempo, no evangelho de Lucas isso é apresentado imediatamente antes da ascensão do Senhor. Todavia, no quarto evangelho essa comissão é claramente dada antes de sua subida aos lugares celestiais. Poderíamos supor, entretanto, que a ascensão, nesse quarto evangelho, é registrada no parágrafo seguinte, sem haver menção de qualquer intervalo de tempo, não tendo, portanto, qualquer intenção de servir de indício cronológico, como se tivesse de ser aceito como incidente que ocorreu logo depois do incidente anteriormente historiado. No evangelho de João figuram outros incidentes, incluindo outras aparições do Senhor Jesus, que o evangelho de Lucas omite inteiramente.

Com base nas considerações expostas acima, vemos a futilidade de tentar obter a harmonia entre as diversas narrativas evangélicas sobre as muitas aparições do Senhor Jesus aos seus seguidores. Pois houve muitas dessas aparições, preservadas por diversas tradições históricas diversas.

IV. A História e a Fé

1. Apesar de ser verdade que a fé religiosa pode ser comunicada por meio de símbolos, sem qualquer base histórica, notemos que os escritores do NT anelavam por apoiar sua doutrina sobre realidades históricas.

2. Isso pode ser confrontado com o prólogo do Evangelho de Lucas. Ver o artigo sobre a *Historicidade dos Evangelhos*.

A maioria das testemunhas oculares estava viva. Seus inimigos estavam vivos e poderiam disputar a história. As testemunhas nada tinham a ganhar, mas

muito a perder se contassem a verdade. Essas evidências foram registradas cerca de 25 anos após a ocorrência dos fatos alegados. Teria sido fácil confirmar ou refutar estes fatos. O próprio NT é uma afirmação, baseada em pesquisas históricas, da verdade da ressurreição e das aparições de Jesus depois da sua morte. (I IB NTI Z)

APARTHEID

O vocábulo significa, literalmente, **separação**. É usado para indicar a estrita separação racial seguida pelo governo da África do Sul. Envolve a segregação forçada de raças, envolvendo as reservas nativas para os negros. A filosofia subjacente é que, em tais reservas, os negros têm a liberdade de desenvolverem melhor seu método de viver. Se os negros abandonam essas reservas, ficam sujeitos a muitos regulamentos e restrições. O alvo final dessas reservas é a independência dos negros, uma vez que os brancos julguem que os negros atingiram o ponto onde isso é possível.

Problemas. O maior problema surge devido à natureza daquelas reservas, que muitos reputam pequenas e pobres demais para sustentar a população negra. Elas constituem apenas treze por cento da área total do país, ao passo que os negros constituem sessenta e oito por cento da população. O resultado é que apenas metade da população negra vive nessas reservas, enquanto o resto busca ocupação em indústrias, minas, fazendas, etc., possuídas por brancos, —onde recebem. em média, salários muito inferiores aos que são pagos a empregados brancos.

Considerações cristãs. A lei do amor é o princípio moral supremo da vida (I João 4:7). Onde há injustiça social, não está sendo observada a lei do amor. Uma outra lei é a da honestidade. Se as reservas visam a conferir oportunidade de sustento razoável, sob o regime do *apartheid*, então isso deveria ser uma realidade, e não apenas uma política tencionada. Porém, pode a idéia manter-se de pé diante de trechos bíblicos como Gál. 3:28, onde as distinções raciais e outras, entre os homens, são eliminadas mediante a fé em Cristo?

Simplificações. Sempre haverá defesas e contradições relativas aos sistemas políticos, argumentos contra e a favor. Tais questões nunca são simples, pelo que também nenhuma declaração dogmática é capaz de resolver tão complicados problemas. O que aqui dizemos é apenas sugestivo, porquanto as normas políticas criam grandes questões morais, relacionadas a fé religiosa.

APATIA

Palavra latina que veio do grego **a**, «não», e **pathos**, «sofrimento», «sentimento». Os *estóicos* (ver o artigo) criam que a virtude cardeal e o primeiro princípio de ação é a «indiferença», a «não-reação», ou seja, a *apatia*, em todas as situações da vida. Assim, a tristeza não afetaria o homem, porque as causas da tristeza não têm lugar em seu espírito indiferente. Assim, se alguém deixasse cair um vaso de louça e se o mesmo se quebrasse, ou se a esposa desse alguém morresse, tudo viria a dar no mesmo, pois ambos os acontecimentos devem ser encarados com apatia. Desse modo, tranqüilizar-se-ia o espírito humano. Entre os estóicos, o conceito baseava-se na crença de que todas as coisas são determinadas (ver sobre o *determinismo*), não havendo razão, pois, para alguém lutar contra os eventos. De fato, visto que o Logos divino determina tudo, lutar contra o que Ele faz é uma impiedade e falta de sabedoria. Naturalmente, o Logos era, para os estóicos, uma espécie de força cósmica, e não uma pessoa; mas isso em nada alterava a noção deles de que todas as coisas acontecem necessariamente. Sob nosso controle há apenas uma coisa: nossa reação emocional diante das coisas, mas não as próprias coisas. Nosso *dever* é reagir sem qualquer sentimento aos acontecimentos, pois, de outro modo, estaríamos degradando o propósito do Logos. Esse dever inclui a eliminação tanto de emoções positivas quanto de emoções negativas. As emoções positivas meramente nos excitam emocionalmente, o que é o primeiro inimigo do homem. Portanto, nem sorriso e nem choro, e assim o espírito encontra descanso. (EP MM P)

APEDREJAMENTO

No hebraico há duas palavras a serem consideradas, e no grego também. No hebraico, uma das palavras significa «matar por apedrejamento», e a outra «dar à morte por apedrejamento». No grego temos *lithádzo* e *katalithádzo*. A primeira significa «apedrejar», e a segunda «apedrejar até à morte». Todas essas palavras indicavam o ato de apedrejar a alguém até à morte, como ato de castigo capital.

A forma mais comum de punição capital, prescrita pela lei bíblica, era o apedrejamento. Geralmente era executado fora dos muros das cidades (ver Lev. 24:23; Núm. 15:35,36; I Reis 21:13). As testemunhas de acusação (a lei requeria um mínimo de duas - Deu. 17:6) colocavam as mãos sobre a cabeça do ofensor (ver Lev. 24:14), transferindo assim a culpa da comunidade para o ofensor. As testemunhas jogavam as primeiras pedras, e os demais faziam o resto (ver Deu. 17:7). Tudo era feito com o intuito de expurgar da comunidade o mal ou males praticados (ver Deu. 22:21).

Havia dez formas de ofensa punidas por apedrejamento: 1. a adoração a deuses falsos ou aos astros (Deu. 17:2-7); 2. indução à adoração de deuses falsos (Deu. 13:6-11); 3. blasfêmia (Lev. 24:14-23; I Reis 21:10-15); 4. sacrifício de crianças a Moloque (Lev. 20:2-5); 5. adivinhação por meio de espíritos (Lev. 20:27); 6. quebra do sábado (Núm. 15:32-36); 7. adultério (Deu. 22:21-24); 8. desobediência filial (Deu. 21:18-21); 9. quebra de pactos públicos (Jos. 7:25; também havia o castigo da fogueira, em tais casos); 10. homicídio por meio de um boi (Êxo. 21:28-32). Esse último caso é o único que envolve um animal, embora o trecho de Êxodo 19:13 ameace tanto o homem como o seu animal com apedrejamento, se qualquer um deles tocasse no monte Sinai. Finalmente, embora o apedrejamento não seja mencionado, talvez esteja implícito quando a pena de morte é prescrita para o caso de um profeta que profetize em nome de alguma outra divindade (ver Deu. 13:1-5).

A grande abundância de pedras na Palestina fazia do apedrejamento a mais comum das punições capitais. Também era uma maneira conveniente de exprimir ira ou ódio. O Senhor Jesus foi várias vezes ameaçado de apredrejamento, com base em trechos bíblicos como Êxo. 17:4; Núm. 14:10 e I Sam. 30:6, o que também aconteceu com Paulo, conforme se vê em João 10:31-33; 11:8; Atos 14:5,19. Algumas vezes, o apedrejamento chegava mesmo a ser executado, como se deu com Adorão (I Reis 12:18), Zacarias (II Crô. 24:21) e Estêvão (Atos 7:58,59). (ND Z)

••• ••• •••

APEIRON

Termo grego que significa «sem limites», **indeterminado, indefinido**. Foi usado por Anaximandro (ver o artigo a seu respeito) a fim de indicar aquilo de onde provêm todos os seres e a própria existência, e no qual tudo será finalmente absorvido, embora seja algo desconhecido e sem dimensões. Em Pitágoras (ver o artigo a seu respeito), é um dos dois grandes princípios: o *ilimitado*, que é o contrário do *limitado* (no grego, *peras*). Esses termos são usados na filosofia na tentativa de definir o que essencialmente não tem definição. Todavia, o termo não é inútil, porquanto pode significar o que é imaterial, em contraste com o que é material, que limita, que define a energia espiritual, e que é a fonte originária de tudo. (P)

APELES

Um cristão de Roma (ou de Êfeso) a quem Paulo enviou saudações (ver Rom. 16:10). Alguns supõem que o décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos realmente é uma epístola independente, escrita como carta de apresentação de Febe, mas que foi vinculada à epístola aos Romanos para ser preservada. Se isso é verdade, então todas as saudações ali contidas são a crentes de Êfeso, e não de Roma. Ver sobre esse problema no artigo *Romanos*, sob o ponto VIII, *Integridade da Epístola*. Seja como for, o homem é ali descrito como «aprovado em Cristo», porquanto devia ser um crente provado e fiel. Orígenes pensava que ele poderia ter sido Apolo, mas isso não é provável. Há tradições que fazem dele um dos setenta discípulos especiais (ver Lucas 10),— que posteriormente ter-se-ia tornado bispo de Esmirna ou de Heracléia (Epifânio, *Contra Haeres.*, parte 20). Sua festa é observada pela Igreja grega a 31 de outubro. Porém, quanto a todas essas tradições, nada pode ser dito com confiança. O nome «Apeles» era designação comum na época, aparecendo em um trecho de Horácio, «Credat Judaeus Apella, non ego» (*Sat.* i.5). (HA S UN)

APELO

1. **Uso comum.** Um ato mediante o qual alguém busca a ajuda ou a opinião de outrem. Um homem *apelou* para Jesus para que tentasse persuadir seu irmão a dividir com ele a herança (ver Luc. 12:13). O Antigo Testamento não tinha um processo legal para esses casos, embora casos difíceis pudessem ser levados a julgamento (ver Êxo. 18:26 e Deu. 17:8-13).

2. *Nos tempos patriarcais.* O patriarca da tribo podia decidir questões a respeito das quais os membros da tribo não chegavam a um consenso. Não havia autoridade superior à do patriarca.

3. *Israel no deserto.* Moisés era a autoridade, embora tivesse nomeado autoridades subalternas, a fim de que lhe sobrasse tempo para fazer outras coisas (ver Êxo. 18:13-26). Mas ele julgava os casos que não podiam ser devidamente julgados por outros, ou que não fossem satisfatoriamente resolvidos.

4. *Na época dos juízes.* Os juízes tornaram-se as autoridades que resolviam os casos de apelo (ver Juí. 4:5).

5. *Sob a monarquia.* Foram estabelecidas então autoridades judiciais (ver II Crô. 19:8). Foram estabelecidos tribunais por Esdras, após o cativeiro (ver Esd. 7:25), Em tempos posteriores, o *Sinédrio* surgiu como uma espécie de tribunal superior (ver o artigo a respeito).

6. *No Novo Testamento.* Nas áreas judaicas, persistia o antigo sistema, com a inclusão do Sinédrio. Mas, nos casos sérios, como nas sentenças de morte, as questões eram expostas à autoridade romana. Os cidadãos romanos, onde quer que estivessem vivendo, podiam apelar para as autoridades romanas, inclusive para o próprio César. Se um homem apelasse a César, o governador local perdia a jurisdição sobre o caso. Esse direito se originava nas leis Valeriana, Porciana e Semproniana. Plínio (ver *Ep.* x.97) menciona que enviara alguns cristãos a Roma, e que eram cidadãos romanos, para apelarem a César. O famoso caso do Novo Testamento, nessa conexão, é o de Paulo, registrado em Atos 25:10,11,25. Um artigo separado é apresentado sobre esse caso. (Ver o *Apelo de Paulo a César,* mais abaixo). (BRU IB ID NTI S)

APELO DE PAULO A CÉSAR

I. O provocatio

Temos em Atos 25:11 um exemplo do *provocatio*, isto é, um direito legal, de todos os cidadãos romanos, de apelarem contra o veredicto de qualquer magistrado ou governante de província. Ante tal apelo, qualquer caso era transferido para o tribunal de César, que então constituía o que hoje chamaríamos de tribunal supremo. Essa forma de apelo existia, ainda que sob variegadas formas, desde os tempos mais remotos do império romano. Como exemplo disso, pode-se examinar o caso de Horácio, segundo o registro de Lívio I.26. O direito do *provocatio* foi garantido pela *Lex Valeria*, em 509 A.C. (Ver Lívio ii.8, U.C. 245). Esse direito foi suspenso por algum tempo, entretanto, durante o período dos «Decenviros», um conselho de dez magistrados da antiga Roma, que, em 450 A.C., preparou o primeiro código das leis romanas. Todavia, tal direito foi reestabelecido após a deposição dos Decenviros, conforme Lívio também nos diz (iii.55, U.C. 305).

Nos primeiros tempos da república romana, o apelo ou *provocatio* era dirigido *ad populum*, isto é, ao povo. Posteriormente, porém, passou a ser feito aos *tribunos*, que eram os principais líderes do povo. Finalmente, entretanto, veio a ser feito ao «princeps», o mais elevado poder, isto é, ao imperador. Quando um apelo assim era feito ao imperador, isso eliminava todas as decisões legais e os processos porventura feitos até então. Foi mediante o apelo que fez a César, pois, que o apóstolo Paulo conseguiu livrar-se da vacilação incompreensível de governantes secundários, como Félix e Festo. Nos primeiros tempos, só se podia fazer tal apelo dentro da própria capital do império, Roma; e até uma distância de uma milha romana para além de suas muralhas. Entretanto, nos tempos de Paulo, esse direito se estendera a todos os cidadãos do império, em qualquer lugar onde se encontrassem.

II. Implicações

Quanta coisa estava envolvida nessa decisão de Paulo, de apelar para César? Isso é o que procuramos mostrar nos cinco pontos abaixo:

1. De modo geral, precisamos admitir que o apóstolo já entendera que a maré se voltara contra ele nesse caso, e que Festo talvez estivesse começando a acreditar em algumas das acusações dos judeus, ou pelo menos, que não se dispunha a entrar em choque com eles, por causa de um mero prisioneiro.

2. Assim sendo, é perfeitamente possível que Festo, a fim de *desembaraçar-se* de tão complicado caso, quisesse entregar Paulo à discrição do sinédrio, o que

teria sido fatal para o apóstolo.

3. Depois de ter passado por mais de dois anos aprisionado em Cesaréia, o apóstolo já *perdera* toda a esperança de encontrar justiça ali. Só lhe restava o recurso de esperar que um julgamento mais imparcial lhe fosse proporcionado em Roma, perante o tribunal supremo de César.

4. Após tão longo período de aprisionamento, o apóstolo já havia perdido a paciência. Aqueles que têm sofrido prolongados períodos de encarceramento, geralmente expressam o desespero que acompanha esses julgamentos sempre adiados. Paulo não tolerava mais adiamentos, e assim resolveu provocar alguma forma de mudança nessa situação.

5. Desde há muito o apóstolo dos gentios desejava conhecer Roma, tendo recebido a promessa, da parte do próprio Senhor Jesus, que isso sucederia finalmente. (Ver Atos 23:11). É possível que agora Paulo encarasse esse apelo como uma maneira providencial de *garantir* essa viagem, embora sem dúvida preferisse muito mais poder chegar na capital do império romano na qualidade de homem livre, e não como prisioneiro. No trecho de Atos 28:19, Paulo se refere à atitude que tomou nesta ocasião como algo a que fora *constrangido*, e não voluntariamente. Viajar a Roma, para ali ser julgado pelo tribunal de César, era financeiramente pesado, enfadonho e uma perda de tempo. Todavia, aparentemente não havia outra maneira de sair Paulo do dilema em que se encontrava.

«Essa lei (do apelo a César) era tão sagrada e imperativa que, nas perseguições contra o cristianismo que houve durante o reinado de Trajano, Plínio não se atrevia a executar os cidadãos romanos que porventura se tivessem tornado cristãos. Assim, em sua carta Trajano (*Lib. x. Ep.* 97), diz ele: '*Fuerunt alli similis amentiae, quos, quia civis Romani erant, annotavi in urbem remittendos*', cujo sentido é: 'Houve outros culpados de loucura semelhante, aos quais, descobrindo eu serem cidadãos romanos, determinei enviá-los à cidade (Roma).' Mui provavelmente esses são os que haviam feito apelo a César». (Adam Clarke, em Atos 25:11).

O imperador Nero, «...para César...» O *César* do tempo do aprisionamento do apóstolo Paulo era Nero, o qual foi imperador de 54 a 68 D.C.

Nero era o trineto de Augusto, por meio de sua mãe. Fora adotado por Cláudio, o imperador anterior, como seu herdeiro. Nero era filho de uma distinta família da antiga aristocracia romana, os *Domitti*. Foi o último *César* por hereditariedade, porquanto os imperadores que houve depois de Nero não eram membros dessa família. «Cesar» era o sobrenome de Júlio César. E mais tarde esse nome foi aplicado como título aos outros membros dessa família que governou o gigantesco império romano, título esse que também foi adotado pelos subseqüentes imperadores romanos, ainda que não pertencessem a essa dinastia.

Nero fez chegar ao ponto final a hegemonia de sua família devido às suas inúmeras atrocidades, que destruíram o prestígio da família. Ele mesmo terminou por suicidar-se, em 68 D.C., por causa das revoltas que estouraram em Roma, por sua causa. Após a sua morte prematura, surgiram lendas em várias localidades a seu respeito, incluindo a idéia de diversas reencarnações. Alguns cristãos primitivos emitiram a opinião de que o futuro *anticristo* seria uma reencarnação de Nero, idéia essa que tem reaparecido nos tempos mais recentes, como nos escritos de um escritor como William R. Newell, autor de vários comentários sobre livros canônicos do Antigo e do Novo Testamentos. (Outros, porém, têm pensado que o anticristo será uma reencarnação de *Judas Iscariotes*, suposição essa que tem sido apoiada por uma autoridade não menor que a do dr. M.R. DeHaan). (I IB ID LAN NTI S)

APERCEPÇÃO

1. Em Leibniz, o termo refere-se aos estados internos de consciência de si mesmo, ao passo que percepção alude à consciência do que é externo.

2. Em Kant, a palavra denota a unidade do autoconsciente, em sua forma empírica ou em sua forma transcendental.

O vocábulo usualmente é definido como o processo mental que eleva nossas impressões indistintas ao nível da atenção, ao mesmo tempo que as arranja para formar uma ordem intelectual coerente. Todavia, o termo tem sido usado de forma ambígua, algumas vezes para indicar meramente a tomada de consciência, e outras vezes, para indicar os atos de concentração da atenção e assimilação. Os filósofos se têm demorado nessas distinções, desde o princípio. Aristóteles, os pais da Igreja e os escolásticos distinguiram entre noções vagas e sentimentos, por um lado, e conceitos produzidos pelo ato intelectual voluntário, por outro lado. Locke empregava o vocábulo *percepção* a fim de denotar o primeiro passo na direção do conhecimento; função essa perceptível em todos os animais. Para ele, porém, a *apercepção* significava o estado de consciência consciente e meditativa. (E F EP)

APERFEIÇOAMENTO DE CRISTO, O FILHO

I. Comentário sobre Heb. 2:10.

Em que sentido Cristo foi *aperfeiçoado*? Isso pode ser visto nos pontos abaixo discriminados:

1. *Não* pode significar purificado de qualquer fraqueza moral ou pecado, pois esse livro defende a impecabilidade de Cristo (ver Heb. 4:15; ver também João 8:46; II Cor. 5:21; Heb. 7:26; I Ped. 1:19 e 2:22).

2. Mas, ao identificar-se com o homem, ele tomou sobre si mesmo as imperfeições humanas como ser, precisando ser aperfeiçoado segundo as «qualidades morais positivas» de Deus, como a fé, o amor, a bondade, a justiça, etc. (Ver Gál. 5:22,23). *Na qualidade de homem*, pois, Jesus teve de aprender a buscar as perfeições divinas, tal como todos os homens devem fazê-lo. Nessa inquirição espiritual ele se tornou o nosso grande «Líder». E então, sendo aperfeiçoado pessoalmente, veio a mostrar a outros homens como se deve buscar a perfeição. Para todos os remidos, o «estar aperfeiçoado» excede em muito à mera ausência do pecado. Significa, igualmente, a participação em todas as perfeições positivas e em todos os atributos morais de Deus. Estritamente falando, somente Deus é perfeito, embora possa haver outras criaturas que são impecáveis. Cristo, em sua humanidade, buscou e obteve as perfeições de Deus, tal como devem fazê-lo todos quantos estão remidos nele.

3. Além disso, Jesus foi *aperfeiçoado* em sua missão remidora no sentido que tudo quanto foi exigido dele foi formado nele, mediante os sofrimentos. O redentor, a fim de que pudesse remir, teve de morrer. Sua morte e ressurreição eram elementos necessários para qualificá-lo como perfeito e completo redentor. Ele não era um redentor imperfeito ou incompleto.

Apesar do tema desse versículo transcender ao pensamento que o «sofrimento aperfeiçoa», esse preceito está longe de ser coisa comum e sem valor.

4. Uma vez que a missão de Cristo se completou, ele foi glorificado. Isso o aperfeiçoou, certamente. Ele estava incompleto sem tal elemento. O próprio homem, embora fique totalmente sem pecado, se não tiver obtido a total glorificação em Cristo, ainda não estará aperfeiçoado.

5. O Líder ou Autor da redenção deve possuir tudo quanto ele espera da parte dos remidos. É mister que sua *humanidade* seja aperfeiçoada; e deve ter em si mesmo toda a experiência humana, como a alegria e a tristeza, como o esforço por obter a vitória na inquirição espiritual. É mister que tenha tudo e passe por tudo quanto os remidos experimentarão. Ora, isso ocorreu na encarnação, e foi um aperfeiçoamento do Redentor. Nisso se vê quão profundamente ele está associado a nós. Ele tomou sobre si tudo quanto somos, a fim de podermos obter tudo quanto ele é, em sua glorificação, em que ele entrou, devido à sua perfeição.

6. O alvo é a própria perfeição de Deus Pai. Ao tornar-se pouco inferior aos anjos, Cristo já não era perfeito no sentido em que o Pai é perfeito. Sua encarnação tornou possível o aperfeiçoamento da humanidade. Cristo foi o primeiro homem a percorrer essa vereda; outros se seguirão, pois ele é o *Pioneiro* do caminho.

«Se alguém estranhar a idéia de que Deus aperfeiçoou a Cristo, não deverá olvidar-se do fato de que é a humanidade de Jesus que está sob discussão». (Robertson, in loc.).

II. Docetismo

Na moderna igreja evangélica a divindade de Cristo tem sido enfatizada às custas de sua humanidade. Um Cristo «docético» tem sido criado na atitude real, embora não quanto às declarações doutrinárias. Tudo quanto Cristo fez é atribuído à sua divindade, e nada, a não ser a sua morte, é deixado para a sua humanidade. Mas Jesus foi homem real, e deixou de lado suas divinas prerrogativas, embora não a sua natureza divina. O que ele fez, fê-lo como homem; o que ele sofreu e aprendeu, fê-lo como homem; suas obras poderosas eram feitas através do poder do Espírito; e esse mesmo poder o transformou e espiritualizou como homem, tal e qual deve suceder a todos os remidos. (Ver Fil. 2:7 no NTI quanto a uma discussão acerca da importância da doutrina da «humanidade de Cristo»). De maneira bem real, Jesus, como homem, precisava ser aperfeiçoado e o foi em sua experiência humana. Por semelhante modo, seus irmãos devem passar eventualmente por esse processo de aperfeiçoamento. Em sua função mais elevada, isso consiste em trazer o infinito para o que é finito, de trazer o divino para o que é humano. (AL GI IB NTI)

APERFEIÇOAMENTO DO CRISTÃO

I. Definição

Aperfeiçoamento. Uma palavra bastante comum em outros documentos escritos em grego, mas que aparece exclusivamente em Efé. 4:12 em todo o N.T. No original grego encontramos o termo «katartismos», que era usado para indicar a correção de ossos partidos, a restauração de algo ao seu estado primitivo, etc. A raiz dessa palavra é «artios», que significa «completo», «perfeito», «totalmente adaptado». A forma verbal, «katartidzo», significa «restaurar», «ajustar», «pôr em ordem», «reformar». Isso subentende o fato de ficarmos cheios da plenitude de deidade, tal como ela se encontra na pessoa de Cristo, conforme aprendemos em Col. 2:9,10, uma doutrina extraordinariamente elevada. Mas esse é o único caminho para a perfeição, pois esta, segundo a sua própria definição, só pode aplicar-se ao Senhor Deus, pois somente ele é perfeito. É a mensagem profundíssima do evangelho que essa mesma perfeição é dada aos homens, de acordo com sua transformação segundo a imagem de Cristo, o qual, na qualidade de Verbo eterno encarnado, e que se identificou com os homens eternamente, primeiramente a experimentou em si mesmo, na qualidade de Deus-homem. A idéia implica a participação na natureza divina, II Ped. 1:4.

II. Idéias diversas

Vários pontos de vista sobre a natureza exata dessa «perfeição», têm sido expostos, sumariados dentro da seguinte nota de Hodge (em Efé. 4:12): 1. Seria o número terminado dos santos, o 'número completo dos eleitos'. 2. Seria a renovação ou restauração. 3. Seria a redução dos crentes à ordem e à união, formando um único corpo organizado. 4. Seria a preparação dos santos para o serviço (ponto de vista esse compartilhado por vários comentadores bíblicos). 5. Seria o aperfeiçoamento dos santos. Este último sentido é que está em foco aqui, que é comentado no parágrafo anterior.

Para o desempenho do seu serviço, Efé. 4:12. Os dons ministeriais são dados com a finalidade de aperfeiçoar aos santos (maior definição ainda do que isso significa, aparece no décimo terceiro versículo), possibilitando o funcionamento do ministério na igreja, o que, por si só, já é um meio de aperfeiçoar aos crentes, já que produz aquela unidade acerca do que toda esta seção se refere. Pois os homens, uma vez aperfeiçoados em Cristo, certamente se unirão em torno dele e uns com os outros, na mesma atitude, buscando os mesmos alvos. (IB LAN NTI RO)

APETIÇÃO

1. Alguns usam o termo para indicar o processo de satisfação dos apetites.

2. Spinoza usava-o como sinônimo de esforço, de modo geral, o que, segundo a sua análise, seria o alvo central da vida humana.

3. Leibniz usava a palavra para indicar o escopo em que essa satisfação se estende pela realidade, referindo-se à maneira da ação e às mônadas destituídas de extensão que constituiriam o mundo.

4. Whitehead seguia Leibniz ao aceitar a apetição como uma categoria universal que descreve a atividade das unidades ontológicas mais básicas. (P)

APETITES

Vem do latim, *appetere*, «anelar», «desejar intensamente». O termo é aplicado ao aspecto dinâmico, que busca satisfação, própria da natureza humana.

1. Em Aristóteles (ver o artigo) os apetites constituíam a porção irracional da alma. O desenvolvimento da moral leva os apetites a serem controlados pela razão.

2. Tomás de Aquino exprimia praticamente a mesma idéia, com um pouco mais de desenvolvimento, tendo-se baseado em parte nas idéias de João Damasceno. Aquino e outros pensadores escolásticos distinguiam os apetites como: concupiscível, irascível e racional. (P)

ÂPIO FÓRUM

Era uma cidade-mercado na Via Ápia, a quase 64 km ao sul de Roma, uma parada de diligências no Lácio, ao longo da estrada que ia de Roma a Brundísio, construída por Ápio Cláudio (ver o artigo anterior, sobre a Via Ápia). Horácio informa-nos que vivia repleta de marinheiros, comerciantes e donos de hospedaria extorsivos, um lugar cheio de mosquitos e rãs (ver *Sat.* i.5,7). As ruínas dessa cidade continuam existentes em um local chamado Casrillo di Santa Maria, na fronteira dos alagadiços pontinos, o que explica os mosquitos e as rãs mencionadas por Horácio. A cidade ficava no término norte do canal que atravessava os alagadiços. Quando Paulo foi levado à Itália, alguns cristãos de Roma saíram ao seu encontro, e foi ali que se encontraram com ele. Três Tavernas, que também participa da narrativa, ficava a treze ou dezesseis quilômetros mais perto de Roma. (ID ND UN S)

ÁPIS

Um deus-boi egípcio, um touro negro com manchas brancas distintivas, cuja adoração estava ligada a vários outros deuses. Em Mênfis, no Egito, o boi (Ápis) era considerado o corpo do deus Ptah. Quando o deus-boi morria, era enterrado com elaborado cerimonial. Corpos embalsamados de bois, descobertos no cemitério Ápis, pertenciam ao período do Último Império até à época dos Ptolomeus. Ver o artigo sobre *Egito, Religiões do.* (E MER)

APOCALIPSE

Introdução
I. O Que é Um Apocalipse? Literatura Apocalíptica
II. Confirmação Antiga
III. Autoria
IV. Dependência Literária
V. Data
VI. Proveniência e Destino
VII. Motivo e Propósitos
VIII. O Grego do Apocalipse
IX. O Texto Grego
X. Visão Geral do Conteúdo: Análise, Conceitos de Arranjo
XI. Esboço do Conteúdo
XII. Conceitos e Métodos de Interpretação
XIII. Bibliografia

I. O que é um Apocalipse? Literatura Apocalíptica

Toda a literatura apocalíptica é escatológica. Em outras palavras, aborda a questão dos «tempos do fim», o término do mundo segundo o conhecemos, o começo de um novo ciclo, ou, em alguns casos, o estado eterno. Nem toda a literatura escatológica, porém, é apocalíptica. Pode-se falar, por exemplo, sobre a «alma» e seu destino, e isso nos levaria a tratar de certo aspecto do ensinamento escatológico normal, mas, ao mesmo tempo, nada de distintamente apocalíptico estará sendo envolvido nesse ensino. Os escritos que têm chegado até nós, que são chamados «apocalípticos», possuem características distintivas, o que é salientado na discussão que se segue. De modo bem geral, pode-se afirmar que essa forma literária trata da escatologia, pois visa dizer-nos as condições que haverá nos últimos tempos, nos tempos futuros remotos, mas sua apresentação fala daqueles acontecimentos futuros que terão lugar durante dias angustiosos, em que uma antiga era passará em meio a tempestades e agonias, iniciando-se uma era inteiramente nova, através das mais severas dores de parto. Mas isso não é uma característica normal e necessária dos escritos escatológicos.

No que concerne à atividade literária judaico-cristã, pode-se identificar o período dos escritos apocalípticos entre 165 A.C. e 120 D.C. Essa literatura antecipa o fim de um ciclo histórico, a saber, o ciclo judaico, o que se daria em meio a dores severas, antes do nascimento da era cristã. Os «apocalipses» cristãos refletem o desapontamento dos discípulos de Cristo por não se ter materializado o Reino de Deus em sua própria época. E esse desapontamento foi apenas natural, e se pensou que os acontecimentos que sempre foram tomados como necessários na inauguração do reino deveriam ser transferidos para outra época, o tempo da «volta» de Jesus Cristo, não mais sendo atribuídos ao seu «primeiro advento». Isso preencheu um vácuo psicológico, pois manteve os homens na «esperança» no estabelecimento do reino. No entanto, não há razão para crermos, meramente porque esse tipo de literatura cumpre uma necessidade psicológica, que as profecias contidas em nossos apocalipses bíblicos (os livros de Daniel e de Apocalipse) não sejam válidas.

Os apocalipses judaicos foram escritos na época de Antíoco Epifânio e posteriormente, acompanhando as perseguições que houve naquele período histórico. Essa literatura apocalíptica teve a finalidade de dar aos homens a «esperança quanto ao futuro», estando eles a passar por um presente dificílimo. Essa esperança contemplava particularmente o livramento através do vindouro Messias, bem como através do estabelecimento de seu reino. Pode-se ver facilmente que, tal como no caso dos apocalipses cristãos, a literatura apocalíptica judaica conservava a necessidade psicológica de «saltar por cima» de um presente difícil, a fim de levar os homens a terem esperança e fé firme de que se cumpriria uma nova era de vitória e realizações espirituais, embora isso não dispensasse grande agonia. Também é verdade que apesar da atividade da literatura apocalíptica nunca se ter tornado uma questão central no judaísmo, e apesar de que a maioria dos rabinos judeus a ignoravam essencialmente, contudo, esses escritos serviram ao seu propósito; e embora nunca tivessem ganho posição canônica, não há razão para supormos que não há ali certo discernimento quanto ao futuro, misticamente intuitivo, apesar de não ser diretamente inspirado pelo Espírito do Senhor.

Em contraste com isso, o espírito apocalíptico dominava a igreja primitiva. O fato de que o reino de Deus não se materializou então deu, aos primeiros discípulos de Cristo, a ardente esperança que a «breve» e mesmo «iminente» segunda volta de Cristo (a «parousia» dos escritos neotestamentários) haveria de desfazer o erro de sua «rejeição», cumprindo todas as expectações da humanidade acerca de uma era melhor. Mas essa era melhor não haverá de iniciar-se senão através da morte agonizante e terrível da antiga era, e a literatura apocalíptica é, essencialmente, a descrição dessa morte febricitante, com descrições adicionais do glorioso nascimento da nova era, que se seguirá.

A literatura apocalíptica, pois, tem um *«propósito presente»*. Os fiéis necessitam de força espiritual para passar pelas aflições, desapontamentos e pressões

desta era ímpia em que vivemos. Serão mais capazes disso se puderem antever a vitória, a qual, finalmente, reverterá os terrores do momento presente. Os escritos apocalípticos prometem que os adversários de Deus não escaparão ao juízo por causa daquilo que fizeram, por seus feitos ímpios que praticaram. Além disso, promete que aquilo contra o que os perversos se têm oposto, o governo de Deus sobre a terra, eventualmente cumprirá, a despeito deles. Outrossim, promete que até mesmo muitos daqueles que se têm oposto a isso, através dos juízos haverão de reconhecer a mão de Deus na história, acolhendo a seu Cristo como Senhor deles.

Há algumas características distintivas da literatura apocalíptica. O termo grego «apokalupto» significa «desvendar», «revelar». O «apokalupsis», pois, é uma «revelação» ou «desvendamento»; é uma «visão profética». Consideremos os pontos seguintes a esse respeito:

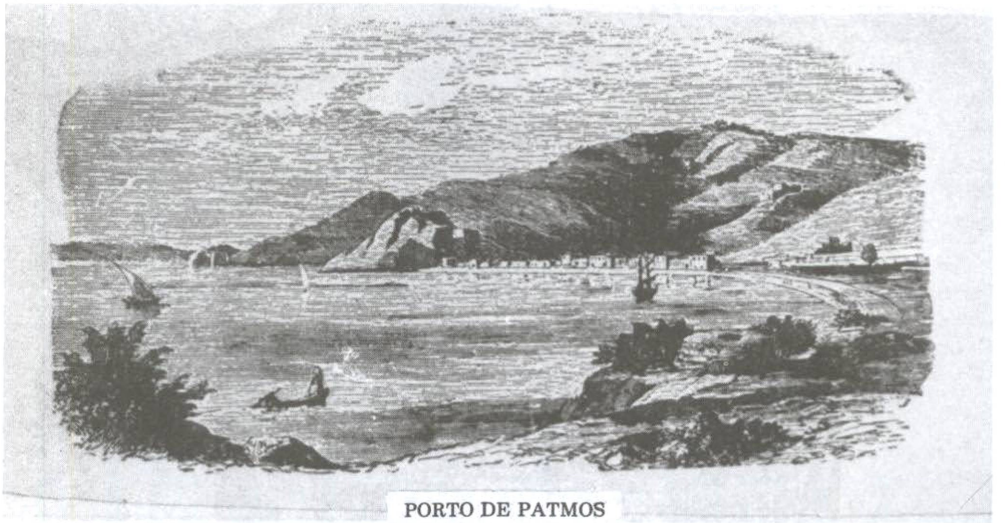
1. *Os livros apocalípticos são sempre reveladores.* Há ali atividade mística, revelações, sonhos, visões, viagens celestiais em espírito, tudo o que transcende à era presente pelos poderes da alma humana, com ou sem a ajuda divina. Cremos que até mesmo os apocalipses não-canônicos envolvem algumas experiências místicas válidas, ou seja, algum discernimento válido quanto as questões espirituais, incluindo revelações sobre as condições futuras. Os dois livros apocalípticos da Bíblia, Daniel e Apocalipse, certamente contêm o esboço dos acontecimentos futuros, a maioria dos quais tem sido confirmada pela atividade profética dos místicos atuais. Em outras palavras, as profecias de nossos dias concordam com as previsões bíblicas, de modo a narrar acontecimentos paralelos. Ver o artigo intitulado *Tradição Profética e a Nossa Época*, que apresenta uma discussão geral sobre essa questão.

2. *São imitativos e pseudopreditivos.* Apesar de haver discernimento espiritual quase certamente «válido», porquanto os poderes de pré-conhecimento dos homens funcionam quase sempre, com resultados que podem ser medidos, esses livros apocalípticos tendem por ser imitativos. O livro de Daniel servia de arquétipo original. Nesses escritos há «invenções» que não refletem qualquer atividade mística genuína, pois as «profecias de condenação», com subidas aos céus e descidas ao inferno, se tornaram artifícios literários, que visavam ensinar verdades espirituais, apresentando advertências e encorajamentos necessários. Portanto, — apesar de que algumas previsões válidas estarem contidas nos apocalipses não-canônicos, mais freqüentemente do que não, as profecias são pseudopreditivas; e essas previsões tornam-se «meios» de ensino,— em vez de serem tentativas sérias de predizer o futuro.

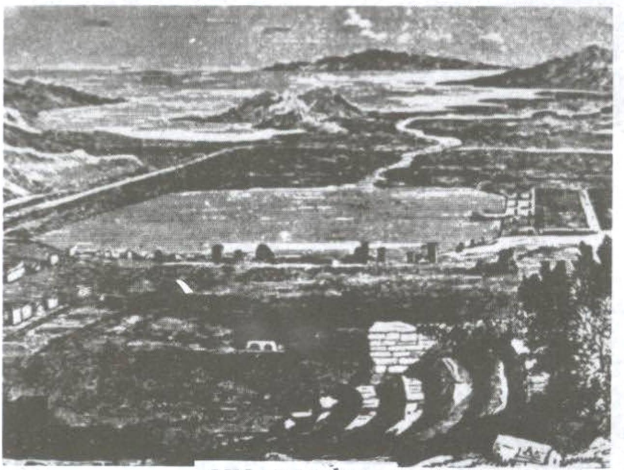
3. *Empregam verdades místicas e simbólicas*, em vez de verdades físicas e literais. A fé religiosa pode ser ensinada com habilidade sem base nos acontecimentos históricos reais, ou passados ou em antecipação ao futuro. O meio de transmitir a verdade, dentro do misticismo, é o símbolo. Um símbolo pode ser válido, sem importar que por detrás dele tenha ou não algum acontecimento físico e literal. As parábolas de Jesus (pelo menos algumas delas) não tinham o intuito de relacionarem-se com qualquer acontecimento real; antes, eram «boas narrativas» sobre as verdades eternas, que eram assim vividamente ilustradas. Assim sendo, um profeta podia falar sobre a descida ao inferno por parte de Enoque, e assim ensinar uma verdade acerca do estado das almas perdidas, sem isso significar que Enoque tenha, realmente, feito tal viagem. Até mesmo nos apocalipses canônicos, as «visões» com freqüência não apresentam objetos «reais» ou «físicos». Tomemos, por exemplo, o caso da imagem com os dez dedos formados de ferro e barro. Isso simboliza os reinos e federações do mundo, embora não seja uma verdade literal. Algumas obras apocalípticas chegam a extremos bizarros ao pintarem condições e expectações espirituais. Alguns dos intérpretes mais inclinados pela interpretação literal do Apocalipse de João procuram tornar literais esses simbolismos. Assim, os «gafanhotos» e «escorpiões», que são animais simbólicos do nono capítulo do livro de Apocalipse, seriam insetos literais que atacam os homens como praga. Porém, não são esses mais literais do que os «cavaleiros» do sexto capítulo do mesmo livro. Todas essas coisas simbolizam os terríveis julgamentos e as condições imediatamente antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. A tentativa de emprestar um caráter literal a esses símbolos redunda em fracasso, além de impedir o entendimento da própria natureza mística dessas visões. Até mesmo os sonhos ordinários nos falam por meio de «símbolos». Por exemplo, uma «criança» simboliza o trabalho realizado por algum obreiro do evangelho, pois esse trabalho, em certo sentido, é sua «criança». A água é símbolo da «fonte da vida»; sonhar sobre a «morte» indica o «fim» de algum aspecto da vida de uma pessoa, ou alguma mudança drástica, muito mais do que o falecimento — literal da mesma. Naturalmente, visões e sonhos algumas vezes falam de acontecimentos literais, mas é um erro interpretar os mesmos literalmente, «todas as vezes que se puder». Essa atitude mais provavelmente nos desviará da verdade, —em vez de aproximar-nos da mesma, pois é algo basicamente contraditório à própria natureza do misticismo.

4. *Os livros apocalípticos com freqüência são pseudônimos.* Isso significa que «em honra» a alguma antiga personalidade famosa, um livro foi escrito por outrem, aproveitando-se do prestígio do nome daquela personalidade, a fim de perpetuar sua tradição. Assim é que o livro de Enoque, escrito no segundo século A.C., não foi escrito por Enoque mas em memória sua. Nesse caso, não poderia haver qualquer tentativa séria, da parte do seu autor, de fazer passar seu livro como se realmente tivesse sido escrito por Enoque. É que os antigos não viam nada de errado nesta prática, sem importar o propósito com que isso fosse feito. Entre os livros apócrifos do Antigo e do Novo Testamentos, bem como entre seus livros pseudepígrafes, há mais de cem livros que certamente não foram escritos pelos indivíduos aos quais são atribuídos. Sem importar o que nós, como modernos, possamos pensar da prática, isso em nada altera a atitude dos antigos acerca da mesma. Em nosso N.T., por exemplo, é possível que o livro de Judas seja uma pseudepígrafe. Quanto a notas sobre isso, ver o artigo sobre «*Apocalipse*» sob o título *Autoria*. No entanto, os dois livros apocalípticos bíblicos — Daniel e Apocalipse — não pertencem a essa natureza. Não obstante, o «João» do livro de Apocalipse não é o mesmo apóstolo João, e sim, o «ancião», ou talvez um bem conhecido «vidente» crente que habitava na Ásia Menor. (Ver uma discussão a esse respeito, na seção III do presente artigo intitulado *Autoria*).

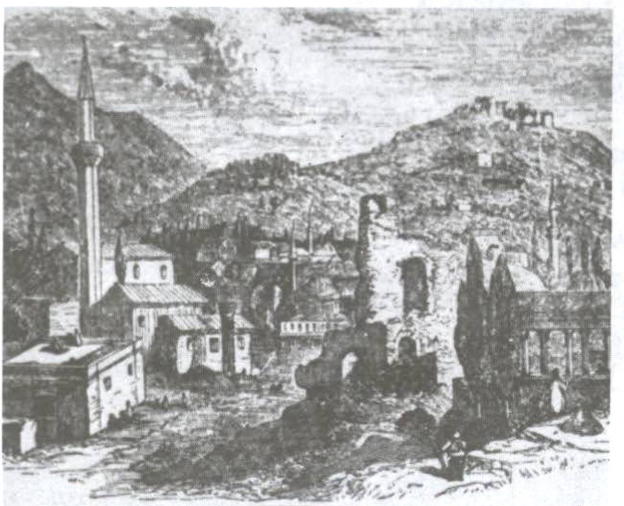
5. *Os livros apocalípticos são altamente dualistas.* Em primeiro lugar, retratam a criação como algo envolvido em «uma luta de morte» entre duas forças — uma boa e outra má. Outrossim, essas forças são «cósmicas», e não meramente humanas. A humanidade ver-se-á envolvida no conflito entre Deus e Satanás,



PORTO DE PATMOS



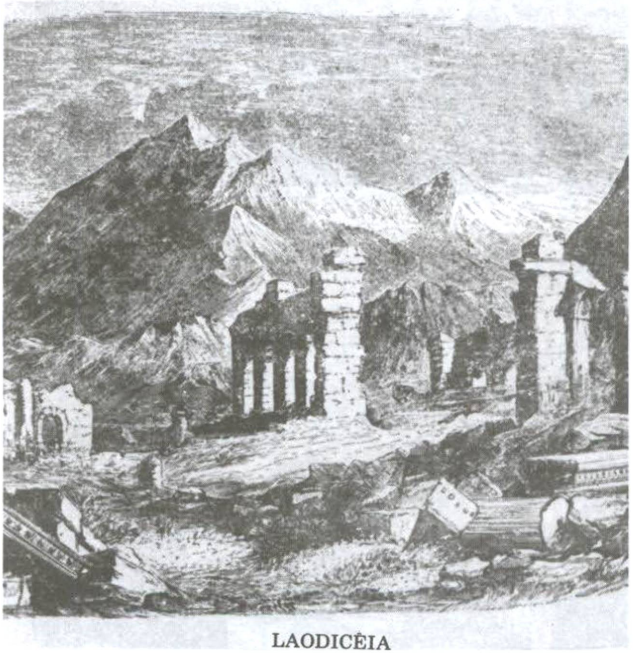
LUGAR DE ÉFESO



FILADÉLFIA



TIATIRA



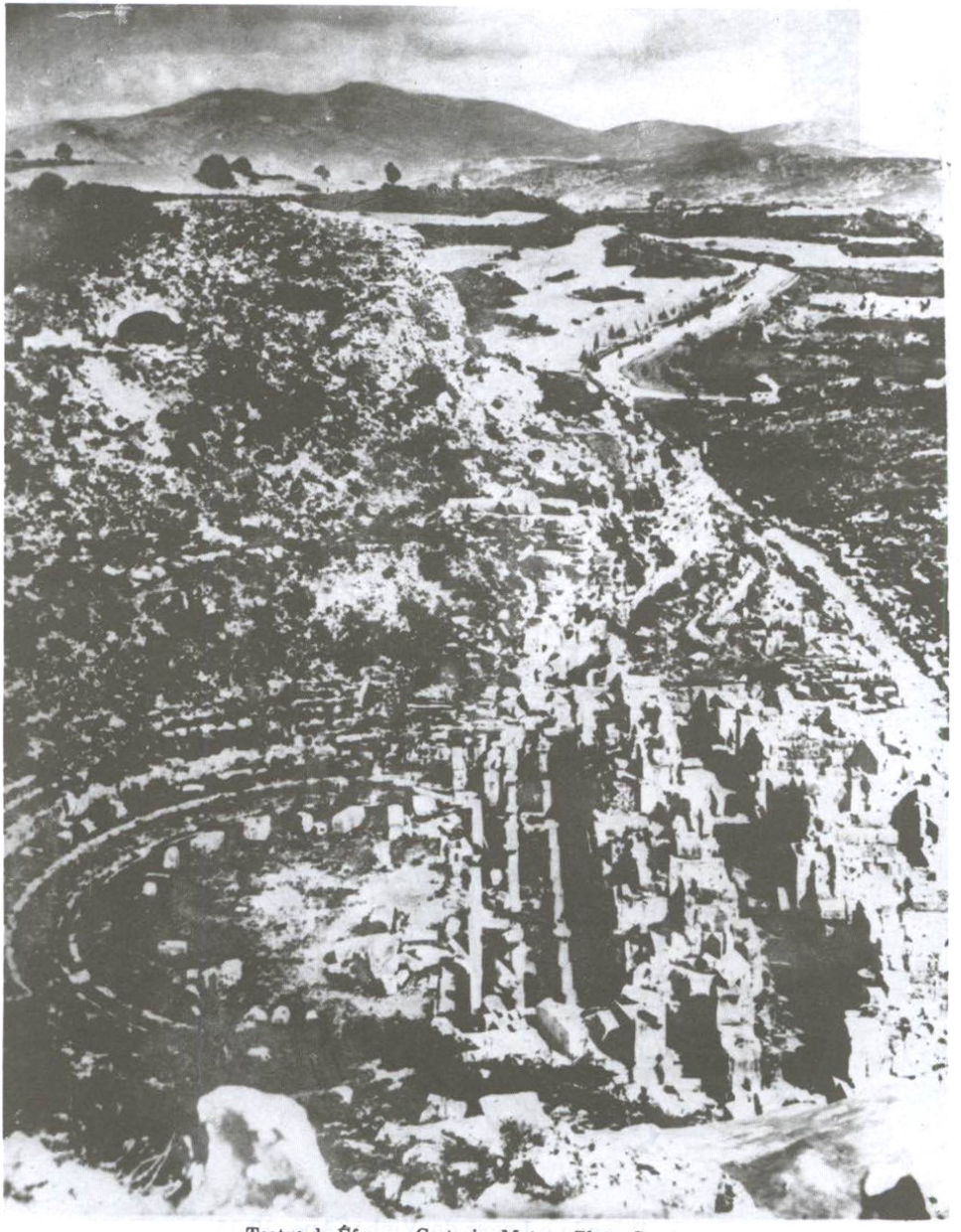
LAODICÉIA



Vale de Megido — Cortesia, John F. Walvoord



Pisando o Lagar do Vinho, Apo. 19:15



Teatro de Éfeso Cortesia. Matson Photo Service

entre os anjos e os demônios, entre a razão absoluta e o erro absoluto. Os homens poderão ser vitoriosos ou derrotados, dependendo do lado que tomarem. O pecado, por conseguinte, nunca será questão apenas humana. Trata-se da lealdade ao erro absoluto, da aprovação conferida a Satanás e às suas obras más.

A oposição das duas grandes forças cósmicas naturalmente envolve a oposição entre duas eras distintas. Assim é que a «era presente» é dominada por Satanás, ao passo que a «era vindoura» será governada por Deus, mediante o seu Messias. A era presente envolve pecado e degradação, com a conseqüente perdição das almas; e a era vindoura envolve o domínio da justiça e do bem-estar espiritual.

Essas forças opostas naturalmente geraram o conceito dos «dois mundos». Há um presente mundo, que é terreno e pervertido. Trata-se de algo físico e temporal, sem quaisquer valores absolutos. Mas também há o «mundo de amanhã», que até mesmo agora existe nas esferas invisíveis da realidade última. Este é um mundo de domínio espiritual, de santidade, de paz e de bem-estar espiritual. O «outro mundo», finalmente, virá a exercer controle sobre este mundo terreno, e esse é um dos aspectos do conflito entre o bem e o mal que atualmente começa a concretizar-se.

Existem, pois, duas «forças cósmicas» que se combatem, duas «eras» contrastantes que se digladiam, dois «mundos» contrastantes que se
Os homens, necessariamente, «tomam partido», tornando-se associados e prestando lealdade a um lado ou outro desses contrastes. As obras apocalípticas, portanto, apresentam aos homens o desafio de escolherem a Deus e ao seu caminho, ao seu mundo, à sua era, rejeitando, ao mesmo tempo, o que Satanás tem a oferecer-lhes.

6. *Os livros apocalípticos são deterministas.* Isso significa que a vitória eventual do mundo vindouro sobre o mundo presente — o triunfo do bem sobre o mal — é algo que foi determinado pela mão de Deus. O triunfo de Deus é inevitável, embora pareça demorar-se por tempo excessivamente longo. Os livros apocalípticos, por conseguinte, expõem uma espécie de filosofia da história. Dizem-nos eles a natureza geral do que sucede e do que deverá acontecer. Apesar de que há caos, devido ao pecado, somos assegurados de que o processo histórico está do lado do bem e de Deus, e que nada pode alterar isso, pois a vontade de Deus é todo-poderosa. O seu propósito talvez precise de longo tempo para materializar-se, mas tudo está determinado. Há um horário divino predeterminado; e o fim do domínio de Satanás ocorrerá súbita e dramaticamente. A própria história é a crônica da luta entre Deus e Satanás, e como os seres inteligentes serão envolvidos até o fim da mesma. Mas a história, apesar de envolver muitos elementos de sofrimento e caos, finalmente está determinada para que sirva às finalidades divinas.

7. *Os livros apocalípticos, ao mesmo tempo, são altamente pessimistas e otimistas.* Expõem um quadro horrendamente negativo do que haverá de suceder a este mundo, o que envolverá a intensa depravação dos homens. Ao mesmo tempo, porém, uma vez que este mundo seja apropriadamente julgado, deverá vir à existência um novo mundo de resplendente beleza e de incrível progresso. Do lado «pessimista», os livros apocalípticos são «cataclísmicos». Os eventos que porão fim ao presente mundo mau serão radicais, como se fora o decepar de um tumor canceroso. Os acontecimentos que darão início à nova era também serão cataclísmicos. As mudanças se produzem mediante acontecimentos bons ou maus, mas sempre repentinos, e não mediante algum processo gradual. As grandes alterações na história resultam de intervenções divinas.

8. *Os livros apocalípticos são intensamente éticos.* Isso significa que esses livros convocam os homens a abandonar o pecado, o qual necessariamente produzirá acontecimentos cataclísmicos. Apesar de tudo estar adredemente determinado, nada podendo derrotar facilmente ao pecado, Satanás e seu sistema, contudo, serão preservados, entre esses terríveis acontecimentos, os homens que mantiverem confiança em Deus e em seu Messias. Em caso contrário, haverão de participar imediatamente da glória de Deus mediante o martírio; ou então haverão de ser gentilmente conduzidos à sua presença, uma vez que tiverem sofrido como os homens terão de sofrer durante aquelas horas fatais. As advertências ali dadas, pois, visam «converter» os homens da maldade e da perversidade; não são meras predições de uma condenação inevitável.

9. *Os livros apocalípticos da Bíblia* — Daniel e o Apocalipse, bem como seus paralelos apócrifos, que foram produzidos pelas comunidades judaica e cristã, são *messiânicos* em sua natureza. Descrevem as mais prodigiosas tragédias, embora também narrem para nós o fato de que haverá um Messias, um Salvador, o qual corrigirá todos os erros.

A Literatura Apocalíptica. No próprio A.T. temos o livro de Daniel. A esse, ainda no A.T., podemos adicionar porções de livros proféticos, como os capítulos vigésimo quarto a vigésimo sétimo de Isaías. No tempo dos Macabeus, talvez tão cedo como 200 A.C., teve início a literatura apocalíptica. Primeiramente apareceu o primeiro livro de Enoque (em etíope), uma obra composta, que foi escrita durante os últimos dois séculos A.C. Várias porções do mesmo são usadas em nossos livros neotestamentários, como no de Judas. O livro de Jubileus data do século II A.C. A *Assunção de Moisés* (livro também usado na epístola de Judas) data dos fins do século I A.C. Os livros de IV Esdras e II Esdras e o Apocalipse de Baruque, datam dos fins do século I D.C. O segundo livro de Enoque (em eslavônico) é de data incerta, embora provavelmente pertença ao princípio da era cristã. Os Testamentos dos Doze Patriarcas (século II A.C.) contêm predições acerca de cada tribo de Israel. Vários fragmentos de apocalipses têm sido encontrados na literatura de Qumran, embora ainda não tenham sido publicados. Do lado do N.T., quanto aos livros não-canônicos, temos o Apocalipse de Pedro, do começo do século II D.C., que descreve a dor dos ímpios e a recompensa dos justos. A *Ascensão de Isaías*, uma obra composta (do século II ao século IV D.C.), é um livro parcialmente judaico e parcialmente cristão. O Pastor de Hermas é uma obra semi-apócrifa que data dos meados do século II D.C. No próprio N.T., temos os «pequenos apocalipses» dos capítulos vinte e quatro e treze dos evangelhos de Mateus e Marcos, respectivamente, ambos derivados da mesma fonte, com base em declarações proféticas do próprio Senhor Jesus. — O quinto capítulo da primeira epístola aos Tessalonicenses e o segundo capítulo da segunda epístola aos Tessalonicenses são escritos apocalípticos de Paulo. Mas o Apocalipse de João é o livro apocalíptico por excelência, tanto do ponto de vista literário como do ponto de vista das previsões proféticas.

Bibliografia AM B CH GS HEN J NTI S Z

II. Confirmação Antiga

O livro de Apocalipse de João foi escrito a fim de ser lido nas igrejas (ver Apo. 1:3). E podemos supor que, desde os tempos cristãos mais remotos, em algumas

porções da igreja, especialmente na Ásia Menor, para quem esse livro foi dirigido, era ele tido como dotado de autoridade idêntica ao dos livros proféticos do A.T. No entanto, foi somente perto dos fins do século II D.C., que esse livro obteve alguma proeminência em qualquer segmento maior da igreja cristã. A mais antiga menção específica ao livro de Apocalipse (que também o atribui ao apóstolo João) foi feita por Justino Mártir, que viveu em Éfeso, em cerca de 135 D.C. (antes de ter-se mudado para Roma). Escrevendo pelos meados do século II D.C., disse ele: «Além disso, um homem entre nós, de nome João, um dos apóstolos de Cristo, profetizou, em uma revelação que lhe foi feita, que aqueles que tiverem confiado em nosso Cristo passarão mil anos em Jerusalém, e que após a ressurreição universal e eterna, terá lugar o julgamento». (*Diálogo com Trifo*, 81).

Não temos meios para precisar de que modo Justino determinou a «canonicidade» do livro de Apocalipse; mas o certo é que, havendo ele atribuído essa obra ao apóstolo João, ele não tinha qualquer dúvida quanto à sua «autoridade». A aceitação da «autoridade» de um livro é apenas um passo distante de sua canonização formal.

Antes da época de Justino Mártir, porém, não há qualquer citação clara e indisputável do livro de Apocalipse. Isso não se encontra nem nos escritos de Clemente de Roma (fins do século I D.C.), nem de Inácio (começo do século II D.C.), nem de Hermas (meados do século II D.C.), e nem no livro e na epístola de Barnabé (cerca de 130 D.C.). Andreas, no prólogo de seu comentário, informa-nos que Papias de Hierópolis, na Frígia (cerca de 150 D.C.), conhecia e usava o livro de Apocalipse, considerando-o divinamente inspirado. Entretanto, ele não disse qualquer coisa acerca de seu autor ter sido um «apóstolo», o que certamente teria feito, se o tivesse sabido. O próprio Eusébio, entretanto, nunca declara definidamente que Papias sabia da existência do Apocalipse. (Ver *História Eclesiástica* iii.39). Uma declaração em sua História Eclesiástica (iii.39,12), que ele atribuiu a Papias, entretanto, parece ser um reflexo do livro de Apocalipse. (Essa declaração parece refletir o vigésimo capítulo do livro de Apocalipse, o milênio e a ressurreição dentre os mortos).

Melito, bispo de Sardes (160 - 190 D.C.), escreveu um livro sobre «o diabo e a revelação de João» (o que é mencionado por Eusébio, em sua *História Eclesiástica* iv.26.2). Jerônimo compreendia que isso se referia a dois livros separados, escritos por Melito; mas, seja como for, é certo que ele conhecia e usava o Apocalipse de João. Também é significativo que Melito viveu em Sardes, uma das cidades às quais o livro de Apocalipse foi originalmente enviado (ver Apo. 3:1 e ss.); e era apenas natural, pois, que ele tivesse aceito esse livro antes do mesmo ter sido aceito em outras partes da cristandade antiga.

Irineu. Eusébio, em *História Eclesiástica* iv.18.8, mostra que Irineu (nos fins do século II D.C., em Lyons, na Gália) sustentava a autoria apostólica de todos os presentes escritos joaninos do N.T. Em seu livro, *Contra as Heresias*, Irineu refere-se ao livro de Apocalipse, em iv. 14.2; 17.6,18; 21.3; v.28.3; 34.2; iv. 20.11; v.26.1.

Teófilo, bispo de Antioquia (Síria ocidental), na última metade do século II D.C. cita o Apocalipse em suas disputas contra Hermógenes (ver Eusébio, História Eclesiástica iv.24), pelo que evidentemente ele aceitava a sua autoridade como Escritura Sagrada.

Alexandria. Clemente (200 D.C.) cita o livro de Apocalipse como Escritura Sagrada (ver Paed. ii.119), atribuindo-o ao apóstolo João (*Quis dives*, 42; *Strom.* vi.106,107). Orígenes fez a mesma coisa (em *Joann. tom.* v 3; *Lommatzsch*, i.165; Eusébio, *História Eclesiástica* vi.25.9).

Roma. O Cânon Muratoriano, que reflete o uso romano de cerca de 200 D.C. alistou o livro de Apocalipse como autoritário, tendo-o atribuído ao apóstolo João. O Apocalipse de Pedro também é favoravelmente mencionado; mas outras fontes informativas romanas mostram que essa não era a opinião de todos os segmentos da igreja cristã.

Cartago. Essa comunidade cristã, filha da igreja romana, também aceitava o livro de Apocalipse, pelos fins do segundo século de nossa era. Tertuliano, em seus vários escritos, cita trechos de dezoito entre vinte e dois capítulos. Ele o atribuía ao apóstolo João (*«De Ressur.»*, 38, Pud. 12). Os quiliastas e milenaristas — do segundo século de nossa era, como os montanistas, uma seita cristã que se originou na Frigia (cerca de 156 D.C.), aceitavam anelantemente o livro, porquanto oferecia vários textos de prova para suas idéias. Finalmente, essa seita contou com Tertuliano como um de seus aderentes.

Houve disputas sobre o Apocalipse, como também alguns o rejeitaram. Apesar de que pelos fins do século II D.C. o livro de Apocalipse gozava de larga aceitação, tanto quanto a de qualquer outro livro do N.T., houve aqueles que o rejeitaram. Márcion, um herege gnóstico (ver o artigo sobre o *gnosticismo*), mais ou menos pelos meados do segundo século da era cristã, aceitava como seu «cânon» neotestamentário dez epístolas paulinas e uma forma mutilada do evangelho de Lucas. Rejeitava ele o livro de Apocalipse por causa de seu caráter judaico, porquanto viera a considerar o judaísmo como oponente do cristianismo. Negava ele que qualquer apóstolo de Cristo tivesse escrito tal livro. (Ver Tertuliano, *Adv. Marc.*, iv.5; iii.14).

O grupo herege chamado de *alogoi* (dos fins do século II e de começos do século III D.C.), porquanto não aceitava a doutrina joanina do «Logos», como é óbvio, rejeitava também todos os chamados escritos joaninos, incluindo o livro de Apocalipse. Asseveravam que seu verdadeiro autor teria sido Cerinto, um herege gnóstico que viveu nos fins do primeiro século, e que atribuíra seu livro a «João» para obter prestígio para o mesmo (ver Epifânio, *Haer.* li.3; li.33). Afirmava esse grupo que o Apocalipse tem por demais simbolismos, errando quanto a questões literais, como a de haver sido escrita uma das sete cartas para Tiatira, onde não havia qualquer comunidade cristã.

Entretanto, a rejeição do livro de Apocalipse não se limitava a grupos hereges. Havia certos grupos que se opunham ao mesmo e aos quiliastas (especialmente os montanistas), os quais vieram a duvidar da autenticidade do Apocalipse, chegando mesmo a rejeitá-lo, evidentemente como resultado do fato de que algumas das suas doutrinas favoreciam aos hereges. Assim é que Caio de Roma (cerca de 210 D.C.), ao escrever contra os montanistas, terminou por rejeitar também ao livro. Hipólito (215 D.C.) replicou contra o ataque de Caio ao livro de Apocalipse; e essa obra se revestiu de tal vigor que poucos, no Ocidente, daí por diante, continuaram a duvidar da autoridade desse livro. Portanto, as traduções em Latim Antigo e da Vulgata Latina, sempre contiveram o Apocalipse, sem qualquer indicação de dúvida acerca de sua autenticidade. Vitorino (martirizado em 304 A.C.) escreveu um comentário em latim sobre o livro de Apocalipse, que posteriormente foi refeito por Jerônimo.

Contudo, em certos lugares fora do Ocidente, continuou havendo dúvidas sobre o livro do Apocalipse. Dionísio, bispo de Alexandria (247-265 D.C.), renovou dúvidas sobre sua autenticidade, oferecendo fortes motivos para sua crença que não foi o mesmo escrito pelo apóstolo João, e certamente não pelo mesmo autor que escreveu o evangelho de João. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* vii.24). Muitas das linhas de raciocínio nos escritos de Dionísio, têm sido bem acolhidas por eruditos modernos, especialmente devido à qualidade vastamente diferente do grego, entre o quarto evangelho e o livro de Apocalipse. Dionísio informa-nos, igualmente, que em seus dias, muitos duvidavam do citado livro ou mesmo o rejeitavam. Ele mesmo, acreditando que o mesmo fora escrito por um certo João de Éfeso (um dos anciãos da igreja) e não pelo apóstolo João, duvidava de sua autenticidade e autoridade, porquanto o mesmo não seria «apostólico».

Eusébio (326 D.C.), o grande historiador eclesiástico, parece ter concordado com a avaliação geral de Dionísio (iii.29:6), mas deixou que cada congregação local manuseasse a questão a seu talante.

Cirilo de Jerusalém (315-386 D.C.) excluía o Apocalipse de seu «cânon», tendo inclusive proibido seu uso no culto público ou particular. (Ver *Catch.* iv.36).

O sínodo de Laodicéia (cerca de 360 D.C.) não incluiu o Apocalipse em seu «cânon» das Escrituras.

As Constituições Apostólicas (fins do século quarto da era cristã), no *cânon* 85, não contêm o livro de Apocalipse.

Gregório de Nazianzeno (falecido em 389 D.C.) também não o incluiu.

Anfilócio de Icônio (falecido em 394 D.C.) declarou que «a maioria» das autoridades rejeitava o livro de Apocalipse como canônico.

A escola de Antioquia (407 D.C.) também o omitiu. Crisóstomo (407 D.C.), que representava essa escola em Constantinopla, também o rejeitava, tal como o fez Teodoreto (386 - 456 D.C.).

As igrejas Armênia e Síria Oriental não aceitavam o Apocalipse como canônico, e não podia o mesmo ser encontrado em qualquer manuscrito do N.T. naqueles idiomas, por muitos séculos. Alguns manuscritos passaram a incluí-lo no ano de 508 D.C. Mas foram necessários séculos para que a igreja siríaca ficasse convencida acerca da autoridade do livro de Apocalipse. Não veio a participar da Bíblia armênia senão já no século XII D.C.

No século XIII, a canonicidade do apocalipse era universalmente aceita, exceto na igreja nestoriana. Até mesmo nos tempos da Reforma Protestante alguns duvidavam de sua autenticidade. Calvino, muito prolífico como escritor e comentador das Escrituras, nada disse acerca do Apocalipse. Ver o artigo sobre o *Cânon do N.T.*

III. Autoria

Duas posições extremas são tomadas quanto à questão da autoria dos livros Joaninos (que consistem do evangelho de João, de três epístolas de João e do Apocalipse), a saber: 1. Teria havido um único autor desses cinco livros, o qual foi o apóstolo João. 2. Cada um desses cinco livros teria tido um autor diferente, pelo que nenhuma conexão real com o apóstolo João pode ser demonstrada entre eles.

A resposta mais simplista a ambas essas posições extremas consiste da afirmativa de que o evangelho e as epístolas de João foram escritas por um autor (João ou um discípulo imediato seu), ao passo que o Apocalipse teria sido de autoria de um outro João, o ancião ou vidente da Ásia Menor, embora também pertencente à escola joanina. Essa declaração *simplista* está sujeita a todas as formas de objeção e disputa; mas é tão boa como qualquer outra idéia que já tenha sido apresentada. Pelo menos é certo que o evangelho de João e o livro de Apocalipse não podem ter sido escritos pelo mesmo autor. O grego do evangelho de João é simples, quase infantil, embora gramaticalmente correto. Mas o grego do livro de Apocalipse é bárbaro, com muitos desacordos quanto ao gênero, além de erros verbais. Foi escrito por algum judeu que tinha o grego como sua segunda língua, o qual não se interessava especialmente pelos casos gregos, pela concordância em gênero, etc. Pensava ele em hebraico, e algumas de suas declarações só podem ser compreendidas quando é reconstituído um «hebraico tentativo» (ou aramaico). (Ver a seção VII deste artigo intitulado *O Grego do Apocalipse*, quanto a detalhes sobre essa questão). Contudo, a despeito de todos os abusos feitos contra o idioma grego, ele se sentia à vontade em seu manuseio. Sem dúvida falava o grego e o usava em seus contactos diários. Em alguns lugares consegue momentos de eloqüência, e, a despeito da sua má gramática, ocasionalmente produz algumas das melhores porções literárias que o grego conhece. De fato, produziu ele o maior dos «apocalipses», e isso não foi realização pequena para quem usou um «segundo idioma». Podemos supor que, se ele tivesse escrito sua obra em aramaico, o resultado literário teria sido ainda maior.

Justino Mártir atribuía o livro de Apocalipse ao apóstolo João (ver *«Confirmação Antiga»*, imediatamente acima). Esse ponto de vista veio a ser largamente aceito na igreja, — conforme a seção anterior o demonstra; em alguns lugares, entretanto, essa posição era ardorosamente combatida, e até mesmo rejeitada. O próprio livro não afirma ser de autoria de João, o «apóstolo»; e poderíamos supor corretamente que se ele o tivesse realmente escrito, ter-se-ia identificado como tal. Outrossim, se João, o apóstolo, o escreveu, não há razão para supormos que não tivesse recebido reconhecimento antigo e universal, conforme sucedeu no caso das epístolas de Paulo. O fato de que somente nos meados do século II D.C. é que seu autor foi identificado como o apóstolo João, e que mesmo assim muitos continuavam a rejeitar sua autoridade, sob qualquer consideração, especialmente como livro de autoria joanina, mostra-nos que é quase impossível que o próprio apóstolo João tivesse sido o seu autor.

Se voltamos para a questão da evidência interna, — podemos observar que o autor não faz nenhuma tentativa para identificar-se com os doze apóstolos originais. Apesar de que ele se chama «João» em quatro versículos (ver Apo.1:1,4,9, e 22:8), nunca deixa entendido que ele era o «João» do círculo original dos apóstolos. Em parte alguma ele afirma ter sido testemunha ocular da vida terrena de Jesus. Seu conhecimento de Jesus veio por revelação, e não através da história. Em Apo. 21:14, ao mencionar que a muralha da cidade tinha doze alicerces, inscritos com os nomes dos doze apóstolos originais, não parece identificar-se com qualquer deles. Em Apo. 18:20 ele fala sobre os «doze» de modo bastante objetivo, mas novamente sem dar a entender que fosse um deles.

Historicamente, bem se poderia pôr em dúvida que o apóstolo João tenha vivido até o fim do século I D.C. ou começo do segundo século, para que pudesse

ter sido o autor do livro de Apocalipse. Há uma tradição, preservada por meio de Papias, que situa a morte de João próxima ao tempo da morte de seu irmão, Tiago, isto é, antes do ano 70 D.C. A passagem de Mar. 10:39 presumivelmente prediz isso; e notemos que Jesus se referiu a esses dois irmãos. Contudo, há outras tradições que associam o apóstolo João com a Ásia Menor, referindo-se a ele como homem *idoso*. E é possível que se aceitarmos estas últimas tradições que João tenha vivido até um tempo em que poderia ter escrito o livro de Apocalipse. Irineu foi quem nos expôs essa tradição. Mas, visto que as tradições não concordam entre si, nesse ponto, nada de certo pode ser extraído delas acerca da autoria do livro de Apocalipse. George Hamartolus, bem como um manuscrito seu (do século IX D.C.) repete essa tradição preservada por Papias, no sentido que João morreu às mãos dos judeus (decapitado), mais ou menos à época de seu irmão. Portanto, sem importar para que lado nos voltemos, historicamente falando, não podemos ter certeza de que o apóstolo João realmente teve tantas décadas de serviço em Éfeso ou não, o que significa que não sabemos se ele viveu o tempo suficiente para escrever o livro de Apocalipse, o qual, mui provavelmente, reflete as perseguições instauradas contra a igreja cristã nos tempos de Domiciano (falecido em 96 D.C.), ou posteriormente.

A maioria dos eruditos acredita, com base em citações antigas, que um certo «João» foi quem o escreveu. Um indivíduo que Papias chamou de «João, o ancião», que viveu em Éfeso, no começo do século II D.C., é identificado por alguns como seu autor. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.39.4, quanto à identificação dos «dois Joãos», por parte de Papias). Esse autor João supostamente também teria sido discípulo do Senhor, e o seu túmulo estaria ao lado do de João, o apóstolo, na Ásia Menor. Dionísio fez a mesma sugestão, isto é, que «João, o ancião», escreveu o livro de Apocalipse (ver Eusébio, *História Eclesiástica* vii.25.16). Jerônimo também falou sobre o sepulcro desse outro João, em «Éfeso» (ver «*De viris*», illus.9). Vários escritores antigos pensam que esse «ancião» também foi o autor das epístolas joaninas; mas apesar de que João, o ancião, pode tê-las escrito, ele não poderia ter escrito também o livro de Apocalipse, porquanto aquelas estão lingüisticamente vinculadas ao evangelho de João, e não ao livro de Apocalipse. Vendo nisso a verdade, alguns intérpretes também atribuem o evangelho e as epístolas joaninas a «João, o ancião», ao passo que atribuem o Apocalipse ao «outro João», o qual também não teria sido um apóstolo de Cristo. Eusébio, ao citar Papias e Dionísio, aparentemente pensa que estes últimos estão certos: João, o ancião, é quem escreveu o livro de Apocalipse.

João, o vidente. Há ainda uma terceira possibilidade, que talvez seja mais viável que aquelas acima mencionadas, a saber, que um terceiro João está em foco, o qual foi um «profeta» (vidente), que não foi nem o «ancião» e nem o «apóstolo». No próprio livro de Apocalipse, esse João não se chama de «ancião», conforme se vê na segunda e na terceira epístolas de João; mas não se denomina «apóstolo», o que é declarado no evangelho de João, em seu epílogo (ver o seu vigésimo primeiro capítulo). Mas mui definidamente toma a posição e o direito de um profeta, conforme se vê claramente no primeiro capítulo do livro de Apocalipse. (Ver também Apo. 22:9, onde se vê que os profetas do N.T., em sentido especial, são «servos do Senhor», o que é repetido em Apo. 1:1; 10:7; 11:18 e 22:6). O autor recebeu ordem de «profetizar» (ver Apo. 1:3). E o Apocalipse é um livro de profecia (ver Apo. 1:3; 10:11 e 22:7,10,18). Mui provavelmente o autor foi um judeu da Palestina, homem dotado de grande estatura espiritual e gênio, dotado de pensamentos e de discernimento profundos. O aramaico era seu idioma natural, e o grego era apenas um idioma adquirido. (Compare-se isso com reivindicações similares e declarações de um outro profeta, *Hermas*, e o *Didache*, escrito em cerca de 100 D.C., que mostram que os profetas cristãos eram altamente estimados). O fato de que João, o vidente, conhecia e se utilizou de — obras apócrifas — e pseudepígrafes do A.T. (ver a seção IV deste artigo, intitulado *Dependência Literária*) indica, na opinião de alguns eruditos, que ele deve ter sido um João que vivia fora da Palestina, pois tais livros eram favorecidos principalmente entre os judeus da dispersão. Nesse caso, ele deve ter vivido relativamente isolado, na comunidade judaica, pois, de outra maneira, o seu grego teria sido melhor. Porque nenhum judeu alexandrino teria abusado tanto do idioma grego como o fez o autor sagrado, se porventura tivesse qualquer educação.

A escola joanina. Apesar da gramática do livro de Apocalipse mostrar que o autor sagrado não pode ser identificado com o autor do evangelho de João, há certas similaridades, em pensamento e conceito, que podem ser corretamente tidas como sinais de identificação do autor com a escola joanina de Éfeso. Consideremos os pontos seguintes: 1. Há a comparação de frases similares: João 16:2 com Apo. 2:2; 13:8 com 20:6; 3:8,21 com 22:15 e 7:37 com 22:17. 2. Há a mesma significação teológica conferida a termos teológicos como «vida», «morte», «glória», «fome» e «sede». 3. Algumas palavras e frases são mais freqüentemente usadas pelos dois autores do que em qualquer outro livro do N.T. Por exemplo «*poiéin semeion*», quatro vezes no Apocalipse e catorze vezes no evangelho de João, mas apenas quatro vezes em todo o resto do N.T.; «*terein t. entolas*», duas vezes no Apocalipse, sete vezes no evangelho de João, e cinco vezes na primeira epístola de João; «*deiknumai*», oito vezes no Apocalipse e sete vezes no evangelho de João; «*ebraisti*», duas vezes no Apocalipse e cinco vezes no evangelho de João; «*marturia*», nove vezes no Apocalipse, catorze vezes no evangelho de João e seis vezes na primeira epístola de João, além de uma vez na segunda epístola de João; «*piazein*», uma vez no Apocalipse e oito vezes na primeira epístola de João; «*semainein*», uma vez no Apocalipse e três vezes no evangelho de João; «*philein*», duas vezes no Apocalipse e treze vezes no evangelho de João; «*aphazein*», oito vezes no Apocalipse e duas vezes na primeira epístola de João. 4. Há idéias similares. Exemplos disso são que não haverá templo na Jerusalém celestial (ver Apo. 21:22); e o templo deixará de existir como centro de adoração (ver João 4:21). Figura a doutrina do Cordeiro de Deus em João 1:29,36; Apo. 5:6,8,12,13; 6:1,16; 7:9,10,14,17; 12:11; 13:8; 14:1,4, 10; 15:3; 17:14; 19:7,9; 21:9,14,22,23,27; 22:1,3. 5. O número «sete» permeia o livro de Apocalipse. Apesar de não ser isso especificamente declarado no evangelho de João, há sete «sinais» neste último, começando e terminando o mesmo com uma «semana» sagrada. Outrossim, o seu testemunho acerca de Cristo se desdobra em sete aspectos.

A conclusão que disso tudo se pode extrair é que esses cinco livros—o evangelho, as três epístolas e o Apocalipse—foram produzidos pela mesma escola, a escola joanina, de Éfeso. Consideremos ainda os três pontos abaixo: 1. O evangelho de João deve ter sido escrito por um discípulo imediato de João, que

perpetuou sua tradição, incluindo suas narrativas e seu testemunho. O evangelho de João é corretamente chamado «de João», no mesmo sentido em que o evangelho de Marcos *poderia* ser chamado de «evangelho de Pedro», porquanto tal evangelho preservou para nós a tradição apostólica que chegou até nós, com base nas memórias de Pedro. (Ver o artigo sobre *João*, quanto a essa questão). 2. As epístolas joaninas poderiam ter sido escritas por esse mesmo autor. A primeira epístola de João certamente o foi. Seja como for, outro elemento da escola joanina esteve envolvido, se não foi o mesmo indivíduo. (Ver o artigo sobre *João*, onde se fala sobre a «autoria» dessas epístolas joaninas). 3. O Apocalipse foi escrito por João, o «vidente», e não pelo «ancião», ou pelo «apóstolo», embora tivesse sido ele, por igual modo, um membro da escola joanina.

IV. Dependência Literária

1. *O Antigo Testamento.* O autor do livro de Apocalipse nunca cita diretamente o A.T., mas, em um total de quatrocentos e quatro versículos, duzentos e setenta e oito encerram alguma forma de referência ao A.T. Muito mais que todos os demais livros do N.T., pois, o Apocalipse depende do A.T. Foi observando isso que Márcion o rejeitou como autoritário, já que cria ele que o judaísmo é opositor do cristianismo e não seu genitor. — O autor não parece ter usado a Septuaginta, mas parece ter feito suas próprias traduções e paráfrases. Parte disso, porém, provavelmente foi influenciado pela leitura comum e popular da Septuaginta. Alguns eruditos supõem que ele tenha usado um manuscrito grego ou manuscritos hebraicos do A.T. diferentes do texto padrão da Septuaginta, conforme o mesmo chegou até nós; mas isso é menos provável do que o que diz a outra posição. Uma lista quase completa de alusões e citações parciais, extraídas do A.T., existentes no livro de Apocalipse, aparece no *International Critical Commentary*, na sua introdução ao livro de Apocalipse, seções lxviii a lxxxvi. (Ver também as notas marginais do texto grego). O fato que o autor sagrado estava tão estribado no A.T. é uma das razões por que o livro de Apocalipse é tão fortemente «judaico» em seu caráter; mas isso não nos deve impedir de perceber a igreja nos capítulos quinto a décimo nono, conforme afirmam, erroneamente, alguns intérpretes. Pelo contrário, o «servo» do Senhor é ali um crente, e não um judeu de raça apenas, conforme normalmente se pensa, o qual haverá de passar pela grande tribulação.

2. *As pseudepígrafes.* Uma vez mais, o autor sagrado não cita diretamente as obras pseudepígrafes. Mas é evidente que ele incorpora certas idéias e frases das mesmas, especialmente aquelas extraídas dos livros de Testamento de Levi, I Enoque e Assunção de Moisés. Em qualquer estudo completo do Novo Testamento, fica demonstrado que algumas vezes é impossível compreender o que o autor quer dizer, a menos que haja alguma alusão a idéias encontradas nas obras pseudepígrafes. Como exemplo disso temos os «querubins» (ver Apo. 4:6), uma «grande espada» (ver Apo. 6:3), os «mártires como um sacrifício a Deus» (ver Apo. 6:9), o «altar no céu» (ver Apo. 6:9), o «mundo vindouro», o qual surgirá quando completar-se o número dos mártires (ver Apo. 6:11), as «vestes brancas», que simbolizam os corpos espirituais (ver Apo. 6:11, etc.), tudo o que são idéias tomadas por empréstimo daqueles livros antigos. (Ver alguns empréstimos tirados diretamente dos livros pseudepígrafes judaicos, em Apo. 2:7 (Testamento de Levi 18:11), 2:17 (Testamento de Levi 18:14), 4:1 (I Enoque 14:15), 4:6 (II Enoque 3:3 e Testamento de Levi 2:7), 6:11 (I Enoque 47:3,4), 6:12 (Assunção de Moisés 10:5), 7:1 (um conceito geral do primeiro livro de Enoque), 8:8 (I Enoque 18:13), 9:1 (I Enoque 86:1), 9:20 (I Enoque 99:7), 14:10 (I Enoque 48:9), 14:14 (I Enoque 46:1), 17:14 (I Enoque 9:4), 19:15 (Salmos de Salomão 17:26,27), 20:8 (I Enoque 56:5-8; IV Esdras 13:5,8,9,18-35; Ber. 7b, Targum de Jer. sobre Núm. 11:26), 20:13, (I Enoque 51:1), 22:2 (I Enoque 62:3,5).

3. *Outros livros do N.T.* O livro de Apocalipse foi escrito em uma época histórica em que vários livros neotestamentários já deveriam ter sido escritos. Abaixo apresentamos uma lista de sugestões: Apo. 1:1 (Mat. 24:6 e Luc. 21:9); 1:3 (Luc. 11:28); 1:4 (Col. 1:2); 1:5 (Col. 1:18); 1:5 (Gál. 2:20); 1:6 (I Ped. 2:9); 1:7 (Mat. 24:30); 1:16 (Mat. 17:2); 1:18 (II Cor. 6:9); 2:7 (Mat. 11:15; 13:9,43; Luc. 8:8; 14:35); 2:10 (Tia. 1:12); 2:20 (Atos 15:28); 2:24 (Atos 15:28); 2:24 (I Cor. 2:10); 3:3 (Mat. 24:42); 16:15 (Mat. 24:43); 3:8 (I Cor. 16:9); 3:14 (Col. 1:18); 3:17 (Col. 1:27); 3:21 (Col. 3:1); 5:5 (Luc. 7:13 e 8:52); 6:4 (Mat. 10:34); 6:2-17; 7:1 (Mat. 24:6,7); 6:10 (Mat. 24:29); 6:15,16 (Luc. 23:30); 6:17 (Luc. 21:36); 7:3 (Efé. 4:30); 7:17 (I Ped. 2:25); 9:20 (Luc. 18:11); 11:3 (Luc. 4:25); 11:15 (Mat. 4:8); 12:9 (Luc. 10:18); 13:8 (I Ped. 1:19,20); 13:11 (Mat. 7:15); 14:4 (Luc. 9:57); 14:7 (Atos 4:24 e 14:15); 14:13 (I Tes. 4:16); 17:14 (I Tim. 6:15); 16:14 (Mat. 20:16 e 22:14); 18:4 (II Cor. 6:17 e Efé. 5:11); 18:24 (Luc. 11:50); 19:7 (Mat. 5:12); 19:9 (Luc. 14:16); 21:4,5 (II Cor. 5:17); 21:10 (Mat. 4:8); 22:21 (encerramento das epístolas paulinas e do livro aos Hebreus, ver também Efé. 6:24 e Col. 4:18).

4. *Outras fontes: astrológicas, numerológicas e cabalísticas*

O judaísmo helenista continha muitos elementos da astrologia, da numerologia e de várias formas de misticismo, em parte tomados por empréstimo de vizinhos pagãos, mas adicionados e modificados pelos místicos judeus. O intricado simbolismo dos números, no livro de Apocalipse, não pode deixar de refletir algo dessa atividade; e como explicações do que significam esses números, podemos apelar para as tradições místicas judaicas que contêm escritos dos rabinos cabalistas. A angelologia do livro de Apocalipse também envolve certas adaptações de idéias astrológicas da época. Os anjos que aparecem como governantes de nações, em esferas celestiais e terrenas, ou que governam os ventos, as estrelas e as manifestações celestes, eram conceitos comuns, que foram tirados da astrologia e adaptados. Não se tem certeza sobre o que o autor do livro de Apocalipse quer dizer com o uso que faz de anjos, etc., como se o uso fosse o mesmo que havia nos sistemas astrológicos; mas ao menos parte desse uso tem paralelos verbais com aqueles sistemas. Seja como for, o autor sagrado se valeu de certas expressões e usos que eram usuais na linguagem da astrologia da época. (Quanto à «influência astrológica que havia no judaísmo posterior», ver as notas expositivas no NTI em Col. 2:8, onde há provas disso. Como exemplos desse uso ver Apo. 1:20; 2:1, 4:4,6, 5:11; 7:1; 8:2; 12:1; 14:18; 15:1; 16:1; 16:5; 18:1 e 20:1).

Como um pregador moderno pode ilustrar um sermão com uma referência «astronômica», assim João o vidente usava, às vezes, a astronomia do tempo dele, que pelas definições modernas é a astrologia. Não é importante saber, se João aceitava certas dessas idéias como verdadeiras ou não. Elas serviam como um bom veículo de comunicação.

V. Data

É certo, com base no próprio livro, que o

Apocalipse foi escrito durante um período de tremenda perseguição contra a igreja, por parte do império romano. No entanto, tem sido motivo de disputas qual era o imperador romano que governava quando o livro foi escrito. Abaixo apresentamos as principais idéias a respeito:

A data anterior. Alguns estudiosos têm situado a escrita deste livro já nos dias de Nero (54-68) D.C.). Porém, certas referências, Apo. 13:3,12,14 e 17:8,10, que os primeiros cristãos consideraram como predições de um «Nero redivivus» ou «Nero ressurrecto», o qual voltaria ao poder, na qualidade de anticristo, mostram que tal imperador já estava morto, quando o Apocalipse foi escrito. Tal doutrina dificilmente teria sido criada antes do falecimento de Nero, e isso exige uma data posterior ao ano 70 D.C., para a escrita deste livro.

Presumivelmente, o trecho de Apo. 17:10 nos fornece um meio de datarmos a escrita deste livro com exatidão. Quando o escritor sagrado escrevia sua obra, cinco imperadores romanos já haviam morrido, o sexto estava reinando, e se esperava um sétimo; e então surgiria um «oitavo», que seria o último imperador. O problema nisso envolvido, entretanto, é que não sabemos como se devem contar os cinco imperadores; também houve consideravelmente mais de sete ou oito imperadores, antes do império romano terminar, quanto a dúvidas sobre quando se deve começar a contá-los, deveríamos começar a contagem com Júlio César? Nesse caso poderíamos nomear Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano. Nesse caso, Cláudio seria o quinto, e Nero seria o imperador dos dias em que o livro foi escrito. A maioria dos intérpretes crê que os três antecessores imediatos de Vespasiano deveriam ser omitidos, porque seu governo foi breve e sem grandes acontecimentos. Nesse caso, o quinto continuaria sendo Cláudio, o sexto seria Nero, e, assim sendo, o livro deve ter sido escrito antes de 70 D.C. Outros estudiosos, porém, começam contando com Augusto, como se fora o verdadeiro primeiro imperador romano, ficando omitidos os três mencionados acima, em cujo caso chegaríamos a Vespasiano, como o sexto imperador, que então estaria governando. Nesse caso, Vespasiano aparece como o poder maligno que então reinava. Foi ele quem iniciou o cerco contra Jerusalém. E Tito, seu filho, foi aquele que terminou o cerco, sendo ele o sétimo governante do império. E Nero ressurrecto seria o «oitavo» monarca, o anticristo, presumivelmente o último dos governantes de Roma; pois a destruição do império romano, tal como a «parousia» ou segundo advento de Cristo era esperada para breve, até mesmo enquanto os crentes primitivos ainda viviam.

Pode-se ver, pois, que dependendo do modo como manuseamos a lista, Nero, Galba ou Vespasiano pode ser o sexto governante, durante o qual tempo o Apocalipse parece ter sido escrito. Os trechos de Apo. 6:9 e 11:1,2 podem indicar que o templo de Jerusalém continuava de pé quando o livro foi escrito, o que significa que este livro deve ter sido composto antes do ano 70 D.C. Epifânio (ver *Haer.* li. 12) atribuía a esse livro uma data ainda anterior, isto é, ao tempo de Cláudio.

A data posterior. A maioria dos eruditos, a despeito das razões acima expostas, baseando-se no que diz o próprio Apocalipse, apontam para Domiciano como o governador durante o tempo em que este livro foi escrito. Nesse caso, o trecho de Apo. 17:11 seria um oráculo judaico originalmente, incorporado no Apocalipse, embora ignorando qualquer contagem exata, por assim dizer, arbitrária, o que faria de Domiciano o sexto imperador, o qual então governava. Nesse caso, «Nero ressurrecto» presumivelmente seguiria o sétimo governante (cujo nome foi dado), o qual seria o anticristo. Ou ainda o Nero ressurrecto seria o sétimo, e o próprio Domiciano, que veio mais tarde, seria reputado uma reencarnação do Nero ressurrecto, o qual, apesar de «ser dos sete», seria o «oitavo». Porém, visto que Nero e Domiciano formavam uma única personalidade, uma contagem estrita resultaria em apenas sete imperadores. Pelo menos é certo que alguns dos súditos de Domiciano o chamavam de «outro Nero». (Ver Juvenal, *Sátiras* iv. 37,38; Marcial, *Epigrames* 1:33).

Por mais confuso que seja esse quadro, se Domiciano foi o imperador reinante quando este livro foi escrito, então sua data deve ser situada algum tempo antes de 96 D.C.

Ainda há uma outra proposta que apresenta Domiciano como o sexto governante, ou seja, aquele em foco quando o livro foi composto. É possível que o autor sagrado tivesse em mente somente aqueles governantes mortos, quando o senado romano os declarara deuses, objetos próprios à adoração. Nesse caso, os governantes em foco seriam César, Augusto, Cláudio, Vespasiano e Tito. Domiciano, pois, seria o sexto imperador, ao passo que o anticristo nerônico seria o sétimo.

Uma data ainda mais posterior. Também se tem sugerido o reinado de Trajano (98-117 D.C.) como o tempo em que foi escrito este livro. Sabemos que Trajano ordenou severa perseguição contra os crentes, pois isso fica claro nos escritos de Plínio, o Moço, governador da Bitínia em cerca de 111-113 D.C. Nesse caso, seria impossível apelarmos para a passagem de Apo. 17:10, porque sob hipótese alguma Trajano seria o sexto governante. Além disso, neste tempo o cristianismo se tornara uma religião «ilegal», não havendo qualquer evidência de que essa condição existia quando o Apocalipse foi composto. Os «imperadores» eram «deuses» que deviam ser adorados; mas não parece que então já havia qualquer decreto formal contra a fé cristã.

Irineu e Eusébio afirmam *categoricamente* que o Apocalipse foi escrito no tempo de Domiciano. (Ver Eusébio, *História Eclesiástica* iii.18.3 e Irineu, *Adv. Haer.* v.30.3). Esse testemunho foi aceito sem hesitação por Clemente de Alexandria, Orígenes e Jerônimo. Os trechos de Apo. 6:9 e 11:1,2 poderiam subentender que o templo e a cidade de Jerusalém continuavam de pé quando este livro foi escrito; apesar de que poderia ter havido alusões naturais ao templo e à cidade conforme eles existiam antes, sem apontar para o estado em que então existiam.

A data do Apocalipse, na história da interpretação. Os intérpretes têm favorecido três períodos, a saber: 1. O reinado de Nero. Assim pensavam Baur, Reuss, Hilgenfeld, Lightfoot, Selwyn, B.W. Henderson. A data neroniana, entretanto, dificilmente pode ser sustentada de pé, à luz do trecho de Apo. 17:10,11, segundo se aclara acima a questão. 2. Dependendo de como manusearmos a lista dos imperadores romanos, é possível a data correspondente ao imperador Vespasiano. Nada absolutamente fatal pode ser dito contra isso, exceto que não há provas históricas de que Vespasiano perseguiu os cristãos. Não tomava a sério suas próprias reivindicações de «divindade», e nem jamais compeliu alguém a adorá-lo, e nem perseguiu os que se negassem a fazê-lo. Tertuliano declara especificamente que os

cristãos não foram perseguidos durante o reinado de Vespasiano, como também não houve grande perseguição sob Tito, seu filho. Contudo, eles começaram e terminaram o cerco de Jerusalém, sendo possível que as crueldades então perpetradas tivessem inspirado um livro como o de Apocalipse, embora isso não seja muito provável. Os «cristãos» perseguidos é que precisavam do encorajamento dado por uma «revelação». 3. Domiciano foi chamado de *Nero calvo* e de «segundo Nero», por Marcial. A história mostra a ferocidade de sua perseguição contra os cristãos. Considerando-se todos os fatores, quase todos os intérpretes, antigos e modernos, têm chegado à conclusão de que o Apocalipse foi escrito durante esse tempo, ou seja, pouco antes do término do primeiro século de nossa era. As cartas às sete igrejas do Apocalipse também confirmam uma data posterior. A cidade Esmirna não contava com nenhuma comunidade cristã ao tempo de Nero. Isso é confirmado na epístola de Policarpo *aos Filipenses* xi. O culto ao imperador (obrigatório para todos os cidadãos romanos) não parece ter sido posto em vigor até os dias de Domiciano; e o livro de Apocalipse quase certamente reflete tal circunstância. Mas nos seus dias tal culto passou a ser considerado prova de lealdade ao imperador; e por causa disso, seguiram-se perseguições intensas contra os cristãos, totalmente desconhecidas nos dias de Vespasiano.

VI. Proveniência e Destino

Proveniência. O trecho de Apo. 1:9 identifica o lugar «de onde» a epístola foi enviada, o lugar de sua posição—a ilha de Patmos. Tal informe deve ser aceito como real, a menos que se suponha que tais toques sejam meros artifícios literários. Nada há contra a idéia de que João, o vidente, um dos principais líderes da igreja cristã de Éfeso, homem bem conhecido entre todas as igrejas da Asia Menor, tenha sido banido para Patmos devido à sua fé cristã, e que ali ele escreveu esta obra. Sua reclusão e sofrimentos, entretanto, talvez tivessem provocado suas visões. Patmos é uma ilha que fica a cinqüenta e seis quilômetros ao largo da costa sudoeste da Ásia Menor (moderna Turquia), 30° 20' leste. Essa ilha tem cerca de treze quilômetros, e em alguns lugares chega a ter seis quilômetros e meio de largura. Compõe-se de colinas vulcânicas escarpadas. Atualmente pertence à Grécia.

Destino. O destino também é claramente afirmado em Apo. 1:4, bem como em seus capítulos segundo e terceiro, a saber, as «sete igrejas» da Ásia Menor. Provavelmente uma cópia do livro foi enviada para cada uma delas, e não apenas as cópias individuais das pequenas cartas. Às igrejas foi ordenado que lessem a composição inteira (ver Apo. 1:3). Na Ásia Menor havia maior número de igrejas do que apenas aquelas sete, e podemos supor que não demoraram a receber cópias da mesma. Alguns estudiosos têm pensado que essas sete igrejas representam sete períodos distintos da história da igreja; mas isso é repelido por outros. Seja como for, representam as principais condições que podem ser encontradas na igreja universal, em qualquer período da história. É interessante a observação que o Apocalipse foi aceito como autoritário, isto é, «canônico», inicialmente na Ásia Menor. (Ver a seção II do presente artigo).

VII. Motivo e Propósitos

Motivo. Deve ser óbvio, por aquilo que foi dito nas seções I e V, que o «motivo» que provocou a escrita deste livro foi uma grande perseguição tão severa que os cristãos primitivos só poderiam pensar que viviam nos dias imediatamente anteriores à «parousia» ou segundo advento de Cristo. A maioria dos estudiosos crê que essa foi a perseguição movida por Domiciano, o «segundo Nero», que houve pouco antes do fim do primeiro século de nossa era. A literatura apocalíptica tem a característica de tentar «saltar por cima» das crises presentes a fim de dirigir a mente dos fiéis para um futuro triunfo sobre os inimigos, com o estabelecimento da retidão. A última declaração do Apocalipse promete o retorno de Cristo para «breve». Em meio à morte e à destruição, os discípulos de Cristo esperavam o breve cumprimento das promessas referentes à «parousia». Dentre o reinado de Domiciano esperavam o aparecimento do anticristo para breve. O anticristo será a concretização do mal absoluto, pois ele será o servo perfeito de Satanás (ver o décimo terceiro capítulo do Apocalipse). E os cristãos primitivos criam que uma vez que se estabelecesse seu império mundial, logo Cristo voltaria, a fim de destruir o seu ímpio império. Este livro, portanto, foi escrito a fim de encorajar aos cristãos, pois o fim parecia bem próximo, ou seja, o «começo» do fim, o que eles podiam observar pessoalmente com facilidade. Este livro, pois, infunde «esperança» aos crentes que sofriam, relembrando-os sobre o «mundo eterno» que eventualmente seria estabelecido, ao passo que os reinos humanos, caracterizados pela cobiça e pelo poder, seriam reduzidos a nada.

Domiciano decretou o «culto ao imperador» de um modo que seus predecessores nunca tinham feito. Ele fez disso uma prova de lealdade ao império. Os cristãos, naturalmente, se recusavam a adorar ao imperador como se fosse um «deus», e as conseqüências disso foram desastrosas para os crentes. Desenvolveu-se até mesmo o culto à família dos Flávios, na qual se encarnaria a natureza divina da família de Domiciano. Mediante sua suposta divindade, além de sua «ascendência divina», procurou estabelecer um governo absoluto sobre os corpos e as almas dos homens. Promoveu ele a sua «divindade» através de holocaustos públicos. Os espectadores que vaiassem seus gladiadores eram executados, sob a alegação de que tinham mostrado falta de respeito, para com sua natureza divina. Os próprios cortesãos de Domiciano tinham de chamá-lo «Senhor e Deus». Ao seu próprio leito ele, ridiculamente, chamava de «leito de um deus»; as festividades por ele instituídas eram denominadas «banquetes sagrados», e até o peixe servido nesses banquetes era considerado «sagrado». (Ver o artigo de Donald MacFayden, «The Occasion of the Domitianic Persecution», *American Journal of Theology*, xxiv, 1920, pp. 46-66, quanto a detalhes a esse respeito).

A história confirma a violência de Domiciano ao pôr em vigor todos os aspectos do «culto ao imperador». Não somente perseguiu aos cristãos, mas também mandou matar e banir a políticos, filósofos e até mesmo membros de sua família que parecessem oferecer-lhe resistência. Mandou executar seu primo, o cônsul Clemente, porque este parecia haver adotado o modo de vida judaico, o que, segundo pensava Domiciano, fizera dele um «ateu». Os livros de I Clemente, escritos de Roma, e Hebreus, escrito a cristãos romanos, evidenciam claramente as tremendas perseguições dessa época da história.

Propósitos. O propósito imediato da composição deste livro foi o de contrabalançar o temor e o desespero que, naturalmente, tomou conta da igreja cristã, o que talvez conduziu alguns à apostasia. Pois este livro mostra que o Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro governante, o qual, finalmente, haverá de

esmagar os poderes malignos, ao estabelecer o seu reino. Naquele tempo pensava-se que esse reino seria estabelecido dentro em breve (ver Apo. 22:20); assim sendo, havia boas razões para os crentes se encorajarem a sofrer pelo bem, como espírito triunfal até. O autor sagrado assegura a seus leitores que sem importar quão negra fosse a noite, o Dia estava próximo, o qual também os vingaria das perseguições que experimentavam, porquanto o «direito» seria universalmente estabelecido, ao qual pregavam e no qual criam.

Os demais propósitos deste livro, paralelos ao principal propósito, descrito no parágrafo acima, são os seguintes:

1. Autoridade absoluta de Cristo, como o Alfa e o Ômega de toda a existência humana (ver Apo. 1:8 e 22:13). Portanto, há somente um verdadeiro objeto de nossa adoração, que não é nenhum imperador romano.

2. O autor sagrado tencionava ensinar muitas lições morais à igreja, corrigindo vários lapsos e erros, além de encorajar às igrejas da Ásia Menor, e, através disso, a igreja cristã inteira (ver os capítulos dois e três de Apocalipse). Nem mesmo os tempos de crise e perseguição podem desviar nossos olhos da absoluta necessidade de um andar santo, da lealdade pessoal a Cristo, o qual é nosso Senhor.

3. Tencionava ele, por semelhante modo, descrever os horrendos acontecimentos que terão lugar nesta terra que refletirão, especialmente, as condições dos «últimos dias», ainda que, sem dúvida alguma, isso tivesse alguma aplicação à igreja primitiva, bem como à igreja cristã de todos os séculos. Não podemos deixar de sentir que as predições deste livro aludem, essencialmente, aos verdadeiros «últimos dias», isto é, ao tempo que precederá imediatamente à segunda vinda de Cristo, que falam sobre a «grande tribulação». Portanto, o Apocalipse é um paralelo claro do vigésimo quarto capítulo do evangelho de Mateus e do décimo terceiro capítulo do evangelho de Marcos. O autor sagrado cria que vivia «imediatamente antes» do retorno de Cristo (ver Apo. 22:20), e sua mente foi focalizada sobre aqueles dias, a fim de que pudesse descrevê-los com exatidão. Mas ele cria que tudo sucederia durante seus dias ainda na carne. Nisso, porém, estava equivocado, embora isso em nada afete a validade de suas predições. Ele pensava que estava encorajando especificamente aos cristãos de seus dias; e isso certamente ele fez. No entanto, também encorajava àqueles que viverão nos verdadeiros «últimos dias», prefigurados pelo reinado de Domiciano. Os capítulos sexto a décimo nono do Apocalipse nos fornecem as predições acerca do «tempo do fim».

4. Ao expor a doutrina do segundo advento de Cristo (ver o décimo nono capítulo do Apocalipse), o autor sagrado mostrou, à vitória inteira, como é inevitável a vitória final de Deus e do seu Cristo. Pensava ele que veria pessoalmente a essa vitória, ainda em seu corpo mortal. Não sucedeu assim; mas isso não significa que sua doutrina não fosse veraz. Nós mesmos cremos, com base em predições contemporâneas, da parte dos místicos, que todos os eventos descritos no livro do Apocalipse ocorrerão até o ano de 2037, e que nossa época é, realmente, o «fim dos tempos». (Ver o artigo intitulado, *Tradição Profética e a Nossa Época*).

5. O autor sagrado fornece-nos uma breve antevisão sobre o estado eterno (ver os capítulos vigésimo a vigésimo segundo do Apocalipse). Essa visão é breve, e certamente não é definitiva. Possuímos informações surpreendentemente escassas sobre a «eternidade». Deus tem tempo suficiente para ensinar essas questões a seu povo. Aquilo que sabemos, entretanto, reveste-se de grande significação. Deus e o bem, finalmente, triunfarão. O julgamento é real; a vida eterna é magnificente em suas bênçãos.

VIII. O Grego do Apocalipse

Aqueles que já leram o livro de Apocalipse em seu original grego conhecem, em primeira mão, seu caráter ímpar, suas peculiaridades, e sua natureza freqüentemente barbárica. Sem dúvida, acima de todos os livros do N.T., demonstra desrespeito às regras da gramática grega. A despeito disso, trata-se de uma composição extremamente eloqüente, o maior de todos os «apocalipses». Consideremos os pontos seguintes:

1. *Gramática do Apocalipse*. Dionísio de Alexandria (265 D.C.), para quem o grego era língua nativa, chamado de «grande bispo de Alexandria» (por Eusébio), e de «mestre da igreja universal» (por Atanásio), o eminente pupilo de Orígenes, observou a má natureza do grego do Apocalipse, além de seus muitos barbarismos e hebraísmos. «Nenhum outro autor do Novo Testamento desrespeita tão freqüentemente os cânones de estilo, gramática e sintaxe. Contudo, em sua maior parte, esse desrespeito tem causado pouca ou nenhuma perda de clareza e inteligibilidade. Tudo isso sugere que o escritor era um cristão judeu, o qual não recebera educação segundo os moldes gregos; entretanto, disso não se deve concluir necessariamente que ele fosse nativo da Palestina, conforme alguns têm sugerido, porquanto os judeus estavam largamente disseminados pelo império (romano), havendo muitos deles na Ásia Menor» (Martin Rist, *Introduction to Revelation*, pág. 358). Isso sugere, entretanto, que o autor sagrado tinha o grego como uma segunda língua, como um idioma adquirido, e não como sua língua nativa. Isso não prova, mas sugere, a *Palestina*, como seu lugar de origem, pois se o autor tivesse sido um judeu da dispersão, certamente teria crescido sabendo o grego (tendo-o aprendido nas escolas e na rua). Nesse caso, ele saberia dominar mais perfeitamente o grego, tal como sucedeu no caso de Paulo, que sabia realmente falar dois ou três idiomas.

O leitor curioso, que souber algum grego, pode perceber alguns dos erros gramaticais do autor sagrado nas seguintes referências (embora essa lista não seja exaustiva): Apo. 1:4,5,10,15; 2:20: 3:12; 4:1,7,8; 5:6,11-13; 7:4; 9:5; 11:4,5; 12:5; 13:14; 14:3; 15:12; 17:16; 19:14,20; 20:2; 21:9. Todos esses exemplos envolvem casos de discordância em caso, gênero e número, no tocante a seus antecedentes, além de discordâncias entre os sujeitos e verbos. A maioria desses casos pode ser explicada pelo fato que o autor sagrado pensava em aramaico mas escrevia em grego; suas concordâncias não eram aquelas comuns ao idioma grego. A coisa mais completa que se tem escrito sobre o problema do grego usado no livro de Apocalipse, pode ser encontrada na introdução ao Apocalipse, no *International Critical Commentary*, de autoria de R.H. Charles. Na sua seção XIII ele apresenta uma «gramática» do grego deste livro, além de uma lista de inúmeros erros e usos duvidosos, a maioria dos quais se devem ao fato que ele pensava em aramaico e escrevia em um idioma que não lhe era nativo. Na seção X dessa citada gramática, ele mosta que, algumas vezes, o grego só pode ser compreendido se for reconstituído o aramaico por detrás do mesmo.

2. *Hebraísmos do Apocalipse.* A introdução citada acima, de autoria de R.H. Charles, fornece dez páginas repletas de hebraísmos. Essas páginas demonstram conclusivamente o quão firmada estava a mente do autor sagrado no idioma e no pensamento aramaicos. O «tipo de grego» assim produzido não é um grego «bíblico», conforme se vê no caso da tradução da Septuaginta (versão grega do original hebraico do A.T.), e, sim, um grego *sui generis*. Dentre os quatrocentos e quatro versículos que há no livro de Apocalipse, o autor sagrado faz alusão ao A.T. em duzentos e setenta e oito deles; mas seu grego não foi tomado por empréstimo da Septuaginta.

3. *Caráter ímpar do Apocalipse.* O Apocalipse, conforme já dissemos, não é um exemplar do «grego bíblico». O autor sagrado parece ter feito suas próprias traduções, quando aludia a trechos do A.T. As similaridades com a versão da Septuaginta se deve, provavelmente, a «empréstimos» ocasionalmente feitos pelo autor. Pensando em aramaico, mas escrevendo em grego, juntamente com seus muitos «solecismos» (Charles apresenta mais de vinte referências que contém «solecismos»), ele produziu um grego «sem-par», que não pode ser comparado ao grego daquele período, mesmo quando sujeito a influências hebraizantes. Ele produziu expressões tipicamente aramaicas com palavras gregas, conforme alguém naturalmente seria levado a fazer, ao lançar mão de um idioma estrangeiro. E é evidente que ele não mandou que a sua obra fosse «revisada» por alguém cujo idioma nativo fosse o grego, embora muitíssimas correções gramaticais possam ser encontradas em manuscritos posteriores do N.T., que a aprimoram. Ao apresentar seu estudo sobre as expressões aramaicas, existentes no livro de Apocalipse, Charles alista nove casos em que ele crê que deu ao texto sagrado um melhor sentido, reconstituindo os «pensamentos aramaicos» do autor sagrado, que escreveu em grego artificial (parte «h» da seção «x» de sua introdução ao Apocalipse).

«Ele (o autor sagrado) nunca dominou idiomaticamente o grego—nem mesmo o grego de seu próprio período. Para ele, um grande número de partículas gregas era desconhecido, e as multiformes sombras de sentido que elas expressam, nas suas diversas combinações, nunca foi entendido, ou então essas partículas foram compreendidas de forma mui parcial. Por outro lado, ele é mais exato no uso de expressões idiomáticas do grego do que o autor do quarto evangelho. Não obstante, suas muitas expressões incomuns e jamais ouvidas, o livro (de Apocalipse) não tem rival em sua própria forma literária, ao mesmo tempo que, na literatura de todos os tempos, conquistou um lugar ao sol». (R.H. Charles, pág. cxliv, *Introduction to Revelation*, The International Critical Commentary).

«Juntamente com Marcos, no nível do 'koiné' não-literário, devemos colocar o último livro do N.T. Já desde os meados do século III, Dionísio de Alexandria (conforme diz Eusébio em sua História Eclesiástica VII.25,26) dizia que o grego do livro de Apocalipse é bárbaro e não-gramatical. Desde os tempos desse pai da igreja, que estava familiarizado com os padrões de um 'bom' grego, todo erudito que tem trabalhado com o texto grego do Apocalipse tem-se admirado com suas freqüentes violações das regras de concordância da gramática e da sintaxe do grego...Outra peculiaridade lingüística é a ocasional desconsideração pelos gêneros (ver o texto grego de Apo. 1:10; 4:1,8; 11:4; 19:20, etc.). Visto que noutras passagens o autor se mostra correto na observação dos gêneros, alguns desses exemplos podem ser justificados como questões de indiferença ou descuido, ao passo que outros são devidos ao fato que ele pensava em um idioma semita, ao mesmo tempo que escrevia em grego.

A despeito da presença de tão ousada desconsideração pelas regras ordinárias da sintaxe grega, ao livro de Apocalipse não falta poder literário. Certas passagens solenes e sonoras, que são dotadas de um ritmo quase poético (ver Apo. 4:11; 5:10; 7:15-17; 11:17,18; 15:3,4; 18:2-8,19-24, etc.), têm um perceptível tom miltônico, que se assemelha à voz de um órgão , o que transparece até mesmo na sua tradução inglesa». (Bruce M. Metzger, *The Language of the New Testament*, artigo introdutório ao Novo Testamento, no *Interpreter's Bible*).

IX. O Texto Grego

A confirmação, por parte de manuscritos antigos, ao texto do livro de Apocalipse, é mais fraca que aquela relativa a qualquer outro livro do N.T. No entanto, essa confirmação ao Apocalipse original é mais forte do que aquela relativa a qualquer obra extrabíblica da antigüidade. Sabe-se bem que o N.T. é o mais bem confirmado documento dos tempos antigos. Há mais de cinco mil manuscritos gregos, mais de dez mil traduções latinas, e numerosas outras traduções e extensas citações feitas pelos primeiros pais da igreja, através das quais quase o N.T. inteiro pode ser reconstituído, e que não pertencem a data posterior ao século III D.C. Outrossim, os manuscritos pertencem a uma data bem mais próxima dos originais do que se dá no caso de qualquer outro documento antigo.

Portanto, apesar de que há muitas variantes e alguns problemas textuais difíceis, a restauração do texto original do livro de Apocalipse tem sido realizada com alto grau de exatidão. Entre os cinco principais manuscritos unciais há mais de mil seiscentos e cinqüenta variantes; e as variantes dos manuscritos cursivos posteriores, naturalmente, são muito mais numerosas do que isso. Contudo, na maioria dos casos, os textos originais podem ser restaurados com alto grau de confiança. Quando Erasmo compilou o Textus Receptus, de onde surgiu o primeiro texto impresso do N.T. grego, e de onde se tem derivado a maioria das primeiras traduções do N.T. para diversos idiomas, ele tinha a sua disposição apenas um manuscrito grego, chamado Codex 1, um minúsculo (ou cursivo) do século XII ou XIII. Esse manuscrito é ao mesmo tempo inexato e defeituoso. Não havia testemunho em favor do trecho de Apo. 22:16-21, e Erasmo foi forçado a suprir esse trecho do latim, que transcreveu para o grego. Edições posteriores do texto grego, como os de Tischendorf, Weiss, Westcott e Hort e o Texto de Nestle, além do N.T. grego das Sociedades Bíblicas Unidas, mostram-se muito mais exatas, baseadas como estão em testemunhos mais antigos.

Os principais testemunhos sobre o texto grego do livro de Apocalipse, de que dispomos em nossos dias, e que servem de fontes para os modernos textos gregos, como os de Nestle e o das Sociedades Bíblicas Unidas, são os seguintes:

P(18), um manuscrito escrito em papiro, datado dos séculos III ou IV D.C., e que contém o trecho de Apo. 1:4-7.

P(47), um manuscrito escrito em papiro, datado do século III D.C., que encerra a passagem de 9:10-17:2.

Aleph, um manuscrito escrito em pergaminho, pertencente ao século IV D.C., intitulado «Sinaítico», que é um dos testemunhos centrais de todo o N.T.

Esse manuscrito pode ter sido um dentre cinqüenta cópias do N.T. que Eusébio produzira, por ordem de Constantino e contém o livro completo do Apocalipse. Infelizmente, o codex Vaticanus (B) não contém o texto sagrado depois da passagem de Heb. 9:14, pelo que não pode dar testemunho sobre o texto do livro de Apocalipse. Quanto a informações gerais sobre esses *manuscritos*, bem como ao estudo geral e à teoria da crítica textual, ver o artigo sobre esse tema.

Codex A. Esse manuscrito é uncial, escrito em pergaminho, e data do século V D.C. É chamado «Alexandrino». Ali o Apocalipse aparece completo. A maioria dos críticos textuais acredita que é o texto mais puro dentre todos os manuscritos do Apocalipse. Porém Aleph, os papiros e C estão em consonância essencial, formando um bloco de manuscritos que confirmam o mesmo texto geral, o mesmo tipo de texto.

Codex C. É chamado «Ephraemi», um manuscrito em pergaminho, pertencente ao século V, defeituoso em muitos lugares; mas foi restaurado em certos trechos, nos quais concorda essencialmente com os papiros, Aleph e A.

0207 é um manuscrito uncial escrito em pergaminho, pertencente ao século IV D.C., que também concorda com os testemunhos acima, pertencente ao mesmo tipo, embora não contenha o livro inteiro do Apocalipse.

Os manuscritos unciais 046 (datado dos séculos VIII ou IX D.C.) e P (datado do século X D.C.), além de grande número de manuscritos minúsculos, derivados de após o séc. IX D.C., representam o texto bizantino ou eclesiástico do livro de Apocalipse, que veio à existência mediante a mescla de vários textos, adições escribais e correções (algumas vezes feitas no mau grego do original). Esse texto mesclado, entretanto, como é óbvio, é inferior ao dos demais papiros e manuscritos unciais. Mas foi esse texto, em sua forma posterior, representada pelo codex 1, que foi usado para a compilação do Textus Receptus de Erasmo.

Variantes Textuais comentadas neste artigo. Abaixo damos os lugares onde figuram as variantes textuais mais importantes do livro de Apocalipse: Apo. 1:5,6,8,11,15, 2:2,10,13,16,20,22,23; 3:2,5,7; 5:1,4,6,9,10,13,14; 6:1-5,7,8,11,12,17; 7:12,17; 8:1, 6-8,13; 9:7,10,12,13,19-21; 10:4,5-7,10; 11:2,3,12, 15,17,19; 12:10,18; 13:1,6,7,15,17,18; 14:3,5,6,8, 13,18-20; 15:2-4,6; 16:1,4,16,18; 18:2,3,7,8,11,13, 14,17,20,22; 19:5-7,11,12,13,17; 20:2,6,9,12; 21:3-6,10; 22:5,11,14,19,21.

X. Visão Geral do Conteúdo: Análise, Conceitos de Arranjo

Análise

1. O livro de Apocalipse começa com uma declaração de sua autoridade divina (o único livro do N.T. que contém tal assertiva), copulada a uma promessa de bênção para aqueles que ouvirem a leitura pública do livro (nas igrejas locais) e para aqueles que o lerem. Essa declaração é, ao mesmo tempo, uma explicação do tema do livro, isto é, Jesus Cristo, o Alfa e o Ômega da existência de todos os seres inteligentes. (Ver Apo. 1:1-3).

2. Isso é seguido pela saudação geral às sete igrejas da Ásia Menor, que seriam as primeiras a receber o livro. O próprio Cristo é visto a saudar à igreja, juntamente com João, além de ser retratado como o Alfa e o Ômega, o verdadeiro objeto de adoração, em contraste com os imperadores romanos, como Domiciano, que requeriam tal adoração dos súditos romanos. Essa saudação promete a *parousia* ou segunda vinda de Cristo, dando a entender a conversão do povo de Israel (Ver Apo. 1:4-8; comparar com Rom. 11:26 e ss).

3. A secão seguinte localiza o lugar onde foi recebida a visão—Patmos, a cinqüenta e seis quilômetros ao largo da costa da Ásia Menor (moderna Turquia), além de descrever o aparecimento e a glória de Cristo, conforme ele se mostrou a João e conforme o Apocalipse teve início. (Ver Apo. 1:18-29).

4. Sete cartas são dirigidas às sete igrejas, que originalmente receberam o livro, cada uma das quais descreve as — condições da igreja — particularmente endereçada, com instruções, advertências e promessas. Essas cartas talvez profetizem sete períodos da história eclesiástica, mas certamente refletem as condições reais da igreja cristã, quando o livro foi escrito. (Ver Apo. 2:1-3:22).

5. A substância geral do livro de Apocalipse, que é a cena nos céus (ver seu quarto capítulo), onde se vê a glória celestial de Cristo, e em cuja mão aparece o rolo selado com sete selos, dá a substância geral das revelações a serem desdobradas nas narrativas subseqüentes. Somente o exaltado Senhor e Cordeiro, que é Cristo, é digno de quebrar os selos e publicar a sua mensagem (ver o quinto capítulo do livro). Cinco selos, que revelam horrendos juízos, são abertos (ver o sexto capítulo do livro).

6. O capítulo sete é um parêntese que explica que todo o grupo dos mártires será selado (talvez *o novo Israel* ou o «antigo Israel fiel ao Senhor»), que literalmente envolve cento e quarenta e quatro mil pessoas, ou um número representado por essa quantidade. Esses mártires são vistos em adoração e serviço celestiais. Serviram bem em sua missão terrena, e agora estão exaltados. O selo de Deus garante tanto seu martírio bem-sucedido como sua salvação e sua subseqüente glória divina. Eles «pertencem» a Deus por causa dessas coisas, e foram «selados» por causa das mesmas. O nono versículo mostra que o período de tribulação também será um período de grande número de salvações, porquanto muitíssimas pessoas encontrarão a Cristo em meio as tribulações.

7. O oitavo capítulo volta a falar sobre o partir dos selos do rolo. Do sétimo selo emerge o julgamento das sete trombetas. No oitavo capítulo são soadas quatro dessas trombetas, e terríveis julgamentos caem sobre a terra. Acerca do «tempo» em que tais julgamentos terão lugar (juntamente com tudo o que é descrito nessa análise), ver as várias formas de interpretação, na seção XII do presente artigo. O oitavo capítulo encerra o julgamento das quatro primeiras trombetas.

8. O nono capítulo encerra os julgamentos da quinta e da sexta trombetas, por causa dos quais é destruído um terço da população da terra.

9. O autor interrompe sua descrição dos horrores o bastante para descrever o julgamento iminente, pior do que tudo quanto até então vinha sendo descrito, mediante o símbolo do «livrinho» ou «rolo», que é um escrito profético de total condenação para os ímpios. Era «doce» em sua boca, quando o «*comia*», porque os poderes malignos haveriam de ser transformados, o que será benéfico para toda a criação. Mas era *amargo* em seu estômago, porque falava de terrores que serão sofridos pelos homens (ver o décimo capítulo).

10. O décimo primeiro capítulo também é parentético. Descreve as duas testemunhas que atuarão durante a tribulação. Talvez simbolizem

alguma coisa, ou podem ser pessoas literais, como «Enoque e Elias», *Elias e Moisés*, etc. As duas testemunhas darão seu testemunho durante mil duzentos e sessenta dias, serão mortas e ressuscitarão. Esse incidente visa demonstrar que aqueles a quem Satanás mata, por terem sido fiéis a Cristo, deverão viver em triunfo. E isso é verdade se nos referimos às perseguições do tempo de Nero e Domiciano ou aos horrores da vindoura tribulação, ao fim da era presente, imediatamente antes da segunda vinda de Cristo.

11. O trecho de Apo. 11:15-19 encerra o soar da sétima trombeta, do que resultarão os juízos finais das taças de ira, com suas sete condenações ou «ais».

12. Os capítulos doze e treze descrevem sete personagens de grande importância para os futuros acontecimentos, descritos no Apocalipse. Esses personagens são: Israel (a mulher); Satanás (o destruidor); Cristo (o filho de Israel); o arcanjo Miguel e sua luta nos céus, em favor do bem, o que provocará a queda de Satanás e seus poderes angelicais; a descendência de Israel, o remanescente judaico, que, figuradamente, talvez também inclua o *novo Israel*; e a «besta que saiu do mar» e a «besta que saiu da terra», ou seja, o anticristo e seu falso profeta, já no décimo terceiro capítulo. É interessante que profecias místicas confirmam que esses dois personagens já estão vivos. De acordo com essas mesmas previsões, veremos o início de sua manifestação por volta do ano de 1993. (Ver o artigo sobre o *Anticristo*).

13. O capítulo catorze encerra um outro parêntese. Contrasta os adoradores da besta; o anticristo, com os discípulos fiéis de Cristo, o Cordeiro.— Em vez de adorarem ao imperador (Domiciano) e, profeticamente, ao anticristo, eles adoram ao Filho de Deus. Esses, embora tenham morte terrível, serão abençoados com a vida eterna, em contraste com os adoradores do anticristo, que aguardam a segunda morte. Antes disso, terão de sofrer os terrores do Armagedom.

14. O décimo quinto capítulo introduz os juízos das sete taças, com uma cena celeste que preparará o caminho para tais julgamentos. Nos céus são vistos aqueles que triunfaram sobre a besta, sobre sua marca, seu número e seu aterrorizante reinado, porquanto entraram no descanso, na presença de seu Senhor.

15. O décimo sexto capítulo descreve os juízos das sete taças, bem como uma nova série indizivelmente severa de julgamentos, que sobrevirão ao mundo, em prodigiosa demonstração da ira de Deus.

16. Das sete taças emergiram as sete «condenações». A primeira, que é a da Babilônia (Roma), mas que profetiza a esfera de governo do anticristo, ocupa os capítulos dezessete e dezoito.

17. Antes do reinício das «condenações», o décimo nono capítulo descreve as quatro «aleluias» dos santos glorificados. E isso é seguido por uma visão do hino do casamento do Cordeiro e sua noiva (a igreja). Poderíamos arranjar o trecho de Apo. 17:1-19:10 em «sete visões», todas as quais envolvem «Roma», a saber: 1. a prostituta; 2. interpretação da prostituta e da fera (ou besta); 3. proclamação angelical sobre a queda de Roma; 4. exultação dos santos e lamento dos povos em face da queda de Roma; 5. lamentação final sobre a cidade; 6. as «aleluias» dos santos; 7. hino matrimonial.

18. Seguem-se sete visões sobre o fim do governo e da era de Satanás, a saber: 1. A «parousia» ou segundo advento de Cristo, a fim de julgar: o Cristo conquistador (ver Apo. 19:11-16). 2. Visão da vitória de Cristo sobre o anticristo (ver Apo. 19:17-21). 3. Visão da prisão de Satanás por mil anos (ver Apo. 20:1-3). 4. Visão do reino milenar de Cristo (ver Apo. 20:4-6). 5. Visão de Gogue e Magogue derrotados e lançados no lago de fogo, juntamente com Satanás, o que assinalará o fim de sua era e governo (ver Apo. 20:7-10). 6. Desaparecimento dos céus e da terra; o grande julgamento (ver Apo. 20:11-15). 7. Visão da nova criação e da era eterna de Deus (ver Apo. 21:1-8). Nessas visões temos a continuação das «condenações». A primeira é a destruição da Babilônia (capítulos dezessete e dezoito); a segunda é a condenação da besta; a terceira é a de seu falso profeta; a quarta é a dos reis ou apoiadores do anticristo; a quinta é a de Gogue e Magogue; a sexta é a do próprio Satanás; a sétima é a dos incrédulos aliados de Satanás e do anticristo.

19. Finalmente, chegamos à criação de novos céus e nova terra, a Jerusalém celestial, a capital da glória eterna (capítulos vinte e um e vinte e dois).

20. *Epílogo*. (Ver Apo. 22:6-21). Temos aqui a última mensagem do N.T. Cristo voltará em breve. Ele é o Alfa e o Ômega. Chamada ao arrependimento; advertência contra os abusos contra esta profecia.

Conceitos de arranjo.

1. Há o conceito *telescópico*, com certa sucessão de acontecimentos:

Essa idéia encara o Apocalipse como uma crônica ordenada dos acontecimentos, com alguns poucos parênteses. Assim, ao passarmos de um capítulo para outro, supostamente avançamos para novos acontecimentos e assim passamos por uma série deles.

Telescópio da Era da Igreja

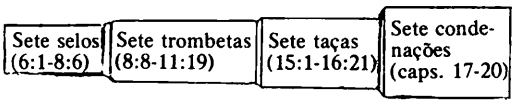
A era da igreja é:

«as cousas... que são» (Que retrata a época do autor sagrado). Contudo, trata-se de profecias simbólicas de coisas que «serão». Essas «coisas que são» foram precedidas pelas «coisas que eram», isto é, aquilo que João «vira», a visão inicial (ver Apo. 1:1-20). Após as cartas para a era da igreja aparecem as *«cousas... que hão de acontecer depois destas»*, ou seja, aquilo que deverá transpirar imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Portanto, temos em Apo. 1:20 um esboço bem simples do livro: coisas que foram, coisas que são e coisas que hão de acontecer. No primeiro capítulo temos o passado; nos capítulos segundo e terceiro temos o presente; nos capítulos quarto a vigésimo segundo temos o futuro, os últimos dias.

TELESCÓPIO DA ERA DA IGREJA

Éfeso, era apostólica	Esmirna, era de perseguições —até 316	Pérgamo, era de favor imperial —317-500	Tiatira, era negra —500-1500	Sardes, tempo da Reforma —1500-1700	Filadélfia, era das missões modernas —1700-1900	Laodicéia, era da igreja apóstata —1900 -

As «coisas que hão de acontecer». Esses são os «últimos dias», imediatamente antes da vinda de Cristo. Os grandes juízos do período de tribulação (ou então, conforme alguns—estão incluídos vários períodos históricos).



2. *Conceito das profecias: os «duplos»*

Ao interpretar o livro de Apocalipse, alguns não crêem que esteja em foco uma contínua «sucessão» de eventos (de mistura com alguns poucos parênteses). Utilizando-se do texto de Gên. 41:14 ss como chave, pensam que há apresentações paralelas dos mesmos julgamentos, e não julgamentos sucessivos. É verdade que naquele capítulo do livro de Gênesis as sete «vacas gordas» são idênticas às sete «espigas cheias» e que as sete «vacas magras» são idênticas às sete «espigas mirradas». As vacas gordas e as espigas cheias profetizavam sobre sete anos de abundância; e as sete vacas magras e as espigas mirradas profetizavam sobre sete anos de escassez.

Aplicando-se essa *chave* ao livro de Apocalipse, teríamos o seguinte arranjo: Os sete selos e as sete trombetas seriam espiritualmente paralelos; e os sete anjos e as sete taças seriam espiritualmente paralelos. Os selos e trombetas seriam uma «visão celeste» dos mesmos acontecimentos focalizados na terra pelos anjos e taças. Nesse caso, somente sete elementos distintos seriam encontrados no livro de Apocalipse, no tocante aos juízos, e não uma série de quatro conjuntos distintos de julgamentos. Alguns encaram esses sete elementos distintos como sete épocas da história do mundo (interpretação histórica), ao passo que outros vêem sete acontecimentos ou estágios distintos acerca dos «últimos dias», o período da tribulação. Seja como for, encontramos apenas uma série de sete elementos, e não quatro séries. Mas essa série é descrita de vários modos, sob diferentes pontos de vista, seguindo a orientação do quadragésimo primeiro capítulo do livro de Gênesis, que faz a mesma coisa, com diversos simbolismos. Já que as sete trombetas constituem o sétimo selo, então treze acontecimentos gerais são descritos no livro de Apocalipse, a saber: seis selos e sete trombetas (que enfeixariam, estas últimas, o último selo). O «sétimo acontecimento» consistiria de «sete acontecimentos». Isso poderia ser uma verdade se aplicássemos os mesmos a períodos históricos antes da segunda vinda de Cristo, ou a elementos da tribulação. Assim também o povo de Israel rodeou a cidade de Jericó por treze vezes. Nos primeiros seis dias eles a rodearam apenas uma vez cada dia; mas, no sétimo dia, rodearam-na por sete vezes. Seis mais sete é igual a treze. Isso derrubou as muralhas de Jericó, com a conseqüente derrota de seus habitantes. Os treze acontecimentos retratados no livro de Apocalipse, pois, porão fim ao governo de Satanás, estabelecendo o reino de Deus, como também o reinado universal de Cristo.

OS PARALELOS:

I. *Os selos e anjos* (os selos indicam o ponto de vista celeste; os anjos indicam o ponto de vista terreno dos mesmos acontecimentos).

1. Apo. 6:2	14:6,7
2. 6:3-5	14:8
3. 6:5-6	14:9-11
4. 6:7-8	14:12-13
5. 6:9-11	14:17-20
6. 6:12-7:17	14:17-20
7: 8:1-6	15:1-16:1

II. *As trombetas e as taças* (as trombetas indicam o ponto de vista celeste; as taças indicam o ponto de vista terreno dos mesmos acontecimentos).

1. Apo. 8:7	16:2
2. 8:8-9	16:3
3. 8:10-11	16:4-7
4. 8:12-13	16:8-9
5. 9:1-12	16:10-11
6. 9:13-21	16:12-14
7. 10:7; — (11-15-19)	15:17-21

Assim sendo, teríamos o seguinte: Os selos e os anjos descrevem os mesmos acontecimentos, embora de pontos de vista diferentes; o sétimo selo se constitui das sete trombetas; as sete trombetas e os sete selos descrevem os mesmos acontecimentos de acordo com diferentes pontos de vista.

3. *A teoria sincronológica*. Essa teoria também apresenta apenas sete elementos ou acontecimentos gerais, que seriam eras ou épocas. As várias séries de «setes», como os selos, as trombetas, as taças, os anjos, seriam totalmente paralelas. Cada série de «sete» descreveria os mesmos acontecimentos, eras ou sucessões de eventos, mas de acordo com diferentes pontos de vista. Cada série de «sete» cobriria o mesmo período de tempo, estendendo-se até o fim de todas as coisas.

4. Falta de qualquer arranjo de acontecimentos ou de distinção de eras. Se o livro de Apocalipse tiver de ser interpretado apenas simbólica ou misticamente, então não faz sentido falar de «eras» de «acontecimentos sucessivos» ou de qualquer arranjo de tempo.

XI. Esboço do Conteúdo

I. Introdução (1:1-3)
II. Saudação (1:4-8)
III. Origem do Apoc. (1:9-20: coisas que foram)
IV. Cartas às Sete Igrejas (caps 2-3: coisas que são)
  1. Éfeso (2:1-7)
  2. Esmirna (2:8-11)
  3. Pérgamo (2:12-17)
  4. Tiatira (2:18-29)
  5. Sardes (3:1-6)
  6. Filadélfia (3:7-13)
  7. Laodicéia (3:14-22)
V. Visão introdutória dos selos (4:1-22:21: coisas que hão de acontecer)
  1. Visão do trono de Deus (4:1-11)
  2. Visão do livro do Cordeiro (5:1-14)
VI. Visão dos Sete Selos (6:1-8:6)
  1. Primeiro: o cavalo branco (6:1,2)
  2. Segundo: o cavalo vermelho (6:3,4)
  3. Terceiro: o cavalo preto (6:5,6)
  4. Quarto: o cavalo amarelo (6:7,8)
  5. Quinto: lamento dos mártires (6:9-11)
  6. Sexto: tremendos juízos (6:12-17)
  7. Parênteses (7:1-17)
    a. selagem dos mártires (7:1-8)
    b. os mártires glorificados (7:9-17)
  8. Sétimo: surgimento das sete trombetas (8:1-6)
VII. Julgamentos das Sete Trombetas (8:7-11:19)
  1. Primeira: saraiva e fogo (8:7)
  2. Segunda: montanha em fogo (8:8,9)
  3. Terceira: a estrela de fogo (8:10,11)

4. Quarta: enegrecem sol, lua e estrelas (8:12)
5. Parênteses: advertência da águia (8:13)
6. Quinta: terríveis gafanhotos (9:1-12)
7. Sexta: os cavaleiros (9:13-21)
8. Parênteses (10:1-11:14)
   a. o rolo doce-amargo (10:1-11)
   b. as duas testemunhas (11:1-14)
9. Sétima: Cristo em breve reinará (11:15-19)

VIII. Visões dos Sete Personagens (12:1-13:18)
1. A mulher (12:1,2)
2. Satanás (12:3,4)
3. A criança (12:5,6)
4. Miguel, o arcanjo (12:7-16)
5. A descendência da mulher (12:17)
6. A besta saída do mar (13:1-10)
7. A besta saída da terra (13:11-18)

IX. Sete visões dos adoradores do Cordeiro e da Besta (14:1-20)
1. Os mártires do cordeiro (14:1-5)
2. Ordem angelical de adoração (14:6,7)
3. Condenação de Babilônia, centro da antiadoração (14:8)
4. Condenação dos adoradores da besta (14:9-12)
5. Bem-aventurança dos mártires (14:13)
6. Armagedom, a colheita (14:14-16)
7. A vinha no lagar de Deus (14:17-20)

X. Julgamentos das Sete Taças (15:1-16:21)
1. Preparativos celestiais (cap. 15)
2. Primeira taça: praga das feridas (16:1,2)
3. Segunda taça: mar transformado em sangue (16:3)
4. Terceira taça: rios e fontes transformados em sangue (16:4-7)
5. Quarta taça: calor escaldante (16:8,9)
6. Quinta taça: trevas (16:10,11)
7. Sexta taça: preparação para o Armagedom (16:12-16)
8. Sétima taça: juízo proferido contra Babilônia (16:17-21)

XI. Sete Visões da Queda de Babilônia (17:1-19:10)
1. Babilônia, a prostituta (17:1-6a)
2. Natureza da prostituta e da besta (17:6b-18)
3. Condenação proferida (18:1-3)
4. Grande lamento pela queda de Babilônia (18:4-20)
5. Lamento final sobre a cidade (18:21-24)
6. Hino de louvor a Deus, por ter sido destruída Babilônia (19:1-5)
7. Anúncio do casamento do Cordeiro (19:6-10)

XII. Sete Visões da Queda de Satanás e o Fim de seu Reinado (19:11-21:8)
1. Cristo vencerá: a *parousia* marca o juízo de Satanás (19:11-16)
2. Cristo virá e esmagará o anticristo (19:17-21)
3. Satanás é amarrado por mil anos (20:1-3)
4. O milênio (20:4-6)
5. Revolta de Gogue e Magogue (20:7-10)
6. Desaparecimento dos céus e da terra — juízo final (20:11-15)
7. A nova criação e a era eterna (21:1-8)

XIII. Jerusalém Celestial, Capital da Nova Criação (21:9-22:5)
1. Seu aparecimento (21:9-14)
2. Suas medidas (21:15-17)
3. Sua composição (21:18-21)
4. Sua glória (21:22-27)
5. O novo jardim do Êden (22:1-5)

XIV. Epílogo: Cristo voltará em breve. Preparai-vos (22:6-21)

XII. Conceitos e Métodos de Interpretação

O livro de Apocalipse tem sido estudado segundo muitos conceitos e métodos de interpretação diferentes. Abaixo mostramos os principais dentre esses:

1. *O ponto de vista preterista*. Esse ponto de vista dá a entender que todas as ocorrências aludidas no livro de Apocalipse tiveram lugar no império romano, no primeiro século de nossa era, embora talvez haja acontecimentos referentes ao segundo século. Os eruditos liberais normalmente tomam esse ponto de vista em geral, porquanto supõem que o livro não pode ser uma profecia genuína, mas tão-somente um escrito simbólico e uma avaliação mística dos acontecimentos daquela porção do mundo para onde o livro foi originalmente enviado. Alguns estudiosos católicos romanos também favorecem esse ponto de vista, talvez porque impossibilita a interpretação protestante, que faz do papa o anticristo, além de negar a idéia de que a Igreja Católica Romana seja representada por Babilônia. Esse ponto de vista, apesar de preservar sem dúvida alguma verdade, pois certamente o livro reflete alguns acontecimentos «contemporâneos», no entanto não leva em conta que se trata de uma «profecia», e que esta contempla o tempo futuro da segunda vinda de Cristo, sem importar se isso ocorreria imediatamente ou não, e sem importar nossa idéia sobre o seu cumprimento dentro do tempo.

2. *O ponto de vista histórico*. Os intérpretes que assumem essa posição procuram encaixar todos os acontecimentos previstos no Apocalipse em várias épocas da história humana. A série de «sete» (selos, trombetas, taças e anjos) supostamente representaria sucessivos estágios da história da humanidade, até à volta de Cristo, o que dará fim ao presente ciclo geral. Naturalmente, os que assim pensam não têm podido concordar entre si sobre quais visões representam estes ou aqueles acontecimentos históricos, e muitas identificações fantásticas, de homens e eventos, no tocante às predições, têm aparecido na literatura que defende esse ponto de vista. O ponto de vista puramente histórico do livro de Apocalipse deixa-o uma obra essencialmente fechada e misteriosa.

3. *O ponto de vista futurista*. Há os «futuristas extremos», que pensam que o livro inteiro é preditivo, incluindo os capítulos dois e três (as cartas às sete igrejas), que representariam sucessivos estágios da história eclesiástica, até à vinda de Cristo. Mas há os «futuristas moderados», que admitem que os capítulos dois e três referem-se ao passado (ou ao presente); mas que a começar no quarto capítulo temos o futuro, o que deverá ocorrer imediatamente antes do segundo advento de Cristo. Isso faz este livro ser, essencialmente, uma profecia, levando em conta, a sério, as declarações de Apo. 1:19 e 4:1. A principal objeção contra esse ponto de vista é que remove do livro qualquer contexto histórico. Mas isso é respondido pela observação que apesar de refletir o tempo e os acontecimentos contemporâneos, em um sentido secundário, a verdade é que, em sentido «primário», o livro reflete os «últimos dias». Portanto, este livro tanto é orientado historicamente como é escatologicamente importante; mas a ênfase recai sobre este

último fator. Os futuristas que falam desse modo tornam-se um tanto «ecléticos» em seus pontos de vista, mas sua ênfase recai sobre o futuro, e não sobre o passado. Os liberais, a quem falta a fé na possibilidade de um livro como o de Apocalipse ser uma profecia genuína, ou que duvidam que tal profecia possa abarcar tão grande expansão de tempo, fazem objeção ao ponto de vista futurista.

O presente artigo assume, essencialmente, o ponto de vista futurista, ao asseverar que esse livro, tal como alguns livros do V.T. é essencialmente uma profecia, e, de fato, o único livro totalmente profético do N.T. Certamente o N.T. *deve* contar com *um livro* assim, que vise dirigir, orientar e consolar aos crentes (e ao povo de Israel), quando se encontrarem em meio aos horrendos acontecimentos descritos nesse livro. Esse é o livro neotestamentário que veio à existência com esse propósito, a fim de informar-nos, com detalhes, como Cristo tomará as rédeas do governo deste mundo, como as forças do mal serão derrotadas, e como o estado eterno substituirá, por fim, os ciclos terrestres. O autor desta enciclopédia, outrossim, crê que profetas e místicos contemporâneos têm pronunciado e estão proferindo predições que são paralelas às do livro de Apocalipse. Ao compararmos essas predições, vemos que a maior parte do livro de Apocalipse pode ser focalizada no futuro, nos «últimos dias», o tempo imediatamente antes do longamente previsto segundo advento de Cristo. O livro de Apocalipse, pois, tornar-se-á progressivamente melhor compreendido quando mais próximo estiverem os eventos preditos. Os acontecimentos de maior vulto (como também os secundários) lançam suas sombras antes mesmo de chegarem em cena. Ora, as sombras daqueles horrendos acontecimentos preditos no livro de Apocalipse, já estão entre nós; e este artigo defende a «especulação» que certamente, antes de 2035, terão lugar os acontecimentos preditos no Apocalipse. O leitor deveria consultar o artigo intitulado *«Tradição Profética e a Nossa Época»*. Se porventura o leitor considerar extravagantes esses pontos de vista, então que o futuro imediato os confirme ou condene. Que o leitor leia para considerar e não para condenar.

4. *A interpretação simbólica ou mística.* Alguns eruditos crêem que o livro de Apocalipse não é essencialmente profético e nem histórico, mas é uma vívida coletânea de símbolos místicos, que visam ensinar lições espirituais e morais. Isso significa que não esperamos qualquer *cronologia* de acontecimentos passados ou futuros nesse livro. Tais acontecimentos seriam puramente espirituais, podendo «acontecer» em qualquer período histórico. Naturalmente, muito há no livro de Apocalipse que pode ser visto como «misticamente instrutivo»; mas isso não pode explicar sua mensagem geral. Ele assevera ser uma profecia, e certamente assim sucede.

5. *O ponto de vista eclético.* Alguns intérpretes «misturam» todas as idéias expostas acima, de modo que nenhuma domine — as demais. Não há dúvida que devemos preservar «alguns elementos» de cada um desses pontos de vista sobre o livro de Apocalipse, em um grau ou outro. Os eventos que já sucederam, e que eram contemporâneos aos dias do autor sagrado, estão em vista, embora talvez não estejam primariamente em foco (dentro do intuito do Espírito Santo, à parte do intuito do próprio autor sagrado). Porções do Apocalipse podem subentender ou descrever partes da sucessão de eventos da história humana (como é o caso das cartas às igrejas, nos capítulos segundo e terceiro), e muitos outros acontecimentos históricos refletem, pelo menos em parte, as descrições feitas. O livro ensina-nos lições morais e místicas, aplicáveis a qualquer época. Contudo, certamente erraremos se não contemplarmos o livro de Apocalipse como obra «essencialmente» profética, e de primeira ordem. Dentre todas as gerações, a nossa e mais uma ou duas, são as que precisam mais desesperadamente da mensagem deste livro. A igreja cristã deve compreender que nos aproximamos do mais aterrorizante tempo de purificação. A igreja presente é incapaz de «voar» ou «subir». Os eventos preditos neste livro prepararão a igreja para ir ao encontro de Cristo e de Deus.

XIII. Bibliografia
(AM DE EN FA I IB LAN NTI RO SE TI UN Z)

APOCALIPSE DE DOSITEU

Esse é um documento gnóstico existente na biblioteca Nag Hammadi. (Ver o artigo sobre os livros apócrifos do Novo Testamento). Essa obra ainda não foi publicada. Constitui os últimos cinco documentos do codex VII, págs. 118:10 - 127:27. No título há referências a três *stelae* (colunas ou tabelas) de Sete, e que Doresse vincula a uma alusão em uma outra obra, o *Apocalipse de Zostriano*. Essas *stelae* são hinos, cada qual com cerca de três páginas. Nas pseudo-clementinas figura um certo Dositeu, referido como rival de Simão Mago; mas não parece haver boas razões para ligarmos esses homens como se fossem um só. Podemos encontrar detalhes sobre a questão na obra de Doresse, *Secret Books of the Egyptian Gnostics*, Londres, 1960, págs. 188 ss). (Z)

APOCALIPSE DE ELIAS

Há três obras pseudepígrafas com esse título:

1. A obra mais antiga desse grupo é um livro conhecido somente em forma fragmentar, no copta, além de algumas poucas referências obscuras feitas por Orígenes (ver artigo), em cerca de 185-284 D.C. Diz-nos Orígenes que a bela passagem de I Coríntios 2:9: «Nem olhos viram, nem ouvidos ouviram, nem jamais penetrou em coração humano o que Deus tem preparado para aqueles que o amam», na verdade foi extraída desse antigo Apocalipse. E autoridades posteriores têm concordado com essa avaliação.

2. Um escrito pós-cristão, de cerca de 260 D.C., produzido na época em que Sapor I, rei da Pérsia, capturou o imperador romano Valeriano. Essa obra fala sobre a derrota do tirano de Palmira, Odenato, arquiinimigo dos judeus.

3. Uma terceira obra desse nome é a história do rabino Josué Ben Levi, um mestre em Lida (Lode), que viveu no século III D.C. Nessa história, somos informados de que o idoso rabino viu em visão o panorama do céu e do inferno, acompanhado por seu amigo, Elias. (J JAM JE Z)

APOCALIPSE DE PAULO Ver **Paulo, Apocalipse de**

APOCALIPSE DE TIAGO

Há dois documentos antigos que receberam esse título. Estão contidos no codex V da Biblioteca Nag Hammadi. Quanto a informações sobre os manuscritos de Nag Hammadi, ver o artigo sobre o *gnosticismo*. O livro Apócrifo de Tiago, no codex Jung, é uma obra distinta. Consideremos os pontos abaixo:

1. A primeira obra desse nome é uma espécie de diálogo entre Tiago e Jesus, cuja primeira parte ocorre antes da crucificação, e cuja segunda parte ocorre após a ressurreição. Vários princípios morais •

espirituais, bem como doutrinas místicas, são ali expostas.

2. A segunda dessas obras é uma espécie de discurso formal feito por Tiago, antes de seu martírio, no qual ele discursa sobre uma aparição de Jesus e sobre a revelação transmitida a ele por meio dessa aparição. Ambas essas obras são de natureza gnóstica, e a importância principal das mesmas é a ajuda que nos prestam para conferir-nos entendimento sobre como se relacionavam entre si o cristianismo e o gnosticismo. Isso é especialmente verdadeiro no tocante à importante posição que os cristãos judeus davam a Tiago. (J Z)

APOCALÍPTICOS, Livros (Literatura Apocalíptica)

O Termo

O vocábulo grego *apokaluptein* significa «descobrir», «desvendar». Um tipo de pensamento que floresceu no judaísmo posterior e no cristianismo antigo foi designado por esse nome (165 A.C. - 120 D.C.). Os livros apocalípticos foram escritos a fim de descrever eventos futuros preditos, que poriam fim ao domínio do mal no mundo, de maneira extremamente abrupta. Alguns deles descrevem esse fim como absoluto, com o holocausto de tudo, com a completa destruição do mundo; mas outros falam em uma grande purificação, por meio do fogo. Os justos haveriam de levantar-se para viver em um mundo renovado, em uma era áurea.

Propósito. O propósito psicológico dessas obras era de ajudar os judeus (e também os cristãos) a resistirem a tiranos terrenos e a nações abusivas, já que assim era oferecida uma solução rápida para momentosos problemas, mediante a intervenção divina. Julgava-se que os poderes políticos, como em Roma, além de outros estados estrangeiros, eram controlados por forças demoníacas — o que explicaria a malignidade dos mesmos. Mas Deus haveria de prevalecer, finalmente. Os livros apocalípticos caracteristicamente encaravam o fim como próximo, porquanto o espírito humano se impacientava debaixo das perseguições. Esses livros ofereciam «um salto» por cima das condições organizadas atuais. Tal salto dar-se-ia rápida e prontamente, e a glória da vitória sobre as forças malignas não tardaria a estabelecer-se.

I. O que é um Apocalipse?

Toda a literatura apocalíptica é escatológica. Em outras palavras, aborda a questão dos «tempos do fim», o término do mundo segundo o conhecemos, o começo de um novo ciclo, ou em alguns casos, o estado eterno. Nem toda a literatura escatológica, porém, é apocalíptica. Pode-se falar, por exemplo, sobre a *alma* e seu destino, e isso nos levaria a tratar de certo aspecto do ensinamento escatológico normal, mas, ao mesmo tempo, nada de distintamente apocalíptico estará sendo envolvido nesse ensino. Os escritos que têm chegado até nós, que são chamados «apocalípticos», possuem características distintivas, o que é salientado na discussão que se segue. De modo bem geral, pode-se afirmar que essa forma literária trata da escatologia, pois visa dizer-nos as condições que haverá nos últimos tempos, nos tempos futuros remotos, mas sua apresentação fala daqueles acontecimentos futuros que terão lugar durante dias angustiosos, em que uma antiga era passará em meio a tempestades e agonias, iniciando-se uma era inteiramente nova, através das mais severas dores de parto. Mas isso não é uma característica normal e necessária dos escritos escatológicos.

No que concerne à atividade literária judaico-cristã, pode-se identificar o período dos escritos apocalípticos entre 165 A.C. e 120 D.C. Essa literatura antecipa o fim de um ciclo histórico, a saber, o ciclo judaico, o que se daria em meio a dores severas, antes do nascimento da era cristã. Os «apocalipses» cristãos refletem o desapontamento dos discípulos de Cristo por não se ter materializado o Reino de Deus em sua própria época. E esse desapontamento foi apenas natural, e se pensou que os acontecimentos que sempre foram tomados como necessários na inauguração do reino deveriam ser transferidos para outra época, o tempo da «volta» de Jesus Cristo, não mais sendo atribuídos ao seu «primeiro advento». Isso preencheu um vácuo psicológico, pois manteve os homens na «esperança» no estabelecimento do reino. No entanto, não há razão para crermos, meramente porque esse tipo de literatura cumpre uma necessidade psicológica, que as profecias contidas em nossos apocalipses bíblicos (os livros de Daniel e de Apocalipse) não sejam válidas.

Os apocalipses judaicos foram escritos na época de Antíoco Epifânio e posteriormente, acompanhando as perseguições que houve naquele período histórico. Essa literatura apocalíptica teve a finalidade de dar aos homens a «esperança quanto ao futuro», estando eles a passar por um presente dificílimo. Essa esperança contemplava particularmente o livramento através do vindouro Messias, bem como através do estabelecimento de seu reino. Pode-se ver facilmente que, tal como no caso dos apocalipses cristãos, a literatura apocalíptica judaica conservava a necessidade psicológica de «saltar por cima» de um presente difícil, a fim de levar os homens a terem esperança e fé firme de que se cumpriria uma nova era de vitória e realizações espirituais, embora isso não dispensasse grande agonia. Também é verdade que apesar da atividade da literatura apocalíptica nunca se ter tornado uma questão central no judaísmo, e apesar de que a maioria dos rabinos judeus a ignoravam essencialmente, contudo, esses escritos serviram ao seu propósito; e embora nunca tivessem ganho posição canônica, não há razão para supormos que não há ali certo discernimento quanto ao futuro, misticamente intuitivo, apesar de não ser diretamente inspirado pelo Espírito do Senhor.

Em contraste com isso, o espírito apocalíptico dominava a igreja primitiva. O fato de que o reino de Deus não se materializou então deu, aos primeiros discípulos de Cristo, a ardente esperança que a «breve» e mesmo «iminente» segunda volta de Cristo (a «parousia» dos escritos neotestamentários) haveria de desfazer o erro de sua «rejeição», cumprindo todas as expectações da humanidade acerca de uma era melhor. Mas essa era melhor não haverá de iniciar-se senão através da morte agonizante e terrível da antiga era, e a literatura apocalíptica é essencialmente a descrição dessa morte febricitante, com descrições adicionais do glorioso nascimento da nova era, que se seguirá.

A literatura apocalíptica, pois, tem um *propósito presente*. Os fiéis necessitam de força espiritual para passar pelas aflições, desapontamentos e pressões desta era ímpia em que vivemos. Serão mais capazes disso se puderem antever a vitória, a qual, finalmente, reverterá os terrores do momento presente. Os escritos apocalípticos prometem que os adversários de Deus não escaparão ao juízo por causa daquilo que fizeram, por seus feitos ímpios que praticaram. Além disso, promete que aquilo contra o que os perversos têm-se oposto, o governo de Deus sobre a terra, eventualmente se cumprirá, a despeito deles. Outrossim, promete

que até mesmo muitos daqueles que se têm oposto a isso, através dos juízos haverão de reconhecer a mão de Deus na história, acolhendo a seu Cristo como Senhor deles.

II. Características

Há algumas características distintivas da literatura apocalíptica. O termo grego «apokalupto» significa «desvendar», «revelar». O «apokalupsis», pois, é uma «revelação», ou «desvendamento»; é uma «visão profética». Consideremos os pontos seguintes a esse respeito:

1. *Os livros apocalípticos são sempre reveladores.* Há ali atividade mística, revelações, sonhos, visões, viagens celestiais em espírito, tudo o que transcende à era presente, pelos poderes da alma humana, com ou sem a ajuda divina. Cremos que até mesmo os apocalipses não-canônicos envolvem algumas experiências místicas válidas, ou seja, algum discernimento válido quanto às questões espirituais, incluindo revelações sobre as condições futuras. Os dois livros apocalípticos da Bíblia, Daniel e Apocalipse, certamente contêm o esboço dos acontecimentos futuros, a maioria dos quais tem sido confirmada pela atividade profética dos místicos atuais. Em outras palavras, as profecias de nossos dias concordam com as previsões bíblicas, de modo a narrar acontecimentos paralelos. Ver o artigo *Tradição Profética e a Nossa Época,* que apresenta uma discussão geral sobre essa questão.

2. *São imitativos e pseudopreditivos.* Apesar de haver discernimento espiritual quase certamente «válido», porquanto, os poderes de pré-conhecimento dos homens funcionam quase sempre, com resultados que podem ser medidos, esses livros apocalípticos tendem por ser imitativos. O livro de Daniel servia de arquétipo original. Nesses escritos há «invenções» que não refletem qualquer atividade mística genuína, pois as «profecias de condenação», com subidas aos céus e descidas ao inferno, se tornaram artifícios literários, que visavam ensinar verdades espirituais, apresentando advertências e encorajamentos necessários. Portanto, apesar de algumas previsões válidas estarem contidas nos apocalipses, não-canônicos, — mais freqüentemente do que não, as profecias são pseudopreditivas; e essas previsões tornam-se «meios» de ensino— em vez de serem tentativas sérias de predizer o futuro.

3. *Empregam verdades místicas e simbólicas,* em vez de verdades físicas e literais. A fé religiosa pode ser ensinada com habilidade sem base nos acontecimentos históricos reais, ou passados ou em antecipação ao futuro. O meio de transmitir a verdade, dentro do misticismo, é o símbolo. Um símbolo pode ser válido, sem importar que por detrás dele tenha ou não algum acontecimento físico e literal. As parábolas de Jesus (pelo menos algumas delas) não tinham o intuito de relacionarem-se com qualquer acontecimento real; antes, eram «boas narrativas» sobre as verdades eternas, que eram assim vividamente ilustradas. Assim sendo, um profeta podia falar sobre a descida ao inferno por parte de Enoque, e assim ensinar uma verdade acerca do estado das almas perdidas, sem isso significar que Enoque tenha, realmente, feito tal viagem. Até mesmo nos apocalipses canônicos, as «visões» com freqüência não apresentam objetos «reais» ou «físicos». Tomemos, por exemplo, o caso da imagem com os dez dedos formados de ferro e barro. Isso simboliza os reinos e federações do mundo, embora não seja uma verdade literal. Algumas obras apocalípticas chegam a extremos bizarros ao pintarem condições e expectações espirituais. Alguns dos intérpretes mais inclinados pela interpretação literal do Apocalipse do João procuram tornar literais esses simbolismos. Assim, os «gafanhotos» e «escorpiões», que são animais simbólicos do nono capítulo do livro de Apocalipse, seriam insetos literais que atacam os homens como praga. Porém, não são esses mais literais do que os «cavaleiros» do sexto capítulo do mesmo livro. Todas essas coisas simbolizam os terríveis julgamentos e as condições imediatamente antes da «parousia» ou segundo advento de Cristo. A tentativa de emprestar um caráter literal a esses símbolos redunda em fracasso, além de impedir o entendimento da própria natureza mística dessas visões. Até mesmo os sonhos ordinários nos falam por meio de «símbolos». Por exemplo, uma «criança» simboliza o trabalho realizado por algum obreiro do evangelho, pois esse trabalho, em certo sentido, é sua «criança». A água é símbolo da «fonte da vida»; sonhar sobre a «morte» indica o «fim» de algum aspecto da vida de uma pessoa, ou alguma mudança drástica, muito mais do que o falecimento — literal da mesma. Naturalmente, visões e sonhos algumas vezes falam de acontecimentos literais, mas é um erro interpretar os mesmos literalmente, «todas as vezes que se puder». Essa atitude mais provavelmente nos desviará da verdade, em vez de aproximar-nos da mesma, pois é algo basicamente contraditório à própria natureza do misticismo.

4. *Os livros apocalípticos com freqüência são pseudônimos.* Isso significa que «em honra» a alguma antiga personalidade famosa, um livro foi escrito por outrem, aproveitando-se do prestígio do nome daquela personalidade, a fim de perpetuar sua tradição. Assim é que o livro de Enoque, escrito no segundo século A.C., não foi escrito por Enoque mas em sua memória. Nesse caso, não poderia haver qualquer tentativa séria, da parte do seu autor, de fazer passar seu livro como se realmente tivesse sido escrito por Enoque. É que os antigos não viam nada de errado nesta prática, sem importar o propósito com que isso fosse feito. Entre os livros apócrifos do Antigo e do Novo Testamentos, bem como entre seus livros pseudepígrafes, há mais de cem livros que certamente não foram escritos pelos indivíduos aos quais são atribuídos. Sem importar o que nós, como modernos, possamos pensar da prática, isso em nada altera a atitude dos antigos acerca da mesma. Em nosso N.T., por exemplo, é possível que o livro de Judas seja uma pseudepígrafe. (Quanto a notas sobre isso, ver o artigo sobre o *Apocalipse,* sob o título «*Autoria*»). No entanto, os dois livros apocalípticos bíblicos — Daniel e Apocalipse — não pertencem a essa natureza. Não obstante, o «João» do livro de Apocalipse não é o mesmo apóstolo João, e, sim, o «ancião», ou talvez um bem conhecido «vidente» crente que habitava na Ásia Menor.

5. *Os livros apocalípticos são altamente dualistas.* Em primeiro lugar, retratam a criação como algo envolvido em «uma luta de morte» entre duas forças — uma boa e outra má. Outrossim, essas forças são «cósmicas», e não meramente humanas. A humanidade ver-se-á envolvida no conflito entre Deus e Satanás, entre os anjos e os demônios, entre a razão absoluta e o erro absoluto. Os homens poderão ser vitoriosos ou derrotados, dependendo do lado que tomarem. O pecado, por conseguinte, nunca será questão apenas humana. Trata-se da lealdade ao erro absoluto, da aprovação conferida a Satanás e às suas obras más.

A oposição das duas grandes forças cósmicas naturalmente envolve a oposição entre duas eras distintas. Assim é que a «era presente» é dominada por Satanás, ao passo que a «era vindoura» será

governada por Deus, mediante o seu Messias. A era presente envolve pecado e degradação, com a conseqüente perdição das almas; e a era vindoura envolve o domínio da justiça e do bem-estar espiritual.

Essas forças opostas naturalmente geraram o conceito dos «dois mundos». Há um presente mundo, que é terreno e pervertido. Trata-se de algo físico e temporal, sem quaisquer valores absolutos. Mas também há o «mundo de amanhã», que até mesmo agora existe nas esferas invisíveis da realidade última. Este é um mundo de domínio espiritual, de santidade, de paz e de bem-estar espiritual. O «outro mundo», finalmente, virá a exercer controle sobre este mundo terreno, e esse é um dos aspectos do conflito entre o bem e o mal que atualmente começa a concretizar-se.

Existem, pois, duas «forças cósmicas» que se opõem, duas *eras* contrastantes que se digladiam, dois «mundos» contrastantes que se combatem. Os homens, necessariamente, «tomam partido», tornando-se associados e prestando lealdade a um lado ou outro desses contrastes. As obras apocalípticas, portanto, apresentam aos homens o desafio de escolherem a Deus e ao seu caminho, ao seu mundo, à sua era, rejeitando, ao mesmo tempo, o que Satanás tem a oferecer-lhes.

6. *Os livros apocalípticos são deterministas.* Isso significa que a vitória eventual do mundo vindouro sobre o mundo presente — o triunfo do bem sobre o mal — é algo que foi determinado pela mão de Deus. O triunfo de Deus é inevitável, embora pareça demorar-se por tempo excessivamente longo. Os livros apocalípticos, por conseguinte, expõem uma espécie de filosofia da história. Dizem-nos eles a natureza geral do que sucede e do que deverá acontecer. Apesar de que há caos, devido ao pecado, somos assegurados de que o processo histórico esta do lado do bem e de Deus, e que nada pode alterar isso, pois a vontade de Deus é todo-poderosa. O seu propósito talvez precise de longo tempo para materializar-se, mas tudo está determinado. Há um horário divino predeterminado; e o fim do domínio de Satanás ocorrerá súbita e dramaticamente. A própria história é a crônica da luta entre Deus e Satanás, e como os seres inteligentes serão envolvidos até o fim da mesma. Mas a história, apesar de envolver muitos elementos de sofrimento e caos, finalmente está determinada para que sirva às finalidades divinas.

7. *Os livros apocalípticos, ao mesmo tempo, são altamente pessimistas e otimistas.* Expõem um quadro horrendamente negativo do que haverá de suceder a este mundo, o que envolverá a intensa depravação dos homens. Ao mesmo tempo, porém, uma vez que este mundo seja apropriadamente julgado, deverá vir à existência um novo mundo de resplendente beleza e de incrível progresso. Do lado «pessimista», os livros apocalípticos são «cataclísmicos». Os eventos que porão fim ao presente mundo mau serão radicais, como se fora o decepar de um tumor canceroso. Os acontecimentos que darão início à nova era também serão cataclísmicos. As mudanças se produzem mediante acontecimentos bons ou maus, mas sempre repentinos, e não mediante algum processo gradual. As grandes alterações na história resultam de intervenções divinas.

8. *Os livros apocalípticos são intensamente éticos.* Isso significa que esses livros convocam os homens a abandonar o pecado, o qual necessiarmente produzirá acontecimentos cataclísmicos. Apesar de tudo estar adredemente determinado, nada podendo derrotar facilmente o pecado, Satanás e seu sistema, contudo, serão preservados, entre esses terríveis acontecimentos, os homens que mantiverem confiança em Deus e em seu Messias. Em caso contrário, haverão de participar imediatamente da glória de Deus mediante o martírio; ou então haverão de ser gentilmente conduzidos à sua presença, uma vez que tiverem sofrido como os homens terão de sofrer durante aquelas horas fatais. As advertências ali dadas, pois, visam «*converter*» os homens da maldade e da perversidade, não são meras predições de uma condenação inevitável.

III. Literatura Apocalíptica

Antigo Testamento:

A transição da literatura profética para a apocalíptica ocorreu em vários livros proféticos do Antigo Testamento, conforme se vê em Isa. 24-27; Eze. 38-39; Joel 2-3; Zac. 12-14. O livro de Daniel, produzido durante a crise dos Macabeus, é a obra mais importante dessa classe, pertencente ao Antigo Testamento. II Esdras, entre os livros apócrifos, também é uma obra apocalíptica. Ver o artigo sobre os *Livros Apócrifos*. Vários desses livros contêm porções apocalípticas.

I Enoque. Essa obra era atribuída a Enoque, o qual, após viver trezentos e sessenta e cinco anos, «já não era, porque Deus o tomou para si» (Gên. 5:21-24). Esse livro na verdade é uma série de livros, provenientes dos séculos II e I A.C. Acredita-se que a porção mais antiga seja os caps. 83-90, de natureza totalmente apocalíptica. Consiste em visões dadas em forma de sonhos, sobre o curso inteiro da história, desde o princípio até o presumível fim. Os caps. 1-36 têm sido chamados de *Dante judaico*, visto que descrevem as jornadas de Enoque através do submundo e dos lugares celestiais. A história da descida de Cristo ao hades (I Ped. 3:18 - 4:6) tem um fraseado evidentemente alicerçado em Enoque, mostrando que o autor sagrado tinha conhecimento desse livro, e que aprovava a idéia geral das missões misericordiosas ao hades. Os caps. 37-71 contêm as parábolas ou símiles de Enoque, retratando: 1. O julgamento dos ímpios; 2. a sorte dos incrédulos; 3. a bem-aventurança dos santos. Os caps. 72-82 são descrições astronômicas, e os caps. 91-108 formam uma coletânea de exortações religiosas. Por causa da história do pensamento religioso, ali contida, I Enoque é considerado o mais importante de todos os escritos não-canônicos. Provavelmente havia um original aramaico, o qual foi preservado em uma tradição etíope e em alguns fragmentos gregos.

Assunção de Moisés. Havia um original aramaico, escrito na Palestina durante os dias de Jesus. Supostamente apresenta as instruções finais de Moisés, antes de seu corpo ser assunto ao céu. Expõe um quadro profético da história e do futuro de Israel, começando pelos dias de Moisés e estendendo-se até o estabelecimento do reino de Deus. Aparentemente o autor foi um fariseu que aproveitou o ensejo para protestar contra a secularização do seu grupo. Essa obra atualmente só é conhecida em um fragmento latino, embora haja algumas alusões à mesma no Novo Testamento, em Judas e II Pedro.

II Enoque. Um outro título desse livro é *Livro dos Segredos de Enoque*. Foi originalmente escrito em grego, por um judeu alexandrino, na primeira metade do século I D.C. Sobrevive em uma versão eslavônica, pelo que é conhecido como Enoque Eslavônico. Descreve como o patriarca Enoque subiu aos céus — dez céus, — em vista do que foi capacitado a deixar instruções espirituais aos seus filhos. O livro ensina a preexistência da alma, de acordo com idéias platônicas e neoplatônicas, muito em voga em

Alexandria. Os chamados pais alexandrinos da Igreja, Clemente, Orígenes, e outros, ensinavam essa doutrina. Ver o artigo sobre a *alma*, sob *origens*, quanto as várias idéias concernentes a essa questão.

II Baruque. Originalmente produzido em grego, mas com freqüência chamado Apocalipse Siríaco de Baruque, por ter sido descoberta uma excelente cópia do livro nesse idioma, em 1866. A obra contém pontos de vista conflitantes e variações de estilo, sugerindo que a obra se compõe de vários autores. O presumível autor do livro foi o amanuense de Jeremias; mas, na realidade, foi escrito em cerca de 70 D.C. Descreve o tempo da queda de Jerusalém, em 586 A.C.; mas, na forma em que atualmente o livro existe, a obra só foi terminada quando da queda de Jerusalém em 70 D.C. Trata das misérias e perseguições dos judeus, do pecado original do homem, da justiça divina e da vinda do Messias e Seu reino messiânico. As porções finais do livro parecem ter sido influenciadas pelos escritos de Paulo.

III Baruque. Essa obra também se intitula Apocalipse Grego de Baruque, visto que foi originalmente escrita em grego. Foi escrita no começo do século II D.C. Aparentemente, o autor tinha conhecimento de II Enoque e de II Baruque. Novamente, o alegado autor foi o amanuense de Jeremias, que descreveu a ascensão de Jeremias através de cinco céus. O livro descreve a mediação dos anjos, que expõem os méritos humanos diante do arcanjo Miguel, para sua consideração. São dadas idéias adicionais sobre a queda de Adão. Algumas dessas idéias influenciaram a teologia cristã de data posterior.

Novo Testamento:

Generalizara-se o uso de livros apocalípticos do Antigo Testamento, os quais inspiraram vários autores da era cristã a continuarem essa forma de literatura. No próprio Novo Testamento, diversos trechos podem ser classificados como apocalípticos, como Mar. 13; Mat. 24 e II Tess. 2. Além disso, o Apocalipse de João, livro canônico do Novo Testamento, é a mais completa expressão dessa atividade no Novo Testamento, sendo também o maior de todos os apocalipses. Cita continuamente o Antigo Testamento, e contém muitas passagens que refletem a literatura apocalíptica veterotestamentária, descrita acima. Ver a Introdução ao Apocalipse, no NTI, sob as seções I e IV, — no tocante a uma plena demonstração do fato.

Abaixo damos breves descrições dos livros apocalípticos cristãos não-canônicos. Tal como os do Antigo Testamento, são escritos pseudônimos:

Apocalipse de Pedro. Esse livro contém visões nas quais Cristo mostra ao apóstolo Pedro os justos no céu, e vários níveis de pecadores em lugares de tormento. Foi escrito no começo do século II D.C., em grego, embora seja preservado essencialmente em uma versão etíope.

Testamento de Abraão. O arcanjo mostra a Abraão a dimensão dos mortos. Abraão, comovido pelo que vê, obtém perdão para os ímpios mediante sua oração intercessória, o que é um óbvio reflexo do relato de Gên. 18:22-23. Esse conceito de oportunidade de salvação ou melhoria, além da morte biológica, também aparece em I Ped. 4:6 e é sugerido em Efé. 1:10. Ver os comentários sobre essa doutrina e suas implicações no NTI, em I Ped. 4:6. É obra judaica em sua natureza, tendo sido escrita no século II D.C., ou por um judeu ou por um judeu-cristão. Provavelmente foi escrito em aramaico.

Pastor de Hermas. O livro contém visões sobre a Igreja, numerosas exortações à piedade e parábolas sobre o fim desta dispensação. Esses escritos nos fornecem importante compreensão sobre a Igreja cristã primitiva. Trata-se do mais longo dos escritos incluídos na coletânea dos pais apostólicos. Uma antiga tradição informa-nos que foi escrito em cerca de 140 D.C.; mas alguns lhe dão uma data mais antiga, pelo menos a certas porções do mesmo. O autor foi Hermas, um cristão romano que redigiu seu livro em três seções: 1. Visões; 2. mandato; 3. símiles. Presumivelmente, o material lhe foi dado pelo próprio Cristo, disfarçado de pastor. O propósito final do livro é salientar diante dos leitores a necessidade do arrependimento dos pecados cometidos após o batismo.

O original foi escrito em grego, embora não haja texto grego completo disponível. O manuscrito Aleph contém o texto até o mandato IV.111.6. — Um manuscrito do século XV, de Atos, contém a maior parte do resto da obra. E também existem cópias incompletas, algumas em grego, outras em latim, e uma em etíope, além de fragmentos em cóptico e persa.

Hermas foi instruído a dar um exemplar do livro a Clemente (aparentemente Clemente de Roma), e outro a Grapte (visão II.iv.3). E então deveria ser dado ao público.

O Pastor de Hermas e o cânon do Novo Testamento. No cânon muratoriano (cerca de 200 D.C.), temos esta declaração: «Bem recentemente, em nossa própria época, na cidade de Roma, Hermas escreveu ao Pastor, quando seu irmão Pio, o bispo, sentava-se na cadeira da cidade de Roma». Pio foi bispo na década que começou em 140 D.C., coincidindo com a data do livro, embora várias porções do mesmo provavelmente fossem mais antigas. Seja como for, aquela declaração mostra que esse livro chegou a merecer lugar canônico em alguns lugares, e sua presença no manuscrito *Aleph* demonstra a mesma coisa.

A teologia dessa obra tem defeitos. Quanto ao batismo, a idéia é que o mesmo é imprescindível para a salvação. Quanto aos pecados cometidos após o batismo, é dito que Deus dá Seu perdão, mas que isso não se prolonga por muito tempo. Em outras palavras, essa demonstração da graça divina seria interrompida dentro de algum tempo, evidentemente não muito distante. No campo da ética, o livro reflete noções ascéticas, embora não estritas. Contém as virtudes cardeais cristãs estóicas, como a fé, o controle próprio, o poder, a longanimidade, a simplicidade, a retidão, a santidade, a alegria, a verdade, a compreensão, a concórdia e o amor. Um segundo matrimônio é ali permitido, após o falecimento do cônjuge, embora isso seja considerado inferior à vida celibatária. O livro destaca a necessidade de boas obras que ultrapassam os mandamentos. É uma obra essencialmente ética, que diz aos leitores o que devem fazer e o que devem evitar.

Oráculos Sibilinos Cristãos. Coletânea de predições similar à obra judaica do mesmo nome. Contém elementos judaicos e cristãos e é uma obra apologética composta. Os *oráculos* são postos nos lábios da profetisa grega de Cumae, Sibila, pelo que o livro tem a forma de uma predição pagã. Algumas porções incorporaram espectações escatológicas do tipo apocalíptico. Nos tempos antigos, as sibilas evidentemente eram parecidas com as modernas médiuns, entrando em transe e recebendo comunicações. Eram porta-vozes de alguma divindade e assim encabeçavam

formalmente, ou mesmo informalmente, algum culto. No tempo dos romanos, as sibilas eram consultadas pelas autoridades e havia livros que preservavam os seus oráculos.

A coletânea total de oráculos judaicos e cristãos desse tipo chega a quinze livros. Os livros sibilinos originais teriam sido queimados no incêndio de Roma de 82 A.C., e esses oráculos presumivelmente foram escritos para substituir aqueles. Datam entre 150 A.C. e 300 D.C. Vários pais da Igreja tinham conhecimento deles, como Hermas, Justino, Teófilo de Antioquia e Clemente de Alexandria.

Os oráculos abordam assuntos como a criação, o dilúvio, a carreira e a cruz de Cristo, a destruição de Jerusalém e várias predições sobre o futuro, impérios mundiais e o expurgo final. Esse livro foi escrito em grego.

Apocalipse de Paulo. Esse livro descreve as alegadas viagens de Paulo em vários níveis do céu e do inferno. A base do livro é a alusão de Paulo, em II Cor. 12:1-4, de ter sido «arrebatado» ao «terceiro céu». Agostinho alude a um livro desse nome, que foi condenado pelo *Decreto Gelasiano*. Provavelmente foi o primeiro dos dois livros assim intitulados. O primeiro, que estamos descrevendo, foi escrito em grego; mas foi melhor preservado em versões latinas, ou então no cóptico.

Em suas viagens, Paulo é testemunha de juízo e glória, encontra-se com Enoque e com outros, vê a cidade celeste de Cristo. No inferno, impressionado com a severidade dos castigos, obtém alívio para os habitantes do mesmo, para o dia e a noite do dia do Senhor. Em outra viagem ao paraíso, encontra-se com outros personagens famosos, como Abraão, Isaque, Jacó, Maria, etc., alguns dos quais já tinham se encontrado com ele em sua primeira viagem. O autor vale-se do Apocalipse de Pedro, do Apocalipse de Elias e de Sofonias. Também alicerça-se sobre as descrições do Apocalipse (ver Apocalipse de João, no NTI). Esse livro exerceu certa influência sobre as descrições do céu e do inferno em obras posteriores, como no *Inferno* de Dante, *Ant*, 525 ss. O livro foi aparentemente escrito perto do fim do século IV D.C. O seu propósito é essencialmente advertir contra o juízo, encorajando os leitores na prática da retidão, para que obtenham a glória celeste.

Existe um outro livro desse nome, a ele semelhante, mas evidentemente sem dependência ao mesmo. É o primeiro dos quatro Apocalipses do Codex V da biblioteca de Nag Hammadi. No «monte de Jericó», Paulo ter-se-ia encontrado com os doze apóstolos, e então foi elevado ao terceiro céu. Em seguida foi levado ao quarto céu, onde testemunhou o julgamento de uma alma, que foi condenada ante o testemunho de três pessoas (Deu. 19:15). A alma condenada foi lançada de volta à Terra, em uma reencarnação forçada. Paulo prosseguiu para outros céus, tendo chegado ao décimo. As descrições são escassas. Aparecem cenas de glória e julgamento. É uma obra posterior, que os eruditos não conseguem datar com exatidão, e aparentemente foi escrita em grego.

Apocalipse de João. Uma imitação do livro canônico do mesmo nome, mas pertencente ao século V D.C. Descreve principalmente a ressurreição, a punição dos ímpios e a recompensa dos justos. Inclui itens de tempos posteriores, referindo-se às «veneráveis e santas imagens», bem como às «gloriosas e preciosas cruzes e relíquias sagradas das igrejas». Aparentemente foi escrito em grego.

Revelações de Bartolomeu. Ali, Bartolomeu e os outros apóstolos são consagrados pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, e Pedro é nomeado arcebispo do universo. A literatura que traz o nome de Bartolomeu inclui o *Evangelho*, O *Livro da Ressurreição* e as *Perguntas de Bartolomeu*, obras que datam dos séculos V ou VI D.C. Originalmente escritos em grego, contam com traduções preservadas em cóptico e eslavônico, dependendo da obra em questão. Entre as *perguntas*, uma delas é apresentada a Jesus, acerca de onde se encontrava a cruz. Isso leva à narrativa do *Descensus ad Inferos*, similar ao que se vê nos *Atos de Pilatos*, e paralelo a outras narrativas parecidas, nos pseudepígrafes e na literatura apocalíptica. Outras perguntas abordam diversas revelações acerca do após-túmulo, as forças do bem e do mal, os destinos dos homens. (AM B CH GS HEN J NTI S Z)

APOCATÁSTASE

Vem do grego **apokatástasis**, que significa «total restauração». A esperança de muitos teólogos e outros, através da história da Igreja, tem sido que Deus, finalmente, venha a restaurar todos os homens. Isso pode assumir a forma de puro universalismo, isto é, que todos os homens serão restaurados à mais completa salvação. Ou pode assumir a forma de restauração como uma unidade, a idéia que todos os homens não serão salvos no sentido que cheguem a participar da natureza divina (II Ped. 1:4), mas que a restauração incluirá muitos níveis do ser metafísico, embora tudo de forma harmônica com a idéia de unidade, repleto de propósito para os seres vivos. Ver o artigo sobre o *universalismo*; e, quanto a notas explicativas completas sobre a *restauração*, ver as notas no NTI, em Efé. 1:10. Ver o artigo sobre esse assunto, na presente obra. (NTI P)

APODÍCTIO

Dentro da lógica aristotélica, um termo que indica o modo ou modalidade de uma proposição. Uma proposição que assevera que algo é necessariamente impossível, como : «Sete não pode ser mais do que nove». Vem do grego, *apó*, «da parte de» e *deiknumai*, «mostrar». No uso comum, porém, mostra algo que é necessário, em contraste com proposições problemáticas, que abordam possibilidades ou declarações contingentes. A proposição *apodíctica* é a última modalidade dos três tipos de proposição, a saber: possibilidade, realidade e necessidade. O estudo dessas modalidades, na lógica, é chamado Lógica Modal (ver o artigo a respeito). (F P)

APÓDOSE

Um termo grego que significa «devolução», usada para designar a cláusula de uma sentença condicional que oferece a conclusão. A cláusula introdutória, usualmente com um *se*, é chamada *prótase*. Por exemplo: Se ele tivesse tempo (prótase), me ajudaria neste trabalho (apódose). A ordem das cláusulas pode ser invertida, sem afetar o sentido. (F P)

APOLINARIANISMO

Nome que se deriva do nome próprio Apolinário «o Jovem», bispo de Laodicéia (310?-390?), sendo usado para designar a doutrina que, em Jesus, o Logos (uma perfeita natureza divina) assumiu corpo físico, passando a exercer as funções ordinariamente realizadas pela mente humana. Apolinário opunha-se tanto à noção ariana da mutabilidade do Logos como à noção da completa união das naturezas divina e

humana, em Jesus Cristo. Afirmava que, na encarnação, o Logos tornou-se carne, tomando o lugar da alma humana racional na pessoa de Cristo. Em outras palavras, ele negava que Cristo tivesse espírito humano, ensinando que o ser espiritual, o Logos, manipulava um corpo humano. Isso negava a humanidade essencial de Cristo. Estamos diante de grande *mistério* na encarnação. Concebemos Cristo em termos de plena humanidade e de plena divindade, visto Cristo ter sido a grande manifestação do Logos, o princípio do Filho, dentro da trindade. Desconhecemos como uma pessoa pode combinar, em si mesma, o divino e o humano. Doutrinas como o *apolinarianismo* tentam solucionar o que não pode ser solucionado no presente.

Após diversos sínodos locais terem condenado a doutrina, o segundo concílio geral de Constantinopla, em 381, declarou-a herética. Em vida, Apolinário atraiu muitos discípulos, e formou sua própria seita. Mas, após a sua morte, o movimento desintegrou-se rapidamente. (D E P)

APOLINÁRIO

Bispo de Laodicéia da Síria, nos fins do século IV D.C. Opôs-se ao *arianismo* (ver o artigo) e colaborou com Apolinário, O Ancião, na reprodução das Escrituras segundo modelos clássicos, para compensar a perda dos cristãos devido ao edito do imperador Juliano, que lhes negou o direito de ensinarem os clássicos. Vários sínodos finalmente declararam herética a sua cristologia, especialmente o sínodo de Constantinopla, em 381. Ver o artigo sobre o *apolinarianismo*. (AM E)

APOLIOM

No grego, equivalente a **Abadom** (ver o artigo a respeito).

APOLO

Apolo (Atos 18:24) era um judeu da cidade de Alexandria. Seu nome é uma forma abreviada de *Apolônio*. Apolo chegou em Éfeso em cerca de 52 D.C., durante a viagem confirmatória de Paulo entre as igrejas da Galácia e da Frígia. Apolo já tinha ouvido falar em Jesus Cristo, e era discípulo do Senhor; no entanto, ainda não estava bem informado sobre a mensagem cristã em sua inteireza. Seu dote natural era a eloqüência, além de um conhecimento profundo das Escrituras do A.T. Combinava, pois, esses dois elementos, e assim era um poderoso pregador da verdade espiritual de Deus. Quando Apolo chegou em Éfeso, não tinha conhecimento algum da experiência do Pentecoste, e nem havia ainda participado dela; e também ainda não conhecia o *batismo cristão*. Seu discipulado era apenas o de um seguidor de João Batista, tendo crido na mensagem pregada por este de que Jesus era o Messias judaico.

Essa falta de melhor instrução, da parte de Apolo, foi eliminada pelo esforço paciente de Priscila e Áquila (ver Atos 18:26). De Éfeso, Apolo se dirigiu para Corinto. Evidentemente era homem poderoso na apologética cristã, e deve ter obtido retumbante sucesso, tornando-se famoso como um dos principais líderes da igreja cristã. Foi devido a essa reputação que os crentes de Corinto, que tendiam para as facções, fizeram de Apolo um dos supostos cabeças dessas divisões, ou, pelo menos, um de seus heróis, que uma dessas facções se dizia seguidora. Paulo, porém, salientou o fato de que na realidade só existe um único *Herói* do evangelho, isto é, o próprio Cristo Jesus. Todos os demais são apenas servos seus. (Ver I Cor. 3:4,21-23).

O fato de que Apolo não mais retornou a Corinto, mesmo depois que Paulo lhe solicitou a sua volta (ver I Cor. 16:12), talvez indique que ele se recusou a tal a fim de abafar a controvérsia que surgira por causa de líderes cristãos, dessa maneira humilhando a si mesmo. Isso é um ponto favorável para com o seu caráter cristão, servindo, por outro lado, de lamentável comentário acerca de tantos modernos líderes cristãos, que não seguem o exemplo de Apolo, mas antes, geralmente, tudo fazem para erigir sua posição e seu conceito, preferindo a fama e o orgulho à obscuridade e à humildade.

Desde os tempos de Lutero, diversos estudiosos têm sugerido que Apolo foi o autor da epístola canônica aos *Hebreus*. Todavia, apesar disso ser perfeitamente possível, considerando-se a elevada qualidade do grego, de mistura com profundo conhecimento das Escrituras hebraicas, o que era um sinal de erudição em Alexandria, não há maneira que nos permita demonstrar o acerto ou equívoco dessa opinião. De fato, existem certos paralelismos na linguagem, no estilo e no pensamento, similares aos que se encontram nos escritos de Filo, o filósofo neoplatônico e teólogo judeu de Alexandria que fortalecem a idéia de que algum judeu alexandrino foi quem escreveu a epíst. aos Hebreus. A grande verdade, porém, é que a autoria dessa epístola deve continuar um mistério para nós. (Ver o artigo sobre *Hebreus*, sob o título *Autor*). O máximo que se pode dizer a respeito dessa questão é que o grego *koiné* em que a epístola aos Hebreus foi escrita é de superior qualidade e mais clássico que as epístolas de Paulo, e é quase impossível, do ponto de vista lingüístico, que o apóstolo Paulo tenha sido também o autor dessa epístola aos Hebreus. Um indivíduo do preparo e formação de Apolo, por outro lado, bem poderia ter sido o autor desse livro neotestamentário.

A última alusão bíblica a Apolo é a que se lê no trecho de Tito 3:13, que declara: «Encaminha com diligência a Zenas, o intérprete da lei, e a Apolo, a fim de que não lhes falte cousa alguma». *Jerônimo* (século IV D.C.) diz-nos que Apolo teria ficado em Creta até que ouviu notícias sobre a cura total das brechas facciosas que tinham surgido na igreja de Corinto. Em face disso, voltou para Corinto e posteriormente tornou-se pastor daquela localidade. Os gregos, entretanto, pensam que ele ter-se-ia tornado pastor de Duras, mas existem outros que opinam que ele foi o segundo bispo de Cólofon, na Ásia. Ferrarius assevera que ele foi bispo de Icônio, na Frígia, ao passo que outros garantem que ele foi bispo de Cesaréia. Todas essas afirmativas, entretanto, não passam de meras conjecturas, baseadas em tradições nas quais não podemos confiar. Portanto, nada de realmente seguro se sabe com respeito às atividades de Apolo, depois dos informes que encontramos nas páginas do N.T.

Apolo era homem *eloqüente*. Esse vocábulo se refere à sua erudição quanto às Escrituras do A.T., ou à sua facilidade de expressar esse conhecimento, ou, talvez ainda, a ambos esses elementos. Diz Ramsay, a respeito de Apolo: «Um bom orador, bem versado nas Escrituras».

É provável que Apolo devesse parte de sua erudição ao conhecimento e às conexões que talvez tivesse mantido com a escola de Filo, ainda que não tenhamos meios para demonstrar tal vinculação. Apolo chegou a Éfeso com algum propósito para nós

desconhecido. Porém, talvez ele visasse tanto ensinar como também investigar a igreja cristã que florescia naquela localidade. Por conseguinte, talvez ele tenha chegado ali tanto como um mestre quanto como um inquiridor, o que também todos nós devemos ser, de uma maneira ou de outra, em grau maior ou menor. «Sendo possuidor de dotes extraordinários de retórica, sem dúvida era educado nas escolas alexandrinas». (Adam Clarke, em Atos 18:24).

Ao aplicar o presente texto bíblico aos pregadores, os quais são dessa maneira exortados a se entregarem ao estudo profundo das Escrituras Sagradas, fazendo-se «poderosos» nas Escrituras, diz Robertson, em Atos 18:24: «Não há como desculpar a ignorância sobre as Escrituras, da parte dos pregadores do evangelho, os professos intérpretes da Palavra de Deus. A última preleção feita na classe do Novo Testamento em inglês, no Seminário Teológico Batista do Sul, por John A. Broadus, teve por fulcro essa passagem, quando ele lançou um apelo aos seus alunos para que se tornassem poderosos nas Escrituras. Em Alexandria, Clemente de Alexandria e Orígenes ensinavam na escola teológica cristã».

A eloqüência de Apolo sem dúvida alguma foi uma das grandes razões pelas quais, em Corinto, uma determinada facção da igreja cristã o elegeu como seu herói, ao passo que outros grupos davam preferência a Paulo, a Pedro, ou a qualquer outro.

Além de ser *eloqüente* (ver Atos 18:24), Apolo também era *fervoroso de espírito*, expressão esta que tem de significar uma dentre duas possibilidades, a saber:

1. Estaria em foco o fervor de seu próprio espírito (conforme pensam aquelas traduções que dizem *espírito* com letra inicial minúscula). Isso significaria que Apolo era dotado de um zelo espiritual todo especial, em que a intensidade de seus sentimentos pode ser destacada mediante uma tradução literal, «ebuliente no espírito».

2. Mas alguns intérpretes preferem pensar que a expressão *fervoroso de Espírito* seja escrita com letra inicial maiúscula, como alusão ao Espírito Santo de Deus. Nesse caso, Apolo seria aqui encarado como indivíduo que fervia com a energia do Espírito de Deus. (I ID NTI RAM)

APOLO

Um dos mais importantes deuses do Olimpo, filho de Zeus e de Leto. Representava a juventude máscula, a beleza, a poesia, a música, a cura e a sabedoria oracular. Era o deus Febo Apolo do oráculo de Delfos, sendo uma divindade que irradiava luz. Foi o primeiro deus grego a ser admitido na religião dos romanos. (OS P)

APOLOFANES

Um sírio que, com seus irmãos Timóteo e Quereas, foi morto na fortaleza de Gazara, após sua captura, no vigésimo quinto dia do cerco, por vinte jovens do exército de Judas Macabeu (ver II Macabeus 10.35,37). (Z)

APOLOGETAS (APOLOGISTAS)

O termo é usado para falar sobre aqueles pais da igreja cujas obras tiveram o intuito de defender a fé e a Igreja cristã contra os ataques. Esses ataques eram lançados pelo judaísmo, pelo paganismo, pelo estado, e também pela filosofia grega de várias escolas. Como é óbvio, muitos cristãos subseqüentes e contemporâneos podem ser chamados *apologetas*. Ver o artigo intitulado, *Apologética*, onde isso é demonstrado sob o título: *Visões históricas acerca da apologética*. Mas, quando usamos as palavras «os apologetas», estas indicam os primeiros pais da Igreja que se atarefaram nessa atividade.

1. Temos a *pregação de Pedro*, proveniente do século II D.C., de autor desconhecido, que defendeu o cristianismo diante do judaísmo e do paganismo. Teve larga distribuição e tornou-se parte do livro de Aristides (que descrevemos abaixo). Nesse livro, os crentes são denominados «terceira raça». Mas foram preservados apenas alguns fragmentos.

2. Mais ou menos da mesma época, temos o livro chamado *Quadratus*, escrito em defesa do cristianismo contra os abusos do estado romano. Foi apresentado ao imperador Adriano, na esperança de obter melhor tratamento para os cristãos, por parte das autoridades romanas. O livro foi escrito em Atenas, cerca de 125 D.C. Apenas uma sentença do mesmo foi preservada para nós.

3. *Aristides* defendeu o cristianismo contra o paganismo. Ele era ateniense e escreveu em cerca de 147 D.C. Sua apologia foi endereçada ao imperador Antônio. A «raça» cristã é ali chamada de raça superior e digna de tratamento humanitário. A obra desapareceu, excetuando uma tradução siríaca e uma reprodução livre, no grego, no romance medieval de Barlaã e Joasafe. A obra ataca as formas de adoração entre os caldeus, os gregos, os egípcios e os judeus, exaltando o cristianismo acima dessas formas, tanto quanto à própria adoração quanto à moral.

4. *Justino Mártir*. Sua apologia (escrita cerca de 150 D.C.) foi endereçada a Adriano e a Marco Aurélio. Tomava a posição de que a filosofia grega, apesar de útil, era incompleta, e que esse produto não terminado é aperfeiçoado e suplantado em Cristo e Sua revelação. Para Justino, o cristianismo era a *verdadeira filosofia*. A filosofia grega era encarada sob a mesma luz que a lei judaica — precursora de algo superior.

5. *Aristo*, meados do século II D.C., de Pela, na Peréia, escreveu um livro que não chegou até nós, mas que, de acordo com Orígenes, mostrava que as profecias judaicas cumpriram-se em Jesus. Justino fez uso dessa apologia em sua obra.

6. *Atenágoras*, fins do século II D.C., escreveu contra o paganismo, o estado romano e a filosofia grega. Endereçou seu livro a Marco Aurélio, esperando poder melhorar o tratamento conferido aos cristãos. Essa obra incluia argumentos em prol da ressurreição dos mortos.

7. *Taciano*, discípulo de Justino Mártir, exibiu considerável antagonismo contra a filosofia grega, em seus argumentos em prol da superioridade do cristianismo.

8. *Teófilo de Antioquia*, que escreveu um pouco mais tarde, seguiu o caminho trilhado por Taciano.

9. *Minúcio Félix* (fins do século II ou começo do século III D.C.), em contraste com Taciano, procurou demonstrar que os cristãos são os melhores filósofos; quando os filósofos são bons, parecem-se mais com os cristãos.

10. *Tertuliano* (falecido no século III D.C.) atacou a filosofia com argumentos filosóficos, e os filósofos nunca o perdoaram por esse motivo. Ele atacou a substância e o espírito da filosofia grega, bem como o gnosticismo e o paganismo em geral Considerava a filosofia produto da mente pagã, julgando-a inútil como apoio à fé. Exaltava a fé na revelação, mas

falhou quando não percebeu que a fé e a filosofia devem ser sujeitas à pesquisa da razão, a fim de que o falso seja separado do verdadeiro, e que o verdadeiro seja melhor compreendido.

11. *Irineu*, bem como seu discípulo, Hipólito, defendeu o cristianismo contra os gnósticos, muito poderosos na sua época. Ver o artigo sobre o *gnosticismo*. Sua obra principal nessa linha foi *Contra as Heresias* (cerca de 180 D.C.). O original grego se perdeu, excetuando fragmentos, preservados nos escritos de Hipólito, Eusébio e Epifânio. Todavia, a obra foi preservada inteira em uma tradução latina. Trata-se da mais completa declaração acerca das fantasias gnósticas. Sua exposição pode ser chamada de primeira exposição sistemática das crenças cristãs. Irineu foi um dos mais influentes cristãos da Igreja antenicena.

12. *Arnóbio* (300 D.C.) tinha a filosofia e a razão humana em baixo conceito. Atacou a idéia platônica da preexistência da alma e defendeu o criacionismo (ver o artigo a respeito). Sua obra principal é *Adversus Gentes*.

13. *Lactâncio e Eusébio de Cesaréia* (III e IV séculos da era cristã) deram continuação à tradição apologética, exaltando o cristianismo em face do paganismo e do judaísmo. Eusébio foi um origenista da segunda geração, decidido aderente da teologia filosófica do Logos, embora tivesse várias idéias não-ortodoxas acerca da divindade de Cristo. Sua principal contribuição é a sua *História Eclesiástica*. Suas obras apologéticas, embora de menor valor, encontraram lugar na história literária cristã. (B C E EP P)

APOLOGÉTICA

Definição. A apologética é a ciência ou disciplina racional que se esforça por apresentar a defesa da fé religiosa, existindo dentro e fora da Igreja cristã. O termo é usado em contraste com *polêmica*, que é um debate efetuado entre cristãos a fim de determinar a verdadeira posição cristã sobre alguma questão específica. Presumivelmente, a apologética aborda questões defendidas por alguma fé religiosa específica, como o cristianismo, mas que são negadas pelos incrédulos. No uso comum, a palavra é usualmente empregada para indicar a defesa do cristianismo. Positivamente, a apologética tenta elaborar e defender uma visão cristã de Deus, da alma e do mundo, uma visão apoiada por raciocínios reputados capazes de convencer os não-cristãos da veracidade das doutrinas envolvidas. Negativamente, trata-se de um esforço para antecipar possíveis pontos de ataque, defendendo as doutrinas cristãs contra tais ataques.

A palavra. O termo vem do grego, *apologia*, «defesa», uma resposta ao ataque (Atos 26:1; I Ped. 3:16). O famoso diálogo de Platão, *a Apologia*, expõe a *defesa* de Sócrates diante de seus acusadores.

Base bíblica. Alguns fazem oposição a qualquer defesa da fé cristã, supondo que o conhecimento da verdade por meio da revelação é perfeito, e não requer qualquer raciocínio humano em sua defesa. Porém, a idéia que a revelação, coada por mentes humanas, é perfeita, capaz assim de produzir um perfeito corpo de verdades conhecidas, não passa de um dogma formulado pelo homem, e não uma doutrina da própria Bíblia. De fato, essa idéia é uma *apologia* em favor de um dos modos de se obter conhecimento. Em qualquer instância em que algum argumento é apresentado nas Escrituras, não diretamente alicerçado sobre algum texto de prova, dentro da Bíblia, é uma apologia dentro dos livros sacros. Tomemos como exemplo o primeiro capítulo da epístola aos Romanos. Paulo mostra a culpa e a impossibilidade de defesa dos pagãos, diante da mente divina. Ele erige uma apologia em favor de certas idéias básicas, e muitos capítulos das epístolas de Paulo podem ser encarados por esse prisma.

Motivos bíblicos em favor da apologética. 1. O trecho de I Ped. 3:15 faz esta declaração direta. «...estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós». Fica entendido que tal resposta conterá raciocínios acerca da fé, e não apenas textos de prova extraídos da Bíblia. 2. Segundo salientamos acima, no Novo Testamento há muita apologia, e em certo sentido, o próprio volume sagrado *é* uma *apologia* em prol da nova religião, em conflito com o antigo judaísmo e com o paganismo. O cristianismo enfrentou um sistema helenizador, no qual a filosofia tinha grande peso. No décimo sétimo capítulo de Atos, Paulo não hesitou em apelar diretamente à apologética, utilizando argumentos filosóficos, procurando convencer os atenienses. O evangelho de Lucas é uma *apologia* escrita para um oficial romano, a fim de procurar conquistar posição oficial para a nova fé, fazendo assim estacar a perseguição. «...para que tenhas plena certeza das verdades em que foste instruído» (Luc. 1:4). Essa era a certeza que Lucas procurou transmitir aos seus leitores.

As próprias denominações cristãs são atividades apologéticas. — Alguns têm imaginado que a apologia é uma espécie de «ausência de fé», e não de defesa de fé. Tais pessoas partem do pressuposto que a fé não precisa ser defendida. Mas com isso olvidam-se que os homens interpretam a fé das mais variegadas maneiras. *Qual é a fé que não precisa ser defendida*? Se alguém retrucar que é a fé bíblica, devemo-nos lembrar que as denominações que se utilizam da Bíblia como autoritária estão longe de concordar com a natureza exata da fé que emerge das páginas da Bíblia. Muito mais se verifica quando saímos para fora das fronteiras da Igreja cristã e conversamos com incrédulos bem-informados acerca da «fé». Eles têm informações suficientes para saber que tal fé, em qualquer forma que ela assuma, tem tal forma precisamente por causa de uma apologia por detrás da mesmae que caracteriza alguma denominação particular. Cada denominação tem sua própria apologia que dá forma às suas doutrinas e ao seu sistema, a despeito da reivindicação de que aquilo que é exposto é apenas a fé bíblica. Esses fatos não anulam nem a fé e nem a verdade, mas requerem uma cuidadosa apologia a respeito da fé, examinando-a, definindo-a e promovendo-a.

A natureza do conhecimento força-nos a apelar para a apologética. O conhecimento não tem uma única origem. Antes, pode ser adquirido por estes meios: 1. A observação empírica, baseada nos sentidos; 2. a intuição, visto que o homem é um ser que tem ciência, e que mesmo sem investigação sabe de certas coisas, tal como sucede com Deus; 3. a razão, com a qual o homem foi dotado, pode penetrar em enigmas e desencavar a verdade, à parte da experiência prática ou empírica formal; 4. a revelação, que é conhecimento outorgado como dom de Deus. A revelação é uma subcategoria do misticismo. Deus dá conhecimento por meio de homens santos, através de visões, profecias, sonhos, etc. (experiência mística), reduzidas à forma escrita, tornando-se um Livro Sagrado. Tudo isso se sucede, mas o conhecimento é mais amplo do que isso,

derivando-se de mais de uma direção. Ademais, a razão e a intuição nunca cessam de examinar o conhecimento que nos chega através da revelação, porquanto há revelações incompletas, havendo até mesmo revelações que não são válidas. Em outras palavras, na busca pela verdade, precisamos de muitas fontes, de muitos meios. O fato de que o conhecimento chega até nós através de grande diversidade de meios, demonstra a nossa necessidade de uma apologia mediante a qual possamos testar, avaliar e defender a verdade. Ver os artigos separados como o *empirismo*, a *intuição*, o *racionalismo*, o *misticismo e conhecimento, fontes de.* O palácio do conhecimento tem muitas portas e janelas através das quais as informações entram e saem. Limitar esse palácio a uma única porta (a revelação, e a fé baseada na revelação) é contar com uma casa muito estranha, de fato.

Visões históricas acerca da apologética:

Deve-se entender desde o princípio que a apologética necessariamente envolve o investigador na filosofia, formal e erudita, ou popular e individualista. Assim é que, quando alguém começa a apresentar um argumento baseado em raciocínio, já está falando como um filósofo, quer queira quer não queira. Tertuliano conhecia a filosofia, e usava argumentos filosóficos contra os filósofos incrédulos. Portanto, ele era um filósofo que argumentava contra a filosofia. Porém, se descrevermos pontos de vista históricos relativos à apologética, para todos os propósitos práticos isso equivalerá a descrever aquilo que vários pais da Igreja e cristãos posteriores pensavam sobre a filosofia. Quanto mais uma pessoa distanciar-se da filosofia, menos valor dará à apologética, como uma atividade legítima para os cristãos.

1. *Tertuliano*. Supunha que a filosofia é produto da mente pagã, e conseqüentemente, inútil para defender a fé cristã. Isso equivale a ignorar: a. A base bíblica da apologética; e b. que não há razão pela qual não possa haver uma atividade filosófica cristã. Se a razão vem da parte de Deus, e se alguém a usa de maneira sistemática, já estará agindo como um filósofo, utilizando-se de um dom divinamente outorgado. Podemos evitar os abusos. Houve pais latinos, como Arnóbio, Lactâncio e outros, que seguiram a idéia de Tertuliano.

2. *Os pais alexandrinos*. Clemente, Orígenes, etc. Proposital e habilidosamente eles usavam a filosofia platônica e estóica para dar à fé cristã uma expressão filosófica. A filosofia pode aguçar os conceitos teológicos. Qualquer pessoa que tenha estudado filosofia pode usá-la para definir, aclarar e aprimorar seus conhecimentos teológicos. Um teólogo que tenha estudado filosofia pode tornar-se um melhor teólogo. Podemos evitar os abusos.

3. *Agostinho* ensinava que a filosofia é uma criada útil que pode ser empregada em favor da fé religiosa, esclarecendo-a e defendendo-a.

4. Tomás de Aquino foi um apologeta refinado. Sua obra *Suma contra Gentiles* defendeu a fé cristã contra a maneira materialista e não-espiritual como certos filósofos árabes (como Averróis) utilizavam a filosofia de Aristóteles. A apologética de Tomás de Aquino foi tão bem-sucedida que se transformou em uma força dominante durante séculos, na Igreja ocidental.

5. Os ataques desfechados por deístas e racionalistas contra a fé cristã produziram apologetas modernos como o bispo Joseph Butler, da Igreja anglicana. Sua famosa obra, *Analogia da Religião*, é uma obra apologética.

6. *Karl Barth* e sua escola (início e meados do século XX) tomaram uma posição negativa em relação à apologética, argumentando que tal atividade reflete uma espécie de «falta de fé», porquanto a fé não requeriria defesa, por não estar alicerçada sobre a razão humana e a filosofia. Porém, ao expressar-se assim, Barth fazia a apologia de seu ponto de vista particular do conhecimento e da fé. Muitas pessoas, outrossim, não tinham certeza se a fé de Barth era adequada, ou representasse qualquer acúmulo considerável de verdade, pelo que se tornou necessária toda a forma de atividade apologética para esclarecer as coisas.

7. *Rudolf Bultmann* resolveu redefinir a *kerugma* (pregação) do Novo Testamento, erigindo uma apologética elaborada a fim de levar avante o seu propósito. Alguns pensam que ele chegou ao ponto de querer satisfazer todas as categorias do pensamento moderno, assim debilitando a mensagem que vem mediante a revelação, ao admitir dúvidas demais e ao promover revisões evidentemente desnecessárias.

Quando a Igreja enfrenta os ataques dos ateus, dos agnósticos, dos empiristas radicais, dos positivistas, dos relativistas, então torna-se mister que a apologética continue sendo considerada um ramo da teologia cristã. Nunca é bastante dizer «fé somente», porque a própria fé é definida por uma atividade apologética, consciente ou inconscientemente.

Principais Temas da Apologética:

1. *Natureza da própria revelação*. Não basta dizer que Deus se revela mediante visões e experiências místicas dadas a homens santos, que registram a mensagem em Livros Sagrados. Uma visão pode ser falsa ou parcial. A apologética examina o problema inteiro da revelação como fonte de conhecimento. Descobrimos que muitos dogmas se têm desenvolvido em redor da idéia básica que Deus se revela mediante a revelação. Há quem diga que não pode haver erro nisso, mas essa declaração é apenas um dogma humano, baseada em considerações *a priori*. Os próprios Livros Sagrados não reivindicam tal coisa para si mesmos. Mas os homens, anelando sentir-se mentalmente tranqüilos, criam um tipo de conhecimento que dispensa exame. Esse é um conhecimento infantil e nada tem a ver com a séria busca e investigação da verdade. Além disso, a revelação divina chega até nós de diversas maneiras. Há revelação através da natureza (Rom. 1). A *religião natural* (ver o artigo) encontra alguma verdade nessa forma de revelação, inteiramente à parte de visões, sonhos e ditados. A teologia natural não contradiz a teologia revelada, mas a suplementa. Os próprios Livros Sagrados não foram inteiramente ditados sob a forma de visões. Há história, poesia, ensinamento racional, discernimento intuitivo que parte das profundezas da alma. Também dispõe de meios, muitos meios; os meios de que Ele dispõe são inúmeros e não podem ser reduzidos a apenas um. O dogma humano é que tenta dizer de que maneira Deus precisa revelar-se. A própria ciência, quando corretamente entendida, é uma das revelações divinas, porque, afinal, só existe uma verdade, a verdade de Deus em Seus muitos modos e atividades.

2. *Relação entre a filosofia e a fé*. Conforme vimos, o homem que tenta *explicar* a sua fé já está fazendo apologia, embora destreinado nesse campo. E, como apologeta, está pensando filosoficamente. *Como* os pais da Igreja e os cristãos de séculos posteriores manusearam o problema é algo sobre o qual já comentamos.

3. *Provas racionalistas e científicas* da existência de

Deus e da alma. Não quero demorar-me aqui sobre esse assunto porque em outros lugares desta publicação tenho-o abordado longamente. Ver o artigo sobre *Deus, Provas de Sua Existência*, e sobre a *Alma, provas de sua existência*. Apesar de que essas provas não são absolutas, muito têm para dizer, a fim de edificar-nos a fé. Tomás de Aquino considerava que as provas racionalistas são adequadas para demonstrar a simples existência de Deus, embora não para descrevê-Lo. É verdade. Quem pode descrever a Deus? A posição dele concorda com a declaração de Rom. 1. Outros pensadores, como Mullins ou Hodge, encaram essas evidências como críveis, embora não como provas absolutas. Mas outros, como Pascal, Kierkegaard, Brunner, etc., consideram tais provas como parte da irreligiosidade do homem, e como logicamente inválidas. Creio que a própria ciência já ultrapassou essa posição extremista, pelo menos no tocante à existência da alma. O homem, como *imagem* de Deus, tem em si mesmo a estampa da mente divina, podendo descobrir muita coisa por meio da investigação, se esta for disciplinada pela razão e essa investigação regulamenta e define a fé.

4. *Extensão da validade da teologia natural*. Deus revela-se através da natureza (Rom. 1; Atos 17; ver os salmos da natureza, como o Sal. 19). Todavia, é questão de debate a extensão do valor desse tipo de revelação. Há aqueles que dizem que ela é adequada para a piedade e a vida diária, não havendo necessidade de qualquer revelação franca. Calvino admitiu que Deus revela assim a Si mesmo; mas também pensava que o homem, por causa de seu pecado, não é capaz de extrair daí muitos subsídios. Paulo via valor suficiente na revelação mediante a natureza para a condenação do homem, mas não suficiente para salvá-lo. Há uma lei no coração, e sabemos o que é certo e o que é errado, mas nem por isso sabemos aproximar-nos de Deus. Ora, a missão de Cristo teve por alvo transpor esse abismo. O relato da descida de Cristo ao hades (I Ped. 3:18 - 4:6) mostra-nos que a missão de Cristo envolveu aqueles que tinham tido apenas a revelação da natureza, conferindo-lhes um contato direto com o Redentor, mesmo que isso não estivesse ao alcance deles enquanto jornadeavam em seu corpo físico.

5. *Natureza da fé*. Não basta alguém dizer «creio». Precisamos perceber, mediante a razão e a investigação, no que consiste a fé, no que ela está alicerçada. Outrossim, uma das funções do intelecto consiste em produzir a fé que busca a verdade. Não erramos quando nos dedicamos a um robusto intelectualismo cristão. Todavia, essa não deve ser a nossa única dedicação. Devemos também dedicar-nos a conhecer o que Deus pode e quer dar-nos através das experiências místicas, e o que Ele implantou em nós, o que pode ser sondado por meio da intuição. Multiplicidade é a resposta pela nossa busca pela verdade.

6. *A ciência*. Nenhuma ciência verdadeira contradiz a fé verdadeira. Entretanto, é inevitável que a ciência vá se tornando mais religiosa (conforme vai penetrando em áreas que antes eram consideradas como privilégio exclusivo da fé, como a questão da existência da alma), e que a religião vá se tornando mais científica (admitindo que alguns dogmas estavam equivocados e contradiziam os fatos, como as questões da origem, da antiguidade da Terra, da história passada do homem, tudo o que continua ainda envolto nas brumas de muitos mistérios). Mas a ciência pode ajudar-nos a dissipar esses pontos nebulosos. A apologética cristã não pode mostrar-se insensível diante da investigação científica. De fato, é a ciência que atualmente está às vésperas de dar-nos provas da existência e sobrevivência da alma humana, o que se revestirá de incalculável importância para a fé. Ver o artigo sobre a *alma*, sob *provas* de sua existência e sobrevivência.

7. *Natureza dos milagres*. Até mesmo alguns homens de fé negam categoricamente que exista tal coisa como os milagres. Em primeiro lugar, precisamos definir o que entendemos por *milagre*. Se dissermos que um milagre envolve um processo que vá além do que é natural, então algumas pessoas terão dificuldade para crer em milagres. Até mesmo teólogos têm procurado desmitologizar o Novo Testamento, atribuindo todos os milagres a meros mitos, interpretações distorcidas, mal-entendidos e relatos falsos. Se dissermos que os milagres envolvem leis naturais mais elevadas, embora desconhecidas, então um número maior de pessoas crerá em milagres, embora, filosoficamente falando, com isso não estejamos explicando melhor os milagres. Pois, se um processo for chamado de natural, mas permanecer desconhecido, então teremos uma designação, mas não uma descrição, o que não resulta em conhecimento. O que se pode demonstrar é que sucedem-se coisas realmente fantásticas, que não podemos explicar, nem cientificamente nem de outro modo qualquer. O santo homem hindu, Satya Sai Baba está reproduzindo atualmente muitos milagres realizados por Jesus, desde a cura à criação da matéria, e pode ser observado bem de perto. (*Journal of Religion and Psychical Research, Proceedings*, 1981, Bloomfield, Conn., USA). A maior parte do esforço de desmitologização do Novo Testamento tem sido um desperdício total de tempo. Nossos esforços deveriam concentrar-se na tentativa de aprender o propósito dos milagres e de explicar o que se sucedeu, em vez de dizermos que tudo é impossível. Penso que nos *aproximamos* da verdade quando dizemos que um milagre pode ser a manifestação de uma lei natural superior, ou pode resultar de um *novo* ato criador, que nenhuma de nossas categorias científicas pode explicar. Estaremos dizendo a verdade, se afirmarmos que praticamente nada sabemos sobre essas questões. Os *apologetas* nos conclamam a continuar investigando, e mostramos que na fé religiosa há uma realidade substancial que requer nossa atenção e dedicação.

O constante desafio. A fé de uma pessoa está sujeita a um ataque permanente, do lado de fora e do lado de dentro. O indivíduo contempla seus constantes fracassos e pecados (e quanto mais iluminado for ele, mais verá); observa o problema do mal operando no mundo, a desumanidade do homem para com seus semelhantes, a destruição da natureza e o caos resultante; ouve os argumentos dos ateus, dos empiristas radicais, e chega a indagar: «De que vale a minha fé, afinal?» Em suas reflexões, ele se torna um apologeta, quanto a si mesmo e quanto a outras pessoas. Portanto, faz-se necessária uma clara defesa da fé, diante de nós mesmos e dos outros. Até mesmo o indivíduo que diz: «A fé é suficiente», está oferecendo uma *breve apologia*, baseada em uma tonelada de idéias teológicas aceitas sem investigação pessoal — mas que *outras pessoas*, antigas e modernas, produziram mediante esforço e uma interminável apologética. (B C E JR P R)

APOLOGISTAS Ver **Apologetas (Apologistas)**

APOLÔNIA

Várias cidades eram chamadas por esse nome, mas a mais conhecida é aquela mencionada no Novo Testamento (ver Atos 17:1), Apolônia da Ilíria, ponto

terminal da Via Inácia. Era uma cidade da Macedônia, na província da Migdônia (ver Plínio, iv.17), situada entre Anfípolis e Tessalônica, cerca de sessenta e um quilômetros da primeira e a cinqüenta e três quilômetros da segunda. Paulo e Silas passaram pela cidade a caminho de Tessalônica. César fez dessa cidade a sua base, quando Pompeu foi cercado em Dirráquio. (ID UN S)

APOLONIANO

Era um dos elementos da explicação de Nietzche sobre a natureza das tragédias gregas. O elemento apoloniano representa a proporção, a ordem e a harmonia. Contrasta com o elemento dionisiano, que ressalta a paixão e a irracionalidade. (P)

APOLÔNIO

Nos livros apócrifos do Antigo Testamento há três homens com esse nome.

1. Um general a quem Antíoco Epifânio enviou à Judéia para conquistar Jerusalém, mas que finalmente foi derrotado e morto por Judas Macabeu (ver I Macabeus 3.10,11), em cerca de 166 A.C. No grego ele chamava-se Misarques (ver II Macabeus 5.24).

2. Um governador da Cele-Síria, general de Demétrio Nicanor, derrotado por Jônatas em favor de Alexandre Balas (ver I Macabeus 10.69-76), em cerca de 148 A.C.

3. Filho de Geneu, um dos governadores a quem Lísias deixara na Judéia, após o tratado estabelecido entre os judeus e o jovem rei Antíoco Eupator, e que conseguiu compelir os judeus a romperem o pacto (ver II Macabeus 12.2). (S)

APOLÔNIO DE TIANA

Filósofo grego do século I de nossa era, um neopitagoreano. Viajou muito, e estabeleceu uma escola de filosofia em Éfeso. Salienta a idéia pitagoreana de que o homem é um cidadão do universo. Ensina a existência de um Deus supremo, acima de todos os demais deuses, que está fora do alcance da razão, e não se interessa por holocaustos. Seus principais escritos foram: *Vida de Pitágoras* e *Sobre o Sacrifício*. Ver o artigo sobre o *pitagoreanismo*.

APOSENTO

Há uma boa variedade de palavras hebraicas e gregas, variegadamente traduzidas, como «aposento», «câmara», «cenáculo», etc. O que dizemos abaixo transmite boa idéia a respeito:

1. As câmaras usadas em conexão com o templo, onde eram conservadas as ofertas (Esd. 8:29; Nee. 10:37-39, para exemplificar, palavra hebraica usada por quarenta e sete vezes). Mas essa palavra indica outros tipos de aposento, como certas salas do templo de Ezequiel (ver Eze. 40 - 46). Essas salas eram ocupadas pelos serviçais do templo, ao cumprirem os seus deveres.

2. Quarto. Temos nesse caso uma saleta particular (ver Gên. 43:21), um lugar de proteção, reclusão e meditação (ver Isa. 26:20), e também a «recâmara» de um noivo (ver Can. 1:4). Mas essa palavra hebraica também é traduzida por «sala de verão», em Juí. 3:20. Essa palavra hebraica aparece por trinta e quatro vezes no Antigo Testamento.

3. Uma outra palavra hebraica que nossa versão portuguesa também traduz por «câmara», é usada por doze vezes, em Eze. 40:7-36. Alguns estudiosos pensam que a palavra hebraica significa «lugar separado».

4. «Câmaras laterais» é tradução da palavra hebraica que aparece por quarenta e duas vezes, sobretudo no caso de Eze. 41:5 - 26. Mas a palavra é traduzida em português de outras maneiras também.

5. Uma palavra usada apenas por três vezes no hebraico, figura em I Reis 6:5,6,10. Mas nossa versão portuguesa omite a palavra na tradução nos versículos 6 e 10; e, no quinto versículo, a traduz por «câmaras laterais», expressão que já fora usada para traduzir a palavra hebraica anterior.

6. Uma palavra traduzida por «sala», em II Sam. 18:33, e por «morada» em Sal. 104:3,13, é usada por dezessete vezes no Antigo Testamento. Uma boa tradução seria «quarto elevado» ou «quarto de primeiro andar».

7. Uma palavra grega usada por quatro vezes é *tameîon*, «despensa» (ver Mat. 6:6; 24:26; Luc. 12:3,24).

8. Outra palavra grega, usada também por quatro vezes é *uperôon*, sempre no livro de Atos (ver 1:13; 9:37,39 e 20:8), traduzida por «cenáculo». Em nossa versão portuguesa quer dizer «quarto elevado».

APOSTA DE PASCAL Ver **Pascal, Blaise**, ponto 6.

APOSTASIA

Vem do grego **apostasia**, «afastamento». Aponta para o abandono deliberado da crença na fé cristã (ou em qualquer fé, anteriormente defendida), por alguém que dizia seguir essa fé. No catolicismo romano, indica a total deserção da fé, ou das santas ordens, ou do estado monástico. O apóstata formal está sujeito à exclusão. Em sentido menos amplo, a palavra é usada para indicar pessoas que deslizam para o descuido e o abandono no tocante à sua fé religiosa, embora, teoricamente falando, continuem crendo em algumas das suas doutrinas.

1. *Usos do termo*. Em forma nominal, encontra-se somente por duas vezes no Novo Testamento: Atos 21:21 e II Tess. 2:3. É uma forma posterior do grego *apóstasis*, «manter-se longe de». Foi usada por Plutarco para indicar revolta política, sendo usada na Septuaginta, no sentido de revolta contra Deus (Jos. 22:22). É dito sobre Antíoco Epifânio que ele favorecia a apostasia do judaísmo para o helenismo (I Mac. 2:15).

2. *No Novo Testamento*. Indica um «afastamento», talvez indicando uma «revolta», com o abandono dos princípios básicos do cristianismo. (II Tess. 2:3). É a dissolução de qualquer vínculo sério com Deus e com Cristo, paralelamente à rebeldia e à hostilidade para com esses vínculos. Dentro do ponto de vista cristão, a apostasia envolve mais do que a mudança de idéias sobre doutrinas reveladas. A princípio, é a outorga da alma a alguma causa maligna, e não o mero abandono daquilo que antes era professado.

3. *A apostasia*. O trecho de II Tess. 2 e certas descrições no Apocalipse indicam que, no fim dos tempos, antes da *parousia* (ver o artigo), isto é, da segunda vinda de Cristo, ou do início da era áurea ou *milênio* (ver o artigo a respeito), haverá um afastamento especialmente radical de muitos, que abandonarão a fé cristã. Essa rebelião será encabeçada pelo *anticristo* (ver o artigo). Visto que o anticristo será o «filho» da trindade maligna (Satanás, o anticristo e o falso profeta), por meio dele será adorado o pai dele, Satanás. Quanto a trechos bíblicos que dão informações sobre vários aspectos

desse ensino, ver Mat. 24:4,5; 10:13; Mar. 13:5,6,22; Luc. 21:8; I Tim. 4:1 ss ; II Tim. 3:1 ss ; Apo. 13:8,15. A apostasia promovida pelo anticristo será especialmente maligna, porque ele encabeçará uma forma espúria de cristianismo, dentro do arcabouço de uma religião do mundo. No seio da cristandade, os homens deixarão de prestar lealdade ao Senhorio de Cristo, e não mais haverão de considerá-Lo único e sem-par(Col. 2:18; I João 4:1-3; II Ped. 2:1). Quanto a descrições dos líderes apóstatas (os gnósticos dos tempos neotestamentários), ver II Tim. 4:3; II Ped. 2:1-19; Judas 4,8,11,13,16. «Eles saíram de nosso meio, entretanto não eram dos nossos» (I João 2:19), uma outra declaração a respeito dos gnósticos, é aplicável em espírito a esses desertores. Ramos que antes pareciam participar da vida da vinha, perderão a vitalidade, porque sua união com a vinha será decepada. Por conseguinte, serão lançados fora (ver João 15:6).

4. *Aspectos históricos da apostasia*:

No Novo Testamento, faz-se a distinção entre o apóstata e o herege. Aos crentes é ensinado que tentem preservar a comunhão com os hereges (Tito 3:10), mas a condição dos apóstatas parece ser irreversível (II Tess. 2:10-12; II Ped. 2:17,21; Jud., 11-15; Heb. 6:1-6). Naturalmente, essa irreversibilidade não é teórica, porque somente um pecado é considerado imperdoável (Mat. 12:31). Portanto, trata-se de uma irreversibilidade prática. Pode-se dizer com plena confiança: «Um apóstata não volta». O herege, por outra parte, é alguém que caiu em algum tipo de erro doutrinário; mas, de modo geral, ele é discípulo de Cristo e pode ser restaurado. Como é óbvio, devemos lembrar que a definição do que é um herege pode ser restringida a idéias denominacionais de ortodoxia doutrinária, de tal modo que um membro em regular situação perante uma denominação pode ser tido como herege perante outra denominação. Além disso, os grandes hereges, como Jesus, Paulo e Lutero, para citar alguns poucos, foram aqueles que trouxeram grandes avanços espirituais. Portanto, devemos usar esses termos com extrema cautela. A palavra «ortodoxia» nem sempre é sinônima de «verdade», pois esse termo com demasiada freqüência é empregado para indicar «o que eu creio», e não, necessariamente, «o que, de fato, é verdade».

Na Igreja pós-apostólica, havia três modos segundo os quais uma pessoa ou uma igreja podiam ser considerados apóstatas: 1. mediante a renúncia da fé (uma das definições usuais); 2. mediante lapso moral, por haver o indivíduo cometido os grandes pecados de adultério ou homicídio (sem arrepender-se dos mesmos). Os cristãos não recebiam de volta à comunhão aos que assim transgredissem. Porém, na Idade Média, a palavra apostasia parece que era aplicada somente àqueles que renunciavám inteiramente à fé cristã (Tomás de Aquino, *Summa Theologica* IIa-IIae, gg. 11,12).

Nos primeiros séculos, a apostasia podia ser punida não apenas pela Igreja, mas também pelo governo secular, e muitos apóstatas perderam assim a vida. As leis civis também puniam os apóstatas cortando-os de seus empregos, de suas posições e confiscando-lhes as propriedades, conforme sucedeu na época do rei Guilherme III, da Inglaterra. Esses costumes, porém, foram abandonados.

Nos tempos modernos, igrejas e denominações inteiras têm sido chamadas apóstatas, e não apenas indivíduos isolados, devido ao liberalismo teológico ou à presença de atividades políticas ou outras, incompatíveis com os ideais cristãos. Quanto a outras notas bastante completas sobre a *apostasia*, salientando o problema especial levantado no sexto capítulo da epístola aos Hebreus, ver o *NTI* em II Tess. 2:3 e Heb. 6:4. Ver o artigo *Segurança Eterna do Crente* que apresenta detalhes sobre a controvérsia. (AM B C E H NTI R Z).

A POSTERIORI

Ver sobre **A Priori, A Posteriori.**

APOSTOLADO

Termo usado para designar a dignidade e o ofício dos apóstolos de Cristo. Mais tarde, foi usado para indicar o ofício episcopal. Porém, chegou a designar o ofício papal, por ser ele considerado nos círculos católicos romanos como o principal «enviado», para benefício da Igreja. Ver **Apóstolos (Apostolado)**, IV.

APOSTOLICIDADE

A apostolicidade é uma das quatro características da Igreja, conforme o Credo Niceno. Tertuliano, no fim do século II D.C., usou a palavra a fim de referir-se à Igreja «edificada sobre os apóstolos» (Efé. 2:19 ss). Tal Igreja deve manter sua doutrina e sua prática. Só assim ela permanece primitiva e apostólica (*de Praes.* 20). Agostinho empregou o termo em controvérsia com os donatistas, aos quais reputava cismáticos. Tal termo tem sido usado ao longo da história da teologia a fim de distinguir a verdadeira Igreja das facções. A doutrina paralela da *sucessão apostólica* (ver o artigo a respeito) entrou na questão. Segundo o dogma católico romano, a *apostolicidade* inclui o reconhecimento do papa como herdeiro do trono de Pedro. No vocabulário dos teólogos protestantes, a palavra tem sido usada com o sentido de primitivo ou original, e portanto, livre de erros e corrupções posteriores, que invadiram a Igreja cristã. Atualmente, o termo é usado para aludir à participação na missão da Igreja. (C)

APOSTOLICUM = Credo dos Apóstolos (vide)

APÓSTOLO

Ver o artigo sobre **Apóstolos**, a seguir. O termo *apóstolo* vem do grego *apóstolos*, cujo significado mais comum é simplesmente *delegado, mensageiro.* A palavra é usada em sentido religioso para designar os mensageiros de Deus, de uma maneira bastante geral, como mensageiros ou delegados de oficiais, Fil. 2:25, II Cor. 8:23, e pode ter a noção de *missionário.* No grego clássico, entre uma variedade de usos, a palavra foi usada para designar os *mensageiros de Deus*, Epict. 3,22,23, como os *sábios* da filosofia. No Novo Testamento, o termo é usado para designar o maior desses mensageiros, *Cristo*, Heb. 3:1. Este documento continua o uso amplo da palavra. Barnabé, Atos 4:14, Andrônico, Júnias, Rom. 16:7, Tiago, o irmão do Senhor, Gál. 1:19, são chamados de *apóstolos.* Mas o uso mais comum no Novo Testamento é a designação dos *Doze Apóstolos*, os primeiros missionários da Igreja Cristã. Numa maneira especial trouxeram a Nova Mensagem e trabalharam como operadores de milagres, doutores poderosos da palavra, de bispos, e como alicerces da Igreja, Efé. 2:20.

Depois da era apostólica, o termo tem sido empregado para designar os primeiros missionários cristãos que levaram a mensagem para países que nunca a tinham recebido. Por exemplo, Bonifácio (680-754) se chama o *Apóstolo da Alemanha.*

A Evolução da Vereda Espiritual

1. *Materialismo*. Com ou sem a crença em um Ser supremo (essa crença pode ser meramente teórica, sem qualquer praticidade na vida diária), os homens podem atirar-se no materialismo. Então a vida é vivida egoisticamente. Para aqueles que se acham nesse estágio, a vida presente reveste-se de suprema importância. A alma não volve os olhos para cima, para seu futuro estágio eterno, e a vida diária não é influenciada por essa visão do alto.

2. *Superstição*. Nesse segundo estágio, os homens chegam a reconhecer algo dos poderes sobre-humanos e espirituais, mas aí todo conceito das coisas continua distorcido. As crenças religiosas, nesse estágio, podem até levar as pessoas a ocuparem-se em realizações prejudiciais, como é o caso dos sacrifícios humanos. Os supersticiosos deixam-se levar por toda forma de mitos e de imaginações, mas, pelo menos, já chegaram a perceber que existem os poderes espirituais.

3. *Fundamentalismo*. Nesse nível, as revelações divinas, preservadas em Livros Sagrados, são altamente reverenciadas; porém, a letra é posta acima do Espírito. Ver o artigo *Bibliolatria*. Crenças e credos rígidos cristalizam e entravam o desenvolvimento espiritual, e com freqüência os credos tornam-se motivos fortes de divisão, que separam as pessoas religiosas em campos que se hostilizam. A arrogância e o gosto pela polêmica são proeminentes nesse estágio. No caso de muitos, o amor é apenas uma questão da boca para fora. Todas as questões religiosas ficam dependentes de textos de prova, via de regra interpretados de forma a eliminar idéias contrárias e fortalecer as idéias que se coadunem com a visão limitada das doutrinas desta ou daquela denominação. Tradições começam a ser ensinadas como se fossem a própria verdade. Até mesmo porções dos Livros Sagrados são distorcidas ou omitidas, no esforço de obter uma teologia sistemática infalível, que geralmente se torna mais importante que a própria verdade. Apesar das desvantagens evidentes desse estágio, algumas pessoas são capazes de atingir um bom grau de piedade e espiritualidade pessoais. Porém, muitos substituem essa piedade e espiritualidade pela mera aderência a algum credo.

4. *Filosofia*. Nesse nível do avanço, os homens já começam a pensar por si mesmos, e não são apenas mata-borrões que somente absorvem idéias alheias. Surge uma espécie de despertamento, após todo o sono dogmático do passado. A *tolerância* (vide) torna-se a linha mestra principal das atitudes e ações. A lei do amor começa a adquirir importância. As antigas verdades passam a ser entendidas de uma nova maneira, e novas verdades são descobertas e incorporadas. Os credos deixam de ser examinados e seguidos cegamente, conforme sucedera no estágio fundamentalista. Mais do que meros textos de prova escriturísticos são exigidos, para que a pessoa aceite uma idéia como expressão da verdade. Verdades antes negligenciadas, agora são descobertas e valorizadas. É abandonado o *antiintelectualismo* (vide). As reivindicações dos místicos são investigadas.

5. *Perseguição e Perseverança*. A alma começa a ter fome e sede de justiça e verdade. A alma sente-se aflita, impelida a uma inquirição espiritual mais intensa. Alguns experimentam, nesse estágio, uma espécie de reconversão. — Tornam-se comuns uma leitura mais constante, uma vida de estudo e de oração mais permanente e vigorosa. Os homens buscam então a companhia de outros, que compartilhem dessa mesma intensidade, talvez até mudando de organização religiosa. Outros buscam a meditação, para receber maior iluminação. A compaixão e a simpatia vêm substituir a antiga hostilidade. Os homens avançam para além da tolerância, chegando à compreensão e à compaixão.

6. *A Vereda Mística*. A alma segue a Deus bem de perto, e busca a iluminação pessoal. As experiências místicas conferem a iluminação buscada, e a Presença Divina torna-se uma realidade na vida. É buscada a união com Deus. O amor reveste-se de grande importância. Ver os artigos intitulados *Misticismo* e *Cristo-Misticismo*.

7. *O estágio final* é, realmente, o processo da eterna *glorificação* (vide). Ver os artigos *Visão Beatífica* e *Transformação Segundo a Imagem de Cristo*.

Ora, o ofício apostólico tinha por finalidade ajudar-nos na evolução na vereda espiritual.

APÓSTOLOS (APOSTOLADO)

I. A Palavra e o Ofício
II. Nomes, Características e Listas
III. Observações Sobre as Listas
IV. O Apostolado
V. As Qualificações Especiais dos Apóstolos
VI. A Autoridade dos Apóstolos
VII. A Importância do Ofício Apostólico
VIII. Sucessão Apostólica

I. A Palavra e o Ofício

1. O termo vem do grego **apóstolos**, «enviado». A forma verbal é *apostello*, «enviar», e era aplicada a todas as variedades da ação, enviar um navio, uma expedição naval, um comandante, uma pessoa, etc. No Antigo Testamento, a idéia de Deus enviar Seus servos é de uso freqüente, e a forma verbal é empregada na Septuaginta em relação a Moisés, Elias, Eliseu e Ezequiel. A forma nominal é usada com o sentido de «agente credenciado».

No Novo Testamento. Cristo é o supremo *apóstolo* (Heb. 3:1). Seus mensageiros especiais são outros «apóstolos», incluindo, acima de todos, os doze apóstolos originais e Paulo.

2. *Apostolado*. Houve uma missão especial que envolveu os doze e Paulo. Os apóstolos foram dotados de poderes e autoridade especiais, agindo como agentes pessoais de Cristo. Mesmo depois de Sua morte e ressurreição, continuaram ativos nessa capacidade. Tinham o dever de pregar, de curar, de administrar a Igreja e de serem os representantes especiais da missão e da pessoa de Cristo, para darem prosseguimento à Sua autoridade. (Ver Atos 2:42; 5:1-11; 6:1-6; 8:14; 9:32, quanto a alguns desses deveres). E então, através deles, era ministrado o Espírito (Atos 8:15-17). Foram-lhes dados dons e poderes extraordinários, como emblemas de sua divina autoridade (Atos 5:12; 2 Cor. 12:12). Eram eles que lideravam, — na solução de problemas difíceis que surgiam na igreja (Atos 15:6; ver também Atos 6:3). A nomeação de Paulo ao apostolado teve a chancela da autoridade divina (Gál. 1:1; Rom. 5:1).

O termo «apóstolos» figura pela primeira vez no Novo Testamento em Mat. 10:2. Ver trechos paralelos como Mar. 3:13-19 e Luc. 6:12-16. Porém, um *uso mais amplo* do termo inclui o próprio Senhor Jesus (Heb. 3:1), Barnabé (Atos 14:14), Tiago, irmão do Senhor (Gál. 1:19), e talvez Silvano e Timóteo (Tess. 2:6). Ver também Efé. 4:11. Atualmente há apóstolos

na Igreja, no sentido secundário de alguém que Deus superdistinguiu em seus serviços, ou que seja dotado de significativa autoridade e poder espiritual. Mas muitos põem em sérias dúvidas se eles devem ser considerados parte do ministério oficial da igreja.

3. *Sinais do apostolado.* 1. Os apóstolos precisavam ser testemunhas oculares (Atos 1:21,22; I Cor. 9:1). 2. Eram dotados de poderes especiais (até mesmo miraculosos), como credenciais de seu ofício (Mat. 10:1; Atos 5:15,16; II Cor. 12:12). 3. Eram os agentes especiais do reino, em sua autoridade e administração (Mt. 10:5,6; Efé. 2:20). 4. Recebiam um serviço e uma missão definidos, tanto para os dias de Jesus como para o futuro (Mat. 19:28). Portanto, torna-se problemático determinar se, fora da era apostólica, algum homem pode ser qualificado como apóstolo, no sentido primário. *A autoridade* deles pode ser transferida a terceiros? Ver o artigo sobre a *Sucessão Apostólica*.

Pano de fundo histórico. Os apóstolos foram enviados por Jesus, e acompanharam-no em sua segunda viagem pela Galiléia. Cumpria-lhes duplicar o tipo de ministério que Jesus tivera em Sua primeira viagem por aquele território. Esse ministério envolvia autoridade sobre os demônios e exorcismo, cura de enfermidades e a pregação da mensagem espiritual, sobretudo como preparação para a chegada do reino de Deus (Mat. 10:1 ss). Mais tarde, receberam autoridade relativa da Igreja (Mat. 16:17 ss ; João 20:21-23; Atos 1:8 ss ; Efé. 2:20 ss ; 4:11).

Paulo dá a entender que aos vários apóstolos foram determinadas áreas específicas de atividade: Tiago, Pedro e João tinham um ministério entre os judeus, e Paulo, entre os gentios. Os doze foram removidos de Jerusalém devido às perseguições, e o alcance do ministério deles expandiu-se por causa disso. (Ver Gál. 2:7-10; Atos 8:1).

II. Nomes, Características e Listas

Nomes e Características

Simão, também chamado Pedro (em grego, pedra) ou Cefas (pedra, palavra de origem caldaica) por Jesus. Era filho de Jonas (Mat. 16:17), pescador por profissão. Betsaida era sua cidade natal (João 1:47), mas também residia em Cafarnaum, na Galiléia (Marc. 1:21,29). Existem cerca de outros oito «Simões» nas páginas do N.T. Alguns desses são o «cananeu», em Mat. 10:4; um dos irmãos de Jesus, em Mat. 13:55; um leproso de Betânia, em Mat. 13:55; um homem de Cirene, que foi compelido a ajudar a carregar a cruz de Cristo, em Marc. 15:21, identificado por alguns como Simão, que aparece em Atos 13:1; um fariseu (Luc. 7:40), que alguns identificam com Simão, o leproso, aludido acima; Simão Iscariotes, pai de Judas Iscariotes; um curtidor de Jope, que Pedro visitou (Atos 9:40). As tradições antigas dizem que Pedro morreu crucificado em Roma, de cabeça para baixo.

André, irmão de Simão Pedro, cujo nome é grego, «másculo». Originalmente, era discípulo de João Batista. Subseqüentemente conheceu a Cristo e passou a segui-lo, tendo-lhe apresentado Pedro. Era sócio de Pedro na indústria de pesca. Diz-se que foi crucificado na Acaia.

Filipe e André aparecem juntos nos trechos de João 1:45 e 6:7,8, parecendo-nos que havia um laço especial de amizade entre esses dois apóstolos; razão pela qual Filipe transmitiu o recado a André, provavelmente a fim de solicitar o seu parecer sobre a questão do pedido dos *gregos*. E então os dois transmitiram a solicitação ao Senhor Jesus.

André, como as escrituras afirmam, era irmão de Pedro, e foi um dos doze apóstolos. Evidentemente foi o primeiro de todos os discípulos de Jesus, tendo passado a seguir a Cristo mediante o testemunho de João Batista. Subseqüentemente, conduziu seu irmão, Simão Pedro, à presença de Jesus. (Quanto a notas sobre essa questão, e as lições por ela ensinadas, ver João 1:35-42, no NTI). O «outro» discípulo, entre os primeiros que seguiram a Jesus (juntamente com André) mui provavelmente era João. (Ver os comentários relativos a João 1:35,40 no NTI, sobre essa questão). André se distinguia pelo seu zelo ao ganhar outros para Cristo, através de sua fé eminentemente prática. (Ver João 6:8 e 12:21,22). Foi ele um dos discípulos a indagar ao Senhor acerca do julgamento que sobreviria a Jerusalém. (Ver Marc. 13:3,4). É digno de nossa atenção que, na passagem de João 1:42, ele foi o primeiro missionário entre seus compatriotas; e também se vê, neste texto do décimo segundo capítulo de João, que ele foi o primeiro missionário no estrangeiro.

William Temple (*Readings in St. John's Gospel*, pág. 29) diz: «Talvez seja esse um grande serviço à igreja, tão notável como o que qualquer outro homem prestou». É evidente que esse autor se referia ao zelo de André por ajudar tão decisivamente na formação do núcleo primitivo dos discípulos de Jesus, tendo trazido aos pés do Senhor o seu próprio irmão, Simão Pedro.

Parece-nos que André assumiu a liderança da iniciativa, neste episódio em foco, e que, juntamente com Filipe, levou a questão à apreciação do Senhor. Alguns estudiosos supõem que assim aconteceu por ser ele mais íntimo de Jesus do que o era Filipe; no entanto, não temos qualquer prova sobre essa opinião. Adam Clarke (*in loc.*) percebe nesse episódio uma ilustração de como os ministros deveriam concordar entre si, unindo seus esforços num propósito comum, ao dizer: «Quão agradável a Deus é essa unidade, quando os ministros de seu evangelho entram em harmonia e se unem no esforço comum de conduzir as almas a Cristo. Porém, onde prevalecem o amor-próprio e os interesses pessoais, e onde não é buscada a honra que vem exclusivamente de Deus, essa unidade jamais passa a existir. Os preconceitos com freqüência arruínam todos os sentimentos generosos que porventura existam entre as diferentes denominações do povo de Deus». Essa observação foi feita há mais de cento e cinqüenta anos atrás, — mas é óbvio que tem aplicação moderna.

Tiago, um dos filhos de Zebedeu, um pescador da Galiléia, que pertencia ao grupo selecionado dos três mais íntimos, entre os doze apóstolos. Foi morto pela espada de Herodes Agripa I (ver Atos 12:2). Precisa ser distinguido de Tiago, filho de Alfeu, outro dos doze apóstolos (Mat. 10:3); e também de certo irmão de Jesus (Mat. 13:55); e, igualmente, de um irmão do apóstolo Judas (Atos 1:13). Alguns crêem, entretanto, que a expressão indica que esse Judas é realmente filho do Tiago aqui mencionado.

João, outro dos filhos de Zebedeu, irmão do Tiago mencionado em primeiro lugar entre os Tiagos. À base de Marc. 16:1 e de Mat. 27:56, parece que a Salomé mencionada era mãe desses dois apóstolos. Acredita-se comumente que Salomé era irmã de Maria, mãe de Jesus. Se assim realmente foi, então Tiago e João eram primos de Jesus. A família provavelmente tinha recursos, obtidos com a indústria da pesca. Salomé é uma das mulheres que contribuíam para a subsistência de Jesus e seus discípulos (ver Luc. 8:3; Marc. 15:40). Tiago e João foram chamados de «filhos do trovão» pelo Senhor Jesus (Marc. 3:17), provavelmente por causa de seu

espírito exaltado e indisciplinado, que talvez fosse uma das características dos homens de sua profissão. Esse João era um dos três apóstolos do círculo mais íntimo (Pedro, Tiago e João). Só esses três foram testemunhas oculares da ressurreição da filha de Jairo (Marc. 5:37), da transfiguração de Jesus (Marc. 9:2) e só eles tiveram permissão de estar com Jesus no jardim do Getsêmani (Marc. 14:33). João é o discípulo a quem Jesus amara, autor do evangelho de João. Diversas histórias sobre seu martírio não têm sido consideradas conclusivas. Deve ser distinguido de João Batista e de João Marcos.

Filipe, chamado para seguir a Jesus no dia seguinte ao do chamamento de Pedro e André. Ele trouxe Natanael a Cristo. Era de Betsaida, de onde também eram Pedro e André. (Ver João 1:44). É incerto se o túmulo que há em Hierápolis é o desse Filipe ou do «diácono» Filipe. O apóstolo Filipe deve ser distinguido de certo Filipe, filho de Herodes o Grande e de Mariamne, filha do sumo sacerdote Simão; e de um filho de Herodes o Grande e sua quinta esposa, Cleópatra de Jerusalém; e, igualmente, de Filipe, diácono e evangelista, um dos sete escolhidos para um serviço especial na igreja de Jerusalém (Atos 6:5).

Bartolomeu, que é mencionado exclusivamente nas listas dos doze apóstolos. Sua identificação com Natanael é incerta (João 1:45). Se Bartolomeu e Natanael são a mesma pessoa, então sabemos que ele veio de Caná da Galiléia. Foi ele que viu a Cristo, no dia de sua ressurreição, à beira do mar de Tiberíades. (Ver João 21:2).

Mateus, filho de Alfeu, não o Alfeu, pai de Tiago, o menor, também conhecido pelo nome de Levi. Era «publicano» ou cobrador de impostos por profissão. (Ver Mat. 10:3). Existem indicações de que após a ressurreição de Jesus, ele pregou primeiro na Judéia, e então em países estrangeiros. Tradicionalmente aceito como autor do evangelho que traz o seu nome, embora esse evangelho não tenha provas internas de quem fora o seu autor. Papias diz-nos que Mateus compilou oráculos, mas de forma alguma se tem certeza se isso se refere ao livro que chamamos de evangelho segundo Mateus. Nas listas dos apóstolos, vê-se no evangelho de Mat. que o seu nome aparece depois do de Tomé, ao passo que nos outros evangelhos é alistado antes do de Tomé. Isso tem sido reputado como um sinal interno da autoria de Mateus, como sinal de humildade pessoal.

Tomé, cujo nome significa *gêmeo*, embora não tenhamos qualquer informação acerca de algum irmão ou irmã de quem era gêmeo. Somente o evangelho de João contém algumas referências pessoais a Tomé. Mostrou-se disposto a morrer junto com Jesus (João 11:16), mas fraquejou quanto à fé, deixando-se assaltar pelas dúvidas (João 20:25), embora mais tarde tivesse sido o grande confessor da deidade de Cristo (João 20:28). É evidente que Tomé também era pescador de profissão, posto ser mencionado na companhia de Pedro, entre sete discípulos, à beira do mar da Galiléia (João 21:2). As tradições informam-nos que posteriormente ele labutou na Síria, na Pártia, na Pérsia e na Índia. Ver outras notas em João 11:16 no NTI.

Tiago, filho de Alfeu. Com freqüência é identificado com «Tiago, o menor», nome esse que talvez fosse melhor traduzido como «Tiago, o pequeno». Obviamente essa designação se refere à sua estatura física, em comparação com Tiago, filho de Alfeu, ou talvez se refira à sua idade, por ser mais jovem que este. Era filho de uma das Marias mencionadas no N.T. (Ver Marc. 15:40). A tradição revela-nos que ele pregou na Palestina e no Egito. Não há evidência alguma de que esse homem fosse parente do Senhor.

Simão, chamado o Zelote. Também é chamado de «o cananeu», embora seja uma tradução um tanto deficiente. Deveria ser «cananeano», que é referência a um partido político, posteriormente apelidado de «zelotes» (como se vê em Luc. 6:15). Esse partido se opunha à tentativa de pôr a Judéia sob o domínio de Roma, e posteriormente se opôs amargamente ao governo romano sobre a Judéia, em qualquer de suas formas. Esse apodo, aplicado a Simão, poderia ser uma referência ao seu zelo religioso, embora a outra explanação pareça ser mais provável. Ver o artigo sobre os *Zelotes*.

Judas, irmão de Tiago, também chamado Tadeu (em Marc. 3:18). Alguns acreditam que «irmão de Tiago» poderia ser traduzido mais corretamente por «filho de Tiago». O grego, literalmente traduzido, diz simplesmente «de Tiago». Ele também é chamado «Labeu» (Mat. 10:3). Acreditam muitos que ele tenha sido o autor da epístola de Judas. Tradicionalmente, teria sido pregador em Edessa, na Síria, na Arábia e na Mesopotâmia.

Judas Iscariotes. As tentativas para fazer o nome «Iscariotes» significar «assassino», relacionando-o a uma palavra aramaica similar, parecem fúteis. A referência mais provável é a Queriote, lugar localizado em Moabe (ver Jer. 48:24), ou então a Queriote-Hesrom (ver Jos. 15:25), acerca de vinte quilômetros ao sul de Hebrom. Esse Judas sempre aparece em último lugar nas listas dos apóstolos, e sempre é identificado pelo adjetivo, «traidor». Era o tesoureiro do grupo apostólico. Sua carreira levou-o à apostasia e ao suicídio final. (Ver Atos 1:25; Mat. 27:5; Atos 1:18). Sendo originário da Judéia, foi o único apóstolo que não era da Galiléia.

Matias, sucessor de Judas Iscariotes. (Ver Atos 1:15,26). Eusébio, o primeiro historiador eclesiástico, revela-nos que ele pertencera antes ao grupo dos setenta, e que, por isso mesmo, era uma testemunha ocular. Mas nada de certo se sabe com respeito à sua vida posterior. Ver outras notas sobre ele em Atos 1:23 no NTI.

Paulo. No princípio de sua vida, era um jovem aristocrata de Tarso, embora tivesse sido criado em Jerusalém, sob a direção do famoso mestre, Gamaliel. Evidentemente esteve afastado de Jerusalém durante o ministério de Jesus, porquanto nunca o vira pessoalmente, até à visão que lhe foi dada na estrada de Damasco. (Atos 9). Sua reivindicação ao apostolado era autêntica, posto ter visto o Senhor após a sua ressurreição, por meio de visões; então foi nomeado apóstolo e enviado especialmente aos gentios, tendo sido aceito como tal pelos demais apóstolos. (Ver Gál. 1:1,15,16,17; 2.6-9). Ver o artigo sobre Paulo.

Há quatro listas dos apóstolos: em Mat. 10:2-4; em Mar. 3:16-19; em Luc. 6:14-16 e em Atos 1:13,16,26. Pedro encabeça a lista em todas as instâncias. Assumiu o primado *interpares* entre eles, segundo está registrado no segundo e terceiro capítulos do livro de Atos. Judas Iscariotes sempre aparece em último lugar nas listas dos apóstolos, exceto no livro de Atos, onde o seu nome é omitido. Mateus dá os nomes dos apóstolos aos pares, provavelmente na mesma ordem em que foram enviados em sua missão, de dois em dois.

Ver os artigos separados sobre cada um dos Apóstolos.

MAT. 10:4	MAR. 3:16-19	LUC. 6:14-16	ATOS 1:13
1. Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro
2. André	Tiago	André	Tiago
3. Tiago	João	Tiago	João
4. João	André	João	André
5. Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
6. Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
7. Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
8. Mateus	Tomé	Tomé	Mateus
9. Tiago, de Alfeu	Tiago, de Alfeu	Tiago, de Alfeu	Tiago, de Alfeu
10. Tadeu	Tadeu	Simão, o Zelote	Simão, o Zelote
11. Simão, o Zelote	Simão	Judas, de Tiago	Judas, de Tiago
12. Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	(em branco)

III. Observações sobre as Listas

1. *Mateus* apresenta sua lista aos pares: Simão e André, Tiago e João, Filipe e Bartolomeu, Tomé e Mateus, Tiago e Tadeu, Simão e Judas. Sabe-se que Jesus enviou esses homens aos pares a fim de evangelizarem. Provavelmente a lista de Mateus mostra-nos os pares conforme foram enviados.

2. Entre os apóstolos havia *pares de irmãos*: Simão e André, Tiago e João. Alguns intérpretes acham que Mateus e Tomé eram irmãos; como também Filipe e Bartolomeu. Mas talvez somente Simão e André, e Tiago e João fossem irmãos, porquanto o texto não menciona que os demais o eram, mas identifica claramente aqueles dois pares como compostos de irmãos carnais, com as palavras «seu irmão». Não é provável que o autor, tendo feito assim em dois casos, não acrescentasse também essas palavras no caso dos outros, se realmente tivessem sido irmãos. Outrossim, não há na tradição qualquer indicação de que houvesse outros pares de irmãos entre os doze apóstolos.

3. É provável que Salomé, mãe de Tiago e João (Marc. 16:1; Mat. 27:56) fosse *irmã* de Maria, mãe de Jesus. Assim sendo, aqueles apóstolos eram primos de Jesus, como talvez João Batista também o fosse.

4. Nas listas há *três classes*, cada qual com quatro pessoas, cada classe com os mesmos nomes, ainda que em ordem diversa, ou seja: primeira classe, Pedro, André, Tiago e João; segunda classe, Filipe, Bartolomeu, Tomé e Mateus; terceira classe, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote e Judas Iscariotes.

5. Em todas as listas, os nomes de Pedro, Filipe, Tiago (de Alfeu) e Judas Iscariotes ocupam o *mesmo lugar* na ordem de apresentação. Pedro sempre aparece em primeiro lugar, o que mostra que não só foi chamado antes dos outros, era discípulo há mais tempo, mas também gozava de primazia entre os doze. Isso não significa, porém, que fosse uma modalidade de papa. Ver notas sobre Mat. 16:16 no NTI, que explicam a posição ocupada por Pedro. Em todas as listas Judas Iscariotes é o último e não há que duvidar que tal posição lhe foi dada propositalmente nas listas, para indicar sua posição inferior, por haver traído ao Senhor Jesus.

6. O maior problema é o da *identificação* de certos nomes com os indivíduos, como, por exemplo, os nomes Labeu, Tadeu e Judas (irmão ou filho de Tiago), que parecem referir-se à mesma pessoa. Ver Mat. 10:3 na tradução AC, comparando com Luc. 6:16 e Atos 1:13. Levi e Mateus são a mesma pessoa. Bartolomeu pode ser identificado com o Natanael de João 1:45. Simão Cananita, de Marc. 3:18 deve ser identificado com Simão, o Zelote, em Luc. 6:15. Ambos os apelidos se referiam ao partido político de Simão. Ver a nota em Luc. 6:12 no NTI.

7. Judas Iscariotes, da cidade de Queriote, em Judá, filho de Simão (João 6:71), era o *único* que não era natural da Galiléia. Todos os demais apóstolos eram galileus. Ver outros detalhes sobre os doze, em Luc. 6:12 no NTI.

Os antigos, na igreja primitiva, consideravam os doze como tipos dos doze filhos de Israel, no V.T.; também eram comparados simbolicamente às doze fontes de Elim (Êx. 12:27), às doze pedras de Urim e Tumim, no peitoral do sumo sacerdote, aos doze pães de Ex. 25:30, aos doze espias enviados à terra prometida (Jos. 2:1,6,23), às doze pedras tiradas do rio Jordão, como lembrando do poder de Deus entre eles (Jos. 4:3-9). Outros acham que há referência aos doze apóstolos em Apo. 12:1, no N.T., que fala das doze estrelas na cabeça da mulher vestida de sol. E certamente eles são representados pelos doze fundamentos das muralhas da nova Jerusalém (Apo. 21:14).

IV. O Apostolado

Apóstolo. Palavra que significa **enviado**, mas que também subentende aquele que faz serviço especial, em nome e pela autoridade de quem o enviou. É empregada por Mateus, pela primeira vez (10:2), mas os trechos paralelos (Marc. 3:13-19 e Luc. 6:12-16) mostram que foram escolhidos antes do Sermão do Monte, depois que Jesus passou a noite inteira em oração. O termo não é usado exclusivamente para fazer alusão aos doze, mas também se refere a Jesus, em Heb. 3:1. Mais tarde alude a Paulo, em numerosas ocorrências; alude a Barnabé, em Atos 14:14; alude a Matias, escolhido para ocupar o lugar de Judas Iscariotes, em Atos 1:16-26. Em seu sentido mais restrito, aplica-se ao ofício especial do apostolado (ver Efé. 4:11). Os sinais confirmatórios do apostolado são: 1. Tinham de ser testemunhas oculares (Atos 1:21,22; I Cor. 9:1) escolhidas pelo próprio Cristo. 2. Eram dotados de poderes miraculosos, como suas credenciais (Mat. 10:1; Atos 5:15,16). 3. Eram *preceptores especiais*, tanto do reino como da igreja (Mat. 10:5,6; Efé. 2:20). 4. Um serviço definido esperava-os no futuro (Mat. 19:28).

De modo geral, isto é, quanto aos que recebem postos elevados, há apóstolos na igreja até hoje e em todos os tempos. No sentido mais restrito, quanto ao ofício propriamente dito, não há provas de que o apostolado perdure na igreja até hoje e os que tomam

esse título não apresentam as qualificações ou credenciais do apostolado. A sucessão apostólica é pura imaginação e tradição, sem base nas Escrituras e na experiência humana, isto é, a experiência humana demonstra que àqueles que se fazem apóstolos faltam as qualificações apostólicas.

V. As Qualificações Especiais dos Apóstolos

1. Ter sido **testemunha ocular** das obras, da vida, da morte e da ressurreição do Senhor Jesus. (Ver Atos 1:16-26; e também João 15:27, onde o Senhor aborda a mesma necessidade).

2. Ter sido *escolhido* pelo próprio Cristo. (Ver I Cor. 9:1 e Gál. 1:1).

3. *Obras miraculosas* e um ministério especial autenticavam a validade do ofício apostólico. (Ver Mat. 10:1 e Atos 5:15,16).

4. Os apóstolos seriam os *precursores*, tanto da igreja cristã como do reino de Deus. (Ver Mat. 10:5,6 e Efé. 2:20).

5. Teriam os apóstolos um *ofício especial*, de tal modo que até mesmo no futuro aguarda-os um serviço especial, que nenhum dos outros pode preencher. (Ver Mat. 19:28).

Deveria tornar-se óbvio para nós, com base nessas qualificações, que não pode haver transferência do ofício apostólico para terceiros. Em sentido secundário, todavia, outros têm sido e podem ser chamados de «apóstolos», como, por exemplo, foi o caso de Barnabé. (Ver Atos 14:14). No entanto, há um apostolado que pertence exclusivamente *aos doze*, ofício esse contrastado com os ofícios menores da igreja, tais como os de profetas, evangelistas, pastores e mestres, etc. (Ver Efé. 4:11).

VI. A Autoridade dos Apóstolos. Ver o artigo geral sobre **Autoridade.**

A autoridade religiosa que antes estivera investida no sinédrio, que entre os judeus da época apostólica inicial era considerado como a autoridade religiosa máxima, entre os cristãos estava investida nos apóstolos e profetas. O evangelho de Mateus, que provavelmente foi escrito após a destruição de Jerusalém (no ano 70 D.C.), ao procurar uma autoridade que suplantasse o poder então desaparecido do sinédrio, encontrou-o em Pedro, como «primus interpares» dos apóstolos (ver Mat. 16:18 e *ss*). Todavia, o evangelho de João refletiu um ponto de vista mais amplo, investindo todos os apóstolos, e não somente Simão Pedro, dessa autoridade (ver João 20:22,23). E a epístola aos Efésios amplia ainda mais a visão nesse sentido, incluindo os «apóstolos e profetas» nesse quadro (ver Efé. 2:20). Todavia, referindo-nos somente aos apóstolos, consideremos os pontos seguintes:

1. Os apóstolos são chamados *fundamento* da igreja (ver Efé. 2:20).

2. Os apóstolos foram os receptadores originais da revelação cristã distintiva (ver Efé. 3:5).

3. Portanto, devido à sua natureza e caráter sem-par, esse ofício apostólico não pode ser transferido. Portanto, a noção de «sucessão apostólica» é um dogma humano, e não uma doutrina do N.T. Entretanto, em sentido secundário, ainda há apóstolos, homens de elevada autoridade conferida por Deus, os quais têm a cumprir serviços especiais de grande importância na igreja.

Os apóstolos originais, porém, eram: 1. Testemunhas especiais da ressurreição de Cristo. 2. Ministros especiais que agiam como representantes de Cristo, efetuando sua obra. 3. Estavam dotados de poderes especiais, tanto na organização como na edificação da igreja cristã, sendo poderosas figuras evangelizadoras cujo trabalho tendia a multiplicar o número dos participantes da igreja.

As marcas distintivas de um apóstolo eram: uma comissão direta da parte de Cristo; eram testemunhas da ressurreição; inspiração especial; autoridade suprema; confirmação por milagres; comissão ilimitada para pregar e fundar igrejas.

Suas características eram a chamada da parte do próprio Cristo (ver Gál. 1:1); a operação de milagres (ver II Cor. 12:12); a superintendência das igrejas em todas as terras (ver Mat. 28:19 e II Cor. 11:28); e, principalmente, o fato de serem testemunhas oculares da ressurreição de Cristo (ver Atos 1:22 e I Cor. 9:1).

Todo o testemunho da igreja cristã, toda a crença no Jesus histórico e no que significava a sua vida, a sua morte e a sua ressurreição para a humanidade, repousaria, em última análise, sobre a palavra daqueles «doze» apóstolos, porquanto deles é que procederia todo o material básico e os evangelhos, que são o progenitor do livro de Atos e das epístolas, bem como de todas as revelações subseqüentes de Deus.

VII. A Importância do Ofício Apostólico

1. Embora não existisse igreja cristã desde o princípio do ministério de Cristo, é óbvio, com base nos evangelhos, que aqueles doze homens ocuparam um tipo de posição oficial entre a comunidade dos seguidores de Jesus, pois até mesmo no princípio foram dotados de dons e poderes *especiais*, a fim de poderem desempenhar o seu ministério especial.

2. Embora na igreja cristã primitiva não houvesse qualquer espécie de *colégio oficial*, conforme atualmente pensaríamos no sentido dessa expressão, contudo, os apóstolos constituíam a autoridade básica da igreja. Isso é subentendido até mesmo por este texto, posto que os apóstolos permaneceram juntos, como um grupo, sentindo ser necessário fazer o seu número ser mantido como «doze».

3. O sinédrio foi destruído, juntamente com a cidade de Jerusalém, no ano 70 D.C. Ora, esse tribunal de setenta homens, que constituíam a autoridade civil e religiosa que governava Israel, desde há muito era reputado como a autoridade religiosa da nação. A destruição do sinédrio, pois, deixou um grande hiato no terreno da autoridade religiosa oficial. No tocante à destruição de Jerusalém, — ver o trecho de Luc. 2:41. O décimo sexto capítulo de Mateus mostra uma primeira tentativa de preencher essa ausência de autoridade, e a Pedro foi concedido o sinal de uma autoridade especial. Não obstante, essa autoridade foi posteriormente expandida, incluindo todos os demais apóstolos, segundo vemos em João 20:19-23. Todavia, essa autoridade não era absoluta, no sentido de que nenhum cristão individual tinha opinião a dar a respeito do que os apóstolos tratassem, porquanto o décimo oitavo capítulo do evangelho de Mateus mostra uma forma de processo democrático na solução dos problemas da igreja cristã.

4. Como grupo, os apóstolos formavam o *núcleo* da igreja primitiva, e deles é que procedeu a doutrina oficial da igreja cristã, por meio de pronunciamentos individuais, — da interpretação das Escrituras do A.T., e de seus próprios escritos, uma porção dos quais se encontra atualmente como parte integrante de nosso Novo Testamento. De fato, um dos mais importantes testes aplicados aos livros que deveriam ser aceitos como Escritura, isto é, que deveriam ser reputados «canônicos», no que diz respeito ao N.T., é que estivessem alicerçados sobre a autoridade apostólica, baseados em seu testemunho, direto ou

indireto e gozassem de sua aprovação; porquanto não se poderia mesmo esperar que alguém estivesse qualificado como aqueles homens, que estiveram tão intimamente associados com o próprio Senhor Jesus, a escrever de forma autorizada.

5. Os apóstolos foram nomeados *testemunhas especiais* da ressurreição de Jesus, sendo essa a doutrina central da fé cristã, bem como a demonstração irretorquível da verdade das reivindicações messiânicas de Jesus, bem como a grande prova do poder espiritual de sua pessoa, o selo do testemunho de sua vida inteira. Na boca daqueles doze homens, pois, toda palavra foi confirmada, e através deles a recém-formada comunidade cristã tinha a sua autoridade religiosa. Assim, pois, em todos os séculos, incluindo os nossos tempos modernos, a autoridade da igreja cristã repousa, em última análise, sobre os apóstolos. É por essa razão que eles formam o alicerce ou fundamento da igreja cristã, segundo nos mostra Efé. 2:20.

VIII. Sucessão Apostólica

Ver o artigo sobre este assunto (I IB ND NTI Z)

APÓSTOLOS, EPÍSTOLA DOS

Essa é uma carta presumivelmente escrita por todos os apóstolos, incluindo Natanael e Cefas, como uma pessoa separada de Simão Pedro, dirigida às igrejas das quatro regiões do mundo. Essa obra, aparentemente desconhecida para os pais da Igreja, foi descoberta em 1895, na forma de um manuscrito cóptico muito mutilado. Atualmente existe uma completa versão etíope e alguns fragmentos em latim.

Conteúdo. Há uma introdução, seguida por uma enfática declaração de fé em Jesus, como Senhor e Salvador. Há narrativas extraídas dos evangelhos canônicos, com elementos tomados por empréstimo do Evangelho da Infância, de Tomé. Um relato da ressurreição evolui na forma de um diálogo elaborado entre Jesus e os discípulos, com perguntas e respostas. Curiosamente, essa seção contém uma profecia sobre o sucesso das atividades missionárias de Paulo, prevendo sua conversão e zelo fanático. (Cap. 31 ss). Aparece então uma interpretação da parábola das virgens prudentes e das virgens insensatas (43 ss), com várias admoestações atinentes à conduta cristã.

Há uma revelação, dada como um discurso pós-ressurreição, similar ao Apócrifon de João, com afinidades e com idéias *gnósticas* (ver o artigo a esse respeito), embora não realmente gnósticas em sua natureza. De fato, os «hereges» são severamente repreendidos, sendo chamados inimigos de nosso Senhor Jesus Cristo (caps. 1,7). A realidade do corpo de Jesus (combatendo uma doutrina gnóstica) é enfatizada (caps. 11 e 12). Porém, em vários sentidos, a obra está muito aquém da tradição canônica evangélica.

Seu autor conhecia o Novo Testamento, usava o testemunho dos evangelhos e dava uma posição especial a João. Mas misturava isso com material de evangelhos não-canônicos. A Paulo é dado um lugar proeminente, embora suas doutrinas não fossem incluídas no corpo da obra.

Aparentemente a obra originou-se no século II D.C., composta na Ásia Menor, embora alguns prefiram pensar no Egito. Há algum paralelismo com a literatura encontrada nas cavernas de Qumran. O fato de que há um misto de material canônico e não-canônico nessa obra, quase certamente demonstra que, quando a mesma foi escrita, ainda não tinha sido fixado o cânon do NT, nem mesmo no que diz respeito aos evangelhos. (MH Z)

APÓSTOLOS, EVANGELHO DOS DOZE

Ver o artigo **Livros Apócrifos**, sob **Novo Testamento**. Esse evangelho foi mencionado pela primeira vez por Orígenes, em *Luc*. Hom. 1, onde é mencionado imediatamente depois do Evangelho dos Egípcios, e antes dos evangelhos de Basilides, Tomás e Matias. Comentando sobre Lucas (1:1), ele observava que a Igreja dispunha de quatro evangelhos, mas que os hereges tinham muitos evangelhos. Com base nessa observação, concluímos que ele pensava que o *Evangelho dos Doze Apóstolos* era um livro herético. Esse documento tem sido identificado como o evangelho dos ebionitas; mas, se essa identificação não corresponde aos fatos, então nada sabemos sobre o Evangelho dos Doze Apóstolos.

Esse título foi dado a vários outros evangelhos não-canônicos, a saber: 1. O evangelho Cuqueano dos Doze, que pode ter sido o evangelho ebionita; 2. um documento maniqueu, sobre o qual nada se sabe; 3. um documento sírio de data posterior, publicado por R. Rendel Harris; e 4. um alegado evangelho, publicado por Revillout, mas que é apenas uma coletânea de fragmentos cópticos. (Z)

APÓSTOLOS FALSOS

A expressão específica, «falsos apóstolos», aparece no Novo Testamento somente em II Coríntios 11:13. O próprio fato de que Paulo usou tal expressão mostra que na época, o conceito inteiro do apostolado ainda estava sendo definido. Houve doze deles, que se tornaram onze; e então Matias foi adicionado. E, finalmente, Paulo tornou-se o apóstolo dos gentios. É inteiramente possível que alguns dos oponentes de Paulo, em Corinto, realmente se considerassem figuras apostólicas, e de maior valor e estatura que o próprio Paulo.

Características dos falsos apóstolos. 1. Judeus que queriam ver o cristianismo ser transformado em mero ramo do judaísmo, que enfatizavam as obras da lei como necessárias à salvação (ver II Cor. 11:4,12). 2. Eles fingiam-se apóstolos de Cristo, mas estavam introduzindo um evangelho diferente daquele que fora entregue a Paulo (ver Cor. 11:4,13,22 ss). 3. Eram arrogantes e cobiçavam dinheiro e atenção (ver II Cor. 11:9 *ss*, 20). 4. Tacharam Paulo de inferior e cru, pois eram difamadores e competiam com a autoridade estabelecida por Deus (ver II Cor. 11,5,6). 5. Afastavam-se da pura espiritualidade (ver II Cor. 11:3). 6. Os judaizantes (aqueles que enfatizavam a obtenção da salvação mediante a guarda da lei de Moisés e rejeitavam a doutrina da graça) reivindicavam contar com a autoridade de Tiago (ver Gál. 2:12), embora fosse uma falsa reivindicação (ver Atos 15:24). Ver o artigo sobre os *judaizantes*. 7. Eram falsos por serem autonomeados. Eles tinham uma *missão*, mas não divinamente apontada (ver Atos 15:12). 8. Eram obreiros fraudulentos, desonestos em suas atividades e motivos, buscando apenas seus próprios interesses (ver Atos 15:13). 9. A transformação espiritual deles era apenas superficial, e sua chamada ao ofício apostólico não era autêntica (ver Atos 15:3).

Bode de Judas. Conta-se a história de como certa companhia da cidade de Nova Iorque, nos E.U.A., de nome «Butchers' Dressed Meat Company», criava um animal que veio a ser conhecido pelo nome de *Bode de Judas*. Seu trabalho era o de escoltar as ovelhas dos

vagões que as desembarcavam na beira do rio, onde havia um matadouro à espera delas. Esse bode começava a trabalhar bem cedo toda manhã, e continuava agindo até altas horas, enquanto houvesse ovelhas a serem conduzidas ao matadouro. Fazia nada menos de dez viagens por dia. Calcula-se que durante sua carreira conduziu quatro milhões e meio de ovelhas para a morte. Isso era possível porque as ovelhas, diferentemente do gado ou dos porcos, seguem um líder, não tendo a necessidade de serem tangidas. E seguem melhor o líder, se tratar-se de um animal branco. Aquele bode era inteligente, bonito e de porte altivo, e assim desincumbia sua tarefa com grande habilidade. Os falsos líderes religiosos podem ser atraentes, inteligentes e eloqüentes. As ovelhas espirituais podem ser enganadas por eles, em detrimento próprio. (I IB LAN NTI)

APÓSTOLOS, Sucessão Dos

Ver **Sucessão Apostólica**.

APOTEOSE

Vem do grego **apó**, «da parte de», e **theoun**, «deificar». É a elevação de um ser mortal à classe dos deuses. Virtualmente todas as culturas dão evidências da transformação de governantes ou heróis a alguma categoria divina. Com o declínio dos costumes republicanos, tornou-se comum a prática no império romano, a saber, a deificação dos césares, enquanto ainda viviam. A perseguição contra os cristãos era estimulada por essa prática, porque os cristãos negavam-se a reconhecer o imperador como um deus. Na teologia grega e na teologia mística posterior, afirmou-se que os crentes, mediante a sua união com Cristo, tornam-se participantes da natureza divina, o que é explicitamente ensinado em II Ped. 1:4, o que também fica subentendido na doutrina da transformação do crente à imagem de Cristo (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Sobre o crente é dito que ele pode participar da plenitude de Deus, por intermédio de Cristo (Col. 2:10), expressão essa que quase certamente implica nessa doutrina. Ver essas referências no NTI, quanto a completas explicações. Há religiões que concebem a salvação, em seus estágios finais, como uma participação finita na divindade, embora sem qualquer estagnação, de tal maneira que não se pode estabelecer um limite à glorificação, que seria um eterno processo.

APRENDIZADO, PARADOXO DE

Um antigo problema levantado nos diálogos socráticos de Platão, e mais tarde encontrados em alguns escritos sobre educação e em certos exames medievais sobre o conhecimento da natureza de Deus. Uma pessoa só pode aprender aquilo que ainda não sabe. Mas, se ela não o sabe, como sabe o que está procurando aprender? Esse paradoxo, na verdade, não passa de um sofisma. (F)

A PRIORI, A POSTERIORI

Palavras latinas que significam «vem antes» e «vem depois». São usadas para fazer distinções entre tipos de declarações ou proposições baseadas no modo como alguém adquire conhecimento das suas verdades. *A priori* indica idéias já aceitas, sem investigação e provas empíricas. *A posteriori* indica verdades obtidas através da investigação empírica. Essas expressões foram introduzidas na filosofia por meio dos escolásticos.

1. Em uma proposição *a priori* sabemos o que é falso ou verdadeiro sem apelar para a experiência, exceto, naturalmente, até onde a experiência se faz necessária para a compreensão dos vocábulos. As proposições analíticas (ver o artigo) são proposições a priori, pelo que todas as fórmulas matemáticas devem ser assim classificadas. Não precisamos fazer nenhum teste para saber que $2+2=4$. Nossa razão nos demonstra isso, e qualquer experiência que declare que isso é falso, teria de ser chamada falsa. Se um animal sempre e necessariamente é negro, podemos dizer que «todos os animais dessa espécie são negros», e a cor negra torna-se parte da própria definição daquele animal. Portanto, não é necessária qualquer investigação para saber se a cor negra é uma característica necessária de tal animal. Se um suposto animal daquela espécie fosse encontrado, que não fosse negro, declararíamos que não se trata daquela espécie, porque a cor negra é essencial àquele animal. Assim sendo, dizer «todos os animais de tal espécie são negros», é uma proposição analítica, *a priori*.

2. A expressão *a priori* também tem sido usada para denotar os meios através dos quais apreendemos alguma *verdade transcendental* que não está sujeita às nossas investigações, e nem precisa disso. José Marechal (1878-1944) acreditava que apreendemos a realidade (o mundo noumenal) com nossos juízos necessários, ou *a priori*. O intelecto tem uma afinidade natural com o Ser Absoluto, ou Ato Puro, e pode apreendê-lo por sua própria natureza, sem qualquer esforço empírico. Os juízos *a priori*, que apreendem verdades transcendentais, têm natureza tanto metafísica quanto psicológica.

3. A expressão também tem sido usada para aludir a qualquer apelo às *probabilidades antecedentes*, ou seja, considerações de teoria geral, em contraste com *informes* mais ou menos diretamente envolvidos com a questão particular em pauta.

Hume supunha que todas essas são idéias derivadas da experiência, ou seja, idéias *a posteriori*. Porém, Platão e Leibniz argumentaram que conceitos importantes, como substância, igualdade, semelhança e diferença são idéias *a priori*, existentes na mente à parte de qualquer investigação. Kant argumentava que esses juízos *a priori* são necessários para a própria realização da experiência e para suas conseqüentes proposições *a posteriori*. Portanto, há categorias mentais *a priori* que então são experimentadas e testadas por meio de uma operação *a posteriori*. Isso equivale a dizer que as *proposições analíticas* podem ser *a posteriori*.

O que é *a priori* está ligado àquilo que é *necessário*, ou não-dependente, ao passo que o que é *a posteriori* está associado àquilo que é *contingente*. Porém, leis *a priori* podem ser detectadas e descritas mediante investigações *a posteriori*. Outrossim, as proposições *a priori* podem ser apenas imaginações ou aproximações, não representando totalmente a verdade, necessária ou não, como, por exemplo, o elaborado sistema hegeliano das tríadas, que presumivelmente descreve a natureza intrínseca da realidade. (E EP F P)

APRIORISMO

É a posição filosófica, oposta ao **empirismo** (ver o artigo a respeito), que afirma que a mente traz *idéias inatas* (ver o artigo) embutidas, e que o conhecimento genuíno é e pode ser obtido pela razão, pela intuição e pela experiência mística, inteiramente à parte de qualquer investigação empírica. (F)

APRISIONAMENTO DE PAULO EM ROMA — UMA OU DUAS VEZES?

Ver Julgamento de Paulo perante César e o artigo

sobre Paulo.

APROPRIAÇÃO

1. Em **Kierkegaard**, esse termo aponta para a abordagem subjetiva da verdade. Ele contrastava seu ponto de vista com a abordagem objetiva da ciência, que ele chamava de «aproximação interminável», à qual objetava. A abordagem subjetiva pode envolver a razão, a intuição e as experiências místicas.

2. Na *teologia*, o termo é usado para indicar o modo de proceder lingüístico mediante o qual um atributo que pertence apropriadamente à deidade inteira é atribuído preeminentemente a uma das três pessoas, não por pertencer exclusivamente a ela, mas porque mais se aproxima de Suas propriedades especiais. Assim, Agostinho apropriava unidade ao Pai, igualdade ao Filho e conexão (como laço de amor) ao Espírito. Um antigo exemplo de apropriação se encontra em Rom. 11:36, por meio da interpretação cristã: *Todas as coisas são provenientes* dEle (o Pai), *através* dEle (o Filho) e *nEle* (o Espírito Santo). Idêntico princípio é aplicado às operações da Trindade. Assim, a criação vem do Pai, a redenção vem do Filho, e a santificação vem do Espírito, embora, estritamente falando, todas essas funções sejam operações de cada membro da Trindade. (C)

3. *Do Ensino*. A *apropriação* do ensino é o ato de o tomar como propriedade. Isto se faz de duas maneiras: a. *Aprendizagem*. Pouco vale o ensino se as pessoas que o recebem não são encorajadas ou forçadas a aprender. Alguém queixou-se que a *escola* dominical é a única escola que não exige alguma coisa das pessoas, existindo sem provas, sem níveis para passar e sem castigos se os ensinos não são dominados. b. *Prática*. Ensinos dominados pouco valem se a pessoa que os recebe não se interessa em praticá-los. Em qualquer profissão ou trabalho, nada se ganha sem a *prática*. O trabalho do arquiteto só tem valor se um construtor aplica, praticamente, seu trabalho. A verdade da praticalidade dos ensinos foi enfatizada por Tiago: «Sede cumpridores da palavra e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos. Pois se alguém é ouvinte da palavra e não cumpridor, é semelhante a um homem que contempla no espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo e vai-se e logo se esquece de como era. Entretanto, aquele que atenta bem para a lei perfeita, e da liberdade, e nela persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas executor da obra, *este* será bem-aventurado no que fizer».

APSE

Vem do grego **apsis**, «arco» ou «cúpula». Uma projeção semicilíndrica, coberta por uma meia-cúpula. Derivou-se de um modelo anterior usado pelos romanos, tendo sido uma característica constante das primeiras basílicas cristãs. Evoluiu mais ainda durante a idade média, no estilo gótico.

AQUEDUTOS ANTIGOS

Consideremos estes pontos a respeito:

1. Senaqueribe, de Nínive (em cerca de 700 A.C.), construiu o primeiro aqueduto de que se tem notícia na história. Ele construiu um grande canal de irrigação através de um tributário do Atrus-Gomel, perto da moderna Jerwan. Esse canal foi posto em uma ponte com 30 m de comprimento, com cerca de 10 m de altura, feito com cubos de meio metro, fechados com argamassa.

2. Ezequias construiu um túnel, chamado Siloé (cerca de 650 A.C.), que era um aqueduto.

3. Polícrates de Samos (século II A.C.) construiu eficientes aquedutos.

4. Os aquedutos eram uma das especializações dos romanos. Suas grandiosas obras nesse campo podem ser encontradas em todos os lugares onde dominaram. Eles elevavam seus aquedutos de concreto, com um telhado encimando os mesmos, em uma fileira de elevadas colunas de pedra ou de tijolos. Algumas vezes, por sobre alguma depressão ou ravina, eles construíam arcos sobre arcos. Em Segóvia, em Tarragona e em Esmirna vêem-se duas ou três fileiras de arcos superpostos. O aqueduto de Nemauso (moderna Pont du Gard at Nimes) tinha três dessas arcadas. Mas também havia aquedutos de superfície e aquedutos subterrâneos. De um total de 418 km de aquedutos construídos pelos romanos, 48 km consistem em aquedutos elevados. A *Aqua Appia* foi construída por Ápio Cláudio Caecus, o mesmo que construiu a Via Ápia. Era um aqueduto subterrâneo, levando água do Anio, a 16 km de Roma. Parece ter sido a primeira dessas construções feitas pelos romanos. Há estimativas que dizem que cerca de 750 milhões de litros de água eram trazidos a Roma, diariamente, por meio de aquedutos, para suprir as necessidades de cerca de um milhão de pessoas. Vários escritores queixaram-se do elevado custo de tais construções (ver Plínio, *Ep.* 10:37). Na Palestina, um aqueduto usado para suprir Cesaréia de água deixou alguns traços, o que também se dá com o aqueduto que Pilatos construiu em Jerusalém. Ele usou parte do *corbã* (ver o artigo a respeito), um fundo financeiro dos judeus, o que lhe causou dificuldades com os judeus (ver Josefo, *Guerras* II.ix.4). (CA Z)

AQUENATOM

No egípcio significa **bendito espírito de Atom** ou **benéfico a Atom**. Foi o fundador de Tell El-Amarna (ver o artigo), rei do Egito entre 1370 e 1353 A.C. Também era chamado Amen-hotep IV. Esse nome significa *Amom está satisfeito*. Consideremos estes pontos a seu respeito:

1. Quando adolescente, governou como co-regente de seu pai, a quem substituiu mais tarde como único monarca. Tornou-se herdeiro de um vasto exército e de um estado burocrático governado por sacerdotes. Sua mãe, Tiy, estava investida de grande autoridade, mas não a ponto de ser dominadora. Casou-se com Nefertiti.

2. Negligenciou muitos deveres, preferindo concentrar esforços na reforma religiosa. Em conseqüência declinaram os poderes militar e político do Egito. Seu império no continente asiático perdeu-se, e diminuiu a sua influência em outros lugares.

3. Pelo sexto ano de seu reinado, construiu um grande templo dedicado a Atom, o sol deificado, em Tebas. Mudou a capital de Tebas para Aquenatom, atualmente Tell El-Amarna, que se tornou o centro de sua revolução religiosa. Mudou então seu nome para Aquenatom, e começou a derrubar as divindades mais antigas, destruindo seus monumentos.

4. Sua reforma fracassou em seu propósito essencial, e os sacerdotes das divindades desonradas recusaram-se a reconciliar-se com o rei. Terminou seu

reinado com dificuldades, e sua memória foi obscurecida por seus adversários. Alguns dizem que seu corpo, após a morte, foi vilipendiado.

5. Alguns estudiosos associam esse Faraó com o êxodo dos israelitas, referindo-se à sua débil posição política, o que teria permitido aquele acontecimento. Contudo, ele não pareceu fraco quando teve de fazer coisas religiosas. Mas não pareceu capaz de manter a grandeza do Egito quanto a outros aspectos. Alguns místicos modernos supõem que esse rei é um antepassado remoto do futuro *anticristo* (ver o artigo a respeito), literal ou espiritualmente falando. O anticristo será o grande rei herege do Egito, que virá mudar os sistemas de adoração do mundo, e obliterar o nome de Cristo deste mundo. (DI Z)

ÁQUILA, PRISCILA

Os Nomes. Áquila é o termo grego que significa *águia*. Priscila é o nome grego que significa *pequena idosa senhora*, diminutivo de Prisca, a forma empregada por Paulo. Eles eram marido e mulher, e Paulo sempre os menciona juntos. Eram amigos achegados de Paulo. Áquila era judeu, nativo da província asiática do Ponto (ver Atos 18:2). O nome era comum em seu tempo.

Referências no Novo Testamento. Atos 18:1-3,18, 26; Rom. 16:3-5; I Cor. 16:19; II Tim. 4:19.

Honrados pela Igreja. A Igreja Ortodoxa Grega considera Áquila bispo e apóstolo, honrando sua data a 12 de julho. A festa de Áquila e Priscila cai a 8 de julho, dentro do calendário romano, onde ele é considerado bispo de Heracléia.

Atos 18:2: *E encontrando um judeu por nome Áquila, natural do Ponto, que pouco antes viera da Itália, e Priscila, sua mulher (porque Cláudio tinha decretado que todos os judeus saíssem de Roma), foi ter com eles*

Áquila...com Priscila. Tratava-se de um casal de judeus cuja profissão era a de fabricantes de tendas, o que também pode significar trabalhos diversos em couro, não indicando meramente a fabricação de tendas, as quais, na época, eram feitas de peles de animais. (Ver Atos 18:3).

Áquila era natural do Ponto (que vide), mas o casal evidentemente residia na cidade de Roma até pouco tempo atrás, quando Cláudio baixou um decreto (em cerca de 49 D.C.) que obrigava todos os judeus a abandonarem aquela cidade. Com base nas diversas narrativas que existem a respeito deles, é muito difícil determinarmos se já eram cristãos, quando conheceram o apóstolo Paulo. Existem bons intérpretes de ambos os lados da questão, alguns pensando que a resposta é positiva, e outros, negativa.

Ora, Paulo ficou em companhia deles, em Corinto, por ter a *mesma profissão* que eles, porquanto era costumeiro, entre os judeus, procurarem pessoas de seu próprio meio, não envolvendo apenas a questão racial, mas também a profissão. (Ver as notas expositivas no NTI acerca do versículo três do capítulo 18 de Atos, na parte que versa sobre essa questão). É bem provável que quando estavam em Corinto, em companhia de Paulo é que Áquila e Priscila «arriscaram as suas próprias cabeças», conforme lemos no trecho de Rom. 16:4. (Ver as notas expositivas nessa passagem no NTI). É possível que por intermédio deles é que Paulo sentiu responsabilidade por Roma, como um lugar até onde deveria alcançar o seu ministério.

Quando Paulo partiu de Corinto, esse casal o acompanhou até Éfeso; e nessa viagem foi estabelecido um contato com essa cidade que produziu diversos resultados posteriores para eles. Estando eles ali, foram capazes de instruir melhor ao poderoso e influente pregador Apolo, orientando-o melhor no caminho de Cristo. (Ver Atos 18:18-28). Áquila e Priscila tinham uma congregação que se reunia em sua casa, quando foi escrita a primeira epístola aos crentes de Corinto (ver I Cor. 16:19). É fora de dúvida que desse centro o evangelho se propagou a outros lugares, e em parte, a igreja cristã de Éfeso se tornou poderosa, assim fazendo daquela congregação local um centro do cristianismo.

Algum tempo depois esse casal obviamente regressou a Roma, pois o decreto de Cláudio deve ter sido um tanto afrouxado em seu rigor. (Ver Rom. 16:3). O trecho de II Tim. 4:19 parece indicar uma renovação subseqüente da residência do casal em Éfeso. Alguns estudiosos têm pensado que a referência a Áquila e Priscila, no décimo sexto capítulo da epístola aos Romanos seja uma confirmação da suposição de que esse capítulo, originalmente, era uma pequena epístola escrita para os cristãos de Éfeso, mas que acabou sendo vinculada à epístola maior aos Romanos. (Ver o livro de K. Lake, *The Earlier Epistles of St. Paul*, vol. 1, 1911, pág. 327 e *ss*). Contudo, não dispomos de qualquer meio para confirmarmos essa conjetura, a não ser que a última porção da epístola aos Romanos realmente não pareça fazer parte original dessa epístola.

É deveras interessante a observação de que o nome de Priscila aparece antes do de seu marido, nas passagens de Atos 18:18, Rom. 16:3 e II Tim. 4:9. Com base nesse fator, alguns eruditos têm pensado que era ela alguma dama romana de categoria social superior à de seu marido. (Ver Ramsay, *Cities and Bishoprics of Phrygia*, 1895-1897, pág. 637). Todavia, esse fenômeno talvez indique que Priscila era elemento de maior proeminência na igreja local. As tentativas para demonstrar que Áquila era membro ou liberto da «*gens Pontia*» ou da «*gens Acilia*», são inconclusivas, tal como também a tentativa de identificar Priscila com os «Prisci», outro clã de nobres. Paulo usava a forma *Prisca*, como nome dela (o que aparece nos melhores manuscritos quando Paulo faz alusão a ela, como em Rom. 16:4), ao passo que Lucas prefere usar a forma diminutiva, isto é, «Priscila».

A. Harnack, em sua obra *Zeitschrift fur die Neutestamentliche Wissenschaft* (I, 900, págs. 16 e *s*), conjetura que Áquila e Priscila juntos, mas sob a liderança dessa última, teriam escrito a epístola canônica aos Hebreus. Todavia, outros estudiosos têm pensado que o seu autor tenha sido Apolo. Na realidade, porém, não há como averiguarmos o acerto ou não dessas opiniões, que são tão válidas, por isso mesmo, como quaisquer outras. (I IB G NTI)

AQUIM

Forma abreviada de Jeoaquim, que significa **O Senhor estabelecerá**; antepassado de Jesus e descendente de Zorobabel (Mat. 1:14). (S)

AQUINO, TOMÁS DE (TOMISMO)

Viveu entre 1224? e 1274. Teólogo, filósofo e monge dominicano. Nasceu na Itália, filho do conde de Aquino (daí o seu nome) e da condessa de Teatre. Em criança, foi educado pelos beneditinos (ver o artigo), no monte Cassino, em Nápoles. Aos vinte anos, uniu-se à ordem dominicana (ver o artigo a respeito),

e por muitos anos estudou em Paris e em Colônia, sob Alberto o Grande. Aos trinta e dois anos, obteve permissão para ensinar em Paris e desde então foi professor ali e na Cúria Papal em Roma e em Nápoles. Suas obras escritas são volumosas, embora as principais sejam estas: 1. Um *comentário* sobre as *Sentenças* de Pedro Lombardo; 2. *Summa contra Gentiles*, um ataque contra os erros dos incrédulos, principalmente islamitas, mas que contém muitos elementos filosóficos e teológicos, à parte da controvérsia; 3. *Suma Theologiae*, sua obra-prima, sendo um compêndio de exposições breves, sistemáticas, abrangentes e bem pensadas das principais verdades da fé cristã. Desenvolveu-se a partir dos livros de sentenças do último período patrístico e do começo do período medieval, que a princípio eram coletâneas impessoais de extratos (*sententiae*) dos escritos dos pais da Igreja. As *Sententiae* de Pedro Lombardo, sobre as quais Aquino comentou, era um desses esforços. A *Suma Teológica* foi escrita entre 1267 e 1273, estando dividida em três partes. A primeira parte trata de Deus, a segunda do homem e suas relações com Deus, e a terceira trata de Cristo, Sua encarnação e Sua continuação por meio da Igreja e seus sacramentos. 4. *Questiones Disputatae*, discussões sobre temas como verdade, poder de Deus, o mal, etc.

1. *Influências sofridas por Aquino*, e sua influência sobre outros. A princípio ele foi influenciado principalmente por Agostinho, e até certo ponto, sua filosofia-teologia sempre permaneceu atrelada à daquele. Platão sempre havia dominado a cena teológica, pelo menos até onde os teólogos usavam a filosofia para exprimir os seus dogmas. Porém, Tomás de Aquino introduziu Aristóteles como filósofo cujas obras podiam ser usadas para emprestar apoio racional à teologia. Em Aquino, Aristóteles é chamado de «o filósofo». Até a época de Aquino, a maioria dos teólogos ou ignoravam ou se opunham a Aristóteles, e os islamitas usavam-no para expor um ponto de vista do mundo de sabor materialista. Aquino, ao usar as idéias de Aristóteles, levou seus discípulos, outros mestres e as universidades, a se familiarizarem com essas idéias. E elas vieram a tornar-se um permanente veículo para exprimir idéias cristãs.

2. *Com adaptações, Aristóteles torna-se um teólogo cristão*. Tomás de Aquino usava, adaptava e modificava as idéias de Aristóteles, e assim tornou-se muito endividado para com «o filósofo». Em sua abordagem ética geral, na *Suma Teológica*, ele aborda a felicidade, a virtude, as ações e emoções humanas. É fortíssima a influência aristoteliana.

Na metafísica, Aquino aplicava a distinção aristoteliana entre a realidade e a potencialidade (ver o artigo a respeito) a uma larga gama de tópicos e problemas. A madeira, como uma substância, é o que ela é (em sua realidade), mas pode sofrer modificações como quando se aquece e se queima. Essas modificações são chamadas *potencialidade*. As realidades envolvidas nas alterações chamam-se *formas*. Há dois tipos: 1. Formas acidentais, que envolvem mudanças acidentais; 2. formas substanciais, que envolvem alterações na própria substância. A palavra *matéria* foi usada para designar aquilo que tem a capacidade de sofrer modificações substanciais. Todos os objetos terrestres consistem em matéria e forma. Mas, além das entidades *compostas*, também há *formas puras*, como se dá com os anjos, que não têm vínculo com a matéria, e que, por isso mesmo, são todos membros de uma mesma espécie. As coisas e os seres terrestres, por possuírem matéria, podem, e de fato, devem ser de diferentes tipos. Para que haja diferenças entre os anjos, é necessário que pertençam a mais de uma espécie, cada qual com sua forma individual.

A existência de todas as coisas, com a única exceção de Deus, é uma questão de atualização de potencialidade. Todas as criaturas são essências em potencial. Mas Deus combina essência e existência em Um só, pois a Sua existência é *necessária* em sentido ímpar, pelo que Ele é distinto de todas as criaturas, não tendo resultado de qualquer processo, conforme se dá com elas.

Provas da existência de Deus. Neste ponto, Tomás de Aquino também deve muito a Aristóteles. Assim, em sua maneira de pensar sobre Deus, através de «cinco vias» (*quinque viae*), vemos que ele usou idéias filosóficas aristotélicas:

a. Precisamos postular Deus, a fim de explicar os *movimentos* no mundo. Tais movimentos não consistem apenas na mudança de lugar dos objetos, mas também em todos os desenvolvimentos, como se dá com as criaturas vivas, ao que chamamos de crescimento. Se Tomás de Aquino tivesse tido conhecimento dos movimentos dos átomos, sem dúvida teria incluído a idéia. Para explicar os movimentos, temos a idéia aristoteliana de Movedor Inamovível, aquela força cósmica que faz todas as coisas se movimentarem, por serem amadas. E esse Movedor primário é Deus.

b. Argumento *etiológico*. Esse é necessário para postularmos uma «causa» (no grego, *aitios*). Existem causas intermediárias, mas finalmente precisamos admitir uma causa primária, como também o princípio de causa, que faz todas as coisas continuarem ocorrendo. O coração pulsa, mas deve haver muitos fatores contribuintes, incluindo o de natureza cósmica (as condições favoráveis da Terra, dentro do sistema solar), para que essas pulsações continuem. Deus também é esse tipo de causa (sustentadora), e não apenas a Causa primária. Sem a causa não poderia haver o efeito, e portanto, nem a vida e nem a existência de qualquer tipo.

c. Argumento baseado na *contingência* e na *necessidade*. Sem um Ser necessário, outros seres, por serem contingentes, necessariamente desapareceriam da existência. O conceito do ser, por si mesmo, conduz-nos ao seu corolário, o conceito do Ser Necessário. Esse ser é Deus. Esse argumento pode haver sido sugerido pela abordagem aristoteliana da realidade e da substância eterna, o Movedor Inamovível.

d. *Argumento axiológico*. Há graus de bondade, verdade, nobreza e valores morais. Para que nossos juízos sobre essas coisas façam sentido, precisamos postular a Bondade Absoluta, a Verdade Absoluta ou um Ser Supremo em quem estão incorporados todos os valores, o qual é, ao mesmo tempo, o alvo de toda a verdade e ação morais, bem como o inspirador das mesmas.

e. *Argumento teleológico*. Todas as coisas têm um alvo, bem como um propósito demonstrável. O estudo das ciências, em um importante sentido, é o estudo do desígnio que há na natureza, completo com suas invariabilidades. Sem esse fator, não poderia haver ciência. Se há desígnio, então deve haver um supremo Planejador, cuja inteligência garante a teleologia (no grego, *telos*, «fim», «finalidade»). A filosofia de Aristóteles repisa o conceito de desígnio, e Tomás de Aquino inspirava-se no filósofo ao formular esse conceito, embora não tivesse sido o primeiro a utilizar-se desses argumentos racionais. Quanto a

uma mais completa exposição da questão, quanto às suas provas, ver o artigo sobre *Deus*, sob «Deus, Provas de Sua Existência».

3. *Abordagem Geral.* Nos parágrafos acima vimos como Aquino aplicava as idéias de Aristóteles. Isso demonstra em parte a sua abordagem, que visava incluir a filosofia aristoteliana dentro do arcabouço da fé cristã. Aquino dizia que a filosofia e a religião se complementam uma à outra. A filosofia enfatiza o exercício da razão, que é saudável à fé, pois Deus, afinal, é o Intelecto Supremo, e as almas humanas são intelectuais, tendo afinidade com Deus (idéias aristotélicas em essência). A fé pode aceitar muitas das doutrinas aceitas pela razão, mas também pode ultrapassar a razão, porquanto a fé religiosa também obtém informações por meio da intuição e das experiências místicas (por meio da revelação e de outras formas). Assim, a fé vai além da razão, embora não a contradiga. Algumas doutrinas repousam sobre a fé e a razão; e outras sobre a fé somente, por meio da revelação cristã, segundo se dá com as doutrinas da trindade e da encarnação, com seus mistérios e implicações. Essas doutrinas dependem da sabedoria de Deus, podendo ser conhecidas apenas imperfeitamente por meio da razão humana.

4. *Teoria Moral.* Tomás de Aquino deu ao catolicismo romano sua teoria ética básica, onde ele também dependeu em muito de Aristóteles. Aquino mostrou sua capacidade de razão e analogia, dando à sua ética uma maciça estrutura, grande gama de idéias, análises completas, e rica interpretação, filosófica e teologicamente falando. Esses desenvolvimentos podem ser encontrados em sua *Suma Teológica.*

Sumário:

a. O homem foi criado como ser moralmente responsável, uma criatura racional cuja própria racionalidade é uma afinidade com o divino, outorgada por Deus. O homem está a meio caminho entre os animais e os anjos, dentro da escala do ser. À semelhança dos anjos, ele possui alma racional; à semelhança dos animais, tem um corpo físico. Seus impulsos e desejos físicos são derivados de suas faculdades apetitivas, sendo essencialmente animais em sua natureza. Mas sua racionalidade lhe fornece os meios para combater as paixões e desenvolver as virtudes. O homem busca o bem segundo sua razão preceitua. Sua razão deveria ser grande e boa, por ter sido criada e inspirada por Deus. Alvos retos são selecionados por Deus, e o homem, se seu aspecto racional for desenvolvido, naturalmente seguirá esses alvos. A queda no pecado não diminuiu essa qualidade em grande escala, embora tenha debilitado moralmente o homem. Não obstante, retém uma digna maneira de pensar. Com base em Aristóteles, Aquino acrescenta aqui o fator teleológico. Há finalidades apropriadas a serem obtidas na ética, e o homem foi programado para isso. O homem possui livre-arbítrio, podendo fazer escolhas genuínas, pelas quais também torna-se responsável. A vontade de Deus é ativa quanto ao homem, e ajuda-o a fazer as escolhas certas. Sem isso, o homem nada poderia fazer. Contudo, há um esforço cooperativo envolvido em toda a ética. O homem não é um autômato.

b. *Os alvos podem ser alcançados.* As quatro virtudes cardeais são a *prudência*, a *retidão*, o *controle-próprio* e a *força de caráter* (influências aristotélicas). Todos os homens, como seres racionais que são, compreendem essas virtudes e podem buscá-las mediante o ato do livre-arbítrio. A razão deve governar essas escolhas. A *prudência*, que é a virtude intelectual, mostra-se proeminente como força diretriz em toda a ação moral. Bons hábitos morais resultam da prática diária, de contínuas boas escolhas. Seu alvo é a *felicidade* (filosofia *eudemonística*, como em Aristóteles). Porém, esse bem-estar não equivale ao prazer (filosofia hedonista), embora tenha seus aprazimentos. Às quatro virtudes aristotélicas, Aquino adicionava as virtudes cristãs básicas: a fé, a esperança e o amor. A origem destas seria a revelação divina. Há necessidade da graça sobrenatural para que essas virtudes sejam constantes no indivíduo. Mas a fé opera em união com a razão, e a razão fortalece a fé. A esperança é criada pela vontade, que assinala o alvo como algo exeqüível. A fé, ajudada pelo intelecto, apossa-se dos princípios transcendentais que precisam ser cridos. O amor fala sobre a união espiritual mediante a qual a vontade é transformada em um esforço sobrenatural. O amor é a mais excelente das virtudes, derivado do amor de Deus.

c. *Ajuda divina.* O homem não pode atingir a busca moral e sua mais alta realização sem a ajuda de Deus. Há diversas ajudas: 1. A lei eterna, na mente de Deus, transmitida à mente humana; 2. a lei natural que prevalece no mundo, e que aponta para os mesmos alvos; 3. leis humanas e decretadas, baixadas pelos governos humanos, que precisam ser obedecidas; 4. a lei divina, conforme é encontrada na Bíblia. Esta última concorda com a lei natural, embora vá além da mesma. O Espírito Santo grava essa lei no coração humano, conferindo ao homem as corretas disposições internas.

5. *Influência de Tomás de Aquino.* Sua influência foi grande, em sua época. Ele fez com que as universidades européias estudassem e aplicassem a filosofia aristotélica. Proveu uma síntese de filosofia e fé, na verdade, uma síntese de tudo quanto se conhecia na época. Destarte, ele figura como um dos grandes pensadores universais, um dos principais teólogos e filósofos, havendo poucos que se rivalizassem a ele. Sua influência continuou poderosa, mesmo após a sua morte. Foi declarado santo pelo papa João XXII, a 18 de julho de 1323, e doutor da Igreja universal pelo papa Pio V, em 1567; e patrono de todas as escolas católicas pelo papa Leão XIII, em 1880, fazendo com que a sua filosofia se tornasse a filosofia universal de Igreja de Roma. Em 1918, o *Codex Juris Canonici* (Código da Lei Canônica) determinou que essa filosofia fosse ensinada nos seminários eclesiásticos.

6. *Controvérsias, e para além das controvérsias.* Vários teólogos, principalmente protestantes, têm objetado à idéia da inteira abordagem filosófica da fé religiosa. Muitas doutrinas tipicamente tomistas têm sido atacadas, mormente aquilo que parece ser uma mui débil ênfase sobre a fé evangélica, a graça e a conversão sobrenatural, e ênfase demasiada sobre a razão e suas realizações. Porém, no caso de um homem como Tomás de Aquino, temos de ir além das controvérsias. Em primeiro lugar, porque ele foi homem de grande piedade pessoal, o que a história inteira confirma. Em segundo lugar, porque ele foi homem de raciocínio profundo, de grande poder de análise; e suas maciças obras contêm tanto bem que se duvida que possam ser rejeitadas sem grande perda. Diz-se que poucos meses antes de sua morte, ao entrar na capela, recebeu poderosa iluminação em uma visão extática. Dali por diante nada mais escreveu, afirmando que seus escritos eram apenas palha, tão grande foi a iluminação que ele recebeu naquela experiência. Assim, a palha de Tomás de Aquino foi maior que o ouro de muitos homens, e sua iluminação foi tão divina que os outros homens só

podiam esperar que a graça divina lhes proviesse igual iluminação, quando estivessem preparados para isso, por meio do desenvolvimento da alma. Durante alguns meses, pois, ele pôs de lado as suas atividades como escritor de pensamentos de palha, penetrando na luz celeste, após ter vislumbrado, de antemão, aquela glória. Sobre isso podemos estar certos.

Bibliografia: AM BENT C E EP P MM

AQUIOR

No hebraico, **irmão da luz**, general dos amonitas que se aliou a Holofernes com tropas auxiliares, em sua expedição ao Egito. Betúlia fechou as portas a Holofernes, e este ficou furioso. Chamou os príncipes de Moabe e Amom para descobrir quem era aquela gente que se opunha à sua passagem. Aquior informou-o que aqueles hebreus vieram da Caldéia, mas deixaram aquele país. E relatou as conquistas deles em Canaã. Assegurou que eles eram invencíveis, enquanto obedecessem a seu Deus. Caso contrário, poderiam ser facilmente derrotados, pelo que a sabedoria no combate a eles dependia de como estivessem andando diante de seu Deus. Altivamente, Holofernes ameaçou de morte a todos, incluindo Aquior, proclamando que Nabucodonosor era o rei do mundo inteiro. Então Aquior foi abandonado amarrado. Os habitantes levaram-no para dentro da cidade, e ele declarou-lhes a questão inteira. O povo implorou a ajuda divina para vindicar o Seu nome. O cerco começou, e Aquior ficou na casa de Ozias, um dos líderes do povo. Holofernes foi morto e todo o seu exército debandou. Vendo isso, Aquior abandonou suas superstições e converteu-se à fé dos hebreus.

AQUIS

No hebraico, **o rei dá**, talvez também chamado Abimeleque, no título de Salmo 134. Foi o rei filisteu de Gate, onde Davi se refugiou por duas vezes, enquanto fugia de Saul (ver I Sam. 21:10-15; 27:1-3). Da primeira vez, Davi correu perigo, pois não havia sido amigável com os filisteus. Para escapar do perigo, fingiu-se insano e foi para Adulão. Da segunda vez, foi bem recebido. Davi recebeu a cidade de Ziclague (na fronteira Israel-Filístia), para nela habitar, garantindo a Aquis que embora assediasse cidades, só era hostil a Judá (ver I Sam. 27:2-12). Após a morte de Samuel, quando os filisteus reuniram um exército para atacar Israel, Aquis convocou a ajuda de Davi, mas os homens de Aquis objetaram, e Davi e seus homens foram enviados de volta (ver I Sam. 28:1,2; 29:2-9).

Outros grandes homens que se fingiram loucos para escapar ao perigo foram Ulisses (Cic. *Off.* iii.26), Higino (f:95, *Schol. ad Lycophr.* 818), o astrônomo Metom (Aelian, *Hist.* xiii:12), L. Junius Brutus (*Liv.* 1:56; Dion. *Hal.* iv. 68), e o rei árabe Baca (Schultens, *Anth. Vet. Hamasa*, par. 535). (ND S UN Z)

A QUO

Vem do latim, **a** «da parte de», e **quo**, «que». O termo, que faz parte do vocabulário da filosofia escolástica, refere-se à origem de um argumento, ou seja, aos princípios pressupostos e definições de onde se deriva aquele argumento. Deve ser contrastado com *ad quem* (ver o artigo a respeito). (P)

AR

No grego, **aer**. Designava a atmosfera, em contraste com o éter, ou pura região do firmamento (ver Atos 22:23; I Tess. 4:17 e Apo. 9:2; 16:17).

Usos Espirituais e Simbólicos:

1. O céu, de onde desce o julgamento (ver II Reis 1:10, «desça fogo do céu»; no hebraico temos «desça fogo do ar»). As pestilências também viriam dali (ver Deu. 27:22), como também camadas de ar quente, que destroem as colheitas (ver I Reis 8:37).

2. Figuradamente, «bater no ar» ou «falar com o ar» significa agir e falar sem juízo ou compreensão (ver I Cor. 9:26; 14:9).

3. *As potestades do ar.* A expressão, que se acha em Efésios 2:2, indica as várias hierarquias de poderes satânicos, invisíveis para os homens, que existem em grandes números e em muitas esferas, incluindo aquelas próximas da superfície da terra. Satanás é o príncipe dessas potestades ou poderes. No dizer de Efé. 6:12, há «...dominadores deste mundo tenebroso... as forças espirituais do mal, nas regiões celestes...» contra os quais lutamos. Alguns estudiosos vêem aqui referências à antiga astrologia, pensando que a mesma é pelo menos aludida, envolvendo os poderes demoníacos que controlam os ventos, as tempestades, etc. (ver Jó. 1:7). Talvez o uso que Paulo faz da expressão seja uma acomodação a antigas idéias. Nesse caso, ele usou as palavras, mas de modo algum em sentido astrológico. Os antigos acreditavam em muitas esferas satânicas de poderes espirituais, algumas das quais invadiriam o nosso mundo e causariam dificuldades. Paulo certamente compartilhava desse ponto de vista, conforme nos mostram esses trechos da epístola aos Efésios. Ver o artigo sobre *Satanás*. Quanto a mais detalhes sobre as potestades do ar, ver.o NTI em Efé. 2:2 e 6:12. (NTI S Z)

AR

No hebraico o seu sentido é incerto, embora talvez signifique *cidade*. Era a principal cidade de Moabe (ver Núm. 21:28; Deu. 2:9,18,29), perto do rio Arnom (Núm. 21:13-15). Ficava localizada a leste do mar Morto. A Septuaginta usa o nome *Seir* para indicar o lugar. Os trechos de Núm. 21:15 e Deu. 2:9,28 usam a palavra como uma espécie de paralelo da própria Moabe, o que significa que a palavra *Ar* talvez fosse usada como outro nome para Moabe. O rei Seom aparentemente a incendiou (ver Núm. 21:38), e Isaías predisse sua ruína (ver Isa. 15:1). Seu nome grego era Areópolis. Ver as declarações de Isaías 17:17.

Quando Israel apossou-se da Terra Santa, Israel foi proibido de ocupar essa área, porquanto não figurava como parte da terra dada por Deus, visto que pertencia aos descendentes de Ló, por decreto divino (ver Deu. 2:9,18,29). O antigo local não é conhecido com certeza atualmente, embora el-Misna seja uma sugestão plausível. (FA ND S Z)

ARA

No hebraico, **caminhante**. Nome de três pessoas do Antigo Testamento e de um lugar.

1. Um dos três filhos de Ula, da tribo de Aser (ver I Crô. 7:39), em cerca de 1500 A.C.

2. Um antepassado da família que retornou do exílio com Zorobabel (ver Êxo. 2:5; Nee. 7:10; I Esdras 5:10), em cerca de 536 A.C. Acerca de quantos retornaram, esse número varia.

3. Um judeu, cujo filho, Secanias, foi sogro de

Tobias (ver Nee. 7:18), em cerca de 536 A.C.

4. Em Josué 13:4, a nossa versão portuguesa diz «Meara», que corresponde a uma expressão hebraica, «de Ara». Esse lugar tem sido identificado com a moderna Khirbet 'Arah. (ID S Z)

ARÃ

Embora em português se escreva sob a mesma forma que no verbete acima, em hebraico significa *cabra selvagem*. O homem desse nome era membro de um clã dos horeus, filho de Disã e irmão de Uz (ver Gên. 36:28 e I Crô. 1:43), em cerca de 1963 A.C. Alguns supõem que há uma conexão entre esse nome e um certo Orém, referido em I Crô. 2:25.

ARÃ (ARAMEUS)

No hebraico, provavelmente **elevado** ou **exaltado**. A palavra tem um sentido amplo, pelo que refere-se a várias coisas.

1. *Um povo*. A palavra refere-se aos *arameus* (ver o artigo a respeito), um povo semítico que vivia nas regiões da Mesopotâmia e da Síria, em várias tribos. Por essa razão, nossa versão portuguesa quase sempre diz «sírios», excetuando em I Crô. 2:23, onde diz «Arã». Ver II Sam. 8:5,6; I Reis 20:20,21; I Crô. 2:23; 19:10,12; Amós 1:5; 9:7; Isa. 7:2,4,5,8; 9:12; 17:3; Jer. 35:11; Eze. 16:57 e 27:16. O nome «Arã» aparece pela primeira vez no século XXIII A.C., em inscrições cuneiformes de Acade. Desde o terceiro milênio A.C., há evidências arqueológicas em relação a nômades chamados Sutú, mencionados nas cartas de Amarna, juntamente com os Ahlamú. Estes últimos são mencionados em alusão ao rei da Babilônia. A presença deles é confirmada na Assíria, em Nipur, em Dilmum e em Salmaneser (1274 - 1245 A.C.). Aparentemente há alguma conexão entre os Sutú e os Aramu, os Kalju e os Ahlamú, embora não se possa determinar a precisa relação entre eles.

2. *Os arameus na história do Antigo Testamento*:

a. *Listas do Antigo Testamento*. O trecho de Gênesis 10 alista Arã como filho de Sem e pai de Uz, Hul, Geter e Más. A porção noroeste da Mesopotâmia é chamada na Bíblia pelo nome de Arã-Naaraim (Gên. 24:10) e Padã-Arã (ver Gên. 25:20; 28:5). Os patriarcas são associados aos arameus (ver Gên. 24:3-10; 25:20,27,43 e Deu. 26:5).

b. Por volta do século XI, os arameus tinham conseguido estabelecer um pequeno reino de vários estados, tendo atingido certa importância ante o declínio da Assíria. Adade-apal-idina (1067 - 1046 A.C.), um arameu, foi levado ao trono da Babilônia pelos assírios, talvez esperando fazer cessar, com essa providência, o avanço dos arameus na direção do sul do Iraque. Os arameus também expandiram-se para o Ocidente,e ali organizaram, na Cilícia, o estado de Samal. Vários outros estados foram formados, alguns deles nas fronteiras de Israel. Sabemos acerca de dois desses, Zobá e Damasco, nas páginas da Bíblia. Davi conquistou a ambos, mas, quando Israel se dividiu em dois, eles obtiveram a sua independência. Saul, Davi e Salomão combateram os arameus, visto que eles ocupavam a distante fronteira norte de Israel. Havia os estados de Arã-Zorá (título do Salmo 60, que nossa versão portuguesa diz «sírios de Zobá»), Bete-Reobe (II Sam. 10:6, que nossa versão portuguesa diz «sírios de Reobe»), Arã-Naaraim (título do Salmo 60, que nossa versão portuguesa diz «sírios da Mesopotâmia»), e Gesur (I Crô. 2:23). O reino-estado de Damasco era o mais importante deles.

Após o declínio do império de Salomão, as hostilidades entre Israel e esses povos continuaram por mais cento e cinqüenta anos. Ben-Hadade I de Damasco consolidou a força deles e por duas vezes tentou dominar Israel, mas sem obter sucesso. Em seguida, ele estabeleceu um pacto com Acabe, que se uniu à coalizão antiassíria, unindo doze reinos daquela área. — Quando a tarefa imediata estava realizada, e a Assíria foi derrotada, a aliança não se manteve, e Ben-Hadade novamente atacou Israel; mas novamente foi derrotado pelas forças combinadas de Israel e Judá, em Ramote de Gileade, em 852 A.C. (ver I Reis 22:1-35).

Seguiram-se vários ataques assírios contra os arameus, com bons resultados. Disso seguiu-se um grande declínio do reino de Damasco e de suas forças, daí resultando que Damasco eventualmente tornara-se uma província assíria, em 732 A.C. Hana, após uma última tentativa de rebelião, foi derrotado por Sargão II, em 705 A.C. Israel caiu perante os assírios não muito tempo depois, em 721 A.C.

3. *O idioma aramaico*. Os arameus não contribuíram com qualquer coisa de especial para a civilização do Oriente Próximo, excetuando seu idioma. Esse idioma tem tido uma contínua tradição, - até os nossos dias. Ver o artigo abaixo, sobre o idioma aramaico. (BN ID UN (1957) Z)

ARÃ, O POVO E A TERRA

Ver o artigo geral sobre **Arã (Arameus)** e sobre *Arã, Terra dos Arameus*, abaixo. Algumas vezes, esse termo é usado para designar tanto a terra quanto o povo, como um nome composto. Ver Juí. 10:6 e Isa. 7:1.

ARÃ, TERRA DOS ARAMEUS

Ver o artigo anterior, sobre os **Arameus**. O termo *Arã* refere-se à terra dos arameus, e como tal, é indefinido. Mas, pelas referências bíblicas, parece que a terra começa a nordeste de Israel, incluindo o que atualmente é Damasco e uma grande porção da atual Síria, prolongando-se pelo vale dos altos rios Tigre e Eufrates. No tempo dos patriarcas, o termo aplicava-se mais particularmente à região da Mesopotâmia. No tempo da monarquia, referia-se a Damasco e à área circundante. No Antigo Testamento, o termo é usado em nomes compostos como Arã-Bete-Reobe, Arã-Damasco, Arã-Maaca, Arã-Naaraim, Arã-Zobá e Padã-Arã. (Ver Núm. 23:7; II Sam. 15:8; Osé. 12:12). (ID ND Z)

ARÃ, VÁRIOS POVOS

1. Um dos cinco filhos de Sem. Era pai de Uz, Hul, Geter e Más, na lista das nações, em Gên. 10:22,23. Ver também I Crô. 1:17. Portanto, ele foi o progenitor de um dos povos semitas.

2. Filho de Quemuel, filho de Naor, irmão ou sobrinho (conforme dizem alguns) de Abraão (ver Gên. 22:21), em cerca de 1838 A.C.

3. Um dos três filhos de Semer, da tribo de Judá, na genealogia de Aser (I Crô. 7:34). Ver também Mat.

1:13; Luc. 3:33, a genealogia de Jesus. (ID BN UN (157) Z)

ARABÁ

No hebraico, **ermo, deserto.** A Arabá estende-se por mais de 320 km e ocupa partes de três regiões geográficas: a. o vale do Jordão; b. a região do mar Morto e c. a área do sul do mar Morto, até o golfo de Ácaba.

Usos da palavra:

1. *Significado da raiz.* Seco» ou «queimado»,, e portanto, um termo que descreve lugares desolados ou desertos (ver Jó 24:5; 39:6; 33:9; 35:1,6; Jer. 51:43).

2. *Usado com o artigo,* vem a significar uma região específica, conforme mostramos acima. No Velho Testamento, quando usada dessa maneira, está associada ao lago de Tiberíades (ver Deu. 2:7; Jos. 11:2; 12:3), e até o mar Vermelho e Elate, ao sul (ver Deu. 1:1; 3:8). O Mar Morto é chamado mar de Arabá, em Jos. 3:16; 12:3; Deu. 4:49; II Reis 14:25.

3. *No plural.* A palavra hebraica *Araboth*, sem o artigo, refere-se às terras desoladas dentro da Arabá propriamente dita, especialmente em redor de Jericó (ver Jos. 4:10; II Reis 25:5; Jer. 39:5), e no deserto de Moabe. Esse território, mediante o uso dessa palavra, é distinguido das terras cultivadas e do platô acima do vale chamado Sede-Moabe (ver Núm. 22:1; 26:3,63; 31:12).

4. Bete-Arabá (que significa «casa de Arabá»), refere-se a um povoado localizado perto de Ain El-Gharba, em Jos. 15:6,61 e 18:22.

Detalhes da Arabá:

1. A região fica abaixo do nível do mar em maior parte de sua extensão a começar com cerca de 209 m de altitude e descendo até 394 m abaixo do mar Morto. O local é o lugar mais baixo que há na face da terra.

2. É o famoso local de Khirbet Qumran, onde foram encontrados os manuscritos do Mar Morto.

3. *Geologia.* Geologicamente, a Arabá é parte de uma enorme falha na crosta da terra, que se estende desde o norte da Síria, na direção sul, entre as montanhas do Líbano e do Antilíbano. Em certo ponto, pode-se notar que houve uma falha (subida ou descida na superfície) da camada geológica, entre seiscentos e mil metros, sendo que a camada separada é visível dos lados opostos da Arabá. Alguma força gigantesca causou isso, talvez um ou mais gigantescos terremotos.

4. *Comércio e riquezas.* A porção da Arabá ao norte do mar Morto era atravessada por várias estradas, especialmente no norte, onde ficava o território de Manassés, em ambos os lados do rio Jordão. O território tornou-se comercialmente importante por causa disso, bem como por seu porto, Eziom-Geber, a porta de entrada principal para a terra de Canaã. Por ali movimentavam-se as caravanas e os negociantes em direção à Arábia, da Índia ou da África. Não há potencial agrícola na área, embora haja depósitos de ferro e cobre por ali. Provavelmente foi por causa desse fato que diz o trecho de Deu. 8:9: «...terra cujas pedras são ferro, e de cujos montes cavarás o cobre». Têm sido encontradas ruínas de diversas refinarias. Havia minas ali desde os dias de Abraão. Salomão edificou uma fundição de cobre e um centro manufatureiro em Eziom-Geber, o maior centro que já foi encontrado nas cercanias.

5. *Pontos históricos de interesse.* A parte sul da Arabá figura nas vagueações de Israel, antes mesmo do povo de Deus entrar na Terra Prometida. Parece que jornadearam de Cades-Barnéia na direção de Eziom-Geber, atravessando uma porção considerável da Arabá. As estações no deserto, alistadas em Núm. 33:37-49, referem-se a uma rota direta através de Edom e Moabe, ficando implícito que o povo de Israel atravessou a Arabá cerca de 32 km ao sul do Mar Morto. Os homens de Israel corromperam-se com as mulheres moabitas em Abel-Sitim (ver Núm. 25), uma parte da Arabá. Abner fugiu e cruzou uma parte da Arabá (ver I Sam. 2:29). Os assassinos de Isbosete atravessaram uma parte da Arabá a fim de trazerem a cabeça da vítima a Davi, em Hebrom (ver II Sam. 4:7). Zedequias, antes de ser levado para a Babilônia, fugiu em direção a Arabá, tendo partido de Jerusalém (ver II Reis 25:4 e Jer. 39:4). O trecho de Ezequiel 47:1-12 prediz que haverá tempo quando um rio fluirá através da Arabá, tornando a região produtiva. Comparar Joel 3:18 com Zac. 14:8. (BAL GL ND Z)

ARABE

No hebraico, **emboscada** ou **corte.** Uma cidade na região montanhosa de Judá, perto de Hebrom (ver Jos. 15:52). Tem sido tentativamente identificada com Khirbet er-Rabiyeh, ruínas existentes a leste de Dumá. (S UN)

ARÁBIA (ÁRABES)

No hebraico, **deserto.** Palavra usada para designar uma grande península no sudoeste da Ásia. Trata-se da maior península do mundo, consiste em uma área desértica com cerca de um terço da área do Brasil. Essa área é mais ou menos retangular em sua forma.

Nos tempos antigos se distinguiam três Arábias, a saber: a Arábia *Pétrea,* que se limitava a O com parte do Egito, ao norte com a Judéia e parte da Síria, ao sul com o mar Vermelho, e a oriente com a Arábia Félix. A segunda era designada pelo nome de Arábia *Deserta*, se limitava ao norte com uma parte da Mesopotâmia, a leste com a Babilônia, ao sul com a Arábia Félix, e a oeste com a Síria e a Arábia Pétrea. A terceira era conhecida por Arábia *Félix*, limitando-se ao norte com as fronteiras sulistas das Arábias Pétrea e Deserta e com a porção mais sulina do golfo persa. (Ptolomeu, Geografia 1.5, caps. 17 e 19, e 1.6, cap. 7). Havia judeus que habitavam em diversas dessas regiões onde se falava o árabe.

Por conseguinte, Lucas, em Atos 2:11, fornece-nos uma descrição, em pinceladas gerais, do mundo antigo que ele conhecia, ou, conforme ele diz no quinto versículo deste mesmo capítulo, «...todas as nações debaixo do céu...» Com isso ele mostrou que muitos povos, dessas tão diversas regiões, ou tinham subido a Jerusalém, para se fazerem presentes à festa do Pentecoste, ou então eram residentes em Jerusalém, embora tivessem vindo originalmente desses países. Eram judeus de raça e religião, ou então eram convertidos à fé judaica, apesar de descendentes de povos gentílicos. Como um agrupamento humano, representavam muitas nacionalidades, idiomas e grupos étnicos.

1. *Restrições bíblicas.* Na Bíblia, a palavra não denota a península inteira entre o Mar Vermelho e o golfo Pérsico, mas apenas a porção norte dessa

península, ladeando a Palestina (ver Isa. 21:13; Jer. 25:24 e Eze. 27:21). Portanto, a palavra *árabe* (ver Isa. 13:20) denota um habitante dos prados e desertos do norte. Porém, nos livros posteriores do Antigo Testamento — ver II Crô. 21:16 e Nee. 2:19 — bem como no Novo Testamento — ver Atos 2:11; Gál. 1:17; 4:25 — o nome parece ter um sentido mais amplo. Na epístola aos Gálatas a referência provável é ao reino nabateano ao sul de Damasco. Paulo segue a geografia de sua época, ao incluir o monte Sinai na Arábia (ver Gál. 4:25). O reino de Sabá, no sul da Arábia é chamado «reino do sul», em Mat. 12:42 e Luc. 11:31.

2. *Dimensões e localizações modernas.* A Arábia está limitada a oeste pelo Mar Vermelho, ao sul pelo golfo de Áden e pelo oceano Índico, a leste pelo golfo de Omã e pelo golfo Pérsico, e ao norte pelo deserto da Síria. Portanto, a Arábia está cercada por três lados de água, e os árabes a chamam de Jazirat al-' Arab, *ilha dos árabes*. No país que atualmente se chama Arábia, a área forma quase um retângulo, com 2.333 km no sentido do maior comprimento, e com 2.011 km no sentido da largura, ou seja, um terço da área do Brasil.

Os modernos estados árabes. Há a Arábia Saudita que ocupa a maior parte da península, especialmente nas suas partes noroeste e central, e que é riquíssima em petróleo; há o Iemem (na esquina sudoeste); há o Iemem do Sul, Muscate e Omã, ao sul; e há Qatar, Kuwait e outras nações dirigidas por xeques, no leste. Algumas áreas no noroeste, que já foram parte da antiga Arábia, agora pertencem à Síria, à Jordânia e a Israel.

3. *Divisões antigas.* Arábia Petra (na parte noroeste); a Arábia Félix ou Iemem (na parte sul) e a Arábia Deserta (a parte norte).

4. *Rica em minerais.* a. *Ouro* (ver I Reis 10:2,10,15,22; II Crô. 9:1,9); ouro de Ofir (ver I Reis 9:28; Jó. 22:24; Isa. 13:13); em Sabá (ver Sal. 72:15; Isa. 60:6); em Ramá (ver Eze. 27:22); em Parvaim (ver II Crô. 3:6). b. *Prata* (ver I Reis 10:22; II Crô. 9:14,21). c. *Pedras preciosas* (ver Eze. 27:22). d. *Coral* (ver Jó 28:18; Lam. 4:7). e. *Pérolas* (ver Jó 28:18; Mat. 7:6; 13:45; I Tim. 2:9; Apo. 17:4 e 18:12). L. Aristéas diz-nos que a península da Arábia era rica em cobre e em ferro e que ali havia uma intensa mineração.

5. *Esboço da história da Arábia.* a. *História secular.* No segundo milênio A.C., chegaram tribos de fala semítica nessa área, vindas do norte, tendo-se estabelecido nas regiões atualmente ocupadas pelo moderno Iemem e pelo Áden Ocidental. Foi assim que veio à existência o reino de *Sabá* (ver sobre esse reino). A área tornou-se rica por causa de seu comércio. Em investigações arqueológicas têm sido encontradas inscrições provenientes do século VIII A.C. O reino dos sabeus pagava tributo a Tiglate-Pileser III (740 A.C.), rei da Assíria (ver o artigo a seu respeito), o que nos mostra a razão de sua contínua prosperidade. Em cerca de 400 A.C., chegou à proeminência o reino de Maim, ocupando grande parte do reino de Sabá. Foi fundada uma monarquia em Catabã. Em seguida, os quatro reinos de Sabá, Maim, Catabã e Hadramaute flutuaram em poder relativo, até que a área inteira ficou sob o domínio dos himiaritas. Espalharam-se colônias até Omã e norte da Arábia, tendo sido encontradas inscrições que ilustram a vida deles. Na última porção do século IV A.C., o reino árabe dos nabateus, que falava o aramaico, prosperou como um estado dado ao comércio. Isso continuou até bem dentro do período romano. A capital deles era *Petra* (ver o artigo). Para o sul, durante esse mesmo tempo, o reino lianita de *Dedã* se formou (ver sobre Dedã). No primeiro século A.C. formou-se um outro estado árabe, com sua capital em Palmira (ver sobre Tadmor). E na era cristã, esse lugar ultrapassou em muito a Petra como centro comercial, — chegando a rivalizar até mesmo com Roma. b. *Em relação ao Antigo Testamento.* A Arábia é alistada na tabela de nações, em Gênesis 10, onde são mencionados os descendentes de Joctã (ver o artigo) e de Cus (ver o artigo). Tribos do norte da Arábia descendiam de Abraão, através de Quetura e Hagar (ver Gên. 15). No tempo de Jacó, temos dois grupos de descendentes de Abraão, os ismaelitas (ver sobre Ismael) e os midianitas (ver o artigo a respeito). Eram caravaneiros (ver Gên. 37:25,26). Ver o artigo sobre os *nômades*. A Arábia era importante para Salomão, por causa de relações comerciais, mormente no tocante ao porto de Eziom-Geber, no Mar Vermelho, salientada no relato da visita da rainha de Sabá (ver I Reis 9:26-28). Tributo era recebido da Arábia (ver II Crô. 9:14). Josafá, de Judá (no século IX A.C.), em II Crônicas 17:11, recebia tributo dos árabes. Seu sucessor, Jeorão, sofreu um ataque da parte dos árabes, e sua esposa e seus filhos foram aprisionados (ver 2 Crô. 21:16,17), tendo-lhe restado somente Acazias, o mais jovem (ver II Crô. 22:1). No século VIII A.C., Uzias reverteu a situação e reconquistou Elate (ver II Reis 14:22). Os reis do sul da Arábia eram conhecidos por Joel (ver Joel 3:8). Ezequias fez negociações com esses povos (ver Isa. 13:20 e 21:13). Alguns árabes serviram como mercenários na defesa de Jerusalém contra Senaqueribe. Nos dias finais do reino de Judá, os árabes estavam alcançando posição importante como negociantes (ver Jer. 25:23,24; Eze. 28). Gesém, o árabe, tentou impedir Neemias de reconstruir as muralhas de Jerusalém (ver Nee. 2:19 e 6:1), provavelmente porque temia rivais nos negócios. O reino nabateano elevou-se à posição de proeminência, e quando os trechos de I Macabeus 5:39 e II Macabeus 5:8 falam sobre os *Árabes*, referem-se aos nabateus. c. *Em relação ao Novo Testamento.* O trecho de Gálatas 1:17 provavelmente refere-se ao reino dos nabateus, ao sul de Damasco. Paulo segue antigas referências geográficas quando ele situa o Sinai na Arábia (ver Gál. 4:25). O reino de Sabá, no sul da Arábia, é chamado de «sul», em Mat. 12:42 e Luc. 11:31. A rainha «do sul» condenará àqueles que tiveram a oportunidade de ouvir a mensagem espiritual, mas a rejeitaram, porquanto ela veio dos «confins da terra» (a Arábia) a fim de ouvir a sabedoria de Salomão, mas Jesus, que era o grande Mensageiro da mensagem espiritual, era maior que Salomão, e foi rejeitado pelos judeus.

6. *Características da cultura árabe, segundo os indícios do Antigo Testamento e da arqueologia.* Os árabes viviam em tendas (ver Sal. 8:6; 120:5). Usavam camelos para os transportes (ver Gên. 37:25). Eram negociantes que mercadejavam com muitos produtos, como especiarias, ouro, pedras preciosas (ver I Reis 10:2). Vendiam cabras e ovelhas (ver Eze. 27:20-22). Transportavam mercadorias da África para a Índia e para as terras ao redor do Mediterrâneo (ver I Reis

10:22). Negociavam com escravos (ver Joel 3:8). Aparavam as pontas dos cabelos e deixavam um topete, conforme fazem os beduínos até hoje. Os midianitas usavam brincos de ouro (ver Juí. 8:24). Penduravam correntes nos pescoços de seus camelos, conforme fazem alguns beduínos até hoje (ver Juí. 8:21). Dentre eles surgiram homens dotados de grande sabedoria, como as declarações de Agus e Lemuel, declarações proverbiais típicas do norte da Arábia, algumas das quais foram preservadas nos dois últimos capítulos do livro canônico de Provérbios. Os filhos de Hagar (os ismaelitas) eram chamados «buscadores da sabedoria» (ver Bar. 3:23). Escavações recentes têm descoberto vários monumentos impressionantes, como o templo sabeu do deus-lua Iluncu, em Maribe, grandes represas, canais de irrigação, estátuas em pedra e bronze e excelente trabalho de joalheria. Nos monumentos de pedra do sul da Arábia milhares de inscrições memoriais, históricas e religiosas foram esculpidas. Os nabateus erigiam túmulos espetaculares e templos no estilo greco-romano. Produziam excelente faiança.

7. *A religião árabe.* Os mais antigos árabes eram politeístas. Usavam a palavra Il (similar ao El dos hebreus) em combinações, para designar os seus deuses. Uma importante divindade era o deus-lua, chamado Iluncu, um deus dos sabeus. Além disso, havia o deus Wadd, dos mineanos, o deus Amm dos catabanianos, e o deus Sin dos hadramautianos. A esposa do deus-lua era Sansi, a deusa-sol, e eles tinham um filho, Atitar, a estrela da manhã. No século VII A.C. havia outros deuses como Atarcuruma, Atarsamaim, e talvez a deusa Alilate de Her. I. 131. No século V AC., o nome *hanilat* aparece em uma incrição do Quedar. O Talmude babilônico (Taanith 5b) diz que os habitantes de Quedar adoravam a água, o que talvez seja uma alusão às fontes sagradas, e não à água como uma substância. Os nabateus tinham o deus Dushara, o deus supremo, Alate, a deusa-mãe, e Gade, o deus da sorte. Inscrições safaíticas trazem os nomes Dusara, Alate, Gad-' Avidh e Ba' alsamin. Os deuses pagãos dos árabes incluem al-Lat, al-Uza e Maná, três filhas de Alá, o deus supremo (ver o Alcorão 53:19,20). Os árabes temiam um demônio chamado Jinn (ver Alcorão 72).

Os ritos e as práticas religiosas dos antigos árabes eram similares às que prevaleciam entre os hebreus, incluindo a prática da circuncisão, os sacrifícios de animais, a adivinhação para determinar a vontade divina, com freqüência mediante o lançamento de sortes (comparar *o Urim e o Tumim* dos hebreus, ver o artigo a respeito). Eles usavam incenso e tinham sacerdotes.

Os árabes modernos, naturalmente, são monoteístas estritos, adorando a Alá, o único e supremo Deus. (Ver sobre o *islamismo*). (HIT MON ND REN Z)

ARADE

No hebraico talvez signifique **fuga**, nome de uma cidade e de dois homens.

1. Uma cidade que ficava no sul do território de Judá, no nordeste do Neguebe, cerca de 27 km do sul de Hebrom. Tendo avançado pelo território de Canaã, o rei de Arade fez oposição à passagem deles. Ele os derrotou e inicialmente tomou algum despojo; mas então os israelitas tornaram-se donos do território (ver Núm. 21:1). Há indicações de que Arade era um centro de civilização desde o século IV A.C., e mesmo desde os dias de Abraão. A arqueologia tem demonstrado que Arade era uma cidade de pedras e tijolos, fortificada quase inexpugnavelmente por volta do século X A.C. Referências bíblicas a Arade: Núm. 21:1; 33:40; Jos. 12:14; Juí. 1:16.

2. Um rei que combateu os israelitas perto do monte Hor, mas foi derrotado (ver Núm. 21:1; 33:33,40), em cerca de 1452 A.C. Algumas traduções, entretanto, não trazem esse nome associado ao rei, mas somente ao lugar de onde ele era rei. É o que sucede à nossa versão portuguesa, que o chama de «o cananeu».

3. Um dos filhos de Beriá, um benjamita, um vulto importante em Aijalom (ver I Crô. 8:15), em cerca de 1400 A.C. (AH GL ND S Z)

ARADO

Instrumento usado para arar o solo. Ver o artigo geral sobre a Agricultura. A forma nominal da palavra designa o instrumento. Os arados eram fabricados de diferentes formas, um deles semelhante à enxada. Isso está envolvido na expressão: «...estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras...» (Isa. 2:4; cf. Miq. 4:3; Joel 3:10). Mas havia arados de formas mais complexas, como aqueles puxados por animais e guiados por um homem, que seguia atrás. A princípio os arados eram feitos de madeira, mas, na época de Davi, começaram a ser fabricados de metal. Acredita-se que o arado foi inventado no Egito, embora tal assertiva seja impossível de demonstrar. Em tempos posteriores, os arados da Palestina consistiam em duas barras que se cruzavam perto do solo. A barra mais próxima dos bois era presa ao jugo, e a outra barra servia de alça onde a pessoa segurava. Arados assim tão primitivos precisavam trabalhar em terra úmida (ver Jer. 14:4), e a área a ser trabalhada teria de ser pequena. Os arados mais sofisticados, porém, utilizavam uma peça de metal que fazia o trabalho.

Usos metafóricos. 1. Paz em contraste com a guerra. A agricultura toma o lugar da guerra (ver Isa. 2:4). 2. O dever de atarefar-se diligentemente no serviço cristão é simbolizado pelo homem que pega no arado e não olha para trás (ver Luc. 9:62). 3. Também é representado pelo trabalho árduo e servil, como o cativeiro (ver Osé. 10:11), com sua correspondente opressão psicológica. 4. A diligência na prática do mal (ver Jó 4:8; Osé. 10:13). 5. A destruição. Pois Sião seria arada como um campo (ver Miq. 3:12; Jer. 26:18). (S UN Z)

ARADUS

Ver **Arvade**. Aradus é a forma grega desse nome.

ARAMAICO

Um dialeto semita do noroeste, inexatamente chamado caldaico, porquanto era falado pelos caldeus, no livro de Daniel (ver Dan. 2:4 - 7:28). Porém, sabe-se atualmente que os caldeus falavam o acadiano, e assim o termo caldaico foi abandonado, para indicar o aramaico.

1. *Arqueologia.* Os registros históricos dos assírios têm muitas referências a esse idioma, a partir do século XIV A.C. em diante. Várias inscrições

monumentais têm sido encontradas em aramaico, como o selo votivo de Ben-Hadade II, estabelecido em cerca de 840 A.C., descoberto em 1941 perto de Alepo, na Síria. Outros monumentos inscritos em aramaico têm sido encontrados pertencentes ao período persa. Nesse tempo, o aramaico tornou-se a língua franca de todo o sudoeste da Ásia, porque os negociantes a levavam por toda a parte. A partir do século VIII A.C. até o século V A.C., muitos documentos de todos os tipos, falando sobre negócios, pesos, medidas, etc., têm vindo à luz, mediante as descobertas arqueológicas. Porém, a fonte informativa mais rica é a coleção de papiros encontrada em Elefantina, no Alto Egito, com data entre 500 e 400 A.C.

2. *A língua dos judeus.* Após o exílio, os judeus usavam a escrita aramaica para escrever em hebraico, e o conhecimento e o uso do próprio aramaico aumentou. Finalmente, o aramaico suplantou o hebraico, e traduções do hebraico para o aramaico tornaram-se necessárias. A princípio, essas traduções eram feitas oralmente, nas sinagogas; mas finalmente vieram a assumir forma escrita, nos Targumim. Foi então que o aramaico tornou-se a língua comum do judaísmo pós-veterotestamentário, podendo ser visto nos comentários judaicos, como a Mishnah, a Midrash e o Talmude.

3. *Parte do Antigo Testamento.* Os trechos de Daniel 2:4 - 7:28; Esdras 4:8 - 6:18; 7:12-26 e Jer. 10:11 (uma glosa?), foram escritos em aramaico.

4. *O aramaico e o cristianismo.* O cristianismo começou na Palestina, na época em que ali se falava o aramaico. Os gregos chamávam Arã de *Síria*, pelo que o idioma ali falado tornou-se conhecido como siríaco. Jesus e os apóstolos falavam o aramaico típico da Galiléia. As igrejas cristãs da Ásia, como a igreja nestoriana, produziram muita literatura em siríaco (uma forma do aramaico), havendo muitas traduções do Novo Testamento grego para essa língua, as quais fazem parte do testemunho do texto neotestamentário. Ver o artigo sobre os *Manuscritos da Bíblia.*

5. *Nos tempos modernos.* O moderno aramaico ocidental é usado como língua doméstica em algumas poucas aldeias cristãs na área do Antilíbano. O moderno siríaco oriental sobrevive sob a forma de dialetos em alguns poucos e pequenos centros nos montes do Curdistão e em áreas próximas, perto do lago Urmia, embora sob forte influência do árabe. Isso significa que o aramaico é uma das línguas de mais longa tradição contínua na face da terra. (BN ID UN (1957) Z)

ARANHA

Precisamos considerar duas palavras hebraicas, uma das quais aparece em Jó 8:14 e Isa. 59:5, a qual é corretamente traduzida por *aranha* em nossa versão portuguesa; e a outra palavra, que figura somente em Pro. 30:28, que nossa versão corretamente a traduz por «geco», embora haja traduções que erroneamente a traduzem por «aranha». Ver *Geco.*

A aranha é o nome dado a uma classe numerosa e bem definida de artrópodes (animais com pés e com juntas), diferentes dos insetos por terem quatro pares de pernas e serem sem asas. Todas as aranhas são possuidoras de glândulas especiais para a produção de seda. Os fios assim produzidos são usados por esses animais para fazer ninhos, casulos, etc., além de teias, no caso de certas famílias de aranhas, algumas das quais tecem teias bastante complexas. É evidente que o termo hebraico em pauta alude a uma dessas espécies: Isa. 59:5: «Chocam ovos de áspide e tecem teias de aranha...»; e Jó 8:14: «...a sua confiança é teia de aranha»: A palavra aqui traduzida por «teia» é uma palavra hebraica que comumente significa «casa». Seu uso poderia alterar um tanto a metáfora, podendo aludir a diferentes espécies, uma das quais faz um ninho um tanto mais óbvio.

Em Jó 27:18 temos a frase: «Ele edifica a sua casa como a da *traça*, e com a choça que o vigia constrói». Tal tradução reflete a LXX, e o siríaco. Há outras traduções que consideram o texto indefinido, necessitando de reconstituição, alterando a palavra «traça» para «teia de aranha», dando a entender que o perverso é como uma aranha que espreita a sua vítima, prestes a ficar presa em sua armadilha. (Ver Traça). (ID S UN)

ARARATE

No hebraico, **deserto.** Nome aplicado à região entre o rio Tigre e as montanhas do Cáucaso, conhecida como Armênia, mas chamada Urarti nas inscrições assírias. O nome veio a ser aplicado à cadeia montanhosa, e especialmente ao duplo pico em forma de cone, a pouco mais de onze quilômetros separados um do outro, respectivamente com 5.182 m e 4.265 m de altura. O pico de maior altura é chamado Massis pelos nativos, ou então Varaz-Baris; e os persas lhe dão o nome de Kuhi-Nuh, «monte de Noé». Seu cume é perpetuamente coberto de neve. Tradições nativas dizem que a arca repousou sobre sua vertente sul. Mas as inscrições assírias identificam um pico um tanto mais ao sul, a saber, o monte Nish'r, com 2.745 m de altura, comumente identificado com o Pir Omar Gudrun. Há relatos sobre o dilúvio por todo o Oriente, alguns dependentes da narrativa bíblica. Outras, porém, são independentes da mesma. Outrossim, essas narrativas sobre o dilúvio são universais, e supomos que a maioria delas, independentes do relato bíblico. Os sacerdotes egípcios disseram a Heródoto: «Vocês, gregos, são apenas crianças. Sabemos apenas sobre um dilúvio, mas temos registros sobre muitos dilúvios». Os registros geológicos, como a reversão do magnetismo das rochas, indicam que não apenas por uma vez, mas por muitas vezes (talvez até quatrocentas vezes) os pólos têm mudado de lugar, com deslizes conseqüentes da crosta terrestre, produzindo, obviamente, grande destruição e imensos dilúvios. Pensamos que o dilúvio de Noé foi a última dessas grandes catástrofes, e que ainda haverá outras, no futuro. Ver o artigo sobre o *dilúvio.*

No Oriente existem vários montes sagrados, assim feitos pelas tradições, que os identificam com o lugar onde a arca teria repousado, terminado o dilúvio. Portanto, além dos montes de Ararate, há outros picos que são assim considerados, como o Sufued Koh (Monte Branco), onde os afegãos dizem que a arca descansou. O pico de Adão, na ilha de Ceilão é outro desses lugares, sendo curioso que em Gên. 8:4 o Pentateuco Samaritano diga *Sarandib*, nome árabe para Ceilão. Os versos sibilinos afirmam que as montanhas do Ararate ficavam na Frígia. Outros situam-nas na porção oriental da cadeia montanhosa antigamente chamada Cáucaso e Imaus, que termina nos montes do Himalaia, no norte da Índia. As descrições bíblicas, porém, parecem eliminar regiões relacionadas ao Afeganistão, ao Ceilão e ao norte da

Índia, embora alguns advoguem esses lugares como região onde a arca ficou, ao terminar o dilúvio.

1. *Localizando o Ararate.* As únicas outras passagens bíblicas (além do livro de Gênesis) onde a palavra «Ararate» ocorre são II Reis 19:37 (Isa. 37:38) e Jer. 51:27. Nas duas primeiras, faz-se referência à terra para onde fugiram os filhos de Senaqueribe, rei da Assíria, depois que o assassinaram. Tobias 1:21 diz que eles fugiram para «as montanhas de Ararate». Isso indicaria um lugar, e não uma região dominada pela Assíria, embora não muito distante. A descrição adapta-se à antiga Armênia, que agora faz parte da Turquia moderna, em sua porção oriental. A antiga Armênia era um reino a nordeste da Ásia Menor, incluindo o leste da Turquia e da moderna Armênia, que faz parte da União de Repúblicas Socialistas Soviéticas. Se o dilúvio começou quando Noé estava em algum lugar da Mesopotâmia, então as mais elevadas montanhas das vizinhanças, quando baixaram o suficiente as águas do dilúvio, teriam sido as de Urartu (Ararate), correspondendo à informação dada acima.

2. *Descrição do Ararate.* O monte e seu satélite, o pequeno Ararate, mais para suleste, são vulcões extintos, que se elevam espetacularmente em meio à planície plana. O Ararate é um cone irregular, com ombros proeminentes e com um profundo abismo do alto ao sopé do monte, em seu lado nordeste. Seu cume é perpetuamente recoberto de neve, mas a natureza porosa e cheia de cinzas do solo impede a formação de rios, pelo que o monte é quase desnudo de árvores da base ao cume. É ligado ao Pequeno Ararate por uma longa cadeia de quase 13 km de extensão. Tratados de fronteira entre a Rússia e a Turquia (parte da qual era a antiga Armênia) deixaram o Ararate em território turco.

3. *O reino de Ararate.* «Ararate» é a forma hebraica do assírio *Urartu*, nome de um reino fundado no século IX A.C. A região continuou sendo chamada por esse nome muito tempo depois de tornar-se ela Armênia, nos fins do século VII A.C. O reino de *Urartu* floresceu no tempo do império assírio, nas vizinhanças do lago Vã, na Armênia. Esse reino é freqüentemente mencionado nas inscrições assírias como um vizinho perturbador do norte. Sua cultura foi muito influenciada pela civilização da Mesopotâmia, e, no século IX D.C., foi adotada e modificada a escrita cuneiforme para se escrever a língua urartiana, também chamada vânica e caldiana, que não deve ser confundida com o caldeu. A língua urartiana não estava relacionada à acadiana. Cerca de duzentas inscrições em urartiano têm sido encontradas pela arqueologia. Nessas inscrições, a terra é chamada de BIAI-NAE, e sua população é chamada de «filhos de Haldi», uma das principais divindades de sua religião. Exemplares de sua arte e arquitetura têm sido descobertos em Toprak Kale. A antiga capital, Tuspa, era perto do lago Vã, e, nos tempos modernos, em Karmir Blur, uma aldeia próxima de Erivan, na União de Repúblicas Socialistas Soviéticas.

As inscrições de Salmaneser I mencionam Urartu pela primeira vez no século XIII A.C. O reino começou como um pequeno estado entre os lagos Vã e Urmia. Então cresceu até tornar-se uma séria ameaça à Assíria, pelo século IX A.C. Em cerca de 830 A.C., Sardur I encabeçou uma dinastia ali, estabelecendo sua capital em Tuspa. Pelos fins do século VIII A.C., houve a invasão dos cimérios (ver o artigo sobre *Gômer*), e o reino de Urartu praticamente terminou. Houve um breve reavivamento em meados do século VII A.C., sendo possível que o rei Rusa II, daquela época, fosse o hospedeiro dos assassinos de Senaqueribe (ver Isa. 37:38). Não se sabe com certeza como terminou esse reino, mas isso parece ter ocorrido na primeira metade do século VI A.C. Antigas inscrições cuneiformes em persa antigo chamam o lugar de *Armênia*, uma designação indo-européia, mostrando que os povos de raça jafetita provavelmente tinham tomado conta da região, pelo século VI A.C., data dessas inscrições. (AM NA ND UN WHI Z)

ARATES

Rei da Capadócia em 163-130 A.C., derrotado pelo rei sírio Demétrio Soter. Demétrio assim vingou-se do que pensou ser um insulto, quando Arates recusou-se a casar-se com sua irmã. Em 158 A.C., Arates fugiu para Roma, e um pouco mais tarde foi restaurado ao seu trono, na Capadócia. Os romanos escreveram cartas a ele e a outros reis orientais em favor dos judeus, em 139 A.C. (I Macabeus 15:22). Isso ocorreu através da mediação de Simão Macabeu, que enviou uma embaixada a Roma com esse propósito. (Z)

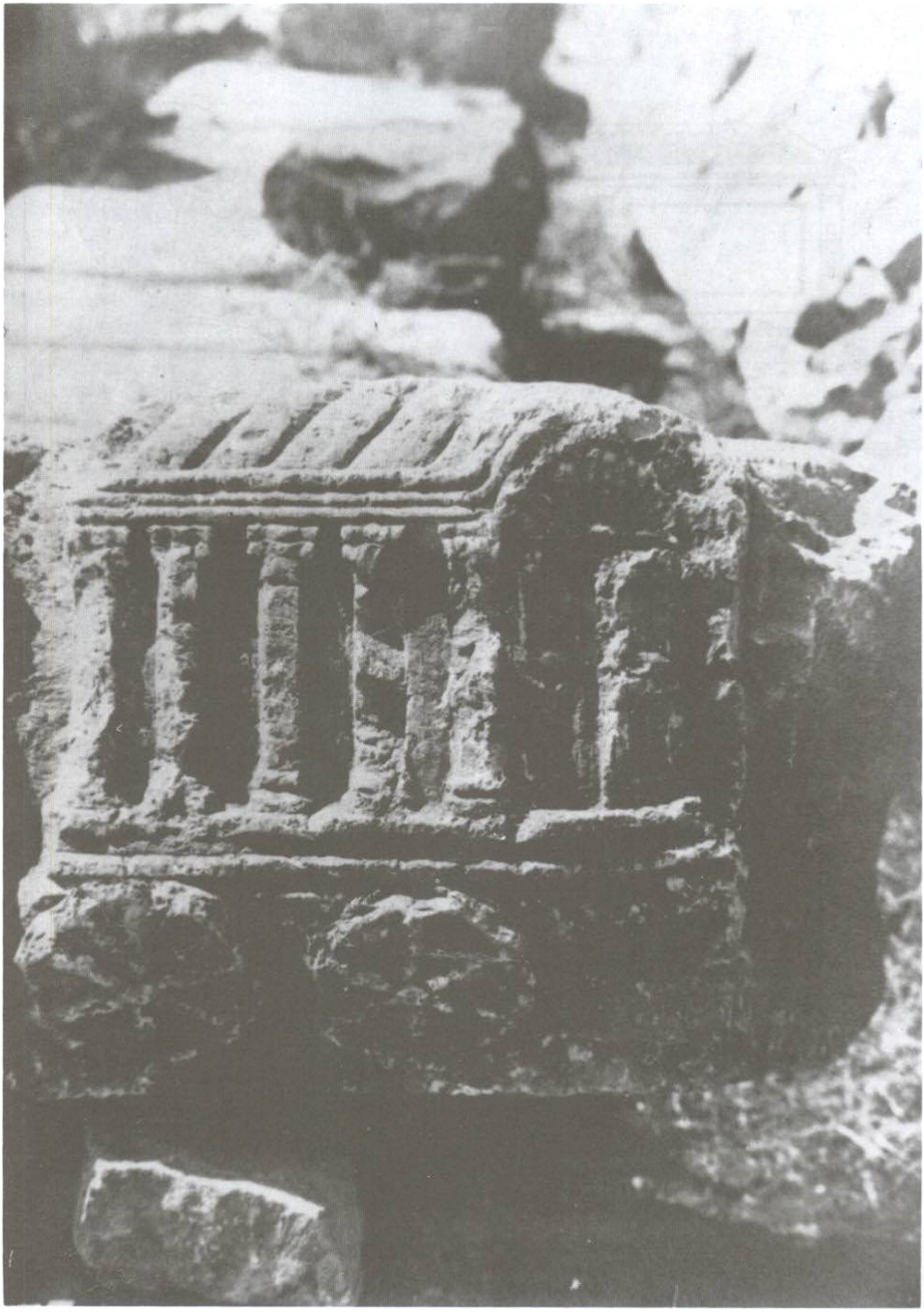
ARATO

No grego, **pedido em oração.** Foi um poeta grego que nasceu no fim do século IV A.C., em Soli (provavelmente Tarso), na Cilícia. Estudou em Atenas e foi amigo de Zeno, fundador do estoicismo. Escreveu o *Phaenonmena*, um tratado de astronomia, popular nos tempos do Novo Testamento. Em Atenas, Paulo citou a primeira linha desse tratado (ver Atos 17:28). Mas essa frase foi tomada emprestada por Arato de Cleantes, um outro poeta estóico. (Ver os comentários sobre Atos 17:28 no NTI, que oferece detalhes, incluindo a poesia aqui aludida). (NTI Z)

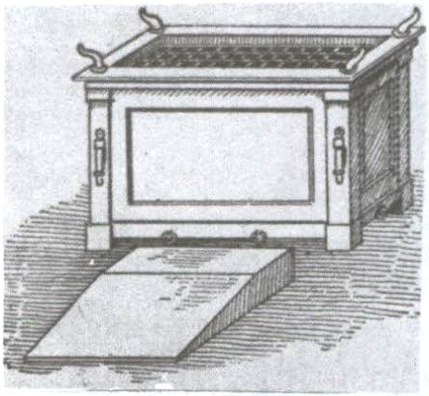
ARAÚNA

No hebraico, **forte, herói** ou **senhor.** Um jebuseu que vivia em Jerusalém e era dono de uma eira, onde mais tarde foi construído o templo (ver II Crô. 3:1 e II Sam. 24:16). Davi comprou a eira de Araúna por causa do anjo destruidor que fora enviado para desolar a nação, em conseqüência do pecado de Davi por haver feito o recenseamento do povo (devido ao orgulho). Davi queria o local a fim de erigir ali um altar, na esperança de que um holocausto fizesse cessar a praga (ver II Sam. 24:16 ss e I Crô. 21:18 ss).

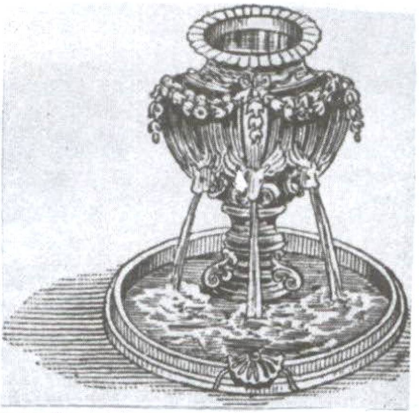
A princípio, Araúna recusou-se a vender a sua eira, oferecendo-a gratuitamente, juntamente com bois para o sacrifício e lenha para servir de combustível. Mas Davi objetou ao presente, dizendo que não ofereceria ao Senhor aquilo que nada lhe custara. Assim sendo, Davi pagou seiscentos siclos de ouro pelo lugar e cinqüenta siclos de prata pelos bois (ver II Sam. 24:24; I Crô. 21:25). Os holocaustos foram oferecidos e a praga cessou. Josefo afirma que Araúna era um bom amigo de Davi, que havia poupado a sua vida quando ele fugira de certa feita de Saul (ver *Anti.* vii.13, parte 9). O trecho de II Sam. 24:23 tem sido interpretado por alguns como se dissesse que Araúna era rei por seus próprios direitos. (FA GOR S UN Z)



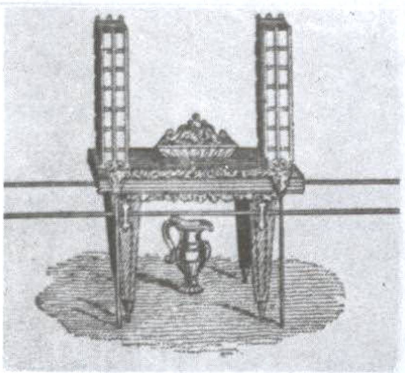
Representação da Arca do Pacto
Cortesia, Matson Photo Service



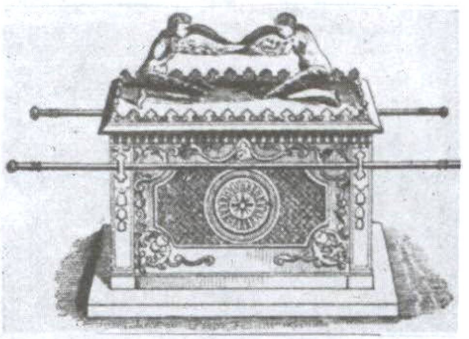
ALTAR DO HOLOCAUSTO



A BACIA DE BRONZE PERTENCENTE AO TABERNÁCULO



A MESA DOS PÃES DA PROPOSIÇÃO



ARCA DA ALIANÇA COM O PROPICIATÓRIO

Equipamento do Tabernáculo

ARAUTO Ver **Mensageiro.**

ARBA

Ancestral dos anaquins, e o maior herói da raça. Era um gigante, pai de Anaque. Foi dele que a cidade de Hebrom derivou o seu primeiro nome, Quiriate-Arba, isto é, «cidade de Arba» (ver Gên. 35:27; Jos. 14:15; 15:13; 21:11). Arba «foi o maior homem entre os Anaquins» (Jos. 14:15). Fundou uma cidade que tinha o seu nome, onde mais tarde foi edificada Hebrom. Josué deu a Calebe a cidade de Hebrom como sua herança, por causa de sua confiança em que Deus o capacitaria a expulsar dali os gigantes (ver Jos. 14:6-15). Ver o artigo sobre Anaque (Anaquins). (FA UN Z)

ARBATA

Uma região da Palestina de onde Simão Macabeu trouxe para Jerusalém alguns judeus que corriam o perigo de serem atacados por uma força gentílica (ver I Macabeus 5:21 ss). O sítio moderno é desconhecido, mas alguns têm sugerido a planície onde o Jordão despeja suas águas no lago da Galiléia, a oeste de Samaria, na fronteira com a Galiléia. (Z)

ARBATITA

Gentílico de quem nasceu Abi-Albom (ver II Sam. 23:31), em Bete-Arabá (Arba), também chamado Abiel, em I Crô. 11:32; ele era um dos trinta principais guerreiros de Davi.

ARBITA

Provavelmente um habitante ou natural de Arabe, na região montanhosa de Judá (ver Jos. 15:52). Era epíteto de Paarai, um dos poderosos guerreiros de Davi (ver II Sam. 23:35). A lista paralela diz «Naarai, filho de Ezbai», em I Crô. 11:37. (UN Z)

ARBÍTRIO

Termo associado à solução negociada de disputas, a fim de restaurar a harmonia entre partidos contrários. Nas disputas trabalhistas, isso normalmente assume a forma de convocação de uma terceira parte interessada, como mediadora das negociações. No arbítrio voluntário, as duas partes envolvidas concordam que a terceira parte terá autoridade para estabelecer os detalhes do acordo. No arbítrio compulsório, usualmente o envolvimento das autoridades se faz necessário, para forçar um acordo, por estarem em jogo os interesses vitais da sociedade. O governo intervém quando estão envolvidas questões de segurança ou saúde pública, ou segurança nacional, de tal modo que a tensão se torna intolerável. A interferência governamental é garantida quando umas poucas pessoas, relativamente falando, podem ser causa de caos e confusão para muitas. O arbítrio é a maneira mais satisfatória de solucionar disputas, evitando a violência que a maior parte dos golpes envolve. Reforça o lado da argumentação, e não o espírito partidário. O arbítrio só é empregado após terem começado negociações adequadas entre as partes interessadas, tendo estabelecido então um impasse.

No tocante a ética cristã. O arbítrio é uma aplicação pública do princípio envolvido em Mat. 18:15 ss. Jesus instruiu-nos que primeiro tentássemos resolver nossas divergências a nível pessoal. Se isso não funciona, duas ou três pessoas devem ser chamadas a intervir. Se isso fracassasse, o caso devia ser levado à igreja. No tocante às questões eclesiásticas, Paulo recomendou que as disputas fossem solucionadas sem o recurso de pessoas *estranhas*, sobretudo se essas fossem advogados que resolveriam o caso diante de algum tribunal secular. (Ver I Cor. 6:1 ss.). (H)

ÁRBITRO

No hebraico temos uma palavra usada por mais de sessenta vezes, e que tem sido traduzida de diversas maneiras, como «reprovar», «disputar», «argumentar», «convencer», «julgar». Em Jó 9:33 (onde a palavra é traduzida pelo termo português «árbitro»), o patriarca expressava o desejo de que surgisse alguém que servisse de — mediador — do conflito entre ele e Deus. Ora, esse anelo do coração humano cumpriu-se por ocasião da encarnação. Cristo é o nosso Mediador. «Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem» (I Tim. 2:5).

Na Bíblia portuguesa, em Colossenses 2:18, encontramos a palavra «árbitro», dentro da expressão: «Ninguém se faça árbitro contra vós outros...» Mas ali não temos a palavra *árbitro*, no grego, que é *kpitês*, usada por dezessete vezes no Novo Testamento (por exemplo, Mat. 5:25; Luc. 11:19; Atos 10:42; II Tim. 4:8; Heb. 12:23; Tia. 5:9). Antes, naquela expressão, na epístola aos Colossenses, encontramos o presente imperativo do verbo *katabrabeúo*, «decidir desfavoravelmente». Portanto, uma tradução mais correta da expressão seria: «Ninguém decida desfavoravelmente a vosso respeito...»

ARCABOUÇO

Várias palavras hebraicas assim traduzidas referem-se a certas porções do tabernáculo e do templo, ou às coisas que haviam dentro deles: a. Uma trave ou armação onde ficavam suspensos o candeeiro e os vasos usados no serviço do tabernáculo, quando estavam sendo transportados (ver Núm. 4:10,12). b. Uma braçadeira ao redor da mesa dos pães da proposição, que mantinha as pernas da mesa firmes em seu lugar (ver Êxo. 25:25,27; 37:12). c. Painéis para os suportes das bacias de lavar, no templo (ver I Reis 7:28-36; II Reis 16:17). d. A armação de madeira do tabernáculo por cima da qual as cortinas e as cobertas de peles de animais eram estendidas (ver Êxo. 26:15-29; Núm.3:36). e. Uma referência às janelas e seu madeiramento (ver I Reis 7:4,5; Eze. 41:16). (Z)

ARCA DA ALIANÇA

A arca sagrada, tida como lugar da manifestação de Yahweh. Era chamada «arca da aliança», servindo de símbolo visível da presença de Yahweh. O vocábulo hebraico traduzido em português por «arca» significava apenas *caixa* ou cofre. Era transportada pelos sacerdotes em expedições militares, pois julgava-se que ela era motivo de proteção para os israelitas (Núm. 10:33; Deu. 1:33). Essa caixa era feita de madeira de acácia, de forma retangular, com cerca de 1,10 m de comprimento por cerca de 0,70 m de largura e de altura (Êxo. 25:10 - ver especificações e descrições da arca, nesse capítulo). Era forrada de ouro por dentro e por fora, com uma beirada de ouro. Tinha quatro pés, cada qual com uma argola de ouro (vs. 12), onde eram permanentemente inseridas varas de madeira de acácia recobertas de ouro (vs. 13-15).

Vários povos da antiguidade tiveram caixas sagradas, onde eram guardados os ídolos, símbolos dos ídolos ou outras relíquias sagradas. Naturalmente, várias nações circunvizinhas consideravam a arca como o deus de Israel, ou associada a alguma forma de idolatria física (I Sam. 4:6,7). A arca foi capturada pelos filisteus na segunda batalha de Ebenezer, o que só trouxe infortúnios para eles, de tal modo que a devolveram aos israelitas (ver I Sam. 4-6). Ficou em Quiriate-Jearim até que Davi a instalou no novo santuário de Jerusalém. Subseqüentemente, foi transferida para o templo de Salomão e colocada no Santo dos Santos (ver II Sam. 6 e I Reis 8:1-11). Nela estavam guardadas as duas tábuas de pedra, onde haviam sido escritos os dez mandamentos, as condições do pacto divino. Daí deriva-se o nome dessa caixa: arca da aliança. Os outros objetos guardados na arca, como o vaso de ouro com maná e a vara de Aarão, que florescera (ver Heb. 9:4), talvez pertencessem a uma outra época, tendo-se perdido ou perecido de alguma outra maneira, antes da construção do templo de Salomão. O trecho de I Reis 8:9 declara que só as tábuas do decálogo eram guardadas na arca.

A tampa da arca era o propiciatório, lugar onde era aspergido o sangue no Dia da Expiação (ver Êxo. 25:17 e 26:34), uma das mais importantes instituições de Israel. A arca, nesse período de sua história, era vista somente pelo sumo sacerdote, e somente uma vez por ano. Sobre o propiciatório havia os querubins, um em cada extremidade. Em certo sentido, ali ficava o trono místico de Yahweh.

O que sucedeu mais tarde à arca, não se sabe. A tradição afirma que não havia arca no segundo templo (*Menahot* 27b; Josefo, *Guerras*, V.5). No judaísmo há «arcas» que são caixas onde são guardados os rolos da Torah, ou lei. Seja como for, Jeremias predisse que chegariam dias quando não mais se buscaria a arca (Jer. 3:16), porquanto Jerusalém inteira tornar-se-ia o trono de Yahweh.

Símbolos espirituais envolvidos na arca:

1. Era sinal do pacto entre Deus e os homens, ratificado pela lei e inaugurado pelo sacrifício expiatório (Lev. 16:2). Em termos cristãos, representa Cristo, o nosso sacrifício (João 1:29; Heb. 9:24). Há um novo pacto, ou novo testamento (Heb. 7:22 e 9:15).

2. Representava a presença e proteção de Deus (Jos. 3:3; 4:10). Em termos cristãos, isso se concretiza em nosso favor através da missão de Cristo. A providência divina nos é estendida em Cristo (Efé. 1:7).

3. As *teofanias*. Deus pode aparecer e realmente aparece ao homem, comunicando-se com ele (ver o artigo sobre o misticismo). Jeremias percebeu isso quando viu que Jerusalém inteira tornar-se-ia o lugar da manifestação de Deus, mostrando a descontinuação da arca material. Agora Cristo é a teofania de Deus (João 1:14). Em Cristo há *revelação*, porque nEle Deus comunica-se com os homens. No contexto do Antigo Testamento, ver Êxo. 24:22 e Núm. 7:89. No contexto do Novo Testamento, ver João 1:18. O fato de que Deus se revela, prova a verdade que há no *teísmo* (ver o artigo), isto é, que Deus criou, comunica-se, intervém e está interessado em Sua criação. Isso contrasta com o *deísmo* (ver o artigo), ou seja, que há um Deus ou uma força cósmica criativa, mas que teria abandonado a criação, deixando-a ao encargo das leis naturais. (E FA UN WOU Z)

ARCA DE NOÉ

No hebraico temos as palavras **tebbah** e **aron**. A primeira designa a embarcação construída por Noé; e a segunda, a arca da aliança (ver o artigo seguinte). Talvez a palavra original seja o termo egípcio *db't*, que significa caixa (ver Gên. 6 - 9). No livro de Gênesis, *tebhah* designa a embarcação que Noé construiu por mandato divino, a fim de que ele e sua família fossem salvos do dilúvio. Tinha 137 m de comprimento, 23 m de largura e 14 m de altura. Foi construída com madeira de cipreste, embora alguns estudiosos pensem no pinho ou no cedro. Havia três andares e estava dividida em compartimentos. Possuía um respiradouro e uma porta em um dos lados. Foi construída estanque interna e externamente, com o uso de piche (ver Gên. 6:14 - 8:16). O trecho de Gênesis 6:14 tem sido interpretado como se as tábuas fossem mantidas no lugar por meio de ripas (se alguém ler *qanim* em lugar de *qinnim* - ninhos). Se assim sucedeu, então o conjunto inteiro recebeu uma cobertura de betume. No tocante aos três *andares*, alguns têm entendido que isso refere-se a três camadas de tábuas, cruzando-se, formando os lados da embarcação. O respiradouro aparentemente foi feito no teto, para deixar entrar luz e ar. Aparentemente, a arca foi feita apenas para flutuar, sem qualquer meio de propulsão ou controle. Noé recebeu instruções cento e vinte anos antes do tempo do dilúvio (ver Gên. 6:3,13,14; II Ped. 2:5). É possível que o dilúvio tenha sido a última ocasião em que a posição dos pólos se alterou, com o conseqüente desastre ecológico do dilúvio, devido às mudanças de posição na crosta terrestre. Quanto a detalhes sobre essa idéia, e outras informações gerais, ver o artigo sobre o *dilúvio*.

Simbolismo da arca de Noé. Ela simboliza a segurança ante a destruição, ou a salvação em vista do julgamento, provisões da misericórdia e da graça de Deus. Assim Jesus empregou a narrativa sobre a arca, em Mat. 24:38,39; Luc. 17:27. O trecho de Hebreus 11:7 usa a arca como símbolo e exemplo de fé. A passagem de II Pedro 2:5 usa o símbolo da mesma maneira que Jesus. Portanto, a arca é símbolo ou tipo de Cristo, o Salvador.

Sua carga. Noé e sua família, oito pessoas ao todo (ver Gên. 7:7; II Ped. 2:5) e uma parte de animais imundos, além de sete pares de animais limpos, sete pares de aves e alguns pares de répteis. Alguns têm indagado, com certa razão, se uma embarcação de dimensões bastante modestas, poderia conter representantes de todas as espécies de animais da terra. Dizer tal coisa é um manifesto absurdo, pelo que devemos supor que os animais mencionados são os animais nativos da área onde Noé vivia. As pessoas que têm procurado demonstrar que a arca de Noé poderia conter todos os animais da terra, cada espécie representada aos pares, não têm noção do fantástico número de espécies de animais que existem. Um zoólogo coraria de vergonha se tivesse que declarar que uma embarcação das dimensões da arca poderia conter todas as espécies de animais. Mas, as pessoas que ignoram o fato, também não coram de vergonha.

Há evidências significativas que indicam que o dilúvio foi parcial, apesar de vasto. A China, por exemplo, permaneceu seca, o que explicaria o imenso número de chineses e outros povos amarelos, hoje em dia. Quando ocorrem os grandes cataclismos, eles rearranjam a posição dos continentes. Vastas áreas, antes ocupadas pelos homens, tornam-se fundo de oceanos, e oceanos tornam-se regiões habitadas.

Portanto, esses desastres, embora de proporções gigantescas, nunca são absolutos. Fenômenos dessa natureza são mais amplamente comentados no artigo sobre o *dilúvio*. A arca trazia uma carga simbólica, mostrando o interesse de Deus por *toda* espécie de vida. Ele desejava a preservação e a propagação de todas essas formas de vida, e não apenas da vida humana. Isso fala sobre o amor de Deus como absolutamente universal. Se Deus queria salvar meros ursos e porcos, certamente devia estar interessado por cada ser humano, sem qualquer exceção. Isso é o que afirmam os textos de I João 2:2; João 3:16 e I Timóteo 2:4. Alguns pontos de vista teológicos, entretanto, têm preferido limitar o ilimitado, rebaixar aquilo que é moral e espiritualmente elevado, estabelecendo fronteiras naquilo que não pode ser medido. Uma desgraça! Notemos que o relato sobre a descida de Cristo ao hades, a fim de anunciar a Sua mensagem aos espíritos dos mortos (ver I Pedro 3:18 - 4:6), é dada em conexão com a narrativa do dilúvio. Isso serve para ilustrar ainda mais a qualidade da misericórdia e do amor divinos, aumentando nossa compreensão sobre as dimensões do evangelho. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*. (AM IB ID NTI UN WHI Z)

ARCANJO Ver sobre **Anjo** e **Rafael** (que inclui informação sobre o conceito de **Arcanjos**).

ARCEBISPO, Arcipreste, Arquidiácono
Ver **Bispo** e **Ofícios Eclesiásticos**.

ARCESILAU

Filósofo grego (315-241 A.C.). Nasceu na Eólia, tornou-se chefe da academia platônica (ver *Academia de Platão*), após Crates. Foi fundador da Segunda Academia. Foi um cético moderado e atacou a reivindicação estóica da possibilidade de se obter conhecimento universal. Sua regra, intitulada *eulogon*, asseverava que na vida devemo-nos guiar pela *probabilidade*. O indivíduo deve adotar a mais provável entre opiniões contrárias ou cursos de ação contrários. Foi poderoso apologista, tendo atacado mormente os estóicos. Não dispomos de qualquer de seus escritos, exceto sob a forma de citações em outros autores, principalmente Cícero e Sexto Empírico (ver os artigos sobre eles). (AM E P)

ARCHE

Palavra grega que significa «começo», «origem», «primeira causa» ou «no começo».

1. Entre os filósofos jônios, a primeira substância ou elemento primário.

2. Para os pitagoreanos, aludia à origem da série dos números.

3. Quanto a Platão, ver sob *arquétipo*.

4. Em Aristóteles, o termo refere-se aos princípios de ação, em sentido causal, e aos princípios demonstrativos.

5. No evangelho de João, a palavra refere-se ao Verbo ou Logos, no tocante ao começo absoluto das coisas. Ver sobre o *Logos* no NTI, em João 1:1.

ARCO

Um termo próprio da arquitetura (ver Eze. 40:16,22,26,29). Mas alguns estudiosos entendem que a palavra hebraica, *elam*, talvez signifique *vestíbulo* ou *pórtico*. A área coberta e semifechada diante do templo de Salomão (ver I Reis 6:3) era assim chamada, como também dois pórticos (ver I Reis 7:6,7). Outros pensam que essa palavra aponta para tipos de paredes laterais que se projetam, contendo janelas. Não há nenhuma palavra específica no hebraico com o sentido de *arco*. Era conhecida no Egito desde tempos remotos, e é uma palavra tomada por empréstimo pelos judeus, mas nenhum exemplo foi encontrado até hoje na Palestina ocupada por Israel. (S UN Z)

ARCO DE GUERRA
Ver sobre **Armas, Armadura**.

ARCO-ÍRIS

Refração prismática da luz do sol, refletida nas nuvens, durante ou imediatamente após uma chuva. De um avião, essa refração é vista como círculos concêntricos, mas para quem está no solo é vista como arcos. As palavras de Gên. 9:13, «porei nas nuvens o meu arco», sem paralelo no hebraico e no resto da Bíblia, têm sido interpretadas como o arco-íris. Os rabinos adicionaram o comentário de que o arco já existia, mas que daquela ocasião em diante passou a ser o sinal do pacto firmado com a humanidade, após o dilúvio. Todavia, há alguma evidência de que o termo acádico *gastu*, com o determinativo *kakkab*, é cognato da palavra hebraica que significa «estrela arco», nome que, na literatura, é aplicado à estrela Sírius, o que confunde um tanto a questão.

Os termos do pacto (Gên. 9:8-17) e a menção do relâmpago juntamente com o termo «arco» (Lam. 2:4 e Hab. 3:9-11), empresta peso ao sentido tradicional de «arco-íris». É interessante notar que o arco-íris é indicado pela mesma palavra hebraica que aponta para o arco de um guerreiro (*geset*). Se o arco de Yahweh simboliza a Sua ira, o arco-íris é símbolo de Sua graça. Deve haver alguma relação entre as duas idéias. O arco de Yahweh voltar-se-ia contra as águas, que haviam sido adversárias da humanidade.

O arco-íris caracteriza a cena celeste (Eze. 1:28), noção essa reiterada em Apo. 4:3 e 10:1, onde o termo grego *iris* nunca teve outro sentido além de «arco-íris».

ARCTURUS

Forma latina do grego **arktouros**, que significa *cauda* ou *guarda do urso*, podendo referir-se à constelação da Ursa Maior, ou a uma estrela que parece haver em sua cauda.

Na Bíblia, essa palavra (no hebraico *awsh*) aparece somente em Jó 38:32, onde faz parte de uma lista de constelações, juntamente com o Órion e as Plêiades. A referência é um tanto obscura, pelo que as traduções variam. A Septuaginta diz «estrela vespertina», o que é seguido pela Vulgata Latina; mas essa tradução é apenas uma tentativa. Não há maneira segura de recuperar o que Jó quis dizer, e nem de saber qual cosmologia estava sendo seguida. A melhor opinião, entretanto, parece ser a constelação da Grande Ursa, ou talvez, Albedarã. Posteriormente desenvolveu-se uma elaborada astrologia, embora não saibamos dizer o quanto, ou qual taxa de diferença havia na astrologia dos dias de Jó. A Grande Ursa gira em torno do pólo, e nunca aparece abaixo da linha do horizonte. Os caldeus e os árabes desde tempos remotos davam nomes às estrelas, reunindo-as em constelações. Isso era usado para efeitos de navega-

ção, tendo também assumido sentidos religiosos, com base na idéia de que as estrelas e constelações influenciam os homens e seus destinos. Ver sobre a *astrologia*. (ID FA ND S UN)

ARDATE

Um campo onde Esdras se comunicava com Deus e recebeu uma visão (ver I Esdras 9:26).

ARDE

No hebraico talvez signifique **fugitivo**. Era filho de Bela e neto de Benjamim (ver Gên. 46:21 e Núm. 26:40). Viveu em cerca de 1660 A.C. Em Gênesis 46:21 são nomeados dez filhos de Benjamim. Em Números 26:38,39, há cinco filhos alistados e no versículo seguinte (vs. 40), Arde aparece como filho de Bela. (S Z)

ARDITAS

Pertencentes a Arde, por serem seus descendentes (Núm. 26:40). (S)

ARDOM

No hebraico, descendente. Era filho de Calebe, filho de Hezrom, através de Azuba, sua mulher (ver I Crô. 2:18), em cerca de 1560 A.C. (S)

AREIA

No hebraico e no grego temos apenas uma palavra em cada idioma, para indicar *areia*. E embora as referências à areia sejam numerosas na Bíblia, a areia do Oriente Médio figura apenas por uma vez no registro sagrado - quando Moisés sepultou o egípcio que havia assassinado, na esperança de manter secreto o crime (ver Êxo. 2:12). Todas as outras referências são figuradas, indicando, principalmente, a idéia de um número incalculável,

A área geográfica onde ocorreram os acontecimentos bíblicos contém muitas regiões cobertas de areia ou de dunas. Ao saírem do Egito, e ao atravessarem o deserto do Sinai, os israelitas devem ter marchado sobre a areia durante boa parte do trajeto. Embora o deserto do Sinai seja rochoso, e não arenoso, podem ser encontrados com bastante freqüência, trechos de areia solta. E na Terra Prometida, havia e continua havendo um largo cinturão de dunas de areia costeiras, ao longo das praias do mar Mediterrâneo, no sul da Palestina. Essas dunas tendem por introduzir-se pelo continente, a menos que sejam barradas com florestas plantadas ou com capim alto. Doutra forma, haverá a invasão de uma autêntica «areia do mar».

Sem considerarmos essas areias costeiras, também deveríamos lembrar que, em um clima seco, cada rio ou torrente que lava a superfície nua da terra fica prontamente carregada de areia e entulho, os quais deposita em suas margens, nas áreas planas. Isso nos permite entender melhor a parábola de Jesus, sobre a casa edificada sobre a areia (ver Mat. 7:26). É de presumir-se que tal casa tivesse sido edificada sobre esses depósitos de areia, em algum vale ao lado de um rio, onde facilmente a água chegava, por ocasião de uma enchente.

As referências à areia, como símbolo de um número incalculável ocorrem de Gênesis 22:17 em diante. Não apenas os futuros descendentes de Abraão foram assim descritos, mas também o cereal recolhido e guardado por José, no Egito (ver Gên. 41:49), e mui curiosamente, a sabedoria de Salomão e a amplitude de seus interesses (ver I Reis 4:29). Naturalmente, em Mateus 7:26 a areia também serve de símbolo de instabilidade, por falta de alicerces.

ARELI

Filho de Gade (Gên. 46:16 e Núm. 26:17), antepassado dos arelitas. Cerca de 1700 A.C. Ele foi um dos sete filhos de seu pai. (UN)

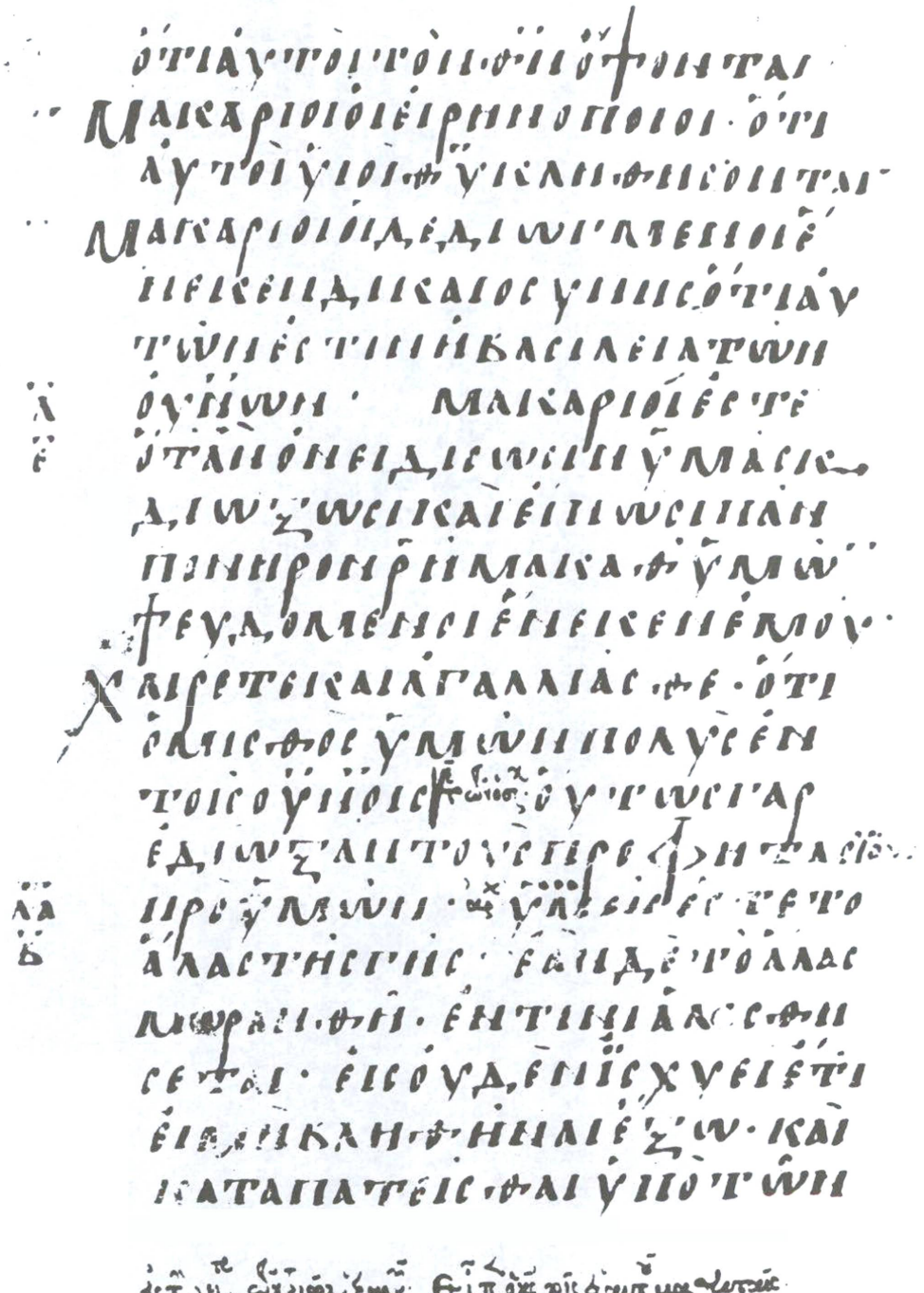
AREÓPAGO

No grego, **Colina de Marte** (Ares), o deus da guerra. Trata-se de uma volumosa projeção de pedra calcária, com cerca de 115 m de altura, a noroeste da Acrópolis de Atenas, à qual está ligada por uma estreita língua de terreno mais baixo. Dá frente para o Agorá, o mercado é o centro legal de Atenas dos tempos clássicos e helenistas. O termo Colina de Marte é uma designação latina. Degraus escavados na rocha conduzem ao cume. Ali ainda podem ser vistos bancos, escavados na rocha. Reunia-se ali o tribunal do Areópago. Temos conhecimento desse lugar através de muitas referências literárias e de algumas evidências arqueológicas. Há evidências do alicerce de um edifício, ou, talvez, de restos de altares que ali foram deixados. Na vertente nordeste, quatro túmulos posteriores (da civilização pré-grega) foram escavados na rocha relativamente macia. Certa quantidade de material votivo sugere que a colina a princípio era usada como santuário de algum culto religioso, talvez de *Areia*, e alguns estudiosos supõem que o nome do lugar originalmente se derivou desse designativo. Os latinos chamavam o lugar de *Scopolus Martis*, *Curia Martis* (Juvenal Sat. ix.101), ou *Areum Judicium* (Tácito, Annais ii.55).

Desde tempos remotos, reunia-se ali o tribunal do Areópago. No começo era uma espécie de concílio da cidade, que cuidava dos negócios da cidade; mas, antes disso, parece que era um lugar onde eram julgados os casos de homicídio. Havia duas pedras lavradas no cume. Uma delas era a *pedra do ultraje*, onde o acusador se punha de pé para expor a sua acusação. A outra era a *pedra da violência*, onde ficava o acusado. Nos dias de Péricles, era essencialmente um tribunal criminal; mas, nos tempos romanos, reverteu a uma gama maior de atividades, incluindo questões de educação e religião. O *tribunal*, composto por um corpo representativo de anciãos e dos cidadãos mais importantes, algumas vezes reunia-se no Stoá Basileios, ou Pórtico Real. É possível que Paulo tenha feito sua exposição do evangelho diante do tribunal no Pórtico, embora possa tê-lo feito na própria colina. A multidão reunida (ver Atos 17:19-22,33), sugere o primeiro caso (ver Atos 17:15-34). Seja como for, Paulo, como apresentador de idéias novas, estava sujeito à censura. Mas também havia a imensa curiosidade da mente grega, que queria ser melhor informada a respeito de estranhas doutrinas, como a ressurreição, advogada por Paulo. O relato parece indicar mais uma investigação do que um julgamento, pelo que não parece que Paulo estivesse correndo qualquer perigo. A narrativa não nos informa acerca de qualquer



AREÓPAGO — Cortesia, Matson Photo Service



Codex Pi, 9° séc., Mat. 5:9 *ss*
Cortesia, Public Library, Leningrad

decisão formal, e isso também sugere que os gregos estavam apenas se divertindo, se envolvendo em mais alguma especulação filosófica, o que os filósofos gostam de fazer, em vez de jogarem golfe.

Paulo tomou como seu ponto de partida a inscrição em um altar onde leu: «Ao Deus Desconhecido». E procurou levar seus ouvintes a uma mais decente concepção de Deus, especialmente sobre como Ele se relaciona com o homem. Ele é o Criador e Juiz de todos os homens, e eles Lhe são responsáveis. Em seguida, Paulo expôs a porção distintivamente cristã, citando Jesus Cristo como o Juiz, o que fica comprovado pelo fato de que Deus o ressuscitara dentre os mortos, o que sem dúvida não era um sinal comum. Paulo entregou uma mensagem religiosa sob roupagem filosófica, tendo mesmo citado um poeta grego. Mas obteve apenas uns poucos convertidos, como Dionísio, membro do tribunal, e uma mulher, Damaris, além de uns poucos outros cujos nomes não são dados. A tradição faz de Dionísio, o areopagita, o primeiro bispo de Atenas. A tradição apresenta Damaris como esposa de Dionísio, embora isso seja apenas uma opinião. Alguns comentadores acham que os resultados foram parcos, criticando o uso que Paulo fez da abordagem filosófica. Porém, considerando a difícil audiência que ele teve de enfrentar, os resultados foram espetaculares, tanto mais porque, se a tradição está certa sobre a vida de Dionísio, a ocasião marcou o começo da igreja cristã de Atenas. Justino Mártir, um filósofo grego, nunca abandonou a sua *toga*, sinal da profissão, e obteve grande sucesso na pregação de Cristo por meio de termos e idéias filosóficas. Ele acreditava que assim como a lei serviu de aio para Israel, a fim de conduzir os descendentes de Abraão a Cristo, assim também a porção melhor da filosofia grega, especialmente a de Platão, teve a mesma função no caso dos gregos. Os pais alexandrinos concordavam com essa posição, e ninguém pode negar o poder do ministério de Clemente e de Orígenes. Ver o artigo sobre a filosofia.

Algumas traduções dizem, em Atos 17:22, «colina de Marte». Todavia, o deus «Ares» equivalia a «Marte», o deus romano da guerra. Isso quer dizer que os dois termos podiam ser trocados um pelo outro. Porém, isso só é normalmente conhecido por aqueles que estão familiarizados com a mitologia clássica. A palavra *Areópago*, considerada por si mesma, é ambígua, porquanto pode referir-se tanto ao tribunal judicial como à colina onde se encontrava esse tribunal, e onde os juízes se reuniam. Por isso é que alguns intérpretes têm suposto que Paulo foi levado ali como um réu, para ser julgado em sentido formal. No entanto, o contexto bíblico não indica isso. Pelo contrário, amigavelmente conduziram-no àquele lugar, até às vertentes da colina, onde pudesse estar longe do ruído e da confusão provocada normalmente pelo povo do mercado, a fim de esclarecer com mais vagar o que ele tinha a dizer.

Outrossim, não há qualquer indício na narrativa bíblica de que se tratava de juízes apenas; antes, eram principalmente filósofos, que ansiavam por apresentar a sua argumentação e debate diários, do que os filósofos viviam, como bem se sabe que era costume nos tempos antigos, sobretudo em cidades como Atenas. É possível, entretanto, que o conselho municipal também tivesse sido envolvido na discussão, porquanto parece-nos que esses funcionários tivessem igualmente por função examinar as credenciais dos conferencistas ambulantes. Todavia, Paulo, sendo um cidadão romano, como também um judeu de raça e formação, embora não estivesse pregando o judaísmo puro, dificilmente seria passível de qualquer acusação ou julgamento formal, porquanto o judaísmo era uma religião oficialmente reconhecida pelas autoridades romanas. Ainda que em *Atenas* se tivesse podido estabelecer alguma distinção entre o cristianismo e o judaísmo, no próprio texto sagrado não há qualquer indicação de que os ouvintes de Paulo se tivessem mostrado hostis para com ele, ou que tivessem tentado levá-lo a juízo.

O conselho municipal do Areópago tinha sua sede na «Stoá Basileios» ou seja, no átrio do rei Arcon; e supervisionava as questões de ordem educacional e religiosa.

Essa colina, chamada *Areópago*, com 115 metros de altura, era o local onde se reunia o tribunal ateniense. Seu nome significa «Colina de Ares». Ora, Ares era o deus da guerra para os gregos. Até hoje se percebem bem os degraus escavados na rocha, bem como bancos cortados na própria rocha, formando três lados de um quadrado. Essa estrutura servia de tribunal e antecede o século V A.C. Essa colina ficava por detrás da «agorá» ou mercado, a noroeste da Acrópole.

O conselho que originalmente ali se reunia, tinha por designação o mesmo nome do lugar, embora em tempos posteriores, e talvez já nos dias em que Paulo ali esteve, — se reunisse no «Pórtico Real» (*Stoa Basileios*, também chamado de «Átrio do Rei»), que ficava no mercado ateniense. Portanto, paira certa incerteza sobre o lugar exato para onde Paulo foi levado, a fim de prestar aquela entrevista. Teria ele sido levado para a colina, ou meramente para um outro lugar do próprio mercado?

O conselho era a instituição mais venerada de Atenas, porquanto a sua base histórica remontava aos tempos lendários. Já havia perdido grande parte de sua autoridade, porém, ainda tinha notável prestígio. Sua jurisdição especial fora transferida para as questões da moral e da religião. Por conseguinte, teria sido perfeitamente natural que um «expositor de deuses estranhos», conforme Paulo lhes parecera ser, fosse chamado à presença desse conselho. Não obstante, tal convocação não parece ter sido formal, e o próprio contexto neotestamentário mostra-nos que ninguém tomou muito a sério o apóstolo. Realmente, como poderiam eles ter levado a sério tal coisa, visto que Atenas era a cidade onde havia mais deuses do que seres humanos?

O *Areópago* recebeu seu nome da lenda que dizia que, naquela colina, Ares fora julgado por haver assassinado ao filho de Poseidom, o deus dos mares, que a mitologia romana identificava com Netuno. De conformidade com essa lenda, Habirrótio, filho de Poseidom, havia deflorado Alcipe, filha de Ares, o qual, prontamente, o matou. Ares teria sido julgado por um tribunal composto de doze deuses, os quais o isentaram de culpa. (Ver *Apolledorus de deorum origine*, 1,3, pág. 193).

Originalmente, quando o tribunal funcionava na própria colina, os juízes costumavam assentar-se ao ar livre, sobre assentos escavados na rocha, em uma plataforma para a qual se subia por um lance de degraus de pedra, que partia diretamente do mercado, evidências dos quais são visíveis até hoje. Um templo de Marte estava situado na entrada do edifício, e o santuário das Fúrias se encontrava em uma fenda partida na rocha, imediatamente abaixo dos assentos dos juízes. A Acrópole se elevava por cima desse conjunto, com o Partenon e a colossal

estátua de Atena.

«Foi uma cena vinculada a memórias espantosas de séculos. Aqueles que retrocediam do Areópago para o mercado, como que chegavam à presença de um poder mais elevado. Nenhum outro lugar de Atenas parecia tão apropriado para um discurso sobre os mistérios da religião». (Conybeare and Howson, «*The Life and Epistles of St. Paul*»).

«Poderemos saber que nova doutrina é essa que ensinas?» Que tremendo contraste entre esse polido tratamento e o brutal tratamento que Paulo recebera às mãos das multidões ululantes de Filipos e de Tessalônica!

«O tribunal dos refinados e polidos atenienses era muito diferente dos magistrados provincianos e grosseiros de Filipos; e os filósofos que procuraram conhecer a Paulo eram muito diferentes das multidões dos tessalonicenses». (Rackham, em Atos 17:19).

Alguns intérpretes pensam que a pergunta feita pelos interlocutores do apóstolo Paulo foi polida, ainda que tinta com uma ponta de sarcasmo e ironia. Seja como for, é óbvio que não houve nessa ocasião qualquer acusação formal. Pelo contrário, houve mais uma demonstração proverbial da curiosidade dos atenienses, o que já os tornara famosos. (I IB ND NTI UN Z)

ARETAS

Nome comum de diversos reis árabes (nabateus) do norte da Arábia:

1. O primeiro desse nome, de que temos notícia, foi contemporâneo de Jasom, o sumo sacerdote judeu e de Antíoco Epifânio, em cerca de 170 A.C. (Ver II Macabeus 5:8).

2. Josefo (*Antiq.* xiii.13,3) menciona um certo Aretas, rei dos árabes, também chamado Obedas (xiii.13.5), contemporâneo de Alexandre Janeu (falecido em 79 A.C.), e seus filhos. Após ter derrotado Antíoco Dionísio, ele reinou sobre a Cele-Síria, tendo sido chamado a governar por aqueles que dominavam Damasco. Juntamente com Hircano, ele entrou na luta em prol da soberania de seu irmão, Aristóbulo, e lançou cerco a Jerusalém. Mas, ante a aproximação do general romano Escauro, ele recuou para Filadélfia (ver Josefo, *Guerras* 1.6,3). Hercano e Aretas foram perseguidos e derrotados por Aristóbulo, em um lugar chamado Papirom, tendo perdido mais de seis mil homens. Escauro mais tarde invadiu Petra, mas teve dificuldades em arranjar provisões e aceitou a oferta que Aretas lhe fizera em dinheiro, a fim de abandonar o lugar (ver Josefo, *Guerras* xiv.5,1). Ao que parece, a gravação feita em uma moeda de um denário mostra Aretas fazendo súplicas quanto a essa questão.

3. Aretas, originalmente chamado Enéas IV, chamado também de Filopatrio, o último dos reis nabateus. Era sogro de Herodes Ântipas. Herodes fez propostas de casamento à esposa de seu meio-irmão, Herodes-Filipe, chamada Herodias, filha de Aristóbulo — irmão deles — e irmã de Agripa o Grande. Em conseqüência disso, a filha de Aretas retornou à companhia de seu pai, e seguiu-se a guerra entre Herodes e Aretas. Esse não foi o único resultado, mas, seja como for, Aretas derrotou Herodes (36 D.C.). Todavia, Roma tomou o partido de Herodes e enviou uma expedição dirigida por Vitélio, governador da Síria. Porém, foi exatamente nessa ocasião que morreu o imperador, Tibério, em 37 D.C., e a expedição foi abandonada. As fronteiras dos nabateus expandiram-se e, finalmente, chegaram desde o rio Eufrates até o Mar Vermelho. O trecho de II Coríntios 11:32 informa-nos que Aretas também tinha autoridade em Damasco, a antiga capital Síria. Portanto, Roma não controlava aquele lugar, e também não sabemos dizer por quanto tempo Aretas ali governou. Não obstante, a região certamente era uma província romana, e nos é impossível pôr em ordem esse quebra-cabeça histórico, porquanto faltam-nos detalhes para preencher os espaços em branco. É possível que o imperador Calígula, que sucedeu a Tibério, tenha dado Damasco a Aretas, o que concordava com sua norma de promover reis vassalos. Seja como for, um de seus primeiros atos foi depor Herodes Ântipas, um antigo inimigo de Aretas, o que pode ter feito parte do acordo. Porém, a data de 37 D.C. (o que significa que isso ocorreu quando Calígula subiu ao trono), é muito tardia para a conversão de Paulo (cuja ocorrência está vinculada ao trecho de II Coríntios 11:32). Os historiadores têm debatido a questão, mas sem atinarem com uma resposta indiscutível, embora pareça provável que Aretas exercia autoridade em Damasco antes de Calígula ter-se tornado imperador; e então, é possível que Calígula simplesmente tenha reconhecido uma situação que já existia. Ver o artigo sobre os *nabateus*. (ID S UN Z)

ARETE

Termo grego que significa «virtude». Para alguns filósofos (como Aristóteles), a vida humana tem seu alvo na *virtude*, isto é, na função perfeita. O termo é usado em grande variedade de modos. (Ver sob *Virtude*). (P)

ARFAXADE

1. Um dos filhos de Sem, pai de Salá. Nasceu um ano após o dilúvio, e faleceu com a idade de 438 anos (ver Gên. 11:12), cerca de 2075 A.C. Foi o avô de Éber, que alguns consideravam o antepassado dos hebreus, embora a questão ainda não esteja resolvida. Alguns vêem as letras finais *ksd* como sugestão aos casdim ou caldeus, mas outros identificam o nome com Arraphka, na Assíria. Uma etimologia iraniana tem sido sugerida, e isso, subseqüentemente, vinculado ao Arfaxade referido em Judite 1:1. Esse homem, de acordo com aquele livro apócrifo, governou os medos. Isso favorece a essa última idéia, embora muitos estudiosos não aceitem a opinião. Portanto, é possível que esse nome seja inteiramente desconhecido fora da Bíblia.

2. Rei da Média, de acordo com Judite 1:1. Cerca de 592 A.C. Todavia, não há certeza de que a narrativa não seja fictícia.

ARGAMASSA Ver o artigo sobre **Cimento.**

ARGANAZ

No hebraico temos uma palavra, **shafan**, que aparece por quatro vezes no Antigo Testamento (ver Lev. 11:5; Deu. 14:7; Sal. 104:18 e Pro. 30:26). Sendo um dos animais referidos na Bíblia, e visto que os judeus não davam nomes científicos à fauna e à flora, isso torna muito difícil a sua identificação. Nossa versão portuguesa opta pelo arganaz, um dos pequenos rodentes tipo esquilo, que viviam em árvores, comuns no mundo antigo, pertencente à família dos *Gliridae*. Há versões que preferem o

Hyrax, nome científico de um animal pertencente à família dos coelhos. As descrições em Levítico 11:5 e Salmos 104:18, isto é, que ele rumina, mas não tem as unhas fendidas, e que as rochas são lugares onde se refugiam esses animais, confirmam a opinião dessas outras versões. Os animais da família do coelho não ruminam, mas movem continuamente o queixo, dando a impressão de que ruminam. Esse fato mostra que as descrições bíblicas são singelas, baseadas na observação prática, sem qualquer rigor científico.

ARGILA

Argila é um termo usado para aludir a certo grupo de minerais e rochas, essencialmente compostos de minérios de argila com tamanho de grão de até 4 mm. São silicatos de alumínio hidroso, com uma estrutura de camadas semelhante ao cristal. Aparecem em três classes gerais: 1. kaolinita, eletricamente neutra, composta de duas camadas diferentes, usada na cerâmica, porcelana e vasos de barro. 2. Montmorilonita, com três camadas, não-neutras eletricamente, com certa quantidade de moléculas de água e íons cambiáveis nos interstícios entre as camadas, usadas nas farmácias e na cosmetologia. 3. Ilita, própria para o fabrico de tijolos.

Referências bíblicas. A argila do oleiro (ver Isa. 29:16); a unção de olhos (ver João 9:6); o fabrico de tijolos (ver Gên. 11:3). Os vários tipos de argila, acima mencionados, têm essas diversas aplicações.

Uma vez misturada com água, a argila torna-se plástica, e a menos que a água seja em excesso, essa qualidade não se perde. Em caso contrário, tal propriedade perde-se, e então temos o que nossa versão portuguesa chama de «tremedal de lama» (Sal. 40:2). O aquecimento expulsa a água, resultando disso a dureza da argila. Então podem ser feitos do material tijolos ou cerâmica. As argilas são uma importante porção dos registros arqueológicos, preservando toda espécie de estrutura, inscrições e artefatos.

Os minérios de argila formam-se mediante a alteração das rochas, devido à ação da água e das intempéries. Argila em quantidades residuais é transportada pela água, tornando-se importante elemento na fertilidade dos solos. É com base nesse fato, que talvez tenha surgido a idéia de que o homem teve origem no barro (ver Jó 33:6). As mais recentes descobertas científicas sugerem que as primitivas moléculas orgânicas, que deram origem às moléculas vivas, formaram-se na superfície das camadas de argila, e não nos oceanos, conforme antes se pensava.

ARGOBE

Um distrito em Basã, a leste do lago de Genezaré, dado à meia-tribo de Manassés (ver Deu. 3,4,13; I Reis 14:12; II Reis 15:25). Mas alguns pensam que a referência de II Reis 15:25 alude a uma pessoa, um cúmplice de Peca no assassinato de Pecaías, ou então a Arié, um príncipe de Pecaías, cuja influência Peca temia, pelo que o matou juntamente com o rei. Um texto incerto que deixa a questão em dúvida. Se essa opinião é verdadeira, então o nome Argobe servia para designar tanto uma pessoa quanto um lugar. Que era usado para indicar um lugar é evidente, com base nas outras referências. Antes da invasão israelita, a região era governada por Ogue.

Descrição. Era um planalto elevado, uma espécie de ilha, com cerca de 54 × 32 km de extensão. No trecho de Lucas 3:1, a região é chamada Traconites. Quando foi dada à meia-tribo de Manassés, contava com cerca de sessenta cidades; e as descobertas arqueológicas têm confirmado a informação. Essas descobertas demonstram que havia ali uma maciça arquitetura, com paredes de 1,20 m de espessura, pedra colocada sobre pedra, sem cimento, com enormes tábuas de rocha basáltica, portas e portões de pedra de 45 cm de espessura com gigantescas trancas. Tudo isso dá a impressão que se tratava de lugares habitados por uma raça de gigantes.

As sessenta cidades da área devem ser distinguidas das aldeias de Jair, que pertenciam a Gileade. O trecho de Deuteronômio 3:14 equivocadamente localiza as aldeias de Jair «em Basã», pelo que alguns estudiosos pensam que ali o texto foi corrompido por copistas, embora possa ter sido um erro do autor original, ainda que a possibilidade seja remota. (ID ND S SI Z)

ARGUEIRO

Palavra usada por Jesus para simbolizar uma pequenina falta, em contraste com uma «trave», que simboliza uma falta grave. A palavra grega envolvida refere-se a qualquer *cisco* que o vento pode soprar, e que cai na vista de quem passa (ver Mat. 7:3 ss e Luc. 6:41 ss). A *trave*, também referida por Jesus, era uma peça de madeira de bom tamanho, usada para escorar o telhado de uma casa ou edifício. Jesus referia-se à tendência humana de ver e criticar no próximo as menores falhas, ao mesmo tempo em que se ignora as falhas graves nele próprio. Uma pequena falta é irritante, tal como um cisco que se aloja no olho de alguém; mas torna-se como nada, em comparação com uma grande trave, enfiada grotescamente na órbita da pessoa, um absurdo para indicar uma situação absurda de crítica. (ID S Z)

ARGUMENTO AD HOMINEM

Vem do latim: «argumento dirigido a um homem».

1. Um ataque pessoal contra a opinião de alguém, a fim de mostrar, por exemplo, seu caráter distorcido, ou talvez, sua falta de conhecimento e qualificações, a fim de contradizer qualquer argumento que ele apresente. Nada fica demonstrado contra a sua tese propriamente dita. Tal argumento é falaz.

2. A fim de mostrar que um oponente tem uma opinião, ou opiniões que logicamente sugerem certas conseqüências que ele não quer reconhecer. Em outras palavras, o uso do argumento contra o argumentador, mediante alguma aplicação do mesmo. Esse argumento pode ser válido. Por exemplo: Um político denuncia alguma forma de nepotismo. Mas, uma vez eleito, fica demonstrado que seus associados íntimos guindaram a postos do governo parentes e amigos de todos os graus. Visto que é de se esperar que o político exerça controle sobre seus companheiros de partido, que o ajudaram a ganhar a eleição, ele pode ser responsabilizado pelo nepotismo que originalmente condenara.

ARGUMENTO AXIOLÓGICO

Os graus de perfeição na ética, na estética ou em qualquer ciência ou condição humana sugerem o grau máximo, a saber, o grau divino, a origem de toda perfeição. (Ver o artigo sobre Deus, II. Provas da Existência de Deus, quanto a detalhes).

ARGUMENTO BASEADO NO DESÍGNIO

Ver **Argumento Teleológico.**

ARGUMENTO CLÁSSICO DO RELÓGIO

Ver **Paley, William.**

ARGUMENTO COSMOLÓGICO

Uma completa discussão sobre os vários argumentos em prol da existência de Deus aparece no artigo sobre *Deus*. Os mais importantes entre eles são descritos individualmente. Filósofos e teólogos têm compilado um grande número desses argumentos, mas o que passamos a considerar talvez seja um dos três mais importantes. Os outros dois são o argumento ontológico e o argumento teleológico, cada qual com seu artigo distinto. Ver o artigo sobre o Ambiente, sob o primeiro ponto.

O princípio. O *argumento cosmológico* parte do pressuposto básico de que o mundo (cosmos, criação) não se explica por si mesmo. A idéia grega de que a criação é eterna e não requer explicação, é rejeitada nesse argumento.

1. A própria existência de tanta questão, impulsiona-nos a buscar alguma forma de explicação sobre como o mundo veio à existência. A maciça quantidade e extensão da criação (ver o artigo sobre a *astronomia*) sugere-nos uma *Causa* grandiosa e inteligente, além de explicações que parecem adequadas somente quando usamos o termo *Deus* para falar sobre essa causa.

2. Tudo quanto vemos na natureza desintegra-se e parece *contingente*, e não é autocausado e nem se sustenta por si mesmo. Portanto, buscamos uma espécie de existência de ser separada dessa contingência, que seja permanente e possa agir como causa dessa contingência. E descobrimos a resposta em Deus. É difícil imaginar uma infinita série de substâncias contingentes, cada uma delas, em sucessão, causando outra substância contingente. Quando cessamos de retroceder, encontramos Deus como a Causa da primeira substância contingente. Um Ser necessário e não-contingente, pois, torna-se a base de um argumento separado, que recebe esse nome.

3. Observamos *movimento* na natureza, mas vemos que todo o movimento, como a própria matéria, é contingente. Ao buscar a causa do movimento, Aristóteles postulou um Movedor Inabalável. Nas mãos de Tomás de Aquino, esse conceito tornou-se outro argumento em favor da existência de Deus, uma subcategoria do argumento cosmológico. Deve haver uma Primeira Causa de todo o movimento. O movimento é uma parte integrante da matéria, conforme a ciência moderna nos tem demonstrado em suas investigações sobre o átomo. Então indagamos: Como se iniciou todo esse movimento? Em seu diálogo, *Leis*, Platão argumentou com base na insuficiência dos movimentos derivados para explicar a idéia de automovimentação. A automovimentação é identificada com o conceito divino, ou Deus.

4. Então queremos saber como as coisas podem continuar existindo. Isso envolve uma outra forma de causa e movimento. Deve haver uma causa que sustenta todas as coisas, através da preservação de uma espécie de movimento, a qual envolve desenvolvimento e propósito. A *causa sustentadora* é um aspecto do argumento cosmológico. Descartes desenvolveu esse aspecto do argumento. O trecho de Colossenses 1:17 leva em consideração a necessidade de uma causa preservadora. Deve haver uma hierarquia de causas presentes, e não apenas uma causa primária, a fim de que a vida possa ser sustentada. Quanto a uma declaração mais ampla desse aspecto, ver o artigo sobre o *Ambiente*, 1.

5. *Razão suficiente.* Leibniz indagava: «Por que existe alguma coisa, e não o nada?» Um homem acorda, olha ao seu redor, e sua mente refrescada pelo repouso, maravilha-se de tudo quanto vê. Então crê que deve haver um Deus, em algum lugar, que esteve envolvido em trazer à existência toda essa misteriosa e imensa criação. Para ele, todos os raciocínios negativos, filosóficos e ateus são apenas argumentos astutos, e não explicações das maravilhas e milagres da existência que ele vê ao seu redor. Então sua mente volta-se para algum conceito de Deus como a Causa. Ele quer alguma forma de *razão suficiente*, pois percebe que nisso ele encontrará Deus. O próprio universo parece ser um fato contingente, e não uma explicação da existência. Deus, como razão suficiente nos fornece o *como*. A razão suficiente deve ser encontrada fora do terreno das contingências físicas. Logicamente, pois, chegamos a Deus como O Ser Necessário, e isso, por sua vez, torna-se um argumento separado.

6. *Objeções.* Hume, Kant e J.S. Mill encontraram razões para rejeitar o argumento cosmológico. Hume e Mill pensavam que o infinito retrocesso de causas finitas e de causas contingentes seria um conceito superior ao conceito de uma Causa primária e necessária. Kant sentia que não podemos passar dos fenômenos observáveis para o mundo das noumenas, ou seja, entidades espirituais e não-materiais. Todo o nosso conhecimento dos fenômenos vem através da percepção de nossos sentidos, e segundo ele pensava, não possuímos sentido perceptivo algum sobre o mundo noumenal. Nisso, ele ignorava que o misticismo dá apoio à idéia de que a percepção dos sentidos físicos pode estar envolvida nas experiências espirituais, como uma espécie de mediação. A dicotomia de Kant, portanto, é por demais rigorosa. Outrossim, há outras maneiras de se tomar conhecimento das coisas, através da razão e da intuição, que podem transmitir-nos conhecimentos extra-sensoriais. Seja como for, Kant produziu um poderoso argumento em prol da existência de Deus com o seu *Argumento Moral* (ver o artigo a esse respeito). A existência e a continuação de um princípio moral requer que postulemos a existência de Deus. (EP F P)

ARGUMENTO DE GRAUS DE PERFEIÇÃO

Ver **Argumento Axiológico.**

ARGUMENTO DO MUNDO EXTERIOR DE DESCARTES

Ver **Mundo Exterior, Argumento do**

ARGUMENTO ESPECULATIVO

O argumento especulativo é considerado uma falácia, embora seja livremente empregado na argumentação. Trata-se da adoção de alguma hipótese contrária aos fatos, para que então se edifique alguma forma de argumento ou declaração com base nessa hipótese. Por exemplo: «Se Florence Nightingale não tivesse dado início à Cruz Vermelha, muitas vítimas de desastres não seriam tratadas atualmente». Essa declaração pode ser verdadeira ou não, embora nunca se possa demonstrar sua veracidade ou falsidade. (P)

••• ••• •••

ARGUMENTO FÍSICO-TELEOLÓGICO

Trata-se apenas de um outro nome para o Argumento Teleológico, de Emanuel Kant. Ver o artigo geral sobre Kant, e ver o tratamento sobre esse argumento sob *Argumento Teleológico*. Kant dava a entender, mediante esse argumento, que Deus déveria ser concebido no máximo como um arquiteto, e não como um criador, pressupondo ainda que a validade desse argumento poderia ser posta em dúvida com base no fato de que não temos qualquer percepção de sentidos que capte um Planejador dentro de nosso sistema mundial, e que nos dê o direito de transferir esse Planejador para fora de nosso universo, transformando-o no Deus transcendental, o Deus do céu, o Deus das religiões, de modo geral. Mas Kant estava supondo que o *conhecimento*, sob a forma de proposições, nos chega através da percepção dos sentidos; e através disso, realmente não temos tal Deus. Mas esse pressuposto kantiano ignora diversos fatores, a saber: a. Deus pode ser imanente, e não *apenas* transcendental, o que significa que Ele pode ser conhecido neste mundo através dos sentidos. Algumas manifestações de Deus podem afetar nossa percepção. b. Também podemos conhecer a Deus através da razão, da intuição e do misticismo, tudo mediado através dos sentidos. Ora, esses meios pelos quais obtemos conhecimentos são tão bons, se não mesmo melhores, que a simples percepção dos sentidos. É por demais rígida a dicotomia de Kant, dentro de sua teoria do conhecimento. Ele distinguia agudamente os vários sentidos de se obter conhecimento. Chamava o conhecimento obtido através da percepção de sentidos de «proposições», ao passo que o conhecimento obtido através da razão, da intuição e das experiências místicas de *postulados*. Ver o artigo sobre Deus, no item «Provas de Sua Existência», que oferece um extenso sumário sobre esses argumentos. Sob o título de *Argumento*, vários dos argumentos tradicionais sobre Deus são apresentados com maiores detalhes, incluindo o argumento ora em pauta. (EP MM P)

ARGUMENTO HENOLÓGICO

Vem da palavra grega que significa **estudo** ou *raciocínio* sobre o *Um*, que nesse caso é Deus. Trata-se de um nome alternativo para aquele argumento que usualmente chama-se «Argumento de Grau de Perfeição», ou «Argumento Axiológico». Os graus de perfeição sugerem o mais elevado grau ou qualidade de perfeição, do qual todos os demais se derivam. Essa perfeição última é Deus. Ver o artigo geral sobre *Deus*, sob *Provas da Existência de Deus*, quanto a uma discussão detalhada, incluindo aquilo que está envolvido nesse argumento. (F NTI)

ARGUMENTO MORAL

A mais bem conhecida formulação do argumento moral é a de Kant. Mediante a mesma, ele tentou provar a existência de Deus e da alma humana. Valor e bondade só podem ser preservados na presença de uma estrita moralidade, que inclui recompensa e castigo absolutos para o bem e o mal praticados. Faz sentido buscar o bem somente dentro do contexto de um mundo criado e controlado pelo princípio moral. Um homem bom terá de ser finalmente recompensado e um homem mau, terá de ser finalmente punido. Provavelmente isso não sucederá, e nem mesmo ocorrerá nesta vida física em qualquer grau satisfatório. Portanto, deve haver uma alma que continuará existindo, pelo menos até que as contas sejam ajustadas, e deve haver um Juiz de estatura, poder e inteligência suficientes para garantir que a justiça seja feita. A esse Juiz chamamos Deus. Se isso não é um fato, então a única alternativa filosófica será o *caos*. Em um mundo caótico, os homens fariam o que bem entendessem, sem jamais serem chamados a prestar contas, e todo o bem que alguém praticasse nada significaria, em absoluto. A escolha, pois, dá-se entre Deus e a alma, por uma parte, e o acaso e o caos, por outra parte. Não é difícil perceber qual é a escolha mais sábia. Alguns filósofos têm preferido o acaso e o caos, pensando que isso representa a verdade, e que a outra escolha não passa de um pensamento firmado apenas no desejo. Porém, há lógica suficiente no argumento moral, bem como evidências suficientes em prol do desígnio que se percebe na criação, para resguardar-nos de fazer aquela insensata escolha, mesmo que não contássemos com a fé na revelação divina. (EP F P)

ARGUMENTO ONTOLÓGICO de Anselmo

Anselmo, 1033-1109, (vide), arcebispo de Canterbury e que foi o mais importante filósofo do século XI, é mais conhecido na atualidade como o criador do *Argumento Ontológico*. O *Proslogium* foi escrito entre os anos de 1077 e 1078.

A porção que oferecemos aqui foi extraída da obra de Anselmo, intitulada *Proslogium, Monologium, Apêndice em Favor do Insensato*, por Gaulinon; e *Cur Deus Homo*, traduzidos por S.N. Deane (1903), capítulos II a V.

Capítulo II

Deus existe verdadeiramente, embora o insensato tenha dito em seu coração que *Não há Deus*.

E assim, Senhor, tu que dás entendimento à fé, concede-me, até onde sabes ser proveitoso, que eu compreenda que és conforme cremos; e que és aquilo que cremos seres. Realmente, cremos que és um ser como nada maior pode ser concebido. Ou não existirá tal natureza, somente por que o insensato disse em seu coração que «Não há Deus» (Salmos 14:1)? Seja como for, porém, esse mesmo indivíduo insensato, quando ouve falar naquele ser ao qual me refiro—um ser como nada maior pode ser concebido—compreende aquilo que ouve, e aquilo que compreende faz parte de sua compreensão, embora ele não compreenda que isso existe.

É uma coisa, contemplar um objeto como uma imaginação mental; é outra coisa compreender que tal objeto realmente existe. Quando um pintor concebe inicialmente o quadro que mais tarde pintará, já o tem em seu entendimento, mas ainda não compreende que o mesmo já existe, porquanto ainda não o executou. Entretanto, depois da pintura executada, o pintor tanto tem o quadro em seu entendimento como também compreende que o mesmo existe, porque já o executou.

Por conseguinte, até mesmo o insensato fica convencido de que existe algo no entendimento como nada maior pode ser concebido. Quando ouve falar sobre isso o insensato o compreende. Ora, tudo quanto pode ser compreendido, existe no entendimento. E é evidente que aquilo como nada maior pode ser concebido não pode existir somente no entendimento. Pois, supondo que isso exista exclusivamente no entendimento, então pode ser concebido como existente na realidade; e isso ainda é maior.

Portanto, se aquilo como nada maior pode ser concebido existe exclusivamente no entendimento, o

próprio ser, como nada maior pode ser concebido, seria um ser como outro maior pode ser concebido. É *óbvio*, porém, que isso é impossível. Donde se conclui que não há que duvidar que existe um ser como nada maior pode ser concebido, o qual existe tanto no entendimento como na realidade.

Capítulo III

Não se pode conceber que Deus não existe—pois Deus é aquilo como nada maior pode ser concebido. Aquilo que pode ser concebido como não existente não é Deus.

E certamente Deus existe tão verdadeiramente que não pode ser concebido como não existente. Pois não é possível conceber-se um ser que não pode ser concebido como não existente; e isso é maior do que algo que pode ser concebido como não existente. Assim, pois, se aquilo como nada maior pode ser concebido, puder ser concebido como não existente, então já não será aquilo como nada maior pode ser concebido. Isso, todavia, é uma contradição irreconciliável. Portanto, existe tão verdadeiramente um ser como nada maior pode ser concebido como existente, que o mesmo nem mesmo pode ser concebido como não existente; e esse ser és tu, ó Senhor, nosso Deus.

Desse modo, existes verdadeiramente, ó Senhor, meu Deus, de maneira a não se poder conceber que não existes; e com toda a razão. Pois se a mente pudesse conceber um ser superior a ti, tal criatura se elevaria acima do próprio Criador; e isso é absurdo ao extremo. De fato, tudo o mais quanto existe, excetuando somente a tua pessoa, pode ser concebido como não existente. Somente a ti, pois, cabe a posição de existir mais verdadeiramente que todos os outros seres; o que significa que pertences a uma categoria superior à de todos os outros. Pois, tudo o mais quanto existe, não existe tão verdadeiramente como tua pessoa, e, portanto, pertence a uma categoria inferior da existência. Por conseguinte, por que o insensato disse em seu coração que *Não há Deus?* (Salmos 14:1), posto ser tão evidente, para qualquer mente racional, que existes na mais alta categoria da existência? Por que, exceto que tal indivíduo é embotado e é um insensato?

Capítulo IV

Como o insensato tem dito em seu coração aquilo que não pode ser concebido. Uma coisa pode ser concebida de duas maneiras: 1. Quando o vocábulo que a exprime é concebido; 2. e quando a própria coisa é compreendida. No que tange ao vocábulo, Deus não pode ser concebido como não existente; na realidade ele não pode sê-lo.

No entanto, o insensato tem dito em seu coração aquilo que ele mesmo não pode conceber; pois como é que ele poderia ter deixado de conceber aquilo que disse em seu coração? porquanto é a mesma coisa conceber ou dizer no coração.

Mas, se realmente, ou melhor, posto que realmente ele tanto concebeu, visto que disse em seu coração como também não disse em seu coração, porque não podia concebê-lo, então há mais de uma maneira em que uma coisa é concebida ou dita no coração. Pois, em certo sentido, um objeto qualquer é concebido quando é concebido o vocábulo que o exprime; e, por outro lado, quando é compreendida a própria entidade que é o citado objeto.

No primeiro desses sentidos, pois, Deus pode ser concebido como não existente; mas, no segundo, sob hipótese nenhuma. Porque todo aquele que compreende o que é a água e o que é o fogo jamais poderá conceber o fogo como água, de conformidade com a natureza dos próprios fatos, embora tal confusão seja possível de acordo com os meros vocábulos. Por semelhante modo, ninguém que compreenda o que Deus é, poderá conceber que Deus não existe; embora diga tal coisa em seu coração, com ou sem qualquer significação estranha. Pois Deus é aquilo como nada maior pode ser concebido. E aquele que realmente compreende isso, certamente entende que esse ser existe tão verdadeiramente que nem ao menos pode concebê-lo como não existente. Por conseguinte, aquele que compreende que Deus existe dessa maneira, não pode conceber que ele não existe.

Agradeço-te, gracioso Senhor, agradeço-te, porque aquilo que eu anteriormente cria mediante a tua abundância, agora o entendo pela tua iluminação, de forma que se eu me inclinasse por descrer que existes verdadeiramente, eu não seria capaz de compreender que assim pode ser a verdade.

Capítulo V

Deus é tudo quanto é melhor ser do que não ser, e ele, na qualidade de único ser auto-existente, criou todas as coisas do nada.

Portanto, que és tu, Senhor Deus, senão aquele como nada maior pode ser concebido? Mas que és tu, exceto aquilo que, como o mais elevado de todos os seres, é o único que existe por si mesmo e que cria todas as outras coisas do nada? Pois qualquer coisa que não é assim, é menos do que algo que pode ser concebido. Isso, entretanto, não pode ser concebido a teu respeito. Portanto, que bem faz falta ao Deus supremo, através de quem vem todo o bem? Assim sendo, tu és justo, veraz, bendito, e tudo quanto é melhor existir do que não existir. Pois é melhor ser *justo* do que ser não justo; é melhor ser *bendito* do que ser não bendito.

ARGUMENTO ONTOLÓGICO

por **Russell N. Champlin**

«Deus é tudo que é melhor ser do que não ser». (Anselmo)

1. Sua definição
2. Sua refutação
3. O erro básico de seus oponentes
4. Sua afirmação

Introdução:

Para a mentalidade religiosa há algo de atrativo na declaração aparentemente absurda de Agostinho: «*Credo ut intelligam*» («Creio para que possa compreender»). Com isso ele queria dizer que o conhecimento começa pela fé, e a fé é um exercício da alma. O indivíduo que não tem fé permanece entre as tenazes das trevas da ignorância, porquanto ainda não atingiu a esfera do acolhimento mental que lhe permitiria apreender qualquer verdade realmente importante. Participa e se ufana tão-somente daquela realidade de nível inferior que é conhecida apenas através da percepção dos sentidos, mas que ignora e até mesmo põe em ridículo as verdadeiras e sublimes realidades, como Deus e a alma.

Mas a alma religiosa, impulsionada por um tipo delicioso de preconceito, virtualmente salta de alegria quando lê as proposições ainda mais indefensáveis de Tertuliano: «Credo quia absurdum» («Creio porque é absurdo»), ou conforme lemos essa afirmativa de forma mais completa em «De Carne Christi», 5: «É crível porque é absurdo; é certo, porque é impossível». Tertuliano podia fazer tais asseverações porque tinha a confiança de que as verdades mais elevadas não se conformam à razão humana, e muito menos, com a

percepção dos nossos sentidos, percepção essa que nos confere um conhecimento meramente provincial, mas jamais pode alçar-se aos lugares celestiais para dali trazer-nos Deus, não podendo afirmar qualquer coisa de significativo a seu respeito. Por essa razão é que, para as mentes humanas ordinárias, uma grande verdade geralmente é reputada como um absurdo; mas esse próprio absurdo é um ponto em favor da mesma. Alfred North Whitehead disse: «Se voltarmos a nossa atenção para as novidades de pensamento, durante nosso tempo de vida terrena, observaremos que quase todas as idéias realmente novas se revestem de um certo aspecto de insensatez quando são expostas pela primeira vez». Ora, se isso é verdade no que toca a novas idéias ordinárias, que dizem respeito às coisas materiais, quanto mais poderíamos aplicar tal declaração à «idéia divina», que é um conceito que se eleva muito acima de qualquer possibilidade de investigação humana, investigação essa que se orienta apenas «cientificamente»?

Mas, para mostrarmos que todas essas declarações aparentemente insensatas não pertencem somente aos pais da igreja cristã, e nem à Idade Média, eis que Kierkegaard impingiu ao mundo filosófico a sua tão distorcida declaração: «Deus é o mais ridículo de todos os seres», com o que, segundo nos parece, ele quis dar a entender que o entendimento humano, sem importar como impelido, na realidade não pode avançar muito no caminho da descrição da idéia divina.

Todavia, para pessoas dotadas de sentimentalidade religiosa, essas declarações, longe de serem repelentes, são motivos de júbilo, de mescla com um pouco de ufania, pois enquanto os outros homens tentam encontrar solução para os problemas contando meramente com a percepção dos sentidos, os quais, por sua própria admissão não sabem realmente muito acerca da natureza de tais problemas, por outro lado existem algumas pessoas, *homens de fé*, que receberam um outro meio de conhecer até mesmo as verdades mais profundas, tais como a existência e a natureza de Deus e a imortalidade.

É possível que o encanto de tais declarações de fé, que tão ousadamente solapam a ciência, o ceticismo e o ateísmo, seja o mesmo encanto que cerca o argumento ontológico. Esse argumento apela exclusivamente para a razão, ao fazer as suas assertivas, deixando de lado os chamados testemunhos precisos das provas experimentais, que ocupam de tal modo os pensamentos do mundo moderno. Aqueles que se aferram ao argumento ontológico são dotados de um espírito agostiniano—estão convencidos de que dizer que o conhecimento só nos pode ser transmitido através da percepção dos sentidos é cerrar as portas e janelas da casa do conhecimento; e visto que essa casa da razão foi assim fechada, o ar puro da razão se tornou pesado, e os homens se sentem virtualmente sufocados por suas proposições empíricas, que não nos conduzem a parte alguma, exceto para um mais profundo ateísmo e desespero. Portanto, abramos de par em par a casa do conhecimento e respiremos o ar fresco da razão, para que assim possamos subir até Deus.

1. Definição

Na tentativa de ajudar-nos na aproximação a Deus, Anselmo buscou criar um argumento em favor de sua existência, que também pode ajudar-nos na sua descrição, que possa originar-se da razão pura, onde nenhuma falácia baseada na percepção dos sentidos venha a distorcer o quadro. Essa tentativa, pois, resultou na formulação da seguinte declaração: Por definição, Deus é o mais perfeito dos seres, de tal modo que é impossível conceber outro ser mais perfeito; porém, se supuséssemos que ele existe apenas como uma proposição intelectual, e não na realidade, então seria claro, por essa mesma circunstância, que seria possível imaginarmos um ser mais perfeito do que o nosso suposto ser perfeito, a saber, um que realmente existisse. Portanto, Deus, o ser perfeito, deve realmente existir.

Essa asseveração de Anselmo se baseou em sua observação que os homens não têm meramente a idéia da perfeição, nem a idéia de ser, tão-somente, mas que entretemos a idéia de «um ser perfeito», de um *ens realissimum*. Esse argumento de Anselmo, na realidade, é uma faceta do argumento «axiológico» a respeito de Deus, isto é, o argumento baseado no valor, visto que se chega ao mesmo mediante uma consideração de valores. Pois temos a idéia de valores maiores e menores, aqueles valores mais ou menos completos e perfeitos que há na natureza. Essa idéia força-nos a chegar a uma dentre duas conclusões: Poderíamos dar início a uma pesquisa acerca daquilo que é mais elevado e absolutamente perfeito, indo de uma coisa para outra, ou chegando até o infinito, numa tentativa interminável e infrutífera de encontrar aquele ser mais elevado de todos; ou podemos fazer essa jornada abreviar-se e simplificar-se, dizendo que tal ser de fato existe, e que sabemos de sua existência pela *razão pura*.

2. Refutação

O mundo não teve de esperar por muito tempo até alguém tentar refutar esse argumento. Gaunilo salientou que o argumento de Anselmo necessariamente nos pode levar a uma «idéia» acerca de algum ser perfeito, de um ser tão perfeito que nenhum pensamento subseqüente poderia acrescentar coisa alguma à sua grandiosidade, mas que isso não nos força, necessariamente, a tirar a conclusão de que tal idéia deve ter o seu paralelo no mundo objetivo. Assim também poderíamos imaginar alguma ilha perfeita no meio do oceano; porém, nenhum esforço de pensamento ou de imaginação pode trazer tal ilha à existência real. A idéia de um ser perfeito simplesmente não implica na existência de um ser perfeito. Esse contra-argumento parece suficientemente convincente; mas prossigamos até a «afirmação» do argumento de Anselmo.

Outros indivíduos têm procurado demonstrar que não podemos atribuir existência a qualquer coisa, visto que todas as atribuições se alicerçam na experiência ou nas «proposições sintéticas». As proposições sintéticas fundam sua verdade sobre a experiência, e não sobre meras idéias especulativas. Portanto, a existência não poderia ser concebida; antes, é um fato que se pode experimentar. A existência de qualquer e de todos os sujeitos juntamente, com seus predicados (se forem concebidos meramente pela razão) pode ser negada, sem qualquer autocontradição. Por conseguinte, nenhuma idéia, que meramente é uma parte da imaginação ou faculdade da razão, tem necessariamente o seu paralelo no mundo dos seres reais. Em conseqüência, para que o *ens realissimum* seja conhecido é mister que seja experimentado, e isso através da faculdade da percepção dos sentidos, a fim de que possa ser reconhecido como real; e nenhuma proposição lógica pode concretizar isso na realidade. É claro, entretanto, que não possuímos qualquer «experiência» acerca de *ens realissimum*, o que significa que não podemos afirmar a sua existência. Não podemos transferir as nossas proposições lógicas para o terreno da

realidade. Sabemos o que é real tão-somente através da experiência, e as afirmações sobre a realidade sempre devem proceder dos juízos sintéticos, isto é, daqueles derivados da percepção dos sentidos. A existência não é uma idéia, mas é um fato que pode ser experimentado. Parece que esse contra-argumento destrói a validade do argumento ontológico, mas devemos continuar pensando e esperar pela afirmação do argumento de Anselmo.

3. O erro básico de seus oponentes

Esta porção da discussão na realidade é uma parte da «afirmação» do argumento ontológico; é apresentada aqui, em separado, ocupando uma posição anterior por causa de sua importância, visto que nos ajuda a afirmar que o argumento ontológico se reveste de algum valor, não podendo ser eliminado facilmente.

O erro fundamental dos oponentes de Anselmo, em seu argumento, é que eles não percebem que tudo se alicerça sobre a «suposição ontológica». Disso consiste a declaração básica do racionalismo, o qual assevera que a natureza da inteligência humana corresponde à natureza da realidade final, e que a inteligência divina é duplicada na inteligência humana, parcial e imperfeitamente, ainda que na realidade. Há, portanto, certa «afinidade» entre inteligência humana (através da alma, da criação ou emanação de Deus) e a realidade final, a realidade espiritual, também chamada Deus. Portanto, como fragmento da inteligência divina, o homem naturalmente sabe, através da razão pura, alguma coisa acerca da Inteligência Última a qual designamos pelo nome de Deus. Não existe meramente uma comunicação natural entre os dois, embora isso também seja uma verdade, mas o menor é, na realidade, uma expressão do maior. A primeira parte completa do Proslogium de Anselmo está permeada desse conceito.

Segue-se, portanto, que o argumento ontológico não é uma mera «proposição lógica», pelo menos para os seus defensores. Aqueles que o refutam, ordinariamente fazem-no sobre a suposição de que Anselmo, tendo criado uma proposição lógica, habilmente formulada, automaticamente teve o impulso de supor que essa proposição deveria ter o seu paralelo no mundo das realidades. Pelo contrário, Anselmo supunha a transmissão da Inteligência Superior para as inteligências inferiores, na forma tanto da transmissão ou comunicação de conhecimento como na forma de uma expressão natural de conhecimento àquele ser íntimo que tem algo da própria natureza daquilo que se descreve por esta proposição. O argumento ontológico, pois, torna-se tanto uma proposição racional como uma proposição mística, e não apenas uma proposição lógica. Para destruí-la, por conseguinte, é necessário que seus opositores mostrem ser falsas tanto a proposição do racionalismo (seu tipo de conhecimento *a priori*) como a proposição do misticismo (com sua idéia de comunicações divinas). Assim, pois, para provar que o argumento ontológico não pode ser verdadeiro, é necessário que o opositor consiga o feito extraordinário de refutar as idéias básicas de Platão, bem como da maioria das religiões, que dependem, essencialmente, do misticismo, como base para as suas idéias. E isso, como é óbvio, não é uma tarefa fácil.

4. Afirmação

Com base na «suposição ontológica», afirmamos que enquanto os sistemas filosóficos do racionalismo, da intuição e do misticismo não tiverem sido refutados, revestindo-se de algum valor em potencial, o *argumento ontológico* pode ser igualmente veraz. Note-se que não dizemos que «deve» ser veraz. Se realmente existe uma realidade superior, e se essa realidade prefere comunicar-se com alguma inteligência inferior, por suas próprias faculdades, pode reconhecer a seu progenitor, então o argumento ontológico permanece como um argumento possivelmente verdadeiro. Se a «intuição» é possível para a personalidade humana, deixando de lado a percepção dos sentidos a fim de obter conhecimento, através de algum meio misterioso e ainda desconhecido (conforme os estudos no ramo da parapsicologia parecem mostrar-nos) então o argumento ontológico continua sendo um meio que nos capacita a conhecer realidades superiores, ainda que não de um modo «comprovado».

Para derrubar por terra, completa e finalmente, o argumento ontológico, seria necessário provar, além de qualquer dúvida possível, que a «intuição» é uma idéia falsa. Portanto, aquele que se arroga ao direito de entrar em batalha contra o argumento ontológico, na realidade está enfrentando Platão, os intuicionistas e os místicos, pois se, em última análise, puder mostrar-se que há algum valor nesses sistemas, então também residirá valor no argumento ontológico. Assim, pois, o argumento ontológico não tenta concretizar a existência, mas meramente afirma que a Realidade Última é um fato e que sabemos desse fato porque a própria Realidade Última o transmite para nós, tanto através da transferência de conhecimento como através da função natural da razão, a qual, visto fazer parte da Razão Suprema, mediante certo raciocínio disciplinado, pelo menos conseguirá afirmar a existência de seu progenitor. Anselmo, pois, tomou a posição que quando se punha a fazer uma afirmação lógica concernente à existência de Deus, meramente expressava o que devia expressar, por causa da própria natureza de seu ser interior, que naturalmente reconhecia e agora declarava algo sobre o seu 'Criador', porque sua natureza íntima tinha afinidade com o seu Criador. O conhecimento, pois, da categoria mais profunda, não precisa alicerçar-se sobre a experiência, mas pode derivar-se da razão pura, que é uma propriedade inerente à personalidade humana.

Parece-nos, por conseguinte, que o argumento ontológico se alicerça sobre certos pontos de vista metafísicos fundamentais, acerca da natureza da personalidade humana; e para ab-rogá-lo completamente, seria necessário comprovar a existência de uma personalidade humana totalmente diversa daquilo que Anselmo supunha ser. A verdade é que não podemos desfazer-nos com facilidade das idéias de Anselmo acerca da natureza da personalidade humana, porquanto certo número de mentes universais tem descrito a essência humana com termos similares. Quanto mais ficamos sabendo acerca da personalidade humana, tanto mais ficamos preparados para admitir que um grande mistério nos circunda; sendo perfeitamente possível que a ciência do século XXI venha a refutar o obstinado materialismo do século XX, e que a imortalidade, por exemplo, venha a ser aceita como um fato científico simples acerca do que compõe o homem; e se isso for confirmado, então qualquer coisa que Anselmo postulou se tornará facilmente possível.

Através do argumento apresentado nos parágrafos acima, a objeção de Gaunilo é refutada, porquanto, na verdade, não estamos tratando de uma mera «idéia» de ser perfeito, mas, estamos manuseando com uma suposição ontológica, que repousa sobre a validade possível do racionalismo e de certas formas de misticismo, bem como sobre a possível descrição

correta acerca da personalidade humana, capaz de entrar em contacto com uma realidade superior, já que essa mesma personalidade humana faz parte dessa realidade superior. Outrossim, uma ilha perfeita, criada pela imaginação, na realidade é uma ficção arbitrária contingente, que envolve uma contradição, e não um ser necessário, não podendo mesmo ser algo posto na mesma categoria de um ser existente. Além disso, uma Realidade Suprema, que transmite algo de si mesma para a inteligência humana é uma realidade possível, ao passo que uma ficção arbitrária contingente dificilmente pode ser classificada nessa categoria.

O argumento fundamental sobre «proposições sintéticas» não é um argumento válido, porquanto supõe que tudo quanto o homem pode vir a saber, terá de chegar ao seu conhecimento através da função dos sentidos, isto é, através da experiência. Isso declara que a razão, como função mais elevada da personalidade humana, é um mito, que a intuição que ultrapassa aos cinco sentidos é uma ficção, e que todas as reivindicações do misticismo, acerca da obtenção de conhecimento, são *ipso facto*, falsas. Ao contrário, os estudos modernos no campo da parapsicologia, como no caso do «efeito de Backster», que demonstrou que existe uma espécie de comunicação telepática entre todas as coisas vivas, envolvendo até mesmo animais unicelulares, plantas, etc., que se torna possível através de alguma forma ainda desconhecida e indescritível de energia, que não depende da percepção dos sentidos, mas que é um veículo da inteligência, a despeito disso, parece servir de demonstração do fato de que o conhecimento não se limita à percepção dos sentidos, no tocante à sua obtenção.

As fotografias psíquicas (fotografias feitas mediante a energia mental) conforme os estudos demonstrados por Jule Eisenbud, da Universidade de Colorado, nos Estados Unidos da América do Norte, são um outro fator que nos mostra que há outro veículo da inteligência, além da percepção dos sentidos. Limitar toda a capacidade de obtenção de conhecimento aos cinco sentidos é, na realidade, fechar as janelas da casa do conhecimento, ignorando, propositadamente, todos os outros meios possíveis e reais de que dispomos para obter conhecimentos. A afirmação de que o conhecimento pode ser obtido extra-sensorialmente, é uma declaração de que o argumento ontológico se reveste de certa verdade, ainda que não declare que o mesmo seja realmente verdadeiro. Esta discussão, em sua inteireza, procura declarar que o argumento ontológico tem sido parcialmente mal compreendido, e que há certas coisas que podem ser ditas em seu favor; e que, embora esse argumento não seja necessariamente verdadeiro, pode envolver alguma verdade.

Enquanto esse argumento «puder» ser verdadeiro, sem importar se o é ou não, realmente, permanecerá entre nós, com seu encanto inerente, como parte da caçada dos mundos filosófico e religioso. Parte dessa caçada consistirá do fato de que determinados filósofos, que se mostram simpáticos para com os meios intuitivos, racionais e místicos de obter o conhecimento, quando não tiverem mais nada com o que ocupar o seu tempo, continuarão a escrever acerca do assunto.

Quem és tu, Senhor Deus, senão aquele que nada pode ser concebido como maior? Mas que és tu, exceto aquilo que, como o mais elevado de todos os seres, é o único que pode *existir por si mesmo*, que cria todas as outras coisas do *nada*? Pois tudo quanto não chega a isso é menor do que algo que possa ser concebido. Mas isso não pode ser concebido a teu respeito. Por conseguinte, que bem falta ao *Deus Supremo*, através de quem fluem todos os bens? Assim, pois, és justo, veraz, bendito, bem como *tudo que é melhor ser do que não ser*. Pois é *melhor* ser *justo* do que não justo; e é melhor ser *bendito* do que não bendito. (Anselmo, *Proslogium* Capítulo V). (EP MM REA)

ARGUMENTO TELEOLÓGICO

1. *Base*. Tudo quanto há no mundo foi designado por Deus, contribuindo para beneficiar o homem, embora esse aspecto possa ser exagerado.

2. *Ciência*. Toda ciência repousa sobre a necessidade de constância e coerência. Se não houvesse tais condições, seria impossível qualquer experiência, pois cada nova experiência daria um resultado diferente. Se não houver *leis* (alicerçadas sobre o desígnio), não poderá haver ciência. *Invariabilidade*. Se há alguma idéia que com razão pode ser considerada como aquela que exerce o controle máximo sobre a moderna maneira de pensar, que integra as preocupações da existência diária com os interesses da ciência, da arte e da filosofia, então essa idéia chama-se *invariabilidade*. O que consideramos como *real*? Certamente não alterações nas coisas, no formato e nas dimensões das coisas, ou a desintegração das coisas. O tempo real é determinado pelo tique-taque dos segundos, que se transforma em minutos e horas, e isso não se altera só porque me sinto entediado, embora assim me pareça ser. Consideramos o átomo e falamos da existência e da ação das partículas atômicas, tudo o que obedece a leis, embora não possamos ver qualquer Mente que as controle. Se existe algo de real acerca do átomo, essa realidade repousa sobre a invariabilidade que encontramos nele. Os cientistas, ademais, admiram-se de como o universo é testado por nossas mentes, como a mente e o mundo correspondem um ao outro, como podemos investigar as leis da natureza e descobrir coisas. Nada disso poderia ser verdadeiro sem a invariabilidade, a qual, por sua vez, depende de *desígnio*, isto é, da teleologia.

3. *A palavra em questão*. O termo *teleologia* vem do grego, e tem o sentido de estudo ou raciocínio sobre finalidades, ou sobre o desígnio que produz resultados ou finalidades. Trata-se da ciência das *causas finais*, o que necessariamente inclui a realidade do princípio de desígnio. Todos os processos, desde o atômico ao biológico, desde o moral ao espiritual, seguem pela vereda do propósito, a fim de atingir resultados específicos. O estudo da biologia, para exemplificar, é um estudo de teleologia.

4. *Os fenômenos observados*. Todos os aspectos da vida demonstram algum desígnio complexo e eficiente. De fato, a vida não poderia prosseguir sem esse princípio. Cada órgão do corpo existe, e, por sua vez, faz o corpo existir, porque há o cumprimento de desígnio. A complexidade de desígnio é tão vasta que requer o conceito que somente uma Grande Mente pode estar por detrás de sua existência, pois é impossível que o mero acaso produza aquilo que vemos. E o mero acaso não adquire maior prestígio só porque o designamos de *seleção natural*. A complexidade e ação inteligente do olho humano deixa admirada a ciência inteira; mas, quando falamos sobre o cérebro, não há palavras que possam começar a exprimir a nossa admiração. É dificílimo imaginar tal desígnio sem se levar em conta aquele Planejador que chamamos de Deus. Paulo partia da idéia de que a própria criação é suficiente para conduzir os homens a Deus, embora os homens, em sua

perversidade, resistam a esse testemunho da natureza (ver Rom. 1:20 ss). A criação fornece-nos amplas evidências do poder e da inteligência em uma maciça escala; e nisso encontramos Deus como o Planejador, Criador e Sustentador inteligente e onipotente.

5. *O argumento teleológico e os filósofos. Anaxágoras*, com o seu conceito de *nous* (mente), que controla todas as coisas de forma ordeira, plantou as sementes desse argumento. Porém, a primeira declaração formal do mesmo encontra-se no diálogo *Leis*, de autoria de *Platão*, onde ele cita o desígnio da natureza, juntamente com o argumento de automovimento, o que necessariamente requer a idéia de Deus. O ponto de vista de *Aristóteles* era encarar a existência inteira com base no conceito teleológico. Ele incluía as idéias de movimento, contingência e ordem, em seus raciocínios. Ver o artigo sobre Aristóteles, que fornece detalhes sobre essas questões. *Agostinho* incluiu esses argumentos em sua teologia filosófica, e assim influenciou o fluxo do pensamento cristão. *Tomás de Aquino* incluiu esse argumento como uma das cinco razões demonstrativas da existência de Deus. Ver o artigo sobre ele, e sobre os seus *Cinco Caminhos*. *Newton* invocou um *ordenador*, a fim de explicar a estabilidade e a continuação do universo. *Leibniz* achava que é necessário um ordenador para se explicar a harmonia que impera na natureza, sobretudo diante do fato de que as suas mônadas (partículas elementares) não têm janelas. O *bispo Butler* usou o princípio de um desígnio providencial como base de sua fé no cristianismo. *Hume*, entretanto, pensava que, quando muito, uma deidade finita e imperfeita poderia ser concebida por meio desse argumento. *Kant*, ao usar o termo argumento físico-teológico, pensava que poderíamos conceber um planejador ou arquiteto, mediante esse argumento, mas não um criador. Além disso, ele não acreditava que podemos partir da percepção dos sentidos e aterrissar na descrição do mundo espiritual ou noumenal. Quanto a uma expansão desses conceitos, ver o artigo sobre o Argumento Cosmológico, onde se aplicam as mesmas objeções. Não obstante, Kant mostrou ter grande apreciação pelo Argumento Teleológico. *Paley*, com sua instrução do relógio, proveu uma aplicação elaborada e provocadora desse argumento. Ver o argumento a seu respeito, que contém informações sobre isso. *Mill* concluiu que esse argumento é válido para demonstrar uma deidade finita.

6. *O argumento teleológico e Darwin*. Para efeito de ênfase, destaco essa questão como se fosse uma categoria separada. A mágica expressão cunhada por Darwin, *seleção natural*, para alguns, substitui o conceito de um Planejador. Porém, a própria idéia de seleção natural, devido ao próprio uso que faz do vocábulo *seleção*, não tem qualquer sentido a menos que pensemos em termos de inteligência. Pois com toda a razão poderíamos indagar: Como é que o mero acaso ou o caos poderiam selecionar qualquer coisa? Não é mister haver alguma forma de inteligência para fazer seleções? Porém, se admitirmos que, de alguma maneira misteriosa, o mero acaso cego, destituído de razão, pode selecionar e assim dar vida e curso livre para o desenvolvimento, ainda assim nos restará resolver o problema igualmente complicado da *matéria inanimada*, que também se reveste de um imenso desígnio. Deveríamos supor que, de alguma maneira, a matéria veio a ser o que ela é, com seus átomos, partículas e potencialidades, por meio de alguma forma de seleção natural? Teólogos e filósofos entretanto, têm argumentado que pode ter havido uma evolução teisticamente orientada. Pelo menos, parece haver alguma espécie de lei natural (divinamente instituída), que pode operar e trazer coisas à existência ou transformá-las, sem a intervenção direta de Deus. Isso explicaria a existência de muitas formas de vida, que pareceriam inúteis ou destrutivas. *Sementes de razão*, que se derivam da Razão Divina (mas agora estão separadas dela), poderiam desenvolver-se em todas as espécies de seres e existências, sem qualquer intervenção divina, de acordo com esse ponto de vista. Porém, coisa alguma poderia suceder sem um desígnio original, que faz parte da Mente Divina.

Recomendamos agora que o leitor examine o grupo inteiro de argumentos em prol da existência de Deus, que faz parte do artigo sobre Deus, sob o subtítulo *Provas da Existência de Deus*. (EP F NTI P)

ARGUMENTO TRANSCENDENTAL

1. Emanuel Kant considerava todo conhecimento transcendental, mas ele pensava mais em nossa maneira de tomar conhecimento das coisas, um conhecimento *a priori*, mas não a coisa conhecida, propriamente dita. Um argumento transcendental, portanto, esclarece qual é o sentido preciso de uma proposição conhecida como verdadeira. Por exemplo, sabemos que as proposições da geometria euclideana são verdadeiras. Mas, para Kant, isso só era possível se a mente já tivesse tais conceitos, em si mesma, e que então aplicasse ao mundo exterior e experimental. A própria mente, por exemplo, determina relações especiais que existem no mundo exterior. Ela seria mera observadora dessas condições. Todos os conceitos geométricos são idéias *a priori* da mente, e não meramente coisas que podemos descobrir neste mundo. O argumento transcendental deixa bem claro esse ponto. (EP F MM)

2. No campo da teologia, o argumento transcendental pode ser uma subcategoria dos argumentos cosmológico ou teleológico (ver ambos os artigos). A fim de explicar o mundo, precisamos depender do conceito de causa. Não pode haver efeitos sem causa, e nem pode haver causas sem uma Primeira Causa. Essa causa original, pois, é transcendental. Portanto, para explicar o desígnio que se vê no mundo, precisamos depender da existência de um Planejador transcendental, que é Deus. Esses argumentos são transcendentais porque envolvem a pessoa de Deus, que é transcendental. (EP F MM)

ARGUMENTOS DE BOM SENSO

Os argumentos alicerçados sobre crenças quase universais são chamados argumentos de bom senso. As idéias a respeito, desde os tempos mais remotos, são: a crença em Deus, a crença na existência e sobrevivência da alma, a crença na existência dos espíritos, a aceitação de certos princípios morais, como a utilidade e correção da lei do amor. As dificuldades filosóficas e lógicas incluem estes pontos: 1. Até que ponto essas crenças são universais? 2. Mesmo que elas sejam absolutamente universais, são verdadeiras? No passado, quase todos os homens acreditavam que o sol girava ao redor da terra, e que a terra era chata. Mas agora sabemos que essas idéias laboram em equívoco. 3. Se essas crenças são verdadeiras, em qual grau e de que maneira elas são verdadeiras? *Defesa*. Embora muitos argumentos possam ser expostos, e muitas objeções possam ser formadas, há uma certa lógica na aceitação dessas idéias como verdadeiras; idéias essas que têm sido cultivadas em diferentes e independentes culturas,

sem haver intercomunicação entre elas. Se não são absolutamente verdadeiras, falhas quanto a detalhes, é quase certo que tais idéias *contêm* importantes verdades. Precisamos pressupor que o homem, mediante a razão (ver o artigo) e a intuição (ver o artigo) tem acesso a verdades básicas, à parte das experiências científicas. é da revelação divina. O primeiro capítulo da epístola aos Romanos expõe essa idéia. Os próprios povos pagãos sabem que Deus existe, conhecendo Suas leis básicas sem terem qualquer revelação divina. Esse argumento também pode ser chamado *consensus gentium* (consenso do povo).

ARGUMENTOS EM PROL DA EXISTÊNCIA DE DEUS

Esta enciclopédia apresenta grande variedade de artigos sobre esse assunto, a saber: Argumento Axiológico, Argumento Cosmológico, Argumento do Bom Senso, Argumento Moral, Argumento Ontológico e Argumento Teleológico.

DEUS (*que vide*)

O artigo geral inclui um sumário de argumentos em número considerável, a saber:

Cinco Argumentos em Prol da Existência de Deus, por Tomás de Aquino. Comentário sobre os Cinco Argumentos de Aquino, por F.C. Copleston. O Argumento Clássico do Relógio, de William Paley, um artigo que aparece após o material biográfico de Paley. Reafirmação Contemporânea de Argumentos Tradicionais em Prol da Existência de Deus, por A.E. Taylor.

ARIANISMO

O conjunto de ensinos de **Ário** (ver o artigo), que viveu em cerca de 265-356 D.C. Ele e seus seguidores negavam a divindade própria de Cristo. Ário desenvolveu sua doutrina com base em especulações teológicas gregas, que floresceram no gnosticismo. Foi uma elaborada tentativa de definir a relação de Cristo para com Deus, segundo a razão natural. (Ver o artigo sobre *Cristologia*). Essa atividade racional e especulativa teve lugar principalmente em Alexandria e Antioquia, sobretudo no século IV D.C., tendo obtido o apoio do imperador romano e de teólogos notáveis. Exercia poderosa atração para as mentes bem-informadas da época.

Doutrina. Estes são seus pontos principais: 1. Deus é ímpar e não-gerado (*agennetos*). Fora de Deus, tudo o mais foi criado *ex nihilo* (do nada), através da vontade de Deus. 2. O Logos (Cristo) é um intermediário entre Deus e o homem. Ele começou antes do tempo, mas não seria eterno, o que significa que houve tempo em que o Logos não existia, embora Deus já existisse. 3. Segue-se daí que o próprio Logos foi criado por Deus (o Logos foi *genetos*). Ele também nasceu (*gennetos*), o que aponta para a *filiação por adoção*. 4. O Logos encarnado (Jesus Cristo), é assim inferior a Deus, embora seja objeto próprio da adoração, por causa de Sua elevada posição, estando acima de todas as demais criaturas. Nessa exaltação, Ele é tanto Senhor quanto Redentor.

Formas de arianismo. 1. Arianismo intransigente, que mantinha que o Filho era *diferente* (*anomois*) do Pai. 2. O segundo grupo proclamou em um sínodo de Ancira (358) que o Filho é *semelhante* em substância (*homoiousia*) ao Pai. São os homoiousianos ou semi-arianos. 3. O terceiro grupo repelia os termos *homoousia* (da mesma substância) e *homoiousia* (de substância similar), como também *ousia* (ser, substância, essência), simplesmente declarando que o Filho era como o Pai.

Os homoiousianos tendiam em favor da ortodoxia, conforme determinada pelo concílio de Nicéia (325), e foram bem recebidos por Atanásio, no concílio de Alexandria (362). Os pais capadócios tentaram mostrar que o problema poderia ser solucionado pelo reconhecimento de *uma natureza* e três pessoas ou *hipóstases*. Apesar da fanática oposição do imperador ariano Valente, prevaleceu a ortodoxia defendida por Nicéia, no Ocidente, abrindo caminho para sua vitória final no Oriente. O Oriente inteiro subscreveu as doutrinas proferidas em Roma (378 e 379), e o imperador Teodósio mostrou ser um ardente defensor da fé nicena. Ver o artigo sobre o *Credo Niceno*. O sínodo de Constantinopla (381), reconhecido como segundo concílio ecumênico, reafirmou o credo niceno com leves modificações, completando-se assim a vitória em prol da plena divindade do Filho. O arianismo foi ultrapassado, embora tivesse prevalecido ainda durante algum tempo entre os povos bárbaros. A conversão de Clóvis, rei dos francos, à fé ortodoxa, em 496, assinalou um grande declínio do arianismo entre os povos teutônicos.

Eusébio, o famoso historiador eclesiástico, após o próprio Ário, foi o mais bem conhecido defensor do arianismo. (AM B E)

ARIDAI

No hebraico o sentido da palavra é incerto. Era o nono filho de Hamã, enforcado com seu pai (ver Ester 9:9), morto pelos judeus que habitavam na Babilônia. (UN)

ARIDATA

No hebraico, **forte**, sexto filho de Hamã, morto pelos judeus da Babilônia (ver Ester 9:8), em cerca de 510 A.C. (S)

ARIÊ

No hebraico, **leão**, cúmplice de Peca na conspiração contra Pecaías, ou um dos príncipes de Pecaías, morto juntamente com este (ver II Reis 15:25), em cerca de 761 A.C. (UN)

ARIEL

No hebraico, **leão de Deus**. No Antigo Testamento é um nome que tem vários empregos, a saber:

1. Pode significar «semelhante a leão», um epíteto para pessoas corajosas e aguerridas, tal como entre os árabes se usa o apelido Ali (leão de Deus). (Ver II Samuel 23:20; I Crô. 11:22 quanto a esse uso). Nessa conexão há um guerreiro de Davi, que matou os filhos de um moabita.

2. Nome de uma pessoa, um dos homens entendidos enviados a Ido, chefe do lugar chamado Casifia, juntamente com seus irmãos, servidores do templo, para que trouxessem ministros à casa de Deus (ver Esd. 8:16,17). Seu nome significa «leão de El (Deus)».

3. Sob a forma variante, «Areli», a palavra também pode significar «altar de terra». Com esse sentido, ou com o sentido de leonino, serviu como designação

simbólica de Jerusalém (ver Isa. 29:1 e 2:7). O altar de Deus é como a Sua terra. O fogo sagrado ardia ali sobre o altar. As discussões acerca do significado ali não são conclusivas, mas a maioria prefere a idéia de *terra*. (ND S UN Z)

ARÍETE

Os antigos, embora lhes faltassem os instrumentos de guerra, devido à sua tecnologia pouco avançada, eram suficientemente providos de armas que facilitavam o ato de matar. O *aríete* era, essencialmente, um forte poste dotado de ponta de metal. Era manuseado por soldados em posição horizontal, embora também houvesse aríetes montados sobre rodas. Alguns tinham protusões que protegiam os soldados de objetos que voavam, quando se tentava derrubar alguma muralha. Alguns aríetes tinham cabeças chatas, e outros tinham pontas aguçadas como as de uma lança. As esculturas assírias mostram vários tipos desses objetos. Alguns supõem que o trecho de II Sam. 20:15 alude a um instrumento dessa natureza. O profeta Ezequiel recebeu instruções divinas para representar o assédio de Jerusalém com aríetes (ver Eze. 4:2), pois esses instrumentos seriam usados no futuro cerco da cidade (ver Eze. 21:22). Foi predito que Nabucodonosor, rei da Babilônia, atacaria Tiro com essas máquinas (ver Eze. 26:9). Quanto a outros detalhes, referentes a esse e a outros instrumentos de guerra, ver o título *Máquinas de Guerra*. Ver também sobre *Armadura; Fortificação* e *Assédios*. (ND NTI Z)

ARIMATÉIA

Arimatéia foi identificado por Eusébio e Jerônimo como *Ramá* ou Ramataim, lugar do nascimento de Samuel (I Sam. 1:19). Isso é mais provável do que sua identificação com Ramá, de Benjamim. Em I Sam. 1:1, o nome é dado em sua forma completa, não-contraída, Ramataim-Zofim; enquanto que na LXX ele aparece sempre sob a forma «Armathaim»; nos escritos de Josefo como *Armatha*; e em I Macabeus 11:34 como «ramathem». Era uma cidade dos judeus que, no sentido mais estrito significaria da Judéia (ver Luc. 23:51). Alguns têm identificado a localização com a moderna Nebby Samuel, cerca de seis quilômetros e meio a noroeste de Jerusalém; todavia, sua localização exata não pode ser afirmada sem qualquer sombra de dúvida.

Esse lugar é mencionado somente no Novo Testamento, em conexão com a história de José de Arimatéia, natural daquela cidade, o qual era membro do Sinédrio. Após a crucificação, ele obteve o corpo de Jesus e o pôs em um túmulo nunca antes usado (ver Mat. 27:57-60). Quanto a notas completas sobre o incidente, ver o NTI *in loc*. Ver também o artigo sobre *José de Arimatéia*. (I IB ID NTI)

ÁRIO

Presbítero de Alexandria (256-336 D.C.), cujo desafio ao bispo Alexandre, de Alexandria, deu início à controvérsia ariana. Ver o artigo sobre o *arianismo*. Crê-se que ele nasceu na Líbia. Era diácono quando foi excluído em 313, por Pedro, patriarca de Alexandria, por haver dado apoio aos pontos de vista cismáticos de Melétio de Licópoles. Foi reinstalado pelo sucessor de Pedro, Aquiles, em 313. Tornou-se presbítero de Baucalis, onde passou a ensinar a sua doutrina que o Logos (Cristo) era um ser criado, não da mesma substância e nem co-eterno com o Pai. Ário foi censurado em 318, mas persistiu em suas atividades. Foi excluído em 321. Eusébio, bispo de Cesaréia (263-340) endossou o arianismo, que também obteve apoio em altos escalões. Com isso dividiu a Igreja no Oriente, deixando desolado o imperador Constantino. O imperador convocou o concílio de Nicéia, em 352, onde Ário foi anatematizado e banido. Então ele compôs um credo rival ao niceno (ver sobre o *credo niceno*). Constantino ficou impressionado com o contracredo de Ário, e o recebeu em 331, ordenando que Atanásio, campeão da ortodoxia nicena, recebesse Ário em comunhão. Atanásio recusou-se, e foi deposto pelo sínodo de Tiro (335), tendo sido exilado para a Gália. Constantino então ordenou que o bispo de Constantinopla restaurasse Ário à comunhão, mas este faleceu no mesmo dia da cerimônia. (AM)

ARIOQUE

No hebraico, **semelhante a leão**. Mas outros estudiosos pensam que a palavra é sumeriana, com o sentido de *servo do deus-lua*.

1. Esse era o nome de um rei de Elasar (Larsa, Senqueré, uma cidade-estado do sul da Babilônia), que estabeleceu uma aliança com Quedorlaomer, quando ele invadiu o vale do rio Jordão (ver Gên. 14:1,9). A guerra teve o propósito de punir os reis de Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Bela. Os primeiros saíram-se vitoriosos, mas foram postos em fuga por Abraão, quando este foi combater contra eles, porquanto haviam levado Ló — seu sobrinho — como cativo. Alguns estudiosos ligam o nome Arioque com Warad-Sin (Eri-aku) (cerca de 1836-1824 A.C.), ou com Rim-Sin (cerca de 1824-1763 A.C.), ambos filhos de Kudur-Maduk de Larsa, nomes comuns nos textos do segundo milênio A.C., conforme se vê nos textos de Mari (ver o artigo a respeito). Porém, isso daria a Abraão uma data mais recente. Seja como for, a cronologia da época é precária. A cidade de Elasar tem sido identificada com Ilanzura, mencionada nos textos hititas e nos arquivos de Mari, localizados entre Carquemis e Harã. Alguma confirmação para essa conjectura talvez se ache no Apócrifo do Mar Morto, que diz que o reino de Arioque era Kptwk (talvez a Capadócia). E então, se o rei Tidal, mencionado na Bíblia, puder ser identificado com Tudhaliya, dois daqueles quatro reis poderiam ser nativos de Anatólia, embora tudo isso seja muito incerto.

2. Um outro Arioque era capitão da guarda pessoal de Nabucodonosor (ver Dan. 2:14,15,24). A ele foi ordenado que executasse os mágicos que não tinham podido interpretar o sonho real. Alguns supõem que o nome fosse um *título* do ofício ocupado, e não o nome pessoal do indivíduo. Isso ocorreu em cerca de 605-562 A.C. (ID ND UN Z)

ARISAI

No hebraico, **flecha de Ária**. Era o oitavo filho de Hamã, morto pelos judeus babilônios (ver Est. 9:9), em cerca de 480 A.C. (S UN)

ARISTARCO

No grego, **melhor líder**. Era fiel seguidor de Paulo, seu cooperador, um crente de Tessalônica. Referências no Novo Testamento: Atos 19:29; 20:4; 27:2; Col. 4:10; File. 24. Atuou em cerca de 51-57 D.C. Encontramo-lo em Atos 19:29 como companheiro de

viagens de Paulo, em sua terceira viagem missionária. Ele foi agarrado e quase morto no tumulto provocado pelos ourives de Éfeso. Saiu daquela cidade e continuou viajando com Paulo; primeiro a outras cidades da Grécia, e então pela Ásia Menor (ver Atos 20:4 ss.), e daí partiu para Jerusalém, provavelmente como um delegado oficial da igreja em Tessalônica, no tocante à oferta que Paulo levou aos crentes pobres de Jerusalém. Finalmente, ele foi com Paulo a Roma, depois que o apóstolo foi detido. Não há certeza de que ele tenha prosseguido tal viagem até Roma, nessa ocasião. Talvez tenha ficado em Mira (ver Atos 27:5). Seja como for, finalmente ele chegou em Roma, aparentemente como companheiro de prisão de Paulo (ver Col. 4:10). Um outro companheiro de prisão foi Epafras (ver File. 23), sendo possível que eles tivessem se revezado nos cuidados a Paulo, como prisioneiros voluntários. O trecho de Colossenses 4:10,11, parece sugerir que ele era de origem judaica. (I IB NTI)

ARISTÉIAS

Título de um documento cujo autor afirma ter sido testemunha ocular de como o Antigo Testamento hebraico foi traduzido para o grego, do que resultou a Septuaginta. Presumivelmente foi obra escrita por um oficial da corte de Ptolomeu II Filadelfo (285-246 A.C.). Esse documento comumente é chamado «Epístola de Aristéias», mas os próprios manuscritos dizem apenas *Aristéias a Filocrates*. O autor, que fala na primeira pessoa do singular, relata como ele, como um emissário do rei do Egito, dirigiu-se a Eleazar (sumo sacerdote dos judeus) para pedir-lhe permissão para traduzir a «lei judaica» para o idioma grego, tradução essa que seria incluída na biblioteca de Alexandria. Dessa maneira, setenta e dois tradutores competentes foram arranjados. Primeiramente, houve um banquete de sete noites. Aos tradutores foi exigido que respondessem a setenta e duas perguntas, feitas a eles pelo rei. Então, de modo fantástico, a tradução foi terminada em setenta e dois dias, o que explica o nome Septuaginta (no grego, setenta). Algumas variações falam em setenta tradutores e setenta dias de tradução. É justamente esse detalhe, que transmite a idéia de que o Antigo Testamento poderia ser traduzido em tão pouco tempo, o que nos mostra que o relato é fictício. Também sabemos que o autor daquela obra nunca havia traduzido qualquer trabalho. Além disso, cometeu vários anacronismos, mostrando-nos assim que ele viveu em uma época posterior. O autor da obra foi um judeu alexandrino, que escreveu sob pseudônimo, o que era bastante comum na época. As datas atribuídas a esse livro oscilam entre 200 A.C. e 50 D.C., sendo provável que a data mais correta aproxime-se mais desta última. O propósito do livro provavelmente era elogiar o judaísmo e sua maneira de viver diante dos gentios, como demonstração da superioridade do sistema judaico. (CH HAD JEL)

ARISTIDES

Apologeta cristão (ver sobre os **apologetas**) do séc. II D.C. Aparentemente nasceu e viveu em Atenas. Dirigiu sua *Apologia* ao imperador Adriano. Afirmava que somente os cristãos possuem verdade digna de confiança sobre Deus, asseverando que os cristãos constituem uma raça especial, originária de Cristo. Visto que os cristãos são tão especiais e são dotados de uma verdade especial, podem viver vidas santas. Caldeus, egípcios e gregos, devido à ausência de tais qualidades, tinham vivido no erro, tinham dado crédito ao erro. Os judeus podiam ser elogiados por seu *monoteísmo* (ver o artigo), mas, infelizmente, retiveram muitas superstições relativas aos seus ritos e cerimônias. Por muito tempo considerou-se perdida a sua *Apologia*, mas, em 1878, apareceu uma edição de um fragmento armênio em Veneza. Em 1889 foi encontrada uma versão completa em siríaco, no mosteiro do Monte Sinai. Sua publicação levou à descoberta de um texto grego que durante séculos existira no romance religioso *Barlaão e Josafate*. Porções do texto grego foram publicadas em 1922 e 1924. A *Apologia* procura demonstrar quão razoável é o cristianismo, mediante um apelo a um conjunto de fatos. Trata-se de uma obra simples e breve, mas vazada em linguagem exaltada. (AM P)

ARÍSTION (ARISTO)

Ele é mencionado como fonte informativa sobre as Declarações do Senhor por Eusébio, em *História* III.39.3. Essa informação aparece nos escritos de Papias, o qual disse: «Se chegasse alguém dentre os seguidores dos anciãos, eu costumava indagar acerca das declarações dos anciãos, o que André ou Pedro havia dito, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; e o que Arístion e o ancião João, o discípulo do Senhor, dizem». O significado preciso dessa declaração tem sido disputado, especialmente se os dois homens de nome João, ali mencionados, não forem a mesma pessoa. Seja como for, Arístion aparece como alguém associado a João, o ancião, e, portanto, contemporâneo de Papias. Pelo menos Papias mostra que Arístion foi um discípulo de Jesus, e que algum material concernente às declarações de Jesus lhe havia sido transmitido por outros, e que assim muito ele pôde aprender sobre essas declarações. Mas não diz que obteve essa informação diretamente de Arístion, embora isso possa ser subentendido. Isso é tudo quanto sabemos sobre Arístion. Contudo, um manuscrito do Novo Testamento em armênio traz uma nota, em Marcos 16:8, antes do *término longo* daquele evangelho (pois a maioria dos manuscritos antigos termina no vs. 8), afirmando que *Arístion* provera aquele término para o evangelho de Marcos. Não há como determinar se essa informação é correta ou não; mas a data tardia da nota não encoraja sua autenticidade. (GU Z)

ARISTIPO

Filósofo grego (435-356 A.C.). Nasceu e viveu em Cirene. Foi discípulo de Sócrates. Ele iniciou sua própria escola de filosofia, chamada Escola Cirenaica (ver o artigo sobre o *cirenaicismo*). Essa foi uma das três grandes escolas resultantes dos esforços de alunos de Sócrates. Aristipo foi, acima de tudo, um filósofo moral que defendia a idéia de que o *prazer* é o alvo da existência humana inteira (ver sobre o *hedonismo*). Bem e mal poderiam ser descritos em termos de prazer e dor, o primeiro a ser obtido, e o segundo a ser evitado. Aristipo ressaltava o prazer imediato, embora com algum controle por parte da razão. A *virtude* seria obtida quando alguém alcança o prazer, ao mesmo tempo em que evita a dor. A felicidade consistiria em prazer contínuo. A satisfação imediata seria o ideal. (AM BE P)

ARISTÓBULO

No grego, **melhor consolador**. É nome de vários homens ligados à narrativa bíblica. O nome é grego, mas veio a ser adotado pelos romanos, entre os quais passou a ser comumente usado. Também era utilizado pelos judeus, resultando daí as várias pessoas das famílias Macabeu e Herodes com esse nome.

1. Um sacerdote judeu, professor de Ptolomeu, rei a quem Judas Macabeu enviou cartas (ver II Macabeus 1:10). Talvez ele deva ser identificado com Aristóbulo, o filósofo peripatético, tutor de Ptolomeu VI Filometer (180-146 A.C.). Era o chefe da comunidade judaica de Alexandria, conforme somos informados por Eusébio (Praep. Ev. VIII.10; XIII.12). Esse homem tentou mostrar que as melhores porções da filosofia de Aristóteles dependiam do judaísmo (absurdo), e preparou um livro para os gentios, explicando-lhes os princípios do judaísmo.

2. Aristóbulo I, filho mais velho de João Hircano I, o primeiro dos Macabeus a assumir o título de rei, governando assim sobre Israel. Quando João Hircano faleceu, ele passou o reino à sua esposa, e o sumo sacerdócio a Aristóbulo. Esse homem fez sua mãe morrer de fome, matou seu irmão, Antígono, aprisionou três outros irmãos, usurpou o governo, compeliu os itureanos a tornarem-se judeus. Mas, após um ano, ele faleceu tendo morte muito dolorosa (105-104 A.C.).

3. Aristóbulo II, filho mais jovem de Alexandre Janeu. Ao morrer seu pai, em 78 A.C., o trono ficou com sua esposa, Alexandra, tendo ela continuado a reinar até 69 A.C. Então revoltou-se Aristóbulo II. Após a morte de sua mãe, ele entrou em competição com Hircano II, seu irmão. Mas Antípater, pai de Herodes o Grande, e Aretas, o rei árabe, favoreciam Hircano. Ambos os irmãos tentaram obter o apoio dos romanos por meio de suborno. A maioria dos judeus não queria nem um e nem outro. Aristóbulo mostrou-se impaciente e não esperou pela decisão de Pompeu. Em vista disso, Pompeu capturou Jerusalém, aprisionou Aristóbulo e tornou o país um tributário de Roma. Isso pôs fim à independência judaica sob os Macabeus. Hircano II foi nomeado em seguida. Aristóbulo e seus familiares foram tomados cativos, para Roma. Assim terminou a dinastia dos Macabeus após cerca de oitenta anos (142-63 A.C.). Em 57 A.C., Aristóbulo escapou de Roma e tentou recuperar o seu reino, mas foi recapturado e aprisionado em Roma. Ao começar a guerra civil em Roma, Aristóbulo foi libertado e enviado para a Síria por Júlio César, a fim de combater contra Pompeu. Mas o plano foi descoberto, e Aristóbulo foi feito prisioneiro, tendo morrido em 49 A.C.

4. Um neto de Aristóbulo II e irmão de Mariamne, esposa de Herodes o Grande. Herodes nomeou-o sumo sacerdote; mas Herodes notou que Aristóbulo era muito popular entre os judeus, e «acidentalmente» matou-o afogado, quando ele se banhava, em 35 A.C.

5. O filho mais jovem dentre os dois de Herodes o Grande e Mariamne. Herodes mandou executar sua esposa em 29 A.C., e, depois, enviou seus dois filhos para Roma, a fim de serem educados. Quando eles retornaram, Herodes sentiu que eles eram perigosos para ele, desejando vingar-se da morte da mãe, pelo que os matou sufocados. Aristóbulo teve quatro filhos. Um deles, também chamado Herodes, tornou-se rei de Cálcis; um outro, Herodes Agripa I, tornou-se rei de toda a Palestina (41-44 A.C.); uma filha era Herodias, a esposa do tetrarca Herodes Ântipas. E o quarto foi o Aristóbulo que aparece como o número (6), nesta lista.

6. Esse Aristóbulo era o filho do anterior, alistado como número (5). Sabemos que ele entrou em conluio contra seu irmão, Herodes Agripa I (Josefo, *Anti.* XVIII.vi.3), e que tentou convencer o governador da Síria a não erigir uma estátua do imperador Calígula no templo de Jerusalém (Josefo, *Anti.* XVIII.viii.4), mas essa é toda a informação que temos a respeito dele.

7. O Aristóbulo do Novo Testamento é um homem à cuja família Paulo enviou saudações. Ele residiria em Roma, se o último capítulo da epístola aos Romanos sempre fez parte integral dessa epístola (o homem é saudado em Rom. 16:10). Ou então, se o décimo sexto capítulo de Romanos na realidade era originalmente uma carta de apresentação de Febe, e enviada à Ásia Menor, então talvez esse Aristóbulo fosse um efésio. Quanto a esse problema, ver o artigo sobre *Romanos*, sob VIII, Integridade da Epístola. Seja como for, a data dessas ocorrências é cerca de 60 D.C. A tradição faz desse homem um irmão de Barnabé, dizendo que ele trabalhou e morreu em Bretanha. Usualmente, tais tradições são fantasias puras. Ramsey, em *St. Paul the Traveller*, pág. 353, faz dele um filho de Herodes o Grande, o que é uma opinião muito difícil de ser aceita. (AM ID JO NTI RAM UN Z)

ARISTOCRACIA

Termo grego que significa «governo dos melhores». A aristocracia é uma categoria de classe social, que durante muitos séculos da história humana conhecida, baseou-se em direito de nascimento, enobrecendo famílias possuidoras de títulos hereditários, como duque, barão e conde. A aristocracia se mantinha mediante a riqueza na forma de dinheiro ou terras. Seguiam costumes sociais afetados, além de formas de vestuário, linguagem e adoração diferentes das outras classes sociais. Usualmente governavam as classes inferiores. Ocupavam, naturalmente, as posições de liderança, na Igreja e no estado, e eram patrocinadores das artes, da educação e da arquitetura.

Desde o surgimento dos ideais democráticos, a aristocracia tradicional foi relegada a uma posição mais periférica. As *novas elites*, uma outra forma de aristocracia, são formadas pelos meramente ricos (sem títulos nobiliárquicos), intelectuais (como os cientistas, escritores, etc.), artistas e atletas, a maioria dos quais são ricos, venerados pelo público quase como heróis. Clubes de fãs promovem a adulação.

Ética cristã. Deus não tem respeito humano (Rom. 2:11), e os homens espirituais não seguem idolatrias envolvidas nas modernas formas de aristocracia. O trecho de Tia. 2:1 ensina-nos a termos fé em nosso Senhor sem respeitar as distinções de classes. Tiago frisa que usualmente os pobres, e não os ricos, é que aceitam o evangelho (2:5). Ele recomenda a obediência à lei «real», ou seja, a lei do amor. Desse modo a pessoa torna-se membro da verdadeira elite, onde o valor é medido pela qualidade e pelo desenvolvimento espirituais. Por outro lado, não é errado alguém ser rico e culto, se isso for obtido

ARISTÓTELES



Aristóteles — 384-322 A.C.

O aluno mais brilhante de Platão
Professor de Alexandre, O Grande
Chamado *o intelecto* por
seu mestre, Platão

••• ••• •••

ARISTÔTELES

●●● ●●● ●●●

Aristóteles, o aluno mais brilhante de Platão. Assistiu sua Academia por 20 anos, mas desenvolveu sua própria filosofia que em muitos pontos era longe da filosofia do mestre, Platão.

Aristóteles era chamado *O Intelecto* por seu professor Platão, e era, de fato, um dos maiores gênios da história humana. Era o pai da lógica, um dos seis sistemas tradicionais da filosofia. Aristóteles era um cientista brilhante cuja ciência dominou o pensamento humano quase até os tempos modernos. Todavia, ele escreveu sobre a filosofia de modo geral, e fez valiosas contribuições para todos os seus ramos.

Para ele, o alvo do conhecimento é *ação*, e *virtude* é o cumprimento pleno de missão.

●●●

∞

honestamente e for *devidamente utilizado*. A verdadeira aristocracia consiste nos eleitos, espiritualmente falando. Devemos buscar primeiro o reino de Deus, e todas as coisas físicas necessárias nos serão acrescentadas.

Na filosofia. 1. Dentro da política platônica, a aristocracia, o governo da elite, é considerado a estrutura social ideal, em contraste com outras formas, consideradas degeneradas. 2. Para Aristóteles, a aristocracia — juntamente com a monarquia e a política — era considerada uma das três modalidades desejáveis de governo. 3. Para Hobbes, o termo designava o governo de uns poucos, presumivelmente das classes mais ricas. (H P)

ARISTON DE ALEXANDRIA

Filósofo helenista do século I A.C. Inicialmente foi membro da academia (ver sobre a Academia de Platão), sob Antíoco (ver o artigo a seu respeito). Mais tarde, uniu-se à recém-reavivada escola aristotélica de Alexandria, quando Andrônico de Rodes (ver o artigo a seu respeito) era o seu cabeça. Escreveu um comentário sobre as *Categorias* de Aristóteles, atualmente perdido.

ARISTON DE QUIOS

Filósofo grego do século III A.C. Foi membro do Liceu (escola de Aristóteles, sobre o que, ver o artigo). Depois de Lícon (ver o artigo a seu respeito), tornou-se o cabeça dessa escola, em cerca de 228 A.C.

ARISTÓTELES

Filósofo grego (384-322 A.C.). Nasceu em Estagira, na Macedônia, filho de Nicômaco, médico do rei. Com dezoito anos ingressou na Academia de Platão e ali estudou durante cerca de vinte anos. Foi o mais brilhante aluno de Platão, tendo sido por ele apodado de «o intelecto». Por ocasião da morte de Platão, um parente deste, e rival de Aristóteles, foi nomeado para chefiar a Academia e Aristóteles abandonou Atenas. Tornou-se então tutor de Alexandre o Grande, filho do rei da Macedônia. Alexandre tinha treze anos na ocasião. Em cerca de 335 A.C., Aristóteles regressou a Atenas e fundou o seu Liceu, a Escola Peripatética (ver o artigo sobre o *Liceu*). Quando Alexandre tornou-se rei, Aristóteles recebeu apoio financeiro e moral. Porém, quando Alexandre morreu, em 323 A.C., houve uma onda de antimacedonismo, e Aristóteles exilou-se voluntariamente, para que um outro mártir, como Sócrates, não viesse a pesar sobre a consciência dos atenienses. Morreu pouco depois disso, em 322 A.C.

Escritos. No campo da lógica, o *Organon* e as *Categorias*; *Sobre Refutações Sofistas*; *Física*; *Sobre os Céus*; *Geração e Corrupção*; *História dos Animais*; *Sobre as Partes dos Animais*; *Sobre o Movimento dos Animais*; *Sobre a Progressão dos Animais*; *Sobre a Alma; Parva Naturalia*; *Metafísica*; *Ética Nicomaqueana*; *Magna Moralis*; *Constituição de Atenas*; *Retórica e Poética*.

Esboço de suas idéias:

I. A filosofia e as ciências. Ele aceitava os princípios teleológicos e idealistas de Platão. O Universo é um mundo ideal, um todo orgânico inter-relacionado, um sistema de idéias (formas) eternas e imutáveis. As idéias (formas) dão ao mundo dos sentidos (o mundo físico) sua forma e sua vida. O conhecimento genuíno inclui o conhecimento das bases dos fatos: a filosofia inclui todo o conhecimento raciocinado, e as diferentes ciências interessam-se por porções ou fases do ser.

Tipos de ciência. a. Teóricas: Matemática, física e metafísica. b. Práticas: Ética e política. c. Criativas: Mecânica e produção artística. As duas principais divisões da filosofia seriam: *Metafísica*, ou *primeira filosofia*, que se interessa pelo ser e estuda a causa primária ou causa última das coisas; e a *segunda filosofia*, que englobaria as ciências parciais, que abrangem porções ou fases do ser.

II. Conhecimento, epistemologia. Aristóteles percebia o escopo do conhecimento, mais do que outros antes dele, sendo capaz de discernir o papel da definição da indução e da dedução, no desenvolvimento das ciências. Sua classificação das diversas ciências (práticas e teóricas) foi útil para a filosofia. Ele advogava o que atualmente é chamado de teoria correspondente da verdade. Ver o artigo sobre a *Verdade, Teorias da*. Foi um realista engenhoso, supondo que uma completa descrição de um objeto qualquer (um pleno desenvolvimento do *juízo* formado sobre esse objeto) corresponderia à verdade desse objeto. Não antecipou a teoria atômica, segundo a qual a matéria permanece essencialmente misteriosa, a despeito da crescente ciência das partículas atômicas, mesmo em sua época. Ele considerava que o conhecimento é possível, contrastando nisso com o *ceticismo* (ver o artigo).

O processo. a. O conhecimento é possível. b. O homem tem capacidades intuitivas, podendo receber lampejos de compreensão. c. Mas o conhecimento consiste, essencialmente, em juízo com uma descrição, se essa descrição for completa, teremos chegado à verdade. d. Como cientista que era, em contraste com Platão, ele ressaltava essencialmente o conhecimento científico, o qual examina os objetos do mundo físico. e. As faculdades dos sentidos são nossos instrumentos para chegarmos ao conhecimento, embora não exclusivamente, pois também atuam a razão e a intuição. f. Por meio de nossas descrições, atingimos o universal. Ele defendia o que agora se conhece por *realismo moderado*: o universal é real, mas só pode ser encontrado no particular (algum objeto físico). Ver sobre os *universais*. g. A descrição do universal é o propósito mesmo do conhecimento.

Lógica. Aristóteles foi o fundador da lógica científica. Sua função foi descrever o método pelo qual se obtém o conhecimento. Sua lógica centraliza-se em torno de dois fatores essenciais: a. Definição; b. Silogismo, os processos da prova.

Silogismo:

1. A ciência é um autêntico conhecimento, um pensar correto.

a. Passa do particular para o universal, mediante o raciocínio dedutivo. O universal reside no particular. b. O alvo do conhecimento é a demonstração completa, através de uma série de silogismos, onde as conclusões dependem das premissas. c. Esse processo continua até que se atinja um princípio que não possa ser provado pela indução, por ser inerente à razão, e por precisar ser averiguada mediante a *dedução*.

2. O conhecimento começa pela percepção dos sentidos, que prossegue em suas descrições do particular para o universal. O conhecimento esforça-se por entender o universal.

3. As *dez categorias* ou *propriedades* universais das coisas. Essas são as formas dos *predicados* com que costumamos descrever as coisas.

a. O que é (ilustração: um homem; trata-se da *substância* a ser considerada)

b. Como ela se constitui (branco: uma *qualidade*)
c. Quão grande é (dois metros: *quantidade*)
d. Como está relacionada (maior, dobro: *relação*)
e. Onde está (lugar: *espaço*)
f. Quando é (ontem: *tempo*)
g. Postura assumida: (sentado: *posição*)
h. Seu estado (vestido: *provisão*)
i. O que faz (queima: *atividade*)
j. O que sofre (é queimado: *passividade*)

4. *Processo de raciocínio*. a. Passa do universal para o particular. b. Forma juízos. c. Com base nos juízos, tira inferências. Essas inferências são chamadas proposições. d. Os juízos compõem-se de *conceitos* expressos por meio de *termos*.

III. Metafísica (descoberta dos princípios fundamentais)

1. Para Platão, a realidade é espiritual (as idéias, formas, universais), ao passo que os objetos terrenos (os particulares) são apenas cópias inferiores do que é «real». A *forma* é a substância real de alguma coisa. *Idéia* e *forma* são termos intercambiáveis. Essa realidade é mais real que a realidade física. Na filosofia, esse conceito chama-se *realismo radical*.

2. Para Aristóteles, as coisas particulares (objetos terrenos) são substâncias reais. A forma ou o universal sempre se encontra no particular. A forma é real, mas não independente do particular. Na filosofia, essa posição chama-se *realismo moderado*. Ver o artigo sobre os *universais*.

3. A matéria assume diferentes formas, mas persiste a idéia ou forma. A matéria é o princípio da probabilidade. A forma é o princípio da realidade (atualidade).

4. A *substância* de uma coisa é a sua totalidade. Essa é a primeira categoria aristotélica. Sócrates é um homem; mas ele é mais do que o seu corpo material. Ele também inclui um princípio não-material, juntamente com muitas alterações em série, que se dirigem a algum alvo. Cresceu e foi educado em Atenas, e terminou sendo um grande filósofo. Tudo isso tem a ver com a sua substância. A substância de qualquer coisa inclui sua forma e sua matéria.

5. A matéria une-se à forma. Para que ela se torne no que deve, de conformidade com um *desígnio* (o princípio da teleologia), deve haver várias *causas*.

As quatro causas: a. *Causa material*. Matéria mais potencialidade, tendo em mira o desenvolvimento, conforme foi explicado acima.b. *Causa formal*. Para que algo venha a ser como deve, deve haver um padrão, desígnio ou plano. c. *Causa eficiente*. Para que o desígnio se concretize, deve haver um agente, uma força que efetiva o propósito. d. *Causa final*. É o alvo na direção do que algo se move; o desígnio em seu cumprimento. *Ilustração*: Construção de um muro. Para que se construa um muro, deve haver a matéria e sua potencialidade (a argila que será cozida: a causa material). Em seguida, deve haver um plano para a edificação do muro. Isso determinará quem fará a obra e como esta deverá ser feita (causa formal). Então deve haver um agente, o pedreiro que construirá o muro (causa eficiente). Quando o muro tiver sido construído, seu desígnio estará cumprido (causa final).

6. Para que qualquer coisa suceda, ou seja levada a bom termo, deve haver *movimento*. Se existe o movimento, deve haver um Movedor Primário (a Causa Primária do movimento). Essa entidade chama-se -Movedor Primário ou Movedor Inabalável. Trata-se de uma força cosmológica, na realidade, o Deus da concepção aristotélica, que seria uma força impessoal, e não uma pessoa. Esse Movedor Primário movimenta todas as outras coisas «sendo amado», o que é um evidente termo poético para indicar uma força de atração. Esse Movedor não tem consciência das outras coisas, por ser puro pensamento, capaz de pensar por si mesmo. Deus é a forma pura, a idéia da realidade. Deus (o Movedor Inabalável), como forma pura, existe independentemente da matéria, havendo outras formas celestiais que não são materiais. Em todos os demais casos, forma e matéria compõem as substâncias individuais, e são os acidentes da matéria que constituem um objeto particular, como uma cadeira. Por exemplo, a cor é um acidente de alguma coisa, mas não, necessariamente, o seu ser. Ver o artigo sobre *acidente*. Os acidentes não são uma das categorias aristotélicas. Ver o artigo sobre as *categorias*.

Os *quatro movimentos* (excluído o Movedor Inabalável):

a. Movimento substancial (origem e decadência). b. Movimento quantitativo (alterações no volume de um corpo). c. Movimento qualitativo (transformação de uma coisa em outra). d. Movimento local (mudança de posição no espaço, ou mudança de lugar). Devido aos fatores de causa, desígnio e movimento, a natureza não é apenas mecânica. -Antes, é dinâmica, teleológica, ativa e eivada de propósito.

A filosofia medieval, árabe ou cristã, utilizava-se de muitos dos conceitos de Aristóteles em suas expressões teológicas e científicas. Ver os artigos sobre o *aristotelianismo* e sobre o *escolasticismo*.

IV. Biologia. Aristóteles é o fundador da zoologia sistemática e comparada. Ver sob seus escritos, no começo da discussão sobre os diversos livros que ele escreveu acerca dos animais. Ele se opunha aos conceitos puramente quantitativos-mecânicos-causais. Em todos os animais, a alma é a forma do corpo. O corpo é apenas um instrumento, mas a alma é o princípio normativo. Onde houver vida, haverá alma, o poder por detrás do desígnio, o princípio teleológico. A alma humana é a enteléquia do corpo. Não obstante, Aristóteles aparentemente não cria (ou, pelo menos, mostrava-se agnóstico a esse respeito) na sobrevivência da alma. Todavia, o ponto é disputado.

V. Psicologia. 1. O homem é o alvo final da natureza, diferindo ele dos animais inferiores devido à sua capacidade de raciocinar. 2. Os órgãos dos sentidos informam a alma sobre as qualidades das coisas. 3. A alma humana é capaz de raciocínio conceitualizante, isto é, de capacidade de discernir o que é universal, assim descobrindo a essência necessária das coisas. 4. A razão passiva é a matéria a partir da qual atua a razão criativa e ativa. Está vinculada ao corpo, e juntamente com este, perece, tal como sucedem à imaginação e à memória. 5. A razão ativa ou criativa é pura realidade, mediante a qual chegamos aos conceitos. Existe antes mesmo do corpo. Essa alma é imaterial, imperecível e imortal. Contudo, não é claro se Aristóteles aplicava esses atributos às almas individuais, ou somente ao princípio da alma, ou alma do mundo. Averróis interpretava Aristóteles como se ele tivesse querido dizer que somente uma forma pura, ou alma, existe para a humanidade inteira, e que tal pensamento não dá apoio à idéia da sobrevivência da alma.

Três tipos de alma. a. Nutritiva-vegetativa: tem as potencialidades de assimilação e reprodução. b. Sensível: como nos animais, com capacidade de movimento e de desejos. c. Humana: além das capacidades acima, tem a capacidade de raciocinar, de rebuscar pela verdade.

VI. Ética. 1. O principal bem é a felicidade (eudemonia). 2. A felicidade vem através da auto-realização. 3. A virtude é o cumprimento da auto-realização da melhor maneira possível. É a função cheia de propósito de alguma coisa específica. 4. Visto que o homem tem uma razão —que busca a verdade, é desejável que ele use essa capacidade como sua principal virtude. A descoberta da verdade é a mais alta felicidade do homem. 5. O alvo da vida humana não é o prazer (ver sobre o hedonismo), mas a virtude, que deve tornar-se um hábito. 6. A virtude habitual vem através do disciplinamento da razão, a faculdade especial do homem. Uma alma virtuosa é uma razão ordeira e disciplinada, que evita extremismos. Observa o *meio-termo áureo* (a moderação). Exemplo: A coragem é o meio-termo entre a impetuosidade e a covardia. A temperança ou controle próprio é o meio-termo entre a inapetência e a glutonaria. A justiça é o meio-termo áureo entre deixar-se abusar por outros e o ato de espezinhar os direitos alheios. Ver o artigo sobre o *meio-termo áureo*. Esse artigo expõe diante do leitor as doze virtudes principais aristotélicas, juntamente com suas deficiências, excessos e meios-termos (ou virtudes). 7. As virtudes intelectuais buscam a verdade e os meios usados para isso são as artes, as ciências, a prudência, a sabedoria, a iniciativa e a razão. A sabedoria consiste na razão que aborda o que é invariável. A razão ao agir em relação ao que é variável, constitui a prudência. 8. A vida contemplativa é a mais elevada e feliz. Somos mais parecidos com Deus quando nos pomos a contemplar.

VII. Política. 1. O estado existe visando ao bem do homem. 2. A vida social é o alvo da existência humana. 3. O estado deve produzir e nutrir bons cidadãos. 4. A constituição do estado deve ser adaptada ao caráter e aos requisitos do povo, pelo que pode variar de um lugar para outro, sem a necessidade de estruturas rígidas. 5. Visto que os indivíduos diferem em suas habilidades, a justiça requer que sejam tratados de acordo com essas diferenças. 6. Cada cidadão deve exercer a sua *virtude*, ou função específica em favor da comunidade, ou estado. 7. A família é a unidade básica do estado. O homem, se isolar-se, não será auto-suficiente. 8. Há três formas aceitáveis de governo: a. monarquia; b. aristocracia; c. política, algo aparentado com a democracia constitucional. Ele preferia essa terceira opção. 9. Há três formas inaceitáveis de governo: a. tirania; b. oligarquia; c. democracia popular. Essas são deformações das formas aceitáveis.

VIII. Estética. Essa é desenvolvida na obra de Aristóteles, *Poética*. 1. A arte é a imitação do possível ou do provável na natureza, e não somente do que é real. 2. A poesia trata do *universal* (ver o artigo). 3. A beleza é a unidade na variedade, sem quaisquer características não-essenciais. 4. A tragédia provê a catarse das emoções do terror e da compaixão. 5. A participação nas artes enobrece e enriquece o homem.

Aristóteles foi um dos maiores filósofos do mundo, o qual exerceu duradoura influência sobre a teologia e sobre as ciências. A Igreja ocidental, por meio de filósofos como Tomás de Aquino, incorporou a filosofia aristotélica como uma característica permanente, bem como meio de expressar certo número de conceitos cristãos. Uma das fontes fundamentais do escolasticismo (ver o artigo a respeito) foi a filosofia de Aristóteles. (AM BE DR E EP F P)

Realizações. Platão chamou Aristóteles de *o intelecto*, sendo ele o mais brilhante de seus alunos. Suas realizações justificaram o título. Ele foi o maior cientista de seu tempo, cuja influência, neste campo, perdurou muitos séculos. Foi o pai da biologia, embora seu método, por falta de instrumentos, tenha sido essencialmente descritivo. Também foi o fundador da lógica científica, e com esta realização, tornou-se o primeiro filósofo a incorporar todos os seis ramos tradicionais da filosofia em seu sistema. Sua importância se manifesta no ditado que declara: Todos os homens são *platônicos* ou *aristotélicos* nas suas aproximações com relação ao problema do conhecimento: a aproximação *empírica-científica* = Aristóteles; a aproximação *racional-intuitiva-mística* = Platão.

O artigo que segue sobre *Aristotelianismo* ilustra alguns aspectos de sua vasta influência no mundo das idéias, especialmente no campo da religião.

* * *

ARISTOTELIANISMO Ver sobre **Aristóteles**.

A filosofia de Aristóteles é importante para a teologia e para a fé cristãs devido ao fato de que Tomás de Aquino (e os filósofos tomistas) a têm usado como meio de expressar sua fé, e vastas multidões de cristãos têm sido influenciadas por essa atividade. Ver o artigo sobre *Aquino, Tomás de*, quanto a uma descrição dessa atividade e influência.

Um dos mais importantes e extraordinários desenvolvimentos na história das idéias européias foi a adaptação da filosofia de Aristóteles para consumo cristão. O filósofo grego Aristóteles (384-322 A.C.) estudou com Platão e por este era chamado de «o intelecto», tendo-se tornado um brilhante filósofo. Tomás de Aquino encontrou em suas idéias um meio apropriado para exprimir sua teologia. Os filósofos árabes foram os primeiros a usar suas obras (ver *averroísmo*), embora interpretando materialisticamente o seu pensamento. O pensamento judaico medieval, em Maimônides e seus discípulos (ver o artigo a respeito) também foi influenciado pelo filósofo (Aristóteles, conforme Aquino o apodou). Após séculos de dominação platônica entre os filósofos cristãos (por exemplo, os pais alexandrinos e a escola de Agostinho), a «nova lógica» (a filosofia aristotélica) tomou conta das universidades da cristandade, notavelmente Paris e Oxford. Tomás de Aquino mostrou que a razão humana, conforme Aristóteles sugerira, não é adversária da fé cristã; antes, pode ser usada para compor uma teologia natural capaz de ajudar a fé. As verdades da revelação recebem assim um alicerce racional. Afinal de contas, tudo isso faz parte do nosso conhecimento de Deus e das realidades espirituais, pois Ele é o supremo Intelecto, do qual fomos derivados, como intelectos. Pode-se supor a existência de uma afinidade entre os intelectos e o Intelecto, e que a razão humana pode descobrir a verdade, disciplinando sua busca.

Aspectos históricos. Platão e Aristóteles, embora fossem mestre e aluno, defendiam idéias bem diversas. Platão era o racionalista místico influenciado pelas religiões orientais, e Aristóteles era o cientista, que enfatizava o método empírico. Suas idéias filosóficas também se chocaram após a morte de ambos; mas, nos círculos religiosos, os homens usavam as idéias de Platão com mais facilidade. Assim, o *neoplatonismo* (ver o artigo a respeito) era uma expressão religiosa de Platão, que exerceu vasta influência no mundo religioso por muitos séculos, incluindo a Igreja cristã, através dos pais alexandrinos. Plotino (204-270 D.C.), o neoplatonista, encontrou alguns subsídios em Aristóteles, como a

teoria do Intelecto separado e o contraste entre a matéria e a forma; mas, em tudo o mais, conflitava com ele. Porfírio de Tiro (234-cerca de 305 D.C.), discípulo de Plotino, escreveu uma introdução (*Isagoge*) a cinco conceitos: espécie, gênero, diferenças, propriedade e acidente, demonstrando nela grande influência aristotélica. Essa obra foi incorporada em seu *Organon*, tendo sido canonizada para as gerações futuras como obra de inspiração aristotélica. Foi usada por Boethius (ver o artigo a seu respeito), cuja intenção era reconciliar o neoplatonismo e o aristotelianismo. Ele produziu um comentário sobre a Isagoge, que originou a grande controvérsia sobre *os universais* (ver o artigo) e que teve muita importância para o pensamento teológico da Idade Média e depois. As obras de Aristóteles sobre a *lógica* atraíram mais atenção na Idade Média, e os teólogos cristãos começaram a desenvolver contrastes aristotélicos como substância e acidente.

Porém, no século XIII, aumentou imensamente o interesse por Aristóteles — sobretudo através de Tomás de Aquino, embora não com exclusividade. Comentários árabes sobre suas obras proviram a força que espalhou as idéias de Aristóteles por toda a parte. Êles abordavam materialisticamente as idéias dele, embora de modo atrativo para a mente religiosa. Averróis (1126-1198) era mais respeitado no ocidente latino do que em sua pátria, tendo atraído a atenção de Alberto Magno (cerca de 1200-1280), mestre de Tomás de Aquino. Foi na Universidade de Paris que Alberto Magno tomou conhecimento dos escritos de Averróis. Tomás de Aquino (1225-1274) entrou em contato com esse material quando estudava em Nápoles. Averróis emprestou um mau nome ao aristotelianismo; mas não demorou que uma nova maneira de encará-lo e manuseá-lo, em favor da fé religiosa, se tivesse desenvolvido, por meio de Tomás de Aquino. Muitos teólogos sentiam-se inquietos ante os acontecimentos. Tal fato resultou na proscrição do aristotelianismo, por diversas vezes durante o século XIII, a começar pelo ano de 1210. Esse desenvolvimento culminou na condenação do bispo de Paris, Estêvão Tempier, a 7 de março de 1277.

Esse recuo do aristotelianismo latino foi temporário. O estudo mais cuidadoso dos escritos de Aquino, bem como sua canonização em 1323, produziu a total reabilitação dessa filosofia. O grande teólogo Duns Scoto (cerca de 1266-1308), como também William de Ockham (cerca de 1285-1347), foram influenciados por essa forma de teologia-filosofia.

Os séculos XVI-XVIII testemunharam uma outra reação, parcialmente porque Copérnico (1473-1543) mostrou que algumas das idéias científicas básicas de Aristóteles estavam equivocadas. Apesar disso, por meio de Tomás de Aquino, Aristóteles continuou exercendo grande influência no mundo religioso. O papa Leão XIII (1880) decretou que essa filosofia era a posição oficial da Igreja de Roma, como meio filosófico de contemplar a religião.

Apesar de que alguns evangélicos abordam sua fé filosoficamente, nenhuma das denominações protestantes ou evangélicas têm desenvolvido um estudo sistemático e filosófico da religião. Os protestantes, sob a influência de Kant, que situava a fé e seus sujeitos dentro do mundo noumenal, dependente da intuição e do misticismo, têm subestimado a abordagem racional-filosófica da fé. Alguns deles chegam francamente a ser hostis, julgando que a filosofia é contrária à revelação e à fé. Conheço pessoalmente o caso de um pregador-filósofo, um ministro do evangelho, mas estudioso da filosofia, que foi severamente criticado por ter apresentado as provas tradicionais e racionais da existência de Deus. Alguns chegaram a exprimir a opinião que «aquele filósofo» não mais deveria ser convidado. Sem dúvida isso reflete ignorância dos fatos. Deus nos concedeu a capacidade de raciocinar. Ele é o Intelecto, e nós somos os intelectos secundários, que temos afinidade com Ele — pois fomos criados à Sua imagem. Portanto, a razão muito tem para contribuir para a inquirição espiritual. (AM C E EP)

ARLES, SÍNODO DE

O primeiro concílio geral da Igreja ocidental reuniu-se em Arles, sudeste da França, em 314 D.C. Foi convocado pelo imperador Constantino a fim de encontrar solução para disputas entre os *donatistas* (ver o artigo a respeito) e os católicos do Norte da África, que não tinham sido resolvidas pelo sínodo de Roma, em 313. Estiveram presentes representantes de bispados da Europa ocidental (incluindo a Bretanha) e do Norte da África. Vinte e dois cânones condenaram os donatistas e suas principais contenções, abordando questões de disciplina eclesiástica que haviam surgido desde a perseguição desfechada por Diocleciano. (E)

ARMAÇÃO DO NAVIO

(Ver **Navios e Embarcações**)

ARMADILHA

Certo número de termos hebraicos é usado para denotar métodos para apanhar animais ou seres humanos. Esses termos significam *amarrar, prender com uma corda* (Jó 18:10), *cilada* (Êxo. 10:7), *armadilha* (Jer. 5:26). Termos menos usados no hebraico são traduzidos por «rede», como em Eze. 12:13. Em Jó 18:9 encontramos um termo raro no hebraico, mas que em nossa versão portuguesa tem a forma de «armadilha». Apontava para uma armadilha de ferro, embora nossa versão portuguesa a traduza por «laço», em Jos. 23:13. Nas páginas do Novo Testamento encontramos dois vocábulos gregos, *bróchos*, corda, (somente em I Cor. 7:35) e *págis*, armadilha, (Rom. 11:9, I Tim. 3:7, 6:9, 2 Tim. 2:26).

Ver o artigo sobre *Rede* (*Armadilha, Laço*).

ARMADURA, ARMAS

Esboço

I. Armaduras, Armas Antigas
II. A Luta: A necessidade da armadura
III. O Inimigo: não carne e sangue
IV. Preparação para Batalhar
V. Peças Principais: Lições morais e espirituais

Quanto a uma descrição das antigas armaduras, cujas peças principais são alistadas em Efé. 6:13 ss, ver a exposição no NTI, naquele trecho.

Um item desta natureza deve figurar em uma enciclopédia religiosa, mesmo que não apareça em uma enciclopédia bíblica, — devido às suas implicações morais. Paulo empregou algumas metáforas militares, usando as peças de uma armadura antiga como símbolos de virtudes espirituais, segundo se vê na exposição em Efé. 6:13 ss. No Antigo Testamento, há menção às armaduras, usadas na vida militar, em relação a Israel e suas muitas guerras. A

presença de uma matança organizada, nas páginas do Antigo Testamento, cria problemas morais ventilados pelo *pacifismo* (ver o artigo). Poderia isso ser correto, mesmo quando os homens apresentam Deus, nos próprios Livros Sagrados, como líder de atividades militares? ¡Será correto os governos organizarem exércitos e enviarem-nos em expedições contra países e povos, especificamente com a finalidade de provocar sofrimentos e mortes?

I. Armadura, Armas Antigas

A armadura inteira consistia de escudo, espada, lança, capacete e armadura das pernas (que cobria as coxas até os joelhos), segundo Políbio e outros escritores antigos. (Ver Thuc. iii,14; Isócr. 352 D; Heród. i.60; Platão, *Leis* vii. par. 796 B; Políbio vi. 23,2). O soldado romano mui provavelmente está em vista aqui; mas as armaduras gregas e romanas não diferiam muito entre si. Paulo era homem intensamente viajado pelo império romano, tendo sido encarcerado e solto por muitas vezes, e estaria bem familiarizado com as armaduras de seu tempo. Os museus modernos contêm exemplares dessa armadura. O apóstolo acrescenta o cinturão e a espada em sua lista; e apesar desses dois objetos realmente não fazerem parte da armadura, eram necessários para o soldado antigo, muito apropriados para o propósito de ilustrar o equipamento espiritual necessário para derrotar o mal. Abaixo oferecemos uma descrição detalhada das armaduras antigas:

Armas de Defesa

1. *Perikephalaia*, é «capacete», que protegia a cabeça. Era feito de várias formas e de vários metais, e com freqüência era decorado com grande variedade de figuras. Alguns capacetes possuíam uma crista, ou como ornamento ou com a finalidade de aterrorizar, com figuras de leões, corvos, grifos, etc. Este último era um animal lendário, com corpo e pernas traseiras de leão, e cabeça e asas de águia. Paulo faz o capacete representar a «salvação».

2. *Zoma*, o «cinturão», posto em torno da cintura, útil para apertar a armadura em volta do corpo, mas também para sustentar as adagas, as espadas curtas ou quaisquer outras armas que ali pudessem ser penduradas. Paulo faz do cinturão símbolo da «verdade».

3. *Thoraks*, o «peitoral», que consistia de duas partes, chamadas «asas». Uma delas cobria a região inteira do peito, a parte frontal do tórax, protegendo os órgãos principais da vida, ali contidos. E a outra parte cobria uma parte das costas. Paulo faz isso representar a «justiça» ou «retidão».

4. *Knemides*, as «grevas», que serviam para proteger as canelas, isto é, do joelho para baixo, e com freqüência com uma extensão de couro que também protegia o pé.

5. *Cheirides*, uma espécie de «luvas» que serviam para proteger as mãos, bem como o antebraço, até o cotovelo.

6. *Vários tipos de escudo*, que Paulo usa como símbolo da «fé» (ver Efés. 6:16). Era o «aspis» ou o «chiled». Havia várias formas, feitas de diferentes metais. O escudo de Aquiles, que teria sido feito por Vulcano, seria circular, composto de cinco chapas de metal, sendo duas de bronze, duas de estanho e uma de ouro. Ver *Ilíada*, Upsilon, v. 270:

Cinco chapas de vários metais, vários moldes,
Compunham o escudo; de bronze cada um se dobrava para fora,
De estanho, cada um para dentro; e o do meio, de ouro.

Gerron, ou «guerra», um pequeno escudo quadrado, que a princípio foi usado pelos persas.

Laiseion, o escudo de forma oblonga, coberto com couros ásperos, ainda com os pêlos.

Pelte, o «escudo leve», na forma de uma lua crescente, com um pequeno ornamento similar às pétalas recurvas de uma flor *de luce*, no centro de uma linha diagonal reta, que passava perto de uma das beiradas. Esse era o escudo amazônico.

Thureos, o «scutum» ou «escudo oblongo», feito de madeira e recoberto de couro, mas já sem os pêlos. Tinha o formato do «laiseion» (descrito acima), embora fosse muito maior. Seu nome se deriva da palavra «thura», que significa «porta», visto que se assemelhava a portas de tamanho comum, quanto à sua forma.

Nos dias de Paulo, o «aspis» e o «thureos» eram os escudos mais usados. O primeiro se destinava a soldados levemente armados, e o último para soldados pesadamente armados.

Armas de Ataque

1. *Egchos*, a «lança», usualmente munida de ponta de bronze ou de ferro, com uma longa haste de madeira dura, geralmente de «freixo», árvore pertencente ao grupo da oliveira, mas dotada de uma madeira dura e elástica.

2. *Doru*, o «dardo», menor e mais leve que a «lança», que era atirado contra o inimigo ainda a distância.

3. *Ziphos*, a «espada», que tinha várias formas e dimensões. As primeiras eram feitas de bronze, e mais tarde começaram a ser feitas de outros materiais. Todas as espadas referidas nos escritos de Homero são de bronze. Esse é o símbolo usado por Paulo para indicar a presença do Espírito Santo.

4. *Machaira*, palavra que também significa «espada». Mas era um pouco mais curta, freqüentemente usada pelos gladiadores. Contudo, esta e a palavra anterior com freqüência eram usadas como sinônimas, sem diferenças apreciáveis.

5. *Aksine*, a «acha de armas» ou «machado de guerra».

6. *Pelekus*, a dupla «acha de armas», com uma folha afiada para cada lado.

7. *Korune*, a *maça*, feita de ferro, muito usada pelos persas e gregos.

8. *Tokson*, o «arco», completo com a «pharetta» (a aljava) e as flechas, que no grego têm o nome de «bele» (ver Efé. 6:16).

9. *Sphendone*, a «funda», muito usada pelos hebreus e muitos outros povos, com grande habilidade.

10. *Akontion*, o «dardo», outro tipo de lança, mais leve que o «ecchos».

11. *Belos*, «flecha».

Enquanto a crueldade não foi melhorada pela arte,
E a fúria não forneceu espada ou dardo,
Com os punhos, ou ramos, ou pedras lutavam os homens,
Essas eram as únicas armas ensinadas pela Natureza:
Mas quando chamas queimavam árvores e crestavam o solo,
Então apareceu o bronze, e foi preparado o ferro para ferir,
O bronze foi usado primeiro, por ser mais fácil de trabalhar,
E visto que as veias da terra o continham em maior dose.

(Lucrécio, *De Rerum Nat.*, lib. v. 1282)

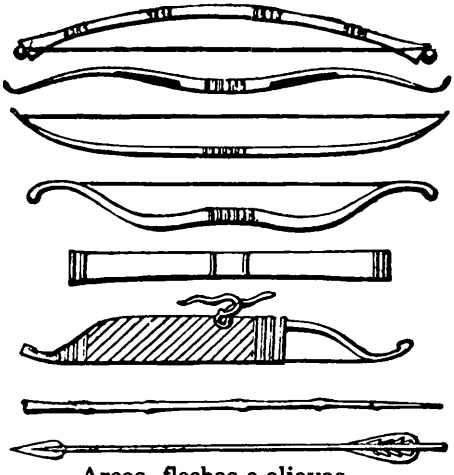
••• ••• •••



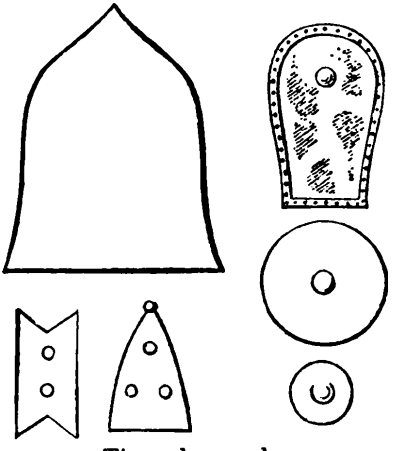
Tipos de Capacetes
1. de plantas 2. egípcio 3. e 4. asiáticos
5. cariano 6. e 7. egípcios 8. assírio 9. grego
10. jônio 11. parto 12. e 13. tribos da Ásia



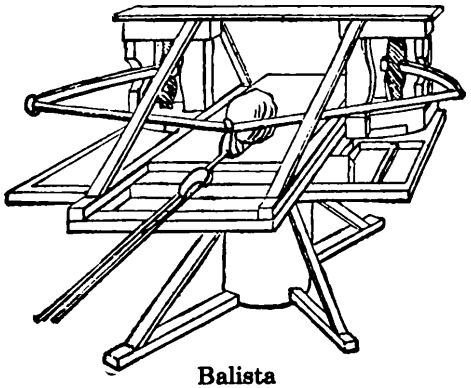
Espada persa



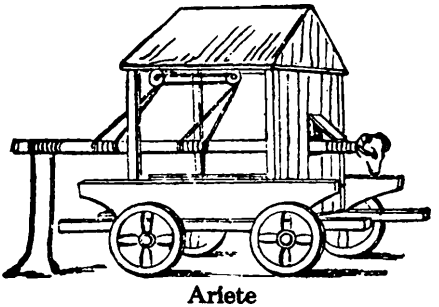
Arcos, flechas e aljavas



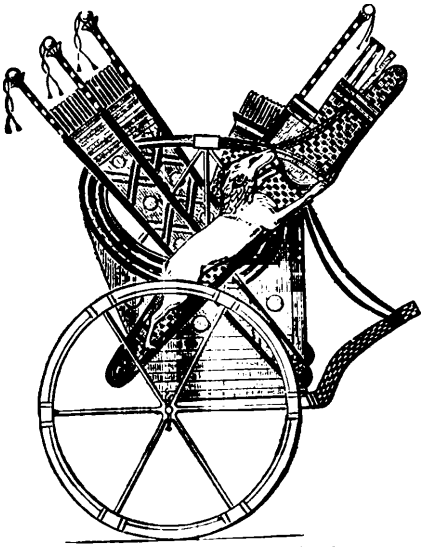
Tipos de escudos



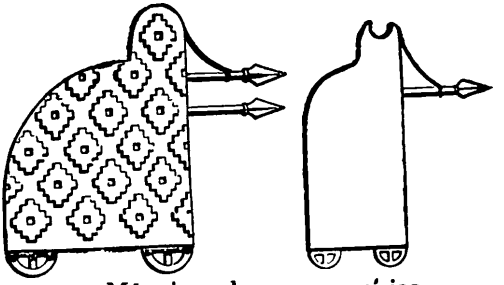
Balista



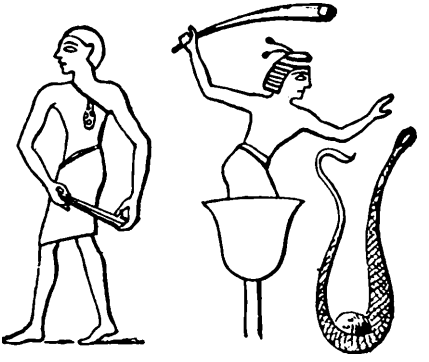
Aríete



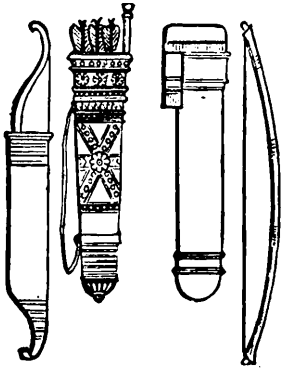
Carro de batalha, egípcio



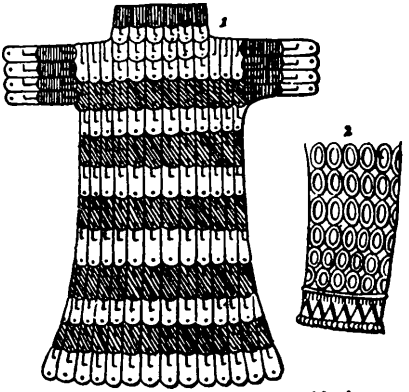
Máquinas de guerra assírias



Estilingues egípcios



Flechas e arcos egípcios



Cota de malha egípcia e jônia



Roupa de guerra
1, 2. grega muito antiga 3. grega
4,5. romana 6. bárbara

II. A Luta: A Necessidade da Armadura

Pois não é contra carne e sangue que temos que lutar, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra os hostes espirituais da iniqüidade nas regiões celestes. Efé. 6:2.

Nosso conflito contra o mal exige preparação, força e coragem. No grego original temos a palavra «pale», que ordinariamente indicava a «luta romana», embora também pudesse indicar um conflito qualquer. A forma verbal significa «lançar», «projetar». Tal vocábulo é usado exclusivamente aqui, em todo o N.T. Com o sentido de «combate», essa palavra é encontrada nos escritos de vários poetas, como Ésquilo, *Cho.* 866, e Eurípedes, *Herácl.* 159. O apóstolo Paulo provavelmente a emprega no seu sentido geral, porquanto, de outro modo, ter-se-ia desviado momentaneamente de sua metáfora de uma guerra, passando a pintar o conflito cristão contra o mal como uma luta de corpo a corpo. Seja como for, é focalizada a intensidade do combate, e para o que o soldado cristão deve ter a preparação e a força necessárias. A luta contra o mal, assim sendo, deve ser vista como uma batalha séria, em nada fácil. Talvez a derrota de tantos crentes, em suas vidas morais, se deva ao fato de que não levam muito a sério esse combate, mostrando-se por demais indisciplinados como soldados.

III. O Inimigo: Não Carne e Sangue

Paulo quer dar a entender aqui, simplesmente, a *natureza humana*, em contraste com os *seres espirituais*, que não possuem a matéria crassa, e, portanto, não são de carne e sangue. Não há aqui qualquer pensamento da «carnalidade humana pecaminosa», ou das paixões humanas, conforme o termo «carne» algumas vezes tem. Também não se verifica qualquer contraste entre os «inimigos internos» e os «inimigos externos». Antes, o combate se dá entre *humanos e sobre-humanos*. Paulo não queria negar que a luta contra o mal é, por igual modo, a luta contra a nossa própria natureza pecaminosa, e nem que os «inimigos internos» não sejam também nossos inimigos (pois o sexto capítulo da epístola aos Romanos afirma ambas as coisas); mas neste ponto ele mostra que poderes malignos e externos tornam esse conflito tão intenso que facilmente o crente se sai perdedor na refrega, a menos que esteja equipado com o próprio poder de Deus.

A debilidade humana fica subentendida na expressão «sangue e carne», ao passo que o poder fica subentendido na menção que se segue sobre as entidades espirituais.

Principados e potestades. (Comparar com o trecho de Efé. 1:21. Referem-se particularmente a poderes angelicais santos, ao passo que aqui estão em foco seres espirituais do mal, embora de ordem superior). Tanto os seres espirituais de índole boa como aqueles de má índole, habitam nos «lugares celestiais» (ver Efé. 1:20 e 6:12), sem isso querer dizer que habitam exatamente nos mesmos lugares ou campos celestiais, pois existem muitas dessas dimensões, algumas ocupadas por seres benignos, e outras ocupadas por seres malignos, embora todos pertençam à categoria «espiritual». Supõe-se que o termo *principados* se refere às ordens angelicais superiores, que possuem autoridade sobre grandes regiões e sobre muitíssimos seres. Já o vocábulo *potestades* se referia a governantes subordinados.

Ciladas do diabo, Efé. 6:11. No grego, *ciladas* é «methodeia», que quer dizer «astúcias», «planos», «esquemas», ou, em linguagem militar, «estratagemas». Quando tal palavra se aplica a Satanás, no N.T., porém, sempre indica seus maus desígnios. O comandante das forças malignas é o *diabo*, o grande mestre do ludíbrio e do engodo, que capitaneia as forças do mal contra o bem. Sendo ele o comandante das forças malignas, é óbvio que toda a armadura espiritual é necessária para o crente, com toda a oração e súplica, para que essas forças sejam derrotadas. O fato de que tantos crentes são derrotados na refrega, é prova que não se têm preocupado com a preparação para a batalha espiritual, adquirindo a armadura espiritual necessária; e nem oram com suficiente perseverança, para que o mestre supremo do mal seja vencido em suas vidas.

IV. Preparação para Batalhar

Portanto tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e havendo feito tudo, permanecer firmes. Efé. 6:13.

Tomai, ou seja, «estendei a mão» para a armadura posta à vossa disposição, e revesti-vos dela. Que as realidades espirituais pintadas por esta metáfora sejam postas em prática em vossas vidas, porquanto isso será vossa proteção e vitória. A ordem de Paulo é que nos apropriemos do poder espiritual a nós oferecido. Os antigos soldados, quando não eram apropriadamente disciplinados e se encontravam em condições físicas deficientes, mostravam-se menos dispostos e eram menos capazes de suportar as fadigas de seu duro serviço militar, queixando-se do peso da armadura; e alguns deles obtinham permissão para pôr de lado parte da armadura, ou mesmo toda. E muitos eram assim mortos ou feridos, por não contarem com a proteção adequada.

A colocação da armadura é, na realidade, o revestimento do Senhor Jesus Cristo por parte do crente, e isso é expresso mediante uma metáfora poética. Todas as virtudes aqui referidas pertencem supremamente ao Senhor, e são proporcionadas pelo seu Santo Espírito (ver Gál. 5:22,23). Portanto, revestir-se da armadura de Cristo equivale a assumir a natureza moral de Cristo; e o revestimento de sua natureza moral envolve o sermos transformados metafisicamente em sua natureza (ver Rom. 8:29), para que participemos de sua imagem, de sua plenitude, e também da plenitude do próprio Deus Pai (ver Efé. 1:23 e 3:19). Nisso é que consiste a vida cristã, verdadeiramente, o que é retratado mediante uma metáfora baseada na vida militar. E isso porque é a participação na natureza de Cristo que nos outorga verdadeira defesa contra todas as forças do mal e vitória sobre as mesmas, as quais pretendem impedir o progresso da alma de volta a Deus. (Ver o trecho de Rom. 13:12 acerca da colocação da «armadura da luz», bem como II Cor. 6:7, acerca das «armas da justiça». Ver o NTI em Rom. 13:14 e Gál. 3:27 quanto a notas expositivas acerca do «revestir-se de Cristo», e finalmente, Efé. 4:24, acerca do «revestir-se do novo homem»).

Toda a Armadura

Nenhuma porção da armadura pode ser omitida, pois o adversário de nossas almas sabe como tomar partido de qualquer debilidade; sendo ele profundamente maligno, aproveitar-se-á disso. Os recursos humanos, as resoluções morais, os sistemas religiosos e filosóficos, não nos servirão de ajuda em nada, porquanto somente um toque real da mão de Deus nos pode garantir a vitória nesse combate mortal. Devemos dar atenção ao fato de que em tudo isso, alguma forma de preparação espiritual autêntica,

como a comunhão completa com o Espírito de Deus, é ordenada aos crentes, nos usos metafóricos que aparecem em seguida. Portanto, não basta o conselho que geralmente se dá aos novos convertidos: «Leia a sua Bíblia e ore», embora isso constitua um bom exercício. Pois deve haver o contacto pessoal do crente com o Senhor, a comunhão mística com ele. E o revestimento da completa armadura de Deus se faz através da busca, através dessa comunhão.

V. Peças principais: Lições Morais e Espirituais.

A Descrição Paulina—Efé. 6:14.

«A *panóplia* romana consiste primeiramente de um escudo de superfície convexa, de 0,75 cm de altura; na beirada, sua espessura é da largura de u'a mão... Juntamente com o escudo há a espada; e esta o soldado leva em sua coxa direita, chamada 'espada espanhola'. Permite um golpe poderoso e profundo com ambos os fios, pois a lâmina é forte e firme. Além disso, o soldado leva dois dardos, um capacete de bronze e grevas...A maioria dos soldados também usa uma chapa de bronze, da largura de um palmo para cada lado, que colocam sobre o peito—chamam-na de 'protetor do coração'; e aqueles que valem mais de dez mil dracmas, em vez do protetor do coração usam uma cota de malhas». Políbio, *História*, VI.23.

1. Cinturão: A Verdade. Efé. 6:14.

Cingindo-vos com a verdade. Esse simbolismo se alicerça no trecho de Isa. 11:5, onde a verdade também é pintada como um cinturão que deve ser colocado. Consideremos ainda, a respeito disso, os pontos seguintes:

1. Talvez a alusão aqui feita seja à total verdade de Deus.

2. Devemos entender aqui a verdade cristã, isto é, segundo ela se encontra na pessoa de Cristo, ou seja, tudo quanto está envolvido desde a conversão, incluindo a conduta do crente, de acordo com padrões verdadeiramente bíblicos.

3. Alguns vêem aqui a verdade como alusão particular à «fidelidade», à «lealdade» a Cristo, conforme se vê no trecho de Isa. 11:5.

4. A harmonia com a «revelação» divina e a lealdade à mesma, em contraste com as heresias dos gnósticos, ou com outros desvios doutrinários, ou mesmo com uma conduta incorreta, também está aqui em foco. Isso pode ser comparado com o que se lê em Efé. 4:21, acerca da «verdade em Jesus».

5. Há também aqueles que vêem uma significação especial no cinto, associado à verdade, porque era essa a peça que ligava as diversas peças entre si; assim sendo, a verdade «...confere unidade às diferentes virtudes, bem como confere determinação e coerência ao caráter. Todas as virtudes devem ser exercidas dentro da esfera da verdade». (Vincent *in loc.*)

A referência de Paulo mui provavelmente é lata, incluindo várias das idéias expostas nos pontos acima, e não apenas um ou outro aspecto.

2. Couraça: Justiça. Efé. 6:14.

Vestindo-vos da couraça da justiça. (Ver o trecho de Isa. 59:17, que também se refere ao simbolismo do «peitoral» de uma armadura). Essa referência é messiânica, com toda a probabilidade, revelando-nos a preparação moral do Messias, o qual, mediante tal preparo, derrotou seus inimigos e completou sua missão e vitória. No trecho de I Tes. 5:8, o «peitoral» aparece composto da «fé» e do «amor», e a «fé» é também o escudo do crente.

Existiam vários tipos de *peitoral*, feitos de diferentes materiais, nas armaduras antigas. Os guerreiros levemente armados usavam um peitoral feito de linho; algumas nações bárbaras equipavam seus soldados com peitorais feitos de chifre ou osso, cortados em pedaços pequenos e pendurados como escamas, amarrados sobre um capote de couro ou de linho. Mais tarde foram introduzidas tiras flexíveis de aço, dobradas umas sobre as outras. Os lanceiros romanos usavam cotas de malha, ou armaduras flexíveis feitas de tiras de metal ligadas entre si. Virgílio menciona peitorais em que os anéis de ligação eram feitos de ouro. (*Eneida*, iii. 467). Ainda outros peitorais eram de material inteiramente rígido, ficando de pé quando postos no chão. Esse tipo de peitoral se compunha de duas partes, uma que cobria o peito e outra que cobria as costas; e essas duas metades eram ligadas entre si por tiras de couro ou tiras de metal, por cima dos ombros, amarradas na parte da frente, havendo também articulações nos lados. Esses peitorais eram fabricados de couro, de bronze, de ferro ou de outros metais. Suetônio conta-nos como Galba (imperador romano em 68-69 D.C.) foi morto pelos soldados de Oto, por haver-se protegido apenas com um peitoral de linho, em vez de usar um peitoral de material mais resistente.

O peitoral protegia os órgãos vitais do tórax e da parte superior do abdômen. O que para o soldado era uma proteção extremamente importante, assim é a «justiça» ou «retidão» para o crente. (Ver o artigo sobre a *Retidão*, que é essencial à própria salvação, como decorrência da justificação). É a própria retidão de Deus que está aqui em foco; porque ninguém pode chegar à sua presença se não possuir exatamente essa modalidade de retidão. Essa justiça tanto tem um aspecto «forense», através de um decreto divino, baixado com base no sangue expiatório de Cristo, como tem um aspecto «real», mediante a santificação, o que forma em nós a natureza moral de Cristo. Assim, pois, a perfeição da natureza moral de Deus é o próprio alvo da vida cristã (ver Mat. 5:48), e o processo que nos faz avançar nessa direção é o da santificação, que nos serve de proteção contra todos os males que fazem guerra contra a nossa alma. No dizer de Faucett (*in loc.*): «Está em pauta a própria retidão de Cristo, operada em nosso interior pelo seu Espírito». Sim, as qualidades morais da retidão estão naturalmente incluídas, porquanto essas qualidades perfazem a justiça que nos vem por intermédio da justificação, quando consideradas em seu conjunto total. E ambas essas idéias fazem parte inerente da expressão aqui usada pelo apóstolo Paulo.

3. Calçados: A preparação do Evangelho. Efé. 6:15.

O calçado do crente mui provavelmente é sugerido pela passagem de Isa. 52:7, que diz: «Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia cousas boas, que faz ouvir a salvação...». É possível que o calçado romano chamado «*caligae*» seja aludido nesta passagem, indicando as sandálias romanas com solas dotadas de inúmeros cravos, formando uma camada espessa. Os pés são nosso órgão de locomoção e viagem, aquele órgão que leva o mensageiro aos lugares onde ele deve anunciar a mensagem do estabelecimento da paz com Deus, o Pai celeste, bem como do estabelecimento da concórdia com os homens. (Ver em Efé. 2:14 como Cristo é a «nossa paz», através da mensagem cristã). Cristo reconciliou judeus e gentios entre si, e ambos com o Senhor Deus (ver Efé. 2:15,16), tendo-nos conferido acesso perfeito a Deus Pai (ver Efé. 2:17,18), tornando a comunidade dos crentes o próprio templo de Deus, onde ele habita mediante o seu Santo Espírito (ver Efé. 2:21,22). Sim, temos «paz com Deus» por meio de nosso Senhor Jesus

Cristo, no evangelho, onde é narrada sua história de amor remidor (ver Rom. 5:1).

Ora, tendo obtido a paz com Deus, com seus semelhantes e consigo mesmo, o crente fica em repouso, em meio a este mundo perturbado, obtendo vitória sobre todos os inimigos, e até mesmo conduzindo-os aos pés do Senhor, onde também encontram paz. Dessa maneira as forças espirituais do mal são derrotadas, conforme se pode inferir do presente texto e do que é dito em Col. 2:15. É para idéias assim que a metáfora aqui aludida aponta.

Preparação. Para que entendamos melhor o sentido desta palavra, é mister desdobrar a explicação nos pontos dados abaixo:

1. Na versão da Septuaginta (tradução do original hebraico do A.T. para o grego, completada cerca de duzentos anos antes da era cristã), a palavra aqui empregada, «etoimasia», significa «estado de preparação» (ver Sal. 9:41 e 10:17). Portanto, fica subentendida aqui a *necessidade* de nos prepararmos para a pregação do evangelho.

2. Outros preferem traduzir esse termo grego por «equipamento». O evangelho da paz é esse equipamento, posto em nossos pés, mediante o que «avançamos» batalha adentro, obtendo a vitória através de suas virtudes.

3. Esse vocábulo também pode significar «prontidão». Há certa preparação que produz a prontidão para enfrentar o inimigo, para obter a vitória espiritual e também conferi-la a outros, o que se encontra no recebimento correto do evangelho e no seu uso correto.

4. Além disso, essa palavra também pode significar o «estabelecimento de um alicerce firme», ou uma «base firme de apoio», espiritualmente falando, o que o evangelho igualmente nos confere. Assim, pois, o crente «fica firme», tendo os seus pés «protegidos», sendoassim capaz de cumprir a sua missão. E o evangelho, que é essa proteção, confere paz tanto a ele mesmo como àqueles que dão ouvidos ao evangelho. Uma vez que os pés estão protegidos, o avanço e a atividade cristã se tornam possíveis. O crente fica «preparado em sua mente», em estado de «prontidão», por causa de seu conhecimento, de sua aceitação e de sua propagação da boa mensagem cristã. A «paz» é o objetivo colimado, e a atividade na pregação do evangelho produz esse resultado.

Naturalmente, temos aqui um paradoxo: A finalidade legítima dessa batalha é trazer a *paz*, não com os inimigos das realidades espirituais, mas com outros homens, que também estão em conflito com a impiedade existente nos «lugares celestiais». O evangelho, pois, torna-nos «prontos e dispostos» a nos atirarmos a essa batalha em prol da verdade e da retidão. Paulo aludia a tais coisas, portanto.

Dá ao Senhor o que há de melhor em ti,
Dá-lhe as tuas forças e a tua juventude;
Emprega o ardor fresco e vibrante de tua alma,
Na batalha em prol da verdade.
Jesus nos deixou o exemplo,
Intrépido ele se mostrou jovem e corajoso;
Dá-lhe a tua leal devoção,
Dá-lhe o melhor que há em ti.
.....
Dá ao Senhor o que há de melhor em ti;
Dá-lhe as tuas forças e a tua juventude;
Revestido da completa armadura da salvação,
Ajunta-te à batalha em prol da verdade.

4. Escudo: A Fé. Efé. 6:16.

1. Não está aqui em foco a «fé» como um corpo de doutrinas, como um credo (objetivo e formalizado).

2. Mas devemos pensar aqui em «fé» como um princípio evangélico, o que consiste na «entrega» de alma aos braços de Cristo, mediante o que somos justificados. Essa é a fé que governa a vida do crente, já que vivemos «de fé em fé». A fé original, por conseguinte, opera a cada dia em novos atos de fé; mas, na realidade, tudo é a continuação da mesma atitude, pois entregamos sucessivamente nossa alma aos cuidados de Cristo, crescendo sempre na dedicação a ele.

3. É retratado aqui muitíssimo mais que a «crença fácil» tão generalizada nas igrejas de nossos dias, porquanto não se destaca aqui a mera aceitação de algum conjunto de doutrinas, mas antes, rebrilha neste ponto uma transação entre Cristo e a alma confiante.

4. Essa fé geral é expressa, em algumas pessoas, através do «dom da fé», algo especial, por intermédio do que empreendemos grandes realizações em favor de Cristo. Ver o artigo sobre os *Dons do Espírito* e o artigo sobre a *Fé*.

Embraçando sempre. Melhor tradução ainda dessas palavras seria, *além de todas essas coisas*, isto é, em adição àquilo que Paulo já havia ordenado.

Escudo. Segundo o original grego, temos aqui o grande escudo de forma oblonga, *thura*, por assemelhar-se muito a uma porta. Esse escudo, que era tão grande que protegia o corpo inteiro do soldado, serve de metáfora excelente para a grande proteção que nos é conferida pela fé. Normalmente, esse tipo de escudo consistia de duas camadas de madeira, recobertas de lona e então de couro, embora houvesse variações em sua fabricação. Era o escudo usado pelos soldados pesadamente armados, o que está de conformidade com a metáfora geral aqui exposta pelo apóstolo dos gentios. Esse era igualmente o escudo para o qual as mães gregas apontavam e diziam a seus filhos, que partiam para a guerra: «Volta para casa e traz esse escudo contigo, ou volta nele». Isso porque tal escudo era suficientemente grande para nele ser transportado um cadáver, como se fosse uma maca. Ver o trecho de Sal. 5:12: «...e, como escudo, o cercas da tua benevolência». (Ver também o *Anábasis*, de Xenofonte, i.8,9, onde ele descreve que os soldados egípcios usavam escudos grandes que lhes chegavam aos pés).

Apagar todos os dardos inflamados do maligno. Essas palavras aludem aos dardos munidos de uma mecha em chamas, um método de combate que se prolonga desde os tempos antigos —até os tempos modernos. (*Heródoto*, viii.52, diz, descrevendo o ataque dos persas contra uma fortaleza grega em Atenas: «...com flechas às quais haviam sido amarradas uma mecha em chamas...atiram contra as barricadas». Outro tanto diz Tucídides ii.75: «Os plateanos levantaram um arcabouço de madeira, que puseram no alto de sua própria muralha, defronte do cômoro...Também dependuraram cortinas de peles e de couros na parte da frente, tudo com o propósito de proteger o arcabouço de madeira e os trabalhadores, como se fosse um escudo contra os dardos inflamados»).

Lívio descreve o uso de um imenso dardo, quando do cerco de Sagunto. Esse dardo era atirado mediante um conjunto de cordas retorcidas. Chamava-se *falarica*. Sua haste era feita de madeira de abeto, e sua ponta era de ferro, com quase um metro de comprimento, de modo que pudesse perfurar a armadura de qualquer soldado e atravessar-lhe o corpo. No meio era munido de uma mecha inflamada,

de tal modo que ainda que o escudo aparasse tão mortífero míssil, as chamas obrigavam o soldado a desfazer-se de seu escudo, deixando-o sem defesa e vulnerável a outro ataque. (Ver *Lívio*, xxi.8).

Tochas em chamas também eram usadas, algumas vezes com piche, juntamente com os dardos inflamados, e assim, a ala inteira do exército que avançava parecia uma grande fogueira. Tais flechas em chamas, e outros mísseis similares, fazem-nos pensar sobre as tentações lançadas pelo diabo, com toda a sua fúria. Talvez tais tentações sejam aqui retratadas como algo que vem de longa distância, mas que atacam repentinamente, com todo o vigor. No dizer de Vincent (*in loc.*): «Parece haver um indício sobre sua propagação: um pecado atrai a outro, que também ataca; a chama do dardo inflamado não tarda a espalhar-se. As tentações atuam sobre material susceptível. A autoconfiança é combustível fácil. A fé, porém, que elimina a dependência do crente de si mesmo, retira o combustível da frente do dardo. Antes, cria a sensibilidade para as influências santas, mediante as quais a força da tentação é neutralizada. A fé chama em nosso socorro a ajuda de Deus. (Ver I Cor. 10:13; Luc. 22:32; Tia. 1:2; I Ped. 4:12 e II Ped. 2:9)».

«O problema mais profundo criado pela pecaminosidade humana não consiste do 'que' se faz, e, sim, do 'por que' se faz. Por que o alcoólatra cede à tentação de beber? Por que o fariseu se mostrava orgulhoso? Por que todos nós somos vítimas dos 'dardos inflamados do maligno'? A resposta final não seria a falta de confiança em Deus? A moderna psicologia em profundidade pode sair aqui em auxílio da análise cristã. O alcoolismo se pode explicar com base na insegurança, no temor e na culpa. Esse vício oferece um meio de escape às exigências da entrevista entre Deus e o homem. E o escape, por sua vez, é um sintoma de ausência de fé. É preciso coragem para nos apresentarmos em juízo e enfrentarmos o nosso próprio 'eu'. Somente a confiança no Deus de amor—uma confiança como a que teve em seu pai o filho pródigo—pode vencer a covardia da incredulidade. E o alcoolismo é meramente uma ilustração relativamente clara de uma verdade maior. A inveja e o orgulho, por exemplo, se originam da mesma raiz de ausência de confiança. O Senhor Jesus dirigiu sua parábola sobre o fariseu e o publicano '...a alguns que confiavam em si mesmos...' (Lucas 18:9). Não há necessidade de outra comprovação mais vívida. Basta que se substitua a confiança em Deus pela confiança própria, para que o orgulho apareça como resultado necessário. Nesse caso o 'eu', julgando-se moralmente aperfeiçoado, transformou-se em um 'deus'. E esse 'deus' precisa ser protegido de todo e qualquer ataque, acima de tudo, de todo ataque contra a perda da estima própria. Daí se origina o orgulho. Mas a fé em Deus indica — a rendição do próprio 'eu'. Até mesmo da parte dos aristocratas morais, isso significa que ele deve reunir-se em coro à oração feita pelo publicano: Ó Deus, sê propício a mim, pecador». (Wedel, *in loc.*)

Prossegue esse mesmo autor: «A mesma coisa que se pode dizer acerca do orgulho, pode ser dito com relação a qualquer outro catálogo de pecados. A igreja cristã não poderia realizar um maior serviço aos homens de nosso período perturbado e desesperador, do que estender-lhes novamente a graça da 'fé'. A fé, por si mesma, é um dom. Nenhum evangelho de obras pode produzir tal resultado. A fé requer a mediação de uma estrutura de fé, a comunhão da confiança, na obediência. E é somente dentro da comunhão da fé que se pode destronar com segurança os deuses falsos do homem autônomo. Quebrar ídolos, porém, é um negócio perigoso. A fé é o tesouro supremo, confiado aos cuidados do povo de Deus, a igreja».

Sim, aprendemos que a fé é capaz de conquistar (ver I Ped. 5:9), de vencer o mundo (ver I João 5:4), e até mesmo de derrotar o «príncipe deste mundo», Satanás (ver I João 5:18).

Do maligno. Essas palavras podem ter um sentido impessoal, indicatórias do mal em geral; mas provavelmente, porém, devemos compreendê-las de maneira pessoal, como uma alusão a Satanás, o «maligno», o que é favorecido pelo contexto geral desta passagem. (Ver os trechos de Mat. 5:3 e João 17:15). O nosso conflito é contra inimigos «pessoais», contra seres maldosos, e Satanás é aqui retratado como quem lança contra nós seus dardos inflamados.

Apagar. O escudo grande, usado pelos infantes gregos e romanos, apesar de fabricado de madeira, era recoberto de couro ou com uma lona grossa, que não queimava facilmente, o que significa que quaisquer dardos inflamados eram apagados. Portanto, de maneira simbólica, os assaltos inflamados de Satanás são frustrados, e o crente é protegido pela sua fé, que se alicerça em sua fidelidade ao Senhor.

Ouvi a difamação de muitos; havia terror por todos os lados,
Mas confiei em ti, ó Jeová. Disse eu: Tu és o meu Deus!

5. O Capacete: Salvação. Efé. 6:17.

Cumpre-nos observar aqui a modificação do verbo, *tomai*, ao passo que em Efé. 6:11 é «vestindo-vos». Todas as demais peças da armadura o soldado também tomava e vestia. A armadura era posta no chão, peça por peça, e o soldado ia colocando as diversas peças de seu equipamento. Mas, agora, já protegido inteiramente por sua cota de malhas, lhe é entregue tanto o capacete como a espada, por seu escudeiro. Esse simbolismo é apropriado para mostrar a salvação e a presença inteira do Espírito Santo, conforme se entende através da teologia paulina. Pois um homem não toma e se veste dessas realidades espirituais; antes, recebe-as da parte de Deus, como se não pudesse fazê-los com as suas próprias forças. Isso é assim porque a salvação é um *dom gratuito*, recebido da parte do Senhor Deus; e o próprio Espírito Santo é dom de Cristo, «dado» àqueles que lho pedem. O Espírito Santo é conferido ao crente a fim de conferir salvação mais completa, no sentido de ser recebida mais uma bênção decorrente da expiação pelo sangue de Cristo. E a fim de cumprir isso, o Senhor também nos dá a «espada de Deus», que é a mensagem divina concernente a Cristo Jesus. É esta outorga ao soldado cristão todas as bênçãos espirituais, sendo usadas por ele para abençoar a outros, já que se trata de uma arma ofensiva. Não obstante, essa *espada do Espírito* também é arma de defesa, visto que contém aqueles preceitos que preservam a experiência da salvação, ajudando na batalha contra o mal.

A idéia de um *capacete da salvação* se alicerça em Isa. 59:17, que mui provavelmente é uma passagem messiânica, pois retrata o Messias protegido com um capacete assim, ao lançar-se em sua missão para derrotar os adversários de seu povo. O capacete protege a cabeça, e Cristo é o Cabeça. Ora, nos homens, a porção mais vulnerável e vital do corpo é exatamente a cabeça. Por conseguinte, a salvação é aquele capacete que protege o ser vital de ser desintegrado sob os efeitos condenadores do pecado. Devemos notar que, no trecho de I Tes. 5:8, o capacete aparece como «a esperança da salvação», que

não pinta a salvação como incerta, mas antes, mostra-nos que seu cumprimento principal ainda é futuro, e, portanto, algo pelo que embalamos esperança. E isso está de acordo com o ponto de vista sobre a salvação. Ver o artigo sobre a *Salvação*.

Do que Consiste a Salvação?

1. Ela começa pela justificação e pela fé (ver Rom. 5:1).
2. Ela começa quando da conversão (ver João 3:3).
3. Ela começa quando do arrependimento (ver Atos 2:38).
4. Ela floresce através da santificação (ver I Tes. 4:3).
5. Alcança fruto em nosso ser transformado, segundo a imagem e natureza de Cristo, mediante as operações do Espírito (ver Rom. 8:29).
6. Ela nos conduz de um estágio de glória para outro, num processo eterno (ver II Cor. 3:18).
7. Envolve o fato de que nos tornamos co-herdeiros do Filho de Deus (ver Rom. 8:17).
8. Envolve a participação na natureza divina e seus atributos (ver II Ped. 1:4 e Efé. 3:19).

6. Espada do Espírito: A Palavra de Deus. Efé. 6:17.

Espada do Espírito...a palavra de Deus. O Espírito Santo, em nós residente, utiliza-se da *palavra* para nossa vantagem. Não podemos ignorar aqui o fato espiritual da presença íntima do Espírito de Deus (ver Efé. 2:21,22), pois é somente através do poder do Espírito Santo que a Palavra de Deus nos oferece qualquer utilidade. O Espírito Santo nos dá a Palavra e a torna eficaz em nós, dando vigor ao uso que fazemos dela. Também é o Espírito do Senhor que interpreta os preceitos da mensagem de Cristo para nós, tornando-os reais em nossas vidas. Em suma, é o Espírito Santo quem torna a Palavra de Deus uma força viva e vital em nossa vida diária. A Palavra é vitalizada pelo Espírito Santo. E isso é que eleva o cristianismo acima de todas as demais religiões, acima de qualquer filosofia, pois não consiste apenas de «conceitos», embora também envolva esse aspecto, mas é um caminho vivo e místico, o que significa que ali temos contato genuíno com o Senhor Deus. Portanto, suas obras, em prol da vida e do poder de Deus em nós, são dadas aos crentes, no decurso da vida cristã, o que assegura o sucesso dessa vida. Por essa razão é que a Palavra é chamada de *espada do Espírito*.

A Palavra de Deus

1. Essa expressão, algumas vezes, aponta para o A.T., mas nunca para o Novo Testamento, porquanto a formação do cânon neotestamentário, só teve lugar após estar completo, como um documento escrito.

2. Usualmente, nas páginas do N.T., essa expressão indica «a mensagem oral do evangelho» (ver I Ped. 1:25). Isso também se patenteia em Rom. 10:17.

3. A palavra de Cristo, também pode indicar aquele corpo de doutrina e de conceitos que circundam a pessoa de Cristo, em seus ensinamentos, em suas instruções, etc., que algumas vezes têm algo a ver com a moralidade e a conduta de nosso viver diário.

4. Examinar as seguintes expressões paralelas:
   a. Palavra de Promessa, em Rom. 9:9
   b. Palavra de fé, em Rom. 10:8
   c. Palavra da verdade, em Efé. 1:13
   d. Palavra de Cristo, em Col. 3:16
   e. Palavra de justiça, em Heb. 5:13
   f. Palavra de profecia, em II Ped. 1:19
   g. Palavra de vida, em I João 1:1

5. A Palavra é vivificada pelo Espírito, tornando-se assim uma força impulsionadora para o bem (ver Heb. 4:12). A maioria dos usos neotestamentários é de natureza evangelística, tendo alguma referência ao evangelho pregado pelos apóstolos, à nova fé religiosa, a qual posteriormente, assumiu forma escrita no N.T. Algo como esse uso, provavelmente é o que está em pauta no presente texto. Esse vocábulo aponta para a espiritualidade, para sua criação e desenvolvimento.

É mister esclarecer aqui que os «dois gumes» da Espada do Espírito não são a *lei* e o *evangelho*, porquanto tal interpretação é totalmente contrária à mensagem do N.T. Não obstante, a lei condena, e isso tem seu devido valor, para levar os homens a se entregarem a Cristo.

A idéia que a Palavra de Deus é uma *espada* foi tomada por empréstimo da interpretação rabínica. Por exemplo, o comentário dos rabinos (a *Midrash*), diz com respeito ao trecho de Sal. 45:3: «Cinge a espada no teu flanco, herói...» que: «Isso se refere a Moisés, que recebeu a Torah, que se assemelha a uma espada». (*Rabino Judá*, 150 D.C.). E acerca da «espada de dois gumes», que figura em Sal. 149:6, o comentário rabínico diz: «Essa é a Torah, escrita e oral». E a versão da Septuaginta traduz o trecho de Isa. 11:4, que diz: «...ferirá a terra com a vara de sua boca...», como «...com a espada de sua boca...» (Isso pode ser confrontado ainda com o trecho de II Tes. 2:8).

7. Oração, Arma Ofensiva, sem um uso Metafórico: Efé. 6:18.

A oração é o sistema de comunicação que liga os soldados a seu Capitão. Assim, a ajuda dele é garantida. Era costume, entre os antigos gregos e romanos, depois de terem se revestido de suas armaduras, comeram juntos e precederam o ataque com uma súplica feita aos deuses, pedindo o sucesso. Esse costume se reflete em Efé. 6:18. Ver o artigo sobre *Oração*.

Metáforas:

1. A *armadura*, com todas as suas peças, simboliza os recursos espirituais, de tal modo que a pessoa possa lutar contra os adversários espirituais da alma (ver Efé. 6:13).

2. O *cinto* é a verdade do evangelho, a mensagem que vence o mal (ver Efé. 6:14).

3. O *peitoral* representa a retidão, a transformação da alma por meio da justiça de Cristo, mediante o que assumimos a Sua natureza moral (ver Efé. 6:14). Comparar com Isa. 59:17. Em I Tessalonicenses 5:8, o peitoral envolveria a *fé* e o *amor*.

4. Os *pés calçados* simbolizam o evangelho da paz, o qual, mediante nossos esforços é transportado a todas as nações, e assim produz a paz que resulta da reconciliação com Deus (ver Efé. 6:15).

5. O *escudo* da fé representa não somente aquilo em que cremos, mas nossa ativa confiança em Cristo, dia-a-dia, mediante a qual nos fortalecemos e cumprimos nossa missão (ver Efé. 6:16). Essa fé ajuda-nos a afastar os ataques do inimigo, que querem destruir nossa fé e nossa expressão espiritual.

6. O *capacete* da salvação, que protege nossa parte mais vital, a cabeça (ver Efé. 6:17). A salvação consiste em mais do que o perdão dos pecados e a transferência final para o céu. Envolve a transformação de nosso ser de acordo com a imagem de Cristo,

incluindo, finalmente, a nossa participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4 e II Cor. 3:18).

7. A *espada*, que é a Palavra de Deus, não meramente a Palavra escrita, a Bíblia, mas a própria mensagem de Deus, de qualquer forma que Ele prefira comunicá-la. E, no contexto do Novo Testamento, especificamente, a mensagem do evangelho, que salva a alma e fortalece o crente (ver Efé. 6:17).

8. A *oração* é apresentada como uma espada ofensiva, sem correspondência com qualquer peça específica de uma armadura, em Efésios 6:18. Através da oração comunicamo-nos com nosso General em meio à batalha, recebendo Suas instruções e Seu fortalecimento. Nos tempos modernos, a oração poderia simbolizar os *meios de comunicação*, em toda a sua complexidade. Nos tempos antigos, poderíamos pensar sobre como os soldados, antes da batalha, reuniam-se para dirigir súplicas aos deuses, para serem protegidos e obterem a vitória na batalha. Além disso, as antigas estórias retratavam a intervenção dos deuses diretamente nos campos de batalha, em resposta às preces dos soldados; e em algumas vezes, há alusão à participação direta dos deuses, nas batalhas. O Antigo Testamento refere-se a incidentes em que Deus interveio diretamente em certas batalhas, a fim de ajudar Israel. A travessia do Mar Vermelho é o incidente mais notável desse tipo de intervenções. A oração traz até nós a ajuda divina de que precisamos a fim de sermos bem-sucedidos em nossa luta contra o mal, e a fim de ultrapassar os obstáculos que tentam impedir o nosso desenvolvimento espiritual.

9. *A colocação da armadura.* A descrição paulina das várias peças de uma armadura, em Efésios 6, segue a ordem de colocação da armadura dos antigos soldados, quando se preparavam para entrar em batalha. O ato de armar-se (pôr a armadura) representa nosso uso dos vários meios de desenvolvimento espiritual, como o treinamento do intelecto através de livros sagrados e piedosos, da oração, da meditação, da santificação, da vida segundo a lei do amor e das boas obras, bem como do contato místico com o ser divino.

10. *A flecha.* Ver o artigo separado sobre essa arma.

Nota: As várias peças de uma armadura, a história e o emprego das mesmas e muitos outros detalhes, são discutidas no NTI, em Efé. 6:11-17.

11. *A metáfora da batalha.* O bom crente é um soldado que sabe enfrentar as durezas da vida cristã, alguém bem disciplinado (ver II Timóteo 2:3,4). Outrossim, ele foi chamado (convocado) pelo Comandante supremo. Daí deriva-se sua grande responsabilidade de treinar, de preparar-se e de estar pronto para lutar o bom combate da fé, acerca do que Paulo pôde dizer que se saíra bem-sucedido (ver II Tim. 4:7). Há uma batalha sobrenatural na qual estamos empenhados, e que se impõe sobre nós, embora queiramos estar envolvidos ou não (ver Efé. 6:11). Satanás encabeça a oposição, tendo ao seu dispor muitos estratagemas da astúcia, que nos poderiam derrotar, não fora a provisão divina em nosso favor. O crente carnal está perdendo batalhas dentro de si mesmo, porquanto está cheio das paixões da carne, que combatem contra a sua alma (ver I Ped. 2:11). Aqueles que foram ordenados como líderes da Igreja têm a responsabilidade especial de «combater o bom combate» (ver I Tim. 1:18), guiado por uma consciência especialmente sensível, consciência essa que, por ser negligenciada por alguns, fazem-nos naufragar (ver I Tim. 1:19). A provisão espiritual é a «armadura» de luz, porquanto procede do Pai das luzes e seu uso nos conduz à eterna iluminação (ver Rom. 13:12). (AL I IB NTI YAD)

ARMAGEDOM

Sete Visões dos Adoradores do Cordeiro e da Besta, Apo. 14:1-20.

O Armagedom, a colheita, Apo. 14:14,16.

Tendo mencionado quão «imediato» será o galardão dado aos mártires, o autor sagrado agora passa para o castigo decisivo de homens maus e irracionais, no fim do período da tribulação, a batalha do Armagedom. (Comparar com Apo. 16:16, onde esse termo é usado). O Armagedom será uma espécie de *colheita*, pelo que o simbolismo da colheita é empregado neste ponto. Em Mat. 13:24 e *ss* , o julgamento também é assemelhado a uma *colheita*; e ali também estão envolvidos os anjos, bem como na seção seguinte. (Ver também Mat. 24:31). Os anjos «recolherão» aos eleitos. A predição constante em Isa. 63:6, de que o sangue da vida das nações será derramado sobre a terra, é aqui elaborada, e o vigésimo versículo quase certamente situa isso dentro da batalha de Armagedom, talvez incluindo os eventos que conduzirão a tal ocorrência, sobretudo aquilo que tiver causado sofrimentos à igreja e à nação de Israel. Devemos supor que, originalmente, o vidente João tinha em mente o culto ao imperador e o domínio romano. E visto que o mundo inteiro se imiscuiu com essa horrenda idolatria, todas as nações terão de sofrer. João antecipou a destruição de todos os poderes ímpios, de alguma forma juntamente com a destruição de Roma. Mas, se em Apo. 17:18,19, ele esboçou elaboradamente a queda de Roma, mediante sete visões, não nos explica qual será o *modus operandi* da destruição dessas nações ímpias. Sabemos, contudo, que isso ocorrerá quando da segunda vinda de Cristo, a qual terá início no Armagedom. João esperava isso para breve, porquanto não esperava que houvesse uma longa era da igreja, conforme tem sucedido. Profeticamente falando, esta passagem fala sobre o tempo quando o anticristo houver obtido controle do —mundo inteiro—, mediante a força e os encantamentos; mas tudo terminará em uma imensa tragédia para todos, pois as nações farão oposição a Deus, por haverem dado sua lealdade ao anticristo.

Alguns estudiosos vêem a passagem diante de nós como uma «antecipação» dos juízos que ainda sobrevirão, especialmente os juízos das «taças», como se isso não tivesse nenhuma ligação com o Armagedom. Porém, a cena que temos aqui é vasta demais para harmonizar-se com quaisquer juízos preliminares. Portanto, devemos supor que aqui o autor sagrado antecipava o fim real, antes dele descrever juízos secundários que o precederão. Nada de estranho há em tudo isso, no presente contexto. O vidente já descrevera o *julgamento eterno*. Agora ele descreve aquele terrível julgamento geral, portanto, é favorável à menção ao Armagedom, neste ponto.

Alguns têm considerado esta passagem como um quadro do julgamento eterno, ou seja, da *colheita final*. Mas, já que o vigésimo versículo parece fazer disso algo essencialmente terreno, alguns têm rejeitado a passagem como se fora uma interpolação, suspeitando que a mesma esteja fora de sua exata

pósição original. É mais provável, entretanto, que João simplesmente tenha antecipado aqui o juízo final, para então prosseguir em suas descrições sobre os juízos decisivos contra o anticristo, em oposição ao verdadeiro Cristo, o Filho do homem. Se assim é o caso, então este trecho é paralelo a II Tes. 2:8, e até mesmo uma versão expandida daquela passagem. E, tal como naquela passagem, a derrota do anticristo faz parte da *parousia* ou segundo advento de Cristo, não sendo mero acontecimento antecipatório.

Armagedom. Essa palavra não figura em Apo. 14:14-16, mas pensamos que esta passagem é paralela ao décimo sexto capítulo do Apocalipse, onde o tema é repetido. (Ver Apo. 16:16 e seu contexto geral). Quanto à própria localização geográfica do Armagedom, os intérpretes não chegaram a um consenso geral. Alguns pensam que o vocábulo significa «monte de Megido», outros, «cidade de Megido», outros, «monte da assembléia», e ainda outros, «sua colina frutífera». O primeiro caso é a interpretação mais comum. Nos dias de João, havia um cômoro próximo de Megido, com cerca de cento e doze metros de altura, nas vizinhanças da serra do Carmelo. (Ver, em Juí. 5:19, as *águas de Megido*, e em II Crô. 35:22, «o vale da planície de Megido»). Importantes batalhas foram travadas ali, durante a história de Israel, e é perfeitamente possível que esse termo, por essa razão, se tenha tornado simbólico da grande batalha que, finalmente, libertará Israel de seus inimigos e dará o triunfo ao Messias de Israel, o Senhor Jesus Cristo, sobre o anticristo, o último e pior dos perseguidores de Israel. (Ver Eze. 39:1,4, acerca dos «montes de Israel», a cena da derrota das forças de Gogue). O termo Armagedom veio a ser aplicado a qualquer guerra ou batalha de grande força destruidora, mas, biblicamente falando, refere-se somente à batalha decisiva que porá fim, por assim dizer, ao antigo ciclo terrestre, permitindo o começo do reino milenar do Senhor Jesus.

No A.T., a planície de Esdrelom, associada ao local do Armagedom, foi o palco de várias importantes batalhas na história de Israel. Ali Baraque obteve grande vitória sobre Canaã, e Gideão sobre Midiã (ver Juí. 4,5 e 7). Saul também morreu ali, tendo sido derrotado pelos filisteus (ver I Sam. 31). Josias também morreu ali, em sua batalha contra Faraó Neco (ver II Reis 23:29,30). Apesar da palavra «Armagedom» certamente simbolizar todo o conflito final das nações, umas contra as outras, e de todas as nações contra Cristo, cremos que a área real da planície de Esdrelom será o principal campo de batalha, embora certamente não venha a ser o único, na guerra final.

Conforme se compreende a profecia, haverá uma outra Guerra Mundial, que ocorrerá em cerca de 1999, entre a federação de dez reinos, encabeçada pelo anticristo, e a União Soviética e seus aliados. A Rússia ocupará Israel e as terras circunvizinhas, a fim de pôr fim ao conflito contínuo entre Israel e os árabes, mas também para tirar benefícios próprios, inclusive o domínio do petróleo do mundo. O anticristo fará objeção a essa ocupação, e movimentará tropas de sua federação de dez reinos contra as forças russas. A União Soviética fará chover bombas atômicas nas cidades costeiras dos Estados Unidos da América, bem como em muitas cidades européias. A federação dos dez reinos fará retaliação, incluindo os Estados Unidos da América, que será um dos membros dessa federação. A humanidade temerá por sua própria existência, e não sem razão. As forças russas serão aniquiladas na Palestina. Os israelenses, vendo ali o sinal do Filho do homem, bem como o próprio Cristo, corporalmente, reconhecerão que aconteceu devido a uma *intervenção* divina, como aquela que houve no mar Vermelho. Israel haverá de converter-se em peso, como uma nação, passando a proclamar a Jesus de Nazaré, oficialmente, como o Messias. Mas isso ainda não será o Armagedom, ou, pelo menos, será somente uma parte. O Armagedom será uma matança ainda maior, uma Quarta Guerra Mundial, que também culminará na Palestina. Dessa vez, a *China*, após ter feito muitas conquistas de territórios na União Soviética e na Ásia, invadirá a Palestina com uma horda de milhões. Mas o anticristo prevalecerá novamente. Esperam os místicos contemporâneos que isso ocorra em 2020 ou mais tarde. O anticristo será destruído, e uma nova era (o milênio) será instaurada. Não sabemos muito acerca dos detalhes sobre tudo isso, mas provavelmente esse é o esboço geral dos acontecimentos finais. Será uma época terrível. Nossos filhos certamente passarão por ela, se não até mesmo nós. Terão de ser crentes melhores do que somos, se quiserem resistir incólumes, espiritualmente falando, naqueles dias horrendos. Nossa tarefa é prepará-los para isso. O Armagedom assinalará o começo da *parousia* ou segundo advento de Cristo.

Pode ser que a Terceira e Quarta Guerras Mundiais possam ser consideradas *estágios* de Armagedom.

ARMEIRO

Esse era o servo que transportava armas extras para os comandantes dos exércitos. São mencionados por dezoito vezes no Antigo Testamento. Ver Juízes 9:54; I Samuel 14:7-17; 16:21; 31:4-6; II Samuel 18:15; 23:37; I Crônicas 11:39. Um outro dever dos armeiros era de matar os inimigos feridos, geralmente com cacetes. Diversos dos reis de Israel ordenaram que seus armeiros os matassem, quando sob circunstâncias muito adversas. (Z)

ARMÊNIA

Essa palavra não aparece na maioria das traduções da Bíblia, mas a área assim chamada é aludida sob os nomes de *Ararate* (ver o artigo a respeito) e *Mini* (ver Jer. 51:27), este último lugar mencionado juntamente com Ararate e Asquinaz, como um reino chamado às armas contra a Babilônia. Alguns supõem que Mini seja uma contração para Armênia. Seriam os descendentes de Togarma ou Torgama (havendo várias maneiras de grafar o nome), filho mais jovem de Gômer, o filho de Jafé (ver Gên. 10:3). Presumivelmente, os armênios descenderiam dessa linhagem, juntamente com certos outros povos. A Armênia dos tempos veterotestamentários era uma região montanhosa a leste da Ásia M., desde tempos antigos, ocupada pelo reino de Urartu (ver Ararate). Uma inscrição do fim do século VI A.C., em Behistum, mandada fazer por Dario, demonstra a transição do nome para *arminiya*, chamada *urartu*, na versão babilônica. A versão armênia de Elefantina diz *'rrt*. Algumas traduções trazem Armênia, em II Reis 19:37, mas Ararate (derivado de Urartu), é o nome preferido. O artigo sobre Ararate provê mais detalhes a respeito. (S UN Z)

ARMINIANISMO

Deriva-se do nome próprio de Jacó Hermano, no latim, Arminio (1560-1609), que foi um teólogo holandês. Ver o artigo a respeito dele. Recebeu uma

estrita educação reformada, tipo calvinista, embora começasse a duvidar de vários artigos de fé. Sua busca independente pela verdade levou-o a escrever um documento intitulado *Remonstrance*, que consistia de cinco artigos: 1. Deus elege ou reprova com base na fé ou na incredulidade previstas. 2. Cristo morreu por todos e por cada homem, embora somente os crentes serão salvos. 3. O homem é tão depravado que a graça divina é necessária tanto para a fé como para as boas obras. 4. Pode-se resistir à graça divina. 5. Se todos os verdadeiros regenerados perseveram com certeza na fé, é uma questão que exige maior investigação.

Esses pontos de vista causaram considerável discussão, e o sínodo de Dort (1618-1644) os condenou. Todavia, foram mantidos e chegaram a evoluir, especialmente na Holanda, mediante o esforço de pensadores como H. Uytenbogaert (1557-1644), Episcópio (1583-1643), Curcelaeus (1586-1659), Hugo Grótio (1583-1645), Limborch (1633-1712) e outros. Esses homens foram os primeiros líderes do arminianismo, noção que tomou conta de várias denominações evangélicas na época e até hoje. Quarenta e cinco ministros iniciais (apelidados *remonstrantes*; ver o artigo a respeito), iniciaram a cruzada em favor do arminianismo.

Principais doutrinas de Arminio:

1. O conhecimento que Deus tem dos atos futuros dos livres agentes não é a causa desses atos. O fato que Deus prevê não é a causa dos acontecimentos.

2. Os decretos de Deus repousam sobre Sua presciência, pelo que a eleição é baseada na fé prevista, e a reprovação é baseada na incredulidade e na desobediência dos incrédulos.

3. O homem predomina sobre criaturas inferiores porque há nele a imagem de Deus.

4. Adão foi criado na inocência, mas não em verdadeira santidade.

5. O pacto de obras foi ab-rogado após a queda.

6. O pecado consiste em atos da vontade, que se tornou rebelde.

7. A pecaminosidade é por nós herdada de Adão, mas sua culpa não é imputada aos homens.

8. A reprovação do homem, resultante da queda, não é total.

9. Portanto, o homem reteve a faculdade de autodeterminação, e sua vontade pode inclinar-se para o bem, e não para o mal.

10. A expiação se fez necessária para expor somente uma das maneiras como Deus pode manifestar Seu amor, sem prejuízo de Sua santidade.

11. A expiação é universal, mas a vontade pervertida pode rejeitar essa provisão.

12. A graça é uma só: não há graça comum que a distinga da especial.

13. Graça universal e suficiente segue a pregação do evangelho; todos podem reagir favoravelmente ou não, segundo a vontade de cada um. A graça não é irresistível em qualquer caso.

14. A regeneração origina-se no arrependimento e na fé.

15. A vontade humana é uma das causas da regeneração.

16. A fé é uma boa obra humana, base de aceitação diante de Deus.

17. A justiça de Cristo não é imputada ao crente.

18. Nesta vida, o crente pode chegar à perfeição impecável, conformando-se à vontade divina, com a cooperação de sua vontade.

19. O indivíduo pode cair da graça e perder a salvação que antes possuía.

20. O amor é o atributo supremo de Deus, a essência mesma de Seu ser.

21. O alvo da criação é a felicidade (eudaemonismo).

22. O homem foi criado naturalmente como um ser moral.

23. A expiação é rectoral ou governamental (ver o artigo sobre a *expiação*), o que significa que a expiação não é estritamente vicária e penal, e, sim, uma realização simbólica que visa a salvaguardar os interesses do governo moral de Deus, ao mesmo tempo que abre a possibilidade de salvação, alicerçada sobre a obediência evangélica.

24. Plena certeza de salvação não é possível nesta vida, exceto mediante a revelação ou iluminação individuais.

Como é óbvio, a teologia arminiana dá lugar especial ao livre-arbítrio humano, bem como à força de vontade necessária para serem feitas escolhas certas. Essa doutrina surgiu como protesto contra os dogmas da eleição incondicional e da graça irresistível. Nessas doutrinas, parece estar ausente o amor de Deus, sendo que um programa de terror envolve o mundo inteiro, pois, desde o princípio, a própria existência é maligna e trágica (exceto para o grupo numericamente insignificante dos eleitos). O calvinismo contém grande dose de *voluntarismo* (ver o artigo), isto é, algo é direito porque assim o Senhor determinou, embora nos pareça errado. Porém, poderia ser indagado se Deus faz tais coisas como uma reprovação incondicional, desde a eternidade passada, ou se os homens é que dizem que Deus assim age. O homem tem a tendência de conceber Deus segundo a sua própria imagem, e todas as teologias têm muitos elementos devidos a esse fator. Sempre se podem encontrar textos de provas para tais idéias.

O problema dos textos de prova. As doutrinas da eleição, da reprovação e da graça irresistível aparecem, realmente, nas páginas do Novo Testamento. Mas também são doutrinas neotestamentárias as noções contrárias do livre-arbítrio humano, do desejo divino de que todos os homens sejam salvos, da propiciação ilimitada, do supremo amor de Deus, e da responsabilidade humana. Encontramos nesse conflito um paradoxo, porque a verdade é mais ampla que qualquer de seus elementos constitutivos. Uma verdade mais ampla sobre o amor de Deus pode conter as idéias da eleição e do bem resultante da missão de Cristo, que beneficiará a *todos os homens*. O trecho de I Ped. 4:6 ensina que o evangelho foi pregado aos mortos, com a razão precípua de reverter seu estado de perdição, embora já se encontrassem no hades, lugar de juízo, do outro lado da fronteira da morte biológica. Assim, a morte biológica não seria o fim da oportunidade de salvação. Essa é uma verdade que o calvinismo e o arminianismo têm negligenciado, mas que era comum nos escritos dos pais gregos da Igreja, na Igreja Ortodoxa Oriental, além de ser uma doutrina comum para os anglicanos. Assim, não podemos esperar que alguma denominação evangélica chegue a exibir uma posição doutrinária que estabeleça um credo capaz de responder a todas as perguntas, fazendo com que aquela denominação seja a melhor ou a única. Todos os credos e denominações têm suas mesclas especiais de verdade e erro. A eleição incondicional pode exprimir uma verdade, se Deus também faz algo de significativo *quanto aos demais homens*. O trecho de Efé. 1:10 quase certamente alude a uma *restauração* geral. Assim, a eleição poderia ser o motivo da salvação de alguns, ao

passo que a restauração destinaria seus beneficiários a uma glória secundária, envolvendo todo o resto da humanidade, mas sem que isso envolva a salvação. Tendo feito esse tipo de provisão, Deus não poderia ser considerado injusto se chamasse apenas alguns para um propósito especial, os quais chegariam a participar da natureza divina (ver II Ped. 1:4), ao passo que os demais receberiam um benefício secundário que incluísse uma glória significante.

Devemos notar que o trecho de Efé. 1:10 alude ao «mistério da vontade de Deus». A palavra *mistério* envolve algum *decreto divino*, que acabara de ser revelado. (Ver o artigo a respeito). Isso significa que até haver sido escrita a epístola aos Efésios, não fora expressa a vontade mais abrangente de Deus em algum escrito inspirado. E, sem dúvida, há inúmeros aspectos da vontade de Deus que permanecem desconhecidos para nós. Portanto, nossas doutrinas evoluem devido a acréscimos ocasionalmente feitos, e isso surpreende a muitos. Há verdades divinas que ultrapassam o calvinismo e o arminianismo. Essas verdades sempre figuraram nas páginas do Novo Testamento, tendo sido reconhecidas por outros ramos da Igreja cristã. Ver o artigo sobre a *restauração*. (AJ B E H NTI)

ARMÍNIO, JACÓ

Teólogo holandês (1560-1609), nasceu em Oudewater, no sul da Holanda. Estudou na Universidade de Leiden, então em Genebra, e foi ordenado no ano de 1588. De 1603 até sua morte, foi professor naquela universidade. Um de seus mestres foi o reformador Teodoro Beza, sucessor de Calvino. Isso posto, ele esteve sob a influência do *calvinismo* (ver o artigo), em Genebra. Sua teologia, pelo menos em parte, pode ser considerada uma revolta contra certos elementos que ele considerava contrários à razão e ao sentido teológico. Arminio conseguiu seguidores, e em breve estava florescendo uma escola de pensamento que seguia suas idéias. Após a sua morte, seus discípulos cristalizaram suas idéias em um panfleto com cinco pontos, *Remonstrance*, onde é exposta a posição arminiana. Quanto a informações gerais sobre o *arminianismo*, incluindo os cinco pontos originais, ver o artigo desse nome. Esse panfleto foi publicado a 19 de outubro de 1609. Veio à existência a Igreja Remonstrante da Teologia Reformada, que tem raízes nos ensinos de Arminio. Ver o artigo sobre os *remonstrantes*.

Tanto o calvinismo quanto o arminianismo têm textos de prova extraídos da Bíblia. É seguro afirmar-se que essa controvérsia tem origens no próprio Novo Testamento. Não se trata de mero desenvolvimento histórico, quando os dogmas estavam se desenvolvendo. O problema do *livre-arbítrio* (ver o artigo) e do *determinismo* (ver o artigo) é um *paradoxo* (ver o artigo), a saber, uma afirmação de doutrina que parece autocontraditória. Os homens, sempre inclinados a arquitetarem um sistema teológico fácil e simplista, desprezam os paradoxos. Nem por isso, estes desaparecem. O calvinismo e o arminianismo são ambos meras tentativas para evitar diversos grandes paradoxos que têm algo a ver com a natureza humana: ela é livre ou escrava? É capaz ou não de buscar a Deus mediante seus poderes inatos? Ademais, esses dois sistemas existem por causa dos problemas relativos às *intenções de Deus*. Assim, Deus deseja salvar a todos, potencialmente; ou se satisfaz em salvar apenas alguns, permitindo que os demais pereçam? Ou Ele restaurará os perdidos e remirá os eleitos? (Ver o artigo sobre a *restauração*, que aborda esses problemas). Os homens acostumaram-se a ver Deus apenas com um olho. Tanto os calvinistas quanto os arminianistas são teólogos de um olho só. A missão salvatícia de Jesus Cristo é maior que qualquer desses grupos costuma contemplar. (AM B E HR P)

ARMOM

No hebraico talvez signifique **castanheira**. Essa palavra aparece entre as varas salpicadas que Jacó pôs defronte dos bebedouros, diante das ovelhas (ver Gên. 30:37). A castanheira era uma árvore bastante grande (ver Eze. 31:8 e Eclesiástico 24:19). Porém, as descrições dessa árvore parecem deixar claro que se trata do plátano (*Platanus Orientalis*), que aparentemente é nativa da Palestina. Outros conjecturam, embora com menos plausibilidade, que seria a faia ou o bordo. (S)

ARNÃ

No hebraico, **forte, ágil**. Provavelmente foi bisneto de Zorobabel, na linhagem de Davi (ver I Crô. 3:21), identificado no trecho de Lucas 3:27 pelo nome de Joanã, um antepassado de Jesus, cerca de 536 A.C. Algumas traduções refletem o texto massorético, que diz «filhos de Arnã», mas a Septuaginta diz «Orna, seu filho». (S Z)

ARNAULD, ANTOINE

Teólogo e filósofo francês (1612-1694). Nasceu em Paris, estudou em Sorbonne, e ali ensinou desde 1643 até sua expulsão, em 1656. Isso ocorreu quando ele passou a apoiar as idéias jansenistas (ver sobre o *jansenismo*), que ele compartilhava com Pascoal. Foi perseguido devido aos seus pontos de vista, e finalmente deixou a França e se estabeleceu em Bruxelas. Continuou promovendo o jansenismo e a filosofia cartesiana até a sua morte. Ver o artigo sobre *Descartes*, René.

Escritos. *A Arte de Pensar* (também chamado de *Lógica de Port Royal*), 1662; *Acerca de Idéias Verdadeiras e Falsas*, 1683.

Idéias:

1. Uma lógica não-aristotélica, seguindo o método cartesiano de dividir um problema em suas partes, partindo de conceitos simples para as idéias. Ele desenvolveu várias regras para orientar nesse processo.

2. A própria idéia de Deus deriva-se de Sua existência. Portanto, diz um homem: «Creio em Deus», não porque ele esteja sendo dirigido por seus desejos, mas porque na verdade há um Deus cuja própria existência nos inspira a idéia divina.

3. Contra Malebranche (ver o artigo a seu respeito), que ensinava que as idéias que pensamos estão em Deus, e que temos consciência direta dessas idéias. Arnauld ressaltava que essas idéias estão em nós (*idéias inatas*; ver o artigo), e que, quando verdadeiras, representam fielmente o mundo. (EP P)

••• ••• •••

ARNI

Um antepassado de Jesus, em Lucas 3:33, mas chamado Arão em Mateus 1:3, bisneto de Judá e ancestral de Davi (ver Rute 4:19 e I Crô. 2:9,10). (Z)

ARNÔBIO

Erudito, historiador e teólogo alemão (1666-1714). Foi professor de História Secular durante um ano, em Giessen; e então serviu como pastor em Werben e Perleburgo. Tinha veia poética, e traduziu as obras de vários místicos religiosos para a língua germânica. Também escreveu vários livros espiritualistas e uma História Eclesiástica, a primeira escrita em alemão. Defendia a interpretação espiritualista da história da Igreja cristã, e lançou um apaixonado ataque contra o cristianismo corrupto, tanto católico quanto protestante. Demonstrou como a corrupção na Igreja é um processo gradual. (E)

ARNOLD, MATTHEW

Suas datas: 1822-1888. Foi poeta e crítico literário inglês. Nasceu em Laleham e educou-se em Oxford, onde também se tornou professor. Mais tarde, tornou-se inspetor geral das escolas, cumprindo a tarefa por trinta e cinco anos. Era ardoroso proponente da cultura, o que fez por toda a sua vida.

Escritos: *Ensaios sobre a Crítica*, 1865; *Cultura e Anarquia*, 1869; *Paulo e o Protestantismo*, 1870; *Literatura e Dogma*, 1873; *Deus e a Bíblia*, 1875; *Ensaios Mistos* 1879; *Discursos na América*, 1885; *Ensaios sobre a Crítica*, 1888.

Idéias:

1. A cultura é a inquirição de nossa total perfeição, o completo conhecimento das mais elevadas idéias. A função da cultura é a crítica vinculada ao refinamento das noções e hábitos tradicionais, ou seja, «a paixão pela doçura e pela luz, a paixão para que estas prevaleçam».

2. A literatura é um dos principais fatores na promoção da cultura. A Bíblia é uma força cultural, mormente a ética cristã, que prevalece contra a crítica e reflete o espírito da cultura.

3. Ele encontrou três classes de pessoas, rotulando-as de: a. bárbaros; filisteus; c. populaça. Em cada uma dessas classes encontrou um remanescente salvável, que defenderia o espírito da cultura. Esses remanescentes devem ser encorajados por meio da educação, que é a principal tarefa do homem neste mundo.

4. Sua ética sofre forte influência por parte do cristianismo e do estoicismo.

5. Juntamente com Tennyson e Browning, ele aparece como um dos grandes poetas da era vitoriana, sendo considerado um dos quatro ou cinco maiores críticos literários da Inglaterra. A coletânea de suas obras abrange quinze volumes. (AM E P)

ARNOM

No hebraico, **murmúrio**. Um rio que formava a fronteira sul da Palestina Transjordaniana, separando-a da terra de Moabe (ver Núm. 21:13,26; Deu. 2:24; 3:8,16; Jos. 12:1; Isa. 16:2 e Jer. 48:20). Também formava a fronteira sul do território de Rúben (ver Deu. 3:12). Israel atravessou o Arnom na direção sul-norte, e ali conquistou territórios; mas essa conquista foi parcial e passageira. Nos tempos antigos, esse rio deve ter sido considerado importante. Ainda há traços de uma antiga estrada romana e de uma ponte. Mas o rio secou ao ponto de tornar-se um «wadi» (ribeiro seco), começando nas colinas do norte da Arábia e fluindo por 32 km na direção oeste, até entrar no Mar Morto, diante de Engedi; chega ali através de uma garganta pedregosa e precipitada, de pedras calcárias amarelas e vermelhas. Esse nome também é aplicado ao vale ou vales conhecidos como Wady Mojib, um tipo de trincheira enorme que atravessa o platô de Moabe, cortando-o ao meio. A pedra moabita (ver o artigo a respeito) indica que os moabitas viviam ao norte do wadi, nos tempos de Onri, dando a entender que a ocupação da terra, pelos israelitas, foi parcial e passageira. (S UN Z)

ARODI

No hebraico, asno selvagem. Um filho de Gade (ver Núm. 26:17 e Gên. 46:16), em cerca de 1856 A.C. Seus descendentes eram chamados aroditas, em cerca de 1700 A.C. (ID UN)

AROER

No hebraico, **desnudo**. Era nome de várias cidades no Antigo Testamento.

1. Uma cidade na margem norte do rio Arnom e, portanto, na fronteira sul do território designado às tribos de Rúben e Gade (ver Deu. 2:36; Jos. 12:2; 13:9), mas que antes pertencia aos amorreus (ver o artigo). Antes de terem sido desapossados, eles mesmos haviam deslocado os amonitas. Jeremias 48:19 menciona Aroer como uma cidade moabita. A antiga cidade estava localizada acerca de 23 km do Mar Morto, sendo conhecida como *'Ara'ir*. Ela é mencionada na vigésima sexta linha da pedra moabita, sendo evidente que a cidade continuou nas mãos dos moabitas até o tempo em que Jeremias profetizou contra ela. Isaías condenou a cidade juntamente com Damasco e Efraim (ver Isa. 17:2).

2. Uma das cidades edificadas (ou reedificadas?) pela tribo de Gade (ver Núm. 32:34). Em Josué 13:25 lemos que Aroer ficava «defronte de Raba» (de Amom), o que talvez indique que ficava para leste. O local não tem sido identificado, embora alguns estudiosos pensem que se trata da mesma cidade que a de número «1», acima.

3. Uma cidade ao sul de Judá, à qual Davi enviou presentes, após recuperar os despojos de Ziclague (ver I Sam. 30:36,38). Era uma cidade localizada no Neguebe, cerca de dezenove quilômetros a suleste de Berseba, e que atualmente tem sido identificada com Khirbet 'Ariareh. Dois filhos de Hotão, o aroerita, estavam entre os poderosos guerreiros de Davi (ver I Crô. 11:44). (ID S Z)

AROM

Um ancestral de alguns exilados que retornaram do cativeiro em companhia de Zorobabel (ver I Esdras 5:16), cujo nome não é mencionado nas listas paralelas de Esdras e Neemias. Em Esd. 2:19 aparece o nome de Hasum, em lugar de Arom. (Z)

AROMA

No hebraico, **reach**, «odor», «fragrância». Palavra que aparece por cinqüenta e oito vezes no Antigo Testamento (por exemplo: Gên. 8:21; Êxo. 29:18,41; Lev. 1:9,13,17; Núm. 15:3; Eze. 20:41). No grego, *osmé*, «odor», palavra que figura por cinco vezes no Novo Testamento: João 12:3; II Cor. 2:14,16; Efé. 5:2; Fil. 4:18.

Está em foco qualquer fragrância, agradável ou desagradável, que afeta o sentido do olfato, embora a idéia de odor desagradável também possa ser

transmitida pelo termo hebraico *tsachanah*, que aparece exclusivamente em Joel 2:20. As ofertas levíticas que não tinham coisa alguma a ver com o pecado eram chamadas ofertas de «aroma agradável» (por exemplo, Núm. 15:3). E o incenso, igualmente, com seu perfume doce e acre, era aceitável ao Senhor (ver Mal. 1:11). Figuradamente, as orações dos santos são um aroma agradável ao Senhor, como se fora incenso (Apo. 5:8). Por outra parte, a hipocrisia produz mau cheiro, espiritualmente falando (ver Amós 5:21; onde nossa versão portuguesa, em vez de fazer alusão ao fato de que o Senhor não queria cheirar as assembléias solenes de Israel, diz: «...com as vossas assembléias solenes não tenho nenhum prazer»).

ARPADE

Uma cidade síria próxima de Damasco, que tinha o seu próprio rei. O lugar tem sido identificado com Tell Refad, a 21 km ao norte de Alepo. Tinha alguma importância no tempo dos assírios, tendo sido conquistada por Adade-Nirari, em 896 A.C., por Asur-Nirari em 754 A.C., e tendo sido cercada e capturada por Tiglate-Pileser, em 742-740 A.C. Também participou dos levantes suprimidos por Sargão, em 720 A.C. Comumente é associada à cidade-estado de Hamate, nas páginas do Antigo Testamento, que não ficava muito longe (ver Gên. 11:10-13 e I Crô. 1:17,18). Tem sido identificada com a região montanhosa do alto rio Zabe, a nordeste de Nínive, sendo a mesma Arrapachitis dos geógrafos gregos. Sua história violenta tornou-se proverbial (ver II Reis 18:34; 19:13 e Isa. 36:19). (I ID UN)

ARPÃO

Vem de um termo hebraico que também significa *lança* e *fisga*. A palavra aparece na Bíblia somente em Jó 41:7. Alguns traduziam como ferro de fisga, e em adição, *lanças de pescar*. Ambos os instrumentos são declarados inúteis para combater contra o leviatã, que provavelmente é uma alusão ao crocodilo (ver Jó 41:1), ou a alguma gigantesca serpente (ver Isa. 27:1), ou a algum monstro marinho não identificado (ver Sal. 104:26). Ver o artigo sobre o leviatã. (Z)

ARQUEIRO

Ver sobre **Exército, Armadura e Armas**.

ARQUELAU

Ver sobre os **Herodes.**

••• ••• •••

ARQUELAU

Filósofo grego do século V A.C. Nasceu em Atenas ou Mileto. Foi discípulo de Anaxágoras (ver o artigo). Aparentemente sucedeu a seu mestre como chefe de sua escola. Utilizou-se do conceito da *nous* (mente) como a causa, sustentadora e inovadora do movimento. Em seus movimentos, a mente atuaria sobre a matéria primitiva e produziria o mundo que conhecemos. Ensinava uma forma de evolução. Primeiramente teria sido produzido o fogo, então a água, e, desses dois, a vida animal. Apegava-se ao convencionalismo de todos os juízos políticos e sociais. Pensava ele que o homem é superior aos animais por causa de suas aptidões morais e artísticas. Sócrates e Eurípedes figuravam entre seus alunos. (AM F P)

ARQUEOLOGIA

Esboço do Artigo:

Introdução: O termo.

I. Períodos Arqueológicos
II. Medição pelo Carbono-14 e pelo Argônio de Potássio: a Grande Antiguidade da Terra.
III. Materiais Examinados
IV. Métodos Arqueológicos
V. Usos da Arqueologia no que diz respeito à Bíblia
VI. Escavações Arqueológicas na Palestina e em Outros Locais de Interesse Bíblico
VII. Bibliografia

Introdução: O Termo

Essa palavra compõe-se de dois vocábulos gregos, *archaios* (antigo) — e *logos* (discurso, estudo), ou seja, estudo sistemático das antiguidades. É a ciência que investiga o homem e a sua cultura, desde o tempo em que ele apareceu na face da terra. Ocupava-se com aqueles remanescentes das civilizações passadas que têm sido descobertos, no sentido mais amplo, epigráfico e anepigráfico. A arqueologia geral é o estudo baseado nas escavações, decifrамento e avaliação crítica dos antigos registros do passado. A arqueologia bíblica é essa ciência aplicada às questões relacionadas à Bíblia, ou diretamente mencionadas ou associadas ao registro bíblico.

I. Períodos Arqueológicos

A. A IDADE DA PEDRA

1. *Paleolítico Antigo*. Objetos de pedra têm sido encontrados na superfície na Palestina e nas regiões elevadas da Ásia Ocidental, ao passo que no Egito têm sido encontrados instrumentos de pedra quelianos e aqueulianos, em formações geológicas, especialmente nos terraços do rio Nilo. Não há remanescentes humanos discutíveis antes desse período no Oriente Próximo. A medição da antiguidade é incerta, mas provavelmente corresponde à era geológica do Pleistoceno, talvez tão antiga quanto a segunda ou a primeira era interglacial na Europa, ou seja, há mais de 200 mil anos atrás, pelo menos. Importantes remanescentes têm sido encontrados em cavernas da Palestina, datados do final desse período.

2. *Paleolítico Médio*. Temos aqui os primeiros aparecimentos do *homo sapiens* na Europa (homem Cro-magnon), e o maior desenvolvimento da pintura em cavernas no sudoeste da Europa. Houve então grande avanço nas artes e nos ofícios. Os cadáveres eram sepultados com ornamentos, e aparecem as primeiras estatuetas de nudez feminina feitas de pedra, osso ou marfim. As figuras e as pinturas em cavernas provavelmente indicam um avanço nas especulações mágicas ou religiosas, cuja natureza não podemos determinar ante as evidências de que dispomos. Esse período também é representado tanto nas cavernas palestinas como na cultura Natufiana. Esses povos floresceram cerca de oito mil anos atrás, até cerca de 6000 A.C. O homem da Palestina, nesse tempo, era de pequena estatura (entre 1,52 a 1,65 m). Havia aprendido a cultivar cereais, domesticar animais, fazer bacias e cadinhos e levantar estruturas de pedra. Nos seus rituais de sepultamento encontram-se evidências suficientes de que criam na vida após a morte física.

3. *Neolítico* (Idade da Pedra Polida). Esse período escoou-se entre 7000 e 4500 A.C. Nesse período, na Europa, foi introduzida a agricultura, teve início a domesticação de animais (no Oriente Próximo, essas atividades tiveram começo mais cedo), foi inventada a cerâmica e apareceram instrumentos de pedra polida. No Oriente Próximo, a cerâmica se adiantou e foi iniciada a vida comunitária (na forma de povoados). Nesse período, houve construções de dimensões respeitáveis, em Jericó. Entre outros edifícios, há ali evidências de uma espécie de templo. O culto religioso, seja como for, estava evoluindo, conforme se vê em diversos tipos de figuras. Já se fazia presente a adoração aos deuses da fertilidade. Foram construídos monumentos megalíticos de sepultamento, tanto no Oriente Próximo quanto na Europa, embora o atraso cultural fosse notório na Europa.

B. IDADE CALCOLÍTICA (DO COBRE)

Esse período compreende de 4500 a 3000 A.C. Representa uma transição de prosperidade no Oriente Próximo, quando o cobre começou a ser usado. Cerâmica bem-feita, pintada, aparece no Crescente Fértil, e foram construídos grandes edifícios públicos. Desenvolveu-se a escrita (3500 A.C.), e floresceram a agricultura e as formas religiosas externas. Templos tornaram-se centros de organizações religiosas. As pessoas interessavam-se por deuses, pela alma, pela vida após a morte física, pela santidade, etc. Eram cultivados os cereais básicos e as frutas.

C. IDADE DO BRONZE

1. *Idade do Bronze Antiga*. As datas desse período oscilam entre 3000 e 2000 A.C. O termo é popularmente usado na arqueologia, embora alguns suponham que o bronze, no sentido moderno (liga de cobre e estanho, ou de cobre e manganês ou alumínio) ainda não existia na época. Outros eruditos, porém, insistem que o bronze, como liga de cobre e estanho, é muito antigo, e que já era usado no período chamado por esse nome. Havia minas de estanho na península da Cornualha e nas ilhas Scilly, que os fenícios obtinham e exportavam para a sua terra. Artigos de bronze eram manufaturados nas cidades púnicas (norte da África), de onde eram exportados. O bronze variava em sua composição, havendo ligas de bronze e zinco, que mais se assemelhavam ao metal amarelo. O «lustroso e fino bronze, tão precioso como o ouro» (Esd. 8:27; ver também I Esdras 8:57), pode ter pertencido a essa variedade. Minas de zinco em Laurium, na Grécia, vinham sendo exploradas desde tempos antigos. O bronze era abundante entre os hebreus e os povos vizinhos, desde tempos antiqüíssimos (ver Exo. 38; II Sam. 8:8; I Crô. 18:8; 22:3,14 e 29:7).

Foi por essa época que a organização dos primeiros estados começou, no Egito e na Mesopotâmia. Por esse motivo, esse período é referido como *o começo da história*. Nesse período tornou-se comum a arquitetura monumental, como no caso das pirâmides egípcias, com o aparecimento de muitas estátuas e inscrições. Também apareceram monumentos literários em forma de épicos, como as narrativas da criação e do dilúvio, na Suméria. Cidades construídas com tijolos (exemplificadas nas aldeias canaanitas) apareceram nesse período. Houve a melhoria dos instrumentos e da cerâmica de uma forma notória. Nos itens de sepultamento dos amorreus estava incluído uma modalidade distintiva de cerâmica; e as armas multiplicaram-se. Outro tanto sucedia na Fenícia. Muitas descobertas relativas aos povos canaaneus têm sido feitas, incluindo a planta do templo que havia em Ai.

2. *Idade do Bronze Média*. Esse período vai de 2000 a 1500 A.C. Foi um período de atividade internacional e intelectual, com o levantamento e a queda de reinos como o Egito, a Babilônia, os hicsos, os hititas e os mitanianos (horeus). Israel, por meio de Abraão e seus primeiros descendentes, emergiu como uma nação separada, nesse período. Também foi um tempo de grupos seminômades, – como os habiru (entre os quais podem ter vivido os patriarcas de Israel), que se infiltraram nos vales da Palestina. Têm sido encontrados túmulos desses povos, em Jericó. As cidades de Beit Mirsim, Megido e Jericó floresceram nesse período, embora aparentemente tenham sido violentamente destruídas pelos egípcios (Tutmés III), que expulsaram dali os hicsos, em cerca de 1450 A.C.

3. *Idade do Bronze Moderna*. Período que vai de 1500 a 1200 A.C. Grandes cidades foram reocupadas, somente para serem saqueadas novamente, no século XIII A.C. Os povos vagueavam pela terra como tribos selvagens, matando e sendo mortos. Houve destruição em Hazor, Betel, Beit Mirsim (Debir?) e Laquis. Ver o registro da invasão israelita na Palestina, nos dias de Josué, para se fazer idéia dos intermináveis conflitos entre os povos. Jericó parece haver sido abandonada em cerca de 1324 A.C.

— Os cananeus, na Idade do Bronze Moderna, aparentemente empregavam cinco sistemas de escrita diferentes, em diversos estágios de desenvolvimento, a saber: a. Mesopotâmio (acadiano) — tabletes inscritos em cuneiforme, encontrados em Megido, Jericó, Siquém, Taanaque, Tell el-Hesi, Gezer e Hazor. Isso inclui os tabletes de Amarna, discutidos mais adiante neste artigo. b. Hieróglifos egípcios, encontrados em lugares como Bete-Seã e Quinerote (ver os artigos a respeito). c. Proto-hebraico, descoberto em Laquis e Hazor (ver os artigos a respeito). d. Alfabeto cuneiforme ugarítico, encontrado em um tablete de Bete-Semes (ver o artigo a respeito). e. A escrita de Biblos (ver sobre Gebal). Ver o artigo sobre o *alfabeto*, quanto a detalhes sobre essas questões.

As formas religiosas dos cananeus têm sido ilustradas pelas descobertas feitas em Laquis, Megido e Siquém, onde se destacavam as adorações a Astarte e Baal (um selo cilíndrico de Betel, de cerca de 1300 A.C.).

D. IDADE DO FERRO

1. *Primeira Idade do Ferro*. Também chamada Ferro I ou Israelita I. Cerca de 1200 - 900 A.C. Foi um período de convulsões internacionais. Foi então que os israelitas expandiram-se como nação, e atingiram um estado de império, sob Davi e Salomão. O ferro tornou-se um metal de uso comum. Os filisteus foram os primeiros a usar o ferro na Palestina (por exemplo, uma adaga de ferro e uma faca encontradas em um túmulo de Tel el-Far'a). Ricas e bem construídas cidades e fortalezas canaanitas resistiram por longo tempo ao assédio dos israelitas, mas estes gradualmente conquistaram a Terra Santa, conforme se lê no livro de Josué. No tempo dos Juízes, as evidências mostram que Israel não atingiu a mesma prosperidade dos canaanitas. As casas israelitas eram essencialmente pobres, e sua cerâmica era rude e sem

sofisticação, em comparação com a dos canaanitas. Nos dias de Saul, a vida era de maneira geral, pobre e simples, embora houvesse a importação de armas de ferro e fortificações, como as cidades muradas. Salomão levou o império israelita a uma condição de prosperidade, muito maior, com o uso abundante de ferro e técnicas de construção aprimoradas. Muitos materiais eram importados, tendo servido para decorar o templo, o que assinalou um ponto culminante no desenvolvimento do culto religioso dos israelitas. Residências para os governadores distritais têm sido encontradas em meio às ruínas investigadas em Megido e Hazor. Havia imensos graneleiros para armazenar impostos, pagos na forma de grãos, em Laquis e Bete-Semes. Espaçosos estábulos, para quinhentos cavalos ou mais, foram encontrados em Megido (ver I Reis 9:15,19). Salomão fundou muitas fundições de cobre e de ferro, conforme se encontram evidências das mesmas no Wadi que vai de Eziom-Geber ao golfo de Ácaba. Ali havia um porto movimentado, que ajudava na importação de muitas mercadorias. Um vaso, encontrado em Tel Qasileh, traz a inscrição «ouro de Ofir», o que serve de testemunho confirmatório. O declínio do poder dos filisteus permitiu que os fenícios expandissem o seu comércio, o que se refletiu nos materiais usados na construção do templo de Jerusalém.

2. *Segunda Idade de Ferro*. Também é chamada Ferro II, Ferro Média ou Israelita II, com datas entre 900 e 600 A.C. Foi o período da monarquia dividida (Judá e Israel). Nesse período começou o cativeiro assírio, em 722 A.C., sob Sargão II. Foi um período de reforma profética para Israel, bem como tempo de grande expansão comercial para os fenícios. Também foi o tempo do soerguimento e da queda do império assírio. Inúmeras descobertas arqueológicas pertencem a esse período, algumas das quais são ilustradas sob o ponto «VI» deste artigo, sob o título Escavações Arqueológicas na Palestina e Outros Locais de Interesse Bíblico. Quarenta e um reis mencionados na Bíblia são confirmados pelas descobertas arqueológicas, o que mostra a abundância de evidências recolhidas.

3. *Terceira Idade do Ferro*. Também é chamada *Persa* ou *Israelita posterior*. Flutua entre 600 e 300 A.C. Esse foi o período dos impérios neobabilônico e persa, bem como o tempo do exílio e da restauração dos judeus. Nabucodonosor II capturou Jerusalém a 16 de março de 597 A.C. Muitas cidades e fortalezas dos israelitas foram destruídas, e houve destruição generalizada nas áreas circunvizinhas. Muitas cidades jamais foram ocupadas novamente. No entulho encontrado em Laquis, vinte e um pedaços de cerâmica inscrita testificam sobre as ansiedades do povo, nesse tempo, em face de um inimigo brutal, que não dava tréguas. A arqueologia tem demonstrado o estado de pobreza da Terra Santa, durante o exílio. A reocupação da terra foi lenta, e somente no século III A.C. é que Judá fora repovoada.

E. PERÍODO GRECO-ROMANO

Esse período vai de cerca de 300 A.C. a 300 D.C. Na terceira idade do ferro, aumentaram as influências persa e grega, sobretudo esta última. Alexandre o Grande conquistou a Palestina (que fizera parte do império persa), em 332 A.C., o que abriu caminho para a influência helenista. Porém, em face de sua morte, seus generais dividiram os despojos, e a Palestina ficou sob o domínio de Seleuco (ver o artigo a seu respeito). Dali por diante, os monarcas selêucidas tornaram-se os governantes do que fora Israel. A revolta dos Macabeus terminou essa fase (cerca de 161 A.C. em diante). A independência judaica, após muitas vicissitudes difíceis e batalhas sangrentas, finalmente foi estabelecida em 143 A.C. Porém, Roma tornou-se o novo poder dominante em Judá, em 63 A.C., quando Pompeu estabeleceu o protetorado romano sobre a Judéia. Em 40 A.C. Herodes foi nomeado rei de Judéia, e isso consagrou ali o domínio romano. Jerusalém foi destruída por duas vezes, em 70 e em 132 D.C. Então Israel foi esvaziada de judeus, o que deu início à grande dispersão, a qual só foi revertida em 1948, em nossa própria época. Há abundantes evidências arqueológicas acerca de todo esse período, incluindo o exílio, o retorno, o domínio selêucida, os macabeus, o domínio romano. Alguns itens desse período são mencionados no ponto «VI» deste artigo.

F. PERÍODO BIZANTINO

Esse período prolonga-se de 300 a 640 D.C., mas está fora do nosso interesse bíblico, pelo que meramente o mencionamos.

G. PERÍODO ÁRABE

Esse período começa em 640 D.C. Também está fora de nosso interesse bíblico.

II. Medição Pelo Carbono-14 e Pelo Argônio de Potássio: A Grande Antiguidade Da Terra

A arqueologia tem confirmado a total impossibilidade de se tentar datar a cronologia bíblica adicionando o número de anos mencionados nas genealogias do livro de Gênesis. Poucos arqueólogos de reputação apelariam para esse método; e a idéia de que a terra tem apenas seis mil anos cai em total descrédito uma vez que o assunto seja investigado. O problema da medição do tempo é abordado no artigo sobre os *Antediluvianos*, e, novamente, ainda mais pormenorizadamente, no artigo sobre *Astronomia*.

Medições pelo Carbono-14. Esse material é radioativo, uma forma instável de carbono, com o peso atômico 14. Está sendo constantemente formado nas camadas superiores de nossa atmosfera, devido ao bombardeio de átomos de nitrogênio-14 por parte de raios cósmicos ou nêutrons. Na atmosfera, o carbono-14 combina-se com o oxigênio a fim de formar o dióxido de carbono, que então se mistura com o dióxido de carbono, já existente na atmosfera terrestre, o qual contém carbono com doze átomos em sua estrutura molecular. Ao chegar à atmosfera, o carbono-14 entra em todas as coisas vivas, que trocam material com a atmosfera, mediante seu processo biológico. Toda matéria viva, pois, contém uma proporção constante de carbono-14, devido ao equilíbrio entre a taxa de formação do carbono-14 e a taxa de desintegração do carbono-14 contido na atmosfera, no oceano e em todos os seres vivos. Quando algum ser vivo morre, deixa de participar das trocas com a atmosfera, e assim cessa a recepção de carbono-14. Entretanto, o carbono-14 contido por ocasião da morte continua a desintegrar-se em uma taxa constante. A meia-vida do carbono-14 é de 5.568 anos. Isso significa que a quantidade de carbono-14, por ocasião da morte, é reduzida à metade nos primeiros 5.568 anos depois da morte daquele ser vivo. A quantidade restante é reduzida à metade nos

5.568 anos seguintes, e assim por diante, de tal modo que a proporção de carbono-14 restante, em um dado tempo, é proporcional ao tempo escoado desde a morte. Dessa forma, conhecendo-se a taxa de desintegração do carbono-14, é possível a determinação do tempo passado desde a morte de um espécie que anteriormente tivera vida. Essa forma de medição alcança uma taxa de exatidão de dois a cinco por cento, o que se tem confirmado através de inúmeras experiências com itens cujas datas eram conhecidas por outros meios, como os registros históricos. O teste do radiocarbono é digno de confiança quando se data matéria orgânica (antes viva) com precisão até entre 40 mil e 50 mil anos. Essa taxa de precisão cai um pouco depois disso, porque quanto mais retrocedermos no tempo, menos será a radioatividade restante. Contudo, com essa queda de taxa, as coisas datadas parecem ser mais novas do que realmente o são, e não mais antigas. E a medição através de um outro processo, intitulado argônio de potássio, pode retroceder até um milhão de anos ou mais. Seja como for, até mesmo datas obtidas na faixa dos bilhões de anos não são por demais distantes.

Materiais que podem ser testados. Toda matéria que antes vivia, como lã, carvão, todos os tipos de plantas, chifres, ossos queimados, couro, pele, pêlos, conchas, matéria vegetal carbonizada, excrementos e bactérias, pode ser testada.

Essa forma de medição do tempo passado foi desenvolvida no final da década de 1940, por Willard F. Libby, no Instituto de Estudos Nucleares da Universidade de Chicago. Isso revolucionou a medição do tempo na arqueologia.

Medição pelo Argônio de Potássio. Esse sistema pode datar coisas muito além do alcance do processo do carbono-14. Alicerça-se sobre o desgaste radioativo do potássio-40 em cálcio-40 e em argônio-40, utilizando proporções conhecidas em termos de taxas de troca conhecidas.

Muitos outros métodos. Também tem sido usada a *técnica da termoluminescência* para se medir a antiguidade da cerâmica. Quando a argila é queimada no forno, cada eléctron volta à sua posição estável e emite um fóton de luz. Se um fragmento da cerâmica é reaquecido em laboratório, pequenas fagulhas de luz são emitidas. A quantidade de termoluminescência indica quanto a radiação danificou cada eléctron. Portanto, a quantidade de termoluminescência é uma medida do tempo que se escoou desde que aquela peça de cerâmica foi cozida ao forno. O museu da Universidade da Pennsylvania tem-se utilizado desse processo e o tem aperfeiçoado. O método melhorado consiste em bombardear a cerâmica a ser analisada com raios-x, usando-se uma série de exemplares de pequenos pedaços de cerâmica, para cada medição do tempo.

Há um certo número de outros métodos de medição, alguns deles bastante exóticos. Novos conceitos e métodos de medição arqueológica estão sendo desenvolvidos. Um fato que certamente se destaca é o *acordo* bastante exato alcançado pelos vários métodos, quando empregados para se datar algum artefato específico, de que a terra certamente é muito antiga, talvez tendo quatro e meio bilhões de anos. Os testes aplicados a meteoritos mostram a mesma antiguidade, tal como se dá com os materiais trazidos da lua pelos astronautas norte-americanos. Porém, a criação, fora de nosso sistema solar, é muito mais antiga. Os radiotelescópios estão atualmente captando luz que tem pelo menos dezesseis bilhões de anos de idade, e julgo que isso é apenas uma fração da idade real da criação. Quanto mais aprendemos, mais antiga ficamos sabendo ser a criação.

III. Materiais Examinados

1. *Entulho.* Os antigos locais da civilização são ricos em remanescentes jogados fora, antes associados à habitação humana, como restos de alimentos, animais mortos, fragmentos de instrumentos antigos, artefatos de túmulos, material de escrita, e até mesmo grãos de pólen e itens microscópicos como bactérias. Essas coisas estão sujeitas a sistemas de medição de tempo, descritos sob o segundo ponto, acima.

2. *Remanescentes humanos.* Os túmulos e seu conteúdo, como restos mumificados, ossos, armas, objetos de arte e indústria.

3. *Objetos de arte.* Trabalho artístico feito de pedra, de bronze, de prata, de ouro, de pedras preciosas, espelhos, desenhos em cavernas e outros materiais, cerâmica ornamental, murais. Todas essas coisas fornecem-nos algum discernimento quanto à vida e ao modo de pensar dos povos antigos.

4. *Cerâmica.* Esse é um produto quase universal da humanidade, permeando todas as civilizações, — o qual pode ser datado com grande precisão. Com freqüência, fragmentos de cerâmica provêem a data para a medição, pelo que os arqueólogos têm o cuidado de recolher e classificar a cerâmica. Alguns exemplares são toscos, e outros são incrivelmente ornamentais; mas todas as formas têm uma história a ser contada sobre as pessoas que as fabricaram.

5. *Edifícios.* O homem sempre teve a necessidade de abrigar-se a fim de proteger-se das intempéries. A maneira como ele tem feito isso revela muito sobre o seu grau de civilização. Mas também há muitas outras espécies de construções, como templos, pirâmides (e outras formas de mausoléus), acampamentos militares, estábulos, sinagogas, cabanas e mansões.

6. *Inscrições.* A arte da escrita foi uma das maiores realizações humanas, que se tornou fundamental para todas as formas de conhecimento. Ver o artigo sobre o *Alfabeto*, quanto a detalhes a esse respeito. As inscrições antigas eram feitas em tabletes de argila, em pedras, em vários metais, em cerâmicas, em peles de animais, em papiros. As coisas escritas nesses diversos materiais tornam-se uma fonte de conhecimento sobre as civilizações que as produziram, com freqüência conferindo algum conhecimento histórico sobre os povos envolvidos.

7. *Documentos escritos.* Os documentos em papiro, provenientes do Egito, pertencem desde os tempos faraônicos até à época islâmica. Era um material durável, manufaturado de uma planta aquática, que não se estragava facilmente em lugares de clima seco. Fragmentos e rolos inteiros têm sido desenterrados de túmulos, locais sagrados, cemitérios de crocodilos (dentro de crocodilos mumificados). Também há os tabletes inscritos em cuneiforme, provenientes da Babilônia e da Assíria, as famosas cartas de Tell el Amarna, que dão muitas informações sobre a Palestina antes da invasão israelita. Há os papiros de Elefantina, que lançam luz sobre o período persa no Egito e sobre o livro de Neemias. Há muitas cartas particulares que prestam informações sobre as vidas individuais e comerciais do povo. Há os manuscritos

bíblicos, do Antigo e do Novo Testamentos, como os documentos das cavernas de Qumran, descobertos em 1947, escritos em pergaminho. Ver o artigo sobre os *Manuscritos da Bíblia*.

8. *Instrumentos e armas*. Havia as armas de pedra e pederneira, muito mais antigas; mais tarde, surgiram armas de bronze e ferro, artefatos que revelam as transições envolvidas na metalurgia que identificam várias épocas. Começaram então a surgir instrumentos para uso doméstico e agrícola. A combinação das duas coisas revelam detalhes sobre a história pacífica e beligerante dos homens. Além disso, mostram a progressão em sua capacidade técnica.

9. *Moedas*. As moedas podem traçar a história dos povos, como os reinos resultantes das invasões de Alexandre o Grande, e períodos inteiros da história romana. A numismática é uma ciência em si mesma. Cobre muitos séculos e é importantíssima nessa questão de medição do tempo.

10. *Restos botânicos*. Temos nesse caso, grãos de pólen, fragmentos de madeira (petrificados ou não), restos queimados de antigas fogueiras, a dendrocronologia (medição do tempo mediante o exame dos anéis formados no crescimento das árvores) e restos da flora.

11. *Microorganismos em forma fóssil*. Podemos citar como exemplo os organismos encontrados na praia de Ontário do lago Superior, em rochas pré-cambrianas, datadas por processos radioativos de um bilhão e novecentos milhões de anos de idade.

12. *Objetos de culto*. Peças de escultura humana por razões religiosas, objetos usados para servir em cerimônias mágicas, efígies de deuses, seres humanos e animais, símbolos fálicos relativos aos deuses da fertilidade, um carneiro apanhado nos espinheiros pelos chifres, uma obra de arte suméria, provavelmente com sentidos religiosos, e inúmeros ídolos.

13. *Trabalhos com a terra*. Incluem-se aqui as fortificações, as muralhas, os terraços, as estradas, as minas, as interferências humanas com o meio ambiente, por uma razão ou por outra, tudo o que testifica a civilização humana, conferindo-nos informações.

IV. Métodos Arqueológicos

Como ciência que é, a arqueologia tem um sistema, que consiste nos seguintes itens:

1. *Preliminares*. A localização de locais promissores, com base em estudos históricos e geológicos, com auxílio da pesquisa aérea. Em nossos tempos, até mesmo os poderes psíquicos têm sido usados, como se dá com Aron Abrahamsen, que a Universidade do Arizona tem usado com grande sucesso.

2. *Organização das expedições*. Pessoas habilitadas para liderar, muitos assessores, uma tripulação de apoio — como cozinheiros, motoristas — preparação dos postos nos campos, suprimento de água, equipamento fotográfico, abrigos, armazéns, veículos de transporte.

3. *A pesquisa*. Delimitação da área a ser examinada, estabelecimento do acampamento. Divisões da área a ser examinada; registro dos indícios a serem seguidos nas escavações.

4. *Escavações e mapeamento*. As escavações começam com picaretas, enxadas, serras, brocas elétricas, material recolhido, classificação e armazenamento dos itens descobertos, selecionamento de material para maior análise em laboratório, exames por parte de técnicos de várias especialidades de apoio, como a química. A escavação continua em camadas que com freqüência passam de uma civilização para outra, comprovadas pelos processos de medição de tempo ou pelos tipos de artefatos descobertos. As áreas escavadas são cuidadosamente mapeadas, mostrando as posições de todas as áreas examinadas. No final do projeto, as escavações são enchidas novamente com terra, plantando-se uma vegetação apropriada para o local.

5. *Tratamento cuidadoso dos artefatos*. Tudo que for recolhido nas escavações é examinado por todos os métodos possíveis, se necessário; os materiais são selecionados e classificados, e tudo é registrado na história da escavação. Visto que os arqueólogos têm de tapar todas as escavações feitas, precisam incluir em seu relatório todos os detalhes inclusive fotografias.

6. *Trabalho de laboratório*. Quaisquer artefatos que exijam maior atenção são enviados ao laboratório. São feitas análises químicas ou de outra natureza. Especialistas em outros campos podem ser convocados, como historiadores, biólogos e antropólogos.

7. Finalmente, visando à preservação e o compartilhamento das informações obtidas, são feitos *relatórios* e são escritos *artigos* e *livros*. Esses relatórios incluem todos os detalhes dados acima, com fotografias, diagramas e suas respectivas interpretações. Esses relatórios são altamente técnicos, visando especialistas no campo, embora, como resultado, artigos e livros de cunho mais popular possam propagar a idéia geral das descobertas perante o público.

V. Usos da Arqueologia no que diz respeito à Bíblia

1. *A fim de ilustrar a história da Bíblia*. A arqueologia provê um testemunho secundário e confirmatório a toda a história da Bíblia, desde os dias mais remotos. Importantes colaborações e fatos adicionais acerca de cada período bíblico têm sido descobertos, desde o período adâmico, passando pelo período patriarcal, cananeu, monárquico, da dupla monarquia, exílico, pós-exílico, selêucida, helenista e - até o período romano. Da era dos patriarcas nos chegam descobertas em Ai, Siquém, Betel, Berseba, Gerar, Dotã e Jerusalém. Desse período nos chegam tabletes de Nuzi e de Mari. Muitos itens da Bíblia tornam-se mais claros por meio das descobertas arqueológicas: as bênçãos orais eram importantes para Isaque, Jacó e Esaú (ver Gên. 27:34-41). Os tabletes de Nuzi mostram que naquele tempo as bênçãos orais eram obrigatórias, tanto quanto as decisões de um tribunal. Por que Labão foi capaz de apontar para os seus netos e dizer: As filhas são minhas filhas, os filhos são meus filhos...»? (Gên. 31:43). Esses mesmos tabletes mostram que um avô exercia controle sobre seus netos. O período canaanita é bem ilustrado, tendo sido encontradas muitas ruínas de cidades em inúmeras escavações. A partir do período da monarquia, mais de quarenta reis (e as condições de Israel na época deles) têm tido suas histórias iluminadas pelas descobertas arqueológicas. Embora o Novo Testamento cubra um período histórico muito mais curto, grande tem sido a iluminação sobre as viagens de Paulo, bem como lugares, pessoas e coisas mencionados no livro de Atos.

2. *Sublinhando a realidade da inspiração divina.* Talvez os eruditos bíblicos tenham dado por demais atenção a esse aspecto, porquanto uma história digna de confiança pode ser escrita por um historiador respeitável, sem qualquer ajuda divina. Não obstante, a arqueologia provê evidências corroboradoras da exatidão dos relatos bíblicos, sendo esse um elemento que favorece (mesmo que não comprove) a inspiração divina. Em contraste, consideremos as narrativas do Livro de Mórmon, que afirma ser a *história* de certas tribos indígenas norte-americanas. Não há qualquer confirmação arqueológica acerca dessas alegadas tribos, e isso levanta muitas dúvidas sobre a autenticidade desse livro.

3. *A arqueologia empresta interesse.* A simples leitura da Bíblia pode ser vivificada mediante a referência às descobertas modernas que ilustram o texto bíblico. Isso faz a Bíblia tornar-se um livro de interessantíssima leitura. Até cerca de 1800, pouco se sabia sobre os tempos do Antigo Testamento, exceto aquilo que aparece no próprio Antigo Testamento. A situação não era tão grave no caso dos tempos neotestamentários, porque houve vários antigos historiadores seculares que comentaram sobre esses tempos. Mas a informação sobre o Antigo Testamento era praticamente inexistente. Então, começando em 1798, as ricas antiguidades do vale do Nilo foram descobertas pela expedição de Napoleão. Foi então que Paul Botta, A.H. Layard, H.C. Rawlinson e outros derramaram muita luz sobre as civilizações da Assíria e da Babilônia por meio da arqueologia. A descoberta da pedra Moabita criou sensação entre os eruditos bíblicos, por causa de sua íntima conexão com a história do Antigo Testamento, e houve um entusiasmo generalizado em favor das escavações na Palestina. Em 1901, foi encontrado o Código de Hamurabi; os papiros de Elefantina foram descobertos em 1903; os monumentos hititas de Bogazkoi foram encontrados em 1906; o túmulo de Tutancamom, em 1922; o sarcófago de Airão de Biblos, em 1923; a literatura épica religiosa de Ras Shamra em 1929-1937; as cartas de Mari e as ostraca de Oaquis, em 1935-1939; e os manuscritos do mar Morto, em Khirbet Qumran, em 1947.

4. *O valor apologético é evidente.* Esse é um ponto paralelo ao segundo item, intitulado «sublinhando a realidade da inspiração divina», embora mais amplo. Os eruditos, ao tratarem com documentos inspirados ou não, interessam-se pela exatidão do registro escrito. Querem saber se os povos e as cidades sobre as quais eles falam diante de seus estudantes, ou sobre as quais escrevem a uma audiência mais lata, realmente são históricas. A arqueologia, pois, confere-lhe um meio de autenticar o que afirma.

5. *O valor exegético.* O pregador, ao falar sobre a Bíblia, pode chamar a atenção de seus ouvintes com maior sucesso se puder falar com conhecimento sobre o seu assunto, baseado em informes extrabíblicos, que confirmam o que a Bíblia assevera. A arqueologia, além de ser ilustrativa, também é interpretativa. Muitas questões bíblicas podem ser mais acuradamente interpretadas por meio da arqueologia. Em muitos lugares, a Bíblia permanece misteriosa, não havendo iluminação por parte da arqueologia. Um pequeno exemplo pode ser visto no caso de Moisés, acerca de quem foi dito, em sua idade avançada: «...não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor» (Deu. 34:7). A palavra ali traduzida por «vigor» poderia referir-se aos *dentes* (conforme se vê na Vulgata Latina). Porém, os tabletes de Ras Shamra mostram que o vocábulo em questão tem o sentido de *vigor natural* ou *forças*, o que decide a questão da interpretação. Há muitos outros casos similares. A descoberta de material helenista tem ilustrado o vocabulário do Novo Testamento (grego koiné), em contraste com o grego clássico; e isso tem determinado muitos casos de interpretação. A descoberta de antigos manuscritos tem possibilitado a compilação de um texto bíblico mais acurado do que teria sido possível há cem anos atrás.

••• ••• •••

VI. Escavações Arqueológicas na Palestina e em Outros Locais de Interesse Bíblico

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Abu Hawam, perto de Carmelo	R.W. Hamilton, 1932-33	
Abu Matar, SE Berseba	Centre Nat. de Récherche, 1954, Calcolith (habitações subterrâneas). França (J. Perrot)	
Ai, Et-Tel, 2 milhas SE de Betel	Exposição Rothschild, J. Marquet-Krause, 1933-35. Proto-urbano (paredes e templo), J. Callaway, 1964	Jos. 7:2, Esd. 2:28
Anatote, Anata, 3 milhas NE de Jerusalém	A. Bergman, 1936, Hellen (cerâmica)	Jos. 21:18, I Reis 2:26
Antioquia, sobre o Orontes, Síria, NO da Palestina	Universidade de Princeton, Baltimore Museum of Art. 1932. Acrópole, circo, etc. G.E. Ederkin, fez escavações entre 1932 e 1939. Charles Morey fez escavações em 1933.	Atos 13:1
Antioquia da Pisídia, Ásia Menor, Pisídia	Ruínas da cidade, templos, moedas, santuário do Deus, *Men*, inscrições. Francis V.J. Arudel, 1833. William Ramsey, 1910-1913, U. de Michigan. David M. Robinson fez descobertas e escreveu um relatório a respeito, em 1924.	Atos 13:14
Arade, em Canaã	R. Amiram, trabalhando para a Universidade Hebraica, em 1962.	Núm. 21:1; 33:40; Jos. 12:14; Juí. 1:16.
Asdode	M. Dothan, em escavações feitas entre 1962 e 1967.	Isa. 20:1; I Sam. 5 e Amós 3:9.
Ásia Menor — Vários lugares	Sir William Mitchell Ramsay, 1885 ss. Muitas descobertas estabeleceram a reputação de Lucas como um historiador. As publicações de Ramsay foram muitas, sobre o livro de Atos e o Apocalipse, as sete igrejas do Apocalipse, Paulo como viajante e cidadão romano. Promoveu a arqueologia em seus escritos, e incorporou suas próprias descobertas.	*O livro de Atos, o livro de Apocalipse e referências paulinas.*
Asquelom, Ascalon, Sarom	J. Carstang, 1920-1922, Filisteu, Romano	Jer. 25:20, Amós 1:8
Atenas, SE da Grécia	Locais tradicionais: Acrópole, Partenon, etc. Local do julgamento de Sócrates. Theodore Shear, U. de Princeton, 1970. James Stuart, 1885; Nicholas Revett, 1885, M.E.L. Mallowan escavou o *agorá*, entre 1931 e 1939.	Atos 17:15, 16:22 e 18:1
Athlit, SE do Carmelo	C.N. Johns, sepulcros fenícios, 1930-33	
Babilônia	Hormuzd Rassam, 1878-1879. Grande quantidade de tabletes, um prisma de argila com anais de Assurbanipal e cilindros descrevendo as campanhas de Senaqueribe. Os jardins suspensos da Babilônia. Robert Koldewey, 1899. Muitas escavações e descobertas foram feitas, incluindo em Lagash (Telloh).	II Reis 18:13; 19:16; II Crô. 32:1; 2:9,10; Isa. 36:1.
Belém, 8 km S de Jerusalém	E.W. Gardner, 1934-36, paleolítico; H. Richmond, 1935, Bizantino, Igreja da Natividade	Gên. 35:19, Rute 4:19 ; Mat. 2:1

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Betânia, 2 km NE da área de Jerusalém	Túmulo de Lázaro, igreja memorial, 300 DC; muitos arqueólogos. Ver a lista sobre Jerusalém.	João 11, Mat. 21:17 e 26:6
Bete-Eglaim, Tell el-Ajjul,6 km SO de Gaza	Egito, F. Petrie, 1933-34, cerâmica, grande cidade hicsos, fossa, cemitério, jóias; paleolítico.	
Bete-iera, Kirbet Kerak, SO da Galiléia	B. Mazar, M. Avi-Yonah. 1944-1946; 1950-1960; Calcolítico Li-Romana (campo); islamita	
Bete-Sam, Citópolis, Tell el-Husn	Univ. de Pennsylvania Mus, 1921-23, calcolítico, nível XI; templos cananeus; nível VIII, 1350; nível VII, 1300; nível VI, 1150; nível V, 1000: todas as datas AC. A. Rowe, El I, Helênica-bizantina. Ocupação egípcia	I Sam. 31:10, II Sam. 21:12
Bete-Searim, Sheick Abreik	B. Mazar, N. Avigad: 1936-40 e 1955-1959; Helênica e I. Romana; Catacumbas; EI-Romana (cidade)	
Bete-Semes – Tell er-Rumeileh, a OSO de Jerusalém	D. Mackenzie, 1911-1912; cerâmica da Palestina: Pac. School of Religion e Haverford: E. Grant; Mosteiro bizantino Cinco expedições lideradas por Elihu Grant, em 1928. Muita informação foi adicionada sobre a ocupação da terra por Israel, nos séculos XII a IX A.C. Foi ajudado por G.E. Wright.	Jos. 21:16; I Sam. 6:15; I Crô. 6:59; II Reis 14:11,13.
Bete-Zur (Khirbet et-Tubeiqah), na região montanhosa da Judéia.	McCormick Seminary; O.R. Sellers, W.F. Albright; 1931, 1957; hicsos; helênica (fortaleza dos Macabeus)	Jos. 15:58; II Crô. 11:7; Nee. 3:16 e I Macabeus 4:28,29.
Betel, Beitin, NE de Rumallah	Pittsburg-Xênia (hicsos), W.F. Albright e J.L. Kelso, 1934; destruições pelos israelitas; moedas romanas	Gên. 12:8, Jos. 7:2
Biblos, na Fenícia	Maurice Dunand descobriu em Biblos (moderna Gegal), o antigo porto fenício de embarque de cedro e o túmulo do rei Airão, em 1919.	Atos 11:19; 15:3 e 27:12.
Cafarnaum, Tell Hûm, NO da Galiléia	Deutsch Orient-Gesell-schaft Maer e Schneider, 1905-1914 Sinagoga (século III D.C.). A possível casa de Jesus, descoberta em 1983 por James F. Strange e arqueólogos franciscanos, que data de c. 60 A.C. O lugar foi marcado como importante pela construção de uma igreja sobre a localidade, que data do 3º século D.C. Ver o artigo sobre Cafarnaum, sob o título, *A casa de Pedro de Jesus*.	Mat. 4:18 e Marc. 1:21, 2:1
Canaã: Império hitita Ásia Menor e antiga terra de Canaã	William Wright e A.H. Sayce, que descobriram e descreveram monumentos; Hugo Winckler, que descobriu milhares de tabletes em escrita cuneiforme em Bogaz-koi, capital dos hititas, na grande curva do rio Halis, a 145 km a leste de Ancara (1906-1907). O material teve seus anais, textos religiosos e mitos em caracteres sumero-acadianos recebidos dos hurrianos (horeus), e um código de leis.	

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Carmelo, Wade el-Mughara e vizinhanças	D. Garrod, 1922, Paleolítico (animais); neolítico. Univ. de Califórnia Teodoro McCown, cemitério. R.W. Hamilton, 1932 e 1933, trabalhou em um sítio da Segunda Idade do Bronze, ao pé do monte Carmelo na planície costeira, em Tell Abu Hawam.	Jos. 12:22, I Reis 18:19
Cesaréia, Palestina, NO de Samaria, Jafo de Jos. 19:46	Aqueduto, vários edifícios, paredes, moedas. Expedição Link, 1960; Am. Philosophical Society, 1960 Antônio Frova, em 1955, descobriu uma inscrição fragmentada de Pôncio Pilatos. Em 1956, M. Avi-Yonah, descobriu ruínas de uma sinagoga. Em 1960, arqueologia subaquática, no porto romano, por A. Negev.	Atos 9:43-10:33
Cesaréia de Filipe, NO da Ituréia	Templo de Herodes, hipódromo e acrópole, ainda não foram encontrados	Marc. 8:27
Chipre, ao longo da costa da Ásia Menor e alta Palestina	Aqueduto, 'fórum' de Deus olímpico, inscrição do templo de Afrodite. Muitos arqueólogos E. Gjersted, em 1927. Houve muito trabalho e muitas descobertas em Encomi, Paletos e Vouni.	Atos 4:36, 11:19,20, 13:4, 15:39 e 27:4
Cnossos, Creta	Sir Arthur Evans, 1894, encontrou a escrita cretense, não decifrada até 1953. Informações sobre a civilização minoana.	Atos 27:7,12,13,21; Tito 1:5.
Corinto, SL da Grécia	Agorá (mercado), templo de Apolo, estradas, portões, etc. American School of Classical Studies, 1896 até os nossos dias.	Atos 18:1, 19:1 e I Cor. 1:2
Debir (Quiriate-Sefer?), Tell Beit Mirsim, SO de Hebrom	Piftsburg-Xênia, 1926-32 (captura feita pelos israelitas); W.F. Albright e M.G. Kyle; cidade israelita; cubas de tingir	Juí. 1:11, Zac. 6:58
Deir-el-Bahri	Sir Gaston Camille Charles Maspero, 1881. Muitos sarcófagos reais em Deir-el-Bahri, e o templo de Karnak.	
Dibom, Moabe	1930, 1950-1957 (capital de Mesa) nabateus Williiam Merton, em 1950 - 1957, com muitas descobertas.	Núm. 32:3,34;-Jos. 13:9,17; Isa. 15:2; Jer. 48:18,22.
Dotã, Tell Dotha, 21 km N de Samaria	Wheaton College; J.P. Free, 1953-1960; calcolítico (cidade e portão)	Gên. 37:17 e II Reis 6:13
Ebal, Monte de, a margem ocidental do Jordão Ver detalhes sobre esta descoberta no artigo intitulado, *Altar de Josué*.	Um antiqüíssimo altar, descoberto em 1983. Pertence à época de Josué (cerca de 1400 A.C.). Talvez seja o próprio altar erigido por Josué, construído depois que Israel partiu do Egito e entrou na Palestina. Adam Zartal, arqueólogo-chefe, teve confirmada a autenticidade de sua descoberta pela Universidade de Haifa.	Jos. 8:30,31 e Deu. 27:5.

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Êfeso, Ásia Menor, perto da costa ocidental	Templo de Artêmisa; J.D. Wood, 1869; David C. Hogart, Museu Britânico, 1905. Templo e relíquias. O.H. Benndord, Rudolf Heberdey, 1912; muitas ruínas; Anfiteatro, agorá e primitivas igrejas cristãs.	Atos 18:19,21,24, 19:1,17,26,35, 20:16,17, Apoc. 2:1
Egito	Em 1922, foi descoberto o túmulo de Tutancamom, por Howard Cartar, no Vale dos Reis. O corpo mumificado foi recuperado por inteiro.	Inumerosas referências nos livros de Gênesis, Êxodo, Deut., Josué; Mat. 2:13,14; Atos 2:10; Apo. 11:8
Giza, no Egito	Sir William Matthew Flinders Petrie, 1881. As pirâmides em Giza e Tânis.	
Papiros de Chester Beatty	O Sr. A. Chester Beatty, colecionador norte-americano de manuscritos, residente em Londres, adquiriu de um negociante egípcio um grupo de folhas de papiro que pertencia a uma Bíblia em grego, escrita entre os séculos II e IV A.C., no ano de 1931. Esses manuscritos contêm o Antigo e o Novo Testamentos. Consideráveis porções dos evangelhos e das epístolas de Paulo compõem a porção do Novo Testamento. Trata-se dos escritos mais antigos de Paulo, datando do começo do século III D.C. Ver sobre os *Manuscritos*.	
Papiro 52	Descoberta do papiro 52, um fragmento do evangelho de João, do século II D.C., feita em 1920. Esse é o mais antigo fragmento do Novo Testamento. Foi identificado em 1935 por C.H. Roberts. Acha-se agora na Biblioteca John Rylands, em Manchester, Inglaterra. Outros antigos fragmentos de papiro, manuscritos do Novo Testamento, sobre os quais ele escreveu são o P(52), P(32) e P(64) na *The Harvard Theological Review*, em 1953.	
Saqqara, no Egito	Walter B. Emery, em Saqqara, escavou em 1927 o túmulo intacto de Hemaka, vizir de um rei da primeira dinastia. Em Armant vários templos do boi sagrado e o túmulo do Faraó Ká, em Abidos. Foi descoberto um barco funerário, talvez do Faraó Udimu, da quinta dinastia. Em 1956, mais obras em Saqqara; foi encontrado o túmulo da rainha Her-Neite, da primeira dinastia. As explorações das ruínas de Buhen, no Sudão, nos anos de 1958 a 1960.	
Tebas, no Egito	A.E.P.B. Wiegall, em 1895. Descobriu o templo mortuário de Tutmés III, em Tebas, túmulo do Príncipe Iuha e sua esposa, Thuyu, pais da rainha de	

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Tebas, cont.	Aquenaton. Daí seguiu-se seu livro sobre a vida e os tempos do Faraó Aquenaton, que se tornou um clássico e muitas edições foram vistas entre 1910 e 1934.	
Tell el-Amarna, no Egito	Descoberta acidental das cartas de Amarna, em 1887, por uma mulher aldeã que procurava fertilizantes naturais na região. Cerca de trezentos e cinqüenta tabletes foram achados, suprindo informação sobre o estado da Palestina e da Síria (1400-1360 A.C.). Os tabletes iluminam a política externa do Egito e da Palestina durante o reinado do Faraó pacifista Aquenaton. As intrigas militares e os conflitos usuais com países vizinhos, as lutas pelo poder, as brutalidades e o desvario político são ali ilustrados. O conhecimento da geografia política da Palestina é aumentado. Os «habiru» que aparecem nesses textos são os hebreus, ou antes ou durante o tempo da conquista da Palestina, e mais provavelmente durante esse tempo. Laquis e Gezer estavam longe de ser destruídas, e são vistas como aliadas ativas dos «habiru». O rei de Jerusalém é chamado ali de Abdi-Hepa. Mas alguns argumentam em favor da época da invasão e logo depois..	O livro de Josué, se a data posterior for aceita.
Vale dos Reis, no Egito	M. Loret, em 1898. Ele descobriu o túmulo de Amenhotepe II, filho de Tutmés III. Foi uma interessante descoberta porque o corpo do Faraó estava intacto. — Uma geração mais tarde, foi encontrado o corpo de Tutancamom, também intacto. Ver o artigo sobre os Faraós.	
Eglom, Tell el-Hesi, O de Laquis (erroneamente)	F. Petrie, 1890; seqüência de cerâmica; armas. F.J. Bliss, 1891-93	Jos. 10:3 e Juí. 3:12
Elefantina, ilha diante de Answan, no rio Nilo	Foi descoberto um papiro em aramaico do século V A.C., com grande variedade de assuntos, mas principalmente de natureza legal, em 1906. O material foi publicado por Archibald H. Sayce e Arthur Cowley. Uma expedição do museu britânico fez outra e mais importante descoberta, no local do templo judaico na ilha, com materiais publicados em 1911. Mais papiros foram encontrados, e outras publicações se seguiram. Ver o artigo sobre o *aramaico*. Esses papiros representam as ricas fontes	

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Elefantina cont.	de informação sobre aquele idioma, no período anterior a Cristo.	Gên. 10:10
Ereque (moderna Warka)	W.F. Loftus, 1850, escavação em Ereque.	
Eziom-Geber, Tell el-Kheleifah, Ácaba	N. Gluek, 1937-40; fortaleza de Salomão	I Reis 9:26, II Crô. 8:17
Galiléia	Uma pesquisa nas sinagogas na Galiléia, em 1907, por Herman Thiersch, Herman Kohl, Carl Watzinger e Ernest Sellin. A autoritária *Antike Synagogen in Galilaea* foi obra publicada em 1915. Ver o artigo sobre a *Galiléia*.	Jos. 20:7; I Reis 9:11; Mat. 2:22; 3:13;4:12; João 1:43.
Gassul, Teileilat G., 5 km L do Jordão, NE do mar Morto	Pontifical Bib. Inst., A. Mallon, R. Koeppel, 1929-1938. Calcolítico (quatro níveis principais; cerâmica, pederneiras, machados de cobre)	
Gaza; ver também *Bete-Egalim*	W.J. Phytian-Adams, 1911, 1914, 1920-1922; sondagens	Gên. 10:19 e I Sam. 6:17
Gerasa, Jerash	Yale, (1928-34); Neolítico (vila), Helênico (traços); romano (Decápolis) igreja, etc. Escavações feitas por Horsfield e Crowfoot, em Gerasa (moderna Jerash), começando em 1925. Foram nove anos de labor, com muitas descobertas. Theodore D. McCown e C.S. Fisher, em 1930.	
Gezer, Tell Abu Shusheh, 19 km S de Lida	R.A.S. Macalister, 1902-1905, 1907-1909; calcolítico, romano e bizantino. Yusif Kan'an, escavações e descobertas.	Jos. 10:33; 16:3; Juí. 1:29; I Reis 9:15; I Crô. 6:67.
Gibeá, Tell el Ful, 5 km N de Jerusalém	W.F. Albright, mediante muitas descobertas, fez grandes contribuições para o nosso conhecimento sobre a Idade do Ferro, particularmente no que diz respeito à cerâmica. 1922, 1933; vila, cidadela de Saul; torre de vigia.	Jos. 15:57; Juí. 19:12,13; 20:4; I Sam. 10:26; II Sam. 6:3; Isa. 10:29.
Gibeom, El-Jib, 15 km N de Jerusalém	Univ. Mus. Philadelphia, 1956-57; tanque e túnel, II Sam. 2:13; Church Divinity School of Pacific; J.B. Pritchard; asas de jarras inscritas; adegas; helênico (moedas)	Jos. 9:3 e II Sam. 2:12
Giza, ver sob Egito		
Hadera, Sarom	Heb. Univ.; E.L. Sukenik, 1934-1935; Calcolítico (gassuliano); ossuários	
Hazor, Tell el Oedah, Waqqas, 8 km SO do lado Hulé	Marston, J. Garstand, 1926-27; sondagens. Heb. Univ. Rothschild: 1955-58 (Y. Yadin). Cidade dos hicsos, templo, capturado pelos israelitas; portão de Salomão, destruída em cerca de 730 A.C.	I Reis 9:15, Jer. 49:28

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Icônio (moderna Konia), na Grécia	James Mellaart, em escavações entre 1961 e 1963, fez muitas descobertas.	Atos 13:51; 14:1,18,21; 16:2.
Jafa	Israel, P. Guy, 1950; helênico e romano, Univ. de Leeds, J. Bowman, 1955 (cidade dos macabeus; moedas)	
Jebel-et-Tannur, a suleste do Mar Morto	Nelson Glueck escavou o cemitério dos nabateus, em 1937.	
Jemé, 9 km a SL de Gaza (erroneamente identificada com Gerar)	W.J. Phytian-Adams, 1921-1922; sondagens; estratificação contínua. W.F. Petrie, 1926-27	
Jericó (AT), Tell es-Sultan, NE de Jerusalém	Deutsche Orient. 1869, 1907, 1909, E. Sellin, Mesolítico-neolítico; traços somente do período de Josué; Liverpool Univ. Marston.	Núm. 22:1, Deut. 33:49
Jericó (NT), Tulul Abu el-Alayiq, Wade Qelt, 1 1/2 km O de Jericó	J. Garstang, 1930-36; K. Kenyon, 1952-58 Pittsburg-Xênia. J.L. Kelso, A.H. Detweiler, 1950-1951; palácio de inverno de Herodes; edifício de Herodes Arquelau	Mat. 20:29 e Luc. 10:30
	John Garstang, em 1930, começou seis anos de trabalho ali, em pesquisas iniciadas por Sellin e Watzinger, em 1913. Kathleen Kenyon, em 1952-1957, deu prosseguimento ao trabalho. Garstang descobriu a primeira cultura urbana neolítica, tendo publicado seu livro *The Story of Jericho*, em 1948.	
	Em uma caverna ao norte de Jericó, em 1961, foi descoberto um importante papiro proveniente de Samaria (722 A.C.). Nos anos de 1967 e 1968 foram feitas escavações ali por Kathleen Kenyon e W.G. Dever.	
Jerusalém	C. Warren, 1864-1867; estruturas, Clermont-Ganneau, 1873-1874, inscrições. C. Gordon, 1881; túmulo e Calvário de Gordon. F.J. Bliss e A.C. Dickie, 1894-1897; muro sul. Parker Mission, 1909-1911; túneis, fonte da Virgem. R. Weill Rothschild, 1913-14; ofel. R.A.S. Macalister, 1923-25; 1927-28; ofel jebusita. C.N. Johns, 1934-1948; portão dos macabeus; helênico (muros). R.W. Hamilton, 1937-38; muro norte. E.L. Sukenik e M. Dothan, 1956-60; túmulos. K. Kenyon, 1961; cidade antiga	II Reis 8:18 e Mat. 2:1
	Túmulos dos reis, descobertos por F. de Saulcy, 1848.	
	Charles Clermont-Ganneau, 1870 em diante. A pedra que proibia a entrada de gentios no templo de Jerusalém.	

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Jerusalém cont.	Père A.H. Vincente, em 1907. Descobriu o poço de Betesda e a torre de Antônia (ver os artigos a respeito).	João 5:2 ss
	A guerra dos Seis Dias, em 1967, pôs a antiga Jerusalém e a península do Sinai sob o controle israelense. Em 1967, um excelente rolo do Mar Morto chegou ao conhecimento de Y. Yadin. Era um manual de regras religiosas, notas arquiteturais sobre como o templo de Jerusalém deveria ser construído, e muitas outras normas. Em 1968, B. Mazar iniciou escavações na muralha sul do monte do templo. Em Givat Ha-Mivtar, a nordeste de Jerusalém, naquele mesmo ano, foram encontrados os ossos de Yehonhanan Ha-Gaqol, um homem que fora crucificado, fornecendo informações adicionais sobre esse brutal costume. N. Avigad, em 1969, iniciou escavações no bairro judeu da antiga cidade de Jerusalém. Veio à luz uma magnífica vila helenista. Na década de 1970 os labores continuaram na esquina suleste das muralhas da antiga Jerusalém.	
Jope	J. Kaplan, trabalhando para o Museu de Jafa, nos anos de 1948-1950, 1952 e 1955.	II Crô. 2:16; Esd. 3:7; João 1:3; Atos 9:36,38; 10:5 e 11:5,13.
Khorsabad, a leste do rio Tigre	Paulo Emile Botta, 1842. Primeira da série de descobertas que deu início à assiriologia.	
Koujunjik, na Babilônia	George Smith, 1874. Três mil tabletes e o avanço na assiriologia, com muitas descobertas em vários lugares na Babilônia.	
Laquis, Tell ed-Duweir, O de Hebrom	J. Starkey Wellcome-Marston, 1932-38; templos, sepultamentos primitivos; cidade principal, destruída em 588 A.C.; cartas em hebraico; helênica	Jos. 10:3 e II Crô. 11:9
Madaba, SO de Amam, Jordânia	A.H. Detweiler; túmulos; Macabeus-bizantino (mapa mosaico da Palestina, século VI D.C.)	
Mâmpsis, a 40 km a leste de Berseba.	Investigada por E. Robinson, em 1838; por E.H. Palmer, em 1871; por C. L. Woolley e T.E. Lawrence, que traçaram um plano das ruínas, em 1914. Uma pesquisa completa foi feita em 1937 por G.G. Kirk e P.L.O. Guy. Foi escavada por A. Negev, entre 1965 e 1968.	
Maresa, Tell Sanda, Hannah (Marisa) NO de Hebrom	R.A.S. Macalister, 1898-1900; helênico (cidade; túmulos). École Biblique, Jerusalém, 1921-24. Romano (vila)	I Crô. 2:42
Mari, ver sob Tell-Harari		Miq. 1:15

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Leito do mar Mediterrâneo, ao longo das costas do monte Carmelo, entre Haifa e Dor.	Uma estrutura de pedra e madeira, de um antigo poço no leito do mar, em um local que já foi terra seca. Foi descoberto em 1985. Trata-se de um dos mais antigos poços jamais localizado. Fica situado acerca de 300 m da atual linha da praia. Objetos encontrados nas vizinhanças, como cabanas de pedra, ossos de ovelhas e peles de cabras, além de vários instrumentos, indicam um período neolítico posterior ou calcolítico anterior, 4500 A.C. ou mesmo antes. Restos de carvalhos mostram que a ocupação estava no meio de carvalhais. O fato de que não crescem carvalhos perto do mar, por causa da atmosfera salgada, a qual eles não resistem, mostra que a área antigamente era terra firme, e que a linha da praia foi consideravelmente alterada.	
Massada, a leste do deserto da Judéia	Heb. Univ., M. Avi-Yonah, 1955-56; Fortaleza Herodiana Um local a 80 km ao sul de Khirbet Qumran, uma fortaleza natural utilizada por Jônatas, o sumo sacerdote, que a fortificou. Em outras épocas foi utilizada por outros, como os Herodes. O local foi intensamente pesquisado por Y. Yadin, em 1963 e 1964, que publicou um livro sobre seus estudos, intitulado *Massada* (ver o artigo a respeito).	*Guerras* VIII.8.3; XIII.7-9; XIV.13.8,9, de Josefo.
Megido, Tell el-Mutesellim	Deutsche Orientges, 1903-05 I (níveis I-V.). Completamente desenterrada. Oriental Inst. Chicago, 1925-39. Algumas descobertas cananéias antigas. Marfins. Y. Yadin, 1960; portão G. Shumacher, 1903. Foi descoberto o bem conhecido selo de Jeroboão. P.L.O. Guy, em 1935, descobriu os famosos marfins de Megido. C.H. Roberts também escavou na área, entre 1931 e 1933.	I Reis 4:12 e II Crô. 35:22
Mênfis a Karnak — Trinta e sete localidades	August Ferdinand François Mariette, 1850 em diante. Quinze mil monumentos. Templo de Edfu, templo de Hatsepsut, em Deir el Bahri, e templo de Abu Simbel.	
Mispa, Tell en-Nashbeh, 15 km N de Jerusalém	Pacific School of Religion, W.F. Badé, etc. 1926-35; sepultamentos; cerâmica filistéia; portão da cidade	Gên. 31:49 e Nee. 3:7
Nínive, a leste do rio Tigre Cômoros de Koujunjik e Neby Yunus	Paulo Emile Botta, 1842; M.E. Fladin, 1844; e Victor Place, 1851. Foi o início da assiriologia. M.E.L. Mallowan, trabalhou por trinta anos na região, a partir de 1931.	Gên. 10:11,12; Jonas 1:2; 3:2 e 4:11.

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Nimrod (antiga Calá), a sudoeste da Babilônia	Austen Henry Layard. Os palácios de Assurbanipal, Salmaneser II, reconstruído por Tiglate-Pileser II, de Adadnirari e de Esar-Hadom. Foi encontrado no palácio real o obelisco negro de Salmaneser, 1842. E também vinte e cinco mil tabletes de argila da Biblioteca Real de Nínive. Hormuzd Rassam fez outras descobertas ali em 1843-1844, no palácio de Assurbanipal.	Gên. 10:11; I Crô. 1:10; Miq. 5:6.
Nipur, na Babilônia	John P. Peters, Haynes e H.V. Hilprecht, 1888. Descobriram vinte mil tabletes em Nipur, aumentando em muito o nosso conhecimento da literatura sagrada da Babilônia.	II Reis 18:13; 19:16; II Crô. 32:1; Isa. 36:1.
Nuzi (Yoghlan Tepe), a 241 km ao norte de Bagdá.	As escavações começaram em 1925 e terminaram em 1931, por uma expedição conjunta da Escola Americana de Pesquisas Orientais de Bagdá e pela Universidade de Harvard. Nuzi e os cômoros adjacentes produziram mais de vinte mil tabletes de argila com escrita cuneiforme, em um dialeto babilônico. Os tabletes incluíam arquivos completos, entre os quais os de Teiptila, príncipe Silwatesup e Tulpunaia. Os tabletes comentam sobre cada faceta da vida e ilustram muitos costumes e condições sociais dos povos na época dos patriarcas, nas narrativas bíblicas. Representam civilizações dos séculos XIV e XV A.C., quando a cidade estava sob o domínio hurriano (ver *horeus*). O ND ilustra alguns dos costumes abordados, que são de interesse bíblico, em seu artigo sobre a *Arqueologia*, sob o ponto VIII, Inscrições Cuneiformes, Nuzi. E. Chiera identificou os hurrianos, em 1928.	Livro de Gênesis.
Óstia, um porto do rio Tibre, na Itália	H.F. Squarciapino descobriu, em 1962, uma sinagoga do século IV D.C. Essa é a mais antiga sinagoga descoberta na parte ocidental da Europa.	
Oxyrhynchus, a 192 km do Cairo, para o sul	Bernard Pyne Grenfell e A.S. Hunt, em 1895. Descobriu a primeira página da *Logia* de Cristo. A partir de então muitos outros manuscritos em papiro foram encontrados relacionados à *Logia* ou às Declarações de Nosso Senhor, que são declarações extracanônicas de Jesus. Ver o artigo sobre as *agrafas*, quanto a detalhes. Esses dois homens deram início à ciência da papirologia. A própria palavra foi usada pela primeira vez em 1898.	
Papiros de Chester Beatty e Papiro 52, Ver sob Egito		

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Pérsia	Inscrição de Dario I na rocha de Beistum, 1842, por Rawlinson, que assim proveu o alicerce de nosso conhecimento sobre a escrita cuneiforme, e conseqüentemente, a história da Babilônia e da Assíria.	II Reis 17, 20, 24, 25; Gên. 2:14; I Reis 15:19; I Crô. 5:6; Eze. 4, 5, 6; Dan. 5, 6, 9.
Petra, sudoeste do rio Jordão	Cidade antiqüíssima, do século I A.C. Johan Ludwig Burckhardt, 1784-1817. Uma cidade que tem sido uma popular atração turística, mas sem referências bíblicas diretas. A tradição diz que os cristãos fugiram para esse lugar quando da aproximação das tropas romanas, e assim escaparam completamente à destruição de Jerusalém no ano 70 D.C. George L. Robison, que descobriu o «lugar alto» de Petra. Em 1963, P. Hammond Jr. descobriu ali um teatro romano.	Mateus cap. 24 (implicado)
Qalat Jarmo, no nordeste do Iraque	Descrições da pré-história relativa aos capítulos primeiro a quarto do livro de Gênesis. Obra de Robert Braidwood, 1948-1949.	
Qasileh, El Khirbe a L de Tell Aviv	B. Mazar, 1948-49; destruída ao tempo de Davi; comércio com Chipre, Egito e Ofir	
Qumran, Ain Feshkha, a O do mar Morto	A narrativa da descoberta é contada no livro de John C. Trevers, *The Untold Story of Qumran*, 1956. Muito se tem escrito sobre os manuscritos do Mar Morto. Qumran tem sido amplamente identificada como parte de uma colônia de essênios. A descoberta de cerca de quinhentos documentos envolve material bíblico e secular. Cerca de cem rolos pertencem ao Antigo Testamento em hebraico (todos os livros do Antigo Testamento, pelo menos em parte, com exceção do livro de Ester). Datam de alguns poucos séculos A.C. até o século I D.C. Alguns fragmentos da Septuaginta também foram encontrados, e alguns poucos dos livros apócrifos, como Tobias, Eclesiástico, epístola de Jeremias (em grego), I Enoque (em aramaico), e Jubileus (em hebraico). As escavações continuam até o presente. Ver o artigo sobre *Qumran*.	
Quir, Haraseth, Kerak, Jordânia	Sondagem (cidade de Mesa de Moabe; restos de cruzadas)	Isa. 16:1 e Amós 1:5
Quiś (Tell-el-Uheimir), a 13 km a leste da Babilônia	Em 1923 foram feitas descobertas que desvendaram a história da Suméria. O relatório foi feito por Stephen Langdon, *Excavations at Kish*.	Deut. 3:11 e Eze. 21:20

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICA'
Rabate-Amom, Aman, Jordânia (Filadélfia)	G.L. Harding, 1949. Paleolítico-calcolítico (túmulos; cerâmica); (túmulo hicso); helênico-romano (teatro)	
Roma, Itália central, perto da costa ocidental	Locais tradicionais; Coliseu, parques, banhos, edifícios, estradas, teatros, fórum, arcos (muitos arqueólogos no decorrer dos anos) Giovanni Battista de Rossi, 1864 em diante. Catacumbas de Roma. Sete anos de escavações no cemitério sob a basílica de São Pedro, iniciados em 1950 sob a direção de Ludwig Kaas.	Atos 2:10, 18:2, 19:21, 22:1, 28:14,26, Rom. 1:7
Roseta, Baixo Egito	Chave para o decifrамento dos hieróglifos egípcios, em 1799, pelos franceses que estavam reparando fortificações ao norte da cidade de Roseta. Bossard foi o homem, mas sua identificação não é segura. A pedra foi levada para o Cairo, e atualmente acha-se no Museu Britânico.	
Samaria	D.G. Lyon, C.S. Fisher e G.A. Reisner, em 1910-1911. Grandes escavações em Samaria. Essa obra bem-feita e completa assinalou um ponto nevrálgico em um melhor conhecimento arqueológico da Palestina. Ver o artigo sobre a *Samaria*.	I Reis 13:32; 16:24; II Reis 1:2; 2:25; II Crô. 18:2,9; Isa. 7:9; Miq. 1:1,5,6; 17:11; João 4:4,5,7,9.
Saqqara, ver sob Egito	Houve quatro anos de escavações, começando em 1931, iniciados pela Universidade Hebraico-Britânico-Americana, um projeto que continuou sob a liderança de J.W. Crowfoot.	
Sardis	Howard C. Butler, 1910-1914, conduziu uma ótima equipe a Sardis, antiga capital da Lídia, com muitas descobertas.	Apo. 1:11; 3:1,4.
Saruem, Tell el-Far'a, SL de Gaza	Egito, W.F. Petrie, 1928-30; túmulos; cerâmica dos filisteus; hicsos, colonos fenícios; vasos persas	Jos. 19:6
Sela, Petra, a L do Arabá	Melchett Fund (C. & G. Horsfield), 1934-1938; calcolítico; helênico F.W. Albright, 1944-45; (cidade dos nabateus e portão; lugar elevado. P. Parr, etc., 1937-1957-60	Isa. 16:1
Sidom	Hugo Winckler, 1903-1904. Muitas descobertas.	Gên. 10:15; Mat. 11:21,22; Atos 12:20.
Siló, Khirbet Seilun, S de Samaria	Expedição Palestina Dinamarquesa, A. Schmidt, 1926-29, 1932; destruída pelos filisteus; helênico-islamita (mosaicos bizantinos)	
Sinai	Constantin Tishendorf, 1859, que encontrou um manuscrito bíblico importantíssimo, o Codex Sinaiticus.	

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Siquém, Tell Balatah	Vienna Academy, E. Sellin, 1913-34; santuário; portão leste. Drew-McCormick, G. Wright 1956-60 As descobertas mostram que Siquém (Balata) vinha sendo ocupada até 67 D.C., quando provavelmente foi destruída por Vespasiano, que também arrasou o templo adjacente dos samaritanos, no monte Gerizim.	Gên. 33:18, Núm. 26:31
Sucote, Tell Deir'alla, Rio Jaboque	Nederlands Inst., H. Francken, 1961	Gên. 49:10 e Jer. 7:12
Suméria, Baixa Babilônia	Ernest de Sarzec, 1877. Descobertas que despertaram o mundo para a arqueologia suméria. O capitão Gason Cross posteriormente participou das descobertas.	
Susa, na Pérsia	M. Dieulafoi, 1884. Escavação dos edifícios reais. J. de Morgan, 1897. Descobriu a estrela esculpida com o código de Hamurabi.	Esd. 4:9; Dan. 8:2 e Nee. 1:1
Tanque, Tell Ta'naque, 8 km a SL de Megido	Academia de Viena, E. Sellin, 1902-04; helênico (porto; tábuas do século XV A.C.; cidadela).	Jos. 12:26 e I Reis 4:12
Tarso	Hetty Goldman, a começar pelo ano de 1934, fez amplos estudos, resultando na publicação de dois volumes (1950-1956), *Excavations at Gozlu Kule*.	Atos 9:11,30; 11:25; 21:39 e 22:3.
Tebas, ver sob Egito		
Teilat-el-Ghassul, no vale do Jordão	Os jesuítas efetuaram oito campanhas nessa área, até 1938, tendo feito muitas descobertas.	
Tell el-Hesi, no sudoeste da Palestina	Flinders Petrie, 1890. Estabeleceu importantes princípios arqueológicos de estratigrafia, uso de cerâmica para medição do tempo, distinção de níveis de ocupação, e portanto, de variegadas civilizações. F.J. Bliss apoiou suas teorias e a cronologia de 1894, de Petrie-Bliss, mostrou ser correta até 1500 A.C., contando para trás.	
Tell Harari, perto do rio Eufrates, no suleste da Síria.	Descobrimento de Mari (Tell Harari), a 11 km de Abu Kemal. As escavações prolongaram-se de 1933 a 1960. Foi descoberta uma imensa quantidade de tabletes de argila — mais de vinte mil — escritos em um dialeto similar ao hebraico dos tempos dos patriarcas. Provêem muita informação da geografia, da história, dos conflitos militares, da cultura e da religião do noroeste da Mesopotâmia, ilustrando coisas do período patriarcal da história bíblica. Os materiais descobertos mencionam os incursos dos *habiru* (hebreus). As mesmas escavações encontraram os templos do deus Dagom e da deusa Istar. Os tabletes foram encontrados no palácio do governante Zimri-Lim (século XVIII A.C.).	Gên. 11:23,24; 33:18; 34:1-3; Êxo. 30:13,14 e Jos. 24:23.

LUGAR E LOCALIZAÇÃO	DESCOBERTAS, ARQUEÓLOGOS, DATAS	REFERÊNCIAS BÍBLICAS
Tirza, Tell Far'a, a NE de Siquém	Ecole Biblique, Jerusalém (de Vaux) 1946-47, 1950; calcolítico e proto-urbano (túmulos). Abandonada por causa de Samaria. Muros da cidade, reocupada em cerca de 700-600 A.C.	
Tróia, Ásia Menor	Heinrich Schliemann, 1870. Foi o primeiro a deixar claro que um cômoro é uma ruína com muitas descobertas arqueológicas possíveis.	
Turim, Itália, NO Sudário de Turim	Academia Francesa de Ciências. Paul Vignon, 1930, Kurt Berna (1968)	Mat. 27:40, Marc. 15:46, Luc. 23:45, João 20:5-7
Ur, na antiga Caldéia	Sir Charles Leonard Woolley, em 1922. Fez escavações que marcaram época em Ur, nas ruínas da cidade de Abraão, chamadas Al-Muqayyer. O local já havia sido investigado em 1854 por Loftus. Woolley realizou suas escavações sistemáticas de 1922 a 1934, patrocinadas pelo Museu Britânico e pela Universidade de Pennsylvania. Inúmeras descobertas foram feitas, dadas a público em seu livro, *Ur of the Chaldees*, publicado em 1929.	Gên. 11:28-31; 12:1-4; 15:7 e Nee. 9:7.
Vergina, Grécia, a 64 quilômetros de Salônica, local da antiga Aegae, sede da realeza macedônica, no século IV A.C.	Os ossos de Felipe II da Macedônia foram encontrados em um esquife de ouro, obviamente em um túmulo real. A descoberta foi feita em 1977. O ferimento foi feito por uma flechada, durante o cerco de Metone, em 354 A.C., o qual é claramente visível no crânio. Entre muitos outros objetos, cinco minúsculas esculturas em marfim foram encontradas, duas das quais são de Felipe II e de Alexandre, o Grande, seu filho. As outras três evidentemente representam a esposa de Felipe, Olímpias, e os pais de Felipe. A morte de Felipe ocorreu em Aegae, em 336 A.C. *Importância para o Novo Testamento*. Felipe unificou as cidades-estados gregas, mediante conquista militar, traçando os planos para a invasão da Pérsia. Alexandre o Grande, seu filho, efetuou essas conquistas. Então partiu para o domínio do mundo civilizado conhecido da época, propagando a língua grega a todos os rincões do império. Esse idioma tornou-se universal, sendo essa a razão pela qual o Novo Testamento foi originalmente escrito em grego. Essa descoberta arqueológica foi uma das maiores já feitas em todos os tempos. Uma figura de cera, representando o crânio de Felipe, pode ser vista no Museu de Manchester, Inglaterra.	

VII. *Bibliografia* (AM ALB ALL BL DIR GOR HAR HARI ID KE ME ND PRE RAM UN UN (1957) UNA WR WRI YA Z)

ARQUÉTIPO

Vem do grego **arche**, «primário», e **tupos**, «figura», «padrão».

1. Em Platão, as *formas* ou *idéias* originais, das quais participam as coisas (particulares). Os particulares são cópias inferiores das formas ou idéias. Ver o artigo sobre *Formas*.

2. No escolasticismo, como em Tomás de Aquino, as formas existem na mente divina, uma idéia chamada *conceptualismo* (ver o artigo). Ver também acerca dos *Universais*.

3. Em Locke, o termo indica os originais de nossas idéias, originadas neste mundo, por meio da percepção dos sentidos.

4. Em Jung, a palavra veio a significar as formas primárias do inconsciente coletivo.

5. Na teologia cristã, o *arquétipo* de nossa existência é Cristo, visto que em Sua imagem é que estamos sendo transformados (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Isso nos faz participar da natureza divina como filhos (II Ped. 1:4). Trata-se do mais sublime de todos os conceitos religiosos, o cerne mesmo do evangelho. Ver o NTI em II Ped. 1:4; II Cor. 3:18; Col. 2:10 e Rom. 8:29. (NTI P)

ARQUEUS

Uma família de cananeus (ver Gên. 10:17 e I Crô. 1:15), habitantes da cidade de Arca, moderna Tell 'Arqa, cerca de 19 km a nordeste de Trípoli, na Síria. Os arqueus são mencionados na genealogia de Noé. Arca foi conquistada por Tiglate-Pileser III, em 738 A.C. O imperador Alexandre Severo nasceu nessa cidade. Esta veio a ser chamada Cesaréia do Líbano. Nas inscrições assírias, a cidade é chamada Irkatah. O lugar também é mencionado em fontes egípcias (cartas de Amarna; ver o artigo sobre *Arqueologia*, VI, Escavações Arqueológicas, sob Tell-el-Amarna). (ND Z)

ARQUEVITAS

O nome designa pessoas provenientes da cidade babilônica de Ereque (Uruque), as quais juntamente com persas, babilônios, elamitas e outras foram transplantadas por Assurbanipal, ou Osnapar, para cidades de Samaria e outras porções da província (ver Esd. 4:9,10). (Z)

ARQUIPO

Seu nome aparece na saudação da epístola de Paulo a Filemom (vs. 2). Ele também é exortado em Colossenses 4:17. Em Filemom, ele é chamado «companheiro de lutas». Isso dá a entender que ele tivera alguma associação anterior com Paulo, que labutara a seu lado. Sua associação íntima com Filemom e Áfia (provavelmente a esposa de Filemom) tem sugerido, na opinião de alguns eruditos, que ele era filho do casal. Pelo menos estava intimamente ligado a eles, na igreja de Colossos, sendo, evidentemente, um de seus líderes principais. Alguns supõem que o ministério que Arquipo foi exortado a cumprir (ver Col. 4:17) era na cidade vizinha de Laodicéia, o que pode ser verdade ou não. Porém, é extremamente improvável a idéia, aventada por alguns, que ele era o hospedeiro da igreja de Colossos, o proprietário de Onésimo e a principal personagem endereçada na nossa epístola a Filemom. Por que Paulo falaria especificamente a Filemom, se, na realidade, quisesse dirigir-se a Arquipo? A menção do nome de Filemom, em primeiro lugar, quase certamente indica que ele era a principal pessoa endereçada e que as demais pessoas são mencionadas por cortesia, pelo menos no que tange ao problema de Onésimo. É bastante improvável que o «ministério» aludido, que ele esperava cumprir, tivesse qualquer coisa a ver com a soltura de um escravo. A tradição afirma que Arquipo foi apedrejado até morrer, juntamente com Filemom e Áfia, em Cone, perto de Laodicéia, além de incluí-lo entre os setenta discípulos missionários especiais do décimo capítulo de Lucas. Usualmente, porém, tradições como essas são apenas fantasias para preencher hiatos em nosso conhecimento. (IB NTI UN)

ARQUITAS

Uma tribo mencionada em conexão com a partilha recebida pelos descendentes de José (ver Jos. 16:2). Husai, o arquita, o mais famoso personagem dessa tribo, era conselheiro de Davi, e mais tarde, de Absalão (ver II Sam. 15:32; 16:16; 17:5,14; I Crô. 27:33). A tribo estava localizada na fronteira norte de Benjamim. A data de Husai é cerca de 1050 A.C. (ID S)

ARQUITAS

Filósofo grego do século IV A.C. Viveu em Tarantô. Foi pitagoreano da segunda geração, discípulo de Filolaus (ver o artigo a seu respeito). Foi amigo de Platão. Ele separou a teoria dos números dessa escola (ver sobre o *pitagoreanismo*) de seu arcabouço místico e religioso, e assim possibilitou o avanço da teoria matemática, encorajando sua aplicação científica. Defendia a idéia da infinitude do espaço, desafiando aqueles que defendiam a idéia de sua finitude, a fim de que lhe explicassem como, se ele fosse levado à beira do espaço, não poderia chegar mais além. (P)

ARQUITETÔNICO

Termo usado para descrever um sistema filosófico armado segundo um plano coerente. 1. Em Kant, essa qualidade teria sido atingida em seu plano, exemplificada nas categorias, através de distinções próprias da lógica formal. 2. A filosofia de Charles Pierce pode ser assim epitetada, devido ao fato de que ele derivou seu padrão do exame fenomenológico da experiência imediata, como também de uma pesquisa de todos os campos do conhecimento humano. (P)

ARQUITETURA

1. O termo «arquiteto» vem do grego archítekton, formado por *archi*, «chefe», = *tekton*, «construtor» ou seja, o primeiro construtor, chefe-construtor. Portanto, a arquitetura é a construção de estruturas gerais e edificações que um chefe-construtor realiza.

2. Declaração geral. Centenas de obras arquiteturais, construídas nos tempos bíblicos têm sido desenterradas. A beleza arquitetural, conhecida e exemplificada através dos hebreus, era tomada por empréstimo principalmente dos egípcios, babilônios, assírios, fenícios, gregos e romanos. Ao deixarem o Egito, levaram consigo conceitos arquiteturais egíp-

cios. Entrando na Palestina, adotaram o que ali encontraram, porque o que ali existia era adaptado ao clima palestino, e os materiais de construção disponíveis não incentivavam qualquer inovação. O próprio templo de Jerusalém, o ponto culminante da arquitetura de Israel, incorporava muitas idéias acerca da estrutura e do material de templos que já existiam.

3. Arquitetura egípcia. Desde tempos remotos, na primeira dinastia, entre 2900 e 2700 A.C., os ancestrais de Israel contemplavam as gigantescas pirâmides, embora já tivessem séculos de antiguidade nos dias de Abraão.

Variedades de pirâmides. Da terceira à sexta dinastia, cerca de 2700 a 2000 A.C. a. Na terceira dinastia, a pirâmide de degraus. b. Na quarta dinastia, a gigantesca pirâmide de Gizé, cuja base cobre uma área de 13 acres, com 136 m de altura. Foram usados 2.300.000 blocos de duas toneladas e meia cada. Essa era a pirâmide do Faraó Kufu. c. Seu sucessor, Cafre, construiu uma ainda mais alta, com 147 m de altura; e ele mesmo é representado na cabeça da esfinge, que foi erigida a leste dessa pirâmide. d. Então houve pirâmides com textos inscritos em seus lados, na quinta e na sexta dinastias.

Outras maravilhas arquitetônicas. a. O templo da rainha Hatsepsute, cerca de 1500 A.C., em Deir-el-Bahri, perto de Tebas, uma bela estrutura de pedra calcária branca, com terraços apoiados em colunas. b. Dois gigantescos obeliscos da rainha Hatsepsute, em Carnaque. c. O templo palacial de Amom, em Carnaque (antiga Tebas), ampliado por Tutmés III (falecido em 1450 A.C). d. O túmulo de seu vizir, Rekmire. e. Templo mortuário de Ramisés, em Tebas, um edifício estranhamente belo. f. Templo de Luxor, acrescentado por Ramisés mediante a construção de 134 tremendas colunas, uma parte do maior templo que já foi construído em toda a história da humanidade. g. Um templo completo escavado em uma rocha que contempla o rio Nilo, por Ramisés, completado por quatro estátuas desse Faraó.

4. Arquitetura na Mesopotâmia. a. Palácios (ver Isa. 39:7; II Reis 20:18) em Ereque (Uruque, Warka; ver Gên. 10:10), a 80 km a noroeste de Ur. b. Templos monumentais e a gigantesca torre de Eana, feita de tijolos de barro (cerca de 2500 a.C.). c. Uma torre palco na Babilônia (cf. Gên. 11:1-6). d. Em Ur, templos, palácios e um antigo zigurate (torre palco) (cf. Gên. 11:28,31; 15:7; Nee. 9:7). e. Na Assíria, o templo do deus Assur, cidades fortificadas com muralhas, portões e marcos. f. Na Babilônia, um espantoso número de palácios, edifícios públicos, templos e uma torre, que alguns pensam ser a torre de Babel (ver Gên. 10:10; 11:9; II Reis 17:24,30). g. Em Calné (Calá, Nimrude; ver Gên. 10:10), a 32 km a nordeste de Nínive, palácios de reis assírios do século VIII A.C., dotados de leões ornamentais com cabeças humanas. h. Em Quis, a 13 km a leste da Babilônia, palácio dos reis e o templo de Istar. i. Em Nínive, no alto rio Tigre, a norte de Assur, palácios assírios ornamentados, incluindo o palácio de Senaqueribe, cerca de 704-681 A.C., com não menos de setenta e um aposentos, três quilômetros de paredes com lajotas esculpidas. A biblioteca de Assurbanipal (669-633 A.C.). O palácio de Sargão II (721-705 A.C.), dotado de esplêndidos altos-relevos e de telhas com pinturas esmaltadas. Em Mari, um gigantesco palácio dos governantes amorreus, um templo de Istar e um zigurate. Esse palácio cobria uma área de 15 acres, dispondo de inúmeros apartamentos reais, escritórios, uma escola para escribas e uma biblioteca com mais de vinte mil tabletes de argila.

Residências particulares. Essas construções variavam em seu resplendor. Desde tempos remotos, cerca de 2000 A.C., na Mesopotâmia, as casas eram construídas de pau-a-pique. Exemplares desse tipo de construção têm sido encontrados em Ur. Também havia residências com dois pavimentos. Algumas delas tinham vários aposentos ao redor de um pátio, munido de tanques e encanamento para recolher a água da chuva. As casas dos mais abastados eram maiores, tinham muitos aposentos, todos convenientemente dispostos, com áreas de recepção e áreas privadas.

5. Arquitetura persa. As ruínas de Persépolis, a 40 km de Parsagade, para sudoeste, provêem a mais impressionante arte e arquitetura persa. As escavações descobriram o Tacara, o palácio de Dario, o Apadana, o salão de audiências de Dario e Xerxes, o salão de cem colunas, o portão de Xerxes, com gigantescas imagens de bois a guardá-lo, conforme se via também nos palácios da Assíria, o harém de Dario e Xerxes, a residência de Xerxes (486-465 A.C.), o tesouro real com magnificentes relevos. Em Susa (na Bíblia, Susã, ver Nee. 1:1; Est. 1:2 e Dan. 8:2), foi desenterrado o palácio de Dario, que tinha painéis de tijolos esmaltados lindamente coloridos, relevos de bois alados e grifos alados, e lanceiros da guarda real.

6. Arquitetura grega. Atenas é a que exibe a melhor arquitetura grega, e muitas cidades gregas contam com arquitetura similar, embora em menor extensão. No século V A.C., a idade áurea dessa arquitetura, templos soberbos e outras edificações ornavam a Grécia. O templo mais importante era aquele dedicado à deusa Atena, protetora da cidade. Muitas outras estruturas eram famosas com razão, como o Partenon, o Templo da Vitória Sem Asas, o Odeon (Salão de Música), o Erecteum, a Colunata de Eumenes II, o Tesiom, o templo de Zeus e o Agorá. Em Corinto, têm sido descobertas estruturas similares, como o Teatro, o templo de Apolo, o santuário de Esculápio e a Basílica.

O estilo dórico. Típica é a coluna de estilo dórico, cuja haste aumenta o seu diâmetro em proporção quase imperceptível, até cerca de uma quarta parte de sua altura, e então diminui levemente após isso, até o cimo. Não tinha base, mas repousava imediatamente no pedestal, sendo circundada por projeções semicirculares, encontrando-se em ângulos agudos. O capitel consistia em três partes, o pescoço da coluna, uma moldura circular, e o ábaco, um ornamento quadrangular que suportava e arquitava, uma pedra quadrangular que se apoiava nas extremidades, em duas colunas. Acima disso havia o friso, tudo encimado pelo cornicho.

O estilo jônico. Uma coluna mais alta que a dórica, com um alargamento na base, embora menor que a dórica. A extremidade superior também tinha formato diferente, e com freqüência havia relevos ao longo de seu comprimento.

O estilo coríntio. Muito parecido com o jônico, mas com decoração de folhas e outras figuras, nas extremidades.

7. Arquitetura etrusca e romana. O etruscos (que habitavam a Itália central) apreciavam muito a

decoração, e assim cobriam seus edifícios com ricos ornamentos entalhados. Não permanece até hoje qualquer um de seus templos, nem mesmo ruínas, porque a infraestrutura dos mesmos era construída de madeira. Suas construções são reconhecidas hoje em dia através de suas muralhas e de seus túmulos. Os portais de Volterra e Perúgia têm um verdadeiro arco feito de pedras em forma de cunha. Os esgotos de Roma, lançados no século VI A.C., foram uma impressionante demonstração de engenharia e arquitetura.

Os romanos preservaram o arco dos etruscos, elaborando-o para tornar-se no arco cruzado e na cúpula. Tomaram por empréstimo certas idéias dos gregos, preservando o estilo das colunas gregas. Foram os primeiros a construir edifícios de tijolos. No século III A.C. começou a construção das estradas, o que deu aos romanos tão justa fama. No século I A.C., a arquitetura romana tornou-se ornada e pomposa, exibida nos edifícios públicos e também nas residências dos ricos. O primeiro teatro de pedras foi erigido em Pompéia, em cerca de 55 A.C. César tomou sobre si a tarefa de erigir teatros, templos, anfiteatros, circos, basílicas e o famoso Fórum. Augusto terminou a maioria dessas obras e iniciou outras. Agripa construiu um magnificente Partenon. Até mesmo uma relativa cidade interiorana como Pompéia contava com luxuosos edifícios públicos. Vespasiano construiu o Coliseu, um gigantesco anfiteatro. E também havia os banhos de Tito e seu arco triunfal. O arquiteto de Trajano, Apolodoro de Damasco, ultrapassou em dimensões e esplendor tudo quanto havia antes dele, tendo levantado o Fórum Trianon, com sua gigantesca Basílica Ulpia, e a coluna de Trajano, que até hoje sobrevive.

8. Arquitetura dos hebreus. Originalmente, eles eram pastores e habitavam em tendas, e não tinham arquitetura. Provavelmente, devido à influência egípcia, Israel a princípio construiu cidades. Sem dúvida, foram compelidos ao trabalho escravo, edificando alguns dos grandes monumentos do Egito. Em Canaã, os hebreus habitavam em casas de pedra (ver Lev. 14:34; I Reis 7:10), a maioria das quais provavelmente eles tomaram, não as tendo construído (ver Deu. 6:10 e Núm. 13:19). Também edificaram cidades fortes, com muralhas. Aparentemente não havia uma maneira sistemática de construção, embora provavelmente predominasse o estilo de cabanas de pedras e barro, com um único aposento.

No tempo dos reis. Nesse tempo, começou realmente a arquitetura dos hebreus. Um povo que lutava para sobreviver e não tinha tempo para fantasias e grandiosidades arquitetônicas. Porém, uma vez que a prosperidade deles começou a acentuar-se, as edificações refletiram o aprimoramento da situação. Dos dias de Saul em diante, a arquitetura descoberta pela arqueologia consiste em maciças construções de pedra, como no caso das residências reais, que mais se assemelhavam a masmorras. Posteriormente, por haverem feito empréstimos dos estilos estrangeiros, passaram a ser construídas estruturas mais nobres entre os hebreus.

No tempo de Davi e Salomão. As conquistas militares trouxeram as riquezas, e havia mais para ser investido em edificações. O primeiro palácio de Davi, em Hebrom, provavelmente era uma casa de pedras de telhado chato, com as características de uma fortaleza. Ele também construiu para sua residência uma casa de madeira de cedro (ver I Sam. 7:2), a suleste do que mais tarde se tornou Jerusalém. Também fortaleceu a própria cidade com muralhas maciças. A paz e a prosperidade levaram Salomão a experimentar de tudo, e a antiga idéia da construção de um templo finalmente se concretizou. Ele dependeu muito das habilidades dos fenícios, importando inúmeros conceitos e materiais para decorar o edifício. O produto final era caracteristicamente fenício, o que também já era de se esperar, visto que foi obra de um arquiteto sírio (ver I Reis 7:13-15). Construções similares, com base em planos semelhantes, têm sido encontradas, pertencentes ao período de 1200-900 A.C., no norte da Síria e em Tell Tainat. Descrições amplas são dadas sobre *templo*, em um artigo separado, que versa sobre esse assunto.

Os impostos determinados por Davi e Salomão para financiar o extenso programa de edificações levou à construção de «cidades-armazéns». Foram construídos edifícios em Bete-Semes e Laquis, de construção bem simples, mas com paredes excepcionalmente fortes, com longos e estreitos aposentos, provavelmente para armazenar cereais. Esses aposentos tinham, inicialmente, 32 m de comprimento; e, posteriormente, 78 m de comprimento. Isso requeria residências para os encarregados, anexas aos armazéns. Em Megido e Hazor, grandes edifícios dotados de colunas foram levantados, com pátios pavimentados, que alguns estudiosos julgam ter sido estábulos, embora pudessem ser salas e escritórios para recepção ao público. Edifícios similares foram encontrados em Tanaque, Eglon e Gezer. Nesses edifícios eram usadas grandes pedras, um tanto toscas nas fieiras inferiores, mas com pedras de esquina bem formadas e perfiladas. Em seguida vinham fieiras de madeira, misturadas com tijolos cozidos ao forno. Os pátios centrais abertos e grandes, recolhiam a água da chuva em cisternas cavadas na rocha, similares àquelas encontradas em Bete-Semes, pertencentes aos séculos XIII e XIV A.C. Essas cisternas eram usadas para recolher água potável, para propósitos de lavagens e para servirem de masmorras (ver I Reis 22:38; Jer. 38:6). Algumas vezes, por baixo desses pátios centrais, profundos túneis eram cavados até à fonte mais próxima, para trazerem suprimento de água. Tais túneis têm sido encontrados em Gibeom, Gezer, Megido, Laquis e Jerusalém, demonstrando considerável técnica de engenharia. Túmulos escavados na rocha, alguns deles bastante amplos, mostram a influência egípcia.

Residências particulares. Desde tempos remotos, têm sido encontrados restos de casas próximas de Siquém (pertencentes ao século XVII A.C.). Há uma única entrada que vai dar em um pátio central, de onde há acesso para os quartos que eram usados para abrigar servos e para servir de armazéns. Esse planejamento básico parece ter sido comum em todo o antigo Oriente Próximo, para o caso de pessoas mais abastadas. As casas dos pobres eram muito austeras, tendo cobertura de palha trançada, com paredes feitas de pau-a-pique e vigas de madeira. As mais pobres contavam com um único aposento; mas dois aposentos eram comuns nessas casas. Por volta de 1500 A.C., tornaram-se comuns casas com um aposento maior na frente, e um aposento menor atrás; e naturalmente, os ricos sempre dispunham de muitos aposentos e de amplo espaço.

9. No período intertestamental. As mais impressionantes estruturas desse período podem ser representadas pelo mausoleu da família Tobiade, em Araq'el-Emir, na Jordânia. Tinha enormes pedras e colunas com capitéis coríntios ornados com frisos e figuras de leões, mostrando a influência helenista. Porém, a influência fenícia continuava presente nesse período. Foram construídas torres redondas, em Samaria. Vários monumentos exibem uma mistura de estilos, como o túmulo de Zacarias (em Jerusalém), com seu telhado piramidal egípcio, capitéis e pilastras gregas, com colunas nas esquinas, lapidadas da rocha.

10. No Novo Testamento. Herodes e seus sucessores mostraram-se especialmente ativos em suas obra arquitetônicas, como no caso do templo de Jerusalém (ver Luc. 21:25) e de vários edifícios em Samaria e Cesaréia, bem como em cidades menores. O templo de Herodes dominava Jerusalém, no que concerne à arquitetura. De fato, era um cartão de visitas da política protecionista de Herodes ao judaísmo. Começou em cerca de 19 A.C., e foi terminado após 46 anos de labor (ver João 2:20). O trecho de Mar. 13:1,2 refere-se às suas impressionantes pedras de construção. Era uma estrutura tripla, onde o átrio inferior formava um ótimo terraço, tendo no meio um átrio interior elevado em plataforma, do qual erguia-se o santuário propriamente dito. Claustros ou pórticos parecem ter rodeado o átrio exterior, uma característica grega. Cristo ensinou ali, tal como o fizeram os Seus apóstolos (ver João 10:23; Atos 3:11 e 5:12). A área descoberta foi transformada em uma feira para vender animais para os holocaustos e em um local de troca de moedas, para os peregrinos. Jesus objetou a esse espírito de comercialização (ver João 2:13-17), algo que sempre infesta os santuários religiosos. Quanto a detalhes sobre a aparência desse edifício, ver o NTI em suas notas em João 10:23. Também pode ser visto o artigo sobre o *templo* de Jerusalém, quanto a maiores detalhes.

As Sinagogas. A estrutura das sinagogas dependia das dimensões da congregação local, mas a *posição* da estrutura era previamente determinada. Usualmente era construída em lugares elevados, e situada de tal modo que os adoradores, ao entrarem e orarem, ficassem de rosto voltado para Jerusalém. Por dentro, a construção lembrava o tabernáculo, mesmo que não fosse duplicação real dos seus elementos. Na extremidade que dava para Jerusalém, ficava a arca, a caixa que continha os livros sagrados, e essa porção da sinagoga se tornava um santuário em miniatura. Ali ficavam os *principais assentos*, que eram disputados pelos fariseus (ver Mat. 23:6). Defronte da arca ficava o candeeiro de oito ramos. Uma de suas lâmpadas ficava a arder continuamente. No meio do edifício havia uma plataforma elevada, sobre a qual várias pessoas podiam ficar em pé para fazer a leitura das Escrituras. A congregação estava dividida, os homens eram separados das mulheres, e uma repartição abaixo servia para esse propósito.

Por baixo do soalho de uma sinagoga, em Cafarnaum, pertencente ao século IV D.C., foram encontrados os remanescentes de uma edificação, que podia ser a sinagoga mencionada em Lucas 7:5, que um centurião romano presenteou aos judeus. Restos de sinagogas muito antigas não têm sido encontradas devido à total destruição das construções judaicas, no primeiro século da era cristã e no começo do século II D.C. (70 e 132 D.C., quando das invasões dos romanos sob Tito e Adriano).

Residências particulares. Conforme sempre sucedeu em todas as épocas, essas variavam segundo a abastança de cada um. As casas dos pobres daquela época, provavelmente não eram muito diferentes daquelas que hoje se vê nas vilas turcas e sírias. Os pobres tinham um aposento, talvez dois (ver Luc. 11:7). Se um homem quisesse ter privacidade ao orar, tinha de ir para a sua despensa, uma estrutura muito simples para guardar legumes, cereais e frutas (ver Mat. 6:6). As casas eram feitas de pau-a-pique, talvez com uma obra de gradil trançado e recoberta de argamassa. Isso podia ser arrombado sem muita dificuldade (ver Mat. 6:19 e as notas nesse lugar, no NTI). As pessoas mais abastadas contavam com casas mais espaçosas, construídas ao redor de um pátio, com telhado plano e vários aposentos. Havia pátios elevados sobre os telhados planos, e podiam ser estendidos ali baldaquinos para que os hóspedes e os membros da família pudessem ir ali, ao refrescar do dia (ver Atos 10:9). Os *cenáculos* (ver Atos 1.13) podiam ser o andar de cima de uma casa de dois pavimentos, ou um pavimento coberto no alto do telhado plano. Algumas vezes, uma escada externa levava a tais aposentos ou construções, no telhado plano.

11. A metáfora da arquitetura. Há várias dessas metáforas no Novo Testamento. Em primeiro lugar, temos a considerar o *alicerce* sobre o qual alguém edifica (ver Mat. 7:24,27; Luc. 6:48, 14:29; Rom. 15:20; I Cor. 3:10-12; Efé. 2:20; I Tim. 6:19; II Tim. 2:19; Heb. 11:10). Isso simboliza como o homem sábio ou espiritual preocupa-se em ter uma sólida e fidedigna base para sua fé e vida. A própria Igreja está edificada sobre o fundamento firme dos apóstolos e profetas, os líderes espirituais do Antigo e do Novo Testamentos. Naturalmente, Cristo, em certo sentido, é o único alicerce. Em outras palavras, Ele é o único fundamento como a base da salvação do indivíduo (ver I Cor. 3:10-12). Mas Ele também é a pedra de esquina, que mantém unido o alicerce e garante a simetria da construção, sendo essa uma parte importantíssima do alicerce (ver I Ped. 2:7). Paulo chamou a si mesmo de «sábio construtor», que ele designou usando o vocábulo grego *architekton*. Mas, cabe dizer que então um arquiteto não era aquele que planejava um edifício, e, sim, o mestre-de-obras, o encarregado da construção. Paulo lançava o alicerce por meio de sua prédica, e o templo cristão ia tomando forma (ver I Cor 3:10). O homem espiritual edifica com ouro, prata e pedras preciosas, materiais duradouros, que não se estragam sob os efeitos do fogo. Isso indica sua vida diária, sua espiritualidade e sua busca. O indivíduo pode construir para o tempo ou para a eternidade, pois a escolha é dele. Aqueles que edificam somente para o tempo, metaforicamente usam materiais como madeira, feno (usado na massa sobre a qual era aplicada a argamassa) e a palha, um elemento essencial no fabrico de tijolos de barro, formando um material barato, ressecado ao sol, para edificações que não tinham o propósito de ser duráveis. Espiritualmente falando, um homem pode construir como o faria um rico ou como o faria um pobre (ver I Cor. 3:12 ss). (AM BAD IB ID FRA ND UN Z)

••• ••• •••

ARQUIVOS, CASA DOS

Em Esdras 6:1, o lugar onde eram registrados os documentos históricos da corte persa. Esses acervos eram comuns no Oriente, nos impérios assírio e babilônico (ver Est. 2:23 e 6:1). Templos, palácios ou importantes edifícios públicos tinham salas para guardar tais registros. Esdras solicitou que fossem examinados os arquivos babilônicos, quanto aos memoranduns reais (ver Esd. 5:17). Algo similar foi a guarda das Escrituras no templo de Jerusalém, em Israel (ver II Reis 22:8). A câmara do escriba Elisama servia de sala de arquivo (ver Jer. 37:20). Em tempos posteriores, no Egito, havia salas especiais ou armazéns, anexos às sinagogas, para guardar e preservar os manuscritos da Bíblia. Esse cuidado foi o que preservou os manuscritos, algo tão necessário na crítica textual das Escrituras. (Z)

ARRAZOAR, RACIONAL

Temos duas palavras hebraicas e cinco palavras gregas, a saber:

1. *Yakach*, «arrazoar», palavra usada por sessenta e uma vezes (por exemplo, Isa. 1:18; Jó. 13:3; 15:3; Gên. 21:25; II Reis 19:4; Pro. 9:8; Jer. 2:19; Eze. 3:26; Osé. 4:4). É palavra que nas versões em geral, e em português, tem sido traduzida por idéias diversas, por ser muito prenhe em sentido, como «arrazoar», «disputar», «corrigir», «repreender», «reprovar», etc.

2. *Shaphat*, «ser julgado», palavra que figura por duzentas e quatro vezes, com variegados sentidos, desde «vingar», «contender», «julgar», «executar», etc. Por exemplo: I Sam. 12:7; Gên. 16:5; Êxo. 5:21; Lev. 19:15; Núm. 35:24; Deu. 1:16; Juí. 4:4; 10:2,3; 11:27; 12:7-9,11,13,14; Jó. 21:22; Sal. 7:8; Pro. 29:14; Isa. 51:5; Eze. 7:3; 11:10,11; 33:20; Dan. 9:12; Joel 3:12; Miq. 3:11; 4:3.

3. *Dialégomai*, «discursar», «raciocinar». Palavra grega usada por treze vezes: Mar. 9:34; Atos 17:2,17; 18:4,19; 19:8,9; 20:7,9; 24:12,25; Heb. 12:5 e Judas 9.

4. *Dialogízomai*, «considerar», «raciocinar bem». Palavra grega usada por dezesseis vezes. E o substantivo, *dialogismós*, «consideração», «raciocínio», mais catorze vezes. Por exemplo: Mat. 16:7; Mar. 2:6,8; 8:16,17; Luc. 1:29; 3:15; 20:24—o verbo; Mat. 15:9; Mar. 7:21; Luc. 2:35; 5:22; Rom. 1:21; I Cor. 3:20; Fil. 2:14; Tia. 2:4—o substantivo.

5. *Logízomai*, «considerar». Palavra grega usada por quarenta vezes, principalmente nas epístolas de Paulo. Por exemplo: Mar. 15:28; Luc. 22:37; João 11:50; Atos 19:27; Rom. 2:3,26; 3:28; 4:3-11; I Cor. 4:1; 13:5,11; II Cor. 3:5; 12:6; Gál. 3:6; Fil. 3:13; 4:8; II Tim. 4:16; Heb. 11:19; Tia. 2:23; I Ped. 5:12.

6. *Suzetéo*, «buscar juntamente», «discutir». Palavra grega usada por oito vezes. Exemplo: Mar. 1:27; 9:10; 8:11; 12:28; Atos 6:9; Atos 15:2,7; 28:29. Daí deriva-se a palavra grega para disputante, sofista, «*suzetetés*», usada em I Cor. 1:20.

7. *Sullogízomai*, «considerar junto». Palavra grega usada por apenas uma vez, em Luc. 20:5.

«Razão» como uma faculdade humana, ou em sentido abstrato, aparece nos livros apócrifos, como Sabedoria 17:12 e Eclesiástico 37:16. Em Rom. 12:1, o «culto racional» é *logikén latreían*, «serviço racional», isto é, pertencente à razão. Os pensadores deste mundo dão excessivo valor à «razão», sem perceberem que, na queda, ficaram afetadas tanto a moral quanto a razão humanas. Por isso diz Paulo: «Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar aos que crêem, pela loucura da pregação» (I Cor. 1:21). Todavia, se desassistida, a mente humana não atinge Deus, o Espírito Santo quer iluminar a razão humana, e o faz, conferindo-nos a mente de Cristo. «Nós, porém, temos a mente de Cristo» (I Cor. 2:16b). E essa não é uma idéia ventilada apenas no Novo Testamento. Já dizia Daniel: «...os perversos procederão perversamente, e nenhum deles entenderá, mas os sábios entenderão» (Dan. 12:10). No crente recém-regenerado, a mente de Cristo inculta lhe é dada potencialmente. Agora sua razão precisa desenvolver-se, mediante o estudo da Palavra e da meditação. Esse estudo não consiste em mera leitura aligeirada. Pedro deixa isso bem claro, ao dizer: «...nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como de fato costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais há certas cousas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles» (II Ped. 15,16). E a epístola aos Hebreus ajunta: «Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando de novo a base do arrependimento de obras mortas, e da fé em Deus, e o ensino de batismos e da imposição de mãos, da ressurreição dos mortos e do juízo eterno» (Heb. 6:1,2). O escritor sagrado evidentemente falava em estágios da experiência cristã, cada qual representado por uma doutrina. No entanto, a maioria do povo de Deus nem chega a entender e viver a doutrina dos batismos. Não têm vivência experimental com doutrinas como imposição de mãos, ressurreição dos mortos e juízo eterno. Os grandes profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento tinham vivência com todas essas realidades espirituais. E, se buscarmos seriamente a espiritualidade, chegaremos lá, porque essa é a vontade expressa de Deus. «...até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina...» (Efé. 4:13,14). (I IB ID NTL UN Z)

ARREBATAMENTO Ver **Parousia**.

ARRECADAS Ver **Pendentes**.

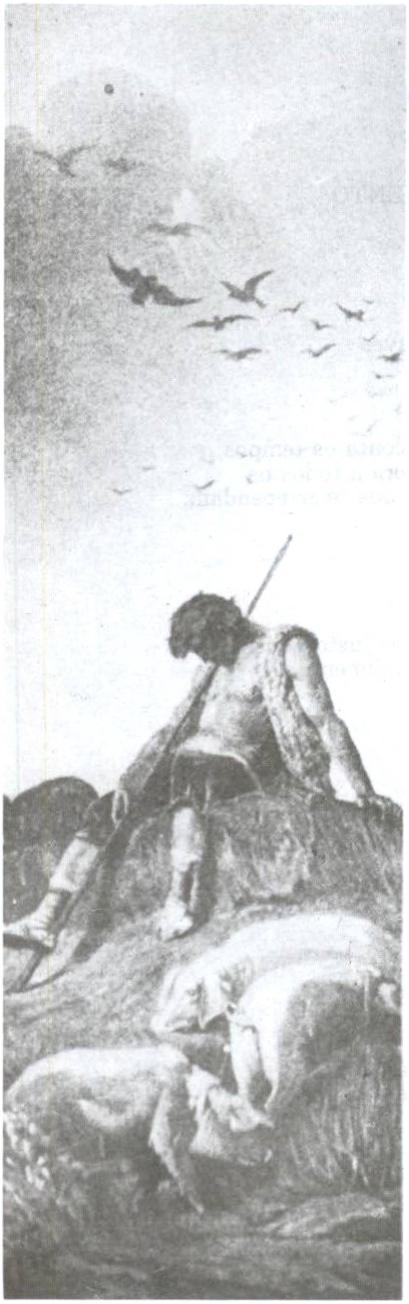
ARREPENDIMENTO

I. Exigência Espiritual

Essa é a principal exigência para que haja perdão de pecados. O arrependimento tem início na conversão, que é o primeiro passo da regeneração. Ver o artigo sobre *Conversão*. A conversão ainda não é a «regeneração» propriamente dita; mas antes, faz parte dela, sendo o início do novo nascimento. Sem conversão não há regeneração, embora a conversão não encerre a totalidade da regeneração. É o começo, o ponto em que o pecador abandona o pecado e o seu antigo «eu», a sua rebeldia contra Deus. A conversão, além disso, é um ato produzido pela influência do Espírito Santo, que não pode suceder sem esse poder, embora existam agitações emocionais que provocam transformações por pouco tempo, que podem imitar a conversão.

A verdadeira conversão é *uma transformação* interna da alma, e esse é exatamente o primeiro passo

O Arrependimento



O FILHO PRÔDIGO



A VOLTA DO FILHO PRÔDIGO

●●● ●●●

ARREPENDIMENTO

●●●

Versículos-Chaves

●●●

Mas Deus, não tendo em conta os tempos
da ignorância, anuncia agora a todos os
homens, e em todo o lugar, que se arrependam.
(Atos 17:30)

Eu não vim a chamar os justos, mas
os pecadores ao arrependimento.
(Mat. 9:13)

●●●

Porque a tristeza segundo Deus opera
arrependimento.
(II Cor. 7:10)

Digo-vos que assim haverá alegria
no céu por um pecador que se arrepende.
(Lucas 15:7)

●●● ●●●

da regeneração. A regeneração completa consiste na total transformação do ser, segundo a imagem de Cristo, de tal modo que alguém chega a «nascer» no reino de Deus, ou seja, nos lugares celestiais, o mundo acima, o outro mundo, que também é chamado de «céu». O indivíduo totalmente regenerado é uma nova criação, de natureza moral e metafísica semelhante à de Cristo; e isso só pode suceder nos lugares celestiais, em seu grau mais elevado, que inclui a glorificação apesar de que é na esfera terrena que têm começo a conversão e a santificação.

II. Do que Consiste o Arrependimento?

1. É um ato divino que transforma o homem, mas que depende da reação positiva do homem, uma vez inspirado pela fé (ver notas completas a respeito em Heb. 11:1 no NTI).

2. É o começo do processo da santificação (ver o artigo a respeito).

3. Juntamente com a fé, perfaz a *conversão* (ver o artigo).

4. É determinado por Deus (Atos 17:30) e é conferido por ele (II Tim. 2:25).

5. Foi determinado por Cristo (Apo. 2:5,16 e 3:3).

6. É uma operação do Espírito (Zac. 12:10).

7. A bondade de Deus nos leva ao arrependimento (Rom. 2:4).

8. A tristeza segundo Deus fomenta o arrependimento (II Cor. 7:10).

9. Conduz à vida eterna (Atos 11:18).

10. É necessário para o perdão dos pecados (Atos 2:38; 3:19 e 8:22).

III. Arrependimento e Fé

Essas duas palavras aparecem freqüentemente associadas na chamada aos homens, para que venham a Cristo, a fim de receberem gratuitamente a salvação que ele oferece. O trecho de Atos 20:21 diz, concernente ao ministério de Paulo e à mensagem por ele pregada: «...arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo». O anúncio feito por Jesus Cristo, em suas primeiras mensagens, logo depois de haver sido batizado por João Batista, era: «...arrependei-vos, e crede no evangelho...» Esses dois atos, na realidade, são apenas aspectos de uma mesma realidade espiritual. A fé provoca o arrependimento, e vice-versa, pois uma coisa revela a natureza da outra. No livro de Atos, Pedro mostrou aos seus ouvintes a verdadeira natureza do Messias, a quem haviam crucificado; e eles exerceram fé nele, o que imediatamente levou-os a sentir profundo golpe em seus corações e resultou em verdadeiro arrependimento.

IV. Requisitos

Quanto aos requisitos para que alguém seja aceito na comunidade cristã, pode-se dizer que era dada tal admissão quando alguém demonstrava *arrependimento*, sobretudo daquela atitude de rebeldia que havia levado aquela gente a exigir a crucificação de Cristo, o Messias. Como confissão visível de que estavam seguindo ao Senhor Jesus, e como sinal de sua lealdade a ele, tinham de receber o rito do *batismo cristão*, tal como os prosélitos do judaísmo, que tinham de submeter-se à imersão, ou como João Batista submetia ao batismo no rio Jordão os que se arrependessem através de sua prédica. Formulações completas foram proferidas, especialmente no que tange à morte de Cristo como *expiação pelo pecado*. Apesar de que tais questões tivessem sido claramente aludidas por Jesus (por exemplo, na cena da última ceia, em que o Senhor fala que estava prestes a dar a sua vida como resgate por muitos) foram mais claramente definidas através das revelações divinas concedidas ao apóstolo Paulo. Seria mesmo uma tolice esperarmos que o sermão de Pedro, nessa altura dos acontecimentos, ainda tão no começo da igreja cristã, revelasse todas as facetas possíveis da fé em Cristo, que documentos cristãos de épocas posteriores, embora ainda dos tempos apostólicos, enfatizavam. O trecho de I Ped. 1:19 certamente enfatiza a morte de Cristo como uma expiação; e é muito provável que essa ênfase fizesse parte da teologia cristã mais primitiva, sem importar se isso tenha sido destacado ou não neste sermão do apóstolo Pedro. (I IB LAN ND NTI S Z)

ARROMBAMENTO Ver **Crimes e Castigos**.

ARRUDA

No grego, *péganon*. Palavra que aparece somente em Lucas 11:42, onde Jesus diz aos fariseus: «...dais o dízimo da hortelã, da arruda e de todas as hortaliças, e desprezais a justiça e o amor de Deus...» A tradução «arruda» não labora em qualquer erro. A questão envolve a botânica, sobre a espécie a qual o Senhor Jesus referiu-se. A arruda comum, que é cultivada até nos jardins domésticos, é a *Ruta graveolens*, cujas folhas são verde-cinza e produzem um odor pungente. Poderia estar em foco essa espécie, porquanto era comum na Palestina. Todavia, também existe a *Ruta chalepensis latifolia*, espécie similar à primeira, mas com folhagem menos dividida. Tal espécie também é natural da Palestina.

ARSA

No hebraico, **mundano**. Foi governador de Tirza, em cuja casa Zinri assassinou Elá, rei de Israel (ver I Reis 16:9,10). Era o mordomo de Elá, e Zinri era um dos comandantes militares do rei. O incidente aconteceu em meio a um banquete de vinho. (ID S)

ÁRSACES

Esse é um título (no persa antigo, **herói**) que os reis partas adotavam (285-250 A.C.). Certo número de monarcas medo-persas também adotou esse nome. Um deles foi Mitrídates I Ársaces, mencionado em I Macabeus 14:1-3, embora isso nunca apareça nos livros canônicos da Bíblia. Apiano, o historiador romano, menciona suas batalhas, como também o faz Josefo (*Anti.* xiii.186). A dinastia parta dos arsácidas tornou-se uma das maiores ameaças contra as pretensões romanas no Oriente. E os dez reis de Apocalipse 17:12 provavelmente são os reis partas que Nero reencarnado traria consigo, para cometer matricídio. Na moderna interpretação profética, eles representam o reavivamento do império romano, encabeçado pelo anticristo. Ver no NTI essa referência quanto aos ensinos antigos sobre esse assunto. (NTI Z)

ARS COMBINATÓRIA

Frase latina que significa «arte combinada», que aparentemente foi usada pela primeira vez por Leibniz (ver o artigo) a fim de denotar a prática de criar conceitos complexos a partir de conceitos simples, segundo regras especificadas. Em 1666, Leibniz escreveu *De Arte Combinatoria*, que continha o seu programa para: 1. um idioma universal; e 2. uma matemática universal. Esse alvo nunca foi atingido, embora tivesse atraído considerável atenção por parte dos filósofos. (P)

ARS MORIENDI

Conselhos para os moribundos, especialmente um guia escrito que os sacerdotes católicos usam em seu ministério entre os moribundos. Muitas *artes moriendi* apareceram nos fins da Idade Média. (E)

ARSIPURITE

Um homem cujos 112 **filhos** retornaram a Jerusalém com Zorobabel, após o cativeiro (ver I Esdras 5:16). O nome não aparece nas listas paralelas de Esdras e Neemias, mas o número é idêntico ao número mencionado em relação a Jora (Esd. 2:18) e Harife (Nee. 7:24). (Z)

ARTAXERXES

Artaxerxes I.

O seu nome deriva-se do persa, *reino de Arta*. Foi nome de três monarcas, Artaxerxes I, II e III. Evidências extrabíblicas mostram-nos quais deles estiveram envolvidos no relato bíblico. Os papiros de Elefantina mostram que, em 408 A.C., Sambalate era um homem idoso, e seu papel de governador era realmente preenchido por dois de seus filhos (Sachau, Pap. 1:29). Isso parece indicar que Artaxerxes I (464-424 A.C.), provavelmente era quem governava a Pérsia nos dias de Neemias. Isso é verdade porque Sambalate estava então no auge de seu vigor físico, não sendo ainda um homem velho. Esse Artaxerxes I era chamado Langimano. Era filho e sucessor de Xerxes I (o Assuero de Esd. 4:6 e do livro de Ester). No sétimo ano de seu reinado, ele comissionou Esdras para que retornasse a Jerusalém, conferindo-lhe extensos privilégios, juntamente com aqueles que viajaram em sua companhia (ver Esd. 7:1 ss). Isso aconteceu em cerca de 457 A.C. Cerca de treze anos depois, ele deu permissão para que Neemias assumisse o controle das questões civis de Jerusalém (ver Nee. 2:1-8). Neemias reconstruiu as muralhas e fortificações da cidade (cap. 2 de Neemias), e isso assinalou o começo das setenta semanas referidas em Daniel 9:24-27. Deveríamos observar que vários anos após os eventos registrados em Esdras 4:7-23, onde lemos que esse homem se opunha à reconstrução do templo de Jerusalém, o citado personagem mudou de parecer, tornando-se generoso para com os judeus, sobretudo no caso de Esdras e Neemias. Alguns têm pensado, por causa disso, que a Bíblia descreve duas pessoas diferentes (uma que mostrava severidade, e outra que se mostrava favorável para com os judeus), dois monarcas diversos. Mas esse ponto de vista tem sido abandonado por muitos estudiosos, embora não haja qualquer certeza quanto a esse particular.

Arcabouço Histórico

522 Dario I

Batalha de Maratona (490) — 493

486 Xerxes

História de Ester

Batalha de Salamis (480)

474

465 Artaxerxes I
424 Dario II
404 Artaxerxes II.

Bibliografia. BRI OLM UN Z

ARTE

Estética. Abaixo estão as principais teorias sobre o significado da arte. A estética é um dos seis ramos tradicionais da filosofia: epistemologia (gnosiologia), lógica, política, metafísica, ética e estética. Todos os ramos da filosofia são importantes para a fé religiosa, pelo que incluímos o item que aqui está sendo considerado.

Esboço:

1. Arte eclesiástica, breve história
2. Teorias principais da estética
3. Música na Igreja

1. Arte eclesiástica, breve história

a. Desenhos nas catacumbas romanas (ver o artigo a respeito), que retratam certos aspectos da primitiva Igreja cristã, aumentando nosso conhecimento sobre certos costumes e fatos da mesma.

b. Edificações para uso da Igreja, as basílicas romanas, cujos ápices (ver o artigo) e paredes adjacentes eram decorados com mosaicos. Essa forma de templo, com suas decorações artísticas, persistiu na Itália até bem dentro da Idade Média.

c. Depois que Constantinopla tornou-se capital do império, o estilo bizantino dominou naquela cidade. Seguia precedentes orientais e romanos, caracterizando-se pelo uso da cúpula, do ápice e de profusas decorações de mármores e mosaicos coloridos. A igreja de *Santa Sofia*, em Constantinopla, construída entre os anos 532 e 562, e a igreja de São Marcos, em Veneza, de cerca do ano 1000, são exemplos notáveis desse estilo.

d. O estilo romanesco, iniciado em Lombárdia, norte da Itália, foi um novo estilo caracterizado por cúpulas cruzadas, com costelas independentes. A igreja de Santo Ambrósio, em Milão, de cerca de 1075, geralmente é considerada o monumento inicial desse estilo. O estilo romanesco toscano do centro da Itália, do qual a torre de Pisa (1063-1118) é um notável exemplo, caracteriza-se por muitos arcos externos e por mármores coloridos, mas sem interiores cobertos por cúpulas. Esse estilo floresceu no vale do Reno e em outras regiões da Alemanha, e as grandes igrejas de Mainz, Speyer e Words são exemplos representativos.

e. O estilo gótico desenvolveu-se do romanesco, na ilha de Grance, nos séculos XII e XIII, tornando-se a mais notável escola de arte de toda a história cristã. Caracteriza-se por uma escultura profusa, com vitrais coloridos. O estilo espalhou-se por todos os países europeus. Sua iconografia, — apesar de não ser profusa, tem esplêndidos exemplos. Suas catedrais, paróquias, abadias e universidades destacam-se entre as edificações do mundo, com um trabalho sem-par em vitrais coloridos.

f. Na arquitetura, a renascença começou com a cúpula de Brunelleschi, em Florença, em 1420. Teve lugar o reavivamento de todos os estilos anteriores da arquitetura européia, excetuando o estilo grego. O trabalho de Palladio (1518-1580) representa uma fase desse período, e a forma paladiana tornou-se popular na Inglaterra e influenciou o mundo de Cristóvão Wren (1632-1723). Vários templos de Londres refletem um estilo paladiano modificado. Esse estilo passou a ser chamado de georgiano.

Alguns dos templos da América do Norte refletem um estilo gótico aviltado, mas muitos seguem o estilo georgiano, especialmente do grupo anglicano. Porém, muitas capelas não-anglicanas eram simples casas de oração. A denominação episcopal reteve os antigos estilos, com torres com vários andares.

g. O período georgiano foi seguido pelos reavivamentos grego, gótico e romanesco.

h. A partir do ano de 1900, a predominância do salão de reuniões foi cedendo lugar a casas de adoração mais apropriadas, sendo seguidos diversos estilos arquitetônicos. Tem-se destacado templos no estilo gótico, com vitrais coloridos e simbolismo abundante.

2. Principais Teorias da Estética.

A palavra *estética* vem do grego *aisthesis*, «sensação». A palavra denotava o terreno inteiro do sensível, mas como um uso especializado, veio a designar formas de beleza, derivando-se daí o sentido de teoria da beleza, ou arte. Baumgarten introduziu o termo, embora o tenha usado em sentido mais lato que a palavra recebe atualmente. Hegel aparentemente foi o primeiro a usar o termo conforme é agora empregado. As teorias concernentes à natureza da beleza, na arte e na natureza, começaram pelo menos desde Sócrates. Platão tinha uma *estética* formal, tornando-a em um dos seis ramos tradicionais da filosofia. Em vários sistemas, antigos e modernos, conceitos religiosos têm feito parte da estética, e conseqüentemente, revestem-se de importância no campo da teologia. O que a arte pretende transmitir, como a escultura, a pintura, a música, etc.? Qual é seu impulso ou origem? Qual é o significado da arte na experiência humana? Essas são questões que as teorias estéticas tentam responder.

Teorias:

1. *Platão*. A arte é uma imitação de algum aspecto do mundo caracterizado pelo espaço e pelo tempo. O próprio mundo é uma imitação do mundo ideal. A beleza consiste em simetria e proporção, mas a Beleza final, que as formas artísticas imitam, é a Forma da Beleza. Deus é a fonte de toda a beleza, como no diálogo *Simpósio*. Formas artísticas são reflexos das idéias eternas. Ver o artigo sobre as *formas*, ou idéias.

2. *Aristóteles*. A arte é a imitação de algo possível, irreal, e a beleza depende da unidade orgânica, em que cada parte contribui com sua qualidade para o todo.

3. *Plotino*. Esse filósofo neoplatônico associava a beleza com o esplendor, que resulta da qualidade da unidade, no objeto. O princípio divino, ou *o Um*, reflete-se neste mundo sob a forma de beleza, e portanto, nos objetos de arte.

4. *Tomás de Aquino*. A beleza é aquilo que dá prazer à vista, relacionada às faculdades cognitivas. A beleza se caracteriza pela integridade, pela perfeição, pela proporção, pela harmonia, pelo brilho e pela clareza.

5. *Emanuel Kant*. A beleza é aquilo que produz um senso de harmonia nas relações entre as faculdades da vontade e do entendimento.

6. *Hegel*. A beleza representa aspectos da verdade, em formas sensuais. O *Espírito Absoluto* rebrilha através dos objetos de arte. Portanto, os objetos de arte dizem-nos algo sobre a natureza do espírito, e mesmo da Realidade Última. A arte mais fundamental é a arquitetura. Vem então a escultura. A pintura é um desenvolvimento desta. Em seguida, aparecem a música e a poesia. O teatro combina todas as formas, sendo a mais alta expressão da arte. É a síntese das artes, conforme são conhecidas no mundo. Arte, filosofia e religião são as três grandes avenidas através das quais manifesta-se o Espírito Absoluto, em escala crescente.

7. *Charles W. Morris*. A arte é a linguagem do valor. Esse valor reside no próprio objeto de arte. A linguagem comunica através da semântica (ciência), da sintaxe (estética) e da pragmática (tecnologia). Conseqüentemente, a estética é um dos principais meios de comunicação. A obra de arte é sinal ou emblema de algum valor, isto é, representa aquele valor.

8. *Susana Langer*. A arte é a linguagem do valor, mas esse valor não é, principalmente, o próprio objeto, mas a reação subjetiva do indivíduo que contempla o objeto.

9. *Jacques Maritain*. Arte é beleza, mas a forma da arte nos apresenta um reflexo da beleza transcendental, como em Platão. Ela nos fala de algo divino, que pode ser apreciado pela mente humana. A beleza é uma espécie de conformidade entre a alma e a natureza. A forma é a revelação de algum princípio específico, tal como o sentido da morte é revelado por meio da tragédia. O alvo da arte tem um sentido deleitoso que transparece da unidade e do desígnio da forma de arte.

10. *Freud*. A arte é cumprimento de desejo: expressões de volições que se originam no *libido*, a profunda força instintiva da vida. Essa teoria é uma espécie de *voluntarismo hedonista*. A arte é expressão dos grandes impulsos da vida, da morte, do sexo e do senso de culpa. O artista revela esses impulsos em sua obra. O drama é cumprimento da fantasia. A tragédia é o complexo de Édipo que emerge, juntamente com o impulso da morte.

11. *Jung*. Os *arquétipos* da psique humana expressam-se através de formas artísticas. No nível consciente, o homem exibe uma representação ou máscara, não seu verdadeiro *eu*, e, sim, aquilo que ele quer projetar para os outros. Isso chama-se a *persona*. Porém, o «eu» real tem outros elementos, segundo são representados nos arquétipos. Há o arquétipo da *anima*, o aspecto feminino no homem, ou o *animus*, o aspecto masculino na mulher. Há a *sombra*, aqueles aspectos negativos e indesejáveis em um ser humano, incluindo seu desejo de autodestruição, o desejo de morrer, que é um arquétipo. O «eu» é o ideal interior que cada qual faz de si mesmo, o arquétipo ideal. Outros arquétipos incluem a serpente, o sol (cada qual com seu próprio simbolismo), e a *mandala*, um símbolo de unidade buscada do «eu», onde as porções constitutivas são mantidas juntas em unidade. Pictograficamente, esse arquétipo interior é representado na janela em rosa das catedrais da era medieval, e na pictografia das religiões orientais. As formas de arte originam-se dos arquétipos e comunicam realidades, anelos, impulsos e alvos do homem interior.

12. *Conrado Lange*. A arte é um brinquedo ilusório, cônscio de seu auto-engodo, um tipo de jogo de adultos, com base nos jogos infantis imaginários. Assim, a música é um jogo acústico, dos sentidos; a dança é um jogo de movimentos; o drama é um jogo de ilusão dramática; as artes plásticas correspondem à diversão das crianças com as bonecas; a poesia épica é o conto de histórias em nível adulto.

13. *Eugênio Véron*. A arte é expressão da emoção, a expressão maior, quanto mais sublime for a arte. A obra de arte é revelação de uma emoção ou de um complexo de emoções, que é a motivação da produção do objeto de arte, antes de mais nada.

14. *Tolstoy*. A arte é expressão de emoção, e a boa arte é uma revelação dos mais elevados e nobres sentimentos humanos. A obra de arte procura envolver outras pessoas nos mesmos sentimentos. O propósito da arte é revolucionar e elevar a alma humana.

15. *Dewey*. A arte é uma expressão da experiência.

A experiência tem duas fases: 1. experimental; e 2. consumatória. A arte está envolvida nessa última fase. O processo da arte é a feitura, a passagem e a percepção (ou apreciação) de uma experiência, e suas implicações na vida. A arte é um modo especial de experimentar a vida e seu significado.

16. *Henrique Bergson*. Arte é intuição, um discernimento na realidade da natureza, a dissipação das nuvens que obscurecem nosso entendimento. A arte provê uma visão direta de alguma realidade da experiência humana, que escapa à experiência empírica.

17. *Croce*. Arte é intuição. A arte é um veículo que provoca a intuição ou a visão da realidade. A arte não consiste meramente no objeto físico (pinturas, esculturas, etc.); nem é utilitária (a fim de dar prazer, ou outra coisa qualquer), e nem é conhecimento concepcional. É uma espécie de atividade espiritual, na qual intuímos o sentido da vida em seus múltiplos aspectos.

18. *Tomás Munro*. Arte no contexto científico. A pesquisa estuda a arte tal como qualquer outra atividade e ciência humana, descrevendo seu desenvolvimento e utilidade.

19. *George Lukács*. Arte marxista. A arte abstrata é uma degeneração. A arte que retrata o realismo social é a única abordagem válida da teoria e da utilidade da estética.

20. *Wittgenstein*. A filosofia analítica aplicada à arte. A arte é indefinível, tal como qualquer outro termo abrangente, como «verdade». Na arte, não se pode descobrir qualquer *essência* que a caracterize e possa servir para defini-la. Ao examinarmos as artes, só podemos descobrir coisas similares, ao passarmos de uma coisa para outra. Nenhuma definição emerge daí, embora possamos perceber como as formas de arte podem ser utilizadas para um ou outro propósito. Portanto, a arte é um empreendimento pragmático com muitos alvos.

O exame das teorias acima expostas mostra que vários filósofos têm apreciado o lado espiritual da estética. A arte pode fornecer-nos vislumbres da vida interna do homem, das qualidades e necessidades de sua alma, além de certa apreciação de princípios espirituais. A arte está envolvida nos estados metafísicos. O poeta pode intuir o sentido da morte, da realidade da imortalidade, do poder do amor, da degradação do ódio, da realidade transcendental. O mau músico pode extrair os dejetos da degradação humana, exibindo-os em sua música. O bom músico pode pintar o que é nobre, digno e espiritual. O mau artista pode fragmentar o homem em suas representações grotescas. O bom artista pode trazer a lume a beleza, a unidade e a harmonia por ele intuídas.

3. A música nas igrejas:

Reservamos uma menção especial para essa forma de arte, por causa de seu uso e influência na Igreja cristã. Ninguém precisa informar-nos que está sendo executada uma marcha militar, por exemplo, ou um coral bachiano. Nossos espíritos reagem aos acordes, e intuimos seu significado, inteiramente à parte das palavras. Quão lamentável é, portanto, que em nossos dias, uma música apropriada para os clubes noturnos, completa com seus tons discordantes e sensuais, tenha sido introduzida nas igrejas. Se as formas de arte refletem estados metafísicos, então não mais estamos tratando com acordes e escalas, quando fazemos música. Mas estamos manuseando uma força que pode influenciar a alma em seus anelos, aspirações e intenções.

Trechos bíblicos que podem ser consultados, em relação à música nas igrejas: Efé. 5:19 ss e Col. 3:16.

Ver o artigo separado sobre a *Música*.

Bibliografia. (A AM ID EP NTI P Z)

ARTE CULINÁRIA

As referências bíblicas ao assunto incluem questões que tratam de muitas variedades de alimentos, métodos de preparo, utensílios, lugares de cozimento, etc. Consideradas juntas, essas questões nos transmitem um bom conhecimento sobre a matéria, conforme ocorria nos tempos bíblicos. Um artigo separado é apresentado sob o título *Alimentos*, onde há informações extras. Ver também *Casa*, *Vasos* e *Cozinha*.

1. *Categorias básicas de alimentos*. Cereais, carnes, legumes, laticínios e cereais para o fabrico de pão, preparados mediante moagem e cozimento em forno. O termo «pão» em alguns casos, indica qualquer tipo de alimento. Os cereais usados nos tempos bíblicos eram: cevada (ver Lev. 27:16; Juí. 7:13, etc.) e trigo (ver Gên. 41:49; Êxo. 9:32; João 12:24; I Cor. 15:37; Apo. 6:6). O trigo tinha variedades, sendo o cereal preferido pelas classes abastadas, e a cevada, mais barata, era consumida pelas classes mais pobres, sendo comumente servida como forragem aos animais. (Ver Eze. 4:9). Na Palestina também era conhecido o centeio. A espelta, um cereal herbáceo, era usado. É interessante observar que em Eze. 4:9, no original, há menção a seis tipos de cereais ou condimentos, ao passo que em nossa versão portuguesa só há quatro. As outras duas são, mui provavelmente, a espelta e a noz-noscada, esta última usada como tempero. Embora algumas versões estrangeiras falem no «milho», esse cereal pertence ao continente americano, e era desconhecido nos tempos bíblicos na Palestina.

2. *Preparação dos cereais*. Estes eram preparados tostados, torrados, cozidos, assados em fornos ou caçarolas.

3. *Condimentos*. Eram usados o sal, o azeite de oliveira, o mel e certa variedade de temperos.

4. *Moagem do cereal*. Essa moagem era feita em buracos na pedra, sobre chão batido, em moinhos ou no pilão. Os moinhos tinham vários formatos. O tipo mais simples era aquele que empregava duas pedras, uma girando sobre a outra, impulsionada à mão. Essas pedras podiam variar de tamanho, de 25 cm a 45 cm de diâmetro, ou mais. Alguns moinhos tinham pernas, ou um suporte para elevar a parte do moinho que ficava mais próxima do operador. Posteriormente, apareceu o moinho circular, que consistia em duas pedras circulares de basalto, com cerca de 50 cm de diâmetro. A pedra superior tinha um cabo, para que a pessoa a fizesse girar. Havia um eixo central, e também um orifício central, que permitia que o grão fosse colocado entre as pedras. Os moinhos maiores requeriam o trabalho de duas mulheres (ver Mat. 24:21). Nos tempos romanos, moinhos com o formato de ampulhetas, tinham cerca de 1,80 m de altura e eram operados por homens escravos ou por animais. Havia uma pedra cilíndrica inferior, com topo cônico; e havia uma pedra superior, também cilíndrica, com dois funis, um como entrada e outro como saída, que levava ao centro. O cereal era vertido no funil de entrada, e o funil de saída levava o cereal moído a um receptáculo. A arqueologia tem recuperado todas as formas de moinhos. Jesus fez alusão ao tipo romano de moinho, em Mat. 18:6. Ver, quanto a detalhes, o artigo separado sobre *moinho, pedras de moinho*.

5. *Preparações*. A farinha de trigo era misturada

com água, sal, fermento e outros preparativos. A massa era colocada em gamelas de madeira. Assim eram formados os pães, que então eram cozidos ao forno ou sobre pedras quentes (ver Gên. 18:6; I Reis 19:6). Os fornos primitivos eram apenas perfurações cobertas no solo, usualmente recobertos internamente com argila cozida, pedaços de louça ou pedras. Os fornos pequenos tinham apenas cerca de 25 cm de profundidade, com 90 a 120 cm de lado. Bolos também eram preparados sobre grelhas ou em caçarolas de metal. O cozimento do pão era uma rotina diária, pois todos queriam pão fresco.

6. *Carnes*. As carnes eram consumidas pelas classes mais abastadas, pois os pobres dificilmente podiam entregar-se a tal luxo (ver I Reis 4:23), excetuando em casos muito especiais. As carnes eram de carneiro, de cabra, de gado vacum e de peixes. Carnes de aves eram preparadas como quaisquer outras carnes. Geralmente, o peixe era assado sobre brasas (ver João 21:9). Gafanhotos eram tostados e comidos (ver Lev. 11:22; Mat. 3:4).

7. *Legumes*. Esses incluíam as favas, a lentilha, a cebola, o alho e várias raízes (ver Gên. 25:39 - 34; Núm. 11:15; Jó 6:6; Mat. 5:13; Col. 4:6). Os condimentos incluíam o alho, o sal e certas sementes como o aniz, o coriandro, o cominho, o orégano, o tomilho e a hortelã. Vários tipos de castanha também eram usados na dieta.

8. *Cozimento*. Quem ocupava-se desse mister era a dona da casa e/ou as servas (ver Gên. 18:6,7). Os reis contavam com cozinheiros profissionais (ver Gên. 40:1). Cozinhava-se nas casas, em lugares fora das casas, em salas especiais ou no pátio.

9. *Utensílios*. A arqueologia nos tem fornecido um conhecimento completo a respeito dos utensílios da cozinha antiga. Havia vasos de todos os tamanhos e formatos, grelhas, caçarolas, colheres, facas, panelas, caldeirões, cestas, pratos, frigideiras, etc. Esses utensílios eram fabricados de madeira ou de metal (ver Êxo. 16:3; I Sam. 3:14; II Reis 2:20; 21:13; 25:15; II Crô. 35:13). (PRI UN Z)

ARTE NA BÍBLIA E NAS CIVILIZAÇÕES RELACIONADAS

Ver o artigo sobre a *arte*, que inclui muitas teorias sobre a estética, bem como sobre o problema das formas de arte cultivadas na Igreja, especificamente a *música*.

1. Antes de 3000 A.C. a. *Arte linear*, isto é, desenhos afrescos que eram formados por linhas, sem qualquer tentativa de fazer representar as duas dimensões. Foi desenterrado um esplêndido exemplo disso em Teleilat Ghassul, pertencente cerca de 3600-3400 A.C., mostrando dragões e estrelas, além de figuras geométricas. Um outro exemplo mostra um estranho pássaro, e um terceiro, uma possível cena de adoração. b. *Escultura*. Proveniente de Jericó, de 6500 A.C., foram encontradas figuras de surpreendente delicadeza, com os olhos formados por conchas coloridas, para emprestar maior realismo. Exemplos de terracota pintada também datam de tempos antiqüíssimos. Figurinhas bem executadas foram encontradas na Planície de Amuque, na Síria, provenientes dos tempos neolíticos. c. *Trabalho de entalhe*. Em objetos como cabos de osso, de instrumentos (como uma foice), com intricadas cabeças de animais, como entre os natufianos da Palestina. Esse povo também esculpia colares de considerável arte. d. *Cerâmica*. Exemplos encontrados em Jericó indicam que desde tempos remotos havia grande habilidade artística. e. *Estruturas monumentais*. Os zigurates, no topo dos quais eram construídos templos (na Suméria), túmulos e várias outras estruturas (no Egito), demonstram muito gosto artístico, sobretudo da parte dos construtores egípcios, que decoravam as paredes com cenas da vida selvagem, cortejos de adoração e de batalhas.

2. De 3000 A.C. até a era cristã (não-hebréia). a. Egípcia. A cultura egípcia, em redor do rio Nilo, atingiu maturidade entre 2614 e 2181 A.C. Floresceram ali todos os ramos da arte, refletidos nos túmulos, templos e pirâmides. Havia decorações em paredes exibindo toda a variedade imaginável de coisas, desde cenas de batalhas até a vida animal e vegetal, e até mesmo a crença na vida após-túmulo. O corpo dos Faraós era posto em uma saleta dentro da pirâmide, supostamente para haver certeza de que ele não seria perturbado, podendo desfrutar da vida após-túmulo em paz. A escultura egípcia (feita na mais dura rocha), bem como a arquitetura eram maciças, sólidas e permanentes, servindo como obra de arte em si mesma. As formas de arte do Egito eram imitadas em outros lugares, como na Síria, sob a forma de vasos com tampa de ouro, encontrados em Biblos. Depois houve uma mudança para motivos assírios, no primeiro milênio A.C., quando a Assíria obteve a hegemonia e o poder egípcio se debilitou. b. Hitita. (Ver o artigo sobre os hititas). Na Ásia Menor e no norte da Síria, entre 2000 e 1200 A.C. Quando esse povo obteve poder, apareceu uma arte um tanto menos egípcia quanto ao estilo. c. Hurriana. Os hurrianos formavam um povo que vivia a leste dos hititas, cobrindo meio-círculo das montanhas do Taurus, desde Urquis, ao norte de Carquemis, até o país de Namar, em torno do lago Van, e até chegando tão ao sul quanto o alto rio Zabe. Ver o artigo sobre os *hurrianos*. Os reis hurrianos reinaram na Assíria em cerca de 2200 a 2000 A.C. O domínio deles introduziu uma cerâmica pintada em branco sobre negro. A arqueologia também tem descoberto estatuetas de cobre e de prata, ídolos com olhos engastados, os quais talvez originalmente eram folheados a ouro, tudo pertencente aos hurrianos. d. Creta. Após o ano de 2000 A.C., importantes civilizações apareceram nas regiões ao redor do mar Egeu, incluindo a ilha de Creta, e, mais tarde, o continente grego. A primitiva arte cretense é conhecida como arte minoana, devido a Minos, um rei lendário da ilha. Houve dois períodos de grandeza, o primeiro de cerca de 1700 a 1600 A.C., e o segundo de cerca de 1600 a 1500 A.C. Então ocorreu uma misteriosa catástrofe, da qual a civilização minoana jamais se recuperou. No primeiro período, foram construídos belíssimos palácios, como aquele de Cnossos, com pinturas nas paredes, objetos religiosos e uma cerâmica característica. O segundo período reflete uma raça não-militarista, porque os habitantes parecem ter sido uma classe bastante hedonista de comerciantes. Então predominava a arte religiosa, com deusas elegantemente trajadas, mais encantadoras do que assustadoras. Os palácios eram erigidos com colunas características, com decorações suntuosas. e. Fenícia. Ali as formas de arte são um tanto cruas em sua maior parte, como as figuras de prata e as esculturas encontradas em Ugarite. Uma exceção é o busto do rei Yarim-lim de Alalaque (século XVIII A.C.), finamente executado em estilo sumeriano. f. Grega. A civilização minoana caiu em cerca de 1500 A.C. E foi então que certas cidades gregas do continente atingiram um ponto de notável realização artística. Uma dessas cidades era Micenas, que deu seu nome ao período. Seus túmulos rivalizavam com

os túmulos do Egito, embora construídos subterraneamente e com a forma de colméia. Os mortos eram sepultados usando máscaras de ouro, com artefatos de ouro incrivelmente trabalhados. Desse pano de fundo surgiu a arte grega, alicerce de toda a arte ocidental. De cerca de 1100 a 700 A.C., encontramos os vasos em forma geométrica, com pinturas elaboradas. Em cerca de 700 A.C. apareceu a influência oriental, o que se refletiu no desenho dos vasos, das pinturas e dos estilos de penteados femininos, retratados nas pinturas murais da Grécia. Em cerca de 650 A.C. começou o período *arcaico*, com sua soberba arte representando o corpo humano. Nesse tempo, continuou sendo mantida a típica postura egípcia, com o pé esquerdo firmemente plantado diante do pé direito, os braços rígidos ao lado do corpo. Mas, quanto a outros aspectos, a escultura atingiu uma incomum perfeição, em suas representações. Em cerca de 490 A.C., as figuras começaram a ganhar movimento e graça, tendo sido abandonada a postura rígida do período anterior. As figuras femininas da arte grega, antes do século IV A.C., aparecem vestidas, mas os homens aparecem heroicamente desnudos. O estilo clássico atingiu seu ponto culminante na escultura e na arquitetura do Partenon de Atenas (cerca de 448-432 A.C.). Os templos provêem um exemplo de arte maciça, como as pirâmides do Egito. O Partenon apresenta truques visuais para fazê-lo parecer mais perfeito do que realmente era. Os gregos tinham observado que uma linha reta horizontal parece baixar no meio, e que uma coluna com lados retos parece estreitar-se no meio. Assim sendo, os gregos faziam linhas levemente curvas nos templos, para compensar essa ilusão visual. A base dos templos se curvavam levemente na direção do centro, e os lados das colunas tornaram-se levemente bojudos. No século IV A.C., o centro da atividade política e artística da civilização grega transferiu-se de Atenas para as cidades helenizadas da Ásia Menor. As esculturas do século IV A.C. refinaram e desenvolveram conceitos pertencentes ao período clássico de Atenas. O novo estilo atingiu o clímax no grande friso do altar de Zeus, em Pérgamo, com seus grandes e musculosos deuses e seus monstruosos gigantes, empenhados em luta violenta. g. Roma. Os romanos herdaram formas artísticas dos etruscos e dos gregos. Os etruscos já tinham sido influenciados pelos gregos, embora tivessem seus próprios desenvolvimentos nos campos das ciências e das artes, sobretudo na engenharia, na planificação de cidades e na modelagem de metais. Apesar do fato de que a arte romana chegara a ser considerada um simples simulacro da arte grega, isso não diz toda a verdade sobre a questão. Houve algumas melhorias, embora também houvesse cópia e declínio. Os romanos desenvolveram a arquitetura com cúpulas, usando esse estilo para edifícios públicos, privados e religiosos. Eles perceberam a possibilidade arquitetural dos arcos e das cúpulas, e atingiram grandiosidade em suas construções, dando-nos um exemplo de arte maciça. Na escultura romana, é óbvia a influência grega, embora os romanos tenham criado uma expressão severa e poderosa, toda própria deles. No primeiro século A.C., os pintores romanos haviam desenvolvido um elaborado estilo de decoração mural, incorporando ilusões tridimensionais às figuras representadas. Isso era conseguido através de um sombreado sutil.

3. A arte em Israel. a. A influência do segundo mandamento da lei (ver Êxo. 20:4-6), contra qualquer tipo de representação de figuras vivas, evitava a idolatria. Agora podemos dizer que esse mandamento não visava proibir a arte, e, sim, o abuso de algumas formas de arte. Porém, os antigos hebreus não demonstravam paciência com esse tipo de interpretação permissiva. Para eles, aquele mandamento tinha natureza absoluta, pelo que era até uma falta de gosto fazer circular moedas estrangeiras entre os israelitas com efígies de pessoas. No entanto, havia a representação de seres angelicais, como era o caso dos querubins, no véu interior do templo de Jerusalém, e nas paredes do templo de Salomão, onde também havia a representação de palmeiras (ver I Reis 6:29). Além disso, no propiciatório, havia as figuras de dois querubins. Contudo, devemos observar que eles não eram figuras humanas, e nada tinham a ver com os «deuses» pagãos. Portanto, devemos afirmar que o segundo mandamento da legislação mosaica influenciou de forma definida, como uma influência supressiva, certas formas de arte entre o povo de Israel, como a pintura, a escultura, o desenho de figuras humanas, etc. b. Nos primeiros tempos. A arqueologia tem descoberto bem pouco do antigo Israel que demonstra interesse artístico entre os hebreus. Através da longa história de Israel, até o tempo da construção do templo de Jerusalém, encontramos uma população mista na Palestina, com suas muitas culturas, sendo quase impossível distinguir qualquer coisa que seja especificamente hebréia. Os israelitas apreciavam as jóias finas do Egito, e fabricavam as suas próprias; havia entalhe em madeira e decoração em cerâmica. Porém, a época foi de violência contínua, em que os homens matavam e eram mortos, expulsando e sendo expulsos, e condições assim não favoreciam o cultivo das artes. c. O templo. Quanto à arquitetura do templo, ver o artigo sobre o *templo*. Entre as decorações do templo havia querubins (leões com cabeça humana), grifos alados, aves, répteis, touros, leões e desenhos florais e arbóreos (ver I Reis 6:18,19). As porções de madeira entalhada, nas paredes interiores, eram ornadas com folhas de ouro, e as portas foram similarmente decoradas. Em tudo isso era forte a influência sirío-fenícia. O entalhe em madeira, recoberto de ouro, era uma das características da arte fenícia. d. Após o templo. Já desde os séculos XXXIV e XXXV A.C. temos exemplos de entalhe em osso e marfim, nos cabos das armas, em vasos e em figurinhas. Peças em marfim, encontradas em Samaria, pertencentes aos dias de Acabe, mostram a influência da arte fenícia, com os seus elementos egípcios, sirio-nititas e assírios. Algumas peças de marfim (potes, vasos, selos, etc.) eram feitas com ornatos de ouro, lápis-lazúli, contas coloridas e vidro. Outras peças também têm figuras humanas e de animais. Não há qualquer exemplar sobrevivente da pintura hebréia, pelo que não há provas diretas de que eles pintavam paisagens em paredes adubadas, conforme faziam vários outros povos, embora tenham sido encontrados pigmentos coloridos nas escavações, apesar de sabermos que o ocre vermelho era usado para colorir as paredes e a madeira (ver Jer. 22:14 e Eze. 23:14). Portanto, é possível que houvesse outras formas de pintura. Poucos exemplos de escultura têm sido encontrados no período cananeu; mas aqueles que têm sido encontrados, como a figura sentada de Baal, feita em basalto; a deusa serpente enroscada em uma estela de Beit Mirsim; e os pés muito bem esculpidos de uma estátua de Hazor (século XIII A.C.), procedem de culturas não-judaicas. O segundo mandamento que proibia a feitura de imagens em escultura, naturalmente desencorajava qualquer tipo desse labor artístico entre os hebreus. Em tempos posteriores, tal atividade continuava, mas aparentemente sem qualquer envolvimento da parte dos

hebreus. *Gravações* encontradas na Palestina em cilindros, escaravelhos e selos estampam típicos motivos fenícios, como o disco alado e o escaravelho alado, — as figuras humanas e as de animais, embora representações pictográficas sejam raras nos selos dos hebreus — novamente, a influência do segundo mandamento. e. Trabalho em metais. Os hebreus sabiam trabalhar com metais, mas poucos de seus artefatos em metal têm sobrevivido. O *mar* de bronze, do templo de Salomão (para conter água), que tinha cerca de 25 toneladas, com paredes de 7,5 cm de espessura, uma taça com 5 m de diâmetro e 2,30 m de altura, e uma borda ornada, é um bom exemplo. A bacia repousava sobre as costas de doze bois moldados em separado e arranjados em quatro tríadas, como suporte (ver I Reis 7:23 ss). Continha cerca de 38 mil litros de água. De tempos posteriores, não temos quaisquer objetos de nota originados na cultura hebraica. f. Período Macabeu-hasmoneano. Nesse ponto da história, a influência grega e romana era grande. A base do candeeiro do templo é representada no arco de Tito, em Roma. Vemos dragões com rostos humanos, sabedores que somos que o seu protótipo, o templo de Apolo, em Didina, tinha rostos humanos. Josefo afirma que a mesa dos pães da proposição tinha típicas pernas de estilo grego, isto é, com patas de leão. As moedas do período mostram desenhos relativamente crus e toscos, incluindo rituais simbólicos, plantas e frutas, bem como imagens humanas. Algumas moedas estampam o templo com a arca da aliança em seu interior.

4. No Novo Testamento. Nesse tempo, a arte era imitativa e comercializada, tendendo para o realismo e para a exagerada elaboração, sem grandiosidade. Estamos informados de que o templo de Herodes era ornamentado com uma videira esculpida com cachos de uvas douradas, com 1,80 m de altura, enfeitando as portas. Formas humanas foram introduzidas nas expressões artísticas da Judéia e da Palestina, incluindo representações das divindades gregas e romanas. A escola de Hilel não fazia objeção ao uso ornamental de figuras humanas, mas outras escolas rabínicas afirmavam uma estrita interpretação do segundo mandamento. Formas arquiteturais gregas começaram a ser usadas nos sepulcros. Josefo informa-nos que o pórtico real do templo de Herodes tinha colunas de estilo coríntio, que era a sua principal característica decorativa. Internamente, o templo era abundantemente decorado, com toda a espécie de desenhos. Herodes construiu numerosas outras obras arquiteturais na Judéia, conforme se vê em Cesaréia, onde era forte a influência grega clássica. As referências neotestamentárias em Atos 17:24,29, a respeito do Areópago, e em Apo. 2:13, onde se lêem as palavras «onde está o trono de Satanás» (referindo-se ao grande altar de Zeus, com forma de trono), trazem à nossa atenção formas de arte greco-helenistas.

5. Aplicações modernas. Obviamente, a religião é relacionada a diversas formas de artes. A mais importante destas é a música. O Novo Testamento recomenda a música como um meio para inspirar a espiritualidade, Col. 3:16. Alguns filósofos acham que a música provoca estados metafísicos e estes podem ter um efeito sobre o modo de pensar e agir de uma pessoa. A experiência humana comprova este ponto de vista. A música é mais do que variações em vibrações de ondas de som. Esta forma de arte é ao mesmo tempo a mais abstrata e poderosa. É por isso que a igreja que utiliza a música mundana nos seus cultos degrada o espírito da igreja. (FEIF ROT Z)

ÁRTEMAS

No grego é contração de Artemídoro (ver Tito 3:12). Um dos estimados discípulos de Paulo, a quem este pensou enviar a Creta em substituição a Tito, ao qual convidara para vir visitá-lo em Nicópolis. Quando a epístola a Tito foi escrita, a questão dessa viagem ainda não estava resolvida. A tradição faz dele bispo de Listra, mas usualmente as tradições são meras especulações.

ÁRTEMIS

A deusa grega «Ártemis» era conhecida por **Diana**, entre os romanos. De conformidade com lendas antigas, originalmente Artemisa era filha de Zeus (para os romanos, Jove ou Júpiter) e irmã de Apolo. Era a deusa caçadora, e quando era representada entre os deuses imortais, aparecia como uma jovem equipada de arco e aljava e vestida de caçadora, sendo acompanhada por cães e veados. Acreditava-se que ela era uma destruidora, especialmente contra mulheres ofensoras, contra as quais despedia as suas flechas mortíferas. Mas também era representada como uma curadora, protetora das mulheres no seu parto. Além disso ela era deusa da lua e uma divindade feminina, cujos ministros faziam votos perpétuos de castidade.

Em suas funções, ainda que não no nome, a *Diana dos efésios* era muito diferente do que aparece na descrição acima. Essa deusa assumia mais as características de uma primitiva deusa da fertilidade, isto é, similar à deusa Cibele, dos lídios, a qual era reputada como a grande mãe dos deuses, sendo representada por um ídolo dotado de muitos seios. É bem provável que a adoração a Diana, entre os habitantes de Éfeso, combinasse, até certo ponto, as características dessas duas deusas, sob um único título. Essa deusa era o símbolo dos poderes reprodutivos da natureza; e, com base em moedas e ídolos seus que têm sido encontrados, a sua descrição é mais ou menos como segue: Era uma figura estranha, coberta de inúmeros seios. Numa das mãos brandia um tridente, e na outra trazia um cacete. Estava vestida com um traje recoberto de símbolos místicos e permanecia no interior do grande templo erigido em sua honra em Éfeso, oculta por uma cortina de púrpura. Antiqüíssimas tradições pagãs asseveravam que essa imagem havia caído do céu (ver Atos 19:35), tradição essa que provavelmente se originara da queda de um meteorito qualquer, que gradualmente se desenvolveu em uma tradição popular, assumindo a forma de uma «imagem» qualquer. O seu culto se caracterizava por cerimônias orientais. Os seus sacerdotes ordinariamente eram eunucos, com os quais estavam associados outros ministrantes, especialmente sacerdotisas virgens, além de certo número de escravos, cuja categoria mais inferior era a daqueles que varriam o templo e o conservavam limpo. Essa ênfase sobre a virgindade e a castidade evidentemente resultava daquela parte da lenda que dizia que a *Artemisa grega* tinha aversão pelo matrimônio, por haver observado o horrível parto que tivera a sua própria mãe.

O templo dela servia de tesouro público e de casa bancária, onde havia também o direito de asilo. Não eram ali permitidos sacrifícios cruentos. E posto que Éfeso era a capital da Ásia, em seu sentido limitado, assim também Diana dos efésios era, naturalmente, o ídolo a quem a Ásia e o mundo inteiro adoravam. Jogos eram celebrados em Éfeso em honra a essa deusa, e a sua adoração era o laço que unia

politicamente a cidade de Éfeso a outras comunidades. No grande teatro de Éfeso, em uma das paredes do vestíbulo da entrada, o sr. Wood encontrou uma carta, enviada pelo imperador Adriano, aos efésios, datada de 20 de setembro de 120 D.C., além de uma inscrição concernente ao templo de Diana, que dizia respeito aos seus dotes e rituais, tais como listas de estátuas votivas de ouro e de prata, com seus respectivos pesos e as regulamentações sob as quais esses objetos deveriam ser transportados em procissão. Nesta lista há menção das muitas figuras de Diana com dois veados. Isso ilustra a menção bíblica sobre Demétrio como ourives fabricante de modelos portáteis do templo de Diana.

O templo original de Diana dos efésios foi construído no ano de 580 A.C., tendo sido inteiramente terminado em 460 A.C. No entanto, essa construção foi destruída a fogo por Erostratos, em 356 A.C., na mesma noite em que nascia Alexandre o Grande. Restou grande parte do templo incendiado, entretanto, tendo sido o mesmo reedificado ainda com maior magnificência. Esse templo restaurado (que é o templo referido no livro de Atos) foi erigido durante o reinado de Alexandre o Grande, com recursos recolhidos de todos os territórios circunvizinhos. Esse templo foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. Quanto à identificação dessas maravilhas, ver os comentários sobre Atos 21:1 no NTI. Sua forma era octogonal, e media, de maneira mais ou menos exata, 104 metros de comprimento por 49 metros de largura. Era quatro vezes mais largo que o Partenon grego, de Atenas. Contava com cento e vinte e sete colunas, com 18 metros de altura, no cimo de cada uma das quais havia a figura de um rei. As colunas tinham tambores de três metros de circunferência e quase dois metros de altura, e cada um desses era ornado com oito figuras em tamanho real, esculpidas. A *cella*, ou seja, o «santo dos santos» desse templo pagão (o santuário mais interno), tinha 21 metros de largura e era aberto para o céu. O arqueólogo J.T. Wood, após muitos anos de busca, descobriu as suas ruínas em 1869, em uma área pantanosa, ao pé do monte Aiasoluque.

Esse templo continha a imagem de Diana, que supostamente teria caído dos céus (ver Atos 19:39). Essa lenda provavelmente começou com a queda de algum *meteorito*, que a crendice popular gradualmente transformou em um culto idólatra, embora tudo houvesse começado como ocorrência natural. Plínio informa-nos que o templo de Diana dos efésios contava com uma gigantesca pedra à sua entrada, que supostamente foi deixada ali pela própria Diana. Os seus pórticos eram adornados de pinturas e esculturas feitas pelos grandes mestres das artes plásticas gregas, isto é, Fídias e Plicleto, Cálifron e Apeles. O culto à Diana dos efésios era muito elaborado, o que fica demonstrado pelo fato de que eram feitas provisões para a educação das crianças empregadas nos serviços do templo; também eram dadas pensões aos sacerdotes e sacerdotisas que eram forçados a abandonarem suas atividades. Tudo isso nos faz lembrar da regra baixada em I Tim. 5:9, a qual, segundo o pensamento de E.H. Plumptre, talvez sugira que essa prática foi incorporada no seio da igreja cristã primitiva.

Vinham *peregrinos* do mundo inteiro civilizado a fim de contemplarem as maravilhas desse templo. Na volta para seus países de origem geralmente levavam consigo uma réplica do templo ou um ídolo em miniatura, como lembrança de sua visita a Éfeso. Isso explica o lucrativo negócio dos ourives de Éfeso, segundo lemos no décimo nono capítulo do livro de Atos.

Nero pilhou o templo de Éfeso, levando dali os seus tesouros, como fez igualmente com muitos outros templos pagãos de lugares distantes, como Atenas, na Grécia. Não escaparam nem mesmo simples aldeias; e tudo isso com o propósito de adornar a sua Casa Dourada, em Roma. (Ver *Tácito*, Anais xv. 45). Trajano enviou os seus portões ricamente esculpidos, como oferta a um templo de Bizâncio. Foi por meio dessas medidas destruidoras que o antigo esplendor de Éfeso se foi empanando, ao mesmo tempo que o cristianismo ia prevalecendo por toda a parte. Quando o império romano finalmente aceitou o cristianismo como religião oficial, já nos dias de Constantino (século IV da era cristã), partes do templo de Diana em Éfeso, bem como do templo de Delfos, foram empregadas para a ereção de um templo cristão (nos tempos de Justiniano), em honra à Sabedoria divina. Atualmente esse templo é a mesquita de Santa Sofia. Os godos pilharam as ruínas do templo de Diana, sem qualquer misericórdia, em 263 D.C., e os turcos, séculos mais tarde, terminaram aquilo que os godos haviam começado. A cidade inteira de Éfeso ficou arruinada, e gradualmente foi declinando, até que se tornou inteiramente desabitada, o que continua sendo o seu estado até os nossos dias.

Desde que J.T. Wood empreendeu ali os seus esforços arqueológicos, outros pesquisadores têm estado naquela mesma região. Foi descoberto o depósito do tesouro, subterrâneo, debaixo do grande altar, por D.G. Hogarth, em 1904, descoberta essa que figura como um dos maiores romances da pesquisa arqueológica. (Ver C.M. Cobern, *The New Archeological Discoveries*, Nova Iorque, Funk & Wagnalls, 1917, págs. 468 e *s*).

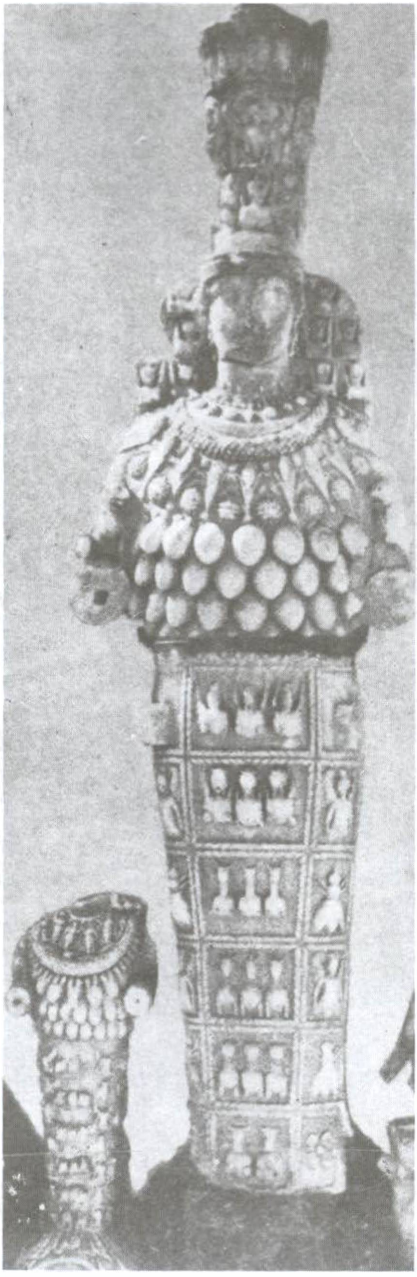
No mundo antigo havia muitas corporações comerciais, não havendo lugar para dúvidas de que isso ocorria também em Éfeso. Demétrio provavelmente era o presidente de alguma corporação de ourives, durante o tempo em que Paulo esteve em Éfeso. Por isso é que muito se preocupou com o estado de seus negócios, ameaçados que estavam pelas atividades evangelizadoras do apóstolo, já que tanta gente se convertia ao cristianismo e abandonava as práticas idólatras. A grande festividade religiosa associada a esse culto idólatra ocorria em maio. Ora, esse mês não estava distante quando houve a perturbação em Éfeso, causada pelos ourives da cidade. Isso oferecia a esses artesões uma espécie de «festa de Natal», durante a qual lembretes de Diana, em forma de ídolos e nichos, eram vendidos em Éfeso. Assim, pois, os ourives sentiram que alguma coisa tinha de ser feita para garantir o volume das vendas e dos lucros. Isso explica o grande zelo demonstrado por Demétrio, um zelo ditado muito mais por motivos pecuniários do que mesmo por motivos puramente religiosos. (FA I IB ND NTI VT Z)

A Grande Deusa-Mãe Ártemis de Éfeso

(por Donald N. Wilber)

Quem foi a misteriosa Ártemis, adorada por toda a Ásia e pelo mundo? A resposta tem início 4.500 anos antes do nascimento de Cristo.

A *região* da moderna Turquia, adentrando-se desde o mar Egeu e desde há muito conhecida como Anatólia (vem do termo grego que significa *nascente do sol*) está salpicada de ruínas de renomadas cidades antigas como Sardes, Pérgamo, Hierápolis, Afrodísias e Éfeso. Dentre todas essas, Éfeso é a mais bem preservada.



Ártemis Polimastros (Ártemis dos muitos seios), Século I.



Localidade do Templo de Ártemis, perto de Éfeso — desolação total
Cortesia, Matson Photo Service

Colonizada no século X A.C., por jônios vindos do continente grego, Éfeso logo atraiu outros colonos provenientes do interior da Anatólia. A cidade contava com um excelente porto natural, e, por volta de 200 A.C., era a cidade mais densamente povoada da região inteira. No século I A.C., tornou-se parte integrante do império romano.

O apóstolo João escreveu sobre Éfeso. «Há qualquer cidade maior do que esta? Aqueles que têm navios nos mares tornaram-se ricos por meio dela. Seus mercadores são os mais ricos do mundo e suas artes mágicas fascinam todas as nações».

Após o nascimento de Cristo, Éfeso ficou sob o governo cristão de Constantinopla e continuou a prosperar durante o reinado de Justiniano, no século VI D.C. Todavia, com a passagem dos séculos, a linha da costa foi entulhada com sedimento descido das colinas circundantes, fazendo-a afastar-se cada vez mais da cidade. A perda de seu porto apressou o declínio da cidade e, finalmente, foi abandonada.

Visto que Éfeso se espraia por uma grande área, para propósito de simplificação suas ruínas podem ser agrupadas em três sítios separados: um deles é uma elevada colônia coroada com restos de uma vasta basílica construída pelo imperador Justiniano, por sobre o *túmulo* do apóstolo João; o segundo é o sítio de Ártemis, no sopé da colina; e o terceiro é a própria cidade, situada em um vale entre montanhas que vão descendo de altitude em direção ao mar. As escavações, efetuadas por um período de mais de cem anos, têm desenterrado séculos de escombros, incluindo os profundos depósitos do subsolo que foram transportados pelas chuvas, vindos das vertentes mais altas.

Entra-se na cidade através da Porta Magnésia, que dá acesso à Avenida Curetiae. Pavimentada com lajes de mármore e flanqueada por colunas, desce de modo bastante brusco para o ocidente. Muitas estruturas, em condições relativamente boas, embora sem telhados, continuam de pé ao longo de seu curso. A maioria delas foi feita de mármore; algumas datam da época helenista e outras do período romano posterior. Essas estruturas incluem um odeon (salão de concertos), o pritanion (prefeitura), a fonte de Trajano e o templo de Adriano, que tem um vasto banho público por detrás. Espalhados pelas vertentes das colinas há os remanescentes de elegantes casas particulares. Podemos imaginar as palpitantes multidões de vendeiros, peregrinos e turistas provenientes do interior, movimentando-se ao longo da Avenida Curetiae. Esta termina na chamada Avenida Mármore, que corre na direção norte, isto é, formando um ângulo reto.

Passando pela Avenida Mármore, à direita vemos a biblioteca Celso, uma grande *agorá* (mercado) e o templo de Serepis. Não longe fica um espaçoso bordel, patronizado por marinheiros de tempos idos, que encontravam o seu caminho mediante uma série de sinais diretivos rabiscados sobre as pedras que margeiam a avenida. Então chegamos ao grande anfiteatro aberto, que acolhia 25 mil espectadores em suas sessenta e seis fileiras de bem preservados assentos. Quando havia espetáculos, um gigantesco toldo de lona era estendido por cima. Logo depois do teatro há uma larga avenida ladeada de colunas, chamada Arcadiana, que ali começa e que segue na direção do porto, para o oeste. É franqueada pelos banhos e pelo ginásio pertencentes ao período romano. Outras estruturas na cidade, em número grande demais para serem mencionadas, incluem uma igreja do século IV, dedicada à *Virgem Maria*, que foi um edifício romano para isso adaptado.

O vasto teatro nos faz retroceder para entre 53 e 56 D.C., quando o apóstolo Paulo pregava na Ásia e passou alguns meses em Éfeso, em determinada ocasião. De acordo com Atos 19:23-30: «Por aquele tempo levantou-se não pequena agitação por causa do Caminho».

Pois um homem chamado *Demétrio*, ourives, que fazia nichos de prata de Ártemis, não dava pouco lucro aos artífices.

A esses ele reuniu, com operários de idêntica ocupação, e disse: Homens, sabeis que deste negócio derivamos nossa riqueza. E vedes e ouvis que não somente em Éfeso, mas por quase toda a Ásia esse Paulo tem persuadido e afastado a um considerável número de pessoas, dizendo que os deuses feitos com as mãos não são deuses. E há o perigo não só deste, nosso comércio cair em desprezo, mas também que o templo da grande deusa Ártemis venha a ser tido como nada e que ela venha a ser despojada de seu esplendor, ela a quem toda a Ásia e o mundo adoram.

Ao ouvirem isso, encheram-se de ira e clamaram: Grande é a Ártemis dos efésios.

E assim a cidade encheu-se de confusão; e precipitaram-se juntos para o teatro, arrastando com eles a Gaio e a Aristarco, macedônios, que eram companheiros de viagem de Paulo.

Paulo desejava entrar para o meio da multidão, mas os discípulos não lho permitiram...por cerca de duas horas, a uma voz, gritaram: *Grande é a Ártemis dos efésios*.

Quem foi a Ártemis dos efésios, a quem toda a Ásia e o mundo adoravam?

A resposta começa em tempos bem mais remotos. Escavações feitas na Turquia, em locais que datam de cerca de 4.500 A.C., têm produzido figurinhas de terracota de mulheres com pequeníssimas cabeças, nádegas enormes e bem marcados triângulos na região púbica. Representam a Deusa-Mãe considerada como a fonte da vida, naquelas épocas distantes quando não se compreendia ainda o papel do macho na procriação. Bem mais tarde, o papel desempenhado pela Deusa-Mãe foi transferido para a Ásia por Cibele, deusa da fertilidade e origem de um culto de ritos orgiásticos. Ainda mais tarde, Cibele emerge na mitologia grega como genitora de diversos deuses e como amante do deus-sol.

Estátuas de *Cibele* podem ter inspirado estátuas posteriores da Ártemis. Uma estátua de Cibele, em pedra calcária, atualmente no museu de Ancara, executada na segunda metade do século VI A.C., exibe o chamado sorriso arcaico que era comum às primitivas esculturas gregas. Acompanhada por ajudantes minúsculos—um flautista à direita e um tocador de cítara à esquerda — ela segura os seios como se os estivesse oferecendo aos adoradores. Também trazia uma altíssima coroa—provavelmente precursora daquelas coroas usadas por Ártemis.

No século VI A.C., os foceanos, ao migrarem da Grécia para a Ásia, trouxeram com eles a deusa Ártemis, a virgem caçadora e senhora dos animais selvagens. Bem mais tarde, já nos tempos romanos, Ártemis adquiriu a designação latina de Diana, continuando a ser concebida como jovem casta. Na Anatólia, entretanto, Ártemis assumiu atributos mais parecidos com os de Cibele (mais licenciosos do que castos).

Em Éfeso ela recebeu as mais altas honrarias. De acordo com uma inscrição existente no local, ela trazia todos estes títulos: Grande Mãe da Natureza, Patrocinadora dos Banquetes, Protetora dos Suplicantes, Governanta, Santíssima, Nossa Senhora,

Rainha, a Grande, Primeira Líder, Ouvidora, Governanta de Toda a Jônia e Salvadora. Também era chamada «Rainha Abelha».

O templo dela, o Artemision, estava localizado em um terreno baldio lamacento, talvez porque se pensasse que a sua estátua descera do céu naquele local. O local foi pela primeira vez limpo e escavado por J.T. Wood, que cavou até os alicerces e recuperou certa quanitidade de fragmentos arquitetu-rais, esculturas e estatuetas de marfim e de ouro.

Wood foi um arquiteto britânico que fora enviado à Turquia para desenhar e construir estações de estrada de ferro. No entanto, estava resolvido a achar o templo de Ártemis e ficou trabalhando intermitente-mente de 1863 a 1874. A princípio morava em *Esmirna* (atual *Izmir*), e todas as manhãs apanhava um trem às 6:00 horas para a estação mais próxima de Éfeso, uma viagem de 80 km, que lhe tomava três horas e meia; fazia idêntica viagem de volta à tarde. Cercado de dificuldades pelas autoridades turcas, rufiões locais e trabalhadores indisciplinados, mos-trou-se resoluto e cheio de recursos, e conseguiu enviar grande quantidade de esculturas para a Inglaterra em navios de guerra britânicos que aportavam em Éfeso.

A primeira estrutura encontrada no lugar foi um altar erigido por volta de 700 A.C. O templo original fora construído no início do século VI A.C., e entre 560 e 530 A.C., foi substituído por um templo que não só era o maior edifício que havia no mundo grego, como também era o único edificado inteiramente de mármore.

Em 356 A.C., um homem de nome Herostratos teve a infame idéia de imortalizar seu nome, incendiando o templo. Cerca de 20 anos mais tarde Alexandre o Grande ofereceu sacrifícios em suas ruínas, e ofereceu-se para financiar sua reconstrução, contanto que seu nome fosse inscrito na obra, como o doador. Os efésios rejeitaram o oferecimento, dizendo: «*Não convém que um deus construa um templo para um deus*».

Os próprios cidadãos lançaram-se à empreitada de reconstruir o templo. As damas chegaram a penhorar suas jóias, para ajudar a amortizar os custos. A nova estrutura seguiu o antigo plano: o *naos*, ou área central, que era uma sala triangular, estava rodeado por duas fileiras de colunas em todos os quatro lados. Com cerca de 115 metros de comprimento, e 55 de largura, o templo era maior que quatro Partenões, e com justiça ocupava posição entre as Sete Maravilhas do Mundo.

Esse templo de Ártemis foi arrasado até o chão pelos godos invasores, no século III D.C., e depois que o cristianismo se tornou dominante, foi pilhado. Algumas de suas colunas foram usadas outra vez na basílica de São João, construída nas proximidades, e outras foram levadas para a igreja de Santa Sofia, em Constantinopla. Plantas e desenhos, baseados nos alicerces restantes e nas descrições de Plínio e outros escritores clássicos têm procurado mostrar-nos a aparência original do templo. Atualmente há figuras que medram entre suas ruínas dispersas.

A Estátua de Ártemis fora colocada no **naos**, por detrás de uma cortina que era arredada somente em certas ocasiões. Se esquecermos o dito de que a estátua caíra do céu, a primeira estátua de que se tem notícia foi esculpida em madeira pelo escultor Endoios, tendo sido vestida em trajes de prata e ouro, que eram mudados com freqüência pelas donas dos trajes. As estátuas da deusa que sobreviveram são conhecidas como *Ártemis Polimastros* (Ártemis de muitos seios). Várias delas são exibidas no museu de Éfeso. Aquela que passarei a descrever foi executada no século I D.C. Longe de ser realista, é um ídolo com 5 metros de altura, decorado com incrível número de atributos.

A deusa usa uma elevada coroa de castelos superpostos. Flanqueando-lhe a cabeça há meios-dis-cos de lua cheia, com cinco grifos cornudos de cada lado. Em redor do pescoço há pequenos adornos que representam a vida vegetal, e imediatamente abaixo da gargantilha estão os sinais do zodíaco e também o Orion. O que mais chama a atenção são os seus seios—mais de 20 deles se projetam para fora. Tem sido sugerido que essas protuberâncias não são seios, e sim, ovos, tâmaras ou abelhas (estas últimas ocupadas em fecundar a deusa). Entretanto, parece mais provável que sejam seios, o sinal da toda-cuida-dosa Deusa-Mãe. Em seus braços há relevos que representam leões, carneiros, veados, touros, esfin-ges, grifos, serpentes e abelhas.

Da cintura para baixo, Ártemis está envolta em uma apertada faixa formada por retângulos, na qual três animais—e a rainha abelha—são repetidos. Suas mãos originalmente se apoiavam sobre cajados de ouro, e estava ladeada, à base, por estátuas de veados, reminiscência da idéia da virgem caçadora. Há uma outra estátua, pertencente ao mesmo período; falta-lhe a elevada coroa, mas restam as bases sobre as quais se apoiavam os cajados, bem como os pés dos veados.

O Artemision era o centro de uma cidade sacerdotal que atraía peregrinos de todo o mundo antigo. Vinham adorar a Deusa e pedir curas miraculosas que lhe tinham dado renome. Em adição à sua função primária, o templo era um museu, um banco e um arquivo. A deusa era reputada responsável pela prosperidade comercial da cidade. Pedras que foram postas no templo, talvez debaixo das colunas, registram a doação da cidadania para cerca de 25 pessoas. Uma delas, Filaeneto, também recebeu uma coroa de ouro, um lugar frontal vitalício nos jogos sagrados e isenção de impostos aduaneiros sobre todos os bens que ele viesse a exportar ou importar. Eram numerosas as pedras memoriais. T. Flávio Sarpedon, um menino comediante, foi reconhecido por sua excelência e pelo seu estudioso treinamento, pelo cuidado que mostrava em seu desempenho no teatro, além de sua vitória no contexto que houve quando do grande festival de Ártemis.

É provável que o *naos* fosse apinhado de estátuas e estatuetas de Ártemis. Um certo Gaio Víbio Salutário deixou sua propriedade para o templo, e, durante sua vida, despendeu grandes somas em honra à deusa. Ele doou uma estatueta de ouro de Ártemis com peso de quase um quilo e meio, com «um veado de prata e mais dois de prata com mais de cinco quilos cada um». Em dias de assembléia pública deveriam ser transportadas do templo para o teatro pelos *sacerdotes com os ornamentos dourados*, junto com os vencedores dos jogos sagrados. Ele também proveu fundos para sustento dos sacerdotes que diziam os oráculos, para os que entoavam os louvores da deusa, para os guardiães do templo, para os acrobatas e para aqueles que limpavam e purificavam as estátuas do templo.

Os «sacerdotes com os ornamentos dourados» provavelmente eram aqueles de categoria mais elevada. Através de escritos históricos ficamos sabendo que um dos primeiros sumos sacerdotes se chamava Megabizo, acreditando-se que é retratado por uma estatueta de marfim, achada no local do templo. Vestido com um manto sacerdotal e mitra, suas mãos parecem segurar a corrente que era o sinete de seu ofício; essa corrente bem pode ter sido de ouro.

Outros indivíduos que serviam no templo incluíam eunucos auxiliados por jovens virgens, sacerdotisas, carregadores do cetro real, tocadores de flauta, acrobatas e guardas. Uma outra estatueta de marfim, do século VI A.C., é de uma jovem sacerdotisa. Longas tranças caem sobre seus ombros, e madeixas lisas lhe escorrem pelas costas. Na mão direita traz uma pequena jarra, e na esquerda, uma bacia rasa. Fontes históricas indicam que a abertura de uma das cerimônias religiosas em honra a Ártemis consistia do derramamento de vinho em um vaso.

No calendário efésio, um dos meses recebia o nome de Ártemis, sendo inteiramente ocupado por celebrações. Os jogos atléticos tinham lugar no estádio, havia concertos no odeon e peças no teatro. Todos os cidadãos, vestidos em seus melhores trajes, apinhavam as ruas para viver o evento final, um cortejo no qual a estátua era transportada através da cidade inteira. Coros entoavam hinos, e donzelas vestidas de ninfas, em peles de corça, e brandindo arco e flecha, executavam danças eróticas.

Pode-se especular sobre o que mais ocorria durante aquele mês de Ártemis, comparando-o com os relatos do festival de Cibele, efetuado em Roma. Em um *festival de sangue*, os sacerdotes dançavam ao som de címbalos, de flautas e de tambores, ao mesmo tempo que se vergastavam nas costas com flagelos e se cortavam nos braços e nos ombros com facas afiadas. Após os sacerdotes noviços se terem emasculado com espadas sagradas, seu orgãos eram lançados contra a estátua da deusa, e então eram cuidadosamente embrulhados e sepultados. Outrossim, nos festivais de Ártemis, efetuados em outros templos, sacerdotes vestidos em peles de feras ofereciam sacrifícios humanos—mas não se acredita que isso tenha sucedido em Éfeso.

Ártemis dos efésios não era imortal. Morreu *quando triunfou o cristianismo* sobre os deuses pagãos, e seus adoradores a abandonaram. Foi substituída por uma figura feminina infinitamente mais nobre, a Virgem Maria.

Por ocasião da crucificação, Jesus entregou Sua mãe aos cuidados do apóstolo João, e segundo o evangelho deste, lê-se que «...daquela hora o discípulo a abrigou em sua casa». Já que João faleceu em Éfeso, a *Virgem Maria* bem pode ter passado ali os seus últimos anos de vida.

O Terceiro Concílio Ecumênico, levado a efeito na igreja que traz seu nome, em Éfeso, no ano de 431 D.C., aceitou o dogma de que Jesus, filho da Virgem Maria, nasceu Filho de Deus. Em 1890, uma freira alemã viu a casa da Virgem Maria em Éfeso, em uma visão, e o local, posteriormente identificado por um padre, mediante os detalhes da visão, agora é ocupado pela casa *restaurada* da Virgem. Em 1967, o papa Paulo VI visitou essa casa. Em uma cerimônia efetuada na igreja em honra a ela, ele leu a Epístola aos Efésios, de Paulo, e deu seu reconhecimento papal à autenticidade da última morada dela sobre a terra.

No entanto, Ártemis ainda vive—na antecâmara do Hotel Grandes Efes, em Izmir, pois não poderia ser mesmo noutro lugar. *Izmir* é base da flotilha norte-americana vinculada às forças da NATO, mas é provável que poucos dos marinheiros americanos, ao passarem pela grande réplica da estátua de Ártemis, lhe dêem mais do que uma rápida olhadela, apesar de ter sido ela a deusa que séculos atrás era adorada não somente em Éfeso, mas também por *toda* a Ásia.

ARTES E OFÍCIOS

As sociedades organizadas requerem um conjunto fixo de artes e ofícios, além da agricultura. Quanto mais primitiva for uma sociedade, menor a necessidade de artes e ofícios; mas as sociedades mais avançadas e complexas têm uma imensa variedade de artes e ofícios. Estamos interessados no arcabouço bíblico. Os hebreus não eram inovadores na arquitetura, — nas artes e ofícios —. Eles tomavam por empréstimo e adaptavam elementos dos povos vizinhos. Assim, o trabalho em ferro foi tomado por empréstimo dos filisteus (ver I Samuel 13:20), a indústria da tinturaria dos fenícios, que supriam os operários para projetos mais importantes, como a construção do palácio real de Davi e o templo de Jerusalém. No século I A.C., a fabricação do vidro foi importada de Tiro. Ver o artigo sobre a *arquitetura*, onde damos evidências desses empréstimos feitos pelos hebreus.

1. Materiais básicos. Geralmente, os hebreus trabalhavam com o que dispunham: aguila, madeira, pedras, metais, fios para fabricação de tecidos e outros objetos feitos de pano. Em tempos mais prósperos, outros materiais eram importados, como metais, marfim, mármore, madeiras, itens esses que foram incluídos na construção do templo (ver o artigo a respeito).

2. O comércio e as guildas. Pessoas com interesses comuns reúnem-se a fim de se ajudarem mutuamente. Isso leva, finalmente, às organizações formais, como as uniões operárias e as guildas, algumas vezes chamadas *famílias*, localizadas em lugares onde cada classe de artífice podia trabalhar na esperança de sobreviver. Assim, temos os escribas em Jabez (I Crô. 2:55), os obreiros em linhos, em Tell Beit Mirsim (Debir?) (I Crô. 4:21), o Vale dos Artífices, em Jerusalém (I Crô. 4:14 e Nee. 11:35), os oleiros (Mat. 27:7) e os lavandeiros (II Reis 18:17). Um membro de uma dessas guildas era chamado de «filho» daquela profissão (Nee. 3:8,31 — em nossa versão, «um dos ourives» e «filho de um ourives»). Nos tempos do Novo Testamento, as guildas haviam assumido um caráter político, exercendo notável influência, conforme podemos deduzir da narrativa sobre os ourives de Éfeso (Atos 19:24). O trecho de II Timóteo 4:14 fala sobre Alexandre, o *latoeiro*, podendo nós presumir que ele fazia parte de uma união de trabalhadores. Ver também sobre os artífices em metal (ver II Sam. 8:10; Isa. 40:19 e Jer. 10:9), os entalhadores de madeira (Isa. 44:13 e II Reis 12:12), os pedreiros (ver II Sam. 5:11), os gravadores em pedras preciosas (ver Êxo. 28:9,10), e, naturalmente, os fabricantes de ídolos (ver Isa. 44).

3. Instrumentos básicos. Desde os tempos pré-históricos temos provas arqueológicas do fabrico de facas de pedra lascada, raspadores, ganchos de colheita, pilões e martelos de pedra. Começando em cerca de 4000 A.C., o cobre começou a ser usado na fabricação de instrumentos; o bronze começou a ser usado em cerca de 3300 A.C. O ferro começou a ser usado em cerca de 1100 A.C. Havia abundância de instrumentos (ver I Reis 6:7). Machados de ferro eram usados para derrubar árvores. Esses machados tinham cabos de madeira (ver Deu. 191:5). Havia facas para toda espécie de finalidade (ver Pro. 30:14). Havia serras, furadeiras, enxadas, raspadeiras, puas, goivas, pregos, etc. (ver Jer. 10:3). Havia pedras de raspar, alavancas, roladoras e guinchos primitivos. Moldes de tijolos, colheres de pedreiro e picaretas têm sido encontradas, referidos nas inscrições de Siloé. Os trabalhadores em metal conheciam o malho, a bigorna, o forno, o fole, os moldes, limas, brocas, tenazes, tesouras e alicates. Os fazendeiros tinham os arados, foices, aguilhões, forcados, enxadas, pás (ver

I Sam. 13:21; I Reis 7:40,45 e Joel 3:13). As ferramentas eram afiadas na pedra ou com limas (ver I Sam. 13:21). O oleiro tinha sua roda, seu forno, torniquetes, pás, raspadeiras e sovelas. Outros artífices, como os tanoeiros, os tintureiros, os fabricantes de tendas, os montadores de jóias, os gravadores, os escultores, todos tinham as suas ferramentas e instrumentos especiais, muitos dos quais têm sido encontrados pelos arqueólogos, embora alguns deles não sejam especificamente mencionados nas Escrituras.

4. **Alguns ofícios específicos:**

a. Os oleiros. Nas terras bíblicas, a cerâmica apareceu pela primeira vez em Jericó, em cerca de 5000 A.C. Pelo menos essas são nossas primeiras evidências arqueológicas. Vasos feitos à mão persistiram até cerca de 3000 A.C. A roda do oleiro começou a ser usada no Egito e na Suméria. O trecho de Jeremias 18:3,4 descreve a obra dos antigos oleiros. Ele pisava na massa até que se formasse uma massa consistente; e então a colocava sobre a roda. As antigas rodas de oleiro eram feitas de madeira ou de pedra. Havia uma roda menor, posta sobre uma maior, que o oleiro fazia girar à mão (ver Jer. 18:3). Os vasos eram moldados sobre a roda menor, no formato desejado (ver Isa. 45:9). Estes eram então alisados, esmaltados ou queimados, decorados a gosto. A cerâmica dos hebreus era essencialmente utilitária. Exemplares de vasos e fornos têm sido encontrados pelos arqueólogos. Fora de Megido foram encontrados três fornos em forma de «U» (séculos VIII e VII A.C.). Rodas de oleiros têm sido encontradas em Jericó, Megido, Gezer, Laquis, Hazor e muitos outros locais da Palestina.

Uso metafórico. A profissão dos oleiros é usada na Bíblia em sentido simbólico para indicar: O poder de Deus sobre os homens e o destino deles (ver Sal. 2:9; Isa. 29:16; Jer. 19:11; Rom. 9:20 ss). E a fragilidade e dependência do ser humano, subentendidas nesse fato.

b. Os construtores. Esses incluem os pedreiros, os reboqueiros, os mestres construtores, etc. Os aldeões ocupavam-se na fabricação de tijolos secos ao sol. Eles usavam esses tijolos para erguer suas moradias, e então recobriam as mesmas com adobe ou palha, sobre tábuas de madeira, formando assim uma espécie de laje. Algumas vezes, os tijolos eram cozidos ao forno. Construtores especializados ou não eram usados nas construções públicas (ver II Crô. 34:11). Tais construções eram dirigidas por mestres construtores (ver I Cor. 3:10). O local da construção era medido com o uso de um cordel (ver II Sam. 8:2 e Zac. 2:1). Nos tempos helenistas, algumas vezes era usada uma vara de medir (ver Apo. 11:1 e 21:15). Para tanto, era empregado um agrimensor. O mestre construtor acompanhava o progresso da obra. Entre seus métodos de verificação eram usados o prumo — uma corda com um peso na ponta, feito de pedra ou de estanho — (ver Amós 7:7,8), para verificar as estruturas verticais. As obras complexas requeriam muitos operários especializados ou não, além dos pedreiros, carpinteiros, porteiros, trabalhadores em metal e decoradores. Ver o artigo sobre *Arte na Bíblia e Civilizações Relacionadas*.

Usos metafóricos: 1. O trabalho do mestre construtor era usado para simbolizar o juízo divino (Isa. 28:17; Jer. 31:19). Deus julga a nossa obra.

2. A medição com o prumo era usada para simbolizar a averiguação da verdade. Coisas distorcidas são desmascaradas, mediante a comparação com a retidão de Deus (ver Isa. 28:17).

3. Deus, na qualidade de Criador, é o edificador de todas as coisas (ver Heb. 3:4 e 11:10).

4. Uma construção em andamento pode simbolizar a doação de riquezas e prosperidade ao próprio filho (ver Jó. 22:23).

5. A ereção de cidades ou famílias pode significar o aumento de seu número, de suas riquezas, honra, poder ou prazer (ver I Crô. 17:10; Sal. 119:35).

6. A edificação das muralhas de Jerusalém representa o fortalecimento e a prosperidade de Israel (ver Sal. 51:18).

7. A Igreja está edificada sobre Cristo, o único alicerce espiritual, quando a questão da salvação está em pauta (ver I Cor. 3:11).

8. Entretanto, os líderes espirituais, como os apóstolos e os profetas, compõem uma espécie secundária de alicerce, sobre o qual a Igreja vai sendo edificada; e nessa metáfora, Cristo é a principal pedra angular, e não o alicerce inteiro (ver Efé. 2:21,22 e I Ped. 2:6).

9. O ato geral de edificação é um símbolo da nossa edificação espiritual, porque essa, tal como o crescimento físico, depende de uma obra gradual e de aperfeiçoamento, que tem como alvo um produto terminado (ver Jud. 20).

10. Cada crente individual tem a responsabilidade de edificar bem a sua vida espiritual, e com o material de construção apropriado, porque, em caso contrário, ele sofrerá terrível perda final, embora sua alma não se perca (ver I Cor. 3:12 ss). Isso não significa, porém, que tal perda seja permanente, pois o alvo é que todos os remidos sejam conformados à imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), participando da natureza divina (ver II Ped. 1:4), através de uma glória que será atingida em degraus, mediante as transformações operadas pelo Espírito Santo (ver II Cor. 3:18). Não há como esse plano divino venha a falhar, pois, nesse caso, o corpo de Cristo permaneceria imperfeito e defeituoso, o que é uma hipótese ridícula e impossível.

c. Os carpinteiros. Tanto José quanto Jesus eram carpinteiros na pequena aldeia de Nazaré, e talvez os únicos dessa profissão. Objetos feitos por Jesus eram conhecidos nos tempos de Justino Mártir, no século II D.C. Os carpinteiros eram operários especializados em madeira. Trabalhavam fazendo telhados, portas, janelas, escadas e todo o tipo de móveis, como camas, cadeiras, mesas, estrados para os pés, gabinetes, etc. Mas também eram feitas tigelas, colheres e caixas. Muitos objetos assim têm sido encontrados pela arqueologia. Os carpinteiros também fabricavam tábuas (ver Isa. 28:27,28). Também faziam veículos como carroças, carros e embarcações (ver Eze. 27:5,6). Ver o artigo sobre os *navios*. Os carpinteiros atarefavam-se nas construções públicas, conforme se vê nos casos do tabernáculo, do palácio de Davi e do templo de Salomão. O entalhe em madeira era uma especialização da carpintaria (ver Êxo. 31:5 e 35:33), e os carpinteiros também entalhavam osso e marfim. Os instrumentos usados por eles incluíam as lixas, as enxós, as serras, as limas, as brocas, os martelos, as sovelas, as juntas, os pregos e os formões. Objetos dessa natureza têm sido encontrados em muitos lugares da Palestina.

d. Os pedreiros. A pedra era um material dispendioso demais para ser usado na maioria das residências particulares, em cuja construção eram utilizados tijolos de barro. (Ver Amós 5:11). No templo de Jerusalém foram usadas pedras importadas do Líbano (ver I Reis 6:7), visto que a pedra calcária da região era por demais macia. Os pedreiros preparavam a pedra e a utilizavam em seu trabalho, empregando muitas das mesmas ferramentas usadas pelos carpinteiros, além da picareta e da pá. Para

preparar pedras nas pedreiras eram usadas cunhas de madeira, metidas entre as pedras à força; isso lascava as pedras, com a força da pressão. As pedras eram amoldadas mediante martelos de metal (ver Jer. 23:29). Os pedreiros também escavavam túmulos em cavernas naturais, ou simplesmente nas rochas (ver Isa. 22:16). As famílias sepultavam seus mortos nesses túmulos. A arqueologia tem encontrado muitos desses túmulos, desde Bete-Semes (século VIII A.C.), até Jerusalém e Bete-Searim (século I A.C. até o século II D.C.). Também havia silos e cisternas escavados na rocha, como em Jericó, Laquis e Megido. Além disso, eram escavados túneis de água, alguns dos quais envolviam muito trabalho humano. Nas construções eram usadas colunas de pedra, algumas vezes elaboradamente decoradas, especialmente nos tempos dos Herodes. As escavações têm demonstrado que, no caso do emprego de pedras, nas construções, algumas dessas pedras eram feitas com uma precisão tal que, embora não fosse usado qualquer tipo de cimento, as pedras se encaixavam tão bem que não se podia inserir uma faca entre elas. Pertencente ao século IX A.C., em Megido, há uma dessas obras dotada de tal precisão. Marcas feitas pelos pedreiros podem ser vistas nos degraus de uma sinagoga em Cafarnaum. Os pedreiros também faziam inscrições na rocha, havendo abundantes exemplos descobertos pela arqueologia. Os operários hebreus eram habilidosos no trabalho de cortar e gravar, incluindo as pedras preciosas ornamentais (ver Êxo. 35:33). Algumas vezes, porém, era mister importar operários especializados, como se deu com Davi, que os contratou com Hirão (ver II Sam. 5:11 e I Crô. 14:1). Nessa obra, ninguém se igualava aos egípcios, que usavam principalmente a pedra calcária, retirada das montanhas, produzindo com ela monumentos maciços e impressionantes, até hoje existentes. Os grandes pesos envolvidos nessas gigantescas construções requeriam considerável habilidade e engenharia. Os hieróglifos egípcios eram traçados com grande habilidade, o que seria surpreendente mesmo que os egípcios contassem com ferramentas de aço temperado (o que se acredita que eles não tinham).

e. Os ferreiros. Antes da introdução do ferro, sabemos que os palestinos mineravam, fundiam e utilizavam o ouro, a prata e o cobre. Salomão dispunha de grandes minas de cobre e ferro, no local do Wadi Arabah e em Eziom-Geber, pelo que sabemos que o ferro era usado naquele tempo (1000 A.C.). Volumosos objetos de metal eram fundidos em moldes de areia, perto das minas (ver II Crô. 4:17). O processo de fundição era ajudado por foles, que forçavam ar soprado através de tubos de argila. Por essa razão, os ferreiros comumente eram apelidados de «os sopradores». O metal fundido era derramado de baldes ou de outros receptáculos em moldes de pedra ou de argila, ou era batido na bigorna (ver Isa. 41:7). O metal era transformado em placas ou folhas a marteladas (ver Isa. 41:7). Por esse motivo, os latoeiros e os ferreiros eram também chamados «marteladores». Muitos objetos eram feitos assim, como todas as variedades de vasos e ferramentas, lâminas de arados, pontas de aguilhões, forcados, machados, alfinetes, imagens, figurinhas, facas e armas de todas as espécies (ver o artigo sobre *Armas, Armadura*). Os ferreiros trabalhavam em tempos de paz e em tempos de guerra (ver Isa. 2:4; Joel 3:10 e Miq. 4:3). Ver o artigo sobre *Mineração e Metais*. Os trabalhadores em metal tinham o malho, a bigorna (ver Isa. 41:7), os foles (ver Jer. 6:29), o cadinho (ver Pro. 17:3), e, para peças maiores, o forno (ver Eze. 22:18).

f. Os curtidores. Esses trabalhavam com couro (Atos 9:43), tratando das peles dos animais para fazer roupas de couro, tendas, odres, escudos, capacetes e calçados. É das mais antigas profissões. Os antigos hebreus tinham curtidores (ver Êxo. 25:5). Os egípcios eram habilidosos curtidores, e a literatura deles mostram como eles preparavam o couro. Havia uma preparação de três dias em que o couro era empapado com sal e farinha de trigo, a fim de ficar limpo. Um cáustico era usado para remover os pêlos. Sucos de plantas acres também eram usados nesse processo. Então a pele era secada ao sol por diversos dias, sendo tratada com cascas de árvores e folhas. Eram usados óleos para amaciá-lo (ver II Sam. 1:21 e Isa. 21:5). Os couros mais finos eram usados no fabrico de folhas de pergaminho. Esse trabalho, embora necessário, soltava fortes maus odores, e os curtidores, nas culturas judaicas, precisavam viver fora dos muros das cidades, com freqüência à beira de rios. Assim encontramos Simão, o curtidor, vivendo em Jope, perto do mar (ver Atos 9:43). Alguns animais, cujas peles eram tratadas, eram animais *imundos*, de acordo com a lei cerimonial judaica, o que era um outro motivo para os curtidores viverem extramuros. O couro usado no fabrico de tendas era raro (ver Êxo. 25:5 e Núm. 4:6), mas era comumente usado para o fabrico de equipamento militar, como capacetes, aljavas, arreios de carros de guerra, fundas, escudos, paveses, etc. (ver II Sam. 1:21 e Isa. 21:5). Sandálias feitas de peles de animais marinhos eram um luxo da época (ver Eze. 16:10). Essas peles de animais marinhos eram usadas em leitos, coberturas de cadeiras e itens de decoração. Algumas vezes, essas peles eram tingidas para adquirir ainda maior beleza.

g. Os tintureiros. Israel entrou em contato com essa profissão no Egito. A maioria das culturas antigas mostra algum sinal tanto de tecelagem quanto de tinturaria. Eram tingidos tecidos e couros. As guildas comerciais especializaram-se nesse trabalho. Fragmentos de teares de madeira e tanques para mergulhar tecidos têm sido encontrados em Laquis, no sul de Judá. Pesos de argila foram descobertos em algumas das casas destruídas por Nabucodonosor. Os cananeus, antes mesmo dos dias de Abraão, já eram habilidosos trabalhadores desse ofício, conforme se vê nas descobertas feitas pela arqueologia em Tell Beit Mirsim (Quiriate-Sefer). Muitos pesos para teares foram encontrados ali, juntamente com um elaborado sistema de fabricação de tecidos. Biblos era uma cidade famosa por sua produção de papiro e de tecidos. O Egito era bem conhecido por causa de seus excelentes linhos. Conchas de murex, em Tiro, produziam tintas de cor púrpura e vermelha. Também havia vários tipos de corantes vegetais. As cascas de romãzeiras produziam tinta de cor negra; as folhas da amendoeira davam o amarelo; a potassa e a uva davam o índigo. Essa indústria tem sido confirmada pela arqueologia em textos de Ras Shamra, de cerca de 1500 A.C. Tecidos de cor púrpura foram usados no tabernáculo (ver Êxo. 26:31 e 28:5). No véu do templo foram usados tecidos tingidos de azul, púrpura e carmesim, como variantes do mesmo corante (ver II Crô. 3:14). Os israelitas aprenderam essa indústria de operários tírios, a pedido de Salomão (ver II Crô. 2:7). A Lídia comerciava com panos tratados em Tiatira (ver Atos 16:14). Os habitantes de Tell Beit Mirsim (Debir?), perto de Neguebe, devotavam-se às indústrias de tecidos e tinturaria. Pelo menos vinte plantas usadas para o fabrico de corantes têm chamado a atenção dos arqueólogos. Tanques para imergir tecidos foram desenterrados. Em alguns casos, os fios eram tingidos

antes de serem tecidos; porém em outros casos, era tingido o tecido já pronto. Vários banhos eram dados, caso se desejasse maior fixação das cores.

h. Os lavadeiros. Estes ocupavam-se na lavagem e embranquecimento dos tecidos. Era necessário limpar as fibras de seus óleos ou gomas naturais, antes de serem tingidas. O pano tornava-se mais compacto por meio do encolhimento, um dos principais trabalhos dos lavadeiros. Algumas vezes, eles também faziam trabalho de tinturaria. Quem fazia esse trabalho precisava de um abundante suprimento de água, pelo que vivia em locais onde a água não faltava. Os lavadeiros pisavam no tecido, estendido por sobre pedras, a fim de realizarem o seu trabalho. Por essa razão, eram comumente apelidados de «pisadores». Em Jerusalém havia um local, fora da muralha leste, onde esse tipo de trabalho era realizado. Chamava-se «campo do lavadeiro» (II Reis 18:17; Isa. 7:3 e 26:2). Quando da transfiguração do Senhor Jesus, Suas vestes resplandeceram com uma brancura incomum, mais do que qualquer lavadeiro seria capaz de produzir (ver Marcos 9:3). A potassa era usada como agente embranquecedor, importado do Egito. Também eram usados sabões, argila branca e salitre, nos processos de embranquecimento (ver Pro. 25:20 e Jer. 2:22). Os álcalis, retirados de certas plantas, bem como os sabões feitos das cinzas da Salsola kali, uma planta, eram utilizados. O sabão referido no trecho de Malaquias 3:2, provavelmente era feito com cinzas de boro, visto que a nossa soda cáustica e o nitrato de sódio eram desconhecidos na Síria e na Palestina, embora tais elementos tenham sido encontrados na Babilônia.

i. Os tecelões. As donas-de-casa foram as primeiras tecelãs. Mais tarde, o ofício transformou-se em uma indústria. Tecidos eram feitos de linho, algodão, lã e pêlos. Esses pêlos eram retirados de vários animais, como a cabra e o camelo (ver Êxo. 35:25 ss ; II Reis 23:7; Pro. 31:13,19). Todos os tipos de objetos eram feitos de pano, como vestes, cortinas, tendas e coberturas de toda espécie. A profissão de tecelagem usualmente era ocupada por homens (ver Êxo. 27:16). Flores, bordados de várias cores e estampas eram entretecidos nas obras mais finas. Os filhos de Selá ocupavam-se desse mister mesmo quando Israel ainda estava no Egito (ver I Crô. 4:21). Tecelões produziam as cortinas do tabernáculo, utilizando pêlos de cabras e linho (ver Êxo. 26:1,7). Eles também produziam as vestes sacerdotais (ver Êxo. 39:1). A guilda dos tecelões existe desde os tempos do escritor ou escritores dos livros de Crônicas (ver I Crô. 6:21). Antes desse tempo, os tecidos da Babilônia eram muito prestigiados, o que se pode subentender com base em Josué 7:21, onde se lê que Acã deu grande valor a uma capa babilônica. Os egípcios eram conhecidos como produtores de excelentes tecidos de linho (ver Isa. 19:9). Os instrumentos usados pelos tecelões são mencionados no Antigo Testamento, como o tear ou seu eixo (ver I Sam. 17:7) e a lançadeira (Jó 7:6).

Uso metafórico. a. A força das armas, como a ponta da lança de Golias, era comparada com a haste de um tecelão (ver I Sam. 17:7 e II Sam. 21:19). b. A vida de um homem escoa-se mais rapidamente que a lançadeira de um tecelão (ver Jó 7:6), o que destaca a brevidade da vida física. c. A morte prematura é como um tecido terminado que é cortado do tear e enrolado (ver Isa. 38:12), mas em que as pontas dos fios continuam presos ao tear. Ver o artigo separado sobre *Enrolamento de fios e Fabrico de tecidos*.

Outros artigos interessantes, relacionados ao assunto de *Artes e Ofícios*, são Arte, Cosméticos e Perfumaria, Marfim, Enrolamento de fios e Fabrico de tecidos, e, finalmente, o Vidro. (N REIF SIN UN)

ARTÍFICE

No grego é **technites**, «artesão» ou «planejador». Palavra que se refere a um artífice em qualquer obra em pedra, madeira, metal, pedras preciosas ou argila (ver Isa. 3:3 e Apo. 18:22). A Bíblia alude a Tubalcaim como o primeiro artífice em metais (ver Gên. 4:22). Operários especializados e artífices formavam uma porção importante na sociedade hebréia, ao tempo da deportação para a Babilônia.

Ver Nee. 3:8,32; Isa. 40:19; 41:7, onde se lê sobre «ourives», os quais, tal como os que trabalhavam em prata, foram literalmente chamados, em hebraico, de refinadores ou purificadores, em Mal. 3:2,3. Os ourives batiam o ouro até tomar o formato que queriam, ou então fundiam-no em um molde. Aqueles que exerciam essa profissão usualmente eram fabricantes de ídolos de ouro (ver Jer. 10:9 e 51:17), o que significava que uma cobertura de ouro era posta sobre um ídolo de madeira. Eram usados cravos para manter a cobertura de ouro no lugar (ver Isa. 4:17). Alguns *ourives* provavelmente eram simples joalheiros (ver Nee. 3:8,31,32). Ver os artigos sobre Ouro, Artes e Ofícios. (S Z)

ARTIGOS DE ESMALCALDE (SCHMALKALD)

O nome indica uma confissão luterana, escrita pelo próprio Lutero em 1537, atendendo a um pedido do eleitor João Frederico da Saxônia, como um sumário de todo o seu ensino. Nessa declaração, encontramos uma concisa afirmativa de princípios básicos, incluindo questões como a soberania de Deus, a obra medianeira de Cristo, a justificação pela fé, a Igreja e seu ministério. Seus artigos contrastam agudamente com as doutrinas romanistas como a missa, as penitências, as relíquias, etc.,—que são ali denunciadas. O papa é atacado como se fosse o anticristo. A intenção de João Frederico era de usar esse documento para unificar os protestantes, mas ele não obteve êxito. Todavia, o documento obteve prestígio e terminou incluído no Livro da Concórdia (ver o artigo a respeito), como um credo oficial, acompanhado por um apêndice antipapal, escrito por Melanchthon (ver o artigo a respeito). Lutero dava grande importância a essa declaração, que era uma espécie de espontâneo derramamento de fé do fundador do protestantismo, e não uma exposição fria e erudita. Ver sobre o Luteranismo. (E)

ARTIGOS DE FÉ

Há declarações credais diretas no Novo Testamento. Ver I Cor. 15:3,4 e I Tim. 3:16, bem como o artigo sobre o Credo dos Apóstolos. Na Igreja primitiva, havia o desejo de se formular declarações doutrinárias exatas, embora o cânon do Novo Testamento ainda não tivesse sido terminado. Isso pode ser visto no fato de que diversos livros foram escritos, pelo menos parcialmente, para combater as heresias, especificamente o gnosticismo. As epístolas aos Efésios, Colossenses, I e II Timóteo, I, II e III João, e partes de outros livros, como o Apocalipse, foram motivados, entre outras coisas, pela necessidade de combater as heresias. A epístola aos Gálatas foi motivada pelo desejo de Paulo de preservar a pureza da revelação da graça contra os assaltos do legalismo. Era natural, pois, que a Igreja pós-apostólica desenvolvesse ainda mais a questão. Os primeiros artigos de fé foram

determinados pelos concílios eclesiásticos, usualmente em face de opiniões divergentes. Ver sobre o Credo Niceno, por exemplo. Ver o artigo sobre *credos*.

Tomás de Aquino usou a palavra *articulus* a fim de denotar uma verdade sobrenatural, revelada, distinta em si mesma, mas parte do todo orgânico do ensino cristão. Apesar de haver verdades assim, como afirmam todas as religiões, o problema tem sido a interpretação das mesmas, uma vez proferidas. E isso tem sido a tarefa dos concílios e das denominações, o que tem dividido o cristianismo em muitas seitas. O *Catecismo* do concílio de Trento chama as verdades do Credo dos Apóstolos de *artigos*. No anglicanismo há os Trinta e Nove Artigos, o padrão doutrinário oficial da Igreja da Inglaterra. Os *Artigos da Religião*, do metodismo, foram preparados por João Wesley, em 1784. Originalmente, consistiam de vinte e quatro dos trinta e nove artigos da Igreja Anglicana. Posteriormente, os metodistas norte-americanos adicionaram um artigo sobre «regras dos Estados Unidos da América». A declaração metodista elimina o calvinismo dos Trinta e Nove Artigos. Ver o artigo sobre os *Trinta e Nove Artigos*. Os luteranos têm a sua *Confissão de Augsburgo* (ver artigo). Para os protestantes ortodoxos, a Bíblia é a única regra infalível de fé e prática cristãs. Porém, nas tentativas de definir essas regras, vários credos têm surgido nos círculos protestantes, e muitas igrejas locais e missões têm sua própria declaração doutrinária.

Vantagem e desvantagem. A vantagem desses artigos é que eles unem as pessoas que se agrupam em torno dos mesmos, com base nos quais podem operar e ter comunhão. A sua desvantagem é que eles tendem por levar as pessoas a se tornarem arrogantes por sua «distinção e superioridade», dando também a impressão que «é aqui que a verdade cessa». Ademais, todas as denominações e seus credos são mesclas de verdades e erros e não há denominação ou credo que não possa ser melhorado por meio de empréstimos ou pela busca pessoal e coletiva na verdade. Essa verdade sempre é conhecida por nós apenas em parte. (B E P)

ARTIGOS DE LAMBETH

Os artigos assim chamados foram adotados a 20 de novembro de 1595. Eles expressam um sistema de predestinação, dividido em nove artigos, que chegaram a predominar na Igreja Anglicana. Nunca chegaram a obter força de lei, e uma parte daquela denominação sempre os reteve como sua posição doutrinária.

ARTIGOS DE TORGAU

Ver **Torgau, Artigos de**

ARTIGOS GALICANOS (CONFISSÃO GALICANA, CONFISSÃO DE ROCHELLE)

Esses artigos foram redigidos por Calvino (ver o artigo a respeito), tendo sido então ampliados e adotados pelo Sínodo de Paris, em 1599, como uma confissão de fé e uma ordem de disciplina. Posteriormente, essa confissão foi repetidamente revisada, sob a direção de Beza, e finalmente, foi ratificada quando do sétimo sínodo nacional em La Rochelle, em 1571, na presença da rainha de Navarra e seu filho, Henrique IV. Essa confissão, quase inteiramente compilada pessoalmente por Calvino, e por seu amigo e sucessor, Beza (ver o artigo a respeito), contém quarenta artigos que sumariam as crenças doutrinárias de Calvino. Finalmente, a confissão foi ultrapassada pela Declaração de Fé da Igreja Reformada na França, em 1872. (E)

ARTIGOS IRLANDESES

Foram adotados pela convocação da Igreja da Irlanda, em 1615, tendo sido revisados os 39 Artigos (ver o artigo a respeito), imprimindo-lhes forte tom calvinista. Embora em desuso na Irlanda, após a adoção dos 39 Artigos, em 1634, os Artigos Irlandeses foram usados como parte da fórmula da Confissão de Westminster (ver o artigo a respeito). (E)

ARUBOTE

Cidade ou distrito mencionado em I Reis 4:10, uma das doze zonas administrativas de onde eram obtidas provisões para a casa de Salomão. O intendente dessa região era Ben-Hesede, um dos oficiais da corte de Salomão. O local não é conhecido, embora seja mencionado juntamente com Socó e Hefer. E sabe-se que Hefer ficava no território de Manassés. Socó tem sido identificada com o moderno Tell er-Ras ou 'Arrabeh. Portanto, Arubote não deveria ficar muito para o norte de Samaria. É possível que Árbata fosse a forma do nome dado na época dos Macabeus (ver I Macabeus 5:23).

ARUMÁ

Esse nome significa **altura**. Era uma cidade próxima de Siquém (ver Juí. 9:41), onde foi habitar Abimeleque, filho de Gideão, depois que fora expulso de Siquém (ver Juí. 9:41). (ID S)

ARVADE, ARVADITAS

No hebraico significa lugar de fugitivos. Um lugar que figura na genealogia de Noé, na linhagem de Canaã (ver Gên. 10:18 e I Crô. 1:16). Era a cidade fenícia localizada mais ao norte, em uma ilha rochosa atualmente chamada Ruade. Os gregos chamavam-na Aruade, nome que aparece em I Macabeus 15:23. Essa ilha ficava defronte da boca do rio Eleutero, ao largo da costa da Síria, diante da ilha de Chipre. Tinha três quilômetros de uma ponta de praia à outra. Estrabão refere-se à mesma como uma rocha que se eleva em meio às ondas do mar (ver xiv. par. 753). Nos tempos antigos, era densamente povoada, apesar de suas minúsculas dimensões, tendo conseguido governar as costas próximas durante séculos. É mencionada nas cartas de Amarna de números 101, 105 e 109, onde é chamada *arwada*. Nos registros históricos de Tiglate-Pileser I (1114-1076 A.C.), ela é chamada *armada*. Cenas do local aparecem em relevos assírios (nos portões de bronze de Salmaneser III, 858-824 A.C.). Algumas moedas arvaditas retratam cenas da ilha. O lugar participava plenamente das atividades marítimas fenícias, particularmente depois que Tiro e Sidom caíram nas mãos dos reis greco-sírios. (ID ND S UN Z)

ÁRVORE DA VIDA

No hebraico temos uma expressão de duas palavras. — A LXX traduz por *to ksúlon tẽs zoẽs*, «a árvore da vida». Juntamente com a árvore do conhecimento do bem e do mal, a «árvore da vida» foi plantada por Deus no jardim do Éden. Deus não ordenou a Adão que ele não comesse do fruto da árvore da vida, e a tentação da serpente não envolveu a mesma. E quando Adão e Eva foram expulsos do paraíso, a razão da expulsão foi: «...para que não

estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente» (Gên. 3:22). Dois querubins, armados de espada flamejante, guardavam a árvore da vida. No relato inicial sobre o jardim do Éden, aparentemente a participação no fruto da árvore da vida, por parte do homem, era permitida por Deus; mas, por alguma razão não explicada, ele nunca participou do mesmo. Notemos que em Gênesis 2:9,10, tanto a árvore da vida quanto um rio são mencionados, embora nada ali seja esclarecido quanto à significação de uma coisa ou de outra.

Em Ezequiel 31:1-12, novamente aparece um rio, ladeado por árvores perenemente verdes, produtoras de alimento e medicamento. No Antigo Testamento, somente no livro de Provérbios aparece novamente a expressão «árvore da vida», isto é, em Pro. 3:18. O «fruto do justo» é árvore da vida, como também o desejo cumprido (em Pro. 11:30 e 13:12). E a «língua serena» participa de idêntica honraria (ver Pro. 15:4). Ao que parece, o homem é vitalizado e renovado por essas coisas, embora não haja elaboração do termo, e nem haja qualquer significação cósmica, emprestada a essas árvores da vida.

No Novo Testamento, apenas o livro de Apocalipse faz alusão à árvore da vida, e em cada caso, há um significado espiritual e cósmico. Assim, em Apocalipse 2:7 é feita a promessa de que o «vencedor» haverá de participar da árvore da vida, localizada no «paraíso de Deus». O vigésimo segundo capítulo fornece-nos ainda mais detalhes. Na Nova Jerusalém, manará o rio da vida, desde o trono de Deus. E em ambas as margens desse rio, a árvore da vida proverá tanto a vida quanto a cura para aqueles que ali viverem.

É verdade que os cultos pagãos antigos aproveitaram a idéia, embora distorcidamente, incluindo a *árvore da vida* em seus mitos. Os reis antigos também açambarcaram a idéia, associando sua imagem a da árvore da vida, geralmente sob a forma de um guardião e sacerdote sacramental que dispensa sua autoridade através do culto. Em um outro contexto, a árvore da vida aparece intimamente relacionada à deusa-mãe, que representava o princípio feminino da reprodução natural, quer nas plantações, quer no gado ou na família humana. Essa deusa-mãe também podia representar o trono, ou seja, aquela que dava vida e poder ao monarca.

Podemos concluir que a árvore da vida *representa* o poder doador de vida de Yahweh. O Senhor é a fonte de vida para o rei e para o povo de Israel, exatamente como o foi para Adão. Essas e outras idéias foram sintetizadas no livro de Apocalipse, a fim de exprimir a realidade da vida eterna e da felicidade celeste com Deus (ver Apo. 22:1-3; cf. 2:7 e 21:6). Essa evolução de idéias sugere-nos que o livro de Gênesis não se referia somente a uma situação do passado, mas a um destino definitivo que dá uma perspectiva esperançosa, e portanto, mostra-nos qual o sentido mais profundo da existência humana. Em suma, o paraíso é perdido no Gênesis mas é totalmente recuperado no Apocalipse. E todos os demais livros da Bíblia ensinam como isso ocorre. Os homens encontram vida em Jesus Cristo: «Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim» (João 14:6).

ÁRVORE DE JUDAS

Na Bíblia não há nenhuma árvore com esse nome. Mas a expressão é usada em relação à árvore talvez subentendida em Mat. 27:5, onde se lê: «...Judas...retirou-se, e foi enforcar-se». A lenda identifica a *Cervis siliquastrum* como a árvore em foco, que passou a ser apelidada de «árvore de Judas». Tem flores avermelhadas, nos ramos e no próprio tronco. A tradição também diz que a árvore chora sangue a cada primavera, em memória de Judas Iscariotes. As folhas têm o contorno de um coração, e representariam o duro coração de Judas. A árvore é nativa da Palestina, atingindo uma altura de cerca de nove metros. Seus ramos são suficientemente fortes para que uma pessoa se pendure em um deles, com o propósito de enforcar-se. Porém, tudo não passa de uma lenda fantástica, como acontece nas lendas que circundam figuras bíblicas. (Z)

ÁRVORE DE PORFÍRIO

Ver **Porfírio, Árvore de**

ÁRVORE DO CONHECIMENTO

A expressão, no hebraico, consiste em duas palavras, que a LXX traduz por *tó ksúlon toũ eidénai*, «a árvore do Éden». A expressão completa aparece em Gên. 2:9, «a árvore do conhecimento do bem e do mal», que designa uma das duas árvores incomuns que Deus plantou no jardim do Éden. Deus ordenou a Adão que não comesse do fruto dessa árvore, sob pena de morte (ver Gên. 2:17). A tentação de Eva, por parte da serpente, concentrou-se sobre esse mandamento. Ela cedeu à tentação, diante do argumento de que ela não morreria, mas seria «como Deus», e ela não somente comeu do tal fruto, como também deu-o ao seu marido. A expressão «do bem e do mal», que indica os pontos extremos do conhecimento, denota a idéia de conhecimento total, isto é, onisciência e poder. Segundo se depreende de Gên. 3:5, equivale a tornar-se um ser divino. Porém, ao apelar para tal fruto, buscando tornar-se divino, o homem apenas tornou-se culpado, cobrindo-se de vergonha e condenação, e foi expulso do jardim do Éden, onde comungava com Deus.

A falta de conhecimento do bem e do mal pode ser um sinal de imaturidade (ver Deu. 1:39; Isa. 7:14-17), e no trecho de II Samuel 19:35, aparece como um sinal da senilidade própria da idade muito avançada. A posse de conhecimento, por parte do rei, torna-o semelhante a um anjo de Deus, e de conformidade com I Reis 3:9, conhecimento e sabedoria era o mais almejado de todos os dons, por parte de Salomão (cf. Gên. 24:50; Núm. 24:13; Ecl. 12:14; Jer. 42:6). A árvore do conhecimento simbolizava a onisciência divina.

A árvore do conhecimento do bem e do mal ensina para o homem, simbolicamente, que o ser humano não pode fazer arbitrariamente o que quiser, e nem pode estabelecer as normas do bem e do mal. No entanto, o ato de rebeldia pecaminosa de Adão, que arrastou toda a sua descendência, fez com que o homem se arrogasse à posição de modelo ou norma, como se ele tivesse autonomia moral (ver Isa. 5:20; Amós 5:14,15). Essa arrogante auto-suficiência é freqüentemente condenada nas Escrituras, mormente nos escritos proféticos (ver Eze. 28; Isa. 14:12 ss ; cf. Gên. 11), como a característica fundamental do pecado. Portanto, profundíssimo é o ensino de Gênesis, que ensina que esse equivocado senso de auto-suficiência é a raiz e a essência do pecado, ensino esse confirmado e reforçado em todos os demais livros da Bíblia.

Qual seria a árvore do conhecimento do bem e do mal? Popularmente tratar-se-ia da macieira, e a maçã simbolizaria o contato sexual. Mas isso é produto da fantasia maliciosa. As tradições judaicas pensavam na videira, na oliveira ou em uma espiga gigantesca, ao passo que os gregos pensavam na figueira. Na

verdade, porém, as Escrituras não determinam a espécie da árvore. A idéia da macieira apareceu pela primeira vez entre escritores latinos, talvez devido a uma semelhança de palavras latinas (*malum* = o mal; *malus* = macieira). Se não fosse essa similaridade de palavras, no latim, não se teria vulgarizado a idéia da maçã, que é tão tola quanto outra tolice qualquer.

ÁRVORE OLEOSA **Ver Óleo, Árvore de.**

ÁRVORE VERDE DA TERRA NATAL

Essa árvore é a **Laurus nobilis**, também chamada loureiro. Trata-se de uma árvore de verde perene, que cresce até cerca de 9 m de altura, embora se conheça exemplares na Palestina com até o dobro dessa altura. Por esse motivo, a espécie pode ser chamada de árvore que se alça e se espalha, devido à grandeza de sua folhagem. Suas flores são pequenas, em branco esverdeado, e com pequenas bagas negras. As folhas são fragrantes, de cor verde escura, usadas como condimento de peixes cozidos. Os gregos empregavam os ramos para fazer coroas para militares e heróis do esporte. O trecho de Salmos 37:35 alude ao ímpio que, em seu orgulho e prepotência, expande qual cedro do Líbano. No tocante a um breve sumário de espécies de árvores encontradas na Palestina, ver sob *Árvores*. Algumas versões referem-se à árvore em questão como se fosse um cedro — como se dá com nossa versão portuguesa, que a chama de «cedro do Líbano» — mas o termo hebraico indica uma árvore *nativa* da Palestina, o que não acontece no caso do cedro.

ARZARETE

No hebraico, **outra terra**. Uma região além do rio Eufrates, para onde, alegadamente, os assírios levaram as dez tribos de Israel, após a destruição do reino do norte, e de onde eles haverão de retornar nos últimos dias (ver I Esdras 13:45). Porém, o texto hebraico diz *outra terra*, o que provavelmente não deve ser entendido como um nome próprio. (Z)

ASA

Há cinco palavras hebraicas traduzidas por «asa» e uma palavra grega, *ptéruks*. As palavras hebraicas consideram a asa sob vários pontos de vista. Um deles está baseado em sua aparência de arco, outro na força exercida pela asa, um baseado na idéia de cobertura e proteção, e o outro em suas penas, embora na maioria das vezes aponte para uma flor. Anatomicamente, as asas são para as aves o que os braços são para os homens (ver Gên. 1:21), embora as asas sejam usadas pelas aves como cobertura e locomoção, e não para efeito de destreza. E é por essa razão que o uso simbólico das asas difere totalmente do uso simbólico dos braços. O desejo da esperança é expresso como segue: «Quem me dera asas como de pomba! voaria, e acharia pouso» (Sal. 55:6). E a recuperação espiritual constante dos crentes é expressa por Isaías como segue: «...os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam» (Isa. 40:31). E Moisés escreveu: «Como a águia desperta o seu ninho, adeja sobre os filhos e, estendendo as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas, assim só o Senhor o guiou...» (Deu. 32:11,12). Rute encontrou refúgio debaixo das asas do Senhor (ver Rute 2:12). E Jesus queria recolher os habitantes de Jerusalém sob Sua proteção, dizendo: «Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!» (Mat. 23:37).

As riquezas são simbolizadas pelas asas de pombas, cobertas de prata, mas a natureza passageira das riquezas é comparada com asas de águias (ver Pro. 23:5). Oséias assemelhou a pressa com que Efraim se entregou à prostituição espiritual a alguém transportado pelo vento, que tivesse arrebatado em suas asas (ver Osé. 4:19). Das mais belas, como inspiradora imagem poética, é a declaração de Malaquias 4:2: «Mas para vós outros que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, trazendo salvação nas suas asas...» Essas palavras indicam a vitória final dos seguidores do Senhor sobre os perversos, no dia do Senhor. Portanto, o simbolismo envolvido nas asas é dos mais significativos que temos na Palavra de Deus. A própria sombra de uma asa sugere o refúgio que o crente encontra no Senhor, quando perseguido pelo ímpio (ver Sal. 17:8).

Diversas personagens simbólicas aparecem dotadas de asas, como as duas mulheres referidas em Zacarias 5:9; o leão com asas de águias, em Daniel 7:4; e a mulher de Apocalipse 12:14. Nos antigos monumentos as figuras de touros e leões aparecem aladas. Os serafins, referidos por Isaías, cobriam seus rostos com duas asas, como também os seus pés, e voavam com as outras duas, enquanto adoravam ao Senhor (ver Isa. 7:1-3). E em visão similar de Ezequiel (ver 10:5), havia criaturas aladas.

Visto que Jó, por sua própria sabedoria, não sabia fazer o falcão voar ou migrar para o sul, e nem fazer a águia subir para seu ninho, no alto da montanha, ele aprendeu a virtude da humildade e a aceitar sem queixa a disciplina do Senhor. Observações ornitológicas incomuns foram feitas pelos que esperavam pela pomba que trouxera de volta à arca a folha da oliveira, e pelos que observaram a grande águia com grandes asas de Ezequiel, que transportou a ponta de um cedro para outro local (ver Eze. 17:3).

O termo grego *ptéruks* aparece por cinco vezes no Novo Testamento: Mat. 23:37; Luc. 13:34; Apo. 4:8; 9:9 e 12:14.

ASA

Nas páginas do Antigo Testamento há dois homens com esse nome:

1. Um rei de Judá.

a. *Generalidades*. No hebraico significa *cura*, ou *médico*. Foi o terceiro rei de Judá, filho de Abias e neto de Reoboão. Começou a reinar dois anos antes da morte de Jeroboão, de Israel, e reinou durante 41 anos, cerca de 915-875 A.C. Visto que ainda era muito jovem quando subiu ao trono, os negócios do estado eram administrados por sua mãe ou avó, Maacá (ver I Reis 15:1,10), a qual aparece como neta de Absalão. Ela corrompeu a terra com a idolatria.

b. *Conduta religiosa*. Zelosamente, o jovem monarca desarraigou a idolatria, chegando ao extremo de depor Maacá, a rainha-mãe, por ter ela erigido um ídolo, ao qual Asa derrubou e queimou (ver I Reis 15:13). Não obstante, os santuários das colinas (ou dos lugares altos) puderam continuar (ver I Reis 15:11-13 e II Crô. 14:2-5). Asa renovou a adoração no templo, incluindo os ritos do altar, que aparentemente haviam sido execrados ou descontinuados (ver II Crô. 15:8).

c. *Suas guerras*. Asa utilizou todos os meios disponíveis para deixar o seu reino na melhor situação

militar possível. Houve paz durante os primeiros dez anos de seu reinado, e ele foi aumentando a capacidade militar do país durante esse tempo. Finalmente, conseguiu reunir uma força militar de cerca de 580 mil homens (ver II Crô. 14:6-8). No décimo primeiro ano de seu governo, atacou e derrotou as numerosas hostes do rei cuxita Zerá, que havia penetrado, através da Arábia Petrea, no vale de Zefata com um poderoso exército. Ao retornarem os judeus triunfantes, carregados com os despojos tomados, o profeta Azarias saiu ao encontro deles e declarou que a vitória fora uma provisão divina.

d. *Reformas*. Encorajado por suas vitórias militares, além de todos os bens conseguidos nas mesmas, Asa aproveitou a oportunidade para eliminar os restos de idolatria que haviam sobrevivido a outros expurgos, levando o povo a renovar sua aliança com Yahweh (ver II Crô. 15:1-15). Portanto, Asa andou nos passos de seu antepassado, Davi (ver I Reis 15:11).

e. *Problemas e declínio*. No trigésimo sexto ano (alguns dizem vigésimo sexto) de seu reinado, começaram as hostilidades contra Baasa, rei de Israel. Este fortificou Ramá, a fim de impedir que seus súditos passassem para o lado de Asa. Procurando confrontar essa ameaça com maior poder ainda, Asa resolveu estabelecer aliança com Ben-Hadade I, de Damasco, e conseguiu o seu apoio entregando-lhe os tesouros do templo e da casa do rei. Ben-Hadade cumpriu a sua parte no trato, invadindo e expulsando as tropas de Israel de Ramá. Asa utilizou os despojos para edificar Geba e Mispa com os mesmos. Porém, havia desperdiçado os tesouros de Judá, pelo que foi repreendido pelo profeta Hanani. Asa irritou-se diante da reprimenda, e lançou-o na prisão. Aparentemente, nessa controvérsia, outras pessoas puseram-se também ao lado do profeta, de tal modo que também foram maltratadas (ver I Reis 15:16-22 e II Crô. 16:1-10). Nos últimos três anos de sua vida, Asa foi afligido por uma grave enfermidade em seus pés (hidropisia); mas, endurecido pelos desapontamentos da vida, além de uma tola obstinação, ele não buscou a ajuda do Senhor, mas preferiu depender inteiramente dos médicos. A doença era fatal, e ele morreu, embora ainda grandemente estimado. Foi altamente honrado por ocasião de seu magnificente sepultamento (ver I Crô. 16:11-14). Seu filho, Josafá, substituiu-o no trono. Alguns estudiosos pensam que desde quatro anos antes, Josafá já era co-regente com seu pai. Asa e Josafá aparecem na genealogia de Jesus, em Mateus 1:7.

2. Asa, um levita, filho de Elcana, pai de Berequias, que posteriormente residiu em uma das vilas dos netofatitas, após o retorno da Babilônia (ver I Crô. 9:16), em cerca de 536 A.C. (ID S UN)

••• ••• •••

ASÃ

No hebraico, **fumaça**. Era uma cidade de Judá (ver Jos. 15:42). Ficava localizada a sudoeste da Sefelá (Neguebe). Eusébio afiança que, em sua época, Bete-Asã ficava a 26 km de Jerusalém, para oeste. No trecho de I Samuel 30:30, ela é chamada «Corasã», isto é, «fornalha de fumaça». E em I Crônicas 6:59 ela é considerada uma cidade sacerdotal. Em Josué 21:16, a palavra «Aim» aparece em lugar de Asã, cidade essa que não deve ser confundida com a Aim de Núm. 34:11. Essa cidade tem sido identificada com a moderna Khirbet 'Ashan, acerca de 8 km a noroeste de Bersheba. (ID UN)

ASAEL

No hebraico, **criatura de Deus**. Foi nome de várias pessoas no Antigo Testamento.

1. Filho da irmã de Davi, Zeruia, irmão de Joabe e Abisai. Tornou-se notável pela velocidade de sua corrida. Após a batalha que houve em Gibeom, ele perseguiu e alcançou Abner, o qual, com grande relutância, a fim de salvar a própria vida, matou-o com um golpe de lança, em cerca de 1055 A.C. (ver II Sam. 2:18,23; 3:27,30,33, 34; I Crô. 9:26 e 27:7). Foi um dos trinta mais valentes guerreiros de Davi, e comandou uma divisão de vinte e quatro mil homens do exército de Davi. Finalmente, Joabe matou Abner para vingar a morte de Asael (ver II Sam. 3:26).

Em I Crônicas 27:7 é declarado que Asael era o quarto dos capitães mensais de Davi. Mas Asael morreu antes de Davi tornar-se rei. Alguns vêem nisso uma flagrante contradição; mas outros explicam que Asael foi assim honrado postumamente, na pessoa de seu filho, Zebadias (ver I Crô. 27:7).

2. Um dos levitas (cerca de 909 A.C.) durante o reinado de Josafá, o qual instruiu o povo na lei de Moisés (ver II Crô. 17:8).

3. Um levita que supervisionava o templo durante o reinado de Ezequias, cuidando das ofertas (ver II Crô. 31:13), em cerca de 727 A.C.

4. Um sacerdote, pai de Jônatas, no tempo de Esdras (ver Esd. 10:15). Em I Esdras 9:14, ele é chamado Azael (cerca de 459 A.C.). Ajudou Esdras a exigir que os judeus se desfizessem de suas mulheres estrangeiras. (ID ND S)

ASAFE

No hebraico significa coletor ou recolhedor. Nome de várias pessoas do Antigo Testamento:

1. Um levita, filho de Baraquias (ver I Crô. 6:39 e 15:17). Um músico consumado, nomeado por Davi para presidir o coral sagrado organizado pelo rei. Os filhos de Asafe posteriormente são mencionados como coristas do templo (ver I Crô. 25:1; II Crô. 20:14; 29:14; Esd. 2:41; 3:10; Nee. 6:44 e 11:22). O ofício parece ter-se tornado hereditário (ver I Crô. 25:1,2). Asafe tornou-se célebre, em tempos posteriores, como profeta e poeta (ver II Crô. 29:30 e Nee. 12:4). Os títulos de doze dos Salmos trazem o seu nome (73 a 83 e 50). Devido à cronologia sugerida nos Salmos (nos tempos de Davi, mas posteriormente no tempo do exílio para a Babilônia), alguns estudiosos pensam que houve dois Asafes envolvidos: o primeiro, da época de Davi, teria composto os Salmos 50, 73, 76 e 78, e talvez 75 e 82, e o segundo, os Salmos 74, 79 e 83, que refletem as condições do exílio. Nesse caso, os dois homens pertenceriam à mesma família.

2. Asafe, pai do cronista Joá, dos dias de Ezequias (ver II Reis 18:18; Isa. 36:3,22).

3. Um oficial de Artaxerxes Longimano, da Pérsia (465-445 A.C.). Era ele quem tomava conta das florestas do rei na Palestina (ver Nee. 2:8).

4. Asafe, em I Crô. 26:1, conforme se lê em algumas versões, como a nossa versão portuguesa, constitui um erro escribal. A verdadeira forma do nome é Ebiasafe (ver I Crô. 9:19), segundo se vê também em nossa versão portuguesa.

5. Asafe, em Mateus 1:7, corresponde à melhor variante no original grego, em lugar de Asa, na genealogia de Jesus. Contudo, no Antigo Testamento encontramos *Asa* (ver o artigo a respeito). Foi o terceiro rei de Judá. (ID S UN)

ASAÍAS

No hebraico, **realizador**, ou, então, **Yahweh fez**. Nome de várias pessoas relacionadas à narrativa do Antigo Testamento:

1. Uma das pessoas enviadas pelo rei Josias para consultar a profetisa Hulda, acerca do livro da lei, encontrado no templo (ver II Reis 22:14). Ver também II Crônicas 34:20.

2. Um dos principais líderes da tribo de Simeão, que expulsaram os pastores camitas de Gedor (ver I Crô. 4:36,39).

3. Um levita durante o reinado de Davi (ver I Crô. 6:30), o qual, com cento e vinte de seus irmãos, trouxe a arca para a cidade de Davi, em cerca de 1033 A.C. (ver I Crô. 15:6,11).

4. Um dos silonitas que retornou do cativeiro babilônico a fim de habitar em Jerusalém (ver I Crô. 9:5). Em Neemias 11:5 ele é chamado Maaséias. Cerca de 536 A.C. (ID ND)

ASANA

Vem do sânscrito, com o sentido de «sentar-se». Na ioga (ver o artigo) e em outros sistemas filosóficos hindus, a ênfase sobre a postura do corpo é uma das condições para o progresso espiritual.

ASARA

Cabeça de uma família que servia no templo, e que retornou juntamente com Zorobabel do cativeiro babilônico (ver I Esdras 5:31). Nas listas paralelas de Esd. 2:49 e Nee. 7:51, esse nome é omitido.

ASARAMEL

Nome encontrado em uma inscrição feita em memória de Simão, da família dos Macabeus (ver I Macabeus 14:28). Alguns, porém, entendem que se trata do nome de uma localidade, e não de um indivíduo ou de uma família. Pode estar relacionado à *corte* do povo ou ao *príncipe* do povo. Se a segunda alternativa é a correta, então talvez fosse um título aplicado a Simão. (Z)

ASAREEL

No hebraico quer dizer *reto de Deus* ou *preso por Yahweh*. Era filho de Jealelel, da tribo de Judá (ver I Crô. 4:16), em cerca de 1618 A.C. (S)

ASARELA

No hebraico, **Yahweh está unido**, era um dos filhos de Asafe, separado por Davi a fim de profetizar (ver I Crô. 25:2). No décimo quarto versículo desse mesmo capítulo ele é chamado Jesarela.

ASAT

Vem do sânscrito com o sentido de «não-ser», o contrário de *sat*, «ser». Uma teoria de origens, segundo a qual o ser originou-se do não-ser, que retrocede aos tempos védicos.

ASBÉIA

No hebraico, **conjuração**. Um nome pessoal ou de um lugar (ver I Crô. 4:21), cerca de 1400 A.C. Talvez se aplique aos trabalhadores em linho, embora algumas versões apliquem o nome ao lugar onde eles viviam. Seja como for, nada se sabe sobre esse lugar ou sobre essas pessoas. (S Z)

ASBEL

No hebraico, **homem de Baal**. Um dos filhos de Benjamim (ver Gên. 46:21; Núm. 26:38; I Crô. 8:1), cerca de 1856 A.C. Foi o progenitor da família denominada asbelitas. (UN)

ASCENSÃO DE CRISTO

I. Texto Principal, Atos 1:6-11

Esta breve seção é uma das mais importantes de todo o livro de Atos, porquanto registra a doutrina cardeal cristã da ascensão de Cristo. Esta seção é a principal fonte informativa sobre esse acontecimento fundamental da fé cristã. O evangelho de Lucas encerra essa mesma narrativa, posto que em forma abreviada (ver Luc. 24:50,51), embora essa narrativa contenha importantes variantes textuais, no texto *ocidental*, e que alguns consideram como representantes do evangelho original de Lucas, nesse ponto. Essas variantes poderiam talvez eliminar a narrativa da ascensão de Cristo do evangelho de Lucas, isto é, fazer com que o mesmo não a registre, sendo mesmo possível que escribas posteriores tenham modificado o texto por um par de breves adições, fazendo-o narrar a história da ascensão, ainda que em forma abreviada. A posição assumida por esta enciclopédia, a respeito, é que mesmo sem as breves adições que tendem por tornar mais clara a narrativa, essa seção do evangelho de Lucas tem por intuito registrar a história da ascensão, ainda que sob forma abreviada. Porém, mesmo que o evangelho de Lucas não preserve genuinamente essa tradição histórica para nós, o autor sagrado em sua obra em dois volumes—a história contada em Lucas-Atos, nesta seção do livro de Atos (a segunda parte dessa história), preservou enfaticamente esse acontecimento para nós.

O evangelho de Marcos contém também a história da ascensão de Cristo, ainda que o faça no duvidoso *longo final*, e que a maioria dos eruditos sobre as questões textuais acredita ser secundário, não fazendo parte do evangelho original de Marcos. Nesse caso, a história da ascensão foi registrada por um «quinto» evangelista, talvez Aristíom, um dos primeiros discípulos de Jesus, conforme declaração de um manuscrito armênio do séc. IX D.C. Porém, quanto a isso não há meios para obtermos a certeza. (Quanto ao problema inteiro do final do evangelho de Marcos, a saber, os versículos nono a vigésimo, ver no NTI as notas expositivas em Atos 1:9, que abordam com amplitude o problema, exibindo evidências em prol dos quatro finais diferentes do evangelho de Marcos, conforme os manuscritos existentes hoje em dia).

O evangelho de Mateus não conta a história da ascensão do Senhor, e isso pode sugerir que o evangelho original de Marcos, que foi empregado como esboço histórico básico e material informativo usado tanto pelo autor do evangelho de Mateus como pelo autor do evangelho de Lucas, não continha essa narrativa. Não obstante, o evangelho de Mateus contém alusões ao fato da ascensão de Cristo, segundo se observa em trechos como Mat. 22:44; 24:30; 25:14,31 e 26:64. Isso nos mostra que o autor sagrado conhecia tal tradição histórica.

O evangelho de João não tece qualquer comentário à narrativa da ascensão do Senhor, embora exista certo número de alusões ao fato nesse quarto evangelho, pelo que também é evidente que a tradição era bem conhecida pelo autor sagrado, apesar de que

não lhe deve ter parecido ser necessário registrar a própria ocorrência.

Nenhum dos quatro evangelhos indica a existência de qualquer intervalo entre a ressurreição e a ascensão do Senhor; e por esse motivo, alguns eruditos têm pensado que uma antiga tradição da ascensão dizia que a mesma ocorrera no mesmo dia da ressurreição de Cristo. João, entretanto, dá a entender que Jesus apareceu durante alguns dias aos seus discípulos, antes de sua ascensão, pois a sua aparição a Tomé é apresentada como ocorrência que teve lugar uma semana após o domingo da ressurreição. E, apesar de que João não fornece qualquer cronologia desses acontecimentos, podemos supor com segurança, com base nessa informação, que o autor do quarto evangelho considerava que a ascensão ocorreu após se terem passado alguns dias depois da ressurreição de Cristo, e não no mesmo dia.

II. Fatos a Considerar

1. O evangelho de Lucas não indica ter havido qualquer intervalo de tempo entre a ressurreição e a ascensão de Jesus. A narrativa lucana, em dois volumes, adia essa distinção para o primeiro capítulo do livro de Atos.

2. A ascensão de Jesus não é formalmente registrada em todo o resto do N.T., embora haja alusões indiretas a ela em muitos lugares, ou sua realidade fique subentendida. Em João 20:17 no NTI, há uma nota sobre como o quarto evangelho trata do assunto. Ver referências a essa doutrina nos trechos seguintes: Mat. 22:44; 24:30; 25:14,31 e 26:64; Atos 2:33,34; 3:21; Efé. 4:8-10; I Tes. 1:10; Heb. 4:14; 9:24; I Ped. 3:22 e Apo. 5:6. Há passagens na epístola aos Hebreus, que aceitam tacitamente a realidade da ascensão, com um subseqüente ministério nos céus: Heb. 4:14 e 9:24.

3. Nas páginas do N.T., a ascensão faz parte integral da glorificação de Cristo e do começo de seu ministério celeste.

4. É impossível falar-se da «ausência» desse ensino em outros livros, à parte dos dois livros de Lucas, pois, segundo já se disse, há muitas alusões «ao fato e ao significado» desse evento. Todavia, há ausência de descrições históricas fora dos escritos de Lucas. Isso tem provocado muitas dúvidas e indagações, sobretudo por parte dos intérpretes mais liberais. Os mais radicais entre eles, negam a realidade da ascensão de Jesus como um acontecimento objetivo. Seguindo damos as diversas interpretações a respeito. Essas notas incluem idéias atinentes a como ocorreu esse acontecimento.

III. Diversas Interpretações

1. *A interpretação de que houve fraude.* Segundo essa posição, os apóstolos e os primeiros cristãos teriam inventado essa história a fim de explicarem a ausência de Jesus—se de alguma maneira ele sobreviveu à cruz, mais tarde deve ter perecido por causa de seus efeitos, ou simplesmente se ausentou do país. Ora, os cristãos teriam sido forçados a explicar essa ausência, e assim inventaram a história da ascensão, apesar de saberem-na perfeitamente falsa. Resposta: Não é possível pensarmos que homens que propositalmente inventaram uma fraude, em anos subseqüentes tivessem despendido tantas energias e, finalmente, tivessem morrido em defesa daquilo que desde o princípio sabiam ser falso. Se aquilo que diziam fosse fraudulento, muito mais provavelmente teriam abandonado toda a idéia de uma nova religião, morrendo de morte natural, retornando às suas profissões anteriores, desapontados,—embora talvez considerando-se mais sábios por motivo da amarga experiência.

2. *Interpretação Mitológica.* A história da ascensão de Cristo ter-se-ia desenvolvido como um dos muitos mitos e lendas que foram criados em torno da pessoa de Jesus Cristo; e os seus discípulos originais, pelo menos, não teriam ensinado tal doutrina. Mas isso não é confirmado pelo fato de que os seus primeiros discípulos, incluindo o apóstolo Pedro, o mais primitivo de todos eles, se aferrou tenazmente a essa verdade. (Ver I Tes. 1:10 e I Ped. 3:22). O próprio livro de Atos e o evangelho de Lucas, baseados nas fontes informativas mais remotas possíveis, porquanto Lucas foi companheiro dos apóstolos originais, abordam essa questão sem rebuços, mas antes, diretamente.

3. *Interpretação simbólica.* A narrativa da ascensão de Cristo, segundo é contada nas páginas do N.T., não teria sido escrita com o intuito de narrar um fato literal, mas tão-somente para servir de símbolo de uma fé religiosa. Essa fé encararia a existência de Cristo como algo em continuação, talvez em alguma região celeste, pelo que seria dito que ele «ascendeu» aos céus, embora não sejamos obrigados a vincular a doutrina a qualquer acontecimento literal, que teria sido realmente contemplado pelos primeiros seguidores de Jesus. Porém, apesar de ser verdade que as verdades religiosas possam ser contidas na forma de símbolos, e a verdade de Deus, que é a verdade espiritual, não precisa de qualquer acompanhamento de acontecimentos históricos para ser verdadeira, porquanto a verdade divina é superior e separada dos acontecimentos históricos; é com base nas próprias narrativas do evento que nos compete contemplar alguma forma de ocorrência histórica real. A vida extraordinária de Jesus, a sua vida magnificente, a sua evidente ressurreição, vista e testemunhada por tantas pessoas, são características que poderíamos esperar de sua pessoa. E a ascensão do Senhor, embora velada por algum mistério, não obstante é outro acontecimento histórico que caracteriza a grandeza de sua pessoa.

4. *A interpretação que postula uma fraude inocente.* Jesus, após a sua ressurreição, de alguma maneira desapareceu, retirando-se para algum lugar. Os seus discípulos, ato contínuo, inventaram a história que melhor explicaria o que aconteceu a Jesus, segundo as suas mentes. Teria sido uma invenção inocente, posto que deliberada, sendo uma fraude não perpetrada com um espírito malicioso.

5. Há uma *variação* dessa interpretação que diz que apesar dos discípulos terem inventado a história, por não terem recebido qualquer prova concreta que a consubstanciasse, realmente *criam sinceramente* que Jesus subira aos céus, pensando ser essa a melhor explicação possível para o seu desaparecimento do meio dos homens. Poder-se-ia ilustrar isso com a «ascensão» de Elias, porquanto tal narrativa teria dado aos discípulos de Cristo o precedente do A.T. para a formação de tal conjectura. Porém, contrariamente a essas duas últimas interpretações, precisamos adiantar que os seguidores primitivos do Senhor Jesus certamente eram inteligentes e astutos o bastante para não criarem uma história de proporções tão gigantescas, que só poderia ser aceita pelos seus ouvintes com a maior dificuldade, e que inventaram tal fraude somente para justificar a ausência corporal de Jesus. O mais certo é que tais explicações não seriam suficientemente satisfatórias para justificar a perda das vidas, como sucedeu no caso de grande parte dos discípulos de Cristo, os quais, em muitos



NASCER DO SOL NO DIA DA RESSURREIÇÃO



G. Puermann.

A ASCENSÃO DE JESUS

casos, sofreram desmedidas agonias, em defesa de um sistema que teria sido inventado desde os seus princípios mais básicos.

6. *A interpretação mística.* O que os apóstolos teriam visto não foi a realidade palpável, mas tão-somente uma *visão* dada a eles por meio do Espírito Santo, de conformidade com a vontade de Deus, com o propósito de mostrar-lhes que Jesus fora conduzido à presença de Deus Pai, e continuava existente em uma forma altamente elevada. Em outras palavras, teriam tido uma experiência mística, isto é, receberam alguma mensagem genuína, que lhes foi dada na forma de visão. Provavelmente há nessa interpretação pelo menos, uma verdade parcial, porquanto tanto a ressurreição como a ascensão de Cristo parecem ter envolvido elementos místicos; porém quando genuína, a experiência mística é real, deixando entendido que algo mais do que o que é físico invadiu a experiência humana. Nas experiências místicas, Deus pode revelar-se de alguma maneira especial ao homem, em termos compreensíveis para este, embora as próprias experiências ultrapassem totalmente a qualquer coisa que possa ser definida em termos terrenos e físicos, pelo que também permanece essencialmente impossível transmitir a natureza real do que teve lugar, embora possamos transmitir aos outros a natureza aparente do ocorrido.

7. *A interpretação histórica.* Essa é a posição que assevera que a ascensão do Senhor Jesus foi um acontecimento histórico, literal, que ocorreu na presença dos seus discípulos, quando ele subiu espacialmente nos ares. Mas isso de forma alguma significa que sabemos qualquer coisa sobre a localização dos lugares celestiais, ou que *acima* significa qualquer coisa exceto que os céus estão em algum lugar fora de nosso planeta, considerados como a habitação de seres celestiais muito superiores a nós. Não se há de duvidar que os escritores do N.T. esperavam que pensássemos na ascensão do Senhor sob esses termos, ou, pelo menos, sob termos similares.

É muito provável que a verdade da questão seja uma mistura das posições sexta e sétima. A ascensão teria sido uma ocorrência histórica, tendo acontecido em determinado dia, e de certa maneira, apesar de também possuir elementos místicos. Ora, isso é apenas natural esperarmos, porque Jesus, em sua ressurreição, já pertencia a *uma ordem diferente* e mais elevada de ser. Ele não permaneceu na companhia constante de seus discípulos, durante o intervalo de quarenta dias que houve entre a sua ressurreição e a sua ascensão e é perfeitamente possível que ele viesse de alguma *dimensão diferente* para fazer essas suas visitas, embora, provavelmente, essa dimensão ainda não fosse a presença de Deus Pai, para onde ele ainda não havia subido. Sobre todos esses mistérios, entretanto, nada podemos definir com certeza; mas, pelo menos, é certo que Cristo, uma vez ressurrecto, já pertencia ao mundo celestial, já se encontrava em uma condição transformada, embora essa condição tenha sido grandemente transformada quando de sua ascensão aos céus.

IV. A ascensão no Evangelho de João

Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem. — João 3:13.

O evangelho de João não contém a narrativa da ascensão de Jesus, que em si mesma é uma curiosidade, embora esse acontecimento fosse bem conhecido no ensino e na tradição cristã. Contudo, contém referências ou alusões àquele evento, como a este outro, diante de nós. O Filho do homem é o correto mestre das elevadas e místicas doutrinas, porquanto havia tanto descido como subido ao céu. Sabia o que sabia mediante contato especial e observação pessoal. Naturalmente, o apóstolo João pensava aqui sobre o *Logos* encarnado, acerca de quem ele explicara tão amplamente, no primeiro capítulo de seu evangelho. Esse «Logos» é o intérprete de Deus, conforme também nos diz o trecho de João 1:1,18. Por conseguinte, Jesus é o revelador dos mistérios; mas Jesus lamenta o fato de que tão poucos indivíduos tenham o *coração aberto* para tão exaltadas questões, já que encontravam tão insuperáveis dificuldades em compreender até mesmo as questões espirituais mais «terrenas».

Parece haver aqui uma referência definida à passagem de Prov. 30:4, onde se lê: «*Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos?* Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes? Aqui, pois, encontramos alusões ao revelador dos mistérios e àquele que estabelece os limites do firmamento. O Filho do homem, o Messias, que é o Filho de Deus, é justamente quem possui essa autoridade, e, por isso mesmo, compete-nos dar-lhe ouvidos, e à mensagem de redenção que ele veio anunciar. Era isso que Nicodemos, até aquele momento, não estava disposto a fazer, embora o tenha feito mais tarde; mas o seu exemplo não foi seguido pelos membros do sinédrio e nem pela nação de Israel em geral, e esse pensamento sem dúvida brilhava na mente do autor sagrado, quando ele registrou essas palavras. O que o autor sagrado faz aqui, portanto, é voltar às grandiosidades do primeiro capítulo, em sua descrição sobre o «Logos», fazendo referência toda especial ao vs. 18 desse primeiro capítulo, que fala especificamente do fato de ser ele o grande revelador dos conselhos de Deus.

A questão da ascensão de Cristo é usada como símbolo de seu conhecimento imediato e intuitivo sobre as coisas celestiais. E Cristo possui essa forma de conhecimento por ser um *personagem celestial*, e, na qualidade do «Logos», por ter observado, em primeira mão, todos os mistérios de Deus. E assim, na forma de Filho do homem, andando entre os homens, continuava sendo homem vindo dos céus, e continuava trazendo consigo mesmo o conhecimento de alguém que subira ao céu, e de fato, de alguém que continuava habitando no céu, embora estivesse com os pés na terra.

Essa linguagem elevadamente *mística* tem sido usada como prova contrária à autenticidade dessas palavras de Jesus, posto que vemos tão pouco da mesma nos evangelhos sinópticos. Alguns eruditos preferem acreditar que tal linguagem saiu tão-somente da pena do autor sagrado, quando ele começou a meditar sobre as maravilhas da redenção humana. Porém, não há razão alguma para supormos que o autor sagrado tivesse falado palavras de mais profunda exaltação que o próprio Jesus, embora as expressões distintas, das idéias e das palavras de Jesus, possam ter sido adaptadas pela mentalidade e pelo estilo do autor. Não obstante, o sentido permaneceria o mesmo, e isso é demonstrado como verdadeiro pelo fato de que a cristologia apresentada em outros trechos do N.T. (até mesmo nos evangelhos sinópticos) na realidade não difere grandemente do que lemos aqui. A cristologia de Paulo é especialmente similar, e nisso também se destaca o primeiro capítulo da epístola aos Hebreus. Não é provável,

portanto, que essas palavras tenham sido da lavra independente do autor sagrado, isto é, do autor do evangelho de João.

Que está no céu. Essas palavras se encontram nos mss. A, Theta, Fam 1, Fam 13, na maioria das versões latinas, e no SI(cp), bem como na maioria dos manuscritos gregos posteriores, da tradição bizantina. Entretanto, os mss. P(66), P(75), Aleph, B e W, além das citações de Orígenes, não trazem essa adição. Isso é uma evidência esmagadora contra a autenticidade dessas palavras, e as identifica como glosa feita por algum escriba posterior. Certo número de traduções modernas, entretanto, prefere deixá-las de fora, tais como as traduções IB, GD, RSV e WM. Outras traduções assinalam-nas como de autoridade duvidosa, tal como a tradução AA, em algumas de suas edições.

Mas, a despeito dessas palavras não serem autênticas, o sentido das mesmas fica subentendido dentro do próprio versículo em pauta. Elas significam algo como, embora habitando sobre a terra, contudo o céu estava inteiramente ao seu derredor, em virtude de sua comunhão íntima com Deus Pai. Outrossim, na qualidade de «Logos» eterno, a mente de Jesus continuava *em contato* com a realidade última, e por essa mesma razão, devido a essa comunicação, podia ele afirmar que se encontrava permanentemente no céu, apesar de fisicamente estar sobre a terra. Essa é uma doutrina joanina de alto naipe, e fica implícita no versículo, sem ou com o acréscimo em foco; e o que fica implicado nessa idéia é, provavelmente, o fator causal por detrás do fato de que o escriba posterior acrescentou tais palavras à sentença que expressa exatamente essa idéia. A passagem de João 1:18 expressa o mesmo sentido. Portanto, tais palavras expressam uma *condição de ser*, e não uma localidade.

V. Significado da Ascensão

1. A ascensão explica a **ausência** de Jesus deste mundo. Cristo saiu vivo do sepulcro, para nunca mais morrer. Em certo ponto do tempo, deixou de ser visto entre os homens. Fizera a sua transição para os lugares celestiais, tendo atravessado todas as dimensões inferiores e tendo entrado na augusta e santíssima presença de Deus Pai. Essa transição foi produzida pela sua ascensão até o Pai.

2. A ascensão significou para Cristo uma *maior transformação* e glorificação, não somente no que dizia respeito à sua posição, mas também no tocante à real transformação de seu próprio ser. Tornou-se um ser ainda mais espiritualizado, passando a pertencer a uma ordem de ser ainda mais elevada, o primeiro homem-divino-imortal, o «Logos» eterno em uma nova forma. (Ver Efé. 1:20-23).

3. A ascensão foi — *uma prova a mais* — de suas reivindicações messiânicas, porquanto somente o grande Messias, que era também o «Logos» eterno, poderia ter entrado assim até à própria presença de Deus Pai, tendo dele recebido essa exaltação. (Quanto ao tema da polêmica cristã que demonstra o ofício messiânico de Jesus, do que a ascensão aos lugares celestiais foi mais uma prova, ver as notas expositivas referentes a João 7:45 no NTI que apresentam um sumário dessa doutrina).

4. A ascensão assinalou a *inauguração do ofício* de Cristo como nosso mediador, segundo a ênfase dada pelo oitavo capítulo da epístola aos Romanos. (Ver igualmente Heb. 9:24). Esse ofício também faz parte da obra de redenção dos homens, porquanto Deus haverá de completar essa redenção, transformando totalmente os remidos, e o Senhor Jesus está prestando o seu concurso nesse labor, mediante a sua presença e as suas ações intercessórias nos lugares celestiais.

5. A ascensão era necessária como *condição da vinda* e do dom do Espírito Santo, porquanto o Espírito de Deus veio como «alter ego» de Jesus Cristo; não poderia ter dado início ao seu ofício e ao seu serviço entre os homens enquanto o Senhor Jesus não subisse a Deus Pai. Sobre esse tema, ver notas expositivas em João 16:6 no NTI.

6. A ascensão do Senhor à presença de Deus Pai é a *garantia* de nossa participação na mesma realidade espiritual, tal como a sua ressurreição é garantia de nossa participação em sua vida ressurrecta. Mediante a ascensão, o Senhor Jesus foi ainda mais intensamente glorificado, tendo sido elevado aos lugares celestiais. Quanto a nós, haveremos de participar de todas essas coisas dirigindo-nos, finalmente, para os lugares celestiais onde ele entrou como nosso precursor, ocasião em que participaremos da mesma transformação e da mesma vida que ele desfruta atualmente. Essa é exatamente a mensagem dos trechos bíblicos como Efé. 1:19-23; II Cor. 3:18 e Col. 2:8,9. Em todos os pontos, pois, seremos identificados com ele, porque ele é o cabeça de todas as coisas, preenche a tudo, e nós somos o seu corpo, e o completamos.

7. Por motivo da sua ascensão, isto é, através dos seus resultados, que lhe exaltaram a pessoa, e por causa do fato de que a sua missão terrena foi completada de maneira perfeita, o Senhor Jesus agora aguarda a *subjugação total* de todos os seus inimigos. E isso ele merece porque, acima de todos os seus companheiros, ele foi obediente e realizou perfeitamente a sua tarefa cósmica que lhe fora determinada. (Ver Heb. 1:9,13 e I Cor. 15:24-26).

8. A ascensão de Cristo foi a *grande evidência* da aprovação final de Deus Pai à sua missão terrena perfeitamente completada, na qual ele trouxe redenção perfeita aos homens. Deus aprovou isso, aceitou a sua obra, aplicou a sua obra e continua a aplicá-la e tudo isso Deus Pai demonstrou elevando a Jesus Cristo, àquele lugar que lhe pertence por direito, à sua mão direita. (Ver Heb. 10:11-14).

Tipos simbólicos da ascensão de Cristo podem ser vistos no A.T., como nas pessoas de Enoque (ver Gên. 5:24), José (ver Gên. 41:43), Moisés (ver Êxo. 19:3), Aarão (ver Lev. 16:3) e Elias (ver II Reis 2:11). (I IB LAK LE NTI)

ASCENSÃO DE ISAÍAS

Esse título foi aposto ao livro que Orígenes chamava de *O Apócrifo de Isaías*, desde os dias de Epifânio (Panar. xl.2). Também era conhecido como *O Testamento de Ezequias* ou *A Visão de Isaías*, que se aplica mais corretamente a certos segmentos do livro. Vários pais da Igreja mencionaram a obra, pelo que era conhecido na Igreja antiga. R. Laurence trouxe-o à atenção de leitores modernos quando publicou um manuscrito etíope do mesmo, E(1), como uma porção desse livro.

Aparentemente, a obra é uma compilação de várias obras mais antigas, mas cuja data de composição é o terceiro ou o quarto século D.C. A porção mais antiga, chamada *Martírio de Isaías*, evidentemente pertence ao século I A.C. Ver abaixo sobre *Unidade*.

1. *Manuscritos.* a. Em grego: G(1), do século III D.C., mas atualmente perdido. A versão etíope e uma versão latina descendem desse texto. G(2), apenas na forma de fragmentos, pertencentes aos séculos V e VI

D.C. O Papiro Amherst I, em fragmentos. b. Em etíope: Uma reprodução da versão grega, e o único texto completo existente, representado por três manuscritos. c. Em latim: l(1), contendo ii.14 - iii.13; vii.1-29, do século VI D.C. L(2), que contém a maior parte da Visão de Isaías, vi.1 - xi.19; xi.23-40. d. Em eslavônico, que aparentemente segue o G(2) e contém a Visão de Isaías. e. Em cóptico: fragmentos do Martírio e da Visão. A obra original era em grego.

2. *Data*. Como obra composta, não antes do século II A.C., e mais provavelmente do século III D.C., embora o Martírio possa ser do século I A.C. A visão parece pertencer ao ano 100 D.C., à qual foi acrescentada a história da ascensão, do século II D.C. O Martírio era conhecido pelos pais da Igreja Justino Mártir (*Dial. c. Trypho*, cxx.14,15), Tertuliano, Orígenes, Jerônimo. Portanto, pelo menos esse segmento da obra é bastante antigo.

3. *Autoria*. Sendo obra composta, vários autores estão envolvidos, não havendo como nos mostrarmos específicos. Porém, o Martírio parece ser de origem puramente judaica, ao passo que o Testamento de Ezequias e a Visão parecem ser de origem cristã. Mas alguns estudiosos supõem que a obra total é cristã, com um óbvio pano de fundo judaico. A questão ainda não está resolvida.

4. *Unidade*. Há muitas teorias a esse respeito, pelo que nada de certo pode ser dito que não esteja sujeito a objeções. Tem sido defendida até mesmo a unidade do livro. Porém, alguns eruditos vêem a obra como um livro composto. Abaixo damos uma sugestão (ver a bibliografia): a. Uma porção judaica, o Martírio de Isaías, do século I A.C. b. A isso foi adicionada uma porção cristã, a Visão de Isaías 3:13 - 4:18, com data de 100 D.C. e então foi adicionada a ascensão visionária de Isaías (6:11), com data do século II D.C., ou mesmo mais tarde. Alguns eruditos passam então a dividir esses segmentos em porções menores, supondo que também teriam sido compilações.

5. *Conteúdo*:

a. *O Martírio de Isaías* i.1 - iii.13a, v. 1-14. Temos aqui uma exposição sermônica da Midrash de II Reis 21:16. Isaías profetizou sobre eventos do reinado de Manassés, incluindo o seu próprio martírio. Manassés seguia a Beliar, possuído por Samael (Satanás); após a morte de Ezequias, levou o povo judeu a tornar-se idólatra. Isaías fugiu, mas Belquita, o falso profeta, deteve-o e trouxe-o à presença de Manassés. Isaías profetiza a destruição de Jerusalém, apelidando-a de Sodoma, e seus governantes de gomorritas (iii.1-12). Belquita tenta fazer Isaías retratar-se e ficar livre, mas Isaías recusa-se a isso e é martirizado, sendo serrado ao meio. Parece que foi a esse evento que Justino se referiu, como também Tertuliano e o Talmude (*Yeb*. 49b, *Sanh*. 10). O livro de IV Baruque menciona o martírio de Isaías, como também o fez Orígenes.

b. *O Testamento de Ezequias* iii.13b - iv.18. Nesse segmento, Isaías tem uma visão, na qual fala sobre a descida do Amado (o Messias) desde o sétimo céu. Ele conta a história de Ezequias. o que explica o título dessa porção. A encarnação, o ministério terreno, a crucificação, a ressurreição e a ascensão do Messias são descritos. Em seguida há pormenores sobre a era da Igreja, com o aparecimento de líderes indignos, que ignoram os profetas do Antigo Testamento, conforme realmente sucedeu no gnosticismo. Beliar mescla-se com a realeza e, em Nero reencarnado, torna-se culpado de matricídio (Roma é destruída). Beliar imita a Cristo, realizando milagres. Estabelece uma imagem de si mesmo, a fim de ser adorado, e o seu reinado perdura por três anos, sete meses e vinte e sete dias, pois a informação tira proveito do trecho de Daniel 12:12. O Senhor vem com Seus exércitos e derrota Beliar e suas hordas. É inaugurado o reino messiânico, e os que participarem da primeira ressurreição obterão os benefícios do mesmo; mas então vem uma segunda ressurreição, e o julgamento dos ímpios no fogo. Essa porção, naturalmente, assemelha-se ao vigésimo capítulo do Apocalipse, juntamente com as passagens que falam sobre o Nero redivivo (ver Apo. 17:8 ss).

c. *A Visão de Isaías* vi.1 - xi.40. Nesse ponto há um conteúdo bem mais gnóstico. Isaías é conduzido ao sétimo céu, habitação de Deus, de Cristo, do Espírito Santo e dos justos mortos, em seus corpos espirituais. Por baixo do mesmo está o firmamento onde Samael (Satanás) habita, o qual governa o mundo físico e os seres deste mundo e onde o princípio do mal habita no corpo, refletindo uma idéia gnóstica. A visão expõe um ponto de vista docético (ver sobre o *docetismo*) do nascimento de Cristo (sem trabalho de parto, após apenas dois meses de gravidez). Cristo realiza milagres; Sua morte é provocada por Beliar; Ele desce ao hades (um paralelo da história de I Ped. 3:18 - 4:6; o que demonstra que os cristãos da época conheciam e aceitavam essa doutrina; ver sobre a *Descida de Cristo ao Hades*). Em seguida vem a ressurreição, uma permanência de 545 dias na terra (uma idéia gnóstica) e a comissão entregue aos doze apóstolos. Então Cristo ascende ao sétimo céu e senta-se à mão direita de Deus, com o Espírito Santo à esquerda. Essa visão torna-se a causa da execução de Isaías, a mando de Manassés. A Visão tem muitas similaridades com as noções gnósticas, talvez da variedade orfita (Iren. 1,30). (BO BUR HCAR J Z)

ASCENSÕES DE TIAGO

Esse era um documento mencionado em conexão com os ebionitas, por parte de Epifânio (ver Pan. 30:16). De acordo com ele, nessa obra Tiago manifestou-se contra os sacrifícios no templo e contra o fogo do altar. O livro também mostra-se violentamente hostil a Paulo. Lançando mão do trecho de Atos 21:29, os ebionitas (ver o artigo sobre ele), afirmavam que Paulo era grego, filho de pais gregos, e que, estando ele em Jerusalém, queria casar-se com a filha do sumo sacerdote. A fim de tentar chegar a isso, ele tornou-se um prosélito e submeteu-se à circuncisão. Porém, ao perceber que não conseguiria obtê-la como esposa, irou-se e ficou amargurado, tendo escrito contra a circuncisão, o sábado, a lei, etc. Esse tipo de apresentação de Tiago e Paulo é similar àquela contida nas pseudoclementinas, especialmente nos capítulos finais do primeiro livro dos *Reconhecimentos*.

Alguns eruditos, por esse motivo, supõem que esteja envolvido um arquétipo comum. Eusébio, citando Hegesipo (*Hist*. II.xxiii.3-18), expõe material semelhante. É possível que Hegesipo se tenha utilizado do grande final das Ascensões de Tiago em seus comentários, conforme alguns eruditos têm sugerido. Nesse caso, as primeiras porções dessa mesma obra são aquelas que também conhecemos no livro dos *Reconhecimentos*. Não há certeza quanto à razão pela qual esse livro é chamado «Ascensões», embora talvez isso se deva ao fato de que Tiago, por muitas vezes, subiu os degraus do templo, a fim de discursar ao povo. É possível que haja alguma ligação entre essa obra e o livro ebionita atualmente perdido, *Livro de Atos*. (Z)

ASCETISMO

Vem do grego **askesis**, «exercício», «prática», «treinamento». Algumas vezes era usado com o sentido de exercícios de *autonegação*, de uma ou de outra forma. Os filósofos gregos aplicavam o termo à disciplina moral. Geralmente a palavra era usada para aludir aos exercícios e disciplina dos atletas, sendo natural que a idéia fosse metaforicamente aplicada aos atletas espirituais.

O *ascetismo* tem desempenhado um importante papel dentro da fé religiosa do Oriente e do Ocidente, embora exerça papel secundário dentro das escolas filosóficas. Normalmente, o conceito por trás da prática consiste em negar direitos ao corpo, ou mesmo castigá-lo, como se isso tivesse um efeito positivo em favor da alma, purificando-o de desejos carnais e liberando-a, para melhor progredir no caminho da salvação. A prática inclui o jejum, o celibato, a autoflagelação, a abstenção de alimentos e prazeres, a reclusão e a mendicância.

1. Na filosofia. A vida ascética era praticada pelos seguidores da escola pitagoreana (ver o artigo sobre essa filosofia), e por alguns neoplatônicos, como Plotino (ver os artigos). Nesses grupos, a filosofia adquiria forte colorido religioso, e para alguns, era uma religião. Buscava-se um meio de salvação através da filosofia, sendo apenas natural que alguns filósofos se utilizassem do ascetismo na tentativa de ajudar no avanço da alma. No cinismo (ver o artigo), isso não estava em vista. Essa escola foi uma revolta contra todas as instituições e práticas humanas, e um de seus ideais era o ascetismo usado como protesto contra os hábitos exagerados no comer, no vestir e nas condições de vida, que os cínicos consideravam fúteis. Os cínicos buscavam independência das invenções humanas, e o ascetismo era um dos meios de se obter a liberdade, o maior de todos os princípios seguidos pelos cínicos.

2. Nas religiões não-cristãs. No hinduísmo (ver o artigo) o terceiro e o quarto estágios da vida eram a renúncia, o abandono da família e a vida de mendicância, como meio de purificação. Buda procurou um meio-termo, evitando a posição radical do ascetismo, embora o ascetismo tivesse sido uma força poderosa para muitos de seus seguidores. Na ioga, que tem suas raízes no budismo (ver o artigo), as técnicas para disciplinamento do corpo são bastante rigorosas. Na *hatha-ioga*, essas técnicas são centradas na disciplina.

3. Na Bíblia:

a. **No Antigo Testamento:** Para os cristãos modernos, as intermináveis normas dietéticas (Lev. 11) e as práticas religiosas restritivas, embora naturais para os hebreus, seriam consideradas uma forma de ascetismo, para nada dizermos sobre pessoas que não seguem seriamente qualquer religião. Os trechos de Col. 2:16 e I Tim. 4:3,4 mostram que os gnósticos adotavam muitas dessas práticas. A tentativa de seguir vários preceitos do Antigo Testamento, segundo eram interpretados por eles, provavelmente também estava envolvida. Lê-se em I Tim. 4:4 que é legítima a ingestão de qualquer tipo de alimento (um ensino contrário ao gnosticismo), o que certamente foi um princípio revolucionário para a época, até onde dizia respeito à mente judaica. Outras práticas ascéticas do judaísmo eram temporárias e visavam casos especiais, como quando o povo de Israel teve de abster-se do sexo, antes da outorga da lei (ver Êxo. 19:15), ou como os nazireus tinham de abster-se de vinho, além de observarem estritas proibições de certos alimentos (Juí. 13:5). O jejum tinha suas aplicações, como ocasiões especiais no caso de indivíduos. Elias jejuou quarenta dias em sua viagem até Horebe (I Reis 19:8, como sinal de penitência e humilhação diante de Deus, Joel 2:15 ss). Ver também I Sam. 7:6 e I Reis 21:9 ss , nessa conexão. Aos sacerdotes requeria-se a abstenção de vinho antes dos holocaustos (Lev. 10:9; Eze. 44:21).

b. **No Novo Testamento.** O judaísmo da época cristã havia adotado o ascetismo como norma, mais do que se vê no Antigo Testamento. A seita dos fariseus tornou-se mais radical quanto a isso, para seus seguidores e para outros (ver Mat. 9:14; Luc. 18:12; Atos 15:10). Os essênios (ver o artigo) ainda eram mais radicais, tendo adotado o celibato como um ideal. Um outro movimento asceta entre os judeus era o dos terapêutas (ver o artigo). O ascetismo radical, porém, era estranho ao judaísmo; os grupos aqui mencionados podem ser considerados exceções. Não nos devemos olvidar, porém, que os fariseus exerciam grande autoridade sobre o povo comum, e suas formas de abstinência e rigor ascético coloriam o judaísmo inteiro dos dias de Jesus.

A prática do jejum é retida no Novo Testamento (Mat. 4:2; Luc. 2:37; Atos 13:2); mas isso visava ocasiões especiais, sendo praticado voluntariamente. Os crentes são exortados a abrirem mão de certas coisas, devido à consciência alheia (II Cor. 8:13; Rom. 14:1 ss.). Os cristãos devem suportar as aflições com ânimo forte (Mat. 10:38), quando se tornar necessário. O crente verdadeiro é um atleta espiritual, exercendo disciplina e autocontrole, para que se torne vencedor na corrida espiritual (I Cor. 9:24-27; I Tim. 4:7 ss), andando no Espírito (Gál. 5:25) e controlando a sua natureza pecaminosa (Gál. 5:17). Porém, nas páginas do Novo Testamento sempre é evidente que meros atos externos não têm valor, se desacompanhados pela correspondente virtude no íntimo (Mat. 6:2,6; 16:18; Rom. 14:17).

Principal trecho do Novo Testamento sobre o ascetismo: Colossenses 2:20-23. Essa passagem descreve e combate o ascetismo gnóstico, com suas inúmeras proibições: manuseies isto, não proves aquilo, não toques naquiloutro...» Um paralelo é o trecho de I Tim. 4:3,4, onde somos informados de que o ascetismo dos gnósticos incluía o celibato. Também havia os gnósticos libertinos (II Tim. 3:6). Era opinião dos gnósticos que qualquer coisa que tendesse por destruir o corpo era bom, visto que o corpo era material, e a matéria era tida por eles como a sede mesma do mal. Quanto mais cedo o espírito se libertasse do corpo, melhor. Os abusos contra o corpo podiam ser praticados mediante o excesso ou a abstinência, ou seja, pela licenciosidade ou pelo ascetismo.

Passagens como Mat. 5:25 ss e Luc. 14:26 não estabelecem preceitos ascéticos como condições de entrada no reino de Deus, mas apenas mostram que a inquirição espiritual é tão séria que requer nossa atenção e sacrifícios. As formas de ascetismo dos gnósticos não eram praticadas porque as coisas evitadas eram intrinsecamente más, mas porque tais práticas fariam parte da salvação. Qualquer prática ascética deve ser moderada pelo bom senso, deve ter breve duração, e deve ter algum propósito específico.

4. Tempos pós-apostólicos. O gnosticismo, que continuou até depois da época apostólica, em alguns segmentos, prosseguiu em seu ascetismo. Houve igualmente os montanistas e os maniqueus (ver os artigos). Esses movimentos tendiam por distorcer o conceito cristão da abnegação, ao ensinarem o desprezo pelo mundo material, o celibato e um severo

moralismo, que negava o perdão para certos pecados. Na época de Agostinho, a vida monástica já adquirira considerável poder na Igreja, forma essa de ascetismo que tem continuado até os nossos dias, tendo-se tornado uma prática oficial em vários ramos da cristandade oriental e ocidental. Ver o artigo sobre o *Montanismo*. Inteiramente à parte dos mosteiros, a Idade Média exibiu variedades de ascetismo como a estrita observância de certos dias, ritos, jejuns, peregrinações, etc. Os reformadores rejeitaram o ascetismo medieval, considerando-o uma distorção do evangelho. Em sua obra, *Liberdade do Cristão*, Lutero lançou um ataque contra o ascetismo, asseverando que o crente tem a liberdade de usufruir de todos os dons e provisões de Deus, e que a autonegação quanto a essas coisas nada tem a ver com a salvação da alma. Não foram eliminados o asceticismo espontâneo e a autonegação, embora tivessem sido regulamentados de modo a não serem vinculados à salvação da alma. Lutero definiu a questão como segue: «Todos podem usar discreção quanto aos jejuns e às vigílias, já que todos sabem que precisam controlar o corpo. Porém, aqueles que pensam que podem tornar-se piedosos através das obras, só dão valor ao jejum como uma obra, imaginando que são piedosos por muito praticarem essas coisas. No entanto, quebram suas cabeças ou arruínam seus corpos, nessas práticas ascetas» (*Werke*, Erlanger Edition, xxvii,27,190).

5. Argumentos em prol do ascetismo:

a. Argumento bíblico. As Escrituras encorajam a —autonegação e a renúncia. Jesus é nosso modelo quanto a isso. b. O sacramento da penitência requer a renúncia quanto aos desejos carnais. c. Tomar a cruz de Cristo pode requerer uma severa autonegação. d. O ascetismo é teste da devoção do indivíduo a Deus. e. Os sofrimentos envolvidos são merecidos por causa dos nossos pecados. f. Os desejos da carne custam muito para serem satisfeitos. g. Embora alguns objetos dos desejos naturais possam ser bons, melhor ainda é a inquirição espiritual elevada. h. O desejo leva à frustração, e assim sendo, devem ser frustrados. i. O desejo merece ser aniquilado. j. Para alguns, o ascetismo faz parte do sistema de boas obras, mediante o que seria obtida a salvação. A severidade com o corpo presumivelmente liberta a alma para melhor ascender.

O moderno movimento evangélico não se tem libertado de práticas ascéticas. Isso assume uma forma de preocupação exagerada com o vestuário, regras excessivas acerca da maior parte dos entretenimentos, ou mesmo a abstinência de várias comidas e bebidas. Quanto a uma descrição detalhada das formas de ascetismo nos tempos neotestamentários, ver a exposição sobre Col. 2:20-23, no NTI, que inclui objeções à forma gnóstica, mas que podem ser aplicadas às outras variedades. (B E H LU NTI)

ASCLEPÍADES

Filósofo grego dos séculos II ou I A.C. Nasceu em Prusa (Quios, na Bitínia). Foi discípulo de Epicuro (ver o artigo a seu respeito). Derivou da academia de Heráclides (ver o artigo) a cosmologia que assevera que a natureza consiste em átomos e em espaços vagos. Também afirmava a presença apenas de diferenças quantitativas entre os átomos, e não diferenças qualitativas, segundo dizia Heráclides. Ele enfatizava a abordagem empírica da filosofia. Ver sobre o *empirismo*. (P)

••• ••• •••

ASDODE (ASDODITAS)

No hebraico, *fortaleza* ou *assediador*. Era uma das cinco mais importantes cidades dos filisteus (ver I Sam. 6:17). Localizada à beira do Mar Mediterrâneo ou próxima do mesmo, a oeste de Jerusalém. Estava localizada em um cume relvado, quase a meio caminho entre Gaza e Jope. O local era a sede da adoração a Dagom (ver I Sam. 5:1-5 e I Macabeus 11:4). Foi diante do santuário dessa divindade que foi posta a arca da aliança capturada dos israelitas, e que triunfou sobre o ídolo (ver I Sam. 5:1-9). O território ao redor, incluindo o sítio da cidade, fora dado a Judá; mas muitos séculos passaram-se antes que os seus habitantes realmente fossem subjugados por Israel. Uzias edificou aldeias nesse território (ver I Crô. 26:6). Foi mencionado, para vergonha dos judeus, que após retornarem do cativeiro, eles casaram-se com mulheres de Asdode. Isso resultou no fato de que seus filhos falavam um dialeto misto (ver Nee. 13:23,24). Antigamente era um lugar fortificado, na usual rota militar entre a Síria e o Egito. Sua possessão provocou guerras entre o Egito e as potências do norte. Por esse motivo, os assírios julgaram ser necessário conquistá-la, antes de invadirem o Egito (ver Isa. 20:1 ss). Posteriormente, a cidade foi capturada por Pisamético, após um cerco de vinte e nove anos, o mais longo cerco que há na história (ver Heród. ii.157). Sua destruição foi predita por vários profetas (ver Jer. 25:20; Isa. 20:1; Amós 1:8; 3:9; Sof. 2:4; Zac. 9:6). Isso foi realizado pelos Macabeus (ver I Macabeus 5:68; 10:77-84; 11:4). Ela foi alistada entre as cidades que Pompeu uniu à província da Síria (ver Josefo, *Anti.* xiv.4,4; *Guerras* i.7,7). Gabínio ordenou a sua reconstrução (ver Josefo, *Anti.* xiv.5,3). Foi incluída nos domínios de Herodes, e foi uma das três cidades que ele doou à sua irmã Salomé (ver Josefo, *Guerras* vii.8,1). O evangelista Filipe achou-se em Asdode, depois de batizar o eunuco etíope (ver Atos 8:40). Mais tarde tornou-se sede de um bispado cristão. O lugar era chamado Azoto durante o período intertestamental e depois. No século I D.C., parece ter havido uma considerável população judaica na cidade. Vespasiano, pois, colocou ali uma guarnição romana, antes da queda de Jerusalém (ver Josefo, *Guerras* iv.iii.2). Com a queda de Jerusalém, sua história passou a ser vinculada ao cristianismo. (ID PRI S SH)

ASEITAS

Vem do latim **a se**, «ser por si mesmo», que se aplica à filosofia escolástica, em relação ao ser de Deus, contrastando com *ab alio*, «ser por meio de outro», isto é, o tipo de ser que as outras coisas possuem. Nesse contexto, as palavras *a se* significam «autocausado», ou «sem causa».

ASENATE

Em egípcio, talvez **dedicada a Neite**. A mulher desse nome era filha de Potífera, sacerdote de Om, a qual o rei do Egito deu como esposa a José. Ela se tornou mãe de Efraim e Manassés (ver Gên. 41:45,50 e 46:20). Uma lenda judaica relata como, ao casar-se com José, ela renunciou ao paganismo. O nome dela é egípcio, e literalmente significa «Ela pertence a X». Por causa disso, há várias especulações acerca de qual deus seria esse «X» (ou poderia ser uma deusa, seu pai, a ti, etc.). Tais nomes são bem confirmados na arqueologia, em seus achados do Reino Médio e do período dos hicsos (2100 - 1600 A.C.) da história do

Egito. Esse período corresponde ao período patriarcal da história de Israel. (ID ND S Z)

ASER

Forma grega de Asher (Tobias 1:2; Luc. 2:36 e Apo. 7:6). Foi um dos filhos de Jacó e Zilpa, ama de Lia (ver Gên. 30:13; 35:26; 49:20), e fundador de uma das doze tribos de Israel (ver Núm. 26:44-47). Ele teve quatro filhos e uma filha (ver Gên. 49:20). Nasceu em Padã-Arã, na Mesopotâmia, e era irmão (germano) de pai e mãe de Gade. Lia exclamou quando de seu nascimento: «É a minha felicidade! porque as filhas me terão por venturosa; e lhe chamou Aser» (Gên. 30:13). Em hebraico, Aser significa *felicidade*. Esse nome tem sido confirmado como um autêntico nome pessoal semítico do noroeste, em um papiro egípcio de cerca de 1750 A.C., embora ali seja o nome de uma escrava. A idéia de que as inscrições de Seti I (1313 - 1290 A.C.) e Ramisés II (1290 - 1224 A.C.) mencionam Aser como uma tribo conquistada na terra de Canaã, não é atualmente aceita largamente pelos eruditos, com base em que uma confusão de palavras deu origem a essa idéia. Portanto, não é válida a data do livro de Êxodo calculado com base na referência a Seti I.

A tribo de Aser. Quando Israel partiu do Egito, essa tribo contava com cerca de 41.500 homens, o que a tornava a nona tribo em número, apenas com Efraim, Manassés e Benjamim menores que ela. Antes da entrada na terra de Canaã, houve um aumento de 11.900 homens, somente excedido por Manassés; e assim, quando Israel entrou em Canaã, Aser já era a quinta tribo mais numerosa (ver Núm. 1:40,41 e 26:47).

Herança. A herança dessa tribo ficava em uma região extremamente frutífera, na costa marítima, tendo o Líbano ao norte, o Carmelo e a tribo de Issacar ao sul, e Zebulom e Naftali a leste. Esses territórios incorporavam uma larga fatia da Fenícia. Estava incluída Sidom, visto que os aseritas foram repreendidos por não terem expulsados os sidonitas (Juí. 1:31). Alguns estudiosos supõem mesmo que a verdade é que os cananeus permaneceram como a maioria da população da região de Aser.

A terra. O nome Aser também alude a uma parte de Canaã, onde a tribo habitava (ver Núm. 1:13; 2:27; 26:44; Juí. 1:31 e I Crô. 6:62,74).

Com Davi. Aser supriu guerreiros para o exército de Davi (I Crô. 12:36), fazendo parte de um distrito administrativo de Salomão (ver I Reis 4:16). Após a queda de Israel, alguns aseritas ajudaram a reavivar a páscoa, em Jerusalém de acordo com os desejos de Ezequias (ver II Crô. 30:11). Ana, uma figura do Novo Testamento, que se regozijou ao ver o infante Jesus, pertencia à tribo de Aser (ver Luc. 2:36).

A cidade de Aser. O trecho de Josué 17:7 pode referir-se a uma cidade com esse nome, talvez localizada no moderno local da vila de Teyasir, cerca de 18 km a nordeste de Siquém. Mas alguns eruditos insistem que ali há uma simples referência à tribo de Aser, e não a alguma cidade desse nome. (ID ND S UN)

ASFALTO (BETUME)

Essa substância era facilmente obtida na área do Mar Morto, nos tempos antigos, a fim de ser usada como material de construção. As três referências bíblicas dão-lhe o nome de «betume» (ver Gên. 6:14; Êxo. 2:3 e Isa. 34:9), indicando que era material empregado como cobertura vedante. O termo «betume» refere-se às substâncias petrolíferas que vão desde o óleo cru até formas minerais mais compactas, como a asfaltita, de cor escura, que consiste principalmente de hidrogênio e carbono, com traços de oxigênio, nitrogênio e enxofre. Os óleos com base asfáltica, nas fraturas geológicas, deixam vazar o betume natural, como o asfalto, o asfalto rochoso e outros compostos relacionados. Uma localidade bem conhecida, onde o betume pode ser obtido é o lago de Asfalto, que cobre 114 acres da ilha de Trinidade, e ainda um outro local é a área do Mar Morto. Dessa área, desde épocas remotas, era obtido o *lacus asfaltitis*. Heródoto mencionou o material, o qual era usado à guisa de cimento para assentar tijolos na Babilônia, o que até hoje pode ser averiguado nas ruínas das muralhas da Média, próximas da Babilônia. Durante o período greco-romano, a indústria do betume era controlada pelos nabateus (ver Diod. Sículo II.48 e XIX.98-100). Atualmente, o asfalto é usado na pavimentação de estradas e como material vedante para tetos, para piscinas e tanques, e conjugado com a borracha, para cobertura de canos, moldes e tintas. (S UN Z)

ASGARD

Residência dos deuses nórdicos, onde estava o trono de Odim. Ali viviam os doze deuses e as vinte e quatro deusas. Ali havia o palácio dos escolhidos mortos, o Valhala, cercado pela floresta de árvores cujas folhas eram todas de ouro vermelho. (E)

ASHRAMAS, AS QUATRO

Na Mahabharata (ver o artigo) e no hinduísmo em geral, são as quatro situações da vida e seus respectivos deveres. Ver também sobre o *código de Manu*. (P)

ASHVAGHOSA

Filósofo indiano do século I D.C. É o principal expositor do budismo mahayano, tendo procurado corrigir alegados erros de interpretação por parte do mestre, após a sua morte. Sua obra principal foi *Despertamento da Fé no Mahayana*. Ver sobre o *budismo mahayana*.

Idéias:

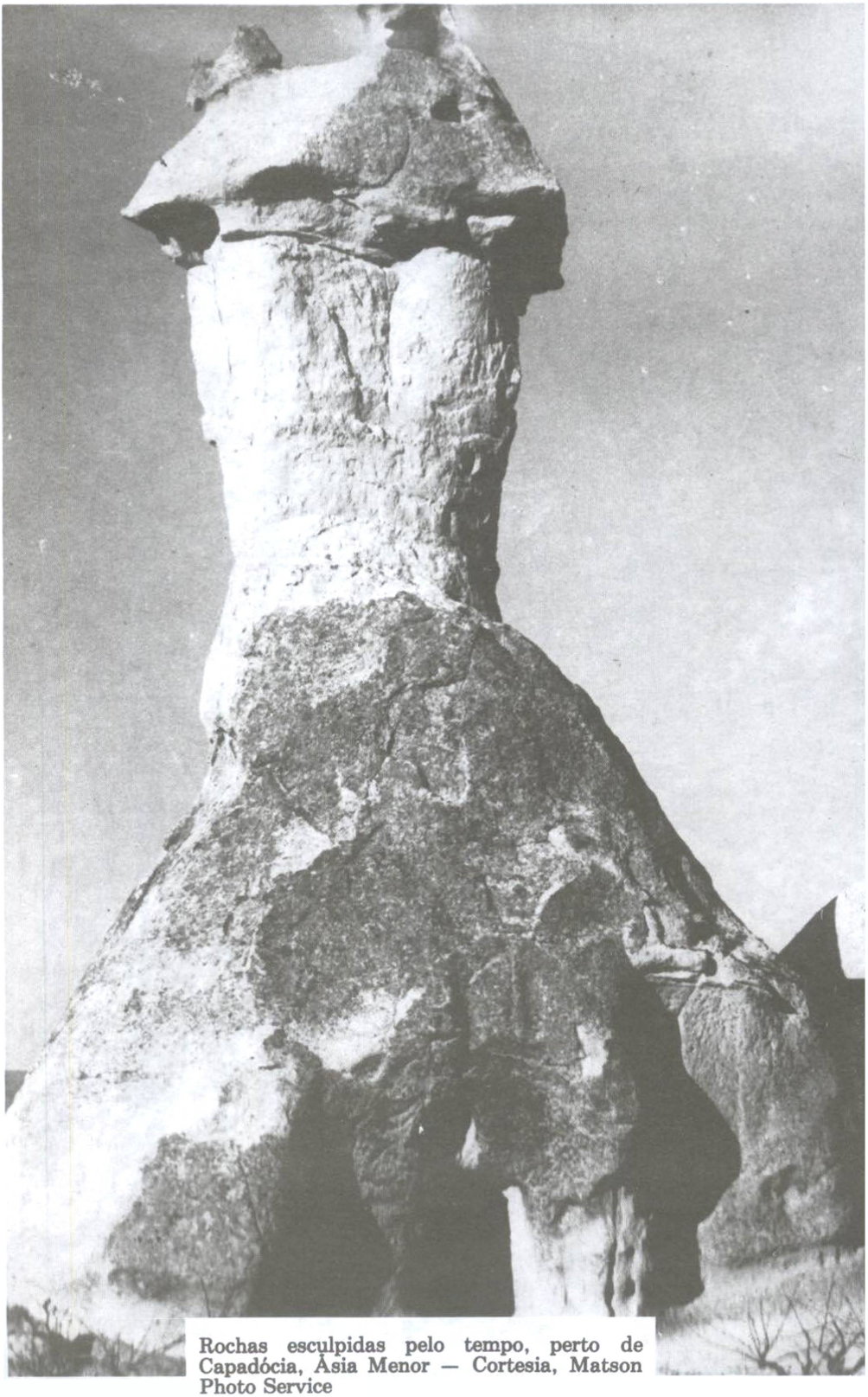
1. A realidade é Mesmice Absoluta, isto é, ultrapassa as categorias da compreensão humana.

2. Mas a Mesmice Absoluta é maculada pela ignorância humana, transformando-se em Mesmice Condicional. Este é o mundo de multiformes fenômenos, aparentemente composto de uma pluralidade de «eus» finitos. O oceano, tangido pelo vento, aparece como uma pluralidade de ondas, e outro tanto sucede à consciência e à realidade. As mentes finitas são apenas as ondas da grande Mente.

3. A própria razão humana é relativa e relacional, não podendo compreender a realidade, nem mesmo a realidade deste mundo de fenômenos. Portanto, precisamos transcender à razão, entrando em contato com a realidade, mediante as experiências místicas. Ver sobre o *misticismo*.

4. Os sábios buscam iluminação, ajudando outros a fazerem o mesmo, embora adiem seu próprio *nirvana* (ver o artigo), a fim de que se mostrem úteis.

5. Quando somos iluminados, tornamo-nos cônscios da Mesmice Absoluta, e nos identificamos com essa realidade auto-existente e imortal. (P)



Rochas esculpidas pelo tempo, perto de Capadócia, Ásia Menor — Cortesia, Matson Photo Service



Teatro de Éfeso — Cortesia, Matson Photo Service

ÁSIA

Os antigos desconheciam as divisões do mundo em grandes porções, como os atuais continentes. Isso não era por outra razão, senão a que não faziam idéia das dimensões do mundo. Assim, por exemplo, a África aparece na Bíblia não como um continente, mas apenas como um dos vários lugares. Como um termo abrangente, a Ásia nunca aparece em qualquer sentido no Antigo Testamento, embora apareça nos livros dos Macabeus e no Novo Testamento. Ali o termo aplica-se àquela porção peninsular da Ásia, a qual, desde o século V A.C., vem sendo chamada de Ásia Menor. Assim, nos trechos de Atos 19:26,27; 20:4,16,18 e 27:2, é bem provável que esteja em foco a inteira antiga Ásia Menor; mas, em Atos 2:9; 6:9; 19:20,22; II Tim. 1:15; Apo. 1:4,11 está em foco a Ásia proconsular da época dos romanos. Essa incorporava as províncias da Frígia, Mísia, Cária e Lídia (ver Cícero, *Pro. Flacc.* 27; e *Ep. Fam.* ii.15). Era uma das províncias romanas mais ricas, populosas e intelectualmente ativas. Era apenas natural que Paulo e Barnabé, em sua primeira viagem missionária, tivessem ido pregar nas grandes cidades da Ásia. Aparentemente, Paulo quis repetir o feito, mas foi então que recebeu a chamada para a Macedônia (ver Atos 16:6 ss). A população inteira, para todos os efeitos práticos, ouviu o evangelho (ver Atos 19:10); mas devemo-nos lembrar que, quanto às dimensões reais, a província não era muito grande, de acordo com os padrões modernos. As principais cidades da Ásia, nos dias do Novo Testamento, eram Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Colossos, Mileto, Laodicéia e Tróade, ocupando uma porção da moderna Turquia. A Ásia do Novo Testamento envolvia cerca de uma terça parte da extremidade oeste e sudoeste da grande península que atualmente se chama Ásia Menor.

O domínio do território havia passado por muitas mãos; mas, em cerca do século IV A.C., o reino de Pérgamo emergiu como uma poderosa entidade, provendo cerca de duzentos anos de estabilidade na área. Os governantes, da linhagem atálida, fizeram a região prosperar em meio a demonstrações de força. Ver sobre *Átalo*. Entrementes, o poder romano ampliava-se em todas as direções. Para os romanos, a Ásia Menor parecia uma terra espaçosa, avançando ameaçadoramente na direção oeste, sobre a Europa. Mas Roma lançou alguns ataques contra esse território. Então, no ano de 133 A.C., Átalo III, o último dos reis de Pérgamo, reconhecendo como a história favorecia o domínio romano, doou o seu reino ao povo romano, e assim provavelmente poupou muita violência e derramamento de sangue. Porém, ele impôs algumas exigências. Demandou que Pérgamo e outras cidades gregas de seu reino fossem isentas de taxação e tributo. Roma aceitou as condições, pelo que a região foi transformada na província romana da Ásia. Tornou-se uma província senatorial, com um procônsul que vivia em Éfeso. Isso emprestou tranqüilidade à área. No campo religioso, a religião oficial foi adotada, segundo a qual o imperador romano era adorado como uma espécie de semideus. Muitos excelentes monumentos foram erigidos, e durante duzentos anos a Ásia talvez tenha sido a mais próspera porção do império romano. (ID JON UN Z)

ÁSIA, IGREJAS DA

Ver o artigo sobre a **Ásia** e os nomes das cidades ali mencionadas. Cada uma dessas cidades recebe um tratamento especial, com artigos separados.

ASIARCAS

Esse termo significa **governantes da Ásia**, mas na realidade, refere-se a dez superintendentes dos ritos religiosos e públicos da Ásia proconsular, os quais celebravam, por sua própria conta, os jogos em honra aos deuses e ao imperador. Somente um ricaço podia arcar com as despesas, pelo que algum cidadão abastado de cada uma das cidades da Ásia era nomeado para o ofício. Essa seleção era efetuada em assembléia pública. A pessoa escolhida era então enviada ao conselho geral da província, reunido em uma das cidades principais, como Éfeso, Esmirna, Sardes, etc. Dentre todos os delegados presentes, dez eram escolhidos. É possível que o título, uma vez ganho, se tornasse permanente, pelo que os atos e as obras daqueles que exibiam o título não representavam, necessariamente sua atuação como asiarcas. Não há certeza sobre quanto poder político eles brandiam, mas não há que duvidar que o ofício envolvia certo poder e influência, com conseqüências políticas. O trecho de Atos 19:31 relata como Paulo despertou a oposição dos idólatras ourives de Éfeso, e como a situação tornou-se violenta. Os asiarcas do lugar exortaram Paulo para que não fosse ao teatro, onde estava sendo efetuada uma demonstração pública. Essa atitude amigável mostra que a política imperial ainda não era hostil à nova fé. Provavelmente Lucas narrou a história como um elemento que combinava com a sua mensagem no livro de Atos, de que o cristianismo não era um movimento subversivo, pelo que deveria ser aceito como uma fé religiosa legal, tal como já havia sucedido ao judaísmo. Os relatos que envolvem Gálio, Félix, Festo, Agripa e os asiarcas transmitiam essa mensagem, a qual, contudo, foi finalmente rejeitada, quando grandes ondas de hostilidade e violência, por parte do governo romano, fizeram tudo quanto era possível para apagar o cristianismo da face da terra. Quanto a maiores detalhes sobre os «asiarcas», ver Atos 19:31 e as notas expositivas no NTI. (LAK NTI UN)

ASIBIAS

Um israelita que despediu sua esposa estrangeira, nos dias de Esdras (ver I Esdras 9:26), mas que não é mencionado nas passagens paralelas dos livros pertencentes ao cânon do Antigo Testamento.

ASIEL

No hebraico, **criado por Deus**. Nome de várias pessoas mencionadas nas Escrituras: 1. Bisneto de Jeú, um príncipe simonita que compartilhou da herança de Judá (ver I Crô. 4:35; Jos. 19:9), cerca de 800 A.C. 2. Um dos cinco escritores empregados por Esdras para transcrever a lei (ver II Esdras 14:24). 3. Um ancestral de Tobias (1:1), da tribo de Naftali. (Z)

ASILO

Um lugar de segurança para onde podiam fugir pessoas culpadas de homicídio acidental, de acordo com a legislação mosaica. Naturalmente, houve casos em que até mesmo criminosos procuravam refugiar-se nesses lugares. Os vingadores, de acordo com as leis escritas (que estabeleciam condições), não tinham permissão de fazer execuções nesses lugares.

1. *De acordo com a lei mosaica.* O altar dos holocaustos e o templo de Jerusalém eram santuários. Joabe fugiu para o templo e refugiou-se junto ao altar dos holocaustos, conforme se lê em I Reis 2:28,29,31. Mas Salomão, entendendo que ele não se afastaria de

perto do altar, ordenou que o matassem ali mesmo. Moisés havia ordenado (ver Êxc. 21:14) que qualquer assassino (não homicida acidental) deveria ser arrastado dali. Os santuários não existiam a fim de beneficiar assassinos propositais, mas sim, para benefício dos inocentes. Tornou-se costumeiro forçar os criminosos a se afastarem do altar deixando-os sem alimentos, ou fazendo fogueiras em redor do mesmo, forçando-os assim a se afastarem.

As cidades de refúgio não tinham o propósito de substituir esses santuários, mas eram adições aos mesmos. O conceito de asilo era humanitário, embora também tivesse uma base religiosa. O derramamento não-intencional do sangue de outra pessoa era considerado uma questão séria, que envolvia culpa. Isso exigia vingança, não podendo ser perdoado por via de resgate (ver Núm. 35:31). Coisa alguma podia expiar o homicído acidental, salvo a morte do sumo sacerdote vigente (ver Núm. 35:25). Uma vez falecido o sumo sacerdote, então o homem que tivesse fugido para uma cidade de refúgio podia deixá-la, e ninguém tinha a permissão de tocá-lo. Naturalmente, nisso temos um excelente tipo de como qualquer pecado pode ser perdoado através da missão, da morte, da ressurreição e da contínua vida espiritual do nosso grande Sumo Sacerdote, Jesus.

2. *De acordo com o paganismo.* Há alguma evidência de que o templo da Misericórdia, em Atenas, servia de lugar de refúgio. Há tradições que dizem que os netos de Hércules foram os criadores dos lugares de refúgio na Grécia. Cadmo erigiu um lugar de refúgio em Tebas, e Rômulo fez a mesma coisa em Roma. Dafne, perto de Antioquia, era um lugar de refúgio bem conhecido (ver II Macabeus 4:34). Teseu preparou um lugar de refúgio em Atenas, especialmente para os escravos e os pobres. Os templos de Apolo, em Delfos, de Juno, em Samos, de Esculápio, em Delos, e de Baco em Êfeso, eram lugares de refúgio, havendo ainda diversos outros. A cidade inteira de Roma tornou-se um lugar de refúgio para os estrangeiros. O número de tais lugares aumentou de tal modo que o imperador Tibério foi forçado a cancelar tal direito, no caso de muitas cidades (ver Suetônio, *Tibério*; e Tácito *Annal.* liv.iii,cap. 6). Contudo, após a sua morte, seu decreto não foi mais observado à risca.

3. *De acordo com o cristianismo.* Na Igreja cristã, foi incentivado o direito de asilo, de tal modo que as edificações eclesiásticas e seus altares tornaram-se lugares de asilo. Teodósio II (431 D.C.) fez dois templos, seus pátios, jardins, banheiros, celas, etc., lugares de refúgio. Devido aos inevitáveis abusos, esse costume tornou-se menos proeminente. (GRE ID S UN Z)

ASIMA

No hebraico, talvez signifique **céu** (ver II Reis 17:30). Era o deus dos habitantes de Hamate. O Talmude babilônico e vários outros escritores judeus dizem que essa divindade era adorada sob a forma de um bode sem pêlos; mas o Talmude de Jerusalém diz cordeiro. Ainda outros referem-se a um macaco, mas a idéia do bode parece ser a preferível entre os eruditos. Não há referências extrabíblicas seguras, embora alguns associem esse deus à Aserá, uma deusa-mãe cananéia, ou ao *Semios* sírio dos papiros Elefantinos. (ND S Z)

ASÍNCRITO

Nome de um crente de Roma (ou de Êfeso), a quem Paulo enviou saudações (ver Rom. 16:14), em 55 D.C. O último capítulo da epístola aos Romanos pode ter sido originalmente uma epístola de apresentação dada a Febe, que ela deveria levar à Ásia Menor, e não uma parte da epístola original aos Romanos. Essa questão é discutida no artigo sobre Romanos, VIII.3.b. Esse nome tem sido encontrado em inscrições e documentos antigos, sendo um nome comum naquela época. (I IB NTI)

ASMITA

Termo sânscrito que significa o «eu souísmo», um falso egoísmo que confunde o «eu» sensível com o verdadeiro «eu», ou *purusha* (ver o artigo). Trata-se de um dos cinco tipos de sofrimento a serem eliminados pelo sistema da ioga. (P)

ASMODEU

Um espírito maligno, na história de Tobias (3:17), que se enamorou de Sara, filha única de Raquel de Ecbátana. Em seu ciúme, ele matou sete maridos que haviam casado com ela, cada qual na noite de núpcias. Isso teve fim quando Tobias, ajudado pelo anjo Rafael, preparou uma poção que expeliu o espírito que a assediava. Alguns estudiosos pensam que a idéia desse espírito foi tomada por empréstimo do zoroastrismo, pelos judeus, durante o exílio na Babilônia. Seja como for, nas lendas judaicas posteriores, esse espírito ocupa posição proeminente, especialmente no que concerne a Salomão. Milton empregou a idéia em seu *Paraíso Perdido* 4.168-171.

ASMÔNIO (ASMONEANO)

Ver **Hasmoneano.**

ASNA

Cabeça de uma das famílias dos servos do templo, que retornaram do cativeiro babilônico juntamente com Zorobabel (ver Esd. 2:50 e I Esdras 5:31), em cerca de 536 A.C. (UN)

ASNÁ

No hebraico significa **fortificação** ou **brilhante.** Era uma cidade de Judá (ver Jos. 15:33), a sudoeste de Jerusalém. Tentativamente identificada com 'Aslin', perto da beira da planície marítima de Judá. Havia uma outra cidade em Judá, do mesmo nome (ver Jos. 15:43), a sudoeste de Jerusalém, que talvez seja a moderna Idna, entre Hebrom e Laquis. (Z)

ASNAPAR

Um rei mencionado somente em Esd. 4:10, chamado «o grande e afamado». Assim o consideravam os homens, mas somente por ser um assassino sangüinário, como o foram quase todos os reis da antiguidade, conseguindo impor a sua vontade por onde quer que fosse. Seu nome tem sido inutilmente procurado nas inscrições assírias, tendo sido identificado com certa variedade de monarcas, como Esar-Hadom, Senaqueribe e Salmaneser. Mas, desde 1875, tem sido sugerido que esse nome é apenas a forma aramaica de Assurbanipal da Assíria, ponto de vista esse que atualmente é quase universalmente aceito. Ver sobre *Assurbanipal.* (UN)

ASNO

Tradução de palavras hebraicas que significam *força, resistência* ou *avermelhado.* Está em pauta o

Equus Asinus, do qual há muitas variedades, algumas, com faixas como as zebras, com formas características que o distinguem do cavalo, com formato peculiar do corpo e dos membros, orelhas longas, crina crispada, cauda com um tufo de pêlos no fim, uma faixa ao longo da espinha dorsal, e com freqüência cruzada com outra faixa à altura das espáduas. O cavalo relincha, e o asno orneja. Os hebreus chamavam esse animal por vários nomes, distinguindo assim as espécies e as qualidades de idade e sexo; mas, naturalmente, faziam-no sem precisão científica. O *chamor* era o jumento comum de trabalho da Ásia Ocidental, pequeno em estatura, usualmente de cor avermelhada, domesticado desde tempos remotos na Arábia, na Mesopotâmia e no sul da Pérsia. Pode ser visto representado nos monumentos egípcios. Um outro nome, *orud* (ver Jó 39:5), bem como o termo caldaico *orodia* (ver Dan. 5:21), fazem alusão à voz típica do asno. Outro nome era *para*, também traduzido por asno selvagem. Vem de uma raiz hebraica que produziu *paras*, «cavalo» e *parasim* (cavaleiros), persa e parta, porquanto entre esses povos havia muitos cavaleiros. O vocábulo hebraico para designar uma espécie distinta, a mula selvagem, que os gregos denominavam *hemionos*; mas a dúvida cerca as identificações exatas.

Descrição e usos. O asno aparece como um animal importado da Líbia, para servir como pagamento de tributo, sendo ilustrado em painéis desde cerca de 2650 A.C., o que nos permite saber que desde tempos muito remotos, esse animal era domesticado e empregado para transporte de cargas. Quanto à sua coloração, havia grande variedade, como cinza, castanho, albino, negro, estriado, e também com várias manchas e sinais. O tipo que tem uma espécie de cruz formada por duas faixas que se cruzam à altura das espáduas, segundo a lenda, surgiu quando Jesus usou um jumentinho para entrar em Jerusalém, predizendo a Sua futura e breve crucificação.

O asno é dotado de passadas firmes, porquanto em tempos remotos vivia em regiões montanhosas semidesérticas. O cavalo, porém, desenvolveu-se em planícies relvadas, pelo que seus passos seriam menos seguros. Portanto, para viagens através de regiões montanhosas, o jumento sempre era escolhido, e durante muitos séculos foi o animal de carga dos pobres, e o transporte pessoal.

No Antigo Testamento. A primeira referência bíblica - Gên. 12:16 — onde se lê sobre esse animal, informa-nos que Faraó presenteou alguns deles a Abraão. Enquanto o camelo não começou a ser usado, o asno era usado nas travessias dos desertos. A capacidade desse animal sobreviver em terreno agreste e seco tornou-o valioso na Palestina e nas terras em volta do Mediterrâneo. Era usado para moer grãos (ver Mat. 24:21).

Proibições. Não se podia atrelar um asno e um boi sob uma mesma canga (ver Deu. 22:10), embora a maioria das famílias, quando pobres, seriam grandemente tentadas a fazê-lo, porque teriam, talvez, somente um asno e um boi, e isso formava um par de animais. Esse animal era considerado *imundo* pela lei cerimonial mosaica, ou seja, sua carne não servia para ser ingerida pelo homem. Ver Lev. 11:2 ss quanto a muitas dessas proibições alimentares. Tal como todos os membros da família eqüina, o asno tem um único casco nas patas, e não é ruminante. Mas os asnos eram cuidadosamente tratados, porque um proprietário pobre de um desses animais muito dependia dele para a sua sobrevivência (ver Êxo. 23:4,5,12 e Deu. 22:4). Por duas vezes, o Senhor Jesus comentou sobre o tratamento bondoso que se deve dar aos animais, incluindo os asnos (ver Luc. 13:15 e 14:5). Muitos ricos, entretanto, sentiam vergonha de montar em um simples jumento, e preferiam um cavalo para tanto. A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, como o Rei de Israel, foi feita no lombo de um humilde jumentinho, como condescendência do Senhor (ver Zac. 9:9). Já os reis sangüinários da terra conquistam montados a cavalo.

A palavra «asno», atualmente, é um sinônimo da idéia de «embotado na inteligência» ou «teimoso»; mas não há qualquer indício dessa idéia, no Antigo e no Novo Testamentos. (S UN Z)

ASNO DE BURIDAN

Na filosofia, a metáfora de um asno indeciso encontra-se a princípio nos escritos de Aristóteles; mas o relato acabou associado a Jean Buridan (1295-1356), um filósofo francês, o que explica a expressão «asno de Buridan». O asno estava entre dois fardos de feno igualmente apetitosos. Olhou para um fardo, e então para o outro. Sua cabeça virava-se para um lado e para o outro, sem poder tomar uma decisão quanto ao fardo que comeria. Em meio à sua indecisão, o asno terminou por morrer de fome. Um homem também pode achar-se em um dilema parecido quando tenta tomar uma decisão, mas não há razões compelidoras para preferir uma situação à outra. A símile pode ser aplicada à escolha entre duas idéias, ambas as quais podem ser defendidas com igual vigor, com argumentos aparentemente convincentes. (EP F)

ASPÁLATO

Esse é o nome dado à planta **Alhagi camelorum**. Em Eclesiástico 24:14, lê-se que a planta produzia um perfume adocicado. O arbusto é espinhento e de tamanho médio. Era usado para a produção de ungüentos e perfumes.

Vocábulo encontrado somente em Eclesiástico 24:15, que faz parte dos livros apócrifos do Antigo Testamento. Muitos pensam tratar-se de uma planta aromática da família do cinamono. Os antigos usavam-na no fabrico de perfumes ou de incenso, sendo mencionada em fontes extrabíblicas. Teofrato (ix.c.7) alista essa planta entre as substâncias aromáticas.

ASPATA

O terceiro dos filhos de Hamã, morto pelos judeus da Babilônia (ver Est. 9:7), em cerca de 510 A.C. (S)

ASPECTO DUPLO

Essa expressão, ligada ao problema do corpo-mente (ver o artigo a respeito), refere-se à distinção, quanto à essência, entre o corpo material e a alma imaterial, embora ambos sejam aspectos de alguma essência ou energia mais fundamental. Todavia, quando se manifestam, parecem separar-se, dando a impressão de uma dualidade.

Outro uso da expressão. Na doutrina do existencialismo positivo de Abbagnono (ver o artigo a respeito), essa expressão indica que cada possibilidade concreta franqueada aos homens tem um aspecto positivo e um aspecto negativo. Para exemplificar, o conhecimento de qualquer coisa tem dois lados: 1. o de saber a resposta certa; 2. e o de não se estar enganado a respeito, que é o aspecto negativo.

ASPENAZ

No hebraico talvez signifique **narina de cavalo**. Era o chefe dos eunucos do rei Nabucodonosor. Daniel e seus companheiros foram entregues aos seus cuidados, e ele lhes trocou os nomes (ver Dan. 1:3,7), cerca de 604 A.C. A petição de Daniel, no sentido de que ele não fosse compelido a comer das provisões enviadas à mesa real, foi aceita favoravelmente, bondade essa que o profeta, agradecido, registrou em Daniel 1:16. (S Y)

ASPERGES

Uma cerimônia anterior à missa principal, durante a qual o celebrante, com a ajuda dos acólitos, passa em cortejo através da congregação, aspergindo (daí o nome) os membros com água-benta e recitando palavras apropriadas do Saltério e de outras fontes. A finalidade da cerimônia é simbolizar a pureza do coração, que deveria assinalar os participantes dos santos mistérios da Igreja. (E)

ÁSPIDE

No grego é **aspis**, uma serpente venenosa, uma víbora. Ver o artigo geral sobre as *víboras*, onde são relacionadas as cobras da Bíblia. (Ver Isa. 11:8; Sal. 58:4,5 e Rom. 3:13). Hoje em dia, o termo *áspide* faz parte do nome científico de uma das víboras da areia. Os detalhes dados sobre a áspide, nas páginas da Bíblia, são os seguintes: Todas as referências aludem ao fato de ser ela peçonhenta. A serpente chamada por esse nome era usada por alguns para provocar o suicídio. O efeito de seu veneno era rápido, sendo do grupo neurotóxico, e não do grupo hemotóxico, o qual pode levar dias para matar. O trecho de Isaías 11:8 menciona o fato de que as serpentes habitam em covas. Sal. 58:4,5 reflete o mito que as serpentes podem ouvir, e que os encantadores fazem seu trabalho com as cobras por meio de sons. Porém, todas as serpentes são surdas, e o encantamento é produzido pelos movimentos do encantador, e não pelos sons por ele produzidos. Seja como for, a identificação de algumas espécies exatas, mediante os versículos da Bíblia, é um trabalho que envolve muita conjectura. (S Z)

ASQUELOM

No hebraico, **ato de pesar**. Era uma das cinco cidades dos filisteus, nas praias do mar Mediterrâneo, a 16 km ao norte de Gaza. Foi ali que Sansão matou trinta homens e tirou os despojos dos mesmos (ver Juí. 14:19). Foi dada à tribo de Judá (ver Juí. 1:18). Foi denunciada pelos profetas (ver Jer. 25:20; Amós 1:8; Sof. 2:4-7 e Zac. 9:5).

História. 1. Era a sede da deusa filistéia Astarte ou Astorete (ver o artigo a respeito). 2. É mencionada nos textos de execração da XII dinastia egípcia, no reino médio. 3. É mencionada em duas cartas em escrita cuneiforme de Amarna, números 287 e 320. A cidade revoltou-se e livrou-se do domínio do Faraó Ramisés II. E este foi obrigado a recapturá-la. Houve uma série de choques armados com os egípcios. 4. Foi dominada por filisteus, que eram indo-europeus, e permaneceu sob esse domínio até bem dentro do período da monarquia judaica (ver Jos. 13:5). 5. Os assírios conquistaram-na em 734 A.C. 6. A Pérsia passou a controlá-la mais tarde. 7. Foi atacada pelos citas em 625 A.C. (ver *Heród.* 1.105). 8. Foi helenizada, após Alexandre o Grande. 9. No tempo dos Macabeus, residia ali uma numerosa população judaica. 10. Foi o lugar do nascimento de Herodes o Grande, o qual a embelezou ao tornar-se rei. 11. Estabeleceu um acordo de paz com Roma, e foi declarada área livre. 12. Quando da rebelião dos judeus, no ano 66 D.C., os judeus atacaram-na, mas tiveram de retroceder após um furioso assalto (ver Josefo, *Guerras* 11.18.1 e III.2.1,2). 13. Sua história era de guerras contínuas, ocupações e desocupações militares durante os períodos islâmico e das cruzadas.

Deve ser identificada com a moderna Asqalon. Grandes escavações arqueológicas foram efetuadas entre 1920 e 1922. (ID PEQ)

ASQUENAZ

No hebraico o sentido da palavra é desconhecido. Foi filho de Gômer e neto de Noé (ver Gên. 10:3), antepassado dos povos associados a Ararate e Mini (ver Jer. 51:27). Provavelmente devem ser identificados com os antigos citas (*Heród.* i.103-107 e iv.1), os quais, no tempo de Jeremias, haviam-se estabelecido próximo ao lago Urmia, na região de Ararate. Nos tabletes em escrita cuneiforme há menção a uma tribo chamada *Askuza*, aliada dos Mannai em sua revolta contra a Assíria, no século VII A.C. Os citas eram aguerridos e deram muito trabalho aos assírios. O nome deles tornou-se um sinônimo de barbárie. Parece tratar-se de um povo muito disseminado pelo mundo antigo. Na Índia eles eram conhecidos como *sakas*, adversários invasores vindos do norte. As tradições judaicas afirmam que Asquenaz é o progenitor dos povos germânicos, os quais formaram países independentes no centro e no norte da Europa, na era contemporânea, embora façam parte da constituição racial de grande parte da União Soviética. Alguns estudiosos pensam que os países escandinavos, em seu nome, refletem ainda o nome de seu progenitor original. Ver Col. 3:11 e as notas no NTI, nesse ponto. (ID NTI UN)

ASQUENAZITAS

Asquenaz (Gên. 10:3), era identificado pelos hebreus medievais como ancestral dos povos germânicos. O nome asquenazitas veio a designar os judeus alemães e seus descendentes, no norte, centro e leste europeu, na Grã-Bretanha e nas Américas. Constituem mais de 90% do total dos judeus.

ASSALTOS DE TRANSPORTE

Há um seqüestro de veículos de transporte com o propósito de roubá-los. No caso de aviões, os seqüestros, inspirados por razões políticas, geralmente exigem vultosos resgates. A prática antiga consistia em assaltar caravanas. Isso tem-se tornado um tema comum nos filmes norte-americanos de Far West, porque tal prática era generalizada no século passado. Os modernos seqüestradores apenas tornaram tal crime sofisticado com as técnicas de nossos dias. Um crime não é compensado por motivos políticos. O seqüestro de caminhões, nos E.U.A., causa perdas de bilhões de dólares anuais, e no Brasil, essa prática criminosa tem-se tornado um escândalo nacional. Muitos homicídios desnecessários têm sido efetuados. Essas operações geralmente são projetadas por indivíduos e organizações que não tomam parte pessoal nos assaltos; mas contratam criminosos profissionais para a tarefa. Com freqüência negócios ilegítimos são envolvidos, recebendo as mercadorias roubadas a preços baixos, que permitem grande lucro na revenda. Paulo referiu-se aos «inventores de males»

(Rom. 1:30). E os que se envolvem nesse tipo de crime devem ser incluídos nessa classificação. O juízo divino aguarda os pecadores de todas as modalidades, pois, do contrário, teremos de pensar que o caos é o verdadeiro deus deste mundo. O evangelho existe para salvar as pessoas desse justo e severo julgamento.

ASSASSINATO Ver **Homicídio.**

ASSASSINOS

No trecho de Atos 21:38, é usado o termo grego *sikarioi*, para indicar os seguidores de certo impostor egípcio. Noutros trechos, a palavra é usada para indicar grupos de judeus nacionalistas militantes, em meados do século I D.C., os quais armavam-se com adagas ocultas (no latim, *sicae*), o que explica o apelido que lhes era dado «homens de adaga». Eles tomavam sobre si o encargo de matar indivíduos indesejáveis, que segundo pensavam, se opunham ao movimento judeu de independência de Roma (ver Josefo, *Guerras* ii.13:3; *Anti.* xx.8.5,10). A maioria desses homens procurava promover a tradição dos Macabeus, que era seu ideal e inspiração. Eram ousados, violentos e destituídos de compaixão, misturando-se no meio do povo nos dias festivos, a fim de assassinar suas vítimas, com freqüência em plena luz do dia. Os governantes da Palestina eram forçados a se fazer acompanhar por uma guarda pessoal, cujos membros se mantinham em estado de alerta contra esses ataques súbitos. Um notável incidente que os envolveu foi o de Judas, o Galileu, em 7 D.C., o qual, com sede a seis quilômetros de Nazaré, organizou uma rebelião usando como «soldados» principalmente os *sicários*. Mas o levante foi violentamente abafado, e duzentos rebeldes foram crucificados. Quando Paulo estava sendo julgado, o capitão Lísias procurou identificá-lo com um líder egípcio que havia levado quatrocentos desses sicários ao deserto (ver Atos 21:38). Esses homens tiveram uma ativa participação na revolta de Israel contra Roma, o que produziu o desastre do ano 70 D.C. Finalmente, — eles transferiram seu teatro de operações para o Egito e Cirene, onde continuaram seus atos de terrorismo. (ID HA ND)

ASSEMBLÉIA

No hebraico há várias palavras, com diferentes implicações: 1. *Atsawraw* (Lev. 23:26), que indica uma simples reunião, especialmente usada para indicar festividades religiosas. 2. *Mikraw* (Isa. 1:13 e 4:5), que indica uma reunião pública. 3. *Asuppaw* (ver Eclesiástico 12:11), que indica uma reunião ou painel de sábios. Quanto ao Novo Testamento grego, temos: 1. *Paneguris* (ver Heb. 12:23), uma reunião popular festiva. 2. *Ekklesia* (ver Atos 19:39), que indica uma congregação reunida com o propósito de deliberar, sendo esse o vocábulo que veio a ser usado para indicar a *Igreja*, usado por cento e quinze vezes no Novo Testamento (por exemplo, Mat. 16:18; 18:17; Rom. 16:1; Gál. 1:2; Efé. 1:22; 3:10 e Col. 1:18).

Uso figurado. 1. O povo de Israel será reunido jubilosamente, quando for restaurado em Cristo (Sof. 3:18). 2. Sentir tristeza porque as reuniões solenes não são efetuadas, e desejar a restauração das mesmas, é um anseio por renovação espiritual (ver Sof. 3:18). 3. Em Cristo há aquela grande assembléia constituída por todos os povos, remidos no céu, os primogênitos, um símbolo da restauração e salvação finais, nos lugares celestiais, quando aquilo que é mortal for substituído pela imortalidade (ver Heb. 12:23).

A solene assembléia. Em Sofonias 3:18, essa idéia aparece sob as palavras «festas solenes», em nossa versão portuguesa. Isso será ocasionado pela volta do Messias, que recolherá o Seu povo e dará início à era do reino milenar. O termo também é usado para indicar um «tempo determinado» ou «estação» (ver Gên. 1:14), ou para indicar um lugar de reuniões (Sal. 74:8).

ASSEMBLÉIA DE DEUS

Uma denominação religiosa pentecostal organizada em abril de 1914, na cidade de Hot Springs, no estado de Arkansas, E.U.A. Nos Estados Unidos da América do Norte, é uma das maiores denominações pentecostais, com aproximadamente 2 milhões de membros. As igrejas locais têm um governo congregacional, mas a organização nacional incorpora elementos de governo presbiteriano. Esta denominação tem estabelecido um número de faculdades teológicas e seminários e tem seus próprios meios de publicação de literatura. Seu trabalho missionário tem sido extensivo, com campos de atividade em mais de 70 países.

Doutrina. As Assembléias de Deus são fundamentalistas e evangélicas do tipo pentecostal. A Bíblia é reconhecida como a única regra de fé e prática. A doutrina é arminiana, basicamente metodista em seu caráter. Curas divinas, o batismo do Espírito e o exercício dos dons espirituais são considerados práticas normais para a igreja moderna.

As Assembléias do Brasil. Foi o segundo ramo do pentecostismo a se instalar no Brasil, (1911), como resultado do trabalho dos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg, de origem sueca, mas radicados nos E.U.A. Começaram o trabalho em Belém, PA. Embora conseqüente do trabalho missionário estrangeiro, a *Assembléia* tem caráter predominantemente nacional. Constitui o maior grupo pentecostal do Brasil e realiza um crescimento fenomenal. Em 1964, tinha quase um milhão de membros, 1.000 pastores, 5.000 pregadores leigos, 1.200 igrejas, e um número considerável de faculdades e institutos teológicos.

ASSEMBLÉIA DE WESTMINSTER

O parlamento inglês, em 1640, deu aos puritanos a oportunidade de concretizarem seu alvo de reformas mais profundas, alterando assim a Igreja Anglicana. Vários teólogos e eruditos da Bíblia foram convocados, a 1º de julho de 1643, na abadia de Westminster. A tarefa deles foi alinhar melhor a Igreja Anglicana com a Igreja Escocesa (ver o artigo a respeito), e com as igrejas reformadas do continente europeu. O grupo consistia em cento e vinte e um membros, a maioria puritanos e presbiterianos (ver o artigo sobre um e sobre outro grupo), embora houvesse alguns congregacionais, rastianos e episcopais (ver os artigos sobre cada um). O documento assim produzido envolve os seguintes itens: 1. Uma forma presbiteriana de governo eclesiástico; 2. itens sobre disciplina eclesiástica; 3. regras relativas à ordenação de ministros; 4. regras de adoração, em substituição ao Livro de Oração Comum; 5. uma confissão de fé em substituição aos 39 artigos; 6. um catecismo mais completo; 7. um catecismo abreviado. Os itens de números 2, 3, 4 e 6 foram aprovados. Todavia, a autoridade do documento da assembléia foi anulada pela restauração, em 1660. Não obstante, tal documento exerceu influência sobre os presbiterianos.

ASSEMBLÉIA GERAL (UNIVERSAL)

Em todo o Novo Testamento, a expressão ocorre somente em Heb. 12:23. O acesso que temos em Cristo leva-nos a nos aproximar da cidade celestial, da incontável companhia de anjos, da assembléia geral dos primogênitos arrolados no céu, do Juiz que é Deus, dos espíritos dos justos aperfeiçoados, e do traduzido por *assembléia universal* é *paneguris*, que indica a reunião festiva de uma vasta assembléia. que indica a reunião festiva de uma vasta assembléia. Várias interpretações têm sido dadas a isso:

1. Alguns ligam a expressão à que se segue, «igreja dos primogênitos».

2. Outros ligam essa companhia à que é referida antes, as «incontáveis hostes de anjos».

3. Fazendo a referência torna-se todo-inclusiva, alguns pensam que a expressão refere-se aos anjos e à igreja, igualmente. Nas Escrituras, anjos e homens são freqüentemente vinculados, como quando se lê que os anjos servem aos homens (ver Heb. 1:14), que os anjos são mediadores da mensagem dada aos homens (ver Gál. 3:19), e que os anjos participarão do julgamento dos homens (ver Mat. 24:31 e II Tes. 1:7). Porém, o destino humano, que é a participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4), transcende ao estado atual dos anjos (ver Rom. 8:29).

Sem importar qual seja a referência exata, a mensagem geral da passagem é clara: temos um acesso à realidades espirituais muito superior àquele que fazia parte do Antigo Testamento. De fato, no N.T. temos acesso aos lugares celestiais (ver as notas sobre Efé. 1:3, no NTI), à presença de Deus, até chegarmos a compartilhar de Sua natureza. Por essa razão, somos advertidos a não rejeitarmos à mensagem que nos vem por meio de Cristo (ver Heb. 12:25), que é precisamente a aplicação feita pelo autor do livro. (AL IB NTI)

ASSEMBLÉIA SOLENE

No hebraico temos uma única palavra, derivada de uma raiz que significa *restringir* ou *conter*. Tratava-se da reunião e da santificação da comunidade de Israel, em alguma ocasião nacional solene. É expressão (no português, «reunião solene») usada em sentido técnico para indicar o oitavo dia da festa dos Tabernáculos (ver Lev. 23:36; Núm. 29:35; 8:18) e o sétimo dia da festa da Páscoa (Deu. 16:8). Em ambos os casos, os israelitas foram instruídos a «não fazer qualquer obra», porquanto eles estavam em estado de santidade ritual. Por ocasião da dedicação do templo de Jerusalém, Salomão proclamou uma solene assembléia no oitavo dia: «...porque por sete dias já haviam celebrado a consagração do altar; a festa durava sete dias» (II Crô. 7:9). Com uma finalidade totalmente diferente, Jeú ordenou que fosse consagrada «uma assembléia solene a Baal» (II Reis 10:20). Jeú foi capaz de completar o expurgo dos adoradores de Baal da terra de Israel, mediante o massacre daqueles que se haviam reunido, por ocasião da reunião solene, para participarem do sacrifício a Baal que Jeú fingidamente oferecia.

Em contraste com as festividades acima mencionadas, a reunião solene também se reunia em dias especiais de jejum. Quando a praga dos gafanhotos ameaçava a terra, Joel exortou o povo de Israel como segue: «Promulgai um santo jejum, convocai uma assembléia solene, congregai os anciãos, todos os moradores desta terra, para a casa do Senhor vosso Deus, e clamai ao Senhor» (Joel 1:14; cf. 2:15).

Amós e Isaías zombaram de certas reuniões solenes (entre outras coisas), e disseram que algumas daquelas eram consideradas intoleráveis por Deus, (ver Isa. 1:13; Amós 5:21), porquanto o povo não agia com justiça, no trato de uns com os outros. É conforme Isaías esclareceu: «...quando multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue» (Isa. 1:15). A mesma palavra hebraica aqui empregada é usada em Jer. 9:2, dentro da expressão «são um bando de traidores».

ASSENTO Ver o artigo sobre **Cadeira**.

ASSERTÓRICA

O termo descreve uma proposição que simplesmente assevera que algo é ou não é o caso. É usado em contraste com juízos *problemáticos* e *apodeícticos* (ver os artigos). A análise dessa modalidade retrocede ao menos a Aristóteles. As proposições assertóricas, problemáticas e apodeícticas falam sobre os modos que as proposições podem assumir. (F)

ASSIDEANOS

No hebraico quer dizer **piedosos**, **retos**. O nome deriva-se de uma raiz hebraica, *chasid*, palavra que denota ações muito boas ou ações muito más, embora mais geralmente o primeiro caso. Em II Macabeus, a palavra é aplicada a um grupo de homens zelosos e devotados, que se levantaram ao sinal dado por Matatias para iniciar a resistência armada. Matatias foi o pai dos Macabeus, os quais defenderam de espada na mão a doutrina da unidade de Deus, assim impedindo a helenização do povo judeu. Um termo hebraico cognato aparece em Salmos 145:10; Isaías 57:1 e Miquéias 7:2, a fim de descrever homens bons e piedosos. Em I Macabeus 2:42, eles são chamados *guerreiros valorosos*, que se ofereciam voluntariamente para servir em defesa de lei. Em II Macabeus 14:6, eles reconhecem Judas Macabeu como seu líder. Evidentemente, formaram uma espécie de partido, embora nada se saiba quanto à sua origem. A principal preocupação deles parece ter sido religiosa, e não militar. Há alguma evidência de que romperam relações com os Macabeus, por quererem estes ocupar o ofício sumo sacerdotal, o que, na opinião dos assideanos, seria uma usurpação. Alguns eruditos supõem que os fariseus, e talvez até os essênios, desenvolveram-se a partir desse grupo, formando dois ramos divergentes. (S Z)

ASSIDISMO

1. *O termo*. A palavra **hasidim** é o vocábulo hebraico plural que significa «santos». A forma singular é *hasid*, que significa uma pessoa piedosa. Tal palavra aparece freqüentemente no livro de Salmos.

2. *Um grupo religioso no tempo dos Macabeus*. Esse existiu no século II A.C. (Ver I Mac. 2:42; 7:13; II Mac. 14:6). Ver o artigo sobre os assidianos. Esse grupo opunha-se ao partido sacerdotal, que caíra sob a influência do helenismo. Liderados pelos hasmoneanos, conseguiram capturar o templo de Jerusalém. Apesar de se terem envolvido em uma revolução política, na realidade formavam um partido religioso que queria preservar os antigos valores da fé judaica. Posteriormente, romperam com os Macabeus, por causa do mundanismo deles, e assim continuaram a preservar as suas prioridades. Alguns supõem que eles foram os precursores dos fariseus e dos essênios. É mesmo possível que o vocábulo *essênio* seja uma forma variante de *hasid*. A conexão entre os essênios e

os assidianos tem sido muito disputada, sem que se tenha chegado a uma conclusão definitiva.

3. *Assidismo moderno*. Como um movimento recente, podemos datar o assidismo entre 1700 e 1760. Seu fundador foi Baal Shem To, que viveu naquele período. Tornou-se famoso como místico e operador de milagres, bem como cultor da Cabala (que vide). Era dotado de fervor evangelista e reavivalista, com o acompanhamento de dons psíquicos. Com a ajuda de seus discípulos, rabinos, Jacob Joseph Cohen, de Polonnoye, e Dov Baer, o Magido (pregador), ele exerceu larga influência, especialmente entre as pessoas menos eruditas e mais humildes. O movimento inflamou o fervor religioso de muitas pessoas. As suas reuniões eram assinaladas por exaltação emocional nas orações, a busca pela comunhão mística com Deus, isto é, o contato direto com a divindade, de alguma maneira, sem mediação do intelecto. Algumas de suas reuniões atingiam as raias do frenesi. Podemos mesmo dizer que o movimento se assemelhava ao movimento pentecostal, dentro da comunidade judaica, sem o acompanhamento de doutrinas cristãs. A principal característica deles era a ênfase que davam à imanência de Deus, do que resultava a possibilidade do contato místico de Deus com os homens. Eles buscavam milagres, alegria estática e uma fé vital e viva. O movimento não procurava aliviar a tristeza das massas pobres através da esperança messiânica, e sim, por meio de mensagens que despertavam emocionalmente os homens. Enfatizava as virtudes da mansidão e da modéstia. Seus líderes espirituais julgavam-se uma espécie de mediadores entre Deus e os homens, como uma missão a ser cumprida. Eles frisavam a salvação pela fé, e não pelas obras, e também mediante o estudo da Torah. Essa ênfase punha em perigo os alicerces do judaísmo tradicional, e o movimento acabou sofrendo oposição, tendo sido declarado herético (pelos talmudistas, em 1781), e então foi perseguido. Trata-se da mesma antiga história em que os antigos grupos «ortodoxos» manuseiam os grupos novos e diferentes, que buscam impor reformas.

Influência crescente. Apesar desse desenvolvimento, os zadiquins (líderes religiosos do grupo), continuaram a exercer grande influência sobre as massas. Durante a primeira metade do século XIX, quase a metade do povo judaico inteiro fora conquistado pelo movimento. Entretanto, a Iluminação que houve na segunda metade do século XIX, exerceu notável influência, alterando o clima intelectual da Europa. Por esse motivo, o assidismo começou a perder o seu grande poder. Elementos de excessos e superstições, dentro do movimento, tornaram-se alvos dos defensores da iluminação, o que contribuiu para o declínio gradual do movimento. Não obstante, seu poder continuou sendo considerável na Rússia, até o surgimento do comunismo. E, em outros lugares, até à Segunda Guerra Mundial. Desde então, tem continuado sendo uma força apreciável na Palestina, na América do Norte e em outras terras. Nos tempos modernos, tem sido popularizado por Martinho Buber (ver o artigo a seu respeito).

ASSINATURA

No hebraico temos uma palavra que usualmente é considerada uma forma sintética de «tau», nome da última letra do alfabeto hebraico, além de um sufixo possessivo pessoal. Significa «minha marca» ou «minhas iniciais». Aparece sem o sufixo em Eze. 9:4,6, usualmente traduzido por «marca» ou «sinal» (como faz nossa versão portuguesa). Provavelmente era um simples «X», forma da letra *tau* na antiga escrita semítica arredondada. Em Jó 31:35, onde aparece a única ocorrência com o sufixo, refere-se a um documento legal, provavelmente um tablete de argila onde alguém deixara a sua marca. Isso explica a tradução portuguesa «minha defesa assinada».

ASSIR

No hebraico, **cativo**. Consideremos os pontos abaixo:

1. Um levita, filho de Coré (ver Êx. 6:24; I Crô. 6:22), cerca de 1620 A.C. 2. Filho de Ebiasafe e neto de um outro Assir, antepassado de Samuel (ver I Crô. 6:23), em cerca de 1740 A.C. 3. Algumas versões dizem, em I Crô. 3:17, «Assir, filho de Jeconias». Mas outras preferem — conforme vemos em nossa versão portuguesa — «Jeconias, o cativo», cerca de 588 A.C. (ID S)

ASSÍRIA

Esboço do artigo:

1. Nome
2. Lugar
3. Capitais
4. Língua
5. Relações com a Babilônia
6. O povo
7. Registros escritos
8. Religião
9. Principais descobertas arqueológicas
10. História

1. Nome. Devem ser comparados Assur, a principal divindade da Assíria, e Assur, o segundo filho de Sem. Portanto, a Assíria é o país ocupado pelos descendentes desse neto de Noé. (Ver Gên. 10:22 e o artigo sobre *Assur*). A Assíria era o nome de um país; e depois de um poderoso império que dominou o mundo bíblico dos séculos IX a VII A.C. Incluía a Babilônia, o Elão, a Média, a Síria, a Palestina, a Arábia, o sul de Anatólia, a Cilícia e o Egito.

2. Lugar. Assíria era o antigo nome do distrito de ambos os lados do rio Tigre, variando em suas dimensões, dependendo da época, mas geralmente confinada à região da parte norte do moderno Iraque, entre a presente fronteira Síria e o pequeno rio Zabe. A oeste, era limitada pelo platô desértico da Mesopotâmia central, e a leste pelas montanhas do Curdistão; ao norte ficava a Armênia, e ao sul a Babilônia. Em seu zênite, incluía os lugares mencionados no primeiro ponto. O âmago da região era uma planície de aluvião muito fértil, embora a maior parte consistisse em um platô desértico com serras sucessivas de pedra calcária, com vales aráveis entre as serras. O clima desse distrito era mais fresco e mais chuvoso do que o da Babilônia, com chuvas somente no inverno. Portanto, a irrigação era imprescindível para a produção de víveres suficientes. Com a passagem do tempo, o império assírio cresceu em todas as direções, mas particularmente na direção da Síria. Devido a essa extensão para o ocidente, houve uma mudança no uso do nome, de tal modo que *Síria* passou a ser o nome usado, que se derivava do antigo nome, *Assíria*.

3. Capitais. A capital original do país, de onde também se derivava o nome do país, era Assur, modernamente Qalat Sharqat. Ficava na margem ocidental do Tigre, acima da boca do Pequeno Zabe.

Para o norte, cerca de 97 km dali, ficava Nínive, modernamente Kuyunjik, que foi fundada muito tempo antes da cidade de Assur, mas que finalmente tornou-se capital do novo império assírio. Entre essas duas cidades ficava Calá, moderna Nimrud, que foi capital do império durante parte dos séculos IX e VII A.C. A nordeste de Nínive ficava Dur Sharrukin, modernamente Corsabade, que foi a capital durante o reinado de Sargão II (721-705 A.C.). Importantes cidades secundárias eram Arbela, modernamente Erbil ou Arbil, a sudoeste de Nínive; Harã, o principal centro do poder do novo império assírio, na parte oeste da Mesopotâmia, e última capital do império, após a queda de Nínive, em 612 A.C.

4. **Língua.** A Assíria e a Babilônia tiveram ambas impressionantes histórias, compartilhando de um idioma comum, conhecido como assírio-babilônico, ou acadiano.

5. **Relações com a Babilônia.** Uma avançada civilização se desenvolvera na Babilônia em cerca de 3000 A.C., que permaneceu o centro cultural da Mesopotâmia até o século VI A.C. A Assíria obteve o domínio militar, ocupando grande parte da mesma região, pelo que as duas civilizações muito tinham em comum, tornando-se praticamente inseparáveis. O poder político e militar oscilava para lá e para cá entre a Assíria e a Babilônia, sobretudo no período entre 900 e 600 A.C. Foi precisamente durante esse período que a Assíria passou a atuar como opressora e invasora, nas narrativas bíblicas. A Bíblia, entretanto, sempre distingue entre a Assíria e a Babilônia.

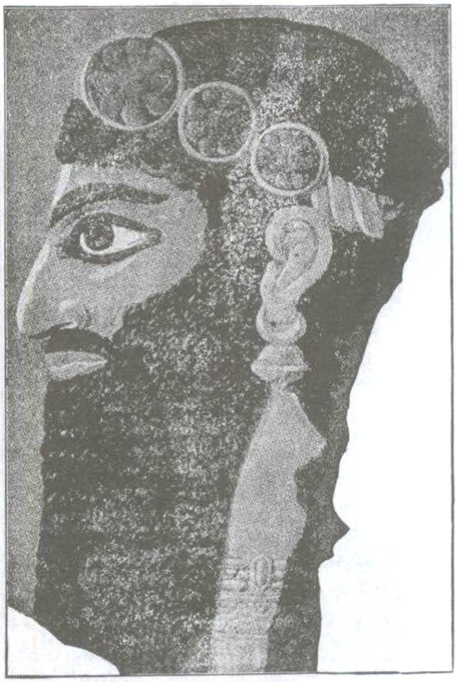
6. **O povo.** Eles pertenciam à raça semita, e aparentemente tinham vindo da Babilônia a fim de instalar-se como colonos. Não chegaram ali como uma raça pura (se é que existe tal coisa à face do planeta), mas já representavam uma mistura de sangue babilônico e sumério, os quais eram os habitantes originais da terra, até onde a nossa história é capaz de retroceder. Depois que chegaram a nova terra, ao norte da Babilônia (e não a grande distância de onde tinham partido, segundo os padrões modernos), continuou a mescla com povos provenientes de várias invasões, vindos do Elão e da Arábia. Mas, visto que em alguns lugares a mistura de sangue não foi tão intensa, eles jactavam-se que eram de uma raça mais pura que a dos babilônios, o que é apenas uma dentre inúmeras exibições do orgulho humano. Na verdade, não há tal coisa como uma raça pura ou um idioma puro. A arqueologia tem mostrado que eles eram de estatura média européia, de tez morena, com nariz proeminente. Usavam barbas hirsutas e despenteadas. Os registros históricos mostram que eles apreciavam muito as festas, e que tinham bom humor. Na guerra, porém, demonstravam uma ferocidade que sempre caracterizou a história da humanidade. Todavia, os assírios aparentemente inclinaram-se para a brutalidade, pois a história deles abunda em violência e derramamento de sangue.

7. **Registros escritos.** Os assírios não criaram um alfabeto, mas tinham um tipo de escrita em que cada sinal representava uma idéia, como o sol, uma cidade, a maderia, etc. Esses sinais chamam-se *ideogramas*. Além desses sinais, a língua escrita dos assírios tinha alguns sinais silábicos, representando fonemas como ab, ib, ub, ba, bi, bu. O resultado era capenga, embora fosse uma maneira viável de transmitir uma mensagem na forma escrita. Eles escreviam gravando sobre a argila ou a pedra com um formão. A maior parte do que conhecemos sobre a Assíria nos foi transmitida através de tabletes de argila, os quais variam muito em dimensões, alguns dos quais chegam a 40 cm de comprimento. Um pequeno instrumento de metal, com ponta triangular, era usado para deixar as marcas, em forma de cunha, o que explica o nome dessa escrita, *cuneiforme*. Muitos milhares desses tabletes têm sido descobertos pelos arqueólogos, mas a grande maioria deles ainda não foi traduzida para qualquer idioma moderno. Uma vez que esses tabletes sejam traduzidos, talvez venha-se a conhecer melhor a história da Assíria do que a de qualquer outro povo antigo, com a única exceção dos hebreus. Esses tabletes nos dão as informações mais variegadas, sobre assuntos religiosos, políticos, pessoais, orações, recibos, notas de venda, encantamentos, listas de presságios e até mesmo gramáticas que explicam como a língua dos assírios funcionava.

Os assírios estavam mais interessados pela arte militar do que pelas belas artes ou pela literatura, pelo que a Babilônia preservou sua hegemonia cultural e religiosa, mêsmo quando os assírios eram o poder dominante.

8. **Religião.** As idéias religiosas da Assíria eram provenientes da Babilônia, desde o começo até o fim de sua história. Eles criam em muitos deuses (politeísmo), mas a divindade principal era *Assur*, honrado como fundador da nação. Divindades secundárias eram Anu, Bel e Ea, que eram divindades babilônicas, adotadas por outros povos semitas. Além dessa tríada, havia o deus-lua, Sim, o deus-sol, Shamash, e a deusa da lua crescente e rainha das estrelas, Istar, também o deus do trovão, da chuva e das tempestades, Ramã. Além desses, havia divindades de terceira categoria, além de espíritos do céu, da terra e do mar. Algumas inscrições que enfatizam a posição de algum deus específico dos assírios têm sido erroneamente interpretadas como se refletissem idéias monoteístas. É possível que, em algum período histórico, o henoteísmo fosse favorecido por alguns assírios, mas o monoteísmo jamais veio à tona naquela sociedade. Os assírios ofereciam sacrifícios pela manhã e à tardinha, nos quais empregavam vinho, leite, mel e bolos. Os tabletes de argila descobertos em Nínive contêm a história da criação, a narrativa do dilúvio, a inquirição de Gilgamés pela vida eterna; a descida de Istar ao mundo dos mortos, em busca de seu marido, Tamuz, embora, contrariamente ao que alguns têm dito, jamais se encontrou qualquer texto escrito narrando a ressurreição de Tamuz. A história de Sargão de Agade, salvo por ocasião do nascimento, ao ser posto em um cesto e deixado a flutuar no rio Eufrates, é interessante. Istar o tirou da água (conforme fez a filha de Faraó com Moisés) e o criou para que fosse rei. Além disso, há a história de Etana, que fugiu para o céu montado em uma águia. Também há uma literatura de sabedoria, semelhante à que se acha no Antigo Testamento, além de hinos, provérbios, parábolas, conselhos, etc.

9. **Principais descobertas arqueológicas.** A Assíria originou-se de colonos da Babilônia. O trecho de Gênesis 10:11 e a arqueologia confirmam isso. Em 1820 receberam séria atenção os cômoros de Kuyunjik e Nebi Yunus, como possíveis locais da antiga cidade de Nínive. Foi desenterrado o palácio de Assurbanipal, em 1853-1854. Quatro palácios foram descobertos em Calá. Em Corsabade, em 1843, foi encontrado o palácio de Sargão. Muitas outras expedições têm sido efetuadas, e grande massa de material informativo veio à lume. Assurbanipal, o rei-sábio, criou uma biblioteca importando ou copiando textos tanto dos arquivos reais já existentes em Nínive, Assur e Calá quanto dos centros religiosos da Babilônia. Em 1852-1853, foram encontrados mais de vinte e seis mil



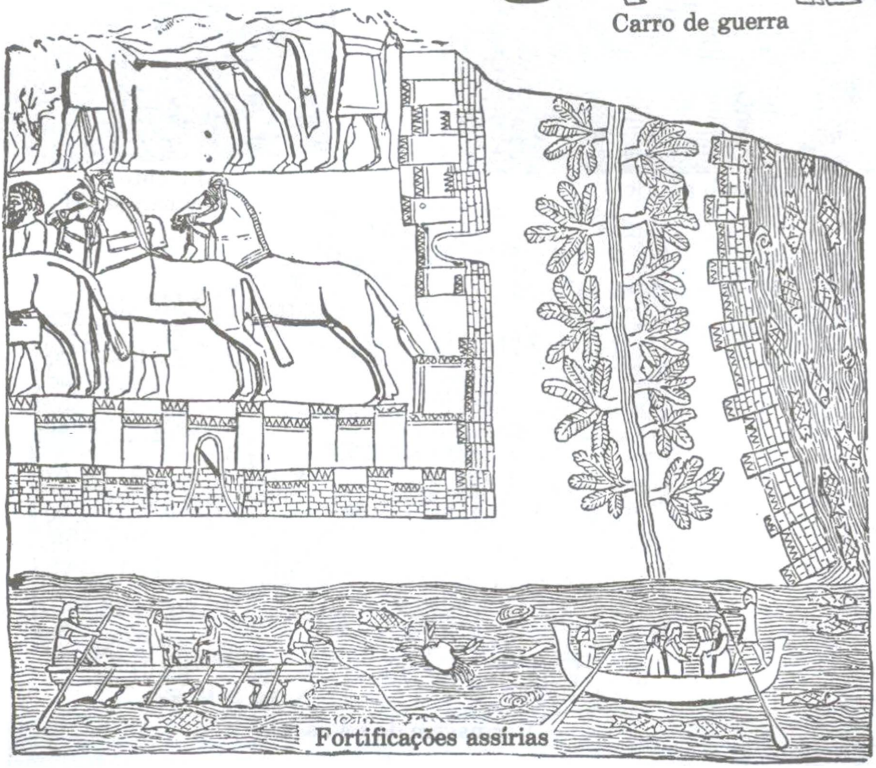
Nobre assírio



Guerreiro assírio



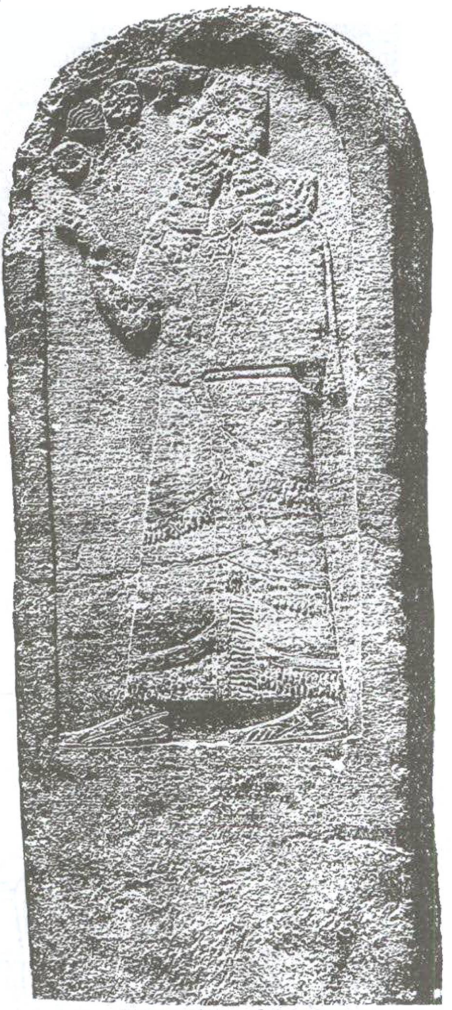
Carro de guerra



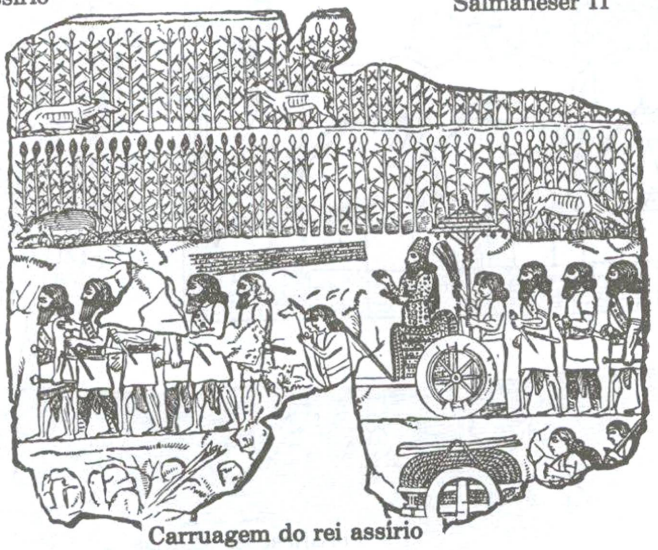
Fortificações assírias



Livro assírio



Monólito de
Salmaneser II



Carruagem do rei assírio

tabletes de argila fragmentados, no palácio de Assurbanipal e no templo de Nabu, nas proximidades. Esses tabletes representam cerca de dez mil textos diferentes. Esse achado forneceu grande riqueza de informações sobre a Assíria, estabelecendo a base para o estudo de seu idioma, além de proporcionar abundante informação sobre a Babilônia. Alguns desses textos contêm traduções sumerianas interlineares, o que também ajudou na compreensão desse idioma não-semita, e que era preservado como língua religiosa na Assíria, tal como o latim, durante séculos, serviu de veículo na Europa e em outras regiões do mundo. Tal material atualmente é guardado no Museu Britânico.

10. História. a. *Primórdios*. A cerâmica foi inventada no antigo Oriente no começo do sexto milênio A.C. Restos de cerâmica do período neolítico têm sido encontrados em Nínive e outros lugares da Assíria, pertencentes à primeira metade do quinto milênio A.C. Civilizações que existiram nos tempos antigos receberam modernamente nomes de acordo com os lugares onde essas descobertas arqueológicas têm sido feitas, como Hassunã, Samarrã, Halfiã e Obeidiã. Um constante avanço na técnica pode ser notado. Nisso há provas de que foram feitos empréstimos do sul (Babilônia). As descobertas arqueológicas feitas em Assur (Tell Khuweira) e em outros lugares, mostram que a Assíria participou da primeira cultura dinástica da Babilônia do tempo dos sumérios. Mediante evidências posteriores, ficamos sabendo que a Assíria fez parte do império de Sargão, de Acade e de seu sucessor (2300-2200 A.C.). A Assíria também esteve sujeita, em parte pelo menos, aos reis babilônios da terceira dinastia de Ur (cerca de 2050-1950 A.C.). Foi descoberta uma lista de reis em Corsabade, contendo trinta e dois nomes, dos quais os últimos dezessete são considerados históricos. Mas os próprios assírios do século VIII A.C. admitiam que eles tinham pouco conhecimento dos reis de tempos mais remotos. Há confirmações arqueológicas para vários daqueles dezessete monarcas. Os primeiros quinze da lista teriam habitado em tendas, e possuíam estranhos nomes, alguns dos quais sem dúvida são mitológicos. É curioso o fato de que o segundo desses monarcas tinha o nome de *Adão*, nome do progenitor da humanidade, segundo a tradição dos hebreus.

b. *Antigo Império Assírio*. Durante o reinado de Puzur-Assur I, em cerca de 1950 A.C., chegamos a um terreno histórico indiscutível. Ele e seus sucessores, pelo espaço de cerca de duzentos anos, representavam a antiga história da Assíria, quando o poder dessa nação propagava-se em todas as direções. Os assírios ocuparam-se então do comércio e do escambo. Ilusama dominou a Babilônia em cerca de 1900 A.C. Seus quatro sucessores imediatos organizaram um extenso comércio com a Ásia Menor, o que é ilustrado por milhares de tabletes econômicos descobertos em Cânis (atual Kultepe) e na Capadócia. O idioma deles era o assírio antigo, uma língua não-semita. Porém, entre 1950 e 1750 A.C., entraram semitas ocidentais seminômades naquela região, trazendo uma língua quase idêntica à do antigo hebraico dos patriarcas. Esses povos eram chamados *amurrium* (depois, Amurru), isto é, ocidentais, pelos babilônios e assírios. Essa palavra finalmente assumiu a forma de amorreus. Em cerca de 1748 A.C., um chefe amorreu (ver o artigo a respeito dos amorreus) tornou-se rei da Assíria, sob o nome de Samsi-Adade. Ele e seu filho, Isme-Dagã governaram por duas gerações, quando então toda a região do Mediterrâneo até o Elão (sudoeste do Irã) esteve sob o poder assírio. Foram descobertos vários milhares de cartas em Mari, juntamente com outros documentos, mostrando que o lugar estava sob o hegemonia assíria.

Seguiu-se um período de anarquia, após a morte de Isme-Dagã I, e os sete governantes seguintes foram apelidados «filhos de ninguém», na lista de Corsabade de trinta e dois reis, mencionados acima. Nesse tempo, povos que haviam sido dominados pelos assírios, sacudiram o jugo. Os babilônios tomaram Mari. Parece que entre cerca de 1700 e 1500 A.C., pode ter havido um estado vassalo, dominado pelos horeus e indo-arianos vindos do leste e do norte. Durante esse período, houve uma interrupção nas inscrições assírias.

c. *Médio Império Assírio*. Começam novamente a aparecer inscrições assírias com Assurnirari I, em cerca de 1500 A.C. Há evidências de tratados feitos com os cassitas (ou cosseanos) da Babilônia, o que demonstra que a Assíria havia reconquistado a sua independência. Por esse tempo, a Assíria esteve em guerra contra o reino indo-ariano de Mitani, que ficava para oeste; mas Nínive estava subjugada pelos mitanos, sendo possível que o país inteiro estivesse sob o domínio desses indo-arianos, durante uma parte do período. Todavia, o Egito derrotou as forças mitanianas, e isso fez a Assíria mostrar-se favorável para com o Egito, enviando-lhe muitos ricos presentes. Então os hititas aplicaram o golpe de misericórdia no poder de Mitani, o que permitiu a reconstituição do império assírio, levado a efeito por Eriba-Adade (1356-1321 A.C.). Seu filho, Assur-Ubalite expandiu o império, dominando a Babilônia e outras regiões. Dispomos de parte de sua correspondência com Amenotepe IV (Aquenatom), do Egito, nas cartas de Amarna. Durante os reinados de Arique-Den-Ili (1319 A.C.) e Adade-Nirari I (1307-1275 A.C.), territórios tão para oeste quanto Carquemis, perdidos desde os dias de Samis-Adade, foram recuperados. Salmaneser I (1274-1245 A.C.) fez ataques constantes contra as tribos das colinas orientais e contra os novos inimigos, Urartu e as forças hurrianas, a nordeste. Seu filho, Tuculti-Ninurta I (1244-1206 A.C.), deu muita atenção à Babilônia, da qual também era o rei, até ser assassinado por seu próprio filho, Assurnadinapli. Pouco depois disso, a Babilônia tornou-se independente novamente. Com Tiglate-Pileser I (cerca de 1114 a 1076 A.C.), a Assíria entrou no período do império. Ele expandiu o império assírio de maneira extraordinária; mas, nos próximos dois séculos, houve um outro período de declínio, até o governo de Assurnasirpal II (883-859 A.C.), o qual inventou uma nova forma de crueldade e barbaridade diante do que os adversários da Assíria não conseguiram resistir.

d. *Novo Império Assírio* (900 a 612 A.C.). Tuculti-Ninurta II (890-885 A.C.) combateu os opressores da Assíria. Seu filho, Assurnasirpal II (885-860 A.C.), mediante uma série de campanhas militares, subjugou muitos povos, como os que estavam no médio rio Eufrates, os do Líbano, os filisteus, os do N e das colinas orientais da Babilônia. No oeste, ele entrou em conflito com Israel. Seu filho, Salmaneser III (757-824 A.C.) herdou a máquina de combate e conduziu campanhas contra a Síria-Palestina, em uma das quais lutou contra Acabe, de Israel, em Carcar, sobre o rio Orontes, em 835 A.C.; e em outra campanha recebeu tributo de Jeú, filho de Onri, rei de Judá. Esse monarca assírio fazia alta opinião de si mesmo, dizendo que ele era «o poderoso rei, rei do universo, rei sem rival, o autocrata, o poderoso dos quatro reinos do mundo, que esmigalha os príncipes

do mundo inteiro, que despedaçou todos os seus adversários como potes de barro». Apesar de tanta jactância, ele morreu em meio a revoltas que seu filho, Samsi-Adade V (823-811 A.C.), teve de enfrentar. Adade-Nirari III (810-783 A.C.), deu prosseguimento à interminável guerra, com bom êxito. Mas Salmaneser IV (782-773 A.C.), Asurdan III (772-755 A.C.) e Assur-Nirari V (754-745 A.C.), não se mostraram muito bons nas matanças (ou seus adversários lhes eram superiores), o que explica o declínio do império assírio. Mas foi então que surgiu em cena o grande guerreiro e estadista, Tiglate-Pileser III, inspirado pelos feitos do grande matador em massa, Tiglate-Pileser I, do século XI A.C. Nessa inspiração sangüinária, ele reconquistou todos os territórios, incluindo a Babilônia, onde se tornou conhecido pelo nome de Pulo (na Bíblia, Pul — ver II Reis 15:19). Esse homem conquistou Israel e enviou para o cativeiro uma parte de sua população. Após a sua morte, Oséias, de Israel, revoltou-se contra a Assíria. Em face disso, Salmaneser V (726-722 A.C.) atacou Samaria, capital de Israel, o reino israelita do norte. Antes da queda de Israel consumar-se, Sarruquim II, também conhecido como Sargão II (721-705 A.C.) assumiu as rédeas do poder assírio. De fato, seu reinado foi inaugurado com a queda de Israel. O ano de 722 A.C. aparece como a data do cativeiro de Israel (ver o artigo a respeito). Sargão é mencionado no Antigo Testamento somente no trecho de Isaías 20:1. Mas as escavações feitas em seu esplêndido palácio, em Dur Sarruquim ou Corsabade, com muitas descobertas, fizeram dele um dos mais bem conhecidos reis assírios. Seu filho, Senaqueribe, sucedeu-o no trono, em 704 A.C., tendo governado a Assíria até o ano de 681 A.C. As crônicas da Babilônia informam que ele foi assassinado por seu próprio filho. Seu filho mais jovem, não envolvido no assassinato, teria perseguido seus irmãos rebeldes, presumivelmente comparsas no crime, até o sul da Armênia. Senaqueribe foi um construtor, e não apenas um guerreiro, tendo construído palácios, portões e templos em Nínive. Também construiu aquedutos e represas. Prisioneiros, entre os quais havia judeus, foram forçados a ajudar nessas obras.

O filho mais novo de Senaqueribe, ao qual acabamos de fazer menção, Esar-Hadom (680-669 A.C.), subiu ao poder e tornou-se um dos maiores conquistadores assírios de todos os tempos, distinção essa nada fácil, em meio a tão grande número de sangüinários matadores. A história da Assíria provê uma lista quase interminável de campanhas. Judá aparece entre aqueles que pagavam tributo a Esar-Hadom. A Assíria chegou a invadir o Egito, estabelecendo governadores assírios em Tebas e em Mênfis. Porém, uma vez morto Esar-Hadom, começaram as inevitáveis revoltas. O Egito libertou-se. Então coube a Assurbanipal (669-627 A.C.) recuperar o controle sobre o Egito. Esse homem também era um sábio e um humanista. (Ver o artigo sobre ele, que ilustra esse fato). As conquistas territoriais foram subseqüentemente perdidas, e o poder assírio começou a declinar radicalmente. Nabopolassar, o caldeu, expulsou os assírios da Babilônia, em 625 A.C. Os babilônios aliaram-se aos medos e capturaram a cidade de Assur, em 614 A.C., e então, em julho e agosto de 612 A.C., conforme havia sido profetizado por Naum e Sofonias, Nínive caiu. As suas muralhas foram feitas em pedaços por enchentes (Naum 1:8; Xenofonte, *Anabasis* iii. 4). Durante dois anos, Assur-Ubalite manteve-se em Harrã, mas nenhuma ajuda chegou da parte do Egito. O Faraó Neco marchou tarde demais, e assim a cidade foi conquistada pelos babilônios. Esse foi o fim de Assíria e o começo do Novo Império Babilônico, tendo início um novo período histórico. É admirável que uma potência importante e de tão longa duração pudesse ter sido conquistada com tanta rapidez. Mas assim o determina o destino humano, escapando dessa insegurança somente a estabilidade das realidades espirituais. (AM GA OLMS POE PRI UN Z)

ASSOBIAR

Som produzido pelo sopro forte e forçado entre a língua e os dentes. Esse som constitui um gesto comum nos países do Oriente Próximo, denotando derrisão, ou então, surpresa. (Ver I Reis 9:8; Jer. 19:8). Assobiar é igualmente um método para atrair a atenção de alguém (ver Isa. 5:26). No caso de assobios diante de lugares que sofreram destruição ou julgamento, ou qualquer destino adverso, talvez esse som tivesse o intuito de afastar o mal que, segundo se pensava, apegava-se ao local. Porém, a idéia central era a de zombar do lugar que merecera o castigo, em face da iniqüidade ali reinante. (Z)

ASSOCIAÇÃO DE IDÉIAS

Hume, querendo refutar certas «ficções» filosóficas, supôs que a mente tem a tendência de associar idéias correspondentes aos tipos de eventos que sempre foram observados em rápida sucessão. Em conseqüência, sempre que uma idéia do primeiro tipo de eventos se apresenta na mente, evoca a idéia e a expectação de um evento do segundo tipo. E esses dois eventos aparentemente se relacionam entre si como *causa* e *efeito*. Por esse motivo, chegamos a acreditar haver uma conexão necessária entre os dois eventos; mas, na realidade, não há qualquer fenômeno observável, e portanto, nenhuma idéia genuína de conexão necessária.

O *fenomenalismo* de J.S. Mill (ver o artigo a respeito), uma lei da *inferência* que explica a crença de alguém na existência de objetos materiais, está envolvido no conceito. Mediante a experiência, a pessoa aprende que certas sensações ocorrem juntamente com a percepção de certos objetos. O indivíduo forma um conceito de um objeto qualquer em termos de um possível grupo de sensações, associado à sua percepção.

Hobbes usava os princípios associativos a fim de explicar as operações mentais, distinguindo entre associações fortuitas e associações controladas. Locke também supunha que algumas das conexões são naturais, ao passo que outras resultaram do acaso ou do hábito. (E P)

ASSOCIAÇÃO GERAL DAS IGREJAS BATISTAS REGULARES

Um grupo de igrejas batistas, originadas no norte dos E.U.A., unidas a fim de protestarem contra as tendências liberais dentro da denominação batista, e a fim de procurar o retorno aos ideais originais, às normas e às práticas dos batistas. Tinha por intuito ser uma associação, e não uma denominação ou convenção. Suas igrejas não fazem parte de uma denominação desse nome, visto que uma igreja batista não pode ser membro de qualquer coisa fora de si mesma. Essa associação é fortemente fundamentalista em seu caráter, e muito zelosa quanto a programas missionários. Conta com um bom número de igrejas, e algumas escolas teológicas no Brasil.

ASSOCIACIONISMO

Teoria psicológica defendida por alguns filósofos, que pensam que as associações de idéias são o princípio fundamental da vida mental do homem. Foi sistematizada pela primeira vez no *Tratado* de Hume, na esperança de que vários tipos de associação entre os átomos da consciência seriam para o mundo mental o que a mecânica clássica foi para os pedaços de matéria «dura, maciça e impenetrável». A tradição prosseguiu através de Hartley, James Mill, J.S. Mill e Herbert Spencer. Usualmente a teoria tem aparecido em combinação com o *sensacionismo* (ver o artigo). Atualmente, muitos físicos estão abandonando a teoria atômica simplista, até mesmo como base para o mundo material, quanto mais no caso do mundo mental. (F)

ASSOPRO

Esse termo é aplicado a violentos temporais da natureza, envolvendo apenas algum vendaval, ou fortes ventos com diferentes tipos de tempestade. 1. O *iroso resfolgar* do Senhor é um julgamento severo (ver II Sam. 22:16; Jó 4:9; Sal. 18:15). 2. Os homens também podem assoprar contra outros, embora Deus possa frustrar tais ataques (ver Is. 25:4). 3. Deus também pode infundir um espírito em alguém, isto é, dar um forte impulso para que esse alguém faça algo (ver II Reis 19:7 e Isa. 37:7). 4. Uma diferente palavra hebraica, que pode ser traduzida por «assopro», refere-se ao som dado pelas trombetas (ver Jos. 6:5). (Z)

ASSÔS

Uma cidade de porto marítimo da Mísia, na praia norte do golfo de Adramítio, cerca de 48 km de Tróade, seguindo pelo mar, diante de Lesbos. Paulo chegou ali caminhando a pé tendo partido de Tróade, a fim de encontrar-se com amigos seus, e apanhar uma embarcação para Mitilene (ver Atos 20:13,14). Era um ponto fortificado estratégico, que controlava a estrada costeira. Os companheiros de Paulo seguiram pelo mar, rodeando o cabo Lecto. Estrabão informa-nos que era uma cidade fortificada. Suas defesas e seus edifícios públicos ficavam em uma íngreme colina, que se erguia a 215 m de altura, formando um esquema arquitetural unificado e ligado a um porto artificial, por meio de uma longa escadaria. A arqueologia tem descoberto grandes quantidades de finas esculturas e outros objetos. No século IV A.C., esse porto era a sede de uma escola de filósofos platônicos, incluindo Aristóteles. O estoico Cleantes nasceu ali. Tornou-se parte dos domínios dos reis de Pérgamo, e, posteriormente, foi um porto da província romana da Ásia. Modernamente chama-se Rahram Koi. O antigo porto foi entulhado, formando jardins; mas um porto moderno foi construído ao lado do mesmo, protegido por um molhe artificial. (ID ND S Z)

ASSUERO

No hebraico, **homem poderoso** ou **olho poderoso**, equivalente ao vocábulo persa *khshayarsha*. A forma grega é Xerxes. O papiro aramaico elefantino exibe as consoantes *ksyrs* em lugar desse nome, quase igual à forma grega; e a versão babilônica de Xerxes, na inscrição de Behistun, é bem parecida com a forma hebraica. Foi o *título* de quatro monarcas medos e persas da Bíblia.

1. *O pai de Dario*. Ele é incidentalmente mencionado em Dan. 9:1 como o pai de Dario, o medo. É idêntico ao Astíages da história profana, embora alguns considerem incerta essa identificação. Há quem prefira Ciaxares como a pessoa em questão.

2. *O sucessor de Dario I*. É mencionado em Esd. 4:6. Xerxes I (no persa, *Khshayarsha*). Dario I (Histapes) foi o grande rei da Pérsia (cerca de 486-465 A.C.). A identificação de Assuero com Xerxes pressupõe que os vss. 6-23 do quarto capítulo de Esdras são um tanto parentéticos, provendo outra informação sobre o tópico da oposição, em um período posterior. As ruínas de Persépolis ilustram o seu reinado. Ali foi encontrada uma inscrição que alista as várias nações que ele sujeitou. Segundo o livro de Ester, ele divorciou-se de Vasti e casou-se com Ester. Isso a deixou em posição de salvar a muitos judeus de um massacre que fora planejado por Hamã. Mordecai, primo mais velho de Ester, foi uma peça fundamental na questão. Quando da morte de Hamã, Mordecai assumiu a posição governamental que antes fora do morto, tornando-se um dos ministros do monarca. Xerxes é relembrado na história secular como o monarca persa que foi derrotado em Salamis, Platea e Micale pelos gregos, em 480 - 479 A.C. Foi assassinado em sua câmara de dormir, no ano de 465 A.C.

3. Há um Assuero em Dan. 9:1, pai de *Dario, o medo* (ver o artigo), cuja identificação é incerta. Tem sido identificado com Gubaru (Gogrias), vice-rei da província da Babilônia no tempo de Ciro. Nesse caso, seu pai pode ter sido Ciaxares. Outros identificam-no com o Astíages da história profana, ou com o próprio Ciaxares.

4. O trecho de Tobias 14:15 ainda fala sobre um outro Assuero, mencionado em conexão com a destruição de Nínive, identificado por alguns com Ciaxares, conforme é mencionado por Herod. 1:106. (S UN Z)

ASSUNÇÃO DA BENDITA VIRGEM MARIA

A 1º de novembro de 1950, o papa Pio XII, na bula *Munificentissimus Deus*, decretou que «A imaculada mãe de Deus, a Maria sempre virgem, ao terminar o curso de sua vida terrena, foi arrebatada, de corpo e alma, para a glória dos céus». Essa declaração oficializou dogmaticamente uma crença que se tornara generalizada na cristandade oriental e ocidental desde o século VI D.C. Embora encontrada aqui e ali no cristianismo anterior a essa data, não aparece explicitamente nos primeiros escritos cristãos. E nas lendas que dão autoridade literária a tal noção não se vê qualquer autoridade, histórica ou doutrinária. A celebração litúrgica da *Assunção*, ou Morte da Virgem, apareceu pela primeira vez na Palestina, no século V D.C., tendo sido introduzida no Oriente pouco antes do ano 700 D.C. No Oriente, essa festividade é chamada de *Cair no Sono* (*koimesis, uspenie*), observada a 15 de agosto.

A definição oficial dessa doutrina não alude à questão disputada se Maria morreu ou não antes de sua assunção. Escritores recentes afirmam que o sentido dessa doutrina é que Maria acha-se onde todos os cristãos estarão após a ressurreição geral. Mas isso dificilmente pode satisfazer o intuito do decreto papal.

Os protestantes, que aceitam a regra das «Escrituras somente», ressaltam a inexistência de tal doutrina no Novo Testamento, nem mesmo como mero indício. Os católicos contra-atacam dizendo que a doutrina que afirma que só as Escrituras servem de

regra de fé e prática é também um dogma, visto que a própria Bíblia não faz qualquer restrição quanto a possíveis origens da verdade revelada.

Tal doutrina provavelmente começou em face do raciocínio de que o Senhor não permitiria que o corpo sagrado, no qual Ele mesmo foi gerado, viesse a tornar-se presa da corrupção. Contra isso é alegado que tal idéia dá excessiva importância ao corpo físico, sendo o espírito o ser real e essencial, enquanto que o corpo é apenas um veículo mortal.

Fora do «raciocínio» que provavelmente lhe deu origem, a doutrina aparece pela primeira vez em escritos apócrifos do século IV D.C., como: *A morte de Maria, Livro da Morte da Bendita Virgem e Exéquias de Maria*, obras condenadas como espúrias em decretos atribuídos ao papa Gelásio, no fim do século V D.C. Gregório de Tours (falecido em 594), entretanto, aceitava-as como genuínas, e André de Creta (falecido em 740) supôs que uma passagem em *Dionísio, o Areopagita*, dá a entender que ele foi testemunha do acontecimento. No entanto, esse documento só foi escrito no século VI, e nada teve a ver com Dionísio. Portanto, essa doutrina repousa sobre a fé na autoridade papal, para interpretar e afirmar verdades extrabíblicas, uma noção negada pelos protestantes mas aceita pelos católicos. (B BO C E)

ASSUNÇÃO DE MOISÉS

Trata-se de uma obra judaica composta, que data do começo do século I D.C., e que provavelmente teve um original hebraico. Contém um discurso que supostamente Moisés fez a Josué, contendo relatos da morte do legislador e sua ascensão ao céu.

1. *Os manuscritos*. Só existe um manuscrito, um palimpsesto escrito em latim, do século V D.C. Foi descoberto na biblioteca Ambrosiana por A. M. Ceriani e publicado por ele em 1861. Parte do texto é indecifrável, e grande parte está corrompido. Há evidências de que o texto em latim foi tradução do grego, e este, por sua vez, fora traduzido do hebraico. Há expressões idiomáticas hebraicas que sobreviveram até mesmo nessa tradução latina da tradução grega.

2. *Unidade*. As listas dos livros apócrifos apresentam o Testamento de Moisés seguido pela Assunção de Moisés. Citações de antigos escritores certamente indicam que originalmente eram duas obras distintas, mas que, com o tempo, passaram a ser editadas juntamente. O *Testamento* é representado por manuscritos latinos, e a *Assunção* é representada em citações dos pais da Igreja. A obra composta atualmente é chamada de *Assunção*.

3. *Autor*. Nenhum indivíduo particular pode ser nomeado como autor, mas a obra revela um tanto da personalidade do mesmo. Parece que ele era fariseu. Fala com severidade contra os saduceus e aguarda o reino teocrático sobre a terra. Não era um zelote, porquanto fez silêncio sobre o movimento dos Macabeus. O fato de que ele demonstra interesse pelo futuro do templo e seus holocaustos mostra que ele não era um essênio, os quais se tinham separado da corrente central do judaísmo. O autor exalta o ideal das antigas tradições, a par de uma atitude de resignação, entregando a sua causa aos cuidados de Deus.

4. *Data*. Em Assunção 6:6 tem-se a impressão que Herodes já havia falecido, e em 6:7 o autor antecipa que seus filhos, Filipe e Antipas, haveriam de reinar por curtos períodos. Mas, na realidade, eles reinaram por longo tempo. Isso mostra que a obra deve ter sido escrita antes de 30 D.C. Arquelau foi o único filho que reinou por menos tempo que seu pai. Visto que ele foi deposto em 6 D.C., é provável que o livro tenha sido escrito antes desse acontecimento, visto que não reflete ter conhecimento do evento.

5. *Conteúdo*. Os manuscritos latinos têm doze capítulos que devem ser divididos de acordo com o assunto tratado, como segue: a. Moisés nomeia Josué, que haveria de liderar o povo de Israel até à Terra Prometida, onde eles cairiam na idolatria (caps. 1 e 2). b. Um rei do Oriente haveria de destruir Jerusalém e impor um cativeiro de setenta anos, do qual poucos judeus retornariam (caps. 3 e 4). c. Maus sacerdotes e reis surgiriam, culminando no reinado de um tirano por trinta e quatro anos (caps. 5 e 6). Herodes é esse tirano. d. Seguir-se-ia um período agitado, envolvendo impiedade, perseguições, etc., durante o qual um herói, Taxo, preferiria a morte a ver a corrupção da lei. Finalmente, Deus faria uma intervenção, fazendo sobrevir o julgamento, e os justos seriam recompensados, com a conseqüente restauração e bênção de Israel, de maneira singular (caps. 7-12).

6. *Teologia*. O autor não demonstra qualquer afinidade com o legalismo rabínico, mas baseava-se solidamente nos ideais do Antigo Testamento, exibindo o conceito de responsabilidade moral alicerçada sobre o pacto com Deus. Não há qualquer esperança messiânica no livro. Talvez o autor rejeitasse a idéia de um Messias político e guerreiro, pelo que simplesmente não incluiu tal conceito em sua obra. O reino pelo qual ele esperava seria inaugurado mediante o arrependimento e a intervenção divina. Moisés era o homem especialmente enviado por Deus, enquanto esteve na terra; mas, mesmo tendo morrido, continuava sua obra, no mundo espiritual.

7. *Influência sobre o Novo Testamento*. Com base em citações feitas por Gelásio de Cízico (século V D.C.), e outras citações patrísticas, torna-se claro que a obra original aludia à crônica sobre a disputa entre Miguel e Satanás, acerca do corpo de Moisés, o que é aludido em Judas 9. Judas também reflete algo do Testamento de Moisés 7:7,9 e 5:5. Alguns estudiosos têm rejeitado a canonicidade de Judas, porquanto ali é utilizado esse material pseudepígrafo. (Ver a discussão sobre esse particular, no NTI, em Judas 9). Orígenes (*Quanto aos Primeiros Princípios* III.2,1) afirma especificamente que Judas empregou a Assunção nesse ponto de seu livro. Também parece haver uma alusão à Assunção no trecho de II Pedro 2:13 (Assunção de Moisés 7:5,8), e também em Atos 7:36 (Assunção de Moisés 3:11). (CH HA J Z)

ASSUR

No hebraico significa **degrau** ou **planície plana**, embora o sentido seja incerto. Consideremos estes pontos:

1. O segundo dos filhos de Sem, na ordem de sua nomeação (ver Gên. 10:22 e I Crô. 1:17), cerca de 2300 A.C. Seus descendentes ocuparam a região que veio a chamar-se Assíria. Os termos variam: Ele e seus descendentes são chamados Assur em Gên. 10:11 e Núm. 24:22-24, entre outras passagens. Assíria, em Esd. 4:2 e Sal. 83:8. Assírios, em Isa. 19:23. Assur é considerado fundador da nação assíria. O deus nacional era Assur, cujo nome ocorre em muitos nomes próprios como um elemento dos mesmos, como Assurbanipal, Esar-Hadom, etc. Provavelmente esse também era o nome da capital dessa nação.

2. A cidade de Assur, às margens do rio Tigre,



Assurnasirpal II de Nimrode, Assíria
Cortesia, British Museum



Reprodução Artística de
Darrell Steven Champlin

Arte céltica, a luta do homem contra a
serpente, evangelho de Mateus, Livro de Kells

modernamente Gala'at Sherqat, a 90 km ao sul de Mosul/Nínive. O nome tem origem acadiana, e significa *margem da água*. Por muito tempo foi a capital do distrito que tomou o nome de Assíria, até que foi substituída por Nínive. O local foi explorado por H. Rassam, em 1853, e por outros, posteriormente, em escavações que revelaram vários níveis de civilização. Primeiramente foi desenterrado o arcaico templo de Istar, do período de Sargão (2350 A.C. e depois); então a época dos medos e babilônios (614 A.C.). Nessa época, a cidade tinha importância como centro político e religioso. Um antigo santuário, um zigurate com torres gêmeas, dedicadas a Anu e Adade, era continuamente renovado. Então Samsi-Adade I edificou um templo em honra ao deus Enlil, no mesmo local. Uma biblioteca de documentos assírios do período médio, que incluíam os textos religiosos e legais de Tiglate-Pileser I (1100 A.C.), foi descoberta, prestando-nos valiosas informações sobre esse período da história. Os sepulcros dos reis do novo império assírio e a casa das festas de Ano Novo, construída para os rituais anuais fora das muralhas da cidade principal, também foram encontrados. (ID S Z)

ASSURBANIPAL

Em assírio significa **Assur criou um herdeiro**. Foi rei da Assíria, coroado príncipe em maio de 672 A.C., por seu pai, Esar-Hadom, tendo-se tornado rei por direito próprio em 669 A.C. Também era chamado Asnaper ou Osnaper. Era neto de Senaqueribe (705-681 A.C.). Foi um famoso sábio e protetor da literatura e das artes. Tinha uma imensa biblioteca em Nínive, com muitos milhares de tabletes em escrita cuneiforme, dos quais a arqueologia encontrou vinte e dois mil. Essa grande quantidade de tabletes nos tem fornecido muita informação sobre a civilização da época, sobre a Assíria e os povos vizinhos. Também falam sobre antigas versões babilônicas da criação e do dilúvio. Portanto, dessas e de outras maneiras, esses tabletes têm projetado luz sobre temas bíblicos. Assurbanipal reinou durante boa parte do longo e ímpio reinado de Manassés, em Judá (687-642 A.C.). O trecho de II Crô. 33 relata como Manassés foi deportado para a Babilônia, pelos assírios. Isso pode ter sido decretado por Assurbanipal. A autenticidade da narrativa se demonstra pelo fato de que os reis assírios daquele período passavam uma parte de seu tempo na Babilônia.

Guerras. Os reis assírios estiveram todos envolvidos em guerras e matanças; e Assurbanipal não foi exceção à regra, apesar de seus outros interesses pacíficos, conforme dissemos acima. Logo no início de seu reinado, ele guerreou contra o Egito, tendo capturado Tebas, em 663 A.C., e tendo feito ataques contra os sírios, fenícios e árabes, a fim de manter intacto o seu domínio. Provavelmente foi ele o rei que libertou Manassés do exílio. E ele ou seu pai (ou mesmo ambos) estiveram envolvidos na deportação de Judá para a Babilônia (ver II Crô. 33:13). Em 641 A.C., ele saqueou Susa, capital do Elão (ver sobre *Susã*). Portanto, acredita-se que seja ele «o grande e afamado Asnapar», o qual, de acordo com a Bíblia, trouxe para Samaria imigrantes de Susa e de Elão (ver Esd. 4:9,10). A partir de 652 A.C., Assurbanipal entrou em guerra com seu irmão gêmeo Samas-Sumukin, da Babilônia, o que fez debilitar-se o domínio assírio sobre a Palestina. Seus últimos anos de vida são obscuros. Morreu em cerca de 631 A.C.

••• ••• •••

ASSURIM

Uma tribo árabe, que deve ser distinguida dos assuritas ou aseritas (ver o artigo acerca destes últimos), que descendiam de Abraão e Quetura, juntamente com os letusim e leumim, através de Dedã (ver Gên. 25:3). Não têm qualquer ligação com os assírios, apesar da similaridade de nomes.

ASSURITAS

Não há qualquer relação com **Assur** (Assíria), e nem com os árabes *assurins*, e nem mesmo com os gesuritas. Provavelmente a referência é à tribo de Aser, sobre a qual Isbosete, filho de Saul, reinou durante seu breve reinado. Ficava na parte norte da Terra Prometida, encravada entre o mar Mediterrâneo e os territórios das tribos de Issacar, Zebulom e Naftali. (Ver II Sam. 2:9,10).

ASSURNASIRPAL II

No acadiano, **Assur guardou o herdeiro**. Foi filho de Tukulti-Ninurta I e pai de Salmaneser II. Se é possível ser o mais cruel de todos, entre incríveis matanças, torturas e barbaridades, conforme vemos nos registros dos povos antigos, relatados na Bíblia, então Assurnasirpal II foi o pior. Era um conquistador violento que espalhou o terror do império assírio por todo o sudoeste da Ásia, tornando-se uma potência temida por todos. Suas datas são 883-857 A.C. Era notório por sua barbaridade, e o seu registro histórico pouco mais é do que as jactâncias de todas as incríveis desumanidades por ele praticadas. A edição final de sua conduta destruidora ficou inscrita no pavimento da entrada do templo de Ninurta, em Calá (ver Gên. 10:11), que atualmente se chama cômoro de Ninrode. As escavações tiveram início em 1845, por A.H. Layard, o qual descobriu quase imediatamente o palácio desse rei e um templo próximo, onde foi descoberta uma estátua dele, metade do tamanho normal de uma pessoa. Uma inscrição nessa estátua afirmava que esse rei conquistara a região inteira desde o rio Tigre até o Grande Mar (Mediterrâneo). Além de ser um terror militar, ele esteve ocupado nas construções de grandes muralhas, templos e um palácio em Calá (ver Gên. 10,11). Esse palácio era intensamente decorado com baixos-relevos e pinturas de batalhas e caçadas. Uma estela relata a fundação da cidade, em 879 A.C., quando mais de sessenta e cinco mil pessoas se banquetearam por dez dias de celebração. A maioria dessa gente compunha-se de cativos de guerra, que foram usados para formar o núcleo da população. Tinha cerca do tamanho da antiga cidade de Nínive, conforme calculado em Jonas 4:11. (ID UN)

ASTAROTE, ASTARTE

Essa palavra é usada como um título, usualmente com o sentido de *minha senhora* ou *minha deusa*. Um possível plural do nome aparece nos textos de Ugarite. O nome aparece em uma inscrição de Rodes e em um tablete do norte da África.

1. Uma deusa-mãe, consorte de Baal. Os dois usualmente eram adorados formando um par, conforme mostram as escavações em vilas cananéias. (Ver Juí. 2:13 e 10:6). No tempo dos Juízes, essa combinação tornou-se uma praga para Israel, produzindo idolatria e apostasia (ver I Sam. 7:4 e 12:1), sendo essa uma das razões pelas quais Israel foi derrotado em certas ocasiões, em suas campanhas militares. O texto acadiano menciona várias *Istars*,

que provavelmente eram vários cultos em diferentes lugares. Tratava-se de uma deusa da fertilidade, humana, animal e das colheitas. Esse culto tinha seus aspectos obscenos, contrários à lei judaica. Na Mesopotâmia, Istar era identificada com a deusa-mãe dos sumérios, Inana. Esse nome aparece sob a forma *ttrt*, nos textos de Ugarite, e como *strt*, nas inscrições fenícias. Muitas figurinhas nuas de argila têm sido descobertas, pertencentes a esse culto. Seu culto prosseguiu até bem dentro da era cristã, e provavelmente só foi eliminado pela propagação do islamismo no Oriente Próximo, no início da Idade Média.

2. A forma plural do nome, Astarote (cuja forma singular é Astorete), também se refere a vários lugares no Antigo Testamento. Uma cidade com esse nome estava localizada ao norte da Transjordânia, perto da antiga Edrei, e ao norte da vila de Jair. Essa era a pátria de Ogue, rei de Basã (ver Deu. 1:4; 3:10 e Jos. 12:4). As cartas de Amarna mencionam o lugar em associação ao roubo de cavalos. Ali aparece com o nome de Astarte. Também é mencionado na inscrição da Pedra Moabita. O lugar é retratado em baixo-relevo em uma estela de Tiglate-Pileser III, encontrada em Ninrode. A meia-tribo de Manassés recebeu a área quando da divisão da Terra Prometida. Após o cativeiro assírio, o lugar passou a ser conhecido como Carnaim. Esse nome também aparece em Gênesis 14:5. Tornou-se capital da quinta satrapia persa. A cidade teve uma longa história como um centro de adoração pagã, e foi destruída pelos Macabeus, nos tempos de Judas Macabeu, em 165 A.C. (ver I Macabeus 5:44). O local tem sido identificado com o moderno Tell Ashtarah, a 32 km a leste do mar da Galiléia.

3. Essa palavra é usada em conexão com a produtividade de ovelhas (ver Gên. 31:38; 32:14 e Sal. 78:71), pelo que alguns estudiosos supõem que essa deusa era representada por uma ovelha. Porém, visto não haver provas para essa conjectura, outros têm pensado que o termo era simplesmente usado para indicar ovelhas, como uma espécie de segundo nome, da mesma forma que *El*, o deus supremo, é retratado como um touro entre as vacas, pelo que podia ser chamado de touro, ou um touro podia ser chamado de El. (AH ALB)

ASTARTE

Forma grega, do hebraico **Astorete**. Ver sobre *Astarote*.

No grego é *Astarte*, de onde se origina o termo em português. Em inglês é Ashtoreth, que deve ser distorção da forma grega, segundo a analogia de *Bosheth*, «vergonha». Era a deusa suprema cananéia, contraparte de Baal, e conhecida entre os babilônios como Istar (ver o artigo), e no sul da Arábia como Athtar (uma forma masculina). Virgem perene, ela era também a mãe frutífera e criadora da vida. Os filisteus (ver o artigo sobre eles) parecem haver ressaltado o caráter belicoso de Astarte (ver I Sam 31:10). As numerosas Astarotes representam várias formas sob as quais ela era adorada em diferentes lugares (Juí. 10:6; I Reis 11:33; 23:13). O nome dela foi dado à capital de Ogue, rei de Basã (Deu. 1:4). (DE E FA VT Z)

••• ••• •••

ASTERATITA

Um nativo de Astarote (ver I Crô. 11:44).

ASTEROTE=CARNAIM

No hebraico significa *Asterote dos dois chifres*, ou então *Asterote perto de Carnaim* (dois chifres). Ver Gên: 14:5. Era uma cidade habitada pelos gigantes refains. Ficava cerca de 37 km a leste do mar da Galiléia. A palavra «Carnaim» não aparece nas referências bíblicas como uma referência separada, embora figure como tal em I Macabeus 5:26, onde é descrita como uma cidade grande e fortificada. Fortificada como era, a cidade era quase inexpugnável, porquanto os vales que a cercavam eram por demais estreitos. Na época de Abraão, Asterote começou a ser ultrapassada em importância por Carnaim; e, na época dos arameus e assírios, Carnaim havia substituído Asterote como capital regional. (BAL Z)

ASTÍAGES

Foi o último rei do império medo (586-550 A.C.). Era filho de Ciaxares I. (Ver Heródoto, *Hist.* I.74). Esse autor diz que quando o pai de Astíages derrotou as forças lídias, ele fez um acordo com o rei Aliates de que o filho dele (Astíages) se casaria com a filha de Aliates, a princesa Ariene. Desse casamento nasceu uma filha, que recebeu o nome de Mandane. Com o tempo, esta casou-se com Caibises, um nobre persa de segunda categoria. Porém, Astíages temia que dessa união nascesse um filho, o que, de acordo com um sonho que ele teve, envolveria más notícias para ele. Assim, quando nasceu seu neto, chamado Ciro, Astíages resolveu tirar-lhe a vida. O infante foi deixado ao relento para morrer à míngua, mas escapou da morte. Quem o abandonou à própria sorte foi Hárpago, mordomo do rei. Mais tarde, tornou-se inimigo do rei, porque este matara um filho seu, esquartejando-o e servindo-o de comida aos animais. Entrementes, Ciro cresceu e tornou-se pastor. Quando tinha idade suficiente, Hárpago fez uma considerável porção do exército medo prestar lealdade a Ciro. Então ele derrubou seu avô, capturando a capital da Média, Ecbátana, em 550 A.C., assim cumprindo o sonho de Astíages. E então Ciro tornou-se «rei de toda a Ásia». (Ver Heródoto, *Hist.* I.117-130). (Z)

ASTIKA

Termo sânscrito que significa «ortodoxo». É usado para aludir aos sistemas baseados nos Vedas (ver o artigo), em contraste com os sistemas não-ortodoxos (*nastika*), que não têm essa base. (P)

ASTIKAYA

Palavra sânscrita que significa **físico**, usada no *jainismo* (ver o artigo a respeito), dentro da expressão *astikaya dravya*, que significa «substância física» (aplicada à matéria, ao movimento, ao repouso e ao espaço). (P)

ASTORETE

Ver **Astarote**. Astorete é a forma singular, e Astarote é a forma plural da mesma palavra.

ASTROLOGIA

Ver sobre **Adivinhação** (5).

A astrologia ocidental pode ser atribuída às teorias e práticas dos caldeus e babilônios de 2000 A.C. em diante. Em seus primórdios, a astrologia era uma

tentativa para se fazer uma aplicação prática das observações e cálculos astronômicos às atividades humanas. A astrologia esteve inseparavelmente ligada à astronomia até o tempo de Kepler. De fato, a astrologia foi a mãe da astronomia, tal como a alquimia é a mãe da química. Conceitos astrológicos (astronômicos) estão alicerçados em observações da regularidade ou periodicidade dos movimentos do sol, da lua, das estrelas e dos planetas. Os povos agrícolas associavam tais movimentos às estações, aos períodos de chuva, aos ciclos de desenvolvimento das plantas. Os caldeus e babilônios, ajudados por conceitos matemáticos mais complexos do que aqueles de que os egípcios dispunham, desenvolveram uma atividade astronômica mais refinada, completa com calendários. Isso proveu a base para o avanço da astrologia e da astronomia. Os gregos e os árabes refinaram ainda mais os seus métodos. O zodíaco reflete os conceitos astrológicos posteriores dos caldeus, os quais passaram a ser representados mitologicamente por animais. Um conjunto diferente de animais caracteriza a astrologia chinesa, que se tornou a base das idéias astrológicas no Japão, na Coréia e no suleste da Ásia. O horóscopo é um diagrama dos corpos celestes, mostrando as posições relativas do sol, da lua das estrelas e dos planetas em um dado momento. A fim de fazer um horóscopo, o astrólogo deve saber o momento exato do nascimento de uma pessoa. Eles acreditam que cada um dos doze signos do zodíaco está associado a grupos básicos de caracteres e inclinações temperamentais e psicológicas. Através do momento do nascimento de uma pessoa, tais peculiaridades poderiam ser previstas, como principais tendências de sua vida. O quadro profético geral sobre o futuro do mundo, dado pelos astrólogos, é bastante similar ao da Bíblia ou dos modernos místicos, quando se fala apenas sobre os eventos principais, sem entrar em pormenores. A mesma coisa parece aplicar-se às vidas dos indivíduos. Porém, essas predições falham lamentavelmente quando se tenta entrar em detalhes, sem importar se são vidas de indivíduos, história de nações ou de raças humanas em geral.

O fato de que os *magos* foram capazes de detectar o nascimento do Rei de Israel, com base em observações astrológicas (ver Mat. 2:1-10), mostra que, pelo menos algumas vezes, essas operações matemáticas devem ser válidas. Não há qualquer indício, na narrativa bíblica, de que aqueles homens foram divinamente orientados em seus cálculos. Tão somente eles acompanharam a *estrela*, evidentemente uma incomum combinação de planetas. Ver sobre isso no artigo intitulado *Astronomia*.

Minha avaliação. Embora superficiais, minhas observações podem ter algum valor. Se o Antigo Testamento condena a necromancia, somente degrada a astrologia. A narrativa de Mateus 2:1-10 era regularmente interpretada pelos pais da Igreja com o sentido de que a antiga sabedoria inclina-se diante da Sabedoria de Deus, em Cristo. Examinando-se o que realmente sucede nas predições astrológicas, podemos dizer o seguinte: a. Há ali verdade suficiente para que se estabeleça um esboço geral, sem detalhes, acerca dos eventos mundiais e individuais, embora o sistema fracasse se quisermos entrar em pormenores. b. Astrólogos individuais, à parte da massa geral, algumas vezes mostram-se bastante exatos em suas previsões, mesmo quanto a minúcias. Isso pode dever-se ao fato de que eles são psíquicos e usam as informações astrológicas como ponto de concentração, tal como outros usam bolas de cristal, cartas de baralho, etc. Se isso é verdade, então suas predições são quase inteiramente psíquicas, embora o crédito seja dado à astrologia. c. À parte dessas pessoas psiquicamente dotadas, a astrologia não é suficientemente exata para ser atribuída ao diabo, conforme fazem alguns religiosos, e até mesmo evangélicos. d. Nos casos especiais, de astrólogos realmente exatos, podemos ter simples poder psíquico humano, capaz de toda espécie de *prodígio*, pois o homem, afinal de contas, é um ser espiritual dotado de poderes psíquicos naturais, incluindo o conhecimento prévio. Ou, em outros casos, esses poderes podem proceder de entidades espirituais separadas, demoníacas ou não-demoníacas. Cada caso em particular deve ser examinado em seus próprios méritos, porque o assunto é por demais complexo para admitir análises simplistas. e. Por conseguinte, os astrólogos dotados de grande exatidão em suas previsões, podem ser: 1. simples psíquicos humanos naturais; 2. psíquicos inspirados por demônios; 3. psíquicos inspirados por entidades espirituais não-demoníacas. Neste último caso, quero dizer que esses indivíduos têm alguma fonte inspiradora, algum ser espiritual desconhecido, que não chamaríamos de demônio, por não estar em ligação com o diabo. Isso pressupõe uma complexidade no mundo dos espíritos, que se compõe de espíritos bons, maus e indiferentes, e *alguma* astrologia pode ser apenas preditiva, e não espiritualmente boa ou espiritualmente má. Mas a astrologia, à parte desses poucos indivíduos especiais, não é poderosa ou exata o bastante para nós atribuirmos tudo ao diabo, o qual por certo tem negócios mais importantes a dirigir do que dar aos astrólogos curiosas informações truncadas, que acertam somente em parte mas erram em muito. Isso seria uma infeliz propaganda para o Príncipe do Mal, o qual é um dos mais poderosos intelectos da criação, embora depravado no uso de seus recursos. Resta dizer que, em face dessa debilidade da astrologia, ela deve ser relegada ao seu papel de mera demonstração da curiosidade humana pelo futuro e pelo destino humano, sobretudo da parte daqueles que têm a revelação bíblica na mão e não precisam apelar para tão pobres recursos como esses.

ASTRÓLOGO

O trecho de Isaías 47:13 fala sobre os que «dissecam os céus e fitam os astros, os que em cada lua nova te predizem o que há de vir sobre ti». Jeremias advertiu Israel a não «espantar-se» diante dos sinais dos céus, simplesmente porque as nações se «atemorizavam» (ver 10:2). Os assírios eram mestres na astrologia, e a Palestina esteve sob o domínio deles por muito tempo, razão pela qual é admirável que haja tão poucas referências à astrologia, no Antigo Testamento. O trecho de Daniel 5:11 fala em «encantadores», embora algumas versões digam ali «astrólogos». Na realidade, porém, trata-se de um termo técnico acadiano que se refere ao sacerdócio dos encantadores. Mas que a astrologia estava envolvida, não se pode duvidar.

ASTRONOMIA

Esboço

1. As Teorias Geocêntrica e Heliocêntrica
2. Conceito Hebreu do Universo de sua Relação Com a Astronomia
3. A Imensa Antiguidade da Criação
4. A Vastidão da Criação
5. A Astronomia e Alguns Itens Interessantes na Bíblia
6. Vida em Outros Planetas
7. A Teoria da Grande Explosão e a Teologia

Quando observamos que a astrologia começou nas teorias e práticas dos caldeus e babilônios, a partir de cerca de 2000 A.C. (ver o artigo sobre a *Astrologia*), dizemos outro tanto sobre a astronomia, porque essas duas coisas estavam inseparavelmente ligadas até o tempo de Kepler (1571-1630). A astronomia é aquele ramo da ciência que inclui o estudo do universo além da terra, e tudo quanto está contido nesse universo. O astrônomo busca compreender a natureza dos objetos observados, explicando os eventos que ele vê tomarem lugar. Muitos e grandes problemas têm deixado os homens intrigados, desde os tempos pré-históricos, no tocante a essas questões. E, a despeito do avanço do conhecimento humano, muitos mistérios permanecem. Na verdade, devido às suas próprias pesquisas, a ciência vai descobrindo novos horizontes e criando novos mistérios a cada dia.

1. **As teorias geocêntrica e heliocêntrica.** Os primeiros estudos astronômicos registrados abordam o sol, os eclipses do sol e da lua e a rota seguida pelo sol no espaço. Os antigos, supondo que a terra seria o centro do universo, e que o sol estaria em movimento ao redor da terra, chegaram a crer, desde o começo, que esses astros exerçam alguma influência ou controle sobre vidas humanas. Os pitagoreanos propuseram a idéia de que a terra move-se ao redor do sol, sendo esse um conceito plenamente desenvolvido por Aristarco, em cerca de 300 A.C. Essa é a teoria *heliocêntrica*. Porém, ainda durante muitos séculos a teoria geocêntrica continuou sendo a preferida pelos homens. Hiparco, um famoso astrônomo do século II A.C., aceitava a teoria geocêntrica, que o astrônomo alexandrino, Ptolomeu, refinou em cerca de 150 D.C., tornando-se essa a idéia predominante até depois de 1600 D.C., quando então prevaleceu a mescla entre idéias astrológicas e astronômicas. O ponto de vista de Ptolomeu foi desafiado seriamente, pela primeira vez, por Nicolau Copérnico, em 1543, por causa do avanço do conhecimento, que mostrava quão inviável era a idéia geocêntrica. Porém, a posição central ocupada pelo homem, tanto na teologia como nas ciências, não queria ceder terreno, e houve muitas controvérsias. Todavia, era inevitável o avanço do conhecimento, e a invenção do telescópio, que posto nas mãos de Galileu, em 1608, revelou muitas coisas nunca antes observadas. Pela primeira vez, a lua foi vista como um corpo material similar à própria terra. Em 1618, João Kepler propôs as três leis dos movimentos planetários, em vista das quais as posições de Marte foram preditas com sucesso. A formulação e a prova da lei da gravidade, por Isaque Newton, um século mais tarde, removeu várias objeções à teoria heliocêntrica, incluindo uma objeção favorita, a de que uma terra em revolução, viajando através do espaço, não poderia reter em sua superfície os objetos ali existentes, porquanto seriam projetados no espaço. Contudo, o golpe de morte na teoria geocêntrica só ocorreu em 1727, quando James Bradley demonstrou que a aberração da luz das estrelas, a aparente mudança de direção da luz emanada pelas estrelas, resultava do movimento da terra, atravessando a linha de visão, e não de qualquer movimento que as próprias estrelas estivessem fazendo. Contudo, foi somente cem anos mais tarde que os cientistas começaram a perceber as vastas distâncias envolvidas no universo.

2. **Conceito hebreu do universo e sua relação com a astronomia.** Os hebreus acreditavam que o universo fosse uma terra chata, apoiada sobre um abismo de água. Por baixo da terra estariam os pilares da terra. Nenhuma explicação era dada sobre onde esses pilares estariam fixados, com a única exceção possível do trecho de Jó 26:7. Além disso, haveria um *firmamento* sólido em forma de cúpula, que se estenderia acima da terra. Este firmamento mantinha as águas acima da terra as quais eram vistas como um grande mar nas alturas. Os corpos celestes estariam fixados nesse firmamento. Alguns diziam que as luzes das estrelas chegavam até nós através de perfurações no firmamento, permitindo assim a passagem da luz. Uma cadeia circular de montanhas, à beira da terra chata, sustentaria o firmamento por sua beirada. O Seol, lugar dos espíritos dos mortos, que se desenvolveu na idéia de um lugar de julgamento, seria apenas um lugar onde fantasmas destituídos de mente ficariam adejando. Mais tarde, o Seol foi dividido em um compartimento bom e outro mau, onde uma autêntica vida após-túmulo era experimentada pelos justos e pelos ímpios, em seus espíritos desencorporados. Abaixo do Seol estariam os pilares.

CONCEITO HEBRAICO DO UNIVERSO

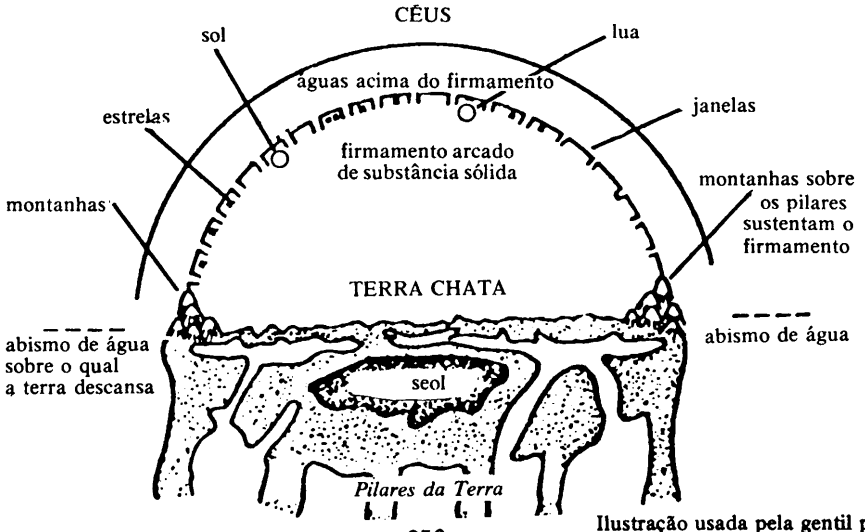


Ilustração usada pela gentil permissão de Zondervan Pub. Co.

O estudo desse diagrama explica vários termos usados no Antigo Testamento, como *firmamento* (ver Gên. 1:6,7,8,14,15,17,20; Sal. 19:1; 150:1; Eze. 1:22,23,25,26; Dan. 12:3), *comportas* (ver Gên. 7:11; 8:2 e Isa. 24:18); o *Seol* (no grego, *hades*), como algo abaixo da superfície da terra (ver Jó 33:24 e Sal. 30:9). O Seol era visto como uma espécie de *caverna* na terra. (Ver também II Ped. 2:4). Ficaria debaixo da terra (ver Efé. 4:9 e Judas 6); seria uma espécie de abismo sem-fundo (ver Luc. 8:31 e Apoc. 9:11). O anticristo, embora anteriormente lançado no abismo, teria o poder de ascender dali, por meio do poder de Satanás, a fim de cumprir sua missão final na terra (ver Apo. 11:7 e 17:8). *Colunas* susteriam a terra em sua posição (ver I Sam. 2:8 e Jó 9:6). *Águas*. O firmamento teria sido posto como fundo e anteparo das águas que haveria por cima dele (ver Gên. 1:6). Na criação, Deus teria separado as águas *de cima* das águas *de baixo*, mediante o *firmamento*. A narrativa do dilúvio inclui o detalhe de que as comportas do céu foram abertas, permitindo que as águas de cima do firmamento se despejassem sobre a terra. Também menciona que as águas do abismo, isto é, as de debaixo da terra, chegaram à superfície, pois a terra é ali retratada como descansando sobre um grande abismo de água (ver Gên. 7:11). A expressão «todas as fontes do grande abismo» aponta para o *caos* aquático subterrâneo, sobre o qual a terra repousaria. Essa idéia também é refletida em Gênesis 1:1. Esse abismo aquoso era algumas vezes retratado como que elevado acima das extremidades da terra, ameaçando-a de destruição (ver Jer. 5:22 e Sal. 104:7-9).

Esses comentários, fiéis ao que os hebreus realmente acreditavam, naturalmente provocam todo o tipo de dificuldades para aqueles que insistem em fazer da Bíblia um compêndio científico, sempre que o Livro Sagrado alude a qualquer assunto sobre o qual a ciência também se manifesta. Porém, é melhor conhecer a verdade e ensiná-la do que apoiar tradições religiosas que têm sido demonstradas como falsas e equivocadas. A *fé* dos homens espirituais não precisa de pilares de inverdade sobre os quais se possa apoiar, embora alguns insistam sobre essas coisas, por quererem obter *conforto mental*. O exame dos registros antigos mostra que os vizinhos dos hebreus compartilhavam com eles muitas de suas idéias cosmológicas, pelo que esses conceitos não surgiram do vácuo. Os escritores sagrados usaram esses conceitos para serem entendidos por seus leitores originais, a fim de ensinar verdades *espirituais* que não dependem da geologia, da astronomia e de qualquer outra ciência humana.

Os hebreus e a astronomia. Os caldeus, os chineses e os indianos têm se interessado pela astronomia-astrologia desde antes de 2000 A.C. Mas os hebreus aparentemente não devotaram tempo para estudar esses assuntos. Sabemos que eles identificaram as constelações e lhes deram nomes (ver Jó 9:9; 38:31; Isa. 13:10 e Amós 5:8), mas o mais provável é que isso tenha sido tomado por empréstimo de seus vizinhos, que tinham um ávido interesse por essas questões (ver Isa. 47:9; Jer. 27:9 e Dan. cap. 2). Provavelmente isso era verdade, considerando que a lei mosaica proibia toda a forma de adivinhação, conforme lemos em Deuteronômio 18:10,11, o que, segundo alguns intérpretes pensam, inclui a astrologia. Por outra parte, os judeus tinham licença para se ocuparem em várias outras formas de adivinhação, o que é comentado no artigo intitulado *Adivinhação*. Em contraste com isso, «os sacerdotes caldeus estavam acostumados, desde tempos remotos, a registrar em seus tabletes de argila o aspecto dos céus e as modificações que ocorriam noite após noite, a aparência das constelações, seus brilhos comparativos, os movimentos precisos de seu surgimento e desaparecimento no horizonte, a hora em que atingem o zênite, juntamente com os movimentos mais ou menos rápidos dos planetas e seus movimentos de aproximação ou afastamento uns dos outros. Foi assim que eles descobriram a revolução e os eclipses da lua, e com freqüência podiam predizer com bom êxito os eclipses do sol» (Maspero, *Dawn of Civilization*, págs. 775 *ss*). Se houvesse entre eles essas proibições como as que vemos em Deut. 18:10,11, essa ciência não teria sido iniciada por eles. Proibições assim tinham o intuito de evitar os abusos que algumas vezes impedem atividades legítimas. Ver o artigo sobre *Astrologia*, em seus três primeiros parágrafos, quanto a meus comentários sobre esse ponto.

A adoração do sol e das estrelas. Nos tempos de Sócrates, era uma idéia nova e revolucionária, até mesmo no caso de pessoas educadas, que a lua e as estrelas fossem similares à terra. Havia a crença generalizada de que esses astros eram entidades espirituais de alguma espécie, e a adoração aos mesmos era comum (ver Deu. 4:18; 17:3). Israel chegou a envolver-se em tal prática (ver II Reis 23:5,11 e Jer. 8:2). Os céus declaram a glória de Deus (ver Sal. 19:1), mas não são objetos próprios à adoração.

A significativa declaração de Jó. Não havia resposta popular à pergunta sobre onde as colunas da terra firmavam. Jó expôs corajosamente a idéia que diz: «Ele (Deus)...faz pairar a terra sobre o nada» (Jó 26:7). A gravidade e o magnetismo não são nada; mas pelo menos o livro de Jó demonstra uma percepção de que a terra não repousa sobre algo sólido, mas antes, permanece suspensa no espaço, de alguma maneira.

3. A imensa antiguidade da criação. A grande antiguidade da criação pode ser demonstrada de várias maneiras, dentre as quais expomos algumas representativas:

a. Os métodos de medição do tempo pelo carbono-14 e pelo argônio de potássio (juntamente com outros métodos). Uma ampla discussão sobre o assunto aparece no artigo sobre a *Arqueologia*, parte II.

b. Evidências de civilizações pré-adâmicas. Uma completa discussão sobre isso aparece no artigo sobre os *Antediluvianos*, partes, 1, 2, 3 e 5. Há algumas evidências arqueológicas de considerável peso em favor desse conceito, além de algumas raras antigas referências literárias, as quais indicam o conhecimento e o uso da energia atômica em algum remoto período pré-adâmico. A segunda parte desse último artigo procura reconciliar a narrativa bíblica a esse tipo de informação.

c. Evidências geológicas da reversão dos campos magnéticos do globo terrestre, encontradas nas rochas, parecem indicar que já houve cerca de quatrocentros cataclismos como aquele da época de Noé. É possível que os relatos sobre Adão e Noé coincidam com os dois últimos grandes cataclismos da terra, representando *novos começos* da humanidade. Há algumas referências literárias, como no registros egípcios, mencionadas por Heródoto, que declaram que muitos dilúvios gigantescos já aconteceram, e não apenas um. Estes cataclismos eram acompanhados, provavelmente, pela mudança dos pólos, sua verdadeira causa, com o conseqüente deslizamento da crosta terrestre para novas posições, criando vastas devastações e fazendo surgir novos continentes.

d. Materiais trazidos da lua e meteoritos caídos na terra têm sido datados em até quatro e meio bilhões de anos.

e. Fósseis antiqüíssimos, de microorganismos unicelulares, têm sido encontrados nas praias do lago Superior, em Ontário, em rochas da época pré-cambriana, e têm sido datados pelo método da radioatividade, em quase dois bilhões de anos de antiguidade.

f. *Luz proveniente do espaço*. Nossos radiotelescópios estão atualmente captando luz que precisou de dezesseis bilhões de anos para chegar à superfície da terra. Isso significa que quando essa luz partiu de sua fonte, o sistema solar nem ainda havia começado a existir, porque sua idade parece ser cerca de quatro e meio bilhões de anos. Devemos compreender que universos (completos com seus sistemas solares), estão vindo à existência e desaparecendo, continuamente. A criação não foi *um* acontecimento que sucedeu de uma vez para sempre. Antes, é um processo contínuo. Seja como for, é um simples cálculo matemático julgar a idade da luz que chega a terra, uma vez que se conheça a sua fonte. Afirmar que Deus criou essa luz já a caminho, de tal modo que ela já estava quase atingindo a terra quando sua fonte luminosa começou a existir, é idéia por demais ridícula para ser aceita como parte de qualquer busca séria pelo conhecimento e pela verdade.

Neste ponto, ofereci apenas um esboço de informações. Ver o último parágrafo do artigo que acrescenta outros detalhes sobre a grande antiguidade da criação.

Começos. Atualmente, os homens têm consciência da luz que chega à superfície da terra após dezesseis bilhões de anos de viagem pelo espaço. Isso, entretanto, deve ser visto como uma *minúscula* fração do número real. A ciência continuará fazendo descobertas que mostrarão que a criação ainda é mais antiga. Não há como predizer até que extremo o cálculo retrocederá.

A própria criação que conhecemos pode ter sido uma *recriação*, dentro de uma interminável série de recriações, cada qual envolvendo incontáveis bilhões de anos. Pode ter havido um número incalculável de *grandes explosões* de novas criações. Existimos no mais recente desses imensos e misteriosos ciclos.

4. A vastidão da criação. A Via Láctea, que é apenas uma galáxia entre bilhões de outras, conta com um número de estrelas (semelhantes ao nosso sol) que poderia atingir os dez bilhões, se houvesse alguma maneira de contar a todas elas. O nosso sistema solar pertence a Via Láctea. Porém, há inúmeros outros universos, muitas outras galáxias semelhantes à nossa Via Láctea. De fato, há bilhões de galáxias, cada qual com seus bilhões de estrelas. Quanto mais a ciência vai descobrindo, mais vasta a criação se torna conhecida. Aqueles que falam em limites, estão falando sobre os limites de suas próprias mentes, e não sobre os verdadeiros limites da criação. A Via Láctea é membro de um cacho de dezessete galáxias, que os astrônomos chamam de *grupo local*. Porém, fora do âmbito desse grupo de galáxias, bilhões de outras jazem dispersas através das profundezas do espaço. Parece que elas ocorrem em cachos, alguns dois quais contêm aproximadamente dez mil galáxias. Nos grandes espaços vazios, há algumas galáxias isoladas, e mesmo estrelas isoladas que não pertencem a qualquer conjunto estelar. As galáxias medem de dez a quarenta mil *persecs* em seu diâmetro. Um *persec* é 30,9 trilhões de quilômetros, ou seja, a distância que a luz percorre em um ano, à velocidade de trezentos mil quilômetros por segundo. Portanto, um raio de luz precisaria de cento e vinte mil anos, a fim de atravessar algumas galáxias, de uma à outra extremidade, percorrendo mais de 1.225.000.000.000.000.000 de quilômetros. Para atravessar de uma ponta à outra da nossa humilde Via Láctea, a luz precisa apenas de sessenta mil anos luz. As galáxias mais próximas da nossa estão cerca de milhão de anos-luz de distância, mas outras estão muitíssimo mais distantes, afastando-se da nossa a uma incrível velocidade. Os aparelhos chamados radiotelescópios são uma das invenções mais recentes que ajudam a perscrutar o espaço. Eles estudam a radiação emitida pelos objetos celestes na faixa de rádio do espectro eletromagnético. Esses radiotelescópios têm vários formatos. Alguns se parecem com gigantescos pratos fixos no solo. Tais aparelhos têm permitido que os cientistas sondem a vastidão de nosso espaço exterior com muito mais exatidão, e a distâncias muito maiores do que era possível com os telescópios antigos, dotados de lentes.

5. A astronomia e outros itens interessantes na Bíblia.

a. *Eclipses*. Alguns percebem alusão a eclipses em Isaías 13:10 e Joel 2:31, onde é dito que o sol se escurecerá e a lua não dará a sua luz. Apocalipse 6:12 que diz, «o sol se tornou negro como saco de crina, a lua como sangue», é interpretado como tal por alguns estudiosos. Naturalmente, o *blackout* que houve por ocasião da crucificação de Jesus, em Mateus 24:29, é incluído nessa categoria. Porém, nenhum desses casos se adapta a qualquer descrição razoável de um simples eclipse. Excetuando o caso de Mateus 24:29, aqueles outros incidentes descrevem ocorrências apocalípticas de vastos juízos sob a forma de cataclismos. Não houve nenhum eclipse registrado na época da crucificação de Jesus. O mais provável é que estejamos tratando ali da passagem de uma nuvem de poeira cósmica, que atravessou o espaço, um fenômeno relativamente comum na história da astronomia. Ver comentários completos sobre a questão no NTI, em Mateus 24:29.

b. *O longo dia de Josué*, bem como o relógio de sol de Acaz. Josué ordenou que o sol estacasse em seu trajeto, até ele obter uma vitória sobre os amorreus (Jos. 10:12-14). Há várias explicações para o fenômeno. Alguns dizem que se trata de uma mera *lenda*; outros afirmam que a terra parou temporariamente de girar em torno de seu eixo, mas isso teria envolvido um cataclismo de grande magnitude. De fato, alguns dizem que o que houve, na realidade, foi uma mudança relativamente pequena dos pólos da terra; pois, quando estes mudam, a terra assume uma nova posição em relação ao sol e o horário muda, conforme as direções são alteradas, em maior ou menor grau. Essa explicação é possível, mas não lemos coisa alguma sobre algum grande cataclismo na terra nos dias de Josué. Uma outra explicação é que um outro planeta passou nas proximidades do nosso, atrasando a velocidade de rotação da terra, devido à força gravitacional. Outros tentam uma explicação mais simples, supondo ter havido uma intervenção divina que causou um *milagre de refração*. Isso significaria que a atmosfera terrestre continuou trazendo à terra a luz do sol, por meio de uma refração especial, embora o sol já tivesse mergulhado por detrás do horizonte. Essa é uma explicação *sobrenatural*, que requer o concurso da fé. Outros também se utilizam da teoria da refração a fim de explicar como o relógio de sol de Acaz retrocedeu dez graus, como sinal de que o rei Ezequias recuperaria a saúde (ver II Reis 20:9-11 e Isa. 38:8), onde temos

outro caso da necessidade do exercício de fé. A verdade é que não dispomos de explicações para problemas como esses.

c. *Os planetas* e a *estrela matutina*. Os antigos não tinham consciência do fato de que um planeta é um objeto celestial, tal qual a terra, que não tem sua própria luminosidade, mas que, à semelhança da lua, reflete a luz vinda do sol, parecendo brilhar. Também não sabiam que um planeta é muito menor que o sol ou alguma estrela. De fato, eles pensavam que os planetas fossem *estrelas errantes*. A palavra portuguesa *planeta* vem do vocábulo grego *planao*, que significa *vagabundar* ou *errar*. Os antigos pensavam que os planetas seriam diferentes somente por não manterem rotas regulares e constantes no firmamento, a cada noite, mas antes, vagueavam de uma maneira independente. Não compreendiam que isso era causado por suas órbitas em torno do sol. *A estrela matutina* não se trata de uma estrela, e, sim, de um planeta, ou melhor, de um dentre os vários planetas, como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter ou Saturno, sem importar qual deles esteja em posição de ficar visível no oriente, imediatamente antes do nascer do sol. (Ver Isa. 14:12; II Ped. 1:19; Apo. 2:28 e 22:16). Algumas vezes, duas ou mais estrelas matutinas podem ser vistas no céu, embora usualmente esteja em pauta o planeta *Vênus*, a luz mais brilhante que aparece no céu, depois do sol e da lua, e que rebrilha o bastante para ser vista, algumas vezes, mesmo depois do surgimento do sol no horizonte. Cristo é chamado de estrela matutina, Aquele que anuncia o raiar da esperança e que resplandece em Sua glória. Ver o comentário completo, no NTI, sobre essa questão em Apo. 2:28 e 22:16. Essa estrela era símbolo de vida e imortalidade, na concepção dos antigos, podendo ser essa a mensagem central tencionada naqueles trechos do Apocalipse.

d. *Os meteoros*. As estrelas cadentes são meteoritos, mas os antigos não tinham conhecimento desse fato. Há passagens em Apocalipse 8:10; Mat. 24:29; Marcos 13:25 e Apo. 9:1 e 12:4 que podem fazer alusão a meteoros, embora o mais provável seja que se relacionem a julgamentos apocalípticos, que podem envolver, ou não, meteoros. A referência em Apo. 8:10 provavelmente fala simbolicamente de um poderoso anjo caído, porquanto esse é o pano de fundo da metáfora literária apocalíptica dos judeus. Em Apocalipse 8:8 vemos uma grande montanha em chamas que cai no mar, sendo essa, igualmente, uma referência a um ser angelical caído.

e. *A estrela de Belém*. Essa estrela tem sido interpretada de muitas maneiras. Ver no NTI em Mat. 2:2. Sumariando, as interpretações são: 1. seria uma *personalidade*, como um ser angelical. 2. Seria um mito. 3. Seria algum fenômeno divino especial, que não pode ser explicado pela ciência. 4. Alguma estrela especial, um objeto real, mas preparado por Deus para essa ocasião precípua. 5. Um cometa. 6. Uma estrela *nova* ou *supernova*. Uma estrela nova é uma que já existia, mas não de maneira visível para os olhos, até tornar-se visível de repente, quando sua luminosidade aumenta cerca de dez mil vezes, devido a alguma explosão interna. Uma estrela *supernova* é a mesma coisa, somente que sua luminosidade aumenta em centenas de milhões de vezes e então vai esmaecendo gradualmente, pelo espaço de um ano ou mais. 7. Mas a explicação favorita é a de uma *incomum conjunção de planetas*. A astronomia tem demonstrado que nos anos compatíveis com o nascimento de Cristo, houve um alinhamento ou aproximação dos planetas Vênus, Marte e Saturno, a 22 de janeiro de 12 A.C., além de um outro caso desses, envolvendo Vênus e Júpiter, a 12 de junho de 2 A.C. Em favor dessa explicação temos o fato de que os *magos*, contemplando esse evento no céu, interpretaram como o nascimento do Rei de Israel. Sabemos que os magos eram *astrólogos*, atentos a fenômenos dessa natureza. A explicação dada no NTI, em Mat. 2:2, oferece mais detalhes que favorecem essa interpretação, além de discutir os prós e os contras. De qualquer modo, essas estranhas conjunções planetárias têm ocorrido, segundo se reconhece, quando do nascimento de grandes personagens. Evidentemente, há uma espécie de inter-relação insondável e estranha entre as realidades celestes e as realidades terrestres, divinamente planejada, sem dúvida, e de tamanha magnitude que nos deixa a mente atônita.

6. Vida em outros planetas. Até o momento, todas as explorações feitas não têm revelado qualquer vida, conforme a conhecemos, em nosso sistema solar. Porém, visto que há muitos bilhões de galáxias, com bilhões de estrelas cada uma, é inevitável que existam incontáveis sistemas solares. Também é matematicamente provável que alguns desses sistemas ofereçam condições similares às de nosso mundo, que poderiam sustentar a vida biológica, além de *inúmeras* formas de vida que a nossa ciência nem imagina, tanto de natureza física quanto de natureza espiritual. Portanto, é justo dizer-se que a vida em outros universos não somente é possível, mas até *inevitável*. De fato, seria espantoso e ininteligível se Deus, tendo criado um universo tão incrivelmente vasto, tivesse criado vida somente à face da minúscula terra. As Escrituras ensinam que há muitas ordens de seres celestiais, que vivem em mundos de luz. Portanto, temos nisso uma afirmação bíblica de que há vida em outros lugares. Se isso é verdade no campo da vida espiritual, não há motivo para não supormos a mesma coisa no tocante à vida física. Um planeta em torno de uma estrela não pode ser visto com nossos atuais telescópios; mas há evidências de sua presença nas oscilações dessa estrela, devido à força gravitacional exercida pelos corpos em órbita, como no caso da estrela de Barnard, que dista apenas seis anos-luz de nosso globo. Essa estrela exibe minúsculas oscilações, as quais indicam a presença de um planeta de massa pouco maior que a de Júpiter. Sem dúvida, há inumeráveis milhões de tais estrelas, com seus próprios sistemas solares. Lá fora há vida, *muita vida*.

••• ••• •••

A criação de Deus é imensa e muito antiga.

É impossível limitar o nosso conhecimento às genealogias de Gênesis. Cada vez que lemos sobre uma *nova descoberta* no campo da astronomia, mais ficamos convencidos de que vamos levar muitas supresas ainda, e todas elas vão indicar tanto a imensa idade da criação como sua incrível magnitude. Considere isto: *Captado quasar a 12 bilhões de anos luz*. Cientistas norte-americanos de Pasadena, Cal., EUA, conseguiram determinar a distância do mais antigo objeto estelar de que se tem conhecimento no universo: um *quasar* de 12 bilhões de anos-luz, aproximadamente, denominado no catálogo astronômico de PKS 2000-300 e descoberto em 1971. Segundo os astrônomos, este quasar seria 1% mais antigo e estaria ligeiramente mais distante do que o OQ 172, que até agora era o quasar mais distante da terra já localizado. «Estamos esforçando a vista e olhando para o horizonte do universo», comentou o astrônomo Mike Klein, que trabalha para a Nasa e

anunciou a descoberta em Pasadena. «Este quasar é o que está mais longe de tudo o que vimos até hoje. Esta luz (que captamos) o deixou há 12 bilhões de anos e só mostra o aspecto que o quasar apresentava naquele momento». Isto significa que a lua *começou* a sua viagem muito antes de se constituir o sistema solar, há 4,6 bilhões de anos, e mesmo antes do nascimento da *Via Láctea*, há cerca de 10 bilhões de anos. Os cálculos atuais estimam que o universo nasceu há cerca de 20 bilhões de anos. O PKS 2000-300 só pode ser detectado do hemisfério sul e foi descoberto pelo radiotelescópio de Parkes, na Austrália. A primeira fonte de rádio quase estelar — definição de quasar — foi descoberta há 20 anos e consiste num centro *violentamente* ativo de galáxias. Assemelhando-se a uma estrela, ele parece emitir, porém, mais energia do que *cem milhões* de estrelas.

7. A teoria da grande explosão e a teologia. Ver o artigo sobre a **Criação**, VI, 8.

Existem grandes ciclos cósmicos e terrestres. As grandes explosões criam os cósmicos e as mudanças dos pólos criam os terrestres. Muitos ciclos terrestres existem dentro de cada ciclo cósmico e todos eles são de imensa duração. Portanto, a criação cósmica que conhecemos agora é realmente uma história recente. Também, o ciclo terrestre que envolve a *raça adâmica* é recente. Além destas histórias recentes, sabemos pouco sobre as obras da criação de Deus. Temos um *misterium tremendum* que as teorias dos homens, suas cosmologias e teologias são infantis demais para explicar. A história de Gênesis e a ciência moderna explicam pouco sobre os vastos *mistérios* de Deus. Todas as explicações são simplesmente gritos na noite misteriosa das obras de Deus. Mas é legítimo gritar e procurar saber mais. (AB AM BOK LY UN STR Z).

ASTRONOMIA COPÊRNICA

Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo polonês, demonstrou a coerência matemática superior da crença de que a terra se movimenta ao redor do sol, que não é, portanto, estacionada no espaço, e que não é o centro do universo. Assim, ele desafiou a Astronomia Ptolemaica que, por séculos, tinha ensinado idéias contrárias as «novas» descobertas, como se fossem a própria verdade de Deus. Segundo a nova visão de Copérnico da natureza do universo, o sol tomou o lugar da terra como o centro. Mais tarde, Newton mostrou que o sol, também, não é o centro do universo. Não faz sentido falar em centros, como se o universo tivesse *um* centro. Tão cedo como 250 A.C., foi sugerida a idéia de que a terra está em movimento. Aristarco de Samos, um contemporâneo de Euclides (300 A.C.), descobriu que a terra não é o centro do universo. Copérnico usou o sistema matemático de Pitágoras (séc. 6 A.C.) para demonstrar que a terra é esférica e em moção ao redor do sol. É óbvio, então, que o serviço de Copérnico não era de *descobrir* estas verdades, mas simplemente de demonstrá-las com mais evidências e introduzi-las na ciência, mais universalmente. A Igreja reagiu violentamente contra as *novas* idéias, supondo que faziam parte de uma decadência. A ciência e a teologia do tempo pensaram que movimento significa decadência, e de tirar a terra do centro da criação de Deus era, para elas, uma heresia imperdoável, sendo que elas tinham a *certeza* de que Deus colocou a terra exatamente *no centro* de sua criação. Textos de prova eram tirados da Bíblia para demonstrar a *centralidade* da terra. Isto demonstra que, às vezes, as certezas mais sagradas dos teólogos e dos cientistas são, de fato, mentiras ou desinformações miseráveis. De qualquer maneira, com Copérnico, a astronomia começou a ser orientada mais cientificamente, no lugar de teologicamente. Os homens sábios vêem evidências de Deus nas descobertas científicas, porque, afinal, ele é o Grande Matemático Cósmico e o Poder Universal. A ciência exalta justamente estes atributos de Deus. É inevitável que grandes e inumerosas descobertas serão feitas que revolucionarão não somente a nossa ciência atual, mas também muitos pontos da nossa teologia. Devem existir muitos tipos de seres inteligentes sobre os quais nada sabemos que têm suas maneiras para se relacionar com Deus. Existem muitos mistérios. (AM E EP F)

ASUR

Descendentes desse homem encontravam-se entre os servos do templo sob Zorobabel. Ver I Esdras 5:21. Ele é chamado *Harur* em Esd. 2:51 e Nee. 7:53.

ASVATE

Um filho de Jaflete na genealogia de Aser, I Crô. 7:33.

ÂTACE

No heb. significa **estalagem** ou **abrigar-se**. Um dos lugares (aldeias) da tribo de Judá, freqüentado por Davi e seus homens no tempo em que ele residia em Ziclague (I Sam. 30:30). Ficava ao sul dos sopés das montanhas de Judá. O local é desconhecido atualmente, mas alguns o identificam com *Eter* aludido em Josué 15:42, nas terras baixas de Judá.

ATADE

Não há certeza se esse nome se refere a um *indivíduo* em cuja eira os filhos de Jacó, e os egípcios que os acompanhavam, realizaram o ato final de solene despedida de Jacó, ou se se trata de uma referência à própria *eira*, como um lugar *espinhento*, que é o significado da palavra em hebraico. Seja como for, posteriormente, o local foi chamado *Abel-Mizraim*, ou seja «lamentação dos egípcios» (Gên. 50:10,11). O lugar é declarado como *além do Jordão*, isto é, na margem *oriental* do mesmo. Porém, a rota direta do Egito a Hebrom se fazia pela margem ocidental desse rio. Presume-se, pois, que as pessoas envolvidas seguiram uma antiga rota comercial, através da península do Sinai.

ATAI

No heb., **oportuno**, nome de três personagens do A.T.:

1. Neto de Sesã (c. de 1658), através de sua filha, a quem deu por esposa a Jará, seu escravo egípcio (I Crô. 2:35,36). Ele foi o pai de Natã e aparece na genealogia de Jerameel.

2. O sexto dos poderosos guerreiros de Davi (um dos trinta melhores), I Crô. 12:11, em c. 1068 A.C. Juntou-se ao exército de Davi em Ziclague.

3. Filho do rei Reoboão e Maacá, filha de Absalão, II Crô. 11:20, c. de 982 A.C.

ATAÍAS

No hebraico, **Yah é ajudador**. Era descendente de

Peres, filho de Judá. Após o retorno do cativeiro babilônico, ele habitou em Jerusalém (ver Nee. 11:4). Ele é chamado Utai em I Crô. 9:4, em cerca de 536 A.C.

ATALHO (Caminho Secundário)

O trecho de Juízes 5:6 fala sobre os caminhos evitados pelos viajantes, os quais preferiam os *atalhos*, as veredas e as estradas que se afastavam dos caminhos. Há uma aplicação espiritual desse termo, em Jer. 18:15. Um povo que se afasta de Deus segue por atalhos, e não pelo caminho certo. Essas pessoas contentam-se em desviar-se e vaguear ao redor, embora haja o Caminho Real para ser palmilhado. Com freqüencia, aqueles que tentam evitar ser notados apelam para os atalhos, que também são preferidos por aqueles que querem evitar os assaltos comuns nos caminhos. Nesse último sentido, a palavra pode indicar proteção e bem-estar espiritual. Além disso, a palavra é simbolicamente usada para indicar uma completa investigação de um assunto qualquer. Esse é um bom sentido, porque aqueles que sempre passam por antigos e bem conhecidos caminhos, por onde passam as massas, nunca descobrem novas verdades. (ID UN Z)

ATÁLIA

No hebraico, **afligida por Yahweh**, ou então **Yah é forte.**

Era filha de Acabe, rei de Israel, provavelmente filha de Jezabel, a idólatra esposa desse rei. Em II Crônicas 22:3 ela também é chamada «filha de Onri», que foi o pai de Acabe, mas isso significa que ela era neta dele, um uso comum no hebraico.

Casamento. Ela tornou-se esposa de Jeorão, filho de Josafá, rei de Judá. Por esse motivo, Josafá, usualmente reto em sua conduta, ligou-se à casa idólatra de Israel (reino do Norte). Essa mulher herdou a falta de escrúpulos de sua mãe, daí resultando intermináveis perturbações. Ela mostrou-se ardorosa defensora do culto a Baal dos sidônios. Após oito anos, ela ficou viúva, e seu filho, Acazias, subiu ao trono (ver II Reis 8:26 e II Crô. 22:2). Dentro de menos de um ano, Jeú assassinou Acazias, juntamente com Jorão, de Israel. Por essa altura dos acontecimentos, Atália assassinou todos os seus netos, excetuando Joás, o qual foi salvo porque sua tia, Jeoseba (ver II Reis 11:2 e II Crô. 22:11), o ocultou. Entrementes, Atália foi ganhando cada vez maior autoridade, usando-a sempre para fazer o mal. Assassinou seus netos somente para usurpar para si mesma o trono de Davi. Durante seis anos governou, sem que alguém lhe pudesse barrar o caminho. Então Joiada, o sumo sacerdote, agiu contra ela. Coroou o jovem Joás como rei, e com o alvoroço popular, atraiu a rainha usurpadora para vir ver o que ocorria. A multidão aprovou os atos de Joiada, e Atália gritava: Traição! Traição! Todavia, seus gritos não conseguiram obter ajuda. Então o sumo sacerdote ordenou que os guardas a removessem do recinto sagrado e a matassem, o que foi feito (ver II Reis 11:2; II Crô. 21:6 e 22:10-12,23).

ATÁLIA

Um porto marítimo da Panfília, na Ásia Menor, perto da foz do rio Catarractes. Adquiriu tal nome de seu fundador, Átalo Filadelfo, rei de Pérgamo. (Ver Estrabão xiv. par. 667). Paulo visitou o lugar, acompanhado de Barnabé, em cerca de 45 D.C. (ver Atos 14:25). No século XII de nossa era cristã, parece que era conhecida pelo nome de Satália. Atualmente o lugar chama-se Adália. Nos tempos do Novo Testamento, era uma colônia romana, e sempre foi um importante porto marítimo, tal como o é hodiernamente na Turquia. Foi doada por Átalo III aos romanos. Ver o artigo sobre *Átalo*, quanto a essa questão. Havia uma outra Atália no norte da Lídia. (ID JON ND)

ATÁLIAS

No hebraico, **afligido por Yahweh**, ou então **Yah é forte.** Nome de dois homens referidos nas páginas do Antigo Testamento:

1. Um benjamita, filho de Jeroão, que habitava em Jerusalém (ver I Crô. 8:26), em cerca de 536 A.C.

2. Um membro da casa de Elão, e pai de Jesaías. Retornou do cativeiro babilônico junto com seu filho (ver Esd. 8:7). (ID JE)

ÁTALO

Não se sabe qual o significado desse nome. Foi o nome de vários reis de Pérgamo:

1. Em I Macabeus 15:22. O Átalo a quem os romanos escreveram, a respeito dos judeus, provavelmente era Átalo II Filadelfo (reinou entre 159 e 138 A.C.). Esse decreto parece pertencer ao ano 139 A.C., e não a um século mais tarde, conforme parece dever-se entender, com base em Josefo, *Anti.* 14.8.5.

2. Átalo I e Êumenes II, irmão do primeiro, tal como Átalo II, eram bons aliados dos romanos. Eles perceberam que o poder romano inevitavelmente controlaria grandes porções do mundo conhecido, incluindo a região deles, na Ásia Menor. Mostraram-se sábios o bastante para acompanharem as tendências da história, e assim salvaram incontáveis vidas e muita tristeza.

3. Átalo II foi um sábio governante, tendo fundado muitas cidades, incluindo Atália.

4. O sobrinho de Átalo II, que o sucedeu no trono, foi quem doou a Roma o reino de Pérgamo, o que o transformou em uma província romana. Átalo III, entretanto, impôs certas condições. Ele exigiu que Pérgamo e outras cidades gregas da área ficassem isentas do pagamento de tributo. Roma aceitou as condições e a área tornou-se uma província senatorial, e um procônsul veio residir em Éfeso. Foi instituída em Pérgamo a adoração oficial ao imperador. Muitos excelentes monumentos foram edificados, e a área prosperou. Ver o artigo sobre a *Ásia*.

5. Quando, em 153 A.C., Alexandre Balas reivindicou o trono da Síria da parte de Demétrio I, e assim estabeleceu Jônatas como sumo sacerdote dos judeus (I Macabeus 10). Ele foi ativamente apoiado por Átalo II. (ID JON Z)

ATANÁSIO

Viveu de 300—373 D.C. Foi um grande teólogo cristão, oponente do arianismo, no século IV D.C. Foi Atanásio que enfatizou a interpretação do *homoousian* (da mesma substância) acerca da relação entre o Pai e o Filho, não só no concílio de Nicéia (325), mas durante toda a sua vida. Sua insistência sobre a *mesma substância* no Pai e no Filho tornou-se uma coluna da ortodoxia.

Primeiro foi diácono em Alexandria, mas depois, em 328, tornou-se bispo. Conquistou o Egito inteiro com sua interpretação, mas, no processo, sofreu no

exílio por muitos anos, devido à influência de seus oponentes. Embora formalmente deposto pela maior parte do tempo entre 335 e 364, reteve notável influência na Igreja por meio de suas cartas pastorais. Morreu apenas oito anos antes do concílio de Constantinopla, que finalmente deu solução à disputa, decidindo em prol da posição de Atanásio. Permaneceu firme porque nem as intrigas arianas e nem as ameaças imperiais podiam abalá-lo. Porém, dos quarenta e cinco anos de seu episcopado, ele passou no exílio dezessete anos e meio. Faleceu a 2 de maio de 373. Sua festa é observada nessa data.

Escritos. Incluem: 1. Apologética: *Contra os Pagãos* e *Sobre a Encarnação do Verbo*. Eram duas partes de uma única obra. Então houve os Discursos *Contra os Arianos*. 2. Obras histórico-polêmicas: Foram quatro títulos, a saber: *Apologia Contra os Arianos, Apologia ao Imperador Constantino, Apologia por Sua Fuga* e *História dos Arianos*. 3. Obras exegéticas: Comentários sobre as Escrituras, conhecidas através de extratos de Gênesis, Cantares e Salmos. 4. Obras ascéticas: *Vida de Santo Antônio, Discurso Sobre a Virgindade, Sobre a Enfermidade e a Saúde* e *Amor e Autocontrole*. 5. Cartas: *Cartas Festais*, escritas anualmente aos bispos sufragâneos de Alexandria, discutindo questões eclesiásticas. Entre as mais notáveis está uma escrita em 367, que alista os vinte e sete livros do cânon neotestamentário que atualmente usamos, o primeiro assim mencionado. Outra carta importante: *Carta sobre os Decretos do Concílio de Nicéia*, dando completas informações sobre aquele acontecimento.

O *Credo* é o mais bem conhecido entre os livros pseudo-atanasianos. (AM B E P)

ATAR

Tradução de uma palavra hebraica que significa *fechar a boca*. No Oriente, o cereal era separado da palha por meio de bois que o pisavam no chão. O mandamento envolvido proibia que se atasse a boca do animal que estivesse ocupado nesse trabalho (ver Deu. 25:4). Era uma provisão humanitária. Até mesmo um animal que estivesse fazendo bem o seu trabalho tinha o direito de comer de vez em quando. Qualquer trabalho torna-se mais agradável quando se pode tirar um naco de vez em quando; e os animais certamente concordam com isso. Acresça-se que aquele que trabalha arduamente precisa alimentar-se bem, a fim de poder continuar trabalhando arduamente.

Paulo citou essa injunção para mostrar que os que labutam no evangelho devem receber devida recompensa. (Ver I Cor. 9:8-11 e I Tim. 5:17,18). Essas passagens devem ser consultadas no NTI, onde a metáfora é explicada detalhadamente. Indaga Paulo, em I Coríntios 9:9: «Acaso é de bois que Deus se preocupa?» E, como é evidente, ele esperava receber uma resposta negativa. Com isso, o apóstolo indicou que não estava em foco apenas uma provisão humanitária, mas uma provisão que nos ensina uma lição. Todavia, pensar que Deus não se importa com os animais certamente é pensar errado. Deus certamente importa-se com os animais, como importa-se até com os pequenos pardais (ver Mat. 6:26 e 10:29). Também é possível que Paulo tivesse falado jocosamente. Seja como for, o uso que Paulo faz da injunção encoraja um ministério evangélico pago, segundo se vê no Antigo Testamento. Os membros da tribo de Levi eram sustentados pelos homens das outras tribos, a fim de que pudessem ocupar-se do seu ministério. (ID NTI S Z)

ATARA

No hebraico significa **coroa, ornamento**. Era esposa de Jerameel e mãe de Onã (ver I Crô. 2:26), em cerca de 1568 A.C.

ATARAXIA

Vem do grego **a**, «não», e **taraktos**, «perturbado». A palavra indica o estado sereno, de prazer imperturbado. Demócrito, Epicuro, Pirro, Lucrécio e seus seguidores consideravam isso o estado mental e sentimento ideais. Com freqüência associava-se aos prazeres mentais, com a rejeição da busca pelos crassos prazeres físicos, que quase sempre perturbam a mente. É o mesmo que a *tranqüilidade mental*, obtida, segundo eles, pela repressão dos desejos, e não pela satisfação dos mesmos.

ATARGÁTIS

Nome de uma deusa síria cujo templo é mencionado em II Macabeus 12:26. Ela era a deusa da fertilidade, uma das divindades populares do período helenista, embora sua história seja muito mais antiga. Na literatura antiga ela é a *Dea Síria* ou *Deasura*, uma espécie de contraparte de Afrodite e relacionada a Astarte (ver sobre Astorete). Seu culto era generalizado, mas um dos principais centros era Hierápolis, no norte da Síria. Havia templos dedicados a ela em Carnaim, em Gileade (ver II Macabeus 12:26) e em Khirbet Tannur. Luciano presta informação sobre os ritos e cultos a ela prestados em sua obra *Deusa Síria*. Apuléias faz o mesmo em *Metamorfose*. Os sacerdotes desse culto castravam-se como parte de seu frenesi. Atargátis era associada à água, aos cereais, aos frutos, à folhagem, a todos esses aspectos diversos com conceito de fertilidade. Certas partes dos peixes representavam essa deusa, que talvez fosse a contraparte feminina de Dagom (ver o artigo a respeito), em alguns lugares. (CUM ID S Z)

ATARIAS

Um nome próprio que aparece em I Esdras 5:40. Essa palavra provavelmente é uma corrupção do título Tirsata (ver Esd. 2:63). Seja como for, esse oficial baixou ordens (tal como o fizera Neemias) aos sacerdotes, terminado o exílio babilônico. (Z)

ATARIM

No hebraico, **regiões**. Um lugar no sul da Palestina, perto do qual os israelitas, sob Moisés, passaram em sua jornada (ver Núm. 21:1). Ali os israelitas foram atacados pelo rei de Arade, e alguns deles foram tomados cativos. Algumas versões seguem a tradução siríaca Peshito, a Septuaginta, os Targuns e a Vulgata, dizendo «caminho dos espiões». Não há certeza sobre qual teria sido o texto original. (S Z)

ATAROTE

No hebraico significa **coroas**. Nome de diversos lugares, no Antigo Testamento:

1. *Atarote-Bete-Joabe*, da tribo de Judá (ver I Crô. 2:54), uma cidade fundada pelos descendentes de Salma.

2. *Atarote*, uma cidade da tribo de Gade, além do Jordão (ver Núm. 32:3, 34). Ficava perto de Gileade, a leste do Jordão, em uma fértil área de pastagens. Seu nome moderno é Khirbet Attarus.

3. Uma cidade na fronteira de Efraim (ver Jos. 16:2,7), também chamada *Atarote-Adar*, mencionada em Josué 16:5 e 18:13.

4. Atarote-Sofã, na tribo de Gade, identificada por alguns com as cidades de números (2) ou (3), acima. (ID S)

ATBACH (ATHBASH, ATBASH)

Não se trata de uma palavra verdadeira, mas de um termo cabalista fictício que denota, por suas próprias letras, a maneira de transformar uma palavra em outra, por meio de uma peculiar troca de letras. Era um artifício críptico de escrever o hebraico. Exemplos de como o esquema funcionava: A letra *alef* era substituída pela última letra, *tau*. A letra *bete* era substituída pela letra *shin*, etc. Aparentemente havia dois propósitos para se escrever dessa maneira: 1. por motivo de segredo; 2. como meio de se obter um duplo sentido. Por exemplo, temos um «atbach» nas Escrituras que tem deixado os tradutores perplexos: A palavra «caldeus», que é fielmente preservada na Septuaginta, é transformada em «o coração daqueles que se levantam contra mim». Esse texto, modificado pelo processo, tem sido seguido por diversas traduções. — O duplo sentido é que os caldeus eram aqueles que se levantavam contra o povo de Israel. O trecho de Jeremias 25:26 tem esse mesmo «atbach», mas isso pode ter sido obra de uma glosa escribal, pois a tradução da Septuaginta omite inteiramente o caso. (KEI S Z)

ATEÍSMO

Quanto às muitas idéias concernentes a Deus, ver o artigo geral sobre *Deus*, sob *Conceitos de*.

É impossível dar uma definição simples de um termo como *ateísmo*, pelo que expomos as várias formas por ele assumidas:

A palavra vem do grego *a*, «não», e *theos*, «Deus». É a descrença na existência de um deus, Deus ou deuses específicos, a descrença em conceitos que os homens têm de deus, Deus ou deuses. Ou então, é a negação de qualquer realidade sobrenatural.

1. *Descrença nos deuses populares*. Sócrates, que pendia para o monoteísmo, era um ateu (ou talvez, um agnóstico), no tocante à multidão de deuses da sociedade ateniense. Outro tanto se dava com Platão. Os pagãos chamavam os primeiros cristãos de ateus.

2. *De modo geral*, a descrença no tipo de deus, Deus ou deuses que os homens imaginam. Assim, alguém pode declarar-se ateu em relação ao Deus das batalhas, apresentado em alguns trechos do Antigo Testamento, mas não um ateu que não creia na existência de Deus, em alguma apresentação refinada.

3. A rejeição dos deuses da *superstição*, incluindo o Deus do Antigo e do Novo Testamentos, quando se pensa estar Ele em foco. Xenófanes, Heráclito e outros, nos tempos antigos, assim diziam, sem incluírem o Deus da Bíblia. Freud achava que a origem da religião é a neurose das massas, e outros têm visto na religião um instrumento para controle das massas. Tais indivíduos, é óbvio, não têm conceito de um Deus *vivo*. Pode-se incluir o marxismo dentro dessa classificação geral.

4. *No positivismo lógico*. É tolice falar sobre a existência de Deus, de modo positivo ou negativo. Não temos percepção, e portanto, não temos conhecimento de Deus. Ele pode existir ou não, mas não é um objeto de nosso conhecimento, pelo que é um desperdício de tempo participar da controvérsia do teísmo contra o ateísmo. Ambos afirmam-se conhecedores de informes que não possuem. O ateísmo diz que o conhecimento sobre Deus existe, mas é negativo. Portanto, Deus não existe. O teísmo, por sua vez, afirma que tal conhecimento existe, e é positivo. Portanto, Deus existe. O positivismo lógico diz que ambos estão equivocados, pois o conhecimento de Deus não é disponível. No positivismo temos um ateísmo *prático*, mas não teórico. Deus não teria sentido para a vida, não sendo um fator que determina as ações, e assim sendo, para todos os efeitos práticos, pode ser considerado inexistente.

5. *Ateísmo prático-moral*. Admite-se a existência teórica de Deus, um postulado necessário para explicar causa, desígnio, etc. Mas a existência de Deus não exerce qualquer influência sobre a vida, não sendo um fator determinante na escolha e na ação. Deus não é uma força moral. As decisões são tomadas sobre outras bases. Até mesmo alguns cristãos professos são ateus práticos.

6. *Ateísmo panteísta*. Deus é a alma do universo e o universo é o corpo de Deus. Tudo é Deus. Do ponto de vista judaico-cristão, o panteísmo é uma forma de ateísmo.

7. Deus como o *Espírito Absoluto*, como dizia Hegel. Deus é um tipo de força cósmica, que une em torno de si todas as coisas, sendo a fonte de todas as coisas, embora não seja uma pessoa, em qualquer sentido. Muito menos é uma pessoa em três: Pai, Filho e Espírito Santo. Essa forma de filosofia segue o ateísmo, a julgar pelos padrões cristãos, porquanto não reconhece o tipo de Deus que tem sentido para os cristãos. Porém, isso não nega que há discernimentos quanto à natureza de Deus, nessas especulações.

8. *Ateísmo naturalista*. Não há tal coisa como algo fora da natureza, e na natureza não encontramos deus, Deus ou deuses. Não há o *sobrenatural*, pelo que não há Deus, em termos convencionais.

9. *Ateísmo politeísta*. Se há uma multidão de deuses, então não há um verdadeiro Deus em contraste com deuses falsos. Pois, para nós, Deus indica um ser distinto de todos os outros seres, muito mais elevado. O politeísmo destrói o caráter distinto de Deus, pelo que é uma forma de ateísmo.

10. *Ateísmo absoluto*. Deus não existe, sob qualquer definição. Não há deus (ou Deus) na terminologia sofisticada da teologia ou da filosofia. Toda idéia de Deus é vã. Não há deus (ou Deus) conforme insistem que há tanto o judaísmo como o cristianismo, em suas respectivas doutrinas.

Bases do ateísmo:

1. Usualmente, o ateu é um *empirista*. Depende de seus sentidos e do acúmulo de conhecimentos através da experiência mística. Usualmente não simpatiza com outros meios de obtenção de conhecimento, como a razão, a intuição e, especialmente, as experiências místicas, que presumivelmente são contatos não-racionais e não-empíricos com um ser ou princípio divino.

2. O ateu não se deixa impressionar pelos argumentos tradicionais em favor da existência de Deus, com base na necessidade de causa, na presença de desígnio no mundo, na hierarquia de valores, que levam a um valor supremo, etc. Ver sobre *Deus, Provas de Sua Existência*, onde são expostos cerca de vinte argumentos.

3. O ateu crê que o conceito da existência de Deus é incompatível com o mal que há no mundo, sem importar se esse mal é natural (desastres, enfermidades, mortes), ou é moral (a desumanidade do homem

contra o homem). Diz ele: «Se eu fosse Deus, com toda a inteligência e o poder que os homens dizem que Ele tem, eu teria criado um mundo melhor do que este».

4. O ateu crê que o conceito de Deus é incompatível com a dúvida que permanece no homem. Opina ele que Deus deveria comunicar Sua existência e sentido aos homens, de tal modo que a questão se tornasse óbvia para todos. O fato que assim não se sucede, mostra que não existe um Deus que esteja se comunicando.

5. *Alguns* ateus antigos e modernos têm defendido a doutrina da eternidade da matéria, eliminando assim a necessidade de um Deus criador. Em lugar de uma inteligência que guiou o desenvolvimento da vida, eles postulam a seleção natural, eliminando assim a necessidade até mesmo de um Deus sustentador.

6. *Argumento baseado na evolução.* O processo exibe muitas falhas e defeitos. Se for argumentado que o homem é o alvo desse processo, então esse argumento retruca que o homem é um produto minúsculo, considerando a suposta inteligência poderosa que os homens atribuem a Deus. Ademais, em todos os animais há resultados imperfeitos desse processo. Os órgãos, apesar de bons, com freqüência são defeituosos, sempre sujeitos a falhas. É difícil explicar por que Deus teria finalmente apresentado um produto imperfeito, tanto no mundo material e inanimado como no mundo das criaturas vivas. Naturalmente, os ateus não consideram seres acima do homem, supostos seres não-materiais e perfeitos, pois a crença nos mesmos depende da fé, e não das evidências externas.

7. Fracassos e falhas, imperfeições e elementos perturbadores, à parte da evolução. Se o teísta objeta à teoria da evolução (núm. 6), então os ateus salientam que podemos olhar para a matéria tal como ela é, extraindo daí alguns resultados. Esse mundo (inanimado) é um lugar imperfeito, sujeito aos temporais, aos terremotos, às intempéries devastadoras, etc. O reino animal está repleto de organismos imperfeitos, para nada dizermos sobre os animais francamente perigosos e daninhos, a começar pelos insetos e chegando até os grandes felinos. Podemos atribuir tal criação a um Deus inteligente, Todo-Bondoso e Todo-Poderoso?

Respostas a essas objeções, na ordem da apresentação:

1. Há modos de se obter conhecimento além dos cinco sentidos. São válidas a intuição, a razão e as experiências místicas. O terreno inteiro da parapsicologia é invocado a entrar na controvérsia, pois parece que cientistas qualificados têm encontrado modos não-empíricos de se obter conhecimentos. E há também a tradição mística, que precisa ser ouvida. Esses métodos não-empíricos de se obter conhecimento contêm a afirmação teísta. Ver os artigos sobre a *razão*, a *intuição* e o *misticismo*. No processo da morte física, vêm à tona meios não-empíricos de se obter conhecimento. Ver o artigo sobre as *experiências de quase-morte.*

2. Apesar de não serem conclusivos os tradicionais argumentos em prol da existência de Deus, como os argumentos cosmológico, etiológico, teleológico, etc., eles nos oferecem uma contra-evidência acerca do ateísmo, e que não pode ser facilmente ignorada. Não abandonamos um caso com fortes evidências só porque alguma contra-evidência forte também foi apresentada. Muitos pensadores modernos reconhecem a força desses argumentos, vendo neles bases para a manutenção das crenças teístas, ao mesmo tempo em que confessam a necessidade de reexaminar o conceito de Deus. Ver o artigo sobre *Deus*, *Provas de Sua Existência.*

3. O *problema do mal* (ver o artigo) é o mais difícil de ser respondido. Contudo, há respostas. Abaixo há algumas:

a. Se desistirmos da idéia de um Deus infinito, substituindo-O por um deus finito, com suas próprias dificuldades, então o mal existiria de uma maneira que ele não poderia mais controlar ou corrigir. Mas, podemos esperar a vitória final do Bem sobre o Mal. (A maioria dos religiosos, desnecessário é dizê-lo, objetam a essa abordagem, embora tenha sido adotada por muitos filósofos e por alguns poucos teólogos).

b. Precisamos redefinir o *mal*. Por exemplo, a morte (supostamente o supremo mal), não é má na maioria dos casos, pois traz um estado melhor. Mesmo nos casos onde a alma entra em julgamento, esse julgamento é remedial, e não apenas retributivo, conforme certamente ensina o trecho de I Ped. 4:6.Os sofrimentos, longe de serem prejudiciais para a alma, com freqüência são benéficos, por se tornarem instrumentos do aprendizado e da disciplina. Outrossim, os sofrimentos podem envolver dívidas da alma, provenientes da história passada da alma, ou nesta vida ou em alguma existência anterior. Isso traria uma grande bagagem, conforme ensinavam os pais alexandrinos da Igreja.

c. Também há o *problema do bem*, que faz oposição ao problema do mal. Há muitas coisas certas no mundo, como alegrias, triunfos e realizações. A vida humana não é inteiramente negra nesta esfera da existência. O ensino espiritual assegura que o que estamos adquirindo aqui é *positivo*. Essa bondade torna-se um problema para o ateu, que gostaria de ver somente o lado negativo, porque isso fortalece o seu caso. Em outras palavras, há fortes evidências em favor do desígnio desta vida, desígnio esse que inclui o bem. Esse contrabalanço do problema do mal, ainda que não resolva as dificuldades apresentadas, em sentido absoluto, pelo menos as alivia.

Uma analogia. Se alguém ler um livro biográfico, vendo que seu personagem passou por bons e maus bocados, mas que mesmo seus maus momentos contribuíram com algo, e finalmente, observar que, no fim, o personagem foi capaz de fazer o que era mister para obter grande realização e satisfação, e então morreu, o que o levou a um nível mais elevado da existência, haverá de inclinar-se a dizer que Deus não existe por causa do que sucedeu àquele homem? Se supusermos que todas as vidas finalmente se assemelharão a isso, porque assim determina o plano de Deus (Efé. 1:10), então toda a analogia dirá que um homem tem uma *longa* história da alma (com ou sem o concurso da reencarnação), e que uma vida terrena não representa senão um fragmento desse total; e, se supusermos que esse «total» finalmente produzirá um bom efeito, seremos tentados a dizer que Deus não existe por causa do mal que cerca os homens?

4. Deus comunica-se, mas o homem não escuta, necessariamente. Um homem, destituído de fé, certo de que Deus não existe, não vê qualquer prova de que Deus se comunica. O som não deixa de existir somente por causa de algumas pessoas surdas. Deus comunica-se por meio da natureza, da razão, da intuição, e principalmente, por meio das experiências místicas. Há muitos sons divinos, mas ouvidos espiritualmente surdos não os ouvem. Deus não está

ocupado em *fazer* os homens ouvirem. O desenvolvimento espiritual inclui o livre-arbítrio, e Deus permite que os homens aprendam através da dura experiência, a fim de ouvirem o divino. Alguns dos grandes líderes espirituais, homens que muito realizaram não foram necessariamente os homens bons, não foram necessariamente melhores do que os outros. Foram aqueles que estavam de ouvidos atentos.

5. Não há como defender a noção da eternidade da matéria, filosófica ou cientificamente, por não existirem evidências. Essa é uma questão de crença sem evidência. Mesmo que a matéria seja eterna, isso não é incompatível com a idéia da existência de Deus. Nesse caso, Deus não seria um criador, mas um organizador. De qualquer modo, Ele continuaria sendo Deus. Os mórmons acreditam na eternidade da matéria, mas nem por isso são ateus. Eles observam que é necessária a organização, a fim de que tenhamos o mundo que temos, pois a matéria inanimada não poderia ter adquirido as formas que tem sem uma *Inteligência* para organizá-la e utilizá-la. O termo *seleção natural* é totalmente despido de sentido, como explicação do desígnio e da adaptação que encontramos na natureza. É apenas expressão cunhada para ocultar uma profunda ignorância sobre *como* as coisas foram organizadas, eliminada a remotíssima possibilidade do acaso. É possível alguém cunhar um termo, sem conceber uma explicação correspondente. Como poderia o puro acaso fazer seleções? A *seleção* requer a razão e o desígnio. Quando usamos essas duas palavras, já estamos falando sobre alguma força divina. Além disso, essa explicação não pode dizer qualquer coisa quanto ao desígnio e à inteligência residentes na matéria *inanimada*. Nenhum processo de seleção natural poderia ter produzido isso. Alguém já afirmou tal coisa?

6 e 7. De fato, com ou sem a evolução, é óbvio que há muitas falhas nos organismos da vida animal. Além disso, há aqueles animais ferozes, que não parecem ter utilidade senão para destruir e prejudicar. O argumento padrão é que a *queda* do homem é responsável por esses problemas. Segundo essa doutrina, em sua queda o homem arrastou consigo a criação inteira, assim entrando todos os tipos de defeitos e problemas no mundo, envolvendo a natureza inanimada e as criaturas vivas. Em outras palavras, esse problema é o pecado. Esse argumento satisfaz certo segmento dos teólogos, mas outros crêem que o problema é maior do que esse. Eles suspeitam que a própria natureza simplesmente é imperfeita, e isso desde o começo, sem importar as falhas morais do homem. Admitem, contudo, que a queda do homem, sua natureza degradada, tem agravado problemas já existentes. Um outro argumento útil é aquele que afirma que Deus, no tocante ao desenvolvimento dos organismos vivos de todas as variedades, criou as *leis naturais*, permitindo que tudo opere no terreno físico. Essa lei natural existe por causa da inteligência divina. A inteligência transparece, mas isso não inclui a perfeição. Assim, um mosquito poderia ter evoluído sem a intervenção direta de Deus; e de fato, muitas espécies de seres, aparentemente desnecessários, poderiam ter vindo à existência sem a intervenção divina direta. A *mecânica* das leis naturais poderia ser a responsável por muitas coisas duvidosas, sem que Deus estivesse diretamente envolvido nessas coisas. De fato, as formas animais continuam a desenvolver-se sem a interferência divina. *Não é importante* que a vida animal seja perfeita e nem foi da vontade de Deus que assim o fosse. Os interesses primários de Deus são espirituais, e os defeitos dos organismos são uma consideração trivial. As leis naturais podem atuar mediante algum arranjo, conforme propõem as *formas* concebidas por Platão, segundo as quais cada forma de vida existe e se desenvolve por causa de alguma força não-material que funciona como seu molde, e que requer sua conformidade com esse molde. Ver o artigo sobre *formas*. Deus estabeleceu as formas, mas, tendo feito isso, não tem necessidade de participar ininterruptamente do processo. Sendo esse o caso, todas as formas de imperfeição têm surgido, mas a questão não se reveste de capital importância, visto que o que importa na criação é o *espírito*, que representa a força viva real em todas as coisas.

Haverão de continuar os conflitos entre o teísmo, o ateísmo e o gnosticismo enquanto os homens se defrontarem com a tragédia, mas permanecerão em um estado essencialmente destituído de luz, devido ao seu baixo desenvolvimento espiritual, enquanto eles estiverem frente a frente com os grandes mistérios de *qualquer forma* de existência.

Hostilidade. O ateísmo mui naturalmente provoca a hostilidade por parte da mente religiosa, e com freqüência tem resultado em palavras amargas e em perseguição. O ateísmo é incompatível com a vida caracterizada pelo amor, não encontrando lugar na mente guiada pelo Deus que é amor. Um debate pode ser efetuado sem o veneno do ódio. Naturalmente, os ateus também podem ser hostis, e muitos deles atacam amargamente a fé religiosa. Isso, porém, não justifica mentes mais iluminadas a abrigarem hostilidade. (AM AT B C E EP F S)

ATEÍSMO METÓDICO

Essa é a idéia de que a ciência não deve usar o termo ou o conceito de Deus a fim de explicar as coisas, visto que Deus não é um objeto que a ciência possa investigar. Essa disciplina deve agir como se Deus não existisse, *etsi Deus non daretur*. Os primeiros cientistas invocavam a Deus para explicar as coisas, quando seu procedimento científico não conseguia dar explicação às mesmas. Assim foi que Newton, ao encontrar certas irregularidades nos movimentos dos corpos celestes, supôs que Deus estava intervindo diretamente, causando-as.

O conceito do ateísmo metódico é útil porque força os cientistas a continuarem as suas investigações, em vez de tomarem o atalho da ignorância, lançando a culpa sobre Deus. Porém, o fato de que os cientistas põem em prática esse conceito não significa que eles sejam meros ateus, mas apenas que eles procuram explicações científicas até onde as pesquisas e o conhecimento lhes permitem. Naturalmente, a explicação final das coisas fica com Deus. Mas a ciência humana ainda não conseguiu atingir essa explicação final em seus estudos. Os cientistas que se utilizam desse método não deveriam ser envolvidos nas discussões filosóficas e teológicas sobre o ateísmo. Eles usam um método filosófico, e não um conceito filosófico.

ATENÁGORAS

Viveu nos fins do século II D.C. Apologista cristão, que aparentemente nasceu e viveu em Atenas. Apresentou uma apologia em prol do cristianismo ao imperador Marco Aurélio. Ali ele defende o cristianismo e suas práticas, e ataca as religiões pagãs, sobretudo quanto ao seu politeísmo. Descobriu noções monoteístas em diversos poetas e filósofos gregos, e nisso, apresentou um argumento *a priori*, em favor da existência de Deus. Tratando sobre a

ressurreição dos mortos, ele combinou idéias religiosas e filosóficas. Naturalmente, Platão o influenciou fortemente, pelo que sua fé religiosa geralmente foi exposta em termos platônicos. Essa era uma maneira apropriada de falar a não-cristãos, que sabiam algo das idéias de Platão e apreciavam a grandeza de seus conceitos.

Escritos: *Legatio pro Cristianis* (Apelo em Favor dos Cristãos), e *De Resurrectione* (Sobre a Ressurreição). Ver o artigo sobre os *apologetas*. (E P)

ATENAS

O mais antigo e mais obscuro período histórico da província grega denominada Acaia remonta a quase o tempo do estabelecimento final da democracia naquela cidade-república (cerca de 600 A.C.). Os alicerces de sua então futura grandeza foram lançados naqueles primeiros e remotos dias. Até mesmo o solo estéril e a atmosfera seca da Ática, em conexão com o apetite pequeno do povo, têm sido apresentados como condições favoráveis para o desenvolvimento do gênio mental que dominou aquela região, em sua idade áurea, de 450 a 350 A.C. A esterilidade da terra desencorajava outros povos a invadirem o território, naqueles primeiros dias; e isso propiciou a que ali se desenvolvesse uma sociedade homogênea, ligada por uma espécie de laço moral, em todo o território da Ática. A um certo monarca, de nome Teseu, é atribuído o crédito de haver unificado o território do qual Atenas finalmente, veio a tornar-se o principal centro populacional e capital. Esse foi o primeiro acontecimento de ordem política que é considerado digno de confiança como uma informação histórica; mas a data dessa realização ainda permanece na obscuridade, embora se possa declarar que tal tempo deve ter sido bem antes das chamadas guerras persas (500 A.C.). Essa parte da história helênica está mesclada com conceitos mitológicos e narrativas fantásticas sobre deuses e heróis. Isso concorre para que se possa distinguir facilmente a história verdadeira da mera lenda.

Até onde podemos retroceder na história e acompanhá-la, parece que a primitiva cidade de Atenas tinha um monarca e um conselho de aristocratas, juntamente com alguma modalidade de assembléia popular, que se mostrava totalmente ineficaz. O conselho, na antiga Atenas, se compunha de um grupo aristocrático denominado «Areópago», que era uma forma de desenvolvimento do conselho de anciãos, conforme lemos nos escritos de Homero. No tempo desses reis, tornou-se realidade a unificação política da Ática, o que deve ter ocorrido algum tempo antes de 700 A.C.

Diversas leis e reformas de *Sólon* (cerca de 594 A.C.) produziram modificações radicais na Ática, tendo preparado o caminho para a instalação do sistema democrático. A criação da «heliaea» ou tribunal, para o qual indivíduos de mais de trinta anos de idade, de todas as classes sociais abastadas, eram elegíveis, foi a única maior reforma isolada que preparou a cidade de Atenas para a democracia, nos dias de Sólon. Através desses tribunais, pois havia uma pluralidade dos mesmos, foram dados diversos poderes ao povo—que incluíam até mesmo o direito de remover magistrados de seu ofício, quando se tornavam culpados de conduta condenável.

Nos tempos de *Cleistenes*, através do governo do conselho, foi firmemente estabelecida uma forma de democracia (ano 500 A.C.). Pouco tempo depois disso teve início a idade áurea, com sua filosofia imortal e suas artes, que são tão bem conhecidas pelo mundo. Um século que durou esse período, produziu Sócrates, Platão e Aristóteles, paralelamente a outros nomes um tanto menos famosos.

«Atenas era tão-somente uma parte da Ática, uma península com cerca de mil milhas quadradas, que se adentra pelo mar Egeu. Os montes Citeron, Parnes e outros dividem a Ática da Grécia central, mas esse fator adverso é compensado pelos bons portos em Maratona, e, mais perto ainda de Atenas, em Faleron e no Pireu. As pedreiras de mármore do monte Pentélico, as minas de prata em Laurium, já próximo à extremidade da península, e uma argila excelente, eram as principais riquezas naturais da Ática». (George Botsford e Charles A. Robinson, *Hellenic History*, 1956, pág. 76).

Atenas era o grande centro cultural da antiguidade, mundialmente renomada por sua filosofia, arquitetura e arte. Das três grandes cidades universitárias (Atenas, Tarso e Alexandria), Atenas era a mais famosa. Nos dias do apóstolo Paulo, Corinto havia ultrapassado Atenas em importância política e comercial. De todas as localidades do mundo antigo, Atenas é a mais bem conhecida, devido aos remanescentes arqueológicos, largamente conhecidos por meio de réplicas de muitas modalidades. Muitos desses restos antecedem a era cristã por vários séculos. O «agorá» está sendo restaurado. O Odeom, onde eram efetuadas competições musicais e de oratória, projetava-se no espaço descoberto do *agorá*, no lado do sul. Mais ou menos no centro do espaço aberto do «agorá» ficava a colina de Colonos, onde foram identificadas as ruínas do templo de Hefaístos, deus do fogo e da arte em metais. Na Acrópole estava construído o Partenon, o Erequiteum, o santuário de Athena Nike e outros monumentos famosos. O mais espaçoso templo da Grécia era o de Zeus Oke e outros monumentos famosos. O mais espaçoso templo da Grécia era o de Zeus Olímpio, com 108 metros de comprimento, 41 metros de largura e 27,5 metros de altura, localizado a suleste da Acrópole. Os remanescentes são tão numerosos que quatro volumes foram publicados para descrevê-los, escritos por James Stuart e Nicholas Revett, sob o título *The Antiquities of Athens*. Essa obra foi publicada em 1885, e desde então grande acúmulo de material tem sido compilado por outros autores sobre o assunto. Paulo contemplou, portanto, uma cena majestosa, ao entrar nessa notável cidade, mas ficou deprimido em seu espírito em face das evidências de trevas espirituais, conforme se via numa idolatria tão generalizada.

A arqueologia encontrou o lugar onde Sócrates foi injustamente julgado. Um recente encontro da pesquisa arqueológica trouxe à luz o lugar onde Sócrates foi condenado, em Atenas. A equipe de arqueólogos norte-americanos, chefiada por *Theodore Shear*, professor de arqueologia da Universidade de Princeton, prossegue na obra de escavações das ruínas do tribunal onde, em 399 A.C. Sócrates foi julgado e condenado à morte, sob a acusação de corromper a juventude ateniense. Essas ruínas foram encontradas numa área ao lado do antigo mercado de Atenas e perto da moderna estrada de ferro de Atenas ao Pireu, graças às informações contidas em um antiqüíssimo livro escrito por Pausânias, viajante romano que visitou aquela cidade no século II A.C. As escavações citadas, que tiveram início em outubro de 1969, foram financiadas pelo governo grego e pela Fundação Ford.

A narrativa inteira da pregação do apóstolo Paulo em Atenas, (Atos 17:16 *ss*), tem sido posta em dúvida,

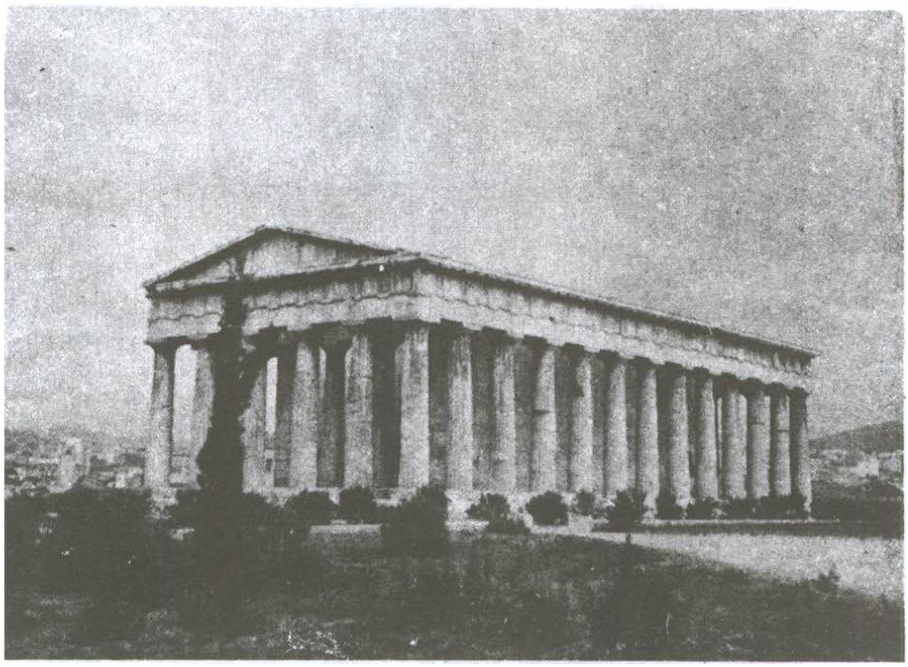


Atenas na sua glória

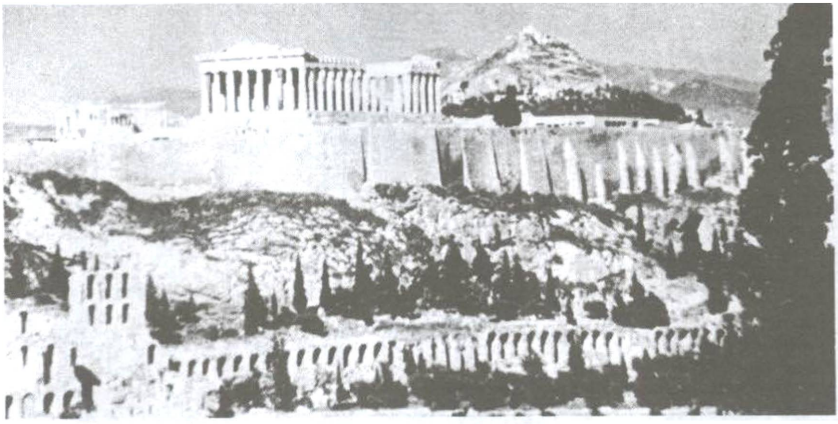
Cortesia, Fate Magazine



Partenon — Cortesia, John F. Walvoord



Templo de Hepesto — Cortesia, Fate Magazine.



Acrópolis, Atenas — Cortesia,
John F. Walvoord



Templo de Adriano, 129 D.C.
Cortesia, Fate Magazine



Acrópolis e Pártenon numa colina atrás de Atenas moderna — Cortesia, Matson Photo Service

quanto à sua veracidade, por alguns eruditos liberais radicais, sob a alegação contida nas *seguintes observações*:

1. O obscuro desaparecimento de Timóteo e Silas, nessa altura dos acontecimentos, talvez sugira que na história verdadeira o autor sagrado injetou uma criação sua, que tinha por intuito associar Paulo com aquele famoso centro de erudição helênica, o que lhe daria um pouco mais de dignidade e prestígio, por ser ele o grande herói do livro de Atos.

2. A alusão ao *deus desconhecido*, embora historicamente exata, seria meramente um salto, dado pelo autor sagrado, para que pudesse compor esta seção de sua obra, esforço esse que passou a ser mais uma demonstração de apologética cristã do que realmente uma composição histórica.

3. Parece impossível supormos que Paulo teria sido *formalmente* julgado pelo tribunal do Areópago, porquanto nenhuma acusação lhe foi lançada, não tendo havido, realmente, qualquer processo e nem conclusão de processo.

Em resposta a esses argumentos dos intérpretes liberais, podemos retrucar com estas *outras considerações*:

1. Nada há de estranho no modo como Lucas manuseou o caso de Timóteo e Silas, porquanto Timóteo, por exemplo, não é ordinariamente mencionado durante a narrativa sobre a segunda viagem missionária de Paulo, embora se tivesse reunido a ele em Listra, e que, evidentemente, o ajudava durante todo o percurso da viagem. O fato de que a narrativa bíblica é um tanto vaga quanto a esse particular não pode de forma alguma lançar no descrédito a historicidade desse episódio.

2. Embora o *deus desconhecido*, ou «deuses desconhecidos» (conforme Jerônimo afirmou que estava registrado na inscrição original) fosse um fato bem sabido no mundo antigo, Paulo, tendo passado por Atenas, dificilmente poderia ter evitado fazer um sermão contra a idolatria, alicerçado nessa inscrição, do mesmo modo que Lucas, o autor sagrado, poderia ter sido inspirado a escrever essa história, centralizada em Atenas, não como uma criação sua, e, sim, como fato histórico realmente ocorrido.

3. Na própria narrativa bíblica nunca se lê qualquer indicação de que Lucas tencionou dizer que Paulo foi julgado *formalmente* no Areópago. Aqueles homens meramente quiseram ouvir o que Paulo tinha a dizer. Não estava ele sendo ouvido por motivo de qualquer crime, e nenhuma acusação foi feita contra ele; motivo também porque não esteve envolvido qualquer julgamento.

Outrossim, podemos observar que segundo todas as aparências, Paulo a princípio, não tencionava efetuar qualquer trabalho missionário em Atenas. No entanto, sentiu-se provocado a essa ação por haver observado quão assoladora era a idolatria naquela cidade. Assim sendo, talvez ele não tivesse insistido sobre a necessidade da presença de Silas e Timóteo, no decurso dessa atividade, porquanto também não a havia planejado. Outrossim, ainda que ele tivesse planejado pregar em Atenas, não é impossível supormos que ele tenha pensado que poderia fazer sozinho o trabalho de evangelização, enquanto que Silas e Timóteo continuavam no mister de fortalecer aos novos convertidos, em Tessalônica e Beréia. Não é provável, por semelhante modo, que o autor sagrado houvesse simplesmente inventado essa história, atribuindo ao esforço de Paulo tão parcos resultados. Pelo contrário, se a história tivesse sido criação de sua imaginação, a tendência seria exaltar o ministério de Paulo nessa ocasião, atribuindo-lhe resultados gloriosos. A exigüidade dos resultados, conforme foram registrados pelo autor sagrado, contribui como fator de autenticidade da história, como verdadeira narrativa de um episódio dos labores de Paulo.

Podemos notar, por igual modo, um sinal de *autenticidade* na curiosa observação que se pode ler no décimo oitavo versículo de Atos Cap. 17. Parece que a menção de Jesus e de sua ressurreição foi considerada, pelos ouvintes do apóstolo, como uma tentativa sua de introduzir uma *nova doutrina*, que expunha um novo par de deuses. Essa particularidade se assemelha em demasia à vida real e dificilmente teria sido adicionada como produto da invenção humana. Só pode tratar-se da narração de um fato histórico.

Mui provavelmente alguns dos ouvintes atenienses de Paulo consideraram-no uma espécie de sofista ambulante. Por isso mesmo lhe deram uma atenção amigável, ainda que um tanto zombeteira. Talvez tivessem querido inquirir seus pontos de vista mais por uma atitude de escárnio ou de diversão, sem que tivesse havido qualquer tentativa de fazer-lhe uma acusação formal. (DE FA HA IB ND NTI Z)

A Glória que foi Atenas

(L. Sprague de Camp)

«Todos os dias fixa teus olhos sobre a grandeza de Atenas, até que te enchas de amor por ela...» (Tucídides)

A história da maioria das cidades antigas—Atenas entre elas—começa em uma névoa de mito e lenda. Os atenienses acreditavam que sua cidade, cujo nome lhe viera de sua deusa patronisa, Atena, bem como a província circundante da Ática, tinham sido unificadas pelo herói Teseu, provavelmente personagem tão lendário quanto Hércules, seu contemporâneo. Quando, finalmente, começa sua história, no século VII A.C., a Ática já estava unida, provavelmente por meio da força, e não pela persuasão, conforme narram as lendas.

Por essa altura a Ática era uma república aristocrática oligárquica, na qual o rei fora reduzido a um magistrado secundário. O grupo mais influente era a Boule ou Concílio do Areópago, que se compunha dos cabeças das ricas famílias proprietárias de terras, que monopolizavam todos os mais importantes ofícios públicos. Os principais dentre os funcionários públicos eram os nove *arcontes*, cada um dos quais estava incumbido de certa variedade de deveres. Os *polemarcos*, por exemplo, comandavam o exército e julgavam certos casos civis. Aqueles anciãos não tinham noção de clara distinção entre os poderes legislativo, executivo e judiciário.

O povo estava organizado em famílias, clãs e tribos, e estava dividido segundo suas posses. A classe mais rica e menos numerosa apossara-se firmemente do governo. A partir do século VII A.C. em diante, porém, uma série de ameaças de levante, da parte das classes inferiores, ampliou o poder a todos os cidadãos. O reformado Clístenes, por exemplo, dividiu a cidade em grupos e distritos, formando dez novas tribos com combinações arbitrárias e distritos, e estabeleceu um Concílio dos Quinhentos, escolhidos por sorte pelas novas tribos. As comissões formadas desse concílio executavam os negócios governamentais diários.

Motivados pelas incessantes lutas entre suas próprias cidades-estado, alguns gregos europeus enviaram ajuda às cidades gregas da Ásia Menor, quando estas últimas se revoltaram contra o domínio

persa. Após esmagar essa revolta, o rei persa Dario o Grande, em 490 A.C., enviou uma expedição que cruzou o mar Egeu a fim de subjugar os maiores perturbadores dentre todos os atenienses.

Os persas desembarcaram em *Maratona*, a 30 km a nordeste de Atenas, diante da península Ática (as modernas maratonas se baseiam na distância percorrida pelos corredores gregos para avisarem da invasão aos atenienses). Os atenienses saíram a campo com o coração saindo pela boca. As tropas persas eram muito mais numerosas, e os soldados de Dario eram mundialmente famosos por sua habilidade em combate.

A sorte e a tecnologia, entretanto, estavam ao lado dos atenienses. Os infantes persas dependiam do apoio da cavalaria e, por algum erro de logística, os navios que traziam os cavalos persas não apareceram na cena. A mais veloz cavalaria do mundo teve de ir tropeçando a pé.

Outrossim, os ferreiros gregos tinham criado uma nova armadura para infantaria pesada, com uma couraça de bronze, um elmo de cimeira, grevas (*perneiras*) e um grande escudo circular. Aos persas faltava tal proteção. Os atenienses haviam treinado sua infantaria para marchar em formação, em vez de avançar como multidão desordenada. Quando os atenienses carregavam as couraças, as flechas dos persas eram aparadas pelas armaduras daqueles, e à pequena distância, os adversários sem armaduras dos gregos ficavam em nítida desvantagem. Após pesadas perdas, os persas fugiram para seus navios.

Dez anos depois, para vingar-se dessa derrota, Xerxes, filho de Dario, pôs-se à testa de um exército muito maior e atravessou o Helesponto em uma ponte flutuante. Dessa vez os persas invadiram a Grécia com uma força entre 150 a 180 mil combatentes, e provavelmente com três vezes esse tanto de não-combatentes—exército de número jamais ouvido, naqueles tempos. Uma força grega suicida, sob Leônidas, conseguiu entravar os persas por pouco tempo nas Termópilas. Os atenienses fugiram para a ilha de Salamina, deixando que sua cidade fosse incendiada pelos persas. Metade das cidades-estado da Grécia se bandeou para os persas, e tudo parecia indicar que seria inevitável a anexação da Grécia pelo império persa.

Foi então que a flotilha grega aliada infligiu esmagadora derrota à frota persa em Salamina. Os Persas, temendo que fossem cortadas suas comunicações com sua pátria e provavelmente tendo ouvido de insurreições em seu império, velejaram de volta com uma de suas três divisões. Os gregos aliados esmagaram uma outra divisão em Platéria, no ano seguinte, e uma terceira divisão recuou para sua terra.

Cobertos de glória, os atenienses puseram-se a reconstruir sua cidade arruinada. Fortaleceram sua marinha e construíram portos e uma base naval fortificada na península do Pireu. Junto com outras cidades gregas marítimas, Atenas formou uma confederação, a Liga de Delso, para dar prosseguimento à guerra aos persas, o que se arrastou por outros trinta anos. Para impedir que fossem privados de seu porto marítimo, os atenienses fizeram uma estrada de sete quilômetros entre sua cidade e Pireu.

Os atenienses se puseram a restaurar os templos na Acrópole (*cidade alta*). Esse imenso penhasco tinha 300 m de comprimento, 120 m de largura, elevando-se sobre abismos de 30 m. Sendo originalmente uma cidadela fortificada, a Acrópole fora transformada em um complexo de templos quando a cidade se desenvolvera. Os persas tinham destruído o antigo templo de Atena, e os atenienses resolveram edificar um novo e mais grandioso templo nas proximidades, o qual se tornou conhecido pelo nome de Partenon.

Em cerca de 460 A.C., Péricles, um jovem político descendente de aristocratas, elevou-se ao poder e obteve fama como um dos grandes estadistas da história. Seu encanto, humanidade, coragem e altruísmo, temperado com argúcia política e sagacidade eivada de extravagância, fazem-nos lembrar Henrique IV, da França, ou Franklin D. Roosevelt. Durante quase 30 anos ele foi a figura liderante de Atenas, eleito e reeleito para o cargo máximo.

Péricles tomou a resolução de fazer de Atenas a mais bela cidade da terra, bem como capital das artes e ciências. A fim de prover o dinheiro para esses planos, lançou-se a um programa de imperialismo expansivo. Os atenienses já tinham começado a transformar a Liga de Delos em um império ateniense, obrigando outros estados a unir-se à mesma pela força. Péricles mudou o tesouro da Liga de Delos da ilha de Delos para Atenas, onde, dizia, estaria mais seguramente ao abrigo dos persas. Outros membros da Liga foram persuadidos ou forçados a pagar dinheiro a Atenas sob a alegação de que não teriam de fornecer homens e navios. Embora alguns membros da Liga tenham protestado quando Péricles começou a retirar do tesouro para financiar obras públicas em Atenas, a maior parte da marinha da Liga era agora ateniense, e Atenas pôde defender suas ações.

Sem importar a moralidade ou não do uso que Péricles fez do tesouro de Delos, as obras de arte e arquitetura, disso resultantes, têm provocado a admiração de gerações. No fim do período do governo de Péricles os visitantes da Acrópole seguiam o caminho pela extremidade ocidental da Acrópole, para atravessarem a Propiléia ou vestíbulo, traçado pelo arquiteto Mnesicles. A galeria de arte municipal ficava em uma ala da Propiléia cruciforme, cujo belo teto continha vigas de mármore fortalecidas por barras internas de ferro—uma construção grega cujo método estava adiantado de sua época por muitos séculos.

Erguendo-se na fenda da Propiléia estava o *partenon*, desenhado pelos arquitetos Ictino e Calícrates. Iniciado em 474 A.C., e terminado em 432 A.C., o Partenão ocupa uma área de cerca de 31 m x 70 m, sendo considerado o ponto culminante da arquitetura grega do estilo dórico. Para esculpir as estátuas do Partenão, Péricles contratou Fídias, principal escultor da época, que já erigira o colosso de bronze de Atena, com dez metros, e que fora erguido acerca de 30 m da Propiléia. Para o salão principal do Partenão, Fídias executou uma imensa estátua de Atena em ouro e marfim, de pé, armada da cabeça aos pés e brandindo a Vitória em sua mão direita. Também esculpiu estátuas para os frontões nas extremidades do telhado e alto-relevos para os frisos, que foram brilhantemente pintados de vermelho, azul e dourado e que corriam em volta pelo lado externo das muralhas, entre as colunas e o telhado.

Durante quase *mil anos* o Partenão derramou sua glória sobre Atenas. Apesar de ter sido convertido, a princípio em uma igreja cristã e depois em uma mesquita, continuava em bom estado em 1687 quando os turcos, em guerra contra a República de Veneza, armazenaram pólvora no mesmo. Um artilheiro alemão, do exército veneziano sitiante, lançou uma granada de morteiro através do telhado, a qual fez explodir a pólvora ali armazenada, tendo feito explodir toda a parte central do templo.

Neste século, com ajuda financeira norte-americana, os gregos começaram a restaurar o Partenão.

Porém, os turistas que desejam ver um templo intacto dos gregos, fazem melhor se visitarem o templo de Héfaistos, chamado «Teseu», a 540 m a noroeste da Acrópole, na colina de Colono, que fronteia o antigo *agorá* (mercado) de Atenas. Esse templo dórico de mármore data de 450-440 A.C., pelo que é um tanto mais antigo que o Partenão. Sua alcunha se deriva de esculturas e frisos que retratam os feitos de Teseu, lendário herói de Atenas. Tal como diversos outros templos gregos, o Teseu foi preservado por ter sido convertido em uma igreja.

Ao lado do Partenão, na Acrópole, está o Erecteum, que também é um templo dedicado a Atena. Seu nome provém de um santuário existente atrás de um edifício dedicado a Erecteu, um rei lendário de Atenas, mencionado na *Ilíada* de Homero. Tal como o Partenão é reputado o clímax da arquitetura de estilo dórico, o Erecteum é o mais excelente exemplo do estilo jônico, um tanto posterior. A construção desse complexo, que foi feita em níveis, teve início em 421 A.C. e após adiamentos durante um período de dezesseis anos, devido a guerras contra Esparta, foi terminado em 405 A.C. Esse edifício, por igual modo, foi danificado durante as guerras turcas, mas foi cientificamente restaurado em 1909.

Muitos dos outros notáveis edifícios de Atenas foram erigidos muitos anos após a época de Péricles. Esses incluem o Teatro de Dionísio, a suleste da Acrópole, o Horologium ou Torre dos Ventos, no lado norte da Acrópole, o Templo de Zeus, completado pelo imperador romano Adriano, e numerosas outras estruturas.

Além das construções públicas e de haver ampliado o poder ateniense, Péricles ativou-se nas reformas constitucionais do governo de Atenas. Pela primeira vez foram pagos indivíduos pela prestação de serviços públicos. Antes disso, somente aqueles que eram bastante ricos para poder viver sem trabalhar eram capazes de servir como oficiais públicos. Também era pago o serviço prestado nos tribunais. Os atenienses tinham um curioso sistema judiciário, conforme nossos padrões modernos. Embora alguns casos permanecessem sob a jurisdição dos *arcontes*, a maioria dos casos era ouvida por um conselho de *dikastai*—juízes e jurados combinados—escolhidos por sorte dentre os cidadãos. Os tribunais continham de 201 a 2.501 *dicastas*, e os números esdrúxulos visavam a impedir empate nos votos. Infelizmente, a audiência perante tão grande número de pessoas encorajava os partidos a usarem apelos flagrantemente irrelevantes e emocionais.

A Atenas de Péricles chegou o mais perto possível do ideal de «democracia participatória», apesar do fato de que nem todos os adultos podiam votar. As mulheres não tinham voz política, e uma terça parte da população era constituída de escravos destituídos de quaisquer direitos. Uma outra fração consistia de residentes estrangeiros, que pagavam impostos e estavam sujeitos às leis, mas que não tinham representação e nem podiam vir a tornar-se cidadãos. (Era mister *um ato* especial da assembléia para naturalizar um estrangeiro, e isso ocorria raramente).

Volumes inteiros têm sido escritos acerca da vida diária na Atenas de Péricles, — que é conhecida em ricos detalhes porque muitas obras literárias dos séculos V e IV A.C. foram preservadas até hoje.

Muitas das ruas não eram pavimentadas, tinham apenas cinco metros de largura e eram ladeadas por casas de tijolos, de forma quadrada, quase todas de um pavimento só. Cinzentas, cor de barro e, algumas vezes, caiadas, essas casas tinham uma só porta no nível da rua, exibindo paredes sem janelas para o lado da rua, embora as casas de dois pavimentos contivessem, às vezes, uma pequena janela protegida com barras, bem no alto do segundo pavimento. Essa ausência de janelas servia ao propósito de impedir a entrada dos maus odores de lama e lixo, provenientes das ruas.

Ao longo dessas ruas estreitas, as pessoas apressavam-se para cá e para lá. Donas-de-casa das classes mais pobres e escravas das casas ricas carregavam jarras de água nos ombros, a caminho das fontes próximas. Citadinos de cabeça descoberta envoltos em pesadas *himatia* de lã passavam por agricultores vestidos de túnicas e chapéus de feltro, que tinham chegado do interior, trazendo jumentos carregados de produtos. Trigueiros fenícios de barbas encaracoladas, vestindo mantos soltos e com argolas nas orelhas, egípcios barbudos em roupas sujas de linho branco e alguns poucos africanos se misturavam aos gregos no *agorá*, o centro da vida da cidade. Ali os agricultores vendiam seus produtos e os vendilhões ofereciam suas quinquilharias. Todas as atividades cívicas tinham lugar nos edifícios que circundavam esse mercado.

Durante a *Idade Áurea de Péricles*, Atenas cresceu e prosperou, não somente devido às riquezas tomadas de cidades dominadas, mas também devido à prata extraída das minas do monte Laurium e ao comércio de exportação de cerâmica e azeite de oliveira. A população da Atenas de Péricles orçava entre 250 a 300 mil habitantes, rivalizando em tamanho com a Babilônia e Mênfis, que lhe eram limitadas pela logística dos alimentos importados. Quando a população não mais podia ser alimentada convenientemente pelos campos de trigo da Ática, importava-se cereal do estrangeiro, de tão longe quanto as fazendas citas, ao redor do Mar Negro.

A reputação da Atenas de Péricles repousa não somente sobre as riquezas e as artes, mas também sobre o fermento intelectual que tinha lugar. Quase todos os gêneros existentes da literatura—poesia, cenas épicas, drama, tragédia, comédia, história, conto, monografia, tese, tema, etc., o que é testemunhado por seus nomes gregos—evoluíram em Atenas durante esse período histórico. O drama evoluiu rapidamente de um único ator que atuava em conjunto com um coro que entoava uma narrativa em versos para algo bem parecido com nossos modernos espetáculos teatrais. As competições dramáticas anuais tornaram famosos os grandes mestres da tragédia: Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, bem como o comediante Aristófanes—cujos dramas satíricos ilustram a liberdade de linguagem que prevalecia nos fins do século V A.C.

A especulação científica tinha começado durante o século anterior na Grécia Asiática e na Sicília. Homens como Tales, Pitágoras e Empédocles formularam teorias sobre o formato do globo terrestre, a natureza da matéria e a origem da vida. Filolau acendrou-se sobre a idéia de que a terra é redonda, e Anaximandro propôs uma teoria de evolução. Mais numerosos que os cientistas, entretanto eram os *sophistai*, ou «sábios», os quais especulavam sobre a política, sobre a moral, sobre a gramática e a retórica e viviam ensinando e conferenciando.

O crescimento do império ateniense provocou alarma, sobretudo na Esparta militarista, situada na extremidade do Peloponeso, cerca de 160 km a sudoeste de Atenas. A despeito de marcante contraste entre as culturas das duas cidades-estado, Esparta e

Atenas foram atiçadas à guerra por parte de aliados beligerantes, e não tanto por uma hostilidade implacável entre elas. Certa inimizade teve início entre Corinto, aliada de Esparta, e sua colônia, Corcira, aliada de Atenas. Aumentando a hostilidade, foram feitas muitas propostas tendentes a uma solução pacífica, tendo havido até mesmo uma abortada conferência de desarmamento. Esparta, que não contava ela mesma com muralhas, propôs que outras cidades gregas derrubassem as suas muralhas. Mas essa sugestão não foi aceita com grande entusiasmo.

Finalmente irrompeu a guerra, em 431 A.C., e durante dez anos os espartanos arrasaram a Ática, enquanto os atenienses, protegidos por detrás de suas muralhas, continuavam a vida como antes. A frota ateniense, entretanto, continuamente assediava as costas marítimas de Esparta e seus aliados.

No segundo ano do conflito, Atenas foi atingida por uma *praga*. Talvez se tenha tratado de sarampo, ou, quiçá, varíola. Seja como for, isso foi mortal para os atenienses, que não tinham obtido imunização em ataques anteriores. A perda mais séria foi a de Péricles. Após sua morte, Atenas foi vitimada por uma série de temerários demagogos e aventureiros. Em 421 A.C., Esparta e Atenas assinaram um tratado de paz, e as coisas se acalmaram durante uns poucos anos. Porém, em 413 A.C., os atenienses enviaram uma numerosa expedição à Sicília, sob o pretexto de sair em defesa de um aliado, que estava sendo atacado por uma cidade próxima, aliada de Siracusa. Mas o propósito verdadeiro era o de atacar Siracusa diretamente, assim tornando Atenas a princesa do Mediterrâneo.

Em resultado de liderança *incompetente*, a força expedicionária foi destruída, e todos os seus homens capturados ou mortos. Percebendo a desorganização geral entre os atenienses, os espartanos renovaram a guerra. Dessa vez, os espartanos, apegados ao continente, construíram uma flotilha e, em 405 A.C., surpreenderam e destruíram a marinha ateniense em Egospótamos. Isso pôs fim à guerra. Embora fosse menor que muitas outras de menos fama, a Guerra do Peloponeso é relembrada principalmente por causa da detalhada narrativa feita por Tucídides, um dos grandes historiadores. Tucídides assumia uma atitude friamente pessimista em face da humanidade, e os motivos que ele atribuía aos homens podem ser vistos operando em tempos e lugares bem distantes da Grécia antiga. Ele descreve calmamente a guerra como ela é, e não como os idealistas ou militaristas gostariam que ela fosse.

Depois de haver sofrido derrota às mãos de Esparta, Atenas nunca mais gozou do poder político de que desfrutara durante os dias de Péricles. No entanto, durante séculos e séculos a cidade continuou proeminente nas lides intelectuais. No século IV A.C., Praxíteles encabeçou o movimento para a mais realista escultura da Idade Helenista. Menandro desenvolveu um novo estilo de comédia, com base em situações incongruentes, e surgiram as filosofias do cinismo, do epicurismo e do estoicismo.

O discípulo de Sócrates, *Platão*, dirigiu sua escola de um homem, no parque suburbano denominado Academia. Seu discípulo, Aristóteles, foi o tutor do jovem Alexandre da Macedônia, que depois retornou a Atenas para estabelecer uma escola rival em outro parque, o Liceu. Uma das maiores mentes de todos os tempos, Aristóteles fez mais do que qualquer outro homem para fundar o nosso método científico.

A liderança intelectual de Atenas prosseguiu sob Alexandre e os romanos. O cristianismo, entretanto, forçou o seu fim. Justiniano fechou a última das suas escolas em 529 D.C., e daí por diante Atenas foi declinando até tornar-se pequena cidade provinciana, tendo sido governada, sucessivamente, pelos bizantinos, pelos franceses, pelos espanhóis, pelos italianos e pelos turcos. A cidade só começou a recuperar a sua antiga glória depois que os gregos se libertaram do jugo turco, em 1832, quando escolheram Atenas como sua capital. Hoje em dia, uma vez mais, Atenas é uma grande cidade, com meio milhão de habitantes.

Apesar do declínio e das ignomínias que Atenas tem sofrido ao longo dos séculos, desde Péricles até seu reavivamento moderno, permanece de pé a história da Atenas de Péricles—conforme Tucídides esperava que permanecesse a sua história—«*uma possessão eterna*».

(Reimpresso por gentil permissão de *Fate Magazine*, Edição de maio de 1974).

ATENAS, ESCOLA DE

(Ver **Escola de Atenas**).

ATENÓBIO

Era amigo de Antíoco VII Sidetes, rei da Síria, o qual foi enviado a Jerusalém, por aquele rei, para discutir sobre a questão da ocupação de Jope, Gazara e a cidadela de Jerusalém. Ele exigiu que esses lugares, que haviam sido tomados pelos judeus, fossem devolvidos, ou que Simão pagasse por eles mil talentos de prata. Porém, repelindo ambas as condições, Simão ofereceu somente cem talentos de prata. Por isso, Tenóbio retornou a Antíoco sem haver conseguido realizar o seu propósito (ver I Macabeus 15:28-36). (Z)

ATER

No hebraico significa **fechado** ou **mudo**. Nome de várias personagens do Antigo Testamento:

1. Os filhos de Ater, entre os porteiros do templo, que retornaram do exílio com Zorobabel (ver Esd. 2:42; Nee. 7:45), em cerca de 536 A.C.

2. Os filhos de Ater, da família de Ezequias, que retornaram da Babilônia com Zorobabel (ver Esd. 2:16; Nee. 7:21 e I Esdras 5:28).

3. Um dos chefes do povo que assinou o pacto com Neemias (ver Nee. 10:17), em cerca de 445 A.C. (S)

ATHARVA-VEDA

Uma das quatro coleções de hinos usados nos sacrifícios védicos. Ver sobre os *vedas*. O Atharva-Veda contém muitos feitiços e encantamentos, juntamente com hinos e orações similares aos do Rig Veda. Apesar de coligidos após o Rig Veda, representa uma forma mais primitiva de fé religiosa. (E P)

ÁTICO

Filósofo platônico do século II D.C., que fazia clara distinção entre o pensamento platônico e o pensamento aristotélico, misturando idéias platônicas com o estoicismo, de tal modo que com freqüência ele é considerado um filósofo estóico. Contrariamente a Aristóteles, ele acreditava que o Universo foi criado, que as *formas* ou *idéias* existem como pensamentos da mente divina (ver *conceitualismo*). Ensinava que a

alma é imortal e pode separar-se do corpo. Para ele, Deus não é um Movedor inabalável, mas capaz de intervir no mundo. (EP P)

ATITUDE

Mentalmente: envolve a forma dos pensamentos, as tendências dos mesmos e os seus impulsos; enfim, a atitude mental. Fisicamente: envolve a postura do corpo, o que, por si mesmo, subentende e exprime um estado mental, as crenças, as opiniões e os sentimentos.

1. As atitudes (postura, gesto) **e a psicologia.** Até mesmo a maneira de um homem andar pode revelar sobre as atitudes que ele tem para consigo mesmo e para com seus semelhantes. A psicologia tem demonstrado a importância dos gestos (ver o artigo a respeito) como reflexos dos sentimentos e atitudes. Certos gestos acompanham o ato de dizer uma mentira, pois são muito típicos. O gesto da mão pode dizer mais do que muitas palavras, revelando o que o indivíduo realmente está pensando, enquanto suas palavras dizem o que ele quer que seu ouvinte pense, e não a verdade. Os psicólogos têm investigado essa questão através de suas observações. Muitos gestos e posturas são comuns a uma raça, ou mesmo ao gênero humano, ao passo que outros são individuais. Os romanos expressavam surpresa ou consternação dando um tapinha súbito na testa, e nós ainda fazemos esse gesto, embora mais para mostrar que agora nos ocorreu uma coisa que não nos havia ocorrido antes. A futilidade é expressa pelo ato de deixar pendente os antebraços. A consternação é expressa pelo erguer súbito dos braços, algumas vezes com um gesto adicional da mão, como que para arrancar os cabelos, mas sem tocar nos mesmos. O cansaço é indicado pela colocação da palma da mão sobre a nuca. Uma pessoa que esteja dizendo uma mentira, pode cobrir parcialmente a boca com a mão, ou pode tocar no lóbulo da orelha. Usualmente, uma mudança no tom de voz (para um tom mais estridente), acompanha esse gesto. Estender as mãos, de palmas para cima, é um gesto de súplica. O punho fechado é sinal de desafio ou indicação de força. Inclinar o corpo para a frente indica reverência ou respeito. Virar o corpo para outro lado onde está uma pessoa (quando aquele que assim faz está sentado ou em pé), sem importar em que grau, com freqüência não é apenas a mudança para uma posição mais confortável. Pode indicar certa aversão. Por igual modo, o contrário, quando a pessoa volta-se para outra pessoa, indica a tentativa de comunicar-se com ela.

2. Atitudes e posturas relacionadas à Bíblia e à religião.

a. *Adoração e homenagem.* Os islamitas assumem nove posições corporais diferentes, dependentes do ato específico de homenagem que estiverem exprimindo. Essas posições vão desde o ficar de pé, em posição ereta, até à total prostração no chão.

b. *Posição ereta.* Os judeus e os primeiros cristãos punham-se de pé a fim de orarem. Tanto monumentos quanto referências literárias mostram isso (ver I Reis 8:54; Eze. 4:5; Dan. 6:10 e II Crô. 6:13).

c. *Soerguer as mãos,* a fim de suplicar (ver I Reis 8:22; II Crô. 6:12, 29 e Isa. 15). O erguer de um dos braços acompanhava um juramento proferido, como que a dizer: «Fiz um juramento». (Ver Gên. 14:22 e Deu. 32:40).

d. *Ajoelhar-se* é uma postura de adoração (ver I Reis 8:54; Eze. 9:5; Dan. 6:10; Luc. 22:41 e Atos 7:60). E, naturalmente, a oração acompanha a atitude, sobretudo quando a alma sente a necessidade de humilhar-se perante o Rei. Nas devoções islâmicas, o ato de ajoelhar-se assume três formas.

e. *Total prostração* é atitude que tem o mesmo sentido do ato de ajoelhar-se, embora seja uma forma ainda mais enfática. Expressa intensa humilhação e apelo veemente (ver Êxo. 34:18; II Crô. 29:29 e Isa. 1:15). Uma variação tipicamente islâmica consiste em pôr os joelhos, os antebraços e a cabeça no chão, mas com o resto do corpo elevado, em posição inclinada em relação ao solo.

f. *Pôr pó ou cinzas sobre a cabeça* é um ato que demonstra consternação, humilhação, penitência ou lamento (ver Jos. 7:6; Jó. 2:12; Lam. 2:10 e Apo. 18:19). Os antigos egípcios estavam acostumados ao gesto, como a maioria dos povos orientais.

g. *Bater no peito* expressa consternação, humilhação, tristeza e reconhecimento de culpa, sendo gesto comum aos povos orientais e aos egípcios (ver Heród. iii.85). Monumentos descobertos no Egito mostram pessoas de joelho, batendo no peito.

h. *Sentar-se,* ou então primeiro ajoelhar-se e então sentar-se sobre os calcanhares, é um ato de reverência. Lemos em I Crô. 17:16 que Davi veio e *sentou-se* diante do Senhor.

i. *Inclinar a cabeça* até encostá-la nos joelhos (ver I Reis 18:42) é ato de reverência.

j. *Estender a mão espalmada,* de pé, é um gesto de súplica, o que pode ser confirmado nos monumentos antigos e visto nas ruas, a qualquer dia, nos tempos modernos.

k. *Cair subitamente de joelhos* e cair prostrado para a frente, diante de alguém, é gesto de extrema e urgente súplica, um misto de humildade e temor. Algumas vezes, também era um ato de adoração (ver Atos 10:26).

l. *Beijar os pés* ou a fímbria das vestes de outrem (ver Mat. 9:20; Luc. 7:38,45), indicava reverência, respeito, ou mesmo adoração.

m. *Beijar a mão* de outrem indica respeito ou afeto. Beijar a própria mão era considerado um ato de homenagem aos corpos celestes (ver Jó. 31:27).

n. *Beijar na testa de outrem* era sinal de respeito ou afeto (ver I Sam. 10:1; I Reis 19:18 e Sal. 2:12).

o. Havia ainda várias maneiras de prestar homenagem, respeito, expressar tristeza ou receber uma bênção. Aquele que abençoava impunha a mão sobre a cabeça daquele que a recebia, o qual ficava em posição inclinada para a frente ou se ajoelhava (ver Gên. 48:14; ver também Gên. 18:2; 19:1; 23:7; 24:48; Êxo. 4:31; Núm. 25:2; II Sam. 14:22; I Reis 1:16; Mat. 27:29 e Rom. 11:4). Essas referências nos fornecem boa variedade de idéias acerca desses gestos de inclinação e respeito.

3. Atitudes mentais. Isso inclui os sentimentos, os humores, o modo de pensar e de crer — tudo o que é importante do ponto de vista espiritual, pois o que está na mente, determina o que uma pessoa é e faz. Há as imaginações e pensamentos, bons e maus (ver Gên. 6:5). Disse o salmista: «Examina-me, Senhor, e prova-me; sonda-me o coração e os pensamentos» (Sal. 26:2). As Escrituras ressaltam a importância dos pensamentos íntimos, das atitudes e dos sentimentos. Filipenses 4:8 recomenda: «...irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento». Devemos levar cativo a Cristo todo o pensamento, a fim de Lhe sermos obedientes (ver I

Cor. 10:5). A Palavra de Deus discerne os pensamentos e intenções do coração (ver Heb. 4:12). Ver os artigos sobre Coração, Mente e Alma. (NTI S Z)

ATITUDE INFANTIL

Essa atitude tem um aspecto apropriado e outro impróprio.

1. *Atitude própria.* É bom o crente ser como uma criança, no tocante à «malícia» (ver I Cor. 14:20). Quando o crente busca em Deus a sabedoria, é bom que ele seja como uma criança que não tem qualquer ilusão quanto à sua sabedoria (ver I Reis 3:8,9). Quando alguém aborda a mensagem de Deus, e potencialmente torna-se transmissor dessa mensagem, é bom que assuma a condição de uma criança (ver Jer. 1:6). São os infantes, sem ódio e sem orgulho, que podem receber a mensagem de Jesus (ver Luc. 10:21). Os crentes são reputados crianças amadas, que precisam da ajuda do Pai celeste (ver I João 2:1,12). O reino de Deus requer que os «filhos» de Deus se humilhem (ver Luc. 1:52; 6:20-26). Convém que o crente se humilhe, porque tal crente será exaltado no reino do céu (ver Mat. 18:4).

Esse princípio bíblico contradiz a ética de Aristóteles, o qual declarava que a humildade é um vício de deficiência, o oposto do espírito altivo. A missão de Jesus envolvia as «crianças» humildes e as crianças literais, motivo pelo qual devem ser respeitadas, porquanto o reino de Deus lhes pertence (ver Mat. 19:3). As pessoas dotadas das qualidades da inocência, da simplicidade e da humildade gozam de grandes vantagens diante de Deus. Deus resolveu que —coisas pequenas confundissem as sábias (ver I Cor. 1:26-29). Portanto, torna-se mister que o crente assuma tal postura, a fim de acolher como deve a mensagem espiritual e o reino de Deus (ver Mat. 18:3). Finalmente, precisamos *nascer de novo* a fim de penetrarmos nos mundos espirituais, para que cheguemos como novas criaturas na presença eterna de Deus (ver João 3:3,5). (EP H)

2. *Atitude imprópria.* Paulo declara que deixou de lado as coisas próprias de menino, ao tornar-se adulto, a fim de ilustrar que o desenvolvimento espiritual nos dota de uma atitude mais madura e entendida, e também que a nossa futura perfeição eliminará as atuais formas e veículos espirituais. Nossas formas de conhecimento, nossa prática cristã e nossos dons espirituais, etc., serão eliminados quando recebermos uma espiritualidade superior, por ocasião da «parousia» (ver artigo). (Ver I Cor. 13:11). A condição de permanente infantilidade espiritual é repreendida no sexto capítulo da epístola aos Hebreus. Pois as pessoas que não crescem, e que sempre enfatizam os «princípios elementares» da fé cristã são apenas crianças espirituais. Paulo queixou-se que alguns crentes são como infantes que nunca avançam para não mais precisar do *leite* espiritual, porquanto são crentes carnais. Também há crentes infantis que guardam no peito uma atitude ciumenta e contenciosa, um espírito sectarista (ver I Cor. 3:1 ss.). (EP H)

ATIVISMO

Ver o artigo sobre o seu contrário, o **quietismo**. O ativismo extremo seria uma vida dedicada à ação e à volição, sem consideração pelo conhecimento ou pela contemplação como diretrizes. O quietismo extremo advogaria a cessação de toda volição e desejo. Em uma possível aplicação ética, teríamos, em um lado, intelectuais de torre de marfim, cujo único propósito seria a busca pelo conhecimento, sem prestação de qualquer serviço ou trabalho. Por outro lado, teríamos os obcecados pela ação, com pouca preocupação com a contemplação e a intelectualidade. O misticismo extremo é a cessação de toda a volição e busca pela absorção em Deus, podendo representar o quietismo. (H)

ATLAI

Um dos filhos de Bebai, o qual, por desejo expresso de Esdras, despediu sua esposa estrangeira, (ver Esd. 10:28), em cerca de 459 A.C. (S)

ATLETISMO

Os clássicos gregos refletiam o ideal de mente sã em corpo são. As pesquisas científicas têm confirmado a validade do conceito. A mente funciona melhor quando o corpo é devidamente exercitado, não sendo tratado abusivamente, com excessos como a glutonaria e outros.

Considerações:

1. Até certo ponto, *a Bíblia* encoraja o atletismo. O que sucede aos nossos corpos é importante, por serem templos do Espírito Santo (I Cor. 6). O treinamento espiritual, porém, é muito mais importante, embora «o exercício corporal para pouco é proveitoso» (I Tim. 4:8, ERC). Paulo deve ter tido algum interesse por esportes, ou não teria usado metáforas esportivas (ver sobre corrida, em Fil. 3:12 ss , como um exemplo).

2. O atletismo oferece uma atividade saudável, especialmente para os jovens. Se eles praticarem atletismo, tal atividade pode substituir atividades prejudiciais, às quais se inclinam os jovens.

3. O atletismo oferece aos homens um certo *desafio*, primeiro para o desenvolvimento de habilidades específicas, para treinamento do corpo e da mente, e em segundo lugar, como uma competição, salutar como uma realização pessoal. O condicionamento mental produzido pelos esportes pode ajudar um homem a competir na vida, de modo geral, de maneira mais eficaz.

4. O atletismo promove a *saúde*, o que ajuda o indivíduo em tudo quanto ele faz, para que o faça melhor.

5. Para muitos, o *atletismo* é uma profissão; e se não houver abusos, é digna a vida de um atleta.

6. Para os espectadores, o atletismo fornece um entretenimento, mais salutar do que outras formas de entretenimento.

7. *Abusos.* Alguns esportes profissionais, como o futebol americano, o boxe, as lutas de caratê, etc., têm encorajado à violência. Mas o esqui é a modalidade mais perigosa de todas. A Associação Médica Americana tem exigido que o boxe seja descontinuado, devido aos danos cerebrais produzidos nos lutadores. Naturalmente, se o boxe se tornasse ilegal, haveria de continuar como uma atividade oculta, com pequeno público. Não seria melhor controlá-lo legalmente? Enquanto o homem for o que é, haverá quem queira lutar por causa do dinheiro ou da diversão. Os crentes não podem mostrar-se indiferentes para com essas questões, do ponto de vista moral, embora talvez não haja como solucionar os abusos no atletismo. Os jogos de azar são um outro abuso, especialmente quando escudados em organizações criminosas. (H)

Ver os artigos separados sobre *Esportes* e *Ginásio*.

ÁTMÃ

Termo de origem incerta que, — em seu uso mais antigo, significava «fôlego», mas que veio a significar «o eu». Nos Upanishads (ver o artigo), significa «eu universal», ou realidade final, sendo representado como Bramá-Átmã. Em uma das escolas filosóficas do hinduísmo (ver o artigo), era através do conhecimento da identidade do indivíduo com Bramá-Átmã que se alcançaria a salvação, isto é, *moksha* (ver o artigo). Essa escola filosófica é chamada *Shankara* (ver o artigo).

Nos primeiros tempos védicos, o termo significava «vento, sopro, a natureza de uma coisa». No bramanismo posterior, e mais tarde, o vocábulo passou a significar «mente», o consciente de um homem, ou a alma de um homem. Além disso, veio a significar mente cósmica, consciência cósmica, ou alma do mundo (uma unidade no agregado cósmico das almas — *purusha* — ver o artigo). (E P)

ATO

Deriva-se do latim **agere** (fazer). O grego é *energeia*.

1. Aristóteles contrastava o ato (energeia) com a potência (dynamis), associando a primeira à forma, e a última à matéria. Ver o artigo sobre *substância*, onde essas questões são aclaradas.

2. Havia esse mesmo conceito (tomado por empréstimo de Aristóteles) na teologia escolástica e na filosofia, mediante os termos *actus* e *potentia*. Fazia-se uma distinção entre o primeiro e o segundo ato. O primeiro ato é a «forma» de uma coisa (ação em potência), e o segundo é a operação real de uma coisa. «Ato» sugere, nessa terminologia, tanto realidade quanto atividade. Em contraste com outros seres, Deus é *actus purus*.

3. Gentile referia-se à sua filosofia como um ato puro, dando a entender que a atividade humana (conforme era descrita por ele) precisava ser considerada dotada de condição ontológica primária.

4. No campo da ética, ato ou ação é considerado sob o prisma moral. A intenção de agir reveste-se de qualidades morais, segundo Jesus ensinou. O pensamento mau é um mal moral, sem importar se venha ou não a exteriorizar-se na forma de atos (Mat. 5:28). Alguns filósofos supõem que o valor de uma ação depende da intenção por detrás da mesma, pois somente ali se encontra a pureza. Todos os atos são corrompidos, de algum modo, primeiramente no «ego», então em sua realização deficiente ou faltosa. Parece melhor supormos que o valor moral de um ato depende tanto da intenção quanto da realização. Ver sobre a *responsabilidade*. A ação também tem uma base ontológica. Aquilo que penso e faço, alicerça-se sobre aquilo que sou. E é nesse ponto que todas as ações devem ser modificadas. As nações que odeiam e fazem guerra contra outras nações, têm répteis em sua consciência nacional. O homem que mata é, antes de tudo, uma pessoa maligna, e assim demonstra a sua malignidade. Nessa altura o evangelho intervém a fim de transformar o indivíduo, a fim de que seus atos, como um resultado, sejam corretos.

Vontade e ação. O calvinismo radical furta do indivíduo sua capacidade de agir, ao procurar seguir textos de prova como Rom. 3:10 e ss. Mas a Bíblia, do princípio ao fim, pressupõe a responsabilidade humana, tornando o homem um ser capaz de escolha e ação apropriadas, contanto que sua vontade queira agir nessa direção. Seja como for, é claro que todas as ações dos homens acham-se em estado precário, enquanto eles não são regenerados pelo Espírito Santo. Ver o artigo sobre o *livre-arbítrio*, quanto a outros esclarecimentos. Ver também sobre o *determinismo*. (F H P NTI)

ATO HUMANO

A questão tem várias facetas, que podem ser melhor examinadas através dos seguintes pontos:

1. A ação moral de uma pessoa diante do conflito entre o desejo de satisfazer a si mesmo e o dever de servir ao próximo. Uma criança, se for amada, pode aprender a agir em favor de outras pessoas, negando a si mesma a satisfação do próprio «eu». E um adulto maduro segue essa mesma vereda de abnegação.

2. A auto-realização é um degrau mais elevado. Isso pode incluir os próprios interesses; mas, quando é correta, deve incluir algo que contribua para o bem-estar de nossos semelhantes.

3. Um verdadeiro e iluminado ato humano é aquele que vê o ser humano como um todo, e cada indivíduo como uma parte, de tal modo que aquilo que ajuda ou impede a alguém, exerce o mesmo efeito sobre a outra pessoa. Isso envolve a maturidade espiritual.

4. Uma elevada manifestação disso dá-se quando um indivíduo age voluntariamente, praticando o que é bom. Isso a pessoa faz porque sua maturidade espiritual atingiu um ponto onde ela se libertou da convicção ilusória de que o mal, de alguma maneira, produz mais prazeres e é mais vantajoso do que o bem. Tal pessoa foi libertada pelo Filho de Deus e por Sua ética.

5. Envolvida na questão encontra-se a *dignidade do indivíduo*. Um homem toma conhecimento de sua elevada posição espiritual quando é bom e pratica o bem, e não quer que em sua vida haja manifestações que degradem a sua humanidade.

6. *O dever*. O ser humano tem a responsabilidade de prestar contas a seu Criador, mostrando-se grato para com o dom da vida que lhe tem sido conferido. O dever mostra ao indivíduo certas ações que transcendem aos meros instintos animais e ao auto-interesse.

7. *A relação transcendental para com Deus*. Um ponto de vista apropriado da natureza humana, o qual assegura que o homem é um espírito, dotado de um destino espiritual, e capaz de compartilhar da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), influenciará tudo quanto um homem é e faz. Esse relacionamento transcendental inclui o poder transformador do Espírito, o qual atua através de meios espirituais de desenvolvimento, como a instrução da mente quanto às realidades espirituais, por meio do estudo de bons livros, dos documentos sagrados, da filosofia e de questões úteis como a oração, a meditação, a santificação, a prática da lei do amor e os toques místicos do Espírito. Estes incluem as experiências espirituais diretas, os dons do Espírito e outras experiências psíquicas e espirituais, que transcendem ao que é intelectual e físico. Mediante a aplicação desses *meios*, o homem vai sendo internamente transformado segundo a imagem de Cristo (ver Rom. 8:29), passando de um estágio de glória para o próximo, tanto nesta vida como por toda a eternidade (ver II Cor. 3:18).

8. *Uso correto do dom da vida*. O homem espiritual interessa-se sobre como está usando a sua vida, e qual será o resultado da mesma. Ele considera a vida como um dom sagrado, anelando por usar esse dom corretamente. Isso inclui o seu próprio desenvolvimento espiritual (incluindo os vários aspectos do fruto do Espírito, ver Gál. 5:22,23); mas também precisa

incluir o que o homem faz em favor de outras pessoas. A doutrina aristotélica da virtude como uma função envolve um profundo discernimento. Cada indivíduo é distinto, e está encarregado de uma distintiva e proposital *função* na sociedade, tendo em vista o aprimoramento da mesma, material e espiritualmente falando. A podadeira foi inventada para podar; as tenazes, para segurar firmemente os objetos; a chave-inglesa para apertar e afrouxar roscas; e o motor de combustão interna para impulsionar veículos. O trabalho feito por cada uma dessas ferramentas constitui a sua *virtude*. Cada indivíduo deveria interessar-se pela sua virtude funcional, estando disposto a sacrificar-se por causa da mesma. Um cientista que esteja beneficiando a humanidade é um instrumento de Deus, tanto quanto o professor de seminário teológico, que instrui os alunos nos campos da ética e da doutrina cristã. A imensa gama de atividades humanas, em que as pessoas passam de um estágio para outro, através de existências e esferas de existências, como a terrena e a celestial, tem por finalidade conferir-nos muitos tipos de experiências, muitas formas de virtudes funcionais. Tudo isso está envolvido no correto uso da vida. O terreno físico é importante, por ser o lugar onde o homem aprende a respeito de seu destino e procura concretizá-lo. Mas também há o terreno espiritual, onde um destino mais elevado é buscado. Os destinos tanto são materiais-terrenos quanto são espirituais-celestes. Esses destinos estão relacionados entre si, ainda que, em certo sentido, estejam separados um do outro.

9. *O ponto culminante do ato humano*. Do ponto de vista da ética, nada existe que se assemelhe ao amor, o qual é a raiz de todas as virtudes, bem como o elemento que empresta significação a todas as coisas. O amor é a essência e a prova da espiritualidade (ver I João 4:7,20). Cuidar dos outros e fazer por eles aquilo que fazemos por nós mesmos, devido ao cuidado que temos conosco, é o que constitui a lei do amor.

10. *A obediência à fé*. Teologicamente falando, um bom ato moral sempre será uma questão de obedecer de modo racional à fé, quando a pessoa tem consciência de que tem obrigações radicais diante de Deus, o qual proporciona fé e graça aos homens. A obediência à fé consiste no amor a Deus, o qual nos inspira fé. Por conseguinte, um ato moralmente mau é uma espécie de incredulidade e negligência acerca da fé, um tipo de arrogância e auto-asserção que desagrada a Deus, em Seu dom da graça. (NTI R)

ATO ILOCUCIONÁRIO

Ver o artigo sobre **Austin, John L.**

ATO IMPURO

O ato impuro é uma ação que em si é má, ou cuja motivação é errada ou egoísta. O homem que faz o bem, porém com motivos errados, faz um ato impuro. Alguns filósofos insistem que somente a boa vontade é realmente pura, porque todas as ações, até as mais puras, (aparentemente), sempre têm alguma corrupção no nível de motivos. Isto parece um exagero, mas, realmente, é difícil falar exageradamente sobre a corrupção dos motivos dos homens.

ATO INDIFERENTE

Este termo quer dizer que algumas ações dos homens não têm conteúdo moral ou espiritual. Nesta classificação Paulo colocou a observação de dias especiais, os ritos e cerimônias religiosas, comidas proibidas e não-proibidas, etc. Ver Rom. 14:1-10. O que é importante é que fazemos tudo em nome do Senhor, utilizando assim de coisas indiferentes para promover a espiritualidade positiva. O pragmatismo (que vide) tem sua utilidade, porque muitas coisas da vida diária, que fazemos, não são nem boas e nem más. Paulo falou da liberdade de ação que tinha e assim foi permitida ser tudo para todos os homens. Ele falou que todas as coisas eram legítimas para ele, (I Cor. 10:23 *ss*). Mas isto tem aplicação somente aos atos indiferentes. Obviamente, Paulo não quis dizer que não existem padrões morais.

ATO NECESSÁRIO, EXISTENCIAL

Este termo especifica uma ação que uma pessoa *deve* realizar como parte de seu destino. Achamos que, na vida de uma pessoa, há um número de acontecimentos necessários para a realização do seu destino. Estes acontecimentos não são muito numerosos, mas são muito importantes, porque sem eles, a alma não completa a sua missão na terra, como deve ser realizada. O ato necessário, existencial, é a realização de um acontecimento necessário. Uma *decisão existencial* é uma decisão que a pessoa faz para fazer um ato necessário.

ATO PURO

1. Eticamente falando, é um ato que seja puro em si, e na motivação que o inspira. Ver sobre *Ato impuro*.

2. Na filosofia de Tomás de Aquino (que vide), somente Deus não combina as qualidades de *actus* e *potentia*, isto é, o tipo de ser cujas ações (desenvolvimento) se dirigem para uma finalidade, através da realização de potencialidade. Deus é um ser sempre e perfeitamente auto-realizado. — Deus, considerado, deste ângulo, Aquino chamou de *Ato Puro*. Esta filosofia, naturalmente, foi baseada na discussão de Aristóteles sobre causas, especificamente sobre atualidade e potencialidade (isto é, no grego, *energeia* e *dynamis*).

ATO REDENTOR

No sentido primário, este termo significa o ato salvador de Jesus Cristo, a expiação e a ressurreição. Ver os artigos sobre estes assuntos. Ver o artigo sobre *Salvação*. Secundariamente, o termo é usado para designar o ato de um homem que compensa uma maldade ou uma falha que ele fez, efetuando uma recuperação.

ATOMISMO

Vem do grego **a**, «não», e **temno**, «cortar». Alicerça-se sobre a equivocada noção de que o átomo não pode ser dividido. O atomismo é a crença de que a matéria consiste em átomos; e em sua forma mais radical, que não há existência além do átomo, pois este explicaria todas as coisas. Seus primeiros estágios encontram-se nos filósofos gregos *Leucipo*— e *Demócrito* (século V A.C.) (ver os artigos). Essa crença repousa sobre considerações metafísicas e científicas. Pelo menos no que tange à matéria, há crescentes evidências em favor da crença que as propriedades em larga escala dos objetos podem ser

explicadas como arranjos de seus componentes fundamentais. Há um ramo da ciência que continua investigando e descobrindo novas partículas atômicas; podendo-se dizer que o átomo continuará sendo *redefinido* em sua natureza ainda por algum tempo. O fato de que não podemos dizer o que seja exatamente o átomo (de fato, o átomo continua sendo uma entidade muito misteriosa), mostra que todo o nosso conhecimento científico repousa sobre bases precárias, não passando de uma modalidade de ceticismo prático, dentro do qual a função (embora não a teoria) continua sendo o elemento principal.

Do ângulo da metafísica, é atrativa a suposição que se o nosso mundo se caracteriza pelo estado de fluxo (o que repousa sobre a instabilidade dos átomos), as partículas do átomo são elementos permanentes e inalteráveis. Os antigos gregos supunham que o próprio átomo era uma partícula indivisível, e que meras combinações de átomos produzem tudo quanto está sujeito às modificações e à dissolução. Porém, os filósofos têm procurado algo de imutável e permanente no próprio átomo.

Os físicos atômicos clássicos supunham que os átomos possuem apenas extensão espacial, forma, solidez e, talvez, peso embora sem propriedades como cor, calor e cheiro. Dessa forma, anteciparam a filosofia corpuscular de Gassendi, Boyle e Locke (ver os artigos a respeito), no século XVII, com sua ênfase sobre a diferença entre as qualidades primárias e secundárias das coisas materiais. Ver o artigo sobre *as qualidades primárias e secundárias*.

Os físicos modernos continuam pesquisando em busca de partículas cada vez menores, mas não pensam que elas têm solidez e formato, no sentido em que os têm as bolas de bilhar. Propriedades eletromagnéticas, e outras propriedades menos familiares estão sendo estudadas, e já são compreendidas, ao menos em parte. Alguns físicos teóricos têm abandonado a crença de que o átomo pode explicar a existência, incluindo os fenômenos observáveis, e estão apelando para a *mente* e a *inteligência* como fatores mais fundamentais da existência do que as partículas atômicas. De acordo com essa opinião, o átomo seria uma concentração de energias psíquicas, ou seja, resultado ou realização da Realidade, e não a própria substância da Realidade. Da mente passamos para a escala maior da *Mente Divina*. Alguns físicos têm suposto que o Universo se parece mais com uma grande idéia do que com uma grande máquina. Todas as formas de conhecimento finalmente conduzem a Deus, e assim sendo, — à medida que formos conhecendo o átomo, mais conheceremos sobre Deus. Evidências importantes frisam um conceito não-material da Realidade Última, com a provisão que há manifestações materiais dessa realidade final.

Estágios na história do atomismo:

1. Filosofia indiana do **jainismo** (ver o artigo), em cerca de 800 A.C.

2. No Ocidente, os filósofos gregos Leucipo e Demócrito (século V A.C.).

3. Epicuro (ver o artigo), século IV A.C. Entidades espaciais indivisíveis, em forma composta, constituiriam a matéria. Heráclides (ver o artigo) advogava a idéia de diferenças qualitativas nos átomos, bem como novos desenvolvimentos.

4. Estrato (ver o artigo), no século III A.C., afirmava que os átomos são infinitamente divisíveis, sujeitos às ações do frio e do calor.

5. Nas religiões e filosofias orientais, no século IV A.C., a teoria atômica nas escolas de Nyaya e Vaisesika (ver artigos). Alguns budistas do norte também eram atomistas.

6. Lucrécio, no século I A.C. (ver artigo a respeito), seguia as idéias de Demócrito e Epicuro, embora concebesse os átomos dotados de movimentos voluntários, o que teria dado início a vórtices que deram começo ao mundo.

7. A moderna teoria atômica, em Galileu (ver o artigo), é expressão do atomismo. Matéria e extensão foram identificadas pelos filósofos do século XVII, Gassendi, Berigard, Maignan e Descartes.

8. Desde o século XVII tem havido uma teoria atômica mais sofisticada, que continua evoluindo.

9. Acima das teorias atômicas, temos a idéia de *mente* (ver o artigo), como idéia fundamental, onde o átomo seria uma consideração secundária.

ÁTOMO

Uma das partículas unitárias das quais toda a matéria é composta. É considerado ser um agregado de partículas atômicas organizadas dentro e ao redor de um núcleo e que exibe características singularmente determinadas por seu número, configuração específica, movimentos e propriedades. A busca do verdadeiro átomo (isto é, uma partícula que não pode ser dividida) continua, porque o átomo que combina partículas, que podem ser separadas, não é, segundo a palavra grega, um *a - tomo* (*a* + *temnein*), uma coisa que não pode ser *cortada* ou dividida. O conceito do átomo é importante tanto para a teologia como para a filosofia. Ver o artigo sobre *Atomismo*.

ATORMENTADORES, VERDUGOS

Palavra que em sua forma adjetivada, **basanistés**, «atormentador», aparece somente em Mat. 18:34 (nossa versão portuguesa a traduz ali por «verdugos»). O verbo e o substantivo da mesma palavra aparecem por dezessete vezes (ver, para exemplificar, Mat. 8:6; Mar. 5:7; Luc. 8:28; Apo. 9:5; 14:11; 18:7,10,15). Uma palavra cognata é *básanos*, «tortura», que figura em Mat. 4:24 e Luc. 16:23,28. A palavra *basanistés* apontava para um carcereiro que não somente conservava presos os devedores, mas também tornava a vida deles miserável, até que pagassem a dívida. Ordinariamente, os devedores eram vendidos como escravos, se não pudessem saldar sua dívida; mas, de outras vezes, eram lançados na prisão, até que fizessem a restituição.

ATOS

De Paulo, de Pilatos, de João, de Pedro, de Tomé, etc., ver **os pseudepígrafos** do N.T.

ATOS (Novo Testamento)

Introdução

Conteúdo

I. Autor
II. Data, Proveniência e Destino
III. Caráter Literário
IV. Texto Grego do Livro de Atos
V. Contactos e Influências Literárias
VI. Fontes Informativas
VII. Ênfase Apologética; Interesses e Propósitos Teológicos
VIII. Conteúdo
IX. Tabela Cronológica dos Acontecimentos em Confronto com a História Contemporânea
X. Tabela Cronológica da Vida de Paulo
XI. Bibliografia

O livro de *Atos* é a única história da igreja cristã em existência, escrita antes do século III D.C. Bastaria esse fato isolado para que se reconhecesse universal-

mente o valor deste livro, não o encarnado como mero documento histórico. Sem o mesmo, ficaríamos virtualmente sem qualquer registro histórico sobre o desenvolvimento inicial e a propagação do cristianismo primitivo, que o acompanha em sua rápida expansão desde a Palestina até partes distantes do mundo civilizado de então. Também é obra de grande valia na ajuda que nos presta para melhor entendermos as epístolas paulinas, que constituem uma porção avantajada do volume do Novo Testamento, posto que lhes provê valiosas informações de pano de fundo.

Não obstante, o livro de Atos não encerra uma história completa de todo o movimento cristão do primeiro século de nossa era, porquanto cobre tão-somente um período de três décadas, isto é, de cerca de 33 acerca de 63 D.C. Outrossim, se concentra sobretudo nos feitos de apenas dois dos apóstolos de Cristo: Pedro e Paulo. Cerca de metade do volume do livro se devota às atividades de Paulo, um terço às atividades de Pedro, e mais ou menos um sexto aos outros líderes cristãos primitivos de menor envergadura.

O título original do livro, *Atos dos Apóstolos*, dificilmente teria sido conferido pelo seu autor original, embora tenha sido aquele que geralmente veio a ser-lhe atribuído. De fato, não se trata de uma narrativa dos «atos dos apóstolos», visto que apenas dois apóstolos recebem alguma descrição de vulto ali. Muito menos ainda seria a história dos «atos de todos os apóstolos», segundo é denominado o livro do cânon muratoriano, certamente como exagero do conflito contra Márcion. Este havia rejeitado os demais apóstolos de Jesus à base do fato de que haviam abandonado a Cristo quando de seu injusto julgamento, tendo transformado Paulo em seu grande herói, como exclusiva autoridade da igreja cristã primitiva. Talvez um título mais apropriado fosse «História do Poder de Deus entre os Apóstolos» ou «História dos Atos do Espírito Santo», já que a presença guiadora do Espírito de Deus é um tema permanente desse livro. (Ver Atos 1:8).

O livro de Atos é a continuação da narração do levantamento e propagação do cristianismo, sendo que a primeira metade é contada pelo evangelho de Lucas. Atos 1:1 é passagem que deixa pouquíssima dúvida de que esses dois volumes—o evangelho de Lucas e o livro de Atos—resultaram de um único esforço literário. É perfeitamente possível que os manuscritos originais dessas duas obras tivessem sido postos a circular juntos; ou então que os dois volumes fossem apenas seções diversas da mesma obra. Ou então o livro de Atos pode ter sido publicado pouco depois do evangelho de Lucas, em volume separado, embora com a finalidade de ser lido e usado em conjunção com esse evangelho. Juntas, essas duas obras formam o mais completo registro histórico de como se desenvolveu a nova religião revelada, em torno da personalidade do Senhor Jesus Cristo, não como um ramo espúrio e herético do judaísmo, mas, bem ao contrário, a plena concretização dos alvos e ideais do judaísmo segundo revelado nas páginas do A.T. Pois o cristianismo bíblico preservou tudo quanto havia de bom e verdadeiro no judaísmo, embora o tenha ultrapassado em grau e em importância, de tal modo que com o cristianismo surgiu uma nova e poderosa modalidade de fé.

É exatamente o *desenvolvimento dessa nova fé* que o livro de Atos acompanha até cerca do ano 67 D.C., quando o maior herói dessa nova fé se encontrava aprisionado em Roma. Embora o autor sagrado, sem dúvida alguma, tenha vivido o bastante para ser testemunha do martírio do apóstolo Paulo, não fazia parte dos seus propósitos descrever esse último evento, mas antes, encerrar a sua narrativa com uma nota de triunfo e de otimismo, pois o sucesso do cristianismo fora espantoso, o que se deveria encarar como resultado da sua origem e propagação divinas, mediante o poder divino do Espírito Santo.

«O livro de Atos é a pedra-chave que vincula as duas porções principais do Novo Testamento, isto é, o 'evangelho', conforme os primeiros cristãos diziam...a única ponte de que dispomos para atravessar o abismo aparentemente intransponível que separa Jesus de Paulo, Cristo do cristianismo, o evangelho de Jesus e o evangelho sobre a pessoa de Jesus». (H.J. Cadbury, *The Making of Luke-Acts*, Nova Iorque: The Macmillan Co., pág. 2).

Os diversos títulos que têm sido atribuídos a esse livro, nos dias da antiguidade, são os seguintes: «*Atos e Transações dos Apóstolos*» (Codex Bezae) e «*Atos dos Santos Apóstolos*» (Codex Alexandrinus e outros, incluindo alguns dos primeiros pais da igreja). Os manuscritos mais antigos dizem simplesmente «*Atos dos Apóstolos*», como o Codex Vaticanus e outros manuscritos antigos, apesar de que o ms. Aleph diga simplesmente «Atos». Alguns editores têm dado preferência a este último título, como possível representante do título original, ou, pelo menos, como aquele que mais direito tem de reivindicar originalidade. Os pais da igreja, Orígenes Tertuliano, Dídimo, Hilário, Eusébio e Epifânio também usaram meramente o título «Atos» para este livro. Já Ecumênio chamou-o de «Evangelho do Espírito Santo». E Crisóstomo apodou-se de *Livro da Demonstração da Ressurreição*.

I. Autor

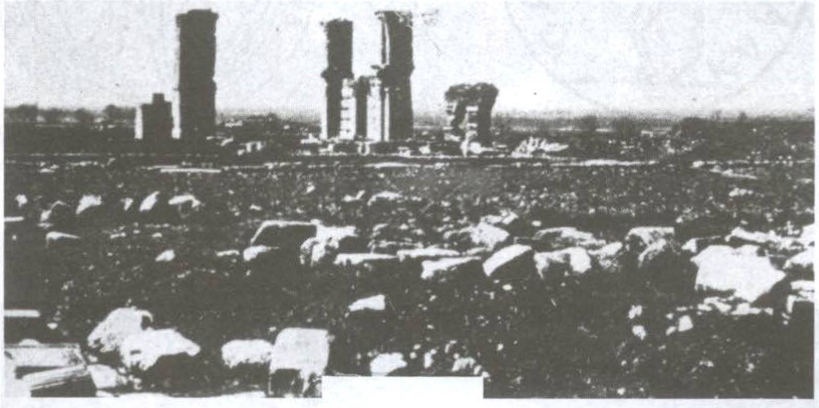
Destaca-se acima de tudo a autoria comum e a unidade da obra Lucas-Atos. Isso faz de Lucas o mais extensivo autor de todo o Novo Testamento, pois, somando-se esses dois volumes, temos nessas duas obras mais de um quarto do total do volume do N.T., o que é mais do que qualquer outro autor sagrado contribuiu, a menos que consideremos paulina a epístola aos Hebreus (apesar de que isso não é muito provável), caso em que o apóstolo Paulo seria o mais copioso escritor do N.T. Assim sendo, se não considerarmos outro fator além do mero volume, Lucas-Atos serve de importantíssima consideração nos estudos do N.T. A autoria comum desse par de documentos, e o fato de que Lucas foi o autor de ambos, é algo óbvio e universalmente reconhecido, pois os dois volumes constituem duas divisões de uma mesma obra literária. O trecho de Atos 1:1 mostra que o autor sagrado tencionava que esses dois volumes fossem reputados uma unidade. Já desde o ano de 185 D.C. (em um escrito de Irineu, «*Contra as Heresias*», 3:1,14) temos uma afirmação da autoria lucana desses dois livros. Também poderíamos acrescentar a isso o testemunho do cânon muratoriano, que pertence ao fim do século II D.C., como o fazem igualmente os testemunhos de Tertuliano (*Marc.* iv.2). Orígenes, Eusébio (*História Eclesiástica*, vi.25) e Jerônimo (*Vir. illustr.* 7). Pelos fins do segundo século, essa era a tradição corrente na igreja de Roma. Evidências lingüísticas dão apoio às reivindicações do prefácio do evangelho de Lucas, bem como às declarações constantes nas tradições acima citadas.

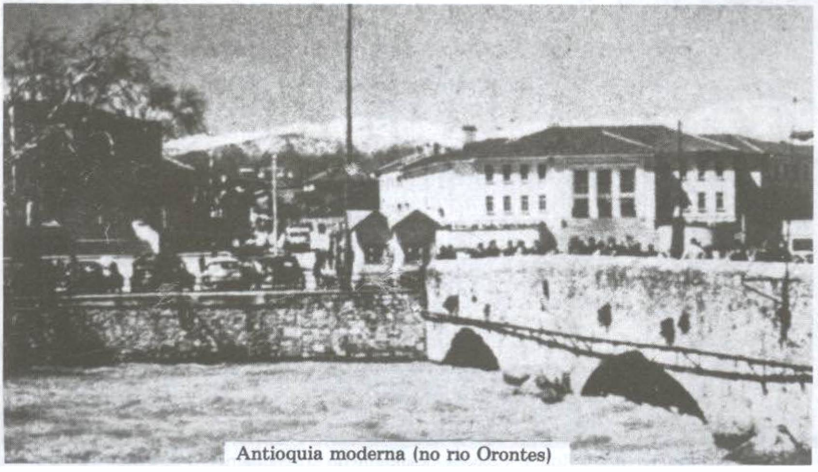
Quase que o dobro de palavras é peculiar ao livro de Atos e ao evangelho de Lucas quando comparados entre si, do que quando se confronta o livro de Atos com os evangelhos sinópticos. Muitas palavras e expressões características do estilo do evangelho de



Lugares visitados por Paulo

— Cortesia, Dr. John F. Walvoord





Antioquia moderna (no rio Orontes)



Moeda de Derbe, da rainha Faustina, a Jovem



Moeda de Listra, mostrando o fundador da colônia com touro e arado



Moeda rara da cidade de Derbe, do tempo da rainha Lucila



Pedro e Paulo, trabalhado em vidro, das catacumbas de Roma



A Prisão *Mamertinum*, Roma, suposta localidade do aprisionamento de Paulo e Pedro

Lucas se encontram em ambos esses documentos. Tais declarações, entretanto, têm sido desafiadas (como, por exemplo, por A.C. Clark, em sua obra *The Acts of the Apostles*), o que esse autor fez especialmente com base em considerações lingüísticas. Porém, tais desafios são quase universalmente considerados não-convincentes, sobretudo à luz de muitas evidências positivas, que consubstanciam a autoria lucana desses dois notáveis documentos do N.T.

Na história antiga existem alguns comentários desfavoráveis ao livro de Atos como livro genuíno de Lucas, especialmente entre os primeiros gnósticos, como Cerinto e a sua escola (conforme é registrado por Eusébio, em sua *História Eclesiástica* 1:4). Todavia, essas críticas não se alicerçaram em qualquer avaliação crítica, mas meramente em considerações subjetivas e doutrinárias, a saber, por causa do conteúdo geral do livro de Atos, que não concordava com os seus pontos doutrinários mais salientes. Márcion (150 D.C.) rejeitava o livro de Atos, embora Paulo fosse o seu grande herói, tendo selecionado algumas das epístolas paulinas e uma porção mutilada do livro de Lucas como seu «*cânon*» das Escrituras do N.T. Márcion rejeitava o livro de Atos como genuíno porque sentia que os discípulos originais haviam sido infiéis ao Senhor Jesus, pelo que também foram rejeitados; e, no entanto, o livro de Atos exalta ao apóstolo Pedro, algo que ele não podia aceitar. Mas, ao assim fazer, Márcion também rejeitava a principal autenticação das atividades apostólicas de Paulo. Também rejeitava o livro de Atos porque não somente Paulo é magnificado no livro, mas Pedro também o é (além de alguns outros indivíduos, ainda que em grau muito menos intenso). Isso não concordava com a sua opinião de que somente Paulo possuía autoridade para escrever livros sagrados, segundo as razões dadas acima. Também devemo-nos lembrar que Márcion rejeitava totalmente o A.T., tendo procurado fundar uma religião inteiramente diferente, de forma alguma alicerçada no registro do A.T., mediante o uso dos escritos de Paulo e de sua autoridade apostólica. Por semelhante modo, entre os antigos, houve outros indivíduos, como Severo, discípulo de Taciano, que rejeitavam o livro de Atos; mas, igualmente nesse caso, o verdadeiro motivo eram os preconceitos doutrinários que não tinham base em qualquer avaliação verdadeiramente crítica.

Os eruditos modernos, entretanto, quer liberais, quer conservadores, têm quase, universalmente, atribuído ambos esses livros à pena de Lucas, aquele que era o companheiro de viagens do apóstolo Paulo, o médico amado. Até mesmo os estudiosos mais radicais reconhecem a validade dessa reivindicação. Nordem e Loisy se erguem quase isolados, em sua afirmativa de que somente uma de suas fontes informativas, o diário de viagens que constitui a sua narrativa central, na realidade foi escrita pelo mesmo autor sagrado que registrou o evangelho de Lucas, pois outras fontes históricas poderiam ser também percebidas. Todavia, a evidência lingüística é poderosa em favor da conclusão de que apesar do autor sagrado ter-se valido, naturalmente, de muitas fontes informativas, tendo-as reunido em sua multicolorida narrativa, algumas das cenas não foram vistas ou testemunhadas por ele de forma alguma; mas que, a despeito disso, o mesmo autor editou e compôs o livro de Atos.

A autoria comum do evangelho de Lucas e do livro de Atos pode ser demonstrada pelas seguintes considerações:

1. *Considerações lingüísticas*—Quase o dobro de palavras é peculiar ao evangelho de Lucas, em comparação com o livro de Atos, do que ao livro de Atos em confronto com os outros evangelhos sinópticos. Muitas palavras e expressões são peculiares somente à obra Lucas-Atos. Sem dúvida alguma há mais afinidades, no vocabulário, entre esses dois livros, do que entre quaisquer outros dois escritos do N.T. Por exemplo, existem dezessete vocábulos que se encontram tanto em Mateus como no livro de Atos, embora não apareçam em nenhuma outra porção do N.T.; existem catorze dessas palavras no evangelho de Marcos e no livro de Atos, mas que não figuram em qualquer outro livro do N.T.; mas existem cerca de cinqüenta e oito dessas palavras da obra Lucas-Atos que não se encontram fora desses dois livros em nenhuma outra porção do N.T. (A obra de Vincent *Word Studies in the N.T.*, alista muito mais do que isso, nas páginas 601-611, primeiro volume).

2. O monumental *Alford's Greek New Testament* alista os seguintes sinais estilísticos que comprovam a autoria lucana e permeiam tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos: a. a descrição de enfermidades que subentende um homem mais versado nessas questões que os escritores ordinários do N.T., b. o emprego do termo «nós» nas passagens vazadas na primeira pessoa do plural, que são obviamente distinguidas dos trechos escritos na terceira pessoa do singular; e c. o fato de sabermos que Lucas foi um dos quase constantes companheiros de viagens do apóstolo Paulo. (Ver II Tim. 4:11). As seções que usam a primeira pessoa do plural (chamadas seções «nós», pelos estudiosos) são as seguintes: Atos 16:10-17; 20:5-15; 21:1-18 e 27:1-28:16. As comparações lingüísticas parecem demonstrar que o restante do livro foi escrito pelo mesmo autor dessas seções «nós». Idênticas considerações ligam esse autor ao evangelho de Lucas, mesmo quando não levamos em conta a clara afirmativa nesse sentido, que há no trecho de Atos 1:1. Além dessas formas de comprovação, Alford examinou diversas circunstâncias históricas que subentendem a autoria lucana, tanto do evangelho de Lucas como do livro de Atos.

3. Tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos foram endereçados a *Teófilo*. O trecho de Atos 1:1 esclarece-nos que ambos os livros foram escritos como duas partes de uma mesma obra literária, e a linguagem em que ambos esses volumes foram escritos, no que tange à qualidade do grego *koiné*, distingue Lucas dos autores dos outros evangelhos e de todos os demais livros do N.T. Trata-se de excelente grego «koiné» literário, superior ao grego dos demais evangelhos e no mesmo nível das melhores porções literárias dos demais livros do N.T., mostrando-se inferior somente à epístola aos Hebreus e a mais um ou dois livros. (Quanto a maiores detalhes sobre essa questão, ver o artigo intitulado *Linguagem do N.T.*, que descreve o grego usado no N.T., em termos gerais, e que também caracteriza de modo passageiro o grego «*koiné*» de cada um dos livros do N.T.). Não é por mero acidente que o mesmo excelente grego *koiné* vazado no mesmo estilo, e com o mesmo vocabulário distintivo, permeia a obra Lucas-Atos. E isso é um dos motivos que têm levado os estudiosos a concordar, quase universalmente, sobre o fato de que Lucas foi o autor de ambos esses volumes.

4. De conformidade com um tipo mais clássico de grego, podemos observar, tanto no evangelho de Lucas como no livro de Atos, o emprego do *modo*

optativo grego, o qual figura com muito maior freqüência do que nos livros de qualquer outro dos autores do N.T., posto que ocorre ali por nada menos de vinte e oito vezes. Ora, esse é o tipo de fator que distingue não somente o estilo, como também a cultura de um autor. O modo optativo havia desaparecido quase inteiramente no grego «koiné», excetuando em certas expressões estereotipadas. No entanto, Lucas utiliza uma linguagem mais elevada, em seu caráter literário, que nos faz lembrar mais das obras clássicas do grego antigo. E o evangelho de Lucas e o livro de Atos possuem tais características.

5. O fato de que tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos foram escritos pelo mesmo autor é igualmente demonstrado pelo fato de que ambos enfatizam *os mesmos temas*, do princípio ao fim, alguns dos quais são os seguintes: a. A universalidade da religião cristã, que abandonou o caráter provinciano do judaísmo. Agora todas as raças e todos os povos se tornaram igualmente objetos do amor e da graça de Deus. (Comparar Lucas 2:32; 4:23-27; 10:29-37 e 17:15-18 com Atos 10:35; 13:46,47; 17:26-28 e 28:28). b. O Espírito Santo, em sua atuação, se destaca tanto no evangelho de Lucas como no livro de Atos, muito mais do que nos evangelhos sinópticos. O evangelho de João também salienta o papel do Espírito Santo na economia cristã. (Comparar Luc. 1:15,35; 2:25-27; 4:1,18; 10:21 e 24:49 com Atos 1:2,8; 2:1-4,38; 8:14,17,29,39; 10:44-47; 13:2,4,9; 15:28; 16:7 e 19:1-7). c. Ambos esses livros demonstram uma marcante simpatia pelos pobres e pelos grupos desprezados da sociedade antiga. (Comparar Luc. 3:11; 4:18; 6:20 e 16:22 com Atos 2:44,45; 4:33-35 e 9:16,39). d. — Ambos os volumes demonstram antipatia pelos ricos. (Comparar Luc. 1:53; 6:24; 12:13-21 e 16:14,19 com Atos 8:18-24). e. Há saliência sobre o dever e o uso apropriado das riquezas. (Comparar Luc. 12:42-48; 16:1-13 e 19:12-27 com Atos 4:36,37; 5:1-11 e 20:35). f. Há ênfase em ambos os volumes sobre o papel desempenhado pelas mulheres na vida de Cristo e no desenvolvimento da igreja primitiva. (Comparar Luc. 1:39-56; 2:36-38; 7:37,38; 8:1-3; 19:49; 23:27-29 e 24:10 com Atos 1:14; 5:1; 9:36; 12:12,13; 16:13-18; 18:2; 24:24 e 25:13). g. Há em ambos os livros intensa ênfase sobre a necessidade de oração por parte do crente. (Comparar Luc. 11:5-13; 18:1-5,9-14 e 22:39-46 com Atos 1:24,25; 2:42; 4:31; 6:6; 10:2,9; 12:12; 13:3; 16:25 e 21:5). h. O tema da *graça* divina figura nessas duas obras com muito maior freqüência que nos evangelhos sinópticos, porquanto no evangelho de Lucas essa palavra aparece por oito vezes, ao passo que no livro de Atos aparece por dezesseis vezes. (Comparar Luc. 1:30; 2:40,52; 4:22; 6:32-34, 17:34 e 17:9 com Atos 2:47; 4:33; 11:43; 13:43; 14:3,26; 15:11,40; 18:27; 20:24,32; 24:27; e 25:3,9). A palavra *graça* não aparece nos evangelhos de Mateus e de Marcos, apesar de figurar por quatro vezes no evangelho de João. Aparece com maior abundância nos escritos do apóstolo Paulo, conforme também já seria de se esperar. (Por nada menos de cento e duas vezes, sem contarmos a epístola aos Hebreus). i. Há no evangelho de Lucas e no livro de Atos maior destaque ao tema do perdão dos pecados do que no caso dos evangelhos sinópticos. (Comparar Luc. 1:77; 7:47; 11:4; 15:11-32 e 24:47 com Atos 2:38; 5:31; 10:43; 13:38 e 26:18). j. Nesses dois volumes se vê, igualmente destaque sobre o quadro político, na tentativa de mostrar que o cristianismo não era subversivo, merecendo ser aceito pelo estado romano como movimento religioso legítimo. (Comparar Luc. 20:20-23 e 23:1-17,20-22,47 com Atos 13:7,12; 16:35-49; 18:12-17; 19:31,37; 23:26-30; 24:23; 25:25-27; 26:30-32; 27:43 e 28:30,31).

6. Sobre a autoria comum de Lucas-Atos, Morton Scott Enslin, em seu livro *The Literature of the Christian Movement* (Harper and Brothers, Nova Iorque, 1956, pág. 413), diz: «O livro de Atos é a continuação da história do surgimento e da propagação do cristianismo, cuja primeira metade consiste no evangelho de Lucas, o que é tão universalmente aceito que requer pouquíssimo argumento. A comum dedicação dessas obras a Teófilo; o reinício da narrativa nos últimos capítulos, precisamente no ponto onde termina o evangelho; a partida final de Jesus da presença de seus discípulos; uma sutil mas não obstante inequívoca unidade de propósitos, de atitudes, de ênfase e de fraseologia, tudo isso dificilmente poderia ter sucedido por mero acidente».

Não obstante, existem argumentos contrários à autoria lucana do livro de Atos, a saber:

1. O próprio livro de Atos é *anônimo*, isto é, em porção alguma o seu autor se desvenda, não dando qualquer indício sobre a sua identidade. Mostrar que a obra Lucas-Atos tem um autor comum é fácil; mas não há justificação alguma em identificar esse autor com Lucas, tendo sido apenas uma opinião especulativa dos primeiros pais da igreja. A essa objeção, entretanto, podemos replicar que essa é a *opinião universal* dos pais da igreja e dos séculos subseqüentes, sendo que essa declaração universal mui provavelmente estava bem alicerçada *nos fatos*, sabendo-se sobejamente, além de tudo, que Lucas foi companheiro quase constante do apóstolo Paulo em suas viagens missionárias. (Ver Col. 4:14; Fil. 24 e II Tim. 4:11). Sobre isso, ver os diversos antigos testemunhos acerca da autoria lucana, sobre o que tratamos mais abaixo.

2. Diversos eruditos têm procurado demonstrar, com base nos termos *médicos* da obra Lucas-Atos que foi um «médico» quem escreveu essa dupla obra, mas essa asseveração não tem podido resistir à luz das investigações. Acima de todos, H.J. Cadbury tem solapado essa idéia (em sua obra *The Style and Literary Method of Luke*, Cambridge: Harvard University Press, 1920, págs. 39-72; e *Lexical Notes on Luke-Acts*. The Journal of Biblical Literature, XLV, 1026, págs. 190-209). Dentre os quatrocentos termos supostamente médicos, usualmente salientados como parte do vocabulário dos médicos, nada menos de trezentos e sessenta se encontram na Septuaginta, sem que isso indique qualquer uso especializado. Outros autores, como Filo, Plutarco e Luciano (o último dos quais usa nada menos de noventa por cento dos chamados termos «médicos»), empregaram tais vocábulos, sem que quisessem dar a entender qualquer linguagem própria de médicos. Josefo e a Septuaginta, se considerados juntamente, contêm trezentos e noventa desses quatrocentos vocábulos, emergindo assim a verdade de que não havia qualquer vocabulário médico especializado nos tempos de Lucas. Por conseguinte, é justo dizermos que se alguém não tivesse feito a conexão entre o «médico» Lucas e este livro de Atos, para em seguida sair à caça de um vocabulário «médico», com a mesma facilidade o autor sagrado poderia ter sido considerado como «capitão da marinha» ou «advogado», porquanto existem ali diversos termos náuticos, além de expressões legais, sobretudo nos capítulos finais do livro de Atos.

No que tange ao argumento acima exposto, contrário à autoria lucana parece que o mesmo diz essencialmente a verdade; e isso parece eliminar um

dos argumentos favoritos em favor da autoria lucana do livro de Atos. No entanto, esse argumento contrário não é fatal à posição geral em favor da autoria de Lucas, a qual pode facilmente sobreviver sem esse elemento relativo aos termos «médicos».

Contudo, embora nenhum vocabulário «médico» especial possa ser demonstrado na obra Lucas-Atos, muitos eruditos acreditam que ainda transparece nessa obra um *interesse desusado* pelas questões «médicas», além de um interesse todo especial pelas curas motivadas pela fé. (Ver Luc. 7:18-23; Atos 5:12-16 e 19:11, passagens cuja finalidade é a de demonstrar que o poder curador de Jesus continuava em operação através dos apóstolos, o que é especificamente salientado em Atos 3:12,13 e 4:7-10). Deve-se observar como o trecho de Luc. 8:43 modifica a passagem de Marc. 5:26, a interesse do bom nome da profissão médica. Assim sendo, apesar de que o próprio vocabulário usado na obra Lucas-Atos não possa servir de prova definitiva acerca da autoria lucana, o conteúdo desses dois livros, no que diz respeito a essa questão, parece confirmar que o autor sagrado era indivíduo extraordinariamente interessado pelas questões médicas, o que aponta fortemente para Lucas, o «médico amado».

3. É possível que o argumento favorito, contrário à autoria lucana do livro de Atos, seja a tentativa de demonstrar que o autor sagrado não poderia ter conhecido o apóstolo Paulo tão bem como se pensa, porque mui provavelmente não fora seu companheiro de viagens. O quadro que tal autor pinta do apóstolo, especialmente no que tange às suas crenças doutrinárias, *difere* tão radicalmente do que Paulo expressa, além do fato de que apresenta alguns acontecimentos históricos que não estão de acordo com o que transparece nas epístolas daquele apóstolo. E em seguida os opositores argumentam que o autor sagrado jamais teria feito isso, se realmente o tivesse conhecido bem. Segundo um ponto de vista histórico, os trechos do primeiro capítulo da epístola aos Gálatas e de Atos 9:20-30, que falam sobre as atividades de Paulo, imediatamente após a sua conversão, diferem muitíssimo, quanto aos pormenores e ao que fica implícito, do que nos diz o livro de Atos, porquanto este último não se refere aos três anos de ausência de Paulo, mas antes, faz alusão ao fato de que imediatamente ele se pôs a pregar, viajando e associando-se a outros líderes cristãos. Outras considerações difíceis são aquelas que falam de Paulo, que freqüentemente andava em conflito com o elemento judaico no seio da igreja cristã. Atos e suas epístolas não se harmonizam quando fazem referência a estes fatos. (As epístolas aos Gálatas e aos Romanos são apresentadas como escritos em harmonia contra a totalidade da narrativa de Atos, como também no que diz respeito aos votos que Paulo fez, no templo de Jerusalém—ver Atos 16:1-3 e 20:17-26), ações essas que nos parecem impossíveis pelo que sabemos de Paulo através de suas epístolas aos Gálatas e aos Romanos.

Esses problemas podem ser solucionados como segue: 1. Os trechos paulinos que parecem incandescentemente partidários foram escritos sob a pressão da controvérsia, e talvez Paulo nem sempre tivesse sido tão antijudaico, tão antilegal e tão anti-ritual como essas suas epístolas nos indicam; ou talvez tenha havido períodos em que ele demonstrou maior simpatia pelos caminhos antigos, o que, corretamente, seria apenas natural e humano. 2. Não há razão alguma para pensarmos que Lucas precisava ter *pleno conhecimento* de todos os detalhes dos—primeiros anos—da vida cristã de Paulo. É óbvio que a narrativa lucana é apenas uma apresentação *parcial* daqueles primeiros anos, onde se devem esperar alguns lapsos. No que tange às idéias doutrinárias que são tão importantes para Paulo, segundo transparece em suas epístolas, mas que não são intensamente mencionadas no livro de Atos, especialmente no que concerne à morte de Cristo, que é fato central nos escritos desse apóstolo, mas que usualmente é apresentada como horrendo crime, no livro de Atos, sem que apareça a idéia do desígnio divino em toda essa ocorrência. Pode-se responder que se por um lado Paulo enfatizou o papel divino muito mais do que aparece no livro de Atos, contudo, tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos contêm esse conceito, segundo se vê demonstrado nas seguintes passagens: em Luc. 22:19,20, onde se lê sobre a instituição da Ceia do Senhor e que pronuncia claramente esse tema; em Luc. 24:44-47, que alude às profecias do A.T., todas frisando o papel do Messias sofredor, que traria a remissão dos pecados aos homens, por meio de sua paixão na cruz; e Atos 2:23,27, que mostra que os sofrimentos de Cristo haviam sido adredemente determinados por Deus, pois através deles é que receberíamos a redenção, das mãos do Messias. Ver também o trecho de Atos 20:28 no NTI, onde esse tema é expresso nos termos mais definidos possíveis.

Eduard Meyer (*Ursprung und Anfange des Christentums*, Berlim: J.G. Cotta, 1921-1923), levanta objeção, em sua obra de três volumes, àquilo que ele denomina de objeções arbitrárias e de métodos arbitrários dos teólogos, que requerem uma *abordagem completa e harmoniosa*, em todos os assuntos, por parte de Lucas e de Paulo, meramente porque esses dois homens de Deus viajaram juntos. A verdade é que cada um desses autores sagrados se utilizou de seu próprio método de expressão, enfatizando certos particulares diferentes um do outro, sendo fácil para nós encontrarmos pontos de vista em aparente contradição; contudo, dificilmente isso pode ser contrário à conclusão de que esses dois homens se conheciam bem um ao outro.

Os antigos defendiam a autoria e a autoridade lucana da obra Lucas-Atos, segundo se vê nas seguintes fontes históricas:

1. *Eusébio* (testemunho e comentário na sua História Eclesiástica iii.25). 2. Epístola das igrejas de Lyons e Viena às igrejas da *Ásia Menor* e da Frígia, de 177 D.C., segundo é citada por Eusébio, em sua *História Eclesiástica* v. 2.3. Irineu (*Contra as Heresias* iii., cap. 14). 4. Clemente de Alexandria, em 200 D.C. (*Strom.* v.12). 5. Tertuliano, em 150 D.C. (*De Baptismo*, cap. 10, vol. 12; *De jejuniis*, cap. 10, vol. 12; *Adv. Marnio.* lib. v. §2 e iv. 2). 6. Orígenes, citado por Eusébio (*História Eclesiástica vi.*26). 7. Jerônimo, (*Vir.* ilustr. 7). 8. *Cânon Muratoriano*, do fim do século segundo de nossa era, que alista o livro de Atos como canônico, de autoria lucana. (O cânon muratoriano era uma lista de livros do N.T., que eram reputados autorizados, usados e lidos na adoração pública da igreja. Evidentemente foi traduzido para o latim, com base num original grego. Reflete os usos da igreja cristã de Roma em cerca de 200 d.C. e pode ter sido escrito por Vítor, de Roma. O nome desse cânon se deriva do erudito italiano que o descobriu na biblioteca ambrosiana, em Milão, e o publicou em 1740, como exemplar de latim bárbaro).

A seção do *fragmento muratoriano* confirma a autoria lucana do evangelho de Lucas e do livro de Atos como segue: «O terceiro livro do evangelho,

segundo Lucas, aquele médico que após a ascensão de Cristo, se tornou devoto auxiliar de Paulo, que o tomara consigo (ou talvez como 'companheiro de viagens'), foi composto por ele, em seu próprio nome, por informes recebidos de terceiros. No entanto, ele mesmo não viu ao Senhor na carne, pelo que também (?) conforme podia seguir, assim ele registrou (?), começando a falar desde a natividade de João. Mas os Atos de todos os apóstolos foram escritos em um livro. Lucas compilou, para o 'excelentíssimo Teófilo', os diversos acontecimentos ocorridos em sua presença, conforme ele claramente revela mediante a omissão da morte de Pedro e da partida de Paulo da cidade, quando viajou para a Espanha». (Fragmento muratoriano, linhas 2-8 e 34-39, conforme traduzido por Morton Scott Enslin, que procurou reproduzir na tradução o latim deficiente em que o documento foi escrito).

A personagem de Lucas. Seu nome é contração de Lucano, tal como Silas o é de Silvano. Tal apelativo provavelmente significava, a princípio, alguém originário da Lucânia, lugar da baixa Itália, e vem de «luca bos», boi lucano, isto é, elefante, pois foi justamente na Lucânia que os romanos pela primeira vez puderam conhecer os elefantes, trazidos no exército de Pirro.

Lucas é mencionado por nome no trecho de Fil. 24, como cooperador de Paulo no trabalho missionário; em Col. 4:14, como o «médico amado»; em II Tim. 4:11 como o único que permanecera junto a Paulo, em seus sofrimentos e labores. Eusébio (*História Eclesiástica* iii.4) assevera que ele era natural da cidade de Antioquia. A tradição apresenta-o como um *gentio* que falava o grego e a natureza da composição da obra Lucas-Atos confirma ter-se tratado de indivíduo bem-educado, cuja língua nativa era o grego. As passagens «nós» (assim chamadas porque o autor sagrado passa a usar a primeira pessoa do plural) do livro de Atos mostram que Lucas acompanhou o apóstolo Paulo em algumas de suas mais importantes viagens, pelo que foi testemunha ocular de grande parte daquilo que ele mesmo narra nesse livro, pois nessas oportunidades mui provavelmente fez parte do grupo de missionários viajantes. (Ver Atos 16:10-17; 20:5-15; 21:1-18 e 27:1-28:17).

Epifânio (*Haer.* 1.12, bispo de Constância ou Salames, capital de Chipre, eleito para o ofício em 367 D.C.) informa-nos que Lucas foi um dos setenta discípulos especiais que o Senhor Jesus enviara a ministrar pela Galiléia (ver o décimo capítulo do evangelho de Lucas). Mas é claro, conforme o prefácio do evangelho de Lucas, que o autor não fora testemunha ocular do ministério de Jesus, ainda que tenha tido contato com muitas dessas testemunhas oculares, o que não podemos de forma alguma duvidar. Essa tradição, transmitida por Epifânio, provavelmente teve origem na circunstância de que somente o evangelho de Lucas registra esse ministério especial dos setenta discípulos de Jesus. Os conhecimentos que Lucas tinha do fato, entretanto, não foram adquiridos em primeira mão, mas sem dúvida, resultaram de suas diversas pesquisas nessas questões que circundavam a vida e o ministério de Cristo Jesus e de seus apóstolos, às quais devemos muitos outros pormenores e narrativas sobre tais ocorrências, que os demais evangelhos nada registram.

Pelo livro de Atos aprendemos que ele se reuniu a Paulo, em Trôade (Atos 16:10), tendo-o acompanhado em sua viagem a Roma. Com base nas epístolas desse apóstolo (ver II Tim. 4:11), ficamos sabendo que ele permaneceu em companhia de Paulo, até mesmo após o seu primeiro encarceramento e soltura, e, evidentemente, até o tempo de martírio do grande apóstolo, em cerca de 67 D.C., após um segundo encarceramento. Lucas não registrou tais acontecimentos para nós, e é possível que estivesse planejando um terceiro volume para completar a sua história, ou então, propositalmente, ignorou o fim negativo da carreira de Paulo, a fim de não entrar em antagonismo com as autoridades romanas, pois Roma, pelo tempo em que foi escrito o livro de Atos, já vinha perseguindo a igreja cristã. (Quanto a outras razões possíveis para o término abrupto mas otimista do livro de Atos, ver as notas expositivas referentes aos versículos finais desse livro no NTI).

A tradição cristã primitiva observa igualmente a fidelidade toda especial de Lucas ao apóstolo Paulo. Outras tradições existem que nos dizem que Lucas teve um longo ministério e finalmente faleceu na Boécia, na Grécia, com oitenta e quatro anos de idade. Outras tradições, ainda, indicam que ele morreu como mártir, algum tempo perto do fim do primeiro século de nossa era.

Os livros de Lucas—o evangelho de seu nome e o livro de Atos mostram que ele era um grego bem-educado, dotado de considerável habilidade literária, porquanto as suas obras em nada ficam a perder para os escritos dos melhores historiadores gregos. Sua capacidade dramática, descritiva e de narração impressionou de tal modo o erudito francês, Ernest Renan, que este o chamava de *um novo Homero* (segundo citação de Sypherd, pág. 168). Um outro autor, Chase (págs. 185-186), também chamou a atenção para os quadros falados de Lucas, bem como para os seus episódios dramáticos. (Ver Wilbur O. Sypherd, *The Literature of the English Bible*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1936; e *The Bible and the Common Reader*, por Mary Ellen Chave, Nova Iorque, Macmillan Co., 1952).

Pelas obras que escreveu, depreendemos que Lucas era homem humilde e disciplinado, que sempre preferiu manter-se em segundo plano, permitindo que o Senhor Jesus fulgurasse resplandecentemente, como também Pedro e Paulo, os maiores discípulos do Mestre. Entretanto, ele mostra um orgulho justificável em suas obras literárias, bem como nas pesquisas que fez para escrevê-las, porquanto, em seu prólogo ao evangelho de Lucas não hesita esse autor em afirmar que fizera um trabalho intensivo e completo de investigação, examinando todas as questões que fazem parte da produção de seus livros, tendo transmitido a nós uma narrativa inteiramente fidedigna das cenas por ele descritas.

II. Data, Proveniência, Destino

A. Data

A data aproximada da dupla obra Lucas-Atos pode ser melhor determinada mediante o exame mais do livro de Atos do que do evangelho, porquanto, em Atos pelo menos podemos determinar, com alguma exatidão, certos acontecimentos históricos, quanto à data em que ocorreram.

A data mais recuada possível é a de 60 D.C., por ser esse o tempo mais cedo em que Paulo poderia ter chegado a Roma. O livro de Atos não poderia ter sido escrito antes dos últimos incidentes ali registrados. Supondo-se que Lucas escreveu esse livro imediatamente depois do encarceramento de Paulo, então tal volume poderia ter sido escrito em cerca de 60 D.C. A data mais avançada possível é a de 150 D.C., quando Márcion fez uso bem definido do evangelho de Lucas, razão pela qual sabemos que o livro de Atos já existia por essa altura.

Entretanto, Lucas foi companheiro de viagens

missionárias de Paulo, pelo que também não podia ser homem de idade muito diferente da do apóstolo. Não é muito provável, pois, que ele tivesse vivido para além do ano 100 D.C., e isso significa que tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos devem ter sido escritos antes dessa data. Outrossim, não é razoável pensarmos que Lucas tivesse esperado por mais de trinta anos, antes de registrar as suas impressões, muitas das quais vividas como testemunha ocular.

Em favor daquela data mais remota, alguns eruditos, como Harnack, têm opinado que a data de 63-64 D.C. seria a correta, salientando o término abrupto do livro de Atos, o que nos deixa supor que Paulo ainda não fora executado a mando do imperador Nero (em cerca de 67 D.C.), pois, se isso já tivesse ocorrido não se há de duvidar que Lucas teria registrado tão importante acontecimento. Outrossim, não é provável que o trecho de Atos 20:25,38, segundo alguns frisam, dissesse que Paulo não mais veria os seus amigos de Éfeso, se o autor sagrado tivesse sabido (com base nos acontecimentos subseqüentes) que de fato, ele tornou a encontrar-se com eles, conforme nos mostram as epístolas pastorais (I e II Timóteo e Tito).

Além disso, não há qualquer menção à destruição de Jerusalém (que ocorreu no ano 70 D.C.), e nem às perseguições movidas por Nero contra os cristãos. O livro de Atos termina com uma atitude de otimismo, narrando como Paulo continuou a pregar livremente em Roma, embora tolhido em seus movimentos, pois estava continuamente sob a custódia militar, encerrado em sua própria casa. Alguns estudiosos, pois, raciocinam que esse otimismo não teria sido possível se a perseguição imperial contra os cristãos já estivesse em processo há muitos anos.

A maioria do eruditos recentes, entretanto, concorda que uma data intermediária entre aqueles dois extremos, digamos 70-75 D.C., é a que tem maiores probabilidades de estar certa, como data em que foi composta a obra Lucas-Atos. Mas, contrariando a opinião desses eruditos, expomos as seguintes razões, que nos obrigam a aceitar uma data anterior a essa, para os livros de Lucas-Atos:

1. *O término abrupto* do livro de Atos, que não faz qualquer menção à soltura de Paulo, ao seu encarceramento subseqüente e à sua execução, talvez tenha tido por motivo o desejo de Lucas de evitar menção a tais ocorrências, a fim de não provocar o antagonismo das autoridades romanas, que já haviam talvez começado a perseguir a igreja cristã. Mencionar oficialmente e descrever os maus tratos contra o principal campeão do cristianismo, que certamente teria exigido um juízo negativo de alguma forma, talvez só provocasse o incremento da perseguição ao cristianismo. Contudo, alguns estudiosos têm pensado que talvez Lucas tivesse planejado escrever um outro volume, narrando os acontecimentos subseqüentes, embora tal obra nunca tivesse sido concretizada. Ainda outros intérpretes pensam ser possível que Lucas soubesse que Teófilo, para quem a dupla obra, Lucas-Atos, foi escrita, além de outros indivíduos interessados, já estivessem bem familiarizados com os acontecimentos mais recentes da vida de Paulo, pelo que seria desnecessário um terceiro volume de narrativas, para quem já as conhecia a sobejo. Outrossim, o propósito do autor sagrado—mostrar que o cristianismo não era mero ramo herético do judaísmo, mas antes, marchara triunfalmente desde Jerusalém até Roma, pelo que merecia o respeito e o reconhecimento das autoridades romanas, tal como o judaísmo obtivera esse respeito e reconhecimento, e em nada ganharia se fosse narrado qualquer final negativo da vida do apóstolo Paulo.

2. O fato de que a destruição de Jerusalém não é aludida é *mais difícil* de explicar, por parte dos que preferem uma data posterior para a composição da obra Lucas-Atos. Porém, esse silêncio pode ter sido causado simplesmente porque o autor sagrado não chegara até àquela altura das ocorrências, em sua narrativa, e qualquer menção desse evento seria um deslocamento cronológico, um anacronismo. Outrossim, o evangelho de Lucas (escrito antes do livro de Atos) parece fazer alguma alusão distante à destruição de Jerusalém. Isso pode significar que tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos foram escritos depois de 70 D.C. (Quanto a outras informações sobre isso ver o artigo sobre *Lucas*, sob o título «Data»). As passagens de Luc. 19:43,44 e 21:20-24 sugerem fortemente que o autor sagrado, quando registrou os acontecimentos ali narrados, sabia que a melancólica predição de Jesus já tivera cumprimento. (Note-se, igualmente, a predição de Jesus sobre o anticristo, em Mar. 13:14, que aparece como exércitos a cercarem Jerusalém, se assemelhando à indicação de que o autor desse evangelho tinha conhecimento que essa ocorrência já jazia no passado).

Não querendo ser parciais, em favor de um ponto de vista, oferecemos abaixo as evidências positivas que favorecem uma data intermediária para a composição da dupla obra Lucas-Atos:

1. O conhecimento de que a predição de Jesus se cumprira (acerca da destruição de Jerusalém), segundo se subentende pela leitura, especialmente do evangelho de Lucas, serve de evidência positiva de que essa obra foi escrita após o ano 70 D.C. (Ver dois parágrafos acima).

2. A primeira *Epístola de Clemente* indica que por aquele tempo (corria o ano de 95 D.C.) já se fizera uma coletânea preliminar das epístolas do apóstolo Paulo, as quais eram encaradas pela igreja cristã como dotadas de autoridade espiritual, isto é, haviam alcançado posição canônica. Se Lucas tivesse escrito após esse tempo, mui provavelmente teria feito várias referências ou citações a essas epístolas. Não obstante, tais referências ou citações mostram-se completamente ausentes no livro de Atos. (Ver a seção V sobre essa questão).

3. A dupla obra, Lucas-Atos, diferentemente do evangelho de João, não reflete as primitivas controvérsias dos cristãos com os gnósticos, conforme seria de esperar. Dessa maneira, a obra de Lucas foi escrita antes de ter florescido essa controvérsia, que surgiu nos fins do primeiro século da era cristã e nos princípios do segundo século. (Alguns estudiosos encaram o trecho de Atos 20:29,30 como exceção a essa declaração; porém, o que lemos nessa passagem tem natureza extremamente geral, e pode não ter essa aplicação de forma alguma).

4. *O ecumenismo* que transparece na obra Lucas-Atos parece também refletir uma data intermediária entre 60 e 150 D.C. Em outras palavras, a visão clara sobre a missão de âmbito mundial, por parte da igreja cristã, parece refletir uma época mais avançada. Por conseguinte, uma data posterior a 67 D.C., mas anterior a 90 D.C., parece ser a mais acertada conforme os pontos 2 e 3 acima, nos indicam.

5. Alguns eruditos pensam haver certa dependência do evangelho de Lucas aos escritos de Josefo (o qual escreveu depois de 90 D.C.); mas essa idéia não tem sido bem recebida por parte da maioria dos

estudiosos.

6. Não é razoável pensarmos que Lucas, tendo sido companheiro de viagens de Paulo, tivesse esperado por mais de trinta anos, antes de encetar a sua grande obra histórica. Considerando-se todos os fatores, portanto, conclui-se que Lucas escreveu entre os anos de 70-85 D.C. O evangelho de Lucas, por conseguinte, também se encaixa bem dentro desse período.

B. Proveniência

Não temos maneira certa e segura para afirmar onde o livro de Atos foi escrito (especialmente certas porções, em que o autor sagrado passa a usar a primeira pessoa do plural descrevendo cenas das quais Lucas participara pessoalmente , isto é, Atos 16:10-17; 20:5-15; 21:1-18 e 27:1-28:16. Poderiam ter sido extraídas de um diário conservado por Lucas, mais tarde incorporado no livro de Atos). Pois a narrativa poderia ter sido escrita em diversos lugares ao redor do mundo mediterrâneo. Porém isso não solucionaria o problema do local onde a obra foi composta e editada. Desde os tempos de Jerônimo, a tradição favorece Roma, como esse local; mas provavelmente isso se deve à circunstância de que é nesse ponto que a narrativa do livro de Atos nos deixa, subentendendo-se que Lucas acompanhou o apóstolo Paulo até ali. Há, igualmente, uma outra consideração que favorece essa tradição, a saber, que o autor parece ansioso por mostrar a expansão da igreja de Cristo desde Jerusalém até Roma, isto é, a *universalidade* do cristianismo. Se ele estivesse vivendo então em Roma, essa teria sido uma atitude perfeitamente compreensível. Além disso, o próprio livro de Atos salienta a reação favorável de muitos oficiais romanos para com os primeiros missionários cristãos, porquanto, na realidade, se dirigia a um membro da aristocracia romana.

Mas outros estudiosos têm sugerido Antioquia como lugar da composição e edição da obra *Lucas-Atos*, sobretudo porque há uma tradição que faz menção dessa cidade como terra natal do autor sagrado, além do interesse especial desse autor por essa cidade (ver Atos 18:24,26; 19:17-38). Porém, ambas essas condições poderiam existir nesse livro sem que Antioquia tivesse sido o lugar de sua compilação. Por falta de uma melhor idéia, Roma tem permanecido como melhor alternativa, pelo menos para o livro de Atos, ainda que isso não se aplique, necessariamente, ao evangelho de Lucas.

C. Destino

O livro de Atos, tal como o evangelho de Lucas, foi escrito para um oficial romano de nome *Teófilo* (ver o artigo). Por conseguinte, o livro foi enviado a um membro da aristocracia romana, que mui provavelmente residia em Roma. Foi escrito esse livro com a finalidade de apresentar a esse oficial, e a outras pessoas interessadas, uma defesa do cristianismo; não se tratava de um ramo herético do judaísmo, não era uma organização política, contrária ao estado romano. Segundo parece, não foi obra dirigida principalmente às comunidades cristãs, conforme sucede ao resto do Novo Testamento, mas antes, visava circular entre os lançamentos literários da época, para benefício do público leitor gentílico, visando os propósitos descritos acima. Pelo menos parcialmente, trata-se, pois, de uma apologia apresentada ao mundo gentílico pagão, sobretudo à aristocracia romana. Não é por isso, contudo, que haveríamos de eliminar o livro de Atos da lista das obras sagradas dirigidas à igreja cristã universal, como se não tencionasse explicar aos cristãos as origens e os primeiros desenvolvimentos do cristianismo, que emprestavam validade à sua missão de âmbito universal.

III. Caráter Literário

«Os Atos dos Apóstolos eleva-se bem **alto** como obra literária. Possui o mesmo brilho, o mesmo calor, a mesma ternura e o mesmo entusiasmo que se encontram como grandes características do evangelho de Lucas. O autor demonstra soberba habilidade na apresentação dos episódios dramáticos: as ocorrências do tempo do Pentecoste (Atos 2:1-41), a carreira de Filipe lado a lado com a carruagem do eunuco etíope (Atos 8:26-39), a conversão de Paulo (Atos 9:1-9) e o naufrágio de Paulo (Atos 27:14-44). Outrossim, há muitos retratos notabilíssimos de pessoas interessantes: o ousado e confiante Pedro, o astuto e oportunista Simão Mago, o enganador Ananias, e o erudito e zeloso Paulo. A narrativa prossegue suave e logicamente, de acordo com um plano adredemente traçado: o avanço do evangelho, desde Jerusalém, até lugares os mais distantes.

As habilidades dramáticas, descritivas e de narração de Lucas impressionaram de tal maneira a Ernest Renan que ele intitulou o autor do livro de Atos de *um novo Homero*.

Como narrador exato, Lucas se compara favoravelmente com Heródoto, Xenofonte, Josefo, Tito Lívio e Tácito; em questões como costumes, geografia e topografia, que podem ser averiguadas pela pesquisa histórica e arqueológica, o livro de Atos se tem mostrado extraordinariamente digno de confiança. Uma comparação do livro de Atos, de Lucas, com os 'Atos' apócrifos de diversos personagens da igreja, escritos no segundo século D.C., revela que estes últimos são meros romances, ao passo que o volume de Lucas é uma história séria». (Buckner B. Trawick, *The New Testament as Literature*, Barnes and Noble, College Outline Series, 1964).

«*A exatidão histórica* da narrativa de Lucas tem sido amplamente confirmada pelas descobertas da arqueologia. Apesar de haver em sua obra interesses apologéticos e teológicos, essas coisas em nada diminuem a sua detalhada exatidão, embora tais interesses controlem a sua seleção dos fatos a serem apresentados. Lucas encaixa a narrativa dentro do arcabouço da história contemporânea; suas páginas estão repletas de referências a magistrados das cidades, a governadores das províncias, a reis vassalos e outros vultos semelhantes. Essas alusões, vez após vez mostram-se exatamente apropriadas para o local e o período de tempo em foco. Com um mínimo de palavras ele transmite a verdadeira cor local de cidades que diferiam tanto entre si, mencionadas em sua narrativa. A sua descrição sobre a viagem de Paulo (vigésimo sétimo capítulo do livro de Atos) até o dia de hoje permanece como um dos mais importantes documentos sobre a vida marinha antiga». (*The New Bible Dictionary*: Grand Rapids, Michigan, Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1962, pág. 11).

O estilo de Lucas é superior ao dos autores dos evangelhos sinópticos. Ele não titubeia em polir, adornar e modificar de qualquer outro modo a linguagem utilizada no evangelho de Marcos (que Lucas usou como esboço básico, em seu evangelho). Essa mesma linguagem estilizada se evidencia no livro de Atos, com exceção de algumas seções, tais como as que falam sobre o dom do Espírito Santo, a conversão de Cornélio, a história de Filipe, o evangelista, onde se destaca o estilo mais tipicamente arcaico e redundante dos documentos escritos em hebraico. Mui provavelmente isso reflete as fontes informativas das quais ele tomou por empréstimo o seu material

histórico, e onde ele quase não fez revisões literárias, permitindo que transpareça o sabor hebraico original. Outros trechos, como o que alude ao comparecimento de Paulo no areópago, são verdadeiramente vazados em grego, praticamente clássicos em sua tonalidade, sempre no melhor estilo do grego «koiné» literário. Por conseguinte, o estilo de Lucas demonstra variações, dependendo da fonte informativa que usava no momento, conforme também observou H.H. Moulton: «Ele (Lucas), firma o seu estilo na fraseologia bíblica, extraída do A.T. grego, enquanto que seu livro se desenvolve em solo palestino, onde quem falava obviamente usava um grego que para eles era um idioma estrangeiro, ao passo que se afasta instintivamente desse estilo, quando o assunto o afasta das terras e do povo bíblico». (*A Grammar of New Testament Greek*, Edinburgh: T. and T. Clark, 1919, II, págs. 7-8).

No tocante ao grego «koiné» empregado por Lucas em sua dupla obra, Lucas-Atos, podemos tecer as seguintes considerações:

Lucas, o médico amado (ver Col. 4:14), demonstrou considerável aptidão como escritor na língua grega. Suas peças literárias exibiram maior versatilidade do que qualquer outra obra do N.T. Seu prefácio, elaboradamente redigido para o evangelho (ver Luc. 1:14), pode ser comparado favoravelmente com os prefácios de famosos historiadores gregos como Heródoto e Tucídides. Lucas demonstra possuir sólida cultura ao usar um grande e bem escolhido vocabulário. Seus dois livros contêm cerca de setecentos e cinqüenta vocábulos que não se encontram em nenhuma outra parte do N.T., e isso é uma grande proporção, considerando-se que o vocabulário total do N.T. é de apenas cerca de cinco mil palavras. O pensamento freqüentemente repetido de que o seu vocabulário exibe um vocabulário «médico» especial não tem sido bem recebido pela maioria dos eruditos modernos, mas pelo menos essas palavras indicam uma boa educação e uma sólida cultura. Todavia, é definidamente verdadeiro que a sua posição como médico e os seus conhecimentos da medicina deixaram traços que se destacam no evangelho de Lucas e no livro de Atos. (Ver Luc. 4:38, em comparação com Mat. 8:14 e Marc. 1:30, onde Lucas dá uma descrição mais exata sobre a «febre alta»; outro tanto se verifica com respeito a Luc. 5:12, em contraste com Mat. 8:2 e Marc. 1:40, onde Lucas diz que o homem estava «coberto de lepra»).

Lucas emprega o modo *optativo* por vinte e oito vezes, embora esse modo já tivesse quase desaparecido do no grego *koiné* de seus dias, e não figure nos escritos de Mateus, João, Tiago e no livro de Apocalipse. Seu emprego do idioma grego é muito diferente do grego de Políbio, Dioscórides e Josefo. Os autores dotados de boa cultura não apreciavam palavras estrangeiras de som estranho, e Lucas exibiu essa aversão. Assim é que ele omite palavras tais como «Boanerges», conforme se vê no evangelho de Marcos, além de muitas palavras distintamente aramaicas, como «Hosana», «Getsêmani», «abba», «Gólgota» e «Eloi, Eloi, lama sabachthani». Em vez do vocábulo aramaico *rabi*, que aparece por dezesseis vezes nos demais evangelhos, ele usa a palavra distintamente grega de *mestre*. Não obstante, Lucas não reescreveu completamente as narrativas de Marcos e de outras fontes menos literárias que usou, e nessas seções encontramos influências de expressões aramaicas, bem como outros elementos indesejáveis do ponto de vista literário. Por conseguinte, podem ser vistos dois níveis de qualidade. Por exemplo, no livro de Atos, a primeira porção do livro, que diz respeito a situações e testemunhos palestinos, pode-se observar um grego menos culto, que algumas vezes contém semitismos claríssimos. A última parte do livro, porém, que foi escrita acerca de situações totalmente gentílicas, foi vazada em um grego «koiné» muito mais elegante.

Classificação do Tipo Literário:

O volume de Lucas-Atos não pode ser classificado como simples *biografia*, paralelamente a outras obras antigas, como *Vidas Paralelas*, de Plutarco, *Vidas dos Césares*, de Suetônio, ou *Agrícola*, de Tácito. Tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos, embora incorporem características como biografias, ultrapassam esse simples plano. Por semelhante modo, essa obra lucana não pode ser reputada como uma «história» apesar do caráter definitivamente histórico desses documentos, pois, apesar de serem uma história séria, contudo são muito mais do que isso. Lucas não procurou apresentar coisa alguma similar a uma completa descrição de seus personagens, e nem tentou expor um delineamento histórico de sua época, nem ao menos no que tange aos personagens ali descritos. Tais personagens passam pelas páginas dessa dupla obra lucana mais como atores de um drama do que objetos de uma biografia formal. Naturalmente o livro de Atos consiste mais em história formal do que o evangelho de Lucas, mas até mesmo ali apenas trinta anos de acontecimentos são cobertos, e o assunto se limita mais ainda em seu escopo do que se veria nas modernas histórias. Naturalmente isso não nega que dentro das páginas do livro de Atos encontramos grande volume de história contemporânea valiosa, que não se pode encontrar em qualquer outra fonte histórica.

A verdade, entretanto, é que tanto o evangelho de Lucas como o livro de Atos fazem parte da *apologética cristã*, eivada de interesses cristãos tradicionais, o que faz dessas obras mais tratados do que mesmo histórias. À parte dessas características, há uma outra particularidade que distingue o livro de Atos dos evangelhos, biografias e histórias—é seu sabor «popular», no sentido de que não somente a obra foi escrita para as massas (o que, no caso do livro de Atos é menos óbvio do que nos evangelhos de Mateus e Marcos, por exemplo), mas também no sentido de que se desenvolveu com base na vida comum, «popular», da igreja cristã, como representante dessa comunidade e de quaisquer de seus interesses.

Pode-se perceber, portanto, que o evangelho de Lucas (como também os demais evangelhos) e o livro de Atos realmente criaram uma nova forma literária, devendo ser classificados como um grupo literário à parte. Os evangelhos e Atos apócrifos copiaram esse novo estilo literário, dando-nos outros documentos dessa natureza, posto que espúrios.

IV. Texto Grego do Livro de Atos

Não existe outro livro, em todo o N.T., que exiba tão numerosas e importantes variantes, nos manuscritos gregos existentes, bem como nas versões, como o livro de Atos dos Apóstolos. Podem-se distinguir dois níveis diferentes de texto:

1. O chamado texto *neutro* (conforme se acha nos manuscritos papiros A,B, Aleph, versões Vulgata, Peshitta siríaca e nos escritos dos pais gregos da igreja Clemente de Alexandria, Orígenes e Crisóstomo), também denominado «alexandrino» (por não ser demonstração de preferências e aberrações «locais», o que explica o seu apodo «neutro» ou *alexandrino*, porque preserva a tradição alexandrina, que geralmente é reconhecida como «mais» original do que as demais tradições). O termo que mais se tem preferido, para indicar esse tipo de texto, é «alexandrino»,

apesar de «neutro» ser a designação mais antiga.

2. O texto *ocidental* (que inclui o codex D, as antigas versões latinas e siríacas, e citações feitas pelos pais ocidentais da igreja, como Irineu, Tertuliano, Cipriano e Agostinho, o qual representa um texto mais longo, com variantes nas seguintes passagens: Atos 1:2,5; 4:18; 5:15,18,39; 6:10; 7:24; 8:24,37,39; 9:4,5,7,8; 10:25; 11:2,17,27,28; 12:10,23; 13:33,43; 14:2,7; 15:2,5,20; 16:4,35,39; 17:15; 18:21,27; 19:1,9,15; 21:16,25; 23:15,23,24,27; 24:6-8,10,24,27; 25:24,25; 27:1; 28:16,19,29,31).

Essas variantes (que não aparecem no tipo de texto «neutro» e que podem ser examinadas nas referências dadas no parágrafo acima, são tão numerosas que alguns eruditos têm pensado que o livro original de Atos circulou em duas edições—talvez ambas as edições lançadas por Lucas, ou uma como edição posterior à outra. Nesse caso, os estudiosos têm defendido o tipo de texto «alexandrino» como o mais primitivo, mas outros têm dado suas preferências ao tipo de texto «ocidental». Friedrick Wilhelm Blass era de opinião que a versão original de Lucas se assemelhava mais ao tipo de texto «ocidental», e que uma edição do mesmo, após ter passado pelas mãos da comunidade cristã de Roma, circulou francamente a partir daquele centro. Porém, Lucas teria enviado igualmente uma outra versão, revisada por ele mesmo, um tanto mais breve, a qual seria a versão «alexandrina», que esse autor designou como «alfa». As outras versões ele chamou de «beta» e «ocidental». (Ver *Acta*).

Essa teoria, entretanto, não tem sido bem acolhida pelos críticos textuais. Pois não é muito provável que um autor fizesse a revisão de seu livro, reduzindo as suas informações históricas, eliminando importantes descrições ou incidentes interessantes. O ponto de vista defendido pela maioria dos críticos modernos, portanto, é que a edição «ocidental» do livro de Atos na realidade é o tipo *neutro* revisado, corrigido e expandido por algum escritor de tempos bem remotos, ou por editores que possuíam conhecimento específico de elementos geográficos ou outros, que circundam os acontecimentos ali descritos. Parte dessa revisão «ocidental» visa efeitos de harmonização, como se vê em Atos 9:5,6 (uma expansão do texto comum), e foi tomada de empréstimo do trecho de Atos 22:10; como também as passagens de Atos 26:14 e 13:33, que são a simples adição da citação baseada em Sal. 2:7,8. O trecho de Atos 18:27 pode ter sido um empréstimo feito da passagem de I Cor. 16:12. Outras adições visam conferir maior exatidão quanto às questões de tempos e datas, como Atos 1:5, sobre o Pentecoste; Atos 5:21, que fala em «levantando-se cedo» e Atos 12:1, que diz «que pertenciam à igreja na Judéia». Mas há variantes que parecem ter sido feitas por motivo de mera alteração de estilo. Essas formas de variantes subentendem que a revisão «alexandrina» do texto é a mais primitiva.

O texto chamado *ocidental*, apesar de ocupar posição secundária, na realidade fornece-nos algumas informações históricas autênticas, muito interessantes, como os «sete degraus», em Atos 12:10; ou como os prisioneiros de «Trogílio», em Atos 20:15 («Trogílio» era uma localização geográfica) que foram entregues pelo centurião ao «stratopedarch» (ver Atos 28:16; ver no NTI as notas expositivas em todos esses versículos citados).

V. Contatos e Influências Literárias

Apesar de que em termos gerais, o livro de Atos pode ser perfeitamente encaixado dentro de uma cronologia histórica, paralelamente às epístolas do apóstolo Paulo, a maioria dos estudiosos modernos tem pronunciado a idéia de que o livro de Atos de modo algum dependeu dessas epístolas, pois Lucas não as teria usado ao escrever o mesmo. É natural que ele soubesse muitas coisas a respeito dessas epístolas, e como é óbvio, conhecia as condições de muitas igrejas que são igualmente descritas nas epístolas paulinas. Porém, a menos que ele tivesse ignorado propositalmente muitas coisas escritas nessas epístolas, parece não haver dúvida de que Lucas não lançou mão delas, como fonte informativa, em qualquer sentido, ao compilar material histórico para o seu volume de Atos.

Baseados em várias referências históricas, sabemos que as epístolas de Paulo (pelo menos algumas delas) já tinham alçado a uma posição canônica ou *quase-canônica*, pelos fins do primeiro séc. da era cristã. Geralmente se pensa, por exemplo, que a primeira epístola de Clemente fornece-nos provas de que as epístolas do apóstolo Paulo já circulavam amplamente, pelo menos em Roma e que já se fizera uma coletânea das mesmas. No entanto, o livro de Atos não mostra qualquer evidência de que punha confiança no mesmo, o que provavelmente teria sido feito se porventura houvesse sido escrito depois do ano 90 D.C. Essa é uma das razões pelas quais os estudiosos preferem datar o livro de Atos antes desse tempo. (Quanto a uma discussão sobre a data provável da escrita do livro de Atos, ver a parte II deste artigo). Se o livro de Atos tivesse dependido das epístolas de Paulo, então poderíamos esperar encontrar citações e reflexos verbais das mesmas, mas tudo isso se faz surpreendentemente ausente. Outrossim, o retrato falado que Lucas traça de Paulo é extremamente diferente daquele que obtemos da parte do próprio Paulo, sobretudo nas tendências paulinas mais radicalmente antijudaicas e antilegalistas, que se fazem notoriamente ausentes no livro de Atos.

Um exame que se faça nas epístolas mais clássicas de Paulo—Romanos 1 e II Coríntios e Gálatas—que ninguém duvida terem sido da lavra desse apóstolo, não revela (quando as comparamos com o livro de Atos) que Lucas tivesse dependido das mesmas, ou que as tivesse utilizado em qualquer sentido. No livro de Atos, a cidade de Roma parece ser o alvo final de Paulo, provavelmente por causa do interesse demonstrado pelo autor sagrado em mostrar como o evangelho se propagara desde Jerusalém até Roma, assim conquistando e mostrando-se triunfal por todo o mundo, atingindo a mais importante capital de seu tempo. No entanto, na epístola aos Romanos, vemos que o apóstolo Paulo meramente tencionava passar pela capital, a caminho da *Espanha*, fato esse que de forma alguma aparece na narrativa do livro de Atos. Nem podemos descobrir neste último se Lucas exibia qualquer conhecimento de que existisse na capital do império uma grande igreja cristã, que não era fruto do trabalho de Paulo, existência essa que se depreende facilmente da leitura da epístola aos Romanos. Pelo contrário, o livro de Atos deixa essa questão de lado, como se em Roma já não existisse uma pungente igreja cristã, quando Paulo ali chegou prisioneiro.

A primeira e a segunda epístolas aos Coríntios nos dão muitos nomes de indivíduos que residiam em Corinto, como também nos fornecem informações sobre diversas facções e dificuldades naquela comunidade cristã, embora o livro de Atos coisa alguma nos revele a respeito. A primeira epístola aos Coríntios também menciona algumas ocorrências importantes

da vida de Paulo, como a sua luta contra as feras de Éfeso (I Cor. 15:32; essa primeira epístola aos Coríntios foi escrita de Éfeso), ao passo que o livro de Atos nada nos adianta sobre esse particular. Mui provavelmente, acontecimentos tão notáveis, se fossem do conhecimento do autor sagrado, mediante o seu contato com as epístolas paulinas, teriam sido inclusos na narrativa do livro de Atos. Outras expressões das severas provações experimentadas pelo apóstolo Paulo em II Cor. 1:8, também teriam sido incluídas na história do livro de Atos, se Lucas tivesse contado com as epístolas de Paulo quando escreveu esse livro.

Mas é em confronto com a epístola de Paulo aos Gálatas que se podem perceber as diferenças mais violentas, entre os escritos de Paulo e o livro de Atos. Por exemplo, na narrativa das atividades de Paulo após a sua conversão, especialmente no que diz respeito às suas visitas a Roma e à questão de sua conferência com os outros apóstolos, tudo aparece de modo diverso, entre o primeiro capítulo da epístola aos Gálatas e as passagens do livro de Atos que narram os mesmos eventos, a saber, Atos 9:20-29; 15:1-29. (Comparar essas passagens com Gál. 1:15-2:10). Parece impossível que Lucas, se tivera oportunidade de ler a epístola aos Gálatas, tivesse apresentado outro arranjo e apresentação do material, do que se encontra nessa epístola, onde Paulo conta pessoalmente quais os seus primeiros passos na carreira cristã.

Ora, tudo isso nos conduz a diversas importantíssimas conclusões, a saber:

1. A despeito do fato de que Lucas não dependeu das epístolas de Paulo ao escrever o livro de Atos, e a despeito de algumas aparentes discrepâncias assim criadas, contudo, de maneira geral, essas obras concordam entre si. Isso confirma a *exatidão histórica* geral de ambas, pois, embora tivessem sido escritas independentemente umas das outras, narram essencialmente a mesma história.

2. O fato de que Lucas não dependeu das epístolas de Paulo confirma uma data *relativamente remota* para sua composição, certamente antes do ano 90 D.C., e provavelmente entre 75 e 85 D.C.

3. De forma indireta, tudo isso confirma a autoria lucana do livro de Atos, porquanto um escritor que chegasse à cena mais tarde e que desejasse escrever uma obra como o livro de Atos, certamente teria procurado fontes informativas onde lhe fosse possível encontrá-las, — e sem dúvida, ter-se-ia valido das epístolas do apóstolo Paulo, dependendo pesadamente delas. Mas Lucas, tendo sido testemunha ocular de grande parte dos acontecimentos por ele mesmo narrados, tendo dependido, por semelhante modo, de testemunhas oculares que haviam acompanhado o apóstolo em suas andanças, antes dele mesmo ter começado a acompanhá-lo em suas viagens missionárias (antes do décimo sexto capítulo do livro de Atos), não precisou depender de tais fontes informativas. Pelo contrário, valeu-se daqueles documentos ou informações que foi recolhendo ao longo do caminho, como relatórios pessoais de outros apóstolos, do próprio Paulo, de sua *própria memória* e do conhecimento pessoal que tinha das ocorrências que ele descreve em seu livro de Atos.

No que tange à suposta dependência de Lucas aos escritos de Josefo, o grande historiador judeu, podemos considerar o seguinte: Alguns estudiosos, que favorecem uma data posterior para o evangelho de Lucas, bem como um outro autor para o livro de Atos, têm procurado demonstrar que o autor de Atos dependeu muito do historiador Josefo, na narração de vários episódios contados ali. Ora, posto que Josefo escreveu em cerca de 93 D.C., isso nos forçaria a aceitar uma data para o livro de Atos para pelo menos a partir dessa data em diante. Isso também indicaria que outro, e não Lucas foi o autor do livro de Atos, porquanto é extremamente improvável que Lucas tivesse esperado tantos anos para compilar o seu evangelho. É verdade que testes lingüísticos elaborados indicam certa afinidade, no tocante ao vocabulário, entre os escritos de Lucas e de Josefo, mas isso pode ser facilmente explicado com base na suposição de que ambos usaram certa forma de grego «koiné» literário, dependendo bastante do estilo e do vocabulário do A.T. em hebraico, como também da versão LXX (*Septuaginta*) do A.T., em suas citações.

O trecho de Atos 5:36,37 (em que Gamaliel se refere às rebeliões encabeçadas por Teudas e Judas, o Galileu), segundo esses estudiosos teria dependido de Josefo, o que faria Lucas tornar-se culpado de grosseiro anacronismo. Porém, apesar de que verdadeiramente há certas similaridades de expressão, não há razão alguma para supormos que Lucas interpretou Josefo erroneamente, registrando um acontecimento deslocado cronologicamente, de forma diversa do que de fato ocorreu. (Ver as notas expositivas sobre esse problema, em Atos 5:36,37 no NTI). Outra suposta dependência de Lucas a Josefo é quando de sua menção a Lisânias, o qual, em Lucas 1:3 aparece como tetrarca de Abilene, o que teve lugar no ano de 28 D.C. Porém o único Lisânias que se sabe ter governado ali, morreu em 36 A.C. Não obstante, as pesquisas arqueológicas têm provido evidências (na forma de uma inscrição antiga) de que um certo Lisânias (e portanto, um outro indivíduo do mesmo nome daquele que conhecíamos pela história profana) realmente recebeu o título de «tetrarca», tendo governado Abilene em algum período do primeiro século da era cristã. (Sobre essa questão, ver Josefo *Antiq.* XX.7.1). (Ver também as notas expositivas referentes a Luc. 3:1 no NTI).

Dessa maneira, as teses de alguns estudiosos, como Max Krendel, em *Josephus und Lukas*, de que o autor da dupla obra Lucas-Atos dependeu pesadamente de Josefo, o historiador judeu, o que resultaria na aceitação de uma data posterior a 93 D.C. para essa obra, Lucas-Atos, além de uma autoria provavelmente não-lucana para a mesma, não têm podido ser bem aceitas, porquanto faltam-lhes provas palpáveis e conclusivas. Essa é a opinião adversa a sua tese por parte da maioria dos eruditos modernos. (Assim diz Jackson, F.J. Foakes e Lake Kirsopp, em sua obra *Beginning of Christianity*, London; Macmillan Co., 1920-1933).

Os contatos literários de Lucas, por conseguinte provavelmente se deram todos dentro dos limites da primitiva igreja cristã, incluindo alguns registros escritos sobre ocorrências descritas em Atos antes do décimo sexto capítulo, registros esses que eram documentos estritos da comunidade cristã, que descreviam eventos do interesse da tradição cristã. Isso não significa, entretanto, que Lucas não tenha podido, ou não tenha realmente usado material histórico proveniente de outras fontes, como quando ele menciona os reinados de monarcas, reis vassalos, governadores ou magistrados locais; mas tais documentos não são suficientemente óbvios e transparentes em Lucas-Atos para que se tornem identificáveis, ainda que, por acaso, o autor sagrado tenha se utilizado de alguns documentos com os quais estamos familiarizados hoje em dia.

VI. Fontes Informativas

Alguns eruditos têm apresentado a hipótese de que somente as seções chamadas «nós» do livro de Atos (aquelas em que o autor desse livro passa a usar a primeira pessoa do plural, por ter participado pessoalmente dos fatos desenrolados), são composições originais do autor. Alguns desses eruditos dizem que essas porções são de autoria lucana, mas outros nem mesmo isso querem admitir. (Essas seções são Atos 16:10-17; 20:5-15; 21:1-18 e 27:1-28:16). Partindo desse ponto inicial, existem muitas conjecturas referentes à unidade, à autoria e às fontes informativas das demais seções do livro de Atos. A maioria desses estudiosos acredita que pelo menos essas seções foram escritas por um único autor; e a maioria dos eruditos modernos defende a idéia que o resto do livro de Atos foi escrito pelo mesmo autor, ou, pelo menos, foi compilado por ele. (Quanto a comentários sobre essa questão, ver *Autor*, neste artigo).

No que concerne às fontes informativas usadas pelo autor do livro de Atos, aceita-se de modo quase universal (embora tenham surgido exceções notáveis) que a grande fonte informativa do mesmo, a partir do décimo sexto capítulo até o fim, tenha sido o testemunho ocular do próprio autor sagrado. Naturalmente a distinção e a separação entre as duas seções do livro (antes e a partir do seu décimo sexto capítulo) não são absolutas, porquanto a conversão de Paulo, personagem que passa a dominar as cenas da segunda metade do livro, é apresentada na primeira metade, no nono capítulo; e a narração sobre o concílio cristão de Jerusalém aparece no décimo quinto capítulo. Embora esse concílio tenha ocorrido antes da primeira viagem missionária de Paulo, no livro de Atos aparece como acontecimento posterior a essa viagem.

Todavia, a maior parte dos problemas referentes às fontes informativas do livro de Atos giram em torno dos capítulos primeiro a décimo quinto, isto é, antes das chamadas seções *nós*, as quais tiveram origem no relato do próprio autor, como testemunha ocular dos fatos. Parece que não podemos fazer nada melhor do que examinar alguns desses problemas, na esperança de aprendermos algo a respeito da verdade em torno da questão.

C.H. Turner pensava que podia distinguir, no livro de Atos, *seis níveis* diferentes de fontes informativas, cada um dos quais representava alguma área geral do progresso no ministério do evangelho. O protagonista central dos três primeiros desses níveis seria Pedro e a figura principal dos três últimos seria Paulo. Dessa forma, o livro de Atos se dividiria em duas metades, de três seções cada uma. Seriam as seguintes:

1. A *igreja* cristã em *Jerusalém*. O trecho de Atos 6:7 ofereceria o sumário desse progresso, onde se lê: «Crescia a palavra de Deus e, em Jerusalém, se multiplicava o número dos discípulos; também muitíssimos sacerdotes obedeciam a lei».

2. A expansão da igreja cristã por toda a *Palestina*. O sumário dessa seção se acharia no trecho de Atos 9:31, que diz: «A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor e no conforto do Espírito Santo, crescia em número».

3. A expansão da igreja cristã até *Antioquia*. O sumário desse nível seria Atos 12:24: «Entretanto, a palavra do Senhor crescia e se multiplicava».

4. A expansão da igreja cristã pela *Ásia Menor* e pela *Galácia*. O sumário seria o trecho de Atos 16:5: «Assim as igrejas eram fortalecidas na fé, e aumentavam em número dia-a-dia».

5. A expansão da igreja cristã pela *Europa*. O sumário se encontraria em Atos 19:20, onde se lê: «Assim a palavra do Senhor crescia e prevalecia poderosamente».

6. A expansão da igreja cristã até *Roma*. O sumário desse último nível se acharia em Atos 28:31, que diz: «...pregando o reino de Deus, e com toda a intrepidez, sem impedimento algum, ensinava as cousas referentes ao Senhor Jesus Cristo».

Por detrás dessas diversas seções poderíamos supor a existência de alguma fonte informativa, ou mesmo de diversas delas, algumas das quais na forma de testemunhas oculares entrevistadas por Lucas, ao passo que outras seriam tradições orais ou preservadas em forma escrita. Nas seções designadas «nós» (aquelas em que o autor passa a usar a primeira pessoa do plural, por ter participado pessoalmente das ocorrências narradas) mui provavelmente temos o reflexo de anotações diárias, feitas pelo autor sagrado, enquanto vivia. Isso significa que tais passagens nos transmitem a versão direta em primeira mão, dos acontecimentos ali narrados, embora só tivessem sido incorporados no livro de Atos muitos anos mais tarde.

A maioria dos eruditos concorda atualmente que nem todo o material das seções intituladas *nós* representam o testemunho real ocular do autor sagrado, porquanto ali também encontramos o uso da terceira pessoa do plural. No entanto, há, sem dúvida alguma, certa integridade e harmonia que indica que o mesmo autor foi quem escreveu todas essas porções, e, ao mesmo tempo, que foi ele a sua principal fonte informativa.

Por causa dos motivos acima aduzidos, os editores da obra *The Beginnings of Christianity* (ver a referência na bibliografia) dizem: «De maneira geral pode-se asseverar que apesar de haver alguma diferença em estilo, entre os primeiros quinze capítulos do livro de Atos e a segunda metade desse livro, não há diferença nenhuma de estilo entre as seções 'nós' e a narrativa em que foram encaixadas». (Vol. II, pág. 158). A isso acrescenta G.H.C. Macgregor, autor da introdução ao livro de Atos na *Interpreter's Bible*: «Nem mesmo o conteúdo daquelas porções dos capítulos dezesseis a vinte e oito, que estão fora das 'seções nós' representam qualquer obstáculo insuperável, no que diz respeito à suposição de que o diarista foi a fonte informativa do todo». Isso não significa, naturalmente, que o autor sagrado tivesse estado presente a observar cada pormenor daquilo que escreveu; porém quer dizer que essas porções estavam por detrás, essencialmente, do relatório de uma testemunha ocular, pois o todo de seu livro chegou ao seu conhecimento com base em fontes informativas imediatamente disponíveis a ele, acerca de acontecimentos contemporâneos.

Assim sendo, o autor das seções chamadas **nós** sem dúvida é igualmente o autor da primeira parte do livro de Atos (capítulos primeiro a décimo quinto); mas no caso dessas seções o autor sagrado foi testemunha ocular, — como é óbvio, da maior parte dos acontecimentos. As variações de estilo confirmam a teoria que grande parte de seu trabalho, nesse caso, consistiu mais na obra de um editor e compilador, o que, em última análise, é o caso de todos os livros, com pouquíssimas exceções. O autor sagrado reuniu os seus próprios comentários, as suas elaborações, mas também partes dos quais foram copiados com pouca ou nenhuma variação. Por conseguinte, ele foi ao mesmo tempo autor e editor, como também

compilador. As seções registradas com base em alguma fonte informativa oral ou escrita, que ele obteve, mui naturalmente teriam um estilo diferente do dele, quando registrada alguma ocorrência por ele pessoalmente observada. Nada existe no livro de Atos que não possa ser explicado com alicerce nessa observação, o que nos permite preservar a unidade da autoria do livro. É por esse motivo que poucos estudiosos modernos se deixam atrair pela teoria que diz ter havido uma múltipla autoria do livro de Atos.

Apesar de que provavelmente existam muitas fontes informativas individuais, pertencentes à primeira parte do livro de Atos (capítulos primeiro a décimo quinto), e algumas narrativas ou detalhes talvez dependam do relatório, oral ou escrito, de alguma testemunha isolada, parece que Harnack (*Acts of the Apostles*, págs. 162-202) mostra-se essencialmente atual quando traça as três principais fontes informativas dessa primeira parte do livro de Atos, como segue:

1. Uma fonte informativa de *Jerusalém* (capítulos primeiro a quinto).

2. Uma fonte informativa centralizada em *Jerusalém-Cesaréia*, que tem como núcleo o trecho de Atos 8:5-40.

3. Uma fonte informativa centralizada em *Antioquia*, com núcleo em Atos 11:19-30.

As seções restantes, pois, foram acrescentadas a cada um desses três núcleos, excetuando a passagem de Atos 9:1-30, que talvez tenha tido uma fonte informativa paulina em separado, preservada nas tradições de Antioquia ou de Jerusalém-Cesaréia. Não obstante, a formação de cada uma dessas seções pode ter sido complexa, e partes de muitas traduções e fontes informativas podem ter sido incluídas. Mas pelo menos poderíamos identificar, dessa maneira, o núcleo e a fonte informativa principal de cada uma dessas seções fundamentais. Harnack também divide a fonte informativa de Jerusalém em duas partes, denominando-as «Jerusalém A» e «Jerusalém B», sugerindo ainda que «Jerusalém B» poderia ser idêntica à fonte informativa centralizada em Jerusalém-Cesaréia.

Já os editores do livro *The Beginnings of Christianity* sugerem que a porção de «Jerusalém A» poderia ser continuação da fonte informativa usada pelo autor do evangelho de Marcos, e que transparece no evangelho de Lucas; mas, ainda segundo a mesma autoridade, a porção de «Jerusalém B» poderia ser a mesma fonte informativa da qual Lucas se utilizou quando escreveu o vigésimo quarto capítulo de seu evangelho, material esse que os outros evangelistas não tiveram às mãos para seu uso. (*Christian Beginnings*, II. pág. 133; ver a referência na bibliografia).

Não há meios para comprovarmos a teoria exposta, mas pelo menos ela chama a nossa atenção para blocos bem definidos de material, e esses blocos de material provavelmente foram extraídos de informações disponíveis a diversas comunidades eclesiásticas, onde as histórias foram preservadas em forma oral ou escrita. Por conseguinte, podemos traçar o diagrama dessa teoria conforme o quadro abaixo:

AS FONTES DE ATOS

1. *Jerusalém* A (Atos 3:1-5:16). Primeiras atividades apostólicas do apóstolo Paulo, em Jerusalém e cercanias.

4. *Fonte informativa paulina.* (Atos 9:1-30).

ATOS DOS APÓSTOLOS

2. *Jerusalém B* (Atos 1:6-2:47). Ascensão, fim das instruções aos doze, o Pentecoste, os primeiros conflitos com o judaísmo. (Atos 5:17-42). Outros conflitos com o judaísmo.

5. *Antioquia*. Nomeação dos sete diáconos. Estêvão. (Atos 6:1-8:4). A igreja em Antioquia. (Atos 11:19-30). Paulo e Barnabé; missões a Chipre e Galácia; dificuldades em Antioquia e Jerusalém. (Atos 12:25-15:35).

3. *Jerusalém-Cesaréia* (Atos 8:5-40). Filipe; os labores de Pedro; a conversão de Cornélio. (Atos 9:31-11:18). Perseguição movida por Herodes. (Atos 12:1-24).

6. *Seções nós*. Relatos do próprio autor, como testemunha ocular, de mistura com algum outro material histórico.

Pode haver muitas outras maneiras de explicar o problema das fontes informativas usadas na escrita do livro de Atos. C.C. Torrey (*The Composition and Date of Acts*, Cambridge; Harvard University Press, 1916), supõe que houve apenas um documento por detrás dos capítulos primeiro a décimo quinto, que teria origem em um autor qualquer que compilara o seu material em Jerusalém, documento esse traduzido pelo autor das «seções nós», incorporado em seu livro. Esse mesmo escritor postula um original em aramaico, supondo que certas seções obscuras podem ser melhor entendidas quando aceitamos que por detrás delas houve um original em aramaico. (Ver Matthew Balck, *Aramaic Approach to the Gospels and Acts*, págs. 8-12). Portanto, podemos afirmar que os estudiosos não rejeitaram definitivamente a idéia de que algumas porções das fontes informativas centralizadas em Jerusalém tiveram um original aramaico, porquanto isso teria sido apenas natural.

Apesar de que nos é impossível ter qualquer certeza no que diz respeito à questão das fontes informativas usadas pelo autor do livro de Atos, especialmente no que concerne a indivíduos particulares, que tenham prestado informações a Lucas, parece razoável pensarmos que esse material chegou às suas mãos, de uma forma ou de outra, vindo dos grandes centros do cristianismo primitivo, tais como Jerusalém, Cesaréia, Antioquia e Roma.

VII. Ênfase Apologética; Interesses e Propósitos Teológicos

1. Que o cristianismo não é um *ramo herético* do judaísmo, mas antes, uma elevação e melhoria do judaísmo, com raízes profundas no mesmo, mas retendo apenas os elementos nobres e úteis, ficando rejeitados todos os seus males, especialmente a

apostasia para a qual havia decaído, como também o seu escopo provincial.

2. Mostrar aos líderes romanos que o cristianismo *não deveria* ser temido e perseguido, como ameaça ou movimento traiçoeiro ao estado romano; pelo contrário, que era digno da proteção romana, com permissão de funcionar livremente, tal como o judaísmo havia obtido de seus conquistadores militares.

Por este motivo é que o livro de Atos apresenta os oficiais romanos como ordinariamente favoráveis aos movimentos dos missionários cristãos. Embora Lucas houvesse escrito após Paulo haver sido martirizado, e a perseguição de Roma contra os cristãos já houvesse começado, ele não ignora e nem põe em perigo o seu propósito apologético encerrando o seu livro numa atitude negativa, a saber, narrando a execução do maior advogado do cristianismo às mãos das autoridades romanas. (Ver Atos 18:12-17, onde se expõe a idéia da proteção do cristianismo, pelas autoridades romanas, tal como o judaísmo já vinha sendo protegido pelas leis do império). Lucas, portanto, quis mostrar que os levantes e as perturbações de ordem pública que seguiam na cauda do movimento dos missionários cristãos resultavam das perseguições efetuadas pelos judeus, e não de qualquer espírito malicioso dos próprios cristãos. Lucas endereçou a sua dupla obra (Lucas-Atos) a um oficial romano, de nome *Teófilo*; por conseguinte, dirigiu seu trabalho à aristocracia romana, esperando que se os argumentos ali contidos fossem recebidos e digeridos, o novel movimento cristão viesse a ser protegido, e não perseguido. Todavia, o seu grande alvo fracassou, porque sobrevieram severas e prolongadas perseguições, desde muito tempo antes do evangelho de Lucas e do livro de Atos terem sido escritos e postos em circulação.

Interesse Teológico:

As atividades e orientações do **Espírito Santo** dominam o livro de Atos, e isso o torna diferente dos evangelhos sinópticos (com exceção parcial do evangelho de Lucas), mas o evangelho de João também possui essa característica, tal como sucede às epístolas de Paulo. As manifestações sobrenaturais que acompanharam a propagação do evangelho significavam não meramente as atividades do Espírito de Deus naquela época, mas também a inauguração de uma nova era, quando os homens haveriam de ser dirigidos diretamente, cheios e controlados pelo poder do alto—o poder do Espírito Santo. Outros interesses teológicos de menor monta, que dominam o quadro apresentado pelo livro de Atos, são a descrição acurada da ascensão do Senhor Jesus, que se faz inteiramente ausente nos quatro evangelhos, a universalidade da mensagem cristã, a ênfase posta sobre os elementos mais pobres e desprezados da sociedade, e como todos podem tornar-se beneficiários das mesmas boas novas de Deus.

Um outro interesse teológico, que na realidade incorpora a atuação do Espírito Santo no seio da igreja cristã e no mundo, é aquele que demonstra a redenção de *âmbito universal*, possibilitada pela mensagem da cruz, pregada pela igreja cristã, que exalta a pessoa de Cristo Jesus. Esse é, por semelhante modo, um elevado interesse teológico do evangelho de Lucas.

Propósitos do Livro de Atos:

1. **Alvos históricos** — Lucas tencionava demonstrar como a igreja cristã se propagara de seu centro, em Jerusalém até Roma: a. Em Jerusalém (Caps. 1-6). b. Por toda a Palestina (Caps. 7-10). c. Até Antioquia (Caps. 11-13). d. Até a Ásia Menor e a região da Galácia (Caps. 14-16). e. Até a Europa (Caps. 17-20). f. Até Roma (Caps. 20-28). Tudo isso implica na universalidade do cristianismo, bem como na aprovação divina ao mesmo, porquanto essa propagação do evangelho, com os seus resultados positivos acompanhantes, não era obra de homens.

2. **Alvos apologéticos**, segundo os apresentamos no primeiro parágrafo desta seção VII.

3. **Alvos teológicos**, segundo são dados nos parágrafos mais acima, sob o título «Interesses teológicos».

Além dos propósitos históricos, apologéticos, poderíamos facilmente detectar ainda outros. Parece perfeitamente óbvio que o livro de Atos foi escrito, pelo menos em parte, para aumentar a autoridade do apóstolo Paulo no seio da igreja cristã. Então, por causa disso, o cristianismo passou a movimentar-se mais de acordo com as normas paulinas. A igreja cristã em geral, de fato, foi largamente dominada pela teologia paulina até o surgimento de Tomás de Aquino, o qual mediante a sua mistura de conceitos nitidamente cristãos com outros elementos (a filosofia de *Tomás de Aquino* foi proclamada como filosofia oficial da Igreja Católica Romana, pelo papa Leão XIII), enfraqueceu o caráter paulino da igreja. O autor sagrado do livro de Atos, pois, também mostra-nos como foi que o judaísmo gradualmente se tornou indigno de ser o guardião e o propagador da verdade de Deus, e como essa verdade passou para a posse da igreja cristã, que veio a tornar-se um corpo principalmente gentílico. Ora, isso prepara o ambiente para a mensagem das epístolas, tanto de Paulo como dos demais escritores do N.T., naqueles lugares onde o judaísmo se tornara um *opressor* do cristianismo, e não seu genitor.

VIII. Conteúdo

Podem ser observados seis níveis de desenvolvimento da missão cristã, a saber: 1. Em Jerusalém (até Atos 6:7). 2. Por toda a Palestina (até Atos 9:31). 3. Em Antioquia (até Atos 12:24). 4. Na Ásia Menor e na Galácia (até Atos 16:5). 5. Até a Europa (até Atos 19:20). 6. Até Roma (até Atos 28:31). Os dois principais personagens dessas atividades são os apóstolos Pedro e Paulo. Cerca de metade do livro de Atos se devota às atividades de Paulo, e cerca de um terço às atividades de Pedro. Cronologicamente falando, o livro de Atos cobre um período de apenas cerca de trinta anos, isto é, de 33 até c. de 63 D.C.

«O conteúdo 'de Atos' se divide em seis partes distintas: 1. A fundação da igreja, em Jerusalém (Atos 1:1-6:7). 2. A dispersão dos cristãos por toda a Palestina, depois do martírio de Estêvão (Atos 6:8-9:31). 3. A propagação da igreja cristã pela Palestina e a Síria (Atos 9:32-12:25). 4. A primeira viagem missionária de Paulo à ilha de Chipre e à Ásia Menor, e seu retorno a Jerusalém (Atos 13:1-16:5). 5. As viagens de Paulo à Macedônia e à Grécia (Atos 16:6-21:14). 6. Oposição a Paulo e sua viagem a Roma (Atos 21:15-28:31)». (Buckner B. Trawick, «The New Testament as Literature», Barnes and Noble, Nova Iorque, 1964).

Cada uma dessas seções principais é sumariada por alguma forma de declaração concernente ao sucesso das diversas missões, que fala sobre o desenvolvimento da igreja cristã. Essas referências se encontram em Atos 6:7; 9:31; 12:24; 16:5; 19:20 e 28:31.

ESBOÇO DO CONTEÚDO

I. A Igreja em Jerusalém (1:1-5:42)
   1. Prefácio, 1:1—5

2. A ascensão de Cristo, 1:6-11
3. Completa-se o número de doze apóstolos, 1:12-26
4. O dom do Espírito; o nascimento da igreja, 2:1-47
5. O novo poder de Pedro, 2:14-36
6. Resultados do Pentecoste, 2:37-47
7. Ministério de Pedro em Jerusalém, 3:1-26
8. Primeiro conflito com o judaísmo, 4:1-22
9. Vida comunitária da igreja, 4:23-5:16
10. Segundo conflito com o judaísmo, 5:17-42

II. A Igreja na Palestina: Primórdios do Cristianismo Helênico (Atos 6:1-8:40)
1. Nomeação dos sete diáconos, 6:1-7
2. História de Estêvão, 6:8-8:3
3. História de Filipe, 8:4-40
   a. Em Samaria, 8:4-13
   b. Visita apostólica confirmatória, 8:14-25
   c. Filipe e o eunuco etíope, 8:26-40
4. Conversão de Saulo de Tarso, 9:1-31
5. Primeiras missões entre os gentios, 9:32-11:30
   a. Atividades de Pedro, 9:32-11:30
   b. Conversão de Cornélio, 10:11-18
   c. A igreja em Antioquia: Atividades de Paulo e Barnabé, 11:19-30
6. A perseguição movida por Herodes, 12:1-25

III. Avanço de Antioquia a Roma: Três viagens missionárias de Paulo (Atos 13:1-28:31)
1. Primeira viagem missionária: Barnabé e Paulo vão aos gentios, Atos 13:1-14:29. Missão a Chipre, 13:4-12. Missão à Galácia, 13:13-14:28. Missão de Pafos a Perge, 13:13. Missão a Antioquia da Pisídia, 13:14-52. Missão a Icônio e Listra, 14:1-18. Missão a Icônio, 14:1-7. Missão a Listra, 14:8-18. Retorno a Antioquia da Síria, 14:19-28.
2. Controvérsias acerca do legalismo, 15:1-41
   a. Dificuldades em Antioquia a Jerusalém, 15:1-5
   b. O concílio de Jerusalém, 15:1-29
   c. Paulo e Barnabé em Antioq., 15:30-41
3. Segunda viagem missionária: Paulo vai à Europa, 16:1-18:17: Galácia e A. Menor, 16:1-10. Timóteo e Paulo, 16:1-5 Missão a Trôade, 16:6-10. Trabalho na Macedônia, 16:11-17:15. Em Filipos, 16:11-50. Em Tessalônica, 17:1-9. Em Beréia, 17:10-15. Na Acaia, 17:16-18:17. Esta última fase incluiu Atenas e Corinto.
4. Terceira viagem missionária: Paulo vai à Ásia Menor, 18:18-19:41
   Viagem de confirmação das igrejas, 18:18-23. Apolo, 18:24-28. Paulo em Éfeso, 19:1-41. Retorno à A. Menor, 19:1-12. Paulo e os exorcistas, 19:13-20. Planos de Paulo sobre o futuro, 19:21-22. O levante em Éfeso, 19:23-41.
5. Visita final de Paulo à Macedônia e à Acaia, 20:1-4
6. Paulo vai a Jerusalém, 20:1-6. De Filipos a Mileto, 20:5-16. Defesa de Paulo ante os anciãos de Éfeso, 20:17-38. De Mileto a Cesaréia, 21:1-14. Paulo com a igreja em Jerusalém, 21:15-26.
7. Paulo, prisioneiro em Roma, 21:27-28:31
   a. Detenção e defesa, 21:27-22:29
   b. Perante o sinédrio, 22:30-23:11
   c. Transferência para Cesaréia, 23:12-35
   d. Em Cesaréia, 24:1-26:32. Paulo e Félix, 24:1-27. Paulo e Festo, 25:1-27. Defesa de Paulo perante Agripa, 26:1-32
   d. Viagem a Roma, 27:1-28:16
   f. Paulo em Roma, 28:17-31

IX. Tabela cronológica dos Acontecimentos de Atos em Confronto com a História Contemporânea

Ver o artigo sobre a *Cronologia do Novo Testamento*

X. Tabela cronológica da Vida de Paulo

5 DC	Nascimento em Tarso, da Cilícia
20-26	Estudos em Jerusalém
26-32	Estudos em Tarso
32-37	Conversão na estrada de Damasco, Atos 9
37-39	Viagem pela Arábia, Gál. 1
35-43	Prega em Tarso e noutros lugares da Cilícia, Atos 9 e Gál. 1
43-44	Prega com Barnabé em Antioquia, Atos 11
44-45	Viagem a Jerusalém, durante a fome, Atos 11
45-47	Primeira viagem missionária, Atos 13-14
47-49	Reside em Antioquia da Síria, Atos 11
49	Faz-se presente ao concílio de Jerusalém, Atos 15
49-51	Segunda viagem missionária, Atos 15-18
51-56	Terceira viagem missionária, Atos 18-21
56	Aprisionamento em Jerusalém, Atos 21
56-58	Paulo na Prisão em Cesaréia, Atos 23
58-59	Viagem a Roma, Atos 27
59-61	Confinamento em Roma, Atos 26
61-64	Viagens à Espanha, Creta, Macedônia, Grécia, não mencionadas em Atos, embora indicadas em outros documentos como no cânon muratoriano e nas epístolas de Clemente. Algumas indicações destas viagens existem nas epístolas pastorais.
64-67	Execução em Roma, durante as perseguições movidas por Nero.

XI. Bibliografia: AM BRU CAD HARN IB ID NTI RAM Z

ATOS DE SALOMÃO

Um livro aludido em **I Reis 11:41**, uma obra atualmente perdida, mas que provavelmente historiava o reinado de Salomão, com base em documentos oficiais da época. (Z)

ATOS DIVINOS

Essa expressão refere-se àquelas ocorrências e experiências que parecem desafiar princípios e explicações ordinários de causa e efeito, usualmente eventos trágicos que produzem intenso sofrimento. São chamados assim os terremotos, as enchentes, os desastres naturais. Por assim dizer, essas ocorrências lançam a culpa sobre Deus; mas podem conter um indício de que a providência divina as controlam, embora de forma misteriosa. Esses tipos de *atos de Deus* muito têm a ver com o problema do mal, isto é, se existe um Deus onisciente, benévolo e Todo-Poderoso, como pode haver também tanto sofrimento no mundo? Ver o artigo sobre *o problema do mal*.

Essa expressão também é usada para exprimir os feitos beneficentes de Deus, inerentes à redenção, à missão de Cristo, às curas divinas, aos milagres e a todas as formas de intervenção divina, como o êxodo,

a vinda de Cristo, o Seu segundo advento, a descida do Espírito Santo, etc. (H)

ATRAÇÃO UNIVERSAL DE CRISTO

João 12:32,33: «*E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim. Isto dizia, significando de que modo havia de morrer*».

I. Declaração notável

Encontramos aqui uma das notáveis declarações joaninas, a qual nos ensina uma importante doutrina bíblica, que vem sendo quase totalmente ignorada por muitas igrejas cristãs, a saber, *os efeitos universais* da expiação de Cristo. Sem qualquer equívoco, Cristo afirma que atrairia *todos* os homens para si mesmo; e devemos observar o fato de que a declaração se reveste de tanta importância que de modo algum podemos diminuí-la. Ao mesmo tempo, em parte alguma, e nem mesmo em João 12:32,33, o N.T. ensina um universalismo comum.

Alguns importantes manuscritos gregos dizem «todas as coisas», em vez de «todos», que é o gênero masculino interpretado como «todos os homens», conforme dizem algumas traduções. Esses manuscritos são P(66), Aleph e D, que por sua vez, são seguidos por muitas versões latinas. A grande massa de evidência textual, entretanto, dá apoio à variante *todos os homens*. Pois «todas as coisas» (que Jesus haveria de atrair para si mesmo) daria a entender um sentido universal e cósmico, e não envolveria exclusivamente aos homens; incluiria, igualmente, os seres angelicais, e até mesmo o próprio mundo físico e a natureza. Não obstante, existem passagens bíblicas que ensinam essa futura *harmonização* entre Deus e toda a sua criação, como, por exemplo, Col. 1:16,17 e também o primeiro capítulo da epístola aos Efésios. Na pessoa de Cristo nos é prometida uma total *restauração cósmica*, quando toda a criação descobrirá que seu centro e razão de existência se encontram nele. João 12:32, entretanto, ao referir-se tão só a «todos os homens», faz alusão somente a uma parte da restauração universal, posto que muito importante para nós, isto é, a restauração da humanidade remida.

II. Interpretações da declaração

1. Seria um esclarecimento no sentido de que não somente os judeus, mas também *os gentios*, participam dos benefícios da expiação no sangue de Cristo —pois o cristianismo não é de âmbito local, como o judaísmo, e sim, de aplicação universal. Isso é uma verdade, faz parte da verdade aqui ensinada, mas não inclui toda a verdade dessas palavras.

2. Outros dizem que a palavra «todos» é uma referência àqueles que *dão ouvidos* ao evangelho e não oferecem resistência ao mesmo; mas isso restringe por demais o sentido da passagem, e insufla no texto o que talvez seja tomado de empréstimo de outros lugares, assim reduzindo essa grande declaração de Jesus à estatura de um ensinamento de menor importância, furtando-a de sua significação distintiva.

3. A palavra *todo* indicaria o mundo dos *eleitos*, segundo muitos intérpretes da escola calvinista. Mas isso, novamente, restringe o sentido que se evidencia em João 12:32.

4. Pelo contrário, significa *todo* sem qualquer restrição, isto é, a expiação no sangue de Cristo tem uma aplicação universal. Assim diz Ellicott, em João 12:32: «A palavra *todo* não pode ser limitada pelas interpretações que julgam tratar-se das nações, ou aos indivíduos eleitos dentre todas as nações; porém, deve ser considerada na plenitude de sua significação, com o sentido que ela tem naturalmente—*todo*. A atração para si mesmo é a asserção de seu reinado sobre o mundo, do qual o príncipe da maldade será finalmente expulso».

III. Como Cristo atrairá a si todos os homens?

1. A operação será poderosa, nada será negado, nada será negligenciado, nada será deixado de fora, pois é o Pai quem «atrai», quem «arrasta». É impossível que alguma coisa fique fora do poder do Pai, que opera no Filho. É impossível que venha a falhar a missão do Filho, embora possa ter bom êxito de diferentes maneiras.

2. Todos os homens são potencialmente eleitos, mas os eleitos serão, finalmente poucos, devido às perversas operações da vontade humana. Mas, apesar dos eleitos virem a ser poucos, a promessa em João 12:32 não falhará. Ver os pontos abaixo.

3. Este versículo também promete que *todos* os homens serão iluminados (João 1:9). Consideramos isso um paralelo deste versículo, embora vazado de modo diferente.

4. Existe aquela atração absoluta dos eleitos (ver notas em Efé. 1:4 no NTI), e eles virão de todas as nações; portanto, haverá uma espécie de universalidade. Mas o versículo ultrapassa essa idéia.

5. Uma restauração distinta da redenção. I Ped. 3:18-4:6 ensina que houve uma obra remidora de Cristo no hades. I Ped. 4:6 requer que essa obra tenha efeitos universais. Com base em Efé. 1:10, parece patente que haverá total restauração de todas as coisas em torno de Cristo. A redenção fará parte disso; mas a restauração geral, embora fique aquém da redenção, também será parte integrante. Aos perdidos serão outorgados propósito e bem-estar em sua existência, embora isso não venha a ocorrer à revelia do julgamento. Portanto, o julgamento não terá natureza apenas retributiva; também será restaurador, naquele grau que porventura agradar a Deus. I Ped. 4:6 ensina isso, o que era uma doutrina comum na igreja antiga. Haverá uma unidade universal em torno de Cristo, e nada será deixado de fora. Somente isso poderá cumprir os requisitos de João 12:32.

6. Acima da restauração, haverá a redenção dos eleitos, poucos em número. Essa redenção envolverá a participação na própria forma de vida que Cristo tem, na sua natureza, na sua plenitude, e na plenitude do Pai (ver as notas em Rom. 8:29; II Ped. 1:4 e Col. 2:10 no NTI). A *restauração* será uma glória secundária, em comparação com a infinita *redenção* dos eleitos.

7. É impossível que a missão de Cristo possa falhar, apesar de que poderia ter bom êxito de vários modos. Ver o artigo sobre a *Restauração*.

IV. Simbolismo envolvido

O simbolismo que nos apresenta Cristo a ser *levantado*; (ver também as passagens de João 3:14 e 8:28) pode ser uma alusão a duas coisas diversas: 1. A um rei que ascende ao seu trono; e 2. às insígnias ou pendões, isto é, às bandeiras que os comandantes de regimentos elevavam em mastros longos, para que o povo pudesse ver onde se encontrava o pavilhão de seu general, e assim pudesse unir-se em torno do mesmo. Dessa maneira vemos novamente que, embora a referência primária seja à cruz, contudo essa é sempre vinculada à sua «glória», tanto porque a própria cruz é uma glória, pois através da expiação os homens recebem dos benefícios provenientes de Cristo, como também porque ele destrói as forças do mal (ver Col. 2:15) e, além disso, porque a tragédia da cruz foi seguida pela grande vitória da ressurreição, ascensão

e glorificação do Senhor Jesus. Todos esses elementos estão necessariamente vinculados entre si. (Quanto ao tema de *«a cruz e a glória»*, tema esse que aparece reiterado com freqüência no quarto evangelho, ver as notas referentes ao trecho em João 11:51 no NTI). (FA G IB LAN NTI)

ATRIBUTO(S)

Vem do latim **ad**, «para», e **tribuere**, «atribuir», ou seja, aquilo que é atribuído a alguma coisa. Na teologia cristã, o termo veio a ser usado para indicar aquelas qualidades ou propriedades (atributos) atribuídas a Deus, como partes de Sua natureza. Ver o artigo separado abaixo. Contrastar o termo com *acidente* (ver o artigo a respeito).

1. Para *Aristóteles* (ver o artigo), o mundo divide-se em substâncias individuais e atributos dessas substâncias. Os atributos são aquelas características predicáveis à substância, seguindo as *categorias* (ver o artigo) de tempo, lugar, relação, espaço, posição, estados ativo ou passivo, etc., dez categorias ao todo.

2. Para *Tomás de Aquino* (ver o artigo), e também no escolasticismo, isso envolvia uma adaptação das idéias aristotelianas, com elementos transcendentais adicionais, como o único, o verdadeiro, o bom atributo de tudo, e especialmente, no caso de Deus.

3. Para *Descartes* (ver o artigo), pensamento e extensão são os dois atributos contrários e mutuamente opostos da realidade.

4. *Spinoza* (ver o artigo) ampliou a noção de Descartes, ao falar sobre pensamento e extensão como os dois atributos conhecidos da realidade, mas supondo que seu número real é infinito. Os atributos são aquelas características que constituem a essência.

5. Na *teologia*, quanto à sua descrição, diferem as listas de atributos divinos; mas, no teísmo clássico, o conceito ocidental tradicional de Deus envolve atributos como onisciência, sensibilidade, qualidades morais (santidade, justiça, amor, bondade, veracidade, sabedoria), qualidade estética (beleza), vontade, onipotência, simplicidade, unidade, espiritualidade, eternidade, infinitude, imutabilidade, onipresença, soberania, independência.

ATRIBUTOS DE DEUS

Na metafísica e na teologia, um atributo é uma qualidade de uma entidade que expressa sua natureza essencial. Assim, é algo indispensável ou necessário para a integridade daquele ser. Os atributos são a *summa genera* através das quais os modos são entendidos e existem na substância. Ver os atributos tradicionais do teísmo, ponto 5. no artigo *Atributo(s)*. Ver tratamentos detalhados sobre *Onipresença*; *Onipotência*; e *Onisciência* nos artigos com estes título.

I. Atributos de Deus

O teísmo **clássico** vê Deus como uma **pessoa** transcendente e terrível, embora não apenas como uma força cósmica, que não se inter-relaciona com outros seres. Deus criou o homem à Sua própria imagem (Gên. 1:26,27), intelectual e moralmente falando, e isso implica na personalidade de Deus, embora não obtenhamos grande conhecimento real através dessa afirmativa.

1. Onisciência. Como pessoa, Deus a conhece, estando cônscio de Si mesmo e de Sua criação. Esse conhecimento desconhece limites, restrições ou defeitos. A filosofia ensina-nos que todas as palavras *omni* são realmente negativas em seu caráter, porque não temos experiência ou conhecimento, sem importar os meios de conhecimento, sobre qualquer coisa ilimitada. Para nós, portanto, os termos iniciados com omni apenas exprimem um grau superlativo daquilo que sabemos apenas de forma limitada. O conhecimento de Deus estende-se para trás por todo o tempo, até quando ainda não havia tempo, todo o presente e todo o futuro possível. Aristóteles chamava Deus de «o Intelecto», e os homens de «intelectos».

2. Sensibilidade. Deus, como pessoa, tem sentimentos racionais e morais, embora não físicos, como se dá com o homem. Vários termos antropomórficos são usados para exprimir esse aspecto de Deus, como Seu deleite ou Sua ira, Seu arrependimento ou mudança de atitude acerca de algo, Seu amor, Seu desprazer, etc. (Gên. 6:6; I Sam. 13:14; Êxo. 4:14; Rom. 9:13).

3. Qualidades morais. Dificilmente poderíamos atribuir qualidades morais a uma força cósmica impessoal. Isso exemplifica a natureza pessoal de Deus.

a. *Santidade*. Deus não peca e todas as Suas virtudes são perfeitas. (Isa. 6:3; I João 1:5; Apo. 6:10; 15:4). Nessa qualidade, Deus ocupa lugar *ímpar*, pois, embora outros seres também não pequem, não compartilham das — virtudes positivas — de Deus com a mesma extensão.

b. *Justiça*. Em Si mesmo e em Seu governo, não se acha qualquer defeito de injustiça, erro ou ação duvidosa. Ele exerce direito e autoridade absolutos sobre as Suas criaturas, embora isso repouse sobre Sua bondade, e não sobre o Seu mero poder. Uma coisa qualquer não é justa somente porque Deus a faz; mas o que Ele faz segue algum padrão de justiça, que Ele estabeleceu para os homens. (I João 1:9; I Cor. 11:31,32; Rom. 2:12-16; II Crô. 19:7; Isa. 45:21; Apo. 15:3).

c. *Amor*. Esse é o único atributo moral de Deus que também Lhe serve de nome (I João 4:8). Consiste no interesse final e em ações beneficentes baseadas nesse interesse, no que todos os homens estão envolvidos (João 3:16), e que serve de impulso motivador de todos os atos da providência e da missão salvatícia de Cristo. Os próprios juízos divinos estão baseados no amor — tendo em vista a restauração (I Ped. 4:6; Heb. 12:6-8). O amor é a base de todas as demais virtudes morais, o solo onde elas medram (Gál. 5:22 ss).

d. *Bondade*. Deus é benévolo tanto para os homens mortais como para as almas, e também para toda a Sua criação. A *misericórdia* faz parte da bondade de Deus. Ele é o «Pai de misericórdias» (II Cor. 1:3), que dispensa atos de bondade a todos. A misericórdia e a bondade, tendo em vista a salvação, são manifestações fundamentais de Deus (Efé. 2:4,5; Rom. 9:15,18; I Tim. 1:13). Todos os dons perfeitos e bons são outorgados por Deus (Tia. 1:17).

e. *Veracidade*. Em Deus não há falsidade, em Seu ser ou em Seus atos. A revelação repousa sobre esse atributo, como reflexo do mesmo, pois, sendo Ele veraz, transmite a verdade (João 1:18), por meio de Seu Filho. Deus é veraz, e todo homem é mentiroso (Rom. 3:4). Os pactos de Deus repousam sobre a Sua veracidade (Sal. 12:6; Heb. 10:23). Jamais falha tudo quanto Deus declara (Êxo. 12:41). Em Cristo, Deus manifestou a verdade, pelo que o Filho é a Verdade (João 14:6).

f. *Sabedoria*. Deus sabe o que fazer e como agir, com base em recursos ilimitados (Rom. 11:33; I Cor. 1:17 ss ; Apo. 5:12).

4. Qualidade Estética. Deus é **beleza**. O diálogo de Platão, **Simpósio**, expõe a verdade de que todos os objetos e entidades de beleza assim o são por refletirem a Beleza Suprema, que é Deus. Beleza fala de harmonia, graça, simetria em pessoa e em ato. Deus exemplifica essa qualidade em grau supremo. A missão de Cristo é uma bela obra, proveniente do Pai. Encontramos beleza em outras coisas e pessoas, quando elas têm qualidades que nos fazem lembrar a beleza divina. Aqueles que anunciam o evangelho realizam uma bela missão (Rom. 10:15). Tudo Deus fez formoso (Ecl. 3:11; Sal. 48:2). Sua santidade é uma bela qualidade (Sal. 29:2). O Senhor é a própria beleza (Sal. 27:4).

5. Vontade. Somente de uma pessoa se pode esperar a qualidade da vontade. As palavras: «...faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu...» (Mat. 6:10), subentendem que Deus pode agir e realmente age, intervindo, recompensando, punindo e dirigindo. A vontade de Deus está detrás de seu propósito de salvar (II Ped. 3:9; I Tim. 2:4). Sua vontade é absoluta, realizando aquilo que Ele quer (Efé. 1:11). Essa é a qualidade *onipotente* da vontade de Deus. A vontade de Deus é *livre*. É argumento falso afirmar-se que a vontade de Deus não pode ser livre, que Ele *não pode* pecar, porque o pecado é a própria negação da liberdade, e não um aspecto da mesma. A vontade de Deus não faz uma coisa ser certa ou errada, arbitrariamente, conforme é sugerido pelo *voluntarismo* (ver o artigo). Antes, a vontade de Deus sempre opera segundo a justiça absoluta. Aquilo que é aprovado aos olhos de Deus, deve ser bom (Mat. 11:26).

II. Qualidades Divinas:

1. Onipotência. O poder de Deus é ilimitado, o que é ilustrado na criação e demonstrado na sustentação da mesma (Gên. 1 e 2; Col. 1:16). Ele pode cumprir todos os Seus desejos (Efé. 1:11; Rom. 9). Ele é *o Todo-Poderoso* (Gên. 17:1; Núm. 24:4, 16; Sal. 19:1; II Cor. 6:18; Apo. 1:8; 4:8; 16:7,14; 19:15 e 21:22). As objeções sofistas contidas em declarações como: «Deus pode criar um peso que Ele mesmo não pode carregar», são pseudoproblemas.

2. Simplicidade. O ser divino não é composto. Deus é puro Espírito (João 4:24), e não espírito e matéria, como os homens. Em Sua essência, propriedade e modo são uma só coisa. Ele se expressa em três Pessoas, mas todas elas são da mesma substância. Seus atributos fazem parte de Sua unidade e simplicidade, e esses atributos devem ser concebidos como porções destacadas de Sua pessoa, mediante a abstração humana.

3. Unidade. Deus tem apenas uma substância ou essência, e seus atributos compõem a sua unidade. Ele tem uma só natureza e vontade. Não há contradições em Deus, não há conflitos. Ele é triúno, mas cada Pessoa é da mesma substância. Deus é singular em Sua essência, em uma categoria toda própria (Deu. 6:4; Isa. 44:6; I Cor. 8:4). Por isso declara o Credo Atanasiano (ver o artigo a respeito): «Adoramos a um só Deus em trindade, e trindade em unidade; nem confundindo as pessoas e nem dividindo a substância».

4. Espiritualidade. Deus é Espírito puro. Se há categorias entre os espíritos (o que é provável), então Deus é a forma mais elevada de Espírito (João 4:24), a origem de toda outra existência espiritual, bem como o criador de todas as coisas físicas.

5. Eternidade. Coisa alguma criou Deus. Ele sempre existiu. Outrossim, seu tipo de existência é singular, pelo que Ele é contrastado com todos os tipos de existência, material ou outra qualquer. A palavra eternidade reveste-se dos aspectos de *não-temporalidade* e de uma *qualidade* distintiva, e ambas essas coisas podem ser ditas acerca da essência divina. Deus é o autor do tempo, mas não está condicionado ao tempo. Ele já existia antes do tempo, e sempre existirá, porquanto Ele é o auto-existente, a Causa sem causa. (Gên. 21:33; Sal. 41:13; 90:2; Hab. 1:12; Rom. 1:20; 16:26; Heb. 9:14).

6. Infinitude. Não há graus ou limitações nos atributos de Deus. Ele não está limitado ao tempo e ao espaço. Seu conhecimento desconhece fronteiras. Sua presença é sentida em todos os lugares. Seu poder não conhece restrições. Ele é o Absoluto. Ele é auto-existente pelo que não depende de ninguém e de — coisa alguma, quanto ao Seu ser. As referências bíblicas que aludem à Sua onipotência, à Sua oniciência e à Sua onipresença, falam sobre aspectos de Sua infinitude.

7. Imutabilidade. Aristóteles concebia um Movedor inabalável que, em Si mesmo não se modificaria, mas que, ao ser amado, produziria todas as alterações que ocorrem na criação. Assim, Deus não seria susceptível e nem capaz de modificações. Em Seu ser não há qualquer tipo de evolução, embora Suas obras estejam em um contínuo estágio de desenvolvimento. Ele preenche todas as coisas, e nEle todas as coisas se completam (Efé. 1:23; ver também Sal. 102:24-27; Isa. 46:9,10; Mal. 3-6). «...em quem não pode existir variação, ou sombra de mudança» (Tia. 1:17). Assim como é o Pai, é também o Filho (Heb. 13:8). Embora seja imutável, Deus não é estático, pois Suas obras nunca cessam, e estão sempre em mutação.

8. Onipresença ou **Imensidade.** O Espírito de Deus permeia a tudo, e Sua inteligência perscruta a todas as coisas. Ele não está confinado ao espaço, mas é imanente em tudo. Ele está acima de tudo, através de tudo e em tudo (Efé. 4:6). O Espírito habita nos crentes e está onipresente no mundo (Rom. 8:9; Sal. 139:7-12). Sua presença garante a continuação de todos os outros seres (Atos 17:28).

9. Soberania. Esse é um dos aspectos da onipotência de Deus, mas administrada através de Sua bondade e amor, ou seja, Seus atributos morais. A passagem de Rom. 9 mostra a soberania de Deus. O evangelho ensina que a mesma é administrada em bondade e amor (Efé. 1:10). Isso prova que a soberania de Deus está por detrás da *unidade* que finalmente deverá caracterizar todas as coisas em torno de Cristo, além de ensinar-nos que a soberania de Deus é uma aliada da esperança e da salvação, e não uma reprovação às mesmas. O amor de Deus controlou a missão de Cristo (João 3:16), não havendo tal coisa como soberania sem amor. O próprio julgamento final requer o controle absoluto da parte de Deus, visando propósitos beneficentes, e não destrutivos. (Ver I Ped. 4:6 e as notas no NTI).

10. Independência. Deus não tem causa. Ele é o auto-existente, e perpetua-se a Si mesmo. Ele tem vida em Si mesmo, tendo dado da mesma ao Filho; e através do Filho, aos filhos. Assim, finalmente, eles compartilhão da vida necessária e independente do Pai (João 5:25,26). Deus é o Ser necessário. Não pode deixar de existir. Esse é um profundo mistério. Mas as pessoas indagam: «Quem criou Deus?» Tais perguntas, porém, não podem ser formuladas, visto como ninguém pode formular uma resposta à mesma, ou iniciar uma investigação a respeito.

Conclusão. As descrições aqui oferecidas separaram os atributos de Deus com o propósito de discuti-los, embora se encontrem entretecidos nEle e

sejam dependentes uns dos outros. A maioria, se não mesmo todos desses atributos são aquelas qualidades também presentes no homem, em grau muito menor. A debilidade da linguagem humana força-nos a usar uma linguagem antropomórfica. Isso, naturalmente, obscurece o quadro, pois, quando falamos sobre Deus, o mais profundo de todos os assuntos, a maior de todas as realidades, o mais misterioso de todos os seres, os nossos melhores esforços são fraquíssimos. Ver sobre *antropomorfismo*. (B C CHA E EP R)

ÁTRIO DA GUARDA

Excetuando o trecho de Nee. 3:25, essa expressão aparece somente no livro de Jeremias. Esse *átrio* era uma área dentro do palácio onde Jeremias ficou detido (ver Jer. 32:2), pelo que era uma espécie de prisão. Ali Jeremias recebeu visitantes, e continuou efetuando negócios (ver Jer. 32:8-12). Havia ali uma cisterna, dentro da qual Jeremias foi posto por cortesãos que queriam tirar-lhe a vida (ver Jer. 38:6). (Z)

ÁTRIO DOS GENTIOS

Ver o artigo sobre o **templo**. O átrio dos gentios era um espaço aberto, dentro do complexo do templo construído por Herodes. Era pavimentado de mármore, sendo usado para ali serem entabulados negócios, como a venda de animais destinados aos holocaustos e o câmbio de moedas. Provavelmente foi nesse lugar que Jesus derrubou as mesas dos cambistas e expulsou os que vendiam animais (ver Mat. 2:12 e João 2:14-17). Ver as notas no NTI sobre essa questão. Essa área não era considerada sagrada, pelo que os gentios podiam entrar ali. Visto que suas paredes forneciam sombra, era um lugar comum de reuniões, discussões e também como passagem. As várias divisões do templo representam os variegados graus de acesso a Deus. Em Jesus Cristo, o crente torna-se templo do Espírito Santo, o que significa que desfruta de acesso direto a Deus, porquanto as antigas barreiras foram derrubadas. Agora os gentios, mediante a fé, entram no Santo dos Santos do céu, por meio de Cristo (ver Efé. 2 e Heb. 10:19 ss).

ÁTRIOS DO TEMPLO Ver **Templo.**

ATROTE-SOFÃ Ver sobre **Sofã.**

No hebraico, **coroas**. Uma cidade pertencente a Gade (ver Núm. 32:35), mencionada juntamente com Aroer e Jazer; provavelmente deve ser entendida como uma designação composta com o nome que se segue, «Sofã», a fim de distingui-la de uma outra cidade na mesma região, de nome Atarote. Ficava em uma fértil região de pastos. (S Z)

AUGSBURGO, CONFISSÃO DE

Uma declaração de fé redigida por Melancton, com a qual concordou Lutero. Foi apresentada ao imperador Carlos V, quando da Dieta de Augsburgo, a 25 de junho de 1530, tendo-se tornado um alicerce do luteranismo. Contém 21 artigos, além de mais sete artigos acerca de abusos eclesiásticos. Foi o primeiro grande símbolo ou declaração de fé dos protestantes. Foi incorporado no livro da Concórdia, em 1580, continuando a ser reputada uma declaração autoritária, por muitos luteranos. O documento é uma franca exposição das crenças essenciais do luteranismo, mas expressão com moderação, em um tom que espera a reunião de todos os cristãos.

Os vinte e um artigos abordam crenças atinentes à natureza de Deus, itens comuns aos credos cristãos tradicionais, como os sacramentos, a transubstanciação, as boas obras, os direitos ecles., o livre arbítrio e os santos. Os sete últimos artigos condenam aquilo que se considerava abusos católicos, como a distribuição apenas de um dos elementos da comunhão, o celibato obrigatório para o clero, a aceitação de pagamento pela celebração de missas, a confissão compulsória, a ausência de disciplina nos mosteiros e o abuso de autoridade. O décimo artigo, sobre a Ceia do Senhor (eucaristia), nas primeiras edições dessa declaração, afirmava que o corpo e o sangue de Cristo estão «verdadeiramente presentes e são distribuídos» (ver o artigo *transubstanciação*). Porém, a edição de Melancton, em 1540, a sua *Confesio Augustana Variata*, alterou esse artigo para que se lesse: «estão com o pão e o vinho, verdadeiramente exibidos» (ver o artigo *consubstanciação*). (AM B C E P)

AUGUSTANA

Nome latino dado à Confissão de Augsburgo. Visto que a cidade alemã de Augsburgo, onde foi apresentada essa confissão protestante básica, derivava seu nome do imperador romano Augusto, não demorou para que essa confissão se tornasse conhecida por Augustana (em latim, «pertinente a Augusto»).

AUGUSTO (CÉSAR)

No latim, **venerável, estimado, sua reverência**. No grego era transliterado por *Augoustos*; o termo grego correspondente é *sebastos*. Esse foi o título adotado por Otávio, o qual, após ter sido adotado por Júlio César, tomou o nome de Otaviano. Ele foi o primeiro imperador pacificamente reconhecido do império romano. Otávio era o imperador por ocasião do nascimento de Jesus e durante a metade de Sua vida na terra, mas seu nome não tem qualquer conexão com os eventos bíblicos, ocorrendo somente em Lucas 2:1. Ele pertenceu ao chamado segundo triunvirato, que também envolvia Marco Antônio e Lépido. Após a remoção deste último, Otávio entrou em batalha contra Antônio, em Ácio, em 31 A.C., e o derrotou. O senado romano saudou-o como imperador, em 27 A.C., conferindo-lhe o título de *Augusto*. Augusto é mencionado no Novo Testamento em conexão com Herodes, a quem reinstalara no seu reino e honrara grandemente, embora Herodes tivesse antes apoiado a causa de Antônio. Por ocasião do falecimento de Herodes, Augusto dividiu o seu reino de acordo com a vontade expressa por Herodes e até mesmo mandou educar dois de seus filhos, visto que a relação entre o imperador e Herodes havia sido bastante amistosa. Otávio reinou durante quarenta e um anos e foi sucedido por Tibério César (ver Lucas 3:1). Os sucessores do primeiro Augusto adotaram o mesmo título, embora raramente fosse aplicado a eles pelos escritores latinos. No império romano do Oriente, o termo grego *sebastos* parece ter sido comumente usado, como se dava no caso de Nero (ver Atos 25:21). Em tempos posteriores, após Diocleciano, o título *Augusto* foi dado a um ou dois dos herdeiros presuntivos do império, ao passo que o título *César* era dado a seus colegas mais jovens e herdeiros presuntivos.

Otávio nasceu em 63 A.C., tendo sido educado

principalmente por seu tio avô, Júlio César, que o tornou seu herdeiro. Após a morte de Júlio César, a influência de Otávio aumentou, razão por que terminou sendo um dos membros do triunvirato (governo por parte de três governantes combinados). Mas as circunstâncias já descritas levaram-no a governar em lugar do triunvirato. Havia morrido a democracia romana; mas, visto que Otávio sabia como revestir o império em forma republicana, ele foi largamente apoiado. — Chamava a si mesmo de *princeps*, ou primeiro cidadão. Era intitulado imperador por ser o comandante em chefe das forças armadas. Utilizava-se das antigas magistraturas a fim de governar. Delegou autoridade ao senado, confiando ao mesmo o governo das províncias. Impôs a paz; e, de modo geral, o povo não tomou consciência das radicais mudanças no governo, por ele introduzidas. (AM BUC UN Z)

AULÉN, Gustavo Emanuel Hildebrando (1879 ---)

Teólogo sueco, professor na Universidade de Lund. Desde 1933, bispo de Strengnas. Seu trabalho explora mais o campo da dogmática e da história da doutrina, com ênfase especial sobre a conexão entre a reforma e os primeiros pais da Igreja. Também fez estudos musicais e foi editor de um dos principais periódicos teológicos da Suécia, *Svensk Theologisk Kvartalskrift*. (Ver o artigo sobre a teologia *lundensiana*).

Em suas preleções *Olaus Petri* (1930) sobre a expiação, ele desenvolveu o tema e argumentos com convicção, no sentido de que a doutrina clássica da *expiação*, desenvolvida por Lutero, era essencialmente a vitória de Cristo sobre Satanás e os poderes das trevas. Foi publicado um livro a esse respeito, com edição abreviada em inglês, com o título de *Christus Victor*. (C E)

AUMAI

No hebraico, **irmão da água**, um dos dois filhos de Jaate, um zoratita, descendente de Judá (ver I Crô. 4:2). (S)

AURA HUMANA (CAMPO DE VIDA)

É um campo luminoso, invisível ao olho humano (com exceção de algumas poucas pessoas), que circunda todos os objetos físicos, animados ou inanimados. No caso dos objetos animados, esse campo está sujeito a alterações, devido às emoções. Nas curas psíquicas, a aura de quem cura diminui, e a da pessoa curada aumenta. Outras modificações são causadas por tempestades magnéticas do sol, pela música, pelo raciocínio, além de várias outras coisas. O efeito foi descoberto fotograficamente por Semyon Kirlian, um cientista russo, no começo da década de 1930. O que atualmente se chama de fotografia kirliana é um processo eletrofotográfico. Kirlian notou que quando os seus dedos tocavam no papel fotográfico, estando sob o campo de uma corrente elétrica de alta freqüência, eram deixadas impressões sobre o filme. Isso o levou à descoberta e à fotografia do campo luminoso.

Aparentemente relacionado a isso, e talvez detectando a mesma força, houve a descoberta dos *campos de vida* que cercam todos os objetos vivos. O Dr. Harold Saxton Burr, Ph.D., professor de medicina da Universidade de Yale, detectou os campos de energia ao redor dos objetos vivos, usando voltímetros sensíveis. O campo de energia humana, segundo se tem demonstrado, eleva-se até cerca de três metros de altura, variando de pessoa para pessoa e dependendo da capacidade mental de cada uma. Esse campo eletrodinâmico, segundo seu pensamento, é um tipo de molde espiritual, psíquico, não-material, que obriga a porção física a desenvolver-se como o faz. Filosoficamente falando, isso se relaciona às *formas* ou *idéias* de Platão, que são os padrões parciais e imperfeitamente duplicados nas coisas físicas. Supostamente, a forma (campo de vida) é uma dimensão não-material do ser, que controla o desenvolvimento do código genético em sua contraparte física. O campo de vida aparentemente é a matriz que controla o desenvolvimento físico. As células não seriam especializadas, ou seja, qualquer célula poderia desenvolver-se em qualquer porção do corpo humano. Uma única célula aparentemente possui o código genético do ser inteiro, e é o campo de vida que determina quais células tornar-se-ão a cabeça, ou os braços, ou os intestinos, etc. O posicionamento do campo de vida produz isso na ordem desejada. O campo de vida persiste, mesmo quando a contraparte física é removida, como quando se corta a ponta de uma folha viva. A fotografia kirliana algumas vezes exibe claramente a presença do campo de vida, sem a correspondente porção física, que fora decepada. Assim, a ponta da folha foi cortada, mas o campo de vida correspondente à ponta continua ali. Tem sido demonstrado que essas fotografias não dependem de fatores como calor ou outras condições físicas dos objetos fotografados. Burr declara: «É impossível imaginarmos que o desenvolvimento, estágio por estágio, do sistema nervoso tenha ocorrido ao acaso, sem qualquer diretiva. Você e eu, portanto, somos produtos de um padrão de organização; ou, dizendo a mesma coisa com outras palavras, somos a consequência de um desígnio. E é dificílimo pensarmos que um aparelho qualquer — quer se trate de um ferro elétrico ou de um ciclotron — não tenha sido produto da mente de um *planejador* qualquer. Portanto, visto que o Universo exibe desígnio, não se trata de dar um salto muito grande no espaço, quando concluímos que o Universo é produto de um Planejador».

Burr pensa que o campo de vida é primário, obrigando a porção física a assumir as formas por ela adquiridas. Ele não pensa que há qualquer tipo de radiação que emane do corpo físico, dependente do mesmo. Se isso é verdade, então estamos nos aproximando de uma prova científica da dualidade humana. Um homem se compõe de uma porção não-material e de uma porção material, isto é, tem espírito, como seu ser essencial, e tem um corpo físico (que lhe serve de veículo). Apelando para o argumento teleológico (ver o artigo a respeito), presumimos que o campo de vida tem a Inteligência por detrás do mesmo, o Planejador Cósmico que é Deus. Ver o artigo sobre a *parapsicologia*, que aborda outras regiões das pesquisas científicas, que prometem encontrar provas científicas para a existência da alma humana. (BU EC SL)

AURA-MAZDA

Nome que no antigo persa significa **senhor sábio**. Representava o princípio bom que governava a tudo, o espírito divino nos ensinos de Zaratustra ou Zoroastro, o sábio persa. Ele era considerado o criador de tudo, o opositor do mal e do maligno, *Arimã* (ver o artigo a respeito). Esse nome tem sido encontrado nas inscrições da dinastia Acaemenida, a começar pelo reinado de Ciro (ver II Crô. 36:22 e Isa. 44:28). Dizia-se que cada rei persa fizera o que fizera pelo poder dessa divindade. «Pelo favor de Aura-Maz-

da, sou rei desta terra» (R.G. Kent em *Old Persian* 116-116, 1950). Há uma inscrição de Dario que menciona um grupo de deuses como se eles fossem um complexo de divindades, encabeçadas por Aura-Mazda. Seja como for, os persas se opunham à idolatria, o que sem dúvida foi um fator no veredito favorável a Ciro e seus sucessores, segundo se vê em Esd. 7:12-20. (KEN Z)

AURANO

Nome de um homem designado como «tão insensato quanto velho», em II Macabeus 4:40, o qual liderou uma revolta contra Lisímaco, em Jerusalém. (GD)

AUROBINDO, SRI (Aurobindo Ghose)

Filósofo indiano (1872-1950), líder da **Advaita Vedanta** (ver o artigo a respeito), uma filosofia moderna da Índia. Escritos: *Essays on the Gita*; *The Life Divine*; *The Synthesis of Yoga*; *The Supramental Manifestation upon the Earth*.

Ensinos:

1. O ilusionismo de Shankara é uma distorção das Upanishads (ver o artigo).

2. A realidade existe em uma série de gradações de entidades, a começar pela matéria e subindo ao Absoluto, ou Bramá. O poder essencial de Bramá requer sua descida ao finito.

3. O mesmo poder requer que o finito esforce-se por chegar ao infinito, o que produz a evolução de formas inferiores para superiores. O homem busca identificar-se com o Absoluto, passando além do nível de vida mental para a vida divina.

4. O meio para se atingir esse estado evolutivo é chamado de «ioga interior», que torna possível a transformação da mente, da vida e do corpo. (P)

AUSTIN, JOHN L.

Filósofo inglês (1911-1960), estudante e professor de Oxford, de 1933 a 1960, excetuando os anos da Segunda Guerra Mundial. *Escritos*:*Philosophical Papers*;*Sense and Sensibilia*; *How to Do Things with Words*.

Idéias:

1. À filosofia com freqüência, falta uma completa investigação no tocante aos próprios problemas, e como os mesmos devem ser investigados.

2. Austin filosofava por meio de um exame detalhado e exaustivo das palavras e sentenças apropriadas para a consideração de um problema qualquer.

3. *Atos de fala:* ato locucionário: é a expressão de qualquer sentença apropriada. Ato ilocucionário: é o intuito da locução, considerado até mesmo o contexto; essas intenções podem ser classificadas como afirmativas, negativas, promissórias, consentidoras, votadas, sugestivas, agradecedoras, nomeadoras, diagnosticadoras, etc. Ato perlocucionário: é o ato que a pessoa, afinal, realizou, ou o acordo sobre o que será realizado. Exemplo: «O livro está estragado» (declaração locucionária). «Peço que você o repare» (declaração ilocucionária). «Substitua-o por outro» (declaração perlocucionária).

4. Nem todas as declarações são verdadeiras ou falsas. Muitas são *performativas*, sendo elas a maior proporção das sentenças. As declarações performativas incluem promessas, consentimentos, nomeações, garantias, e vetos.

5. *Sentido e capacidade de sentir*. Percebemos diretamente os objetos, da maneira como eles são: realismo do bom senso (ver o artigo). (E P)

AUTENTICIDADE

Vem do grego **authentes**, aquele que age com autoridade, ou aquilo que se faz com as próprias mãos. Os existencialistas incluíram o termo no vocabulário corriqueiro da filosofia. É o estado de ser autêntico, autoritário ou genuíno, — dotado de verdadeira vida e de verdadeiros propósitos.

1. Jaspers: o propósito da filosofia é despertar os homens para a autenticidade.

2. Heidegger: a vereda para o Ser puro é a autenticidade de vida.

3. Ortega y Gasset: Alcançar a autenticidade é o propósito da vida.

4. Bultmann: A autenticidade só é possível através da Palavra, conforme ela é revelada em Cristo.

5. No que concerne aos livros da Bíblia: Livro autêntico é aquele que realmente foi produzido pelo autor suposto do mesmo. Esse termo deve ser contrastado com *genuinidade*, que denota a qualidade de um manuscrito original cujo conteúdo não foi corrompido. A epístola aos Romanos é uma autêntica epístola de Paulo. Mas as epístolas pastorais podem não sê-lo; nesse caso, não seriam autênticas, embora possam ser genuínas. Ver o artigo sobre I Timóteo, quanto a essa controvérsia.

AUTO-AMOR

O trecho de Efésios 5:28 mostra-nos que o auto-amor é legítimo, porquanto serve de base ou padrão do amor que um homem tem por sua esposa. Ninguém odeia a si mesmo (ver Efé. 5:20). Bem pelo contrário, cada pessoa cuida de si mesma com extremados cuidados. E isso deveria servir de padrão de como um homem deveria cuidar de sua própria esposa. Essa ordem, na epístola aos Efésios, alicerça-se sobre a analogia de Cristo e Sua Igreja, a cabeça e o corpo, porque quando um homem e uma mulher casam-se, passam a compor um só corpo, do qual o marido é o cabeça. É verdade que as pessoas podem chegar a odiar a si mesmas, mas isso é uma anormalidade, até mesmo patológica. O amor-próprio, quando exagerado, transforma-se em *egoísmo*, tornando-se então prejudicial. A amor-próprio é algo necessário para a preservação do corpo como veículo de serviço, porquanto é o templo do Espírito Santo (ver I Cor. 6), pelo que merece ser tratado com cuidado. Além disso, há o amor pelo ser inteiro, e não apenas pelo corpo físico. Esse afeto também encontra bases teológicas, porque agrada ao Pai que seus filhos andem corretamente, e também é bom para o Pai celeste. Isso posto, o crente deve perceber certa importância em sua pessoa, por haver sido exaltado pelo Pai, tendo sido feito um filho de Deus, um co-herdeiro do Filho de Deus— (ver Rom. 8:14 *ss*). Mais do que isso, ainda, o crente terminará por compartilhar da própria natureza divina (ver II Ped. 1:4), o que lhe conferirá exaltadíssima posição. Não obstante, ninguém é grande em si mesmo, embora assim pensem os egoístas. Somente dentro da providência divina alguém pode ser considerado grande. Cada indivíduo é ímpar, e ocupa-se, aqui e na vida vindoura, de uma missão sem-par (Apo. 2:17). Ver as notas no NTI, nesse ponto, no que tange a detalhes sobre esse conceito. Ora, sendo ímpar, o indivíduo deve respeitar a si mesmo, tanto quanto aos seus semelhantes. (NTI Z)

AUTOCÉFALO

Vem do grego, com o sentido de «independente», termo que descreve certos bispos dos tempos cristãos primitivos, que eram independentes de seus metropolitas imediatos, responsáveis somente à autoridade superior. (E)

AUTOCOMPREENSÃO

Essa expressão pode ser equivalente ao autoconhecimento (ver o artigo). Todavia, tem-lhe sido dado um sentido especial, altamente teológico, por R. Bultmann, com base em sua análise das idéias de M. Heidegger (ver os artigos sobre eles). A aceitação do *kerygma* cristão (a pregação do evangelho), produz uma modificação na compreensão do homem sobre si mesmo, libertando-o do medo da nulidade, da insignificância e da morte. Bultmann insistia que tal modificação deve envolver a conversão (ver o artigo). Essa modificação é de natureza tal que, após ter ocorrido, o indivíduo passa a viver de maneira autêntica, ao passo que antes vivia de maneira não-autêntica. A nova autenticidade, pois, faz parte da autocompreensão, fazendo parte da salvação do indivíduo. O Espírito ensina o crente sobre seu próprio «eu», sua dignidade e seu destino, pelo que também os temores, as incertezas e as futilidades da existência são apagados. Seria um acontecimento místico e espiritual que ocorreria através do *kerygma*.

AUTOCONHECIMENTO

Está em pauta o conhecimento que uma pessoa tem de si mesma, de seu valor, de sua verdadeira natureza, e das ações apropriadas que promovem o verdadeiro «eu».

1. Na opinião de *Sócrates* (ver o artigo a respeito), o *autoconhecimento* é o mais elevado alvo da filosofia, como também de seu ramo mais importante, a ética (ver o artigo a respeito). A expressão «Conhece-te a ti mesmo» era uma famosa máxima dos oráculos délficos. Diz-se que Tales (ver o artigo a seu respeito) foi quem criou a máxima. Esse conhecimento próprio envolve os mais altos alvos e aspirações do homem, com base no conhecimento de sua verdadeira natureza. Sabemos quem somos e para onde estamos indo? Quanto melhor o homem souber a resposta a essa indagação, tanto mais ele será inspirado a ter um elevado ideal na vida, percebendo a dignidade de sua pessoa. Mas o homem que forma baixa opinião sobre si mesmo não se preocupa muito com questões de nobreza e de elevadas realizações. Mas, o homem que chegar a aprender que cada indivíduo é ímpar para o Criador (ver Apo. 2:17 e o conceito do *novo nome*, nas notas do *Novo Nome*, no NTI), sentir-se-á inspirado por essa idéia a dar o máximo de si. Sócrates cria que o conhecimento ético pode ser adquirido com base na razão e na intuição, sem necessidade de instrução externa. Portanto, conhecer a si mesmo equivale a rejeitar o falso conhecimento imposto por terceiros, e também equivale a descobrir os padrões do certo e do errado, no próprio ser.

2. *Abelardo* (ver o artigo a respeito) escreveu um tratado com o título: «Conhece-te a Ti Mesmo». Sua tese fundamental era similar à de Sócrates. Todo homem dispõe de uma consciência dada por Deus; e é ali que ele pode descobrir a verdadeira ética. A moralidade não reside essencialmente no próprio ato e em suas conseqüências, mas, acima de tudo, no *intuito* humano, que pode ser puro ou corrompido, dependendo do fato de estar ele seguindo ou não os verdadeiros ditames de sua consciência. Uma consciência iluminada refletirá a vontade divina. Quando um homem age contrariamente à sua consciência, sem importar se outros homens venham a louvá-lo e sem resultar seu ato em benefício, para ele mesmo e para outras pessoas, comete pecado.

3. *Agostinho* (ver o artigo a respeito) via o autoconhecimento (essencialmente explicado em termos socráticos) como algo que leva o indivíduo não somente à felicidade, por via da ação ética correta, mas também à salvação (ver o artigo), que é o alvo de toda a ética. (EP MM P)

AUTOCONTRADIÇÃO

Trata-se da afirmação, feita por uma mesma pessoa, de duas proposições contraditórias. Algumas vezes, declarações dessa natureza podem envolver a verdade, quando estamos abordando paradoxos (ver o artigo a respeito), ou declarações polares (ver o artigo). Nem toda a verdade pode ser reduzida a proposições ou descrições do tipo «sim» ou «não». (EP)

AUTOCONTROLE

Ver os artigos sobre **Controle do Próprio Ser e Temperança**. O termo **autocontrole** não aparece em muitas versões da Bíblia, embora a idéia esteja ali. O gr. *egkráteia, continência*, indica um dos aspectos do fruto do Espírito, em Gálatas 5:23. Examinar o NTI, onde a idéia é comentada com detalhes. Ver também Atos 24:25; II Ped. 1:6, quanto ao uso desse termo grego. A forma verbal ocorre por duas vèzes em I Coríntios (7:9 e 9:25), e a forma adjetivada em Tito 1:8. Algumas vezes, a idéia é simplesmente a de que o indivíduo deve controlar-se em caso de alguma tensão emocional, como quando José teve dificuldades para não irromper em lágrimas, quando conversava com seus irmãos no Egito, e queria revelar-lhes a sua verdadeira identidade (ver Gên. 43:1). Davi foi exortado a tirar a vida de Saul, no interior de uma caverna, mas refreou-se (ver I Sam. 24). No sentido moral, a ausência de autocontrole baseia-se na concupiscência, e termina em excessos. Em Seu cultivo, o Espírito produz no crente a capacidade dele refrear-se de vícios e excessos. As áreas onde essa virtude opera são as seguintes: todo tipo de apetite físico e mental, a ambição, o tipo de temperamento da pessoa, a ira, a fala, todos os atos, tanto bons quanto maus. A moderação é um importante princípio moral. Os atletas precisam treinar, controlando seu espírito e seu corpo, ou não poderão lograr bom êxito (ver I Cor. 9:24-27). O autocontrole, moral e espiritual, requer a atitude própria de um atleta. Apesar do autocontrole ser uma questão pessoal, exerce efeitos sobre nossos semelhantes, porquanto ninguém fica irado sozinho, e nem se mostra excessivamente indulgente sozinho. A linguagem exagerada pode ferir o próximo. (H NTI)

AUTODECEPÇÃO (ENGANO)

Um estado semelhante à ignorância própria da crença falsa, embora devendo ser distinguido da mesma. Aquele que está enganando a si mesmo é motivado pela sua cegueira. E isso, por causa de fatores negativos, quando a pessoa não quer dar crédito a coisa alguma, ou por causa de fatores positivos quando o sistema de crenças de uma pessoa força-a a chegar a certas conclusões, que são ilusórias. Todos os sistemas religiosos envolvem algum elemento de

autodecepção, como também se dá com a maioria das ciências. Algumas vezes, até mesmo a disponibilidade de fortes evidências em contrário é convenientemente ignorada. Por exemplo, no campo científico, a recusa de se examinar e avaliar corretamente as evidências que vão surgindo na parapsicologia, em favor da crença na existência e sobrevivência da alma. Um homem que se tenha declarado defensor do materialismo a vida inteira, não cede facilmente diante de evidências que destroem seu sistema de crenças. Dentro do campo político, podemos considerar o comunismo, que tem criado uma utopia, um ideal que nunca chega a ser concretizado; porém bem pelo contrário, o sistema econômico do comunismo trabalha com menor eficiência do que o do capitalismo, que é desprezado pelos comunistas. E no campo religioso, encontramos teorias como aquela que diz que o mundo tem apenas seis mil anos de idade, embora tal idéia tenha contra si evidências esmagadoras em contrário, a menos que a palavra «ciência» perca o seu significado. No entanto, quando as pessoas querem manter seus sistemas dogmáticos de crenças, elas são capazes de ignorar tudo e qualquer coisa. As pessoas temem que aquilo que têm crido e defendido pode laborar em erro, contendo elementos de falsidade; e é por isso que, teimosa e arbitrariamente, continua a defender certas crenças, contra todas as provas em contrário. Toda essa atitude é forçada, importando em autocegueira Algumas vezes, porém, os homens preferem o conforto mental à verdade, o que certamente opera nos casos de autodecepção. (EP F)

AUTODEFESA

Essa é a ação que consiste em defender a própria pessoa, as propriedades, os amigos e parentes de qualquer ataque físico ou mental. Sob a lei, esse é um direito universalmente reconhecido, embora Jesus tivesse aconselhado a moderação e a submissão (ver Mat. 5:38 ss.). A lei certamente reconhecia esse princípio, conforme fica subentendido nesse texto e em seu pano de fundo veterotestamentário. (Ver Êxo. 21:19-21; Lev. 24:19-21; Deu. 19:21). Todavia, sempre será melhor sofrer a injustiça do que ser injusto, mesmo quando os auto-interesses estão em pauta. Todavia, sempre foi considerado eticamente correto alguém tirar a vida de um seu atacante. Coletivamente, esse princípio aplica-se ao caso de comunidades ou nações que estejam sendo atacadas. A lei determina matar, e não ser morto; mas esse princípio envolve muitas questões morais, que só podem ser examinadas e solucionadas por cada pessoa em particular, pois, para uma questão complexa como essa, não há respostas fáceis e perfeitas. O caminho cristão consiste em enfrentar a violência com o amor (ver Rom. 12:17-21; I Cor. 13:4-7). Ver o artigo sobre o *pacifismo*. (E EP)

AUTODEPENDÊNCIA

Essa expressão pode ser variegadamente aplicada, a saber:

1. *O homem deve sustentar a si mesmo*, não dependendo de outros nesse sentido. — Paulo ensinou que quem não quer trabalhar também não deve comer (ver II Tes. 3:10). O trecho de Efésios 4:28 ensina que o homem que era ladrão antes de converter-se, não mais deveria depender de sua desonestidade, como um parasita da sociedade; antes, deveria tornar-se autodependente, a ponto de até poder contribuir para a satisfação das necessidades alheias. O trecho de II Coríntios 12:14 mostra que os pais deveriam ser autodependentes, não esperando que seus filhos os sustentassem.

2. *Ralph Waldo Emerson* (ver o artigo a seu respeito) tinha um uso especial para essa expressão. A fim de combater o materialismo e o comercialismo, ele ensinava certa forma de autoconfiança. Um homem deve voltar-se para si mesmo, e não para o mundo. Deve procurar aprender os tesouros da mente e da alma, e, dessa maneira, libertar-se da louca busca deste mundo pelas posses materiais.

3. *Henry David Thoreau* tinha uma outra aplicação para essa expressão. Um homem encontra dentro de si mesmo as expressões de integridade e espontaneidade. Se vier a descobrir isso em si mesmo, dependendo dessas virtudes, tornar-se-á confiante em si mesmo, em vez de ser como um pedaço de rolha sacudido ao léu pelo mar da vida, perdido em meio a seus valores secundários e seus alvos mesquinhos. Neste último caso, seria um homem *dependente*. Temos aí a fé religiosa introspectiva, que inevitavelmente inclui alguma forma de misticismo, sem importar se sutil ou fraco.

4. *Em um sentido ético e geral*, um homem torna-se autoconfiante quando é capaz de viver de acordo com sua própria consciência e com seus princípios espirituais, ignorando as más influências deste mundo, de seus amigos e da sociedade em geral. (NTI P)

AUTODETERMINAÇÃO

Está em foco a determinação da pessoa em agir por si mesma, sem a influência de qualquer compulsão externa. A autodeterminação é um dos direitos do homem, conferidos por Deus, porquanto a alma individual deve ser respeitada. Sem isso, não poderia haver liberdade, porquanto a liberdade (ver o artigo a respeito) nunca pode ser apenas coletiva. Uma liberdade meramente coletiva degradaria a dignidade do indivíduo. Ver o artigo sobre o *Auto-amor*, quanto a comentários sobre essa questão. A exagerada autodeterminação resulta em excessos, porquanto abusa dos direitos alheios. (P)

AUTODISCIPLINA

Ver o artigo sobre **Autocontrole**.

AUTO-EXAME

Sócrates declarou que o homem que não perscruta a sua própria vida não merece viver. Ver o artigo sobre o autocontrole, que está envolvido no princípio do auto-exame. Uma distintiva característica humana é a capacidade da introspecção, da auto-avalição. Essa atividade pode assumir várias formas:

1. O auto-exame pode abordar perguntas básicas, como: Quem sou? Por qual razão existo? Qual é o meu destino? O homem procura encontrar dentro de si mesmo razões existenciais. As religiões orientais advogavam o misticismo subjetivo, a tentativa de encontrar nas experiências místicas a razão para o próprio ser. Além disso, o próprio misticismo é subjetivo, porquanto seu alvo é o próprio eu, e não algum poder externo.

2. Essa atividade também inclui implicações éticas. Jesus ensinou que onde estiver o coração de um homem, ali estará também o seu tesouro (ver Mat. 6:21). Somos exortados a ver se reconhecemos que os nossos corações estão centralizados ou não nas

realidades espirituais, e isso é uma espécie de auto-exame.

3. Essa expressão tem uma aplicação específica em I Coríntios 11:28. O crente deve examinar-se, a fim de descobrir pecados secretos e motivações malignas, como também injustiças praticadas contra o próximo, antes de avizinhar-se da mesa do Senhor. Tal exame deve determinar sua ação, se ele participará ou não do pão e do vinho, dependendo do estado de sua vida e de sua alma.

4. Uma outra aplicação bíblica desse princípio diz respeito à genuinidade ou falsidade de nossa profissão cristã (ver II Cor. 13:5). «Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos». O auto-exame serve de estímulo à fé e à vida santa (ver Heb. 12:1,2; I Ped. 2:21 *ss*).

5. Aplicação moral dessa idéia, por parte de Sócrates. Nossa vida deveria ser auto-examinada com o propósito de nos disciplinarmos. A vida sem disciplina moral não é digna de ser vivida. (B EP H MM NTI)

AUTO-INTERESSE

Trata-se de um outro termo para indicar o egoísmo (ver o artigo a respeito).

1. Hobbes (ver o artigo a seu respeito) pensava que o auto-interesse é o único motivo verdadeiro para a ação moral.

2. Shaftesbury (ver o artigo a seu respeito) pensava no auto-interesse como um dentre dois motivos básicos. O outro motivo seria o interesse social. O interesse social, na realidade, pode ser uma forma de auto-interesse quando é defendido meramente para benefício do próprio indivíduo. Algumas vezes, porém, o auto-interesse pode ser verdadeiramente altruísta, porque um homem é capaz de demonstrar interesse e amor ao próximo.

3. Adam Smith (ver o artigo a seu respeito) supunha que o indivíduo que segue os seus próprios interesses, ainda assim pode contribuir para a vida comunitária.

4. Holbach (ver o artigo a seu respeito) concordava com Hobbes. A única preocupação real do homem é consigo mesmo, e esse interesse sempre é regulamentado pelo princípio da dor-prazer. Ver o artigo sobre o *hedonismo*.

5. Stirner (ver o artigo a seu respeito) identificava o egoísmo com a descoberta e cumprimento da natureza do próprio indivíduo.

6. Acima de tudo isso resplandece a lei do amor, a prova da espiritualidade, que pode e deve ser a principal motivação do crente (ver I João 4:6). (NTI P)

AUTOLIMITAÇÃO

Consideremos dois pontos a esse respeito:

1. Essa expressão é aplicada a Cristo, considerado em Sua humilhação (ver o artigo a respeito), conforme se aprende em Filipenses 2:6,7. A doutrina é que o Logos, chamado Cristo, em Sua missão terrena e como o Messias dos judeus, proposital e voluntariamente limitou a Si mesmo, despindo-se de vários de Seus atributos divinos, a fim de que pudesse tornar-se carne e compartilhar da humanidade, posto que sem pecado. Isso teve por propósito elevar os remidos a uma autêntica identificação com Ele, tanto quanto à natureza como quanto às limitações. O Espírito torna-se tudo em todos. O outro propósito foi o de dar ao homem o meio para chegar a participar da imagem (ver Rom. 8:29) e da natureza do próprio Logos (ver II Ped. 1:4), o que envolve o mais exaltado conceito que é ensinado no evangelho.

2. Essa expressão aplica-se eticamente àquelas pessoas que, a fim de agradar e servir a seus semelhantes, limitam-se quanto aos seus legítimos desejos e privilégios. (E NTI)

AUTONEGAÇÃO

Jesus ensinou esse princípio ao declarar: «Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me» (Mat. 16:24). Com isso, Ele quis dizer que mais importa alguém encontrar realização espiritual no discipulado cristão do que promover seus interesses egoístas. O evangelho também ensina que o homem que tem sua realização no discipulado cristão, ao mesmo tempo obtém a mais elevada auto-realização possível, — porquanto estará promovendo os interesses de sua alma eterna. A auto-realização egoísta é um ludíbrio que tem apanhado em suas teias a vasta maioria dos seres humanos. O verdadeiro discipulado cristão sempre consiste na autonegação, porquanto a natureza carnal não se interessa por alvos espirituais. Mas o verdadeiro discipulado cristão, segundo o sentido espiritual, é uma questão egoísta, pois promove os mais elevados interesses da pessoa. Jesus deixou-nos o exemplo de autonegação, conforme lemos em Filipenses 2:6,7. Ele deixou de lado Sua glória e Seu poder, a fim de cumprir, em dependência ao Pai, e em Sua natureza humana, a missão de que fora encarregado. (Ver o artigo sobre a *humilhação de Cristo*).

Paulo atingiu um tal estado de autonegação que pôde dizer: «...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...» (Gál. 2:20).

Cristo é o alvo do «eu» ideal e mais elevado. Paulo exortava os crentes a sacrificarem todos os desejos e atividades inferiores, tornando-se *sacrifícios vivos* (ver Rom. 12:1,2). Ao perder o mundo, o crente ganha o eterno bem-estar de sua própria alma (ver Mar. 8:36,37). Os crentes sinceros exprimem a autonegação de várias maneiras. Um jovem casal de crentes que se dirige ao campo missionário é possuído por um desejo e por uma motivação que transcendem ao próprio «eu». Mas, se esse mesmo casal, uma vez chegado ao campo missionário, passar a gastar o seu salário a fim de manter um alto estilo de vida, que se aproxime dos luxos de que desfrutavam em sua terra, já terá perdido boa parte de sua original alta motivação. Os cristãos têm formado comunidades e ordens religiosas com o intuito de negarem coletivamente o próprio «eu» e ignorarem as atrações deste mundo. O desejo de obter a santidade tem levado alguns a se internarem em mosteiros. Quando um homem recebe de Cristo a ordem de seguir pela vereda espiritual, na verdade isso é um convite para que faça morrer o seu egoísmo. No entanto, essa abnegação redunda na expressão de uma mais elevada forma de vida, no caso daqueles que atendem ao convite de todo o coração. Esse princípio tem manifestado aspectos monásticos, ascéticos, individuais e comunitários. Alguns têm caído em excessos, mas outros têm produzido o mais belo exemplo de nobreza espiritual de que se tem notícia. (E H IB NTI)

AUTONOMIA

No grego, **autos**, «ele mesmo», e **nomos**, «lei». Conseqüentemente, aquilo que é lei por si mesmo, ou é sua própria lei.

1. *Politicamente*. Poder ou direito de autogoverno, da parte de uma cidade, estado ou nação.

2. *Kant*. Ele ensinava que a vontade do homem é autônoma quando age por seu próprio impulso. A vontade é chamada de ***heterônoma***, quando aceita seus princípios da parte de alguma força ou pessoa exterior. Aparentemente, foi Kant quem introduziu essa palavra na filosofia. A vontade é sua própria legisladora. Porém, princípios éticos válidos são aqueles que atingem consenso universal. Seu axioma moral consistia na postulação da pergunta: «Estou disposto a fazer com que minhas ações, alicerçadas em minha vontade, sejam uma proposição universal, para que homens de todos os lugares a sigam?» Se essa pergunta fosse respondida negativamente, então poder-se-ia supor que o princípio ético em foco envolveria algum defeito. A proposição universal é denominada de *imperativo categórico* (ver o artigo a respeito).

De acordo com esse princípio, a ética é autônoma, com raízes na boa vontade dos homens, que cumprem seus deveres por amor ao dever. Destarte, o homem parece ser uma lei para si mesmo. Porém, é duvidoso que Kant tivesse proposto essa teoria sem pensar que a vontade humana tem uma *afinidade* natural com a vontade divina; e assim, embora agindo por si mesma, em um sentido mais profundo, fá-lo dependendo da vontade divina.

3. No *existencialismo*. Existência e ação autêntica só podem ser encontradas na absoluta liberdade de escolha. No existencialismo ateu, é impossível encontrar-se uma base divina para a vontade humana interna, pelo que, nesse caso, a autonomia leva a uma moralidade individualista. O homem estaria absolutamente preso à situação humana finita, e o certo e o errado seriam determinados pela tentativa e erro, com base em absoluta liberdade de escolha. Porém, isso faz a ética tornar-se arbitrária, por estar envolvida em uma relatividade radical. Os homens nunca concordariam quanto aos ditames da liberdade absoluta. De fato, só chegariam à conclusão de que cada indivíduo segue suas próprias decisões.

Kant pensava que somente os atos autônomos são moralmente bons; mas também dizia que os homens nunca chegarão a qualquer conclusão acerca de quais atos podem tornar-se uma lei universal. Tillich (ver o artigo) distinguia entre a ética autônoma, a ética heterônoma e a ética teônoma (regras estabelecidas por Deus). Ver os artigos sobre esses termos. Tillich recomendava a ética teônoma. A maioria das religiões, pelo menos teoricamente, alicerçam-se sobre esse conceito, visto que aceitam que Deus é a origem de suas normas, usualmente contidas em livros sagrados. (E H)

AUTOPISTA

Vem do grego, com o sentido de «fé auto-evidente». Refere-se à reivindicação feita por alguns teólogos, mormente Karl Barth, de que a luz da fé é tão brilhante que nenhuma força é capaz de debilitá-la, pois nem mesmo requer corroboração. Ademais, trata-se de um dom de Deus, implantado no indivíduo, de tal modo que se o homem a possui, é capaz de arrastar qualquer coisa, não havendo espaço para dúvidas quanto à verdade. A fé, tal como a revelação, é um dom de Deus. Por si mesmo, em face de suas capacidades naturais, o homem não pode atingir a fé. A fé brota miraculosamente no homem; mas, uma vez brotada, não mais pode ser negada. Há corroborações bíblicas para essa idéia, como o conceito joanino de Cristo, como a Luz do mundo, o qual ilumina a todos os homens, sem a qual os homens permanecem nas trevas. O trecho de Efé.2:8 também é assim interpretado por alguns. Esse conceito concorda com o *calvinismo* (ver o artigo), segundo o qual qualquer impulso espiritual digno do nome obrigatoriamente vem de Deus. (C)

AUTOPRESERVAÇÃO

Biologicamente falando, trata-se do esforço instintivo de cada organismo para conservar a sua própria existência. Essa tendência instintiva tem-se tornado a base das *doutrinas políticas* que ensinam que há um direito natural à vida. Isso inclui a autodefesa contra ataques pessoais, da parte do estado ou da comunidade. No campo da *ética*, a expressão pode significar a preservação do próprio «eu», por motivos de puro auto-interesse (ver o artigo), ou então tendo em mira o bem da comunidade, ou altruísmo (ver o artigo). Alguns estudiosos fazem da autopreservação o primeiro princípio da ética, supondo que essa deva ser a regra suprema de nossa conduta. Ver o artigo sobre o auto-amor. Virtualmente todas as filosofias e religiões reconhecem que esse direito faz parte inerente da lei. Contudo, há também a lei do amor, que deveria caracterizar o homem espiritual. Algumas vezes, o sacrifício de si mesmo por alguma outra pessoa, pela comunidade ou pela nação é uma lei superior, maior do que a lei da autopreservação. Jesus tornou-se o modelo supremo disso quando deu a Sua vida pelos Seus amigos (ver João 15:13), incluindo os Seus próprios inimigos (ver Rom. 5:8). Uma perversão da autopreservação dá-se quando a força torna-se o único direito, ou seja, quando o que é certo ou errado depende exclusivamente do argumento da força. Nesse caso, a preservação da vida (quem deveria viver e quem deveria perecer) torna-se apenas uma expressão do uso ímpio e egoísta da força. Jamais deveríamos ficar impressionados por aqueles sistemas políticos e por aqueles indivíduos que matam a fim de promover alegadas causas justas. O comunismo e o terrorismo são excelentes exemplos de tal perversão.

Visto que o indivíduo é sem igual no mundo, e pode ter um destino útil sem par, é importante que ele procure preservar-se (ver as notas sobre o *novo nome*, em Apc. 2:17, no NTI). A missão de Cristo demonstra a dignidade e a importância do indivíduo. (E NTI)

Autor Ver depois de **Auto-Suficiência.**

AUTO-REALIZAÇÃO

1. Nos escritos de *Aristóteles*, a virtude de um homem é a sua função. Essa função tanto é pessoal quanto social. O indivíduo deveria desenvolver-se ao máximo, por todos os meios possíveis, primeiramente para tornar-se uma pessoa digna em si mesma; e, em segundo lugar, para tornar-se útil à sociedade, exercendo ali a sua função especial. Esse seria o homem virtuoso, porquanto a ética pessoal jamais pode ser separada da ética social.

2. Para *T. H. Green*, o maior e o mais desejável anelo que um homem pode ter é o da auto-realização. Quanto melhor esse alvo puder ser atingido, maior será a felicidade do indivíduo. E a felicidade seria o alvo de toda a existência humana. Ver o artigo sobre o *eudemonismo*.

3. *F. H. Bradley, J. Seth* e *J. H. Muirhead* defendiam essa idéia geral de Green. A auto-realização, para eles, é um processo dinâmico em que as capacidades pessoais tornam-se reais e se organizam. Envolveria tanto a integração de todas as qualidades

pessoais quanto a integração do indivíduo na sociedade, de acordo com os moldes aristotélicos. Dessa maneira concretizar-se-ia a felicidade.

4. O *ponto de vista da Bíblia*. Quando afirmamos que Cristo veio trazer a salvação aos pecadores, sempre estamos falando sobre a importância da auto-realização, porque a salvação é uma questão tanto individual quanto comunitária. Deus amou ao mundo e ao indivíduo. Uma única alma vale mais do que todo o universo físico inteiro (ver Mar. 8:35 ss). Do ponto de vista teológico, envolvido na auto-realização acha-se a questão da morte da natureza antiga, bem como o novo nascimento do indivíduo. Pois enquanto não ocorrer essa morte-ressurreição, não poderão concretizar-se as potencialidades do indivíduo (ver João 3:3). A fé cristã, portanto, assume uma postura pessimista em relação à potencialidade humana, à parte das operações do Espírito de Deus. Porém, uma vez que se manifestem essas operações, a participação na natureza divina tornar-se-á visível no horizonte (ver II Ped. 1:4). E essa é uma fantástica realização, por não ser apenas moral, mas também real, segundo a qual os remidos participarão da natureza metafísica de Deus, ainda que em proporções finitas. O alvo é eterno, visto que a glorificação é um processo eterno, e não um único acontecimento, ocorrido por ocasião da morte física (ver II Cor. 3:18). O trecho de Apocalipse 2:17, que ensina o conceito do *novo nome* (ver o artigo a respeito), esclarece como cada ser humano é um ser sem igual, completo com um destino sem-par para cada indivíduo.

Do ponto de vista prático. Não é apenas dever, mas também privilégio de cada crente buscar o máximo desenvolvimento de seu próprio «eu» e a realização máxima, naquilo que ele faz. Por essa razão é que temos escolas, ensino secular e religioso, livros, empregos e instituições. Um homem deveria buscar a melhor educação que lhe é possível, aplicando todos os meios para obter o máximo de si mesmo. Esse cultivo envolve o próprio indivíduo, a sua família, a sua comunidade, a sua nação, tendo em vista a glória de Deus. O homem altruísta também procurará investir nas vidas de seus semelhantes, a fim de que possa prestar ajuda no desenvolvimento deles. (E P)

AUTO-RELACIONADO

Ver o artigo sobre o **auto-interesse,** que é similar à idéia que temos aqui. A ação que volta a atenção para si mesmo deriva-se da liberdade inerente do indivíduo (ver o artigo sobre a liberdade). O homem deveria ser capaz de agir segundo o princípio da *liberdade*, para o seu próprio interesse ou para o interesse de outrem, conforme o caso. Essa expressão de liberdade só deveria ser restringida quando aquilo que um homem faz é prejudicial à comunidade. Até mesmo os ditadores benevolentes (se é que eles realmente existem) são malignos, porquanto furtam os homens de sua liberdade, que é uma de nossas mais preciosas possessões. (F)

AUTO-RENDIÇÃO

Ver **Autonegação.**

AUTO-SUFICIÊNCIA

Essa expressão envolve, essencialmente, a idéia de *autodependência* (ver o artigo a respeito). Em adição a isso, temos a declaração de Paulo de que ele sabia como desfrutar da abundância e da escassez de bens materiais (ver Fil. 4:12), mostrando que seu bom equilíbrio psicológico, enquanto enfrentava as vicissitudes da vida, não dependia das circunstâncias externas, mas do senso interno de paz e confiança, que já são qualidades espirituais.

AUTOR

Ver também: **Salvação, Autor da.**

Tradução de várias palavras gregas. 1. *Archegos*, traduzida por líder, príncipe, supervisor e *autor*, no sentido de originador ou iniciador (ver Atos 3:15 e 5:31), ou por capitão ou pioneiro (ver Heb. 2:10 e 12:2). Esta última referência reveste-se de interesse, porquanto revela que Jesus, em Sua missão terrena, fez muito mais do que cumprir algum propósito espiritual. Ele tornou-se o Pioneiro do caminho pelo qual os Seus irmãos precisam seguir, a fim de alcançarem a mesma glória que Ele alcançou. Eles são Seus irmãos, compartilhando com Ele da natureza da família divina (ver II Ped. 1:4). Ele também é o *originador* da fé envolvida nessa inquirição, a fonte da vida que buscamos (ver João 14:6; Rom. 8:29 e II Cor. 3:18). 2. *Aitios* (ver Luc. 23:4,14,22; Atos 19:40; Heb. 5:9). Quanto a esta última referência, o seu sentido exato é debatível. O sentido básico é *causa*, pelo que «origem» transmite um bom sentido. Em Atos 3:15, vemos que Cristo é a origem de nossa vida eterna, o qual cumpriu o ideal messiânico do capítulo cinqüenta e três de Isaías. Outro tanto se dá na declaração de Hebreus 5:9. Ele é a causa originária de nossa eterna salvação. Contudo, o uso da palavra «autor», conforme se vê ali em nossa versão portuguesa e em outras traduções, não contradiz o sentido. Ver o NTI quanto a notas expositivas completas em Hebreus 5:9. (A I IB NTI)

AUTORIDADE

Definição. O termo «autoridade» vem do latim, *auctoritas*, derivada de auctor, «causa», «patrocinador», «promotor», «fiador». *Auctoritas* era o termo legal romano para indicar a fiança em uma transação, a responsabilidade por um menor de idade, ou o peso de uma opinião. O senado tinha uma autoridade que não podia ser ignorada. A autoridade *pessoal* deriva-se do reconhecimento de que alguém sabe e tem realizações em um campo específico. Autoridade *oficial* é aquela dada a uma pessoa em razão de uma função ou poder que lhe tenha sido conferido por outros, de acordo com a lei, com os costumes ou com outras convenções sociais. Os *objetos* (como um livro) podem tornar-se autoritários pelo concenso de muitos. — Ou podemos usar os termos autoridade *externa* ou autoridade *interna*. A externa é aquela conferida a uma pessoa que se tornou oficial, nomeada por outros, como um governador, um policial, um professor, etc. A interna é aquela residente em um argumento convincente ou em um importante exemplo ou em uma experiência moral ou espiritual.

Esboço

1. Autoridade da Bíblia
2. Autoridade Pós-apostólica
3. A Reforma
4. Problemas Quanto à Autoridade da Bíblia
5. Conceito Básico Emergente de Autoridade
6. Hierarquia de Autoridades
7. Autoridade de Jesus no Novo Testamento
8. O Problema da Continuação de Autoridade

1. Autoridade da Bíblia. Sua autoridade é reconhecidamente interna. A Bíblia autentica-se a si mesma. Mas, na medida em que contém provas históricas, incluindo os milagres que comprovavam a intervenção divina, ela é externamente autenticada. O poder de seus ensinamentos envolve uma autoridade

interna. As realidades históricas sobre as quais ela se alicerça (como a vida de Cristo, as Suas palavras, ressurreição, etc.) lhe conferem uma autoridade externa ou oficial. O consenso dos crentes, através dos séculos, em favor da autoridade da Bíblia, tornou-se outro fator de autoridade externa. As declarações dos pais da Igreja e dos concílios, que resultaram na canonização formal da Bíblia, formam uma autoridade oficial e externa.

Sinais de autoridade no Novo Testamento: Cristo tinha autoridade para perdoar pecados (Luc. 5:24), para expelir demônios (Mar. 6:7), para conferir a filiação divina (João 1:12), e Suas obras eram autoritárias (Mat. 7:29). A origem da autoridade é Deus, que enviou o Filho (João 3:17; 4:34; 5:23; 6:29, etc.). Para os primitivos discípulos, a ressurreição de Jesus foi a mais potente autenticação daquilo que Jesus dissera e fizera, e por conseguinte, do que estava escrito acerca dEle, quanto à Sua pessoa e autoridade sobre os homens. Ver o artigo sobre a *ressurreição*. Assim sendo, Jesus comissionou a outros (dando-lhes autoridade), para levarem avante a Sua missão (Mat. 28:18 ss), porquanto «toda autoridade» Lhe fora dada, a fim de que, por Sua vez, Ele desse dessa autoridade a outros, para que O representassem.

Os Apóstolos possuiram extraordinária autoridade, conforme transparece, claramente, — no livro de Atos (ver Atos 5:1 ss. quanto a um notável exemplo disso; ver também Atos 15, o primeiro concílio da Igreja, que envolveu os apóstolos). Os trechos de João 20:21,22 e Mat. 16:17 provêem-nos textos que provam a autoridade dos apóstolos. Ademais, o próprio Novo Testamento é essencialmente um produto dos apóstolos e seus discípulos imediatos, servindo de declaração autoritária sobre quem era Jesus e qual o significado de Sua vida para nós outros.

2. Autoridade pós-apostólica. A organização da Igreja, com seus anciãos ou bispos e diáconos, foi uma tentativa de preencher o lugar deixado vago pelo desaparecimento das testemunhas oculares. Como essa vaga deve ser preenchida, tem sido uma questão crítica desde os primeiros tempos. A autoridade da Bíblia tem sido reputada válida para a maioria dos cristãos, mas os oficiais eclesiásticos tornaram-se novas autoridades oficiais. Por volta do século IV D.C., os escritores cristãos já falavam sobre os «pais» da Igreja, cuja autoridade era respeitada após a dos apóstolos. Também havia os concílios eclesiásticos, que exprimiam as opiniões da hierarquia religiosa; e esses pronunciamentos tornaram-se uma outra autoridade — a autoridade da comunidade cristã. Com o advento de Constantino (300 D.C. e depois), o bispo de Roma adquiriu maior prestígio que os demais bispos, e assim surgiu o ofício papal. Sua autoridade tornou-se suprema, visto que foi criada a doutrina que o papa é o vigário ou substituto de Cristo. Desenvolveu-se então a elaborada lei canônica, de tal modo que, pelos fins da Idade Média, a Igreja contava com o apoio de um vasto e variegado sistema de autoridades externas.

A doutrina da *sucessão apostólica* (ver o artigo) tornou-se um aspecto importante da autoridade, segundo encarada por muitos grupos cristãos, tanto do Oriente quanto do Ocidente. Estalaram controvérsias sobre até que ponto o Novo Testamento dá apoio a essa doutrina. Mas, segundo o ponto de vista das igrejas latina e oriental, é perfeitamente legítimo haver outras autoridades (que evoluíram na Igreja), em adição às Escrituras, pois a doutrina de que *só* as Escrituras são autoritativas repousa sobre um dogma que precisou de longo tempo para desenvolver-se. O artigo aludido presta informações mais detalhadas sobre essa questão.

3. A Reforma. Por essa altura, a ênfase foi transferida para o indivíduo e sua responsabilidade pessoal perante Deus, - paralelamente à observação de que a Igreja havia acumulado muitíssima bagagem sobre o que o Novo Testamento nada diz. E parte dessa bagagem é decididamente contrária aos princípios neotestamentários. Os pronunciamentos dos pais, concílios e papas, apesar de respeitados por certos grupos protestantes, seriam apenas históricos e sugestivos, mas não obrigatórios; -e algumas vezes laboram mesmo em erro grave. Se há uma autoridade interna, essa depende da consciência do indivíduo, governada e dirigida por considerações escriturísticas. Naturalmente, isso levou à divisão na Igreja, pois as interpretações da Bíblia variam, não tendo ainda surgido uma denominação que siga por inteiro o Novo Testamento. E ainda que aparecesse um grupo cristão que defendesse a inteira verdade bíblica, nem por isso seria uma igreja perfeita.

4. Problemas quanto à autoridade da Bíblia. 1. Não solucionamos todos os problemas meramente dizendo «às Escrituras somente». Em primeiro lugar, porque, *de fato*, — o que é autoritário nesse caso é a «interpretação bíblica da minha igreja». Há muitas denominações protestantes que dizem a mesma coisa, mas têm doutrinas bastante díspares. As denominações, em sua arrogância, negam essa declaração, mas sua veracidade transparece de qualquer modo. 2. O Verbo (ou voz) de Deus é algo maior do que os livros que vieram a ser conhecidos como a Bíblia. A Bíblia é um registro escrito de certos aspectos da Palavra de Deus. Se não fosse assim, teríamos de afirmar que tudo quanto Deus sabe, toda a Sua verdade, está contida em um livro, o que é manifestamente absurdo. A Bíblia é a regra da verdade revelada, o padrão contra o qual toda verdade precisa ser cotejada. 3. Assim, apesar de «não haver autoridade senão a que procede de Deus» (ver Rom. 13:1), fica em aberto o debate acerca de onde e de quais maneiras, e através de quais agentes, Ele distribui essa autoridade. 4. Os pais gregos tinham a certeza que uma melhor filosofia grega, como a de Platão, servia de mestre escola para conduzir os pagãos a Cristo, mais ou menos como o AT fazia para com os judeus. Se essa afirmativa encerra uma verdade, se Deus atuou de outros modos para atingir outros povos, então acaba de ser adicionada uma outra autoridade, reconhecida por alguns importantes indivíduos e movimentos até mesmo dentro da Igreja antiga. 5. Alguns teólogos acreditam que a autoridade de Deus manifesta-se mormente na pessoa e missão do *Logos*, e que Ele influencia religiões não-cristãs, além de atuar na religião cristã. Nesse caso, o Logos não se limitaria somente às Escrituras, ou à Igreja cristã, ou à autoridade dos papas e dos bispos. Naturalmente, todos esses pontos de vista são intensamente debatidos. A verdade só emerge quando nos dispomos a ouvir o debate para verificarmos se alguém não está exprimindo idéias mais de acordo com a verdade, mesmo que isso não represente a minha teologia sistemática. 6. A Igreja oriental aceitava as Escrituras, os pais da Igreja e os concílios como autoridades essenciais. A Igreja ocidental acrescentou a autoridade do papa, guindando-a à posição de autoridade suprema, 7. Além disso, há a autoridade de outras disciplinas, de natureza não-religiosa, como a autoridade científica. Imaginemos, por exemplo, que a ciência finalmente possa demonstrar, por meios empíricos, a existência da alma. Muito nos alegrará em ter essa confirmação de uma doutrina preciosa. Devemos estar dispostos a

admitir que certas verdades, ou aspectos da verdade, podem ser-nos outorgados, podendo aprimorar nossa teologia, mesmo que os subsídios provenham de fontes de natureza inteiramente extrabíblicas. Assim, apesar desse acréscimo nunca servir de base central para a fé, verdades vitais seriam adicionadas, não obstante, por autoridades secundárias. Isso exerceria certa influência sobre minha maneira de pensar e agir, mesmo que não se comparasse, em grau de importância, com as autoridades estritamente religiosas.

5. Conceito básico emergente de autoridade. Neste artigo, temos considerado a autoridade vinculada à fé e à prática religiosas. Como é óbvio, há muitos outros tipos de autoridade. No tocante à autoridade que governa minha inquirição espiritual, afirmo que não posso honestamente crer ou declarar que somente *uma* autoridade pode ser suficiente. Não creio que Deus revela a si mesmo apenas de uma maneira, em um único lugar, em apenas uma denominação, ou em qualquer filosofia ou religião isolada. Conseqüentemente, concluo que deve haver uma *hierarquia* de autoridades, maiores e menores, cada qual contribuindo com algo para minha inquirição. Outrossim, tenho verificado que aqueles que só aceitam uma autoridade, fazem-no por terem aceito um *dogma* que se respalda sobre essa *crença*. Por exemplo, em porção alguma da Bíblia é declarado que as Escrituras são a única voz (ou Palavra) de Deus. Portanto, se eu ignorar a filosofia que se estriba somente em uma fonte de autoridade, estarei apenas ignorando um dogma humano, e não qualquer princípio divino. Posso ter grande respeito por qualquer autoridade, sem transformá-la em um ídolo que substitua a Palavra (ou voz) de Deus, no sentido mais *lato*, do que o sentido literário é *um aspecto*.

6. Hierarquia de autoridades. A lista que preparei abaixo é apenas tentativa e experimental. Não procura declarar *a* verdade sobre a questão da autoridade. Apenas procura aproximar-se do assunto de forma razoável.

a. As *Escrituras*, quando honestamente interpretadas, com mente aberta e sem servidão aos dogmas de qualquer denominação. Busco a verdade, e não um lugar seguro e confortável, dentro de alguma organização religiosa. Disponho-me a tomar por empréstimo idéias de outras denominações, quando essas idéias me parecem razoáveis, dotadas de foros da verdade. Respeitarei, honrarei e utilizarei as Escrituras por causa das verdades fundamentais ali contidas; mas não farei delas, e nem de qualquer outro livro, um ídolo. Usualmente é a isso que a Bíblia é reduzida, pois as Escrituras são vistas através dos olhos do sistema doutrinário de alguma denominação ou sistema teológico. O sistema termina sendo mais respeitado que a própria Bíblia, e esta, por sua vez, sempre encerra conceitos e ensinos que entram em choque com os sistemas teológicos, incompletos e preconceituosos como são. As denominações negam isso, mas a verdade não pode ser escondida.

b. *As interpretações dos pais e dos concílios*, o corpo de doutrinas que nos foi legado. Embora haja muitas contradições nesse material, disponho-me a selecionar e pensar por mim mesmo, para ver quais interpretações são aproveitáveis.

c. *As interpretações das várias denominações*, que vieram a ser o que são por terem seguido alguma filosofia da fé. Espero poder encontrar subsídios valiosos em todas as denominações, escapando assim da arrogância do denominacionalismo, não aderindo rigidamente a qualquer grupo isolado.

d. Reconheço que o *Logos* pode manifestar-se e realmente o faz através de homens antigos e modernos, não pertencentes à Igreja cristã, e que deles posso aprender lições valiosas, mesmo que não os considere minha principal fonte de conhecimento. As *sementes do Logos* foram plantadas em filosofias e religiões fora da fé cristã. O Logos é «...a luz verdadeira, que ilumina a todo o homem que vem ao mundo» (João 1:9). Elas podem contribuir com algo de valioso, capaz de fazer-me avançar na inquirição espiritual. Confio que Deus unirá todos esses indivíduos dignos na unidade que haverá em torno de Cristo, algum tempo no futuro, posto que distante, porque nisso está envolvido *o mistério da vontade de Deus* (Efé. 1:10; ver notas a respeito no NTI). Alguns deles chegaram a falar de Cristo, embora usando uma terminologia não-cristã.

e. Reconheço que outras disciplinas, como a *ciência*, em seus diversos segmentos, também podem contribuir para minha inquirição. Só há uma verdade, a verdade de Deus. O Universo físico, a natureza investigada pela ciência, são vestígios de Deus. Na pesquisa científica, os homens pensam os pensamentos de Deus após Ele. Aprendemos sobre Deus por meio da natureza, segundo somos informados em Rom. 1. A ciência poderá vir a demonstrar, finalmente, a sobrevivência da alma ante a morte biológica, e através da parapsicologia e dos estudos de experiências de quase-morte (ver o artigo a respeito), poderá dizer-nos algo sobre a natureza espiritual do homem, sugerindo maneiras pelas quais ela deve ser cultivada.

Usos gerais do termo autoridade (no grego, *exousia*), no *N.T.*:

1. A liberdade de escolha, o direito de agir (I Cor. 7:37; 8:9; Atos 5:4).

2. A capacidade, a aptidão ou o poder de fazer algo, da parte do homem ou de Deus (Mar. 1:22; Atos 8:19; Apo. 9:19; 11:6).

3. Autoridade, poder, comissão (Atos 26:12; Mar. 11:28,29,33; Luc. 20:2,8; Apo. 2:26; 11:6; João 1:12).

4. Poder governante, poder oficial (Mat. 8:9; Apo. 17:12 s.).

5. O domínio no qual o poder é exercido (Luc. 4:6; Col. 1:13).

6. Os que estão investidos de autoridade, o governo (Luc. 12:11; Rom. 13:1,2).

7. Poderes espirituais (Efé. 1:21; Col. 2:10; I Ped. 3:22).

8. Os meios de exercício do poder, ou os símbolos de autoridade (I Cor. 1:10). (A B C E H NTI R) Quanto a idéias concernentes à *inspiração* das Escrituras, ver o artigo sobre o assunto. Quanto à autoridade dos *governantes civis*, ver Rom. 13:1 ss., no NTI.

7. Autoridade de Jesus no Novo Testamento

Atos 4:7: *...pondo-os no meio deles, perguntaram: Com que poder ou em nome de quem fizestes vós isto?*

As palavras *fizestes isto* dizem respeito a toda a conduta recente dos apóstolos, em que o coxo de nascença foi curado e o nome de Jesus, o Cristo, foi anunciado, o que provocou não pequena comoção popular no pórtico de Salomão, dentro dos recintos do templo de Jerusalém. Durante os julgamentos, entre os judeus, os acusados e as testemunhas de defesa e de acusação se mantinham de pé, enquanto os juízes se assentavam em volta deles, formando um semicírculo.

Um Antigo Truque

1. Apresente suas credenciais! dizem eles. Têm suas escolas e seus métodos de credenciamento. Você já foi

aprovado por eles? Em caso contrário, você não poderá ser aprovado por Deus. Mas o argumento só parece convincente para eles mesmos.

2. O credenciamento dado pelo Espírito é o único que nos deveria importar. João Batista era um ministro aprovado por Deus. Sua vida demonstrou isso, embora não estivessem os seus padrões em consonância com os padrões das autoridades religiosas de seus dias.

3. Jesus teve a vida mais poderosa que alguém já viveu, e, no entanto, as autoridades de seus dias não aceitaram nem a ele mesmo e nem a seu ministério. (Ver João 20:31 no NTI quanto à «polêmica cristã» em prol do caráter messiânico de Jesus).

4. É incrível que tenham surgido seitas que reivindicam uma autoridade exclusiva para si mesmas, mesmo quando não possuem qualquer base histórica na igreja cristã.

5. As igrejas oficiais não reconhecem as credenciais de outras denominações ou indivíduos, e consideram que seus próprios ministros são os únicos que têm autoridade de batizar, distribuir a comunhão, etc. Mas tudo não passa de frutos amargos do orgulho humano.

6. Ver estas referências quanto a notas no NTI sobre a questão da «autoridade»: Mat. 21:23; João 2:18 e 5:19-47. E sobre a «autoridade da igreja», ver Mat. 16:17.

Com que poder, ou em nome de quem? É como se tivessem perguntado: Pelo poder de Deus, ou pelo poder de Satanás? pela medicina, ou pelas artes mágicas? As autoridades religiosas já sabiam que isso tinha sido feito em nome de Jesus; mas essa pergunta foi feita como introdução formal ao processo. «Parece-nos que o concílio estava convicto de que o coxo fora miraculosamente curado; porém, é muito provável que acreditassem que o feito resultara das artes mágicas; e também por associação com os espíritos familiares (espiritismo), por meio de encantamentos e outras coisas ilegais». (Adam Clarke *in loc.*).

Sabemos, alicerçados na história daquela época, que falsos profetas, feiticeiras famosas, bruxos e outros elementos deletérios da sociedade eram conduzidos à presença do sinédrio para tais julgamentos como o deste episódio, os quais eram declarados culpados ou inocentes, de conformidade com as evidências. Provavelmente as autoridades eclesiásticas dos judeus tinham a esperança de condenar os apóstolos de conformidade com as regulamentações exaradas em Deut. 13:1-10, que impunha a pena de morte por apedrejamento a todos quantos exercessem a prática das artes ocultas, não apelando para o poder do único Deus de Israel.

8. O Problema da Continuação da Autoridade

1. Após a destruição de Jerusalém, e a autoridade por ela representada, no sinédrio judaico, foi necessário que a igreja cristã estabelecesse uma nova autoridade. Não houve uma só resposta imediata para essa necessidade, e, sim, uma espécie de crescimento da solução. Pedro exercia grande autoridade em alguns círculos, conforme fica demonstrado pelas notas de Mat. 16:16-20 no NTI.

2. Porém, a autoridade conferida a Pedro mais tarde passou a ser compartilhada pelos demais apóstolos, segundo se vê em João 20:19-23 (ver as notas no NTI quanto a explicações).

3. Entretanto, a autoridade entra em vigor com mais poder quando se alicerça sobre uma larga base; portanto, a Igreja, por si mesma (mediante o voto democrático), tornou-se uma autoridade, substituindo os sinédrios locais. (Ver Mat. 18:15-18 quanto a isso).

4. A democracia é uma base excelente para a autoridade, porquanto promove a vontade da maioria, e assim deve ser aceitável para a maioria. Portanto, há certa sabedoria na democracia. (AL DE HA IB LAN MC NTI)

AUZÃO

No hebraico, **possessão deles**. Era filho de Asur, descendente de Juá, pai ou fundador de Tecoa (ver I Crô. 4:6). (S)

AUZATE

No hebraico, **possessão**. Era amigo de Abimeleque II, de Gerar, que cuidou dele em sua visita a Isaque (ver Gên. 26:26). No seu caso encontramos a primeira instância daquela personagem não-oficial mas muito importante nas antigas cortes orientais, chamada *amigo* ou *favorito* do rei. No Brasil, Dom Pedro I teve o seu Chalaça, seu favorito. Provavelmente ele agia como conselheiro do rei. Jerônimo, seguido por vários intérpretes, pensava que Auzate era nome de um grupo de amigos ou conselheiros, e não de um indivíduo isolado. (DE S UN)

AVA

No hebraico significa **ruína** (ver II Reis 17:24; 18:34; 19:13 e Isa. 37:13). Era a capital de um pequeno estado monárquico, conquistado pelos assírios, e de onde o rei Salmaneser enviou colonos para a Samaria. Alguns supõem que esse nome indica um rio, e não uma cidade, o mesmo rio Aava de Esdras 8:21. A idéia de que se trata de uma cidade, porém, parece ser melhor. Nesse caso, provavelmente deve ser identificada com a cidade de Iva (ver o artigo a respeito). Todavia, o local moderno é desconhecido. Alguns identificam-no com o Tell Kafr 'Ayah, no rio Orontes, a sudoeste de Homs. (I UN)

AVALOKITESVARA

Esse é o nome dado ao Dalai Lama reencarnado do lamaísmo. Ele é o líder principal que, por meio das suas repetidas reencarnações, traz a sabedoria espiritual necessária para cuidar das necessidades religiosas da comunidade. Ver o artigo sobre *terminologia budista*. (E H)

AVATAR

Vem do sânscrito, **avatara**, que significa «descida». Denota a descida de uma deidade à Terra, e à sua encarnação como homem, para ser um líder espiritual especial, a fim de promover a fé espiritual. No *hinduísmo* (ver o artigo) ensina-se que o deus Vixnu já se manifestou assim em nove grandes «descidas», e que ainda o fará mais uma vez. No *Bhagavad Gita* (ver o artigo) encontramos a declaração: «Quando a justiça declina, quando a impiedade se fortalece, então levanto-me... assumo forma visível e movo-me entre os homens como um homem». O termo pode ser usado frouxamente para referir-se a qualquer líder religioso poderoso, que aja sob o impulso e a vontade divinos. (E H)

••• ••• •••

AVE DE RAPINA DE VÁRIAS CORES

No hebraico temos uma palavra de sentido incerto, em Jeremias 12:9: «Acaso é para mim a minha herança ave de rapina de várias cores contra a qual se ajuntam outras aves de rapina?» Sendo encontrada exclusivamente nesse trecho da Bíblia, essa palavra há muito tem sido motivo de disputa. Bodenheimer (IDB) considera que se trata de uma ave de rapina (o que é refletido por nossa versão portuguesa), Mas outros estudiosos argumentam, com base em seus derivados hebraico e árabe, que a palavra aponta para uma «hiena malhada» (que vide), animal esse que se alimenta de carniça, naquela região do mundo.

AVEIA, ESPELTA, NIGELA

A referência em Eze. 4:9 provavelmente é a espelta, que faz parte da família das Ranúnculas, produzindo grande abundância de sementes negras, usadas para dar sabor. O trecho de Isa. 28:25 refere-se à *Nigella sativa*, chamada de *nigela*. Suas flores assemelham-se às da taça de manteiga, cujo fruto contém grande quantidade de minúsculas sementes negras, com freqüência usadas no pão a fim de enriquecê-lo. A tradução «aveia», porém, leva-nos a um tipo inteiramente diferente de cereal. Muitas traduções confundem a flora com a fauna, e a razão por que muitas traduções são duvidosas é que as espécies animais e vegetais da Terra Santa com freqüência não correspondem às espécies conhecidas na Europa e nas Américas.

AVE MARIA

Vem do latim, «salve, Maria», ou saudação angelical a Maria, em Luc. 1:28,42, usada a partir de 513 D.C. e ao que foi acrescentada uma súplica, no fim da Idade Média. Juntamente com o Credo e o Pai Nosso, há séculos que é uma oração devocional popular (ver os artigos sobre essas outras orações). É a oração repetida do *rosário* e do *Angelus* (ver os artigos). (E)

AVEMPACE

Filósofo árabe (1138 D.C.), nascido na Espanha, onde passou a maior parte de sua vida, embora tenha morrido no Marrocos, aparentemente por envenenamento. Ele combinava as idéias de um intelecto ativo com a ascensão mística. Para ele, o alvo do homem é chegar a um estado da realidade segundo o qual não haja oposição entre matéria e forma, ou entre pensamento e ser. (P)

ÁVEN

No hebraico, **nulidade, vaidade, ídolo.**

1. Em Oséias 101:8, *os altos de Aven*, uma alusão a Bete-Áven. Mas também pode ser uma figura de linguagem indicando os centros idólatras de Dã e Betel, estabelecidos por Jeroboão. Outros lugares da Samaria, de natureza similar, também poderiam estar sendo aludidos por essa palavra. Alguns supõem que o nome original de Ai (ver o artigo) era Bete-Áven. Bete-Áven, pois, seria uma distorção proposital do nome familiar da cidade de Bete-El. (Ver I Sam. 13:5; 14:23; quanto à sua localização, ver o artigo a respeito).

2. «*Áven*» é um elemento em nomes compostos, em Josué 7:2; 18:12; I Sam. 13:5, Amós 1:5, etc., como substituição de uma forma cananéia anterior, em que a palavra Baal foi substituída por Bosete. Era o nome popular de Heliópolis, no Baixo Egito, dando-lhe o sentido de *cidade ídolo*, visto que esse vocábulo significa nulidade, vaidade ou *ídolo*. (Ver Eze. 30:17). Esse lúgar também se chamava On-Heliópolis. Desde o princípio da história foi conhecido como um centro da idolatria, um dos principais locais da adoração dos egípcios ao sol, onde havia um célebre templo com seu sacerdócio de eruditos.

3. Em Amós 1:5 encontramos *Biqueate-Áven*, que alguns estudiosos pensam ser idêntica à planície de Baalbeque (ver o artigo a respeito), um antiqüíssimo centro de adoração a Baal. Porém, outros associam essa designação a Awanijek, perto de Jerude, na estrada para Palmira.

AVENTAL

Nossa versão portuguesa prefere «cintas», em Gênesis 3:7, ao referir-se às toscas vestimentas que Adão e Eva fizeram com folhas de figueira. Lenços e aventais eram usados para transmitir o poder curador (ver Atos 19:12). Muitos operários usavam aventais para proteger suas roupas e enxugar as suas mãos. Como é evidente no caso das curas miraculosas, as pessoas traziam suas próprias roupas (o grande número delas assim o sugere). É possível que essas vestes fossem usadas para promover a fé, como o lodo que Jesus fez para ungir os olhos do cego. Porém, os estudos no campo da parapsicologia mostram que a energia curativa que se transfere do curador para a pessoa curada, é uma energia autêntica que pode impregnar outros objetos, pelo que é possível que haja um poder curador real em uma peça de vestuário que tenha sido abençoada por um curador autêntico. É fato que a *água benta* pode fazer as plantas crescerem mais rápida e saudavelmente, por mais que isso cheire a superstição e fanatismo. Isso tem sido provado em laboratório. Além disso, pessoas psicóticas, ao abençoarem a água, são capazes de infundir uma energia negativa na mesma, de tal modo que ao ser usada essa água para regar as plantas, o crescimento das mesmas seja prejudicado. A mesma coisa acontece às simples orações, com o intuito de abençoar ou de amaldiçoar, inteiramente à parte de qualquer agente físico. Pouco sabemos acerca desses fenômenos, mas a existência dos mesmos demonstra que algo de real sucedia em Atos 19:12. Ver o artigo sobre Vestuário, no NTI.

AVERRÓIS

Filósofo árabe (1126-1198), nascido em Córdoba, Espanha. Seu nome latino era uma corruptela de Ibn Rushd. Tal como Avicena (ver o artigo), ocupou postos importantes, como juiz e diplomata, embora sua vida também incluísse opróbrio e banimento. Sua filosofia aristotelana foi amargamente combatida por teólogos e filósofos cristãos e islamitas. No campo da filosofia, tornou-se mais bem conhecido por causa de seus comentários sobre Aristóteles, tendo-se tornado conhecido como «o comentador». Tomás de Aquino adotou seu estilo de comentar. Seus labores levaram outros a investigarem e apreciarem as idéias de Aristóteles, o que foi muito importante no sistema de Aquino.

Obras: Comentários sobre as *Categorias*, *Análise Posterior e Física*, de Aristóteles; sobre *Os Céus*; sobre *Geração e Corrupção*, sobre *A Alma*; *Breves tratados sobre a Física*; *Metafísica*; *Política*; *Retórica*;

Tratado contra a Destruição da Filosofia por Al-Ghazzali; *Comentário sobre a República de Platão*; *Comentário Médio sobre o Isagoge de Porfírio*; sobre a *Harmonia Entre a Religião e a Filosofia*; e uma enciclopédia médica, *Generalidades*.

Idéias principais:

1. Deus e o mundo são eternos, mas o mundo é efeito do poder de Deus, tendo sido criado desde a eternidade, ao passo que Deus é sem causa.

2. Um esquema neoplatônico de emanações do Ser necessário. A primeira emanação é a *primeira causa*, de onde emergem as *inteligências* que guiam as esferas celestiais, em escala decrescentes até o nosso mundo. Um único e definitivo poder, derivado da primeira causa, controla todas as coisas.

3. As ciências são eternas, em virtude de sua generalidade. A inteligência é capaz de descobrir a substância de uma espécie, por via da compreensão sobre uma coisa individual. Essa capacidade é um acidente do tempo, o que possibilita o homem a descobrir e a saber.

4. Os *universais* (ver o artigo), ou idéias gerais, têm como local apropriado o campo das inteligências. O intelecto humano tem afinidade com o universal. Mas o intelecto individual do homem não é imortal. Portanto, Averróis negava a imortalidade do homem, sendo nesse particular que ele era criticado mais acerbamente pelos outros pensadores.

5. O mundo precisa de profetas e místicos a fim de melhor relacionar os homens com o mundo vindouro. O mundo também precisa de grandes filósofos que conduzem os homens a compreender o intelecto, onde reside a verdade eterna.

6. Ao procurar distinguir a religião da filosofia, mantendo-as separadas, ele falou sobre a ressurreição, quando viveremos em outros corpos, não derivados daqueles que agora possuímos, mas *representando* os mesmos. Não é muito claro como ele reconciliava essa idéia com a negação da imortalidade (quarto ponto). Talvez ele pensasse que algumas verdades que não são obtidas por meio da religião, poderiam ser obtidas por meio da filosofia, e vice-versa. Mas, seja como for, o ponto permanece obscuro.

7. Ele negava a liberdade da vontade. (E P) Ver *averroísmo*.

AVERROÍSMO

(Ver o artigo sobre **Averróis**, que inclui suas idéias principais). A influência de Averróis foi sentida na religião islâmica, na filosofia judaica e na filosofia escolástica. Suas obras foram traduzidas para o hebraico, pelo que foi crescente a sua influência entre os judeus, até o século XV. As traduções latinas apareceram entre 1130 e 1150, o que prosseguiu até 1256. E nunca antes ou depois foram tão amargamente condenadas pelos líderes eclesiásticos e pelos concílios. Foram condenadas nos anos de 1209, 1215, 1240, 1270 e 1277. Os problemas eram a eternidade da matéria, a ausência de imortalidade no homem e a suposta doutrina da *dupla verdade* (uma filosófica, e outra, religiosa). No entanto, a fim de melhor compreender Aristóteles, Alberto Magno dependeu pesadamente de Averróis. Apesar de que Tomás de Aquino criticou intensamente a Averróis, principalmente em sua *Summa Contra Gentiles*, não há que duvidar que foi Averróis, acima de todos, quem fez Aquino estudar filosofia. Ver o artigo sobre o *aristotelianismo*, quanto à importância desse acontecimento. Na Itália, o averroísmo continuou a exercer influência até o século XVI. Aquino transformou as idéias de Aristóteles em veículo para expressar a fé cristã, uma inesperada realização. (E F P SC)

AVES DA BÍBLIA

A. *Espécies*. Há muitas espécies de aves nas terras bíblicas. Os nomes que lhes são dados na Bíblia, visto não terem sido conferidos cientificamente, com freqüência são inexatos e confusos. Portanto, nem sempre há certeza quanto às espécies indicadas pelos termos empregados. As condições geográficas e climáticas da Palestina, que variam desde o semitropical ao desértico, e o fato de que a Palestina está situada em uma das principais rotas migratórias de aves entre a África, a Europa e a Ásia Ocidental, contribuem para a existência de larga variedade de pássaros, residentes ou vistos ali apenas ocasionalmente. Só no século XIX foi iniciado o estudo mais preciso dos animais, e mesmo assim, só as espécies mais comuns têm sido estudadas. Os animais, ou mesmo as aves que se parecem umas com as outras, não foram distinguidas. Documentos antiqüíssimos como os livros de Levítico e Deuteronômio jamais serão plenamente iluminados no tocante as alusões a animais que ali se acham. Os tradutores nunca saberão como manusear com certeza as listas de aves que ali aparecem, que incluem a gaivota (shap), o gavião (nes), a coruja (tahmas), o pelicano (salak), o açor (ra'a), a poupa (dukipet), a águia marinha (ozniyya) e o cisne (tinsemet). Em face da incerteza e confusão existentes, podemos apenas discutir e identificar tentativamente as aves mais comuns.

O termo hebraico *raham* (ver Lev. 11:18 e Deu. 14:17) pode ser o abutre, embora isso dependa da tradução que alguém estiver seguindo. Provavelmente é o abutre egípcio, uma ave preta e branca que se alimenta de lixo e de cadáveres de animais.

O *peres* (Lev. 11:13) é o quebrantosso (literalmente, o quebra-ossos) que costuma deixar cair ossos de grandes alturas, a fim de quebrá-los para poder consumi-los mais facilmente.

Águias verdadeiras, no hebraico *neser*, podem ser encontradas na Palestina. É provável que essa palavra hebraica indique genericamente as águias. Porém, o trecho de Miq. 1:16 diz: «...alarga a tua calva como a águia...» E essa descrição sugere o abutre grifo, que tem uma cabeça pálida e esbranquiçada, em contraste com o resto bem colorido do corpo. O termo grego *aetós*, usado em Mat. 24:28, provavelmente também aponta para a mesma ave. Ali encontramos menção à comum revoada de aves de rapina, que se juntam para o repasto de carne podre.

O *ayya* (Jó 28:7), o *daa* (Lev. 11:14) e o *dayya* (Deu. 14:13) provavelmente são nomes que se referem ao milhano. Há espécies negras e vermelhas.

As corujas são referidas por dezesseis vezes no Antigo Testamento, mas mediante o uso de cinco palavras hebraicas diferentes. Provavelmente várias espécies de corujas são assim distinguidas.

Aparentemente a *hasida* de Jer. 8:7 é a cegonha, uma das aves migratórias mais notáveis que passam pelo vale do Jordão, ao norte, em março e abril. O *agur*, também chamado *sus*, igualmente é uma ave migratória (ver Isa. 38:14 e Jer. 8:7). Provavelmente trata-se da andorinha. Várias espécies podem ser encontradas na Palestina, em certos períodos do ano.

O pardal (no hebraico, *sippor*) é uma ave comum na Palestina, idêntica à que aparece na Europa ocidental. O termo grego *struthion* provavelmente alude a certa variedade de aves pequenas, incluindo o

pardal. Jesus, em Mat. 10:29, referiu-se a essa ave por ser considerada de pequeno valor pelos homens, mas que atrai a atenção favorável de nosso Pai celeste.

Nos selos do Egito e da Assíria, desde 1500 A.C., há gravuras com galos (no grego, *alektor*). E a menção à galinha, por Jesus, em Mat. 23:37 e em Luc. 13:34 (no grego, *ornis*), mostra que a ave era natural das terras bíblicas. O galo servia de despertador natural, posto que inexato. (Ver Mat. 26:74,75). É provável que a galinha fosse domesticada.

O pavão (no hebraico, talvez, *tukkiyyim*) era importado por Salomão (ver I Reis 10:22), sendo contado entre os animais exóticos que Salomão queria ter ao seu redor, para aumentar a beleza e o interesse de seu reino. O pavão é nativo das florestas da região indo-malaia, embora chegue a outras regiões, por meios naturais ou mediante importação. Em 450 A.C. chegou em Atenas, Grécia.

A codorniz (no hebraico, *selaw*) era uma ave caçada, limpa segundo os preceitos levíticos (ver Êxo. 16:13). É ave migratória, seguindo uma rota semelhante à rota seguida pelos israelitas no êxodo. Serviu de alimento porque essa ave voa apenas cerca de um metro acima da superfície do solo, e em grandes revoadas.

A perdiz (no hebraico, *gore*; ver I Sam. 26:20), era caçada para servir de alimento, no Oriente Médio e no suleste da Europa. A espécie envolvida é similar à perdiz de pernas vermelhas (A. rufa).

Dois membros da família do corvo são nativos da Palestina, o corvo, propriamente dito, e a gralha (no heb. *oreb*; no grego, *koraks*). Essas aves alimentam-se de carne apodrecida e eram imundas, segundo a lei levítica.

A avestruz (no hebraico, *bat yaana*), em Jó 39:13-18, em algum tempo foi ave nativa do Oriente Médio. Alguns tradutores dizem «coruja», nesse trecho; mas a maioria dos estudiosos pensa que está mesmo em vista a avestruz. Em algumas versões, o termo hebraico *hasida* é traduzido por avestruz ou por cegonha, ao passo que a *yeenim*, em Lam. 4:3, é traduzida pela avestruz (conforme faz nossa versão portuguesa).

O pelicano dificilmente viveria no deserto, mas o «deserto» referido em Sal. 102:6, associado a esse pássaro, não precisa indicar um deserto de areia, mas apenas um lugar ermo. O termo hebraico ali usado tem sentido incerto. Por isso, alguns estudiosos preferem o abutre. O pelicano branco passava pelo norte do vale do Jordão, pelo que ocasionalmente podia ser visto na Palestina. Os pelicanos são aves aquáticas que, em seu vôo de migração, fazem pausas para descansar em lugares com lagos e alagadiços.

Existem várias espécies de pombas e rolas na Palestina. O termo hebraico *yona* é usado para indicar tanto uma quanto outra dessas aves, que eram usadas nos sacrifícios (ver Gên. 15:9 e Lev. 12:6).

As aves cevadas (no hebraico, *barburim*), referidas em I Reis 4:23, eram acepipes servidos na mesa de Salomão. Isso talvez indique a domesticação de certas aves, pelos povos do Oriente Médio e pelos israelitas.

B. *Divisão Geral.* No Antigo Testamento, as aves são classificadas como «limpas» e «imundas», isto é, aquelas que podiam ser consumidas pelos israelitas, e aquelas que não o podiam, de acordo com os preceitos constantes no décimo terceiro capítulo de Levítico.

C. *Ninhos.* São freqüentes as alusões a ninhos de aves, na Bíblia. Lemos sobre ninhos no santuário (ver Sal. 84:3), nas rochas (Jó 39:27), nas árvores (Sal. 104:17; Jer. 22:23), nas ruínas (Isa. 34:15), em buracos (Jer. 47:28). E, no Novo Testamento, há alusões a ninhos em Mat. 8:20 e Luc. 9:58.

D. *Ovos.* Ver Deu. 22:6 e Jó 39:14. Lucas 11:13 acrescenta que ovos eram usados na alimentação humana.

E. *Migração.* As referências a respeito são Can. 2:11,12; Jer. 8:7 e Êxo. 19:4.

F. *Usos Metafóricos.* a. As aves usadas nos sacrifícios levíticos simbolizavam o perdão dos pecados por meio de Cristo. b. O humilde pardal não é tão pequeno que Deus não o note; e muito mais cuida Ele dos homens (ver Mat. 10:29-31). c. Os pássaros imundos eram abomináveis a Deus, e vedados aos homens como alimento. Há coisas que os crentes precisam evitar, a fim de agradarem a Deus (ver Lev. 13). d. Certas aves de rapina habitam em lugares desolados pela destruição, e assim retratam o vazio que predomina onde Deus julga ou onde a Sua presença não é sentida (ver Isa. 13:21). e. A pomba simboliza a beleza (ver Can. 1:15 e 5:12), ou então, a tristeza (ver Isa. 59:11). Além disso, sua humildade e mansidão simbolizam a humildade e o caráter inofensivo dos servos de Cristo, em contraste com aqueles que são cheios de engano e malignidade (ver Mat. 10:16). f. As aves de rapina podem simbolizar os severos julgamentos divinos (ver Mat. 24:28 e Apo. 19:17,18). g. Em todas as culturas humanas, as aves têm sido associadas a presságios, seus vôos e atos são ligados à boa sorte, ao infortúnio e às vicissitudes do destino. Alguns pensam que as aves que se aninharam nos ramos da mostarda representam os demônios, ou, pelo menos, as influências demoníacas, sob a forma de mestres falsos e suas doutrinas distorcidas, que enfeiam a árvore do reino de Deus (ver Mat. 13:31,32).

AVES DE RAPINA

A Palestina conta com certa variedade de aves que caçam de dia e de noite, incluindo o corvo, a águia, o falcão, o açor, o gavião, o açor noturno, o quebrantosso, o milhano e o abutre. Alguns desses pássaros são nativos da Palestina, ao passo que outros chegam ali somente em certos períodos do ano, principalmente na primavera (ver migração de aves). Nesse caso, a parada temporária na Palestina, em seu vôo para o norte, visa a alimentação. Várias espécies nem ao menos param, mas apenas sobrevoam a região, e até os naturalistas têm dificuldades em distinguir as espécies. Essas aves são carnívoras, e portanto, vedadas à alimentação, pelas leis levíticas. Algumas delas, como o falcão e o gavião, caçam pequenos animais, ao passo que as outras, como os abutres, vivem de carne putrefacta. As águias alimentam-se de ambas as coisas. As leis levíticas sabiamente proibiam os israelitas de comerem tais aves, porque seus hábitos alimentares tornam-nas transmissoras de enfermidades com alto risco.

Na Palestina, há quatro espécies residentes de corujas, e quatro espécies migratórias, as quais são aves de rapina de hábitos noturnos. As corujas só se alimentam de presas vivas. Há várias espécies de corvos e gralhas na Palestina. Essas também são espécies de rapina, ainda que haja espécies essencialmente vegetarianas.

Uso metafórico. Trechos bíblicos como Mateus 24:28 e Apocalipse 19:17,18 incluem a presença de aves de rapina por ocasião dos julgamentos divinos escatológicos, os desastres do tempo do fim e da batalha do Armagedom. As aves que se alimentam de carne podem passar longos períodos em jejum, e

quando têm a oportunidade de se alimentarem, têm apetites vorazes. O julgamento divino também pode demorar, mas sobrevirá, finalmente, com grande poder e violência.

AVESTA

Vocábulo que significa «conhecimento», nome do livro sagrado do *zoroastrismo* (ver o artigo). Na Índia é *parsis*, e na Pérsia é *gabards*, também chamado *zend* (tradição do conhecimento). Segundo uma tradição, o Avesta original encerrava todo o conhecimento, tendo sido quase inteiramente destruído por Alexandre o Grande. Do que restou, foi compilada uma obra em vinte e um volumes, no século III D.C. Mas apenas um deles, o *Vendidad*, sobrevive completo. O *Dinkard* (em idioma palevi) dá uma lista dos outros livros. Depois do século IX, certas porções que versavam sobre a adoração, foram levadas para a Índia, até hoje existentes em cinco partes, a saber: *Yasna* (incluindo as *Gathas*), a *Vispered*, *Vendidad*, *Yashts* e a *Khorda Avesta*. Ver o artigo sobre *Pérsia, Religiões da*. (E P)

AVESTRUZ

No hebraico temos uma palavra que aparece exclusivamente em Lam. 4:3, embora uma outra palavra hebraica também tenha sido traduzida por «avestruz», apesar de mais provavelmente apontar para a coruja. Oito passagens do Antigo Testamento envolvem essa dúvida (Lev. 11:16; Deu. 14:15; Jó 30:29; Isa. 13:21; 34:13; 43:20; Jer. 50:30 e Miq. 1:8). A avestruz é uma ave bem conhecida, por ser a maior ave viva de nossa época. No Brasil temos uma espécie aparentada, a «ema», embora de menor porte. A avestruz encontra-se nos desertos da Arábia e da África. Tornou-se famosa por seu imenso apetite. Engole seixos de bom tamanho, pedaços de vidro e outros objetos duros, para ajudá-la na digestão no papo. A avestruz pode atingir 2,40 m de altura e pesar 140 kg. A fêmea faz um ninho raso e põe muitos ovos de cada vez, fazendo com que alguns deles terminem não sendo chocados. A maior parte desses ovos é coberta com areia. O sol esquenta os ovos durante o dia, e a mãe e o pai se revezam no choco, durante a noite. Essa ave pode correr a uma velocidade espantosa de 80 km por hora, podendo ultrapassar facilmente em velocidade a um cavalo. A ficção de que a avestruz esconde a cabeça na areia, quando se vê em perigo, não corresponde aos fatos. Esse pássaro é basicamente um vegetariano, embora possa comer insetos, gafanhotos, etc. A descrição que aparece em Jó 39:14-17 mostra-nos que o autor sagrado conhecia bem a espécie. Os antigos começaram a domesticar a avestruz desde algum tempo antes de 2000 A.C. A acusação de estupidez, conforme se vê naquele trecho de Jó, provavelmente, origina-se do fato de que tal ave pode assustar-se com facilidade, até mesmo por causa de pequenos e inofensivos animais, ou então porque às vezes ela engole coisas que lhe são mortíferas. Esse pássaro era usado como alimento por vários povos, e talvez pelos próprios israelitas. Seus ovos também eram usados na alimentação, e as cascas vazias, muito duras, — podendo atingir de 15 a 20 cent. de comprimento, eram usadas como receptáculos. Taças ornamentais eram feitas com ovos de avestruz, as quais têm sido encontradas em sepulcros assírios desde cerca de 3000 A.C.

AVEUS

Eram os habitantes de Ava, sendo contados entre os colonos enviados pelo rei da Assíria a fim de substituir os habitantes das cidades do reino do norte, Israel, que tinham ficado despovoadas devido ao exílio (ver II Reis 17:31). Eram idólatras, adoradores dos deuses Bibas e Tartaque. (Ver sobre *Ava*). Os aveus não devem ser confundidos com os heveus, que eram descendentes de Canaã (ver Gên. 10:17), e que a versão portuguesa que usamos grafa como «aveus», em Deuteronômio 2:23.

AVICEBRON, SALOMÃO BEN-GABIROL

Filósofo judeu (1020-1070), nascido em Málaga, mas que viveu em Saragoça. Foi teólogo, poeta e filósofo, de orientação neoplatônica. Suas idéias foram combatidas por Tomás de Aquino, embora gozasse do apoio dos franciscanos, e no século XIII, dos agostinianos. Seu pensamento independente prenunciava *Spinoza* (ver o artigo). Sua obra teve maior influência entre os gentios do que entre os judeus.

Obras: *A Fonte da Vida*; *Melhoramento das Qualidades Morais*; e um volume de poesias, *A Coroa Real*.

Idéias:

1. Todas as substâncias, terrenas e espirituais, combinam forma e matéria. A matéria é potencialidade, tendo a corporalidade como uma de suas características, pelo menos até certo nível. Portanto, a matéria não pode ser o princípio da individualização, devendo haver substâncias individuais. Em conseqüência, a *forma* deve ser o princípio da individualização.

2. Muitas formas podem residir em uma coisa individual, e elas amoldam a natureza daquela coisa.

3. O mundo procede da unidade divina por meio de uma série de emanações. O mediador entre o divino e o mundo é a vontade divina. Essa vontade tanto cria quanto sustenta o mundo. Da vontade procede a *forma*, que se une à matéria. Da natureza, conforme é conhecida neste mundo físico, procedem os corpos do mundo temporal.

4. Deus, em Sua verdadeira natureza, permanece acima da compreensão humana. Não obstante, Ele é o alvo de nossa vida, mediante o conhecimento e a devoção religiosa, que nos ajudam a dominar nossa natureza sensual. A vida não tem sentido sobre quaisquer outras bases. Seus poemas refletem a natureza pessimista da vida, sem a inquirição espiritual.

AVICENA

Filósofo e médico islamita (980-1037), cujo nome é Ibn Sina, árabe. Nasceu na Pérsia. Foi um estudante brilhante, tendo-se tornado médico com dezesseis ou dezessete anos, quando já havia dominado todo o conhecimento da época. Sua vida foi aventureira, incansável e repleta de controvérsias, na Pérsia e no Irã. Pouco antes de falecer, com cinqüenta e sete anos, deu liberdade a seus escravos. Suas obras foram traduzidas para o latim, e isso permitiu que ele influenciasse o grande reavivamento de Aristóteles nos séculos XII e XIII. Tornou-se conhecido como «o terceiro Aristóteles». Combinou idéias aristotélicas e neoplatônicas. A obra *Enneads*, de Plotino (mas que ele julgou ser obra de Aristóteles), e o comentário de Al-Farabi sobre a *Metafísica* de Aristóteles, exerceram considerável influência sobre seu pensamento. Seu tratado sobre medicina foi um dos mais influentes nas universidades européias, desde o século XII ao século XVII, embora consistisse principalmente de

uma versão aristotélica de Galeno. Todavia, houve muitas adições feitas por ele mesmo. O cume de sua influência na Europa, no tocante às idéias filosóficas, ocorreu nos séculos XIII e XIV.

Obras: *A Cura; Cânones da Medicina* (5 volumes); *Diretivas e Observações*, uma breve declaração de suas idéias filosóficas. Além dessas obras, ele escreveu mais de cem tratados sobre vários assuntos.

Idéias:

1. A lógica aristotélica, os papéis desempenhados pelos sentidos e pela razão, definição, espécies, diferenças, propriedades, acidentes, quatro causas.

2. Opunha-se ao atomismo, e pensava que os corpos podiam ser infinitamente divididos. Considerava o mundo finito, e que para além de suas extremidades, nada havia em absoluto.

3. Psicologia aristotélica, ressaltando as diferenças entre funções vegetais, animais e racionais.

4. Foi um realista no tocante aos *universais* (ver o artigo). Nossas mentes, a fim de apreenderem o universal, precisam entrar em contato com uma inteligência superior, e não meramente observar os *particulares* (ver o artigo). Nesse ponto, ele penetra na metafísica.

5. Deus é o ser perfeito, unitário e necessário. Entre Deus e o mundo há uma hierarquia de seres, uma série de dez inteligências, que ativam as esferas celestiais, e que são consideradas como dotadas de alma. O nosso intelecto pode ter contato com a décima dessas inteligências, e a partir desse ponto pode apreender a idéia dos universais.

6. A existência de Deus pode ser provada por meio de um triplo argumento: a. A necessidade de uma *causa*, a fim de que exista alguma coisa. b. Não há uma série infinita de causas. c. A série de causas devem conduzir-nos ao ser necessário, a Causa Primária, isto é, Deus.

7. *Atributos de Deus*. Ele é o ser necessário, completo, absoluto, perfeito na verdade, na bondade e no amor. Ele é a própria essência da vida. Ele deve compartilhar de Suas perfeições, de tal necessidade proveio a criação. As *inteligências* realizam a Sua vontade, cada uma delas originária em Deus. A criação também é necessária, proveniente da eternidade. A décima inteligência provê a forma, que deve ser recebida pela matéria, e a matéria é o princípio da individualização.

8. Visto que a criação é necessária, tudo quanto acontece dentro dela também é necessário, o que reflete o *determinismo*. (Ver o artigo).

9. O mal é um acidente da existência, que flui da carência, do sofrimento físico e do pecado. O mal atinge o indivíduo, mas não a espécie. De um ponto de vista superior, o mal pode ser visto como algo bom, porque, de alguma maneira, haverá unidade e harmonia em todas as coisas.

10. A criação (individualização) da alma ocorre juntamente com a do corpo. A alma é imortal, mas não haveria ressurreição.

11. O alvo da alma é a felicidade perfeita (*eudaimonismo*).

12. Os profetas têm a capacidade de entrar em contato com a *inteligência*, sendo capaz de descobrir o conhecimento (pelo menos quanto a pontos específicos) mais rapidamente do que o intelecto humano, que precisa avançar ponto por ponto em seus raciocínios.

13. Em Deus, essência e existência são idênticos, embora não nos demais seres. Portanto, Deus é um ser necessário, ao passo que os outros seres seriam contingentes. Contudo, por terem se originado em Deus, os demais seres revestem-se de uma espécie de necessidade secundária. Não podem deixar de existir, embora isso faça parte de suas próprias naturezas. Essas considerações tornaram-se importantes na filosofia medieval posterior. (AM E P)

AVIDYA

Palavra sânscrita que significa «ignorância», usada nas Upanishads e no Bhagavad-Gita (ver os artigos a respeito). O termo é sinônimo de *maya*, referindo-se à ignorância sobre a identidade do «eu» e de Bramá, derivando-se daí a crença na natureza distinta do «eu». O conceito de identidade era advogado pelos Shunyavadins (ver o artigo sobre Shunyavada), na ioga, na Gaudapada e na Shankara (ver os artigos a respeito). (P)

AVIGNON

Cidade francesa, famosa na história por ter servido de residência dos papas, de 1305 a 1378, um período chamado «cativeiro babilônico do papado», em alusão ao cativeiro dos judeus, na narrativa do Antigo Testamento. Os papas desse período foram todos franceses: Clemente V (1305-1314), João XXII (1314-1334), Benedito XII (1334-1342), Clemente VI (1342-1352), Inocente VI (1352-1362), Urbano V (1362-1370) e Gregório XI (1370-1378). (AM E)

AVITE

No hebraico, **cabana** ou **vila**. Uma cidade dos edomitas. Era a cidade de Hadade, filho de Bedade. Este foi um dos reis edomitas que reinaram antes que houvesse rei em Israel (ver Gên. 36:35 e I Crô. 1:46).

AVYAKTA

Vem do sânscrito e significa «não-manifesto», usado nas Upanishads e no Bhagavad-Gita, juntamente com o termo Prakriti (ver os artigos), referindo-se ao poder não-manifestado de Deus ou ao Bramá antes da criação, no estado de superabundância, ou ao universo não-criado. (P)

AXIOLOGIA

Vem do grego, **axios**, «valor», e **logos**, «conhecimento». O termo pode ser limitado ao referir-se ao estudo do valor, em três sistemas básicos: *ética*, *religião* e *estética*. Porém, também pode incluir os resultados das investigações psicológicas, lógicas, epistemológicas, políticas e metafísicas. O termo evidentemente foi cunhado pelo filósofo francês, Paul Lapie, em sua *Lógica da Vontade*, 1902. Foi usado como parte do título de uma obra escrita por Eduardo von Hartmann, em 1908. As análises de valor, no século XX, envolvem em um único estudo, valores de diversas modalidades, como valores éticos, estéticos, políticos, lógicos, orgânicos, etc. Quanto a notas mais completas sobre essa atividade, na história da filosofia, ver o artigo sobre *Teoria de Valor*. (E F P)

AXIOMA

Vem do grego, *axioun*, «pensar de modo digno». O vocábulo indica proposições indemonstráveis mas necessárias, que formam o alicerce de qualquer dado sistema. Um axioma é uma proposição considerada *auto-evidente*, ou acima de qualquer dúvida. Os

axiomas matemáticos servem de exemplo clássico. O vocábulo faz parte de uma família de termos conexos: *suposição, hipótese, postulado, definição* (ver os artigos a respeito).

Idéias:

1. Aristóteles. Premissas primárias de demonstração: proposições necessárias que não podem ser demonstradas. Os postulados têm a mesma posição primária, e podem ser demonstrados, embora possam ser usados sem qualquer demonstração.

2. *Euclides*. Aos axiomas ele chamava *noções comuns*, das quais não se pode duvidar, incluindo os axiomas geométricos. Todos os seus postulados eram geométricos. Euclides estruturou sua geometria inteira baseada em somente dez axiomas coerentes e independentes. Outros teoremas podem ser deduzidos desses dez axiomas. Por exemplo: a. Uma linha reta pode ser traçada de um ponto para outro qualquer. b. Qualquer segmento finito de reta pode ser prolongado indefinidamente para se construir uma reta. c. Dado um ponto qualquer e uma distância qualquer, pode-se traçar um círculo do centro daquele ponto, de raio igual à distância dada. d. Todos os ângulos retos são iguais entre si. Outro exemplo: «O total é maior do que qualquer uma de suas partes», embora esse axioma tenha sido sujeitado ao aparente bom sucesso do ataque de certa declaração: «No caso de uma classe infinita, pode haver tantos membros na parte da classe como na classe inteira». Por exemplo, existem tantos números pares inteiros como há números pares e ímpares inteiros».

3. *Wolff*. Para ele, um *axioma* significava qualquer proposição não-demonstrável, teórica, e portanto, *universal*, ao passo que um postulado indicava uma proposição não-demonstrável, prática e *particular*.

4. *Kant*. Seguia essencialmente as idéias de Wolff, aplicando o termo à intuição, referindo-se a princípios *a priori* (ver o artigo a respeito) que envolvem puro entendimento. Por exemplo, «todos os fenômenos têm extensão».

5. *Elementos de um axioma*. 1. É indemonstrável, necessário para a construção de um sistema de pensamento. 2. Auto-evidente. 3. Subjetivamente certo e objetivamente verdadeiro. 4. Inato ao homem, invocado pela experiência, mas não precisando dela para ser demonstrado.

6. Modos como essas afirmações foram manuseadas pelos filósofos. a. Platão, Descartes, Leibniz afirmaram todos os quatro axiomas. b. Kant eliminou o terceiro. c. A Filosofia empírica elimina os dois últimos, retendo porém, os dois primeiros.

7. *Descartes* obteve seus axiomas básicos por meio da dúvida. O que sobreviveu à dúvida pôde ser visto clara e distintamente, tornando-se fundamental para qualquer pensamento, como a existência de Deus, da alma e do mundo exterior.

8. *John Locke* desafiou o quarto axioma, alterando a maneira de pensar de muitos filósofos quanto a esse elemento.

9. *Kant* opinava que a natureza contém, de forma inata, as proposições auto-evidentes e as categorias mentais.

10. A escolha de axiomas pode ser arbitrária. Mas a maioria dos filósofos parece concordar que o número dos mesmos deve ser pequeno. Um conjunto de axiomas precisa ser coerente se tiver que servir de base para qualquer sistema de pensamentos. Cada axioma deve ser independente dos demais; e nenhum deles deve ser derivado de outro.

11. *Uso secundário*. Qualquer princípio ou regra estabelecidos.

12. *Axiomas religiosos*. Deus, a primeira causa; teleologia; a alma; o destino; recompensa-punição; triunfo da bondade; responsabilidade. Desses tipos de crenças dependem todos os sistemas religiosos.

Aristóteles declarou que todas as ciências demonstráveis precisam partir de princípios não-demonstráveis. Portanto, na lógica não se permite a indagação: «Quem criou Deus?» Simplesmente começamos pelo axioma — que Deus existe. Porém, isso não significa que não há qualquer evidência. Somente significa que as evidências não constituem uma demonstração absoluta. Quanto ao axioma da alma (ver o artigo a respeito), as evidências estão se tornando tão vastas que o assunto em breve deixará de pertencer à categoria de axiomas, entrando na categoria das coisas que têm sido demonstradas. (AM E EP MI P)

AYER, ALFREDO J.

Filósofo inglês (1910---), nascido em Londres e educado em Oxford. Ensinou na Universidade de Londres, e então em Oxford. Tornou-se conhecido como um dos principais exponentes do *positivismo lógico* (ver o artigo), ou *empirismo lógico*, conforme ele preferia denominar a sua posição.

Escritos principais: *Linguagem, Verdade e Lógica*, 1936; *Fundamentos do Conhecimento Empírico*, 1940; *Ensaios Filosóficos*, 1954; *O Problema do Conhecimento*, 1956; *Filosofia e Linguagem*, 1960; *O Conceito de uma Pessoa*, 1963; *Origens do Pragmatismo*, 1968; *Russell e Moore*, 1971.

Idéias:

1. Todas as declarações genuínas são empíricas ou analíticas. A matemática e a lógica representam a posição analítica, sem conteúdo factual; mas não são declarações arbitrárias; antes, as regras da lógica são necessárias.

2. *Critérios* que se aplicam às declarações empíricas genuínas. Tais declarações são significativas quando o indivíduo sabe como verificar a proposição que a sentença expressa. Ele opinava que basta que a proposição se torne «provável por meio da experiência», e não que ela seja exaustivamente demonstrada. Uma proposição genuína factual não é necessariamente *equivalente* a uma proposição baseada na experiência. Sua abordagem mais branda do conhecimento (modificação da linha dura seguida pelos positivistas) levou-o a considerar-se um empirista lógico.

3. Em sua obra *Linguagem, Verdade e Lógica*, os critérios por ele usados tornam-se mais complexos. À parte das declarações analíticas, qualquer proposição significativa deve ser verificável direta ou indiretamente. Diretamente, quando a proposição se baseia em várias observações (experiências), averiguando-se se não há uma só observação da qual as outras podem ser deduzidas. Indiretamente, quando há pelo menos uma declaração diretamente verificável, que não pode ser deduzida de outras premissas, ou quando outras premissas existem que consistem de declarações que, ou são analíticas, diretamente verificáveis, ou indiretamente verificáveis.

4. As proposições que não satisfazem a essas exigências são consideradas *sem sentido*. Por esse motivo, ele rejeitava a metafísica, a teologia, a ética e a estética como sistemas de conhecimento válidos.

5. Portanto, no que consiste a *filosofia*? Consiste em *análise*, no aclaramento de declarações, em suas inter-relações. O modo de proceder envolve a tradução da declaração que requer esclarecimento

para outras sentenças que não continham palavras-chaves, da declaração original, e sem sinônomos das mesmas.

6. As declarações dele terminam envolvendo apenas objetos materiais, conhecidos através da percepção dos sentidos. Visto que tais declarações nunca podem exaurir ou descrever plenamente tais objetos, terminamos chegando a uma forma de *ceticismo* (ver o artigo) ou *pragmatismo científico* (ver o artigo). Muitos cientistas da atualidade parecem estar-se afastando do empirismo radical, chegando mesmo a postular que a *mente* é mais fundamental para a realidade do que a matéria. Estudos no campo da parapsicologia (ver o artigo) quase certamente terminarão por demonstrar que a percepção dos sentidos não é a única maneira de se adquirir conhecimentos, e que os objetos físicos não são os únicos objetos do conhecimento. Consideremos um homem como Satya Sai Baba (ver o artigo a seu respeito), um místico indiano que está duplicando os milagres de Jesus. Os limites percebidos pelos homens usualmente são os limites de suas próprias mentes, e não os verdadeiros limites da realidade. (E EP P)

AZA

Forma alternativa para Gaza, que em algumas versões aparece nos trechos de Deu. 2:23; I Reis 4:24 e Jer. 25:20. Nossa versão portuguesa sempre grafa «Gaza».

AZÃ

No hebraico talvez signifique **espinho**. Era pai de Paltiel, príncipe da tribo de Issacar (ver Núm. 34:26). Paltiel representou a tribo de Issacar, por ocasião da divisão da Terra Prometida, em cerca de 1540 A.C. (ID S)

AZAEL

Esse nome não aparece nos livros canônicos da Bíblia. Mas, em I Esdras 9:14 e 34, aparece como apelativo de dois homens diferentes: 1. Um judeu do tempo de Esdras, que despediu sua mulher estrangeira e seus filhos após o cativeiro babilônico, no primeiro desses versículos; e 2. O pai de Jônatas, um dos investigadores que buscaram descobrir quais judeus tinham-se casado com mulheres gentias, no segundo desses versículos. (Z)

AZAI

No hebraico, **Yahweh agarrou**. Foi sacerdote no tempo de Esdras (ver Nee. 11:13). Provavelmente era o mesmo Jazera, que figura em I Crô. 9:12.

AZALIAS

No hebraico, **Yah é nobre**, ou então **aquele que Yahweh poupou** ou **separou**. Era o pai de Safã, um escriba que viveu durante o reinado de Josias (ver II Reis 22:3 e II Crô. 34:8), cerca de 625 A.C. Ele trouxe à atenção de Josias o livro da lei que o sumo sacerdote Hilquias havia encontrado no templo. (S Z)

AZANIAS

No hebraico, **Yah é ouvinte**. Era levita, pai de Jesua. Foi um dos que firmaram o pacto com Neemias, após o exílio na Babilônia (ver Nee. 10:9). (UN)

AZARAIAS

Em I Esdras 8:1, figura como um dos antepassados de Esdras. Uma forma variante de Azarias, nome de um grande número de pessoas, nas páginas do Antigo Testamento. (S Z)

AZAREEL

No hebraico significa **Deus tem ajudado**. É nome de várias pessoas do Antigo Testamento, a saber:

1. Um coraíta que se aliou a Davi, em Ziclague (ver I Crô. 12:6), em cerca de 1000 A.C.

2. Cabeça da décima primeira divisão dos músicos do templo (ver I Crô. 25:18), em cerca de 1000 A.C. Ele é chamado Uziel, em I Crônicas 25:4. Nossa versão portuguesa grafa seu nome sob a forma de «Azarel».

3. Líder da tribo de Dã, durante os dias de Davi e Salomão (ver I Crô. 27:22), em cerca de 1015 A.C.

4. Um israelita que renunciou à sua esposa estrangeira, após o cativeiro (ver Esd. 10:41), em cerca de 456 A.C.

5. O último dos chefes dos cento e vinte e oito homens valorosos entre os sacerdotes, que serviam no templo (ver Nee. 11:13), em cerca de 445 A.C.

6. Um sacerdote que soprou sua trombeta, durante o cortejo efetuado quando foram dedicadas as muralhas de Jerusalém (ver Nee. 12:36), e que talvez seja o mesmo homem referido no número 5, acima.

AZARIAS

No hebraico, **aquele a quem Yahweh ajuda**. Um nome extremamente comum nos dias do Antigo Testamento:

1. Rei de Judá, mais freqüentemente chamado Uzias (ver o artigo a respeito) (ver II Reis 14:21; 15:1,6-8,17,23,27), em cerca de 809 A.C.

2. Filho de Sadoque, o sumo sacerdote, nos dias de Davi, e um dos oficiais de Salomão (ver I Reis 4:2), em cerca de 960 A.C. Talvez se trate do mesmo que abaixo é alistado como de número 5.

3. Filho de Natã, capitão da guarda pessoal de Salomão (ver I Reis 4:5), em cerca de 1000 A.C.

4. Filho de Etã, dos filhos de Zera, filho de Judá e Tamar (I Crô. 2:8), em cerca de 1660 A.C.

5. Um sumo sacerdote, filho de Aimaás, neto de Sadoque (ver I Crô. 6:9), e talvez o mesmo que é alistado acima no número 2 (ver I Reis 4:2).

6. Filho de Joanã (781 A.C.), um sumo sacerdote (ver I Crô. 6:10). Alguns supõem ser o mesmo que Zacarias, filho de Joiada, morto em 840 A.C. (ver II Crô. 14:20-22).

7. Filho de Jeú, descendente de Jará, o escravo de Sesã (ver I Crô. 2:38,39), em cerca de 1330 A.C. Provavelmente é um dos capitães mencionados em II Crô. 23:1, onde ele é chamado de «filho de Obede».

8. Há um Azarias, filho de Hilquias, inserido em Hilquias e Saraías, durante o reinado de Josias. Não parece haver espaço cronológico para ele nesse ponto, sendo possível que a inserção tenha sido sugerida por Esdras 7:1. Foi morto por Nabucodonosor (ver I Crô. 6:13), em cerca de 641-610 A.C.

9. Filho de Sofonias e antepassado do profeta Samuel (ver I Crô. 6:36), talvez o mesmo Uzias do vs. 24. Cerca de 1100 A.C.

10. Homem a quem o sumo sacerdote Joiada tornou conhecido o segredo da existência do jovem príncipe Joás, e que o ajudou a elevá-lo ao trono (ver II Crô. 15:1), em cerca de 941 A.C.

11 e 12. Nome de dois dos filhos de Josafá, rei de Judá (ver II Crô. 21:2), em 890 A.C. Nossa versão portuguesa, a fim de distingui-los, dá o nome do primeiro como «Azarias», e do segundo, «Asarias».

13. Em II Crônicas 22:6 parece ter havido um erro clerical. O nome Azarias aparece em lugar de Acazias. Nossa versão portuguesa corrige o erro, chamando-o corretamente de «Acazias». Viveu em cerca de 885 A.C.

14. Filho de Jeroão (ver II Crô. 26:17). Era comandante de oitenta sacerdotes, que resistiram ao rei Uzias, por ter querido este queimar incenso na casa de Deus. Cerca de 765 A.C.

15. Sumo sacerdote que se opôs a Uzias, rei de Judá, por ter querido oferecer incenso ao Senhor, privilégio que cabia exclusivamente aos sacerdotes (ver II Crô. 26:17), em cerca de 765 A.C.

16. Filho de Joanã, um capitão efraimita (ver II Crô. 28:12). Fez voltar os cativos e os despojos tomados durante a invasão de Judá por parte de Peca, rei de Israel, em 726 A.C.

17. Pai de Joel, durante o reinado de Ezequias (ver II Crô. 29:12), em cerca de 726 A.C.

18. Filho de Jealelel, e contemporâneo do filho da personagem alistada acima (ver II Crô. 29:12), em cerca de 726 A.C.

19. Um sumo sacerdote do tempo de Ezequias (ver II Crô. 31:10), que cooperou zelosamente com o rei, quando da purificação do templo, em cerca de 726 A.C.

20. Filho de Maaséias, que ajudou a reparar uma porção das muralhas de Jerusalém, no tempo de Neemias (ver Nee. 3:23,24), em cerca de 445 A.C.

21. Um dos líderes que subiu da *Babilônia* em companhia de Zorobabel (ver Nee. 7:7), em cerca de 590 A.C. Em Esdras 2:2 ele é chamado Seraías.

22. Um levita que instruiu o povo na lei de Moisés, nos dias de Esdras (ver Nee. 8:7), em cerca de 445 A.C.

23. Um dos sacerdotes que solenizou o pacto com Neemias (ver Nee. 10:2), provavelmente o mesmo que ajudou na dedicação das muralhas de Jerusalém, segundo se lê em Neemias 12:33. Cerca de 445 A.C.

24. Nome alternativo para Jezanias (ver o artigo a respeito), e que em Jeremias 43:2 aparece com o nome de Azarias.

25. Nome caldaico de Abede-Nego, um dos três amigos de Daniel que foram lançados na fornalha ardente (ver Dan. 1:7 e 3:9), em cerca de 560 A.C.

AZARIAS (nos **Livros Apócrifos**)

Forma grega do hebraico Azariah, **Yahweh tem ajudado.**

1. Um oficial do exército de Judas Macabeu (ver I Macabeus 5:18,56,60). Quando Judas se ausentou (ver 18), ele partilhou do comando do exército judeu com Joseph ben Zacariah. Ficou inchado de orgulho e quis tornar-se famoso, convidando Górgias a combatê-lo, perto de Jamínia. Mas foi redondamente derrotado.

2. Nome do anjo Rafael, de acordo com Tobias 5:12; 6:6,13; 7:8 e 9:2.

3. Homem que deu apoio às reformas sob Esdras. (Ver I Esdras 9:43).

4. Em I Esdras 9:21, esse nome é usado, embora seu paralelo em Esdras 10:21 tenha a forma de Uzias.

5. Homem mencionado em I Esdras 9:48, mas com a forma de Azarias, no paralelo de Neemias 8:7.

6. Um homem com esse nome aparece em II Esdras 1:1, mas em I Crô. 6:13 ele é chamado de Azarias. (Z)

AZARIAS, ORAÇÃO DE

Trata-se de uma adição feita ao livro de Daniel. Juntamente com o Cântico dos Três Filhos foi inserida entre Daniel 3:23 e 3:24, na versão grega do livro. De acordo com a Vulgata Latina, essa adição foi colocada após Dan. 3:24 ss., unida ao Cântico dos Três Filhos, formando uma entidade separada. A oração foi posta nos lábios de Azarias, isto é, Abede-Nego, segundo seu nome babilônico. Alegadamente, a oração teve lugar enquanto ele e seus dois companheiros estavam dentro da fornalha ardente, onde haviam sido lançados por Nabucodonosor.

Conteúdo da oração: a. doxologia; b. declaração da justiça de Deus, devido ao que houve o cativeiro babilônico (vs. 3:10); c. um eloqüente apelo para o Senhor lembrar-se de Sua aliança, baseada na aceitação e não no sacrifício, que não mais podia ser realizado, em vista de um coração contrito (vs. 11-17); d. um voto de fidelidade e oração pedindo livramento, com a confusão lançada entre o inimigo, de tal modo que se reconhecesse que só o Senhor é Deus (vs. 18-22).

Independência. O fato de que em nenhuma porção dessa oração há ligação com o teste que imediatamente antes teria de ser experimentado, parece mostrar que a composição era uma obra literária separada, independente do livro de Daniel, e que posteriormente foi inserida nesse livro canônico, no lugar onde o editor achou mais conveniente fazê-lo. Talvez as perseguições dirigidas por Antíoco Epifânio IV (168-165 A.C.) tenham-na inspirado.

Natureza judaica. Embora escrita em grego, a obra tem atitude inteiramente judaica, com vários reflexos dos Salmos (a questão do coração contrito e do espírito humilde, Sal. 51:17) e do livro de Daniel (ver Dan. 9:4-10). Essa similaridade ao livro de Daniel talvez tenha sido a razão pela qual a obra foi inserida finalmente no livro de Daniel.

Canonicidade. Essa oração está contida no cânon da Igreja Católica Romana, que inclui a maioria dos livros apócrifos (ver o artigo a respeito), mas não faz parte do Antigo Testamento aceito pelos judeus e pelas edições protestantes da Bíblia. (CH GD J)

AZARUZ

Antepassado de uma família que retornou do exílio babilônico juntamente com Zorobabel, cujo nome aparece em I Esdras 5:15. Esse nome é omitido nos paralelos dos livros canônicos de Esdras e Neemias. (Z)

AZAZ

No hebraico significa **forte.** Foi um rubenita, pai de Bela (ver I Crô. 5:8), em cerca de 1700 A.C.

AZAZEL

Termo hebraico traduzido por «bode emissário» em Lev. 16:8, em nossa versão portuguesa. Há versões que apenas transliteram o nome, «Azazel». A palavra tem sido variegadamente compreendida:

1. Alguns supõem que está em pauta o *bode* enviado ao deserto no dia da expiação (ver o artigo). Mas o texto de Levítico 16:10 e 26 parece subentender que o *Azazel* era aquilo *para o que* ou *em favor do que* o bode era solto.

2. Outros supõem que esse termo indica *o lugar* para onde o bode era enviado. Portanto, poderia indicar o lugar onde o bode era solto, ou o deserto para onde ele se dirigia por puro acaso.

3. Ainda outros pensam que a palavra refere-se a um ser pessoal, como um espírito, um demônio ou o próprio Satanás. A tradição da cabala judaica diz que Israel era salvo das astúcias do diabo quando esse bode lhe era enviado. O bode levaria todas as iniqüidades e as transgressões do povo. O bode, pois, atuaria como uma espécie de noiva, que Satanás aceitaria, permitindo que Israel escapasse sem ser atacado. (Ver Deu. 32:17; Sal. 106:37 e sobre os «sátiros», em II Crô. 11:15). Muitos eruditos têm aceitado essa idéia, embora outros considerem-na uma interpretação improvável dentro do contexto mosaico, ainda que tenha feito parte da demonologia posterior de Israel.

4. Outros estudiosos pensam que se trata de um *completo envio*, ou seja, a total remoção dos pecados do povo. Mas a erudição evangélica moderna tem favorecido a terceira dessas quatro interpretações. Não obstante, o trecho de Levítico 17:7 parece excluir a idéia de que o bode servia como um sacrifício oferecido a Azazel. Seja como for, é interessante observar que o livro de I Enoque, refletindo o judaísmo posterior, faz Azazel aparecer como o chefe dos anjos rebeldes. (MiC Z)

AZAZIAS

No hebraico significa **Yahweh é forte**. Nome de várias pessoas do Antigo Testamento:

1. Um levita, nomeado durante o reinado de Davi para tocar harpa no culto ligado ao transporte da arca da aliança da casa de Obede-Edom para seu devido lugar (ver I Crô. 15:21), em cerca de 1040 A.C.

2. Pai de Oséias, príncipe da tribo de Efraim, quando Davi fez o recenseamento do povo (ver I Crô. 27:20), em 1040 A.C.

3. Um levita que, durante o reinado de Ezequias (726 A.C.), estava encarregado de recolher os dízimos e as coisas dedicadas ao templo, sob a direção de Conanias e Simei (ver II Crô. 31:13). (S)

AZBUQUE

No hebraico significa **forte devastação** ou **perdão**. Antepassado, ou talvez pai de um certo Neemias, príncipe da metade do distrito de Bete-Zur (ver Nee. 3:16), em 445 A.C. Esse Neemias não era o mesmo Neemias que foi a principal personagem do livro desse nome, embora seu contemporâneo. Ele ajudou a reconstruir a muralha de Jerusalém. (ID)

AZECA

No hebraico, **lavrado** ou **brecha**. Uma cidade na planície de Judá (ver Jos. 15:35; I Sam. 17:1), com aldeias ao redor (ver Nee. 11:30), e que aparentemente era uma fortaleza (ver Jer. 34:7). Ali foram derrotados os reis amorreus confederados, pelas tropas de Josué. Os exércitos amorreus foram destruídos por uma saraivada (ver Jos. 10:10,11). Após a batalha de Bete-Horom, Josué perseguiu os cananeus até esse lugar. Os filisteus acamparam-se entre Azeca e Socó, antes de Davi derrotar Golias (ver I Sam. 17:1). Foi fortificada por Reoboão (ver II Crô. 11:9), e ainda era usada como fortaleza ao tempo da invasão dos babilônios (ver Jer. 34:7). Portanto, foi uma das cidades que se rendeu a Nabucodonosor, antes deste atacar Jerusalém. Após o exílio babilônico, foi um dos primeiros lugares a serem reocupados por Israel (ver Nee. 11:30). É possível que a «proteção» referida em Isaías 22:8 seja uma referência a Azeca.

Essa cidade ficava localizada a 5 km ao norte de Beit Jibrin (Eleuterópolis) e a 24 km a noroeste de Hebrom. Em um platô, no alto do cômoro, permanece até hoje um resto de muralha e torres, dessa antiga fortaleza. A cidade bizantina de Azeca talvez seja a atual Khirbet el 'Alami, imediatamente a leste do cômoro.

Tragédia. Na carta nº 4 de Laquis Hosaías, que era comandante de uma guarnição postada ao norte de Laquis, informa seu superior, Joás, em Laquis, de que não mais podia ver os sinais (de fogo ou de fumaça) emitidos por Azeca, que ficava a norte do seu posto. É que a cidade havia caído! (ID S Z)

AZEITE (ÓLEOS)

Consideremos os seguintes pontos:

1. *Termos*. No hebraico temos *shemen*, «graxa» ou «ungüento»; *yishar*, «brilhante» e «azeite claro». Está em foco o azeite de oliveira. (Ver Núm. 18:12 e Deu. 7:13). No aramaico temos *meshak*, «ungüento» (ver Esd. 6:9 e 7:22). No grego temos *elaion*, «azeite de oliveira».

2. *Produtores de azeite*. Vários animais, peixes e plantas; mais especificamente ainda, as azeitonas. Há doze tipos diferentes de óleos vegetais, entre os quais citamos a oliveira, o rícino, o babaçu, a amêndoa, etc.

3. *História do uso do azeite*. A origem do uso de azeite perde-se nas brumas da antiguidade. Há óleos mencionados nos registros históricos de todos os povos. Os egípcios tinham muitos tipos de óleos, de muitos produtos diferentes. Na Grécia o azeite de oliveira remonta até onde os registros recuam. Também eram usadas gorduras animais, embora o azeite de oliveira fosse o principal óleo dos antigos. Sabemos sobre o culto da oliveira em Creta, desde 2500 A.C. O cultivo da oliveira e o uso de seu azeite, com vistas a muitos propósitos, inclusive para cozinhar, era comum nas terras que margeavam o Mediterrâneo oriental, tendo chegado a Roma desde 580 A.C. Moisés chamou a Palestina de «terra de oliveiras» (ver Deu. 8:8), o que significa que quando o povo de Israel ali chegou, já encontrou essa espécie vegetal.

4. *Manufatura*. As azeitonas eram espremidas à mão, pisadas, ou esmagadas em moinhos (ver Êxo. 27:20; 29:40; Lev. 24:2; Núm. 28:2). Ver o artigo sobre *Moinhos*, quanto a detalhes. Uma boa oliveira pode produzir nada menos de 60 litros de azeite, anualmente. As azeitonas precisavam ser esmagadas com cuidado, para que o caroço não fosse partido, o que liberaria um líquido indesejável. Para que o fruto produzisse bom óleo, a polpa devia ser ensopada em água quente, e então ser espremida uma segunda vez. Se o processo fosse repetido, haveria mais algum azeite, embora de qualidade inferior. Então deixava-se o líquido em repouso, em uma jarra ou gamela, para que as impurezas se juntassem no fundo, por decantação. Havia prensas comerciais de grandes dimensões, como aquelas que foram encontradas em Debir e Bete-Semes, em Judá, datadas dos séculos X e VI A.C.

5. *Usos do azeite*. a. Como alimento (ver I Reis 17:12; II Reis 4:2). O azeite era misturado com a farinha de trigo, para o fabrico de pão (ver I Reis 17:12), ou para o fabrico de bolos (ver Lev. 2:1,4-7).

Os gregos faziam a *maza*, uma espécie de mingau, do qual participava o azeite de oliveira. As azeitonas, sem qualquer preparação prévia, serviam de alimento para os antigos. Para os israelitas, a azeitona e seu azeite revestiam-se de primária importância (ver Sir. 39:31; Jer. 31:12; 41:8; Luc. 16:6 ss.). Sua abundância era considerada um sinal de prosperidade (ver Joel 2:19). b. Como cosmético, para ungir a pele do corpo, os cabelos, etc., ou simplesmente para efeito de beleza. (Ver Deu. 28;40; II Sam. 12:20; 14:2 e Rute 3:3). c. Para ungir os mortos. d. Como medicamento. O azeite era esfregado no corpo quando a pessoa estava febril, ou era usado em banhos e na unção de ferimentos (ver Isa. 1:6 e Luc. 10:34). Josefo fala no uso de azeite quente, em banhos, para a cura de certas enfermidades (ver *Guerras* xxxiii.5). O azeite de oliveira era usado como um rito, na unção dos enfermos, no aguardo da prometida intervenção divina (ver Tia. 5:14). e. Como sinal de hospitalidade. Pés e mãos eram lavados e ungidos com azeite, como sinal de cortesia prestada aos visitantes (ver Sal. 23:5). A negligência quanto a esses cuidados era considerada uma descortesia (ver Luc. 7:46). Esse azeite usualmente era propositalmente perfumado. f. *Para efeito de iluminação*. O azeite era o combustível usado nas antigas lâmpadas, que usavam pavios de pano torcido, de algodão ou de palha (ver Mat. 25:1-8 e Luc. 12:35).

6. *Usos religiosos*. O azeite de oliveira é usado com propósitos religiosos desde a remota antiguidade. No papiro Petersburg, à deusa-cobra são prometidos nove azeites santos, para ungir a sua estátua. Na Bíblia, o azeite da unção era uma cerimônia que envolvia reis (ver I Sam. 10:1), sacerdotes (ver Lev. 8:30), profetas (ver Isa. 61:1) e até o escudo dos guerreiros (ver II Sam. 1:21 e Isa. 21:5). O tabernáculo e seus móveis foram ungidos (ver Êxo. 30:22,23). O azeite era usado como combustível que permitia que o candeeiro permanecesse perpetuamente aceso no santuário (ver Êxo. 27:20). Era oferecido juntamente com o cereal (ver Lev. 2:4-6), e fazia parte do dízimo (ver Deu. 12:17). Também era oferecido aos ídolos (ver Isa. 57:9). O uso do azeite, nos sacrifícios, indicava a alegria e o júbilo, ao passo que a ausência de azeite indicava necessidade e humilhação (ver Isa. 61:3 e Joel 2:19).

7. *Valor comercial do azeite*. O azeite figurava entre os principais artigos do comércio, juntamente com os cereais e o vinho (ver Núm. 18:12; Deu. 7:13). Era largamente negociado (ver Eze. 27:17; Luc. 16:6). As riquezas de uma pessoa eram parcialmente calculadas em termos de azeite. Óleo batido (que era o melhor azeite) formava parte do pagamento anual de Salomão a Hirão, de Tiro (ver I Reis 5:11). O azeite era um produto de valor suficiente para que Eliseu aconselhasse à viúva a pagar sua dívida mediante a venda de azeite (ver II Reis 4:7). Era guardado nos tesouros reais juntamente com ouro, prata e especiarias (ver II Reis 20:13), e também era usado no pagamento do tributo (ver Osé. 12:1). Ismael poupou as vidas de dez peregrinos vindos de Siquém, quando eles lhe ofereceram azeite, juntamente com trigo e cevada. Ostraca dos dias de Jeroboão II, encontradas em Samaria, dão testemunho do comércio do azeite. Em Apocalipse 18:12,13, o azeite é alistado entre os produtos preciosos, juntamente com o marfim, os cavalos, as especiarias, o vinho e os escravos. Havia negociantes especializados no comércio do azeite (ver Mat. 25:8).

8. *Usos figurados*. a. como símbolo de abundância (ver Pro. 21:17); b. de alegria (ver Sal. 45:7); c. a ausência de azeite era evidência do desprazer divino (ver Joel 1:10); d. a sua abundância representava as bênçãos divinas (ver Joel 2:24). e. As palavras enganosas são comparadas ao azeite (ver Sal. 55:21). f. O Espírito Santo e Sua unção são representados pelo azeite (ver Lev. 8:13; I Sam. 10:1; Isa. 61:1 e Mat. 25:1,8,9). g. As palavras da mulher sedutora são comparadas ao azeite (ver Pro. 5:3). h. As consolações do evangelho assemelham-se ao azeite (ver Isa. 61:3 e Heb. 1:9). i. O azeite simbolizava a unção aprovadora de reis, profetas, e do próprio Messias (ver Heb. 1:9).

9. *Modernos usos religiosos*. O bispo católico romano consagra três óleos santos na Terça-feira Santa: 1. o óleo dos catecúmenos, derivado da prática do uso do óleo da unção, por ocasião do batismo, o qual é usado nos atos de batismo, consagração de igrejas, altares, ordenação de sacerdotes e coroação de monarcas católicos romanos. 2. Na crisma é usado o azeite de oliveira misturado com bálsamo, para unção no batismo, na confirmação, nas Santas Ordens, nas igrejas, nos altares, nos cálices, nos sinos e nas águas do batismo. 3. O óleo da extrema-unção, usado nos moribundos. (E ID UN Z)

AZEITE BATIDO

Essa expressão aparece em Êxo. 27:20; 29:40; Lev. 24:2; Núm. 28:5 e I Reis 5:11. Aparentemente refere-se ao azeite de oliveira obtido na primeira prensa, o qual seria de melhor qualidade, antes da adição do que era necessário para extração dos azeites de grau inferior. Ver Oliveira e Azeitona.

AZEITONA

No hebraico, **gargar**, «bago». No grego, **elaia**, «azeitona». O termo hebraico ocorre somente em Isa. 17:6. Sabe-se que a menção à azeitona é porque está dentro do contexto da «oliveira», mencionada no mesmo versículo. A alusão é à prática humanitária dos cultivadores israelitas, que deixavam alguns rabiscos para os pobres colherem. Isso o profeta aplica aos poucos remanescentes que restarão com vida, nos últimos dias, quando «a glória de Jacó será apoucada, e a gordura da sua carne desaparecerá» (Isa. 17:4).

A palavra grega é de ocorrência mais freqüente, quinze vezes (ver Mat. 2:1; 24:3; 26:30; Mar. 11:1; 13:3; 14:26; Luc. 19:29,37; 21:37; 23:39; João 8:1; Rom. 11:17,24; Tia. 3:12; Apo. 11:4). O termo grego também significa «oliveira».

Em notável metáfora, Paulo compara Israel com a «boa oliveira», ao passo que os gentios convertidos são ramos de «oliveira brava» enxertados na boa oliveira. Em seguida, ele mostra quão absurdo é pensar que Deus não tem mais plano relativo a Israel, quando diz: «...quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!» (Rom. 11:17,24). De fato, precisamos levar em conta o futuro papel dos judeus, nos acontecimentos escatológicos preditos nas Escrituras, ou nosso quadro escatológico ficará incompleto e distorcido. O simbolismo reaparece em Apo. 11:3-13, que se refere a dois futuros grandes profetas, que são chamados de «...as duas oliveiras e dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra». Ver as notas expositivas completas, no NTI, sobre as duas testemunhas do Apocalipse.

Tiago, ao tratar dos pecados da língua, por causa dos quais, às vezes, de uma mesma boca procedem a bênção e a maldição, mostra o quanto a maledicência é imprópria no crente, ao perguntar, de uma forma

que a resposta só pode ser negativa: «Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas, ou a videira, figos?» (Tia. 3:12).

AZEL

No hebraico significa **nobre**. Era descendente de Jônatas, filho de Eleasá (ver I Crô. 8:37 ss. e 9:43 ss.), em cerca de 860 A.C.

Havia um lugar que também tinha esse nome, não muito distante de Jerusalém (ver Zac. 14:5), mas cujo local é atualmente desconhecido. (Z)

AZÊM

No grego, *Aisem*. Essa palavra significa «osso», «poderoso» e «fortaleza». Algumas traduções também grafam o nome como Ezém. (Ver Jos. 15:29; I Crô. 4:29). Era uma cidade no extremo sul da terra de Canaã, que a princípio foi dada à tribo de Judá (ver Jos. 15:29) e posteriormente à tribo de Simeão (ver Jos. 19:3). Tem sido identificada com a moderna El-Aujeh, a 24 km a sudoeste de Reobote e também com a Azmom de Números 34:4. Todavia, outros estudiosos pensam que sua localização é incerta, ao passo que ainda outros pensam que ficava acerca de vinte quilômetros a suleste de Berseba. (Z)

AZEPURITE

Forma alternativa de **Jorá** (vide).

AZETAS

Antepassado de uma família que retornou do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (ver I Esdras 5:15), mas cujo nome é omitido nas passagens canônicas paralelas de Esdras 2:16 e Neemias 7:21. (Z)

AZGADE

No hebraico significa **forte na sorte**, ou então *adoração* ou *súplica*. Alguns dizem que significa *Deus é forte*. Os filhos de Azgade, em número de mil duzentos e vinte e dois, retornaram da Babilônia com Zorobabel (ver Esd. 2:12), em cerca de 536 A.C. Em Neemias 7:17 o número deles é dado como de dois mil trezentos e vinte e dois. Na segunda caravana, vieram com Esdras cento e dez homens de Azgade (ver Esd. 8:12). Esses subscreveram o pacto com Neemias (ver Nee. 10:15). (ID S)

AZIA

Forma alternativa de **Uzá** (vide).

AZIEI

Forma alternativa de **Azarias** (vide).

AZIEL

No hebraico significa **Deus é poder**. Foi um levita que tocou a harpa quando a arca da aliança foi trazida de volta a Jerusalém (ver I Crô. 15:20). É chamado Jaaziel, em I Crônicas 15:18. (Z)

AZIZA

No hebraico, o *forte*. Homem que pertencia à família de Zatu e que se casou com uma mulher estrangeira, mas que a despediu após o cativeiro babilônico, na época de Esdras (ver Esd. 10:27). Em I Esdras 9:28 é chamado Zerdaías.

AZMAVETE

No hebraico, **forte como a morte**. Nome de vários personagens do Antigo Testamento:

1. Um nativo de Baurim (ver II Sam. 23:31), provavelmente benjamita. Foi um dos trinta poderosos guerreiros de Davi. Cerca de 1050 A.C.

2. Um descendente de Mefibosete ou Meribaal (ver I Crô. 8:36 e 9:42).

3. Um benjamita, pai de Jeziel e Pelete, dois arqueiros e fundibulários habilidosos. Esse homem tem sido identificado por alguns estudiosos com o de núm. 1. Ainda outros dizem que se trata de um lugar. (Ver I Crô. 12:3). Cerca de 1050 A.C.

4. Encarregado dos tesouros reais sob Davi (I Crô. 27:25), em cerca de 1015 A.C.

5. Uma aldeia, provavelmente no território de Benjamim, identificada com a moderna el Hizmeh, cerca de 8 km a nordeste de Jerusalém. Ela é chamada Bete-Azmavete em Neemias 7:28. Quarenta e dois homens retornaram com Zorobabel, vindos do cativeiro (ver Esd. 2:24). O trecho de Neemias 12:29 informa-nos que esse lugar supriu alguns dos cantores para a dedicação do segundo templo. (ID S Z)

AZMOM

No hebraico, **parecido com um osso** ou **fortaleza.** Uma cidade no deserto de Maom, ao sul de Judá. Pertencia à tribo de Simeão (ver Núm. 34:4 e Jos. 15:4). Tem sido identificada por alguns com 'Ain el-Qaseimeh, a sudoeste de Cades-Barnéia. (S Z)

AZNOTE-TABOR

No hebraico, **cumes do Tabor.** Uma cidade ocidental do território de Naftali, entre o rio Jordão e Hucoque (ver Jos. 19:34), evidentemente na área do monte Tabor. Desconhece-se o local moderno. (S Z)

AZRICÃO

No hebraico, **ajuda contra o inimigo**, ou **a ajuda surgiu**. Nome de várias pessoas do Antigo Testamento:

1. Filho de Nearias, da linhagem real de Judá, descendente de Zorobabel (ver I Crô. 3:23), em cerca de 460 A.C.

2. Filho mais velho de Azel, descendente de Saul (ver I Crô. 8:38 e 9:44), em cerca de 860 A.C.

3. Um levita, antepassado de Semaías (ver I Crô. 8:14 e Nee. 11:15), em cerca de 470 A.C.

4. Governador do palácio de Acaz (de Judá), morto durante a invasão de Peca, rei de Israel (ver I Crô. 28:7), em cerca de 741 A.C.

AZRIEL

No hebraico, **ajuda de Deus**. Nome de várias pessoas do Antigo Testamento:

1. Chefe da casa de meia-tribo de Manassés, além do Jordão (ver I Crô. 5:24,26). Juntamente com outros, ele foi levado ao cativeiro pelos assírios.

2. Antepassado de Jerimote, um naftalita. Era chefe da tribo de Naftali ao tempo do recenseamento feito por Davi (ver I Crô. 27:19), em cerca de 1015 A.C.

3. Pai de Seraías, um dos oficiais de Jeoaquim (ver Jer. 26:26), em cerca de 606 A.C. Foi um dos emissários enviados para deter Jeremias e Baruque. (ID)

AZOR

No hebraico, **ajudador**. Era filho de Eliaquim e fez parte da genealogia de Jesus (ver Mat. 1:13,14), cerca de 400 A.C. (S)

AZOTO

Forma alternativa de **Asdode** (vide).

AZUBA

No hebraico, **ruínas** ou **esquecida**. 1. Esposa de Calebe, filho de Hezrom (ver I Crô. 2:18,19), em cerca de 1590 A.C. 2. Mãe do rei Josafá (ver I Reis 22:42 e II Crô. 20:31), em cerca de 914 A.C.

AZUL

Ver o artigo geral sobre as **cores**. 1. *Implicações espirituais*. Nos tipos simbólicos, o **azul** indica o que é celestial, a pureza e a humildade. Estudos sobre a aura humana mostram que esse conceito tem base nos fatos. Pessoas dotadas de elevada espiritualidade têm mais azul na sua aura; e quanto mais claro e brilhante for o azul, tanto maior será a espiritualidade. Ver o artigo sobre a *aura*. 2. *A ciência* tem mostrado que as diferentes cores afetam os estados de espírito, de pensamento e do corpo. As cores podem curar, porquanto controlam vibrações de luz que produzem um efeito benéfico sobre o corpo. 3. *Considerações literais*. Na Palestina, essa cor era normalmente produzida pelo uso de uma ostra, encontrada nas costas da Fenícia, atualmente denominada *Helix Ianthina*. Josefo (*Anti.* iii.7, par. 7) e Filo falaram sobre essa cor como emblema do céu. Príncipes, nobres (ver Eze. 23:6; Ecl. 40:4) e os ídolos da Babilônia (ver Jer. 10:9) vestiam-se de trajes azuis. Nas bordas das vestes dos hebreus havia um cordão azul (ver Núm. 15:38), dando a entender sua conexão espiritual. Para usos decorativos, fios eram tingidos de azul e então eram entretecidos em pano (ver Êxo. 25:4; 26:1), havendo também fazendas pintadas com várias cores. No Tabernáculo fêz-se grande uso de cores, incluindo a cor azul, e outro tanto se verificava com as vestes sacerdotais (ver Êxo. 28:5,6,28) e no interior do templo (ver II Crô. 2:7,15). Em Ecl. 6:30, temos o sentido básico de *valor*, simbolizado pela cor azul, porquanto cordas dessa cor são comparadas à sabedoria. Nos tempos antigos, Tiro era o centro produtor de corantes (ver II Crô. 2:7,14). Nos tempos romanos, Diocleciano nomeou Doroteu como superintendente da produção de corantes. Há montões de cascas de moluscos em Sidom, revelando que naquele lugar eram fabricados os corantes. (FOR I IB)

AZUR

No hebraico, **ajudador**. Nome de várias personagens do Antigo Testamento:

1. Um daqueles que assinaram o pacto com Neemias (ver Nee. 10:17), em cerca de 445 A.C. Provavelmente ele é chamado pelo nome de família.

2. Pai de Hananias, de Gibeão (ver Jer. 28:1), que foi um falso profeta no tempo de Zedequias (cerca de 596 A.C.)

3. Pai de Jaazanias (ver Eze. 11:1). Jaazanias era um líder do povo, a quem o profeta Ezequiel viu em visão traçando falsos esquemas a respeito de Jerusalém, em cerca de 593 A.C. (ID S)



Decoração barroca

ISBN 85-88234-33-5



Categoria: Referência